3 1761 06184617 6

LIVRARIA ACADÉMICA
J. GUEDES DA SILVA
8, R. MÁRTIRES DA LIBERDADE, 12
PORTO ✠ TELEFONE, 5988

100

TRABALHOS DE JESUS

COMPOSTOS PELO VENERAVEL PADRE

FR. THOMÉ DE JESUS.

Bento José de Sá Vellozo
Parocho de S. Vicente de
Pereo. 5-2-80

TOMO PRIMEIRO

Typographia do Panorama
Rua do Arco do Bandeira n.º 112, 1.º andar.

TRABALHOS DE JESUS

COMPOSTOS PELO VENERAVEL PADRE

FR. THOMÈ DE JESUS

DA ORDEM DOS EREMITAS DE SANTO AGOSTINHO,
DA PROVINCIA DE PORTUGAL, ESTANDO
CATIVO EM BERBERIA

PRIMEIRA E SEGUNDA PARTE

QUINTA EDIÇÃO MAIS CORRECTA QUE AS PRECEDENTES,
E ACOMPANHADA DA VIDA D'ESTE SERVO DE DEOS, E DA CARTA DO MESMO
VENERAVEL PADRE Á NAÇÃO PORTUGUEZA

TOMO PRIMEIRO

LISBOA

Em casa do editor A. J. Fernandes Lopes,
Rua Aurea, 152-154
M. DCCC. LXV.

LIBRARY
AUG 2 2 2000
UNIVERSITY OF TORONTO

VIDA DO VEN. P. FR. THOMÉ DE JESUS,

RELIGIOSO DA ORDEM DOS EREMITAS DE SANTO AGOSTINHO

DA PROVINCIA DE PORTUGAL.

Composta pelo Illustrissimo e Reverendissimo Senhor

D. FR. ALEIXO DE MENEZES, ARCEBISPO E PRIMAZ DE BRAGA,

do Conselho de Estado de Sua Magestade em Portugal, e Presidente do Supremo do mesmo Reino, Religioso da mesma ordem.

Tirada de hum Livro, que o mesmo Senhor fez de vidas de pessoas de santidade, que n'este Reino floreceram, escrita de sua mão muita parte, e por sua morte se recolheo, e se conserva na livraria do Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa.

Foi Fr. Thomé de Jesus filho de Fernando Alvares Andrada, hum dos principaes, e illustres cavalheiros do Reino de Portugal, do conselho de estado d'El-Rei D. João Terceiro, e hum dos mais validos, e de mais confiança dos que este Principe teve no tempo de seu governo. Era este cavalheiro mui devoto da sagrada Religião de nosso Padre Santo Agostinho, e estimava em muito a virtude, e santidade do veneravel Padre Fr. Luis de Montoia, que então estava occupado na fundação do Collegio de Nossa Senhora da Graça de Coimbra; e quiz, como prudente, e grande christão, que elle fosse mestre de seus filhos, que pretendia fossem ecclesiasticos, para que os criasse em sua doutrina. Logo que Fr. Thomé foi de idade que podia já sahir

de casa de seus pais, o enviou ao Collegio, juntamente com seu irmão Diogo de Paiva de Andrada, cujas letras, virtudes, e prégação são tão conhecidas n'este Reino, e fóra d'elle, como o mostrão as lições, que leo no Concilio Tridentino, onde assistio por mandado d'El-Rei D. Sebastião, e os livros, que compoz contra hereges, e seus sermões, que andão impressos. Era o servo de Deos Fr. Thomé de Jesus de idade de dez annos, quando o entregárão á doutrina, e criação do santo Fr. Luis de Montoia, e elle o criou de modo, que aos quinze de sua idade lhe deo o habito de nossa Religião no mesmo Collegio, em que se criava.

Foi grande parte d'esta resolução hum milagre, que o glorioso S. Joseph fez por elle pouco depois que veio ao Collegio; porque levando o servo de Deos huma tarde os estudantes do Collegio a recrear junto do rio Mondego, o menino Thomé se lançou a nadar; e como sabia pouco d'aquelle exercicio, e tinha poucas forças, embaraçou-se de sorte na agua, que se hia affogando sem remedio: e vendo isto os Religiosos acodirão ao servo de Deos, que conhecendo o perigo em que o menino andava já sem sentido, posto de joelhos começou a chamar por S. Joseph (a quem tinha grande devoção) que valesse, e salvasse o innocente menino. Ouvio o Santo sua oração, e por sua intercessão chegou o menino ás praias do rio, ao lugar onde os Religiosos estavão, que o tirárão da agua sem lesão alguma: pelo que o servo de Deos Fr. Luis de Montoia edificou huma capella no Collegio ao glorioso S. Joseph, e o tomou por patrono d'elle, como hoje o he, e o menino Thomé reconhecendo a mercê que Deos lhe havia feito em dar-lhe vida milagrosamente determinou gastal-a em serviço do mesmo Senhor.

Recebido que foi na Religião, o enviárão para o Convento de Nossa Senhora da Graça da cidade de Lisboa, onde teve seu noviciado, e professou. Passados alguns tempos necessarios para ser industriado nas ceremonias e cousas da Religião, o mandárão os relados para o Collegio de Coimbra, onde estudou Artes, e Theologia, e sahio mui consumado Theologo, e Prégador, fazendo todo o tempo, que exercitou este officio grande fruto com sua doutrina, e prégação.

Já n'este tempo tinha passado a Lisboa o santo Padre Fr. Luis de Montoia, aonde (ainda que era Vigario geral da provincia) fazia juntamente o officio de Prior do Convento, e de mestre dos noviços: e como conhecia bem a virtude, e espirito de Fr. Thomé, e era hum dos discipulos, que mais estimava, e a quem mais queria, o poz no noviciado, e lhe entregou a criação dos no-

viços, que não fiava senão de pessoas de grande espirito, e religião, qual era a do grande servo de Deos Fr. Diogo de Santa Anna, que foi o primeiro em quem poz o cargo de mestre de noviços, que por tantos annos havia tido, a quem quiz que succedesse Fr. Thomé; o qual fez este officio alguns annos com grande proveito da Religião, criando muitos sujeitos com grande virtude, amor de Deos, e oração, que depois aproveitárão muito na Religião. Ordenou o livro, que chamão *Costumes de Noviciado* tão acertado, e accommodado aos que de novo entrão, como depois o mostrou a experiencia, e assim se governárão por elle muitos annos os Noviciados d'esta Provincia. Perdeo-se depois o original por algum descuido, causado talvez ou das pestes, que houve na cidade de Lisboa, ou da mudança na fabrica dos Noviciados. O que d'elles ficou em memoria, he por onde hoje se governão, que vem a ser o mesmo, se bem no livro estavão com melhor ordem.

Foi grande zelador da observancia regular, e vida religiosa; e assim vendo que alguns com desejo de maior perfeição se passárão a Italia a viver em congregações mais apertadas de Recoletos da Ordem, para consolo d'estes, e remedio de outros muitos, que pretendião o mesmo, determinou fazer huma congregação de Recoletos no Reino de Portugal de grande penitencia, e pobreza. Communicou este pensamento com o santo Padre Fr. Luis de Montoia, que o approvou, e de seu parecer se começou a tratar o negocio, dando grande calor a elle o Cardeal Infante D. Henrique, n'aquelle tempo Legado á latere em Portugal, e depois Serenissimo Rei d'este Reino; e para principio d'esta Recoleta começou logo hum devoto a edificar, e lavrar hum Mosteiro muito conforme aos intentos d'ella.

Entravão n'esta congregação muitos e mui graves Padres da Provincia de Portugal, e da de Castella, e entre elles o Padre Mestre Fr. Luis de Leão, Cathedratico de Prima de Escritura na Universidade de Salamanca, pessoa mui conhecida em Hespanha por suas muitas letras, e religião, e obras que andão impressas. D'esta resolução ficou sempre tão affeiçoado a este modo de vida, que não perdendo jamais este santo desejo, e vendo que em Portugal não se havia podido exercitar, sendo muitos annos depois eleito Provincial da Provincia de Castella, deo principio ás casas recoletas que hoje ha em Hespanha. Quiz advertir isto aqui, para que se veja aonde se deitou a primeira pedra de tão grande edificio, e quem foi o primeiro que intentou levantal-o.

Estando as cousas da Recoleição já tão adiantadas, que os fundadores se querião passar ao novo Convento; como o Demonio inimigo de todos os bens sentia tanto esta reformação, desejando impedir a edificação d'estas casas, que nas Religiões ficão servindo como de fortes contra seus intentos, movêo os animos de alguns a que com pretexto do bem da Provincia fizessem contradição a este santo instituto, dizendo que se passarião a elle as pessoas de mais partes, e virtude que havia na Provincia, e que com isto ficaria exposta a perder-se mui em breve a observancia em que estava fundada; e moverão sobre isto tantas inquietações, que lhe pareceo ao santo Padre Fr. Luis de Montoia, que por então se devia suspender o effeito do principio d'esta obra, que depois com sua morte se atalhou de todo, ficando o Padre Fr. Thomé aborrecido de muitos de quem por esta causa devera ser amado. D'aqui tiverão origem alguns trabalhos, que elle soffria com muita paciencia, e silencio, occupando-se sempre no serviço de Deos, e da Religião com grande alegria, e quietação, servindo mui em particular aos que de qualquer maneira o contradizião.

Advertindo-lhe hum religioso hum dia de que como fazia tantos beneficios á mãi, e irmãas pobres de outro (a quem elle com esmolas, que buscava, sustentava) que lhe davão muitas occasiões em que exercitar a paciencia: respondeo, que não se havia de reparar em merecimentos para fazer bem, pois Deos nosso Senhor nos fazia infinitas mercês sem que tivessemos nenhuns.

Escreveo n'este tempo a vida do Padre Fr. Luis de Montoia seu mestre, que o creou, que hoje temos entre nós outros, e como herdeiro de seu espirito, acabou juntamente a quarta parte da Vida de Christo, que por sua morte havia ficado imperfeita, e a fez com tanto espirito, e devoção, que não se deixa ver que haja differença entre o autor, que deo principio á obra, e o que a acabou.

Era mui dado á oração, e lição dos Santos Padres em tanto gráo, que sendo mestre dos noviços jámais se encostava antes de Matinas, gastando aquelle tempo n'estas duas cousas, e quando voltava d'ellas se encostava, e então dormia mui pouco. Com o desejo que tinha de ver-se livre de outros cuidados pera entregar-se todo ao espirito, pedia por algumas vezes licença aos seus Prelados para recolher-se ao Convento de Penafirme, edificado no termo de Torres Vedras visinho ao mar, em huma grande solidão, fundação mui antiga, onde sempre houve religiosos mui

santos. Alli gastava a maior parte dos dias, e noites no recolhimento da cella, ainda que não deixava de ir a prégar pelas aldeas visinhas, com grande edificação, e proveito dos ouvintes.

Por este continuo exercicio da oração, e lição de livros de homens espirituaes, alcançou grande noticia das cousas do espirito, e mui particular dom para ensinal-as, e pratical-as. Teve familiar communicação com as pessoas, qne n'aquelle tempo tratavão de espirito, como foi o Padre Fr. Luis de Granada, e alguns Padres Capuchinhos da provincia da Arrabida, a quem muitas vezes communicava.

Foi zelosissimo do culto divino, e por seu parecer, e conselho se começou no Convento de nossa Senhora da Graça de Lisboa a musica de canto de orgão, dando por razão, que alem de ser o principal intento louvar ao Senhor, por aquelle modo, servia tambem de convidar a gente secular á frequentação da Igreja, e officios divinos. E de ter occupados os Religiosos, que não estudavão, no exercicio de cantar. Elle deo principio ás confrarias do Santissimo Sacramento, e da Santa Resurreição, situadas no mesmo Convento, e servidas pela gente mais nobre d'aquelle reino. Procurava haver de senhoras nobres, parentas suas, e devotas, corporaes, pallas, véos ricos, e outras cousas de ornamentos do altar, e as repartia pelos Conventos pobres. Na semana santa elle por sua mão trabalhava de noite, e concertava os monumentos com grande curiosidade, e perfeição.

Deo grande exemplo de charidade com os necessitados, e enfermos, e ajuntava muitas esmolas para repartir com os parentes pobres dos religiosos; porque elles não se distrahissem com essa occupação. Visitava, e curava os enfermos, procurando-lhes todos os regalos possiveis, e tinha tão particular graça e inclinação a isto, que elle mesmo lhes fazia os xaropes, e outras medicinas, com que veio a ter tanto conhecimento das enfermidades, que os medicos seguião muitas vezes seu parecer, e quando estava no Convento de Penafirme os lavradores pobres em circuito, lhe vinhão a dar conta de suas enfermidades, e elle os visitava, e lhes fazia a informação para enviar aos medicos, e lhes ordenava alguns medicamentos, para o que sempre se prevenia de cousas necessarias.

O primeiro officio que teve na Religião foi o de Mestre dos noviços, que servio algum tempo continuado, e depois de haver descançado d'esta occupação o tornárão a occupar n'ella, e no officio de sub-Prior do Convento; depois foi Prior do Convento de Penafirme, e ultimamente hum

dos Visitadores d'esta Provincia em tempos mui trabalhosos, nos quaes assim como nosso Senhor lhe deo muitas occasiões de trabalhos, assim lhe deo animo e fortaleza para soffrel-os, sem perder de seu ordinario socego, e soffrimento, com que venceo grandes difficuldades.

Erão mui conhecidas em todo este Reino de Portugal as virtudes, e partes de Fr. Thomé, de modo que el-Rei D. Sebastião fazia tanta estimação de sua pessoa, que havendo-se de partir para aquella infeliz jornada, que fez a Africa no anno de mil quinhentos e setenta e oito, estando o servo de Deos retirado em seo costumado recolhimento de Penafirme, o chamou, e mandou, que o acompanhasse; e posto que sempre havia fugido de palacio, e suas pertenções, houve de obedecer ao que el-Rei lhe mandava, que como sabia já sua grande charidade, e particular graça que tinha para curar, e consolar os enfermos, lhe encarregou o cuidado dos de seu exercito, e o fez com admiravel diligencia, começando exercitar-se n'elle na cidade de Arsilla, onde não só curava, e visitava os enfermos, porêm andava pelas casas, e tendas dos Cavalheiros, que hião melhor providos de regalos, buscando entre elles os com que podesse ajudar, e consolar seus enfermos. Chegou a tanto sua charidade, que trazia ás costas a carne, e tudo o demais, que para elles lhe davão, como se fôra escravo de qualquer d'elles.

O mesmo que fazia em Arsilla fez no exercito até ao dia da batalha, em que mostrou bem o zelo, que tinha da honra de Deos, e da salvação das almas; porque nos primeiros encontros, arvorando hum crucifixo que trazia nas mãos, exhortava a todos, persuadindo-lhes, que posessem o intento d'aquella batalha na honra, e gloria de Christo nosso Senhor, e dilatação de sua santa fé catholica, e começando a cahir alguns feridos, acodia a elles, confessando todos os que podia. Occupado n'este santo exercicio, em hum dos Terços de infanteria, que já se hia desbaratando, lhe deo hum Mouro de cavallo huma lançada em hum hombro com que o derribou em terra mal ferido, e lançando mão d'elle outro Mouro o levou cativo á cidade de Mequinés.

Huma legua d'esta cidade, em hum lugar apartado do trato da gente, vivia hum Cazique Mouro tido em grande opinião de santo, por todos aquelles lugares á roda, e n'um apartamento como ermida, fazia grandes penitencias. Era este Mouro dos que entre elles chamão Morabutos, que correspondem aos nossos Ermitãos, grande zelador da lei de Mafoma e terrivel inimigo da de Christo nosso Senhor; e sabendo que

havião trazido á cidade hum Cazique dos Christãos de grande nome, de virtude, e letras, pareceo-lhe que não podia fazer maior serviço a Mafoma, e affronta á lei de Christo, que trazer o letrado do seu Rei a ser Cazique de Mafoma; com este intento, deixando o deserto em que vivia veio à cidade, e com a muita autoridade que n'ella tinha, alcançou dos que tinham cativo a Fr. Thomé de Jesus, que lho vendessem, e comprado que o teve, o levou a seu retiro, onde lhe fazia mui bom tratamento, persuadindo-lhe com estes favores, a que deixasse a lei de Christo nosso Senhor, e se passasse á de Mafoma, prometendo-lhe se o fizesse, que lhe alcançaria d'El-Rei grandes honras, e riquezas, e que elle com sua autoridade o poria na maior opinião entre a gente que se podesse cuidar. Aproveitava-se o santo religioso Fr. Thomé d'estas praticas, e favores, que o Morabuto lhe fazia pera persuadil-o ao contrario, e que deixasse a lei de Mafoma, que toda era cheia de falsidades, e erros, e se passasse á de Christo nosso Senhor, que só era a verdadeira, e em que só havia salvação: porque não havia outro nome debaixo do qual podessemos ser salvos, senão o de Christo nosso Senhor.

Desenganado o Morabuto, que por esta via não podia alcançar o que pretendia, determinou tomar outra contraria, e tratou-o de modo, que por força de affrontas, prisões, e trabalhos viesse a deixar a fé que professava, e logo o mandou carregar de ferros, e despido o poz em huma aspera prisão, onde de ordinario lhe dava menos de comer e mais açoutes.

Vendo-se o servo de Deos n'este aperto de prisões, e trabalhos, em que não podia aproveitar a seus irmãos, e companheiros com suas palavras, e pregações, como até então havia feito, determinou fazer com a penna o que não podia com as palavras, e procurou alcançar papel, e tinta, e nas poucas horas, e tempo, em que por huma pequena fresta da masmorra lhe entrava alguma luz, escreveo no meio das suas prisões o devoto e affectuoso livro dos *Trabalhos de Jesus,* para que pondo os pobres cativos os olhos em os que nosso bom mestre, e Senhor Jesu Christo padeceo por nosso amor, e por salvar-nos, soffressem com paciencia os que alli passavão em seu cativeiro. Mostra este livro com evidencia o espirito, e erudição de seu autor, pois sem mais estudo, que o que aprendia na oração, tratando com Deos, carregado de prisões e ferros, e opprimido de grandes trabalhos, o compoz com tanta dou-

trina, e perfeição, como se estivera com o maior descanço, e quietação de sua alma.

Perseverava o Mouro no máo tratamento que fazia ao servo de Deos, e vendo que nem com isto o dobrava ao que pretendia, apertou-lhe de maneira as prisões, e comida, que se entendeo que o hia matando, e consumindo pelo odio que lhe tinha. Não pode fazel-o tão secretamente que não chegasse á noticia dos outros cativos, que com a brevidade possivel avisarão a D. Francisco da Costa, que então estava em Marrocos por Embaixador d'El-Rei D. Henrique tratando do resgate dos mesmos cativos.

Deo o Embaixador conta ao Xerife do que passava, e á sua instancia deo cedula para que o Governador de Mequinés o tirasse do poder do Morabuto, e o enviasse por seu escravo a Marrocos. Difficultou-se este negocio pela grande reputação, em que todos tinhão ao Morabuto, e emfim se houve de executar o que El-Rei mandava, e o Padre Fr. Thomé sahio da prisão em tal estado, que a estar n'ella mais dias houvera acabado a vida. Estava tão fraco, e desfalecido, que foi necessario regalal-o alguns dias em casa de mercadores, que alli havia, antes que o levassem a Marrocos. Mandava El-Rei que o levassem a hum bairro onde estavão os Religiosos, Cavalheiros, e as pessoas mais graves, que então estavão cativas, junto ás casas dos Embaixadores D. Francisco da Costa, e Pedro Vanegas, e cada hum d'elles lhe tinha apparelhado em sua casa hum aposento, em que hospedal-o, e cural-o; e se bem o servo de Deos tinha grande necessidade d'aquelle abrigo, e amparo, jámais se pode acabar com elle, que o acceitasse, antes com grande instancia pedio, que o levassem á Sagena (que era o carcere dos cativos pobres) onde o Xerife tinha dous mil cativos Christãos de diversas nações, dizendo que alli esperava em Deos, que convalesceria mais depressa, que entre os regalos das casas dos Embaixadores. Succedeo assim, porque mui em breve cobrou saude, e forças com que começou a empregar-se no proveito, e consolação d'aquelles pobres cativos, confessando-os, sacramentando-os a todos, dando-lhes animo, doutrina, e esforço todos os dias á hora, que voltavão das occupações, em que seus senhores os occupavão. Á hora da oração tocava uma campainha, a cujo sinal acodião todos á capella, que tinhão no carcere, e subindo-se no pulpito prégava, e fazia praticas espirituaes convenientes ao estado que tinhão, com que

os trazia a todos tão reformados, que mais parecia aquelle lugar da Sagena Convento de religiosos, que carcere de homens cativos.

A mesma charidade tinha ajudando-os no temporal, porque curava todos os enfermos, procurando-lhes medico, que os visitasse, juntava esmolas dos Embaixadores, e Cavalheiros ricos, que alli esperavão seus resgates, e dos mercadores, que alli havia, as quaes consumia no regalo dos enfermos, com que os alliviava. Os Domingos, e Festas prégava na capella do Embaixador aos Cavalheiros, e Nobres de Portugal, dizia cada dia Missa na capella da Sagena. Tinha particular zelo de fazer amizades, e pazes entre alguns Christãos, que por paixões particulares não se fallavão, e apertava tanto n'isto, e em evitar peccados publicos, e escandalosos, que por essa causa padeceo molestias gravissimas de alguns Cavalheiros, que vivião licenciosamente: e como cada estado tem em si mesmo seus tropeços, e perigos, ordenou com grandissimo cuidado hum confessionario, para que aquelles, e os mais cativos se soubessem confessar conforme o estado, em que vivião, que para todos foi de grande proveito, pela luz, que n'elle lhes dava em cousas, que padecião grandes ignorancias, e que tinhão grandes duvidas.

Houve-se sempre com tanta inteireza, e liberdade em todas as cousas do serviço de Deos, que estando hum dia dizendo Missa em casa do Embaixador de Portugal, vendo que entravão na capella tres Francezes hereges, a quem os Mouros fazião grandes favores, porque lhes havião trazido a vender hum navio, cuja mercadoria erão lanças, não quiz proseguir a Missa, até que os deitárão fóra da Igreja, nem foi poderoso o temor dos males, com que os Mouros o ameaçavão, nem o estar cativo entre elles, (*) em observancia, e guarda do rigor da disciplina ecclesiastica, e sagrados Canones.

Posto que estava cativo não deixava de procurar a salvação dos Mouros em todas as occasiões que podia, assim nas praticas, e conversações particulares, como nas disputas, que algumas vezes lhe movião. Esta charidade, que movia o servo de Deos Fr. Thomé a procurar a salvação das almas dos Mouros por todos os meios possiveis, o obrigava a tratar com maior cuidado dos Christãos renegados, que n'aquelle tempo havia em

(*) Aqui faltam ao que parece algumas palavras, para ligar o sentido. Quizeramos confrontar a edição de 1733, de que nos servimos, com a que se diz feita em Madrid, em 1642: porém não foi possivel achar algum exemplar d'esta, e ate duvidamos de sua existencia. Vej. o nosso «Diccionario Bibliographico Portuguez» tom. I, pag. 26.

(I. F. da Silva.)

Marrocos muitos de diversas nações, aos quaes buscava, e visitava continuamente amoestando, e advertindo-os continuamente com grandissima efficacia, e liberdade que tornassem á fé, que havião deixado. Não ficarão sem fruto, n'este particular suas amoestações, porque alguns movidos com ellas tornárão á obediencia da santa Igreja, em que forão criados, passando-se a terra de Christãos com cartas suas, aonde forão reconciliados, e outros com maior arrependimento de suas culpas confessando o erro que havião commettido, e a verdade da fé, que havião deixado, forão feitos martyres de Christo. Entre estes resplandeceo muito a constancia de hum Pedro Navarro, natural de Madrid, Alcaide de quem o Xerife fazia grande confiança, que entre os Mouros se chamava o Alcaide Amet, o qual persuadido pelo servo de Deos vindo para terra de Christãos com muitos cativos, que tinha a seu cargo, foi preso no caminho, e morto na praça de Marrocos com exquisitos tormentos, onde esteve crucificado confessando a fé de Christo nosso Senhor tres dias continuos cravado em huma parede, com grande admiração dos Mouros e Christãos, que o virão. Confessava-se tambem n'este tempo com o servo de Deos Antonio Mendes, Subdiacono Portuguez, natural do Algarve, que juntamente estava cativo em Marrocos, e de sua doutrina e conversação ficou tão ensinado, e sahio tão bom discipulo, que depois da morte do servo de Deos Fr. Thomé, fez o mesmo officio com huns sete moços, que havendo sido cativos de pouca idade na batalha de Alcacere, os tinha o Xerife por pagens, que todos com seu mestre padecerão glorioso martyrio na Cidade de Marrocos.

Tambem a charidade do servo de Deos Fr. Thomé de Jesus se estendeo aos Judeos, com quem disputava muitas vezes, convencendo-os de sua cegueira, e obstinação, mostrando-lhes pelas Divinas Escrituras o grande engano de suas esperanças, com que (se bem erão poucos os que seguião sua doutrina) era tido entre elles por homem sabio, e de grandes letras.

N'este tempo se passou de Portugal a Marrocos a viver como Judeo hum Estevão Dias, christão novo, o qual se mostrava entre os Judeos d'aquella Judiaria grande Rabino, chamava-se entre elles Joseph. Este, querendo autorisar suas letras, escreveo hum tratado a Fr. Thomé em que (justificando-se com elle das razões que o moverão a deixar a fé de Christo, e seguir o Judaismo) poz todas as duvidas, que tinha na Lei de Christo, e no Santo Evangelho, mostrando que convencido d'ellas

havia deixado a fé. Não quiz o servo de Deos responder-lhe, por entender que não queria ser ensinado nas suas duvidas, nem saber a verdade d'ellas, senão só acreditar-se entre os Judeos de Berberia, e outras partes por grande letrado, e tão douto, que competia, disputava, e escrevia com hum tão grande letrado dos Christãos. Vendo o Judeo, que o servo de Deos desprezava, e não fazia caso de suas arrogancias e blasfemias, levou o tratado a Guilelme Xevei, Francez de nação, que a este tempo estava em Marrocos sobre certos negocios: o qual fez instancia a Fr. Thomé, que respondesse ás blasfemias, e disparates d'aquelle Judeo, que se vangloriava muito da erudição d'aquelle tratado, que havia escrito.

Pareceo-lhe a Fr. Thomé que já era tempo de attender pela verdade da lei, e fé de Christo nosso Senhor, e que dirigindo a resposta a Guilelme Xevei não conseguia o Judeo a autoridade, que pertendia da competencia: e assim escreveo hum tratado doutissimo na lingua castelhana, para que fosse mais commua ás outras nações, no qual dando a causa de não haver querido responder ao Judeo, quando lhe offereceo suas duvidas, ou blasfemias, vai respondendo a todas com grande erudição, e claridade, convencendo-o de suas falsidades, e das com que pretendia (*) pelas Divinas Escrituras outras blasfemias; mostrando quam encontradas erão com a Sagrada Escritura: com que os Rabinos de Marrocos ficarão mui confusos, e arrependidos de haver provocado o Rabino Joseph a publicar com tanta porfia seu tratado; e vindo depois a Portugal huma copia d'este tratado de Fr. Thomé, pareceo mui douto, e digno de estimação a todos que o lêrão.

Escreveo tambem outro tratado dos principaes mysterios de nossa santa fé, que divulgou muito entre os Judeos de Berberia, e fez grandes proveitos entre elles.

N'estes exercicios se occupava o servo de Deos Fr. Thomé de Jesus, quasi quatro annos que esteve cativo. Pretendêrão todo este tempo sua irmã a Condessa de Linhares, e os mais irmãos, e parentes seus, que se tratasse de seu resgate, enviando credito para isto, e El-Rei D. Filippe Segundo o mandou assim expressamente a seu Embaixador Pedro Vanegas de Cordova, que residia em Marrocos: porém o servo de Deos não quiz consentir, que se tratasse disso; e dizendo-lhe que Sua Magestade lhe fazia mui grande mercê em mandar a seu Embaixador, que o resga-

(*) Tambem se nos affigura haver aqui falta de palavras.

tasse, respondeo que elle tinha determinação de morrer no serviço dos cativos de Marrocos, ora estivesse livre, ou cativo, e que melhor seria aquelle resgate pera outros, que tivessem maior necessidade, que elle. Assim que tinha por mais ditosa sorte viver, e morrer cativo pelo bem das almas de seus naturaes, e companheiros, que viver em liberdade com perda de tão grandes ganancias: e escrevendo-lhe seus parentes sobre isto muitas queixas, respondeo a hum Religioso sobrinho seu, com quem se communicava por cartas, que fizesse com os mais parentes, que não se cançassem n'isto, porque elle não havia de sahir d'aquelle cativeiro; porque, se bem da sua parte o não impedia, e se deixava á Divina disposição, estava certo que Deos nosso Senhor era servido de que elle acabasse n'aquelle estado, e lugar, em que só teria de sentimento, que não fosse com tanto desamparo, como outros cativos, que morrião em Marrocos, pelo particular cuidado, que d'elle tinha o Embaixador de Portugal. Isto mesmo significou algumas vezes a outras pessoas, que parece que assim lh'o havia revelado o mesmo Senhor.

Aos exercicios de charidade ajuntava o servo de Deos os da penitencia, jejuns, e disciplinas, que jámais deixou, os quaes dobrava na Quaresma com maior força, sendo-lhe de tanto maior pena, quanto n'aquelles dias frequentava o trabalho da prégação: e assim prégando aquella Quaresma do anno de mil e quinhentos e oitenta e dous, os mais dos dias aos cativos da Sagena, e outros em casa do Embaixador, veio no fim d'ella a cahir mal de huma grave enfermidade, e entendendo que aquella seria a ultima, se aparelhou para morrer, com admiravel devoção, e com ella recebeo na semana santa os sacramentos da Igreja, e na quinta feira santa, posto que estava já mui fraco de forças, pedio, que o levassem a casa do Embaixador, aonde se fazião os officios d'aquella sagrada semana, e na mesma recebeo outra vez o santissimo Sacramento do altar, com que o tornarão a trazer a seu aposento.

Ao outro dia, que foi a sexta feira santa, veio o Embaixador D. Francisco da Costa a visital-o, e a despedir-se d'elle, e em presença de todos os que o acompanhavão lhe encommendou o servo de Deos Fr. Thomé o remedio dos cativos, e seus resgates, e o soccorro das necessidades dos pobres. Vendo o Embaixador que estava já mui falto de forças, e que a seu parecer acabaria d'alli a poucas horas, se quiz ficar com elle até que expirasse, e não consentindo-o o servo de Deos, lhe disse o Embaixador, que não o privasse da consolação, que teria de achar-

se presente á sua morte; e vendo a força, que lhe fazia o Embaixador, lhe respondeo, que sua senhoria se recolhesse, que era tarde, porque elle não havia passar d'esta vida, senão passado o dia de Paschoa; porque Deos era servido, que tivesse ainda aquella na terra: com que o Embaixador se retirou.

Passado o dia de Paschoa, sabendo que certos cativos, a que elle ajudava, vendo que se lhes morria, desconfiados de parecer-lhes que podião alcançar resgate, tinhão dado palavra aos Mouros que deixarião a Fé, os mandou chamar, e reprehendendo-os de seu desatino, exhortando-os com grande força a que permanecessem na Fé de Jesu Christo nosso Senhor, que havião professado, e posto que estava expirando, e com a falla já quasi turbada, com o espirito arrebatado no desejo, e remedio da salvação d'aquellas almas, e abrazado no amor, e honra de Deos, cuja Fé querião deixar, lhes prometteo, que até tal tempo certo, que lhes sinalou, lhes viria seu resgate, e terião liberdade, tomando-lhes a palavra de que esperarião pelo que lhes promettia. Com esta exhortação, e espirito da promessa se lhe acabárão as forças, e nomeando muitas vezes o docissimo nome de Jesus, perdeo de todo a falla, e com ella a vida, e deo a alma nas mão de seu Creador. O resgate d'aquelles cativos chegou ao tempo sinalado, e elles forão livres, como lh'o havia affirmado.

Acodirão a seu enterro os Christãos, que havia em Marrocos, e foi com o habito da sua Ordem, que jamais deixou em todo o seu cativeiro, e sepultado em a Almaeta, lugar guardado, que os Xerifes tem concedido em Marrocos para sepultura dos Christãos cativos. Celebrou-se o enterro com muitas lagrimas, e sentimento de todos, como interessados na perdida da maior parte do alivio de seus trabalhos, e cativeiros, e remedios de suas necessidades.

Morreo o servo de Deos aos 17 de Abril de 1582, na primeira outava da Paschoa, como o havia dito ao Embaixador de Portugal, aos cincoenta e tres de sua idade, e aos quatro de seu cativeiro. Este genero de morte havia elle dito muitos annos antes a certos Religiosos da sua Ordem, que se embarcavão para a India Oriental, e hindo elle acompanhando-os até á barra de Lisboa, despedindo-se de todos, chamou em particular alguns a quem tinha mais affeição, por havel-os criado no noviciado, sendo mestre dos noviços, e lançando-lhes sua benção com amor, e charidade de pai, lhes disse: «Ide, filhos meus com a benção de Deos, á prégação do

santo Evangelho, aonde vos envia a santa obediencia, que espero na bondade do mesmo Senhor, que vos accrescentará sua graça para que lhe façaes muitos serviços n'aquellas partes; e para maior esforço vosso, e porque não cuideis, que só vós haveis de trabalhar, sabei, que tambem vos hei de acompanhar em semelhantes trabalhos, posto que em differentes partes; ; d'aqui a alguns annos tenho tambem minha sorte, sahirei por esta barra, e tambem irei a terra de infieis, como vós outros, de d'onde não voltarei mais, e entre elles acabarei a vida: e assim trabalhando cada qual de nós outros por diversas partes, todos nos viremos a ajuntar no Ceo». O que testificárão depois de sua morte alguns dos Religiosos, a quem o havia dito, e deo particular testemunho d'isto o Reverendissimo D. Fr. Jorge Queimado, Bispo de Fez, coadjutador que foi do Arcebispado de Braga, que era hum dos Religiosos que hiam para a India, aquem o disse. Isto succedeo no anno de 1575, quatorze annos antes de sua morte (*), a qual foi revelada a huma grande serva de Deos, freira professa de nossa Religião, que vivia em Coimbra, chamada Beatriz Vaz de Oliveira, a qual seis mezes antes que chegasse a nova de que este servo de Deos era morto, o disse ao seu confessor, accrescentando grandes louvores de sua virtude, e paciencia com a inveja santa, que tinha de sua ditosa sorte para honra, e gloria de nosso Senhor Jesu Christo, que vive, e reina para sempre. Amen.

(*) Estes annos não concordam com as datas indicadas. Onde esteja o erro não podemos decidil-o. (I. F. da Silva.)

DEDICATORIA

A' RAINHA DO CEO E DA TERRA

A SEMPRE VIRGEM MARIA SENHORA NOSSA

A vós, e a vosso grande nome, oh Soberana Rainha, se consagra esta grande obra, que contêm os Trabalhos de vosso Filho, com huma firme confiança que a recebereis com toda a aceitação pelo que tem de trabalhos, e pelo que tem de vossos. Em outro melhor livro, que foi o de vosso coração, se viram estampados todos os que agora n'este se vos offerecem escritos. Lá tiveram a grandeza de serem impressos pelo vosso amor, aqui tem a honra de serem consagrados a vosso nome; com que fica sendo esta honra igual áquella grandeza. E supposto que no vosso coração se vio a primeira estampa d'estes Trabalhos, e n'este livro, por este respeito, se vê hum tão fiel retrato de vosso coração; a quem senão a vós se havia de consagrar este livro? Era além d'isto justo, Soberana Virgem, que aquelle Senhor que n'este mundo padeceo tão grandes penas n'estes trabalhos tivesse agora no Ceo adonde reina comvosco, o gosto grande, e a gloria accidental de os ver impressos debaixo de tão grande protecção, e offerecidos a tão divina Princeza.

Por estas razões se vos dedica esta obra, e principalmente porque contêm aquella materia, que pela sua excellencia pedia consagrar-se a huma tão grande Senhora. Aqui tendes pois, Virgem Santissima, aquelles trabalhos, que são vossos por tantos titulos, que roubo fora grande que vos fizera a nossa ingratidão se os não dedicara á vossa grandeza, sendo vós do Senhor que os padeceo verdadeira Mãi, e dos trabalhos padecidos fidelissima companheira. Não se vos pede, Senhora, que ponhais os olhos n'este livro, porque claro está que pera ahi hão de ir os olhos, d'onde está o coração. Pede-se-vos que nos alcanceis de vosso Filho pelos vossos merecimentos hum grande espirito pera os meditarmos, e huma grande dôr pera os sentirmos, pera que por meio d'este sentimento, e meditação vivamos (como elle quer, e vós quereis) muito agradecidos a tantos beneficios, quantos nos fez padecendo tantos trabalhos.

CARTA

DE

FREI THOMÉ DE JESUS

DA ORDEM DOS EREMITAS DE SANTO AGOSTINHO, DA PROVINCIA DE PORTUGAL, CATIVO EM MARROCOS; DIRIGIDA Á NAÇÃO PORTUGUEZA NO TEMPO D'AQUELLAS GRANDES TRIBULAÇÕES DA JORNADA DE AFRICA

Se os juizos humanos não fossem tão curtos, e tão varios como são em entender os eternos, e sapientissimos conselhos de Deos, por onde governa as cousas humanas, e o mundo, não duvido que tirariam os homens de tudo o que Deos faz muitos mais proveitos, e que seria Deos d'elles em tudo muito mais glorificado. Mas como o divino Poder governa em tudo por infinita sabedoria, que inteirissimamente alcança a necessidade, e communidade de todas as cousas, e por eterna bondade, que de tudo quanto faz e permitte tira bens; e o humano juizo por huma parte fraco e por outra afeiçoado, por sua medida, e cegueira approva, e desapprova as cousas que vê: encontra-se pela maior parte com os altissimos conselhos da divina Providencia, tendo-se por perdido pelos proprios meios por onde Deos o quer ganhar, e por ganhado por onde elle sabe que se mais perde.

Nasce d'aqui sermos pela maior parte máos de contentar: pouco ou nada sujeitos ao que de nòs, e de nossas cousas ordena; muito desagradecidos ás mercês que nos faz; e mui ignorantes estimadores d'ellas. Vemos que se faz Deos mercê aos homens de bens temporaes, e prosperos successos das cousas, temperança dos tempos, fertilidade das novidades, abastança do que no mundo se busca, pera ser huma Republica grande, e afamada, e hum homem prospero rico, e contente; he Deos apregoado á boca cheia por bom, e o que dá por grande mercê, e grande misericordia. Sendo na verdade estes bens de qualidade, que não só

igua'a n'elles muitas vezes bons, e máos, homens, e brutos da terra, mas se alguma vantagem faz n'elles he aos que o não conhecem; e aos seus, que lhas sabem desprezar, tem pelos mais heroicos de sua casa.

E se Deos nos priva d'estas cousas, e nos dá bens espirituaes, e offerece sua graça e bens celestiaes: ou nos dá trabalhos pera nos desapegar da terra o amor, e nos alevantar o desejo áquellas soberanas riquezas pera que fomos criados: ou nos castiga pera que de todo nos não percamos; taes somos, que temos a grandeza de tão verdadeiros bens. por pouquidades, e o rigor dos paternaes castigos por disfavores. Com quanta razão seria julgado hum homem por mentecapto, e de nenhum entendimento, se tendo muita necessidade de dinheiro pera remedio de sua vida, o enjeitasse, e lançasse mão, e se satisfizesse sómente da bolsa, e désse por ella maiores agradecimentos que pelo mesmo dinheiro? Taes somos que sendo o uso do temporal só ajudas pera poder com as cargas da vida, e sustental-a pera merecer os thesouros espirituaes, e do Ceo, somos tão máos estimadores, que temos em muito os trapos, e cousas que cá havemos de deixar, e n'ellas nos havemos por mimosos ou esquecidos de Deos, sem outro maior sentimento das perdas dos divinos bens espirituaes, e celestiaes que nos faltam, nem estima d'elles quando se nos offerecem. E se Deos fôra rigoroso juiz do que merecemos por tão despropositados juizos de suas obras, e mercês, acommodara-se a nossos baixos entendimentos, e não déra senão o que conforme a elles estimamos, e pertendemos, que fôra o maior castigo que nos podera dar. Mas como pai, e verdadeiro conhecedor do que nos mais cumpre, passa por nossos desagradecimentos, e baixos desejos como por desordenados appetites de doentes, e freneticos, que não suspiram senão pelo que mais lhe prejudica, e dá-nos o que importa pera não perdermos os verdadeiros bens pera que nos criou, e pera elle ser em suas creaturas mais glorificado.

A reformação d'estas variedades, e desatinos do humano coração consiste em entender, que huma só he a cousa no ceo, e na terra, no tempo, e na eternidade importante, que he, cumprir-se a divina vontade em tudo por sua honra, e gloria, e em o querer assi como o entende com humilde sujeição. Aqui está a fonte de todos os bens quantos de Deos podemos justamente esperar, e o remedio, e cura de todos os males quantos causam, e fazem pesada, e perigosa a vida humana, e a quietação do humano coração em todas as mudanças, e perturbações da vida.

Porque como nosso Senhor nenhuma outra causa, obrigação, e necessidade teve, pera fazer, e governar o mundo, e executar n'elle as obras de sua infinita grandeza, senão só a natureza, e condição de sua bondade, que he communicar-se; tambem não podemos crer que tem outro mais principal fim, que em todas suas cousas glorificar-se. O qual he mostrar a grandeza e magestade de suas perfeições, que são fontes de todos nossos bens, pera por ellas ser de suas creaturas conhecido e amado. A isto ordena todas suas obras, assi as da misericordia favoraveis, como as da justiça rigorosas, e as da providencia incomprehensiveis. Isto significam aquellas divinas palavras dos Proverbios: » Todas as cousas fez Deos por amor de si, até o malvado pera o dia máo. «Porque não se mostra Deos menos glorioso na justiça, com que deixa continuar e acabar o máo seus dias em males, que na misericordia, com que nos enche de riquissimos bens.

D'aqui ficam entendidas duas cousas. Huma que o melhor ser da creatura he o obediencial, com que está sujeita a poder Deos fazer d'ella, e n'ella o que quizer. E a maior honra que tem de ser instrumento de Deos pera glorificar n'ella sua grandeza. Porque n'isto fica a creatura sendo como espelho em que se demonstram as divinas perfeições, as quaes se não podem n'ella representar, e conhecer senão recebendo d'ellas os bens que a fazem ser, e montar alguma cousa. A outra he, que quando a creatura racional, e livre quer por vontade ser o que he por natureza, em folgar de ser instrumento das divinas obras, e divinos conselhos sem contradição, acaba então de sacudir de si todas as imperfeições, e baixezas, e semelha mais a perfeição de seu divino Autor, aqui dá fim a todas as perturbações da vida, e recebe no meio das mundanas trevas clara luz, com que sabe em tudo reconhecer, e adorar a mão de seu soberano Governador, e assegurar-se na providencia de seus secretos, e divinos conselhos, e glorifical-o nos mais avessos successos da vida. Porque não julga as cousas pelo que parecem, senão pela sabedoria e bondade da providencia, com que são governadas, pera o Autor d'ellas ser glorificado e conhecido por só merecedor de toda a gloria.

Com esta fé, e luz espiritual se não teve a Igreja Catholica por desamparada de seu Divino Esposo, no tempo da lei natural, quando o genero humano por divina justiça foi consumido, ficando só Noé, e seus filhos pera ser por elles restituido. Mas conheceo sua fermosura, não menor na justiça com que gastou o perdido, que na bondade com que

de nada o tinha criado. E assi igualmente n'um, e no outro conheceo ser d'elle amada. No tempo da lei escrita sempre essa santa Igreja se prezou de povo escolhido de Deos, assi nos cativeiros, castigos, e trabalhos que padecia, como nas maravilhas que Deos n'ella obrava. Porque em tudo conhecia que tinha por Senhor hum Deos santo, poderoso, justo; forte, paciente, e misericordioso. Pois subido Christo nosso Senhor ao Ceo, que olhos humanos sem divina luz poderiam julgar bem de quantas perseguições a Igreja Catholica padeceo, de quantos Papas, e justos lhe tirou a vida a espada, e tyrannia dos inimigos do nome de Christo, das grandissimas mudanças, e tormentas que tem padecido, de guerras, fomes, pestes, entradas de infieis pelas terras dos Catholicos, roubos, sacos, incendios, mortes, desamparos, e afflições, tantas, e tamanhas, e tanto de tudo isto, que parece que não cansa menos lêl-o, e cuidal-o, que padecel-o. Mas a santa Igreja ensinada com o espirito de seu Divino Mestre, e allumiada com a luz de seu soberano Sol, e sometida ao sapientissimo governo de seu eterno Esposo, em todas suas perdas se tem por mais enriquecida, em todos os trabalhos, e perigos por mais segura, e em todos os abatimentos por mais honrada, pois em todas estas ondas se vê d'elle alentada, sustentada, e a elle mais glorificado. E em cada mudança que Deos n'ella faz, reconhece os incomprehensiveis bens que Deos de males tira, que não estima menos suas mortes que suas resurreições.

Fundados n'estas puras, e eternas verdades, charissimos meus, e hristianissimos Portuguezes, não façais conta da ignorancia dos que vos tem por nação já desamparada de Deos, e desfavorecida d'elle pelos muitos trabalhos que nos tempos presentes vos deo. Mas conhecendo a paternal condição do amor de nosso Deos que aos filhos que mais ama, mais castiga (como diz a divina Escritura) e aos que lhe são mais aceitos menos defeitos lhes soffre, agora vos havei por mais lembrados d'elle, e confiai que vossos presentes trabalhos são pera muito maiores bens: e que serão vossas dores as medidas de vossas consolações: não pera se medirem huma por huma, mas por cada huma muitas. Lembrai-vos das grandes mercês que vossa nação tem de Deos recebido, e a muita honra que por ellas entre todas as nações quiz esse Senhor que tivesseis. E confiai que nenhumas mudanças são poderosas pera escurecer vosso nome: se da vossa parte não faltar firme fé, e segura confiança na bondade, e poder d'aquelle Senhor que sempre até agora vos alentou

e favoreceo. Agradecei, Christianissimos Portuguezes, a nosso Senhor ser vós escolhidos entre todas as nações do mundo por hum muito principal instrumento de accrescentar por vós a gloria de seu santo nome, e quantas, e largas mercês pera isso vos fez, das quaes vos deveis lembrar pera não acabarem os castigos presentes de derribar vossos corações. Mas tomardel-os com humildade, por disposições pera procurardes mais com a vida, e sangue, fazendas, e forças, de proseguir o accrescentamento de sua honra por todo mundo: e acenderdes mais seu amor em vossos corações, e resplandecer mais agora em vós seu serviço á Christandade.

Porém grandes trabalhos geraes deixam grandes afflições particulares, que se não remedeiam, nem acabam de consolar com tão geraes considerações. Porque de pestes, fomes, guerras, saccos, e roubos, ficam muitos cativos, muitos roubados e pobres, muitos orfãos sem pais, muitas mãis sem filhos, muitas viuvas sem maridos, muitas mulheres deshonradas, muitas necessidades sem remedio, muitas lagrimas, muitas tentações, e mui poucas consolações. E isto cabe a grandes, e a pequenos, nobres, e baixos, ecclesiasticos, e leigos. Pelo qual necessarios são outros mais efficazes interiores, e particulares consoladores. Estes, Portuguezes meus charissimos em Christo, são os trabalhos de Jesu nosso Senhor, cuidados e tratados no coração. Porque o coração affligido dos trabalhos que o cercam, pondo os olhos da alma nos trabalhos de Jesu toma novas forças pera poder com elles, e vive em mais certas, e consolativas esperanças de seu verdadeiro remedio. E o que he mais, que perseverando n'esta interior companhia, e conversação, recebe de Deos tamanha graça que lhe vem a ser suaves as afflições, e a contar pela melhor parte da vida, a que com tão atribulado Senhor foi atribulado. Por isso nosso Senhor levou os sellos, e sinaes de seus trabalhos ao Ceo, nas suas cinco Chagas, porque quando vissemos que elle quiz viver huma vida cheia de afflições, e acabal-a com incomparaveis dores, não por si, senão por nós: e que ao Ceo levava os sinaes d'ellas, entendessemos que nos deixou na terra as tribulações, e cruzes por thesouros seguros da alma, e dos bens da graça, e do Ceo, e no Ceo nos poz os cinco riquissimos penhores, pera por elles, e d'elles seguramente esperarmos as verdadeiras consolações. As quaes não negará aos Portuguezes se trouxerem suas Chagas em seus corações, como se gloriam d'ellas em seus escudos, e bandeiras.

No tempo d'estas vossas grandes tribulações me fez Deos mercê, sem

lh'o merecer, de me fazer n'esta Berberia participante dos trabalhos, dos que pela gloria de seu santo nome estavam cativos. Oonde podeis crer que não passam menos afflicções, fomes, desamparos, dores, doenças, necessidades, tormentos e mortes trabalhosas, que vós lá. Posto que os vossos tiveram maior toáda, e os de cá, por se terem por ordinarios, são da gente livre menos ponderados, e estimados. Mas os vossos tem recurso aos sacramentos que são fontes de graça; e aos sagrados templos, e a outras ajudas, e ministros da Igreja, que são mui favoraveis esforços de corações affligidos, e mui boas amarras, pera poder com grandes ondas, e mares de tribulações. Mas os pobres cativos com falta de tudo isto, só com os olhos no Ceo, nas mãos da charidade e esmolas dos que de lá não vem seus trabalhos, passam mais sustentados pela divina graça, que por humanas forças. E como a fraqueza humana he muita, ha entre nós, por nossos peccados, perigos de grandes quedas espirituaes, em que muitos resvalam: e maiores tentações de perder a paciencia, e tambem maiores materias de merecer a gloria.

Fazendo-me Deos do numero d'estes seus filhos atribulados, e posto só em escura prisão, ora em ferros, ora sem elles, com os mais annexos do estado de cativo, sabendo quanto maior era minha fraqueza que a de todos os outros, assi como sem meus merecimentos me fez mercê d'estes trabalhos, assi só por sua bondade me fez de me inspirar que passasse o tempo n'elles (que tinha desoccupado) em recopilar os Trabalhos de Jesu, que me poderiam ser alivio certo de minhas afflicções. Commeti esta obra, havendo por industria, e muito segredo papel, e tinta, e escrevendo as mais das vezes sem mais luz que a que entrava por gretas da porta, ou agulheiros, e buracos das paredes. Furtava pera isto o tempo, por me não verem, e os mais apparelhos necessarios, senão só o que de graça a luz divina a meus interiores, e cegos olhos dava, sem eu lh'o merecer. Cuidei no começo, fazer huma muito breve recopilação dos trabalhos do Senhor; e confesso a sua bondade, que nem sabia por onde começasse, nem como continuasse, nem em que acabasse. Mas indo escrevendo, e levado não de meu cabedal, senão da sua mão, costumada a guiar as ovelhas perdidas, achei-me no cabo com dous volumes feitos, a historia de seus trabalhos, considerações, e exercicios, e doutrinas, que sobre elles, elle, sem eu o ouvir, me ensinou. As quaes confesso a sua misericordia, que nunca, nem antes, nem depois, nem então soube sentir da maneira que m'o elle fazia escrever. E como isto foi

sem nenhuma ajuda de livros, e sem nenhum uso de escrever cousas d'esta materia; ainda que eu não queria, ficam todas as faltas, e imperfeições d'esta obra minhas, e o que n'estes livros pode aproveitar, só fazenda sua. Ninguem pode ter isto por engenho, nem habilidade, nem experiencia de cousas tão divinas, senão só por effeito d'aquella soberana fonte, a qual assi como corre por riquissimos, e santissimos canos, assi acertou de passar huma partesinha por esta vasilha desaproveitada, que não deixa de ficar de barro velho, mostrando por ella a divina agoa sua fermosura. E quem n'isto quizer ter outro enganado parecer, não porfio, porque de toda a maneira fico eu sugeito ao divino juizo, que se não governa, como costuma fazer o humano parecer.

Quando me vi no cabo com tamanha obra, me pareceo que por ventura nosso Senhor era servido que se aproveitassem d'ella outros atribulados. Pelo qual me determinei publical-a, se parecesse bem aos que compete ter n'isso parecer, e juizo; e não mudar d'ella nada, posto que algum tempo me visse em liberdade, com copia, e lição de livros que a isso me ajudassem. Porque não quero eu montar nada a par do que a luz divina faz, que não perde nada do que he, ainda que passe por mui baixos, e feios lugares: nem me peza se com ella meus podres forem melhor vistos. E estando indeterminado a quem offereceria esta obra, para com seu favor sahir a lume; e lembrando-me muitas obrigações, veio a minha noticia os muitos trabalhos com que Deos (meus Portuguezes) foi servido de vos humilhar. Lembrou-me com isto que meu Padre Santo Agostinho, ardendo Italia em desconsolações de outros semelhantes trabalhos, compoz, e offereceo aos Italianos os livros da Cidade de Deos, pera que alentados com aquella doutrina pozessem seus olhos entre suas tribulações n'aquella celestial Jerusalem, d'onde lhes haviam de descer totas as verdadeiras consolações. Tomando exemplo d'este Santo Padre, não quiz offerecer estas mercês, que o Senhor em meus trabalhos me fez senão a vós, minha christianissima e atribuladissima Nação Portugueza. Por isso Portuguezes meus, atribulados, aceitai esta offerta d'este atribulado cativo. E recolhido cada hum de vós em seu retraimento, lea, e cuide quietamente nos trabalhos do atribulado Jesu. E esse suavissimo Cordeiro, e amicissimo companheiro, que com seu Eterno Padre, e o divino Espirito Sancto vê o que nos secretos dos corações se passa, cumprirá o que por sua boca prometteo, e virá a cada hum de nossos corações, e n'elle fará

sua perpetua morada. Com cuja companhia vos havereis por mais mimosos seus, e mais ditosos entre vossos trabalhos, que todos os prosperos do mundo em seus terrenos passatempos.

D'este cativeiro de Marrocos, e do indigno companheiro dos cativos atribulados pelo nome do atribulado Jesu, o vosso Portuguez Frade indigno dos Eremitas de Santo Agostinho. A oito de Novembro de 1581.

Fr. Thomé de Jesus.

PROLOGO AO LEITOR

Esta minha obra dos Trabalhos de Jesu, assi como confessa a Deos, e manifesta aos leitores minhas imperfeições e miserias, assi lembra, e descobre ás almas desejosas de o contentar as obrigações que lhe tem pera fugir dos peccados, que elle com tantos trabalhos procurou alimpar, e satisfazer.

A primeira parte trata dos trabalhos que Christo nosso Senhor passou desde a hora que foi concebido até o dia de sua sacratissima Paixão. E porque não he possivel ponderar cada particular trabalhos eu: resumi-os em vinte e cinco, como generos em que padeceo. Alguns exercicios tem fóra da materia de que os trabalhos tratam (como são: da Encarnação, Nascimento, Adoração dos Reis, Apresentação ao Templo) pera que o que se exercita em tão assinalados dias tenha em que se occupe nas mercês que n'elle de Deos se recebeo. Trata esta primeira parte de varias doutrinas, e que provoca a pedir varias virtudes, segundo os muitos exemplos d'ellas que nosso Senhor em seus trabalhos nos deo.

A segunda parte resume os trabalhos da Paixão do Senhor em outros vinte e cinco por evitar prolixidade. Porque cada dór de cada membro, e de cada juntura, e de cada açoute, espinhos e cravos, e cada hora d'aquelle dia, e cada injuria, e blasfemia que se ouvia se póde com razão contar por particular trabalho, e tamanho que excede todas as forças de nosso amor pera o poder justa, e dignamente sentir, e agradecer. Alguns trabalhos dos d'esta primeira parte são da mesma materia d'outros que na segunda vão tratados; mas porque na Paixão chegaram ao cume da afflição, e pena, a que podiam chegar, merecia aquelle summo gráo de dor, nome de novo trabalho.

Repete-se muitas vezes, onde quer que pode vir a proposito, a grande mercê que Deos fez ao genero humano, em lhe mudar as penas, e trabalhos d'esta vida (que são justos castigos dos peccados) em occasiões, e materia de merecimento de gloria, com o ajuntamento amoroso aos Trabalhos de Christo quo dão aos nossos virtude: e que os Trabalhos do Senhor são as verdadeiras consolações, e alivios dos nossos: e

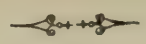
que o amor muito mais se prova, e refina nos trabalhos se he verdadeiro, que nos favores, e prosperidades, posto que sejam espirituaes.

Quem quizer ler esta obra, só pera aproveitar o tempo, deve de ler os capitulos que tratam da historia e doutrina dos Trabalhos do Senhor, deixando os exercicios; porque estes, se devem ler com recolhimento em hora quieta, pera tirar d'elles os affectos que alevantam, e ajuntam a alma a Deos, que he o fim, e materia d'elles; d'outra maneira muito pouco proveito fará aos leitores, passados só como historia, como mais largo dizemos nos avisos antes da obra.

As doutrinas, e avisos, que no começo d'esta primeira parte puz, não escusam os principiantes, e imperfeitos. Mas aconselho-lhes que se tiverem mestres experimentados, d'elles como de divinos Oraculos tomem com humildade os ensinos necessarios. Eu a todos peço paciencia em minhas imperfeições, e emenda em minhas ignorancias pelo mesmo Jesu.

TRABALHOS DE JESU

PARTE PRIMEIRA



DOUTRINA DOS FRUTOS

DA CONSIDERAÇÃO DOS TRABALHOS

DE JESU

Perde-se muita parte da gente, que trata as cousas do espirito indiscretamente, pelas quererem levar, e seguir sem a ordem que ellas hão mister. Porque quando lem as grandes penitencias dos santos, os grandes fervores, e excessos mentaes dos contemplativos, as operações soberanas que o amor de Deos faz nas almas mortificadas, e que tem a si já perfeitamente unidas: vão-se após aquillo, que lhe parece nos santos admiravel, e não tratão do fundamento em que Deos tamanhos edificios alevantou, nem do caminho por onde a tão altos beneficios, e dons levou seus servos. E he isto n'estes nossos tempos mais perigoso, que nos passados; porque como temos agora mais cousas d'estas escritas, anda a lingoagem do espirito mais geralmente sabida, e menos exercitada: e muito na lingoa, e pouco na obra, e experiencia.

Huma muito principal razão porque muitas pessoas cuidam de si mais do que tem, e ante tempo se tem por muito aproveitadas, he, que como Deos em todas suas obras se parece comsigo, he tão fermoso nos seus começos, que muitos enganados com isso, se dão por perfeitos, e consumados só com a suavidade, e fervor da primeira conversação de Deos. He isto como obra de hum primo, e perfeito pintor, cujos primeiros riscos de seu desenho, logo mostram a obra que ha de ser, e desde a morta-

côr, até o claro, e escuro acabado, tudo parece da mão de perfeito official, e de que ás vezes alguns que pouco sabem pasmam, não se podendo na verdade chamar obra sua perfeita, senão a que he de todo acabada: tudo alfim he como da sua mão, mas preparativos, e caminho pera o perfeito. Assi os primeiros riscos de bons desejos, e a morta-côr dos gostos suaves que sentem os principiantes, por alguma semelhança que tem das operações do perfeito amor de Deos, parece tanto da mão de quem os dá, que he Deos, que muitos enganados cuidam, que tem chegado ao estado de seus perfeitos servos. E com isto cuidando que o que sentem, he o que dos santos lem, e ouvem, edificam telhados sem paredes, e casa sem alicerce, e com qualquer tentação cahem, e são enganados.

Tres muito ordinarios sinaes tem estes espiritos por onde se conhece que vão enganados. O primeiro he que vivem em hum genero de segurança, a que falsamente chamam paz, com que assi se tem por acertados, que se não sometem a conselho: sendo doutrina dos mais experimentados, e perfeitos contemplativos, que ainda aquelles que parece que chegaram á mais alta contemplação, se não tem sujeição pera tomar conselho dos experimentados, mais se devem chamar proprietarios, que contemplativos, porque n'isto vão desencaminhados. Indignando-se pela maior parte estes (com côr de zelo) dos defeitos dos proximos, e facilmente julgam d'elles mal: sendo proprio da virtude, não indignar-se, mas compadecer-se, e ter-se a si proprio em muito menos conta, que os outros.

O segundo que d'este primeiro nasce, he vontade propria, e d'elles mal conhecida, que com côr de virtude não soffre contradição. De que lhe nasce serem pela maior parte impacientes, e arrebentar com palavras. E o peor he, que muitas vezes justificam tudo isto com apparencia de zelo de ter pela virtude. A qual na verdade, em negação da vontade propria, mansidão, soffrimento, e silencio lança raizes.

O terceiro he, que levados do primeiro gosto, e suavidade que sentem em seus exercicios, sentem pouco apparelho pera o exercicio das virtudes (que tem por impedimento) sendo ellas na verdade o verdadeiro fruto dos espirituaes exercicios, e os nervos, e força com que o espirito se sustenta. O perigo em que estas almas vivem, e as grandes quedas que dão, e quam mal se remedeam, he larga materia, e requer outro maior tratado.

O remedio geral, e principal que ha pera não cahir n'estes perigos, e pera sahir dos em que tem cahido, he entender mui devéras qual he

a sustancia na vida espiritual, pera a ter por norte, e regimento de todos os exercicios. Esta he a mortificação, e amor. A mortificação que não acende o amor de Deos, he suspeitosa: e o amor, que não mortifica, não merece tão divino nome. Este he o claro e escuro que dá ser, e perfeição á vida espiritual. Este o agro doce do manjar saboroso de Deos, que alevanta, e engrossa as almas: quem se quer aproveitar, n'isto se ha de exercitar sempre, e estas duas cousas ha de buscar em tudo, n'ellas se ha de examinar, e d'ellas ha de fazer seu principal alicerce, e fundamento. E porque nas obras da alma livre, Deos, e ella concorrem, e ha muitas materias de enganos na via espiritual: quem quer caminhar seguro, tome mais á sua conta, e tenha mais principalmente sempre o olho na mortificação de si mesmo, e deixe os dons do amor a Deos, que he o divino sabio, proprío, e perfeito official d'elles, e fiel em os dar quando, e como nos cumpre. O qual Senhor não costuma ordinariamente fazer suas maravilhas, senão em almas dispostas por mortificação, que he a propria disposição pera os dons de Deos: e tudo o que dá antes d'ellas serem mortificadas, são motivos, e branduras pera não pasmarem com a dureza da mortificação, e cruz.

D'isto está muito escrito, que não he meu intento tratal-o; mas só em summa pera os frutos que da materia d'este livro se hão de tirar, digo, que quando ouvimos fallar em mortificação, entendamos que as forças, e sustancia d'ella he huma total entrega, e geral renunciação da pessoa, e de todas suas cousas interiores, exteriores, e celestiaes em Deos nosso Senhor, sempre, e pera sempre, sem resistencia voluntaria.

E isto, que he tão suave ao ouvido, e que se diz em tão poucas e brandas palavras, he toda a batalha dos justos, e contra isto bate todo o genero de tentação, e he a cousa que mais a natureza repugna, e contradiz.

Esta he a contradição, que S. Paulo diz (*), que entre si tem a carne, e o espirito, que tanto trabalho, e guerra dá aos servos de Deos, querendo a carne ser senhora, e livre, quando o espirito deseja someter sem contradição o homem interior, e exterior, e entregal-o de todo á divina vontade. E todo genero de exercicios santos, e espirituaes se ordenam muito principalmente a fazer do homem hum vivo instrumento sem resistencia da vontade de Deos em tudo. Porque onde Deos acha esta disposição e apparelho, communica larguissimamente seus bens, e

(*) Ad Roman. VII. 22.

quanto a alma está mais livre, e puramente resignada, e entregue a Deos nosso Senhor, tanto faz n'ella o amor divino maiores, e mais puras e perfeitas operações.

E assi se ajudam estas duas virtudes, resignação, e amor, que parece huma mãi da outra: porque quanto a resignação he maior, refina, e apura mais o amor: e quanto o amor he mais puro, fortifica, e aperfeiçoa mais esta entrega, e podemos dizer que esta perfeita entrega da alma nas mãos de Deos, he como a fonte que Deos poz no paraiso terreal (*), que se parte em quatro rios, que fazem fresca, fertil, e rica toda a terra, em que as virtudes estão plantadas: porque todas tendo as raizes n'esta divina agoa, se fazem arvores de perfeitos frutos de vida. E já que este he o fundamento, e perfeita disposição pera os frutos, e doens do espirito, e aqui bate toda a tentação pera impedir esta voluntaria, e total entrega a Deos, este mesmo Deos que como verdadeiro remediador de nossos males, sabe que aqui está a perfeita cura d'elles, ordenou que o caminho do Ceo fosse continua cruz, e trabalho: porque o que a vontade enganada não faz, a tribulação continuada por huma parte tire á humanidade o sabor de seus gostos, pera que não ande n'elles tão viva como deseja, e por outra a propria fraqueza, e pouca possibilidade, que a natureza tem pera poder com a carga, obrigue a buscar o remedio em Deos, e sirva a cruz de tribulação ás almas, de freio nos gostos da terra, e de esporas pera buscar os de Deos.

N'este caminho da Cruz, e trabalhos encerrou Deos a verdadeira sabedoria do espirito, de maneira que fóra d'elle está toda a ignorancia, e engano. Este quiz que fosse o sinal de sua amizade, quando elle mais atribula aos maiores amigos, e elles mais trabalhos desejam passar na vida por amor d'este Seuhor. Não isentou d'esta lei ninguem, nem os mais puros, e limpos de coração, qual foi a Virgem nossa Senhora: mas antes d'estes fia maior parte de sua Cruz.

E ainda aquelles, que parece estarem mais alagados nas doces agoas de seu amor, e mais favorecidos, e mimosos com a suavidade de sua fervente charidade, ninguem (que o não experimente) pòde imaginar as cruzes, e tormentos que padecem, nascidos do mesmo amor, o qual se muito dá, tambem muito crucifica. E porque Christo Senhor nosso he justo, recto, e igual em tudo, sujeitou a si mesmo esta lei, nem quiz que sua amizade fosse de nós conhecida, senão pelo mesmo caminho por onde

(*) Genes. cap. 2.

a nossa que lhe temos, he conhecida, e approvada. Por onde vindo-se a fazer Homem, assi como nenhum tempo, nem lugar era pera elle improprio pera amar, assi nenhum foi pera padecer. Não se perdoou no ventre sacratissimo de sua Mãi, nem na meninice, e mocidade, nem em todo o outro tempo da sua vida em que sempre viveo em Cruz de trabalhos, e n'elles morreo.

Pelo qual já que o caminho de trabalhos he tão importante pera chegar á verdadeira sabedoria do espirito, e o puro amor de Deos, e a contradição da natureza he muita, e muito continua e grande, e não ha cousa que mais ajude a alma pera poder com o pezo do trabalho, e renderse de todo a Deos em sacrificio vivo, offerecido sem resistencia a toda sua vontade e ordenação, como a memoria, e continua companhia, e consideração dos trabalhos de Jesu, pelos muitos fruitos qne d'elles colhem. Primeiramente entende quanto deve a este Senhor, e quanto elle lhe tem merecido o amor, e vê quão seguramente se póde fiar d'elle: porque quem teve tanta fidelidade, que se não perdoou a si por meu remedio, como me ha de faltar pera tomar de mim muito particular cuidado, e tornarme todas as cousas em bem, depois que me eu a elle entregar? D'esta entrega a Deos nasce logo quietação em todos os successos da vida: porque a vista dos trabalhos, e amor de Jesu obriga a tomar tudo da sua mão. Nasce tambem d'aqui huma segurissima confiança n'elle, no presente, passado, e por vir. Nasce desconfiança de si proprio; porque vê que seus males tanto trabalho causaram a Christo, e nenhum remedio tem senão d'elle, e vem-se a aborrecer a si mesmo pelos ter commetido, e conhece que pode por si peccar, e que não se pode sem os trabalhos de Jesu remediar.

Sobre estas raizes vem logo sahindo, e brotando o amor de Jesu, crescendo, e transformando a alma n'elle: e este amor logo traz comsigo sua divisa, que he desejar de se parecer com o Senhor, e imital-o; e envergonhar-se do tempo que o não fez: arde por refazer o perdido, e com amor suavemente vai após o cheiro do atribulado, e crucificado Jesu.

D'este amor, e desejo de imitação nasce outro fundamento da vida espiritual, quo he suave exercicio das virtudes: porque o amor do Senhor,e o desejo de o imitar géra na alma huma facilidade pera as obras das virtudes, tal que ainda que não tenha presente a materia d'ellas, tem disposição, gosto, e aparelho pera as exercitar quando se offerecer occasião. Isto me parece que querem dizer os Espirituaes (*), quando na ora-

(*) Chrys. lib. II de Orando Deum, tom. V.

ção se exercitam todas as virtudes: Não porque n'ella haja materia pera exercitar os actos de todas, que não pode ser, mas porque na oração se exercita o amor de Deos, como propria materia d'ellas, o qual faz na alma o mesmo effeito que fazem os actos de todas as virtudes exercitadas. Porque he certo que o exercicio de cada virtude continuado géra na alma huma suave, leve, e gostosa inclinação ao exercicio d'ella, a que os Theologos chamam habito de virtude. Esta facilidade e inclinação, que o exercicio de cada virtude géra na alma pera as operações d'ella, faz a oração e acto do amor de Deos continuado pera todas: porque dispõe, habilita, e inclina a alma a exercitar com gosto todas as virtudes offerecendo-se occasião d'ellas. Isto mesmo quiz dizer S. Paulo (*), que a charidade he paciente, benigna, fiel, tudo crê, tudo espera, e outras muitas virtudes que d'ella diz: porque o amor de Deos, e charidade faz a alma tão prompta, e disposta pera todas as virtudes, que sem trabalho, e com gosto folga de exercitar cada huma d'ellas, por se parecer com seu amado Jesu, e contental-o.

Em conclusão, sobre estes fundamentos, que nascem da consideração continuada dos trabalhos de Jesu, que são amor, resignação, e imitação, não se pode dizer em particular a grande riqueza de bens, e graças que Deos dá, e communica de si ás almas que com fidelidade n'este santo exercicio perseveram. Basta que ellas o experimentem com o mel que tiram da pedra Christo, e suaves oleos que sempre manam das Cruzes, que aos olhos do mundo parecem duros seixos: em os bens, que os trabalhos de Christo nos merecerão, que por Cruzes se communicam, vem quam propria escada ellas são do Ceo. Aqui começamos a subir, aqui nos alevantamos, e crescemos, aqui nos fazemos perfeitos, e consummados (**). Porque assi como Christo se fez tudo a todos, assi em todos os estados do espirito quiz que n'elle achassemos guia, caminho, verdade, vida, e perfeição (***). Assi que pera tirar da consideração dos trabalhos de Jesu os fruitos da vida, ha de caminhar no exercicio d'elles com os olhos, e intenção, em ascender em si amor do Senhor, e offerecer-se, e entregar-se fiel, e confiadamente a elle, e mover-se a continuos desejos de o imitar.

Pera isto tenha diante dos olhos duas considerações. Huma, quanta razão he que guardemos nós na terra com Christo a lei que elle guarda

(*) 1. Corinth. 13. (**) Deuter. cap. 32. S. Bern. Serm 1. Ded. Eccles. (***) Joan. cap. 14.

comnosco no Ceo. Da qual diz S. João (*), que seremos a elle semelhantes, e o veremos como elle he. E quer dizer que será Deos no Ceo tão fiel amigo, que não só nos dará clara vista de si da maneira que elle he, mas tambem nos fará a si semelhantes na gloria: da mesma maneira com fidelidade ha de pretender a alma, não só ver os trabalhos de Christo pera d'elles tirar os bens, que por elles nos mereceo, mas parecer-se a elles em os imitar, e tomal-os da sua mão com sujeição como verdadeiros thesouros do Ceo. Assi diz o mesmo S. João (**), que quem diz que está em Christo, ha de andar como elle andou: quer dizer, que quem cuida que ama a Christo, e por amor está a elle unido, n'isto o ha de mostrar; que nos trabalhos, e vida, e obras por onde elle andou, por ahi o ha tambem de seguir, e imitar.

A outra consideração he, que assi como o Senhor se não contentou com pouco pera se parecer muito comnosco nas miserias, e trabalhos: assi nós não nos havemos de contentar com qualquer sabor das cousas de Deos, ou ter por máo qualquer trabalho. Mas sempre em todo lugar, em toda cousa, em todo genero de trabalhos havemos de folgar de mostrar a este Senhor o amor que lhe devemos, e ter isto por principal officio, e intento da vida, com perseverança até morte, que he a que coroa (***). Porque se tomamos as cousas divinas, e do espirito só como cousas boas, pera passar bem huma huma hora n'ellas, esta passada, todas as outras vão mais desaproveitadas, e estimamos menos perder aquella boa hora. Mas se tomamos estas cousas do espirito como tão importantes, e como principaes da vida, e como taes as desejamos, e buscamos, crescem, e dão fruitos de perfeição de vida eterna.

He verdade, que de toda maneira se tira algum proveito, mas não se pode comparar o que se faz com esta estima, ao que se faz como cousa de menos importancia. Disse tudo isto S. Cypriano em huma palavra: «Bastas tu a Deos? Baste-te Deos a ti» (****). Porque já que Deos me teve a mim por hum dos principaes intentos de seus trabalhos, e vida pera me salvar, que muito que o tenha eu por principal intento da vida pera sempre o buscar, amar, e imitar? Lembre-nos pera isto, que o primeiro acto de vontade de Deos feito homem, na hora que foi concebido, com que logo nos mereceo quantos bens por elle temos, foi amorosa, e voluntaria obediencia, ao que o Padre eterno queria que elle por nós padecesse. A pri-

(*) 1. Joan. cap. 3. (**) 1. Joan. cap. 2. (***) Math. cap. 10. (****) S. Cyprian. Serm. de Ascens.

meira palavra que d'elle escreve S. Lucas (*), foi que disse, que nas cousas de seu Padre lhe cumpria occupar-se: e que a derradeira palavra em que acabou, foi dizendo: «Em tuas mãos, Padre, encommendo meu espirito.» De maneira, que Christo todo se resumio em amar, obedecer, e padecer, pois n'isto começou, n'isto continuou, e n'isto acabou a vida. Por onde seus verdadeiros amigos tem por perdida a parte d'ella, que no amor, e intenção dos trabalhos d'este Senhor se não emprega.

AVISOS DO MODO QUE SE HA DE TER

PERA TIRAR O FRUTO QUE SE PRETENDE DA LIÇÃO, E CONSIDERAÇÃO DOS TRABALHOS DE JESU

Buscam sempre avisos os que começam, e desejam de mudar a vida, e transformal-a á imitação de Christo nosso Senhor, pera saberem o modo que hão de ter em procederem em seus exercicios: porque o descostume da conversação espiritual de Deos (por nossos peccados) a faz ser difficultosa de entender, e trabalhosa de exercitar, sendo a mais propria de todas, e a mais natural á alma. Pelo qual os principiantes como novos e não experimentados, necessariamente hão de ser ajudados, até que saibam por si proceder, e caminhar, e não tenham necessidade de se atar ás palavras, e escrituras. Porque Nosso Senhor, a quem persevera, dá palavras, motivos, sentimentos, luz, e affectos interiores, com que o coração se dilata pera correr confiadamente no caminho do Senhor, e o entendimento he alumiado no conhecimento das verdades catholicas, e a vontade se acende em amor do que crê, e do Senhor que dentro de si communica e se lhe descobre: onde ensina mais em hum momento, que os livros e doutrinas em largo tempo. Mas em quanto esta bemdita hora não chega, ou quando este divino Sol de justiça torna a encubrir seus raios, tem necessidade os principiantes de usar da lição santa, e doutrina catholica, com que a alma vá caminhando sem se deter em buscar este Senhor.

Pera isto he conselho dos santos, que os que não sabem caminhar, ou em quanto Deos de dentro não ensina, ou leva a alma (como muitas vezes faz aonde acha disposição, ou quando vê que cumpre) tenham sem

*) Luc. cap. 2.

pre antes da oração, lição. Porque a doutrina persuade o entendimento, e enche a memoria de bons pensamentos, e a recolhe, move a vontade, acende muitas vezes, e inflamma o fogo do espirito, abranda a dureza, e secura da alma, e a encaminha pera saber proceder na oração. Todavia á gente nova n'este negocio da meditação, e recolhimento interior, acontece-lhe muitas, ou as mais das vezes, acabada a lição, de que ficam enternecidos e abalados, tornarem á secura com que entraram por não saberem proceder na meditação, e alevantamento da alma a Deós, e assi se tornam como entram. O qual se sem guia dura muitos dias, pela maior parte ficam com medo ao recolhimento, e se esfriam, e deixam o caminho começado. Pera isto seria mui importante, se podesse ser, haver mestres, que mastiguem as cousas aos principiantes, e que conforme aos talentos, que n'elles veem pera as cousas espirituaes, assi os vão levando, e alevantando mais, ou menos pelo caminho que Deos descobre que os quer levar: ou por odio proprio das culpas, ou por affectos suaves da presença do Senhor, ou por aspirações, e desejos d'elle, ou por outros muitos modos, por onde Deos leva as almas, como chega a sua hora. Porque ainda que o fim he todo hum, que he unir por amor, conformar por imitação, e entregar por resignação a Deos, todavia os modos interiores pera chegar a isto, são mui differentes: que he huma das mais admiraveis maravilhas das obras de Deos, em que mais mostra a riqueza de seus thesouros, e sabedoria. Quem tem mestre aproveita muito em pouco tempo, se tem sujeição. Como se vê nas Religiões bem ordenadas, e fundadas no exercicio das cousas espirituaes, pera que foram principalmente instituidas. Onde os noviços são criados por mestres espirituaes, e experimentados, que lhe vão dando pera cada dia os exercicios, e pontos, que hão de meditar, com a entrada, modo de proceder, e o cabo do exercicio, e lhes mastigam as cousas e os levam conforme ao caminho, que lhes Deos abre, até abrirem os olhos, e conhecerem a pura oração, e conversação de Deos, e saberem n'ella por s proceder. E assi em breve tempo fazem grande mudança da vida mundana, de que sahiram, á vida espiritual, que nunca gostaram, e que á Religião foram buscar.

Assi as Religiões onde vemos conservar este modo de criar noviços, em que todas começaram, com o exercicio das mortificações, que n'ellas ha, estão povoadas de muitos varões espirituaes: mas onde se não trata tanto

d'isto, ha muitos homens de bem, mas fracos monges. Por onde os Prelados, que não encarregam a criação dos noviços aos mais experimentados nas cousas do espirito, e os mestres d'elles, que d'isto não tratam muito principalmente, fazendo mais conta do exterior, elles são os verdadeiros relaxadores da observancia, porque trazem as tetas sem leite, com que os novos enfraquecem e debilitam.

Mas porque não podem todos ser Religiosos, nem achar mestre a que se commetam, de que por nossos peccados ha muita falta no mundo, sirvam-se pera o modo de proceder em seus exercicios, da lição dos livros (se os acharem) que ponham em pratica o exercicio da maneira que n'elle se ha de proceder. E faltando estes busquem algum Confessor servo de Deos, ou amigo espiritual, a quem dêm conta de si. E sobretudo continuem o uso dos sacramentos, pera purifficar a alma, que he o principal meio pera ser de Deos allumiados. E quando tudo faltar, não falte a pura intenção de contentar a Deos, nem a humildade, perseverança em os bons exercicios, do modo que souber: porque fiel he Deos, que nunca faltou em nenhuma necessidade, e muito menos faltarão estas tão importantes, nos que com humilde coração o buscam.

Por isto já que recopilei os Trabalhos de Jesu em cincoenta, pera os atribulados, que com ellle se quizerem consolar, pera não faltar á mais necessitada gente, que são os principiantes, que se quizerem d'esta obra aproveitar; levo pera elles esta ordem.

Primeira a historia do trabalho do Senhor com alguma doutrina, que sirva de lição com que a alma se vá recolhendo pera entrar no exercicio. Depois ponho o exercicio na fórma em que se póde fazer, em quanto não chega influencia divina, porque quando ella se sente, he necessario ouvir só ao Senhor, e calar por então tudo o outro em si.

Todos os exercicios tem tres pontos principaes, humiliação do proprio conhecimento: entrega, e offerecimento de si com resignação nas mãos de Deos: e desejos da imitação de Christo, e de se parecer com elle, e tudo com aspirações e actos affectuosos de amor. Porque a estas tres cousas (como temos dito) ha de ter olho em toda a vida, em todas as obras, e exercicios, o que se quer n'elles aproveitar. Tambem tem todos os exercicios, adorações, petições, fazimento de graças, pera que por todas as vias se mova, e inflamme a vontade, quanto for possivel, pera se unir por amor, e se cativar da fermosura, e bondade do Senhor que busca. Não

me atei a certa ordem n'estes pontos, por ir o espirito mais livre, e mover melhor o affecto pera o que o deseja.

Mas pera tirar mais proveito de seus exercicios tenha estes avisos, assi pera mudança da vida, como pera proceder n'elles.

1 Pera aproveitar muito, trabalhe o que se quer aproveitar, por mudar a vida, satisfazendo a Deos pelo passado, com pura, e geral confissão. E trabalhe por conhecer em si a que defeitos he mais inclinado, pera se armar contra elles, e suas petições hão de ser contra elles mui continuas, e pelas virtudes contrarias a seus vicios. Principalmente ha de pedir a Deos sempre humildade, e amor, porque estas duas virtudes são as que de todo alimpam a alma do que a Deos n'ella descontenta, e que habilitam pera as mercês de Deos.

2 Trabalhe por saber muito bem as obrigações de seu estado, e cumprir com ellas mui inteiramente, e entender que isso he o que Deos d'elle quer. E sobre este fundamento faça todos seus exercicios sem cortar pelas obrigações do estado: tendo por certo o que diz S. Bernardo, que não contenta a Deos tudo quanto lhe offereceis, deixando aquillo que por obrigação lhe deveis (*). Chamo estado o de vida religiosa, prelasia, cargo do governo, officio de justiça, de casado, ou de viuvo, e solteiro com obrigação de familia; e chamo obrigações ás da lei de Deos, e não da vaidade. As quaes como não forem muito claras, e sabidas, se devem praticar com pessoas doutas, e virtuosas, que temam a Deos, e que falem não ao sabor da gente, senão ao que cumpre pera gloria de Deos, e bem das almas e seguir seu conselho.

3 Tendo a Deos satisfeito por pura, inteira, e geral confissão, e sabidas as obrigações de seu estado; mude, e ordene todos seus cuidados, obras, occupações, e negocios da vida aos intentos da vida espiritual, como a sobre tudo importantes, e principaes, pera trabalhar quanto em si for por não usar das cousas da vida senão de modo, que não impidam estas: as quaes ha de ordenar toda a vida entendendo, que huma maravilha da graça, e espirito de Deos he, que todo o estado de vida licito, e que a lei de Deos não reprova, se póde acommodar a estes intentos espirituaes, e por elles governar-se em tudo. E sem duvida experimentará em si a grandissima fidelidade de Deos, que as obrigações, que parece que de seu genero mais impedem o recolhimento, essas lhe servirão as mais das vezes de motivos, pera desejar com mais força a pre-

(*) S. Bernard. Serm. Ecce nos relinquimus omnia.

sença de Deos: e elle, secreta e interiormente, visitará com suas divinas influencias pera que lhe não faça nojo o que por obediencia de sua lei o occupa.

4 Trabalhe nas cousas, e obras, que quizer fazer, e nos conselhos que pedir, pretender a gloria e honra de Deos. Mas não se contente com não ser peccado o que deseja fazer, mas busque sempre o mais perfeito, segundo a calidade de seu estado: e coteje seu desejo com o que Christo nosso Senhor faria n'aquelle caso, se n'elle se vira, conforme ao exemplo qne de si nos deixou. Porque d'esta maneira, andará como verdadeiro imitador d'este Senhor, e ao menos evitará peccados, que não he pequeno fruito, e muitas vezes seguirá o mais perfeito.

5 Trabalhe por ter vida òrdenada, e occupada: porque a natureza regrada, e ordenada cria menos malicia, e conhece-se melhor, e acha o demonio menos entrada pera tentar. Entende-se esta regra, e ordem no comer, dormir, e em ter hora certa pera recolhimento, e oração, cada dia costume de ouvir missa, dias certos pera usar dos sacramentos, que devem ser a meudo pera alimpar a alma, officio divino, ou orações vocaes particulares, devação particular a nossa Senhora, e a alguns Santos, a que se encommende cada dia como a advogados seus, e peça seu favor em todas suas necessidades: e examine cada dia a alma, assi das culpas, como do aproveitamento, e com renovação dos bons propositos. E assi tenha por costume ordinario, não começar cousa alguma, nem se determinar em cousa nova que lhe succeda, sem primeiro se encommendar, e offerecer ao Senhor, e pedir-lhe sua graça, e favor, e luz pera acertar o que for sua vontade, e gloria, ainda que seja muito brevemente, alevantando o coração a Deos, o que pode fazer em qualquer parte que se achar sem ser sentido.

6 Tome da mão de Deos tudo o que na vida lhe succeder de gosto, ou de desgosto, e tudo quanto no mundo succeder de mal ou bem, e por tudo louve sempre ao Senhor. E ainda que veja alevantar em sua natureza sentimentos contrarios a este proposito, e que por força, e com força o levam á tristeza, impaciencia, alvoroço, ou qualquer outra alteração da humanidade, não deixe de se tornar a Deos, ainda que seja como a rasto, e louval-o pelo que faz, e permite, e pedir-lhe que não o julgue pelo brutos sentimentos de sua natureza, mas pelos santos pro-

positos que por sua misericordia lhe dá; e com isto se quiete quanto poder nos movimentos, e fraqueza da humanidade.

7 Encubra quanto poder as particulares mercês que de Deos receber, salvo áquellas pessoas espirituaes, que tiver tomado pera seu conselho, ás quaes ha de guardar fidelidade em tratar de si com ellas pura e clara verdade. Mas guarde-se que pera encubrir as mercês de Deos não faça cousa que seja ou pareça peccado, e de que com razão o proximo, ou o fraco se possa escandalizar.

8 Porque as tentações são muitas, e mui varias: assi as que provocam a peccar, como as que impedem o exercicio das cousas espirituaes, e he materia tão larga, que se não pode aqui tratar d'ella; tenha dous avisos geraes. O primeiro, que haja medo de toda a cousa a que se sentir muito inclinado, e affeiçoado, ainda que pareça boa, porque toda a cousa fóra do puro Deos, que com muita inclinação se busca, ou com pena se deixa, desordenadamente se ama: e qualquer desordenado amor he raiz de muitas tentações, e grande impedimento pera alcançar o conhecimento, e amor de Deos puro, que se pretende. O segundo que não dê entrada voluntariamente a nenhum pensamento de tentação, que o possa perturbar: mas logo no principio resista, com se encommendar, e offerecer ao Senhor, apresentando-lhe diante de seus olhos interiormente com humildade aquella batalha, e sua muita fraqueza: pedindo-lhe que valha a huma tão pobre creatura: se a tentação for importuna, dê conta d'ella a algum servo de Deos, e seguramente obedeça a seu conselho. E faltando este, chegue-se ao sacramento da confissão, e communhão, pera receber n'elles graça pera pelejar, e vencer. E se faltar apparelho pera isto, continue muitas vezes com chamar a Deos em seu coração com humildade, e a Virgem nossa Senhora, e toda a corte celestial, e o sangue e chagas de Christo, e offereça ao Senhor todo o trabalho que nas tentações padece, e a victoria d'ellas que Deos lhe der, pelas almas do fogo do Purgatorio. E sobre tudo trabalhe por tirar toda a occasião de tentação; porque nunca o forte deixou de cahir, se por vontade se meteo nas occasiões: e as mais das vezes os fracos se fazem fortes, e vencem fugindo d'ellas. Particularmente saiba o que se quer exercitar nas cousas do espirito, que as tentações da carne, e as da soberba são que mais direitamente encontram todos os bens do espirito. Mas não se deve nunca o tentado de ter por desemparado em quanto lhe abor-

rece a tentação, e pede com humildade o favor divino: nem deve deixar nunca seus exercicios por mais cançado que se veja de suas tentações: porque isso seria fugir do medico, e da medicina. Nem he pequeno proveito apresentar-se o atribulado diante dos olhos do verdadeiro consolador, lançando-se a seus pés, tal qual alli está, oTerecendo-se liberalmente a tudo o que o Senhor quizer que elle padeça, e confiado seguramente de sua grande bondade, e misericordia, crendo fidelissimamente que elle vê tudo com sabedoria, e o ordena com amor, não pera o perder, senão pera o salvar.

9 Isto que temos dito da mudança da vida e da pureza dos desejos, e obras que queremos fazer, e peleja das tentações, importa muito pera que a alma quando se chegar á oração, não ache em sua consciencia remordimento de cousa fresca que lhe cause pejo, e lhe tire a ousadia de chegar ao Senhor, porque lhe será grande impedimento pera a quietação, que se requere pera o exercicio. Mas quando tiver cahido em cousa que com razão se deva correr de aparecer ante o Senhor, com essa mesma vergonha se humilhe e offereça diante de seus olhos divinos, e misericordiosos, conhecendo que nenhum outro remedio quiz este Senhor que tivessemos, depois de o ter offendido, senão buscal-o a elle mesmo e apparecer com vergonha diante d'elle, por meio da contrição, e sacramentos. E com este acto de humildade não deixe seu exercicio, porqne deixal-o não he conhecimento proprio, mas he secreta, e fina soberba, que não queria ter cousa que a abatesse.

9 Tenha da sua parte entendido e presupposto, o que se exercita, que por sua virtude, e merecimentos não ha de alcançar o que deseja, e que em tudo o que faz, não faz mais que dispor-se, e apparelhar-se pera Deos se lhe communicar, e obrar n'elle com seus doens o que sabe, e póde. E quando n'isto com a graça de Deos perseverar, e por fiel a Deos sem tornar atraz, renovando-se no proposito, e caminho que leva, cada dia mais, que não tem feito pouco. Fie-se de Deos, que fará em sua alma sua obra da maneira que mais cumpre pera gloria d'esse mesmo Deos, e pera sua salvação. Guarde-se não queira ser juiz de seu aproveitamento, nem saber, nem esquadrinhar as obras de Deos em si, porque nosso Senhor muitas vezes faz as obras que desejamos, sem nós o entendermos, porque assi nos cumpre. Outras vezes no-las dá a conhecer logo, outras mais tarde, e quer elle que isto se fie de sua bon-

dade, e que nós da nossa parte nos tenhamos sempre por minguados, e necessitados, e imperfeitos, e como taes não cancemos de chamar, e bater fielmente, e com isto nos contentemos.

10 Quando se achar duro, e seco no exercicio, leve o exercicio ao cabo o melhor que poder, porque não sahirá sem fruto, ainda que o não sinta: porque Deos não nega sua graça a quem faz o que em si he, e persevera. Mas quando sentir que lhe dá o Senhor brandura de coração, e que tem disposição para se deter nas cousas, não passe do que o inflammar, e enternecer, em quanto dura aquella faisca, ainda que n'ella gaste toda a hora do exercicio, sem o levar ao cabo; porque assoprande-a, póde vir a ser viva braza, e crescer em chamma de amor, com que faça Deos na alma a mudança desejada, e a obra que se pretende. E vendo que se vai apagando aquella faisca, torne a proseguir os pontos do exercicio, levando sempre a alma livre pera se inflammar em amor do Senhor, em qualquer parte que lhe Deos communicar seu divino fogo: porque como isto he o que se pretende, tanto monta alcançal-o com hum só ponto, e motivo do exercicio, como por todo elle ou por muitos.

11 Trabalhe muitas vezes entre dia por se offerecer ao Senhor: louvar seu santo nome, e sua gloria: chamal-o em sua ajuda: dizer-lhe palavras brandas com o corpo, e alma, quando se achar só, abraçal-o com quanto amor poder: em todo o tempo, e lugar suspirar por elle, pera ir sustentando sempre, e lançando lenha no fogo com palavras, e aspirações brandas interiores, com a maior dissimulação exterior, que poder: porque muitas vezes lhe acontecerá dar-lhe Deos, estando descuidado, o que lhe negou na hora da oração, pera que veja que tudo se deve a elle, e não a nosso trabalho, e com isto acende nosso amor, humilhando nossa soberba.

12 Tenha duas mui importantes lembranças sempre mui vivas. Huma pera consolação de seus trabalhos, e tentações: que nunca Deos dá trabalho, nem tentação, senão por medida, tanto quanto cada hum pode com sua graça vencer, e aproveitar. E segundo diz o santo Isaac no livro que fez de Religione (*), ainda que nós sintamos primeiro o trabalho, e a tentação que a graça: porém Deos como fiel amigo, e que sabe nossa fraqueza primeiro nos dá graça, e favor pera pelejar, e vencer, que a tribulação. Pelo qual já que isto vai por medida, muito obrigado está a não amostrar fraqueza, mas pelejar com confiança. A outra, que se

(*) S. Isaac, lib. de Relig. seu de Contemptu mundi. Biblioth. Vet. Pat. seculo VI.

lembre, que tem a Deos presente em todo lugar, e renove esta lembrança muito a miudo, pera que em todos os negocios da vida com reverencia, e temor viva diante dos olhos do Senhor, que o vê: principalmente quando está em negocio, ou com gente, ou em occasiões de distracção : porque por este meio, e com perseverar em tudo o mais que temos dito, e que de outros livros, e de servos de Deos experimentados, e de muitas divinas inspirações aprenderá, terá o Senhor por bem de lhe abrir a porta, e desfazer o nevoeiro, e dar-lhe entrada na casa de seus suaves, e cheirosos vinhos de seu amor, e ordenar em sua alma a charidade: onde fallando elle, cessarão as humanas lingoas, e na paz, e n'elle mesmo dormirá, e descançará. Oh quem visse já esta hora! Dai-a Senhor, quando cumprir a vossa honra, e gloria.

MODO QUE SE HA DE TER NA HORA DO EXERCICIO

Chegada a hora do exercicio, lembre-se que tem a Deos trino, e uno presente, ou dentro em seu coração muito mais intimo que seu interior, ou em sua magestade sobre si, a cujos pés está como huma miseravel creatura, ou cercado de toda a parte d'elle ou de sua bondade, como hum pequeno peixe no meio do mar, d'elle, e n'elle está de toda a parte alagado, ou como huma pessoa que no meio do campo está cercado de todas as partes do Sol, que por todas ellas lança n'elle seus raios. Porque vendo que tem perto de si ao Senhor com quem trata, que o vê, e sabe todo o seu iuterior, e se não póde enganar, estará diante d'elle com maior reverencia e cuidado, fé e esperança, confiado que o não desamparará, mas antes o ouvirá, e ajudará.

Cuide, e lembre-se dos mysterios em que se exercitar, não como passados, senão como que se acha presente a elles, e n'aquella hora os visse; porque ainda que na execução, e obras são já passados, não passou a virtude d'elles, nem passou o amor com que o Senhor os obrou, mas está hoje tão vivo, tão infinito, tão sem mudança, tanto o mesmo, e não outro, como quando vivendo n'esta vida mortal por nosso amor padeceo, e morreo. E como elle está presente, e actualmente ardendo no mesmo amor com que tudo fez por nós, e em tudo tem agora tão presente e actual gosto, que se fosse necessario o tornaria de novo a passar: tambem devemos nós de tratar suas cousas, não como passadas, senão como presentes: porque tambem buscamos nós n'ellas o fruto, e

proveito, não como de cousa acabada, mas como de cousa viva, e eterna. E assi deve pôr os olhos no Senhor, e abraçar-se com elle crucificado, e atribulado, e fallar com elle como se o visse, e acompanhasse n'aquella hora.

Entrando no exercicio, recolhidos os sentidos interiores, e exteriores com a devida reverencia, ao Senhor, que tem presente, faça o sinal da Cruz e reze hum Pater noster ao mesmo Senhor, e huma Ave Maria, pedindo ajuda á Senhora da vida e misericordia. E isto não ha de ser como por cumprimento, mas com sentimento, indo-lhe o coração apolas palavras, alevantando affectos, e fervor. Porque o que se exercita, ha de trabalhar por não perder tempo nenhum na hora do exercicio: mas que tudo, pouco, e muito ajude affervorar, e recolher, e alevantar a alma a Deos, e enternecer-se. E pera os qne não sabem, o direi aqui em breves palavras, não pera que o que se exercita diga estas com a boca, mas pera ver como ha de andar o coração alevantado, e ocupado apolas palavras, que com a boca n'estas orações diz a Igreja, e como souber encaminhar o affecto, muito melhor o sente o coração do qne o póde por palavras dizer. E por isso as palavras que aqui acrescento, além das proprias d'estas orações, he melhor il-as sentindo, que dizendo, ou quaesquer outras, que Deos der pera ir enternecendo, e abrandando o coração.

«Pelo sinal salutifero da Cruz minha fortaleza, e dos fracos, livra-nos Senhor amigo verdadeiro, e Deos nosso de nossos inimigos, contra quem nada sem ti posso. Em nome do Padre, que como filho me ama, e do Filho que como irmão me abraça, e do Espirito Santo, que com seu amor me abraza, e purifica.

«Padre nosso amantíssimo: Que estás nos Ceos, que me vês, e te não vejo, mais que com o desejo: Santificado, e conhecido, amado, e adorado seja teu santissimo nome de mim, e de todas as almas. Venha n'esta hora a nós desterrados de ti, o teu reino, nem reine n'esta alma outrem senão tu. Seja feita em mim sem contradição toda tua vontade, assi na terra, e com tanta sujeição, e amor, como se faz no Ceo. O pão nosso de tua graça, e ajuda de cada dia, sem o qual nada podemos, dá-nol-o hoje, e n'esta hora pera que se saiba buscar, abraçar e amar. Perdoa-nos, Padre amantíssimo, com misericordia, nossas dividas, tantas, e tão enormes, que contra tua bondade tenho commetido. Assi como nós por ti, e por teu amor, com todo meu coração quanto posso, per-

doamos a todos nossos devedores tudo quanto contra mim tem feito, com quanta vontade devo. Não nos metas em tentação, nem me desampares, Senhor, n'esta hora, que sabes, que sem ti não posso, nem sei nada. Mas livra-me por tua bondade de todo o mal, e muito mais de mim que sempre fui contra ti, e contra o bem de minha alma. Amen.

«Oh Madre de Deos minha Senhora, e valedora, Rainha dos Anjos. Ave Maria estrella, e guia dos peccadores, e necessitados: Chea de graça, não só pera ti, mas pera mim, quando a ti me chegar. O Senhor he comtigo pera por teu meio ser comigo. Benta és tu sobre todas as mulheres, e aceita ao Senhor, e segura, e certa terceira nossa. Bento he o fruto do teu ventre: fruto de vida, e remedio de minhas miserias, Jesus meu amor, e meu Salvador. Oh Santa Maria minha Senhora, e valedora, Madre de Deos, Mãi dos peccadores. Rogai, Senhora minha, por mim peccador, e por todos os peccadores agora n'esta hora, em que busco a meu Senhor, pera que o ache, e me receba por vosso meio. E na hora da nossa morte, pera que com vosso unigenito Filho, pera sempre vos veja, minha Senhora. Amen.»

Depois lea hum dos trabalhos que o Senhor passou, e a doutrina que n'elles achar, devagar, com attenção. E se na lição se achar movido, va-se após o movimento que Deos lhe dá, em quanto dura, e cesse a lição pera tornar a ella cessando o movimento interior. Acabada a lição, logo com aspirações suaves ao Senhor, como se o visse com seus olhos n'aquelle trabalho, lhe falle brandas palavras, que Deos lhe dará, ou sem palavras affectos suaves da alma, de agradecimento, de vida e de amor. E entre no exercicio, levando sempre a memoria no Senhor com quem falla, e usando do que aqui se escreve só pera entrada, ou caminho pera o amor fazer seu officio, o qual nunca se ha de impedir, mas antes assoprar, e afiçar, porque isto he o que se pretende.

Occupe o menos que poder o entendimento, porque como alcança pouco em quanto a alma está cativa n'este corpo, n'esta vida mortal, basta que sirva de abrir porta á vontade, e amor, pera fazerem seu officio. E se lhe Deos fizer mercê que callem os discursos do entendimonto, e imaginação, e sentir em sua alma huma suave paz, e repouso, chea de admiração do que em Deos com a viva, e allumiada fé vê, ou de sentimento de dôr, do que lhe vê padecer, e de o ter offendido, ou desejo e [illegible] de toda a creatura amado, e servido, ou de inflammação de [illegible] se abraça, e apega ao Senhor, ou algum movimento inte-

rior que o ajunta, e embebe no Senhor, e a elle o alevanta, que tem presente: persevere n'esta paz quanto poder, sem dar entrada a nenhum outro pensamento por santo que seja. E isto não porque os santos pensamentos possam fazer mal á alma, mas porque n'esta paz, e alevantamento de alma recolhe ella, e logra o fruto dos santos pensamentos, e como não pode juntamente estar occupada em muitas cousas differentes, pode muito bem ser, que seja tentação, no tempo que ha de recolher o fruto dos pensamentos bons, atravessarem-se-lhe outros, pera que assi nem de huns nem de outros tire o fruto desejado, e por isso he melhor perseverar na paz, e socego interior, e affectos do amor, em quanto nosso Senhor os dá, e depois aproveitar-se de outros pensamentos santos pera o mesmo effeito. Como a ovelha, que quando está descançada remoendo, e gostando do que tem comido, não péga de outra herva por boa que seja, porque não pode o estomago com tanta cousa junta. Chegará aquelle bemaventurado dia da gloria celestial, onde desempedidas as potencias da alma do pezo d'esta carne terrena, se alargará cada huma d'ellas em seu mar sem fundo de amor, sabedoria, e conhecimento de Deos juntamente, sem haver cousa que lhe possa impedir seus officios. Acabada a hora, e tempo que tomou pera o exercicio, e oração, se esteve n'elle braudo, e visitado do Senhor, alevante-se com suspiros, ou com paz, e socego, como quem leva a Deos comsigo, e com o mais recolhimento interior que poder, se vá ao que ha de fazer, suspirando muitas vezes ao Senhor, ou abraçando-se com tão bom companheiro, como comsigo leva, e trabalhe por conservar quanto poder aquella luz, paz, e fervor que lhe foi communicada, e n'aquelle gaste quantos momentos poder, atê chegar a outra hora de oração. E se se lhe offerecer cousa que o possa distrahir, com o mesmo fruto que da oração tirou, se deve de recolher.

Se estiver secco, e duro, e lhe parecer que não tem feito nada, e que perdeo o tempo do exercicio, e se vir cançado de seus pensamentos, que o combateram, e da seccura que o apertou, e attribulou, não se desconsole nem afflija, mas antes que se alevante do lugar d'onde está, alevante as mãos, e olhos, e coração ao Ceo o melhor que poder, e louve ao Senhor com as melhores palavras que poder; e póde dizer estas:

«Bemdito sejais meu Senhor, justo sois, e justo he vosso juizo. Bemdito sejais quando me consolais, e bemdito quando me desamparais.

Quem sou eu, pera querer ser de vós visitado? Vós sempre sois quem sois, e eu sou quem vós vêdes n'esta hora: sabeis que sem vós não posso, nem valho nada. Tudo fazeis como quem sois, e por tudo vos dou infinitas graças: faça-se vossa vontade, e não a minha. Não me desampareis meu Deos, nem me deixeis em mãos de meus inimigos, e peccados.»

Feito isto attente bem, e cuide no que o distrahio, e veja se teve n'isso culpa, ou por descuido da mesma oração, ou por cousas que tivesse feito, antes d'ella, culpaveis, e confesse-se por peccador culpado ante o Senhor, e reze algum psalmo, ou Pater noster em satisfação, e humilhando seu coração a Deos o vá louvando com a boca, senão com sentimento do coração, muitas vezes o nome, e juizo do Senhor. Nem cuide que sahe mais desaproveitado, quando sahe humilhado da oração, e castigado, que quando sahe devoto, e visitado: porque nosso Senhor, como verdadeiro medico de nossas almas, e que mais que nós deseja nosso aproveitamento, trata-nos, quando a elle chegamos, como elle sabe que nos cumpre. E por isso quando entramos na oração, não havemos de levar olho na consolação, mas renunciados n'elle voluntaria, e liberalmente, pera que nos trate como elle for mais servido, e havemos de sahir d'ella humilhados, e tanto agradecidos pelo açoute, como pelo favor, porque hum, e outro he da mão de pai amorosissimo.

Serve muito pera trazer a alma recolhida, e andar mais prompta pera a oração, dar ao Senhor as primicias do dia, alevantando o coração a elle, logo em acordando pela manhãa, trabalhando por ter algum amoroso sentimento de sua presença, e depois entre dia (como temos dito) lembrar-se d'elle muitas vezes com aspirações suaves, e adormecer no cabo do dia, abraçado com seus pés, e companhia. Porque quem não traz cuidado do recolbimento de sua alma, e a sólta por todas as cousas que a podem distrahir, e deixa o recolhimento interior só pera a hora da oração, e exercicio, poucas vezes n'ella estará recolhido. Mas de toda a maneira he bom, e proveitoso ter horas determinadas de recolhimento, e oração: porque misericordioso he o Senhor, que n'ellas porá em nós os olhos de misericordia, e fará comnosco, não como quem nós somos, mas como quem elle he.

E pera emendar todas as faltas da alma importantissima cousa he, ter cada dia exame, pelo menos huma vez pera se reformar, e pedir misericordia ao Senhor, o qual se pode fazer d'esta maneira.

MODO QUE SE HA DE TER NO EXERCICIO DO EXAME QUOTIDIANO

Deve de ter, o que quer muito aproveitar, alguns propositos mui firmes, e importantes pera bem da alma, huns geraes pera todo o tempo, outros particulares, conforme as mudanças do tempo, e negocios. Os geraes parece que devem ser estes:

1 Ter continua guarda em seu coração, pera não deixar por vontade fazer n'elle detença pensamento, desejo, ou cousa que possa offender os olhos de Deos.

2 Trazer muitas vezes á sua memoria què tem a Deos presente, pera o louvar, e adorar com amor, e reverencia.

3 Não deixar passar nenhum defeito interior, nem exterior, sem logo secretamente com dor, e pezar d'elle pedir humildemente perdão ao Senhor.

4 Não se determinar em nenhuma cousa, que a alma deseje, conselho, ou negocio, sem primeiro se encommendar a nosso Senhor pera acertar com sua vontade, conforme ao tempo que pera isso tiver.

5 Enfrear os sentidos, principalmente a lingoa, pera que se não espalhe por cousas, de que a razão não saiba dar conta.

6 Fazer aos proximos de qualquer qualidade que sejam, tudo quanto bem poder, e alargar n'isto a vontade de maneira, que antes falte a possibilidade, que ella.

7 Não soffrer no coração por muito pequeno espaço rancor, ou desgosto do proximo, sem pelejar contra elle encommendando-o a nosso Senhor.

8 Não soffrer em sua alma peccado sem ter d'elle particular dôr, e buscar-lhe remedio de confissão, principalmente se for mortal, o mais depressa que poder.

9 Ter conta com os particulares exercicios, e devações, e inspirações que nosso Senhor lhe der, pera não deixar de os cumprir por tibeza. E acudir com alevantamento da sua alma ao Senhor, quando, e em qualquer parte que sentir, que Deos por interior movimento tira por ella.

10 Ter conta com as cousas a que he mais inclinado, assi más, como boas, pera trazer sempre o freio na mão do temor de Deos, pera fugir de toda a occasião de mal, e peccado, e ordenar-se em tudo, como cumpre a gloria de Deos, e bem da sua alma.

11 Não ser atado a seu proprio parecer, e vontade, mas folgar de fa-

zer antes a vontade alhea que a sua, no que não for offensa de nosso Senhor.

12 Não presumir de si, nem fazer as cousas de seu estado por estima de sua pessoa, mas pelo que cumpre á honra, e gloria de Deos: nem desestimar ninguem por culpas que n'elle veja; e todo o bem que em si vir, humilhar-se como de alheio: nem se antepor a nenhuma pessoa, por imperfeita que seja.

13 Dar graças a Deos por tudo o que succeder no mundo, e tomar tudo como da sua mão, e muito mais as cousas particulares que lhe a elle tocam.

A fora estes propositos geraes, deve ter o que se exercita outros particulares, conforme ao estado que tem, huns pera cumprir bem com suas obrigações, outros pera reformar em si os defeitos quotidianos, outros pera cortar occasiões que succederem, que podem impedir o aproveitamento da alma; outros pera ajudar a alma a mais aproveitar, outros pera regimento de seus negocios, e occupações ordinarias, occupação do tempo, conversações obrigatorias, officios, e cargos, e pera varios successos, que cada dia na vida se offerecem. Porque como a cousa que mais deve de trazer diante dos olhos o que quer contentar a Deos, he o aproveitamento de sua alma, e evitar offensas do Senhor, sempre ha de trazer vivo cuidado, como tratante, e mercador, de buscar invenções de ganhar sempre diante de Deos, e pera isto conforme aos tempos, e lugares, e occupações da vida deve renovar, mudar, accrescentar, ou diminuir seus propositos, porque, como diz Contemptus mundi(*), qual he nosso proposito, tal he o nosso aproveitamento: e pera que não haja frieza, nem descuido em cousa tão importante, he muito necessario tomar-se cada dia residencia, e examinar-se muito bem da guarda de seus propositos, assi geraes, como particulares, o qual exame se pode fazer d'esta maneira.

Feito o signal da Cruz, e dito o Pater noster, e Ave Maria, como já fica declarado, se apresente diante de Deos, como filho prodigo diante de seu Padre Eterno, que vê quam desbaratado e perdido he, e que só o póde remediar; ou como o Publicano que não vê em si senão peccados, e miserias, e não ousa a alevantar os olhos ao Ceo. Ou como a Magdalena aos pés do Senhor carregada de peccados, e que em todos se somete á sua misericordia. Ou como o Leproso, que de longe pedia ao Senhor que o alimpasse; ou como o servo máo, que não tinha com que pagasse o que

(*) Lib. I. cap. 19.

devia, e prostrado aos pés do Senhor lhe pedia misericordia; ou como huma vilissima, e baixissima criatura diante dos olhos da Soberana Magestade, e obrigadissima a infinitas miserias, e necessitadissima de suas misericordias. Com qualquer d'estas considerações, ou outra que mais o possa mover, e humilhar, apresentado diante da divina misericordia faça a confissão geral a Deos, e a toda a corte celestial com o maior sentimento da alma que poder: a qual acabada, cuide, e traga á memoria como guardou aquelle dia seus propositos, assi geraes como particulares, e as culpas em que entende que offendeo ao Senhor; em cada cousa d'estas, em que vir falta em si, tenha particular dor, e vergonha diante de Deos, e louve sua bondade que o soffre: e torne diante de Deos a reformar e renovar propositos contra as faltas em que se acha comprehendido, determinando de se confessar das culpas, que tem commettido: e feito isto com a mais humildade, e sentimento que poder, com o coração derribado aos pés do Senhor, e com o corpo tambem, se for necessario, falle com elle d'esta maneira.

«Eis aqui, Senhor, a vossa miseravel creatura, eis aqui a quem tanto amastes, e amais, e por quem tanto fizestes; tão desaproveitada, tão fraca, tão perdida como vós vedes. Eis-aqui o traidor a todas vossas mercês, e desleal em todos vossos serviços: tão largo em prometer, tão fraco, e miseravel em cumprir. Que será de mim, Senhor, sem a vossa misericordia? Sem vós Senhor, nem sei, nem posso, nem valho nada: sei peccar, e não me sei remediar; sei cahir, e não me sei alevantar; sei perder-vos, e não vos sei cobrar; sei lançar-vos de mim, e não vos sei buscar; sei offender-vos, e não vos sei contentar; se a vossa luz, e a vossa graça me não favorece, e ajuda. Vós vedes, Senhor, que tudo ha vir da vossa mão, a vontade, o desejo, e pôr por obra o que em mim inspirais. Oh amador benignissimo dos homens! Vós sois o verdadeiro amparo dos orphãos, vós sois o remedio dos necessitados. Eis-aqui o vosso pobrissimo, e miseravel peccador todo remettido a vossa misericordia, e bondade; lançai-me os olhos de vossa misericordia, e piedade, esquecei-vos, Senhor, de meus males, compadecei-vos de minhas miserias, e regai este miseravel coração com essa fonte viva de vossa eterna bondade. Oh luz verdadeira, não me deixeis em minhas trevas! Oh fortaleza infinita, esforçai minha miseravel fraqueza! Recebei, Senhor, meu desejo, ajudai esta pobre vontade, esquecei-vos do que vos mereço, e dai-me o que na Cruz me merecestes. Tal qual sou, vosso quero ser, suppri com vossa bondade o que falta a minha miseria. A bondade, Senhor meu, com que

mo dais a boa vontade, e desejo de vos servir, essa vos mova a fazeres em mim o que de mim quereis, pera que tudo seja honra, e gloria vossa. Amen.»

Acabado este offerecimento, humilde reze algum psalmo, ou alguns Pater nostres ás Chagas do Senhor, e a nossa Senhora, e aos Santos seus advogados, em satisfação de suas faltas, e pedindo ajuda, e favor pera emenda d'ellas, e alevante-se com cuidado de ser fiel a Deos em cumprir o que n'este exercicio do exame propuzer.

Entenda o que se exercita, que este modo de fazer este exercicio, e propositos, que se n'elle apontam, que hão sempre de andar vivos: he pera os principiantes que se desejam aproveitar, e chegar á perfeição. Mas depois que nosso Senhor com sua luz descobre ás almas a muita pureza que elle quer, nas que ha de ter unidas a si por puro amor: e lhes dá mais claro conhecimento de seus defeitos, e do impedimento que põem a suas soberanas operações, assi como com mais claros olhos interiores se vem, e conhecem, assi com mais rigoroso exame mais profundamente esquadrinham o secreto de suas inclinações, e affeições, não só viciosas mas naturaes: e tão rigorosamente sentem o imperfeito de sua natureza, que prouvesse a Deos, que tanto chorassem todos os peccadores os seus gravissimos mortaes, como estes seus argueiros. E como estes vivem na região da luz, que os ensina, não trato d'elles, mas aconselho aos que começam, que em quanto lá não chegam (se o desejam) não sejão largos dispensadores, e aliviadores de seus defeitos.

MOTIVOS QUE PODEM ACENDER A ALMA EM AMOR DO SENHOR ATTRIBULADO

Porque se não devem repetir as cousas muitas vezes, por escusar prolixidade, que em todas as cousas enfastia, quero aqui apontar algumas considerações, e motivos, que possa ter na memoria, o que se exercita nos Trabalhos de Jesu, pera se accender em amor do Senhor, e conhecer melhor a obrigação que tem de o imitar. E ainda que pela materia ser mui larga, não será possivel tratar de todos os motivos, que as obras de Christo de si dão pera ser amado, porque são tantos, e tamanhos, que requeriam grande tratado, todavia os que aqui apontarei, com outros que Deos ensinarà de dentro, sabidos, e lembrados, quando vir os trabalhos do Senhor, farão maior admiração, e darão grandes azas pera alargar a alma no exercicio.

PRIMEIRO

Padeceo por pura vontade sem obrigação.

A primeira cousa que da parte do Senhor póde mover a alma a muito o amar he, que voluntariamente por puro amor, que nos tinha, e tem, quiz padecer por nós muitos trabalhos, sem nenhuma obrigação que a isso tivesse. Porque nem o obrigavam merecimentos nenhuns dos homens, nem rigor de justiça, pois todos os filhos de Adão eram devedores, e peccadores. E ainda que suas promessas o obrigavam por sua verdade a cumpril-as, e em quanto homem a obediencia do Padre eterno, que tinha aceitado o obrigava a padecer, todavia sua livre vontade, e não divida o fez prometer, e obrigar-se a cumprir, e seu puro amor, sem outra nenhuma obrigação, acabou com elle, que se offerecesse a padecer. Porque como não era menor, mas igual ao Padre, a obediencia que teve não foi de pessoa mais baixa, e sujeita, mas de divina, e igual magestade, a qual como o mesmo Padre, e Espirito Santo determinou de tomar nossa carne, e n'ella por obediencia do Padre, não forçosa, mas amorosa, e voluntaria, padecer por nós. E como as cousas puramente voluntarias, e que nascem de puro amor, obrigam a muito, estamos obrigados a muito amar, e muito servir este Senhor: pois sem merecimentos de ninguem, sem rigor de justiça, nem divida obrigatoria, só pelo muito que nos queria, tomou sobre si nossas miserias, e penas.

SEGUNDO

Padeceo com gosto.

O gosto com que se atribulou por nós: o qual era tamanho, que ainda que a divina Escritura compara os trabalhos de Christo nosso Senhor a grandes mares mui empollados, causava em seu coração tamanha fome de trabalhos, que foram necessarios quantos padeceo pera lha satisfazer. Assi o prophetizou Jeremias, quando disse, que fartariam a nosso Senhor de injurias. Injurias he mantimento tão sem sabor, que bem olhado pelo que em si he, antes que chegue, já faz aseo, e enjoa. E se Jeremias o entendeo, pelo que as injurias são em si, pouco disse, porque mui pouco d'ellas bastava, não só pera fartar, mas pera com razão enfastiar muito ao Senhor: Mas quiz dizer, que o gosto com que o Senhor padecia por nós, seria tamanho, e causaria n'elle huma tamanha fome de trabalhos,

que por serem as injurias as mais penosas da vida, seria necessario inventar novas maneiras, e desacostumada somma d'ellas pera lha fartar. Porque grande fome, e sede não se satisfaz com pouco, nem grande gosto da cousa se emprega em pequena parte d'ella. Por aqui fica entendido, que pois os trabalhos grandes de Christo se mediram pelo grande gosto que tinha de os passar, que a justiça, e razão está pedindo, que esse mesmo gosto seu, seja medida do amor que lhe devemos.

TERCEIRO

Fez-lhe o amor as penas suaves.

D'esse amor, vontade, e gosto com que o Senhor passou seus trabalhos por nós, nasceo outra circunstancia, que nos obriga muito a o amar, que foi fazer-lhe muitas cousas suavissimas, que de seu genero são a todos penosas, e trabalhosas: como foram, viver á obediencia de nossa Senhora trinta annos: conversar entre a gente tão differente, e desigual d'elle: ser tentado do Demonio, creatura tão perversa, sendo elle quem era, e outras que n'este livro escrevemos por trabalhos do Senhor, por serem cousas de sua natureza penosas, ainda que seu amor he de qualidade, que lhas fez tão suaves, e gostosas, que lhe não custaram trabalho. Mas não nos obriga a menos amor someter-se elle com gosto a cousas que nos a nós custam muito, pois o amor lhas fez suaves, que as que elle foi servido que lhe dessem muita pena, pera mostrar n'ellas o muito que nos queria. E quem sabe que cousa he amar, peze bem, se póde, e sabe qual he maior fineza de amor, penar muito pelo amor, ou por elle ser-lhe a pena suave.

QUARTO

Fez em si milagre pera poder padecer.

Que nosso Senhor quanto á alma era comprehensor: porque ella via a Deos, e era com esta vista bemaventurada, como as que estão glorificadas no Ceo. E he natural cousa ás almas bemaventuradas, que vêm a Deos, beatificar, e glorificar seus corpos, se estão a elle unidas, e fazel-os immortaes, impassiveis, claros, o resplandecentes, ligeiros, subtis, e communicar-lhes de sua gloria todos os dotes bemaventurados de que seus corpos podem ser capazes. Por onde já que a alma de Christo nosso

Senhor era bemaventurada, e glorificada, não podia seu sacratissimo corpo, a que estava unida, sem milagre padecer. Este milagre fez Christo nosso Senhor em si, primeiro que chegasse a fazer quantos fez nos homens. Que pera poder padecer, e morrer por nós, represou milagrosamente a gloria de sua alma, que não passasse ao corpo: pera que assi seu corpo sacratissimo ficasse como todos os outros humanos n'esta vida, viador mortal, e passivel. De maneira, que nosso Senhor fez nos homens muitos milagres, e os fará cada vez que fôr necessario, pera os tirar de seus trabalhos, e lhes dar descanço em suas miserias, e em si fez hum tamanho milagre (como foi ajuntar corpo mortal, e passivel, com a alma bemaventurada) pera poder padecer muito, como se nos estimasse a nós mais que a si mesmo.

QUINTO

Mereceo tudo pera nós.

Como a alma de Christo nosso Senhor foi criada, como temos dito, em graça, e gloria, não podia como comprehensora, e bemaventurada que era, merecer pera si mais graça, nem mais gloria, porque o estado dos bemaventurados não he de merecer, mas de receber, e possuir todos os bens. Por onde só a exaltação de seu nome, e glorificação de seu corpo, que por milagre lhe foi tirada, mereceo pera si, porque nenhuma cousa lhe faltava. Tudo o mais quanto merecia, por ser Christo nosso Senhor quanto ao corpo viador, não era pera si, senão pera nós. Pera nós merecia graça, e gloria, satisfação de culpas, perdão d'ellas, e tudo o mais que haviamos mister. E como os merecimentos se mediam pela virtude divina, d'aquella divina pessoa humanada de eterna, e infinita magestade, cujas erão as obras meritorias, o merecimento de cada huma d'ellas he infinito. Pois bastando hum só merecimento de huma só obra sua pera nos merecer bastantissimamente tudo o que haviamos mister, e pera bastantissimamente nos redimir, não bastou pera fartar seu amor, menos que tantas, e tão grandes, e tão penosas obras, e tanta somma de merecimentos infinitos. Tal foi o amor com que Jesu padeceo, e que hoje nos tem, e tal o thesouro que pera remedio de nossas necessidades nos deixou.

SEXTO

Não tem seu amor começo, mudança, nem cabo.

Que este amor nunca teve começo, nem tem mudança, nem póde ter cabo. Não teve começo, porque desde que Deos he Deos, que o he sem principio, sempre este amor ardeo em seu peito, e ainda que em certo tempo o mostrou em muitas obras, não começou com ellas: mas foram ellas demonstração do amor que em seu divino peito eternamente sem principio ardeo. Não póde ter mudança, porque não se soffre tamanha imperfeição na magestade, grandeza, e divindade de nosso Deos, cuja natureza, e condição he não ser mudavel. Por esta mesma razão, e por ser Deos eterno, e infinito, não póde ter cabo, sempre he hum, sempre o mesmo, não menor antes que viesse ao mundo, e agora, que quando o mostrou na Cruz. E a fineza, e grandeza d'este amor he ser, como he o mesmo com que as tres Divinas Pessoas se amam a si mesmo infinitamente, e não outro. Porque como em Deos não póde haver cousa differente, e desigual a elle, não póde tambem n'elle haver mais que hum só amor, com que se ama a si mesmo, e a suas creaturas em si: nem deixa de ser o mesmo, por serem as demonstrações, e communicações differentes, segundo as qualidades, naturezas, capacidades, necessidades, disposições de suas creaturas. E bem se vê ser o amor com que nos ama o mesmo com que se ama a si mesmo infinitamente, pois por elle não fez menos por me remediar, do que podera fazer por si, se tivera nossas necessidades.

SETIMO

Todo se deo a todos.

Que não he este amor, nem foi nunca repartido, nem he possivel repartir-se, mas com o mesmo acto de amor ama cada hum de nós, e a todos (*): e tanto padeceo por cada hum, como por todos: e tanto tenho eu só n'elle como todos. De maneira que cada hum verdadeiramente póde dizer a Jesu com S. Bernardo: «Todo sois meu, bom Jesu, todo empregado em meu serviço (**):» e chamar-lhe com verdade com S. Thomé Apostolo: «Meu Deos, e meu Senhor, e meu amor» (***); como se não houvesse outra alma cujo fosse, senão meu. E ainda que elle se communica conforme a disposição que acha nas almas livres, a que elle não ha de fazer

(*) August. lib. II. Confess. cap. 11. (**) Bernard. (***) Joann. cap. 20.

força, todavia da sua parte amor tem, e aparelho pera dar de si a hum só quanto dá a todos juntos, e muito mais. Por onde (como diz S. João Chrysostomo) negligencia he do que pede, quando não ha duvida da misericordia do Senhor que dá (*). E quando dá pouco, falta he do que recebe, e não do amor d'este Senhor: e he sinal que ama a creatura pouco, amando o Criador muito. E assi quando padecia, como tinha infinita sabedoria, a que tudo he presente, tinha a mim, e a cada hum de nós tão presente, e voluntariamente se offerecia a seu Padre por cada huma das minhas necessidades, como se não houvera outro necessitado porque se desse.

OITAVO

Encubrio sua magestade pera se parecer muito comnosco.

Que por se parecer muito comigo, nenhuma conta teve comsigo, nem com a magestade de sua pesssoa, pera deixar de se abater a tudo, o que sem peccado podía padecer. Nem teve cousa propria, que por mim não desse: nem estimou honra pera deixar de parecer peccador, e ser tido por esse, não o sendo: nem estimou a vida, que he a cousa mais prezada, senão pera a dar por mim. E a alma que não podia padecer, tambem a fez sahir de seu corpo por mim, cuja união naturalmente amava: e a divindade sacratissima, que não he passivel, tambem a deo na virtude a efficacia de suas obras, e trabalhos, que d'ella procedia. E corpo, alma, e divindade deo em mantimento, pera perpetua companhia, e santificação minha, no santissimo Sacramento. E em fim que tanto me estimou, que tudo quanto tem, pera mim deo, e em tudo o que podia, por mim penou.

NONO

Muitos trabalhos seus eram mortaes.

Que muitos trabalhos que elle por si tomou, os tomou em grau tamanho que o poderam bem matar, se fôra puro homem: como foi a fome do deserto, depois que esteve quarenta dias sem comer, e a tristeza do Horto (a que S. Lucas chama agonia (**), que he passo mortal.) Mas porque não convinha que elle se matasse a si mesmo, ainda que tomava alguns trabalhos em grau bastante pera o matar, sustentava elle com sua divindade sua sacratissima humanidade, com sua soberana virtude, pera muito mais padecer, do que a natural fraqueza costuma poder. Isto mesmo

(*) Chrys. Homil. 20 in Math. (**) Luc. cap. 22.

fez em sua sacratissima Paixão, que sendo os tormentos bastantes pera o matar, elle se ajudava com a virtude da divindade, até chegar ao cabo do que determinava padecer. De maneira, que pera padecer muito e se abater muito, encubria a virtude e divindade de sua pessoa, pera que se lhe não tivesse nenhum respeito, e pera poder com o muito que desejava, com essa mesma divindade esforçava, e ajudava sua sagrada humanidade, pera que lhe não enfraquecesse nas grandes demonstrações que queria fazer de seu amor, nos trabalhos que lhe dava.

DECIMO

Quem e por quem.

O que realça mais as obras de seu divino amor, e charidade, e em que S. Paulo (*) faz a mór demonstração, e encarecimento d'elle, que podia ser, he, quem nós somos os amados. Por que o somos, não só sem merecimentos, mas com muitos desmerecimentos, e peccados, e que quando quizermos allegar diante d'elle, não acharemos senão muitas offensas, e verdadeirissimas causas de ser lançados de sua graça, e justissimas razões pera ser condemnados. Cousa he, como diz o Apostolo S. Paulo, que por ventura pode caber em humano coração, offerecer-se a morrer por hum bom homem, e justo, porque a terra não perca a bondade de hum homem santo, e a justiça não se perca em condemnar injustamente a hum homem justo, e a vida ganhe honra, porque se dá pelo innocente: mas morrer por hum máo, que offende a Deos, e escandaliza aos homens, e assi mesmo destroe, e condemna, e deshonra a quem o favorece, não cabe em juizo, e entendimento humano. Sò isto cabe em o fogo do divino amor, que sendo nós outros inimigos seus, o Padre Eterno nos deo seu Filho, e o entregou á morte, e o Filho se offereceo a ella, e a padecer por nós outros, e o Espirito Santo, que he divino fogo, ardeo em o Padre, e Filho Eterno, pera amar tanto aos peccadores, que padecesse o Filho, tanto pelos inimigos como se fossem amigos: porque nosso Deos por si mesmo, não por nós outros, governa sua amizade; e quanto de nossa parte menos merecemos, tanto da sua toma occasião em nossos merecimentos, pera a mostrar mais refinada. Veja pois a alma quanto por todas estas cousas está obrigada a Deos.

(*) Ad Rom. 5.

FIM DA DOUTRINA E AVISOS PERA OS PRINCIPIANTES.

TRABALHOS DE JESU

QUE PASSOU DA HORA EM QUE FOI CONCEBIDO, ATÉ O DIA EM QUE PADECEO, RESUMIDOS EM VINTE E CINCO.

TRABALHO I

A vista, e acceitação dos trabalhos, que havia de passar.

Reformou nosso Senhor a humana natureza desbaratada, e corrupta pelo peccado do primeiro pai Adão, com remedios tão proprios a suas chagas, que com razão se póde chamar perfeitissimo Redemptor. Porque não só nascemos todos os filhos de Adão peccadores, e vivemos em peccados sujeitos, e obrigados ás penas d'elles, mas tambem causou seu peccado tamanha desordem, e contradição a todo o bem, e inclinação ao mal na humana natureza, que não tinha menos necessidade de reformador perfeitissimo de suas desordens, que de Redemptor sufficientissimo pera satisfazer por seus males. Pelo qual o filho de Deos já que por sua infinita bondade quiz redimir o genero humano, em todas suas obras não só nos mereceo remedios de todos nossos males, mas tambem n'ellas nos deixou exemplo, e retrato de toda a virtude, pera reformar nossas vidas, e costumes. Por isso ensina S. Paulo(*), que assi como representamos a imagem de Adão terreno nos peccados, em que nascemos, e vivemos, assi procuremos representar a santissima imagem do Adão celestial Christo Senhor nosso, na reformação de nossa vida, já que a elle somos encorporados pela graça sua, que se nos communi-

(*) Ad Corinth. 15.

ca no bautismo. Isto he o mesmo que em outra parte diz (*), que nos vistamos de nosso Senhor Jesu Christo, vivendo como gente redimida por seu sangue, e ensinada por seus exemplos. Começou este nosso divino Mestre, e Redemptor sua obra pela mesma ordem, e pelas virtudes contrarias aos vicios, por onde nos perdemos. Primeiramente escolheo por Eva, outra companheira perfeitissima pera a obra que queria fazer, a sacratissima Virgem Maria nossa Senhora, purissima na alma, santissima na vida, obedientissima a Deos, instrumento de todos os bens, como o foi Eva de todos os males. Peccou Adão muito poucas horas depois que foi creado, sendo feito com bastantissimas perfeições naturaes, e dons de graça pera se conservar no ditoso estado do Paraiso terreal: e o Filho de Deos formando seu corpo sacratissimo, e creando n'elle alma a que unio sua divindade infinita, tudo em hum instante, perfeito, e acabado sem esperar os vagares ordinarios da geração humana, hum só momento não esteve sem começar, e fazer a obra de nossa Redempção. Foi o primeiro peccado, e a primeira causa de todos nossos males a desobediencia: foi tambem a primeira virtude, e obra de nosso Redemptor Jesu purissima, e perfeitissima obediencia. Começou nossa perdição por desordenadissimo gosto da humanidade contra a divina vontade: começa tambem nosso remedio por immenso trabalho, e afflição que nosso Redemptor quiz padecer em sua humanidade, por ordenadissima obediencia á vontade de seu Eterno Padre. Pelo qual logo em descendo o Filho de Deos do Ceo á terra, e unindo-se a nossa humanidade em o primeiro instante de sua sacratissima Conceição, em que com verdade já podia ser adorado Deos, e homem verdadeiro, começou o seu primeiro trabalho, e nosso primeiro remedio; não o dilatou pera outra hora: porque nenhuma hora, nem momento quiz ter de vida, em que se não podesse dizer com verdade, que era nossa, e cheia de bens infinitos, pera os peccadores, que vinha redemir. E assi logo no primeiro instante de sua vida representou o Padre Eterno a seu Filho feito homem todos os trabalhos, penas, dores, desamparos, afflições, tormentos, e morte, que queria que padecesse pelos peccadores. E isto com todas as circunstancias, e medida do que havia de padecer tão vivamente, como que se tudo aquillo estivesse já passando. E como Christo nosso Senhor era cheio de toda a sabedoria, e graça, e nada se lhe podia esconder, vendo tudo isto tão vivamente, como que já fôra experimentado, e passa-

(*) Ad Roman. 13.

do: someteo voluntariamente toda sua humanidade a esta obediencia e aceitou padecer até a morte de Cruz, tudo o que o Padre Eterno lhe mandava, com tão inteira vontade, e tanto sem contradicção, como se fôram immensos gostos. Assi como no processo de sua vida, e paixão não teve o Filho de Deos cousa em sua humanidade, em que não executasse miudamente esta obediencia, com muitas dores, e trabalhos; assi na aceitação d'ella n'esta primeira hora de sua vida, não se contentou com se offerecer todo junto a padecer tudo o que lhe era mandado; mas havemos de entender, que muito miudamente offereceo sua cabeça aos espinhos, seus olhos ás lagrimas, suas faces ás bofetadas, seus cabellos ás injurias, sua boca ao fel e vinagre, seu corpo aos açoutes, e cada junta, nervo, vea, membro de seu corpo, vida, e honra, e tudo quanto n'elle havia, muito miudamente a padecer, quanto o Padre Eterno mandava, e nos cumpria. Vio-se aquella tenra humanidade n'este passo em muito grande afflição, e agonia. Porque como nosso Senhor não pretendia dispensar com ella no sentimento de tudo o que lhe podesse dar pena: e nossa fraca natureza costuma sentir muito os trabalhos, de que tem experiencia, quando os ha de tornar a passar, não ha duvida, que deo immensa afflição áquella sagrada humanidade a vista de seus trabalhos, porque o que lhe faltava da experiencia d'elles pera os sentir menos, supria sua sabedoria, a que tudo era manifesto clarissimamente pera lh'os tazer sentir mais. E posto que no Horto depois no cabo da vida chegou este trabalho a muito maiores extremos exteriores, não fôram em esta hora menores os sentimentos interiores.

Foi esta voluntaria obediencia de Deos feito homem tão acompanhada de humildade, sujeição, de ardentissimo amor, de dor, e pena, e de infinito merecimento, e tão aceita a Deos, que sufficientissimamente mereceo por ella a Redempção do genero humano. Tanto, que se o Padre Eterno revogára a sentença da morte de seu unigenito Filho, e o levára n'aquella hora ao Ceo, bastava o merecimento d'aquella obediencia, pera perdoar por ella todos os peccados, e ficar o Demonio vencido, o mundo cheio de thesouros de graça, e aberta a entrada da vida eterna, e tudo o mais que Deos por seu Filho nos deo. Porque como a pessoa de Deos humanado he divina, e infinita, e os merecimentos das obras são conforme a pessoa que as faz, cada obra de Christo, assi era obra de merecimento infinito, que cada huma d'ellas bastava pera redimir cem mil mundos, e mais, se os houvera. Prophetizou Isaias isto, dizen-

do que se chamaria o Senhor, apressado roubador; porque antes que o menino saiba nomear pai, e mãi, dará sacco a Damasco, pelo qual se significa o poder do Demonio, e do peccado, de que todo o genero humano estava cativo. Isto disse o Profeta vendo em espirito, que hum só momento não deteria o Senhor nosso remedio, mas seria n'elle tão apressado, que logo no primeiro instante de ser homem merecia com sua obediencia bastantissimamente tudo, o que pera nosso remedio, e divina misericordia nos queria dar; não só antes de saber fallar, mas antes de ser nascido. Mas tamanho foi o amor, que á terra o trouxe, que bastando hum só merecimento de huma só obra sua pera todo nosso bem, não bastou pera satisfazer seu amor menos, que o que toda sua vida fez, e padeceo. Tal Redemptor temos, tal Senhor, e tal amigo.

Pois que melhor lição queremos pera reformação da nossa má vida, que esta primeira, que nos dá este divino Mestre? Principio de todos nossos males (diz a divina Escritura) he apostatar da obediencia de Deos. E aqui vemos, que pois este Senhor todos os bens que nos mereceo, fundou em obediencia, tambem quiz que todo nosso bem se fundasse em perfeita obediencia á vontade de Deos. E assi como elle não teve hum só momento de vida fóra d'esta obediencia, assi havemos nós de ter por perdida toda a hora de vida, que na obediencia, e serviço d'este Senhor não se occupa. Ora vede quantas horas nos leva o somno, o comer, a ociosidade, e o que peior he, quantas nos levam os peccados, os gostos damnados do corpo, e as cousas que nos fazem perder a Deos; vede os vagares de buscar a Deos: a tibeza com que he buscado, a facilidade com que deixamos seu serviço, o descuido da propria salvação, que a elle deo tanto cuidado. Se cotejarmos a frieza no amor d'este Senhor toda a vida, os achaques, e escusar de o servir de todo o coração, e forças com a pressa sua de padecer, e com o rigor que comsigo usa pera satisfazer por nós, não acharemos menos razão de nos correr diante d'elle, que de lhe agradecer o que lhe devemos. Muito está escrito d'esta virtude da obediencia, e sujeição á vontade de Deos. Aqui huma só cousa digo, que este Senhor nos ensinou o modo que quer que tenha esta obediencia, quando nos mandou pedir: Faça-se tua vontade assi na terra como se faz no Ceo. E no Ceo não só querem todos, e fazem o que Deos quer, mas não sabem entender cousa differente do que Deos manda. Assi não nos havemos de contentar com a obediencia da vontade propria á de Deos, mas procurar

muito a do entendimento. Porque ha no mundo, e na mais da gente, tantas razões recebidas, e approvadas, e consagradas com titulo de honra, primor, e obrigação contrarias á lei de Deos, e a sua doutrina Evangelica, e inventa cada dia a malicia d'esta natureza tanta escapúla da obediencia de Deos com achaques de serviço d'esse mesmo Deos, que se o Christão não andar com muito cuidado sobre si, facilmente será enganado. Por onde deve de pedir a nosso Senhor com David, que lhe não deixe ver as vaidades como verdades, mas lhe dê sua luz, pera conhecer seus divinos caminhos, pura, e perfeitamente, como os elle ensina, nem lhe deixe entender, nem estimar outra cousa, senão a perfeição de seus exemplos, e doutrina. E quem pondo os olhos no espelho de toda a bondade, Christo nosso Senhor e Mestre, com desejo de imitar o que n'elle, e por elle vir aprovado, e a isso someter seu entendimento, de muitos erros será livrado.

Exercicio da Encarnação, e do primeiro trabalho de Jesu.

Adoro-te Verbo divino encarnado, adoro-te Filho de Deos vivo humanado, adoro-te Deos meu verdadeiro, vestido de minha misera carne, e mortalidade. Chegastes desejado dos Santos Padres: chegastes saude das almas, verdadeira vida, e bemaventurança dos errados peccadores. Já se não gabará o Ceo de ser elle só vossa casa, pois já aqui vos tenho unido a minha humanidade, morador de meu degredo, e companheiro d'estas terrenas moradas. Já me náo desprezará criatura nenhuma, pois eu não adorarei Anjo divino, e elles adorarão Deos humano. Chegou a vossa hora, fonte de agoas vivas, rio de infinitas bondades, e misericordias. Arrebentastes fóra da madre, tudo enchestes, e alagastes de divinas riquezas, e graças. Esquecestes-vos de nossos males, abraçastes nossas miserias, e viestes esposo das almas, cheio de graças, e de verdades. Quem como vós, Deos meu, quando o mundo menos o merecia, quando os peccados mais reinavam, quando esta natureza estava pelos peccados mais damnificada, e corrupta, quando mais razões tinheis de vos enojar, e enfastiar de nós: então mostrais vossas verdades, então vos dais todo, então nos soccorreis com vossa presença, e vos fazeis homem como nosso companheiro, e remediador de nossos males. Só vós sois verdadeiro, vossos prazos sempre chegam. Quando parece que estais mais longe, então vos achais mais perto, e mais presente, cheio de graças, e de

verdades. Porque vós trazeis misericordias verdadeiras, riquezas verdadeiras, bondades, saudes, vidas, bemaventuranças, pazes, amizades, thesouros, glorias, grandezas, e abastanças verdadeiras pera as almas, que vindes buscar, e pera o mundo perdido, que vindes remediar. Não vindes despejado, meu soberano Senhor, nem deixais vossos thesouros no Ceo reprezados; tudo quanto tendes trazeis comvosco. Não perdeis nada do vosso, fazendo-vos homem como eu: mas dais-me quanto tendes. Já vos não posso fugir de medo de vossa magestade, pois aqui vos tenho em minha miseria, e de meu amor prezo, e rendido. Abraço-vos todo meu bem, amo-vos minha bemaventurança, meu thesouro, minha riqueza, meu companheiro, meu amigo verdadeiro, minha paz, minha alegria, minha gloria, vida, saude minha. Oh como estou rico comvosco! Havei-me inveja, Anjos, havei-me inveja, Serafins, havei-me inveja, Ceo, e terra, e todas as criaturas, porque tenho n'este Senhor o que não tendes: porque tenho Deos Homem, e vôs não tendes Deos Anjo. Adorais o meu thesouro, adorai o meu unico bem, adorais o meu companheiro, e amigo, o meu Deos humanado, e o meu homem Deos, de que vos vem, e vos ha de vir quantos bens tendes e podeis ter. Podestes mais que eu, amor divino: não pude tanto peccar, que mais não podesseis perdoar: não pude tanto desagradecer que vos tirasse a vontade de dar: não vos pude tanto enjeitar, que de todo vos podesse perder: não vos pude tanto fugir, que me não alcançasseis, porque soltastes a força, e furia de vosso divino fogo, e prendestes minha humanidade, e vos vestistes de minhas miserias, e n'ellas vos destes todo, e entrastes por meu degredo, e vos misturastes comigo, e se fujo a Deos, não posso fugir a homem: de maneira que se me não perder a mim por minha vontade, não vos posso perder a vós homem como eu, já companheiro de minhas miserias, e mortal. Bem vos entendo, Deos meu: amor vos traz, e amor quereis: em fogo ardeis, e quereis que pegando nas estopas d'esta humanidade ardam em amor, se se deixarem de vós abrazar, e não quizerem antes viver molhadas nos charcos, e lodos do amor terreno. Mas vós, Deos meu, da vossa parte a todas as almas pondes fogo, e tanto que até os que se perdem, perdem-se carregados de obras, e mercês de vosso infinito amor, mas porque vos não dão seu coração, fica n'elles tudo em vão. Dou-vos, Senhor da minha alma, todo meu coração, todo meu espirito, todo este homem inteiro, todo meu amor. Amo-vos, e desejo todo derreter-me em vosso amor. Se tivera o amor de

todas as criaturas, com todo vos amára; e se tivera infinito amor, amara-vos infinitamente. Mas amo-vos quanto posso, e pois vós, infinito bem, todo sois meu, comvosco todo vos amo. Oh se sempre vos amasse! oh se sempre me abrazasseis! oh se sempre vos possuisse! oh se nada me apartasse de vós, Deos meu humanado, ainda que minha humanidade está em vós perfeitissima, purissima, cheia de graças, parte da minha miseravel he. Não póde em vós estar corrupta, e culpavel, como em mim, mas está como instrumento de meu remedio, e por essa, como esta por quem me perco, me quereis vós remediar. Curai-me, saude verdadeira, allumiai-me, grandeza divina, sustentai-me, fortaleza soberana: aviventai-me, vida eterna, pois vos vejo Deos que adoro, homem rodeado de minhas miserias sem peccado, e cheio de todas estas graças, e perfeições pera meu remedio. A misericordia, e amor que vos humanou, vos faça haver piedade d'esta vossa humanidade em mim tão perdida, misera, e corrupta. Quizestes, Deos meu, mostrar que quanto fazeis nos homens, já o fazeis como no vosso, pois vos fizestes homem. Já curais minhas chagas como vossas, olhais por mim, governais-me, ajudais-me, remediais-me como vosso, pois tomais por honra d'esta humanidade, que tomastes, que todos os homens sejam como vós quereis, e pretendeis, puros, limpos, ricos, grandes, e bemaventurados. Vosso sou, meu Criador, vosso sou todo por justiça, vosso quero ser por amor, e vontade de todo coração. Eis-me aquí, todo a vós me apego, com estes sacratissimos pés me abraço, pois todo sois meu, todo entregue, todo rendido, por me adquirirdes o amor d'esta alma. Oh amor, fazei em mim tal mudança, que possais tambem dizer: toda és minha, miseravel criatura! Oh se visse já este perfeito todo, de parte a parte! Mas vós só o haveis de fazer fogo divino, e todo me haveis de queimar, e abrazar, e converter m vós.

Exercicio do primeiro Trabalho.

Oh Filho de Deos vivo, oh vida de minhas mortaes miserias, oh salvador, e remediador meu verdadeiro; oh unica saude de meus males, tão sofrego vindes das almas perdidas: tão desejoso de mostrar que amais muito aos peccadores, e de satisfazer por elles, e tão faminto de tormentos, e cruzes, que nem momento quereis perder da vida sem trabalho por nosso remedio. Quam certo, que se podereis, e fôra cousa conveniente nascer crucificado, no mundo entrareis na Cruz pregado, e assim até morte

n'ella vivereis! Esta he a fineza de vosso amor, esta he a verdade d'esse abrazado peito, e d'essa pura amizade que nos tendes. Mas já que isto não podia bem ser, não quizestes perder momento de vida, nem passal-o sem pena, cruz, e tormento. E em quanto não chegava o tempo da dura Cruz de páo, não quizestes que vos faltassem nunca durissimas cruzes de dôres, afflições, e trabalhos. Não perdoastes a essa humanidade n'esse tão pequeno, e tenro corposinho, que agora formastes nas purissimas entranhas da santissima Virgem. Oh como vos abrazais todo em obras de puro, furioso, e divino amor, em que vindes ardendo! Assí como não tivestes esse corposinho por pequeno, pera o encherdes de huma alma bemaventurada, e ajuntal-o a vossa divindade, assi não quizestes com elle dispensar, e houvestes por grande pera muito penar, e por junto sentir tudo, e o que tem na vida por passar: logo lhe mostrastes as lagrimas, os sentimentos affligidos, os frios, as fomes, as asperezas, as mingoas, os cansaços, os suores, as affrontas, e injurias, e desprezos que ha de passar: as cordas que o hão de prender, os açoutes, e espinhos que o hão de rasgar, a Cruz, e cravos, que o hão de desconjuntar, o fel, e vinagre que ha de beber, os gravissimos desamparos, em que se ha de ver, as immensas, e terriveis dôres, e tormentos, que ha de padecer, e a morte cruelissima com que ha de acabar. Tudo junto quizestes que logo no primeiro momento, que foi formada visse vossa sacratissima humanidade, e tudo junto atormentasse tudo, e affligisse, e todos aquelles tenrissimos, e sacratissimos membros tudo aceitassem, a tudo se sometessem, e não vos contentastes com vos humilhar, sendo Deos eterno, a tomar nossa carne, mas logo n'ella começastes a padecer por meus peccados, e obedecer a vosso Divino Padre até morte de Cruz. Se depois de idade de trinta e tres annos, esta vossa sacratissima humanidade com a vista, e lembrança d'estas mesmas cousas se vio em tanto aperto, afflição, e tristeza, que passou agonias mortaes, e padeceo suores de sangue, que passaria agora logo entrando no mundo com a primeira vista, tão clara, certa, e viva representação, como se fora de trabalhos já experimentados, de tão trabalhosos, e grandes mares de trabalhos, como havia em toda a vida de padecer? Entendo, Senhor da minha alma, que nenhum trabalho vosso foi maior que este, pois pera sentirdes as cousas já sois humano, e pera as entenderdes com todos os quilates, e pezo de aspereza que hão de ter, sois divino: e tudo junto se vos offereceo, tudo por junto tomastes sobre vós, e vos atormentou, e

affligio, porque vosso amor não soffria já que perdoasseis cousa a vossa humanidade, que vos podesse penar muito, e custar muito caro, por meu amor. Oh amor divino, como não sabes nunca estar ocioso! quantos ardis achas pera te mostrares, nenhum tempo he pera ti, e pera tuas mostras e obras improprio: mas porque padecendo, e penando muito mais te mostras, o que a idade, e lugar te impede de tormentos exteriores, achas invenção de Cruzes interiores, pera sempre arderes, sempre abrazares, sempre dares teus thesouros, e mostrares tua furia, força, e lealdade aos que amas, e desejas de levar a ti!

Oh miseravel de mim, envelhecido em peccados, quando vejo esta pressa de padecer por mim, e este desejo de me remediar tão affervorado: esse não soffrer detenças em me fazer mercês, n'essa (que ainda se não pode chamar) idade, n'esse tão pequeno corpo, e membros, que escaçamente podia afigurar humanidade, e n'essa primeira entrada do mundo, que direi? Como me não corro de estar diante de vós? Porque em qualquer idade minha que me olhe, me vejo tão cheio de males, e peccados que parece, que nenhuma idade foi n'este corpo pequena pera deixar de ser grande peccador, duro e velho em peccar, como em vós nenhuma foi pequena pera muito padecer. No ventre de minha mãi, onde ainda não tinha forças pera nada, já com o peccado original que em minha alma estava, me parecia com o velho Adão. Nascido, em quanto não tive perfeito uso de razão, ainda que não sabia peccar, já as inclinações da ira, e indignação, da mentira, da inveja, da soberba, da gula, e de todas as outras más inclinações d'este corpo, mostravam raizes altas em fraca terra, e em pequeno corpo velhos troncos, larga, e peçonhenta rama da má, e velha arvore. Pois chegando a uso perfeito de razão, que havia de dar esta alma frutos, pelos quaes esta arvore ha de ser conhecida, e julgada, oh piedoso Deos, que abominaveis, frutos de males, e peccados deo! Oh misericordia infinita, que até agora me soffreste, não me confundas, mas perdoa-me n'esta hora a furia com que desenfreei meus damnados appetites, e a desenvoltura com que larguei as más inclinações, que a idade até alli tinha em alguma maneira represadas. Oh como as soltei a toda a vaidade, a toda a mentira, a toda a presumpção, a todo máo pensamento, e desejo, a toda a baixeza, e torpeza, que ou de fóra, ou de dentro, na alma reinava! Tão esquecido de vós, tão duro pera vossos conselhos, tão cego pera vossas doutrinas, tão mouco a vossos chamamentos, tão rebelde á obediencia de vossa lei, tão contente de mim, e do mun-

do, tão enfastiado pera as cousas da alma, tão pegado a mim, tão afastado de vós, tão cheio de amor proprio, e tão frio, e despido de vosso amor. Parecia-me o tempo pouco pera meus gostos, o mundo pequeno pera minhas cobiças, e grande pera o servir, e pera vos perder por elle. Estimei tudo o que aborrecieis, desprezei o que estimaveis, nenhuma idade me pareceo pequena pera grandes males, e toda me pareceo fraca pera vosso serviço. Os males que a idade, ou possibilidade não podia ter, a vontade os alcançava. Sempre grande pera peccar, sempre velho em corrupções, sempre desagradecido a vossas mercês, sempre frio, tibio, fraco, descuidado, esquecido, enfastiado, achacoso, orgulhoso, e rebelde pera vos amar, pera me entregar a vós, e vos servir, e obedecer. Vós como verdadeiro amigo d'esta alma, e verdadeiramente compadecido de suas chagas, não quizestes esperar os dias em que os corpos se vão formando em os ventres das mãis, até chegar a ser vivos, mas logo no primeiro momento que entrastes no mundo, formastes corpo vivo, e perfeito, cheio de vossa divina magestade, pera gastares os dias de vagar da natureza em obras de amor, e graça, e em sentimentos penosissimos por mim, e antecipou vosso amor pera meus bens, a obra, e detença a todos natural. E eu, bondade infinita, nem chegando tarde a uso de razão, vos conheci, nem vivendo depois muitos dias cheio de mercês vossas, vos busquei, servi, nem amei; mas contentei-me com a fé tão fria, tão morta n'esta alma, tão cheia de peccados, e males, que não ha em mim senão desaventuras, que vós já estais penando. Oh amor infinito perdoai-me, bem me vieis quando tanto amor me mostraveis, bem me conhecieis quando aceitastes padecer por mim, e porque sabieis que eu tal havia de ser, não quizestes perder hora, nem tempo em me remediar. Mudai-me Senhor, e ainda que tarde, vos comece a amar, e obedecer. Dai-me sentimento de minha má vida, e mudança de toda ella em vós, e em vossa obediencia. Oh quem nunca vos offendera, oh se todas as horas gastara em vosso amor, e serviços! Se na primeira hora, Deus meu, que a vós me torno de todo coração, logo me sinto inflammado, mudado, aproveitado, e differente do que era: que tivera agora, quam perfeito servo vosso fora, quam cheio de vosso amor, quam transformado em vosso espirito se sempre gastara todas as horas da vida em vós? Oh paciencia infinita que me soffrestes! Oh bondade infinita que me esperastés até agora! Oh amor que a ti me chamas, muda-me todo em ti. D'esta hora ate a derradeira te offereço toda a vida, e em ti a quero gastar.

Peza-me, Deos meu, de vos ter offendido, satisfazei-vos em mim como for vossa vontade. O amor, que tão affervorado foi, e apressado em padecer por mim, esse abra n'este coração huma fonte de lagrimas, com que em tudo o que tenho por viver chore a a vida passada, e gaste, e dispenda todas as horas em vós. Officio he este d'esse amor, e no que eu por meus males tenho desmerecido, aconselhai-vos com elle, e o que vos elle por mim pede, isso me dai no resto de minha miseravel vida.

Mas quero agora, Senhor meu, deixar a vós meus males, que sois a verdadeira cura d'elles, pera acabar de ver, e agradecer estas primeiras e infinitas misericordias, que me fazeis vindo á terra. Não gastareis, Senhor, estas primeiras horas, e dias, em que no mundo entrais, só com essa tão pura alma d'essa Sacratissima Virgem, que tão cheia a achais de graça, amor, e pureza, e de quem tanto vos contentastes, que vos fazeis Filho seu? Logo quizestes que tivesse eu ahi lugar? Logo foram lembradas minhas miserias, e necessidades? Logo entendeis em as remediar? Oh Pastor divino, e amigo verdadeiro de vossas erradas ovelhas, que vindes buscar, e remediar peccadores e não justos, que a natureza humana não tem de sua colheita. Essa alma da Virgem Sacratissima não perdeo o seu, porque pera tudo tendes largueza, e bondade infinita. E ella tambem dos frutos d'estas misericordias he quem he. Mas vós que sois amor, e sois divino, não sois particular, nem proprietario, todo vos dais a todos, e todo a cada hum. Tão perto me tinheis ahi, e presente a vosso amor, e conhecimento, como a alma da Virgem, a que estaveis por amor unido. Oh divino amor, quanto te devo: porque me fica cousa em mim, quando isto creio, e vejo, que não arça em teu amor? Oh frieza, oh dureza minha! derretei-a, Senhor, com vosso divino abrazamento, pois todo o bem que tenho, d'esse amor, que me mostrais, me veio. Porque quando aceitastes padecer por mim todos os trabalhos que vosso Padre vos representou n'esta primeira hora de vossa vinda, logo com esse amor, com essa humilde obediencia, com essa perfeita resignação na vontade de vosso Eterno Padre, com essa pena, e afflição, que vossa humanidade ahi padeceo, me merecestes bastantissimamente perdão de meus peccados, luz de minhas trevas, remissão de minhas eternas penas, mudança das penas temporaes em merecimento de graça, e gloria: a fé, a esperança, e charidade que me destes; a gloria que me prometestes: victoria de meus inimigos, e perfeita redempção de todos meus damnados

males, e cativeiros da alma. Logo me enchestes de bens: logo fizestes a obra a que vinheis, perfeitamente, e se mais me não dereis, bastantissimamente ficava satisfeito, e remediado. Pois amor divino, se isto pera mim basta, porque a vosso amor não basta? Oh Deos de amor, quem te não ama, não te entende, nem te sabe buscar!

O que bem sabe não enfastia, mas deseja-se, e continua-se, e porque a cousa de que mais gostais, he o bem que fazeis, soube-vos tão bem esta tão larga, tão rica, e tão abastada communicação de vós, e entrega de vossos bens, que vos não quizestes tornar ao Ceo só com isto feito, mas atiçou-se tanto com isto vossa fome, e desejo, e sabor, (se assi posso dizer) que quizestes cevar-vos, e fartar-vos em me fazer mercês, e misericordias trinta e tres annos. Oh, oh, oh amor! Oh, oh, oh amor! Cale a lingoa, e o entendimento, dilatai-vos vós por toda esta alma, não seja tão regalada, e dura sua frieza, que impida vossas soberanas obras em mim. Abraçai-me, alargai-me, esforçai-me, até vos amar muito, até vos ter muito. Porque me contentarei eu com pouco por hum tamanho amor, tão faminto de meu bem, e de fazer muito por mim? Que direi, amor divino? minha miseria, e frieza me confunde, mas n'esta hora me entrego todo quanto posso: força tendes pera fazer em mim o que fazeis em vós. Toda a vida, toda a alma, todas as forças, todos os successos, e todas minhas cousas vos entrego. De tudo, e de mim em mim fazei o que quizerdes, nem queirais que eu queira nunca outra cousa. A vós só quero, e a mim só pera vós me quero: dai-me huma fome de vós, como a tendes de mim, pera que sempre vos ame, e sempre deseje amar-vos.

Oh Madre de Deos, Virgem purissima e sacratissima, thesoureira d'estas misericordias, amai por mim a este Senhor, que em vòs tantos bens me dá. E pois conheceis melhor que todos o pezo d'estas obrigações, alcançai-me perdão do passado, e cativai-me, e prendei-me a este Senhor, agora, e em toda a hora, e em toda a vida. Oh corte celestial, que sois frutos d'esta nova, e divina planta de Deos humanado, e abrazado em amor dos homens; louvai-o, e amai-o por mim, e d'esse seu fogo em que ardeis, me abrazai pera sempre. Amen.

TRABALHO II

Ó aperto, e miseria do lugar em que andou nove mezes.

Foi o Filho de Deos tão meudo em buscar invenções de padecer, que assás nos tem obrigado a ser mui lembrados de todas as meudezas de suas obras pera as saber agradecer, e imitar. E assi seu amor lhe fez inventar hum novo genero de trabalho, que só elle podesse padecer: que foi o sentimento do aperto, e miseria do lugar em que andou nove mezes. Nem quiz Christo nosso Senhor que nenhuma cousa lhe fizesse leve este trabalho, e nenhuma cousa que lh'o podesse fazer muito pesado lhe faltou. Porque da parte da divindade, a que estava unida aquella sacratissima humanidade, não teve nenhum alivio: porque dado caso que a alma de Christo por esta união via a Deos, e era bemaventurada, e a natureza das almas bemaventuradas he beatificarem seus corpos: todavia como o Filho de Deos se fez homem pera padecer, fez n'isto em si mesmo milagre, que represou a gloria de sua alma que não chegasse ao corpo: pera ficar aquella sua humanidade corporal em tudo tão passivel, como qualquer outra. E por isso a divindade unida á humanidade ajudava, e esforçava aquella humanidade a poder com muitos trabalhos, e a poder padecer muito mais do que podera senão fora d'ella ajudada: mas nenhum alivio lhe dava pera sentir menos seus trabalhos. Da parte da pessoa da Virgem nossa Senhora em cujo sacratissimo ventre andou, e nenhum alivio quiz o Filho de Deos tomar, que lhe fizesse o trabalho corporalmente mais leve: porque ainda que a purissima alma da Virgem era pera elle paraiso de verdadeiros prazeres, mais suave do que o paraiso terreal foi a Adão, todavia isto era espiritualmente, e em muitos bens espirituaes, que o Senhor communicava áquella santissima alma, e em perfeitissimo amor que na mãi, e filho ardia, com que o Senhor amava a Virgem, e era d'aquelle seu purissimo espirito amado. Mas como o ser Mãi de Deos não tirou á Sacratissima Virgem ser humana, não deixou seu purissimo ventre de ter qualidades naturaes ordinarias. E ainda que na prenhidão, por ser obra divina do Espirito Santo, careceo do peso, e fraquezas, e outras miserias das outras mulheres prenhes, nas outras baixezas humanas, que não desfaziam na santidade, e virginal pureza da sacratissima Senhora, foi igual a todos os filhos de Adão·

Por onde como o filho de Deos humanado em tudo quiz parecer filho de Adão, a todas nossas miserias se sujeitou, salvo aquellas, que sem mostra de peccado não podia ter. Da parte de sua sacratissima humanidade, não teve cousa que lhe fizesse o trabalho mais leve. Porque como sua sacratissima conceição não foi obra humana, mas divina, foi logo no primeiro instante perfeita, e acabada. Porque logo n'elle formou o Espirito Santo o corpo de Christo nosso Senhor na mais pequena quantidade em que a natureza humana podia ter vida, e alma de homem, mas tão perfeito e acabado em todos os membros naturaes, quanto nenhum outro corpo humano foi formado; e quanto á alma tão consummado em graça, e sabedoria, que não só excedeo a toda a creatura humana, e angelica, mas como cumpria que fosse pera a divindade do Filho de Deos a ella se unir, e o ter por perfeitissimo instrumento de suas divinas obras, que por elle no mundo, e redempção do genero humano havia de fazer. Foi esta graça, e sabedoria em Christo em tamanho gráo, que não pode n'elle crescer: porque como era o mesmo no ventre de sua Mãi, que era subindo ao Ceo, e á dextra do Padre e crescer na graça, e sabedoria, fôra acquirir o que lhe faltava, tão improprio lhe era faltar-lhe no ventre de sua Mãi, como á dextra do Padre. D'aqui fica entendido, que todas as outras humanas creaturas se não sentem o trabalho dos ventres das mãis he porque nosso Criador, que em tudo usa de bondade, e piedade com os filhos de Adão, represa o uso da razão n'aquelles nove mezes, pera que a natureza faça seu officio, e as crianças não comecem a vida em sentimento de pena. Mas o Filho de Deos humanado, que tomou por principal meio de nos mostrar muito amor, padecer muito por nós, não quiz usar desta natural dispensação, e alivio, mas como creador do mesmo lugar onde estava, padeceo os nove mezes as miserias da sustentação, e a escuridade do lugar, a visinhança, e annexos das humanas entranhas. E se cada hum cuidar em si tamanho trabalho lhe seria se Deos o obrigasse a tornar ao ventre da mãi com o entendimento que tem: e quanto mais leve lhe seria passar todo o outro trabalho de homem, por escusar este; por ahi virá quasi a alcançar, quanto custava a Christo passal-o nove mezes com muito maior entendimento, e mais perfeito juizo que todos os homens. Pasmou Nicodemus quando Christo lhe disse: que sem tornar a nascer, se não podia salvar (que se entendia do nascimento espiritual do bautismo) porque como o não entendesse tão espiritualmente, houve por pesadissima, e impossivel obrigação tornar hum ve-

lho entendido, e experimentado nas cousas, ás miserias de hum menino no ventre da mãi, pera renascer. Por isso nosso Padre Santo Agostinho no seu Cantico, que com Santo Ambrosio compoz em o dia de seu bautismo (*), encarece isto com humas gravissimas palavras, dizendo a Christo nosso Senhor: «Tu pera tomares, e livrares nossa humanidade, não tiveste asco do ventre da Virgem.» E ainda a palavra latina, que he *Horruisti*, diz mais, porque quer dizer afastar-se com asco de cousa muito nojenta. A este lugar não teve nosso Senhor asco, mas o soffreo com amor, e trabalho, com que padeceo todas as outras penas, que na vida teve, nove mezes. Quasi contando mezes de pena pelas horas, que Adão teve de gosto no paraiso terreal, que por seu peccado perdeo.

Porque o fez Deos pera viver em gostos espirituaes, e sem trabalhos corporaes no paraiso dos deleites, onde quando muito estaria das oito horas da manhãa, em que seria creado, até ás cinco da tarde, em que por ventura d'elle foi lançado. E o Filho de Deos, que pera si buscava paraiso nas almas, não quiz paraiso corporal na terra, mas os primeiros nove mezes quiz viver em hum dos mais baixos, e miseraveis lugares d'ella, que he hum ventre humano. E não só não quiz encurtar o praso de nove mezes, mas se as outras crianças estão em os primeiros quarenta dias sem vida, e alma humana, esses lhe quiz elle levar da vantagem na vida fora da ordem da natureza, pera os levar de pena.

Como o Santo Job então mostrou mais amor de Deos, quando de mui prospero estado do mundo, o derribou a hum monturo, assi o Filho de Deos, pera que ninguem lhe possa ganhar em mostras de amor, não se contentou com nascer em lugar baixo, mas sobre elle quiz cair do Ceo, e em elle quiz criar seu corpo tantos mezes, penando, e soffrendo, e amando. Acommodou-se n'isto o Senhor a nosso modo de entender nas cousas da amisade, da qual nenhumas demonstrações temos por mais certas, que padecer muito pelo amigo, estas ainda temos por muito maiores, quando menos o amigo o merecer. Pelo qual o Filho de Deos sem nenhum respeito de quanto lhe desmerecemos tudo, em todas as horas de sua vida, por muitas invenções de padecer quiz mostrar quam perfeita amisade nos tem, porque os homens de sua natureza tão conversaveis, e querençosos de amigos, nenhuma amisade mais estimassem que a sua, nem a outra conversação mais se affeiçoassem. Bem claro mostrou o Filho de Deos esta sua tenção em quanto abateo sua pessoa.

(*) Sanct. August. in Cant. Te Deum.

Porque o amor, diz nosso Padre Santo Agostinho, não sabe que cousa he Magestade. Porque a Magestade espanta, e o amor agasalha: a Magestade tira a ousadia da conversação, e o amor n'ella he confiadissimo: a Magestade lança de si os menores, e o amor emparelha os amados: por onde mal se atreveria a baixeza de nossa miseria a conversar a divina bondade, se não usára de invenções de encubrir sua Magestade. Por isso fez tanto caso de nossas baixezas pera lançar mão d'ellas, que parece, que das divinas grandezas, que lhe eram mais proprias, não fazia conta.

D'aqui fica muito claro, e entendido quam pouco caso Deos fará da gente que faz muito caso de si. Alto he Deos, diz nosso Padre Santo Agostinho, se te humilhas, vem-se pera ti, e se te alevantas, foge de ti (*). He verdade que he ás vezes necessario encubrir a humildade, e o pouco caso que de sua pessoa o Christão deve fazer, por respeito de cargos, officios, dignidades, ou casos que succedem: mas diante de Deos, e no interior, não queira mór sinal de quam longe, ou perto está de Deos, e de seu amor, que a muita, ou pouca conta em que de verdade se tem diante d'elle. E porque n'isto póde haver muitos enganos, cuidando de si o homem que se tem em pouco, quando na verdade n'elle reina secreta soberba, deve de ter hum sinal pera se entender, que se as cousas que o abatem, lhe são mais aceitas, e saborosas, e trás ellas se lhe vai o desejo, e coração, pelo intrinseco conhecimento que tem de sua baixeza, e odio de si mesmo e as que o alevantam lhe metem medo, e arreceio de descontentar a Deos, parece que está a alma bem fundada. Porque esta tal, ainda quando he necessario pera gloria de Deos, e bem das almas, ou dos officios, mostrar authoridade, e preço de sua pessoa, o espirito se estará diante de Deos açoutando, e aniquilando. Mas se o gabo, e a honra lhe leva o coração trás si, e com o desgabo, e affronta fica triste, e descontente, e cheio de pensamentos, e enfadamento, indignações, e varios discursos, que a natureza costuma n'estes casos fazer, ou do muito que se lhe deve, ou das partes de sua pessoa, ou outros que inquietam a alma, entenda que lhe cumpre chorar a Deos, e pedir-lhe espirito de humildade, e conheça que se lhe faltam influencias do espirito de Deos, e de seu amor he, porque lhe falta tambem a disposição pera o puro amor, que he pura, e simples humildade; e que lhe cumpre determinar-se com este Senhor, pera não esperar d'elle que lhe

(*) Sanct. August. Serm. 2. Asc. Domini.

aceite seu amor senão pelos proprios meios, por elle nos mostrou o muito que nos queria.

Não passe aqui por esquecimento quam claramente nosso Senhor mostrou, que o mór gosto que tem he estar muito perto, e muito junto das almas, a que tanto ama, ou por melhor dizer, muito dentro d'ellas. pois he tão amigo de entranhas humanas, que não faz pera si outro paraiso terreal (como fez pera Adão) mas nas entranhas como muito visinhas da alma se fez homem; e indo-se pera o Ceo se deixou no santissimo Sacramento em mantimento, pera que por esta invenção podesse ser aposentado nas entranhas de quantos o amassem, e desejassem. He verdade o que diz S. Paulo, que na terra, e almas onde o peccado encheo tudo, a graça, e o amor do Senhor tresbordou, e alagou muito mais. Porque como Deos creou os homens pera gostos, e não pera trabalhos, logo lhes deo o terreal paraiso, como lugar de prazeres acommodado a sua tenção. E este perdido pelo peccado, e lançado o genero humano em penas, e tormentos por justiça, não quiz o Senhor mudar-se de sua tenção, mas restituio aos homens o bem perdido, e recompensou-lhe os males em que cahiram, em se fazer nosso paraiso. A luz, e gloria do Ceo, diz S. João he o Cordeiro de Deos (*), elle he o que faz o paraiso abastado de todos os bens, os quaes bens elle em si, e comsigo tem onde quer que está. Pelo qual foi elle tão nosso amigo, que fez de nossos interiores seu paraiso, mostrando que só d'elles mais que de tudo gostava, porque por esta invenção as almas que o amam, vivam n'elle verdadeiro Paraiso: do qual quando por peccados forem lançados, fiquem certos que serão por penitencia, e amor admittidos. N'elle seremos com o fruto da vida sustentados, com eterna sabedoria ensinados, com fogo de divino amor abrazados, e com soberanas mudanças enriquecidos. Quem com bons olhos, e limpo coração attentar n'estas invenções do amor de Deos, poderá com razão dizer com David: «Meu coração, e minha carne se alegram em Deos vivo». A carne não só por se ver unida ao Verbo divino, mas tambem por se ver escolhida pera agasalhar dentro das entranhas este amigo. E o coração por se ver na terra capaz do paraiso celestial, e ainda que no modo he differente trato, no penhor he da mesma valia, e preço: pois Christo foi servido de querer ser o penhor, e paraiso.

(*) S. Joann. Apoc. XXII.

Exercicio do lugar em que o Senhor andou nove mezes.

Quem poderá, Senhor meu, comprehender os conselhos de vossa eterna sabedoria? Adoro, e glorifico quanto posso, e desejo poder adorar quanto merecem as admiraveis obras, que vosso infinito amor que me tendes, vos faz fazer por mim. Desejo com todo coração amar-vos por ellas, e servir-vos, e entregar-me todo a vós todas as horas, e momentos da vida: pois tudo he pouco pera o que merece vossa bondade infinita, que comigo usastes. Vindes, Filho de Deos vivo, do seio do Eterno Padre, em que viveis e estais Verbo Eterno, e divino, e igual a elle na divindade, na magestade, poder, grandeza, bondade, sabedoria, gloria infinita e eternidade de divinos bens, vindes ajuntar a vós esta natureza, e não tendes asco, e nojo de andar nove mezes em hum tão baixo e miseravel lugar, como são as entranhas de huma creatura humana. A qual ainda que na alma era santissima, não carecia seu sacratissimo ventre das naturaes baixezas, e miserias ordinarias das outras humanas creaturas. Não ha aqui, Deos meu, senão pasmar, adorar, e amar a riqueza de vossa infinita bondade, e amor que tanto vos abateo por mim. Até n'isto quizestes padecer, Deos meu, e meu Senhor, o que as outras crianças não padecem. Porque vós, Criador nosso, pesais os trabalhos, que dais, com misericordía, conhecendo quam grandissimo trabalho seria pera huma criatura racional, andando no ventre da mãi, ter perfeito uso de razão, com que sentisse a escuridade, aperto, e miseria (que nem ainda se pódem dizer sem nojo) em que anda nove mezes, houvestes dó de começarmos a vida com tanto trabalho, e represastes o uso da razão, e fizestes que por então, e tambem depois de nascidos até o corpo ter alguma maneira de forças pera as obras racionaes, nos não entendessemos, e quasi não sentissemos. Até n'isto fostes pera nós brando, suave, e piedoso pai, e só pera vós, eterna formosura, sois rigoroso, e aspero, e quizestes só entre todos os homens passar por todos elles, e por seus peccados esses apertos, desabrimentos, escuridão, e sentimento de todas essas miserias d'esse baixo lugar, em que andastes nove mezes, tão cheio de eterna sabedoria, e tão perfeitissimo em todos os dons de graça, que nem ahi tivestes menos, nem nunca tivestes mais do que ahi tendes. Bemdito, louvado, e glorificado sejais por tamanhas misericordias. Oh como entrais, vida da minha alma, amigo de padecer, e tantas invenções buscais de passar trabalhos, que ninguem os possa ter senão só vós! Em tudo quereis

vencer a todos: em amar infinitamente, em vos humilhar muito, em padecer muito, e mostrardes em tudo, que não tem esta alma outro amigo, outro pai, outro refugio verdadeiro senão a vós. Porque vos não amo, Deos meu, de todo o coração? Porque tenho por muito cousa que por vosso amor padeço? Comvosco não usais de peso, nem medida, pois a medida de vosso padecer, he vosso amor; e comigo sois tão brando, e dais-me trabalhosinhos por minha pequena, e muito miseravel medida, e todavia, Deos meu, me queixo, e recuso passal-os, e trabalho por sacudil-os de mim! Oh quam pouco vos amo, e quanto devo amar-vos, bom Jesu, vida de minha alma, e toda minha bemaventurança! Mudai, Senhor, o mimo d'esta carne em fortaleza, e desejo de padecer muito por vós. Ensinai-me a aborrecel-a, e pois que em vós assi a vejo tratada desde concebido, até a Cruz; tirai-me o amor d'ella, que me destroe, e me faz perder todos os bens que me dais; sujeitai-a vós, Senhor, ao espirito, como vós a quereis.

Mas vida de minha alma, gloria do Paraiso, bemaventurança, e riqueza soberana do Ceo: como fazeis Adão primeiro homem logo perfeito, e o pondes no Paraiso de prazeres sem todas estas miserias, e a vós reparador nosso, e Pai verdadeiro vos pondes em tanto trabalho? Nem ha pera vós hum Paraiso onde estejais, e nos leveis a vos conversar fora d'estas miserias em que andamos, pois vós, bondade infinita, o não houvereis de perder como Adão perdeo, se n'elle estivereis. Oh conhecedor sapientissimo de minhas necessidades! oh remediador piedosissimo d'ellas! oh divino mestre de minhas ignorancias! Redemptor e Medico prudentissimo de minhas chagas! Bem mostrastes em Adão que o vosso gosto, e desejo, era não dar trabalho, mas prazer: conversar os homens sem penas, nem dores, crial-os em paraiso como Principes pera virem a ser Reis da gloria. Mas não he tanto bem pera tão fraca, e baixa natureza. E já que em prazeres se perdeo o primeiro pai, cumpre-nos viver, e ganharmos em açoutes, e dores. Forçado da necessidade, e por termos remedio de saude, e salvação nos trazeis n'esta escola de miserias, e trabalhos, porque elles nos abatam a soberba, e nos façam reconhecer vossa obediencia, e o amor que nos tendes. Aqui nos vindes buscar, Deos da minha alma, aqui nos vindes consolar, aqui vos vindes atribular comnosco, e se me dais a mim hum açoute, dais em vós cento, e se me trazeis em penas, carregais sobre vós as minhas, e as de todos, além das vossas. De modo que o vosso paraiso, e os vossos prazeres sam remediar-me, ensinar-me, curar-me, acompanhar-me, e enriquecer-me comvosco.

Oh infinita misericordia, corro-me, e confundo-me de aparecer diante de vós quando me vejo, e cotejo comvosco! Oh como sou filho do primeiro peccador Adão! Sem estar em paraiso quero eu fazer da terra, e lugar de lagrimas, e trabalhos, paraiso. Assi amo as cousas da vida, assi me perco por ellas, assi me levam todo o cuidado, e sentido, e gosto, como se fossem bens verdadeiros, e eternos, e por ellas me perco, e vos perco a vós, vida de minha alma: vós nenhuma parte da vida quizestes ter sem immensos trabalhos, e eu todas as horas da vida queria ter contentamentos, e gostos: faço das criaturas miseraveis deoses, pois o amor que a vós só, Deos meu, devo, vol-o tiro, e a ellas o dou. E não contente com isto sirvo vossos inimigos, e tantos senhores reconheço n'esta alma, quantos peccados contra vós commetto. Oh desaventuradas horas, tam perdidas, e tão mal gastadas, em tantas abominações, e desventuras, quantas vós vedes, e eu não ouso fallar, mas a vós, Deos meu, as apresento, a vòs as confesso. Curai-as Senhor, tirai de mim o amor d'ellas, e do mundo por vossa misericordia: reformai este tam perdido interior, recolhei-o todo comvosco. Oh quem nunca vos offendera! Seja, Senhor, pera mim d'aqui por diante fel, e vinagre tudo o que no mundo ha, e sejam pera mim prazeres hnmilhar-me, e padecer comvosco. Vencestes em vos humilhar muito mais que todos, em padecer mais que todos: vencei-me tambem em me humilhar, em me renderdes todo a vosso serviço, em me dardes vosso amor, em me mudardes todo o gosto, todo o sabor, todo o sentido, todo o cuidado em vós, meu bom Jesu. Oh verdadeiro amigo de minha alma, como vos pareceis todo comvosco, fermosissimo, amorosissimo, e bonissimo Jesu, fermoso em vossos comessos, fermoso nos meios, e nos cabos. Todo hum, todo suave, todo cheio de misericordias e amor. Não quizestes entrando no mundo, estranhar o lugar das humanas entranhas nove mezes, porque vos cresse quando me dissesses que vos havia de comer, pera vos ter nas minhas. Pera as minhas, Deos meu, vos acostumais ahi, e com isso me fazeis crer, que tambem quereis que vos traga n'ellas. N'essas vos fazeis homem pera poderdes fazer manjar, e pão divino, pera entrardes nas minhas; que he isto, Deos meu? Não só na terra quereis humanas entranhas, mas tambem depois de estar no Ceo as negoceais? Tam dentro quereis estar de mim, tam pegado a meu interior dentro d'este peito corporal, e muito mais dentro d'esta alma, que pera vós criastes! Oh como he verdade, que vossos prazeres, e paraiso he estar com os filhos dos homens. Que achastes, Senhor, em mim pera

fazerdes tanto por estar comigo? Vossa riqueza toda comvosco a tendes pois que mais vedes em mim pera vos não contentardes de estar só comvosco, e me quererdes a mim cheio de miserias, e peccados? Vós sois o Paraiso cheio de todos os bens, que quereis a minhas miserías? Como posso eu ser paraiso do Paraiso cheio de infinitos bens? Oh se me desseis, Senhor, vossa luz pera vos entender, e vosso amor pera vos abraçar, e me apegar a vós! Porque vós, bom Jesu, sois Paraiso, por isso quereis estar comigo, e mostrar em mim vossas virtudes, pera que eu assi estando em vós, esteja em Paraiso, recebendo de vós verdadeiros frutos de vida, de sabedoria, e de amor commnicando-vos todo, e participando n'esta alma de vossas suavidades, e riquezas. Oh meu Deos, e todo meu bem, da-me que folgue em ti sobre todas as cousas, sobre toda saude, sobre toda fermosura, sobre toda gloria, sobre toda honra, poderio, riquezas, artes, prazeres, fama, louvor, e sobre toda a suavidade, e consolação, sobre tudo quanto me podes dar visivel, e invisivel! Tu és bom sobre tudo, tu só altissimo, fermosissimo, amorosissimo, gloriosissimo, nobilissimo, tu és o verdadeiro Paraiso de todos os bens, e prazeres, e sem ti o Paraiso he degredo. Não póde meu coração ter verdadeiro descanço, senão em ti: e porque tu isto sabes, buscas tantas invenções pera estar em mim, pera que assi esteja eu em ti, e já que te eu não busco, tu me buscas, tu te vens a mim, e me ameaças com morte senão quizer estar em ti. Oh esposo de minha alma, Jesu, amador purissimo, quando me verei livre de mim, pera estar todo em ti; quando chegará aquella ditosa hora, em que todo me occupe em ti, e verei quam suave és, Deos meu? Quando me recolherei todo em ti, que me não sinta a mim, possuido todo de teu amor? Oh quantas cousas me fazem gemer, que de ti me apartam, e me perturbam, entristecem, escurecem, distraem, afogam. e me tiram a livre entrada de ti, e não gozar de teus alegres abraços! Oh Jesu resplandor da gloria, consolação da alma peregrina, aqui estou ante ti, miseravel que não sei fallar, mas as minhas necessidades fallam a teu amor dulcissimo, que aqui a este ventre te trouxe, e te estão, por mim gritando. Ouve Senhor, e não tardes de vir a este teu servo indigno, e pobre, e alegrar-me com o paraiso de teus bens: tu és minha alegria, e sem ti não posso estar verdadeiramente contente. Miseravel sou, Senhor, e preso de minhas cegueiras, e culpa, até que tu me mostres teu suave rosto, e com elle me livres de mim. Busquem os outros o que quizerem, que a mim nenhuma cousa me satisfaz, nem agrada, senão tu Deos

meu, e amor de minha alma, minha esperança, e minha saude. Vem Senhor já a mim, e se tanto desejas estar comigo, eis-me aqui: apparece suave Jesu a este coração, e diz-lhe, eu sou tua saude, e comtigo, e em ti me abraza, e muda todo. Oh meu amor, minha gloria, minha suavidade!

Oh Madre de Deos, sacratissima Virgem purissima, e de Deos riquissima, que mereceste tantos mezes ser thesoureira dos bens de Deos, não tens este bem só pera ti: pera mim o guardas, pera mim o crias, pera mim te foi entregue. Sede, Senhora, comigo liberal: dai-me esse Senhor, prendei-me todo a elle, desapegai de mim tudo o que d'elle me apartar. E pois elle não ha nojo de entranhas, senão de culpas, purificai-me pera que mereça sempre tel-o em mim. Oh celestiaes Cidadãos, em que este Senhor já reina, e vive sem impedimento, e n'elle seguramente já viveis, alcançai a este miseravel huma faisca d'esse fogo que vos abraza, que em mim apegue, e se acenda até me fazer da vossa suave companhia. Amen.

TRABALHO III

Ter nove mezes represada a força de seu amor.

Guarrico Abbade, em hum sermão apontou hum trabalho que nosso Senhor passou nos nove mezes, que andou no ventre da sacratissima Virgem nossa Senhora, mui proprio, e mui natural do immenso fogo do amor, que no peito d'este Senhor sempre ardia. O qual foi ter mão, e represar a furia, e força de seu amor, que se não mostrasse, nem fizesse as obras, a que viera ao mundo. Tem o amor a natureza de fogo, que he o mais forçoso, e operativo elemento de todos: e por isso se chama Deos fogo consumidor, pelas obras do amor que fez, e faz tão fora do humano juizo, e terreno entendimento, que se não tivera por razão o infinito amor de que nascem, pareceriam improprías á magestade do divino autor d'ellas. Cabem no amor divino todos os nomes de poder, e grandeza mui propriamente: como são forte, forçoso, invencivel, todo poderoso, furioso, inflanmador, transformador, e todos os outros d'esta qualidadade. Porque o eterno, e soberano fogo ardentissimo de que procedem, e as obras que em Deos, e em criaturas faz, são clarissimas demonstrações de quam proprias lhe são estas, e todas as outras perfeições. E assi como o fogo onde acha mais forte materia, n'ella com mais força mostra sua furia: assi o amor, dando na grandeza, e magestade do divino peito, não pode o humano juizo comprehender a força com que arde. N'este fogo ardia o Verbo divino encarnado, já no ventre de sua sacratissima Mãi, e alli estava esperando os espaços, e vagares da natureza, pera sahir, e arrebentar em divinas obras, em soberanas doutrinas, em immensos excessos de padecer, em larguissimas correntes de mercês. Ardia por acabar suas obras, e era necessario estar a tempo encoberto, e dissimulado, e esperar mezes, e annos a conjunção no seu eterno conselho determinada. Por isso a furia e força d'este amor represada, ao mesmo divino Senhor se tornava, a elle affligia, a elle atribulava, e consumia. Se he verdade, como he, o que diz a divina Escritura, e a experiencia ensina, que a esperança dilatada afflige a alma, e quanto a cousa esperada he de maior gosto, e estima, mais afflige sua tardança (*): quanto affligiria a este Senhor o vagar com que a natureza procedia em

(*) Proverb. cap. XIII

lhe criar hum corpo, em que esperava mostrar os gostos de seu coração nas muitas mercês, que por elle nos havia de fazer, e no muito que determinava padecer por satisfazer á furia de seu amor? Nosso Padre Santo Agostinho disse huma cousa, que realça muito esta verdade. Que se Deos podera padecer, nenhuma cousa fora bastante pera o atormentar, senão soffrer as angustias de seu amor. (*) E isto diz pera encarecer quanto descontentam a Deos os que não empregam n'elle seu amor. E assi parece que hum Deos tão amoroso, que he o mesmo amor, nenhumas móres angustias, e agonias podera passar, se fora possivel, que não ser amado, fazendo tanto pelo ser, e parecer que desarmavam em vão todos seus cuidados, e trabalhos que passava por almas tão esquivas, e desamoraveis. D'este espirito, e entendimento do inflammado Agostinho, tão experimentado nos excessos do divino amor, como elle foi, se fica entendendo, que pois a Deos (se podera padecer) só lhe dera trabalho, a angustia de seu amor por não ser amado, muito mór angustia lhe dera, se amando muito não podera mostrar quanto amava. Estas angustias, que Deos não podia padecer em sua divindade, padeceo em sua humanidade: porque como a tinha tomado por instrumento de mostrar seu infinito amor, todo o tempo que era necessario esperar, e represar a furia do amor, que desejava arrebentar, lhe dava muito grande trabalho. Bem se vio esta verdade quando chegou o tempo de soltar Deos seu amor, que fez de sua humanidade tantos manjares, e tantas invenções lhe buscou pera padecer, que primeiro esgotou a natureza toda sua possibilidade, e força do que cansasse a furia do amor d'este Senhor em se mostrar n'ella. E assi parece que sentindo já o Senhor quanto menos podia sua humanidade padecer, que seu amor obrar: antes que padecesse, buscou invenção pera se deixar feito mantimento na terra, pera por elle fazer nas almas, e vidas dos que o tratassem, o que á fraqueza de sua humanidade faltara: e mandou abrir o lado a seu corpo morto na Cruz, pera que com esta chaga, e as dos pès, e mãos abertas se fosse ao Ceo, pera satisfação de seu gosto, e sinal de não ficar por elle nada, e fontes abertas pera o mais que desejava de fazer. Duas cousas ha na terra, que por experiencia mostram estas puras verdades de Christo. O amor santo dos justos, e o amor terreno dos mundanos. O amor puro, e perfeito dos justos, que he huma só faisca communicada do incomprehensivel forno de amor divino, em que Christo nosso Senhor ardia, faz n'elles muitas operações a este

(*) S. August. epist. 44.

modo; porque perpetuamente os atormenta, e faz viver em pena. Penam porque não vêem a quem amam, porque se lhes dilata o degredo, pelo peso, e medida da carne, porque não podem com a prisão do corpo acodir a quanto Deos lhes pede. Assi se vê que perdem estes o gosto dos sentidos, o somno, o comer, o repouso corporal muitas vezes, porque tira tanto por elles o divino amor, que lhes não deixa cousa que não queira occupar em si. Tudo quanto fazem lhes parece pouco: ardem, por arder em tudo, e como a alma cativa do carcere do corpo não he tão forra pera o que o espirito pede, vivem sempre penando. E bem se vê quanto isto lhe custa, porque pela mór parte os que a este estado chegam, andam fracos, e debilitados, e com a compreição gastada. As particularidades, e segredos d'isto não são pera este lugar, nem pera toda a gente: os experimentados o sentem, quanto atormenta, e cruxifica o puro amor as almas que mais possue; e elles sabem quam mal podem por palavra declarar a alegria, e paz em que vivem misturada com penas e tormentos, e quanta mais paciencia hão mister pera soffrer a vida, e peso da carne, que os trabalhos do mundo. Alguma cousa d'isto disse S. Paulo, quando se chamava desaventurado, porque não podia levar o peso da carne a tudo quanto o espirito lhe pedia: e quando vendo-se tão preso de Christo, que só n'elle vivia, tinha pelo maior ganho da vida acabal-a (*). E quando David consolava a tristeza de sua alma com esperanças que se occuparia sempre em louvores do Senhor, e quando se mantinha em lagrimas, quando todo seu interior, e exterior de dia, e de noite o andava atanazando, perguntando-lhe por seu Deos, e onde estava o que amava, e não via (**): bem mostrava quanto mais lhe dohiam estas penas do amor de Deos, que os trabalhos que na vida tinha passados. Pois se tanto custa aos santos não poderem com huma faisca de amor, e sentirem-se n'esta vida mortal impedidos pera não poderem espraiar-se, e dilatar-se quanto o amor pode, que lhes faz o degredo insoffrivel, e a vida pesada, que faria aquelle immenso fogo no peito de Christo, no tempo que era necessario esperar tempo pera o que queria fazer? Do amor natural ou terreno, não ha quem não experimente com quanta furia corre ao que ama. D'elle nasce a tristeza de lhe faltar: a esperança de o ver: o gosto de o possuir: o temor de o perder: e pena de o ter perdido. Não attenta a qualidade da cousa amada se he boa, ou má; mas como a ella se affeiçoa, todo o trabalho lhe parece pouco pera alcançar, tudo o

(*) S. Paul. Ad Roman. VII. (**) Psalm. XLII.

que lha impede tem por desarrezoado, por justo que seja, tudo o que ajuda tem por bom. E sem mais razão que a affeição, por tudo passa, por tudo rompe, tudo commette, e só sente não alcançar o que deseja. E vemos muitas vezes nas cousas que o juizo livre, e claro mais condemna, estar n'ellas o coração affeiçoado mais cego, e duro pera todo o remedio, e conselho. E enxergar-se muito mais a furia, com que a affeição lavra, quando o homem em alguma maneira de Deos alumiado deseja desapegar-se do que mal amou, pera se apegar de todo coração a Deos. Porque alli quebra o coração mal acostumado todas as soltas, e cadeas: respinga, e dá couces contra a verdade, e contra Deos, mais que huma besta brava. Deixo as miudezas disto á quotidiana experiencia. Basta que os trabalhos das humanas occupações, e as penas, e agonias, em que perpetuamente vivem, só na affeição do coração tem sua raiz. Porque ou ama mais do que pode alcançar, ou os sentidos interiores, e exteriores não acham descanso no que desejam, e possuem: ou porque sempre affeição, e amor he maior que as cousas amadas, e andam os corações ardendo com desejo desordenado, e penando com mingoa; pera que se cumpra a justa lei, que Deos tem dado contra os que o não amam, que a si mesmo seja pena todo o coração desordenado. Pois se tantas agonias causa hum terreno amor (que ainda que não he faisca do amor divino, he como huns riscos, e borrões que dão alguma semelhança do verdadeiro amor : e como fogo pintado á comparação do vivo) que operações faria o vivo, e puro fogo de amor na propria esphera donde nasce, que he o divino peito de Christo, o tempo que se vio dilatado, e impedido pera o que desejava?

Dando a isto outra volta, grande confusão he pera hum Christão verse a estes espelhos de amor. Porque se tiver os olhos abertos, e se cotejar com o amor divino de Christo, verá quam bem se comparou nosso Padre Santo Agostinho, quando disse do tempo que andara sem amor de Deos, que se vio em huma região de dessemelhança (*). Porque como toda a nobreza da alma he parecer-se com quem a criou, assi nas perfeições como nas operações d'ella, fugindo como outro filho prodigo e desbaratado, d'esta região de semelhança de Deos, onde se achará senão em outra mui afastada de confusão, e desordem, que elle não veja cousa que semelhe a pureza de seu Criador? E se a cegueira da alma for tanta que não saiba entender o amor de Deos pera entender a si; por

(*) S. August. lib. IV. Confess. cap. 12.

si, e em si verá se quizer, quam longe está de seu amor. Porque em suas terrenas affeições, no trabalho que toma pelas satisfazer, no desgosto, de lhe não chegar, na furia com que lhe corre, na occupação com que d'ellas trata, e no mais que nisto achar, verá que preso de si está, quam esquecido de Deos, e da salvação, quam pouco, ou quam nada faz pelo amor d'aquelle Senhor, de quem vive, e a quem deve quanto tem, e espera.

Exercicio dos nove mezes, que o Senhor teve represada a força do seu amor.

Não podeis estar ocioso, fogo, e amor divino! Quando parece que não fazeis nada, então interiormente mais atormentais: porque quando não fazieis vossas obras, parece que não vos podem chamar fogo, e amor. Sois meu bom Jesu, Deos de amor, sois o puro fogo, e puro amor divino: todo ardeis, nem haveis mister outro algoz, senão vosso amor. Que apertos são estes em que vos poem vosso amor, vida de minha alma? Descançai agora, folgai que tempo virá que vos farteis de padecer. Oh amigo verdadeiro de minha alma, não he esta vossa condição. Porque sempre se sente muito, cansa, e afflige muito, dilatar-se o que muito se estima, e muito se deseja: estimais, e desejais tanto fazer-me mercês, dar por mim vosso sangue, morrer, e padecer por mim, despender-vos todo em meu amor, e remedio, que em quanto isto vos tarda, ardeis, penais, suspirais, e vos affligis. Desejais de vos descobrir ao mundo, e he forçado estar escondido: desejais ensinar vossas verdades, e he forçado estar calado: desejais chamar, e recolher os peccadores, curar os doentes, encher tudo de vossas virtudes, e mercês, padecer, e morrer pelo genero humano, e he necessario estar por agora encoberto, e dissimular. Obedeceis por amor á ordem do Padre Eterno, e obedecendo desejais, e desejando penais com os vagares, e detenças da natureza. Já que não podeis trabalhar nas obras que tendes pera fazer, penais em soffrer dilatar-se-vos o a que vindes ao mundo. Oh quam mal entendido he dos amadores do mundo este vosso genero de trabalho! Quem vos ama, vos entende. Se vossos servos, bom Jesu, a quem inflammais com puro amor, sempre por amor vivem em pena, de ver a perdição do mundo, de se lhe dilatar o degredo da estima, e desejo que n'elles arde, de vossa gloria, e do bem do proximo: e se he pera elles continuo martyrio a falta que em si sen-

tem de forças pera o que o amor lhes pede, e o desejo de vos ter, e possuir: que pena vos daria a vós, Senhor meu, amar muito, desejar muito, e esperar muito, ardendo n'esse divino peito hum immenso forno de divino, e puro fogo? Se só as faiscas que d'elle saltam nos corações dos vossos fazem tão vivas operações? Bemdito, e louvado, e glorificado seja vosso santo amor, Deos meu, Senhor da minha alma: já que tanta pena vos dá vosso amor, em esperar estas necessarias dilações de suas obras, aqui tendes em que o empregueis: aqui está esta minha alma ante vós tão miseravel, e peccadora, que só de vosso amor tem, e espera o remedio. Lançai Senhor, os olhos em mim, e havei piedade da destruição que cá dentro vedes, e das chagas mortais d'esta vossa criatura.

Oh quam longe Deos meu, estou d'este vosso amor: os effeitos que faz em vós pera me fazer bem, faz o amor do mundo em mim pera me apartar de vós. Ás cousas terrenas corro com furiosa affeição, entristeço-me se me tardam: afflijo-me se as não tenho: desconsola-me se não succedem á vontade; espero-as com desejo; busco-as com muito cuidado: guardo-as com muita affeição: perco-as com muita pena, porque todo me tem roubado, todo possuido, todo apartado de vós. Oh miseravel de mim, que ainda que isto conheço não me sinto perfeitamente: porque, Deos meu, se me sentira, arrebentára de dor de ver, quanto menos estimei a vós minha gloria, e bemaventurança que ao mundo, e quantas vezes vos deixei por meus gostos. Oh amor divino, quanto te devo! Que fora de mim senão foras infinito, porque menos que divino e infinito, não me poderas soffrer. Quantas vezes, Deos meu, entrastes n'esta alma com vossos doens, e com desejo de me conversar, e de me encher de bens: e chegando qualquer desejo de cousa terrena, sem vergonha, sem estima, e sem respeito, vos lancei fora de minha alma por dar entrada ás minhas terrenas desaventuradas affeições. Quando me acho perdido, e desbaratado d'ellas, e me torno a vós, logo vos acho pai amigo, e esquecido de meus males: logo me recebeis em vossa graça: logo abraçais minha alma com amor: logo me inspirais conselhos de saude, logo tornais a meu interior, e nem assi me dou todo a vòs. Torno a cada passo perder-vos, lançar-vos de mim, engeitar-vos, e despedir-vos de meu coração por meus peccados, de que mais gosto, que de vós, quando os commetto, pois por elles vos deixo. Como vivo, Deos meu, como estou ante vós confessando estas verdades de meus males sem me derreter todo de dor? Oh misericordia infinita, oh piedade immensa, oh bondade eterna: com

quanta razão me poderas já ter tantas vezes apartado de ti, lançado no Inferno, entregado aos demonios! E és tão infinita que calas, soffres, esperas, e deixas-te affrontar, e injuriar de mim, e desejas que te torne a querer, e chamar pera logo me acudir.

Oh vida de minha alma, que tal fico quando de mim te lanço? Fico sem vida, sem saude, sem luz, sem amor, e entregue a meus peccados, e ao Demonio, cuja vontade faço. Que digo, bom Jesu? Fico sem vós, Deos meu, todo meu bem, e minha esperança toda: oh pobre de mim, oh desaventurado de mim, quando já se acabará esta desaventurada peregrinação, e me verei seguro de vos perder, Deos meu? Perdoai Senhor, perdoai Jesu, perdoai Filho de Deos vivo, perdoai Cordeiro de Deos com misericordia, o que vedes n'esta triste alma. Derretei-me todo em dor, e sentimento de meus males. Aqui os ponho todos juntos, e a mim com elles a este fogo que em vós arde: curai, Senhor, estas chagas, mudai-me, e transformai-me todo a vossa vontade. Aqui vos occupai, aqui ardei, aqui satisfazei o desejo de fazerdes vossas obras. Oh quando me verei tão, possuido de vosso amor, que de verdade vos diga minha alma toda presa de vós: Vós sois meu Deos, meu amor, meu Senhor, todo meu, e eu todo vosso? Oh quando nenhuma cousa estimarei, nem desejarei senão a vós, vida minha bemaventurada? Oh quando me cansarão as cousas da vida, e aborrecerão tanto, quanto d'ellas gostei, e as desejei! Oh vida de meu coração, arça n'esta hora minha alma em desejo de vos ter, e amar, acendei Senhor este fogo, que sempre arça, que sempre dure, nem nas provas do verdadeiro amor falte.

Oh meu fogo, oh meu suave amor, que quereis que faça por vós? Converta-se tudo o que até agora amei, contra mim, e converta-se todo meu coração a vós. Com tudo quero ter guerra, só comvosco paz, e amizade, tudo renuncio por amor de vós, e a vós só quero, todo me rendo, todo me offereço, todo me entrego: castiga-me, atribula-me, e crucifica-me, e faze de mim quanto quizerdes, mas prende-me, possue-me, e cativa-me de ti, amor divino. Ensinai-me, Senhor, a soffrer a carga, e peso d'esta carne, sem vos perder, e sem vos offender: ensinai-me a padecer muito por vós; ensinai-me a estimar-vos. Só seja pera mim pena perder-vos, só ganho amar-vos; as cousas, que de vós me apartam, me aborreçam, e as que a vós me levam, me affeiçoem. Sede vós o unico amor meu, e o fim de toda minha vida, desejos, e obras. A vós busque, a vós ache, a vós vá, a vós chegue, a vós só deseje, e a vós só possua

sempre, e tudo o que vós não sois d'esta hora pera sempre me enfastie. Ponde, vida minha, em vós todo meu sentido, e cuidado d'esta hora pera sempre. Seja só pera mim gosto de padecer muito por vós, estar sempre entregue, e sujeito a vós, e deixar-me tratar de vós a toda vossa vontade. Esquecei-vos, Senhor, de meus males passados, olhai o desejo que agora me dais, e agora tenho de vós, e pois provastes bem quanto custam desejos dilatados, não tardeis, meu bom Jesu, de vir a mim, e tomar-me todo em vós. Vinde Senhor, e com vossa presença allumiai as trevas d'esta alma, e fazei que não haja pera mim mór pena, que tardardes-me, e não vos sentir entregue todo de mim. Oh quando, amor divino, farás em mim estas tuas obras? Oh amor, não seja tudo occupar-te em atormentar esse cordeiro! farta-te aqui em transformar om ti este fero lobo, amansal-o, sometel-o a ti, e trazel-o sempre a tua mão. Oh, oh, oh, se me verei alguma hora de ti possuido, e mudado de todo!

Que muito, Deos da minha alma, que deseje eu todo occupar-me em vós, pois fóra de vós todo me perco, e a vós vejo todo occupado em mim, sem terdes de mim mais ganho que o gosto de me amar, e de me fazer bem? Por ventura, bom Jesu, estivestes ocioso nove mezes, ainda que não fallaveis, nem vos mostraveis, nem padecieis por mim, o que desejaveis? Não por certo. Todo esse tempo, vida da minha alma, gastastes em sentir meus males, e vos offerecer a vosso Padre Eterno por mim, em me alcançardes, e merecerdes misericordias, e beneficios infinitos. Ahi me tinheis presente, ahi me chamava já vosso amor á união, e serviço vosso: cada gota de sangue, que em vosso corpo crescia, cada mantimento, que pera sustentar estes tenros membros tomaveis, cada vez que na estatura d'elle acrescentaveis qualquer cousa, renovaveis vosso amor, e de novo offerecieis a vosso eterno Padre pera todo o entregardes na Cruz por mim. E tantos desejos e gostos novos tivestes de fazer muito por mim, quantos momentos sustentaveis, e acrescentaveis á vida, e forças d'essa humana natureza, que por mim tomastes. Que mais farieis, Deos meu, por mim se fôra eu vosso Deos? Adoro essa bondade, adoro esse cuidado de mim, adoro esse infinito amor tão geral, e tão miudo, e particular: tão antigo e tão novo, tão eterno, e tão renovado. Pasmo, amor meu, nem sei fallar: acendei vós vosso amor em mim, pera que saiba sentir, agradecer, e amar.

Vós a mim, Deos meu? vós por mim? e que não sois cego no que fazeis, nem vos inclina errada affeição? Pois, Deos meu, vós a mim? Ah

ah, ah bondade: ah, ah amor sem lei, sem regra, sem medida! Adoro-te, louvo-te, desejo-te, por ti suspiro. Vem a mim, faz em mim o que fazes em ti. Pois não queres mais razão pera tudo o que fazes, que amar, ensina-me essa lei, essa razão, que só ella me governe em tudo. Que muito faço, em te desejar muito, em te amar muito, em viver todo pera ti, e em me despender todo em ti, pois nada faço de graça, nem posso responder dignamente a quanto amor te devo. Não posso ser o primeiro, pois tu és o que sempre começas: prouvesse a ti, Senhor, que fosse eu o segundo, e respondesse a tanto amor com alguma faisca d'elle. Mas tu, amor divino, has de fazer tudo, e o que agora desejo, obra ha de ser tua. Tirai, Senhor, de mim os impedimentos que em mim vedes de vosso amor, desfazei este muro de aço, que está entre vós, e mim. O amor que tanto vos occupa em mim, vos mova a desfazer tudo o que em mim vos descontenta, e desagrada. Levai Deos, e Senhor meu, a vós todo meu desejo, toda minha esperança, todas minhas forças, toda minha alma, todo o tempo, todas as obras, e toda a vida. Seja eu hum vivo instrumento sem resistencia nenhuma de vossa vontade. Quem me conhece senão vós, Deos meu? quem vê minhas necessidades senão vós, verdadeiro remediador d'ellas? Ante vós estou tal qual vedes. O que desejo n'esta hora, vós o sabeis: quam perfeita ou fracamente o desejo, só vós o entendeis: quanto vos devo, vós o pesais: quanta necessidade tenho de vosso amor, vós só, divino amor de minha alma, perfeitamente o penetrais. Dai-me, amor meu, o que vedes que hei mister, disponde-me pera me dardes o que me podeis dar, vosso sou, e vós meu, falle-vos por mim meu amor. Eu aqui estou entregue, e rendido quanto posso, com olhos, desejo, esperança, coração, alma, e tudo aberto suspirando por vós. Quando chegareis, e me fartareis, e me abrazareis todo em vós? Oh Deos meu, oh amor meu, oh vida minha, oh fogo meu, oh suave Jesu meu!

Madre de Deos, Virgem purissima, quem poderá comprehender o que recebestes estes nove mezes? Tambem aqui cala minha lingua, e falla a vós meu desejo. Dai-me Senhor, dai-mo Senhora da vida, dai-mo esperança minha: nem sei, nem quero mais pedir. Vós que sabeis quanto elle só me basta, alcançai-me amor pera o saber de todo desejar, e abraços interiores puros, pera em mim perpetuamente o prender. Oh corte do Ceo, que amais, e sois amada, e aqui está todo vosso bem, fazei que não fique eu miseravel fóra d'elle, mas que viva sempre amando, pois não vivo senão de ser d'esse Senhor amado, que em vós vive, e reina. Amen.

TRABALHO IV

O duro tratamento que deo Christo a seu corpo logo em nascendo, e de seu nascimento.

Chegado o tempo, e hora em que o Verbo divino encarnado havia de sahir do sacratissimo ventre da purissima Virgem nossa Senhora, e apparecer no mundo, foi tamanho o seu alvoroço de se ver já entrado no caminho, que elle tanto desejava, que David o comparou a hum animo, e esforço de gigante, pera commetter qualquer grande feito (*). E vendo quanta frieza havia na terra pera o receber, alvoroçou o Ceo, e mandou que descessem exercitos de Anjos a festejar sua entrada na terra. E sem duvida se elle soltara todas as criaturas, como soltou quando morreo, ellas mostraram com novos excessos e alterações o prazer, que merecia a vinda do Filho de Deos á terra, como mostraram sentimento em sua despedida, e morte. Mas como sua determinação era plantar na terra o espirito do Ceo, e parecer em figura, e maneira desapegada do amor das cousas terrenas, com as festas do Ceo se contentou. Mas por todo genero humano a sacratissima Virgem fez alli perfeitissimamente o officio, e divino serviço ao Senhor: porque ella só foi escolhida pera honra de nossa deshonrada natureza, e pera suprir todas as faltas d'ella. Assi chegando a hora do parto, ella a sentio, não com dores, e trabalhos das outras mulheres, mas com tamanhos, e tão novos exessos de inflammações de amor interiores e tamanhos jubilos, e alevantamentos da alma, que bem conheceo que era chegada a desejada hora em que havia de ver diante de seus olhos, e ter em seus braços, e a seus peitos virginais seu unigenito Filho, e de Deos, e se veria Virgem perpetua, e mãi do mesmo, que por Deos adorava. E era esta Senhora chegada á cidade de Belem aquelle dia com seu esposo Joseph, por mandado, e bando que se lançou por toda a Judea, da parte do Emperador Romano, pera reconhecerem vassallagem, e pagarem por si, e por seu Filho tributo ao Emperador. E como a cidade era pequena, e a gente era muita, porque todos os da casta de David acodiam áquella cidade ao mesmo, não achou a Senhora gasalhado, nem entre os moradores, nem nas estalagens, e foi-lhe necessario recolher-se a hum canto de

(*) Psalm. XVIII.

huma estrebaria publica, onde havia manjedouras (que a Escritura chama presepe) pera os passageiros atarem suas cavalgaduras a comer (*). Não se deve de cuidar que escolheo a Senhora este lugar sem consideração, porque como o Espirito Santo a ensinava, e guiava, ainda que sabia quam perto tinha a hora do parto, e que era bastante escusa pera não fazer pessoalmente aquelle caminho da cidade de Nazareth a Belem, todavia foi buscar o lugar que ella sabia, que Deos, que em seu purissimo ventre trazia, tinha escolhido pera nascer: acommodando-se, como fidelissíma serva (de que ella mais se presava, que de mãi) mais á vontade do Senhor, que havia de parir, que ao gosto que ella tivera de o agasalhar em outro mui differente lugar. Estando a Senhora a hum canto d'aquella pobre, e desabrigada estrebaria, occupada em inflammadissima oração, o Verbo divino encarnado, sem ella o sentir em nenhum effeito corporal, por sua propria, e divina virtude, e deixando sua sacratissima Mãi inteirissima, e perpetua Virgem, á meia noite em ponto, segundo foi revelado a S. Bernardo, sahio de suas purissimas entranhas, usando por então do dote de subtileza dos corpos bemaventurados, e glorificados, que entram, e passam aonde querem, sem nenhuma alteração das cousas proprias por onde passam (**). Sahido das virginaes entranhas, logo o divino Verbo encarnado Filho de Deos vivo, se lançou no chão sobre esterco, que na casa havia, diante dos olhos da Virgem sacratissima em corpo mui pequeno, e fermosissimo, e na feição, e figura semelhante a todas as outras crianças de novo nascidas. No mesmo instante se sentio a Senhora com os peitos cheios de leite por milagre celestial, e prostrada em terra adorou a seu Deos, e seu Filho, e o tomou em seus purissimos braços, e o cubrio com pobres coeiros, e o agasalhou, e lhe deo de mammar, e o deitou, por lhe fazer a vontade, no melhor lugar d'aquella estrebaria, que era huma manjedoura, e se poz apar d'elle, guardando-o, adorando-o, e pasmando. O que n'aquella hora sentiria, deixo á consideração dos devotos, porque lingua, nem penna podem declarar tamanhos excessos, e operações de amor, como alli houve. Fizeram seu officio os exercitos dos Anjos, reconhecendo, e adorando ao Senhor, que viam feito homem, chamando os pastores ao mesmo, e cantando, com celestiaes cantigas, glorias a Deos, e apregoando paz na terra aos homens de boa vontade. Tem esta palavra dos Anjos varios, e excellentes sentidos. Em hum sentido querem dizer, que he acabada

(*) Luc. cap. II. (**) S. Bern. in Vila, lib. I. cap. 1.

a divisão, e guerra, que o peccado tinha causado entre Deos, e os homens, e que já toda boa vontade, todo o bom desejo, todo o amor dos humanos corações tem entrada livre ao divino peito, pelas pazes, que o Filho de Deos nascido tem feitas, e confirmadas pera nunca mais se quebrarem. Querem tambem dizer em outro sentido, que pódem já os homens viver seguros da divina ira, e justiça, á sombra, e amparo de tal terceiro, e padroeiro, como temos no Filho de Deos humanado, porque por elle a divina bondade achou bastantissimas razões, e merecimentos, pera de boa vontade nos receber á sua graça, e amizade, e paz. Em este sentido querem os Anjos dizer, que a paz da boa vontade, e liberalidade de Deos he dada aos homens. Outro sentido se dá a estas palavras, mui proprio ao amor, que Deos n'este dia mostra aos homens. Muitas vezes na divina Escritura são os peccadores chamados filhos da ira, filhos de perdição, e filhos de morte, por quam sujeitos e entregues estavam a isto pelos peccados, e por Christo nosso Senhor fomos de Deos perfilhados, e somos já de verdade filhos seus. E como isto não são merecimentos nossos, mas só excessos do amor, e vontade que Deos nos mostrou dando-nos seu Filho feito homem: os Anjos nos chamam já homens, e filhos d'aquellas divinas entranhas, e aquella vontade bonissima, já inclinada a todo nosso bem. E por isso cantam, que aos homens, e filhos d'aquella vontade, e bondade paternal infinita, seja paz, que he principio de todos os bens, e conservação d'elles.

Entre todos estes angelicos cantos, e prazeres, não esqueça o trabalho que Nosso Senhor dá a sua humanidade, e como logo a desengana, que não nasce pera descanso: pera agradecer a este Senhor estar tão lembrado de nosso remedio, e do que nos cumpre, que nem as festas celestiaes são bastantes pera causar nenhum esquecimento n'elle. Tinha o Senhor n'aquelle lugar os braços da sacratissima Virgem, que elle escolhera pera o servirem, e agasalharem, e que a isto estavam já obrigados por serem braços de mãi, e de tal mãi: todavia em sahindo de seu purissimo e virginal ventre, não se põe logo em seus braços, e deixa a ella que faça seu officio quando quizer, mas elle por sua vontade se lança no chão, e escolhe a terra por cama commua aos bichos, e animais. E de tal maneira escolheo este tratamento a seu corpo em nascendo, que esse lhe deo toda a vida, pera que desde seu nascimento até sua morte podesse dizer, que lhe falta o gasalhado das rapozas, e aves, a que não faltam seus ninhos, faltando-lhe a elle huma pedra, e hum palmo de

chão proprio, em que se agasalhe, e encoste sua cabeça, commum a toda a alimaria. E quiz logo em nascendo parecer o que David d'elle profetizou, que seria bicho, e não homem, e pareceria o mesmo desprezo dos homens. Quem estima os bichos, que o esterco cria? Essa conta fez do seu corpo o Filho de Deos, pois no lugar onde os bichos se criam, logo em nascendo o lançou. Não se póde isto em Christo julgar por caso ou fraqueza de menino, pois por sua virtude sahio do sacratissimo ventre, em que andou nove mezes: mas foi eterna providencia. E elle mesmo como Deos, senhor, e governador do mundo, ordenou que se acabassem os Reis da casta de David em Judea, e os Capitães, e Principes, que depois lhe succederam, e viesse a sucessão d'elles por linha direita a ter á Virgem nossa Senhora, pobre, e Joseph Santo seu esposo, carpinteiro: pera nascer de mãi pobre, ainda que legitimo herdeiro do reino temporal de David que era. Mas como elle não pertendia cumprir as promessas, que a David fez da perpetuação de seu reino, em successão temporal, mas celestial, e eterno reino seu, ordenou que tudo acabasse, e reinasse Rei estrangeiro, gentio, pera nascer, viver, e morrer pobre. Assi quiz, e ordenou que os Emperadores Romanos fossem senhores de Judea, como eram de muita parte do mundo: e poz no coração do Emperador Augusto, que mandasse escrever a todos seus vassallos, pera que d'esta maneira se desse ordem em Judea, que todos os da casta de David fossem a Belem a se escrever, e assentar, e pagar seu tributo, pera que alli fosse a Virgem prenhe, em tempo que não achasse agasalho, senão huma estrebaria, onde elle em nascendo se podesse lançar no esterco, e no chão como tinha determinado. Bem differentes são os pensamentos, e pertenções de Deos, das do mundo, pois revolve Deos o mundo todo, e lhe dá tantas voltas pera nascer em huma estrebaria, e no chão desamparado, e abatido: e o mundo em nenhuma cousa mais se occupa, que em revolver-se, e dar infinitas voltas por ser, por valer, por estado, por parecer alguma cousa, e por puras vaidades. Tambem ficam d'aqui bem desenganados os mimos do corpo, por quem tanto os homens fazem, como se tiveram n'elle o maior, e mais leal amigo, sendo na verdade como he o proprio, e verdadeiro inimigo de todo nosso bem. E tanto que o allumiado S. Frei Egydio, companheiro de S. Francisco, dizia que aquelle vivia mais seguro, e melhor, que mais desenganado, e certo estava, que seu corpo era inimigo de todo seu bem. Pelo qual nosso Senhor que vinha ao mundo ser espelho de toda a verdade, e desenga-

no de todos os erros, ainda que tinha a seu corpo, e carne obedientissima a sua divindade, e conformissima com toda sua vontade sem culpavel resistencia: todavia em si nos quiz ensinar a conta que haviamos de fazer da nossa. E logo em nascendo a trata como inimiga, não o sendo, e lhe dá o chão por casa, e gasalhado pera toda a vida, pera que vivesse na terra cansada, e sem mimo. E sem duvida não custou isto ao Senhor pouco trabalho: porque como era de delicada compreição, e fraco como os outros homens, e passivel, devia de passar muitos quebrantamentos do corpo, e perder muito somno, d'esse pouco que tomava, pelo máo gasalhado que lhe dava. Bem via o Senhor quanto mal nos faz o proprio amor da carne, e paz que temos feita com seus appetites, e quanto nos desvelamos pela contentar: e que nenhuma cousa ha na vida que nos faça perder quanto nos Deos mereceo, e o fruto de seus trabalhos, senão o amor proprio d'este corpo. E por isso no seu, como em espelho, ensina quanto nos havemos de velar d'elle. Se no Ceo o amor proprio, sem fraqueza da carne, derribou tantos Anjos ao Inferno, que tantas partes naturaes, e de graça tinham pera se sustentar, que fará em gente de barro, que tanto trabalha por lhe fazer a vontade? Pera quanto descuido n'isto ha no mundo, lembre o que diz S. Bernardo, que só depois de estarmos no Ceo, e vendo a Deos, poderemos estar seguros do amor proprio (*): porque como a nós natural, lá o levaremos comnosco. Mas estará elle no Ceo tão cheio com a vista de Deos, que lá só perderá a malicia com que nos cá destroe. Mas n'esta vida quem se descuidar de andar com elle sempre em guerra, e batalha, tenha por mais certa a ruina, e perdição da alma. E tanto mais nos cumpre velar d'elle, quanto mais brando, e amigo se mostra da natureza, porque então com mais furia, e damno emprega sua malicia.

Exercicio do nascimento, e duro tratamento que Nosso Senhor deo a seu corpo.

Inflamma, bom Jesu, n'esta hora minha alma com fogo de tua charidade: allumia, amor meu, este coração com tua eterna luz; enfrea o destraimento de meus pensamentos, ajunta todos meus sentidos interiores, tira de meu coração a nevoa, a cegueira, pera que te veja, e te entenda, te conheça, te ame, te receba, e abrace, com puro amor, esposo de mi-

(*) S. Bern. epist. XI.

nha alma, que tão fermoso, tão rico, tão cheio de bens sabes d'esse sacratissimo ventre, e tão abrazado de amor entras n'esta terra, e degredo de miserias. Bemdito que vens em nome do Senhor Deos, e Senhor nosso que agora nos resplandeces. Vem, saude minha, vem gloria minha, vem bemaventurança esperada, e desejada d'esta alma. Adoro-te Deos meu, nascido em minha carne, adoro esses membros, adoro essa alma, adoro essa divindade, adoro esse amor, adoro essas misericordias, adoro esses divinos bens, e riquezas de que vens cheio. Apparecestes, gloria minha, na terra deserta de todos os bens, e povoada de todas as miserias: já vos tem os peccadores comsigo: já vos conversam pobres e pastores, já fizestes da terra Ceo, e do presepio Paraiso. Já descem do Ceo vossos Anjos a buscar-vos, e adorar-vos á terra; já está cheio de gloria nosso degredo; já cheio de cantigas, e louvores do Ceo o valle de lagrimas. Onde vós estais tudo he Paraiso, porque vós sois o mesmo Paraiso de divinos, espirituaes, e celestiaes deleites das almas que vos amam. Comvosco tudo he puro, tudo limpo, tudo claro, tudo cheio, tudo pacifico, tudo suave, tudo amoroso, e gostoso. Sem ser buscado nos buscais, Deos meu; sem ser chamado vindes a nossas miseraveis moradas; que fareis a quem vos deseja, e chama? Chamo-vos bom Jesu, vinde, Senhor, a esta alma, entrai, nascei n'ella luz divina, e allumiai-a com vosso resplendor. Dais hoje paz ás boas vontades, porque sabeis quam poucas ou nenhumas, e fracas obras haveis de achar, e quam pobres como somos de virtudes, e quando muito arribamos, chegaremos a ter bons desejos. Pera vós guardais fazer, e trabalhar muito, e a mim deixais ser rico de querer, e desejar muito pera tratardes comvosco esta vontade, e dardes graça pera com ella poder obrar. Oh Deos meu, e amor infinito, se tenho algum bem he, porque sou feitura, e filho d'essa vossa paternal, e amorosa vontade que me tendes, e donde mana perpetua fonte de bondades. Tambem em mim, só a boa vontade quereis pera disposição de quantos bens me podeis dar. Pois, Senhor meu, se buscais vontades, vedes aqui a minha, que n'esta hora por vossa bondade me dais desejosa de vos amar muito, de vos possuir, de vos ter, de vos abraçar, de se entregar toda a vós, e o que falta pera ser perfeita, vós perfeição soberana o haveis de suprir. Quem sou eu pera ter cousa boa sem vós? Assoprai, divino Espirito, esta faisca de desejo de vós, que me dais, fazei-a braza viva, e de braza chamma de amor, que todo me faça arder em vós, e todo vos traga a mim.

Oh divino Menino, quam differente és do que pareces! Os olhos humanos não vem em ti mais que hum muito pequeno, e fraquinho corpo lançado n'esse chão, encolhido, chorando, e estalejando com frio, como engeitado do mundo, e minguado de tudo, entre animaes, e no esterco como hum bichinho da terra. Mas vós sois Filho do Eterno Padre, o preço, e substancia de sua gloria, Deos infinito, e eterno, todo poderoso, thesouro das divinas riquezas, fartura das almas bemaventuradas, satisfação dos que te amam, bemaventurança dos que te desejam, e riqueza perfeita dos que te possuem. Oh Deos menino, oh soberano pequenino, quem desconfiará de vos poder ter todo, pois estais tamanino que em qualquer parte podeis caber? Fizestes-vos, Deos meu, da medida de pequenos corações, pera que todos vos tenham, e tido, e possuido, vós os fazeis grandes, e dilatais comvosco. A ninguem estranhais, de ninguem fugis, todo gasalhado aceitais, e de todos vos deixais abraçar com amor, como vida verdadeira da alma, que sois. Por isso vindes menino, porque quem abraçar menino abrace a Deos, agasalhe a Deos, tenha a Deos, e se alegre com Deos. Encobristes, soberana gloria minha, a vossa magestade pera serdes tratado de todos sem pejo, e com familiaridade. Quem se atrevera comvosco, se vossa bondade vos não amassara tanto comigo? Vinde a este coração, meu divino menino, tomai os braços que o desejo d'esta alma vos dá: aceitai o agasalhado que este coração deseja fazer-vos; agasalhai-vos em mim; mostrai-me a fermosura, e graça do vosso suave rosto: prendei-me de vossa belleza, e com vossa cordeira brandura, enternecei a dureza d'este coração, derretei-o todo em vosso amor. Ande sempre, meu suave Jesu, comvosco, cresça comvosco, dilate-se comvosco, tome forças comvosco pera vos amar muito, pera vos obedecer muito, pera vos fazer em tudo a vontade, preso de vosso amor.

Bom Jesu, divino Verbo, sabedoria eterna, vida verdadeira das almas, se vindes a buscar homens, porque em sahindo d'esse sacratissimo, purissimo, e virginal ventre d'essa Senhora engeitais todos, e vos tratais tão aspera, e duramente, que lançais esses tenrissimos membros no chão duro, e frio, e n'esse lugar nojento, e desprezivel? Sequer por honra d'essa Senhora, que vos ha de criar, e servir com tanto amor, e fidelidade não vos pozereis logo em seus sacratissimos braços? Que he isto, Deos meu, e gloria minha? vos não cahistes acaso no chão, como outra qualquer criança fraca, e ignorante, e sois eterna sabedoria; fazeis isso porque quereis, tratais-vos d'essa maneira por vossa vontade, e tan-

to por vossa vontade, Deos da minha alma, que de muito tempo, e annos atrás vindes governando o mundo, e ordenando suas cousas de maneira que seja forçado ir vossa sacratissima Mãi a Belem em tempo, e hora, que seja a gente tanta, que lhe falte lugar pera se agasalhar, pera virdes a nascer em huma estrebaria. E nascendo na hora que tinheis ordenado, e sahindo por vossa propria virtude d'essas virginais entranhas, por vossa vontade vos lançais no chão, vos cozeis com a terra, vos pegais a esse baixo lugar, vos tratais com tanta dureza, e aspereza, e ficais d'ella tão amigo, que toda a vida vossa cama he o chão, e que podeis com verdade dizer, que não tinheis aonde encostar a cabeça senão na terra commum aos animaes, e bichos do campo (*), com tantos quebrantamentos de vosso santissimo corpo, como se vos fora elle tão contrario, e inimigo como he o meu miseravel a meu espirito.

Oh bom Jesu, que amizade he esta da aspereza, e de duro tratamento d'esse corpo, e da terra dura, em que por vontade vos lançais, deixando os braços da Virgem, que pera vir a isto dais volta a todo mundo, acabais reinos, e mudais estados d'elle? Não escolhestes vós esses purissimos braços da Virgem sacratissima pera vos servirem? Pois como esperais que ella vos tome n'elles, e vós pera vós não tomais senão o duro, o aspero, o baixo, o pobre do mundo? Não ha aqui beliguins, e algozes, que vos arrastrem pelo chão, como depois farão, quando vos prenderem; vossa livre vontade, e vosso amor vos lança n'essa terra dura, n'esse baixo esterco, e vos deita n'essa manjedoura. Oh sapientissimo conhecedor de meus males! oh verdadeiro, e unico remediador d'elles! o meu corpo, e minha carne em mim he o mór, e mais prejudicial inimigo que tenho, em tudo me he contrario, a todo mal me inclina, e por ella perco quantos bens por ella em vós tenho recebido. E vós, bom Jesu, tendo em vós esta minha carne purissima, e hum obedientissimo instrumento pera vossa divindade n'ella, e por ella me fazer infinitas mercês, tratail-a em vòs como inimiga minha, e como a eu devo de tratar em mim; e em quanto a não glorificais, lhe não quereis dar descanso, mas sempre guerra, e trabalho. Oh cego, e miseravel de mim, que vejo isto tão claro, e não me confundo de ter feito paz, e amizade com esta mortal inimiga! Sirvo este corpo como a Senhor, presumo d'elle como de grande, desvelo-me por elle como por amigo, animo-o como a leal, e por elle vos perco, Deos meu, cada passo, como se lhe tivera a elle as

(*) Matth. cap. VIII. Luc. cap. IX.

obrigações que tenho a vós. Oh quantas offensas contra vós faço por lhe não desprazer! Como sinto seus achaques, como me compadeço de suas dores, como aceito suas razões contra vós, e como ando após elle cego, divertido, e enfeitiçado: vendo em vós, Deos da minha alma, tratada esta minha humanidade miseravel d'esta maneira. Oh luz de meu coração, oh espelho, e mestre de puras, e eternas verdades, já que tão claro me ensinais o que cumpre a este corpo, o mesmo amor que vos faz chegar a tantos estremos por me allumiar, e remediar, esse crie em mim espirito de novo aborrecedor de tão pestifero inimigo (*). Vós sabeis, Senhor meu, que não he possivel aborrecer eu cousa que tanto até agora amei, e conhecer seus encobertos ardis, e fugir e escapar d'elles, e tel-o sempre e tratal-o como inimigo, e contrario de todo meu bem, senão com fogo de amor vosso puro, e desenteressado, com que a vós só queira obedecer, e contentar. Está, Deos meu, este amor proprio dentro dos tutanos, e entranhas d'este terreno homem, e quando cuido que me vejo, e conheço, cotejando-me comvosco me acho d'elle mais preso. Comigo anda, comigo cresce, comigo acompanha, em tudo se me mestura, com todas vossas cousas quer ter entrada por valer, por ser senhor, e reinar; e por minha desaventura quasi sempre leva a melhor de mim. Que farei, Deos meu, ao peso d'esta miseria, e ás leis d'esta carne tão contraria a vós? Não tenho, Senhor, outro remedio senão a vós, Deos meu, e Senhor meu, pera isso nasceis, pera isso vos tratais tão asperamente por mim. Curai logo, bom Jesu, com esses vossos cauterios a podridão d'estas miserias, e com a força de vosso espirito a fraqueza do meu.

Vida, e consolação de minha alma, essa terra não vos ha de conhecer, essa baixeza não vos ha de amar, essa manjedoura não ha de saber quem sois, e ficará cada hum o que he, porque lhe não haveis de mudar sua naturezal bruteza. Este duro, e terreno coração, Senhor, o esterco das miseraveis affeições d'esta alma, a baixeza d'estes desejos em que me detive até agora, com vossa presença se mudará: deixai esse lugar, vinde a mim. A mim podeis abrandar, allumiar, mudar, abrazar, pera que vos ame, vos conheça, vos adore, vos abraçe, e possua, e por vós comvosco me aborreça a mim perfeitamente. Vinde, Jesu, a esta alma porque aqui me humilhareis, e em minha humildade vos glorificareis, e ensinar-me-heis vossas verdades, e vencereis meus inimigos, e fareis viver

(*) Psalm. L.

n'esta alma vosso espirito com morte do espirito terreno que em mim vive. Ponde-vos sempre, bom Jesu, ante meus olhos, apresentai-vos a meu coração, pera que vossa fermosura, e suavidade me prenda, e perca o sabor d'esta terra. E pois toda minha perdição me vem de fazer a vontade a esta carne contra a vossa: vós sabeis que não posso com ella, e quam fraco sou, vindo a occasião, que só vossa poderosa mão me ha de guiar, e esforçar contra mim. Aqui me ponho a vossos pés, aqui me offereço a vós todo com todas minhas chagas, e batalhas: quero n'esta hora tudo o que de mim quereis, desejo que em tudo façais vossa vontade. Ainda que esta pesada carne outra cousa queira, vós bom Jesu a mortificai, quebrantai, e a fazei servir á vossa: mostrai em mim a força de vosso espirito, e do amor, que á terra vos traz. O que n'isto meu coração deseja, e deve desejar, vós o sabeis: fazei comigo segundo vossas grandes misericordias: que eu não sei mais que mostrar minhas chagas, suspirar a vós Deos meu, minha esperança, meu verdadeiro amigo, e remediador, em que confio, a quem adoro, e louvo, e desejo de todo coração amar.

Oh Madre, e Virgem sacratissima, valei a este degradado miseravel, ajudai a quebrantar as durezas d'este terreno coração, e as contradições d'este misero corpo, e sujeital-o todo a este Senhor sempre, e em tudo: Não fique eu sem o fruto d'estes trabalhos, d'este Senhor, e fora de sua graça, ajudai-me a o contentar, e a me vencer, e a o servir sempre, e amar. Oh Anjos, e almas purissimas d'essa soberana corte, amai, e glorificai a esse Senhor com infinitos louvores, por quantas mercês me faz, e sede meus advogados, e terceiros, pera que esta pesada terra me não vença, mas alcançai-me espirito pera a trazer sempre debaixo dos pés do Senhor, cansada e atribulada, até que mereça comvosco a paz eterna. Amen.

TRABALHO V

Lagrimas do Senhor por nossos peccados.

Entrando o Senhor no mundo, logo em nascendo a primeira voz que lançou, foi chorando, como todos os outros meninos, parecendo-se em tudo com elles. Não he cousa de pequena admiração, e consideração ver o Filho de Deos vivo encobrir sua eterna sabedoria, e viver calado, e em silencio, até o tempo que as outras crianças fallam, e chorar, e deixar-se pensar, trazer no collo, e tratar como todas as outras crianças, são tratadas: não mostrando menos fraqueza natural do que ellas tem. E como tudo isto fazia não por fraqueza, senão por vontade, deixou aberta á consideração, dos que o amam, huma grande entrada pera o tratarem, e se derreterem n'estas maravilhas do eterno conselho. Dão pera isto grandes motivos as lagrimas com que o Senhor entra no mundo: e ainda que n'ellas se parecia com todos os outros meninos, na causa de que procediam, eram muito differentes. O Psalmista profetizou d'este Senhor, que o zelo da honra, e casa de Deos seria n'elle tamanho, que o andaria sempre comendo por dentro (*), de maneira que por honra de Deos tomaria sobre si todas as offensas que no mundo se lhe faziam. E assi entrando no mundo tamanho foi o sentimento que teve das offensas, e peccados, que os homens fazem a Deos, que tinha em sua eterna sabedoria presentes, que logo os começa a chorar: e toda a vida continuou em lagrimas, e banhando-se n'ellas morreo. Assi o disse S. Paulo, que teve o eterno Padre tanto respeito ás lagrimas, com que seu Filho unigenito lhe rogava pelos peccadores, e a sua divina pessoa, que por isso foi ouvido, e nos alcançou o remedio de nossos peccados (**). Gastou o Senhor as mais das horas de sua vida em oração a seu eterno Padre pelos peccados do mundo, e porque toda sua humanidade estivesse occupada em merecer-nos perdão; a alma sua sacratissima com suas potencias superiores estava toda enlevada em Deos, que como bemaventurada via, e o corpo se estava banhando em lagrimas, e affligindo-se com sentimento, e dor dos peccados, que erão commettidos, e haviam os homens de commetter contra Deos. Deviam estas lagrimas de ser sempre em muito grande quantidade. Porque como o Senhor foi sempre tão largo em suas cousas, que até huma vez que suou sangue, foi tanto que corria até o

(*) Psalm. LXIII. (**) Ad Hebr. cap. V.

chão onde estava (*). Assi se deve de crer, que ficaria sempre regado de suas lagrimas o chão onde orava, e que lhe serviriam ellas de banho de seu gosto, em quanto não chegava o de seu sangue, em que em estremo desejava banhar-se. Não fazia nosso Senhor este officio de lagrimas sem muito grande trabalho, sentimento, e pena. Porque os trabalhos tanto são mais pesados, quanto de dentro são mais sentidos, e mais affligem a alma, e por isso os trabalhos exteriores não podem ter comparação com os interiores. E o sentimento que a alma tem dos males, he pela medida do conhecimento que tem d'elles: e como nosso Senhor só he o que perfeitamente conhece quam graves elles são, sentia-os quanto elles merecem ser sentidos. E por isso o Psalmista não soube comparar este sentimento, senão a cousa que continuamente anda comendo, e roendo as entranhas (**). Quando os Santos querem encarecer muito a braveza, e fealdade dos peccados, dizem, que se hum peccador a visse claramente, de pasmo morreria. E he verdade, porque a experiencia tem mostrado em alguns servos de Deos, que não lhes dá Deos claro conhecimento da graveza de suas culpas, senão depois que lhe tem communicado tanto de si, que possa ter a alma forças pera o soffrer: e ainda então lho dá por muito breve espaço, pera os acabar de purificar, porque em alguns se vio, que a durar aquelle raio de luz, e claro conhecimento da graveza das culpas, não seria possivel á natureza poder soffrer o espanto d'ellas sem morte. Mas acode-lhe Deos logo com encobrir este raio, e com dom de nova esperança de sua bondade, e com os cativar muito mais a seu serviço, e amor com que de todo por amor os ajunta a si. E quem tiver isto por demasiado encarecimento, ponha os olhos em o Filho de Deos, verdadeiro conhecedor de nossos males, que não teve por muito quanto padeceo por elles: pois entendeo, que com menos preço que a valia de seu sangue, e infinitos merecimentos, não podiam elles ser satisfeitos. E assi a vista da graveza d'elles foi huma das cousas que no Horto o chegaram a suores, e agonias quasi mortaes, como adiante diremos. Tendo logo nosso Senhor tomado sobre si todos os peccados do mundo, pera satisfazer por elles, conhecendo perfeitissimamente a graveza de cada hum d'elles: com que sentimento, com que afflição, com que dor d'alma, com que trabalho os choraria? Não lhe faria mais leve o sentimento serem os peccados alheios; porque seu amor não podia ser proprietario, e assi fazia nossas cousas como suas, e como proprios sentia nossos males. Quanto mais que

(*) Luc. II. (**) Psalm. LXXXVI.

não se affligia o Senhor pelo mal que os peccados nos faziam, mas muito mais pela offensa que a Deos n'elles se faz: e por ambos os respeitos seu amor o fazia chorar continuamente. D'aqui fica entendido, que tendo os outros meninos filhos de Adão muitas razões de chorar em nascendo, por nascer em peccado original: filhos da ira: por entrarem em degredo: por começarem vida tão cheia de trabalhos, desastres, e peccados, tão longe do Ceo: tão arriscados a o perder, e por quantas miserias ha na vida, que acabam na maior de todas, que he a morte, sem certeza da vida eterna: todavia como nascem com o uso de razão represado, não se sentem, e faz a natureza seu officio mui proprio a filhos de peccador tão miseraveis. E porque ao menos pela entrada, e acabo da vida se desenganem, quando virem, entendam quanta razão tem pera chorar os males do meio d'elle. Mas o Filho de Deos, sabedoria eterna, que só na exterior forma, e quantidade era menino, entra no mundo como filho de Adão chorando, e como sabedoria de Deos conhecendo, e sentindo os males porque chora. Ali vio claramente a sujeição que temos dado, e reconhecença á carne, e ao mundo, o desenfreamento de nossos damnados appetites: o esquecimento das cousas soberanas, o desamor das cousas espirituaes da alma, os cuidados dos humanos corações tão empregados fora de Deos: a miudeza dos máos desejos, máos pensamentos, más palavras, e damnadas obras de cada hum dos nascidos, e por nascer. Ali vio quam mal nos podemos remediar sem elle, e quanto se tinha obrigado a satisfazer, e pagar por todos, e sobre tudo pera quantas almas nascia, e havia de trabalhar debalde, e quanto desconhecimento havia de achar na terra, e o mais que a penna, e lingoa não podem declarar. Tudo fazia n'elle tanto sentimento, que brotavam aquelles dous olhos sacratissimos bolhões, e fontes de lagrimas, que subiam ao Ceo; abrandavam a divina ira justamente acesa contra nós. E como nosso Senhor não sentia menos os peccados de cada hum de nós, que os de todo mundo: cada hum com razão deve ter aquellas lagrimas por suas, e sentir ser causa d'ellas, e aproveitar-se de seu fruto, e ajudar ao Senhor a fazer hum tão necessario officio a hum miseravel peccador. Vio o Profeta Ezechiel, que sahia de hum templo que lhe Deos mostrou em revelação, da parte direita huma viva agoa de tanta virtude, que salvava a todos os a que chegava (*): por parte direita entende muitas vezes a divina Escritura, a divina fortaleza, e abastança de todos os bens, a qual n'aquelle templo de Deos vivo Christo nosso Senhor estava plena-

(*) Ezech. cap. XLIV.

riamente: porque em seu corpo, que elle mesmo chamou templo, morava toda a divindade de Deos: e d'elle em nascendo mana este rio de agoas vivas, como outro Jordão de duas fontes, e olhos, com as quaes todos se podem lavar, e haver saude de todos seus males.

Aqui se vê quam bemaventurados são os que choram (como Christo diz) (*), pois tem estas lagrimas por consolação. Aqui se vê como este Senhor faz o officio de pai verdadeiro, pois toma sobre si os trabalhos dos filhos, e só faz o officio de os chorar, e remediar, e mandar a seus Anjos que apregoem prazeres no mundo, pois tem presente seu esposo, e remediador, em cuja presença ninguem pode chorar. Cavam os pais, suam, negoceiam pera os filhos, quando elles gastam a vida em desenfadamentos: assi quiz o Senhor, que todos estejam contentes quando elle está chorando, e com suas lagrimas fazendo officio de salvador. Grande verdade disse a sagrada Escritura, que he melhor ir á casa onde choram, que onde riem, e folgam (**). Não só porque o cabo de todo prazer do mundo abaixo do Ceo he tristeza, ou morte: mas porque pela maior parte onde ha muito prazer na terra, ha muito descuido da alma, e do Ceo: e vem os homens a tanto desatino, esquecidos do Ceo, que não são menos vergonhosas as cousas que choram, que as que festejam, e as que não choram. Festejam as cousas da terra, as prosperidades da vida, os damnados gostos da carne, de que diz a divina Escritura, que passando dias largos em festas, são ellas taes, e de cousas, pelas quaes em hum ponto descem ao inferno a se desenganar sem fruito, e chorar pera sempre sem proveito. Choram faltar-lhes os meios de sua perdição: não poderem cumprir seus gostos, verem-se em adversidades, que são os mais seguros caminhos do Ceo o que elles mais aborrecem. Deixam de chorar os males da alma, as offensas do Senhor, as perdas da vida eterna, o perigo da perpetua damnação, em que vivem. Nada d'isto se vê na casa d'estas lagrimas do Senhor, n'este santo presebre. As festas aqui são angelicas, os gostos espirituaes, as mercês soberanas e divinas; a companhia dos justos, a Virgem, S. Joseph, e pastores: choram-se n'ella peccados, e desprezam-se gostos da vida, merece-se o Ceo, e são consolados os que n'ella entram. E ainda que lagrimas são ordinariamente demonstração, e effeito de tristeza (porque ou se derramam pelo que falta, ou por cabo de tristeza quando o bem chega) não deixam as d'este Senhor sua propriedade, porque ainda que elle não pode sentir falta, nem

(*) Matth. cap. v. (**) Eccles. cap. vii.

acrescentamento de nenhum bem proprio, que lhe causasse lagrimas; todavia fazem ellas seu officio por nós, como poderam fazer por si, porque sente nossos males, e a falta dos bens que tinhamos perdido, e a presença de todos elles n'esse mesmo Senhor que as derrama, que he nosso verdadeiro thesouro de todos os bens.

Todas as lagrimas tem n'este Senhor singular companhia: as tristes tem o sentimento de seu paternal coração; as ferventes tem o amor que n'elle arde: as desejosas tem os bens que ellas merecem; de qualquer qualidade que sejam, sendo santas, a elle tem em braços, e isto basta. Cousa he pera cada hum olhar muito por seus gostos, pera saber se pode ter entrada a este Senhor, e parte em suas piedosas, e amorosas lagrimas. Porque a cousa da vida a que hum Christão maior medo pode, e deve haver, he a facilidade, e profundo descuido com que os homens deixam empregar suas affeições, e amor por cousas indignissimas do amor de huma alma criada só pera Deos, e pera bens eternos; d'aqui nasce viverem os homens ordinariamente tão seguros em seus peccados, e tão descuidados em alimpar suas consciencias, como se nem houvera n'ellas que chorar, nem morte que passar, nem conta que dar a Deos. Então cuidam que tiveram bom dia, quando cumpriram os mais terrenos desejos da vida. E lançadas bem as contas ás affeições, de que se deixaram levar, e ao tempo que ao mundo, e ao gosto do corpo, e da vaidade dão, e ao contentamento que tem das cousas por onde perdem a alma: muita razão têm de cuidar que chora Christo nosso Senhor por elles debalde, e que muito mais debalde virão elles a chorar eternamente, quando lhes não aproveite. Oh quanto melhor que estes está o servo de Deos desfavorecido do mundo, e que o mundo tem por indigno de seus falsos gosto, acompanhando nas lagrimas a Jesu, logrando os frutos espirituaes, que ellas de si dão, e os eternos, que nos mereceram. Quanto melhor está o penitente, que conhece suas culpas, e faz companhia a Jesu Christo no sentimento d'ellas, e recebe o perdão, que as lagrimas d'este Senhor lhe concedem. Quanto melhor está o recolhido, de qualquer qualidade, e estado que seja, que se sabe tomar conta da vida, e reformar seu erro, e ter conta com sua alma, e aproveitar-se de seu canto pera se entregar, e offerecer a Deos, e dar-lhe. e receber d'elle cada hum por seu modo, em huma familiar, e suave communicação de amor, indigna dos amadores do mundo, e a elles encoberta, e só conhecida dos que sabem com Jesu amorosamente chorar pera ser d'elle suavemente sonsolados.

Exercicio das lagrimas do Senhor.

Meu bom Jesu, amor de minha alma, que lagrimas são estas, que logo em entrando no mundo derramais? Oh soberana consolação de todos os tristes, porque vos derreteis todo em lagrimas, o dia em que entrais na terra dos tristes peccadores, e em que os vindes consolar? Os Anjos cantam alegrias, e louvores, e dão novas aos Pastores de prazeres por serdes nascido, mandando aos homens que estejam contentes de ser nascido o Salvador, que sois vós só, unico bem meu, e vós só bom Jesu entre tantos cantos celestiaes, entre tantas novas de prazer estais chorando? Bemdito, louvado, e glorificado sejais, Senhor meu, que vindes tão cheio de desejo de nos salvar, e redemir de nossos peccados, que nem huma só hora quereis estar sem fazer este officio, e o que não fazeis ainda pelos peccados dos homens morrendo, e padecendo, o fazeis chorando-os como se foram vossos proprios. Não quereis, amigo verdadeiro de minha alma, deixar de nos abrir em tudo caminho pera nosso remedio; e porque sabeis que ha de haver muitos que vos reguem os pés espiritualmente com lagrimas e dor de seus peccados, como fez a vossa Magdalena, quereis vós primeiro regar o peito do Padre com as vossas, e com ellas humedecer, e enternecer as minhas, e santifical-as, pera serem recebidas, e as culpas perdoadas. Por isso logo em entrando no mundo começais a satisfazer com vossas lagrimas ao Padre Eterno, o que depois com sangue haveis de acabar de pagar de todo. Oh amor de minha alma, que vos darei por tanto, e tão grande amor como me tendes? Não sois, bom Jesu, como os outros meninos, ainda que vos pareceis com elles, em lançar a primeira voz chorando com todos. Mas elles tendo muita razão de chorar o degredo em que entram, o peccado original em que nascem, os perigos, e trabalhos que tem por passar, e as miserias corporaes, e espirituaes, que nascendo começam a padecer: todavia não se entendem, e faz a natureza ignorante, sem se sentir, o officio, que a razão houvera de fazer se se entendera. Mas vós, meu eterno, e divino Senhor, soberano bem, e luz de minha alma, bem vos entendeis, e não chorais pelo que os outros meninos houveram de chorar com razão; mas com vossa eterna sabedoria vedes os peccados dos homens, as offensas feitas, e que se hão defazer contra vosso eterno Padre, a perdição das almas, que ha no mundo, em que entrais, as miserias, e necessidades interiores não conhecidas; os erros com que todos estamos cegos; o gosto que temos dos peccados por onde nos perdemos;

o esquecimento de vossa lei, e dos bens eternos, o odio das cousas celestiaes, e amor das terrenas, que no mundo reina; o engano que na gente vive contente, e apartada de vós; o senhorio que o peccado, e o Demonio tem nas almas; o perigo da eterna condemnação, em que o mundo vive descuidado; a ira de vosso eterno Padre justamente contra os homens indignada; e quam impossivel he á fraqueza humana remediarse n'estes males sem vós, e sem o amor que á terra nos vindes mostrar. E por isso quando, vida da minha alma, vos vedes entrado em tal e tão perdido mundo, quereis que o Ceo se alegre, pois por vós será cedo povoado, e quereis que se alegrem os homens pois vos tem já na terra seu unico, e soberano, e verdadeiro remedio, e que vos deixem a vós só fazer vosso officio no meio de todos estes prazeres, com muitas lagrimas de vossos divinos olhos nascidas d'esse abrazado amor, que n'esse peito arde, e offerecidas a vosso eterno Padre com estranhavel sentimento de nossos males, e desejo de os remediar. Por isso quizestes que esses vossos purissimos olhos logo em nascendo sejam dous canos por onde saiam as agoas vivas d'esse misericordioso peito, que sarem todas as nossas chagas, e com essas quentes lagrimas se derreta, e gaste o congelado amor da terra, que nos mata. Oh thesouro de divinos bens, fazei que cheguem a mim estas vivas agoas, pera que seja salvo. Adoro-te amor divino, adoro-te misericordia infinita, adoro-te cordeiro de Deos, que tiras os peccados do mundo, tão cuidadoso, e solicito de meu remedio, e tão apressado em curar minhas chagas.

Bem te chamou Isaias apressado roubador (*), porque antes de chegado o tempo em que tinheis determinado de fallar como as outras crianças, roubais com essas lagrimas os bens do Ceo, as misericordias de Deos, as graças espirituaes, e celestiaes para os peccadores e nos encheis de bens soberanos. Oh unico Salvador, e remediador de meus males, oh Esposo d'esta alma fidelissimo, oh Padre amantissimo d'este miseravel peccador! Quamanha verdade dissestes, que não podem os filhos do esposo chorar em quanto o têm comsigo, mas quando o tiverem ausente, chorarão faltar-lhe sua presença (**). Porque o esposo, e pai presente, toma sobre si os trabalhos dos filhos, carrega sobre si remediar-lhe as suas necessidades, e consola-os com a sua presença, e os filhos só tem cuidado de passar a vida alegre, e com gostos, descarregados no cuidado do pai. Assi vós, meu bom Jesus, em nos apparecendo, quereis que todos folgue-

(*) Isai. VII. (**) Matth. IX.

mos, e em vós descarreguemos todos os cuidados, e vos só tratais com lagrimas de desarreigar os filhos que amais, e negociar-lhe seu remedio, buscar-lhes, e merecer-lhes os verdadeiros bens, de que carecem. Bemdito, e louvado seja esse paternal, e divino amor, que nos tendes, bom Jesu.

Mais ainda vos devo, Deos da minha alma, porque não só começastes a vida chorando, mas chorando a continuastes, e chorando na Cruz muitas lagrimas a acabastes. Passaveis as noites, e dias em oração continua, lavando vosso sacratissimo rosto, e peito, e regando a terra com lagrimas, sentindo meus males, como se foram vossos proprios, e merecendo-me com ellas muitos bens, como se foram vossos os proveitos, e ainda que outros trabalhos na vida não tivereis, assás grande he chorar toda ella os males, que não commettestes, e suspirar por nosso remedio, e bens, de que nenhuma necessidade tendes. Oh fonte infinita de misericordia, oh infinito fogo de eterno amor, como me não derreto todo aqui em lagrimas, e em desejo de me consumir todo em vosso amor, e serviço, e em odio entranhavel de meus males, quando isto vejo? Como, meu dulcissimo Jesu, não vos ajudo todas as horas a fazer esse officio que tão immensos bens me mereceo? Oh abrazadas, e suavissimas lagrimas, enternecei, e abrandai a dureza d'este coração n'esta hora, e toda a vida, pera que vos ajude a chorar meus males, e todo me abraze em vosso amor. Porque se vós, eterna sabedoria, não vistes em mim cousa que não fosse pera chorardes toda a vida pela remediar, que cegueira he a minha, que busco na vida gostos sem me sentir, nem conhecer? Allumia, luz divina, minhas trevas, pera que me veja, e reconheça, e aborreça. Desapega meu coração do mortal amor da terra, que de ti me aparta. Tira-me o gosto das cousas que me tem feito tão miseravel, que a mim não me entendo, e a vós fazem chorar-me toda a vida.

Oh infinita piedade tão larga em me soffrer, e tão rica em me remediar, que fora de mim se te não compadeceras de minhas grandes miserias, e se com misericordia não olharas meus males? Porque, Deos meu, bem olhada minha vida, tanta razão tenho de haver medo, e de chorar pelo que até agora chorei, como pelo que não chorei. Quando, Deos meu, senti tanto faltardes-me vós, ou perder-vos, eterna riqueza minha, quanto senti faltar-me, ou perder qualquer cousa, e gosto da vida? Choro se perco o pai, irmão, parente, ou amigo, que me não podem salvar, nem tirar de meus males, e que forçadamente, ou tarde ou cedo hei de perder; e cada dia por meus peccados vos perco a vós, e vossos eternos

bens, e mereço ser apartado por meus peccados da celestial companhia pera que fui criado, e não o sinto, nem choro! Sinto, magoa-me, e choro se me dão os homens desgostos, se me não fazem o que cuido que lhe mereço, inquieto-me de dentro, e de fora, por qualquer cousa contra meu gosto, e vontade: estimo, e sinto muito, pequena perda de honra, e de credito com os homens: afflijo-me, se dizem de mim com razão, ou sem ella, cousa que imagine que em mim desfaz; não soffro outro valer, nem medrar mais que eu: gasto a vida, e tempo em regozijar, e desenfadar este inimigo meu mortal, causa de todos meus males, pesado, corrupto, e miseravel corpo: e se me falta com que lhe possa cumprir seus gostos, entristeço-me, perco por elle, e por minhas affeições, e paixões o somno, e a quietação; e o que he peior, que tenho gastado muita parte d'esta miseravel vida que me destes, bom Jesu, pera merecer o Ceo, em obras, pensamentos, desejos por onde o perco, e sou tão miseravel, que não soffro tirarem-me, e deixar as occasiões de me perder, e de vos perder unico bem de minha alma, e assi choro pelas occasiões de perdição, e me desvelo por ellas, como se fossem verdadeiros bens vossos. E vejo-me sem virtudes, sem victoria de minhas tentações, mas d'ellas vencido, tibio, e sem fervor: sem forças interiores pera o bem, tendo-as muitas pera o mal; sem luz interior, sem fogo de vosso amor, sem vivo desejo ds vos contentar, sem vivo cuidado de vos sentir, sem amor, e desejo de padecer muito por vós, sem paz interior, sem cousa boa de que possa cuidar que tenho de meu algum bem. Que digo, Deos meu? Vejo-me longe de vós, vejo-me apartado de vossos suaves abraços, vejo-me em região, e sombra da morte, sem vós verdadeira vida d'esta alma, e não choro, nem me derreto em lagrimas diante de vós. Não sois vós, bom Jesu, mais verdadeiro pai, amigo, irmão, companheiro, honra, riqueza, consolação, e bemaventurança d'esta alma, que tudo o que ha na terra? Pois como me não corro de chorar pelo da terra, e não sentir faltardes-me vós? Oh lagrimas de infinito merecimento valei-me, já que tantos bens me mereceis; tambem me dai verdadeira estima do que hei de estimar, e odio, e desprezo do que se ha de desprezar; acabe já, Senhor, minha miseria, não ande tanto tempo da vida enganado. Havei, Senhor, dó de huma vida tão pequena pera poder merecer o Ceo, e tão gastada em cousas da terra, sequer d'esta hora por diante, por virtude d'essas abrazadas lagrimas seja eu todo mudado á vossa vontade. Peza-me, Senhor meu, de todo o passado, desejo aju-

dar-vos aborrecer, e chorar meus males. Vós o haveis de fazer; oh lagrimas que abris o Ceo, abri os olhos d'esta cega alma: oh lagrimas que penetrais o peito do Padre eterno, penetrai o intimo d'este coração: oh lagrimas que trazeis á terra todos os bens do Ceo, alevantai este terreno coração ás cousas celestiaes: oh lagrimas cheias de doçura, de amor, de piedade, acabai de lavar esta alma, purifical-a, abrazal-a, e transformal-a toda em fogo de amor divino, e odio de amor terreno. Oh quando chegará essa ditosa hora, que veja n'esta terrena alma os effeitos d'estas divinas lagrimas! Bom Jesu, o que não sei pedir, essas vossas lagrimas vol-o pedem, ouvi-as a ellas, pois não mereço ser ouvido, e por ellas me dai o porque ellas se derramam.

Meu dulcissimo Jesu, he verdade, que as lagrimas são cabo da tristeza, ou nascem d'ella; porque a tristeza, que he sentimento, e dor de perder, ou faltar a cousa amada, faz chorar pelo que se deseja e ama, e quando chega, acaba a tristeza com lagrimas do bem presente, cuja falta se sentia: e por isso os vossos santos, e servos, que vos buscam com desejo, choram os males, pelos quaes vos perderam, e choram, quando vos communicais, e mostrais em seus corações, pelo gosto de tamanho bem, que sentiam faltar-lhes, e que tem em sua alma presente. Se isto he assi, como he, que bem vos falta a vós, bom Jesu, pera chorardes por elle, ou que bem vos póde vir de novo que choreis de gosto de o verdes já presente? Vós sois o mesmo eterno bem, e comvosco tendes todas vossas riquezas, e assi como não póde haver n'ellas mingoa, nem falta, assi não póde haver crescimento. Pois vida da minha alma, que bem vos falta pera sentirdes, e chorardes por elle? Oh infinito amor, não proprietario, mas commum, larguissimo de teus proprios bens, e pedinte dos alheios! Oh charidade divina tão abrazada pera os bens alheios, como rica dos teus proprios! Oh fogo faminto, cuja fome nunca se farta senão com mudar tudo em si! Parece que mostrais, amor da minha alma, não estar contente senão depois que com vosso fogo mudais todas as almas em vós: e como fizestes as almas pera vós, sentis perdel-as, como perda de vossa propria fazenda, e chorais por cobral-a. Parece que está alegre o fogo quando arde em chammas, e que chora quando se apaga, e desfaz em cinza. Agora, Pastor divino, que vindes buscar as ovelhas erradas, e perdidas, entrais n'este val de lagrimas, onde se perderam chorando por ellas: e depois que tomardes nossos peccados, e castigos d'elles sobre vós, e com muito trabalho, dores,

e morte ajuntardes vossas ovelhas no curral da gloria, e nos pastos celestiaes, então folgareis, então estareis contente. Oh fogo infinito, oh amor eterno: que se não tens onde abrazes, e te alargues, e muitos corações que queimes, choras! Pois vida de meu coração, Jesu dulcissimo eis aqui a mais perdida ovelha porque chorais: não choreis por esta alma, abrazai-a toda, e estai contente. Mudai estas lagrimas a mim: pois estais, amor divino, tão avarento, que sendo infinito bem, ainda me quereis a mim, e chorais por mim, quem impede fartardes-vos de mim? Não és tu fogo? Não és divino? Não és todo poderoso? Não és infinito? Pois quem impede consumires tudo o que em mim te descontenta, e mudares-me todo em ti, e contentares-te de mim? Ah meu Deos, ah bondade infinita, sejam as lagrimas meu pão de dia, e de noite, em quanto n'esta alma te não sinto. Dá-me que chore por que te perdi, depois que te tive, chore pera que te não perca. Alegra-me com tua presença, fujam com ella d'esta má terra teus inimigos. Ah Senhor, desejo n'esta hora pedir muito, desejar muito, amar muito, e enxugar estas tuas lagrimas: mas não sei o que me abate. Tu que me conheces, e me vês, pois choras por meus males, remedial-os: e já que tambem choras pelo desejo de meus bens, dá-me o que vês que falta, meu amor, meu Jesu, meu pai, meu esposo, e todo meu bem.

Oh quamanha verdade dissestes, Deos meu, na divina Escritura, que melhor he ir á casa do choro, que á de prazer, e banquetes (*). De vós está escrito, que nasceis chorando, e morreis chorando, e que no Ceo comvosco enxugais de todo as lagrimas dos justos (**). Vós dissestes, que são bemaventurados os que choram (***). Dos mundanos está escrito, que gastam seus dias em prazeres, e em hum ponto descem aos prantos eternos no inferno (****). Oh vida da minha alma, já que tudo isto he assim, quanto melhor he este presepe cheio de vossas lagrimas, que os paços reaes cheios de passatempo, e musicas! Não ha prazeres na vida, que não sejam cercados de tristeza, e não ha lagrimas vossas, que não sejam cheias de bens, e de alegrias. No meio dos gostos da terra, ou os trabalhos da vida, ou a morte, mudam tudo em tristeza, e no melhor dos gostos enganosos dos peccados, se chega a morte, muda-os em lagrimas infernaes, e eternas. E os peccadores, que choram ante vós os peccados, sahem justificados, e contentes, e os justos que viverem em continuas lagrimas, e desejo de vos ver, e possuir, são consolados com prazeres eter-

(*) Eccles. (**) S. Joan. Apoc. XXII. (***) Matth. V. (****) Job. XXI.

nos. Oh vida de meu coração: quanto melhor he chorar comvosco, que festas, e prazeres sem vós. Que mais querem os que choram, que terem-vos por companheiro, e por unico bem, e perfeito consolador? Fazei-me bom Jesu, hum dos de vossa casa. Que suavissima hora em que regando-se o corpo com lagrimas, a alma vos tem intimamente abraçado comsigo. Oh divino menino, abraçai-vos comigo, choremos ambos: vós por mim, e eu por vôs, ganharme-heis, e possuir-vos-hei: consolar-vos-heis comigo, e eu comvosco. Oh que branduras, que thesouros communicais aos que comvosco abrazados, comvosco, e por vós choram! Oh verdadeiramente bemaventurados, os que choram, pois de vós, e comvosco, na eterna bemaventurança serão consolados! Acabem, bom Jesu, pera mim os prazeres da terra, comecem em mim as fontes de lagrimas, e pois chorando vos tenho, d'aqui renuncio todos os prazeres da vida. Vinde a mim, bom Jesu, derretei-me todo em desejo de vos ter: seja pera mim este mundo, valle de lagrimas, pera que mereça sempre possuir-vos nas soberanas, e eternas alegrias.

Oh Madre d'este Sênhor sacratissima, que vieis, e entendieis suas lagrimas, e n'ellas o acompanhaveis com o gosto de ver tamanho bem ante vossos olhos, e em vossos braços: alcançai-me d'estas lagrimas o que ellas me desejam. Oh Celestial Corte, regada com o fruito d'estas lagrimas, e prospera com os bens que ellas vos mereceram, compadecei-vos d'este desterrado filho de Eva, e alcançai-me odio do que me impede vossa companhia, e abrazado fogo de amor do que lá vedes, e amais, e possuis. Amen.

TRABALHO VI

Desabrigo nas asperezas do tempo.

A batalha que nosso Senhor teve n'esta vida contra os peccados (como já temos dito) não foi só satisfazer por elles ao Padre Eterno, e merecer-nos graça, e gloria, pera sahir de seu poder, mas deixar-nos exemplos de vivas virtudes em que vissemos o mal que nos fazem, e de que aprendessemos a fugir d'elles. E por isso contra os vicios que mais no mundo reinam, e contra as maiores, e mais recebidas occasiões d'elles muito mais se armou, e das contrarias virtudes nos deo muitos mais exemplos. Como são humildade, soffrimento, odio, e desprezo de todo o gosto do mundo, e de tudo o que elle estima: e outras a este modo. E porque o amor do corpo, e o cuidado, e mimo d'elle he huma das cousas que mais occupação, e tempo levam aos homens, e que mais occasiões dá a muitos, e muito prejudiciaes peccados; o Filho de Deos logo em nascendo, e toda a vida tratou o seu de maneira, que os que tivessem forças, espirito, e graça pera o mortificar, enfrear, e castigar, tivessem n'este Senhor bastantissimo exemplo: e os que se não atrevessem a tanto, ao menos no tratamento, que o Senhor deo ao seu, vissem quanto se devem velar de tão cruel inimigo caseiro, pera não perderem por elle a alma, e os bens soberanos. Hum dos mimos que os homens fazem ordinariamente aos corpos, que mais parte da vida, e fazenda lhes gasta, he em lhes buscar invenções pera os livrar das injurias, mudanças, e asperezas do tempo, e pera sentir menos o a que são naturalmente sujeitos.

Isto inventou a curiosidade da casa, sotãos, varandas, e eirados, jardins, bosques, fontes, tanques, vestidos, camas, comidas, musicas, jogos, e outra muita variedade de regalos: huns pera a calma, e outros pera o frio, e outros pera enlear parte o sentido que não sinta tanto o que forçadamente ha de padecer. E como o inimigo mimoso não dá de si outro fruito senão traições, contra quem deve sujeição, e obediencia: alevanta-se este tyranno, e sendo escravo quer ser senhor, e a voltas dos gostos d'estes regalos, dá entrada a descuidos da vida eterna, á estima de toda a cousa terrena, a profanos, e deshonestos prazeres, á soltura dos sentidos por quantas cousas podem cativar, e submeter a alma a seu

amor, e serviço. E pela muita soltura, e desaforamento que d'isto ha no mundo, e pelo grande perigo que as almas correm de se perder, os Santos Padres movidos, e ensinados do Espirito Santo, inventaram a vida commum dos Mosteiros, onde houvesse huma mediania pera passar a vida, e se cortasse toda a demasia com que se perde a alma, e não faltasse occasião a quem quizesse mais apertar com aspereza seu corpo. E muitos não contentes com isto, se tiraram dos povoados, e se foram aos desertos sem casas, sem vestidos, nem comidas, que parecessem de humanos. E huns viviam toda a vida em perpetuo jejum, outros á calma, frio, sereno, e todos desvelando-se tanto em negar a seu corpo o que lhes pedia, ainda do necessario, quanto os mundanos se occupam em o contentar, e regalar. Nosso divino Mestre Jesu, apparecendo no mundo nasce nú, como todos os filhos de Adão, em casa desabrigada, no mais frio mez do anno, a horas de meia noite, estalejando com frio, sem abrigo, nem bastante agasalhado. Depois de grande, nunca mudou o vestido, que nossa Senhora lhe deo bem pobre, e com elle andou até o deixar ao pé da Cruz: não se recolhia da calma: nem se agasalhava mais do frio: não fugia do sereno, e como seu corpo era da massa dos outros, e passivel, não faziam os asperos tempos n'elle menos impressão, que em qualquer outro. Em quanto viveo em casa, não era a fabrica d'ella tal, que bastasse pera o defender de calmas, e frios. Depois que tratou a gente, a terra era o seu chão, e o Ceo seu telhado, e seu sacratissimo corpo, barbas, cabellos, e vestido, recebiam em si os orvalhos, geadas, chuvas, ventos, sol, e quenturas com os trabalhos, que tudo isto custa, como se fôra elle o peccador, que de tudo isto usára mal. E por não dar descanso ao corpo, se de dia recebia gasalhado, e comidas de alguns, as noites sahia ao campo, montes, ou hortas a orar, e padecer. Era este Senhor o proprio author, e creador dos tempos, que os repartio nas differenças, que tem pera serviço dos homens, e devemos cuidar d'elle, que pois tudo sabia, já quando os fez, seu amor o alvoreçava, e lhe dava particular gosto pera passar o trabalho que lhe elles haviam de dar. Então criava pera si o frio do inverno, e a calma do verão, e aspereza dos ventos, satisfazendo-se só do trabalho d'isto, e deixando aos homens as frutas temporaes, que elles criam, de que o Senhor usou muito pouco.

Grande companheiro tem n'este Senhor os pobres, a que falta o que sobeja aos ricos: e ainda que padeçam o trabalho, e desabrigo dos tem-

pos, por não chegar sua possibilidade a ter os necessarios defensivos: todavia, como he grande providencia christãa saber fazer da necessidade virtude, lembrem-se do que diz S. Chrysostomo, que como Deos tem muita conta com o amor, e boa vontade, não aceita menos em serviço os trabalhos forçados, que os voluntarios, se o amor, vontade, e desejo de o servir lhes faz sacrificio, e lhe offereço aquillo que não posso deixar de padecer (*). E com muita razão podemos cuidar isto de Deos: porque como os trabalhos que forçadamente me vem, e não posso evitar, tanto vem da mão de Deos, como a vontade que elle dá pera tomar outros por minhas mãos pera o servir; não se dá elle por menos servido d'aquelle que com boa vontade toma de sua mão o mal que elle ordena, que o que põe em execução a boa vontade que lhe elle dá. Antes se os pobres, e necessitados tivessem espirito de Deos, não se devem de ter por pouco ditosos em lhes dar Deos no mundo a sorte que pera si escolheo: pois vem que quando nasceo, havendo muitos justos ricos, entre o povo de Deos, só á companhia dos pobres (sua Mãi, S. Joseph, e Pastores) se mostrou. E tem com Christo desabrigado e atribulado huma grande consolação, e merecimento, se lhe offerecerem o frio, calmas, necessidades, que padecem em união, e companhia das que elle padeceo, porque ajuntando sua pouquidade a esta tão divina companhia, fica com ella merecendo fruitos da vida eterna. E se fazer da necessidade virtude val tanto ante Deos, quanto valerá padecer virtude por necessidade? Sem duvida os ermos povoados de voluntarios penitentes, os Mosteiros cheios de voluntarios necessitados, as voluntarias asperezas, que ao corpo se dão, o voluntario cortar pelas demasias do corpo, tem n'este Senhor não só exemplo, e valia, mas esforço, e animo pera tudo, com que a natureza cuida que não póde, porque o amor, que não costuma (como diz S. Pedro Chrysologo) tomar a difficuldade por achaque, nem a impossibilidade por remedio de não fazer o que deseja(**), tanto com maior animo commette as cousas, quanto mais difficultosas, e impossiveis lhe parecem, por se parecer em alguma maneira com o verdadeiro amigo Jesu. Assi conta Palladio, que humas santas mulheres vivendo muitos annos entre humas paredes altas sem telhado com grandissimo trabalho, perguntadas como podiam soffrer aquillo, não souberam dar outra razão, senão que a formosura do esposo era tamanha, que não deixa-

(*) S. Chrys. Serm. de amore Dei et tolerantia in adversis tom. v. (**) S. Chrysol. Serm. CXLVII.

va parecer muito, e grande o trabalho, que fazia parecer com elle, e contental-o (*). E se os mimosos, e demasiados em regalos soubessem os espirituaes mimos dos que se desagasalham por Deos, e os suaves regalos com que desse Senhor são tratados, mui longe estariam de fazer por seus corpos o que fazem. Mas porque tambem isto he cousa que mais he pera experimentar, que pera fallar, por huma cousa poderão conjeturar o que vai no coração dos justos que padecem mingoas: Que n'ellas vivem mais contentes, e alegres, que elles em todos seus regalos, nem trocará hum d'estes huma hora de seus frios, ou calmas com a companhia de Jesu, por todos os gostos de todos os mimosos do mundo juntos.

Parece que não terão aqui lugar os que não são tão mimosos, que percam pelo mimo do corpo a Deos, nem tão rigorosos comsigo, que deixem tudo por elle. Como são Reis, nobres, casados, e a mais da gente boa do mundo. Mas na verdade tambem estes tem n'estes trabalhos do Senhor muita consolação: porque vêm que nosso Senhor dando de si exemplos tão rigorosos pera a vida humana, a ninguem obrigou a seguil-os; mas antes merecendo-nos elle o Ceo com tantos frios, e calmas, nos deixa ir a elle com abrigos, e agasalhos, e nos mereceo com seus trabalhos remedio pera os males que pelo gosto do corpo a alma commette. Todavia assi permitio aos homens o uso d'estas cousas, que lhe não deo licença pera desaforadas demasias, nem pera cativarem a ellas o amor que lhe devem. E ainda que pera se livrar das tyrannias de seu corpo, tenham mais trabalho, e mais perigo, que os que deixaram tudo, todavia se se valerem da continuação dos sacramentos pera purificar a alma, e do exercicio das virtudes, que cabem em seu estado, e tiverem cuidado da alma, que se não espalhe tanto, occupe, e distraia nas cousas, e gostos do corpo, como elle quer: poderoso he o Senhor, que de pedras sabe fazer filhos de Deos, pera tirar rosas de espinhos, e flores de aspero mato. Pódem tambem estes ter hum singular modo pera em tudo se sanear com Deos, e que ao Senhor he muito aceito: que quando virem a differença que ha d'elles a Christo no tratamento de seus corpos, lhe sirva o que em Christo vêm, de confusão propria diante de Deos, e lhe pedirem misericordia, e desapegamento de tudo o que póde pôr meio, e impedimento a seu amor. Porque tal he este nosso amigo, que se paga muito da humildade do coração, e supre com amor todas as faltas da nossa natureza, e enche com abastança todos os

(*) Pallad. Vitae Patrum, lib ix.

verdadeiros desejos do amor. E pois elle he tão largo comnosco, sendo tão rigoroso comsigo, quem se póde queixar, com razão? Ou por melhor dizer, deixará de ter elle razão pera se queixar, se esquecendo tudo quanto elle fez, só tratamos de dar gostos ao inimigo desaforadamente, que lhe destrue as almas, que com tanto trabalho remio? Não esqueça aqui pera mais agradecer ao Senhor estas mercês, que nos fez n'estes trabalhos, que por nós quiz padecer, que se quiz n'elles o Senhor sujeitar ás leis que contra Adão deo. E foi huma, que comeria seu pão com suor do seu rosto (*), em huma terra que lhe daria espinhos por trigo. Por pão se entende toda a cousa que se busca pera passar, e sustentar a vida: e por suor se entende o trabalho que tudo custa: porque o suor he a maior demonstração do cansaço, e do trabalho do corpo. Assi que quiz Deos dizer, que pois se não soube, nem quiz aproveitar do estado folgado do Paraiso, teria por pena da desobediencia que commetteo, que grangearia a vida com muito trabalho, e muitas vezes com trabalhar em vão. O Filho de Deos, cuja principal grangearia foi salvar almas, e quiz n'ella passar a mesma lei, e com suor de seu rosto, e muito frio, e muito trabalho lhe quiz buscar o remedio como filho do cansado Adão. Mas ainda mal, porque passou tambem a outra parte da pena, que em muitas almas trabalhou debalde, porque por fruito de vida se recolheo d'ellas perdição eterna. Só dá fruito, e gosto desejado ao Senhor o coração que de si sacode a alma do amor terreno, e a neve, e frieza do amor divino: porque estas dão ao Senhor mais trabalho, que as asperezas do tempo que padeceo: porque se as quiz padecer foi pera provocar nossos corações, pera no intimo da alma o agasalharmos, onde nenhum mimo que se lhe faz enjeita, nem nenhum regalo do amor póde ser demasiado.

Exercicio do desabrigo do Senhor.

Brandura divina, como não enterneceis a dureza d'este coração pera amar, e agradecer tantas invenções, quantas vosso amor achou pera me mostrar o muito que me quereis? Como soffreis que esteja eu tão frio entre tantos fogos de vosso amor? Não permitais, bom Jesu, que vosso furioso amor, que não sabe estar ocioso, se occupe só em vós: mandai-lhe que lavre em mim, e empregue em mim sua força. Na dureza d'este coração tem mais que fazer; se fizer em mim suas obras, eu serei todo abrazado, e vós mais glorificado. Adoro-vos, menino divino, amo-

(*) Genes. cap. III.

vos, soberano bem meu, n'esses membros encoberto. Em tudo sois grande, em tudo vos pareceis comvosco; nem podem esses pequenos membros encobrir a riqueza de vossos thesouros. Só o parecer he fraco: mas que cousa ha em vós que não seja soberana, e admiravel? Que fareis, bom Jesu, por mim, quando esses membros crescerem, e tiverem força pera padecerem muito, se agora que tem naturalmente necessidade de gasalhado, e abrigo, tão rigorosamente os tratais? Vejo que não temperais a deshumanidade do frio; vejo estalejar esse corposinho com o desabrigo de tão fria noite, vejo-vos huma mãi tão pobre, que escassamente tem com que vos cubra: vejo esta casinha tão aberta, que não ha canto em que vos possam abrigar: não vejo aqui fogueiras pera vos aquentar, mas mingoa, e falta de tudo. Bemdito, e louvado sejais, riqueza infinita do Ceo. Poupai-vos bom Jesu agora, pois tendes tantos trabalhos na vida por passar, pera meu remedio. Mas estas são as febres de vosso amor, que vos não deixam tomar repouso: o corpo padece os frios, as alterações dos ares, e os tempos, e a alma e divindade ardem em vivo fogo, nem sois vós como os que se contentam com pouco, e deixam as obras bem começadas sem lhe dar cabo. Toda a vida, esperança de meu coração, vivestes desabrigado: nunca vos guardaveis da calma, nunca vos amparaveis do frio, nunca mudaveis vestidos pelas mudanças de tempo; nunca usastes de regalos, e mimos: sempre vos soube bem o mais aspero, e duro da vida, de que todos fugimos. Quantas vezes, senhor meu, amanheceríeis desvelado, e descorado do frio da noite? Quantas vossa cabeça sagrada, e barbas, e vossas roupas brancas do orvalho, e sereno? Quantas essas purissimas carnes se banhariam em seu suor com calmas? E porque tudo posso cuidar da vossa infinita, e eterna bondade, e do amor que me tendes, imagino d'essas amorosas entranhas, que quando criaveis o mundo pera casa, e sustentação de nossos corpos, e quando repartieis os tempos já daveis os frios ao inverno, e as calmas ao verão, e o rigor aos ventos pera vos atormentarem; já então vos alvoroçaveis pera virdes agora ajudar aos homens o trabalho dos tempos destemperados, assi logo em nascendo, como quem deseja de lograr o que tem feito pera si, mandais á noite fria que vos atormente; e com tanto gosto começais a passar o trabalho dos tempos, que criastes pera vos atormentarem, como os mundanos folgam de lograr os jardins, e casas de prazer que fazem pera seus desordenados passatempos. Oh amador fidelissimo das almas, oh mestre verdadeiro das soberanas, e

puras verdades, oh companheiro amicissimo dos atribulados peccadores! Quam longe está de vós, mandar, e não fazer; pois no tempo que callais, fallam por vós vossas obras.

Bem vedes vós, bom Jesu, quanto tempo me leva, e mal empregado, o cuidado, e mimo d'este corpo miseravel, verdadeiro inimigo d'esta alma. Bem vedes quanto me tira a lembrança das cousas interiores, por me occupar em si, e eu quam obediente sou a tudo o que de mim quer, ainda que seja com perigo de vos perder, e vivendo com o inimigo em braços, malicioso, manhoso, falso, e perigoso pera todo o bem d'esta alma, nunca lhe falto com quanto quer, e nada me parece muito pera lhe satisfazer. Vejo que se muito curo d'elle, nada me agradece, se muito faço por elle, mais me pede, se muito o sirvo, não se farta de ser senhor, se muito o animo, sempre se me faz mais fraco; e quando cuido que o tenho contente, mais se me queixa, e se quero d'elle o pago, satisfaz-me com me apartar de vós, minha soberana bemaventurança, e com abater esta miseravel alma a toda a baixeza mundana, e com não soffrer que nenhuma cousa vossa, que lhe podia impedir seus gostos, dure nem viva n'esta alma. Oh conhecedor de meu miseravel interior quanto tenho nisto que chorar! Oh verdadeira vida das mortes d'esta alma, misericordia. Não vos ireis, Senhor, contra mim. Os males que por satisfazer a este corpo padece esta miseravel alma, só vós os conheceis, e quam cativo me trazem, só vós o entendeis, e ainda que toda a vida chore, sempre tenho que chorar, e por mais que me alimpeis, sempre tenho que recear. Valei-me, Senhor, de mim, porque vós sabeis quanto devo de temer o tempo, que de meu corpo tratei mais que de vós, e quanto me devo de correr do tempo em que com vossa graça em alguma maneira vos busquei. Porque, bom, Jesu espelho, e amor de minha alma, quando fiz por vós o que o mundo, e o corpo faz por si? Não tem cabo as demasias, e invenções de casas, de vestidos, e de regalos pera fugir da calma, e do frio, pera amparar o corpo, que não sinta o trabalho do tempo, tudo pera isto parece pouco, e pera gastar nisto deixam as viuvas pobres, e orfãos, e vosso culto divino desamparados; e eu, quando com vossa graça me inspirais que vos busque, e gasalhe em minha alma, que casa vos aparelhei em meu coração? Que fogos acendi de amor pera vos agasalhar n'esta alma? Com que pureza vos abracei n'ella? Oh bondade infinita, tão larga em me soffrer, e tão copiosa em me perdoar! Valendo mais huma hora de teus suaves gostos interiores,

que quantos juntos o mundo pode dar, quanto mais faz elle pelos seus falsos, que eu pelos verdadeiros? Vida de meu coração, emmudece, e confunde-se minha alma. Curai, Senhor, as chagas d'esta vossa creatura, que tanto amais. Só vòs fazeis tudo como quem sois, e eu em tudo me pareço comigo. Faço por este corpo muito, como muito máo, e perverso que sou, contento-me com fazer muito pouco por vòs, como fraco, e miseravel. São meus males grandes pela medida de meu mui damnado coração, são os bens pequenos por quam pobre de bens sou, e eu me conheço meu Deos. Só vós, Senhor da minha alma, sois o grande em tudo. Grande em poder, grande em padecer, grande em vos atribular, grande em me amar, grande em me perdoar, grande em dissimular comigo, e grande em vos acommodar a minha pouquidade. Pois me não obrigais a fazer quanto fazeis, e me deixais acudir ás necessidades d'este corpo, e só me pedis que vos ame muito. Oh quando chegará esta hora que com amor grande supra a fraqueza, e mingoa d'este corpo! Oh divino amor em tudo grande, acende-te n'este coração, e faze nelle tuas grandes obras. Dá-me senhorio n'esta carne, e se não posso soffrer n'ella quantos trabalhos tu por mim soffres, ao menos dá-me huma fome de ti, que se não farte. Sequer deseje eu muito, já que tu fazes tanto. Tira de mim toda a demasia; ensina-me a não dar mais a este inimigo que o necessario, muda em ti todo meu cuidado, pois em ti só está bem empregado. Trocai Senhor, d'esta hora pera sempre os cuidados d'esta alma; tomai vós cuidado de mim, e dai-me que me occupe eu todo em vós. Que posso querer, vida minha, fora de ti que bom seja? Que me pode faltar, se comtigo me contentar? Oh vida perdida, a que fóra de ti gastei, oh amor mal empregado fora de ti! Tu es o descanso verdadeiro d'esta alma, o verdadeiro remedio de minhas necessidades, o amparo seguro em meus trabalhos, o pai unico, e verdadeiro, que me sustentas, e tens de mim cuidado. Pois vida de meu coração, como me não contento só comvosco? Abri, Senhor, este peito, recebei, e remediai esta vossa creatura, porque de qualquer maneira que seja sou vosso. E pois o sou por justiça, vosso quero ser d'esta hora pera sempre por gosto, vontade, e amor.

Mas, Senhor da minha alma, minha esperança, meu verdadeiro contentamento, que vos atormenta mas; o frio que padeceis, ou a frieza d'esta alma? Ensinai-me, Senhor a vos entender, e contentar. Bem sei que com a aspereza d'esse frio estais pagando o mal d'este regalado coração. Soffreis com muito gosto esse, e ameaçais-me que

me atravessareis d'essa paternal peito, se me achardes coração tibio? Oh infinita misericordia, que será de mim, que não sinto hora em que na vida ardesse em fogo de amor vosso? Achais bons de soffrer frios, e calmas temporaes, como caminheiro, e passageiro, que só em vossa casa tereis abrigo; e chegando a este coração que pera vós criastes, e o tendes por casa de vosso descanso, quereis n'elle achar gasalhado, e fogo, e abrigo. Oh quem sempre vos agasalhara com puro amor, oh quem nunca com frieza vos lançara de si. Que muito que vós queirais isso de mim, pois a mesma lei usais comigo? (*). Fizestes-me, Deos meu, pera vós, e ordenastes que sempre ande meu coração inquieto em quanto não descansa em vós: quizestes vós ser minha morada, e casa de prazer d'esta alma, lançastes-me n'este degredo por remedio de chegar, e caminhar a vós, e vos merecer, e se consentis que passe trabalhos n'esta vida, como caminhante da terra fragosa, e secca, chegando a vós não soffreis que esteja cansado, nem descontente; logo vos acho, que me estais já esperando, logo me consolais, logo me mantendes, logo me mostrais que em só vós estão meus verdadeiros bens, e descansos. Em vós não quereis que ache mingoa, porque tenha por bem empregado tudo o que por chegar a vós fizer. E se ás vezes dissimulais, he pera que com mais suavidade, e gosto vos possua. Sois tão justo e igual, que a mesma lei quereis ter comigo. Só em mim quereis agasalho, e abrigo, só em mim quereis descansar, só comigo quereis vossos passatempos, só sentis achardes o coração, e casa d'esta alma tomada d'outro amor, e fria, e desabrigada do vosso. Se achais em mim gasalhado todo trabalho haveis por bem empregado, e se achais o lugar tomado, isso só vos cansa. Oh meu amor, minha gloria, minha formosura, quantas vezes batestes, e vos não abri; quantas chamastes, e vos não acodi? quantas entrastes, e vos lancei? quantas vos troquei, minha bemaventorança, por minha perdição? Pera que vivo, Deos meu, pois não vivo pera vós? Acabai já, Senhor meu, esta miseria, e pois nem cansado deixais de porfiar por entrar n'esta alma, fazei Senhor que vos receba. Vinde, esperança minha, vinde, saude minha, vinde, gloria minha, lançai os maos moradores d'esta alma, vossa morada. Acendei n'ella fogo de vosso amor; fechai-vos vós dentro, não me deixeis a mim fazer n'ella o que quero, mudai-me á vossa vontade. Não vos fieis de mim, Deos meu: bem sabeis que quando estou ante vós, sou largo em prometter, e desejar: e d'aqui

(*) S. August. l.b. 1. Confess. cap. 1.

sahindo sou tardo em cumprir, e frio em vos amar. Fazei vós vossa obra, pois não posso ter nenhum bem senão em vós. Não se perca, vida de minha alma, vossa obra por minha malicia, reparai o destruido, ganhai o perdido; glorificai-vos em vossa creatura; reinai no vosso, agasalhai-vos no vosso, e agasalhai-me comvosco, meu Deos, e meu Senhor, minha bemaventurança perfeita.

Fazei-me mais conhecer, meu unico bem e amparo, quanto vos devo. Déstes contra Adão sentença, que com o suor de seu rostro, e trabalho de seu corpo comeria o pão, e muitas vezes colheria por pão espinhos (*). E vós, meu verdadeiro Adão e pai, que não tendes mais gostoso pão, que corações, ainda que sabeis quantos se vos hão de tornar em aspero mato, não quereis deixar passar pela sentença rigorosa de Adão? Mas buscais, e cavais meus remedios com frios, e calmas, suores, e trabalhos. Que ha em mim, pera terdes gosto de mim, e fazerdes tanto por mim? Que vos vai em ser amado? Mas perdoai-me, Deos de minha alma: que quero mais saber que quererdel-o vós? E se outra coisa não quereis, porque vos não amo? Muito me dais em me amar: muito em querer ser de mim amado, e não sei em qual d'estas mais. Ah, amor que tanto me amas, e tanto fazes por ser de mim amado, que te detem, que não faças o que desejas? Como te posso amar sem ti? Faze em mim o que mandas, e manda o que quizeres. Queima já o mato e espinhos d'esta alma, que tanto trabalho te dão, abre este terreno coração, semeia n'elle teu divino amor: acaba esta interior frieza; e pois todo me queres, todo me toma, que eu não sei mais, que gemer, e chorar. Tu abre teus thesouros, pois pera tudo tens posse. Oh amor, oh verdadeiro amor!

Oh Madre de Deos, limpissima morada d'este Senhor, e que muito mais o agasalhavas em tua alma, do que o abrigavas de fora: oh thesoureira de todos estes bens, alcançai-me d'este Senhor o que elle de mim quer, pois sabeis, que sem elle sou huma pura perdição. Oh soberanas moradas, e casas celestiaes, corações purissimos, em que Deos descansa, lembre-vos que fostes peregrinos, compadecei-vos d'este, que anda em perigo, e alcançai-me d'este Senhor, que em mim faça perpetua morada sua. Amen.

De nossa Senhora sacratissima.

Antes que passemos adiante, me pareceo necessario lembrar aos

(*) Genes. cap. v.

que se exercitarem na consideração dos trabalhos do Senhor, que se não esqueçam da companhia que a sacratissima Virgem Maria nossa Senhora, fez ao Filho de Deos, e seu, toda sua vida em seus trabalhos. Porque nos deo o Senhor esta Senhora tão perfeita, e tão cheia de todas as virtudes, e graças pera honra de nossa natureza, e suprir com ella nossas faltas, e satisfazer-se n'ella por todos, do que em todos deseja e não acha. A qual natureza nossa ficou tal depois do peccado do nosso primeiro pai Adão, que nenhum filho seu pode cuidar de si, senão imperfeições, e defeitos, ainda nas cousas em que cuidamos que contentamos a Deos, e o servimos. Assim o diz Isaias, que todas nossas justiças, e virtudes taes são, e tão imperfeitas, que nos não podemos menos correr d'ellas, que de nossos defeitos. Não o diz Isaias por estas palavras, mas compara nossas virtudes a cousa tão baixa que se não pode nomear, mas he cousa de que se usa pera limpeza de outra muito miseravel (*); e depois que faz seu officio não fica menos baixa, e pera não ver, que a mesma miseria. Assi as virtudes que fazemos pera cura dos defeitos, e podres da natureza, são tão fracamente exercitadas, e com tantos defeitos, que tanto nos deve humilhar como elles mesmos. E como noso Senhor fez esta nossa natureza, como diz S. Leão Papa, pera que fosse imitadora de seu Criador (**), está pelos peccados tão derribada, que fica já muito mais abaixo da semelhança das divinas perfeições, em que a Deos criou, pera as poder imitar como he razão, e pera Deos fazer n'ella seu assento de prazer como desejava. A tudo isto acodio, e tudo restituio com fazer a Virgem sacratissima sua Mãi, e Senhora nossa tão perfeitissima, que em sua alma morasse por todos á sua vontade, e lhe fossem seus serviços mais acceitos, que de todas as outras criaturas puras humanas, e angelicas, e em sua alma mais que em todas se enxergasse a perfeitissima semelhança das divinas perfeições. E tanto he isto assi, que até no exterior mostrava huma tão soberana perfeição, que S. Dionysio Areopagita diz, que se a Fé lhe não tivera ensinado, que havia hum só Deos; quando vio a Virgem nossa Senhora, cuidara que n'ella estava acabada a divindade (***). A este modo declara S. Athanasio aquella palavra do Anjo: O Espirito Santo virá em ti, e a virtude do Altissimo te fará sombra. A sombra onde dá, faz huma semelhança do corpo, cuja sombra he, e vemos claramente o de que he, pelo que figura. Assi o Espirito

(*) Isai. cap. LVIV. (**) S. Leão Serm. I. de Jesu. (***) S. Dionys. de Di i nis nominibus, cap. III.

Santo tantas perfeições poz na Senhora do mundo pera ser digna mãi de Deos, que pareciam n'ella como humas sombras da de Deos; tanto ao vivo as representava. Ora como esta Senhora nenhuma d'estas graças, e perfeições teve ociosas, com todas ellas servia, e contentava ao Senhor perfeitissimamente. Conhecia os divinos mysterios altissimamente, tirava d'elles os fructos do espirito prudentissimamente, e em tudo acodia a todas suas obrigações tão pura, e compridamente, que dissimulava Deos com todos os humanos defeitos pera os soffrer, e curar, tendo na nossa corrupta natureza huma pura humana creatura, que em tudo lhe cumpria todos seus desejos, e fazia todas suas vontades. Por isso diz d'ella o Evangelista, que n'estes primeiros mysterios da vida, e entrada do Senhor no mundo, ella conservava, e ponderava, e conferia tudo em seu coração (*). Dos prazeres tomava quanto bastava. Os trabalhos do Senhor conhecia, e sentia quanto cumpria, e fazia-lhe a tudo fidelissima companhia quanto sabia que o Senhor d'ella queria. Alembre-se logo d'esta Senhora, quem trata dos trabalhos de Jesu; pera ajudar a sentil-os, e pera d'ella receber companhia a Deos acceitissima, com que supra suas faltas.

(*) Luc. cap. II.

TRABALHO VII

Circumcisão.

Não quiz Christo nosso Senhor depois de seu nascimento passar muitos dias sem dor que lhe custasse sangue, e tormento, em que desse as primicias do muito que havia de derramar, e offerecer ao Padre Eterno por nosso remedio. E assi aos oito dias da sua vida, que era o tempo em que a lei, que Deos deo a Abrahão, mandava circumcidar os meninos, se submetteo elle á mesma lei, sendo elle o autor d'ella: muitas cousas desobrigavam o Senhor d'esta lei, afora ser o mesmo Deos que a deo. Primeiramente por ser instituida pera protestação da fé do Messias, que a gente Israelita esperava, pela circumcisão confessavam viver na esperança, fé, e amor do que havia de vir a os salvar. E como Christo era o mesmo esperado, e promettido Filho de Deos feito homem, não tinha outro maior que si, cuja fé, e esperança protestasse de ter pela circumcisão. E era tambem a circumcisão hum sinal, que Deos deo a Abrahão pera todos seus descendentes, pela linha de Isaac seu filho, do contrato que com elle fez, em que Deos se obrigava a se chamar Deos d'aquelle povo Israelitico, que d'elle descenderia, e tel-o a elle só por seu, e o povo se obrigava a tel-o a elle só por seu Deos. E assi este só seria o povo escolhido de Deos no tempo, que todos os outros povos, e nações do mundo seriam por suas idolatrias reprovados e por sinal de ser povo escolhido usaria do sinal da circumcisão. E como Christo nosso Senhor veio acabar este tão apertado contrato, e fazer hum curral, e huma manada de todos os povos, e nações do mundo, e a chamar todos igualmente, e de todos escolher os que em seu amor, e fé quizerem viver, e morrer, sem differença de nações: já ficava desobrigado do sinal do contrato que elle havia como autor d'elle de mudar, e alargar. Tambem pela circumcisão corporal os obrigava Deos a cortar, e circumcidar de seus corações toda a dureza, e más inclinações que prejudicassem a seu amor, e guarda de sua lei. E Christo nosso Senhor, pureza, e perfeição infinita, não só não tinha em si interiormente que cortar, mas elle he o que purifica todas as almas. Pelo qual assi como não tinha em si que reformar, nenhuma obrigação tinha do sinal, que a isso obrigava. Sobre tudo a circumcisão era hum sacramento da velha lei, no qual

pela protestação que n'ella se fazia da fé, esperança do Messias, e submettimento á lei de Deos, se perdoava o peccado original: assi que este sacramento era signal e remedio de peccadores. E Christo nosso Senhor, que em quanto Deos, e em quanto homem era impeccavel, e era autor da graça, e do perdão dos peccados, como cordeiro de Deos que tira os peccados do mundo, quam longe estava de os poder ter, tanto o estava da obrigação de tomar em si o remedio d'elles: antes parecia muito grande abatimento seu submetter-se á lei, que remediava cousa a elle tão impropria e contraria, como são peccados. Mas o divino amor, a que nenhuma cousa pode fazer damno, não houve por impropria occasião pera se mostrar e refinar, abaixar-se á mais contraria cousa á sua divina magestade. Por tanto sua força, e grandeza fica mais reatçada, quanto em cousas a si mais improprias faz suas divinas operações. Por isso Christo nosso Senhor não houve por muito mostrar-nos seu amor em obras, e cousas soberanas, e altas: mas muito mais o deo a conhecer nas cousas baixissimas, a que por elle se sometteo. Das quaes a mais baixa de todas he tomar figura de peccador: não só em ser Filho, e da carne do peccador Adão, mas tambem em tomar as penas e remedios instituidos pera alimpar peccados.

Confunde nosso Senhor n'isso hum genero de soberba, que tem muito lavrado na mais da gente, que não tendo nenhum pejo de Deos pera commetter muitos e gravissimos peccados, o tem grandissimo dos homens em parecerem quam peccadores são. D'onde vem, que sem nenhum sentimento das chagas da alma por onde se perdem (como diz S. Bernardo) (*) se correm das ataduras, e mesinhas, e muitas vezes as não soffrem. Conhecemo-nos pela mór parte muito mal, quam maos somos, e muito menos soffremos sermos tidos, e conhecidos porquem na verdade sabemos que somos. E enganamo-nos com o humano louvor acceitando por parecer aos olhos dos homens, os que somos. E enganamo-nos com o humano louvor acceitando por parecer aos olhos dos homens, os que desenganadamente de dentro sabemos que não somos. São isto desatinos (com outros muitos) de corações amigos de suas proprias chagas, e descuidados dos verdadeiros remedios d'ellas. Por isso nosso verdadeiro remediador, e Mestre, muda em claro esta peçonhenta inclinação humana em si, e sendo tudo o que n'elle ha, a verdadeira, pura, e essencial santidade, e saude, que a todos cura, e encobre a ineffavel perfeição de sua pureza

(*) S. Bernard. Serm. 1. de Circumcis.

divina, e humana; e circumcida-se como peccador, e toma sobre si o remedio das culpas que não tem: e ensina com publico testemunho, que não pode ser confundido o que for julgado por peccador, não o sendo: nem honrado diante de Deos o que for mao não o parecendo.

Huma consideração me parece que realça muito a obrigação em que estamos a este Senhor por querer esta pena, e forma de peccador da circumcisão, pela qual parece que lhe devemos mais, que por todas as outras obras em que tomou a mesma pena, ou forma. Que em todas as outras obras sempre misturou cousas, que a voltas de sua baixeza, eram demonstração da magestade n'ella encoberta, salvo na circumcisão. Quando nasceo chorando, e estalando com frio, como os outros peccadores, os Anjos, Pastores, e Reis, o adoravam por Deos. Quando se offereceo no Templo com offerta de peccador, o santo velho Simeão, e a santa Profetisa Anna, publicaram sua divindade. Quando se fez bautisar no rio Jordão como peccador, a voz do Padre, o Spirito Santo em figura de Pomba, e o Bautista, deram testemunho de ser elle Filho de Deos. Quando se deixou tentar no deserto, os Anjos o vieram servir como a seu Deos. Quando cansava e suava como fraco, os milagres publicavam sua grandeza. Quando se deixou prender, com o seu nome, fez cair em terra aos algozes. Até o dia de sua Paixão, posto entre ladrões na Cruz, o Sol que escureceo, a terra que tremeo, a grande voz com que espirou, o veo do Templo que se rompeo, e o Centurio que o guardava, deram d'elle testemunho, que os que o tinham crucificado se recolheram batendo nos peitos, e confessando-o por Filho de Deos. De maneira que assi afigurava peccador, que havia juntamente outras cousas que manifestavam sua grandeza: só na circumcisão parece que de todo se esquece de si, e de sua honra; nem ha ali Anjos, nem Sol, nem milagres, nem gente que o publique por outro do que elle quer parecer. Porque quiz por então satisfazer seu amor no gosto de se amassar muito comnosco: porque se com isto nos apegasse muito a si, tempo lhe ficava pera se nos dar mais a conhecer. Por onde posto que outras penas tomou depois maiores, esta nos não obriga menos, por quanto mais se esqueceo n'ella de si por amor de nós.

Quando não houvera outra nenhuma cousa na circumcisão senão ser penosa, como era, e trabalhosa de soffrer, sem duvida só por esse respeito o Senhor se circumcidara. Porque vinha tão desejoso de padecer, que mal acabara comsigo deixar de passar pelas dores, que os outros

meninos passam, pois outras n'aquella tenra idade não podia tomar. Era esta dor da circumcisão muito grande, porque parece que se fazia com cutellos de pedras agudas, como fez a mulher de Moysés a seus filhos (*), e como Deos mandou fazer a Josué, quando lhe mandou que circumcidasse todo o povo dos Judeos, antes que entrasse na terra de Promissão (**): e por este respeito seria a dor gravissima, e muito mais o era ao terceiro dia, segundo diz a sagrada Escritura. E o que os outros meninos sentiam sem saberem, nem entenderem o que passavam, que lhes fazia a pena muito mais leve, em Christo nosso Senhor não teve allivio nenhum, porque a idade não desfazia em seu entendimento, e saber: mas sentia a pena com todos os quilates d'ella, e soffria com o mesmo amor, com que depois se poz na Cruz, e derramava seu sangue com o mesmo gosto, com que depois o deo todo.

Tinha este Senhor mandado na lei, que de todos os primeiros fruitos da terra se lhe offerecessem as primicias (***), e como elle determinava ser tão pobre, que na terra não tivesse cousa propria, em que reclinasse sua cabeça, por lhe não ficar nada por cumprir, deo n'este primeiro tormento as primicias de seu sacratissimo sangue, como da cousa que na terra havia de dar mais fruito, que todas as fazendas d'ella. E quiz que claramente enxergassemos os extremos, e força de seu amor, o qual nem acha impedimento na tenra idade pera deixar de padecer, nem cabo na morte pera deixar de lavrar. Porque aos oito dias seu amor com grande dor, e tormento, lhe tirou do corpo sacratissimo as primicias do sangue que havia de acabar de vazar, e esgotar de todo pelo lado, que depois de morto havia de mandar abrir. Todos estes estremos faz Christo por huma gente, que gasta a meninice em puras ignorancias, e a mocidade em começos de toda a vaidade, e toda a mais idade em fazer a vontade ao corpo, e a tudo o que mata a alma, com que a morte não tem outro melhor officio, que lagrimas da vida passada. Da qual vida, tendo tantas cousas fora de Deos, e a elle contrarias tanta parte: Deos a quem toda se deve, fica com a mais pequena, e muitas vezes sem nenhuma. Quem tiver os olhos abertos, muita razão tem de se envergonhar d'este cuidado d'este Senhor, que nem quer ter idade, nem dia de vida desoccupado de nosso remedio, nem de demonstrações do muito que nos quer, pois desde nascido até glorificado se resume todo em muito padecer, e em dar de si muito.

(*) Exod. cap. IV. (**) Josue, cap. V. (***) Levit. cap. XII.

Não sem causa quiz este Senhor, que lhe custasse tanto a nossa redempção, que desde menino até morto, sempre trabalhasse n'ella. Porque quiz que vissemos, quanto mais nos estimava, que tudo o que tinha criado. Não meteo Deos mais cabedal em criar aos homens, que as formigas, porque tudo igualmente foi feito, porque elle o quiz, sem outra nenhuma occupação. E não fazendo Deos conta de perecerem as outras cousas, só pelos homens se não perderem, tomou todos seus trabalhos, e deo por elles tanto preço, e quiz que lhe custasse sua redempção tão cara, porque não cuidassemos, que estimava pouco esta sua criatura, a qual se lhe não custou nada a criar, lhe custou muito a redemir. Por esta obrigação nos penhora S. Paulo a perpetuo serviço d'este Senhor, não só com todas as forças d'alma, mas tambem com o corpo. Porque diz, que fomos comprados com grande preço (*). He verdade o que diz nosso Padre Santo Agostinho, que muito menos bastára pera satisfazer por nós, mas o que satisfazia a redempção, não satisfazia a seu amor, e tudo pera se fartar havia mister (**). Mas tambem he verdade o que diz S. Cypriano, que fez Deos tanto por nos redemir de nossos peccados, porque a facilidade do perdão não soltasse as redeas ao peccar (***). Taes somos nós, tão inclinados a culpas, que tudo isto foi necessario pera conhecermos o peso, e graveza d'ellas, pois houveram mister tão trabalhosa cura. E se ainda com isto tão facil, e descuidadamente nos soltamos aos vicios, que fizeramos, se Deos com tantos trabalhos, que por nos redemir tomou, não mostrara quanto os aborrece e quamanho mal nos fazem. Pois veja cada hum o estado em que está com toda a vida gastada em gosto de peccados, sem ter d'elles sentimento, vendo seu Redemptor, nem perdoar á meninice, nem descansar toda a vida, nem se fartar na morte de trabalhar pelo curar.

Costumavam n'aquelle tempo pôr nome ás crianças quando as circumcidavam. Tambem este Senhor, pera que seus começos respondessem aos cabos, quiz escrever em sua santissima carne no dia oitavo o sacratissimo nome de Jesu (que quer dizer Salvador) com sangue, já que no cabo da vida havia de fazer este officio, e acabar a obra de nossa salvação, com derramar quanto no corpo tinha. E por isso por mandado do Anjo da parte de Deos lhe foi posto na circumcisão por nome de Jesus.

Posto que o glorioso S. Bernardo não quer dizer, que foi n'este dia, e obra posto este nome novamente, mas que foi n'elle chamado pelo seu

(*) 1. ad Corinth. cap. VI. (**) S. Aug. De moribus Eccles. (***) S. Cyprian. Serm de Ascensio.

proprio nome, que mais lhe competia, que he ser Salvador (*), e a mesma essencial, e sobresubstancial saude, o qual a outrem ninguem naturalmente compete senão a elle: e só elle traz comsigo seu nome, conforme a quem he. A todas as outras cousas da terra se lhe dão improprios nomes, porque na verdade não são o que elles significam, e são os nomes muito maiores, que ellas. Honra, riqueza, thesouro, magestade, grandeza, alteza, imperio, e os mais que significam cousas grandes, improprios são, porque nenhuma das cousas a que se poem, he na verdade o que elles dizem. Só Christo nosso Senhor he tão verdadeira saude de nossas almas, que porque de sua natureza eternamente o he, comsigo trouxe seu nome, posto que não quiz que se declarasse, senão o primeiro dia que de seu sacratissimo corpo manou o unguento de seu precioso sangue, que cura todas nossas chagas.

Outros muitos nomes estavam profetizados por Isaias, que havia de ter o Senhor (**), que eram: Apressado roubador, Emanuel, que quer dizer Deos comnosco: Admiravel, Conselheiro, Principe da paz: Deos, Pai do outro mundo, e outros; os quaes todos se encerram e são declarações do sacratissimo nome de Jesu. Porque pera ser verdadeiramente Jesu (que quer dizer Salvador) havia como esforçado, e apressado roubador, de tirar as almas do poder do Demonio, do peccado, das cegueiras, e males por onde se perdiam: havia de ser Deos, e andar entre os homens. Mestre, e conselheiro de admiraveis doutrinas, com que nos salvasse de nossos erros: havia-nos de reconciliar com Deos, fazendo paz entre o Ceo, e terra, como fez. Havia de ser pai, e autor da vida eterna, e abrir as portas do Ceo, e dal-o aos que o merecessem, e seu reino havia de durar sem fim como dura. Isto tudo he ser perfeitissimo Salvador, e tudo isto significa, e se encerra no sacratissimo nome de Jesu. Querer o Senhor este nome, he outro novo excesso de seu amor. Porque perguntando Moysés a Deos por seu nome, lhe disse, que se chamava Deos de Abrahão, Deos de Isaac, e Deos de Jacob; e que por elle queria ser sempre conhecido. Porque como estes foram santissimos, e grandissimos amigos de Deos, e leaes servos, e por elles e por sua geração fez mais divinas obras, que por todas as nações do mundo, prezava-se Deos tanto d'elles, que nãs queria que o conhecessem por outro nome, se não por Deos de seus amigos. Mes vendo o filho de Deos quam acabados eram seus amigos no mundo, e quanto havia de fazer por seus

(*) S. Bernard. Serm. I. de Circumcis. (**) Isaias, cap. VII.

inimigos, a quem havia de mostrar grandissimos estremos de amor, e verdadeira amisade ainda que era d'elles desamado, não quiz já ser conhecido por outro nome, senão por amigo, e Salvador de inimigos. E se d'antes quiz honrar a amisade de seus amigos com tomar nome, e titulo d'elles, que eram tão poucos; n'este sacratissimo nome de Jesu, quiz honrar seu amor tão geral a tantos, e tamanhos peccadores, chamando-se seu Salvador, com que todos ficavam honrados, e admittidos a sna verdadeira amisade. Assi que já Moysés senão pode gabar de só amigo, porque vio de rostro a rostro a Deos: nem Abrahão, Isaac, e Jacob, só são os privados, porque fallaram, e conversaram com Deos, que não viam: mas muito mais nós os peccadores somos mimosos e singulares amigos, que o temos na nossa figura, e circumcidado como peccador, e conversando, vivendo, e morrendo entre peccadores, e chamando-se no Ceo, e na terra Salvador nosso. E como este Senhor he tanto nosso Salvador, quiz que este seu santissimo nome de Jesu, fosse temeroso ao inferno, exalçado no mundo, adorado no Ceo, e que n'elle tivessem as almas justas seus prazeres, e as peccadoras sua saude, os perigos segurança, os descansos contentamento, as necessidades remedio, a peregrinação esperança, os frios quentura, os devotos amor, o medo esforço, a tristeza alegria, os bens fonte, e os males redempção.

Exercicio da Circumcisão do Senhor.

Chegou, bom Jesu, amor da minha alma, a primeira hora de vòs tão desejada, em que haveis de derramar sangue pelos peccadores. Amostrai-me, amor meu, esse coração, os fogos que padece, o alvoroço com que está esperando estas primeiras dores, que por nós haveis de passar. Tanto vos devo, Senhor meu pelo amor, e gosto com que tudo fazeis, como pelas mesmas obras, e pelas mesmas mercês que me dais. Quem como vós, Deos de amor? Quem vos namorou tanto de mim? Oh se andasse este coração após vós ardendo, como vejo que vós andais após mim! Eu sempre vos tardo, e a vós meu verdadeiro amigo parecem-vos oito dias largos annos pelo desejo que tendes de padecer a pena e dor da circumcisão por mim, e dar-me n'ella as primicias de vosso sacratissimo sangue. A mim nem com leis, e ameaças acabais de me levar a vós, e vós sabedoria divina sem obrigação de lei vos someteis a ella, porque he lei de padecer, em que podeis mostrar a lei do amor, que vos tem

cativo, e apegado aos peccadores. Derretei-vos, entranhas minhas, no amor d'este Senhor. Abri-vos, pegai d'elle, recolhei-o lá no intimo d'alma. Oh meu suave amor, oh minha segura, e perfeita amisade! Não achas nunca achaque pera me mostrares o amor que me tens. Não te escusas com a idade, nem com a tua magestade, nem com o rigor da lei, nem com serdes desobrigado d'ella; mas quanto mais livre, e mais senhor, mais cativo te mostras de teu amor, e em tudo o teu amor he o teu regimento. Tudo fazes porque amas. tudo padeces porque amas, e amas porque amas. Oh bom Jesu quem, a quem? Tu a mim, em quem não vês cousa que possa ser amada, senão só a occasião que meus males te dão de mostrares a grandeza de teu amor, a riqueza de tua bondade, e os thesouros de tua misericordia.

Pouco foi pera ti fazeres-te homem, e menino, pobre, cheio de lagrimas, sujeito a minhas miserias; mas ainda quizestes parecer peccador, e tomar em tua carne a cura, que déste pera os peccadores, sendo tão longe da tua natureza macula de peccado, que se poderas ter peccado, fora impossivel ser Deos. Que he isto, vida da minha alma? Se a cousa que mais aborreceis são peccados, como soffreis parecer peccador? A fealdade dos peccados faz feio o inferno; e a macula dos peccados, que na alma temos nos aparta, Deos meu, de vós, e do Ceo: pois como vós, divino Salvador, dos peccadores não só soffreis, mas buscais figura de peccador, não só em vos fazer filho do peccador Adão, nascido de sua carne, mas sometendo-vos aos proprios remedios que déstes pera alimpar peccados? Deixais-vos circumcidar, sendo a circumcisão sacramento por vós ordenado, pera os peccadores protestarem n'elle a fé, com que criam em vós Deos verdadeiro, e por virtude d'esta fé, e protestação lhes perdoardes o peccado original. E mandastes fazer esta protestação, e perdão com sangue, porque o vosso sacratissimo sangue não era ainda derramado, e padeciam esta pena os peccadores filhos do peccador Adão, pois nasciam taes como seu pai. Mas vós, pureza infinita, e Deos verdadeiro que sois o mesmo infinito, e soberano Senhor, em quem todos cremos, e por cuja fé, e amor somos salvos, e o mesmo misericordiosissimo alimpador, e perdoador dos peccados, que necessidade tendes dos remedios dos peccados? Amo-vos, pégo de infinito amor, adoro-vos infinita sabedoria, louvo, e engrandeço vossos soberanos, e incomprehensiveis conselhos. Aborreceis peccados, e amais o peccador, e não vos soffre vosso amor deixar de vos parecer com o amado na pena, posto que não ten-

des culpa. Obrigastes-vos a pagar por minhas culpas, pera terdes razão de passar pelas penas que mereço: e tivestes mais conta com meu remedio que com vossa honra n'esta parte. Sois, meu divino bem, tão alto, que nenhum mal vos chega, tão limpo, que nenhum peccador vos pode sujar, tão puro, que nem figura de peccador vos pode damnar, e posto que he tão impropria a vòs, sois tão perfeitissimo amador, que antes quereis pôr em risco vossa honra, que meu remedio. Que achastes em mim, Deos meu, pera tanto me amar? Oh amor infinito, assi como todas as cousas fizestes só por amor de vós, assi nos amais com tamanhos excessos de amor só por amor de vós. Por vos satisfazerdes n'estes extremos, por mostrardes n'elles em que fogo arde esse peito, chegastes ao extremo dos extremos, em querer parecer o que he impossivel serdes. Porque quando vos visse por amor como eu, n'isso conhecesse quem sois.

Oh grande Deos, e grande conhecedor meu; quanta cousa foi necessaria pera allumiar minha profunda cegueira, e humilhar minha louca soberba, e meter a caminho minha errada vida! Quanto vos vejo mais alto, e mais occupado em minha baixeza, mais entendo que com menos força, e menos virtude, e menos perfeições, e menos extremos de infinito amor, como mostrais, não podia ser levantada, e remediada. Oh divino espelho de bondades, allumiai meus olhos, pera que em vós me veja; e vendo-me, e conhecendo-me quanto devo, me humilhe, e humilhando-me, vos agrade, e agradando-vos, me enchais de novo resplandor de vossa luz, pera que assi purificado, e allumiado meu amor, todo em vós se occupe, como estais em mim sempre occupado. Se em vós he grande grandeza de amor quererdes parecer peccador, que não podeis ser, que grande desatino, e insofrivel soberba he em mim gostar de ser peccador, e não soffrer parecel-o? Gostar das chagas, por cuja cura derramais esse sangue, e correr-me da cura d'ellas? Fugir de toda virtude, e trabalhar por parecer o que não sou? Curai, Senhor, em mim estas contrariedades tanto sem fundamento, nem razão. Não posso negar quam má, e fea cousa são peccados, pois me corro de mos saberem, e por outra parte assi gósto de os commetter, como se foram verdadeiras bondades. Deshonro-me do castigo, porque me não tenham em má conta, e tenho-me por contente quando n'elles faço minha vontade. Mato-me por se me restituir a honra, quando se publica o que na verdade sou; e em nenhuma cousa mais occupo o sentido, que em ser o que me corro de pare-

cer. Oh infernaes desordens, amo o mal pera o ter, e por elle me perder: aborreço-o, pera se me saber, e curar. Tudo desordenadamente me vence; o amor de meus males, a que desaventuradamente estou cativo; e o odio de sua fealdade, pera se me não pôr o remedio. He tamanho mal aborrecel-os d'esta maneira, como amal-os. Porque os amo pera não soffrer o castigo, e emenda d'elles, e aborreço-os, pera mais conservar o amor d'elles. E na verdade tudo he amor de minhas chagas, intimo gosto de minhas culpas, e intima affeição de minha perdição. D'esta desordem, Deos meu, nasce em mim outra não menor. Creio quam alto, e soberano sois, e que me vedes; conheço, e experimento quam baixos, e miseraveis são os homens, que me vêm; sei que vosso juizo verdadeiro me pode condemnar justamente; sei que o juizo dos homens mais me pode perverter, que santificar; sei que o que diante de vossos olhos, e em vosso juizo sou, isso sou, e sei que não sou na verdade, o que os olhos dos homens cuidam que sou; nem me podem elles fazer melhor do que sou; e com todas estas verdadeirissimas certezas, que creio, e entendo, nenhum temor, nem vergonha tenho de ser diante de vossos purissimos, e divinos olhos qual vós vêdes que eu sou, e trabalho por parecer aos olhos dos homens o contrario, do que em minha consciencia vejo que sou. E por tudo até o cabo ser desordem feita em meu desordenadissimo coração, finjo brandura exterior com coração de vibora: finjo honestidade com deshonestissimos desejos, e obras: finjo desprezo da vaidade, e finjo humildade com soberbissima arrogancia, e vangloria: finjo zelo santo com grossissima ambição: santifico meus vicios com capas de virtudes, e então fico mais incuravel, quando parecem minhas chagas mais sans, e encouradas. Deixo o tempo em que fui tão servo de meus vicios, e más inclinações, que nem me corria dos peccados, e zombava da cura d'elles; e publica, e descobertamente me mostrava servidor, e seguidor de minhas desventuradas miserias, e culpas. Fazia d'ellas galantaria, e arte, mouco a toda verdade, que desdizia minhas mentiras: cego a toda santidade, que repreendia meus males, e com o temor, e vergonha perdida a toda a cousa que me podia enfrear n'elles. Porque n'elles me gloriava, d'elles vivia, a elles servia, e d'elles me honrava. E quando como Christão era forçado buscar remedio d'elles, deixava as raizes vivas, pera que nunca me deixassem as companheiras de minha perdição, que mais amava, que a saude de minha alma.

Oh divina misericordia, que isto vieis, quando por mim padecieis, já

então pera me soffrer, esperar, e perdoar, vos apercebieis. Parece que desesperastes de eu consentir nunca a cura de meus males, e por me não condemnardes, a tomastes sobre vós. Senhor meu, alague-se minha alma na vista d'este pégo sem fundo de misericordia; mas que farei, que tão alagada está tambem, e se acha tão envasada no abismo de tão desordenadas, e miseraveis desventuras? Vós sabeis que nenhuma cousa mais a vossas orelhas divinas brada, que meus males; em outro tempo acodieis a semelhantes brados, e abrazaveis cidades, e sovertieis os povos, destruieis, e confundieis no inferno os peccadores. Agora, Deos da minha alma, acodis a elles, tomais sobre vós nossas penas, olhais-nos com misericordia, perdoais-nos com piedade, ajudais-nos com amor, e ajuntais-nos comvosco até tomardes nossa figura, pera que com vossa virtude sejamos salvos. Pois, bom Jesu, havieis vós de ser o penado por mim, e eu hei de ficar o chagado? Oh paternaes entranhas, sarai este Filho prodigo, e enfermo: Oh divina limpeza, alimpai este leproso; oh vida soberana, resuscitai este morto. Chegue-me a virtude d'este sangue; tirai-me com elle minhas desordens, e ordenai em mim a charidade, e vosso amor. Pois pera vós me fizestes, ponde vosso temor em mim; aborreça em mim o que vós aborreceis, e ame em vós o que vós amais. Afastai meu coração dos peçonhentos olhos dos homens, e ponde-os em vós. Contente-vos eu a só vós, e descontente-se de mim toda a creatura. Oh amador da minha alma soberano, oh remediador de minhas perdas poderosissimo; oh conhecedor sapientissimo de meus erros, e de meus remedios: plantai tamanho odio de meus males n'este malvado coração, e tamanha estima, e amor vosso, que fuja do mim pera vós, e fuja dos homens, e de tudo o que me traz cego, e enganado pera vossa sombra e amparo. Conheça-me toda a criatura por quem sou, ajudem a vingar em mim vossas offensas. Desapegai meu coração das affeições, que o trazem arrastado pera que não sejam vossas obras em mim sem fruto. Já que não gastei em vós toda a vida, como vós gastastes em mim, se quer na derradeira parte d'ella e tarde me renovai. Poderoso sois, que me fizestes de nada; fazei-me de máo, amigo fidelissimo, e servo leal de vossa casa. Mostrai, Senhor, em mim a virtude d'esse sangue, pera que toda a criatura vos glorifique, vendo o poder, e magestade que tendes encoberta n'essa meninice, e fraqueza. Enxergue toda a alma, que a figura de peccador he poderosa em vós pera mudar peccadores em verdade, e figura de santos: e que os mais pobres de bens são por vós, e em vós

mais ricos, mais santificados, mais mudados, e mais abrazados em vosso amor. Lembrai-vos, Senhor, que se nos salvais muito, porque padeceis muito, porque amais muito; que tambem dissestes, que quem mais ama, mais he perdoado. E pois pera vós tomastes o padecer penoso pera me dar a mim o amor suave, dai-me este amor grande, e muito, pera que me perdoeis muito.

Pera que tomastes, Senhor, com dores, e sangue, e com ardores da morte nome Jesus, se haveis de estar pera mim mouco com tantos brados, quantos vos dão minhas necessidades? Antes de nascido mandastes dizer pelos Anjos, que vos chamarieis Jesu, porque havieis de perdoar peccados. Pois Jesu, eisaqui o peccador. Se por terdes muito por padecer, e perdoar, começais logo de oito dias, pera vos ficar tempo pera tudo quanto desejais passar, e logo vos chamais Jesu, pera logo começardes a salvar; começai por mim, Senhor Jesu. Oh meu Jesu, já vos não quero pedir nada, o que hei mister vós o sabeis, fazei n'isso o que vós quereis, pera mim basta vosso nome. Com Jesu hei de hir onde quer que me puzerdes, e lançardes. Escrevei Jesu em meus olhos, em meus ouvidos, em todos meus sentidos, em meu coração; fugirá de mim o inferno, tremerão de mim os demonios, conhecer-me-ha o Ceo, e vós meu Jesu, não me desconhecereis. Por ventura posso eu ser peccador, sem vós serdes meu verdadeiro salvador? Pois que quer dizer Jesu, senão Salvador? Oh meu Jesu, oh meu Jesu, oh meu Jesu, porque sois Salvador, e meu, porque sou peccador. Canta minha peccadora alma ao meu Jesu; não te corras de nenhuma criatura, nem d'elle, canta-lhe com amor agora que está menino pequeno, e da tua medida, depois chorarás com elle grande na Cruz. Não lhe digas agora peccados, porque o não enojes, dize-lhe só cantando o nome que elle folga de ouvir. Oh Jesu, Jesu, Jesu, doce Jesu, Jesu suave, Jesu formoso, Jesu rico, Jesu amoroso, Jesu divino, Jesu amigo, Jesu pai, Jesu companheiro, Jesu Rei, Jesu, todo pera mim Jesu: descansa Jesu n'este coração, que te deseja, que arde em teu amor. Se he coração peccador, tu ês o Jesu Salvador; se he coração humano, tu és Jesu humano: desfalece meu Jesu, minha lingua, e meu coração comvosco, e pois não sei fallar, falle-vos meu amor, oh meu suavissimo Jesu, ou fallai vós, pera que ouça eu, e conheça o meu Jesu.

Oh Madre de Jesu tão rica d'elle, enriquecei com elle minha pobreza. Oh celestial corte de Jesu, que não tendes mais bem que a elle, levai-me comvosco a ver Jesu pera sempre. Amen.

TRABALHO VIII

Degradado da patria por perseguição de Herodes, e a historia dos Reis Magos.

Insinou Christo nosso Senhor trinta annos por obras maravilhosas, e perfeitissimos exemplos, calando as divinas doutrinas, que no cabo de sua vida por obra, e palavra em tres anuos, e padecendo havia de publicar ao mundo, pera que assi as verdades Evangelicas ficassem mais claras, e as cousas mais contrarias á natureza com sua companhia mais saborosas, e a maliciosa doutrina do mundo, e da carne mais desenganada, e a tibieza mais sem desculpa. Porque como os erros da vida humana não podiam ser reduzidos a certo, e saudavel caminho, senão imitando o homem as perfeições de Deos seu Autor, que não via.; e pera isso lhe cumpria fugir de imitar os homens, que via, pois todos hiam errados: fez-se (como diz meu Padre Santo Agostinho) Deos homem, pera que o homem tivesse homem a que visse, e Deos a que imitasse (*). E porque pera imitação são muito mais poderosas as obras que as palavras, tomou Deos feito homem pera as fazer trinta annos, e pera as declarar, e dar a entender, o dizimo d'elles, que foram tres. Não estava bem á vida do Salvador haver n'ella tempo, nem idade ociosa de seu officio. Por isso desde menino começou suas maravilhosas, e divinas obras, por exemplos contrarios aos errados começos humanos. A mais geral, e ordinaria entrada dos erros da vida mundana, he meterem-se os homens, como chegam a se entenderem, pela via que acham de todos mais trilhada, e approvarem, ou desapprovarem as cousas que na praça, e no commum da gente acham mais seguidas. Tratam logo de fazer assento no seu, na sua honra, na sua fazenda, dar descanso, e gosto ao corpo, desenfadar os sentidos, acommodar-se ao parecer, e valias dos grandes, e logo trás isto buscar achaques á virtude, e encontral-a com a vida, e costumes: a que se segue, por remate de todos os erros, frieza do amor de Deos, esquecimento do Ceo, e os mais vicios, de que a humana vida está povoada. E isto, que pelo muito costume está já tão corrido, que se não sente, he o alicerce e fundamento de todos os peccados, e perigos da salvação, em que andamos. Porque como o caminho do Ceo he cercado de inimigos, e perigos pera o perder, não póde ser maior co-

(*) S. August. lib. VII. de Trinitate, cap. 3.

meço de perigar em tudo, que começar a vida com hum seguro descuido com que os homens entram tratando de si, de seu corpo, do mundo, da conversação da gente, e dos tratos da vida humana. Porque apoz isto entram os ardis dos inimigos, que não dormem, e sem serem sentidos, fazem, e damnam quanto querem.

Por isso o espelho de eternas verdades Christo nosso Senhor, antes que chegasse a idade, em que os homens se costumam a entender, como elle tudo com sua sabedoria entendia, deo de si differentissimos exemplos dos começos, por onde os homens entram em sua vida. Sendo menos muito de dous annos, não quiz ter descanso de patria, nem lograr mimos caseiros mais licitos, necessarios, proveitosos, e sem culpa na idade da meninice, que em toda outra da vida; mas naquella tenra idade se fez degradar pera Egypto, não favorecido de amigos, mas perseguido já de Herodes, antes de ser d'elle conhecido. Deo occasião a isto a entrada dos Santos Magos em Jerusalem, perguntando pelo Rei nascido. Porque nascido o Senhor em Belem, assi como dos estados dos pobres tomou pastores pera o adorarem, assi dos grandes chamou sabios (que segundo a commum opinião eram Reis) pera o conhecerem. Mas aos pobres, como menos asidos das cousas terrenas, chamou por clara, e expressa pratica dos Anjos do Ceo, e aos grandes como a mais fracos, e indispostos pera as cousas divinas, pelo que tinham em costume, acommodando-se a sua profissão astrologa, pera que mais suavamente se deixassem levar. Nem he novo em Deos acommodar-se a nosso modo, e tomar de qualquer cousa que em nós acha occasião pera nos levar a si, como amantissimo pai, que sabe da fraqueza, e miseria de seus degradados filhos, tirar maneiras pera os salvar, porque sabem, que se elle não puzer todas estas invenções de sua casa, terá elle essa casa despovoada dos proprios, e naturaes moradores, e herdeiros d'ella. Assi a estes sabios Astrologos appareceo nova estrella, chamada assi, pelo vulgar nome, que pômos a tudo, que com ellas se parece, quer sejam planetas, quer cometas. Mas na substancia era muito differente, porque não era de substancia celestial, mas de ar, ou fogo, e no lugar, porque não era fixa no Ceo, mas estava na região do ar: e no curso, que não era de levante a poente, como o das outras: nem na grandeza, porque sendo muito mais pequena sem comparação que todas as estrelas, parecia com muita vantagem muito maior, porque estava muito mais perto da vista que ellas. Mas era tal no resplandor, e desacostumada

fermosura, que provocava muita consideração, e ponderação do que seria. Ajudou nosso Senhor com interior revelação (como se deve crer) a novidade de tão fermoso, e espantoso Cometa, com que entenderam ser nascido hum Rei em Judea, a que se devia adoração na terra. Desapparecida a estrella, commetteram o caminho: e como novos nos conselhos das cousas divinas, não arribou seu juizo por então a mais, que a cuidar, que seria nascido como Rei terreno, em ricos paços, na principal cidade, e cabeça do reino: onde por razão devia de estar tudo ardendo em festas, e invenções custosas, pera demonstração de publico prazer. Permittio nosso Senhor n'estes seus novos servos esta baixa opinião, pera se dar occasião em Jerusalem, e Judea, publico pregão de sua vinda á terra: pera que todo o homem de bom espirito o tivesse pera buscar tamanho bem, e os descuidos espertassem do somno de sua perdição. Mas entrados os Magos em Jerusalem, acharam tudo tão frio, e tão pouco rumor de alvoroço na terra, que se metteram a perguntar pelo Rei nascido, e publicar o sinal do Ceo, que tinham visto d'esta verdade. Estava Judea possuida de Rei estrangeiro Herodes (que era a propria conjunção de vir o Messias, segundo a profecia de Jacob) mas já tão fria das esperanças de tamanho bem, e tão amassada com o serviço, e governo do idolatra estrangeiro, que em lugar de olharem por suas cousas com catholica consideração, se perturbaram de medo todos, de poder haver novas pertenções no reino, e novos alevantamentos, que costumam ser total destruição da paz, e prosperidade da republica. Muito maior parte d'esta perturbação chegou a Herodes, com tão nova, e não esperada pergunta, e inquirição de novo Rei nascido. Porque como sabia pela conversação dos Judeos, que esperavam Messias, e por elle liberdade da patria, e era tyranno, e estrangeiro, que lhe enchia tudo de suspeitas: receou-se mais, que podia isto ser começo de sua destruição, e a malicia lhe fez dar mais credito aos Magos, pelo mal de que se temia, do que deram os Judeos pera buscarem tamanho bem, como se lhe denunciava. Todavia como manhoso, fingio quietação, e socego, e recebidos com dissimulação, e gasalhado os Magos, tratou de saber dos sabios dos Judeos, o que d'este caso tinham em suas escrituras, pera que tão veneraveis pessoas não viessem errados. A que os sabios responderam com a profecia de Micheas, que em Belem havia de nascer (*): encobrindo todavia a substancia da profecia, que diz, que sua sa-

(*) Mich. cap. v.

hida será de dias eternos, com que se mostrava, que seria Deos, contra quem montava pouco o poder de Herodes. Mas por não mostrarem que folgavam com cousa que impedisse a conservação do reino de Herodes, o quizeram grangear, e a si mesmos conservar na privança com encobrir parte da verdade. Determinou-se Herodes de matar ao Senhor em menino, e sem estrondo atalhar o que podia adiante ser. E fingindo religião, e santidade, tomou os Magos em segredo, porque de ninguem se fiava menos que dos Judeos, que pertendiam conservar sua valia. Porque assi o permitte Deos, que desarmem em vão as humanas pertenções, que sahem de seus caminhos, e não tenham outros maiores contrarios, e ministros de seus damnos, que os mesmos por quem deixam a verdade, e a virtude. E tirou dos animos limpos, e sem malicia dos Magos muito miudamente o modo, tempo, e mais circunstancias do sinal que viram do novo Rei, e o que mais os movera a o ir buscar. E mostrando-se por muito mofino, de não merecer elle a Deos ver em sua terra, o que elles tão longe alcançaram, e lhes rogou que fossem a Belem, e voltassem a elle, com informação do que achassem, em quanto se elle ficava apercebendo pera o ir adorar, com toda sua Corte, e estado, e reconhecer hum tamanho Senhor, e servil-o de amo, e crial-o em sua casa como elle merecia. Não imaginando os Magos mal nenhum de tão dissimuladas palavras, tomaram o caminho pera Belem, sem haver pessoa em Jerusalem que por curiosidade sequer, os acompanhasse; tão cega, e descuidada do que lhe cumpría, estava! Em sahindo tornou-lhe a estrella de novo a apparecer, que lhes mudou todo o desgosto, que levavam, em immenso prazer, e ella os guiou, indo diante d'elles até se pôr sobre o lugar, em que Christo nascera. A Virgem sacratissima, sobresaltada com o rumor da gente, agasalhou comsigo o Senhor, guardando seu thesouro: mas os Magos allumiados com nova luz interior, que do Verbo divino encarnado lhes procedia, entenderam os divinos conselhos, e n'aquella pobre casinha reconheceram em os pequenos membros a divina Magestade; e adoraram seu Deos encoberto em tão baixas demonstrações exteriores, e lhe offereceram prostrados ante o menino em terra, Ouro, Incenso, e Myrra. Mas Deos contra cujos conselhos nada póde a humana malicia, mandou por revelação feita em sonhos aos Magos, que se tornassem por outro caminho, e deixassem Herodes: a que elles obedecendo, se tornaram consolados, deixando a malicia, e ardis de Herodes atalhados.

Passaram-se muitos dias depois em que Herodes não commetteo pôr em execução sua má determinação de matar ao Senhor, assi pelos muitos dias que esperou a volta dos Magos, que Deos tinha desviado, como por outros negocios grandes do Reino, que Deos ordenaria, que n'aquella conjunção se acumulassem, pera elle levar ávante seus soberanos conselhos. N'este meio tempo pôde o Senhor ser apresentado pacificamente no Templo, e a Senhora recolher-se a sua casa a Nazareth, onde o Anjo lhe apparecera. Mas Herodes, que trazia arreceio de lhe ir em sua terra crescendo a raiz de sua destruição, não perdia do sentido a determinação de buscar ao Senhor, e o matar como tivesse pera isso conjunção. Pelo qual mandou o Padre eterno hum Anjo, que revelou a S. Joseph em sonhos, que era sua vontade que fugisse com a Virgem sacratissima, e seu Filho unigenito pera o Egypto (*), porque havia de ser buscado pera o matarem, e ahi estivesse até que lhe tornasse a dizer, que era tempo de voltar: como disse depois da morte de Herodes. E tornou a Nazareth de Galilea, sem ir a Judea, por arreceio, e medo de Archelao, filho de Herodes, que reinava n'ella. As revelações feitas em sonhos não desfazem nada na verdade das cousas reveladas: porque não são os sonhos vadios, como os que ordinariamente temos, mas acompanhados de luz divina, e de huma certa soberana interior certificação das cousas reveladas, que as faz mais certas, que se fossem por olhos espertos vistas. Assi o declaram as palavras de Jacob, que disse acordando do somno, no qual em sonhos teve revelação da escada, que chegava ao Ceo, pela qual sobiam, e desciam Anjos (**). Verdadeiramente este logar he santo, e eu o não sabia. Na qual tão affirmada palavra declara, que não estava menos certo da santidade d'aquelle lugar, que em sonhos lhe foi revelada, que se a tivera esperto muito conhecida. Assi Joseph, podendo humanamente duvidar de ser o sonho divina revelação, pois lhe mandava fugir com o Menino, sendo elle Deos, contra quem ninguem tem poder, não duvidou: porque com a angelica revelação, lhe foi dado tão claro conhecimento por luz divina, da sabedoria do conselho eterno, por ordem d'aquelle divino menino se governava, que sem mais esperar se alevantou de noite depressa, e fugio.

Tornando ao começo, d'onde esta historia atéqui procedeo; bem claro se vê, quam cedo nosso Senhor começou a ser do mundo perseguido, e por essa occasião a ensinar a verdadeira, certa e segura en-

(*) Matth. cap. II, 13. (**) Genes. cap. XXVIII.

trada da vida humana, pera assegurar o Ceo. A qual he entrar, e começar a vida como peregrinos, e como quem não tem cidade permanente n'esta vida: mas caminharmos pera outra, que pera sempre dura (*). O fundamento que da vida, e de suas cousas fazemos, desfaz, e destroe de todo os fundamentos do Ceo. Porque são tão contrarios, que a eternidade da vida do Ceo começa, e funda-se em uso das cousas d'esta vida tão moderado, como de cousas vans e que acabam, pelas quaes se ha de passar caminhando, e suspirando sempre pela vida soberana: e a perdição da vida mundana tem por fundamento usar das cousas transitorias como de eternas, e fazer n'ellas tanto assento, como se fossem perpetuas, com frieza, e descuido da vida que pera sempre dura. Assi que o muito assento, e fundamento, que ordinariamente fazem os homens da vida terrena, he o começo de perder a do Ceo. Por isso exalça muito S. Paulo a fé de Abraham, Isaac, Jacob, que tirados por Deos de sua terrena patria Mesopotamia (**), pera Palestina, terra que lhes promettia por sua propria, e de seus descendentes, todavia elles n'ella viviam como hospedes, e peregrinos, em tendas, sem fazerem em nenhuma parte d'ella casas, nem assento, como em terra alheia, fazendo mais fundamento da cidade soberana perpetua feita por Deos que desejavam, cujas esperanças os faziam confessar sempre, que eram peregrinos na em que viviam. E ainda que estes saudavam de longe a vida, e cidade soberana, todavia diz S. Paulo, que se não corria Deos de se chamar Deos d'elles, porque assi como por huma parte elle lhes tinha aparelhada a cidade do Ceo: assi por outra elles viviam em continuos suspiros, e desejos d'ella, com que muito contentavam a Deos.

A vida peregrina com muito pouco se satisfaz, e corta por muitas demasias, de que a patria está povoada. E fazer do degredo, e peregrinação patria, he mal quasi sem cura. D'isto nascem, como de sementeira as varias occupações dos homens, todas metidas na terra, e os peccados caseiros, de que se faz vida, e gosto, o excessivo, e demasiado mimo do corpo, que tanta parte leva da vida, e da consciencia, e da alma, e as outras mais cousas, que trazem a salvação arriscada. O Salvador que quiz comnosco peregrinar, não guardou os trabalhos do degredo pera o cabo da vida, mas muito menino mudou o assento da patria, passa a terras estranhas, tira-se do gasalhado, e mimo dos seus, passa os trabalhos de caminhos largos, e não soffre descanso nenhum corporal,

(*) S. Paul. ad Roman. III. (**) Ad Hebr. XI.

nem o muito licito. E se o caminho era em inverno, ou em verão lhe havia de toda maneira de custar muito. Porque como a Senhora era pobrissima, não havia de ser a encavalgadura tão rija, que podesse encurtar o caminho, nem a despeza seria tal que podessem agasalhar-se em muitas casas abrigadas do sereno: nem as roupas tão acommodadas pera se defender das asperezas, e injuria dos tempos, que o vento, e frio, ou sol, e calma o não penetrassem muito. Assi sem duvida muitas noites passou a Senhora com o menino com muito desabrigo no campo, e com muito trabalho. Porque já desde menino começou a ser soffredor, e cordeiro sem dar nenhuma pena a sua sacratissima Mãi, que o criava. Ora posto em Egypto, terra estranha, onde a Senhora vivia de sua agulha e o Santo Joseph de seu trabalho, e o menino hia crescendo, e os trabalhos, e necessidades que padeceram, não se podem imagínar. Verdade he que se as faltas eram muitas, e o remedio d'ellas muito poucos, e mui pobres, era a conversação com Jesu, que todo trabalho faz suave, toda pobreza rica, e toda a mingoa abastada. Mas assi temperava o Senhor huma cousa com outra, que os alivios divinos, e espirituaes não tiravam a seu corpo o peso do trabalho corporal.

A outra parte d'este trabalho do Senhor, dá muita materia de consideração, que he ser o Senhor em tão poucos dias, como tinha de vida, perseguido do mundo, e ter já por principaes inimigos os mais poderosos d'elle: não lhe querem menos, que tirarem-lhe a vida ao mundo tão necessaria. Já n'esta idade mostrava começos do que no cabo da vida havia de fazer, em soffrer, calar, deixar fazer de si quanto os inimigos quizessem, e pera isso encobrir a magestade. e poder de sua divindade. Mas estava o Senhor tão contente de se ver entre os homens no mundo, que sendo-lhe muito facil, e muito proprio, (já que queria fugir) encobrir-se aquelles annos no Ceo: quiz antes peregrinar pela terra com trabalho que deixal-a, até que a fizesse estrada do Ceo. Assi com sua entrada, e estada em Egypto deixou aquella terra consagrada, e quente de seu espírito, pera depois ser povoada de tantas, e tamanhas manadas de servos seus perfeitissimos, como nos desertos d'ella muitos annos viveram, e d'ella foram povoar o Ceo. Este he o Senhor que sempre de males tira bens, e tomou seus trabalhos por instrumentos de riquissimas mercês, que deo ao mundo. Mas o mundo he tal, que não pode soffrer a vida do Senhor, de que não era digno, e pretendeo acabal-o, antes que fosse do Senhor com suas mercês, e sangue redemido. Tão inimigo se mostrou sempre d'este Se-

nhor, que logo em menino o quiz matar, e toda a vida o perseguio, e na derradeira hora que o Senhor quiz d'elle cousa com que matasse sua mortal sede, o despedio de si com fel, e vinagre. Este he o mundo, a que servimos, e porquem nos matamos, e muitas vezes nos perdemos. O qual he tão cego que não podendo melhor conservar-se, que com conhecer a este Senhor, quiz antes perder-se com lhe procurar a morte, que ganhar-se com o servir na vida.

Temos aqui clara prova da verdade, que Jeremias disse, que he bom, e proveitosissimo ao homem, levar o jugo desde a mocidade, porque este estarà quieto, e calado a toda perturbação da vida, porque se alevantou sobre si. Nos Canticos se gaba a esposa, que toda a fruta nova, e velha guardara pera o Senhor (*). E David promettia a Deos, que a sua fortaleza toda gnardaria pera elle (**). E tudo isto he, á imitação do exemplo d'este Senhor, não guardar seu serviço pera o tempo da vida cansada, e das forças gastadas. Mas logo na flor da idade se devem consagrar a Deos as forças, e os primeiros frutos da alma. Assás baixos pensamentos são cuidar que depois de muita experieucia do mundo, e de gastado n'elle o aço, he Deos melhor servido. Com este engano leva o mundo a melhor parte da vida, e o Demonio a maior parte das almas. O espirito e exemplo do Senhor ensina, que pois elle pera nosso remedio houve mister toda a vida, não cuidemos nós que podemos satisfazer ao serviço de tamanho Deos com a menor, e mais fraca parte d'ella. Encher a vida toda de muitos exercicios de virtudes, de muitos trabalhos por amor de Deos soffridos, e de muitos merecimentos he o siso da sabedoria christãa. E prouvesse a Deos que desse já a má vida boa volta no cabo. Mas receio, que a mal-acostumada na mocidade, seja descuidada, e remissa na velhice.

Já que a entrada dos Magos em Jerusalem, deo occasião a este trabalho do Senhor, acrescentarei aqui exercicio d'este mysterio. Assi porque foi principio do chamamento das gentes ao conhecimento, e imitação d'este Senhor, como pera alcançar d'elle a mesma luz, quem a não tem, ou recobral-a, se a tem perdida.

E porque o Senhor não quiz começar sua peregrinação a Egypto, sem primeiro ser offerecido a seu Padre Eterno no templo. e tomar sua benção, e obediencia, acrescentarei tambem outro exercicio d'este mysterio: por imitar ao santissimo varão Frei Luis de Montoia, que me criou, e cuja vida escrevi: o qual em vinte e hum annos, que o tive por prela-

(*) Cant. VII. (**) Psalm. LVIII.

do, sempre nos alvoroçava aos subditos pera na festa da Purificação nos offerecermos com Christo á obediencia do Senhor.

D'esta maneira terão os que se exercitam na consideração dos trabalhos do Senhor, exercicios particulares pera estas duas tão principaes solemnidades da Epiphania, e Purificação. E depois d'estes dous exercicios porei a materia do trabalho da peregrinação do Senhor.

Exercicio do chamamento dos Magos a adorar o Senhor em Belem.

Levantarei minhas esperaças, e meus desejos a vós meu Deos, e meu Senhor, minha clara luz, e unico resplandor, e lume de minhas cegueiras, e trevas de minha alma. Porque em vós tenho a perfeita satisfação de quanto posso desejar, e o certo, e mais perfeito remedio de todas minhas necessidades. Não sabe minha esperança comprehender a grande, e immensa multidão de bens, que de vós pode esperar. Muito espera, mas esse muito não o entende: tudo espera, mas não alcança o que he esse tudo: cousas soberanas, e infinitas espera, mas está longe de saber a infinidade de vossos bens. Sois maior, Deos da minha alma, que todo muito, sois mais rico que todo tudo, sois mais incomprehensivel que todo o infinito. E quando me alargo a cuidar muito de vós, pera vos desejar muito, acho-vos maior sem comparação que todo o grande, e todo o immenso que de vós imagino. Pois soberano, e infinito thesouro meu, não quero saber quam grande sois, pois não posso; mas alargo-me a desejar, e suspirar por esse abismo de eternos bens, de incomprehensiveis grandezas; contento-me Senhor com crer, que todo esse quanto sois, sois meu, e eu sou criatura, e servo d'essa magestade, e grandeza. Oh se se alagasse o meu nada, n'esse abismo de infinito ser! Se se alagasse minha cegueira n'esse resplandor de luz infinita, se se alagasse minha ignorancia n'esse pego de eterna sabedoria, e minha morte n'essa vida vital, e minha tibeza n'essa eternidade de fogo, e amor, e tudo o que sou, e o que não sou, no que vós Deos meu, e todo meu bem sois! Em vós hão de ter cabo minhas miserias, resurreição minhas mortes, luz minhas trevas, e mudança minhas desaventuras, imperfeições, e culpas. Em vós hei de ser limpo, são, ensinado, guiado, e levado até vós. Pouco havia que andar Senhor meu, pera chegar a vós, que estais em toda a parte, se minhas culpas não tiveram feito divisão entre vós, e mim. Mas eu por hu-

ma parte me afastei, e vós por outra sois tão immenso, tão puro, tão alto, tão divino, que sem vós me levardes, não poderei nunca ir a vós. Assi o dissestes, que ninguem pode ir a vós, se vosso Eterno Padre o não levar (*). Como vos ha de ver minha cegueira sem vossa resplandecente luz? Como vos pode amar minha frieza sem o fogo de vosso amor? Como se pode apegar a vós minha baixeza, se vossa grandeza me não alevanta? Porque, que pode o nada sem o que tem em si a fonte de todo ser? Levai-me, Senhor, a vós, pois pera isso descestes á terra. Vistes que eu errava, e viestes-me encaminhar: vistes que vos fugia, e viestes tirar por mim; e vistes, que sem vós não podia ir a vós, e viestes-me buscar.

Oh Salvador meu, oh bom pastor meu, oh sapientissimo governador meu, oh amantissimo remediador meu; sou eu o necessitado, o errado, o miseravel, o mingoado de todos os bens, o fraco pera todo o bem, o chagado de todas as culpas, e o cahido em todas as pobrezas, e peccados, e com isto juntamente não conheço meu miseravel estado, nem sinto minhas necessidades, e cuido de mim vaidades, e mentiras, e em meu proprio lodo me revolvo, sem o sentir; e vós Deos meu, estais todo occupado em mim, todo infiammado em amor d'esta peccadora alma. Todos vossos cuidados são buscar invenções de me chamar, de me alumiar, e de me levar a vós. Nascido no mundo logo chamais pobres pastores, logo mandais estrella aos Magos do Oriente. Não quereis ponto nem hora estar na terra sem mim, pera me cativardes de vossa sobresubstancial fermosura, pera me encherdes de vossos soberanos bens, e por me terdes pera sempre comvosco em vida, e riquezas, e prazeres infinitos. Tão pobre estais sem mim, riqueza infinita, que não descansais até me terdes comvosco. Não esperais que eu primeiro vos ame, vos deseje, vos busque, e tire por vós; não esperais por meus serviços, e merecimentos; nem fazeis conta do que em mim haveis de achar. Mas porque sabeis que não haveis de achar cousa boa nascida de mim, quasi tudo da vossa parte pondes; ezcitando-me, que consinta, e coopere ao bem, e ajudando-me poderosamente pera isso. Amais-me de graça, tirais por mim sem necessidade de mim; só quereis que vos aceite, e que me deixe levar. Oh se vos ouvisse minha mouquice, se vos amasse por segundo, já que não sou o primeiro; se me deixasse levar, já que vos não busco, se vos deixasse fazer, e desse o consentimento, e concurso que me

(*) Joann. cap. VI.

pedis! Como me farieis a vossa mão, e como sahiria d'ella tal, que se podessem vossos purissimos olhos contentar de vossa criatura.

Vós, luz divina, por meio de hum material e resplandecente cometa movestes os animos dos astrologos Magos e com vossa luz divina ensinastes seu coração a vos irem buscar, e adorar. Mas com vossa presença, que ainda que encoberto em membros de menino, e em roupas pobres, e em gasalhado de mãi, e casa pobre, os ensinastes de todo, assi vos conheceram, vos adoraram por seu Deos e Senhor. Alli perderam a baixeza de seus pensamentos, alli alevantaram a vós seus desejos, alli vos entregaram seu amor todo, alli renderam seu espirito, e liberdade a vossa lei, e serviço, alli vos tomaram por sua soberana riqueza, e vós n'elles as primicias, e posse pacifica de todas as almas que vinheis buscar á terra. Vós os chamastes, vós os movestes, vós os guiastes, vós os ensinastes, vós lhe mostrastes vossos segredos, vós comvosco satisfizestes todos seus desejos, espiritos, e corações. Oh quem vos soubesse, Deos meu, dar as graças pelas mercês, que quando menos o merecemos, e quando menos o desejamos e cuidamos, nos fazeis! Quantas vezes acontece, que com alguma estrella de boa inspiração chamais a alma, e ella movida com huma faisca de vosso amor anda trás vós; ora vos acha, ora vos perde, ora vos tem, ora lhe desappareceis; ora cuida que vos contenta, ora cuida que a engeitais. E andando em balanços, pega de hum caminho, e de outro, cuidando que qualquer a pode levar a vós, e como sabe pouco, e anda ainda cega, em todos se perde, sem saber caminhar, porque vos deseja e não vos sabe desejar; ama-vos, e não vos sabe amar; busca-vos, e não vos sabe atinar o certo caminho. Desconfia de si, não se fia de todo devós, porque ainda que o queira não o sabe fazer. Oh meu Deos, vêm vossos olhos estas voltas, e revoltas, e calais, e dissimulais, atè que chega aquella ditosa hora, em que a alma está mais fraca e mais desconfiada, e lhe abris os olhos, e vê o caminho da verdadeira paz, e da verdadeira vida; vê-vos perto de si, vê quam proprio, e facil lhe he pôr-se em vos, vê (não sei como) mas que sem duvida a chamais. Sem lhe fallar, supitamente a ensinais. Fica o corpo (não sei onde) mas indo sempre comigo elle se fica. Não sabe a alma se anda, e sempre caminha, e sempre chega. Tem-vos, e buscando-vos não vos acha menos. Se a mandais entrar lá se acha; se a mandais sahir, não se afasta. Vê, e não sabe o que ouve, e não sabe que, sabendo a quem; porque o que vê, não he corporal, e o que ouve se diz sem palavras. Ama, e ama, e mais ama. Ama, e ainda que

vê, e ouve como peregrina do Ceo, não se pode dizer por palavras humanas, o que o amor puro pode, ainda n'este degredo, receber de vós. Oh meu Jesu, oh meu menino, oh meu Rei, oh meu Deos, que hora aquella, que luz aquella, que communicações de bens aquella,, que dada, e entrega aquella? O que quer que aquillo he vós o sabeis, mas a vossa criatura sabe, que se vos for fiel, e não se distrahir de vossa conversação, e conservar o dom recebido, e renunciar tudo o que aquillo não he; que por muito que n'aquella hora receba, não tem mais que começos dos infinitos pégos de riquezas que tendes pera lhe communicar. Oh alma da minha alma; quem tem alma que bem tem, se a não tem comvosco viva? Oh vida de minha vida, quem tem vida, como vive senão vive em vós? Pode-vos meu coração ter todo a todo, hum a hum, unico a unico, e pode-se alargar em vós, e anda miseravel fóra de vós? Pode vossa criatura esquecer sua baixeza, e estar comvosco em braços, e desapega-se de vós? Arranhando anda pela terra, fazendo covis de cegas topeiras, e de miseraveis bichos, e occupado em teas de aranhas, quam fóra d'esses bens, que de dentro dais, e mostrais, occupa o cuidado, e o sentido. Oh amor divino que isto sabes, e isto desejas dar a todos, por isto fazes de ti tantos manjares; quem te tem, que não abrazas tudo? Quem te impede, o que desejas? Quem te vai á mão ao que com tanto trabalho negoceias? Enchei, Senhor, tudo de estrellas se ellas nos hão de guiar a vós. Enchei tudo de exercitos de Anjos, se elles nos hão de encaminhar a vós. Endoudeço, meu bom Jesu, não sei o que digo. Nascei vós n'estes terrenos corações, e apparecei a estes cegos espiritos, descobri vossa fermosura a estas erradas almas, soltai o fogo de vosso amor, que se espalhe, e todos nos levantareis a vós. Para que he a liberdade, nem alvedrio, se o tenho tão mal empregado, que com elle vos não busco? Não sei fallar, Deos meu; falle-vos vosso amor, e a vosso amor fallem minhas necessidades, e a minhas necessidades fallem vossas misericordias; meta-se no meio vossa graça, e bondade, ouçamo-nos, façamos pazes, e união perpetua; vós vivei em mim, e viva eu sempre em vós, por vós, e pera vós.

Oh miseravel da alma peccadora, e mofina, que huma vez recebe a luz, e torna a cegar, e recebe o fogo do amor, e torna a esfriar, recebe o perdão, e torna a peccar: foi levada dentro ao intimo da vossa suavidade, e riqueza, e presa de vossa fermosura, e se tornou a esquecer, a soltar, e sahir donde tinha entrado. Tornou como porco ao lodo, e co-

mo cão ao arrevessado. De que se queixará, se vos não fiardes mais d'ella? Oh divina bondade que tanto soffres; ainda sobre tudo esperas, chamas, e te offereces! Chorarei, meu Deos, ante vós estas miseraveis, e desaventuradas quedas; pegarei d'estes vossos pés, e d'esta vossa fraqueza, que pera me remediardes tomastes. Justamente me entregais a meus inimigos, e a meus vicios, e a minhas inclinações más, e justamente me deixais ser d'ellas continuamente açoutado, e aggravado; pois sendo levado de vós huma vez á adega de vossos suaves vinhos, tornei a beber dos charcos cheios de peçonha. Pois não quiz vossa casa, he razão que ande mendigando pelas alheas, onde nenhum bem acho; pois não quiz vossos braços, he bem que ande por baixo dos pés de minhas desordenadas affeições, e baixezas, e pois fui desleal em guardar o que me destes, justamente peço, e não me dais: brado, e não me ouvis; chamo e não me acodis. Mas Senhor, ainda com todas minhas deslealdades, sois fidelissimo amigo, e pastor bonissimo d'esta errada ovelha. Ainda me não lançastes no inferno, ainda me não entregastes ao Demonio, ainda me não condemnastes a perpetuo apartamento vosso, nem me desamparastes de todo. Dou-vos por tudo infinitas graças. Não vos torno a pedir aquelles paternaes mimos, que dais aos vossos leaes servos; peço-vos, Senhor, que me não lanceis de vossa casa, n'ella, e entre os vossos me afferrolhai (*). dai-me lagrimas por pão, de dia e de noite, até que acheis em mim outra vez a pureza de vós desejada, e torne a ver vossa face, e vossa fermosura, e digais com braudura a minha alma: Eu sou tua saude, tua fortaleza, e tua constancia: porque humilhada, e de si desconfiada, vos buscará de novo, e vos glorificareis em ganhar o perdido, allumiar o que he por vontade cego, e tornardes a recobrar o que por tantas vezes merecia ser lançado.

Mas assi tal qual estou, aqui me lanço ante essa divina Magestade encoberta n'essa meninice, e com estes santos Reis me entrego a vós por perpetuo servo vosso, pera que com elles me recebais. Sou pobre, não tenho ouro, incenso, e myrra pera vos offerecer, como a Deos, e como a homem, e como a mortal que sois por amor de mim. Mas tudo o que me tendes dado, e o que vós sois, vos offereço. Offereço-vos por meus peccados a contrição d'elles, porque desejo não vos offender mais, e sinto meu Deos, e meu amantissimo Jesu ter-vos offendido, a confissão que meu coração vos faz, e a lingoa, sentindo-me chagado das peçonhentas vi-

(*) Psalm. XLI.

boras de meus peccados em que cahi, por me apartar de vós, saude verdadeira d'esta alma peccadora; o desejo de vos satisfazer, ou de vós vos satisfazerdes de mim á vossa vontade, pera que sujeito a toda vossa ordenação, vos contente. Offereço-vos as tres potencias que me destes n'esta alma: meu entendimento, pera que o allumieis em vosso conhecimento, e nas puras verdades vossas; a memoria, pera que a enchais de vós e alimpeis de varios pensamentos, e imaginações fóra de vós: e a vontade pera que a purifiqueis com o fogo de vosso amor, pera que com toda ella vos ame. Offereço-vos as tres divinas virtudes, que no bautismo me destes. A fé, com que vos creio, e adoro por meu unico Deos, e Senhor, Creador, Redemptor, e todo meu bem. A esperança, que a largo a quantos bens de vós posso desejar; o amor, com que desejo apegar-me só a vós, em união da perpetua charidade. Offereço-vos, bom Jesu, o que mais vos contenta, que he o que mais sois pera mim. Vosso corpo sacratissimo, vossa alma purissima, e vossa divindade eterna onde está todo o bem, toda sabedoria. Offereço-me a vosso Padre Eterno por vosso sangue precioso, e a vós pelas entranhas de vossa misericordia, e amor com que á terra vos mandou vosso Padre Eterno: e ao Espirito Santo, porque he amor infinito, que em vós, e no Padre Eterno arde. Peço-vos, Senhor, que assi como aceitastes o ouro, e incenso, e myrra d'estes vossos Magos, com seus corações, e os allumiastes em vosso conhecimento, e logo os encaminhastes, e fostes sua guia, e os afastastes de vosso inimigo Herodes, assi me allumiai luz divina, e me encaminhai verdade soberana, e resuscitai vida verdadeira. Afastai-me de tudo o que vos descontenta, não me guieis pera fora d'esta vossa casa, não me afasteis d'esses pés. Aqui, aqui bom Jesu. Aqui todo meu bem: em paz, e em vós mesmo, dormirei, e descansarei.

Oh Madre virginal, oh Virgem perpetua, Madre santissima, tão possuida d'estes thesouros divinos, que n'este Senhor se encerram, e tão senhora d'elles; reparti com este pobre miseravel, não do ouro, e incenso, e myrra, que vos fica, e não vos faz rica, mas das riquezas do Ceo de que estais thesoureira, e repartidora: pera que com o que me derdes tenha que offerecer a este Senhor, de que se elle contente, e com que seja recebido, e preso de seu amor. Oh corte celestial, que a este Rei soberano servis, adorais, e sempre o contentais, que podeis lá pedir que se vos negue? Pois claramente vedes o que elle deseja dar aos seus degradados. Alcançai d'elle que não tarde com suas misericordias, e me leve a si, e a essa companhia. Amen.

Da offerta do Senhor no Templo nos braços do Santo Simeão.

Pera a materia, e fundamento d'este exercicio lembre que quarenta dias depois do parto virginal, quiz o Senhor, que sua sacratissima Mãi cumprisse duas leis, a que não era obrigada. Huma de não entrar no Templo senão no cabo de quarenta dias (porque a mulher que paria macho, todos elles era havida por não limpa) e que offerecesse por sua limpeza hum cordeiro, e huma rola se fosse rica, e se fosse pobre, duas pombinhas, ou duas rolas. Mas a propria lei de Moysés a desobrigava, declarando, que fallava das que pariam filhos da geração de homem: a qual concebeo por obra do Espirito Santo, mas como verdadeira imitadora de seu filho, Deos, e Senhor, quiz antes a honra de se parecer com elle na humildade, que o credito de sua pureza virginal, ainda encoberta ao mundo; pois via ante seus olhos a divina Magestade humilhada em tudo, em figura, e leis dos peccadores, sem peccado, de cuja serva, e imitadora ella mais se prezava, que de mãi.

A outra lei era, que mandava, que todo filho primeiro macho passados os quarenta dias fosse offerecido, e dedicado ao serviço de Deos no Templo, e se fosse da Tribu de Levi, que era a sacerdotal, servisse sempre no Templo: e sendo de outra Tribu, ficaria desobrigado do serviço do Templo, dando-se por elle certos dinheiros de prata. Mas tambem a lei desobrigava ao Senhor, porque declarou, que fallava dos primeiros filhos que nasciam do parto não virginal. E o da Virgem sacratissima perpetua, foi virginal, e purissimo.

A offerta de pobres mostra, que posto que os Magos deixaram á Senhora ouro, incenso, e myrra, todavia logo foi tudo repartido por pobres, por se não desapagarem da estima da santa pobreza, que por experiencia viam que o Filho de Deos na terra queria seguir, e ensinar. Porque se a Senhora tivera ainda d'aquella offerta cousa com que podera comprar hum cordeiro, cumpria a lei inteiramente. Mas ella dava cordeiro divino pelos peccados do mundo, porque só d'elle estava rica, e offereceo por si pombinhos, ou rolas, e ao seu cordeiro Jesu tornou a receber por dinheiro, e preço de pobres, que deo por elle, pera o criar pera redemptor, e remediador do mesmo mundo. E por aqui se verá quanto merece esta competencia espiritual de Mãi, e Filho, de seguir a humildade, e pobreza, e de cada hum trabalhar de parecer o que não he,

e menos do que são, particular consideração e agradecimento, pois tudo nasce da mesma fonte de amor, de que procederam todos os trabalhos de Jesu.

O Santo Simeão não devia de ser Sacerdote, pois o santo Evangelho lhe não chama mais que homem justo, e temente a Deos, e de desejos bons, e grandes da redempção do mundo. Cansava-lhe a vida, mas soffria, por promessa que o Espirito Santo lhe tinha feito, que antes de sua morte viria ao Filho de Deos feito homem. E o dia que a Senhora havia de ir ao Templo, o Espirito Santo lhe mandou, que o fosse lá esperar. E estava ardendo, e suspirando com os olhos na porta, atentando, e remirando quantos entravam, mas a nenhum lhe dizia o espirito que era elle o Senhor. Até que a Virgem sacratissima e Joseph chegaram com o menino, sem nenhum aparato, nem figura, mais que de estreitissima pobreza, e purissima simplicidade: e o que a todos vinha encoberto, não se pode encobrir aos olhos inflammados de amor divino. Mas em vendo o santo velho a Senhora, a conheceo, e renovado como a aguia na velhice com o ardor d'aquelle divino Sol, que tudo com seu amor abrazava, e com a frescura das divinas agoas, que de seu divino peito manavam: sacudindo as velhas, e terrenas pennas se abraçou com o menino, e levando em seus braços a quem dentro o guiava, começou o brando, e velho cisne até alli rouco de desejosos brados, e largos suspiros, a apurar quasi na derradeira hora a sumida voz, e a cantar suavemente os gostos com que já morria, e com que acabava seu cansado degredo; pois tinha visto a luz do mundo, e saude soberana que desejava.

Exercicio d'este mysterio.

Espelho de eternas verdades, e de divinas bondades, e de incomprehensivel sabedoria, Filho de Deos vivo, Jesu, mestre, e redemptor meu, abri meus olhos pera que em vós veja vossos conselhos, e caminhos, e afervorai meu desejo, e espirito, pera que com o santo Simeão vos busque, e vos ache, e vos abrace, e em vós descanse. Humilhai minha soberba, pois tanto a humildade vos contenta; tirai de mim o amor do mundo, pois escolheis pera vós a pobreza, sometei-me perfeitamente a vossa obediencia, pois sois tão perfeito cumpridor das leis a que não sois obrigado. Não fiais de minha fraqueza, e tibeza muito, por isso me obrigais a pouco; mas a vós oh fervente amor, de nenhuma cousa vos quereis

desobrigar, nem das que parece, que desfazem em vós. Ensinai-me, Senhora, a lei d'este amor. Não se força o amor com medo de penas, mas se he puro, e verdadeiro, acha-vos, Deos meu, tamanho, tão merecedor de tudo, qve todo deseja de se desfazer em vos servir. Acha as leis poucas, e as obrigações d'ellas pequenas, porque o amor a tudo obriga, e nada deixa de fora, porque tudo acha pouco e nada, pera a divina grandeza que ama. Quando me fará vosso amor humilde, pobre, desprezador de tudo, amador de baixeza, estimador de proprio desprezo, rendido todo a vosso serviço, cruxificado corpo, e alma, forças, e quanto sou, a vossos pés, e obediencia! A Virgem pobre comvosco está rica, o Santo Joseph, com vos servir com sua pobreza contente, e satisfeito; o velho Simeão só por vos ver suspira, e crendo que todos estes estão acertados, eu não sei por onde ando errado fora de vós. Mas como me posso ver, divina luz, se me não allumiais pera que me veja, e me aborreça? Oh Deos de minha alma, se vós quereis que os meninos, antes que se entendam, sejam a vós offerecidos, porque quando se entenderem já se achem vossos: como quero que me soffrais, que depois de me entender, e de vos conhecer, não seja vosso, nem vos sirva? Mas se vós, bondade infinita, me não soffrerdes isto, que será de mim? Troque-se, Senhor. isto por vossa misericordia, amai-me vós pera me remediar, e aborreça-me eu pera ser remediado. Ensinai-me a me magoar dos annos da meninice que vos não conheci, nem amei; porque ainda que n'elles vos não offendi, todavia sendo de vós amado não vos respondia com outro amor. Muito mais, Senhor de piedade, me ensinai a chorar as primicias de meu entendimento, e vontade perfeita, que vos não dei, e o muito que de vosso serviço me apartei, os muitos peccados a que me entreguei, as perversas minhas más inclinações que segui, depois que cheguei á idade, que vos podia offender, ou servir, atè esta hora em que estou miseravel peccador ante vossos purissimos olhos. Oh bom Jesu, esqueça toda a minha vida passada, não se me contem em annos de vida, os que gastei em mortaes obras fora de vós e sem vós, vida de meu coração. Aqui bradarei a vós, até que me ouçais. Aqui chamarei até que me acudais. Aqui me offerecerei até que me recebais. Aqui chorarei, até que me perdoeis. Após vós irei, meu bom Jesu, comvosco me offerecerei ao Padre Eterno, pera que por vós me não despreze. E posto que os cordeiros ficavam pera serem sacrificados no templo, e os meninos tornavam com suas mãis: eu não serei assi. Offe-

recer-vos-hei a vós, divino cordeiro por mim, e comvosco ficarei sacrificando-me, comvosco tornarei acompanhando-vos, e nunca de vós me apartarei.

Oh Padre de misericordias, e Deos de todo remedio, e consolação, aqui vos offereço vosso unigenito Filho; ponde em elle os olhos pera por elle me perdoardes, e receberdes. Vedel-o aqui feito menino por mim, mansissimo, e humilissimo cordeiro pera meu remedio. Ainda que calla, seu coração a vós brada por mim. Elle vem aqui por todos os peccadores, como ha de ficar nenhum de fora? Elle reconhece vossa obediencia por todos, e elle se somete a vossas leis por todos, elle se offerece por todos. Sua purissima Mãi vo-lo entrega, e o torna de vossa mão a receber por mim. Olhai, Senhor, estes dous corações santissimos, purissimos, a vós aceitissimos, o fogo em que agora ardem, vós o entendeis: o remedio dos peccadores, que desejam, e procuram, vós o sabeis: a riqueza que d'aqui nos vem, vós-no-la dais. Pois, Senhor meu, como haveis de desprezar os amorosos brados d'estes abrazados espiritos, que por nós vos pedem misericordia? Com elles, Senhor, vos offereço minha pobreza, e miseria. O tempo, a vida, todos os successos d'ella, os trabalhos, as consolações: o corpo com todos seus sentidos, a alma com todas suas potencias; a morte, e tudo o que em mim ha máo, e bom. O bom que he vosso, pera o acrescentardes; o máo, que he meu, pera o curardes, e remediardes. Assi como este Senhor não quiz proceder em vosso serviço, sem vos vir dar solemne obediencia, e tomar vossa paternal benção, assi eu, que nada valho nem posso, essa benção peço, e este paternal favor, e a essa obediencia de hoje pera sempre me someto. Dai-me, Senhor, o espirito que ensinou á sacratissima Virgem vossas vontades, e que guiou o velho Simeão ao templo, e lhe deo a conhecer o Salvador. Criai em mim novo coração, e o espirito, que a vós me leve, renovai cada dia em minhas entranhas, e o que por mim não mereço, este cordeiro vo-lo merece, por elle me aceitai por vosso, por elle me dai vossa graça, e com perseverança me confirmai n'ella.

Que dissimulação he esta, Senhor, e simplicidade com que entrais por Jerusalem, e no templo? Como vos não reconhecem as criaturas, e todas saltam de prazer com esta vossa entrada? Imaginava David que fugia o mar, e o Jordão do vosso povo, quando o tirastes do Egypto, e que os montes, e outeiros saltavam de prazer, e as pedras se desfaziam (*)

(*) Psalm. XIII.

em ribeiros de agoa, porque sentiam que vós passaveis em sua companhia, e toda a criatura vos festejava: não indo alli mais que a Vara, com que Moysés por vosso mandado fazia maravilhas, e a Arca do Testamento com que se passou o Jordão, tudo figuras d'estas verdades, que em vós se encerram; e passais vós pelo meio do mesmo povo vosso, e não vos conhece ninguem, senão o justo Simeão, e a Santa velha Anna profetiza. Infinitas graças vos dou, Senhor meu, por este privilegio, que dais aos limpos, e amorosos corações. Entre Doutores sabios, e soberbos, fallando no templo, e fazendo as maravilhas divinas que por toda a Jndea fizestes publicamente, não sois conhecido: aqui encoberto, menino, calado, pobre, e necessitado de gasalhado de mãi, não podeis ser desconhecido dos que vos amam. Por vos verem soffrem seu degredo, até vos verem lhes parece soffrivel a vida, chegado o que desejam, muito mais desejam acabar. Oh saude minha, oh minha riqueza soberana, oh vida por quem vivo, e sem a qual morro: porque vos não vem meus olhos? Onde estais todo meu bem escondido? Se ainda dura a sentença, que não vos póde ver o homem, e viver, dai-me licença pera fazer concerto com a morte, que me mate pera vos ver; ou apparecei vós a este miseravel coração, pera que vos veja, quanto n'esta vida interiormente podeis ser visto. Sinta-vos minha alma,e com vossa presença se alvorocem todos meus interiores sentimentos, pera que presos de vós, tudo o que he fora de vós, os enfastie. Suspira minha alma a vós, meu Deos. Oh que bem estou quando vos desejo, quam a vosso contento, quando vos amo; quanto vos agrado, quando tudo me enfastie por saudade de vós! Se assi estou, de toda a maneira que me apparecerdes vos conheço: menino vos acho grande, pobre vos sinto rico; até crucificado vos acho suave. Mas quando anda o coração afastado de vosso amor, nem por obras divinas, nem na grandeza de vossa Magestade vos conheço. Apegai-me a vós, Deos meu, afastai meus olhos das vaidades, pera que conheça vossas puras verdades. Apparecei a este desterrado coração, pois sois minha saude, e todo meu bem; dai-me que só de vós me contente, pois sois o verdadeiro amigo, e gloria de minha alma. Tirai de mim o sabor da terra, ou fazei que me não saiba senão ao que he, e não me cegue, e engane com bens falsos, e cheios de miserias; mas a vós, summo soberano, e perpetuo bem suspirem, e desejem todas minhas entranhas: chegai já, Senhor meu, não dilateis vossa vinda; porque comvosco trareis todos os bens. Vinde, bom Jesu, a esta peccadora alma, soltai-a de suas cadeas, ponde-a em li-

berdade de espirito, pera que livremente renuncie tudo por vós, e a vós abrace, a vós possua, a vós cante com este santo velho suas saudades, e desejos, de descançar pera sempre comvosco. Amen.

Nunc dimittis servum tuum Domine, secundùm verbum tuum in pace.

Agora, Senhor, deixais vosso servo em paz, conforme a vossa palavra (*).

Degradado vivo de vós, meu bom Jesu, e se vos amo, sempre ando em pena, porque vos não vejo. Em quanto isto se me dilata, todas as cousas terrenas me fazem magoa, porque cegas e enganadas, tem suas horas, e a mim tarda-me a minha verdadeira. Contenta-se o corpo com seus gostos, tiram os sentidos por seus passatempos, gloria-se o mundo em suas vaidades, e cada hum me diz contente de si, que agora sim, pois têm o que desejam. Mas minha alma, que só comvosco se satisfaz, e a que vós mostrais, que tudo he engano, por vós suspira, e se lh'o dilatais vive, e sem sua hora: porque sempre pena, até que vós chegueis que a contenteis. Soltai-me, Senhor, d'estas cadeas, não me tenhais tão preso, e saudoso. Entrai Senhor, que este sois; se vos não vejo vós me vêdes, mas aqui estais; este he o meu agora, esta he a minha suave hora; sempre vossos prasos chegam. Adoro-vos, meu Salvador; adoro-vos, minha bemaventurança; adoro-vos, vida minha verdadeira; cumpristes a palavra de acodir a quem vos deseja, e chama. Pois chegou a paz, pera que viva mais em risco de a perder? Agora não quero mais vida, agora não quero mais mundo; agora que aqui tenho o penhor do Ceo he tempo de desatardes minhas cadeas, e soltardes-me do carcere d'este corpo, em paz, e abraçado comvosco.

Qui viderunt oculi mei salutare tuum.
Porque viram meus olhos tua saude.

Porque os olhos de minha alma com a divina saude allumiados, e com vossa suave presença, aqui em amor vosso toda inflammada não tem mais que desejar, que hir-vos ver claramente, e amar-vos seguramente, fóra do carcere d'este corpo. Porque se aqui, saude minha, degradado, e cativo d'esta corporal terra, e miseria: sem vos ver clara-

(*) Lucae cap. II.

mente, a seu modo vê meu espirito, que só vós sois minha saude sobresubstancial, e presa de vós tudo lhe enfastia, que mais póde desejar, que ver quem a sara, quem a muda, quem a abraza, quem a prende, quem a inflamma? Não viestes vós á terra buscar outra cousa, senão prender as almas a vosso amor.

Quod parasti ante faciem omnium populorum.
Que pozestes diante dos olhos de todos os povos.

Pera isto vos deo vosso Padre Eterno aos homens, pera que diante de seus olhos em vós tivessem justos, e peccadores, Judeos, e Gentios, e todos sem differença seu mestre, sua saude, sua gloria, seu thesouro, e tudo quanto podessem desejar. E porque os humanos olhos vos não podiam ver, vos fez humano, pera que ao nosso modo tivessemos diante de nossos olhos, e em nossa conversação o mesmo que nosso amor deseja, e por quem a alma inflammada suspira.

Lumen ad revelationem gentium, et gloriam plebis tuæ Israel.
Lume pera ser revelado a todas as gentes, e pera gloria do vosso povo de Israel.

Comvosco esclarecem nossas trevas, e se descobrem nossos erros. Com vosso mesmo resplendor vos revelais a nossos espiritos, e com vossa fermosura nos cativais. Recebe em vós o povo de Israel suas gloriosas promessas, e comvosco tem a coroa de suas honras. Mas todas as almas com vossa divina luz, que em vos terem presente lhes resplandece, estão ensinadas, e ricas, e cheias de vós e de vossos bens. Allumiai-me, minha luz; sarai-me minha saude; alevantai-me minha gloria; satisfazei-me minha bemaventurança; veja-vos sempre minha fé, abrace-vos meu amor, deseje-vos minha esperança, possua-vos, como pode minha alma, até que vos vá ver claramente em aquella vida sem morte, união sem desapegamento, e descanso perpetuo do Ceo.

Oh Madre da saude, e da luz divina, por aquelle amor com que offerecestes este Senhor ao Padre Eterno por todo o mundo, e a vós com elle a seu perpetuo serviço, offerecei-me a mim comvosco a elle, pera que sempre seja de sua casa, e sempre me occupe em seu santo serviço, e sempre em mim arda seu amor, em quanto vivo d'elle desterrado. Oh

corte soberana, já acceitada, e segura n'essas eternas moradas, que vedes claro, e possuis seguro, o que antes de glorificados desejastes; já que não sois proprietarios de vossos bens, prendei lá este coração, até que chegue a hora de se desfazerem as nevoas d'esta terra miseravel, e desapegado d'ella, vos acompanhe, e comvosco louve esse Senhor, e goze a vista d'esse amado pera sempre. Amen.

Exercicio da fugida do Senhor a Egypto, por perseguição de Herodes.

De que fugis, Senhor do mundo? De quem fugis, Filho de Deos vivo? Pera onde fugis, verdadeiro couto, e segura colheita dos culpados, que a vós fogem? Fuja de vós a morte, pois sois eterna vida, em que ella ha de acabar; fuja de vós o tyranno, pois sois o soberano juiz que o haveis de julgar, e condemnar; fujam de vós os peccados, e malicias, pois os haveis de confundir: fuja de vós a cegueira de vossos inimigos, pois sois a divina luz que a haveis de manifestar; fuja de vós toda a afflicção, e trabalho, pois sois o verdadeiro consolador dos attribulados, e allivio de todos os carregados: e fuja de vós a mesma fugida, pois sois Deos de eterna magestade que em toda a parte estais, e não podeis haver medo de ninguem. E se cumpre, Deos da minha alma, por agora fugir, vinde-vos a mim, escondei-vos n'este coração, porque quando vos buscarem menino pera vos matar, me verão tão velho em peccados, que não cuidarão que podeis estar n'este miseravel coração. E aqui, meu bom Jesu, me perdoareis, me renovareis com vossa presença, e me enchereis de bens espirituaes, e amor vosso. Oh miseravel de mim, que tal sou diante de vossos olhos, e vedes em mim tantos peccados, que antes quereis ir a Egypto, que esconderdes-vos em mim! Primeiro quereis merecer-me a divina misericordia com vossos trabalhos; primeiro quereis andar como peregrino, e degradado, pera me acquerirdes remedio de todas minhas necessidades. Levai-me, Senhor meu, apoz vós, ande eu penando comvosco, e aprendendo de vós as verdades que me ensinais, para me aparelhardes, e dispordes pera suavemente em mim terdes vossos prazeres. Sois senhor de todo mundo, e não quereis viver n'elle senão como peregrino; no vosso não quereis ter certa patria: nem mostrar gosto de proprio assento na terra, que he obra de vossas mãos. Por ventura, Deos meu, sois tanto como eu degradado da bemaventurança? Se

vossa alma he bemaventurada, e sempre vê vossa divindade, que mal pode fazer a terra a vosso corpo, e humanidade, pera vos tratardes n'ella como peregrino? Em mim está bem viver como peregrino, pois ando desterrado do Ceo: a mim cumpre não ter assento em nenhuma parte, pois em nenhuma d'ellas vos vejo, e he me necessario viver sem affeição de cousa da terra, porque não perca por ella o que no Ceo me prometteis. Mas vós, Deos meu, comvosco santificais tudo, nenhuma cousa vos pode damnar, nem podeis andar peregrino de vós, nem fóra do vosso, e todavia peregrinais logo n'essa primeira idade, e nenhuma cousa quereis do mundo em nenhuma idade, senão como muito de passagem, e de caminho. Só o que vos dá trabalho isso quereis por vida.

Abri, Deos meu, as entranhas de vossa misericordia, derramai os thesouros de vossa piedade, para me soffrer, e perdoardes os erros de minha peccadora vida. Porque desenganando-me tudo das muitas mudanças d'ella, n'ella todavia como em immudavel faço assento. Em mim mesmo experimento, que em nenhuma cousa acho perfeito descanso fora de vós; porque como me quizestes, e criastes pera vós, não he possivel achal-o em outra nenhuma cousa. Trago diante dos olhos as mudanças, e voltas do mundo; no qual desde o mais alto até o mais baixo, todos e tudo anda em roda viva de voltas e revoltas, de desassocegos, e mudanças, nem vi desde que nasci outra verdade com meus olhos mais clara, nem mais certa. Em vós, Deos da minha alma, vejo, que nenhum descanso nem assento quereis no mundo. Da vossa doutrina, e exemplo aprendo, que n'esta vida me communicais, que são as verdadeiras, certas, e seguras, quereis que use, senão como instrumento, e passagem para outras melhores, e bemaventuradas; ou para ellas mesmas mudadas, glorificadas, e perpetuadas comvosco no Ceo; onde todas ou mudarão o modo, ou se trocarão por outras de substancia mais perfeita, e mais immudavel. E com tantos ensinos, e lições, tantas experiencias e desenganos, vive em meu cego, e miseravel coração, hum tamanho descuido das cousas eternas, e hum tão espalhado, e distraido, e arreigado cuidado das terrenas, como se tiveram o Ceo, e a terra trocado as sortes. Que cegueira he esta, Deos meu, tão sem razão nem fundamento? Porque vejo até com os olhos corporaes estas verdades, e governo-me em ellas como cego? Quem me cega no que vejo? Ou como me cego se vejo? Oh desaventurada affeição, tão embebida no que lhe foge; tão arreigada no que lhe falta; tão assentada, e perpetuada no que claro vê, que a toda

pressa se lhe consome, e gasta! Eis aqui, bondade infinita, os males d'este coração, que por todas as partes descobre de si tão contrarios erros, quantos, e quam sem fundamento são os amores que tem das cousas que de vós o apartam. Posta esta miseravel alma entre promessas que lhe fazeis de bens eternos, e soberanos, que crê, e cuida que deseja, he o fastio d'ellas tal, que nem os olhos lhe lança; e mettida entre bens terrenos, baixos, e mudaveis, he a fome canina tamanha, que com nada se farta. Pera merecer vida pera sempre e bens eternos parece-lhe todo tempo muito, e qualquer trabalho grande, e mui frias obras, ou desejos, muito bastantes; mas para gostar das cousas mundanas, e corruptiveis, a vida, e cuidado, e toda occupação lhe parece pouca, e por ventura a mesma eternidade lhe pareceria curta, se a tivesse pera viver em seus vicios. Oh quantos peccados d'aqui n'esta alma nascem, quantas perdas de bens verdadeiros, quantas affeições desordenadas, quantas raizes más profundamente se arreigam, que lançam de si peçonhentissimos frutos! Como concorda minha fé, e minha esperança christã com estas erradas affeições e desordens? Senhor meu piedoso, e Redemptor meu misericordioso, que me vedes, e me conheceis, e pesais em justa balança meus enganados erros: vós vedes quam justamente posso duvidar da calidade de minha fé, e christandade, pois as obras e amor tanto encontram o que creio, e experimento. E pois vedes este miseravel coração, ponde os olhos no vosso, e perdoai-me, e remediai o meu. Olhai, Senhor, pera quem peregrinais, lembre-vos pera quem trabalhais, e pois comigo vos não enganais, a quem tão claro conheceis, remediai com vossa virtude minha miseria. Se minhas culpas vos bradam muito por justiça, tambem, e muito mais vos bradam por misericordia as chagas que n'esta alma que redemistes fazem. Pera que vinheis fazer-vos comigo peregrino, se eu n'essas paternaes entranhas não hei de achar remedio, pera não perder a patria do Ceo? Não posso eu ser tamanho peccador, quanto vós sois misericordioso, e redemptor; nem posso, nem sei desejar meu remedio tanto, quanto vós fazeis por me remediar. Abri pois essas paternaes entranhas a esta vossa miseravel criatura. Imprimi n'este vosso degradado hum vivo desejo, e amorosa saudade de vos ver, onde claro vos mostrais a vossos inimigos. E pois sois poderoso pera tudo, entrai n'este coração, lançai fóra vossos inimigos, plantai os fruitos de vosso espirito n'elle, desarreigai de mim toda a terrena affeição. A vós suspirem minhas miserias, divina misericordia; a vós desejem minhas

mudanças, perpetua eternidade de bens; a vós todo meu imperfeito se descubra, e grite, pera me aperfeiçoardes, e pois me trazeis degradado por estes monturos da terra, fazei Senhor, que assi me pareçam : pera que o amor e desejo d'esta alma sempre vá a vós, e por vós suspire.

Como não esperarei tudo de vós, bom Jesu, pois vos vejo tão amigo dos peccadores da terra, e tão contente de estar entre elles, e tão desejoso de lhe fazerdes em todas as partes mercês ; que nem perseguido d'elles, e fugindo, vos desapegais d'ella, nem fugis pera o Ceo, que he a vossa casa pacifica, onde sois adorado, conhecido, e amado como quem sois! Ides a Egypto a queimar com vosso espirito aquella idolatria, e perdição da terra, pera que as grandes manadas dos vossos servos, e ovelhas, que com puro amor vos hão de buscar, e imitar, achem n'ella os ares suaves, e limpos, e sejais ahi conhecido, amado, e servido, onde mais vosso nome he blasfemado, e o demonio venerado, e os errores tem mais posse tomada. Parece, Deos meu, que fugis pera salvar a vida, e vós hides santificar lugar pera viverem vossos escolhidos, cheios de bens espirituaes, e divinas influencias celestiaes, em cujos corações haveis de reinar á vossa vontade. Quem duvida, meu Deos, e Senhor, que o tempo que em Egypto estivestes, granjeastes com vosso Padre Eterno espirito, graça, amor, e forças pera os vossos purissimos milhares de servos, que n'aquella terra haveis de ter? Quem duvidará que tinheis cada hum d'elles tão presente, como se já fora nascido? E alli depois acharão vosso espirito, e virtude, onde lh'o vós merecestes com ferventissimo amor, e coração. Ah meu Deos, quando pareceis mais ocioso, e desoccupado, então estais mais metido em granjear nosso remedio. Menino entrastes em Egypto, fugindo com muito trabalho por todo aquelle caminho: e pareceis á vista hum bichinho da terra, que busca onde se meta, pera que o não pisem, e matem; vós, bem infinito e Filho de Deos vivo encoberto, e desconhecido santificais n'esta terra a pobreza de espirito, o desapegamento das cousas da terra, o ser desconhecido, e desprezado no mundo, o perpetuo silencio, e continua oração, a muda e incansavel obediencia, a pureza d'alma, os desejos do Ceo afervorados, o amor das mingoas, e necessidades corporaes, e a santa simplicidade, a batalha, a victoria das tentações, e a vida de puro amor, e a angelica castidade em corpos mortaes, e terrenos. E isso que n'essa terra consagrastes, fizestes depois imitar a tanto numero de servos vossos, quantos tinheis em vossa sabedoria escolhido. Feita essa obra n'essa perdida terra,

tornais á Judea ácabar os mysterios de nossa redempção. E acabados, que vos hides ao Ceo, mandais espalhar esses bens por todo mundo. Oh riqueza da minha alma, entre tantas lembranças de santificar, e abrazar tudo com vosso amor, onde fico eu? Não comparastes vós, Senhor, a vossa doutrina, e espirito á rede varredora, que leva, e pesca todo genero de pescado? Pois Deos meu, como ando eu fóra d'ella? Que esperais de mim Senhor? Não vem vossos purissimos olhos, que tudo em mim he perdido, se fico só comigo? Não vêdes que não póde manar agoa senão da propria fonte d'onde nasce? Oh fonte de toda a santidade, santificai-me; oh fonte de toda luz, alumiai-me; oh fonte de toda a bondade, e perfeição, muda minhas maldades; oh fonte de todo o ser, e vida, dá vida, e ser ao meu nada: oh fonte de fogo de amor, abraza-me, pera que consumas em mim tudo o que te desagrada. Ah meu Jesu, que não posso comigo; desejo o que não tenho, e tudo o que aborreço, mas tudo em mim está tal, que nem o desejo do bem faz perfeito o aborrecimento do mal, nem o aborrecimento causa vivo desejo. Tudo em mim está pobre, tudo não he o que parece: mas o que he, e quanto he, e a valia que tem, vos a vêdes, e pesais. Curai-me, medico divino, como me conheceis, e fazei-me desejar a cura como vós quereis.

Ensinai-me mais, mestre divino, ensinai-me mais, luz divina, vossas verdades, e eternos conselhos. Fugis de hum inimigo pera vos tornardes a entregar a muitos, que vos hão de matar, e mandais-me fugir d'onde me perseguem, e se me quereis fazer mercê, ordenais que não possa fugir pera onde deixe de achar outros maiores trabalhos, que os de que fujo. Que he isto, Deos meu? Não he melhor soffrer os males presentes, que fugir pera onde haveis de achar outros, e vos não haveis de livrar dos incomparaveis, e crueis, que vos estão guardados? Oh como me engano Deos meu, com vossos conselhos, quando fujo de Cruzes pera descanso! Onde o hei de achar n'esta vida, Deos meu? Pois pera que quereis que fuja, senão hei de descansar fugindo? Ah meu Deos, que se vos soubesse conhecer, e amar, eu vos entenderia. Quereis que fuja o peregrino, pera que em tudo ache peregrinação, e em toda a parte consagre com a paciencia seu degredo, e tudo encha de serviços, e amor vosso? Ou, Senhor, me quereis por ventura que até dos trabalhos me descuide, e do que de mim quereis fazer, e não trate de mais, que de não ter nenhum assento na terra, senão que em tudo trate de vos contentar, e servir, e deixar-vos fazer comigo, e em mim todas vossas von-

tades? Oh luz divina, que tão senhora queres ser de todo este coração, porque não concorda elle comtigo? Como não vejo que por esta secreta maneira me queres libertar de meus tristes cativeiros, que me tem preso, e afastado de ti? Quando me verei n'esta segura liberdade, e cativo só de ti, vida d'esta alma verdadeira? Oh riqueza minha soberana, se tu fores só o thesouro, na minha terrena patria só dos desejos da soberana viverei; se me vir entre amigos, só por tua amizade suspirarei; se me vir em terra de inimigos, comigo te acharei: encarcerado estarei com tua companhia livre; e libertado estarei preso de ti; em toda a parte, em todo o lugar me será amiga a Cruz, me serás tu companheiro, e quanto menos na terra tiver onde descanse meu pé, mais descanso acharei em ti. Pera que quero patria, Deos meu? Pera que quero regalos da vida? Pera que desejo ver mundo, senão pera que todas as partes do mundo me crucifiquem, e em todas meu coração te louve, e minha alma te adore, meu espirito te deseje, e meu amor te abrace? Ah Senhor, que não sei fallar. Vivei, Senhor, em mim, peregrinai em mim, por todo mim andai, e correi, pera que tudo em mim santifiqueis, e a mim só em vós assentai pera que só a vós ame.

Oh Rainha dos Anjos sacratissima, a que nenhum trabalho era pesado, nem peregrinação cansada, nem terra alheia com a companhia de Jesu! Com este thesouro toda a terra vos será patria, todo serviço seu suave, e toda a obediencia sua leve. Que bem posso ter sem a companhia d'este Senhor? Lembrai-vos Senhora, e advogada dos peccadores, que o fruito d'estes vossos, e seus trabalhos, he acquirir a si muitos filhos, e chamar a si muitos errados, e ajuntar a si muitas ovelhas perdidas. Valei, Senhora, a esta errada ovelha acossada dos inimigos, vagabunda pelos desertos d'este valle de lagrimas. Ajuntai-me á sua manada, pera que sempre ouça, e siga a voz d'este divino pastor. Oh celestiaes cidadãos, ajudai o degradado peregrino, que anda em perigo, pera que perdido o amor da terra, mereça vossa companhia pera sempre. Amen.

TRABALHO IX

Sentimento da morte dos Innocentes.

Fugido Christo nosso Senhor pera o Egypto, e passados dous annos, ou quasi depois de seu nascimento; Herodes tyranno não descansava com os receios, que tinha de ser nascido em sua terra pretensor, e natural successor de seu reino. E como ficou determinado de matar ao Senhor em sendo pelos Magos descoberto, houve sua malicia por entendida, vendo que não voltaram a elle os santos Magos, como tinham assentado. Pelo qual se teve por escarnecido, e ficou mais cheio, e confirmado em suas suspeitas, e receios; e mudando sua dissimulação em damnada ira, e cholera, imaginou huma deshumanissima crueldade, a qual foi matar a tantos meninos, que não podesse Christo Senhor nosso escapar. Porque como se não fiava dos Judeos, não se atreveo fazer inquirição pera descobrir só o menino Jesu que desejava acabar; porque receava que lhe trouxessem hum por outro, e ficasse com o competidor vivo, se matasse a hum só. Desoccupado pois de negocios, que o tinham até alli divertido de pôr em execução sua cruel determinação, e parecendo-lhe que estaria já esquecido o rumor que os Magos deixaram em Jerusalem, de ser o Messias nascido, e que ninguem se temeria de sua crueldade, lançou conta ao tempo que havia que os Magos tinham visto a estrella (pela informação que d'elles tomára em segredo) e achando que podiam ser dous annos, por se mais assegurar fingio negocio, e occasião pera mandar ajuntar todos os meninos de mamma de dous annos pera baixo, que se achassem nascidos em Belem, e todo seu termo. E tendo-os juntos, com mão armada, que pera isso tinha prestes, mandou dar n'elles, e matal-os todos, entendendo que entre tantos não escaparia o Redemptor do mundo. Assi encheo a terra toda de sangue innocente, e quasi todas as casas de lagrimas, e lastimosas magoas, e dores de mãis privadas tão cruel, e deshumanamente de seus filhos; cuja idade, innocencia, e grande multidão de mortos, fazia o caso muito mais cruel, e de maior sentimento. Não era consolação serem muitas as mãis tão cruelmente privadas de seus filhos; mas quantas mais eram as lastimas, maiores faziam as dores. Espantou esta crueldade com muita razão a terra, e quanto menos podia resistir a tão cruel tyrannia, mais desaventurada

lhe fazia parecer sua mofina sorte, que a tinha chegado a cativeiro de tão perverso e inimigo tyranno. O alvoroço, perturbação, e sentimento, que casos semelhantes causam no povo, a experiencia o ensina: e o santo Jeremias profetizou, que seriam lagrimas sem nenhuma consolação (*). Nosso Padre Santo Agostinho, e outros Doutores representam n'este lugar muitas magoas, que as lastimadas mãis diriam, e quanto trabalhariam por morrer pelos filhos, ou pelos esconderem, sem lhes valer ardil, nem invenção(**). E tudo se póde de tão triste caso cuidar. Porque a razão mostra, que meninos de tão pequena idade, e de mamma, não poderiam ser ajuntados sem suas mãis, e que diante de seus olhos se faría a cruel carniçaria n'elles, e o amor maternal as faria prantear, e descabelar-se, e soltar palavras muito mais lastimosas, do que póde a penna declarar. Dos meninos tambem cuidam alguns (e não sem piedosa consideração) que receberam de Deos n'aquella hora algum espiritual prazer, de se verem tão ditosos em tão tenra idade, que com suas mortes quebravam a furia do tyranno; e livravam o menino Jesu de ser mais d'elle buscado e perseguido; e por isso quanto mais as mãis trabalhavam pelos encobrir, mais se descobriam chorando, por não perder tão bemaventurada sorte, de defender com seu innocente sangue, e glorioso martyrio, a vida do innocente cordeiro Jesu.

Isto que em Judea passava, não estava menos presente ao divino Menino em Egypto (que com sua eterna sabedoria tudo via) que em Belem, onde a crueldade se executava. A suas divinas orelhas chegavam os brados, e magoas das lastimosas mãis, e ante seus divinos olhos estava o sangue, que fervendo sahia dos innocentes meninos por sua causa. E sua sacratissima humanidade, que tudo isto em Deos via, passava tantos sentimentos, e trabalhos, quantos eram os meninos por sua causa mortos, e as mãis de suas mortes desconsoladas. Era Christo nosso Senhor de muito branda, e compassiva natureza, e qualquer trabalho que via nos outros lhe dava muita pena. Mostrou isto em sua vida por muitos exemplos. Quando o seguia tanta gente no deserto fóra de suas casas, disse aos Apostolos: «Tenho piedade d'esta gente, que ha tres dias que anda apoz mim, e não tem que comer (***). «Encontrando hum dia junto da cidade de Naim com huma viuva, que hia pranteando hum só filho que lhe levavam a enterrar, houve dó d'aquellas lagrimas, e resuscitou-

(*) Jerom. cap. XXXI. (**) S. August. Serm. de Innocentibus. (***) Marc. cap. III.

lho (*). Vendo chorar a Martha, e Maria Magdalena seu irmão Lazaro de quatro dias morto, todo se abalou, e chorou de compaixão (**). Quando entrou em Jerusalem, recebido com festa, e ramos lhe lembrou que havia de ser aquella cidade destruida por seus peccados (***), começou a chorar, e dizer magoas, e lastimas dos males, que sobre ella haviam de vir, que elle já sentia. Outros muitos exemplos se acharão, que bem mostram a natural compaixão, que o Senhor tinha dos trabalhos que nos outros havia, e quanto lhe doiam. E por razão este havia de sentir muito mais, porque escapava elle d'aquella morte, e morriam tantos por amor d'elle. Por todos desejava elle morrer, e se cumprira, de melhor mente se deixára matar, e tantas vezes se resuscitara até que podesse tantas vezes ser morto, quantos meninos Herodes matou, pera que nenhum d'elles morrêra. Mas como por então cumpria que elle vivesse, e se poupasse pera outra mais cruel morte por todo o genero humano, e por isso a raiva de Herodes tyranno se vingava da ira, que contra elle tinha, no sangue innocente de tantos meninos; passava o coração do Senhor grande sentimento, e trabalho: assí porque não era tempo de os livrar com sua morte das mortes; como pelo tormento que elles innocentes, e suas mãis padeciam, só por lhe tirarem a elle, entre elles, a vida, que elle fugindo pozera em salvo. He verdade que lhes havia elle de pagar isto mui bem, assí com gloriosas coroas de martyrios que comsigo lhe havia de dar no Paraiso; como com lh'as merecer d'ahi a poucos annos, com dar por elles sua propria vida. Mas o que havia de fazer como redemptor, e justo premiador, que era, não diminuia no sentimento, e dor que como humano por sua branda condição padecia.

Alargando mais a materia d'este trabalho do Senhor, tenho por sem duvida, que hum dos grandes tormentos, que o Filho de Deos feito homem n'esta peregrinação padeceo, foi o sentimento dos trabalhos que os filhos de Adão degradados do Ceo, justa, e forçadamente padeciam, e haviam de padecer: que tinha muito particularmente com sua eterna sabedoria presentes. Entender-se-ha isto melhor lançando a consideração á intenção, que Deos claramente mostrou que teve em fazer entre suas criaturas a humana natureza tão perfeita como a fez. A qual não foi fazer criatura sujeita a trabalhos, mas livre d'elles ainda no tempo que andasse degradada do Ceo. Toda a outra criatura terrena tinha sometido á morte natural, só a humana natureza (que naturalmente havia de ser, quan-

(*) Luc. cap. VII. (**) Joann. cap. XI. (***) Luc. cap. XIX.

to ao corpo da mesma qualidade das outras criaturas na corrupção, e miserias) preservou no lugar de prazeres, e paraiso terreal, de toda a dor, fome, frio, calma, trabalhos, morte, e de tudo o que lhe podesse dar pena. Porque sua tenção era, entre as angelicas naturezas espirituaes, e incorruptiveis, e as corruptiveis puramente corporaes, fazer huma no meio, espiritual como Anjo, e corporal como terreno, livre dos males das corporaes, e participante dos bens das espirituaes, e capaz de suas glorias. Na qual criatura como em hum mundo celestial, e terreno resumido, Deos fizesse suas soberanas obras, communicasse suas divinas perfeições e tivesse seu paraiso espiritual de prazeres. Perdido este ditoso estado pelo peccado, foi necessario mudar Deos sua tenção pera se não perder esta criatura, que tanto pera seu gosto fez, e remedial-a com trabalhos, pois se não soube conservar em gostos, e prazeres. D'este desvio, que os peccados deram á intenção, e desenhos de seu gosto, que Deos, nosso Senhor, com nossa natureza levava, com razão podera elle ter muita dor, e sentimento, se soubera padecer tormento, e pena. Assi quando Deos quiz castigar o genero humano com diluvio, geral morte, diz a divina Escritura, que tocado Deos de interior sentimento, e dor, deo sentença, que morressem todos, e que lhe pezava de ter feito os homens. Isto não he padecer Deos pena, e passar por elle arrependimento, do que com eterno conselho tinha feito; mas mostrar a divina Escritura a muita razão que havia de Deos poder sentir, dar tanto trabalho á criatura que criara pera tanto descanso, e de se arrepender de ter começado cousa, que por culpa da mesma criatura não era justiça que levasse avante. Mas isto que sua divina natureza não podia com pena sentir, ficou reservado pera o sentir, e lhe doer muito na humanidade, que havia a si de ajuntar, na qual assi chorava nossos trabalhos como proprios, e assi sentia a obrigação de justiça com que no-los dava, como se elle mesmo por justiça os passára. Assi que fazia Christo nosso Senhor todos os officios mui perfeitamente com os homens. Como Deos ordenava os trabalhos humanos pera os fins de sua honra, e gloria, e proveitos espirituaes, e celestiaes, que elle em seu eterno conselho tinha determinado. E como humano, companheiro, e amigo fidelissimo, sentia, e lhe doiam as penas que os homens em seus trabalhos padecem; como quem levara muito mais gosto de lhas não dar, e forçado da justiça, e necessidade da cura das nossas chagas, as permitia, e ordenava. Mas ja que com tanta pena sua nos carregava de trabalhos, tal ordem

deo a nossas cousas, que nos podessem ficar muito mais proveitosos os trabalhos, que os prazeres do Paraiso, que por culpa do primeiro padre perdemos. Pera isto no-los ajuda a sentir muito, e tomou muita parte d'elles sobre si, pera que santificados por elle, servissem de sementeira da gloria, aonde tornaria a seu primeiro desenho, de viver eternamente com os seus escolhidos em perpetuo descanso sem trabalho.

Duas considerações dá esta materia (afora outras muitas) importantissimas pera consolação dos trabalhos da vida, que se formos servos de Deos, e seus leaes amigos, nunca nos hão de desacompanhar. Huma he de nosso Padre Santo Agostinho; que a Igreja Catholica, que começou em Adão, e seus filhos, sempre se banhou em seu sangue por seu divino, e celestial esposo (*). O primeiro justo Abel a mãos do invejoso irmão Caim morreo, banhado em seu innocente sangue. Em o Senhor vindo á terra os primeiros escolhidos encheram Belem de sangue innocente, elle mesmo com seu sangue innocente consagrou sua Igreja, assi seu proprio morrendo na cruz, como com o de muitos martyres, que por elle deram a vida. E os que sem sangue acabaram não viveram nunca sem cruzes, e trabalhos. Pelo qual, debaixo da bandeira do crucificado, não se pode ter por digno discipulo seu, nem em sua corte honrado, senão quem com elle folgar de ser atribulado. Olhado isto bem com limpos olhos, e christão juizo. duas cousas tem os homens, indignas de se empregarem fora de Deos, e do Ceo, que são trabalho, e amor. Porque trabalhos, a que nosso Senhor deo tanta valia com seu sangue, e de seus escolhidos, que postos em balança pezam tudo o que da outra parte se pozer, ainda que sejam todos os bens de Deos, e do Ceo, mal empregados são em cousas, com que sua valia de todo se perde, e ajudam a perder a alma. Desejando David hum dia (estando cercado de seus inimigos, e com muita sede) hum pucaro de agoa fria da cisterna de Belem, tres valerosos cavalleiros arriscaram suas vidas por meio do alojamento dos inimigos, por granjear seu Rei, e lhe trouxeram a agua, que desejava (**). E posto que aos olhos, e juizo humano parece isto serviço de leaes vassallos, he obrigação de valerosos soldados: porque nenhuma cousa he melhor recebida na terra, que a granjearia custosa, e perigosa dos gostos dos Principes d'ella; todavia o santo Rei David, que das cousas tinha mais altas,

(*) S. August. De quaest. veteris Testam. quaest. 30. (**) Lib. I, Reg. cap. 23.

e divinas considerações, não desagradecendo o serviço que lhe fora feito, houve por mal empregado o trabalho, e perigo, a que aquelles homens se pozeram, em si, ainda que Rei da terra, e mandou offerecer a Deos aquella agoa, a quem todo o cuidado, e trabalho humano mais propriamente se deve. He exemplo certo digno de tal santidade, porque se os homens empregassem os cuidados, e trabalhos, com que granjeam os gostos, e pretenções da vida, só n'aquelle, que da vida, e trabalhos empregados em seu serviço toma occasiões pera dar eternas pagas, seriam elles mais leves de passar, e não perderiam os homens tanta parte da vida, e tão boa mercadoria christãa. Mas a causa d'estas perdas he, que empregam o amor em cousas que lho não merecem, porque este a só Deos se deve, e elle está de nosso amor tão avarento, que não soffre ter partilha com nenhuma outra cousa. E com razão: porque onde o amor vai tudo leva apoz si, o gosto, o cuidado, a occupação, o trabalho, e quanto tem o homem de dentro, e de fora. Por onde se o amor, e o trabalho se der a quem se deve, que he Deos, e n'elle, que só o merece, se empregar, e a elle, como aceitissima fazenda, se offerecer, não só asseguramos ser dos leaes da sua Igreja, e escolhidos de sua gloria: mas granjeamos ser dos mais aceitos, e ricos de sua casa.

A outra consideração he; que acaba Deos tão mal comsigo deixar sua primeira intenção de ter comnosco seus prazeres, e de querer mais nosso descanso, que ver-nos em trabalho, que não se contentou de perpetuar este seu gosto na gloria: mas ainda n'este valle de lagrimas, e terra de trabalhos busca, e acha invenções pera ter seus suaves gostos com os atribulados. Assi que desmerecido o lugar de descanso do Paraiso terreal, faz tantas, e tão grandes mercês aos atribulados filhos de Adão, lançados d'elle, que com forças de obras divinas de eterno amor inflamma, e acende seus corações, com desejo de o contentar, servir, e amar a elle só. Na qual conversação lhe communica tanto de si, e as enleva tanto em si, que lhes faz todo trabalho da terra suave, e tão penoso tudo o que parece gostoso n'ella, que não vivem menos contentes de si no meio de todos os trabalhos da vida, que se fossem puros prazeres, e contentamentos. Justino Martyr em huma oração que fez aos Romanos sobre a fé dos martyres, diz, que huma principal cousa que o moveo a deixar a vida filosofica, e gentia que seguia, era ver o prazer dos martyres entre tantos, e tão crueis tormentos como padeciam (*). Por-

(*) Just. Apol. I quae habetur sec. Bibl. PP.

que senão pôde persuadir, que era possivel corpos humanos, que com a christandade não perderam a fraqueza da carne mortal, mostrarem tanto contentamento em tormentos, que a carne tanto aborrece, senão por terem de dentro outros secretos gostos verdadeiros, que lhes mudavam as penas em suaves contentamentos. E que depois que se vio Christão, e experimentou as verdades que Deos communica a seus verdadeiros e leaes amadores, claramente vio, que nenhuma pena corporal he bastante pera tirar o suave gosto interior do espirito aos atribulados por Christo, e com Christo. Contava S. Paulo seus açoutes, e trabalhos como suaves gostos (*). Isto quer dizer aquelle encarecimento, e espanto de David: «Quam grande he, Senhor, a somma de vossa doçura, que escondestes pera os que vos temem(**). Escondel-os-heis no secreto de vossa face, (que he vosso conhecimento, ou abundancia de vossos bens) das perturbações dos homens.» Não os esconde Deos de maneira que os trabalhos os não achem, e os não alcancem; mas alcançando-os maior parte d'elles, que a todos os outros homens, sume-se o penoso d'elles na suavidade, e pégo de doçura da conversação, amor, e communicação de Deos; de maneira que se não acha sal ao salgado, nem amargoz ao fel, nem aspereza ao trabalho: porque tudo com Deos se muda em contentamentos, que nem o olho vio, nem a orelha ouvio, mas só o amor o experimentou. Fica Deos com estas invenções de seu amor muito mais glorificado, em ter com os seus Paraiso de praseres na terra de trabalho, onde menos se espera, e onde parece mais improprio, que se os tivera no lugar proprio dos gostos. Mas tudo ha, onde ha puro amor. Não chegam aqui todos, mas esta consolação tem todos os attribulados, que todos seus trabalhos passados por Deos são proveitosos, soffridos com paciencia são meritorios, e levados com perseverança, senão forem aqui mudados em espirituaes contentamentos, serão pera sempre coroados com eternas e soberanas bemaventuranças.

Exercicio do trabalho, e dor que o Menino Jesu teve da morte dos innocentes.

Senhor Jesu Christo, saude e Redemptor meu, ante teus olhos apresento as graças que te devo dar pelas mercês que me fizestes; não taes quaes tu mereces, mas quaes minha tibieza pode. Supri vós, esperança

(*) S. Paul. 2. Corinth. cap. XI. (**) Psalm. XXX.

minha, com vossa clemencia o que falta á minha fraqueza. Vós sois minha bemaventurança, e o fim de minha intenção, e de meus desejos, e posto que não mereço amar-vos quanto mereceis, desejo amar-vos quanto sou obrigado. Oh luz minha, vós vedes minha consciencia, e diante de vossa Magestade está o desejo de meu coração, que me dais; e pois o que me inspirais, que vos ame, he o que me cumpre, dai-me que vos ame quanto vós quereis ser de mim amado; ensinai-me a agradecer as mercês que voluntariamente só porque me amais me fizestes, pera que não sejam em mim sem fructo; vossa bondade me criou, e me fez de nada: vossa graça me santificou no bautismo; vossa sabedoria me conserva, e me governa; vossa misericordia me soffre, espera, recebe, e perdoa: vosso amor vos trouxe do Ceo á terra, e vos fez participante de meus trabalhos, que justa, e merecidamente padeceo. Que tenho, Senhor, ou que espero, que não deva ao amor que me tendes, e a vossa graça? Ou que bem posso ter, nem desejar sem ella? Em vós me dilato, e alargo, e em mim me desfaço, e consumo. Em vós me mudo, e alargo em o abysmo, e grandeza de vossos bens, e em mim fico sempre nada, e misero. Trabalho, e canso, ando, e desando, occupo-me, e inquieto-me em cousas, e por cousas fóra de vòs, e todas sempre desfaleço, e fico menor, e abatido, e derribado, e apartado de vossa suavidade, e de vossos bens. Quando, saude minha, acodireis a esta vossa miseravel criatura? Sem vós tudo em mim he miseria, sobre mim reina a cegueira das cousas soberanas, debaixo de mim a dureza das cousas terrenas, aos lados a perturbação de minhas affeições, diante a fome da vaidade, detraz o esquecimento dos verdadeiros bens, e dentro de mim pura pobreza de vosso conhecimento, e amor. E com isto tão insensivel, que cuido que vivo, estando sem vós, e sem nenhum bem. Oh meu bem, sem o qual vivo em todo o mal! Oh minha vida, sem a qual vivo em toda a morte! Oh minha saude, sem a qual vivo em incuraveis doenças! Oh minha luz, sem a qual em todas estas miserias me tenho falsamente por contente Ajudai-me, valei-me, curai-me, e allumiai-me.

Vós sabeis que sem vós nada posso, e por isso descestes do Ceo á terra a buscar-me, porque eu aqui comigo vos achasse, onde sem vós me perco. Tomastes meus trabalhos ás costas, porque n'elles vos achasse companheiro. Soffrestes as dores que eu merecia, pera que menos sentisse as minhas, e me abrisseis os olhos, e em vós conhecesse quanto maiores penas mereço, e quanto amor vos devo.

Adoro-vos, meu companheiro; adoro-vos meu consolador verdadeiro; que vos vai Senhor em mim, nem em me consolardes? Não estou eu como mereço, quando me cercam enfermidades, desconsolações, melancolias, enfadamentos, tribulações, inquietações, e canceiras da vida? Sinta pois, Senhor, eu só a pena, pois fiz o mal. E já que justamente me castigais, quando me dais afflições bem he que padeça eu só. Vós, bom Jesu, pera que haveis de vir ser companheiro de minhas dores? Oh suavissimo, e verdadeirissimo amador d'esta vossa pobre criatura. Como he verdade que não vos deleitaes nas perdas, e penas de vossas criaturas. Como he verdade, que pera prazeres nos criastes, e não pera dores; como he verdade, que nos atribulais por necessaria, e justa cura de nossos males, e nos consolais, e alegrais por gosto, pois pera gostos nos criastes. Por isso viestes ao mundo chorar, cansar, suar, ser tentado, ser perseguido, ser injuriado, ser desagradecido, ter falsos amigos, soffrer mingoas, andar desterrado peregrinando, soffrer tormentos, e mortes, e todas as tribulações que eu padeço, e outras muito maiores; pera não só me ajudardes a passar as minhas, mas pera me ajudar a sentir as pennas d'este degredo, que justamente me dais. Grande verdade disse o vosso Apostolo, que tenho em vós hum pastor de quem não posso cuidar, que vos não compadeceis de mim atribulado, quando me atribulastes (*), pois fostes em todos os trabalhos tentado, e provado, e por todos passastes pera que crêa, que todos os meus sentis, e vos doem, e vos compadeceis d'elles como experimentado no sentimento e peso d'elles. Presentes vos eram, meu bom Jesu, quando n'este mundo peregrinaveis, todos os trabalhos que havieis de permittir que eu tivesse na vida. Já vos doia minha afflição, e como bom pai, e pastor vos doia o açoute que me havieis de dar, e me merecieis graça pera o passar com proveito, e bem. Como, meu bom pastor, me queixo, pois vos vejo tão dolorido de minhas chagas? Como não conheço quanto me cumpre padecel-as, pois com as sentirdes tanto, mas dais? Oh Senhor meu, tudo em mim he errado; mostrai-me, fermosura do Ceo, a brandura d'esse vosso coração, e sabedoria da providencia com que me governaes, as entranhas paternaes com que me amais quando me castigais, e a riqueza de vossa liberalidade, com que tudo o que por justo castigo me dais, me tornais em bens, e coroas celestiaes.

Quem como vòs, Padre amantissimo? Enforca o mundo o ladrão, e

(*) Ad Hebr. cap. IV.

com sua morte se fica; crucificais vós o malfeitor, e doe-vos tanto sua dor, que lhe dais graça pera soffrer, e pelo soffrimento lhe dais vida eterna. Açouta o mundo o culpado, e fica-se com sua afronta; açoutais vós com trabalhos nossas culpas, e com o arrependimento que vós dais, pagais pelos açoutes suavissimas interiores consolações. Derriba o mundo pera perder, derribais vós pera alevantar. Carrega o mundo pera cansar, carregais vós pera aliviar. Oh meu aliviador, oh meu suave consolador, porque não ardem minhas entranhas em desejo de vos servir, e contentar? Não vos contentais ainda com me ajudar a tirar das penas glorias, mas quem saberá dizer como sois largo em vos communicar ás almas que affligis, pois que as chegais a tamanho estremo, que então vivem descondentes, quando vivem sem tribulações. Descobri-me, Senhor, estes vossos segredos, ensinai-me a me gloriar nas tribulações, a vos achar n'ellas, de gostar do que tendes escondido aos que se n'ellas gloriam. Oh amor meu, porque trabalho senão por vós, e em vós, e por vós? Quando alevantais minha alma a vós, e estou abraçado comvosco, e afervorado em vosso amor, não sinto a injuria, nem o desfavor, nem a pobreza, nem a mingoa, nem o desprezo, nem o falso amigo, nem outro trabalho nenhum, tudo alagais em vós, e mudais com vossa presença em saborosos, e suaves bocados. Que he isto, Deos meu? Tudo quereis que seja Paraiso? Oh meu Paraiso, quem me lança de vós? Oh meu descanso, quem me aparta de vós? Abri, meu Senhor, este coração, e entrai na vossa paz, no vosso amor, no vosso suave conhecimento. Tão sofrego estais, Deos meu, de ter comigo vossos gostos, que não soffreis esperar dar-mos na casa desses perpetuos, onde me esperais; mas aqui me dais as primicias d'elles, que quando me mostrais vossa presença. Oh amor divino, e amigo, ouvi este coração, que se esquece já de seu degredo, e vos canta suavemente. Ouvi que a vós diz, a vós só diz:

Quam suave és meu amor, quam fermoso meu amigo, quam doce meu unico pastor! Desfaleço todo em vós, Deos vivo; minha alma só a vós deseja, meu thesouro, minha suavidade, meu contentamento, minha fartura, minha esperança, minha gloria. Ah, ah, ah, Deos, ah, ah, ah meu! Oh se aqui em ti se acabasse o que tu não és! Vive amor, e vive em mim Viva eu só em ti, oh Deos, oh amor, oh meu, oh Jesu.

Oh bom Jesu, ensinai-me os excessos de vosso amor, e os apertos que causa n'esse suave coração. Quem Senhor meu, sente na morte d'estes innocentes maior pena; as mãis, que cruelmente perdem os filhos,

ou os meninos, que deshumanamente perdem as vidas, ou vós que com suas mortes conservais a vossa? O sentimento das mãis não passa do amor natural; o dos meninos he ainda sem uso da razão; e o vosso, amantissimo Jesu, he de amor divino, infinito, sapientissimo, e ardentissimo em desejo de morrer por todos. Como soffreis, Senhor, que morram estes por vos dar a vida sendo vosso proposito dal-a a todos com vossa morte? Ah Senhor, que em vós sò he o amor invejoso de padecer, e tudo isto são invenções de passar mais dores que os meninos; cada golpe que nos meninos se dava, vos trespassava, porque o vós não levaveis, cada morte d'elles vos apertava de não serdes vós o morto por cada hum d'elles. Ahi vos consumia vosso amor, e fartaveis a inveja que a estes meninos tinheis em dar sentença contra vossa carne, que toda fosse atassalhada, e desconjuntada, e atormentada por elles. Ahi lhe pagaveis a vida, que com suas mortes vos sustentavam, em lhes dardes vida eterna, e determinardes de morrer por lha dar; em cada hum d'elles morrieis, em cada hum determinaveis morrer por elle, e n'elles penaveis pera depois até morte penardes por elles. Assi quizestes Senhor, que nenhum martyr vos vencesse em padecer. Assi ordenastes que pera si morrendo vivesse, quem cuida que por vós morre. Assi fizestes que o nosso por vós, e o vosso pera nós redundasse em eternos bens nossos. Bemdito, e louvado seja o thesouro de vossas larguezas. Quem pode ser pobre comvosco, pois está rico dos thesouros d'esse amor vosso infinito? Oh miseravel de mim, em quantos males, e perdas caio pelo amor proprio, com que me poupo, e pelo mimo d'este corpo, quando fujo ao trabalho! Heme triste o jejum, penoso o orar, pesado o recolhimento, afflicção o santo silencio, carregado o soffrer a tribulação, insoffrivel a tentação. Hei medo de deixar o gosto de meu corpo por vós; parece-me que me ha de faltar o que dei por vosso amor, não ouso de resistir a meus appetites, qualquer cousa que me póde ter mais apertado, e menos livre pera meus appetites, mete medo, e me acovarda, e somete. Oh frieza regelada d'este triste coração! Quam longe está isto de folgar de morrer por vós, quam longe de haver inveja a quem dá a vida por vosso amor: quam fóra da fineza, lealdade, e pureza d'esse amor, que me tendes! Sem ver sobre mim espadas, nem martyrios, fujo de dar trabalho a este inimigo corpo, como darei por vós corpo, e vida? A este, Deos meu, amais; por este penais, por este vos matais, por este desejais dar a vida. Havei, Senhor, de mim misericordia e forçai minha covardia, e pouquidade. Acabai já, Senhor, de alevantar esta

derribada fraqueza; dai-me espírito pera pôr os hombros a todo trabalho, a todo bom exercicio, á mortificação de meu corpo, á imitação da fineza d'esse amor, que me tendes. Lembrai-vos, Senhor, que dissestes que sem vós nada podemos fazer(*). Vós vedes, Senhor, em meu interior, que muitas vezes me mostrais o perigo em que vivo, e me inspirais que esperte, e que fuja de mim, e me afaste dos gostos, que me apartam de vós, e estou tão cativo de mim, e afferrado a meus appetites, que hei medo de ser d'elles desatado, e ainda que parece que queria sahir d'elles, queria que não fosse muito cedo. E quando me quero determinar, mòr medo hei da pena que imagino, quo me hão de dar se os deixar, que do mal que me fazem quando os não deixo. Oh cegueira minha miseravel: quem ha medo da saude? Oh fortaleza minha, esforçai-me. Rompei já estas prisões, armai-me de vossa luz, e amor, e não tardeis (**). Não se gabe tanto tempo meu inimigo, que pode mais que eu. Vós, Senhor, que abrindo vossa mão, encheis tudo de bens; que pondo vossa virtude, dos fracos fazeis fortes, e dos vencidos poderosos, lembre-vos que tanto vosso sou eu, fraco, e miseravel, como todas vossas criaturas. Lembre-vos, Senhor, que não dissestes, que vindo buscar a ovelha errada a mandastes tornar á manada (***); mas que a tomastes ás costas, e a levastes; porque quem sabe muito errar, menos sabe tornar. Esta ovelha sou eu; buscai-me, Divino Pastor, pois errei, tomai-me, pois enfraqueci; e tornai-me ao suave amor, e companhia, que vos fazem vossas amadas ovelhas.

Mas que he isto Senhor, que cuida Herodes, conservar-se com vos tirar a vida? E tantos meninos quer matar, que não escapeis de ser hum d'elles? Nem pera viver, nem pera reinar quer vossa companhia, dador poderoso das vidas, e dos reinados. Ah Senhor, que quanto mais me maravilho de Herodes, e d'esta sua tyrannia, mais me condemno. Se eu sou este, ou tal como elle, vós o sabeis. Por ventura deixareis de conhecer a mesma qualidade e quilates da culpa em mim, ainda que eu não mate innocentes meninos? Quantas vezes Senhor, cuidei conservar meu credito, com matar a honra do proximo que me vós mandais conservar. Quantas com quebrar vossa lei, e vossa verdadeira doutrina, cuido conservar o amigo lisongeando, cumprir meu desejo mentindo, fazer em minha pessoa perseguindo a virtude, e com offensas vossas ter, e passar huma vida contente, tão cheia de mortes, quantos vivos, e verdadeiros bens, e

(*) Joann. cap. xv. (**) Psalm. cxliv. (***) Luc. cap. xv.

virtudes mato em minha alma. Oh bondade infinita, quanto d'isto vês, e soffres em mim, e no mundo! Quasi tudo quanto no mundo se faz, quanto se negoceia, e quanto se pretende, tudo he á custa de offensas vossas, de quebrar vossa lei, e de perder a virtude, e as almas. E n'isto consiste o siso, o entendimento, o governo, o sustentar-se o mundo. E eu traz isto andei de vós esquecido, mais homicida de mim, que Herodes dos innocentes meninos. E não sinto que estais fugindo de mim quando isto faço. E cuido qne vivo, e cuido que sou, cuido que sei, cuido que faço, cuido que me sustento. E em tudo sem vós, vida, ser, saber, poder, e sustancia verdadeira, e perfeita da alma. Vós com pobreza de espirito, me quereis fazer Rei, rico, e eu mato a pobreza pera o ser. Vós quereis-me fazer grande com a humildade, e eu mato-a pera me engrandecer. Vós quereis-me fazer honrado com soffrer, e perco a paciencia, por conservar a honra. Em tudo vos encontro, em tudo hei medo de vossa companhia. Oh Senhor, e sem vós que tal fico? Oh quam pobre, oh quam baixo, oh quam cativo, oh quam infame, oh quam apartado da vida eterna, e dos bens verdadeiros! Misericordia, Senhor; por ella vos peço que antes me deis a morte dos innocentes, que a vida do Rei Herodes.

Seja, hoje Senhor, o cabo de minhas mortes desaventuradas, e começo de viver em vós. Dai-me amor a vossa lei, sujeição a vossa doutrina, obediencia a vossa vontade. Seja a minha prudencia, e o meu siso viver do que me ensinais, e morrer pelo que me mandais. Acabai vós em mim meus males, pois só em vós, e com vossa virtude podem ter cabo. Dai-me Senhor, que d'aqui por diante não queira eu membros, sentidos, potencias da alma, forças, e vida senão pera vos servir. Não he menos gloria vossa encher vossa casa de máos convertidos, que de martyres innocentes. Glorificai-vos Senhor, em mim, em me trazerdes apoz o cheiro de vossas virtudes. Esse penetre meu interior, esse acenda o amor d'esta alma, esse me faça aborrecer o amor do mundo, esse me dê unico, e perpetuo desejo de vós, vida de minha alma.

Oh Madre de Deos, e Senhora minha, que pera este Senhor, e d'elle vivestes sempre, por quem os mortos podemos alcançar a vida, resuscitai por vossa intercessão minhas miserias mortas em vida de puro espirito, e amor d'elle inseparavel. Oh corte celestial, que só da vida, e poder, e grandeza d'este Senhor tendes, reinardes com elle, alcançai-me que reine elle em mim, pera que por elle vá reinar comvosco pera sempre. Amen.

*

TRABALHO X

Da Obediencia.

Herodes, e os de seu bando, que pretendiam matar ao Senhor, depois da morte dos innocentes, morreram estando Christo nosso Senhor em Egypto. Revelou Deos sua morte a S. Joseph esposo da Virgem nossa Senhora; e lhe mandou que tornasse á terra de Israel com ella, e com o menino seu filho. Tornando-se, aposentou-se com elles na cidade de Nazareth de Galilea, por recear pousar em Judea com medo de Archelao, filho de Herodes, que reinava n'ella. Porque como via, que o Filho de Deos trazia encoberta a divina magestade de seu poder infinito com a humanidade, e meninice, e com tamanhas mostras de fraqueza, não queria resistir a nenhum trabalho que se lhe offerecesse: temeo-se que Archelao com o reino, herdasse tambem de seu pai o cruel desejo que tinha de achar, e matar a Christo nosso Senhor (*): e não quiz da sua parte dar occasião a ser outra vez o Menino Jesu perseguido, cuja vida, e sustentação por então tinha a seu cargo: e por isso, e por divina revelação se foi viver com elle a Nazareth, o mais encoberto, desconhecido, e dissimulado que pôde, sem fazer demonstração do divino thesouro que no divino Jesu tinha, nem differença d'elle a todos os outros meninos do povo; seguindo a ordem, que por então via, que o Padre Eterno com seu Eterno Filho humanado levava. Alli criaram ao Senhor a Virgem sacratissima, e seu santo Esposo. D'alli cumprindo em tudo a lei, hiam ao templo a Jerusalem, quando ella mandava: onde o menino (sendo de doze annos) se deixou ficar, e foi d'elles achado no templo ao terceiro dia. Alli o mantiveram com o trabalho de suas mãos, como pobre, até idade de trinta annos, qne o Senhor teve por bem de se manifestar ao mundo com divinas obras, e doutrinas. E de todo este tempo da vida do Senhor até esta idade se não escreve mais d'elle, senão que estava sujeito á obediencia de nossa Senhora, e de S. Joseph (**).

Na virtude da obediencia se resumem toda a vida, obras e doutrinas do Senhor, e he como hum genero generalissimo, ou huma arvore de que procederam, e em que se fundaram todos seus trabalhos. S. Paulo a esta virtude attribue toda a gloria que o Padre Eterno deo a seu unigenito Filho, e a seu nome na terra (***). Porque se fez obediente em tudo, até por

(*) Matth. cap. II. (**) Luc. cap. II. (***) Ad Philip. cap. II.

obediencia morrer na Cruz, por isso diz o exalçou Deos, e lhe deo hum soberano nome, Jesu, ao qual todos adorem no Ceo, e na terra, e nos infernos, e todos cream e confessem, que he elle Deos, e está á dextra do Padre. Assi no que os santos Evangelistas d'elle escrevem, nenhuma cousa achamos mais geral, que obediencia. Chama-se Messias, que quer dizer mandado, que declara, que obediencia o trouxe á terra, e que entrou n'ella do modo que pelo Padre Eterno estava ordenado. A primeira palavra que de sua boca sacratissima se escreve he, que disse a nossa Senhora, quando de doze annos o achou no templo entre os Doutores (*): «Não sabeis, Senhora, que nas cousas de meu Padre me cumpre estar occupado?» Como que já a Senhora não devia de ter cousa mais sabida, e certa, que ser o unico cuidado de seu filho desvelar-se em fazer a vontade a seu Eterno Padre. E posto que o Senhor muitas outras cousas tinha fallado n'aquella idade de doze annos, e n'aquella propria conjunção, diz S. Lucas que estava perguntando aos Doutores no templo (**), todavia o Espirito Santo não quiz que nossa Fé soubesse outra primeira palavra d'aquella divina, e sapientissima boca, senão da obediencia. Da vida do Senhor de idade de doze annos até os trinta, cheia de tão admiraveis virtudes, e exemplos, que bastara lel-a (se fora escripta) pera perfeitamente doutrinar as almas, sem mais outras palavras, não se diz mais, senão que viveo em obediencia sujeito a nossa Senhora, e a S. Joseph, nem quiz que d'elle soubessemos mais senão obediencia, não só a Deos, aos homens, que seu Padre, quanto á carne, lhe deo por superiores, como são os pais aos filhos. Depois que o Senhor começou a prégar, e descobrir suas obras, a mais geral linguagem sua era que vinha fazer a vontade de seu Padre; que disso se mantinha; que sua doutrina não era sua, senão d'elle: dando a entender, que não fallava palavra que não fosse contada, e registada por seu Padre Eterno. Quando o prenderam nenhuma outra razão deo pera não consentir que seus Apostolos o defendessem, senão que como não havia elle de beber o calix da obediencia de seu Padre? Finalmente, porque os cabos dissessem com os começos, e meios, as duas derradeiras palavras que na vida disse, e em que expirou, foram: «Acabado he tudo, o que me he mandado» (***): e «Em tuas mãos, Padre, encomendo esta minha obediente alma (****): e ahi a ponho nas mãos que me governaram, e cuja obediencia até esta derradeira hora sempre reconheci, e cumpri.»

(*) Luc. cap. II. (**) Ibid. (***) Joann. cap. XIX. 30. (****) Luc. cap. XXIII. 46.

Com quantos, e quam immensos trabalhos Christo nosso Senhor viveo, e morreo em obediencia, não he possivel escrevel-o, nem perfeitamente agradecel-o. Os trinta annos de obediencia, que o Santo Evangelista S. Lucas passa com huma palavra, dizendo que esteve sujeito á obediencia da Senhora, e de S. Joseph, e de que nem huma só palavra dizem os outros Evangelistas, dão admiraveis materias de consideração ás almas devotas. Porque não se podem comprehender as perfeitissimas virtudes, que havia n'aquelle glorioso terno da Virgem, Jesu, e Joseph; na quieta consonancia, e heroica perfeição de mandar, obedecer, e humilhar. A humildade com que a Senhora adorava a seu Deos, e seu Filho, no Ceo, nem na terra teve parelha; a mortificação que lhe custava mandar como mãi a seu Deos era pela medida de sua humildade, e mandando mais perfeitamente obedecia á vontade do Padre Eterno, que assi o queria, e com muito maior trabalho que se fora mandada em tudo. O Filho de Deos vivia em perpetuo silencio, e servia sua mãi em tudo, e a Joseph, como se fora pai, pois estava n'essa reputação. Joseph entre ambos mais venerado, e obedecido, como cabeça da casa, e n'esta superioridade andava mais anichilado em si interiormente, que todas as baixas criaturas. Assi tiveram alli seu alto, e soberano throno a obediencia, e humildade com mais perfeição, e heroica alteza que em todas as outras criaturas, celestiaes, e terrenas. No publico os dous superiores nenhuma demonstração davam de conhecerem no Senhor mais grandeza, que ser hum muito obediente filho: assi o mandavam, e elle obedecia. No secreto elle tinha cuidado pela obediencia da lei de Deos, servir, posto que não fosse d'elles mandado: e como o estado da Senhora, e S. Joseph no povo era de mecanicos, e officiaes, servia elle como filho de official de carpinteiro. Varreria a pobre casa, ajuntaria os cavacos, quando em casa trabalhava, guardaria e levaria (se fosse necessario) a ferramenta, e ajudava em tudo servir a Joseph. Tudo isto alli se soffria, e muito mais porque sabiam que Deos assi o queria, mas o que custava áquellas humilissimas almas soffrelo-o, Deos, que era o obedecido, o sabe. Traziam o Santo Joseph, e a Senhora huma perpetua admiração da obediencia, que no Senhor viam, sem nunca a familiaridade causar menos estima do que d'elle criam: mas antes com pureza interior, e reverencia, e adoração andavam diante d'aquelle que com temor de Deos mandavam. He verdade que no seu retraimento, quando estavam sós, ouviam d'aquella divina boca doutrinas, e secretos divinissimos, os quaes cuido que o Se-

nhor não fallaria senão quando lh'o pedissem, ou lhes sentisse vontade d'isso por obedecer a suas vontades. E sem duvida se deve crer, que a mór parte do tempo recolhido se gastava alli em oração. Oh que oração seria! Os dous estariam orando, e adorando ao Filho da Virgem, e de Deos presente, e recebendo d'elle o que a lingua não pode dizer, nem o coração imaginar. Os segredos, e grandezas d'estas obediencias, e conversações, não se podem declarar: mas pode-se aqui a consideração seguramente alargar quanto poder, porque tudo será pouco, pera o que na verdade he. N'esta tão voluntaria obediencia do Senhor tantos annos a sua sacratissima Mãi, e S. Joseph, parece que impropriamente diremos que teve trabalho. Porque se algum houve, parece que era mais da Senhora em mandar, que do Senhor em obedecer, e que lhe era suavissima a vida da obediencia da Senhora e S. Joseph, posto que ás vezes, em occasiões que se offereciam, o corpo cansasse, por cousas que obedecendo fazia. Mas por quam mal soffrem os filhos tantos annos sujeição, e casa, e obediencia de seus pais, julgaremos, que não devemos menos ao Senhor, não lhe dar esta obediencia trabalho, que pelos trabalhos que depois passou, por obedecer até morte de Cruz. Porque o amor, que lhe depois fez penar, muito fazia não ser penoso ao soberano superior, cuja he natural toda a superioridade, ter superiores na terra, e obedecer Deos a huma criatura, e o Verbo eterno a hum carpinteiro, e a divina magestade a serviços caseiros de servo, e escravo, que são cousas de sua natureza penosissimas, e muito mais se duram muito. Ajuntai a isto, que os que d'isto soffrem alguma cousa no mundo, he com esperança de ter aquillo cabo. Porque o escravo espera liberdade, o servo espera paga, e lograr seu ganho, e o filho espera ser herdeiro, ou senhor da casa, a que serve, e nem com isto ainda aturam. Mas o Senhor esperava sahir d'aquella suave obediencia da Senhora, e de S. Joseph pera tres annos de tão rigorosas, e trabalhosas obras, de maior obediencia de seu Eterno Padre, que lhe haviam de custar o repouso, a honra, o suor, o sangue, e a vida, com muitas, e incomportaveis tribulações, e tormentos. E todavia o rigor que esperava, não desfazia na suavidade com que tantos annos obedecia; antes n'ella se recreava pera passar os tormentos que esperava.

Passados estes annos da obediencia da Senhora, e entrado nas obras da obediencia de seu Eterno Padre rigorosissimas, posto que o trabalho foi immenso, e cada vez mais crescia até morte, a vontade, o fervor, a

efficacia, a humildade de obedecer, não foi menos. Não cresceo, porque era imperfeição poder ser nos quilates, e gráos da virtude maior, mas deo da perfeição que já tinha, maiores, e mais efficazes demonstrações. E porque todas as miudezas da obediencia d'este Senhor, e do muito que lhe custou e trabalho com que a levou ao cabo senão pode aqui tratar, e d'isso trata toda esta obra, duas cousas só devem advertir por ora os que desejam imitar este Senhor. Huma, que mandando o Padre Eterno a seu unigenito Filho, que os tres annos que tomou pera se dar a conhecer, e ensinar ao mundo, usasse de seu divino poder, e elle o fez com tamanha magestade de palavras, e obras, que dizem os Evangelistas que pasmava o mundo; porque não fazia suas cousas como os principaes d'elle, senão com imperio, e mandado, como quem tinha soberano poder sobre tudo: assi lançava de si a honra d'estas obras, e palavras (sendo proprias suas) que nunca em sua boca se achou, senão que fazía obras, e dava doutrinas de seu Padre, como se foram alheias. Porque queria dar exemplo, que nunca o estado, nem alteza de dignidade, nem de officio, deve divertir a alma interiormente do cuidado da sujeição, e obediencia de Deos. A outra, que chegado o tempo de tornar este Senhor a encobrir seu poder soberano, pera padecer, e a callar, pera seus inimigos o atormentarem, lhe deo seu Eterno Padre por maioraes a que obedecesse, não a Virgem nossa Senhora, e S. Joseph, mas a juizes máos, e inimigos, a hum Rei tyranno, neto do que em sua meninice o quizera matar, a hum gentio presidente Pilatos, que o mandasse açoutar, e justiçar, a algozes, que o mandassem despir, e vestir, dar as mãos, e chegar-se aos lugares dos tormentos, e a receber as cruezas que lhe queriam fazer. E aos mandamentos, vontades, e sentenças de todos estes, no que tocava a sua Paixão obedeceo com tanta humildade, e sujeição, e estava diante d'elles com tanta modestia, silencio, e respeito, como se elles foram a pessoa de seu Eterno Padre, e as palavras, com que o mandavam, foram divinos oraculos, e preceitos. De maneira, que pera obedecer, nunca fez differença das pessoas que o mandavam, nem de merecimentos, nem de obras que por obediencia havia de fazer, nascendo, vivendo, e morrendo por obediencia.

Se bem entendermos o que se vê n'este admiravel espelho de eternas verdades, tambem entenderemos, que assi como Deos resumio toda a guarda de sua lei, em amor seu e do proximo, assi poz toda a prova do amor na obediencia. Assi disse elle muitas vezes: «Quem me

amar guardará minhas palavras, e mandamentos, e quem me não ama, não os guarda (*). E como ninguem pode cuidar que contenta a Deos, se o não ama, assi se lhe não obedece, não pode cuidar que o ama. E como estas duas virtudes são communicativas de suas obras, assi o são dos effeitos que fazem nas almas, e premios, com que são coroadas, e nos damnos que de sua falta recrescem, e nos remedios com que esses damnos se curam. Por amor cresce a obediencia, e com ella se aperfeiçoa o amor. Por amor se santificam as almas, e se ajuntam a Deos, e recebem d'elle divinas mercês, influencias, e operações, e por obediencia se asseguram na alma. Por desobediencia se perde o amor, e se merecem todas as perdas, e penas temporaes, e espirituaes, e por obediencia se reconcilia o amor perdido, e remedeiam os males incorridos. Assi que na obediencia consiste toda a sabedoria christãa. Isto me parece (salvo melhor entendimento) que quer dizer a divina Escritura em por Deos á arvore, em que se Adão perdeo, nome de arvore de sabedoria (**): porque não cuido, que teria o fruto d'ella comido, virtude de abrir o sentido pera conhecer o bem, e o mal, como o demonio manhosamente lhe assacou, por enganar Eva, e a fazer desobediente. Porque como Deos não queria ter no Paraiso gente ignorante, não lhe defendera comer a fruta d'aquella arvore, se comendo-a houveram de ficar mais sabios.

Afora isto, já Adão conhecia todo bem necessario, e o houveram de conhecer todos seus descendentes, e n'elle houveram de crescer, sem comer d'ella, e o mal que comendo-o sabiam he defeito de sabedoria verdadeira. Porque saber peccar, não he saber, mas ou he cegueira da virtude, ou contumacia contra ella: e mais perfeitos sabios são os que sem experiencia do mal, todo bem sabem, que os que com a experiencia d'elle põem em risco a sabedoria verdadeira dos bens, e virtudes, que lhe Deos ensina, na qual sabedoria do bem se encerra, sem damno, conhecimento do mal seu contrario, pera fugir d'elle, e este não faltaria no Paraiso terreal sem comer da fructa vedada. Por onde entendo, que chamar-se a arvore da obediencia arvore da sabedoria, não he outra cousa, que a chave de conservarem a espiritual, e santa sabedoria, que lhe Deos tinha n'aquelle santo estado communicado, não estava senão em obedecer. E por que a primeira obediencia que Deos poz a Adão, além da lei

(*) Joann. cap. XIV. (**) Genes. cap. II.

natural, foi que não comessem d'aquella arvore: por isso ali aonde começou a obediencia, poz Deos o nome, e conservação da sabedoria. Porque a criatura não tem mais que saber, nem outra mais alta prudencia, que obedecer a seu criador, e tudo o que differente d'isto sabe, he cegueira, ignorancia, e perdição.

Muito parece que concorda com este sentido o que diz nosso padre Santo Agostinho, que em nenhuma cousa se mais podera mostrar a grandeza d'esta virtude, que em mandar Deos, e defender por ella cousa que de seu genero não era má, e podera, se Deos o não defendera, ser boa (*). Porque n'isto se mostra que a bondade da obediencia não consiste em impedir males, senão em exercitar bens. Ou por melhor, e mais propriamente dizer, não he menos perfeita nos bens, que por obedecer deixa de fazer, que pelos que faz obedecendo; porque por nenhuma outra cousa val muito, e he muito estimada senão por si. E por isso he verdade, que em saber obedecer está todo o saber de hum Christão, e em o exercitar está toda sua perfeição. Por isso David pedia a Deos que lhe ensinasse sua vontade (**), sem outra mais razão, porque sois meu Deos: e de o serdes, me fica por principal obrigação saber-vos fazer a vontade. E assi em outra parte diz, que só pedia a Deos, que o tivesse sempre em sua casa pera saber sua vontade. E n'isto sò se resume a bondade do servo, em saber a vontade do senhor, e obedecer.

De tres perversas, e peçonhentas raizes, nasce a desobediencia. A primeira da estima de si mesmo; que he huma cegueira da alma, que não conhecendo sua natural baixeza, não soffre superioridade em outrem, e em si a tem por propria. Esta presumpção derribou Lucifer, e a desestima de si exalçou a Virgem gloriosa. Contra esta se armaram os Santos; obedecendo, não só aos maiores, mas a toda criatura no que não era offensa de Deos. E a isto tiram os conselhos, e doutrinas d'elles, que ensinam a folgar antes de fazer a vontade alheia, que a propria, por acostumar esta perversa natureza a reconhecer superioridade, ainda onde não ha obrigação, porque andando sujeita, viva mais segura de quedas. E o modo d'esta obediencia a toda a criatura ha de ser, não só por me quebrantar, mas trabalhando muito deveras, e interiormente por conhecer, que indignamente tenho lugar entre as criaturas, e que fazem ellas, e Deos tanto em me soffrer em sua companhia, que justissimamente me são todas superiores. E porque isto he difficultosissimo de adquirir, ha

(*) S. August. Lib. de natura boni, cap. 34. e 35. (**) Psalm. CXLII.

se de pedir a Deos por continuo requerimento, e fervente desejo, que infunda elle na alma por sua misericordia esta verdade.

A segunda má raiz he, confiança do proprio entendimento, e juizo. Esta he outra cegueira, que pela maior parte anda acompanhada de contumacia, e arrogancia. E he tão má de curar, que rarissimos são os homens muito aferrados a seu juizo, e parecer, que em muitos annos de batalha contra este vicio, houvessem perfeita victoria, e porque como esta cegueira tem sempre falta de luz da verdade, até que ella resplandeça, não acabam os olhos da alma de alimpar. Esta derribou os hereges da sujeição da fé, e causou todos os scismas na Igreja de Deos. E he a ama que dá leite, cria, e sustenta todas as inquietações das religiões. Contra esta se armaram os Santos com instituir, que a obediencia não só fosse voluntaria, mas por voto, e que hum só parecer de hum fosse seguido no Mosteiro, posto que os subditos tivessem melhores pareceres. Porque a força da obrigação de seguir o alheio parecer, enfreie a furia e peçonha do juizo proprio, e ao menos, como com cativeiro, e purga amargoz, não lavre tanto contra a alma. Tambem a cura d'isto ha de vir do Ceo, e se ha de pedir por particular dom de Deos, que he a luz verdadeira dos entendimentos, e que só os pode enfrear, e someter. Pode servir de grande meio pera arrancar esta raiz, trabalhar por desacostumar de porfias, e acostumar silencio, e callar a propria razão. E posto que fique o juizo escorjando por arrebentar fora, já he começo de victoria encerral-o, que não seja sentido, nem entendido. E interiormente deve de andar o espirito cuspindo, e desdenhando de si por esta soberba, e guarde-se de se sujeitar com quem menos sabe, mas coteje-se com Deos, que permitte cegueiras, e dá sua luz tão encoberto, que deve cada hum de viver em receio de cair de seu amparo. E com este temor do Senhor andará enfreado, e quererá antes someter-se a outro parecer por amor de Deos, que pôr-se em risco de Deos o deixar cair, e errar.

A terceira raiz he affeição distraida de Deos, a qual deixa sua obediencia por não descontentar, ou a si, ou ao amigo, ou não quebrantar o appetite, em que o homem põe sua consolação. Esta derribou Adão, do qual diz S. Paulo, que se não enganou como Eva: nem presumio que seria como Deos: nem teve parecer contrario á ameaça que Deos lhe fez se desobedecesse: mas por não fazer desprazer a sua companheira, e dar gosto ao appetite da gula, perdeo a obediencia, e o ditoso estado do Paraiso. Esta he a traça da obediencia das religiões. Porque a commum

manada dos que nem pretendem ser Prelados, nem cuidam que por seu parecer se hão de governar as cousas, com appetites particulares e respeitos de seus gostos roem, e consumem a virtude da santa obediencia. Ora por satisfazer ao parente, e amigo, ora por outros respeitos, que tem por companheiros distrahição dos sentidos, descuido da oração, tibieza no serviço de Deos, e intentos do mundo, que ainda não deixaram, ou tornaram a admittir na religião. Contra isto se armaram os Santos fundadores das Ordens com os votos da pobreza, e castidade, e com o encerramento: porque desobrigados do trato da gente, e obrigados a cortar as propriedades, e appetites da natureza, estejam mais livres pera a obediencia de Deos. A cura d'esta má raiz tem muitos livros escritos, os quaes todos se resumem n'esta palavra de Christo nosso Senhor: «Negate a ti mesmo, e toma tua Cruz, e sigue-me.» E por quantas batalhas isto custa, se poz elle por capitão e mestre, obedecendo até morte de Cruz, e não tendo n'esta vida gosto, nem descanso, senão obedecer. E porque esta virtude he a geral cura de todos os males, não he muito que a esta virtude se dê o louvor de todos os bens. Porque ainda aonde não he virtude, senão só ordem, á obediencia se deve o governo acertado de todas as cousas. O mundo irracional por obediencia de Deos, e sujeição das cousas inferiores ás superiores, se conserva. As navegações, os exercitos, as batalhas, as republicas, por obediencia se governam. Pois onde he virtude, que he quando se obedece á vontade de Deos, com razão he o geral acerto de todas as cousas, e remedio, e cura de todos os males. Como David diz, perguntando com que emenda o mancebo distraido seus errados caminhos, responde: «Em guardar os mandamentos (*).» E da riqueza dos bens que pela obediencia se adquirem, diz: «Alegrar-me-hei em vossas palavras (que são a divina lei) como quem achou muitas, e ricas prezas.» E em todo o Psalmo 118 se verá que não ha cousa boa que não metta na lei de Deos.

Sobre estes fundamentos lembro, que tres estados ha de obedientes, ou de obrigados a obedecer. Huns dos que com esta obrigação a tem tambem por officio, ou dignidade ser obedecidos, como são Reis, Prelados, Capitães, Governadores, pais de familias, e os que tem cargos publicos, ou particulares sobre gente sujeita: Outros, que não tem obrigação de mandar nem ser sujeitos, mas não tem mais, que a geral obrigação da lei de Deos. Outros, que afóra esta geral christã, e natural obri-

(*) Psalm. CXVIII.

gação, prometteram por voto estado de obediencia, e religião. Os primeiros vivem em mais perigo, mas com muitas materias de merecimento. Os segundos em santa liberdade, e segura estrada do Ceo. Os terceiros em Paraiso na terra, se gostam do que prometteram. Mas todos tem por norte, e guia seguir, e cumprir em tudo a vontade de Deos, e sua doutrina, e lei. Os que hão de ser obedecidos, tem obrigação de ser imitadores de Deos, a quem representam, no modo de se fazer obedecer, que he com força de bondade, e virtude fazer-se reconhecer por superiores, mais que com rigor. Porque não ha cousa que mais aproveite ou damne, que o exemplo dos maiores. E onde o rigor carrega todo em justiça, e não em invenções de fazer bem, he grandissima materia pera os subditos desestimarem as pessoas, e obediencia dos maiores. Com esta demonstração de bondade, e virtude exterior, tem obrigação de someter, e referir tudo o que fazem, á obediencia de Deos, como ministros de sua vontade, e não como proprietarios de suas superioridades. Porque a cousa, em que mais perdem tudo o que fazem os superiores, he em exercitarem os cargos como seus, e não como obediencia de Deos. Por isso David diz aos superiores: «Entendei, e apprendei os que julgais a terra. Servi ao Senhor com temor, e alegrai-vos com elle com temor» (*). Isto he, tremei sempre do alto em que vos poz, e entendei e apprendei, que não vos podeis ante elle alegrar, senão de o servirdes com temor, mais que de mandardes aos subditos. E declarando-se mais, accrescenta: «Pegai da obediencia sua, não se ire o Senhor, e vos lance do caminho santo.» E a letra hebraica o diz ainda mais claro, que onde a nossa diz, pegai da obediencia, tem *Osculamini filium*: que quer dizer, beijai o filho. Porque tendo atraz dito, que fizera Deos seu filho Rei universal, aconselha David aos Reis, e superiores, que beijem a mão a este Filho de Deos, como a seu Rei, e reconheçam em tudo sua obediencia, senão querem no dia do furor e ira de Deos ser lançados do caminho, e companhia dos santos. Por onde a obediencia he todo o meneio, e acerto do mando, e a sabedoria do governo dos maiores. Guardem-se os superiores, de hum ordinario vicio, em que caem, se se descuidam da humildade; que pela maior parte querem que se lhe gabe tudo, e que se lhe deva tudo; e vivem em huma inveja inquieta da honra alheia, e de hum ciume desconfiado na propria, que cuidam que tudo o que se não faz por elles, lhe furta a agoa, e o ser, e o nome, e o credito. Donde lhes vem

(*) Psalm. II.

soffrerem mal conselho, porque se lhe afigura, que não chega outro a aconselhal-os senão, porque enxerga n'elles falta de entendimento; e correm-se de fazer as cousas por alheio parecer, porque parece que não acertam já pelo seu: e outras desordens tem a este modo, que cumpre mortificar quem das superioridades, e cargos não quer cair da graça de Deos, e em perda da alma. Curam-se estes perigos, e males com pretender só nos cargos honra, e gloria de Deos, e ser elle perfeitamente em tudo servido, e obedecido, e quando reina esta pura tenção na alma do superior, todas as cousas boas, e bons conselhos acham n'elle lugar de qualquer parte que venham, e deseja mais ser de todos ajudado a acertar o serviço de Deos, que honrado na opinião dos homens.

Os que não tem sujeitos, nem obrigação de ser obedecidos, vivem livres d'estes perigos. Mas em huma só cousa consiste todo seu bem espiritual, em ter por principal intento da vida governar-se pela lei de Deos. Escrevendo isto quasi me não quizera deter em cousa tão sabida; mas muito me corro de ser necessario dizel-a por tão nova, como que ninguem a soubera. Porque por nossos peccados tudo o que não he lei de Deos, e tudo o que destrue as almas, voga no mundo: e a lei de Deos he a cousa, a que não só se não tem respeito, mas quem por ella só aconselha, he havido por pesado, rigoroso, e homem de estremos. Não sei se pode haver cousa mais vergonhosa na vida, que a linguagem que corre entre os christãos mais avisados do mundo nos casos que acontecem. Deixemos (dizem) nós agora a lei de Deos; cá na obrigação da honra, cá entre gente cortesãa, cá no que o mundo recebe, e usa, he obrigação satisfazer-se homem da palavra, assi, ou assi; correr com o Rei, ou com os da terra, assi, ou assi. E o assi, ou assi, he sem si, e sem ser, e sem siso, que funda bem nenhum verdadeiro. Queria perguntar aos entendimentos d'estes sesudos, deixando da tratar suas cousas, pela lei de Deos, e pelo que Deos manda, porque linguagem fallam, porque siso, porque lei? Da carne? diz S. Paulo, que a sabedoria d'ella he morte (*). Do mundo? D'essa diz o mesmo Santo, que a sabedoria do mundo diante de Deos, he ignorancia (**). Do demonio? Elles mesmos que fallam pela sua boca digam quem elle he. A carne mata, porque por ella morre em nós a graça, e vida eterna. O mundo he parvo, porque todos seus sisos fundem fumo, mentira, engano, e tribulaçam no dia da conta. O demonio he inimigo, que tudo quanto de nós quer, he enganar-nos pera mal. Pois

(*) Ad Roman. cap. VIII. (**) I. ad Cor. cap. III.

que siso he fallar sem Deos, e sem a sua lei. O siso, a prudencia he viver da lei de Deos, e em tudo someter-se a sua vontade: tendo em tudo aquella divina regra, que lhe he mais aceita a obediencia, que o sacrificio (*); porque n'esta se sacrifica a Deos todo o homem. Porque como temos leis de Deos pera todos os sentidos, potencias da alma, e pera todos os successos da vida: quem em obedecer se resume, faz de si hum perpetuo sacrificio a Deos. E de Deos recebe fazer-lhe em tudo a vontade, porque como andam conformes, tanto Deos se esmera em lhe satisfazer seus desejos, quanto elle mais os põe todos em lhe fazer suas vontades.

Os que tem voto de obediencia, e religião bem sabem que a obediencia de obra he baixa, e a de vontade, e obra he mais santa; e a de vontade, obra, e entendimento mais perfeita: e a esta poucos chegam: porque como os prelados não são divinos, e tem tachas de humanos peccadores, raramente chegam os obedientes a tanta simplicidade santa, pureza, que lhe pareçam os pareceres dos Prelados em suas obediencias divinos conselhos: mas quem aqui chega, vive em perpetua paz. Sabem estes que não he obediente o que deseja, e procura, que lhe mandem o que folga de fazer. Sabem que não pode ser obediente perfeito, o que se faz juiz dos defeitos de seus Prelados, e olha muito n'elles. E muito menos o que obedecendo pretende grangear mais vontades que a de Deos.

Outras muitas cousas sabem, e aprendem nos Mosteiros, que são escolas d'esta virtude, que escuso aqui lembrar. Hum só conselho darei aos que começam nas religiões, pera evitar muitas inquietações da vida, que não ponham sua consolação em estarem com Prelados amigos; porque afora permitir Deos as mais das vezes, que dos mesmos em quem pozeram seu gosto, lhes nasçam os enfadamentos, não he santa obediencia, obedecer só ao amigo de que gosto, e he materia de muitas inquietações nos Mosteiros. Porque as culpas dos maiores carregam sobre seus amigos. E se se regem por elles, os fazem malquistos, e se não fazem d'elles o caso que elles esperam, tornam-se inimigos, e como tudo n'este modo de falsa, e fingida obediencia, se funda em amor proprio, e não em Deos, fica sendo nos Mosteiros fonte de murmurações, bandeira de bandos, sumidouro de toda quietação, e virtude, e entrada das perturbações do mundo na casa de Deos. Tenho por mui aceito a Deos traba-

(*) Eccles. IV.

lhar por indifferentemente estar sujeito a todo genero de Prelado, máo, e bom, e não recusar o jugo do maior de quem mais desgosto, e muito mais ainda se he inimigo. Porque a obediencia, he mais desinteressada, e a que se dá aos maiores, máos, e inimigos quanto menos he entendida d'elles, menos esperada, e tira por menos verdadeira, tanto aos olhos de Deos he mais aceita. Grande coroa merece ante o Senhor ter com puro coração o máo Prelado (no que não he contra a lei divina) por meu Deos, e como a esse obedecer-lhe, e reverencial-o: e buscar sempre razões de defender a parte, do que me he contrario nas cousas que tocam a seu cargo (que não forem contra as que Deos defende) segredo he de limpas consciencias, que só a divina graça governa, e enche de espirituaes consolações. E se não érro, antes tomara cheios os Mosteiros d'estes obedientes com máos Prelados, que de Prelados santos, com máos obedientes. Esta obediencia ensinou Christo nosso Senhor, quando disse, que obedecessem ao que mandavam os Principes, e letrados, mas não imitassem suas obras (*), e não mandou, que por máos encontrassem sua obediencia. O mesmo ensinou S. Pedro a obedecer a toda a humana criatura, que tem cargo, não só aos bons, mas aos distraidos, e máos (**). E posto que he obrigação, com zelo santo, e só pela divina honra, sem rabisca de ambição propria, tirar da prelasia, ou não admitir a ella o máo, porque com seu máo exemplo não perverta: todavia quando Deos permite que elle o seja por seus secretos juizos, quer que seja inteiramente obedecido, no que não for contra sua divina lei. E exercitar no máo, e inimigo Prelado a pureza, e perfeição da obediencia, soffrer-lhe com silencio seus desvarios, e estar em paz obedecendo com quem a não tem comsigo, thesouro he de riquissimas graças. Por não me alargar tanto, duas regras generalissimas ponho n'esta materia da obediencia dos Religiosos. A primeira, que todo o que quer que se faça tudo por seu parecer, he desobediente, e vive descontente na religião: e ao revés, tambem todo o desobediente dá traça a todas as cousas da ordem sem a ter em si. E por isso não he acompanhado da santa prudencia, o zelo santo na religião, senão o que he fundado em perfeita obediencia da regra, e dos Prelados, posto que sejam máos, e distrahidos, no que não mandam contra a lei de Deos, e contra a regra. A segunda que quem quer viver em perpetua região de espiritual paz na religião, faça pro-

(*) Matth. cap. XIII. (**) I. Petr. cap. II.

fissão, e dê perfeita obediencia ao amor divino, que se elle tiver o leme será toda a vida bem mandada.

Exercicio da obediencia do Senhor.

Divina, e eterna, e soberana Magestade, todo poderoso Deos, Senhor, e Criador meu, que commercio he este, que quereis com esta vossa vilissima criatura, que não soffreis que eu tenha outra ordem, outra regra, nem outro regimento senão vossa divina vontade? Que sou eu posto a par de vós? Nem como posso alevantar os olhos a vós, pera ousar de querer saber vossos conselhos, e vontades, pera por ellas me governar? Assas he pera mim mandardes-me acompanhar com os bichos da terra, e aprender da formiga o cuidado de meu bem, e do bichinho a humildade, e do jumento apaleado a paciencia, e da alimaria carregada, e enfreada a obediencia, e de todas as outras criaturas a não alevantar nunca olho contra vós. Pera minha vileza estes são os proprios mestres, e se com elles me ajuntar, e os imitar, não alcançarei pouco em vos contentar, e haver-vos por servido de mim. Pera que quereis, Senhor, que alevante os olhos a essa Magestade? D'ahi cahio Adão, e perdeo o estado da innocencia. D'ahi cahiram os Anjos, porque quizeram emparelhar comvosco, d'ahi se perdeo Judas, porque em vossa companhia se não contentou. Oh meu Deos, a terra me he propria, e o lodo he minha mãi, de barro me fizeram vossas mãos, n'elle he minha propria morada, e assento. Oh Sabedoria minha verdadeira, e infinita, que não me fizestes pera o barro, ainda que d'elle me formastes, senão pera vós: da terra me criastes, mas não pera ella, senão pera morardes n'esta alma, que n'esta misera terra encerrastes. Por isso quereis vós ser minha sabedoria, quereis ser minha luz, quereis descobrir-me vossas bondades, e ensinar-me vossas vontades, pera que sendo imitador do que em vós vejo, não seja tudo em mim lodo. Quereis morar em mim como no vosso, e como quem sois, e por isso não quereis que em mim haja senão tudo vosso, e o que vos contenta. Adoro-vos, meu divino mestre, ensinai-me o que quereis que saiba, e não me deixeis saber outra cousa. Governem-se meus sentidos, meus membros, as potencias de minha alma, minhas affeições, meus desejos, e todos meus entendimentos por vós. Faça-se Deos meu, em mim vossa vontade, como se faz no Ceo (*). Fizestes, Senhor,

(*) Matth. cap. VI.

meu corpo terreno, e minha alma celestial; pois, Senhor, ordenai em mim esta terra, e este Ceo, que tanto vos obedeça hum como o outro. Não vos estão menos sujeitos os Anjos que os bichos, nem os terrenos, e baixos elementos que os corpos celestiaes (*). Haja, Senhor, esta mesma ordem em mim. Alegre-se em vós minha carne, e meu espirito, tudo esteja a vossos pés sujeito, e já que de mim quereis perfeita obediencia ao que me ensinais, não permitais que seja esta terra contraria ao que vós quereis d'esta alma.

Este he, Deos meu, vosso desejo, e n'esta perfeita ordem criastes nossa natureza. Mas a vós Salvador, e medico unico de minhas chagas, direi minha queixa, e mostrarei minhas doenças. Vive em mim a lei do peccado contraria a toda vossa vontade, e posto que com a fé creio o que me ensinais, sou desaventurado, que me acanha a contradição d'este corpo. Brada-me o mundo com o que me mostra, que he tudo engano, e sigo-o: brada-me a vaidade com a mentira, e creio-lhe; brada-me a carne com o appetite, e cego-me; brada-me a inclinação má da terra com cousas contra vossa lei, e leva-me. Bradais-me vós com puras, e eternas verdades, e doutrinas, e hei-vos medo, fujo-vos, e deixo vossa obediencia. Chamais-me, e não acudo, ainda que ouço, e inspirais-me, e não me determino, animais-me, e não me atrevo, assegurais-me, e não perco o medo, tirais por mim, e não me desapego, vejo onde jaço, e não me alevanto, vejo-me em perigo, e não fujo. Oh triste miseria minha, de vós e de mim hei medo, o máo costume, e a vossa lei me cansam, o que de mim quereis, e o que até aqui quiz me aguilhoam. Nem me deixo, nem vos busco. Oh pacificador poderoso das batalhas, livrai-me d'estas angustias. Desatai, Senhor estas cadeas, a vós sacrificarei toda esta natureza junta, pera vos servir, e obedecer. Em qnanto, Senhor, me dais este conhecimento d'este trabalho, e perigo, allumiai-me, acudi-me e esforçai-me; não venha a perder esta luz, e cair no mortal somno, e cegueira, e a dormir descansado em meus vicios, onde nem vos ouça, nem me veja, e goste da peçonha, e da morte, e de estar de vós apartado. Quando alguma hora assi estive, Senhor, quam desaventurado estive? Vivia, não de vós vida verdadeira, nem de vossa obediencia, mas de terrenas cubiças, de profanos desejos, de baixos, e perversos appetites, e de abominações, que vossa misericordia via, e me soffria. Oh minha saude verdadeira, não te apartes de mim. Curaste-me no baptismo, deste-me tua

(*) Psalm. LXXXV.

lei; pois, Senhor, afastai meus olhos que não vejam outra cousa. Corram meus pés a vosso serviço; trabalhem minhas mãos em vos contentar, vejam meus olhos vossas verdades, ouçam minhas orelhas vossas vontades; e abraçe meu coração tudo o que lhe vós ensinais. Quando, Senhor e mestre meu verdadeiro, quando reparador de minhas perdas sapientissimo, quando reformador de meus erros perfeitissimo alimpareis minha memoria de todo destrahimento de pensamentos; e meu entendimento de toda imagem, e figura terrena; e minha vontade de toda a baixeza, e affeição? Quando me levareis apoz o cheiro de vossos unguentos, preso de vossa fermosura, allumiado de vossa doutrina, cativo de vossa vontade?(*) Quando pacificareis esta batalha da carne contra o espirito? Bemaventurado, disse o vosso obediente David, o que vós ensinardes vossa lei, e apaziguardes n'elle os dias das batalhas (**), emquanto não chega a hora de ir este peccador corpo á cova. Ah minha bemaventurança, sepultai já estes peccadores terrenos appetites, e reinai n'esta alma. Ah, Senhor, que não sei fallar, mas todo eu a vós suspiro, o meu terreno corpo em suas chagas, e o meu espirito em suas prisões, e perdas. Tudo a vós brada por misericordia; tomai-me, Senhor, pela mão, e guiai-me, porque em mim não viva, senão em vossa obediencia sem nenhuma contradição; porque vosso quero ser, e por vosso regimento governar-me, vós que me dais a vontade, me dai a possibilidade.

Senhor meu Jesu Christo, espelho de eternas verdades, allumiai esta miseravel alma pera que em vós veja, e aprenda a reformação d'estes, e de todos os outros meus miseraveis erros, e peccados. Dou-vos infinitas graças por me mostrardes em vós o que me cumpre seguir, por não poder allegar ignorancia, nem escusa. Vós sois meu verdadeiro Deos; vossa he propria a divina alteza, e magestade; tudo por natureza, e justiça está debaixo de vossos soberanos pés. E todavia por fazerdes força a minha soberba, e dureza, e alevantamento, que em mim vistes, encobris vossa magestade, vindes someter-vos a vossas criaturas, e obedecer ás obras de vossas mãos, e governar-vos pela vontade, e obediencia de quem vós sustentais, e regeis. Por ventura por ser a Virgem sacratissima vossa mãi tirou-vos serdes seu Deos? Gerar-vos ella, e parir-vos serdes vós seu Criador? Toda a parte que ella em vós tem, he obra, e mercê vossa. Havia n'ella cousa, que comparada a vossa divina grandeza podesse montar, nem ter ser? Ou a razão de mãi tirou-vos por ventura

(*) Cant. i. (**) Psalm. xcv.

a superioridade de serdes seu eterno Senhor? Pois como a obrigais a mandar-vos, e vos sometels como menor a sua obediencia e governo trinta annos? Ou que necessidade tinheis vós de ser governado, e de obedecer, se sois a verdadeira luz, e sabedoria, pela qual os que mandam, e os que obedecem acertam: nem a Senhora podia acertar em vos mandar, senão ensinando-a vós interiormente? Oh purissimo espelho de soberanas virtudes, e de meus tristes erros, andai sempre diante dos olhos de minha alma, pera que aprenda em vós conhecer-me, e aborrecer-me, e imitar-vos, e com vossa imitação curar minha perdição. Porque não obedecerei eu a toda criatura, como me não someto a toda alheia vontade, e parecer, quando isto vejo? Que mal me pode vir se andar por vosso amor debaixo dos pés de todos? No baixo vos acharei, ahi me parecerei comvosco, pois tanto vos abatestes e se me alevanto, perco-vos, porque aborreceis a soberba, perco-me porque me afasto de vós. Quebrantai, Senhor, em mim minha soberba. Porque presumo de mim, e me tenho em muito, por isso me fio de meus pareceres, e sigo minha vontade, e me não someto a quem vós mandais, e ao que vós quereis. E por isso vivo sempre inquieto, e cheio de muitas cegueiras. Meu parecer proprio cega-se, ora com affeição, ora com a magoa, ora com a indignação, ora com o appetite da vaidade, ora com a inveja, ora com o interesse, e com outras muitas inclinações, que nascem d'este miseravel, e terreno homem. E quando cuido que vos sirvo, como o que entendo, já vos não contento em me aferrar a isso sem sometimento a outro parecer. E d'aqui me nasce que são minhas quedas sem desculpa, e minhas cegueiras mais cerradas, e minhas chagas mais incuraveis, porque quanto mais de mim fio, menos me conheço, e mais me condemno. Vós quereis que viva eu em paz, obedecendo, e tomo sobre mim a guerra, regendo-me por mim. Vós quereis ser meu protector, se me sujeitar, e eu desobedecendo quero descobrir-me aos tiros do inimigo. Vós queris tomar á vossa conta minhas cousas, se me deixar governar por outrem, e eu não quero senão obrigar-me a vos dar d'ellas conta, e estar comvosco a juizo. Oh meu Deos, e se eu entrar em juizo comvosco, que será de mim homemzinho terreno, cheio de males, e de peccados, e que em tudo o que de mim cuido, me engano, e não posso enganar vossos purissimos olhos? Convertei-me, Senhor, e quebrantai em mim esta soberba, antes que chegue o dia da conta. Vós sabeis, Senhor, que pelo muito damno que nos faz governar-se o homem por seu parecer, não quizestes que nenhum filho de Adão

até hoje deixasse de cahir em muitos erros, e cegueiras, fiando-se de seu entendimento, e nenhum sometido, e sujeito, e que não fia de si, deixou de ser de vós allumiado, e ajudado. Porque resistis aos soberbos, e vos pondes da parte dos humildes. Quando por vosso amor me someto, sei que vos contento, quando por vos imitar, nego meu parecer, por tomar outro, ainda que menos entenda, e menos saiba, sei que me não deixais errar. E quando me corro de me sometor a outro, e quero levar avante o que cuido que sei, quem me diz (obediente, e humilde Jesu), que vos contentais de mim? Quando estimo meu parecer, escandalizo, e não o estimo; desprezo o proximo, e fico ufano; presumo de avisado, e não me sei entender, afigura-se-me que acerto, e não vejo meus erros, e fico só comigo sem vós, e sem vossa luz, e tenho-me por seguro, e sem aprender de vós cuido que alcanço tudo. Oh meu Deos, que quizestes ter por bem ser o meu Salvador, e minha saude; vós sabeis que as más raizes que peiores são de arrancar em mim, são presumpção propria, e estima de mim, e pareceres á vontade propria; e vedes, que estas são as peçonhentas sementeiras de todo meu mal. Ensinai-me Senhor a sempre com vivo desejo de minha saude bradar a vós por remedio d'estes males. E pois só vossa mão poderosa pode curar estas chagas, não as deixeis em mim corromper, e apodrecer.

Ensinai-me, divino mestre meu, a perfeição d'esta virtude tanto vossa amiga, e perpetua companheira; pois por ella não só a vossa sacratissima mãi, e a S. Joseph, mas aos algozes, que vos prendiam, açoutavam, e crucificavam, e aos máos juizes, que injustamente vos condemnavam, sem contradição, nem resistencia, humilissimamente obedecieis. Se vos pediam as mãos pera vol-as atar, daveil-as; se vos mandavam despir, e vestir, fazieil-o; se vos mandavam assentar pera escarnecerem de vós, assentaveis-vos; se vos mandavam tomar a Cruz ás costas, tomaveil-a, se vos mandavam beber fel, e vinagre, bebieis: se vos mandavam estirar sobre a Cruz pera vos pregar n'ella, sem errar passo obedecieis. Nenhuma cousa fazieis sem vol-o mandarem, e cada mandamento d'estes esperaveis pera o cumprir, como se vosso Padre Eterno por sua boca vol-o mandara.

Louvem-vos, Senhor de meu coração, o Ceo, e a terra. Louvem-vos vossas virtudes. Adorem-vos todos os choros dos Anjos, e Santos, e todas minhas forças se empreguem em vosso louvor. Porque, Deos meu, não arde todo meu interior em vosso amor por tão clara

luz de puras verdades, que n'isto me dais? Vós aborreceis o peccador em quanto máo, e quereis que lhe obedeça; reprovais sua malicia, e quereis que a elle me someta. Não está entendido, que quereis de mim que no máo, e no bom não reconheça outro superior, senão a vós, nem outra vontade senão a vossa? Oh meu Deos, que não sei ser livre, porque amo o cativeiro de minha errada, e cega vontade. Se me mandardes cousas penosas, pesadas, crueis, tristes e mortaes, por vós serdes o que as mandais, nenhum mal me pode vir. E afigura-se-me, que se vos eu visse com os meus olhos, e soubesse, que vós sois esse que me mandais, que tudo faria com cuidado. Pois governador e amigo fidelissimo meu, se vós sois o que tudo ordenais no Ceo, e na terra, que monta mais mandardes-me o que quereis, por hum Demonio, que por hum Anjo? Por hum máo, que por hum bom? Ah Senhor meu, vós que vedes as verdades d'este errado coração, entendeis que quando faço differença dos que me mandam (dos homens trato, e não de vós) que por isso me inquieto, e desobedeço. Se de vós tratar, e vos reconhecer só por meu verdadeiro governador, e se me lançar em vossos braços, e providencia, quando me entregardes cativo em poder de vossos inimigos, vós movereis seu coração, e boca pera o que me mais cumpre; quando me derdes Prelado máo, e meu contrario, todas suas malicias me convertereis em bem, e o de elle comigo se perder com damnada tenção me ganho eu comvosco com simples obediencia. Aqui me lanço, Deos meu, a estes vossos pés, governai-me por quem quizerdes, sometei-me a quem fordes servido, vós sois em tudo, e em todos o meu superior, vós o meu suave governador, vós o meu sapientissimo mestre, vós o que me conheceis, e amais; e por estas duas leis me encaminhais; mande-me toda a criatura, e dai-me que conheça eu interiormente muito deveras que não mereço eu nem das vilissimas criaturas ser mandado, e que não ha nenhum tão máo, que não possa justissimamente someter-me; mas dai-me, Senhor meu, que obedeça eu em todos a só vós; nem reconheça outra vontade senão a vossa, que tudo vedes, e tudo ordenais, como pai de misericordias.

Oh Deos de amor, e amigo fidelissimo de minha alma, ouvi-me Senhor n'esta hora, e aceitai meus rogos, que humildemente vos peço. O que mais quereis de mim pera me fazerdes as mercês que desejais, he que vos obedeça. A primeira cousa que me mandais he, que vos ame. Deos de minha vida, e vida verdadeira minha, acabe-se já esta divisão, e esta pesada contradição de minha desobediencia. Aceitai, Senhor meu, esta of-

ferta que de mim vos quero fazer n'esta hora, e confirmai com vossa graça a profissão que este miseravel interior agora vos faz. *Eu, miseravel peccador, por cujo amor todo vos déstes, faço geral profissão, e dou perpetua obediencia a esse vosso amor.* Aceitai, esperança minha, e todo meu bem estas mãos, e pés, esta lingoa, e olhos, todos estes sentidos, e corpo, esta vontade, memoria, e entendimento; os desejos, os suspiros, as intenções d'esta alma. Aceitai Senhor, todas as horas, e momentos da vida, todos os successos d'ella, todo este homem interior, vós que dissestes, que nenhuma cousa sem vós podemos fazer, nem podemos dar bom fructo sem estar em vós(*), e não podemos estar, senão por união de amor. Seja esse vosso amor o prelado, e superior d'esta vossa criatura. E elle mova meus sentidos, minhas potencias, minhas obras. Elle me faça obrar, e estar quedo, parar, e caminhar, por onde, e quando vós quereis. Arça elle em meu coração, e em mim reine. Elle me console, e me afflija; elle me humilhe, e me alevante, elle suma em si todas minhas imperfeições, e cative a si todo o intrinseco d'esta alma, alargue comsigo a estreiteza de minha miseria, levante a si o espirito derribado; encha comsigo toda a capacidade d'esta criatura. Oh amor divino, possue-me todo, e de ti possuido, arroja-me por onde quizeres, alaga-me em quantos mares quizeres; espedaça-me com quantos tormentos quizeres; porque em ti, e comtigo não poderei ser perdido. Ouve-me amor divino, e pois estás mais faminto de mim, do que te eu sei desejar, come-me, digere-me, muda-me em ti, não veja em mim nem em toda criatura senão a ti.

Oh Madre de Deos purissima, obedientissima mandadora, e humilissima superiora de vosso unico Filho, e de Deos, compadecei-vos das quedas de minha desobediencia, e soberba. Alcançai-me d'este Senhor que sempre cumpre vossas vontades, que someta á sua toda esta miseravel criatura. Oh Corte celestial, que por ordem, e obediencia perfeitissima reinais, desatai o cativeiro d'esta alma com a liberdade em que vivieis, e alcançai-me remedio pera sahir de mim, e viver em plenaria sujeição á vontade d'esse Senhor, que vedes, e adorais pera sempre. Amen.

(*) Joann. cap. xv.

TRABALHO XI

Da Pobreza.

O que Christo nosso Senhor passou, e fez até idade de trinta annos, que S. Lucas, como temos dito, resumio só na obediencia da Senhora em que viveo, posto que todos os Santos Evangelistas o calaram, não deixa de dar muita materia de consideração a seus servos. Mas antes das obras de heroicas virtudes, que d'elle escreveram dos tres derradeiros annos, que doutrinou o mundo, podemos collegir a perfeição, e occupação de toda a vida, que quiz passar em silencio encoberto, e de que não quiz que se escrevesse nada. Confirma isto S. Lucas nos Actos dos Apostolos dizendo: que começou o Senhor a fazer, e depois a ensinar(*): que he clara prova, que do que bastantissimamente por palavra ensinou tres annos, tinha tomado em si larguissima experiencia por obras em trinta. Ensinando n'isto de quam pouca sustancia são palavras, e doutrinas bem ditas sem uso de boas obras. As quaes posto que brandidas como bandeiras da vaidade ao vento, façam mostra de haver debaixo d'ellas alguma cousa de sustancia, e firme: todavia fica, e he interior casa de taipa, e tudo velhice pera cahir, se falta o alicerse, e firme edificio de boa vida, e santas obras. Nem fora d'isto tamanho mal, se dita a santa doutrina sem boa vida, passasse com o esquecimento como passa o tom das palavras; mas as palavras boas, que parece que passaram como vento, ficam diante do divino juizo reservadas, e lembradas pera condemnação dos que sem boas obras as ensinaram. N'esta obrigação, e perigo vivem, não só os prégadores, e confessores, mas todos os conselheiros e tachadores, e traçadores de vidas alheias. Por aconselhava San-Tiago: «Não queirais muito ser mestres, porque carregais sobre vós mais rigoroso juizo(**). E quem doutrina, e vive sem esta ponderação, ponha os olhos no juizo, e Senhor que o ha de julgar, que sendo só elle o unico, e soberano, que só por sua authoridade se lhe deve ser crido em suas palavras (que he privilegio que a nenhuma criatura deo) todavia de trinta annos, em que provou, e fez por obras o que havia de ensinar, tomou só o dizimo, que erão tres, pera ensinar o que tinha feito. E por aqui se vê em quam baixa reputação merece ser tido quem quer credito, e valia, não pelo exemplo da vida, senão pela authoridade da pessoa; os

(*) Act. cap. I. . (**) Jacob. cap. III.

quaes como furtam a Deos, o que he seu, e de que elle sendo Deos, não quiz usar, não só serão d'elle pela vida reprovados; mas permittirá justamente, que por ella tambem sejam suas pessoas dos homens acanhadas, e desprezadas. E quando no publico não forem, fraca consolação he a da falsa reputação com reprehensão da propria consciencia.

Considerando logo as obras que fez, e doutrinas que ensinou nos derradeiros tres annos de sua vida, entenderemos alguma parte do que faria, e dos trabalhos que passaria em os trinta, pelas virtudes que exercitava, e honra de seu eterno Padre, que zelava, e pela salvação dos homens, que summamente desejava. No sermão do monte, onde este Senhor tratou da perfeita vida evangelica, e do perfeito entendimento, e guarda da lei de Deos, e onde está resumida toda sua doutrina: a primeira cousa que ensinou, foi a pobreza de espirito. E como o Senhor prégava o reino do Ceo, e não fallava palavras senão por peso, e medida, não se deve crer, que n'aquella larga doutrina, que n'aquelle grande, e alto sermão deo (que S. Matthæus escreve (*), e com tão meudas ponderações, que diz que alevantou seus olhos, e que abrio sua sagrada boca) começasse logo com chamar bemaventurados os pobres de espirito, dando-lhe o primeiro lugar na perfeição evangelica, e na gloria do reino do Ceo, que lhe deo por premio, senão porque esta era a sua amada companheira, em que nascera, em que vivera, e em que havia de morrer, sem recear, pela conservar, nenhum dos trabalhes que ella traz comsigo. Bem merece, na estima, e agradecimento, muito principal lugar a mercê que nos fez, em querer viver por nós pobre, e o muito trabalho com que exercitou a santa pobreza, pois d'ella tanto se prezou, que pera nascer, escolheo lugar pobrissimo, não proprio, mas commum; Mãi pobre pera o parir, carpinteiro pera o criar, pastores pobres primeiro que a todos, pera o adorarem, e offerta de pobres pera o offerecerem no Templo. Nos derradeiros tres annos de sua vida, nunca teve casa, nem lugar proprio pera descansar, como elle disse a hum que o queria seguir: «Sou mais pobre que as raposas, e aves. Porque as raposas, que todos aborrecem, tem covas, e as aves tem ninhos, e eu não tenho de meu proprio onde possa encostar a cabeça» (**). Vivia de esmolas, aceitava alheios gasalhados como pobre, e quando lhe faltavam, não se queixava, mas a terra a todos commum, era sua casa, e o Ceo seu telhado. Passava ás vezes com seus discipulos tanta mingoa, que os leva-

(*) Matth. cap. v. (**) Ibid. cap. viii.

va pelas searas colher as espigas, e debulhal-as entre as mãos pera satisfazerem sua necessidade(*). E quando quiz dar de comer a cinco mil homens que o seguiam, achou-se em sua despensa (que era huma pobre alcofa) pera todos seus discipulos, dous peixes, e cinco pães de cevada (**). Andava sem cajado nem alforge, mais que o que de esmolas lhe davam pera prover estreitas necessidades, sem ter cuidado do outro dia. Queria em sua companhia quem deixasse, ou vendesse tudo, e o desse aos pobres. Escolheo por discipulos os mais pobres do mundo. Vestia huma tunica branca de lãa tecida de agulha, e huma veste roxa de lãa grosseira (de que eu vi huma parte), e esta dizem que nunca se mudou, mas com elle sempre cresceo. Tem-se que andou descalço, posto que de seus Apostolos, diz São Marcos que calçavam alparcas (***). Finalmente com a santa pobreza em braços morreo nú crucificado, sem vestido, que já lh'o tinham jogado, e tomado os algozes, sem hum pucaro de agoa pera sua sede, sem ter onde reclinar sua cabeça, e descançassem seus membros pera morrer, e até huma cova pera o sepultarem, que até a mortalha, e sepultura depois de morto lhe deram de esmola. Por taes começos, e taes cabos da vida pobre, e trabalhosa d'este Senhor, podemos julgar, que os trinta annos quasi que viveo em casa de nossa Senhora, esta foi sua amiga, e inseparavel companheira. Com quanto trabalho esta santa virtude se exercita toda a vida, o sabem muito bem, os que não só com desapegamento interior das cousas temporaes, mas com exterior mingoa, e falta d'ellas, quando são necessarias, a passam, e padecem. Porque as necessidades de nossos terrenos corpos são continuas, e muitas, e o soffrimento da mingoa do necessario pera ellas, posto que seja voluntario, não deixa de ser mui penoso, e trabalhoso á fraqueza da carne. Mantinham-se n'aquella pobre casinha de Nazareth a Senhora e S. Joseph, com o Filho de Deos, pelo trabalho da carpintaria, e pela agulha da sacratissima Virgem, e como n'aqnella santa companhia se tratava mais do espirito que do corpo, o menos tempo da vida gastavam em grangear a comida, por gastarem a mór parte d'elle em exercicios da oração, e espirito, que he a força, e verdadeira sustentação da perfeita pobreza. Faltava muitas vezes a comida, e muitas mais era pouco guisada, e appetitosa, e sempre mui pobre, e pouca. E o movel de que mais tinham a casa pejada era a falta de todas as cousas temporaes que n'ella havia. A esta vida se poz, e offereceo, e aos trabalhos d'ella (de que

(*) Luc. cap. VI. (**) Marc. cap. VI. (***) Marc. cap. VI.

mais largo trataremos, no trabalho seguinte) a divina riqueza, e o mesmo thesouro de todos os bens soberanos, e o Senhor universal do mundo terreal, e celestial trinta e tres annos que n'este degredo viveo em carne mortal: sem ainda ter por propria a vida, e carne, que comsigo levou ao Ceo, pois em nosso proveito toda despendeo. E até hoje cada dia a dá em mantimento a quem a quer, pera mostrar que ainda a tem por mais propria (se assi se póde por encarecimento dizer) de quem a come, que sua.

Não se despendera tanto Christo nosso Senhor, nem metera tanto cabedal em dar exemplos d'esta virtude da pobreza, senão fora importantissima pera a perfeição christãa. Porque o principal intento de sua doutrina he, accender nos corações dos homens amor puro das cousas, pera que foram criados: porque n'este consiste a reformação de todos nossos males: os quaes todos se resumem em esquecimento das cousas eternas, e affeição das temporaes. Com a qual affeição pejado o humano coração nem segue as cousas da fé, nem emprega as esperanças em cousas altas, e divinas, nem dá a charidade, e o amor a quem só se deve, que he Deos. D'onde nasce que distrahida a alma d'estes seus naturaes, e proprios bens soberanos, por cuja medida lhe deo Deos a capacidade que tem, são todas as outras cousas, a que se inclina, e em que se emprega, tão pequenas, que por não ser nenhuma, nem todas juntas bastantes pera encher o lugar criado pera cousas divinas, e soberanas, quanto mais entulho de affeições terrenas lhe lança, tanto mais n'ella cresce a fome dos males, por onde se perde, e de que gosta, e mais alienada fica da estima, e amor dos verdadeiros bens, que a podem satisfazer. Assi entrando huns males chamam por outros, porque todos em tamanha casa tem lugar, e repartido o amor da alma em tantas partes, nenhuma outra cura tem, senão ajuntar todas as forças da capacidade espiritual da alma, a amar a hum só bem bastante pera a satisfazer plenariamente, que he Deos. Ajuntando todo o amor a hum, curam-se todos os males que a repartição d'elle accumulou na alma: reformam-se todas as perdas interiores, e apura-se o espirito pera a communicação, e participação dos dons soberanos, e divinos, pera que foi criada: que a alma não póde gosar, sem companhia de todas as virtudes. Sendo logo o amor da alma (espalhado ou unido) sua perdição, ou seu ganho: a virtude da pobreza de espirito, tem por officio alimpar a alma de toda a affeição terrena, e dispor a humana capacidade pera receber as riquezas do divino amor. Por isso Christo nosso Senhor, que não veio á terra

(como elle disse) senão acender o fogo do divino amor nas almas(*), deo o primeiro lugar á santa pobreza, como propria ministra, e executora d'estes seus divinos desenhos. E não só por exemplos perfeitissimos, mas por muitas doutrinas, trabalhou pela acreditar, e dar-lhe entrada em nossos corações. A isto atiram todas aquellas divinas palavras suas, com que dilata nossos corações, e os alevanta ás cousas soberanas, e nos assegura que nada nos faltará. Buscai primeiro o reino de Deos, que tudo o mais não vos faltará (**). Não tenhais cuidado do dia d'amanhãa: não sejais mui solicitos de vossas necessidades temporaes; vosso Padre celestial as sabe muito bem: e outras muitas a este modo, com que se obriga a tomar sobre si o cuidado de tudo o que nos cumpre, pera que nós o ponhamos todo n'elle. Esta he a verdadeira pobreza de espirito: a qual nosso Padre Santo Agostinho diz, que he a humildade (***): porque arranca a raiz da soberba, que he estima, e confiança de cousas baixas, como se foram divinas, que he principio de todo peccado. A esta diz que he proprio o primeiro dom do Espirito santo, que he temor filial de Deos, o qual como conhece que a humana criatura sempre vive sem Deos mingoada, não se atreve desapegar-se d'aquelle que só a enriquece, nem amar cousa com que o descontente: e por isso sempre apura, e alimpa o coração da affeição de cousas terrenas. N'esta se fundaram todas as Religiões. E posto que no modo algumas são differentes, no fim todas são iguaes, em desapegar, pelo voto da santa pobreza, o coração do amor de toda a cousa terrena, que possa pejar o lugar ao amor divino. E a santa Igreja approva por mais estreitas as Religiões, que mais aperto e estreiteza professam na separação do uso das cousas temporaes, porque estas julga por mais ricas da perfeição do amor de Deos, e mais aparelhadas pera elle. Assi que o espelho de eternas verdades, que em si tem os thesouros de todos os bens divinos, que as almas podem desejar, e de que são capazes, vindo á terra mostrar-se, e dar-se a conhecer, pera termos os terrenos mais perto, e a nosso modo mais tratavel, todo o nosso bem; assi entrou, viveo, e morreo pobre de tudo o que cá na terra temos em uso, que quando pozessemos os olhos n'este Senhor de tudo, não vissemos n'elle mais que a só elle. E assi vendo nós, que não achou elle na terra cousa com que se acompanhasse, nem que o merecesse, senão nossos corações, nos quaes sem toda outra cousa mais baixa que elle quer entrar,

(*) Luc. cap. XII. (**) Matth. cap. VI. (***) S. August. Epist. 120 de gratia doni testam.

nós tambem a toda, que fóra d'elle he tenhamos por indigna de nossos corações, e sem mistura de amor terreno o recebamos.

Segundo isto, na verdade pura, a pobreza de espirito, he carecer da affeição de todas as cousas pobres, e que não tem por sua baixeza preço, nem valia, pera estar cheio, e rico, do que não póde ter nenhuma justa valia, nem bastante estima. Allumiados os Santos n'estas verdades catholicas, se tinham por pobrissimos na abundancia das cousas terrenas, e por contentissimos na falta de todas ellas. Porque tendo experiencia de humas, e outras, viam, que nunca o homem está mais pobre, que quando todo seu cabedal não póde ajuntar cousa que não seja pobrissima. E taes são todas as cousas, que por muitas, e grandes que pareçam, nem por si cada huma, nem todas juntas podem satisfazer hum coração, que allumiado nas verdades, e mentiras das cousas, se não quer pejar, nem empregar senão nas verdadeiras. E porque estas são as que em Deos acha, com ellas se tem por rico, e com as outras, quanto mais cheio, mais pobre. E segundo esta verdade, parece que esta virtude por proprio nome se deve chamar riqueza de espirito. Mas porque se prêga, e ensina a gente, que com engano, e cegueira tem falsamente por riqueza abastança das cousas terrenas, por lhe fallarem por lingoagem que entendam, lhe chama o Senhor pobreza, sendo riqueza de espirito.

Regra, e experiencia he geral, que ninguem tem por muito o que faz, senão quem não tem condição pera o fazer, e quem a tem, nem com fazer muito se satisfaz. O liberal sempre tem por pouco o que dá, porque nem com dar muito satisfaz a condição, e o escaço que contra a condição dá, cuida que ninguem dá mais que elle, dando menos que todos. Pasma o goloso, e destemperado de hum dia que jejua, e pasma o temperado dos que deixa de jejuar. Cuida o impaciente, que ninguem soffre mais que elle, quando não mata pela mais pequena palavra que lhe dá desgosto, e cuida o paciente, que não sabe soffrer, se enxerga em si natural sentimento de injurias, e males que lhe façam. Tem o cubiçoso, que não ha outro Job no mundo se lhe falta o dinheiro pera o jogo, e pera suas demasias, e tem-se o pobre de espirito pelo mór avarento do mundo, se tem provisão pera suas justas necessidades, e assi he em tudo o mais. Pelo proprio entendimento, que sentimos as cousas em nós, as julgamos nos santos. Pasmamos da pobreza de S. Francisco os que estamos muito afferrados ás cousas temporaes, e pendemos muito d'ellas, e fazemos d'ellas cabedal. Os que gostaram de suas espirituaes ri-

na mingoa mais aparelhado pera conhecer seus erros, e fazer da necessidade virtude: e o avarento fica ardendo em cubiça do que não póde ter, e em maiores cuidados, e ancias de não consumir o que tem, e sempre de peior qualidade. E quando hum, e outro sem chegarem a estes estremos, se quizerem tornar a Deos, o prodigo tem meio caminho andado, porque não sente deixar tudo, e tem só por fazer chorar os males da vida passada, que muito depressa se purgam, e empregar-se logo em Deos. E o avarento tem muito que fazer, em se apurar de maneira, que não cuide que faz algo em deixar tudo por Deos. Porque como não póde vir a ser pobre de espirito, sem devéras, e de coração ser liberal, tem muitos barrancos que passar. Ao filho prodigo trouxeram suas perdas, depois de se ver desbaratado, á casa de seu pai, e ao bom estado; e o rico avarento o cuidado de não ter onde recolher o que tinha lhe tirou o coração do Ceo, e o sepultou aquella noite no inferno. Ao santo collegio de Christo não pôde ter entrada o mancebo que tinha muito de seu, e muita affeição do que tinha, ainda que por Christo foi chamado, e os que tudo liberalmente deixaram, foram d'elle agasalhados, e alevantados. Por onde julgo, que o que no estado secular quizer ser pobre de espirito, se vele da prodigalidade só pera evitar a desordem do despender, e cortar os intentos da vaidade, e se desvele em fugir da avareza, que embucha o espirito, e o faz enfastiado, e incapaz de todos os bens do Ceo, e o enterra no centro de toda baixeza.

Do outro segundo estado dos pobres de espirito, que por voto renunciaram a propriedade dos bens temporaes, muito ha que dizer: mas como tenho n'este capitulo o pobre Jesu entre mãos, espelho d'esta heroica virtude, e capitão d'ella, e não fio de mim, que na obrigação que tenho de minha profissão, o tenha satisfeito n'esta parte, e servido. Isto só por mim, ou contra mim, e todos os de meu estado, digo, que o nosso fim n'esta santa pobreza, o nosso premio, a nossa riqueza, e o nosso thesouro he Jesu, e por isso elle he o retrato de nossa vida, e a quem havemos de imitar. Elle he o livro de dentro, e de fóra escrito, que vio o Profeta pera quem com puro desejo o quer contentar, porque em tudo lê, e vê n'elle as puras verdades, que em si ensina aos seus pobres de espirito. E pera os que não se querem desapegar de coração, do que por amor de Deos deixaram, he o livro cerrado, e sellado com sete sellos, que vio S. João no Apocalypse, que o Cordeiro Jesu abrirá, e revelará aos humildes, e encobrirá aos soberbos. Porque a experiencia

nos mostra, que não ha mais cega gente, que a que professa pobreza de espirito, se não guarda sua profissão. Mais afferrados são a suas pouquidades, que tem a seu uso: mais se inquietam pelas haver, mais murmuram se lh'as negam: mais se desconsolam se lh'as tiram, que os avarentos em todos seus thesouros. O qual he huma grande desaventura do nosso estado, porque quanto mais pequenas, e baixas são as cousas, porque perdemos nossa quietação, e a pureza do amor de Deos, mais afastados estamos d'elle, e julgados ante seus divinos olhos, por menos dignos de seu amor, e de suas espirituaes mercês: porque elle disse que quem no pouco não he fiel, menos o será no muito. Por isso com licença de todos de minha profissão, affirmo que he impossivel ser pobre de espirito o Religioso que não trata da oração, e conversação de Deos, onde o amor divino se apura, e desapega do que impede sua divina communicação. E posto que pera a consciencia satisfaçam com não ter proprio (se de verdade no coração o não tem) pera a perfeição d'esta heroica virtude, e pera lograr as riquezas da pobreza de espirito, pera que foram chamados, estão mui indispostos, e nunca lá chegarão, sem conversação d'aquelle que comsigo gasta todas as affeições da terra: o qual se communica na oração, e interior recolhimento, pera o qual as Religiões se ordenaram. Praza a Deos que n'elle, e com elle se conservem.

D'estes dous estados de pobres de espirito se póde entender o que disse S. Paulo (segundo o declara nosso Padre Santo Agostinho) (*) que sobre Christo nosso Senhor, que he pedra fundamental de todo o espiritual edificio, huns edificam palha, e feno, outros edificam ouro, e prata, e pedras preciosas. Estes achar-se-hão depois com tudo o seu salvos: os outros salvar-se-hão, mas como que escapam do fogo. Isto he: que o pobre de espirito, que tudo renuncia, e com isso exercita todas as virtudes, com toda esta mercadoria, e pedraria se salvará, fundado com amor sobre a pedra Christo. E os que com uso, e posse de bens temporaes, que são cousas que o fogo no dia do Juizo ha de gastar, e se fundaram em Christo, guardando a sua lei, salvar-se-hão: mas ficando-lhe cá tudo o que temporalmente possuiram consumido, e como quem se podera perder, e queimar n'estas cousas, se usára mal d'ellas, as deixará pera arderem perdidas, e escapará quasi do fogo, e sem ellas se irá a Deos. Por onde, já que como diz S. Paulo passa a figura d'este mundo, sejamos (como elle de si diz) (**) Jesu nossa vida, pera que seja a morte ganho.

(*) August. Tract. 36. in Joann. (**) Ad Cor. cap. VII.

Exercicio da pobreza de Jesu.

Thesouro de soberanas riquezas, e glorias, abastança perfeita de todos os que vos desejam, Jesu, meu Deos, meu Rei, meu todo poderoso Senhor, meu unico bem, e toda minha grandeza, conheça-vos meu coração, e entenda meu espirito com vossa luz os desejos d'esse vosso amor que me tendes. E fazei-me vós amar o que me dais a entender, pera que conformando meu coração com o vosso, vivais em mim, e eu em vós. Dou-vos infinitas graças, por quererdes vós ser o meu bem todo, e toda minha riquissima bemaventurança. Em vós tudo tenho seguro, porque sois tão alto, que nenhum mal vos pode chegar, tão poderoso, que nenhuma cousa vos pode faltar, tão rico que nenhuma miseria pode em vós haver. Mais tendes do que sei entender, mais prometeis do que sei desejar, e em tudo sois maior do que sei comprehender. E em vós, onde se pode minha alma alargar, e satisfazer, assi pozestes toda minha perfeita bemaventurança, que fóra de vós não possa achar senão pura miseria. Pois, Senhor, se vós assi o quereis, como posso eu querer outra cousa? Aceito esta tão incomparavel mercê, ensinai-me vós a vos saber desejar, amar, e possuir; desapegai meu coração de toda a cousa terrena, tirai de mim o sabor de tudo o que a vós me não alevanta, e chega: desenterrai meu espirito de toda a baixeza, que até aqui me prende, apurai a capacidade d'esta alma, que por vossa medida fizestes, pera que vós só sejais em mim o que quereis ser, e eu a só vós, todo meu bem, sempre suspire, e abrace. Oh todo grande bem meu! Oh que seguro todo! que infinito! que grande! que soberano bem; e quam verdadeiramente meu! Todo sois meu, porque nada de vós me negais: grande, porque sois divino; bem, porque sois fonte de bondade: e esse meu sois tão proprio, que nenhuma justiça, nenhuma razão, nenhuma força me pode tirar de vós, se eu não quizer. Derreta-se toda minha alma em vós, afferre-se todo meu interior a vòs, empreguem-se todas minhas forças em vós, pois nem posso querer mais bem, nem he bem que imagine, que o posso ter fora de vós. Arreigai, Deos meu, em mim vosso amor, pera que me não aparte de vós o peso da carne, nem me leve apoz si a corrente peçonhenta das cousas d'esta miseravel vida, nem me cegue, e prive de vossa luz nenhuma affeição terrena. E pois sois todo meu bem, não me falte este tamanho bem, que he defenderdes-me do que de vós me tira.

Dou-vos infinitas graças, Deos meu, que pera me livrardes de tudo o que de vós me aparta, não quizestes n'esta vida ter nada de vosso, porque quando pozesse os olhos em vós, não visse em vós mais que a vós, a quem devo todo este coração, e que só mereceis todo o amor d'esta alma. Tudo quanto ha no Ceo, e na terra, vosso he, tudo á vossa obediencia, e mandamento se move, e se governa, e nem podeis deixar de ser Senhor de tudo, e se vivendo n'esta vida trouxereis tudo em vosso serviço, nem vós com isso foreis mais rico, nem eu podera d'ahi tomar justo exemplo pera querer ter muito do temporal, porque eu desejava o alheio, e vós reinarieis no vosso proprio. Mas nem do vosso quizestes, Senhor meu, justamente usar, pera que minha cegueira se não enganasse comvosco. Nu nascestes, mingoado de tudo vivestes, nu morrestes, e voluntariamente tudo o vosso proprio renunciastes, pera viverdes no meio do vosso pobre, e sem nenhum bem temporal, nem huma pedra pera encostar a cabeça, nem hum palmo de terra pera vossa sepultura. Se vos faltava o comer, soffrieis como pobre, se vo-lo davam agradecieisl-o como pobre; se não tinheis que calçar, andaveis descalço: se vos não davam esmola, não vos queixaveis; em fim, se vos tiravam os vestidos ao pé da Cruz, soltaveis-los como alheios; e se vos faltava na Cruz onde morrer descansado, soubestes com paciencia morrer sem descanso, e desamparado, e sem vos queixar, como quem não tinha nada de seu. Oh meu pobre Jesu, tudo vos falta na terra, onde sois Senhor de tudo? ou enjeitais tudo, pera que vos falte tudo, e eu em vós não ache cousa, que se pareça, nem que me saiba a vós, senão a só vós? Esta humanidade de tudo pobre me deixais cheia de riquezas de vossa divindade, Filho de Deos vivo, e filho de Adão verdadeiro, sem mais nada que o vosso, e o meu natural, pera que n'este ajuntamento em puro amor, sem mistura d'outra terrena cousa, das que vós enjeitastes, viva eu em vós, e de vós. Adoro-vos meu unico, adoro-vos meu perfeito bem, e minha singular riqueza. Ah Senhor meu, havei de mim misericordia: compadecei-vos de minha baixeza, e bruteza. Que vos tenho a vós de tudo desapegado, pera que todo me empregue em vós, e eu miseravel deixo-vos, e ando pegando do que vós enjeitais. Com fome canina ando pelos monturos, cuidando que me posso tratar fora de vós, com cousas, que em vós não vejo. Sempre como cão, ou animal baixo, pego do peior, e do enjeitado. Que bem me pode dar o mimo do corpo, que enjeitastes; o favor dos homens, que desprezastes; a abastança do temporal que re-

nunciastes; os cuidados, e occupações terrenas, que de vós sacudistes; a honra, e tudo o mais de que vós fizestes pobre? Vós a quem tudo era devido, a quem nada podia empecer, julgastes por melhor a mingoa, que a abastança de tudo por amor de mim, e eu tenho-me por mofino na alta d'essas cousas, e por ditoso na demasia d'ellas, sem entre ellas vos ter a vós. Oh cego de mim, e miseravel; as temporalidades enfeitiçam-me; roubam-me a affeição, e levam-me o amor que vos devo, fazem-me pobre de vós, e de vossos bens divinos, e purissimos; derribam-me em lodos torpissimos, e cuido todavia que sou pobre, quando tão peçonhentas cousas me faltam: e cuido que sou alguma cousa quando as tenho. Oh bom Jesu, por isso vos não sei amar, nem estimar, porque troco o amor, e estima que vos devo, e o dou ao que vós não quizestes, que tivesse lugar em vossa companhia. Se nada do que amo se acha em vossa morada, como vos hei de achar na minha chea de amor do que vós da vossa lançastes? Oh bondade infinita, que não quereis a morte do peccador, mas que se converta, e viva, que posso eu sem vós fazer? Vós não quizestes ser pobre, pera que me faltasse alguma cousa em vós, mas pera que soubesse que não posso ser rico senão de vós. Isto que vós quereis, he o que essa vossa pobreza ha de fazer em mim? Vós vedes que quando alguma cousa da terra com affeição possuo, ou com desejo desordenado procuro, alli tenho o sentido, alli emprego o gosto, áquillo dou as horas, e o cuidado, por aquillo me inquieto. E em quanto assi estou, não me lembrais, esquecem-me as horas de orar a vós em espirito, e verdade, esquece-me a obrigação que tenho de vos amar, dou de mão ás espirituaes mercês, que desejais de me fazer. E o que sem vergonha não devo ante vossos olhos confessar, que d'esta maneira mesma me embebo em qualquer cousa de meu appetite, quer seja muito pequena, e meuda, quer das que no mundo avultam e montam muito. E quando triste de mim me quero lembrar de vós, acho-me preso, e cativo, e que não sei alevantar os olhos a vós; prende-me hum brinco como menino, hum appetite como doente, hum gostosinho, não sei como que. Porque tal sou, que minhas baixezas não tem nome, nem tem ser, nem tem mais que peçonha pera me matar, cadeas pera me prender, e cordas pera tirarem por mim não sei como, mas sei que me apartam de vós. E o peior he, que pelo descuido disto não vejo peccados, e tentações, e inquietações da vida, em que sem o sentir caio, senão quando me acho perdido, e sem forças: vós o vedes, e ponderais, que só o podeis curar. Oh po-

bre redemptor meu, havei piedade d'estas pobrezas: estas são as que vós não quereis que eu tenha, estas vos aborrecem em mim, porque por ellas vos perco. Confesso, que nem desapegar-me, nem renunciar tudo como me cumpre, sei. Mas tal qual vós me vedes, me lanço a estes vossos pés. Desatai vós minhas prisões, desatai estes nós, e laços d'estas terrenas affeições, dai hum forte espirito, e desamor de tudo o que vós na vida enjeitastes, e ajuntai todos meus cuidados em vós: pois sois o verdadeiro remediador, e medico d'esta alma.

Divina luz, e rica bondade d'esta pobre alma, ouvi, Senhor meu, e respondei ao interior d'esta alma: falai-me, palavra eterna de Deos, e ensinai meu desejo, que de vós quer aprender. Por ventura, Senhor, estando tão enjeitador de tudo, e tão amigo de viver de tudo mingoado, lançais tambem meu coração, e quereis tambem viver pobre d'elle? Ah coração de meu coração; ah alma da minha alma, ah vida da minha vida, este meu cego coração me diz que não, e não m'o diz, senão porque vós lho ensinais. De tudo vos despejais, pera que eu só tenha entrada, de tudo vos sacudis, pera estar despejado pera mim. De tudo vos fazeis pobre, pera que este coração supra o lugar de todas essas mingoas. De mim vos quereis manter, de mim vestir-vos, em mim reclinar-vos, de mim satisfazer-vos, quando tudo vos falta. Pera isso sois pobre, pera que todo o pobre coração cuide, que pode ser vossa choupana, e gasalhado. Vinde Jesu meu, vinde pobre meu, reclinai aqui vossa cabeça n'este pobre coção. Agasalhai-vos no ninho d'esta alma. Lembrai-vos, Senhor, que quando vivieis no mundo tão pobre, Mattheus publicano vos convidou á mesa de peccadores, tão pobres como eu de vossos bens, e entre elles aceitastes, tão contente, gasalhado, que vos não dava dos grandes que vo-lo tachavam (*). Então Zacheu peccador desejou de vos ver, e pera que vos visse á sua vontade, vos offerecestes a ir receber seu gasalho, e santificastes aquella casa (**). A Magdalena vos foi buscar huma vez á casa alheia donde foi santificada, e vós d'ahi por diante a sua buscaveis jà como vossa (***). Quando tudo enjeitaveis, chamaveis a todos os carregados, todos os embaraçados, todos os apartados de vós, com promessas que a todos recrearieis. Só de ser amado de nossos corações estais faminto, e desejoso; e de tudo o mais (pera isso) falto, e mingoado. Pois Senhor, quem me detem? Quem me tira não ter hum lugar apar de vós? He verdade que não sou digno, que vós entreis n'esta alma, mas vós não ti-

(*) Matth. cap. IX. (**) Luc. cap. XVIII (***) Luc. cap. VII.

vestes conta com a minha baixeza pera deixardes de me chamar a vós. E quando dissestes, que na Cruz tudo levaveis a vós, não me tirastes a mim de fóra. Pois Senhor, já que eu não sou menos vosso, que todos estes, como a mais errado, e mais cego, que não sei onde, e por onde hei de hir, vinde vós a esta alma, que n'esta hora vos deseja; e se ha de ser em alguma hora seja n'esta; bastem minhas pobrezas, e perdas passadas. D'esta hora pera sempre vos acompanhai com este coração. Ah meu Senhor, e verdadeiro bem, olhai que nenhuma sorte de pobre enjeitastes nunca. De santa pobreza nascestes, e Santo pobre vos criou, em casa pobre nascestes, e em pobre Cruz morrestes; pastores ignorantes, e pobres escolhestes, e discipulos imperfeitos pobres chamastes; peccadores espiritualmente pobres conversastes, e entre dous ladrões pobrissimos de virtudes acabastes. Todas as pobrezas vos contentaram, e aceitastes por companheiras; humas pera as exercitardes, e outras pera as curardes, e enriquecerdes. Pois como posso eu ficar de fora? Eu sou mais pobre de bens que os ladrões; pera vós sou pobre, pera vós bom Jesu, e pera vossa companhia tenho já justa acção; recebei-me pobre Senhor, á vossa companhia, curar-me-heis, enriquecer-me-heis, possuir-me-heis, e santificar-me-heis: amar-vos-hei, e em mim vos glorificareis.

Oh meu pobre Senhor, e meu pobre Salvador, pobre vos vejo, mas não sei que sente este meu pobre coração, que não me posso apartar de vós, e não sei que grandezas vejo n'esta vossa pobreza. Eu as adoro quanto posso, dai-me vós que as ame quanto devo. Tudo o de que vós estais pobre, empobrece as almas que o possuem com affeição desordenada. E os que por vosso amor nada tem, nem desejam, vós os tendes riquissimos, e contentissimos. As almas dos vossos pobres estão cheias de luz allumiadas em vossos segredos, sabias sem outro mestre senão vosso espirito: riquissimas de divinos bens, que se não podem dizer, nem cuidar; contentissimas, sem cuidado que as perturbe; e em perpetua paz, e socego, com corpos na terra conversam o Ceo, e em corpos de barro tem vida, e excessos angelicos. O gosto, e o contentamento que os mundanos cegos buscam, e não acham, estes os tem. O senhorio de tudo elles, sem ter nada, o possuem; a alteza de coração entre miserias terrenas elles sós a conhecem, e gozam. O poderio contra todo inimigo só elles como proprio o usam. Aos olhos do mundo bichinhos despreziveis, aos vossos divinos são principes, e senhores. Enfastiados, e enjoados de quanto no mundo se estima, e sendo tambem pera o mundo o mesmo

fastio, sempre vivem em vossos espirituaes banquetes, não querem outros manjares senão os celestiaes. Oh quando bom Jesu, desapegado de tudo, contente, e rico de vós, alagado na abastança de vossas riquezas, vos dirá todo meu coração: Padre meu, riqueza minha, fartura minha, bemaventurança minha? He verdade que sempre o sois de verdade, mas meu coração o não sente, senão quando lh'o vós fazeis sentir. Quando chega o vosso toque interior, que tirais as nevoas a esta alma, e gastais todos seus terrenos desejos, oh com quam differente conhecimento vos diz então sabendo, amando, e desejando o que diz: Deos meu, amor meu, riqueza minha, consolação minha, e toda minha satisfação. Porque então deveras gosta de vós como do seu, porque não tem outra cousa sua no coração senão a vós.

Foge de mim terra, deixai-me terrenos pensamentos, afastai-vos de mim amigos, cuidados, desejos, pouquidades terrenas, deixai-me abraçar com o meu pobre Jesu, com o meu pobre Jesu, com o meu amigo Jesu, com todo meu bem Jesu. Oh, oh Jesu! Oh, oh, oh Jesu! oh, oh meu, oh amor meu!

In te Domine speravi, non confundar in aeternum: In justitia tua libera me(*).

Em vós, meu bom Jesu, tenho toda minha confiança, meu ser, e minha fortaleza; em vós estribo, em vós perco de tudo o medo, nem me poderei de vós correr, nem nunca envergonhar-me de vos ter amado, crido, e de ter tudo por vós deixado. E quando tudo for contra mim, vós, meu pobre Jesu, sahireis por mim. Vossa bondade, que approvou a pobreza de espirito, e com ella me enriquece, essa me livrará de todo mal, de toda fraqueza, e de toda perturbação.

Inclina ad me aurem tuam: accelera, ut eruas me.

Ouvi, Senhor, os brados d'este coração, dai ouvidos aos desejos d'esta alma que vos deseja, apressai-vos a me livrar de tudo o que de vós me aparta, e que no mundo me engana. A vós escolho por minha soberana ri-

(*) Psalm. xxx.

queza, confundi vós todas as cousas que querem cegar esta luz, pera de vós me apartar, e me tirar este rico thesouro.

Esto mihi in Deum protectorem, et in domum refugii: ut salvum me facias.

Sede vós o meu Deos, pois o sois, nem me deixeis amar outra cousa, com o amor que a vós devo meu Deos. Sede vós meu Deos, sede vós meu amparo, pois o sois, e não me deixeis confiar em outra cousa. Sede o meu couto, e o meu refugio, e a minha salvação, pois vós só tendes pera tudo bastante poder, bondade, riqueza, fortaleza, e largueza.

Quoniam fortitudo mea, et refugium meum es tu:
Et propter nomen tuum deduces me, et enutries me.

Quando vós me mandastes imitar-vos, e por vosso amor deixar tudo, bem sabieis minha fraqueza: mas então vos obrigastes a serdes vós minha fortaleza; obrigastes-vos a serdes o meu refugio em todas minhas necessidades; obrigastes-vos a não terdes respeito a meus merecimentos, mas á grandeza de vosso nome, de vossa bondade, de vossa misericordia, pera me guiardes, e me sustentardes como quem sois, e não como eu mereço.

Educes me de laqueo hoc, quem absconderunt mihi:
Quoniam tu es protector meus.

Seguro vivo, bom Jesu, n'esses braços, seguro n'esse amor que me tendes, que me livrareis dos laços, que a minha fraqueza meus inimigos armam; porque não quizestes vós, que vos tomasse por meu protector, e defensor, senão pera não haver medo de minha carne, quando com a mingoa, e pobreza se queixa, nem de minha fraqueza quando desespera de poder com a necessidade; nem do mundo, quando me despreza, e me tem por enganado em vos seguir; nem do demonio quando variamente me tenta; porque quereis que amando-vos, e imitande-vos, em vós viva seguro, que pera tudo o que mandais dais graça, e pera me defenderdes dos inimigos sois todo poderoso.

In manus tuas commendo spiritum meum.
Redemisti me Domine Deus veritatis.

Pois Senhor, e Deos meu, com todas minhas miserias, pobrezas, peccados, fraquezas, e com todos os desejos, que de vós me dais, e com tudo o que me inspirais, n'esses vossos paternaes braços me lanço, n'essas mãos, que me formaram, me ponho. Este espirito, que á vossa imagem, e semelhança criastes, vós o reformai com a sabedoria, que me ensinastes. Vós Salvador meu, me redemistes de meus peccados, não só morrendo por elles, mas ensinando-me, como Deos de verdade, verdades, que o mundo não conhece. Dai-mas a conhecer, e sentir, assi como quereis que as entenda; fazei-mas amar como quereis que as deseje, fazei-mas pôr por obra como quereis que as siga. Não falte essa mão poderosa, que me fez, sem a qual nenhum bem posso; porque ajudado d'ella, pobre, e desapegado de tudo o que d'ella me aparta, viva só dos bens, e riquezas de espirito, que ella em si encerra, e de si communica.

Oh Sacratissima Madre de Deos, pobrissima imitadora da pobreza de Jesu, e riquissima thesoureira dos thesouros de sua graça; não sois Senhora, e mãi de pobres pera enjeitardes os pobres peccadores. Favorecei-me, Senhora, com o espirito, que por pobreza, tantas riquezas nos deo. Ajudai, corte celestial, a este pobre com vossa virtude a desamar o temporal, pera conversar, e merecer vossa celestial companhia. Amen.

TRABALHO XII

Aspereza da vida.

Vida de pobreza voluntaria tem ordinariamente annexa a si a virtude da penitencia na aspereza, e rigor com que são os corpos tratados. Porque os Santos, que foram pobres de espirito, e os que o foram de espirito, e corporalmente tambem, carecendo dos bens temporaes, cuja posse por amor de Deos renunciaram; pera se assegurarem dos laços, que o Demonio, e a natureza arma contra esta virtude, ajuntaram a ella aspereza de vida, e penitencia, cada hum a seu modo, e segundo suas forças, mais ou menos, pera fazerem servir o corpo ao espirito, e o enfrearem, em os appetites de suas demasias, e pera exercitarem melhor com a corporal mortificação, o que o Senhor ensinou de aborrecer o corpo pera salvar a alma. Não faltou esta virtude na perfeitissima vida de Christo nosso Senhor. Porque dado caso que elle nenhuma necessidade tinha de mortificar sua carne, que trazia sujeitissima, e obedientissima ao espirito: todavia, não deixou de como veio á terra ensinar em si a forma de todas as virtudes, não deixou de dar de todas perfeitissimos exemplos, e d'aquellas muito mais, que nos erão mais necessarias, posto que á magestade de sua pessoa parecessem mais improprias.

E como tinha tomado sobre si a satisfação de nossos peccados, assi como em sua paixão não perdoou a nenhum tormento, assi em toda sua vida lançou mão de todas as penas rigorosas, e trabalhosas obras de virtudes com que pôde affligir sua sacratissima humanidade. Via como Redemptor de peccadores quam necessaria lhes he a virtude da penitencia, e por isso já que a interior, que he dor de peccados proprios, não cabia em sua soberana pureza, não quiz deixar de nos ajudar, e ensinar, e provocar a nos abraçar com ella (como huma saudavel taboa na tormenta, e naufragio) tomando sobre si a parte exterior d'ella, da aspereza da vida, pera enriquecer com a riqueza da sua a pobreza de merecimentos da nossa, e com sua perfeição santissima.

Muitos santos fizeram vida muito mais aspera que Christo nosso Senhor; como vemos em S. João Bautista, que nem vestia, nem comia como homem, e assi n'esta parte era tanto mais admiravel aos ignorantes olhos do povo (que costuma ser baixo ponderador da verdadeira

valia das cousas) que os cegos, e perversos Fariseos tachavam a Christo nosso Senhor, que comia, e bebia vinho, e era amigo de mesas de peccadores. Mas dado caso que este, e outros muitos Santos excedessem a nosso Senhor no rigor da vida, nem com muitas, e muito grandes partes lhe chegaram na perfeição d'ella. Porque a virtude da penitencia fazia nos Santos mais baixo officio que em Christo nosso Senhor. Porque nos Santos enfreava brutezas da natureza, castigava desordenados appetites d'ella, cortava as más raizes de desordenadas affeições, que he como officio de cirurgia de chagas proprias, e em Christo sem nada d'isto dava efficacia á penitencia dos Santos pera poder fazer o que elles pertendiam: porque com suas obras penaes merecia riquissimas graças, e riquezas do espirito, e da gloria pera os penitentes. O fim, e perfeição d'esta virtude nos Santos he; dispor a alma pera a pureza do amor de Deos, e ajudal-a a conservar n'ella, e em Christo nosso Senhor procedia já de perfeitissimo amor, e era demonstração de sua infinita charidade. Em fim (por me mais não alargar) he a penitencia nos Santos cauterio de peccadores, e no Redemptor he unguento de peccados, e por isso cumpria que nos Santos, como peccadores, fosse mais rigorosa, e em nosso Redemptor mais exemplar, e imitavel. Por isso este Senhor não se quiz mostrar soberano senão nas cousas, em que não podia, nem queria ser de nós imitado (como na magestade dos milagres que fazia, e authoridade com que ensinava, e fazia suas obras) mas nas cousas em que nos obriga, ou provoca a sua imitação, viveo mais acommodado ao commum modo de vida santa no exterior, sem grandes extremos, pera não espantar nossa fraqueza, e sem nenhuma relaxação, pera enfrear a desordem de nossa natureza. Seu vestido era de lãa, sua comida sem nenhuma appetitosa invenção de sabores; a mais ordinaria, pão, e este pela maior parte de cevada, e agoa. E quando por gasalhado aceitava outra cousa, acabado elle não sahia do curso de seu rigor. Sua cama era o chão, sua cabeceira qualquer cousa dura. Não tomava mais somno, que o que rigorosamente bastava pera sustentar a humana natureza, em cuja sustentação não queria usar de milagres, por não desfazer no credito da verdade de sua humildade. Mas posto que como humano muitas vezes o corpo se quebrantasse com a dureza do chão, e largueza das vigilias, não dispensava com elle, mas o fazia, como a obedientissimo servo, padecer todo o trabalho, que n'estas cousas por nós queria passar. Na oração era larguissimo de dia, o de noite; nos jejuns mui con-

tinuo, e nos outros exercicios de aspereza em soffrer frios, e calmas, e nos mais mui rigoroso comsigo. Se usou nosso Senhor de cilicios e disciplinas, não affirmo, porque não está d'elle escrito tanta miudeza; mas não ouso a negal-o. Porque foi elle tão largo em se deixar atormentar por nossos peccados com muitos açoutes, escarneos, e invenções novas de tormentos, que se pode cuidar de seu amor, que não seria escasso em affligir seu corpo de toda a maneira, que seus servos com seu espirito haviam de fazer. E se todavia a alguns parecer mais duro, e improprio ao Senhor disciplinar seu corpo, que affligil-o com fomes, e frios, e calmas, feitos pera isso á sua mão, não porfio, mas aconselho-lhe, que trabalhe por alcançar do Senhor perfeito amor seu, e quando chegar com amor a lhe não parecer nada difficultoso em si, por ventura tambem lhe não parecerá nenhuma d'estas cousas ao amor do Senhor improprio, e impossivel. E quando isto lhe faltasse bastára, que lhe não faltaram os mais trabalhos corporaes da vida rigorosa, e apertada, que passou sem nenhum regalo, nem descanso, não digo desordenado, mas ainda muitas vezes do estreitamente necessario. E isto com continuação de trinta e tres annos: pois nem nos de menino viveo sem mingoas, e pobreza: nem nos derradeiros, em que se manifestou ao mundo, acrescentou mais largueza. As miudezas d'esta trabalhosa, e rigorosa vida de tantos annos do Senhor, quanto menos se sabem, e se podem dizer; tanto mais obrigam a o ter por espelho de vida, e do amor, que se lhe deve: porque quem nem toada d'estas suas obras quiz do mundo, não deve de querer, que seus servos vivam muito regalados n'elle, porque lhe não leve nenhuma cousa do mundo muito pequena parte do cuidado, e amor que lhe devem.

Quanto, e como deve ser o Senhor n'esta virtude imitado, não he facil de declarar; porque como na necessidade d'ella, e forças corporaes não são todos iguaes, não se podem pôr regras geraes. Todavia podemos ter algumas balizas (que abaixo apontarei) pelas quaes com a virtude da discrição ordenemos nossa vida, de maneira, que nem por excesso, nem por relaxação erremos. A principal parte da virtude da penitencia, que he interior dor, e sentimento dos peccados commettidos contra Deos, e odio d'elles, que he obrigatoria a todos os peccadores, nunca pode ter estremo, nem excesso. Porque esta, com crescer na alma a luz divina, cresce quanto mais cresce o amor de Deos: e nunca n'esta vida pode ser o peccado feito contra Deos totalmente conhecido, e aborrecido. Assi

como não pode Deos de todo, quanto merece, ser amado. Satisfaz-se Deos por sua bondade, e misericordia, com cada hum o conhecer, e aborrecer conforme a luz, e graça, que de Deos recebe. E isto he obrigado cada hum a procurar com sacramentos, e espirituaes exercicios: porque não he a negligencia n'esta parte sem perigo da salvação. Não deve ninguem de cuidar de si que tem alcançado esta virtude, se o conhecimento do peccado não tira a occasião d'elle: ou se a confissão d'elle não he inteira: ou se a faz a confessores, de que se cuida que os não entenderão: ou que terão mais brandura pera dissimular com o rigor, que a cura, e emenda d'elles há mister: muito menos se o arrependimento, e confissão não enfreia a soltura, e inclinação aos peccados. Porque tudo isto são indicios que está o amor dos peccados arreigados na alma, e que se não sentem de raiz. Pelo qual a experiencia ensina que na idade de mancebos, até com os annos, e discurso das cousas quebrarem, pouquissimos são os verdadeiros penitentes: porque são mui contados, os que deveras aborrecem suas inclinações más, e culpas. Sinaes de verdadeira penitencia são (como diz S. Jeronymo) quando a dor da culpa desconsola, e atormenta, como contentou o gosto de a commetter (*): e (como diz Santo Ambrosio) quando o odio d'ella faz o homem soffredor de affrontas, e injurias por satisfação do que a Deos fez (**); e (como diz Taulero) quando a alma de verdade, e com voluntaria sujeição não quer de Deos menos o castigo, e pena, que o perdão d'ella, e esta he perfeita. Bem verá cada hum em si por estes sinaes, se sabe exercitar esta virtude. E por quam difficultoso he isto de alcançar, diz a divina Escritura: «Nunca estejais sem medo do peccado perdoado.» E isto diz, porque não torne a peccar com seguro do perdão já recebido do peccado passado. Não porque deva de cuidar, que ha de tornar a demandar Deos o peccado, que huma vez com misericordia perdoou, mas porque já que n'esta vida ninguem (sem certa revelação) pode ser certo, que lhe tem Deos perdoado, nem pode ter mais que confiança da fé (com que se deve quietar) fundada em santas conjecturas de ter usado com bom animo dos meios que Deos no deo pera isso: não deve ninguem de fiar de si, que tem com elles cumprido tão deveras e tanto de coração, que possa viver seguro, e sem medo de lhe ficar sempre que chorar pelas culpas commettidas, e velar-se muito das más inclinações, que com a penitencia não se consumiram, pera não commetter outras. Porque assi como vemos que todavia depois

(*) Hier. tom. IV. Epist. ad pœnitentes. (**) Ambr. Lib. II da Pœnitent. cap. 6.

de arrependidos, nos provocam a mal, assi sempre com humildade devemos presumir de nós, que não as aborrecemos tanto, que baste a dor, e aborrecimento pera as enfrear, e purgar o mal, que em nós deixa a experiencia dos peccados commettidos. E isto he o que os Santos dizem, que a penitencia ha de durar toda a vida (*): porque he tamanho mal a culpa, que ninguem deve de cuidar de si, que satisfaz com menos de choral-a, e sentil-a até a morte. Porque como Deos nunca perdoa o peccado com desobrigar do aborrecimento d'elle, em quanto dura esta obrigação, devemos de sentir tel-o commettido, que he toda a vida. Vemos por nossos peccados isto muito ao contrario nos Santos, e nos distrahidus: que os muitos penitentes Santos, quanto mais tem satisfeito pelas culpas, menos se satisfazem da dor, e sentimento d'ellas, e de as chorar, aborrecer, fugir, e haver d'ellas medo. E os que mais friamente as conhecem, e mais tarde as confessam, mais confiados vivem, que são perdoados: e assi vivem muito mais descuidados em fugir, e evitar peccados. Cotejem-se estes com o que Christo nosso Senhor fez, e padeceo por lhes merecer o perdão d'elles, e satisfazer ao Padre Eterno, e aqui verão quanto mais temerosos, que confiados devem viver com tanta frieza, e descuido de os chorar, emendar, aborrecer, e evitar os azos d'elles. N'este divino espelho de toda a perfeição verão os tres sinaes, que acima pozemos, da verdadeira penitencia, postos em execução tão perfeitamente por nossos peccados, que não podera mais fazer por elles, se foram proprios. Verão que não pode nenhum desenfreado peccador ter tanto gosto nos peccados, que commette, quanto sentimento e tristeza o Senhor tomou por elles. Verão, que o aborrecimento das offensas, que a Deos fazemos, e a satisfação d'ellas o fez tão soffredor de injurias, e affrontas, quanto nenhum vanissimo peccador póde ser appetitoso de honras. Verão, que não quiz do Padre Eterno o perdão de nossas culpas de graça, senão com rigor de justos merecimentos, penas, e castigos tormentosos, que lhe offereceo por ellas. E por que não fiou das más inclinações nossas, que seus trabalhos aproveitassem a todos, deixou a virtude d'elles nos sacramentos, e santificou as obras penitenciaes com as suas, pera que tivessemos continuos, e presentes os remedios, os que somos continuamente combatidos da inclinação dos peccados. Pois parece-vos, que se este verdadeiro conhecedor, e ponderador da graveza de nossos peccados, vivera n'esta vida mortal até o fim do mundo, que dei-

(*) Greg. Lib. vi. cap. 22.—August. De vera et falsa poenitent. cap. 13.

xara nunca o officio de chorar os peccados dos homens, e os perigos em que vivem, de os commetter? D'aqui aprenderemos estas duas verdades: Que com viva fé confiemos da bondade d'este Senhor, que nos perdoa, quando a elle nos chegamos arrependidos. E que com isto quer do amor que lhe devemos, que toda a vida nos doa havel-o offendido, pera que o não offendamos.

A outra parte d'esta virtude, que he a propria materia d'este capitulo, da aspereza da vida, de que tantos exemplos temos de Christo nosso Senhor, assi como huns pera ella tem menos forças, e outros mais, assi deve de ser exercitada com discrição. E em caso de duvida, he mais seguro em cousas pender mais á parte da aspereza, que da relaxação, conforme ao estado de cada hum. As mais ordinarias balizas para acertar n'esta virtude, parece, que podem ser estas:

I Cuidado de governar a vida por necessidade, e não por appetite, e trabalhar por conhecer as verdadeiras necessidades da natureza, ou do estado; no qual se não póde pôr regra certa. Contra isto navegam os Religiosos, que com achaque de necessidade costumam ter as cellas muito providas de mimos, e regalos, brincos, demasias de vestidos, e outras cousas; que afóra porem em risco a pobreza, que prometteram, relaxam o rigor da vida religiosa, favorecem a gula, amimam o inimigo corpo, enfraquecem as forças ao espirito, occupam o sentido em acquirir, e conservar. E acontece o que diz S. Paulo, por grande abominação, que na casa, onde a regra, e o Deos he commum, são as demasias tão particulares, que huns morrem de fome, e outros se embebedam (*). Quer dizer, huns vivem em sobejidões de mimos; e outros padecem grandes necessidades, as quaes todas se remediariam, se os particulares sobejos, e demasias de huns, se repartissem com amor commum pelas mingoas dos outros. Os cativeiros d'isto são mal entendidos, porque renovam-se as affeições que deixáram, dos parentes, e amigos, recrecem as obrigações, com que se perde o recolhimento, e finalmente sem juizo temerario, se deve crer de todo o Religioso abastado, e mimoso, que vive sem oração, nem espirito. E do que alem d'isto tem, seja Deos o juiz. No estado secular o que se faz mais por appetite, que por necessidade, he o de que a praça, e mundo he cheio. Os males e peccados, que daqui procedem, he larguissima materia. Contento-me com aconselhar que n'esta parte seja cada hum rigoroso juiz seu. E olhem como infor-

(*) I. Corinth. cap. XI.

mam seus conselheiros espirituaes, e confessores, por cujo parecer se devem registrar em suas obrigações, porque a informação enganosa he companheira da cura, e sentença errada.

II Outra baliza he, viver com cuidado de conhecer bem as inclinações más do corpo, e com mais medo, e receio usar das cousas, a que elle he mais inclinado. Porque n'essas se costuma mais soltar em demasias, e ser sorrateiro em fazer do appetite virtude.

III Outra he, ter olho ao aproveitamento espiritual da alma, pera cuidar sempre que faz menos do que póde, e que se engana a si mesmo em cuidar, que não póde. Porque d'esta maneira não se satisfará do que faz, e usará das cousas necessarias com mais temor de Deos, e menos liberdade, e soltura.

IV Outra he, examinada bem, como temos dito, a qualidade dos vicios em que mais cahe, ou a que mais he inclinado, conforme a isso usar do genero de aspereza que he mais propria pera emenda, e freio d'elles. Por falta d'esta consideração acontece, que o muito palreiro, e solto na lingoa, cuja propria aspereza he calar ainda o necessario, que se castiga com jejuar, sem deixar de fallar, e o deshonesto, cujo principal freio he cerrar aos sentidos exteriores, e occupar os interiores em Deos, que não trata mais que de cilicio, ao qual acostumado o corpo, nem o sente, nem se cuida: e assi dos mais, com isso ficam pouco emendados, por não curarem a raiz. Ajudado d'estes avisos com a virtude da discrição, acertará cada hum o genero de aspereza, que lhe mais cumpre, e tanto quanto póde, sem execssos de mais, e menos, a exercitará.

Muitos generos de aspereza de vida ha. Jejuns, vigilias, cilicios, disciplinas, durezas de vestido, e cama: e outras a este modo, as quaes, ás vezes são necessarias, e ás vezes obrigatorias, ás vezes perigosas. Os que as exercitam, saibam que são as menores n'este genero de virtude. E que se tiram as forças evidentemente pera cumprir as obrigações da lei de Deos, e do estado, ou se são feitas com parecer proprio voluntario sem sujeição aos Padres espirituaes, e a servos de Deos, que n'isso podem dar conselho, são mais reprehensiveis, que louvavèis. Porque d'esta maneira exercitadas, como tem excesso de vontade propria, acontece que por mais admiraveis no exterior, geram soberba, e mortificação pouca. D'estas as que são por preceito da Igreja, ou estado obrigatorias, são seguras, e sempre hão de preceder ás voluntarias. As que não são obrigatorias, quanto mais mortificam a carne, e a fazem servir

ao espirito, e são acompanhadas d'outras asperezas, que abaixo diremos, mais importantes, tanto são mais louvaveis. Outras asperezas ha mais seguras, e necessarias. Enfrear os sentidos, a lingua, o ver, o ouvir, o conversar, a ociosidade, a ira, as occasiões de peccados, a propria vontade, o parecer proprio, o appetite das cousas, a condição propria, qualquer que seja, se não he pera manifesto bem, a opinião de si mesmo, e outras a este modo. As quaes todas se exercitam sem excesso, que não seja muito leve de emendar.

E d'esta aspereza, e rigor de vida foge o corpo muito mais, que das outras asperezas, e são tanto mais trabalhosas que as outras, que aquellas continuadas não se sentem, e estas rara he a continuação, que faz que deixem de se sentir. E he claro sinal de quanto mais importam, o muito que a natureza sente soffrel-as.

Outra aspereza de vida soberana he, a continuação do recolhimento interior, e continua oração, e se o espirito der lugar a isso, pera ella se devem poupar as forças corporaes. Averiguado he por todos os Santos e experimentados, que a continua oração he a mais rigorosa, e aspera penitencia, que se dá ao corpo. Tanto, que aquelle grande servo de Deos Frei Luiz de Montoya, que me criou, dava por remedio a seus subditos pera fazer facilmente, e sem trabalho todas as obras de virtude, e todas as obrigações da religião; que quando o corpo, ou a vontade recusasse cumprir alguma d'ellas, lhe desse por partido, que havia de estar em oração todo o tempo, que havia de gastar n'aquella obra; porque sente tanto o freio da oração, que pelo escusar aceitará todo outro trabalho. Porque na oração cativam-lhe os pensamentos, que he a cousa em que a natureza mais se desenfada, e alarga: tomando-lhe residencia de seus appetites, e desordens, prendem-lhe a vontade que se não affeiçoe ao que deseja. Obrigam a andar sempre debaixo do jugo, pera que não dê entrada a cousa, que distraia o coração, e o perturbe. Em fim, todo na continua oração anda afferrolhado, e tratado como escravo, e de nenhuma cousa gosta como deseja. Nem lhe deixam levar ávante seus ardis, nem lhe recebem seus achaques, nem voga em cousa alguma de quantas costumava ser senhor. E posto que a continuação da oração chega a alma á vida quieta, e de paz, a jubilos e outros excessos de amor suave, e a fazer o corpo obediente ao espirito: todavia como fraco consume-se, e gasta-se, e ha mister então mais ajudado, e algum tanto regalado: mas já o toma como bocados pera passar melhor a morte continua em que

vive, e não damna a alma. Prouvesse a Deos que quizessem todos os amigos de fazer penitencia, seguir esta: porque tirariam todos os proveitos que desejam. Seguramente aconselho a todos os que, ou por obrigação do estado, ou por achaques de fraqueza natural não podem com outras corporaes asperezas, que se dem ao exercicio da oração, que em todo estado se póde continuar: eu os asseguro, que a virtude da penitencia tenha em seu coração seu devido lugar.

Aviso aqui a todos huma geral tentação de todos os Christãos, que lêm, ou ouvem as vidas dos Santos grandes penitentes, e que com isso se movem a algum desejo de se salvar. Estes pela maior parte pasmam d'aquelles grandes estremos, aos quaes entendem de si, que nunca hão de chegar, e com isto dizem, que como se hão de salvar, estando tão longe d'aquillo? He genero de tentação com que o Demonio arreiga mais o descuido de emendar a vida. Pelo qual devem saber que não he licito querer imitar os Santos n'aquelles grandes estremos, que o espirito de Deos lhe faz fazer, que com outro tal espirito devem ser imitados, e não d'outra maneira; e este espirito não cuide ninguem que o tem, que será soberba: mas quando o tiverem, Deos lhe fará fazer o que for servido, sem elles advertirem no que fazem, se he muito ou pouco, se he estremo extraordinario, ou não. Porque se governam por extraordinaria luz, que lhe consome as imperfeições. Mas os que isto vêm, louvem a Deos nas maravilhosas obras, que em seus Santos faz, e humilhando-se se esforcem a fazer, se quer o pouco que podem, louvando ao Senhor, e confiando n'elle, que tem no seu Reino moradas pera aquelles soberanos luzeiros, e pera muito meudinhas candeiasinhas.

Exercicio da aspereza da vida do Senhor, contra os peccados.

Oh Senhor, esperança dos teus, e desejo, a que suspira o coração dos que te possuem, e dos que te buscam! Oh medico divino, e medicina verdadeira de todas minhas necessidades! Ante teus divinos, e misericordiosos olhos estou aqui cheio das chagas, e perdas interiores, que vós vedes, ponderaes, e conheceis melhor que eu. A culpa que n'ellas tenho, a pena que por ellas mereço, quanto em tudo vos offendi, e quam mal o conheço, vós conhecedor meu, e meu remediador, em justa balança o pesais. Não posso, nem quero fugir de vossa mão, e de vosso juizo: porque já que contra vós pequei sem agradecimento das infi-

nitas mercês que me fizestes, e desaproveitando-me, e enjeitando quantos bens essa larguissima mão me tem dado: a ella me sometto, d'ella quero a cura, e o remedio, d'ella a pena, e o castigo, e d'ella a força, e espirito pera me emendar. A vós, Padre meu celestial, e a vossa piedade confessarei meus males: abri vós os olhos de meu coração pera que veja a graveza de minhas culpas, e conhecida a sinta com dor, e sentida a chore, e vos satisfaça com todo meu interior. Vós, Senhor, não aborreceis vossas criaturas, mas eu confesso que não posso apparecer ante vós com cousa que não possais justamente reprovar, e aborrecer; porque em todos meus sentidos interiores, e exteriores, e em todas minhas obras trago escrita a justa sentença de meu castigo, que não posso negar ante vossos divinos olhos, que tudo vêem. Os olhos que devia levantar a vós, são testemunhas das offensas que com elles vos fiz. A lingoa, com que vos hei de pedir perdão, está convencida de quantas cousas fallou contra vossa vontade. Os ouvidos, com que hei de ouvir vossas palavras, contra si tem as vaidades, e maldades, em que se occuparam, com que perverteram este interior, que pera vós criastes. Tudo quanto ha n'este corpo, está cercado de injurias vossas, de occupações terrenas, de serviços a perversos appetites, e feito instrumento de toda malicia, e cruel arma de vossos inimigos contra todas vossas vontades. Aqui está como tredo contra vossa obediencia, como ladrão de vossa honra, como destruidor de vossas obras, como esperdiçador de vossos beneficios; e sobre isso bruto pera se conhecer, duro pera se emendar, e tão malicioso, e dissimulado, e inclinado a todo mal confessando isto, como quando sem o confessar com gosto vos offende; e sobre isso fraco pera toda a cura, e penitencia, e rebelde pera todo castigo, e obediencia. Pois esta miseravel alma como se ha de atrever a se levantar a vossa divina pureza, tão baixa, terrena, çuja, e miseravel como está? Vós a fizestes livre, e senhora, e ella se fez cativa, e usou de sua liberdade pera vos fugir, e desobedecer. Sempre mais amiga de sua carne, que de vós; sempre apegada ás vontades d'este corpo, e occupada n'elle, e em seus gostos, mouca a vossas inspirações, tibia em suas obrigações, e cheia do que vós vedes, e aborreceis, sem vós verdadeira vida, e riqueza minha. Os pensamentos estragados, a memoria cheia, e não de vós, e o de que, vós o vedes; a vontade feita charco de todas as baixezas, que vós aborreceis. Oh Senhor, vós sabeis qne não posso confessar, nem sei conhecer os males que contra mim gritam a vossa justiça.

*

Que me fica pera vos poder contentar, que vos possa offerecer, e com que possa apparecer ante vós? Nada, Senhor e Deos meu, me fica, senão o justo merecimento de todos os castigos, e a justa sentença de condemnação, que contra mim dareis, se me não olhardes com misericordia. Oh soffredor paternal de meus males, em que ha de parar quanto mal em mim vedes, e me soffreis? Soffrestes-me os erros da mocidade, as cubiças que em mim toda a vida reinaram. Vieis-me, Deos meu, andar transportado traz meus pensamentos, e desejos vergonhosos; andar contente nas vontades que cumpria; faminto do mundo, e azos de peccados, que perdia, esvaecido nas intenções, e pretenções vanissimas, no cuidado de as seguir, no profundo descuido de olhar por mim, e por vós, na distrahida occupação de todo este homem interior, e exterior; no gostoso cativeiro em que vivi, em vicios, e contentamento que d'elles tive, na espalhada, e repartida affeição d'esta alma, em que vós nenhuma parte tinheis. Vieis-me em tudo por vontade errar; vieis-me por vontade fugir de vós, Deos de meu coração; vieis-me passar a vida em enganos, e chegar contente ás portas do inferno, e perdição, e soffrestes-me, e dissimulastes sempre comigo, e não me deixastes até agora cahir no inferno, que justamente mereci. Este sou, a quem soffrestes conhecendo bem quamanhos são os males que soffrieis, e quamanha minha cegueira, que os não vi. E eu estou ainda aqui n'esta hora mal conhecido, e de vós soffrido. Pois Senhor, que farei, que não quereis que desespere, nem tenho em mim de que confie, nem posso de mim prometter cousa, de que fique seguro que a cumprirei?

Oh amigo, e pastor piedoso das ovelhas erradas, que não quizestes que os peccadores tivessemos remedio se não em vós mesmo, que sois offendido; e nos déstes vossos merecimentos pera d'elles esperarmos a misericordia; e nos ensinastes a penitencia pera cura, e emenda de nossas culpas; allumiai meus olhos, pera que de vós aprenda a reformação de minhas perdições, e conhecimento, e odio de minhas culpas, pera satisfazer a quanto contra vossa bondade tenho offendido. Adoro-vos, divino Mestre de minhas ignorancias, e reparador misericordioso de minhas necessidades. Dou-vos infinitas graças, pastor meu divino, pela bondade, amor, e piedade com que tomastes sobre vós meus peccados pera por elles pagardes. Adoro o amor infinito, e vontade com que a todo o trabalho vos offerecestes pera me aliviar, e com que carregastes sobre vós toda a aspereza e rigor de vida, com que vos affligistes pera me descar-

regar. Adoro as vigilias, e horas, que em oração por mim gastaveis. Adoro as fomes, e sedes, os frios, as calmas que por mim soffrestes. Adoro a dureza de gasalhado, com que trataveis esse corpo sacratissimo. Adoro todas as asperezas da vida, e penitencias, e obras penaes, e todo o rigoroso tratamento, com que tivestes por bem trinta e tres annos pagar os males que não fizestes, e eu com damnado gosto commetti. Adoro o sentimento com que os choraveis; o desejo com que por elles vos offerecieis; o amor com que por elles vos atribulaveis, a ancia com que negociaveis a misericordia pera elles: a continuação, e perseverança de trabalhos, com que por elles satisfazieis; a entrada larguissima, que me abrieis aos thesouros de vossa misericordia; a justa ira de vosso Padre Eterno, que com vossa valia abrandaveis; a graça, e perdão d'elles, que me merecieis. Ensinai-me Senhor, a saber agradecer estas tamanhas misericordias. Nas noites em que por mim vos desvelaveis, e vos occupaveis em me negociar estas riquezas de graça, presentes tinheis os males em que eu havia de gastar os desvelamentos de minhas escuras noites. Na fome, e sede que padecieis, vos lembravam as demasias de minha gula. Nos frios, e calmas vieis os mimos de meu corpo. Nas lagrimas que choraveis, sabieis as durezas, e soltura de meus damnados gostos. Na occupação, e amor eterno, com que vos offerecieis, me tinheis presente, desamoravel, distrahido, e todo chagado, e perdido. E em toda a aspereza que daveis á vossa sacratissima humanidade vieis a largueza, e soltura da minha por todos os vicios. Já no conhecimento de vossa eterna sabedoria eu me estava perdendo, quando me vós ganhaveis, eu vos fugia, quando com vosso amor me prendieis, eu me deleitava em peccados, quando vos affligieis por elles, eu tratava dos gostos d'este corpo, quando cançaveis com penitencia o vosso. E eu não tratava senão de tudo o que me destruia, e de vós me apartava, quando vós não trataveis senão á custa de muito vosso trabalho reparar-me, e remediar-me como verdadeiro pai, senhor, e amigo, que não quereis a morte do peccador, senão que se converta, e viva.

Ah Deos de minhas miseraveis necessidades, eu, eu, sou esse, por quem vos affligis: eis-me aqui. Assi como eu então estava tão presente, e tão perdido a vossos trabalhos, e a vossa sabedoria, como agora aqui estou, e como sempre fui; assi a virtude d'elles tenho aqui presente com toda vossa misericordia. Com esses jejuns, vigilias, orações, e penitencias vossas me abraço, a ellas peço o que eu não mereço. A ellas Se-

nhor, olhai, pera por ellas me perdoardes. Se vós não quereis, que o peccador se perca, porque he feitura de vossa mão, e amais tudo o que fizestes; como haveis de querer que se perca em mim, e sejam debalde os grandes trabalhos, que por mim passastes? Abri, Senhor, meus olhos pera que me veja, conheça e aborreça, pois sem vossa luz sou cego, e amo a peçonha de meus vicios. Vós vistes em meus peccados tamanha desaventura, tão feia malicia, e tão damnada, e infernal peçonha, que julgastes que sem o vosso sangue, e sem vós filho de Deos vivo pagardes por mim, não podia ter cura, e remedio. Todo vosso trabalho, divina sabedoria, tendes por necessario pera cura de tamanho, e tão desaventurado mal, como he o peccado, e como quem bem o conhece, nenhum descanso tomais até satisfazer por elles, e os curardes. E eu que os commetto, como, e durmo com elles descansado, tenho-os por companheiros, e muitas vezes por descanso, refrigerio, e regozijo de minha vida. Oh divina piedade, compadecei-vos de tamanhas miserias minhas, e de tão cerrada cegueira. Já que não temi offender-vos, tema ter-vos offendido; e trema de vos tornar a offender. Não me deixeis nunca ter por leve cousa em que vos offenda; porque não venha a fazer pouco caso de vos offender. A estima de minhas culpas eu a não posso ter sem dom vosso; e pois cural-as vos fez passar tantos annos de penitencia, por ella vos peço, que deis a esta peccadora alma o fruito d'esses trabalhos, em me allumiardes no perfeito conhecimento de meus peccados, e odio entranhavel d'elles. Ah meu Deos, misericordia. Desfazei este muro d'aço, que ha entre vós, e mim. Que maior desaventura póde ser, que gostar eu de commetter cousa, que vós tanto aborreceis, que por ella condemnais pera sempre as almas, que amais com amor tão infinito, que morreis por ellas na Cruz; e eu, que o commetto, estar tão cego, que cuide que não faço nada, e viver ás vezes sobre isto triste, porque não posso fazer quando mal desejo. Ah meu Senhor, que não sei pedir n'isto o que desejo, nem sei imaginar o que devo, nem quanto devo desejal-o, porque ainda estou cego. Se estivesse allumiado, toda a vida por larga que fosse, viviria triste de ter commettido contra vós hum só peccado. E com isto vivo como seguro, e descuidado tendo feito tantos. Oh misericordioso Senhor, já que eu não sei nem ainda desejar bem o que me cumpre n'isto pedir a vossa piedade, perguntai a vosso purissimo espirito porque jejua tanto, porque se desvela tanto, porque se afflige tanto, e toma tanta penitencia tantos annos pelos ma-

les, que não fez, e pelo que elle vos responder, que conhece o mal, que eu em mim não sei estimar, me dai vós o que eu não sei pedir, pera que mais vos não offenda. A vossos trabalhos brado, a elles peço esta misericordia, a elles respeitai, e por elles me dai a perfeita cura que elles me negociaram comvosco, e me mereceram.

Senhor meu, Redemptor, e reformador de todos meus damnados erros, misericordiosissimo, convertei a vosso serviço todos os distrahidos sentidos, e membros d'este inimigo corpo. Vós, que conheceis quam contrario he a quantos bens n'esta alma plantais, dai a minha alma animo, e forças pera o cativar. Ensinai-me a entender seus ardis; desfazei a malicia de seus achaques; dai-me fortaleza de espirito pera lhe resistir, e o enfrear. Que posso eu contra tal inimigo sem vosso esforço? Destemo por companheiro, obrigaste-me a o manter e castigar, sou tão desaventurado, que não sei temperar estas duas obrigações, porque mais depressa me inclino a haver dó d'elle pera o animar, que ao castigar, pera o enfrear. Pregai Senhor, na vossa Cruz minhas carnes com vosso temor; e d'esses vossos trabalhos me dai a discrição, vontade, e forças com que vós quereis que eu o trate. Afastai, e cerrai com vosso temor meus olhos, que não vejam com gosto a vaidade, nem se detenham nas cousas que distraem a alma. Ponde guarda Senhor, e freio á minha lingoa, cerrai de todo a minha boca, pera que tema fallar o que não devo, e pois vós dissestes que na lingoa está a morte, e a vida, fazei-me viver callando, pera que não mate fallando minha alma, nem a meu proximo; mas com silencio, e esperança viva sempre em vós occupado. E pois vós dissestes na divina Escriptura, que os nossos sentidos são as portas por onde entra a morte a nossas almas (*), cerrai-a vós por dentro com vosso amor, e temor; porque só vós vivais n'esta alma sem haver n'ella cousa mortal, que vos descontente. Ensinai-me, Senhor, a cortar todos os appetites, e não usar das cousas temporaes, senão por necessidade sem demasias.

(Aqui, o que se exercita, se accuse a Deos das particulares cousas corporaes, em que vê que mais relaxadamente vive, e que mais o corpo lhe pede, e que são mais occasião de culpas, ou demasias que distraem, e cativam o coração, e as condições naturaes, em que mais defeitos tem, e apresentadas ao Senhor com desejo de as arrancar de si, lhe rogue assim:)

Oh Medico de minhas miserias divinissimo, esforçai minha fraqueza,

(*) Jerem. cap. IX.

pera quebrantar estas más inclinações. Oh conhecedor de minhas imperfeições, que em mim vedes quanto pelo interior d'esta alma estas más raizes entram, e o damno que me fazem, arrancai-as; o que vós quereis, e sois servido, que faça, ensinai-me, e dai-me vontade pera o fazer, forças pera o executar, e fortaleza pera não temer damno, nem perda, nem mal, que este corpo imagina que lhe virá, se vos servir. Dai-me, Senhor, que ame toda a criatura, que me der algum trabalho, pois he instrumento de ser minha culpa castigada. Dai-me que toda a tribulação me seja saborosa, pera por ella vos satisfazer por meus peccados. Dai-me que tanto me aborreçam meus peccados, quanto gostei de os commeter. Dai-me que tanto ame a penitencia, e a busque, como amei a culpa. E porque vós sabeis o que me cumpre, a vossos pés piedosos me lanço. Perdoai quanto quizerdes, castigai quanto quizerdes, e dai-me que eu outra cousa não queira; aqui queimai, aqui cortai, aqui açoutai, aqui não perdoeis nada, pera que pera sempre me perdoeis.

Poderoso sois, piedoso Senhor meu, pera acabar em mim todos meus males. Vós amantisimo Jesu, vida, e saude d'esta peccadora alma, não aceitais, nem desejais menos a companhia, familiaridade, e amor das almas convertidas, que das innocentes. Na hora que a Magdalena peccadora vos chorou a esses pés, e os abraçou, logo ficou com titulo de amadora, logo em vossa casa teve a melhor parte, logo subio a ungir vossa cabeça (*). São Paulo perseguidor, na hora que com a vontade vos quiz obedecer, logo teve o Ceo por escola, e a vós por divino Mestre, e vós tivestes seu coração por aceitissima morada. Oh vida de meu coração, alevantai este derribado espirito a vós; com estes pés me abraço, amor da minha alma. Quero, meu Jesu, servir-vos, quero amar-vos, quero todo ser vosso. Sumam-se meus peccados no abysmo de vossa misericordia, pera que mais não sejam lembrados. He verdade que está esta alma negra, indigna de vós. Não se soube guardar, está entrada de muitos vicios por todas as partes. Mas o que vós curardes, quem o chagará? O que vós edificardes, quem o derribará? O que vós ajuntardes, quem o espalhará? Tão vossa he esta alma, como a dos vossos muitos queridos. Amo-vos meu Senhor. Se houver de olhar pera mim fugir-vos-hei; mas a vós levanto meus olhos, amador de puros espiritos. A vós levanto meu desejo, a vós suspira meu interior, a vós se apega todo este coração. Vós consumireis o que em mim vos descontenta, e comvosco tudo

(*) Luc. cap. VII.

poderei, e nada temerei. Meu Deos, minha riqueza, minha gloria e toda minha bemaventurança.

Oh Madre de Deos, e dos peccadores, companheira fidelissima dos trabalhos de vosso unico filho, pois sois huma só que nunca experimentastes peccado, havei piedade d'este peccador, que deseja estar no serviço, e companhia d'este Senhor; fazei que perdoado de meus peccados, seja a ella admitido. Oh cidadãos soberanos d'essa santa celestial cidade, feita tambem pera os peccadores, prendei lá meu desejo, pera que nenhuma cousa terrena me faça perder vossa companhia. Amen.

TRABALHO XIII

Fome, e sede da justiça.

Faz Deos tanta conta da fome, e sede da justiça, em que os santos, e justos, que deveras desejam contentar a Deos vivem; que a contou por huma das mais perfeitas virtudes evangelicas, e hum dos mais certos, e seguros caminhos da bemaventurança, dizendo no sermão do monte: «Bemaventurados os que tem fome, e sede da justiça, porque serão fartos.» Por justiça se entende a santidade das virtudes, e guarda da lei, e doutrina de Deos: a qual justifica as almas, as tira de peccados, as converte a Deos, as allumia, e purifica, e faz capazes, e dispostas pera o perfeito amor de Deos, e pera receber os bens eternos. He de tanto merecimento a vida occupada, e gastada na fome, e sede (isto he) em ferventes desejos d'esta santidade, e virtude, que parece que não pode ser remunerada com menos que com quanto Deos pode dar. Porque como Deos quer por principal disposição pera dar suas mercês, o desejo afervorado da alma, este genero d'elle, que com nada se farta, e com o recebido cresce sempre, e suspira por mais, parece que tudo lhe merece, e por isso não lhe nomea particular medida de galardão, mas por huma geral acomulação de todos os bens soberanos ao premio, que no Ceo terá, chama Christo fartura. Porque prometteo o Senhor n'aquelle grande sermão do monte (como diz nosso Padre Santo Agostinho) hum mesmo reino do Ceo por premio dos oito caminhos que n'elle ensinou da bemaventurança (*), por differentes nomes e atributos, conforme á calidade de cada virtude. Por isso ao reino do Ceo, que por esta virtude dará, chamou fartura, propria satisfação da fome, e sede: porque n'aquelles bens eternos, onde sem imperfeição, será Deos amado, e obedecido, fartarão os justos plenariamente a fome, e desejo de seu amor; e obediencia, em que vivem. De duas maneiras se entende esta fome, e sede da justiça. Huma (como diz o mesmo Santo) he fome, e desejo de tirar o animo, e espirito proprio das cousas baixas, arrancar de si mesmo o amor das cousas terrenas, em que com pestifero gosto está cativo, e empregal-o só em Deos. Outra he fome, e desejo, que todas as almas façam o mesmo, e esta nasce da primeira, e tanto he maior, quanto a primeira mais pura, e per-

(*) August. Lib. 1. de Serm. Domini in mont. cap. 4.

feitamente se acende no amor de Deos. O premio da primeira aqui começa com aquelle mantimento de que Christo se mantinha quando disse: «Meu comer, he fazer a vontade a meu eterno Padre» (*), e com aquella agoa, que tambem disse, que nos corações dos fieis nasceria huma fonte de agoa viva, que correria até a vida eterna. Porque as almas famintas das virtudes, que lhes faltam, recebem de Deos humilde sujeição a sua vontade, com que com gosto exercitam todas as virtudes, e vivem, e se mantem de cumprir em tudo a vontade de Deos; e recebem tambem fervor de amor divino com que arrancam de si os vicios, e sempre seu interior como agoa viva, corre, e caminha ás cousas soberanas. Mas a perfeição d'este premio, na vida eterna o terão.

A segunda fome, e sede, pela mór parte tem sua satisfação reservada pera a outra vida, por quam geralmente reina n'esta a frieza da charidade, e a continuação dos vicios. E por isso não podem ter plenaria fartura, senão onde, nem haverá vicios que arrancar, nem frieza que acender, nem mais que desejar pera as almas dos proximos, que os eternos bens que já tem. Esta he huma das virtudes que com mais trabalho os Santos exercitam, e que os mais cansa. Porque no que toca a si mesmos, todos seus trabalhos são por desarreigar de si o amor terreno, e os vicios, a que a natureza os inclina, e em nenhuma cousa mais suam e cansam, que em vencer suas tentações, e mortificar sua carne, por fartar o desejo que tem de contentar a Deos, e o amar. E quanto maior he este desejo, e fome, tanto maiores são os trabalhos, que por isso tomam. E pera nenhuma outra cousa trabalhosa hão mister maior paciencia, que pera soffrer os defeitos de sua fraqueza, e os estimulos, que em sua natureza sentem contrarios á fome, e desejo, que tem de em tudo contentar a Deos, e acudir inteiramente a quanto Deos d'elles quer, que sempre interiormente por elles tira. E no que toca á salvação dos proximos, depois que as almas chegam a de todo o coração amar ao Senhor, cresce n'ellas luz, e conhecimento de quanto esse Senhor merece ser de todos amado, e custa-lhes muita pena ver a perdição dos que vivem em peccado, e ardem em desejo de ver tudo reformado, sometido á obediencia da lei do Senhor, e não sentem menos ver os homens apartados d'elle, que o tempo em que ellas proprias o estiveram. E pelo muito que huma e outra fome custa aos Santos, se lhes dá por premio fartura, como refeição, e esforço a cansados do trabalho, como diz nosso Padre Santo

(*) Joann. cap. IV.

Agostinho. E diz elle mesmo que o quarto dom do Espirito Santo, que he fortaleza, he proprio dom d'esta virtude (*). Porque muito esforço divino he necessario pera a força, com que o coração ha de arrancar de si o amor terreno, e pera os trabalhos com que se acquire o amor divino. E muita fortaleza do Espirito Santo ha mister a alma presa do amor de Deos, pera soffrer a pena, que lhe dá a perdição das almas que vê, e pera se offerecer a todo o trabalho pela salvação d'ellas, quando for necessario, sem estimar perdas temporaes, deshonras, nem morte, pelas ajudar a salvar. E segundo isto, he esta virtude fonte de todas as virtudes dos santos, e gloriosos trabalhos, que por contentar a Deos, e ajudar os proximos passam.

O que maior parte teve do trabalho d'esta virtude foi Christo nosso Senhor, porque pela medida de seu amor ardia sempre em viva, e continua fome, e sede, e ferventissimo desejo de ver as virtudes seguidas, a lei de Deos guardada, o espirito seu plantado nos corações dos homens, o conhecimento de Deos amplificado, o amor de Deos acceso, e os peccados acabados. Não sentia menos a falta de tudo isto nos homens, do que o sentira, se a vira em si mesmo. E assi não se armou menos pera passar todos os trabalhos por satisfazer esta fome em nós, do que trabalhara por si; porque todo nosso mal, e bem, tinha por mais proprio seu que nosso. Durou-lhe esta ancia, e desejo em que vivia, desde que tomou nossa humanidade, até que espirou na Cruz. São Paulo, que não tinha mais que huma faisca do immenso fogo de amor, que ardia no peito d'este Senhor, dizia de si, que o instantissimo cuidado do bem de todas as Igrejas o fazia enfraquecer com os fracos, e queimar-se, e arder quando via escandalos (**), e que não era seu, mas que a charidade de Christo o forçava a ser dos proximos, quer estivesse fora de si em excessos mentaes com Deos, quer em si pera poder tratar com os homens, e que posto que trabalhava por plantar a doutrina evangelica nos corações dos homens até lhe custar cadeas, e prisões, tudo tinha por bem empregado padecel-o pelos escolhidos: e que sendo sua vida viver com Christo, e estando todo seu ganho na morte, todavia vivia em dous trabalhos sem se saber determinar qual escolhesse, se ser desatado d'esta vida por ir ver a Deos, se viver pera proveito das almas. E chegava-o isto a tamanho estremo, que dizia que posto que sabia que nenhuma cousa o podia apartar da charidade de Christo, todavia o Espirito Santo era

(*) Aug. Serm. Domini in mont. cap. 4. (**) Paul. 2. ad. Col. cap. XIII.

testemunha de sua consciencia, que sentia tanta tristeza, e dor de ver a contumacia, e perdição da gente judaica, que aceitara ser elle esquecido de Deos, se com isso poderam elles ter remedio, e salvar-se. Pois se S. Paulo nem se tinha por seu, nem tinha nenhum trabalho por grande, e vivia em continua dor da perda das almas, e desejava dilatar-se-lhe a gloria de ver a Christo, sendo necessario pera salvação dos proximos; que diria de si Christo nosso Senhor, amor eterno, e fonte de toda a charidade, a quem trouxe á terra o desejo de nossa salvação? Que diria os annos, que n'ella viveo em continua fome, e sede da salvação dos homens, tendo presentes todos os peccados dos antepassados, e dos que então eram vivos, e dos que estavam por nascer? Ponderava-os com sua eterna sabedoria, doiam-lhe conforme ao immenso amor que nos tinha, desejava acabal-os com toda a ancia. E assi vivia em continua tormenta de trabalho, e afflição: que podemos dizer, que tantas mortes soffreo, quantos peccados de todo o mundo conhecia, e quantas almas desejava salvar. Porque mais estimava salval-as, e mais sentia cada offensa de Deos que a propria vida, pois por cada huma d'ellas morreo: fazendo de sua parte o que podia, posto que nem todos de sua morte se haviam de aproveitar; o que o matava, e angustiava mais que a mesma morte. Assi se deve cada hum de lembrar, quando offender a Deos, e se descuidar de sua salvação, da obrigação em que está a este Senhor, que vivia em excessivos sentimentos interiores das proprias culpas, que elle com gosto commete: os quaes então nenhum alivio tinham, senão d'aquelles, que elle sabia que haviam de chorar seus erros, e emendar suas vidas com obediencia da lei de Deos. Porque sentia nossos males como proprias perdas suas, e desejava em nós as virtudes, como se foram proveitos seus: nem quiz outro fruto, e premio de seus trabalhos, senão nosso espiritual aproveitamento, e remedio. Mas porque sem a alma chegar a puro amor de Deos, e de sua gloria, e honra, não pode entender os quilates d'este espiritual trabalho do Senhor; por huma conjectura poderemes alcançar alguma cousa de muita obrigação, em que por elle lhe estamos. A cousa que hum pai, e mãi naturalmente mais amam, he hum filho, e huma filha. A experiencia mostra, que a mór desconsolação da vida he ver huma filha distrahida, e errada em inquietas affeições contra sua honra, e hum filho que he mal acostumado, e tem más companhias, e esperdiçado, e muito mais se lhes não aproveita conselho, nem reprehensão, nem castigo. Isto faz a vida trabalhosa, e triste, velhice cansada,

e acaba todos os gostos d'ella; e cuida hum pai, e mãi, que lhe não fica mais em que pôr os olhos.

A este modo se queixava Deos pelos Profetas muitas vezes, que davamos o amor, que como filhos lhe devemos, a outros muitos, e perversos amadores, e que lhe viravamos as costas, lhe fugiamos, e lhe davamos trabalho, e o faziamos servir com nossos peccados. E com muita mais razão se queixa, porque sem nenhuma comparação ama mais nossas almas, e faz mais por ellas, e sente mais perdel-as, que pai natural quer a seus filhos, e lhe doem suas perdas.

Grandissima confusão e vergonha nossa he (se nos sabemos entender) ver as ancias, e apertos do coração do Senhor por nossa salvação: e este tão esfaimado desejo, e sede de nosso bem, e o fastio, que em nós reina de todos os bens da alma, e do Ceo; e a fome canina de todos os appetites terrenos, de que gostamos mais que de Deos. Nem pode ser maior sinal de ser huma alma reprovada de Deos, que ter o gosto perdido a todas suas cousas. Porque proveo Deos, e a natureza de natural appetite a todas as potencias corporaes, e espirituaes das cousas que lhe são mais proprias: pera que appetecendo-as mais, as receba com mais gosto, e as logre com mais proveito.

Assi diz a divina Escritura, que senão farta o olho de ver, nem a orelha de ouvir (*), e o mesmo diremos do estomago, que a fome o faz comer, e a sede beber com gosto, e lograr o que leva, e assi dos mais sentidos. E o maior sinal da natureza estar no cabo he, não sentirem os sentidos appetite, nem gosto de nenhuma cousa propria sua: porque assi como as não desejam, nem as recebem, nem logram. Da mesma maneira a alma, toda sua natural inclinação he de cousas infinitas, com que só se satisfaz, e quando por estar occupada em affeição terrena perde o appetite, e gosto d'ellas, não estima perdel-as, não deseja possuil-as, enjeita-as com fastio, foge-lhe com asco, e fica com todos os sinaes mortaes, e de perdição. Este he o vicio, a que os Santos chamam insensibilidade; o mais prejudicial pera a salvação da alma, porque he já em vida sinal de perdição da verdadeira vida d'ella. Queixava-se Deos pelos Profetas, que chamava, e não era ouvido (**); castigava, e não era sentido, açoutava, e não achava quem lhe doesse. E assi como insensiveis, entra a morte interior, sem lhe haverem medo, perdem a Deos, sem o estimarem, e cuidam que vivem, andando em braços com a perdição. Dos quaes diz a

(*) Eccles. cap. I. (**) Jerem. cap. I. (***) Tob. cap. XXX.

divina Escritura, que passam a vida em seus bens temporaes, que estimam, sem lembraça, e com o fastio dos espirituaes, e supitamente em hum ponto descem ao inferno. Porque viveram tanto sem desejo das cousas eternas, e das virtudes por onde se alcançam, que chegados á derradeira hora, na qual houveram mister as obras de toda a vida, foram ellas tão sem Deos, e sem gosto de suas divinas cousas, que pelas proprias, de que mais gostaram, e pela falta das que lhe cumpriam, e nunca desejaram, se perderam.

Tres cousas bem pequenas aconselharia aos que se virem n'este tão arriscado, e perigoso estado, pera se não irem de todo ao fundo, até que Deos acuda com sua misericordiosa mão, e suave influencia de sua luz e amor, com que alevante a alma a mais perfeição. A primeira, que pelo menos louvem, e approvem a virtude onde quer que a virem, posto que a não sigam, e favoreçam sempre os virtuosos: porque não venham do fastio das cousas divinas a ser perseguidores d'ellas, que he já quasi estado de companhia infernal. E muitas vezes nosso Senhor vendo que a alma, e lingoa approvam as obras que a fraqueza não segue, se compadece d'alma e lhe dá esforço contra si, e contra seus vicios, e lhe abre os sentidos interiores pera gostarem do que d'antes os enfastiava. A segunda, que reprehendam sempre em si mesmos a dureza, e frieza de seu coração, quando virem que não fazem o que vem fazer aos servos de Deos, e se tenham por isso em má conta, e pera pouco. Porque com isto não se apagará de todo n'elles a luz divina, e conhecimento da verdade, que lhes cumpre, e não seguem, e não perderão de todo o amor de Deos, nem farão segura vida em seus peccados. A terceira, que trabalhem por ter conversação, e conhecimento com servos de Deos, e os busquem, e pratiquem com elles das cousas divinas. Por que vendo seus exemplos, e ouvindo muitas vezes o contrario do mal que fazem, lhes enternecerá Deos o coração pera deixarem de o fazer. E se nosso Senhor lhes abrir alguma entrada á sua luz, occupem-se o mais que poderem em ler, e considerar na vida, e trabalhos de nosso Senhor Jesu Christo, e nas muitas obrigações que lhe tem: porque este he poderosissimo remedio pera abrir o desejo da alma, e pera captival-o do amor de tão rico, e suave pego de bens, como n'este Senhor se encerram. E aquelles, a quem nosso Senhor fez mercê de lhes dar viva fome, sede, e desejo d'elle, se olharem bem em si, acharão, que Deos nunca cessa interiormente de tirar por elles, e que cada vez mais lhes descobre quanto d'elles quer, e

que só quer ser senhor de seu interior. E por isso com muita vigilancia acudam ao Senhor, e lhe sejam leaes em se deixarem levar d'elle, e atiçarem cada vez mais este desejo, porque se com culpavel descuido se distraem, entrará n'elles o gosto de cousas terrenas, e será o segundo fastio das cousas de Deos, peior, e mais incuravel que o primeiro.

Lembrem-se que nosso Senhor mandava na lei velha, que no seu altar não ardesse outro fogo, senão o que descera do Ceo. Mas este não lemos que o desse a seu santuario mais que duas vezes: huma em vida de Moysés no deserto, e outra no tempo do Sacerdote Nehemias, quando tornaram os Judeos do captiveiro a povoar Jerusalem: porque havia muitos annos que era apagado o primeiro, que no deserto, tinha dado. Mas posto que só duas vezes o deo áquelle povo no altar do seu santuario, todavia o sustentavam sempre com lenha que lhe lançavam, e com isto sempre era havido por fogo do Ceo. Assi o vivo desejo de contentar a Deos, e fome, e sede continua de seu amor, e serviço de sua honra, e gloria em si, e nos proximos, he dom que Deos dá do Ceo, e fogo que elle em nossos corações accende; porque se o elle não der, nós o não temos de nosso. Mas assi he dado seu, que quer que nós o aticemos com ferventes suspiros, e cuidado da oração, e bons exercicios. Porque ainda que he fogo do Ceo, he da qualidade do outro terreno, n'isto, que se o accendem, e atiçam, cresce, e se ha descuido n'isto desfaz-se em cinza, e apaga-se, e fica em culpa tel-o perdido, e em muito grande damno, e obrigação de o tornar a alcançar com trabalho. E quando, por não ser atiçado, se apaga, pera se tornar a cobrar, e alcançar de Deos, faça o que fez o Sacerdote Nehemias, que não achando em hum poço, onde o primeiro fogo foi escondido, quando os Judeos foram em captiveiro, mais que huma agoa grossa, essa mandou lançar sobre o altar e sacrificio, até que o Sol que estava encoberto deo n'elle, e por virtude de Deos o accendeo. Assi esse pequeno rastro de fogo, que na alma ardeo, com conhecimento da culpa de o ter perdido, se offereça a Deos com humilde coração, pedindo-lhe com perseverança, que o torne a accender, e elle que nenhuma cousa mais deseja, ouvirá com misericordia a alma arrependida.

D'esta fome, e sede da justiça nasce a virtude do santo zelo necessarissima a toda alma christã, e difficultosissima de acertar, na qual o acertar he mui proveitoso, e mui perigoso o errar. E deve-se exercitar com muita consideração, discrição, e tento, porque como muitas ve-

zes tem no de fora semelhança de colera, e indignação, he muito aparelhada pera haver n'ella excesso de natureza, e escandalo do proximo, e com isso fazer mais damno que proveito. Por outra parte como o fim d'esta virtude he o serviço de Deos, e salvação das almas, affigura-se ás vezes ás almas afervoradas esta obrigação tamanha, que desordena as circunstancias necessarias pera effeituar o que pertende, não deixando guardar tempo, modo, lugar, conjunção, e vagar de proceder, como o supremo zelador de todo o bem faz. E como não está na mão d'estes o que desejam, desordenada a musica da charidade, dão em desentoadissimas faltas, ás vezes com mais damno das almas, e com menos serviço de Deos. A significação do nome zelo em parte dá alguma ordem da moderação, e condições com que se ha de exercitar. Quer dizer ciume, e isso na verdade he: porque he ciume na materia do amor (de que o zelo nasce); he cuidado de o conservar, e de atalhar tudo o por onde se perde, ou troca nascido da estima do mesmo amor, e da cousa amada. D'onde fica entendido, que o zelo santo ha de nascer do verdadeiro amor de Deos, e amor da virtude, e estima da gloria de Deos, e da honra, e proveito espiritual do proximo. Do amor de Deos, e do proximo disse S. Paulo, que a charidade he paciente, branda, e benigna (*); não he invejosa, não cuida mal, não faz mal a ninguem, não he presumptosa, não tem ambição de propria honra, e proveito, não pertende nunca fazer mal, antes ajuda com alegria a verdade, e aborrece a maldade. Todas estas condições ha de ter o zelo santo. Primeiramente, ha de amar o zeloso deveras a Deos, e ao proximo. Apoz isto ha de pertender só a honra, e gloria de Deos, e o proveito do proximo. E conforme a isto a primeira pedra que o zeloso ha de lançar, ha de ser zelar a honra de Deos em si mesmo, e do conhecimento do damno que o mal lhe faz a elle, trabalhar pelo atalhar em si, e nos proximos, com igual moderação em si, e n'elles. Porque dissimular com o damno da propria alma, e zelar muito o remedio do mal do proximo, e ser muito ponderado na propria honra, e nas conjunções, e modos com que ha de fazer o seu, e muito arremessado no alheio, he zelo monstruoso, e pela maior parte aproveita pouco, e he mal recebido, e desmanda-se em excessos de rigor, e colera. Esta regra deo o Senhor aos zelosos da lei de Moysés, Fariseos, e Letrados, no caso da mulher adultera: «Qual de vós he sem culpa, lhe lance a primeira pedra» (**), porque injusto, e indiscreto zelador he, o que

(*) 2. Corinth. cap. x. (**) Joann. cap. VIII.

quer apedrejar, merecendo ser apedrejado. Ha de ser o zelador desprezador da propria honra, porque aonde he interessado n'ella, muda-se o zelo ás vezes em ambição. Ha de ser compassivo dos males alheios: porque não aconteça, que com demasiado rigor não seja o culpado ouvido, nem recebida sua penitencia, nem admittido á divina conversação e honra; mas posta a cura, ha de ser o fraco ajudado, favorecido, e honrado. Ha se de ter o zeloso em peior conta que o culpado, que quer emendar; porque não caia em desprezo do proximo, e mude o amor que lhe deve, em odio. Os que tem por officio publico zelar a virtude, vivem em maior perigo: porque são obrigados a zelal-a, posto que sejam máos. E acertar em fazer seguir a virtude, que não ama, não o asseguro a nenhum d'elles: porque ou despensarão no rigor d'ella pera menos reprehensão sua, ou excederão n'elle, por não parecer relaxados, ou aproveitarão pouco, senão forem na vida exemplares. Aconselharia a estes, que em quanto são superiores, se atem ás proprias leis, que aos outros põem, e façam por obra o que entendem que os outros devem fazer. Porque com isto nem serão escandalosos, nem excessivamente rigorosos. E se o não fizerem, não digo que de todo não acertarão na virtude do zelo: porque nosso Senhor, Pastor verdadeiro das almas, que lhe custaram seu sangue, os fará acertar pera proveito d'ellas, posto que elles lh'o não mereçam: e os subditos com esta fé em Deos hão de receber suas cousas, se querem acertar. Mas assi os que tem cargo publico, como os particulares, tomem por espelho pera acertar na virtude do zelo a vida do grande, e perfeitissimo zelador da lei, e honra de Deos, e do bem das almas, Christo nosso Senhor. No qual verão, que em doutrinar foi perfeitissimo, e verdadeirissimo, sem respeito de pessoas: em soffrer pelas verdades, que ensinava, constantissimo, e amantissimo: em agasalhar, e amar os peccadores suavissimo: em dissimular com proprias offensas, e fazer bem aos que o offendiam, brandissimo. E sendo elle o innocente, carregou por zelo da honra de Deos sobre si sem peso, nem medida todo rigor, e acabou tudo quanto quiz com as almas, com amor, e brandura, e com obras, e beneficios aos que menos lh'o mereciam. Por onde quem nas obras do zelo não traz clarissimas as demonstrações de christianissimo amor, faz-se por sua culpa aborrecido, e trabalha com pouco proveito.

Exercicio da fome, e sede da justiça.

Fonte e pego de soberanos, e infinitos bens, a quem todas minhas necessidades (ainda sem se entenderem) suspiram, dou-vos infinitas graças, porque me fizestes tão mingoado de todos os bens, que até minhas miserias continuas, continuamente me obriguem a hir a vós. Que cousa ha em mim, Senhor meu, que não suspire por vós, posto que o eu não entendo? Porque como todo o bem de vós procede; os divinos, porque se encerram em vós, e os temporaes, porque d'essa divina mão hão de ser dados; a estas mãos olham todas as necessidades, em que vós quizestes, que eu n'este degredo vivesse, assi as corporaes, como as espirituaes. A essa mão pedem os olhos a luz pera verem, sem a qual estão em trevas; a essa pede o corpo o ar pera respirar, o mantimento pera sua fome, e agoa pera sua sede, a saude pera sua doença, o dia pera seu trabalho, a noite pera seu descanso, a força pera seu maneio, o bom successo de seus negocios, o remedio de todas suas necessidades: pois d'ellas está sempre cercado, e essas tem por proprias, em que nasceo, e em que vive, e ha de morrer, e até pelas temporaes essa mão fabricadora de todo bem dá por medida o que pera cada hum ha mister. Quando estou cativo, ella me ampara; quando me pode vir algum mal, ella m'o atalha; quando permitte que me venha, ella me ajuda a poder com elle; e quando mais cuidado ponho pera acudir a minhas necessidades, e gasto n'isso toda a occupação da vida, sem me lembrar d'essa poderosa, e benigna mão, e me valho dos homens, e das cousas terrenas, se essa mão paternal não pozer sua virtude, ainda quando lho não peço, nem mereço, tudo desarma em vão. Porque não quizestes que a outrem devesse até as minimas cousas, senão a vós, e por isso todo este terreno homem a vós suspira (ainda quando menos se entende) e a vós chamam suas necessidades, de quem só hão de receber o remedio. Tambem todo o interior d'esta alma (pobrissimo naturalmente de todo bem, e muito mais pobre pelas offensas que vos tem feito) a quem, Deos meu, suspira, senão a vós? Vós me soffreis, quando pecco, vós me esperais, que me arrependa, vós me inspirais todo bem, vós me ensinais toda a verdade, vós me dais a vontade pera a querer, e as forças pera a seguir, e a graça pera perseverar, vós me dais a fé, com que vos conheço, o amor com que vos amo, a esperança com que tudo vos peço. As potencias d'esta alma sem vós vivem em irremediavel fome, porque só vós as podeis fartar.

quer apedrejar, merecendo ser apedrejado. Ha de ser o zelador desprezador da propria honra, porque aonde he interessado n'ella, muda-se o zelo ás vezes em ambição. Ha de ser compassivo dos males alheios: porque não aconteça, que com demasiado rigor não seja o culpado ouvido, nem recebida sua penitencia, nem admittido á divina conversação e honra; mas posta a cura, ha de ser o fraco ajudado, favorecido, e honrado. Ha se de ter o zeloso em peior conta que o culpado, que quer emendar; porque não caia em desprezo do proximo, e mude o amor que lhe deve, em odio. Os que tem por officio publico zelar a virtude, vivem em maior perigo: porque são obrigados a zelal-a, posto que sejam máos. E acertar em fazer seguir a virtude, que não ama, não o asseguro a nenhum d'elles: porque ou despensarão no rigor d'ella pera menos reprehensão sua, ou excederão n'elle, por não parecer relaxados, ou aproveitarão pouco, senão forem na vida exemplares. Aconselharia a estes, que em quanto são superiores, se atem ás proprias leis, que aos outros põem, e façam por obra o que entendem que os outros devem fazer. Porque com isto nem serão escandalosos, nem excessivamente rigorosos. E se o não fizerem, não digo que de todo não acertarão na virtude do zelo: porque nosso Senhor, Pastor verdadeiro das almas, que lhe custaram seu sangue, os fará acertar pera proveito d'ellas, posto que elles lh'o não mereçam: e os subditos com esta fé em Deos hão de receber suas cousas, se querem acertar. Mas assi os que tem cargo publico, como os particulares, tomem por espelho pera acertar na virtude do zelo a vida do grande, e perfeitissimo zelador da lei, e honra de Deos, e do bem das almas, Christo nosso Senhor. No qual verão, que em doutrinar foi perfeitissimo, e verdadeirissimo, sem respeito de pessoas: em soffrer pelas verdades, que ensinava, constantissimo, e amantissimo: em agasalhar, e amar os peccadores suavissimo: em dissimular com proprias offensas, e fazer bem aos que o offendiam, brandissimo. E sendo elle o innocente, carregou por zelo da honra de Deos sobre si sem peso, nem medida todo rigor, e acabou tudo quanto quiz com as almas, com amor, e brandura, e com obras, e beneficios aos que menos lh'o mereciam. Por onde quem nas obras do zelo não traz clarissimas as demonstrações de christianissimo amor, faz-se por sua culpa aborrecido, e trabalha com pouco proveito.

Exercicio da fome, e sede da justiça.

Fonte e pego de soberanos, e infinitos bens, a quem todas minhas necessidades (ainda sem se entenderem) suspiram, dou-vos infinitas graças, porque me fizestes tão mingoado de todos os bens, que até minhas miserias continuas, continuamente me obriguem a hir a vós. Que cousa ha em mim, Senhor meu, que não suspire por vós, posto que o eu não entendo? Porque como todo o bem de vós procede; os divinos, porque se encerram em vós, e os temporaes, porque d'essa divina mão hão de ser dados; a estas mãos olham todas as necessidades, em que vós quizestes, que eu n'este degredo vivesse, assi as corporaes, como as espirituaes. A essa mão pedem os olhos a luz pera verem, sem a qual estão em trevas; a essa pede o corpo o ar pera respirar, o mantimento pera sua fome, e agoa pera sua sede, a saude pera sua doença, o dia pera seu trabalho, a noite pera seu descanso, a força pera seu maneio, o bom successo de seus negocios, o remedio de todas suas necessidades: pois d'ellas está sempre cercado, e essas tem por proprias, em que nasceo, e em que vive, e ha de morrer, e até pelas temporaes essa mão fabricadora de todo bem dá por medida o que pera cada hum ha mister. Quando estou cativo, ella me ampara; quando me pode vir algum mal, ella m'o atalha; quando permitte que me venha, ella me ajuda a poder com elle; e quando mais cuidado ponho pera acudir a minhas necessidades, e gasto n'isso toda a occupação da vida, sem me lembrar d'essa poderosa, e benigna mão, e me valho dos homens, e das cousas terrenas, se essa mão paternal não pozer sua virtude, ainda quando lho não peço, nem mereço, tudo desarma em vão. Porque não quizestes que a outrem devesse até as minimas cousas, senão a vós, e por isso todo este terreno homem a vós suspira (ainda quando menos se entende) e a vós chamam suas necessidades, de quem só hão de receber o remedio. Tambem todo o interior d'esta alma (pobrissimo naturalmente de todo bem, e muito mais pobre pelas offensas que vos tem feito) a quem, Deos meu, suspira, senão a vós? Vós me soffreis, quando pecco, vós me esperais, que me arrependa, vós me inspirais todo bem, vós me ensinais toda a verdade, vós me dais a vontade pera a querer, e as forças pera a seguir, e a graça pera perseverar, vós me dais a fé, com que vos conheço, o amor com que vos amo, a esperança com que tudo vos peço. As potencias d'esta alma sem vós vivem em irremediavel fome, porque só vós as podeis fartar.

Os espirituaes bens, com que a vós se levantam, de vós lhe hão de vir; e os infinitos, de que as fizestes capazes, comvosco os hão de ter. E quando mais espalhadas andam por affeições fóra de vós; mais perdidas, mais famintas, e mais necessitadas andam; porque seu natural desejo a vós, sua perfeita e cabal medida de bens verdadeiros as inclina, e tudo atraz de que andam, sem vos buscarem, as consume, e derrete, e emmagrece, e as faz víver em regiões de fomes, e miserias.

Divina, e perfeita fartura d'esta miseravel natureza, ponde os olhos de misericordia em mim, e curai com amor o que com elle criastes, pois o vedes tão perdido. Porque me fizestes só pera vós, e porque quizestes só ser o meu verdadeiro, e proprio bem, logo me fizestes de maneira, que todo de dentro, e de fora penda de vós e viva em continua necessidade de vós, todas minhas inclinações corporaes, e espirituaes me podessem servir de fomes de vós, pera que se vos buscasse com tantas fomes, unica fartura minha divina, e soberana, com mais gosto vos recolhesse, com mais proveito vos lograsse, e com mais largueza me fartasse de quantos bens tendes. Oh meu Deos, que monstro he este que em mim vedes? Que he isto assi, e assi o conheço, e confesso, e faço celeiros, e adegas, e thesouros com todo cuidado dentro d'esta alma, e nos sentidos d'este corpo, de cousas, que entre mãos se me consumem, e da boca me fogem, e ando apoz ellas bebendo os ventos, faminto, e não de vós, desejoso, e não de bens, tão perdido, e necessitado como vedes. Hum dia de vós vale mais, que milhões de vidas sem vós; porque n'esse dais tanto, consolais tanto, fartais tanto, que restaurais todas as forças perdidas, satisfazeis todas as necessidades, e alagais tudo de divinos bens. E em tantos dias como tenho vivido, não posso dizer que tive hum d'estes. E confessarei a vossa misericordia, que tive muitos em conta de bons, e suaves, mas só me ficou d'elles que chorar, e desejar de lançar (se podesse) das entranhas d'esta alma o que d'elles me ficou, que como peçonha me tira a vós, vida minha verdadeira. Oh divina bondade, oh misericordia infinita! Melhor he (como diz vosso Profeta) a vossa misericordia, que muitas vidas juntas (*); porque todas sem vós, unica vida rica d'esta alma, não tem remedio pera se não perderem, senão essa misericordia. A ella peço a medicina d'estas chagas. Arrancai, Senhor, o amor d'esta alma das cousas baixas, que a tem presa, e o ponde só em vós. Apparecei, luz verdadeira, a esta alma cega, e allumiai

(*) Psalm. LXII.

minhas trevas, pera que veja em que lodo jaso, e saiba suspírar a vós. Dai-me medo de meus gostos, fastio do que até agora desejei, e limpeza interior, pera que me saiba tudo ao que de verdade he, pera que não perca os sabores soberanos, que vós communicais aos vossos. Misericordia, Senhor de piedade. Que será de mim, se vos cotejardes com as cousas que eu em vosso lugar com fome, e desejo busco, e pelas quaes vos perco? Como podereis deixar de vos enfastiar de mim, e me lançardes de vosso gosto, e amparo, que he a perdição que eu mereço? Ensinai-me vós a fazer em mim esse juizo, e executar em mim essa sentença, pera que vós com misericordia me perdoeis. Não quero, Deos meu, dizer com palavras, nem lembrar ante vós a baixeza, torpeza, profanidade, vaidade, e vergonha das cousas que até aqui amei e busquei, com a fome, e desejo, que a vós devia, e com o gosto que só pera vós houvera de guardar: pera que se não corrompa o ar com minhas brutezas. Mas confesso ante vossos purissimos olhos, o que vós com elles perfeitamente n'esta miseravel alma vedes.

Confesso que eu sou poderoso pera perverter, e corromper a pureza angelica, e toda a criatura racional, se vós a não guardardes, e defenderdes de mim. Pois que terei feito em mim? Oh conhecedor meu sapientissimo, meu Jesu, sede meu Salvador, sede meu Redemptor, sede soffredor d'estes males, e sede remediador d'elles. Este he o pego sem fundo de miseraveis desaventuras, em que o abysmo d'essa misericordia ha de mostrar sua grandeza, e infinita bondade. Quando me n'elle alagardes, sahirei d'elle limpo, e nova criatura, pera com amor novo, fresco, tenro, e vivo desejo vos buscar, e amar. Lembrai-vos, Senhor que mandastes que vos chamasse no dia da tribulação, que me livrarieis, e livre de minhas miserias vos louvaria com gosto vosso. Eisaqui o dia de minha tribulação, não corporal, porque essas melhores me são, que o gosto das cousas terrenas; mas dos perigos, em que as miserias, e males que em mim vedes me tem posto. A vós chamo do profundo das necessidades interiores, em que estou atolado, e de que não posso sahir senão por vós. Ouvi-me Senhor meu, livrai-me, e apurai os desejos d'esta vossa criatura, pera que com fome a só vós procurem, e vos alcancem; a só vós busquem, e vos achem; de só vós vivam, e em vós se mantenham; pera que com puros louvores, a vós cantem n'este vale de lagrimas, e em vós toda minha alma se derreta, já desapegada de terrenos desejos.

Não me podeis negar, bom Jesu, o que vos peço, porque sei que n'isto vos peço o que vós me quereis dar, mas peço que o impedimento que em mim ha, vós o tireis. E o que eu não mereço dai-o a vosso amor, e vossos desejos com que me procurastes todos os bens. Lembrai-vos, Senhor, que não me deveis nada, nem vol-o merecia (antes pelos damnados amores do mundo, que em mim já vieis, e em mim aborreceis, vos desmerecia quantas mercês me fazieis) quando trinta e tres annos ardieis em viva, e amorosa fome, e sede de me fazerdes muitas mercês, de usardes comigo de muitas misericordias, de me converterdes todo a vós, de me alevantar os desejos, e amor a vós, e a vossas cousas soberanas. Lembre-vos quantas interiores dores vos custei pelos peccados que de mim já sabieis. Lembre-vos as ancias, e apertos d'esse coração, com que vos offerecieis a vosso Eterno Padre por minhas tibiezas, e friezas. E pois tantos annos essa fome, que padecieis de meu bem, vos atanazou, e bradou a vossa misericordia por mim, ouvi-a Senhor, fartaí-a comigo, com me dardes o que ella vos pede. Oh amigo verdadeiro das almas; em tudo supris nossas mingoas, e faltas. Como vos vistes homem como nós, todas as fomes d'essa natureza humana, que nós trazemos estragadas, e mal empregadas, trouxestes vós toda a vida postas em nosso remedio. Choravam vossos olhos por elle, ouviam vossos ouvidos as necessidades de todos, chamava vossa suavissima boca a todos, dias, e noites suspiraveis por ver bem a todos, amava vosso coração a todos, importunaveis vosso Padre Eterno por todos, sentieis a dureza de todos, lastimava-se esse coração brandissimo pelo que vieis em todos, desejaveis de acender vosso amor em todos, todas vossas ancias eram porque se ateasse, e doía-vos apagar-se em muitos. E assim padecieis este trabalho por todos em mim, que em mim, e em cada hum vos empregaveis tanto como senão houvera outro. Que vos somos nós pera tantas ancias? Que proveito esperais de nós pera tantas dores, e tantos desejos quantos em nós empregais? Ah Senhor meu, como soffre esse amor ver-se penar, sem se satisfazer em mim? Perdestes por ventura vossa força? Pera que, Senhor, tendes tanta conta com meu livre alvedrio, que soffreis perder-me eu, e penardes vós? D'esta hora por diante vol-o entrego, quero vos acompanhar n'esse cuidado, e desejo que tendes que vos ame. Amo-vos Deos meu, e mais desejo amar-vos. Desapegue-se de mim todo outro amor, pois só vós me mereceis todo este coração. Bem sei que isto he o que quereis. Porque ordenastes que assi como quando eu, se alguma

cousa mereço ante vós, não possa ter outra justa paga, senão a vós: assi nenhuma cousa possa justamente merecer o amor d'este coração, senão vós. E vós sempre me pagais comvosco, e eu dou-me a quem me não merece. Oh Senhor, já que tanto alevantastes a dignidade d'esta alma, não m'a deixeis acanhar, e abater. Aqui vos dou tudo o que n'esta alma ha, tudo o que n'este corpo vos pode servir. Aceito-vos por meu unico bem; aceitai-me todo por vosso, guardai-me como vosso, fechai-me em vós como vosso, porque nunca me percais, nem vos eu perca, meu unico, e verdadeiro bem; meu unico, e verdadeiro Deos, e meu Senhor.

Oração do Pater Noster ao mesmo intento.

Ajuntai-vos comigo Ceo, e terra, anjos, homens, e toda criatura; vinde todos, louvemos, adoremos, e amemos a este Senhor. Todos, Senhor, com as palavras, com que nos ensinastes a orar, e accender em nós a fome, e sede de vós, e atiçar os desejos de vossos bens, vos louvamos, e vos rogamos. A ellas conhecereis, pois nol-as ensinastes, a ellas ouvireis, pois pera sermos ouvidos nol-as destes, por ellas nos dareis vivos, e perpetuos desejos de vos amar, e servir, pois pera isso nol-as mandastes dizer.

Pater Noster (*)

Padre Eterno, Padre soberano, Padre todo poderoso, Padre infinito, Padre misericordiosissimo, Padre amigo nosso, Senhor nosso, que nos tendes escritos n'esse eterno amor vosso. Padre, que assi sois nosso, que tudo fora de vós nos he alheio, e que nos não olhais senão como amantissimos filhos vossos.

Qui es in Coelis

Com esse amor nos esperais n'essa celestial casa em que morais, alevantai a ella nosso desejo. Já que aqui nos trazeis desterrados, não pera aqui nos lançardes de vós, mas pera nos levardes por aqui a vós: prendei comvosco nossos desejos, pera que com fastio das cousas da terra, que nos tem degradados de vós, sempre de todo, e em tudo, e com todo o interior, e exterior suspiremos a vós.

(*) Matth. cap. VI.

Santificetur nomen tuum.

Fazei-nos estimar a grandeza, magestade, divindade d'este paternal nome: fazei que nos prezemos todos de vossos filhos. Trazei o mundo a vosso conhecimento. Mostrem nossos desejos, nossas obras, nossas palavras, que somos filhos vossos, que só por vossa honra suspiramos, só vossa gloria, e serviço desejamos; e pareçamos, Padre santo, filhos d'essa divina santidade.

Adveniat ad Regnum tuum.

Fujam de nós, como de filhos vossos, todas as cousas que nos querem tirar de vós, porque só vós reineis em nós. Oh Padre nosso, olhai o perigo em que vivemos, encurtai este degredo, e levai-nos a vós. Como, Senhor, soffreis que vos amemos e vos não vejamos? E se cumpre estar ainda mais tempo degradados, vós sabeis morar n'este coração. Vinde, Padre e Senhor, aqui reinai, e aqui morai, e se fizerdes d'esta alma vosso reino, detenha-se o celestial quanto quizerdes porque nem cá, nem lá, desejo senão que reineis vós em mim, e tenhais plenario senhorio em todas nossas almas.

Fiat voluntas tua.

Ah vinde, Padre Eterno! Alargai Senhor, vossa bondade, senhoreai tudo, fazei-vos obedecer de todos. Vós sabeis que não aproveita nada todo nosso ser, senão quanto podeis ser em nós servido. Vossas vontades todas são de pai amigo, de pai cuidadoso de nosso bem. Pois quem nos engana pera nos fiarmos d'outra vontade, senão da vossa? Viva, viva Senhor essa vontade bonissima, todas as contrarias, e differentes se consumam.

Sicut in Cœlo, et in terra.

D'essa vossa está a corte do Ceo quieta, contente, segura, rica, sem temor, e confirmada em todos os bens. Pois que tem a terra cheia de perigos, e de inimigos, pera se fiar d'outras vontades differentes das vossas? Oh Senhor meu, tirai esta presumpção da terra, someteia-a toda a vós, como someteis o Ceo.

Panem nostrum quotidianum da nobis hodie.

E pois a sustentação da nossa vida n'esta vossa obediencia se resume, e todas as almas de vossas paternaes bondades, e graças se mantem, todos os dias nos ajudai com ellas, seja cada dia vosso, e em cada hum dos dias da vida nos visitai com vossas mercês, e com ellas nos obrigai a vos amar todas as horas, pera que renovados cada dia, e cada hora com o vosso espiritual mantimento, e amor, e desejo de vós, com viva fome cada dia, e cada hora suspiremos por vós, sem haver outro desejo que n'estes corações entre. Comece isto hoje, pois nos não déstes dia certo d'amanhã, e continuai-o em cada dia, até que chegue aquelle que não tem passado, nem futuro.

Dimitte nobis debita nostra.

Não impidam estas vossas mercês no ssos peccados. As dividas, em que vos estou de vos servir, e amar, nunca, meu Deos, mas quiteis, quero-as satisfazer, e quero-vos cada dia mais dever. Mas as dividas do amor, que vos tirei, e dei a cousas baixas, quitai-mas Senhor, que vol-as não posso pagar senão com vos tornar o amor. Aqui vol-o restituo frio, e pervertido, vós vos satisfazei com elle, e o purificai ao modo de vosso gosto, e o mais em que pequei, me perdoai com misericordia.

Sicut, et nos dimittimus debitoribus nostris.

Penhorado estais, Senhor, a me perdoar como quem sois, pois que me obrigastes a perdoar com toda minha fraca possibilidade, e graça vossa a quem me aggravasse, ao modo que vós perdoais tudo: e se tão largo quizestes que fosse de minha pouquidade, como haveis de ser comigo escasso de vossa largueza? Perdo-o, como me mandastes. Perdoai-me como podeis, pera que entre vós, e mim não haja meio, nem impedimento, nem pejo.

Et ne nos inducas in tentatione.

Fazei, Senhor, em mim esta obra perfeita, tomai-me todo á vossa conta, e livrai-me das tentações, que me perturbam. Padre Eterno, que não

quizestes que vossos filhos terrenos fossem tentados pera serem perdidos, e sabeis quantos bens perderemos se formos vencidos, tentai-nos, e provai-nos da maneira que quizerdes, mas pelejai, e vencei em nós com amor.

Sed libera nos à malo. Amen.

Olhai, Senhor, quam maliciosa he esta carne, de que estamos cercados, e de que só vossa mão nos pode livrar. Olhai quantos males nos cercam, e por nós tiram. Olhai a quantos males estes vossos filhos desterrados estamos arriscados. Olhai, que sem vossa paternal ajuda nada podemos. Acudi com vossa poderosa mão, livrai-nos de todos os males, que de vós nos podem apartar, pera que em vós vivamos seguros. Oh Padre celestial, que prometestes a vossos filhos agoas vivas, que de seus corações correriam até vós, vida nossa eterna! Deseja agora minha alma esta sede, e esta agoa. Oh fonte de vida, farta-me de sede de ti, e farta minha sede comtigo só, sempre, cada hora, cada momento, pera que não seja d'outra sede entrada.

Madre de misericordias, que sempre desejaveis, e sempre vos fartaveis só d'estes soberanos bens. Compadecei-vos dos desterrados filhos de Eva. Venha por vosso merecimento este fogo do Ceo, que tudo abraze. Oh Corte celestial, que seguramente desejais, e plenariamente fartais os desejos, que de cá levastes, fazei-nos sequer sempre desejar os bens que tendes, pera que mereçamos ajudar-vos a nos fartar d'elles. Amen.

TRABALHO XIV

Andar entre gente differente de sua vida, e costumes.

Anda ordinariamente em companhia da fome, e sede da justiça hum trabalho não pouco penoso de soffrer aos servos de Deos, que he a communicação, e trato da gente d'outra profissão, intentos, e costumes, cuja companhia se não pode de todo evitar. Porque as almas, que Deos traz alevantadas e occupadas em si, e a que dá vivo, continuo, e afervorado desejo de ver a Deos de si, e de todas as criaturas amado, conhecido, e servido; claramente vêm as muitas obrigações, que as almas tem ao Senhor, e o gravissimo mal que he, não darem a Deos o que lhe devem. E por isso hum dos mais pesados trabalhos que na vida padecem, he, trazerem sempre diante dos olhos a grande ignorancia, que na terra ha das cousas divinas, e o muito cuidado com que todas as cousas, que de Deos apartam, são buscadas, e amadas e as muitas offensas, com que Deos he offendido sem consideração, nem respeito. A ninguem pode este trabalho ser tão pesado, como a Christo nosso Senhor. Porque quiz elle por sua bondade escolher no mundo, e na terra estado de vida baixo, e pobre. E pela profunda humildade, a que se abateo, nenhuma differença fez de sua divina pessoa humanada pera se desigualar da gente popular, e commum. Vivia na républica, no meio do povo, em casa pobre, e rua commum, sem tolher porta, nem entrada a quem o quizesse ver, e tratar. Assi dava a todos exemplo de santissima e purissima vida, recolhida, modesta, quieta, e occupada em Deos, que nenhuma demonstração dava de sua eterna sabedoria, porque vivia em silencio: nem da magestade de sua divina pessoa, porque ainda não era tempo de se manifestar com milagres, e maravilhas. Por isso não era tratado do povo com o respeito, que como quem era se lhe devia: nem sua santidade era tão estimada, que por ella se pejasse cada hum dos que o viam, e conheciam, de viver, e tratar diante de seus olhos como se lhe antolhava. Andando pois no meio do povo, quanta pena lhe daria o que continuamente via, e ouvia? A variedade das praticas, e palavras desconcertadas, o tumulto, e baixeza, e grossaria do trato popular, que diante de seus olhos, e gravissima pessoa passava: os gritos de huns, os despropositos de outros; a rudeza de todos pera as co u-

sas divinas: as pelejas dos vizinhos, o commercio das rendas, de compras, e vendas, e confusão dos baixos intentos de hum povo miudo; as mentiras, os juramentos, as contendas, e o porque d'ellas; a immundicia de peccados, e deshonestidades publicas, e com isto o geral esquecimento da salvação; a frieza das cousas divinas, a desestima da verdade, das virtudes, e todo mais desaforamento, e trato de baixezas, de que o povo miudo na praça costuma ser cheio. Ajuntai a isto a má vida dos grandes, a hypocresia dos sacerdotes, a vaidade dos letrados, a cubiça dos da justiça, a vexação dos innocentes, o desprezo, e desestima dos bons, a soltura dos vicios, o senhorio, e approvação dos máos costumes, o desenfreamento publico das más cubiças, e appetites proximos, o acanhamento, os aggravos dos pobres, a soberba dos ricos, e tudo o mais que geralmente vive, e reina na gente, e vida popular, que são encontros, em que o Senhor forçadamente dava muitas vezes, pois vivia entre ella. Não se pode bem acabar de ponderar, quanto custou ao Senhor soffrer, e padecer á vista d'isto trinta annos, entre gente tão varia, como ha no povo, e de tão differentes artes, condições, e costumes dos seus. Tudo quanto n'elle havia lhe fazia este trabalho gravissimo. A magestade de sua divina pessoa metida entre tão baixo commercio de gente: a santidade de sua vida entre tão profanos costumes: o zelo da honra de Deos em que ardia, entre tanta soltura de peccados: o vivo desejo que tinha da salvação de todos entre tão largas, tão seguidas, e não sentidas estradas da perdição, como continuamente via: e tudo o mais que n'elle havia, eram motivos, e estimulos, que continuamente atanazavam seu purissimo espirito. Ajuntai a isto o que alguns devotos consideram, e não sem fundamento, e razão: que como o povo he bruto, e baixo ponderador das cousas, e inconsideradamente se arremessa a juizos temerarios, e desprezos do que não sabe estimar: viam ao Senhor crescer, fazer-se homem, e encher de barba, e não trabalhar, nem aprender officio, nem letras, e estar em casa de sua sacratissima Mãi, e de Joseph carpinteiro pobres, e muitas vezes lhe chamariam ocioso, perdido, e que sendo homem tamanho comia o suor de sua mãi, e não lhe ajudava a ganhar hum pão; e diriam sobre isto muitas cousas á Senhora sacratissima, a S. Joseph, e a elle no seu rosto com desprezo de sua pessoa. E por ventura muitos trariam com elles teima, e desprezariam seu exterior recolhimento, e modestia, porque não vivia do que os outros viviam, e não tratava nos negocios da outra gente: e lhe poriam muitos nomes, e lhe perderiam to-

do respeito. Tudo isto costumava haver em povo miudo, entre o qual andava Christo: e tudo se pode cuidar que queria elle por nós padecer, pois nunca costumou dispensar comsigo em cousa que lhe podesse dar trabalho.

Tudo isto podera o Senhor escusar, se tomara a vida do ermo, como S. João Bautista. Mas como os menos são capazes da vida solitaria, e o mais geral da gente que se salva, vive em conversação, e companhia dos homens, e no tumulto, n'ella tinha nosso Senhor mais materia de trabalhos, e paciencia, que na quietação da vida solitaria. Deixou o regimento da vida do ermo a seu divino espirito, que a seu tempo o ensinasse, e guiasse aos que elle arrebatasse, e tirasse do tumulto do mundo, e contentou-se com approvar, e dar exemplo d'ella quarenta dias, e tomou a vida commum pera dar mais geral exemplo a todos, pois a elle nos tinha o Padre Eterno dado por mestre, e espelho da reformação de nossos males, e pera ter mais em que satisfizesse a pena d'elles padecendo.

Tres cousas principaes, entre outras muitas, me parece que o Senhor quiz ensinar em querer trinta annos viver entre o povo commum. A primeira, como havemos de tratar com a gente. A segunda, como havemos de soffrer. A terceira, quam pouco nos havemos de governar por ella.

Do modo que se ha de ter na vida entre a gente, temos algumas regras geraes na divina Escritura. Christo nosso Senhor disse, que ha de ser de maneira, que nos olhos dos homens o bom exemplo da guarda da lei de Deos, ha de resplandecer de modo, que possa a gente dar gloria a Deos. E a meu ver dar a Deos gloria n'este lugar, não he louval-o com a boca, mas que as obras mostrem a honra de tal Senhor, que se não serve senão de gente sem tacha. N'isto declarou a obrigação, que o Christão tem de viver bem á vista de todo mundo, na qual nenhuma lei pode dispensar, nem costume, nem ponto de honra, nem estado, nem Deos receberá a escusa por mais justificada que pareça. E posto que o Christão deve encobrir as virtudes particulares, em que se exercita, e os dons espirituaes de Deos, que interiormente recebe: todavia, a boa vida, que consiste na guarda das obrigações christãs de seu estado, ou cargo, e das leis de Deos, e da santa Igreja, e em evitar peccados contra ellas, assi he obrigatorio ser publica, que não se satisfará Deos de ser guardada só em secreto. Por onde em grande erro vivem os homens

cortesãos, e seculares, que querendo evitar peccados, e correndo-se de se lhes enxergar, tomam por talho contrafazer-se em publicas demonstrações dos peccados, de que em secreto querem fugir. Porque afora ser isto favorecer os males, que o mundo approva, e Deos condemna, tem contra si a ameaça do Senhor, que disse: «Quem se corre de mim diante dos olhos do mundo, eu me correrei d'elle diante de meu Padre Eterno»(*). E com razão: porque já que Christo nos olhos de todo mundo no dia do juizo ha de glorificar os seus, quer tambem d'elles ser publicamente glorificado. Alem d'isto, a obrigação de dar bom exemplo christão aos proximos não se satisfaz com o que está no coração, senão com o que elles vem de fora. E aos que não cumprem com esta obrigação chamou Christo escandalosos, e desaventurados, e que melhor lhes fora ser lançados no mar, com huma mó ao pescoço, que o pezo da carga que lhes fica, de não terem dado de si bom exemplo. Declara tambem o Senhor n'esta palavra, que a tenção em dar bom exemplo aos proximos não ha de ser ganhar com elles credito, nem estima da propria pessoa, mas honrar a Deos com lhe obedecer, e dar occasião a outros, pera que o sirvam. He verdade que a virtude merece louvor, e todo Christão he obrigado a louval-a onde a vê: mas muito mais merece Deos ao seu virtuoso que de coração conheça, que só a elle se deve todo louvor, pois he o autor de todas nossas obras. «Não podeis dar fruto de boas obras (disse elle) se não estiverdes em mim, como a vide na cepa(**). A qual ainda que tosca, se attribue a frescura, fermosura, fertilidade, e sabor do fruto da vide, e estar fora d'ella faz, que não preste senão pera o fogo. Assi pera o fogo prestamos, quando estamos sem a graça de Deos, que em nós faz todas as obras de virtude. E quando as fazemos, não a nós, mas a quem as faz em nós, se deve tudo. Outra regra nos deo S. Paulo pera viver entre a gente. «Não devais nada a ninguem senão só ao amor: porque n'elle se encerra toda a guarda da lei, e n'elle cumprimos com todas as obrigações, que temos aos proximos (***).» Ensina S. Paulo n'esta regra, a meu ver, o modo de viver livre, e sem obrigações entre a gente. O qual he no usar de liberdade pera fazer homem o que quer sem respeito dos que o conversam, e vêm, mas fazer em tudo o que deve: porque o que faz o que quer, mostra, que não estima a gente com que trata, nem faz caso de ninguem; e assi como n'isto se carrega de offensas dos proximos, assi se

(*) Matth. cap. x. (**) Joann. cap. xv. (***) Ad Roman. cap. xiii.

obriga a satisfazer-lhe muitas dividas: e a vida que parece mais livre, fica mais cativa, e inquieta. D'aqui fica entendido o regimento que se ha de ter no fazer, e receber as amisades entre os proximos. E que em as fazer não haja falta, no que com justa razão se podem de nós esperar: em recebel-as haja tanta moderação, que nunca fique penhorado a fazer pelos amigos o que não deve. Compridas estas obrigações com discrição, podem ter termo a da charidade, e amor dos proximos: assi se ha de cumprir, que sempre ha de crescer, e permanecer tão viva, que nunca cuidemos que ficamos desobrigados d'ella. Resumindo pois em poucas palavras, o modo de viver entre a gente santa, e christãmente conforme a estas regras, e ao exemplo, que Christo nosso Senhor nos deixou, me parece, que o fundamento está em ter o Christão a guarda da lei de Deos tanto pela maior obrigação de todas as da vida, que nenhuma outra vogue contra ella. E he n'isto tão livre, que justamente a seus maiores, iguaes, menores, amigos, e inimigos, tudo o que d'elle quizerem contra esta lei negará, sem lhes ficar em nenhuma divida justa. Com isto entenda, que não nasceo pera si, senão pera os proximos: e posto que não pode pertender contentar senão só a Deos, todavia não tem licença pera descontentar com offensa, e escandalo a seu proximo.

Pera acertar n'estas duas cousas aconselharia a todo Christão, que tivesse feito assento determinadissimo comsigo, e com Deos de fazer a todo genero de homem quanto bem poder, sem outro respeito senão por amor de Deos; e posto que a possibilidade pera isso seja curta, e fraca, a vontade e demonstrações d'ella sejam larguissimas. E trabalhe sempre mais em todas as cousas, que se offerecerem, de buscar razões pera fazer, que pera se escusar das cousas que d'elle querem. Semelhará n'isto muito a condição de Deos, e parecerá feitura das mãos de seu Criador. Porque o homem, que não he proveitoso pera todos, e pera tudo, não se parece com seu Autor, o qual he a fonte de todo bem. Ajunte a isto estimar o mal que faz, não pela pessoa a quem o faz, senão pelo damno, que faz a sua alma em o commetter, e pela fealdade do mesmo mal, pera que em toda a parte lhe pareça mal, e o evite, e se corra d'elle por não ser máo, e não offender a ninguem. Em fim, pera todos seja tal, qual quer que seja tudo pera si.

Assi se maravilha nosso Padre Santo Agostinho de hum tamanho desproposito, como passa entre os homens: que não soffrendo nenhuma

(*) August. De tempor. Serm. 111.

cousa má, só a si se querem máos(*). A vida, a honra, a fazenda, o amigo, o cavallo, o vestido, a comida, até o varrer da casa queremos bom: só a nós soffremos ser máos. «Que te fizeste a ti mesmo homem (diz Santo Agostinho) que não queres ser nem como o teu remendo, nem como a sola do teu çapato?»(**) Por onde já que tudo queremos bom, e então he bom quando he proveitoso, nenhuma cousa cuido que faz acertar a junta á vida, e conversação da gente, como trabalhar por ser na vontade, condição, e palavras, e obras proveitosos pera todos: fazendo differença, não das pessoas, mas das necessidades. Com esta geral bondade, e amisade deve de haver muito considerada escolha nos amigos pera a familiaridade, e muito mais pera conselheiros, e de segredo. Pera familiares nos deo S. Paulo regra, que nem comamos, nem tratemos com gente mal acostumada, posto que seja Christã, como são tafulis, distrahidos por appetites deshonestos, mentirosos, trapaceiros, brigosos, inclinados a mal, palreiros e de pouco segredo, e outros a este modo(***). Cuja conversação não se ha de evitar por desprezo de suas pessoas, nem estima da propria, que he soberba, e não conhecer homem sua fraqueza; mas por não favorecer seus vicios, e não desacreditar a virtude, e boa vida, que somos obrigados a fazer. Ha se de dar a estes entrada, pera se lhes fazer todo o bem possivel, e ha se de evitar sua conversação, por não tomar, nem approvar seus costumes.

Não trato aqui dos que tem obrigação de officio, ou particular espirito de Deos pera ajudar os mal acostumados a mudar sua vida. Porque estes da charidade, pela qual se governam, aprenderão quando, e como devem tratar este genero de gente pera seu bem. Assi que a familiaridade ha de ser com gente de cuja conversação nem a fama, nem a virtude possa ter prejuizo, nem o proximo possa receber justo escandalo. E se poder ser, deve ser com pessoas, que tenham os proprios intentos da virtude. Porque conformando nos costumes e espirito muito se ajudarão, e edificarão, e provocarão a maior santidade. E quando se não achar gente que ajude a mais crescer na virtude, melhor he ter geral affabilidade pera todos, e com nenhum particular familiaridade. Mas os conselheiros hão de ser muito mais joeirados, e sejam taes que sempre possam aconselhar o melhor, e que nem por lisonjaria, nem por respeitos particulares deixem de dizer a verdade, e de que haja experiencia, que sabem ter segredo, e tem tão verdadeira amisade, que sabem haver por

(*) August. De tempor. Serm. 111. (**) Ibid. (***) I. Cor. cap. v.

proprios os bens, e males dos amigos, e costumem dar de si tal exemplo, que possam com sua boa vida justificar, e acreditar seus conselhos.

E como na vida commum entre gente ha muitos azos pera mal, e muitos pera exercitar bem, hão de tratar muito bem (os que querem sahir com ganho) da reformação de si mesmos, e pureza de suas almas: porque como cumprirem com esta obrigação, e por ella governarem suas cousas, sem duvida lhes não faltará luz, e graça divina pera acertar em tudo. E guardem-se de huma geral tentação de muitos, que tendo por grande impedimento (como ás vezes he) o tumulto, e commercio de gente, pera exercicio das virtudes, o dilatam pera algum tempo, em que possam ter mais separado repouso. Porque isto he achaque, que a natureza toma pera se não sometter ao jugo das virtudes: por onde a experiencia tem mostrado, que quem em toda a parte não trabalha por ser santo, em nenhuma o he. Mas nas occasiões distrahidas trabalhe por ter muita conta com o aproveitamento de sua alma, quem quer nas recolhidas saber-se aproveitar d'ellas. E pois de todo tempo havemos de dar a Deos conta, em todas as mudanças d'elle nos cumpre estar aparelhados pera lh'a dar muito boa. De tudo isto nos deo exemplo Christo nosso Senhor vivendo entre a gente. Porque sempre seu principal cuidado foi em tudo cumprir a lei, e a vontade de seu Eterno Padre, e viveo á face de todos tão puramente, que pôde pôr sua vida no juizo de seus inimigos, quando lhes disse: «Qual de vós póde em mim pôr tacha de culpa, e peccado?» (*) E assi a mais admiravel cousa, que n'este mundo houve pera ver, depois de criado, foi a incomparavel modestia, brandura, repouso, recolhimento de sentidos, e perfeitissimas demonstrações da santidade, que exteriormente se viam na pessoa do Filho de Deos humanado, entre a popular, e mais distrahida gente do mundo. E este he hum dos mais poderosos exemplos, e espelhos, que os servos de Deos podem ter pera a reformação de seus sentidos, lembrar-se sempre como o Senhor os traria, e muito mais, como traria occupada a alma, e como exercitaria todas as virtudes entre a gente, que nem o sabia estimar, nem imitar. E quem mais acommodar sua maneira de vida ao que d'este Senhor sua fé e consideração lhe ensina, mais o contentará, e receberá d'elle divinas influencias, e graça pera acertar tudo. Porque he propria natureza de suas obras allumiar, ordenar, esforçar, e dar vigor ás nossas.

(*) Joann. cap. VIII.

Ensinou tambem nosso Senhor como havemos de soffrer a gente, entre que vivemos: porque d'elle está escrito, que nunca seria triste nem pesado, nem faria entre o povo pejo, nem rumor, em que fosse ouvido(*). Ouvia, e via muitas cousas, que lhe descontentavam, e magoava-se com o mal d'ellas: mas calava, e soffria, em quanto não chegava tempo, e hora de as remediar. Calar, e soffrer he a mais geral virtude, com que a vida se passa sem culpa entre a gente, e sem esta virtude não he possivel ter quietação na alma. Principalmente tem necessidade d'ella, os que tratam com gente de differentes artes, condições, e intentos. Porque a mais da gente soffre mal a reprehensão, e hirem-lhe á mão, e não cuida que póde ser a outros penoso o de que elles gostam, e tem por pesado tudo o que os encontra. E pera quem o entende, he hum dos trabalhosos martyrios da vida, ver continuamente, e dissimular o de que com razão desgosta, e desaprova. Passa este trabalho muito ávante nos que tratam da vida espiritual entre a gente commum. Porque Deos tira por estes, e os aparta mais dos costumes, gostos, desenfados, e modo da conversação geral da gente, entre que vive, que he occasião de serem escarnecidos, desprezados, e muitas vezes perseguidos. He esta huma grande prova dos servos de Deos: porque o Demonio, pelos quebrantar, e cansar, atiça aos que os conversam, a os encontrarem, e porem-lhe muitos nomes, e fazerem muita zombaria de tudo, o que n'elles vem. Cumpre-lhes a estes pedir continuamente a nosso Senhor, luz pera nunca perderem a vista, e conhecimento das verdades interiores, e armarem-se de perpetua paciencia, pera não deixarem a verdade que Deos de dentro lhes inspira. Parece-me que pera estes conservarem a paciencia, e a perseverança no bem, lhes cumpre ter alguns avisos. Primeiramente, peçam a nosso Senhor (porque isto ha de ser dom do Ceo) que lhes dê hum tão verdadeiro e humilde conhecimento de si mesmos, que devéras se tenham em peior conta, que a todos os peccadores: e que toda a criatura tem obrigação de os desprezar, e vingar as offensas que a Deos tem feitas. Trabalhem por conhecer, e agradecer a Deos quanto mais lhe devem, que os outros, nas boas inclinações, e boa vontade que lhes deo pera o servir, e outras mercês que lhes faz, que aos outros negou. Cuide que he mais obrigado, que toda outra criatura a soffrer a todos, que a ser soffrido; porque na paciencia tem a grangearia do Ceo, e os males seus, que com elle ser dos outros soffrido, lançam maiores

(*) Isai. cap. XLII.

raizes, e se fazem mais incuraveis, com soffrer a todos, se arrancam da alma. Tenha por averiguado, que só da graça de Deos pende o remedio das condições varias, e differentes successos, que lhe descontentam, pera se não inquietar, e com isto negociará com Deos os bens, que nos proximos deseja com charitativa compaixão de seus males. Resuma-se em aquella verdade, que diz o Profeta Isaias: «Se tornardes a mim, e quietardes em silencio, e esperança, será tua fortaleza (*).» Porque calar e soffrer, he poderosissima arma pera tudo, e onde falta, não póde haver vida quieta. E se vir, que entendendo estas verdades, acha n'ellas em si muitas imperfeições, d'ahi aprenda a soffrer os outros. Porque não deve de cuidar, que he poderoso pera emendar, e mudar os outros, pois em si não póde acabar o que deseja.

O terceiro, que o Senhor nos ensina he, quam pouco nos havemos de governar pelo mundo, e gente, entre que vivemos, se não tem todo seu intento posto em contentar só a Deos. Funde-se o Christão n'aquella regra de S. Paulo: «Se ainda quizesse contentar aos homens, não seria servo de Deos (**).» E isto dizia, dizendo por outra parte, que em todas as cousas se fazia tudo a todos por ganhar a Deos todos (***). Por onde ajudar a todos, soffrer a todos, ganhar todos a Deos, assi ha de ser pelo Christão exercitado, que nenhuma cousa seja bastante pera o tirar da verdadeira virtude, que Christo nosso Senhor ensina, e o mundo reprova. Não he isto pouco de fazer entre a gente commum; porque he tão poderosa tentação o que geralmente o commum dos grandes, e pequenos do mundo approva, e segue, e o que vemos fazer ao parente, amigo, companheiro, e visinho, com que se trata cada hora, pera levar apoz si hum fraco coração, que esta he a que ordinariamente derriba a mais da gente virtuosa. Porque rara he a virtude, que quer descontentar a todos, e ter a todos por contrarios, e fazer nos seus olhos o contrario do que elles fazem, e de que gostam, por contentar só a Deos. Mas estima Deos tanto os que encontram com a vida, o que todos approvam contra a pureza de sua doutrina, que o Profeta David encarecendo quam grande he a muita doçura, e suavidade do interior, que Deos tem escondida pera em secreto communicar aos que puramente o amam, disse: que a perfeição d'esta suavidade communica Deos aos que n'elle esperam diante dos olhos dos homens, aos quaes nenhuns humanos pareceres tiram de seguir a verdade, que interiormente conhecem. E com razão, porque

(*) Isai. cap. xxx. (**) S. Paul. ad Galat. cap. i. (***) I. Corinth. cap. ix.

quem está tãodesapegado dos olhos humanos, que sempre vê, que por nenhuma cousa perde o respeito, e veneração de Deos, que não vê, tem perfeita disposição pera tudo o que lhe Deos quer dar: e como isto não póde ser sem passar pela estima de Deos muitos, e mui continuos desabrimentos, e encontros dos homens, paga-lhe Deos com a nata, e com o melhor de seus suaves gostos, pera verem quam bem empregam n'elle só tudo o que tem. Assi Jeremias, na carta que escreveo aos captivos em Babilonia, da parte de Deos os avisa, que quando virem os Deoses falsos adorados, e venerados dos Reis, levados ás costas com festas, e louvores geraes; digam em seus corações: Tu só Senhor, és o que has de ser adorado: nem se deixassem enganar com o que todos estimavam. Nunca se reja o Christão pelo que dirão as gentes, que he o mór engano da vida: mas que não tenham que possam com justa, e santa razão dizer contra elle. E como da sua parte fizer o que deve, a tudo o mais cerre as orelhas. E aperceba-se pera encontrar os mais poderosos, e mais sabios, mais nobres, mais prudentes do mundo, com a vida, nas cousas em que elles se afastarem da perfeição da vida evangelica. Não poderá fazer isto, se tiver nos homens posta sua esperança, ou pertenção. Mas se esta puramente for contentar a Deos, e procurar sua honra, e gloria, tenha em seu coração por baixa, e indigna de credito toda humana authoridade, e grandeza, que não favorece a doutrina do espirito. Não faça caso do que se costuma lançar em rosto aos que seguem a virtude: Que como hão de cuidar, que elles só acertam, e todo mundo erra? Seguramente cuidem que todos erram, que não seguem o que Christo ensinou, e o que os chega ao puro amor de Deos. Nem se diz com verdade que elles só acertam: porque acertam com nosso divino Mestre Jesu, com o sagrado choro Apostolico, com o inflammado exercito dos Martyres, e com as santas legiões de todos os Santos, com quem os que não acertam, erram de todo.

Não tiro d'esta obrigação os que vivem em Religião, e hão de seguir a vida commum; porque nem por serem todos nos Mosteiros Religiosos, e ter hum nome, e foro de servos de Deos, devem de ser cridos, seguidos, e imitados, se não cumprem com a obrigação da santidade de seu estado. E porque tudo o que atraz temos dito, tanto he mais necessario na vida dos Mosteiros, quanto he mais continua a commum conversação de huns com outros, a todos elles segurissimamente aconselho, que conservando a obediencia aos maiores, e o continuo e geral soffri-

mento em tudo, e a todos; e a mansidão, e humildade dos costumes: se singularizem na guarda da regra, e bons costumes, posto que dos maiores, e de mais authoridade seja quebrada. E pera viver em paz na vida commum dos Mosteiros, daria estas regras a quem as quizer seguir.

1. Nunca grangear Prelados, nem lhes desobedecer, o primeiro por não abater a hum pobre homem o coração dedicado a Deos, o outro por honrar a Deos, a quem o Prelado representa.

2. Nunca ter familiaridade com quem possa distrahir os pensamentos, e quietação da alma.

3. Nenhuma cousa pertender na Ordem, mais que a paz do coração, e limpeza da alma.

4. Nunca fazer mais por amigos que por inimigos, porque ter a algum por inimigo, ainda que o seja, dentro da casa de Deos he começo de bandos, e inquietações.

5. Ser affeiçoado aos mais desprezados, e baixos, e ter-lhes santa inveja; porque quanto são menos vistos dos outros, com mais pureza, e desapegamento podem alevantar os olhos a Deos, e estes tem na Religião o gráo, e lugar, que o Filho de Deos tomou na terra, e tem tanto mais favores de sua divina companhia, quanto menos pensamentos tem do alto da terra.

6. Nunca se tenha em conta dos de mais authoridade, senão pera mais acreditar a virtude. Tudo o que na Ordem faz, ou pode fazer na pessoa, gravidade, e authoridade, se deve ter na conta em que se tem o mais baixo officio d'ella: porque quem se tem por honrado n'ella da dignidade, e por baixo no officio desprezado, perde o estado de Religioso.

7. Seja livre pera seguir a pureza da virtude com mansidão, e silencio, ainda que geralmente de todos seja esquecida, ou corada.

8. Espere pelos trabalhos, e perseguição que lhe isto ha de custar. A qual he genero de Cruz, que muito doe, e magoa, não só por ser continua, e caseira: mas porque com o titulo de servos de Deos, e como gente santa com cor de zelo, encontram a virtude.

9. Quando vir que lhe assacam o que não cuida, e que lhe lançam á peior parte o bem que faz, e que julgam por hypocresia não fazer o que os outros relaxados, ou distrahidos fazem, exercite seu coração em encommendar ao Senhor os que mais o encontram; e pedir-lhe que dê a todos sua luz, e espirito, e com silencio, soffrimento, perseverança ven-

ça, desprezando-se a si mesmo, pois he tão máo, que ha mister pera se salvar, mais mercês de Deos, e mais trabalhos, e estreiteza, que os outros, e que os servos de Deos o persigam.

10. Trabalhe por trazer continuo desejo de padecer cruzes, havendo-se por indignissimo d'ellas, e pedindo a nosso Senhor que lhe deixe sempre ver a verdade, e importancia d'esta via, que he na Religião a melhor, e mais segura. A todos faça quanto bem poder, como a seus senhores, mas não espere de ninguem agradecimento, nem premio, nem louvor, nem por desgabos deixe o bem que faz.

11. Em summa, trate muito da reformação de si, posto que veja tudo relaxado, e cuide que veio á Ordem só pera ser servo de todos, soffrer a todos, não ser de ninguem visto, nem soffrido, e pera viver sò com Deos na sua companhia. E com isto quando o aggravarem, não se queixará, porque fará conta, que os senhores tem licença pera fazerem a seus servos o que lhes vier á vontade. Com estes avisos christianissimos todos os que a isto o não ajudarem, como mundanos em traje religiosos, ham de ser evitados.

Exercicio que o Senhor fez no meio do povo soffrendo trinta annos.

Mestre divino de eternas verdades, e pastor piedosissimo de erradas ovelhas, bom Jesu, Senhor, e reparador de todas minhas perdas: que amor he este, que assi vos tem preso aos homens, que nem nossos males, que tanto aborreceis, são poderosos pera vos fazerem fugir de nós? Fizestes o Ceo povoado de Anjos, que continuamente vos louvam, e ardem em vosso amor, e vos adoram, e servem, e desceis do Ceo á terra a viver trinta annos entre quem vos não conhece, nem ama, nem serve, e visinhais com gente distrahida, e peccadora, onde nunca vedes senão peccados, e offensas vossas! Quem vos mudou, Deos meu, do que sohieis usar com os homens? Viestes ver a Adão peccador no Paraiso pera o degradardes d'elle: viestes ver os gritos que a vossas divinas orelhas davam os peccadores de Sodoma, e Gomorra, e os assolastes. Andando com o vosso povo pelo deserto, tinha Moysés trabalho em applacar vossa ira, pera os não destruirdes por seus peccados: e em fim morreram pelos desertos quasi quantos sahiram de Egypto, sem verem a terra santa, que lhes tinheis prometido. Agora vós, o mesmo Deos Eterno, e infinito vindes viver entre os homens, e ver seus peccados de perto, e conversa-los

nas suas casas, e ruas, onde nem vos tem respeito, nem com vossa companhia deixam seus males, e soffreisl-os, e vivem. Bradam por ventura menos a vós nossos males agora, que os dos antepassados? Aborreceis por ventura menos os nossos, que os seus, ou amais a nós mais, que a elles? Verdadeiramente meu Deos, verdade disse David, que cobristes nossos peccados, e abrandastes toda vossa ira, e desviastes de vós toda a costumada indignação (*). Toda o rigor d'ella passastes contra vós, por nos livrar, e nos déstes vossa presença pera nos não confundir vossa ira. Oh que gritos dava vosso divino coração ao Padre Eterno, por cada peccado que vieis, e ouvieis! Por muito que os peccados gritavam contra os peccadores, os votos de misericordia chegavam primeiro a vosso divino peito, e orelhas, e eram mais ouvidos, e tinham mão na divina ira. Dissimulaveis com todos, compadecieis-vos de todos, soffrieis as importunações, e desatinos de todos, dohiam-vos os males de todos, sentieis as offensas de todos: e andaveis luz divina entre as trevas, não visto, pai de todos, não amado; Deos de todos, não venerado; riqueza de todos, não estimado, bemaventurança de todos, e desprezado: pastor de todos, não seguido, e todo bem de todos, não visto, nem ouvido. Oh quem vos acompanhara, quem vos conversara, quem vos vira, e ouvira sempre totos estes trinta annos! Pera mim, vida de minha alma, pera mim vos acostumastes n'esses annos: esse sois ainda agora. Ainda me vedes, e me soffreis, ainda de perto, e dentro d'esta alma me conversais, e dissimulais comigo, pera ver se vos vejo, se vos entendo, e se ponho os olhos em vós pera vos amar, e servir. Não sejais em mim, Deos meu, luz em trévas, mas allumiai-me todo com vosso resplendor. Quando eu soubera desejar vossas mercês grandes, e vos ousara a pedir conforme á magestade de quem sois, aonde me pudera alargar mais, que a desear ser hum dos menores da vossa casa (como David) nunca sahir de vossa porta, pera que quando passasseis, beijasse a terra que pizasseis? Este vosso Profeta entendia com verdade, que valera mais hum dia d'estes, que milhares de dias de vida (**). E vós, soberano Senhor, gloria, e riqueza divina, e infinita, tendes isto por pouco, e vindes em pessoa cada dia a mim, a minha casa, entre nós morais, aqui vos acho cada vez que quero: até hoje nunca quizestes deixar minha companhia, e por vos não apartar de mim, fazeis que não vedes meus males, porque fazeis conta, que os consumireis todos, se pozer os olhos em vós, e vos amar, e con-

(*) Psalm. XLVIII. (**) Psalm. LXXXIX.

versar. Oh divino amador meu, arrebatai todos meus sentidos, e desejos a vós. Que mais quero, nem que mais me podeis dar? Vós Deos meu, não tendes de vosso mais que a vós, nem ha mais bem que ter, e tudo isso me dais; onde estou quando outra cousa quero? Que he feito de mim, que vos não vejo; onde perdi o sentido, pois vos não sinto? Ah minha luz, allumiai-me; meu divino pastor, fallai-me: qne ouça vossa voz, e a conheça, e nenhuma outra voz me leve senão a vossa; porque estarei tão pobre com me ter tão perto? Tão afastado de ti, estando tudo tão pegado comigo? Ah Senhor, os impedimentos que em mim ha, vós os vedes; o que me n'isto cumpre, vós o conheceis; o que perco, vós o sentis. Bradem-vos minhas necessidades, e compadecei-vos d'ellas; e pois aqui vos tenho, ponde os olhos de misericordia n'ellas, e remediai-as, e não viva comvosco tanto sem vós, mas a vós abrace todo meu interior, a vós ouça, e por vós ande, a vós só deseje, e comvosco se contente.

A vós, Deos meu, confessarei meus males, que os vedes pera que os cureis como desejais; fazei-me vós sentil-os, e fugir d'elles, pera que com misericordia me perdoeis. Desterrastes-me justamente do Ceo, pera que aqui o merecesse, e este he o principal cuidado a que me obrigastes, e de que haveis de pedir mais estreita conta, e eu faço d'este valle de miserias Ceo, n'elle trago todo meu interior e exterior occupado, esquecido de vós. Todo meu cuidado he contentar aos homens com quem converso, sinto seu disfavor, como se foram meus Deoses; estimo seus gabos, como se foram elles os premiadores de minhas obras; inquieta-me descontental-os, satisfaço-me quando os trago contentes. Corro-me de me parecer comvosco humilde, paciente, calado, soffrido, desprezado d'elles; sigo o que elles approvam, ainda que seja contra vós, e por me acommodar a elles, rompo pelo serviço que vos devo, corto pelo que entendo conforme a vossa purissima doutrina, Oh misericordia divina, soffreme, porque és divina, este desacato, que cada dia te faço. Tu sabes quanto mais monta comigo o que os homens podem dizer de mim, qne o que tua grandeza de mim quer. Cuido que sou grande quando me estimam muito, ainda que me vós desestimeis; tenho-me por abatido, se me desprezam, ainda que me vós recolheis a vós. Se vejo outros mais favorecidos, e gavados d'elles, desconsola-me, e perverto pelos homens toda a verdade, toda a perfeição de virtude, e toda a igualdade, e inteireza. Faço com promptidão, e tento as obras que elles hão de ver, porque as não desapprovem, e sinto não lhes contentar como eu desejo, e

aturo o trabalho da virtude quando d'elles sou visto. E o que faço ante vossos sapientissimos olhos tudo he cheio de tibieza, contento-me com qualquer pouca efficacia, que n'ellas ponho: e vendo que são taes, que justamente as enjeitareis, fico eu satisfeito, e não curo de quanto vos devo. Que tenho eu nos homens, Deos da minha alma? D'elles não tenho senão companhia de mortaes, miseraveis, e degradados, fracos no juizo, mal inclinados nos pareceres, cegos na estima da verdade, enganosos na approvação do bem, e reprovação do mal, julgam pelo que se lhes antolha, e em tudo navegam como terrenos. São pera ajudar ao mal promptissimos, pera condemnar o bem ligeirissimos: fazem praça de vicios, commetem todos males, perseguem todos os justos, vivem em perpetuas inquietações. Os que são soberanos, não tem mais ser, e menos miserias que os outros; e em todos reina a malicia, e a miseria. Pois, Deos meu, que quero, ou que posso esperar d'elles? Eu hei de ser julgado pelo que vós vedes em mim, que sois justo ponderador da verdade do que em mim ha, e os homens de nenhuma cousa menos tratam, que da verdade, e só olham o que de fora vêm. E por estes me perco, e vos deixo. Livrai-me, Deos meu, dos olhos dos homens. Não sei como (mas vós sabeis) que são olhos de basilisco, que tudo quanto vêm matam com sua peçonha. Que espero, quando n'elles tenho minha esperança; gente que nem o que pode faz, e quando pode alguma cousa, no melhor falta. E por derradeiro quando me vejo d'elles desconsolado, e atribulado, desagradecido do que por elles faço, perseguido, e lançado d'elles, nenhuma outra colheita tenho senão a vós, meu paternal consolador, e remediador. Pois porque não sois vós o primeiro, e derradeiro em todas minhas cousas? Oh bom Jesu, não sei confessar, quanto mal ha n'esta vossa miseravel criatura n'esta parte. Sei que me vejo roubado, e desbaratado do vento, e da vaidade, e que de tudo o que trago diante dos olhos por onde me governo, não tiro cousa que me fique, nem de que possa cuidar que sou melhor, ou mais aproveitado, e de que não possa com muito justa razão chorar minha miseria. Dou-vos infinitas graças, porque quizestes que assim fosse, e que não podesse ser rico senão de verdadeiros, e eternos bens. Pois Senhor, afastai meus olhos da vaidade, livrai-me d'estes roubadores de meu bem; e dai-me fortaleza pera me não afogarem os ventos, que dos homens me combatem. E pois não são mais que ventos, abri vós com vossa luz meus olhos, pera que os não tenha com outra conta, porque não seja meu coração apartado de

vós, minha eterna riqueza, e summa verdade, pela mentira da terra, pobreza e vaidade.

Mas Senhor meu, vós me obrigastes ao amor d'estes homens, a quem não quereis que siga, nem imite, senão a só vós. Vós vedes a pouquidade de meu juizo, e de minha fraqueza pera acertar tamanhas obrigações. Ensinai-me vós, meu divino mestre, pois quizestes ser mestre nosso, e pera isto viestes do Ceo a nossas pobres moradas. Eu quero Deos meu, soffrer a todos, ser desprezado de todos, andar por baixo dos pés de todos, servir a todos, e ser de todos desagradecido, se vós assi o ordenardes. Prestes estou pera soffrer que todos sejam contra mim, se vós assi o permittirdes. Alargai, Senhor meu, este coração, pera que todos n'elle caibam com pura charidade vossa. Ensinai-me a me não antepor a ninguem, nem a pôr algum no vosso lugar n'este coração. Sede vós minha guia, e meu mestre em todas as cousas, porque me não engane nunca a mudança d'ellas. Ensinai-me a querer antes desfavor, que favor humano, porque meu coração se não vá apoz os homens, e vos deixe a vós. Tirai de meus olhos a cegueira, e nevoa, pera que me não enganem as cousas da vida, mas cada huma estime no que merece. Vós mandastes, que não houvesse medo dos que não podem fazer mais mal, que tirar a vida corporal: mas temesse a vòs, que podeis tambem tirar a vida da alma pera sempre. Mas Senhor meu, dai-me vós primeiro (pera que possa cumprir isto) amor da verdadeira vida, e desestima d'esta miseravel, dai-me primeiro, que não tenha outra honra senão servir-vos, e contentar-vos, reinai vós primeiro em meu coração, porque cheio, e possuido de vós, perca o medo de tudo. Ensinai-me Deos meu, a me prezar de vosso imitador, e querer-me só parecer comvosco. Que perco, quando com os homens perco o credito, honra, e fama, se for a vós aceito, e de vôs recebido? Tudo quanto os homens dáo, não pode consolar o interior da alma; vós em secreto consolais, recreais, e encheis de suavidade, e doçura imcomparavel. Quando me verei de vós visto, e de vós rico, de vós santificado, e de vós consolado n'este degredo? Quam rico estaria deixado de todos, e quam contente desfavorecido dos homens? Plantai Senhor, em mim as virtudes, que vos contentam, pera que ninguem possa de mim tomar justo escandalo, e occasião pera mal. Dai-me largueza de coração pera ajudar e servir a todos por vosso amor. Mas em só vós ponde minha esqerança, e meu desejo, pois a só vòs o devo, e em só vós está bem empregado. Cerrai, Senhor, minha lingoa, e

esforçai meu coração, pera que com silencio, e esperança em vós, soffra a todos, e possa com todos os desgostos que me derem. Não me deixeis ver os grandes da terra, senão como gusanos, e manjar de bichos, que são, porque só vós sejais meu grande, e o meu soberano. Tirai de meu entendimento toda a apparencia das cousas, que vos não contentam; porque só siga a pura verdade de todas, e só vós em meu coração tenhais o credito, e estima que mereceis, sobre todo grande, sobre todo sabio, sobre todo amigo, e companheiro, sobre todo santo da terra, pera que nenhuma cousa monte pera por ella descer do que me inspirais, nem deixar o que me ensinais. E todos os encontros, que por vos servir tiver entre os homens, vós Deos meu, que conheceis minha fraqueza, e pouquidade, os tomai no escudo de vossa bondade, pera me amparardes, e terdes, que nada me derribe. Ah minha verdade, ah minha guia, e caminho, ah minha vida, ensinai-me comvosco, guiai-me por vós, e perpetuai-me vivo, e firme sempre em vós.

Oh espelho de eternas bondades, que visto no Ceo encheis de todos os bens, e assegurais de todos os males; quam facil vos será prenderdes os olhos d'esta alma em vós, pera me livrardes de todos os males! Sei que só porque me sustentais, vivo: porque me amparais, me não destruem meus inimigos; porque tendes cuidado de mim, e me governais, não sou já perdido. Se isto tenho em vós, andando esquecido de vós, e distrahido pelo peçonhento mundo, que terei, se todo meu interior sempre andar occupado em vós? Reformai Senhor, a intenção d'esta alma, que só a vós queira contentar. A quem devo este interior, senão a vós? Quem me póde satisfazer, senão vós? Ah Deos meu, e todas minhas cousas, se vós que sois a divina luz, não nascerdes a esta alma, como póde ella saber-vos buscar? Apresentai-vos sempre Deos meu, a este coração; porque comendo, cuidando, fallando, e em toda a occupação, e negocio vos veja ante si, e viva diante de vós com temor, e reverencia de vossa presença, e puramente pertenda em tudo fazer o que vos agradar. Não se quiz Moysés bulir de hum lugar, até lhe prometterdes que irieis diante do vosso povo, porque sem vós não se atreveo a viver seguro, depois que com vos conversar familiarmente quarenta dias, vio em vós sua miseria, vossa grandeza, e quam nada era sem vós. E eu como hei de passar seguro pelos perigos continuos da alma, sem vós aparecerdes sempre a meus olhos, pera que vos siga, e vá apoz vós? Se no Ceo pera sempre, com vos ver, hei de estar embebido em

vós, e contente, estes poucos dias que vivo degradado, porque, Deos meu, os não acrescentarei áquella eternidade, e que desde agora só de vós e pera vós viva? Não viestes ao mundo conversar entre a gente, senão pera terem pegado comsigo seu mestre, e todo seu bem. Pois Senhor, por esse amor vos peço, que lanceis mão de mim, e me leveis apoz vós, e que vivendo entre a gente a vós ache entre todos, meu mestre, e minha guia, e todo meu bem. Aqui vos offereço todo meu cuidado, e toda minha tenção. Vós a purificai conforme ao desejo que me dais, de maneira que todo eu de dentro e de fóra só a vós olhe, a vós contente, a vós ame, a vós suspire, e em vós descanse.

Oh Madre de Deos sacratissima, que na terra da companhia de Jesu vivieis mais rica que todos os poderosos do mundo, e que mais o contentastes que todas as criaturas; ajuntai-me á companhia d'este Senhor, e alcançai-me que toda outra me enfastie, e me seja sem sabor. Oh Corte celestial, que sempre vedes a este Senhor, e n'isso estais cheios de toda a bemaventurança, vós comprehendeis quam perdido ando, quando apoz este Senhor não ando: alcançai-me d'elle, que me prenda de seu amor, e me cative de sua fermosura, até que comvosco o vá possuir plenariamente pera sempre. Amen.

TRABALHO XV

Jejum, e vida do ermo.

Viveo Christo nosso Senhor calado, e como homem particular, dando perfeitissimos exemplos de toda a virtude no meio do povo á obediencia de nossa Senhora, e de S. Joseph (como temos dito) quasi trinta annos. Sendo d'esta idade (que era o tempo em que tinha determinado manifestar-se mais ao mundo com divinas obras, e doutrinas) mandou o Espirito Santo a S. João, que sahisse dos desertos, e entrasse pelas terras dos Judeos prégando penitencia, e lhes desse a conhecer a Christo nosso Senhor, verdadeiro Filho de Deos a elles promettido. E porque S. João nunca vira a Christo nosso Senhor (porque o povo não podesse dizer que dava testemunho de quem nunca vira, nem conhecera) deo-lhe o Espirito Santo por sinal pera o dar a conhecer, que veria com seus olhos descer sobre elle o Espirito Santo em figura de pomba. Prégando S. João, e bautisando os peccadores no rio Jordão, Christo nosso Redemptor, e Senhor, foi tambem entre os peccadores pedir a S. João que o bautisasse. Já tinha este Senhor carne do peccador Adão, já (como temos dito) outras vezes tinha tomado a forma, e penas de peccados na Circumcisão, e obras de penitencia que toda a vida exercitou, e por isso por levar ávante parecer-se muito comnosco, onde vio companhia de peccadores, que se convertiam, logo alli se metteo entre elles a santificar as agoas em que se elles bautizavam; com que depois haviam de ser purificados os peccados dos filhos de Adão, que sobre si tomou pera os alimpar. E assi como na Circumcisão em sua carne cortou todas as leis do peccado, que eram contra nós, que pela carne herdamos de Adão; assi n'este bautismo santificou, e consagrou as leis da graça, e do espito santo, que nas agoas poz pera perdão d'esse peccado. São João em vendo a Christo nosso Senhor, logo o conheceo antes de ver o sinal da pomba; por onde parece, que este sinal lhe foi dado pera acreditar o testemunho, que d'elle havia de dar ao povo, e não pera si. Nem podia a pureza d'aquella santissima alma, e admiravel charidade em que ardia, aquelle perfeitissimo amigo do divino esposo, deixar de o conhecer, por mais dissimulado que viesse. Porque improprio he á luz encobrir-se aos olhos claros, e abertos, e o puro amor, que na primeira

hora que santificou, e possuio sua alma, logo de ventre a ventre sentio a presença de seu amigo; nem podia, vendo-o com seus olhos, desconhecel-o. E se os cordeiros, e animaes sem nenhum sinal entre muitos da mesma especie, côr, e feição, conhecem suas mãis, e as não trocam nunca, e ellas aos filhos, como podia S. João haver mister sinal pera conhecer entre todo o mundo aquelle, de cujo espirito e amor só vivia?

He privilegio do puro amor não desconhecer a Deos em nenhuma figura, por mais impropria que lhe seja, e quem d'isto duvida, ame, e queixe-se, se o desconhecer. Recusava o Bautista bautisar ao Senhor, querendo antes, e desejando receber de sua mão essa mercê (*), pera ser cheio de todos os dons divinos, da qual já fora espiritualmente no ventre de sua mãi santificado: e tambem lhe parecia, que pois tinha obrigação, e officio de descobrir ao mundo, que era elle Filho de Deos, que não fazia bem seu officio em lhe ajudar primeiro a dar mostras de peccador. Mas como nosso Senhor lhe disse, que dissimulasse, e o bautisasse, que cumpria por então por aquelle modo dar exemplo de penitencia, se rendeo, e o bautisou. Porque os Santos não usam de seu parecer nas cousas em que pertendem servir, e contentar a Deos, senão em quanto lhes não consta da vontade d'esse mesmo Deos n'ellas; mas como a entendem, ou pelo successo d'ellas, ou por outro sinal, deixam a elle a ordem das cousas, e só tratam de seguil-a, sem se metterem em seus juizos. Assi S. João deixou a Christo nosso Senhor levar ávante as mostras de sua humildade, e sobre ellas deo testemunho de sua divindade, e a elle deixou manifestar-se ao mundo, vencer, e prevalecer da maneira que quizesse. Por isso logo em acabando de o bautizar, vio o Espiríto Santo descer do Ceo em figura de pomba, e por-se sobre Christo nosso Senhor: e disse ao povo, que aquelle era o cordeiro de Deos, que tirava os peccados do mundo, e Filho de Deos. E o Padre Eterno approvou o testemunhó de S. João, mandando logo huma voz do Ceo, que dizia: «Este he meu filho amado, no qual de todo me contentei e satisfiz»: declarando n'isto, que com o ter homem, e em figura de peccador na terra, já estava satisfeito, nem havia já entre elle, e os peccadores nenhum pejo dos que até alli tinham feito divisão entre elles, e seu Deos. Este mesmo testemunho de Christo nosso Senhor ser cordeiro, e Filho de Deos, e do sinal da pomba, que vio, deo o Bautista outras vezes, assi em pre-

(*) Matth. cap. III.

sença do mesmo Senhor, depois que tornou do deserto de jejuar quarenta dias, como em sua ausencia aos Fariseos, que lhe perguntaram se era elle o Messias. E cumprio seu officio com a vida, e palavra, e morte. E por se satisfazer do santo atrevimento, que por mandado do Senhor teve, em lhe lançar agoa sobre sua cabeça, se publicava por indignissimo de se lançar a seus pés, e desatar-lhe a correa de seu çapato, e a todos persuadia, que não fizessem caso d'elle, porque cumpria que elle fosse o diminuido, e acabado, e só o cordeiro de Deos crescesse.

Descoberto, e declarado ao povo pelo testemunho de S. João, e sinal da pomba, e voz do Padre, quem Christo nosso Senhor era, vio que era chegado o tempo de se manifestar elle tambem ao mundo, e ensinar a lei e perfeição evangelica, e confirmal-a com divinas obras, e chamar a si os peccadores, e padecer por elles. E não contente com os muitos annos, que tinha chorado nossos peccados, e gastados em ferventissimas orações, e muitos merecimentos por elles (que era bastantissima disposição, e aparelho pera o que lhe ficava pera fazer) se foi recolher quarenta dias ao deserto (como outro Moyses no monte com Deos) (*) a negociar com seu Eterno Padre o fruito, que da efficacia de suas obras, doutrina, e paixão pertendia tirar, que era a salvação de nossas almas. E posto que o Espirito Santo divino e seu, lhe fazia fazer sempre todas suas obras, e inseparavelmente o acompanhava: todavia desta ida ao deserto a jejuar, e ser tentado, dizem os Evangelistas particularmente, que o Espirito o levou: assi pelos immensos e renovados abrazamentos, que seu coração sentia, vendo chegada a hora de suas batalhas, e de fazer o que tanto desejava, como pera entendermos a importancia das cousas que tinha pera fazer no peso, ordem, e conta com que as commettia. D'esta estada do Senhor no deserto quarenta dias, não dizem os Santos Evangelistas mais, senão, que jejuou, e o que passou com o tentador no cabo d'elles, e S. Lucas, que em todos elles não comeo, e S. Marcos, que estava entre as alimarias, e bestas feras.

Deixa sempre a curteza do historiar dos sagrados Evangelistas grande, e larga materia de consideração. Pelo qual, licença temos pera cuidar o trabalho corporal, que o Senhor passaria na vida do ermo, só, em tempo naturalmente aspero, como he parte de Janeiro, e Fevereiro, aos ventos, chuvas, geadas, neves, frios, lamas, sem casa, nem choupana onde se agasalhasse. As mais das noites amanheceria regelado

(*) Matth. cap. IV.

de frio, passados os vestidos da agoa da chuva, e dias, se fizesse sol, não tomava soalheiro pera se enxugar mais que todas as outras hervas do campo: se se deitava, a dureza da terra o quebrantava: se andava, os espinhos, e pedras o magoavam; e de toda a maneira padecia aquelle innocentissimo corpo o que não merecia: nem dispensava com suas criaturas, que lhe dessem o alivio, que todas ellas á porfia lhe deram se as soltara. No jejum não cuido do Senhor, que o passaria sem muitas fomes, e debilitamentos da natureza, por mais occupado que seu espirito estava em sua divindade; nem faria em si o que fez a Moysés, e Elias, que não sentiam (esforçados por divino milagre) estar sem comer outros quarenta dias. Mas como o Senhor era amigo de padecer, sustentava sua virtude natural quanto bastava pera poder com a occupação da oração, e trabalho do ermo, mas padecia grandes debilitamentos, fraquezas, e fomes, por viver em continuo trabalho. E no cabo dos quarenta dias soltou a fome, que o atormentasse como fome de estamago que quarenta dias não comera, bastante pera o matar, se sua divindade não sustentara seu corpo, e o esforçara pera mais padecer. E assi o milagre, que em Moysés, e Elias fez pera não sentirem pena, fez em si pera a sentir maior por nós. Porque (como muitas vezes n'esta obra dizemos) muitos dos trabalhos que o Senhor tomou, que outros homens padecem, elle os media por suas forças, cada hum em tamanho estremo grande, que a todo outro corpo acabara, e elle sustentava o seu pera poder com tudo: porque assi cada pena o atormentasse quanto com todo seu rigor podesse, e nós em cada huma lhe devessemos a morte, que em cada huma padecera naturalmente, se se não conservara pera acabar por outra muito mais cruel, e espantosa. Ter o Senhor companhia de feras bestas todos estes dias (que não apontou S. Marcos sem grande consideração) me parece que não he só advertir-nos, como nenhuma cousa faltou a este Senhor por fazer por nós, até se acompanhar com os bichos, e alimarias da terra, descendo do seio do Padre Eterno, e da companhia e serviço dos Anjos; mas lembrar huma addição do trabalho, e pena em que o Senhor no deserto todos aquelles dias viveo. A qual he que o mesmo Senhor provocaria as alimarias feras a o virem rodear, e acompanhar com domestica mansidão, e quando as visse de redor de si, se derreteria em lagrimas e dor, lembrando-lhe a bruteza, e ferocidade de muitas almas, que endurecidas na rudeza de seus vicios, e amor da terra o haviam de desconhecer, e fugir-lhe. Não he esta consi-

deração impropria pera o espirito, e condição do Senhor. Porque lemos d'elle, que se magoava, e sentia (*), lembrando-lhe a brandura com que a galinha agasalha seus pintãos, e a cotejava com a dureza da gente judaica, que se não deixava agasalhar de sua misericordia, e suavidade com que os queria tratar. Parece-me que chamaria o Senhor leões, ursos, viboras, e outros ferozes animaes, e lhes poria a mão com gasalhado, e suspiraria seu coração com lagrimas de seus olhos por ver assi os homens, e lhes doía pela medida de seu amor, os que se haviam de perder. He esta huma geral consideração, que havemos de ter em todos os trabalhos de Christo nosso Senhor; porque conheçamos quanto mór pena lhe damos nós com nossos peccados, que o rigor da pena d'elles. Mas S. Marcos ajuntou duas cousas em huma palavra, que muito movem dizendo (*): «Estava com as bestas, e os Anjos lhe ministravam.» Entre estes dous estremos da domestiqueza das bestas feras, em cuja companhia o Senhor estava, e do serviço que dos Anjos recebia, vejam os homens onde ficam, e que tem das alimarias o corpo, e dos Anjos o espirito. Por onde desaventurada sorte he a nossa, se ficarmos de fóra da companhia, e serviço d'este Senhor, indignos da companhia dos Anjos, e mais brutos, e desconhecidos, que as alimarias, e mais apartados de Jesu que ellas. Pois como não sentiria muito o Senhor ver-se acompanhado das feras bestas, e dos Anjos buscado e servido: e cansar elle por buscar os homens, que o desconhecem, e trabalhar debalde, indo com tanta pena apóz os que lhe fogem? Provoca-nos logo S. Marcos á inveja das alimarias, que com a companhia de seu Criador esqueceram sua ferocidade, e á imitação dos Anjos, que entre as alimarias reconheceram a seu Deos, e o serviram. E pois alli nenhum homem se achou, por quem tudo aquillo se fazia, padecia o Senhor sua magoa, que a elles mais que a tudo a par de si desejava. Nem com isto cerrou a entrada a ninguem á sua conversação, mas sem duvida em todo tempo tem cada hum lugar aberto pera a companhia d'este Senhor (que tanto nos deseja) ou por brutos, se abrandarmos a perversa dureza, e ferocidade: ou por angelicos, se com pureza, e amor o desejarmos. Pois o Senhor não se foi ao deserto pera fugir aos homens, senão pera com mais saudade d'elles os tornar a buscar, e agasalhal-os.

Dous, e mui saudaveis documentos ensinam estes sacratissimos exemplos do Senhor. Primeiramente bem claro se vê a importancia da salva-

(*) Matth. cap. XXIII. (**) Marc. cap. I.

ção da alma, que Christo teve em tanta conta, que não só fez por ella o que vemos, e sabemos, mas não quiz entrar em tamanho negocio, sem primeiro com muito jejum, e oração abrandar a justa indignação de seu Padre Eterno: e desoccupar-se quarenta dias no deserto, pera lhe encomendar as almas que queria redemir, e as doutrinas, e obras, que por isto determinava pôr em execução: e tomar sua benção, ajuda, e companhia pera tamanha cousa. Não lhe hia ao Senhor em nos salvarmos, ou perdermos, nada: mas como carregou sobre si acodir a nossa perdição, conheceo com sua sabedoria divina, que era negocio de tanto peso, e importancia, que todo cuidado, trabalho, industria, e virtude sua havia mister. E porque n'este só se resume todo nosso bem, e mal, a nenhuma outra cousa pequena, nem grande nos obrigou, senão quanto ajudasse a salvar a alma, e esta quiz que fosse o regimento de todas as outras obrigações: tanto que nunca lhe será aceita cousa, que á salvação da alma prejudique, e tudo o que ajudar lhe contentará. Por aqui julguemos o estado em que estamos com huma tamanha, e tão importante obrigação, que trazemos pela mór parte, ou de todo esquecida, ou tratada como o mais baixo negocio da vida. Como justo ponderador d'este negocio dizia o Senhor: «Que aproveita ao homem fazer-se senhor de todo mundo, se perder a sua alma?»(*) E contava de hum rico, que chegou a tanta prosperidade temporal, que o maior trabalho que tinha, era não ter onde recolher o seu. O qual estando dando comsigo traças, como recolheria tudo, e lançando contas que tendo tudo junto, teria pera levar boa vida muitos annos, sem lhe lembrar a alma: ouvio um brado do Ceo que lhe disse: «Parvo, esta noite morrerás, e o que ajuntaste, cujo será?» (**) Tal he, diz Christo, o que põe o cuidado em ajuntar, e não em serviço de Deos. Oh parvos Reis, oh parvos Letrados, oh parvos Monges, oh parvos Sacerdotes, oh parvos Prégadores, oh parvos Prelados, oh parvos Capitães, e soldados, oh parvos Cavalleiros, e peães, oh parvos nobres, e baixos, oh parvos ricos, e pobres, oh parvos privados dos Reis, e desprivados, oh parvos favorecidos do mundo, e desamparados, oh parvos mimosos, e ociosos, oh parvos contratadores, e negociantes, oh parvos por sentença do Ceo todos os que gastada a vida e as forças, e os engenhos, e occupações d'ella, vós achais no cabo com a alma perdida. Que vos aproveita tudo, se ao tempo que haveis mister a vida, e obras d'ella vos achais tão parvos, e tão vazios, que com se vos acabar

(*) Math. cap. XVI. (**) Luc. cap. XII.

tudo vós vos vedes com a alma perdida? sem duvida que bem olhado o grandissimo descuido, com que se trata a salvação da alma na terra, he a cousa que mais medo póde metter a hum coração christão. Vejo hum S. Paulo confirmado em graça, e com certeza da salvação castigar seu corpo com medo de se perder. Vejo hum Santo Agostinho depois de allumiado por Deos, não querer gastar huma hora em responder a humas questões de huma das artes liberaes, pela não tirar da occupação da alma. Vejo hum S. Bertolameu deixar-se esfolar: hum S. Lourenço deixar-se assar; hum S. Francisco não soffrer ainda o cuidado dos remendos; hum S. João Bautista fugir vinte e cinco annos de fallar huma palavra ociosa. Vejo os Apostolos Martyres espedaçados, as manadas de Santos degradar-se pelos desertos; o espirito com que se instituiram os Mosteiros, como santos carceres pera fugir do mundo, e o immenso cuidado, e incansaveis trabalhos, e afervorados espiritos, com que todos estes negociaram, e asseguraram sua salvação. E pondo a par d'isto o prazer com que as estradas da perdição, e dos vicios vão cheias, com falsa confiança de salvação; o tempo tão mal gastado; a soltura dos sentidos, as invenções de passatempos, e que á salvação se não dá o rebotalho do tempo, da fazenda, da occupação, e que tudo pera tamanha cousa se tem por muito, e demasiado (por pouco, tibio, serodio, podre, e enjeitado que seja, como na verdade he quasi tudo o que empregamos na salvação da alma) não lhe sei dar outra sahida, senão que ponhamos os olhos no Senhor, e lhe peçamos, que pois tanto á sua custa nos remio por amor de si, se lembre de nós. Todavia porque Christo nosso Senhor assi he nosso Salvador, que se nos remio sem nós, não nos levará ao Ceo, nem salvará sem nós, lembro o que diz nosso Padre S. Agostinho: Que nenhum se salvará sem ser de Deos chamado, nenhum dos chamados fará as obras da salvação sem ser de Deos ajudado (*): e que nenhum merece esta ajuda, senão pedindo-lh'a por oração, e que ainda que oás mos se perdem pelo elle permittir, nenhum se perde por sua vontade. De maneira, que Deos a todos chama, sem lh'o pedirem, porque ser chamados pende só d'elle. E antes que lh'o peçamos, está prestes pera nos ajudar, porque se não escuse ninguem de lh'o pedir; sempre falta por nós, que nenhum cuidado temos de lhe pedir sua ajuda. Aprendamos logo do cuidado com que o Salvador nos negociou a salvação, o muito, e grande, que nos cumpre ter de alcançar d'elle a virtude, e ajuda pera nos salvar.

(*) August. Lib. 1. ad Simplicianum, q. 2.

*

Outro documento, que d'estes exemplos do Senhor podemos tirar, he o modo como se hão de exercitar o jejum, e as outras virtudes exteriores. Que he com tirar da alma os males, e culpas, contra que ellas se devem exercitar. Porque diz hum Santo, que jejuar, e peccar he huma semelhança do Demonio, que sempre he máo, e nunca come. Christo nosso Senhor, posto que no decurso de sua vida teve muitos jejuns, todavia o jejum, que quiz que d'elle se escrevesse, foi acompanhado de muita oração, de apartamento do tumulto da gente, e cheio de muita occupação celestial. Assi em toda a sagrada Escritura, onde se trata do jejum, claramente Deos desapprova os jejuns acompanhados de proprias vontades, más obras, perversas inclinações, e occupações contrarias á lei de Deos. Compara S. Gregorio os que com o jejum não mortificam suas más inclinações, a Simão Cyreneo, que pode levar a Cruz a Christo, e não soube morrer n'ella com elle, mas com seu aluguer se contentou. Assi com o gosto só de jejuar, se o faz por vontade, ou com cumprir o preceito, se satisfaz quem jejua, se com isso não tira os vicios da alma, que tiram a valia ao jejum, e não planta as virtudes, que o santificam. Não sei como approvamos em nós a perversa justiça que nós outros desapprovamos, que pague o innocente pelo culpado. O estomago, ainda que por ventura não peque na gula, paga pela lingua, que nunca deixa de mal fallar, pela soltura dos olhos, que se não querem recolher, pelos máos desejos, que vagueiam desenfreados, e por todos os vicios, que reinam na alma, e com gosto se commettem. Sem mais emenda que pagal-o elle jejuando. Não he Deos tão injusto juiz, que approve tão perversa sentença, nem aceite tão vã penitencia; quando tudo o que corrompe os bens da alma jejuar, então será a Deos aceito nosso jejum. Não digo que quem está em peccado não jejue, porque ainda que não aproveite pera a salvação, não damna: e menos mal he jejuar sem proveito, que a gula com muito damno: e bom he ser bem acostumado pera o tempo da graça. Mas aconselho que não percamos o feitio de cousa de tanta valia, de que os Santos que d'ella escrevem, não acabam de dizer os bens que comsigo traz (*). Os quaes logra quem com mortificação dos vicios, e exercicio de interiores virtudes jejua. A moderação, com que esta virtude ha de ser exercitada, resumem os Santos em duas regras. A primeira, que se evitem demasias de guisados para enlear o trabalho do jejum: porque isto (como diz nosso padre Santo Agostinho)

(*) Basil. Homil. de jejum.

he fazer o jejum favorecedor da gula, e da luxuria (*). A segunda, que não se debilite a natureza, de maneira que impida outros espirituaes bens, como são doutrinar almas, ministrar os sacramentos, negociar-lhe sua salvação a quem a tem por officio, ou fazer outras obras obrigatorias. E muito mais, que fique a disposição sã pera o exercicio da oração, onde mais que em tudo se ganha. E os que sem esta moderação jejuam, e não aceitam conselho, nem regra, de quem a devem de tomar, fora-lhes melhor quebrar suas vontades com que desagradam a Deos, que jejuar. Por cabo d'esta materia, lembro aos que são affeiçoados a jejuar, que se vigiem de huma tentação, de que muitas vezes se não faz caso: e vem a ser, de cumprirem com mais rigor os jejuns de devoção, e vontade, que os de obrigação. Porque o Demonio se não pode tirar-nos o bom costume de jejuar, trabalha que nos voluntarios tiremos as forças pera os obrigatorios, ou que sejamos n'estes mais remissos, que nos outros.

Todas as virtudes, que tem mais de propria vontade, e menos de obediencia, são mais suspeitosas pelas muitas, e encobertas malicias que a vontade propria em si encerra. E por isso o obediente he mais aceito que o voluntario jejuador, áquelle Senhor que disse, que quer mais a obediencia, que o sacrificio, e que por obediencia na Cruz se sacrificou.

Exercicio do jejum, e vida do ermo do Senhor.

Gloria dos Anjos, riqueza dos bemaventurados, e fidelíssimo amador dos peccadores, meu bom Jesu, Deos e Senhor meu; que graças vos darei, por quantas mercês me tendes feito, e fazeis cada hora? Louvem-vos, Senhor, comigo todas vossas criaturas, e por que sois maior que todo louvor, louvem-vos vossas obras, vossas perfeições, e vossas grandezas; pois pela sua medida me encheis de mercês vossas, e não pela de minha pouquidade. Que fora de mim, se vós não tomareis cuidado de mim, e se me não fizereis as mercês como quem sois? Ensinai-me a vos agradecer quanto vos devo, e amar-vos quanto poder; porque já que não posso quanto mereceis, ao menos tudo quanto em mim ha, se occupe em vosso amor. Bem sabeis vós, Senhor, que se ajuntardes em mim todo o amor dos justos, que na terra tendes, e de toda a Corte celestial, e com todo vos amar, ainda muito mais amor vos devo,

(*) August. Ennarratione in Psalm. LIII.

e fora pouco pera responder ao amor que me tendes, e ao cuidado que de mim tomastes. N'aquella grande eternidade antes que nascesse, que me tinheis em vossa sabedoria presente, tomastes sobre vós minhas culpas, e necessidades, e o remedio de minha salvação. Bem vieis que nenhuma necessidade tinheis de mim, mas pelo eterno amor com que me amastes, houvestes de mim misericordia, e tudo quanto podestes fizestes porque me não perdesse. Adoro esse amor infinito: adoro esse peito, em que me tinheis escrito; adoro esse cuidado tão afervorado de meu remedio. Não se perca, Senhor, esta vossa criatura, porque não empregueis n'ella debalde tanto cuidado, e tantos trabalhos vossos. Por amor de mim vos ides ao deserto, conversais Filho de Deos, entre as alimarias, aceitais serviços de Anjos, e suspirais por minha companhia. A mim desejais ahi. Por mim jejuais quarenta dias. Por mim vos atormentais com muitas fomes, e debilitamentos. Por mim viveis ao sereno, sol, vento, e chuvas. Por mim sem agasalho dormis n'essa terra dura. Por mim chorais muitas lagrimas ao Padre Eterno. Pera mim alcançais d'elle que abrande sua ira, que se satisfaça com vossos merecimentos, e aceite vossos tormentos, e morte. Por mim lhe rogais, porque me abra o sentido pera ouvir, e receber vossas doutrinas: que me allumie nas verdades de vossa fé, e me soffra em meus erros, e me aceite á sua gloria. Que bem tenho, ou espero que não deva, bom Jesu, a essas lagrimas; a essas ferventes orações, a essa penitencia, e jejum, e a este amor, com que negociais todo meu bem antes que nascesse, antes que vos conhecesse, antes que vos amasse, e antes que vol-o soubesse pedir? Oh Padre meu amantissimo, que ancias, e cuidados são estes tão tenros, e tão sollicitos d'esta vossa pobre criatura? Vós sentieis meus males, doiam-vos minhas perdições, com mais sentimento que se me parireis; curaveil-os com mais brandura, que se me trouxereis em vossas entranhas. Mas que digo? N'esse coração me trazieis, ahi me amaveis, ahi me agasalhaveis, ahi me chamaveis, e me espertaveis com as forças, e obras d'esse eterno amor, pera que quando me achasse vivo, e rodeado de vossas misericordias, conhecesse que a esse amoroso, e paternal peito as devo. Arde, e inflamma-te tibio coração em amor, derretei-vos meus ossos todos em charidade, emprega-te todo meu interior, e exterior no amor d'este teu suave remediador. Alarga-te, coração pobre, porque não poderás ser desprezado de quem tanto te deseja, e faz por ti. Não sei fallar, bom Jesu; n'esse fogo de amor, em que ardeis,

me lanço, ahi onde o amor divino vosso me deo ser, e todos os bens, me torno a offerecer: ardei, Senhor, e queimai-me: e o que vós com tantas lagrimas, e trabalho me negociais, dai-mo. Amo-vos, meu Jesu, de todo meu coração. E se vós vedes que não he assi, desejo de todo amar-vos; e se vedes que de todo o não desejo, desejo desejar muito; e se em tudo me engano comigo, sei que me não engano comvosco, que qual sou tal me aceitais. Eis-aqui por quem trabalhais, em mim vedes o que vos doe, em vós vedes o que me cumpre: fazei o que sabeis, e o que podeis, e o que quereis n'este vosso servo.

Fazei luz divina, que em vós me veja, e me conheça, pera que conhecendo-me me aborreça, e aborrecendo-me fuja de mim pera vós, que me podeis livrar de mim, e curar minhas chagas. Que justiça he esta, Deos meu, e que conveniencia, que trateis minha salvação com tanto cuidado, e eu que serei o perdido pera sempre, se me condemnardes, viva descuidadissimo de o negociar comvosco? Vós, bom Jesu, desde encarnado no ventre de vossa sacratissima Mãi até á morte na Cruz, toda a vida, todo o tempo, todas as horas, toda a occupação, todas as obras, todo o possivel trabalho pondes n'isso, e eu pobre, misero, cego, sem ver os perigos que me cercam de toda a parte, vivo tão esquecido de mim, e de vós, como que se me não fora nada em me salvar. O tempo que me destes pera vos servir, e merecer o vosso reino, que correndo se me vai, e me foge, eu o emprego em peccados, e appetites, e busco entretenimentos d'elle, que me ajudem a não o sentir, e passal-o com vãos contentamentos, como se o tivera seguro preso na mão. E passa a meninice, e mocidade, e toda a outra idade, sem poder com verdade dizer, que gastei hum dia bem, e perfeitamente, sem defeitos em obras de minha salvação. E tudo quanto faço he a este modo. Os pensamentos distrahidos: os desejos da alma mal empregados; a memoria, cheia de infinitas vaidades; o entendimento occupado em cousas terrenas, e a vontade em vergonhosas baixezas. Meus jejuns, orações, e tudo o mais com que vos poderia contentar, tal he tudo, que com razão pela frieza, imperfeição, e muitas culpas, com que vai acompanhado, me podeis por isso castigar. Toda a outra cousa da vida me traz solicito, quando se offerece, com infinitas ancias, e cuidados, e alterações, ora de tristeza, ora de gosto, ora de receio, ora de alvoroço, ora de desesperação, ora de esperança; com este triste coração repartido, e tão pejado, que quando venho a querer tratar de mim, e de vós, nem

me acho, nem me parece que sou cousa da vossa mão. Tão estranho nos cousas espirituaes, tão duro pera vossa conversação: tão enfastiado das cousas que a vós chegam; tão ignorante na pureza das virtudes, e tão boçal no que he meu proprio, como se não nascera eu pera o Ceo, nem pera vos amar. Assi vos peço o paraiso, como se m'o devesseis. Assi me asseguro que hei de hir lá, como se vol-o merecesse. Assi me contento com qualquer bem, ou apparencia d'elle, que faço tarde, mal, e tibio, como se por justiça fosse eu senhor do Ceo; toda a outra occupação, e negocio he pera mim dianteiro, sendo este o principal. E vós bom Jesu, tudo isto vedes, e estais chorando porque vedes o que perco, quando vos perco, que eu não sei sentir. E vedes o perigo grande do seguro em que vivo, que eu não quero ver; e o amor que me tendes vos magôa, e faz penar pela dor que eu houvera de ter, e não tenho. Oh fonte de toda a bondade, oh pastor divino e filho de Deos vivo, que descestes do Ceo á terra a buscar as ovelhas perdidas; e por isso as viestes buscar, porque nós sabemo-nos por nós perder, e não nos sabemos ganhar. Eu errei como ovelha perdida. Deixei vossos suaves pastos, que engrossam almas, pelas peçonhentas hervas d'este mundo. Fugi de vosso curral deixando vossa obediencia, indo-me traz os lobos que me gastam, e consumem. Perdi os caminhos por onde me levaveis, e me metti pelas encruzilhadas e descaminhos da perdição. Sei, meu divino pastor, que estou errado em tudo; buscai a vossa ovelha; buscai o vosso servo. Dai-me a companhia de huma d'essas bestas feras, pois peior que ellas me tornei, e com vossa brandura me recolhei, e amançai, e sometei a vossa obediencia. Levai-me Senhor, apoz vós. Plantai em meu coração vivo cuidado de minha salvação, pois a vossa vontade he que me não perca. E pois isto he o que me mais obrigaes, fazei-me com vossa luz sempre ver quanto me importa, e acompanhar-vos no cuidado, e trabalho com que mo negociastes. E ajudai com vossa virtude a miseria, e fraqueza que em mim vedes.

Vós Senhor, dissestes, que ninguem pode hir a vós, se o não levar vosso Padre Eterno. Bem sabeis Senhor, que nos não ha de levar santos, senão peccadores pera nos santificardes; não nos ha de levar sujeitos, senão duros pera nos abrandardes; não nos ha de levar domesticos, senão rusticos, e ferrenhos, pera com vossa suavidade nos mudardes. Pois Senhor, tal estou, e por vossa graça desejo n'esta hora de vos acompanhar, e me mudardes á vossa vontade. Pois chegais a vós estas bestas

eras mansas com vossos affagos, não me negueis entre ellas hum lugar, porque ellas que vos não sabem amar, se ficarão sem vossa companhia feras, e brutas, e a mim levareis manso, e feito de lobo cordeiro, e de leão ovelha, e de vibora humilde imitador vosso toda a vida, como vós desejais. Vós pelo vosso Profeta prometestes ás almas apartadas de vós, que pera as converterdes, as levarieis comvosco á soledade, e lá lhe fallarieis ao coração (*). Vós sabeis, que soledade he esta onde sem rumor de cousa da terra podeis ser ouvido, o que he, eu o não entendo, mas sei, que onde vós fordes só ouvido, e fallardes a meu coração, ahi estarei cheio de vós, e vós contente de mim. Ah soledade cheia de todos os bens, quem te visse alguma hora! Ah meu Senhor, levai-me a ella, fallai-me ao coração, fallai Senhor, e ouça-vos eu, e emudeçam pera mim todas as outras vozes; porque vossa voz he doce, e vossa linguagem suave. Em hum momento me alimpareis, me prendereis de vosso amor, e me fareis amargosas todas as cousas, que me não souberem a vós. Pois cale tudo, e fallai vós meu mestre, meu divino consolador, e meu puro amor.

Oh Madre de Deos, ovelha purissima, e nunca errada, que em espirito acompanhaveis este Senhor, e de sua companhia recebestes mais bem, que toda criatura, partí com este pobre, fazei-me ser admittido, e d'este Senhor todo tão possuido, que nenhuma outra cousa tenha em mim, nem muito pequena parte. Oh Corte celestial, levada já a esse celestial deserto, seguro de nossos perigosos tumultos, e povoado de eternos prazeres e gloriosos bens: pois pera vossa companhia fui criado, alcançai-me vivo desejo do que tendes, incansavel cuidado de o procurar, e assi passar pelos encontros d'esta vida, que não perca vossa bemaventurada companhia. Amen.

(*) Oseae. cap. ii.

TRABALHO XVI

Da Tentação.

Passados os quarenta dias, que o Senhor jejuou no deserto sem comer, deixou no cabo d'elles sua natureza padecer tamanha fome (como atraz fica dito) que o debilitava, enfraquecia, e descorava de maneira, que pôde o Demonio enganar-se, e cuidar que tinha alli huma muito apparente occasião pera o tentar sem ser conhecido. Nem he n'elle este ardil desacostumado, buscar sempre pera tentar occasiões, e conjunções, e apparencias de bem, com que faça parecer virtude, e necessidade o mal que commette; ou menos grave, e mais desculpavel, se he peccado manifesto. Verdade he, que nem pera todos busca o Demonio estes ardis, senão pera os que sabe que lhe hão de resistir. Mas as almas que por seus peccados perderam o medo a seus vicios, e gostam d'elles, impropriamente se diz, que são tentadas. Porque tem já dado ao Demonio tanto senhorio em si, que não tem com elles batalha, nem mais que fazer, que offerecer-lhes o que quer que façam, porque logo he obedecido. E os trazem os Demonios tanto á sua mão, e abatidos, que (como Deos diz por Isaias) mandam como senhores, que se abaixem, que querem passar por elles (*), os quaes logo se rendem, e lhes fazem de si, e de seus sentidos estrada, e hum caminho por onde passem sem contradição. Não ha mister o Demonio pera estes ardis, manhas, forças, importunação, nem mais occupação, e negocio, que lembrar-lhes os azos, e peccados, que quer que commettam; nem faz elle já caso d'estas almas: nem ellas sentem seu mal, nem tomam nenhum trabalho por pelejar, e resistir: mas as mais das vezes hão tamanho medo da cura de seus males, como não houveram de haver d'elles proprios. Mas se aceitam o chamamento e graça de Deos, então sentem as offensas que lhe fazem, e o trabalho da tentação, e as manhas do inimigo. E elle pera estes se poupa, e com os que devéras tratam de contentar a Deos se refina. E pera demonstração qne estes sejam os que sabem conhecer as tentações, e pelejar, não quiz o Senhor ser do Demonio manifestamente tentado senão depois de muito jejum, e de quarenta dias de vida solitaria gastada em soberana contemplação, e admiraveis excessos de seu divino amor. Espanta, e

(*) Isai. cap. LI.

não sem muita causa, ver que o Senhor quizesse ser commettido a peccar por huma tão vil, baixa, e maldita criatura, como o Demonio. Mas como estava já offerecido a lhe não ficar nenhum trabalho nosso por passar, quanto sem peccado podia, e este de ser tentado, he o de maior perigo, e que nos mais custa, não quiz que o deixassemos de ter n'elle por companheiro, posto que não podia elle correr nossos perigos, nem sentir as angustias, que nós n'elle sentimos, como abaixo diremos.

Pera o Senhor poder ser do Demonio tentado, e elle se atrever ao commetter, offereceo-lhe sua corporal humanidade, encobrindo-lhe a gloria de sua alma, e sua divindade; porque com qualquer d'estas, que vira, entendera que não podia ser da sua conquista alma glorificada, nem de sua jurisdição a divina Magestade, a cujo poder, e justiça elle está em penas eternas sujeito. Mas bem via na humanidade do Senhor tanta pureza, que nem com toda sua malicia (que lhe Deos plenariamente soltou pera esta, e outras batalhas que com o Senhor teve) pôde nunca achar entrada pera perturbar sua alma. E posto que via, que pera tentar todas as outras almas lhe dá Deos licença por medida, e só pera Christo nosso Senhor a teve geral, e larguissima pera o tentar exteriormente, todavia sua soberba o cegou pera não cuidar, que a divina Magestade, que elle sabia que havia de ser humanada, se humilhasse a consentir ser tentada. Porque a infernal soberba obstinada em seu mal, não he capaz de entender os segredos da magnifica, e soberana humildade, e posto que sempre o Demonio andou com receios, se seria aquelle o filho de Deos, que sabia que havia de encarnar, assi por ver que não tinha jurisdição n'elle, sendo filho de Adão, como pelo que com sua virtude, e por poder lhe fazia, e trabalhava por se certificar n'estas suspeitas por muitas vias. Todavia vendo que o Senhor nunca lhe sahio a proposito todas as vezes que lhe chamou Filho de Deos: e não podendo imaginar tanta baixeza de tão divina Magestade, se determinou comsigo, que o que via em Christo seriam privilegios de Deos, e não proprios, e naturaes attributos e perfeições. E por isso não deixou de commetter batalha, e provar com elle forças, e ventura. E como vio o Senhor com tamanha fome, e que tanto se lhe enxergava de fóra nos sinaes de debilitamento, e fraqueza, appareceo ao Senhor em figura visivel humana, que devia de ser como de homem recolhido por aquelles ermos. E mostrando compaixão de como o via, traria á memoria quam poucos dias havia, que Deos lhe mostrára o muito que lhe queria, em lhe chamar por

voz do Ceo Filho amado; como em outro tempo chamára ao seu amado povo, por quem fez tantas maravilhas, que lhes abrio o mar em seus perigos, e lhes tirou a agoa da dura pedra em sua sede. E com tantos favores de Deos, e merecimentos, como tinha, toda criatura lhe obedeceria, que se não deixasse morrer; e dissesse como Filho de Deos áquellas pedras, que se tornassem em pão. Outras muitas cousas a este modo diria o Demonio por fingir santidade, e encobrir sua maldita pessoa, e dar apparencia a ser bom o que aconselhava, e a este modo foram as outras tentações (como diremos) posto que os Evangelistas em muito poucas palavras tocam só a substancia das tentações, respostas e victoria d'ellas, como costumam nas outras cousas que escrevem.

Muitos dizem muitas cousas sobre estas tentações muito bem ponderadas. Alguns consideram que o Senhor foi tentado primeiro de gula, contra o bocado de nossa perdição, que Adão comeo. Segundo de vangloria, contra o appetite, que Eva teve de ser como Deos. Terceiro de idolatria por cubiça, contra o mal que tinha destruido, e perdido o mundo. Outros ponderam que na forma, em que o Senhor permitio que fosse commetido, ensinou o estado verdadeiro dos que são vencidos. Na primeira tentação se declara o erro dos que passam a vida em comeres, e prazeres, que são tão duros, e improprios mantimentos da alma, que não se podem de tão terrenas pedras sustentar os espiritos criados pera bens celestiaes. Na segunda tentação se vê, que a vaidade da vida, e soberba, que no mundo reina, he na verdade alevantamento pera maiores, e mais incuraveis quedas; e por isso o Demonio o persuadia a ganhar honra com se derribar do pinaculo abaixo. E na terceira tentação se descobre aquella verdade de S. Paulo, que o amor desordenado das riquezas he verdadeira adoração de idolos(*), e que quem vive da cubiça, tem o dinheiro e fazenda por seu Deos. Muitas outras cousas dizem, acommodando as respostas do Senhor a cada tentação, como segurissimas armas defensivas, e excellentissimos regimentos dos estados das almas erradas, pera se reduzirem ao verdadeiro caminho. Mas por abreviar esta tão larga materia, me parece proprio pera este lugar o que os mais dos Santos, que tratam das tentações, e ardis do Demonio, dizem. Que este antigo, e manhoso inimigo, como deseja empregar bem seus arremessos onde faça mais damno, e seja menos entendido, pera que com mais prejuizo engane; trabalha por conhecer a inclinação de cada hum, boa, ou má. E acommoda-se

(*) Ad Ephes. cap. v.

com fingidas branduras, ou á virtude que cada hum exercita, pera revestir males na cor, e apparencia d'ella, ou á viciosa inclinação, que a natureza de cada hum mais segue, pera por ella ter mais dissimulada entrada. E não menos se desvela em que não seja a tentação conhecida, que em procurar a victoria. E quando acha a tudo cerradas, e guardadas as portas d'alma, mete-se secretamente entre os doens e mercês de Deos, que a alma licitamente póde desejar, e aceitar, pera vêr se por excessos de mais, ou menos, ingratidão, ou propriedade, ou por outra alguma via pode misturar sua peçonha. A este modo vendo o Demonio, que nenhuma entrada achava a perfeição soberana, e pureza admiravel das virtudes do Senhor, pera se poder transfigurar em alguma d'ellas pera o enganar, nem havia n'aquella humana natureza nenhuma desordenada inclinação, por onde podesse commeter: aproveitou-se da occasião da natural fome, e da propriedade das perfeições de suas virtudes pera o tentar.

Proprio he de perfeitissimas virtudes, em que a principal he o puro amor de Deos, e charidade, viver em segurissima confiança n'elle, e de todo estar sem outro nenhum cuidado da vida, que occupe, e distraia o coração, remetido á sua providencia. Esta teve S. Paulo primeiro Hermitão (cuja festa hoje he) quasi noventa annos no deserto, sustentado por hum corvo; e outros muitos, dos quaes Deos toma cuidado: porque he tão fidelissimo, que quem de tudo se descuida por elle, em nenhuma cousa lhe falta. E he este hum tamanho, e tão perfeito gráo de amor de Deos, que posto que deve de todos ser desejado (porque he huma semelhança do Ceo na terra) de nenhum pode ser de todo imitado, em quanto Deos o não infunde na alma. Porque quando elle dá esta ditosa região de paz, elle se faz o regimento, e guia da alma d'elle presa, com que a livra de erros, e enganos. E elle mesmo lhe tira o cuidado, e occupação interior das cousas humanas, de maneira, que nem elles mesmos attentam em si, se lhes lembram, ou se lhes esquecem, com o alevantamento interior occupado todo em Deos. E porque alguns sem fundamento, e alicerce querem apegar-se a esta perfeição, cahem em muitos inconvenientes, perigos, e erros, porque sem ter recebido este dom de Deos, se querem sacudir das occupações á vida e estados necessarias, e tanto se occupam em deixal-as, que perdem a paz interior, e cahem em peior laço. Ora como o demonio vio ao Senhor commeter a vida do ermo sem apercebimento pera a sustentação natural, e jejuar sem comer quarenta dias, sem a

ajuda que Elias teve do pão, que o Anjo lhe deo, que o sustentou, e sem o ver na gloria, em que Moysés esteve conversando a Deos no monte Sinai; houve-o por muito mór perfeição, e por alli o commetteo, vendo se podia mudar aquella perfeitissima confiança, que em Deos tinha, em cuidado de si, e empregar o muito que por ella lhe merecia, e em fazer milagres pera sustentar sua fome. A qual tentação n'aquelle caso parecia a mais propria, e encoberta, por quam obrigatorio parecia acodir a sua extrema necessidade natural, em que estava. E pera a remediar parecia mais perfeição commeter milagre com a mesma confiança em Deos, com que commettera jejum de quarenta dias sem comer, que distrahir-se em buscar outro remedio humanado. Sendo na verdade acto de humildade, e conhecimento da propria fraqueza buscar remedio humano licito, e santo pera a fome, quando Deos não fora servido de o ministrar n'aquelle caso; e fôra perverter a ordem do divino amor, e charidade empregar só em seu corporal remedio o merecimento da confiança posta em Deos. Em dizer o Demonio a Christo: «Diz que estas pedras se tornem pão,» armou a ver se fazia o milagre, pedindo-o a Deos, ou imperialmente, como verdadeiro Deos: de que diz a divina Escritura: «Elle disse que se fizessem as cousas, e tudo foi logo feito» (*); pera que no modo de mando, ou de rogativa, visse se era Deos. E armou a ver se naquella tamanha fome, e necessidade (sendo puro homem) o podia derribar da firmissima confiança, que a perfeita charidade tem em Deos. Mas o Senhor lhe desfez seu fundamento, e ardil, com aquella palavra da lei de Moysés: «Não vive o homem só do pão, mas das obras de Deos.» A qual palavra nosso Senhor disse a seu povo, ensinando-lhes seu temor, e obediencia, e dando-lhe por principal remedio de conservarem as mercês, que d'elle tinham recebido na terra de promissão, guardar-lhe a sua lei. E que pera isto se lembrassem que quarenta annos no deserto os privou de todo remedio de vida temporal, e os manteve do pão do Ceo, pera verem que contentar a Deos he o remedio principal da vida humana, e não offendel-o pela sustentar: porque sem pão com suas divinas obras sabe Deos manter, quando quer. E assi quiz Christo dizer, que era escusado milagre, porque quem o sustentara quarenta dias sem comer, lhe mataria a fome sem pão. E por isso indigna cousa he a hum coração capaz de Deos, e de seus bens pender mais das cousas do corpo, que de Deos, que todas com sua providencia, e poder governa, e sustenta.

(*) Psalm. CXLVIII.

As outras duas tentações foram tambem a este modo ordenadas a destruir as raizes, e alicerces da perfeita charidade. Persuadindo-se que era puro homem, o levou o Demonio á mais alta torre do templo, que segundo os modelos antigos estava sobre a porta principal do templo, e era altissima. Devia-se-lhe o Demonio mostrar edificado d'aquella grande confiança que em Deos tinha, e dizer-lhe que elle tambem d'ella vivia: e pera que visse quam segura via era pera os servos de Deos, o levára alli com a virtude que Deos lhe tinha dado, porque em nenhuma cousa corresse perigo. E que os filhos de Deos tudo podiam, que se se tinha por esse, se lançasse d'alli abaixo, porque queria ver a que gráo de confiança em Deos tinha chegado: porque estava escrito, que Deos tinha mandado aos Anjos, que só tivessem cuidado de guardar seus servos, pera que nunca perigassem em seus caminhos. E bem via que os Anjos o tinham alli trazido e guardado. O Demonio, posto que damnado, não perdeo as propriedades naturaes da angelica natureza que tem: entre as quaes he huma, que lhe são sujeitas as cousas terrenas, e elementaes pera as mover, e applicar humas a outras; e o que d'isto não faz pera damnar os homens, he o que lhe Deos impede, enfreando sua malicia.

Assi sem tocar em Christo nosso Senhor com o corpo fantastico, em que lhe appareceo, applicou-lhe sua natural virtude, consentindo-o o Senhor, e com isto o pôde levar ao pinaculo do templo, e d'alli a hum monte alto. Esta tentação atirava principalmente á estima de si, e confiança da propria virtude em caso temerario, de que não resultava nenhuma gloria de Deos, nem havia obrigação de o commetter por sua divina honra. E revestio esta estima propria, e confiança de si, e de seus merecimentos, na mesma confiança em Deos, em que na primeira tentação o achou tão fundado. Por experiencia tinha o Demonio sabido, que nenhuma cousa mais descontenta aos filhos de Deos, que a estima de si, porque se esta o lançou com seus companheiros do Paraiso celestial, que estrago e damno fará nos que moram nas taipas, e barro d'esta nossa miseria? Já o Demonio n'esta segunda tentação emparvoecia, como faz todas as vezes, que na primeira entrada acha forte resistencia, e he conhecido; porque logo d'ahi por diante mais descobre sua malicia. E posto que na authoridade, que allegou, calou seu desbarate, profetizado nas palavras que se seguem, que dizem: «Andarás sobre o Aspide, e Basilico, e pizarás o Leão, e o Dragão»(*), não lhe aproveitou pera deixar

(*) Psalm. xc.

de se ver logo derribado, e vencido, e experimentar em si o que quiz encobrir. Porque o Senhor em poucas palavras lhe atalhou, dizendo: «Está escrito:» Não tentarás a teu Senhor Deos(*)».

D'aqui deo o Senhor ordem á perfeição da confiança, que o puro amor tem em Deos: que quando elle a planta no coração de sua criatura, como ovelha humilde se deixa levar de seu pastor, mas com tanta desconfiança, e desestima de si, que seja só Deos em tudo glorificado. Isto tudo faz Deos fazer ás almas que tem possuidas, e com puro amor a si unidas, que sem temeridade, e com humildade obedeçam ás mudanças, que com sua providencia ordenar que lhe venham; roubando-lhe o coração, e attenção toda a si, com que nem d'elle se divertem, nem se occupam interiormente nas cousas exteriores, que lhes elle faz fazer. E por isso emparvoeceo o Demonio em querer desordenar esta consonantissima ordem com divertir o animo da união de Deos a mostras de estima de si. Aqui cheio o Demonio de soberba, e raiva, determinou desavergonhar-se de todo pera maior confusão sua; como acontece com os que fielmente perseveram na peleja das tentações, que deixados os ardis, descobertamente commete. E permite-o Deos, pera vermos quanto menos sabe o manhoso inimigo, que o humilde servo de Christo, e conhecido, seja em tudo mais facilmente vencido. Levou o Demonio o Senhor a hum monte alto, e já quiz que o tivesse por mais do que parecia. E alli largamente lhe deo conta de todos os estados, e gloria e grandezas do mundo, que lhe elle saberia mui bem pintar, calando a tudo, e soffrendo o Senhor. E isto devia de fazer não por palavras, mas por representação imaginaria, ou fantastica: porque diz São Lucas, que o fez em hum momento de tempo(**); e no cabo lhe disse: «Tudo isto me he entregue em minha mão, e eu o dou a quem quero: vejo que ninguem o merece melhor que vós: eu vol-o darei, se vos lançardes a meus pés, e me adorardes.» O ardil do Demonio aqui foi, que quem estava tão fundado em perfeita virtude, não se teria por incapaz do governo de todo mundo. Baixa tentação, e de inimigo declarado, que já se arremeça a tudo sem ordem nem tino. Mas he genero de tentação com que o Demonio combate os servos de Deos solapadamente, e quando vem geralmente a paz, e a verdade, e a virtude perdida; com a qual, se não tiverem em si tento, perderão a paz interior, sem aproveitar aos proximos. Porque nunca a perfeita virtude faz cuidar aos servos de Deos, que

(*) Deuter. cap. VI.—Matth. cap. IV. (**) Luc cap. IV.

tem sufficiencia pera as cousas em que Deos o não mette; nem pera as em que elle os põe se tem por sufficientes, senão governados, e ensinados, e ajudados d'elle. Não soffreo mais o Senhor o desavergonhamento do Demonio, mas com imperio o lançou, dizendo: «Vai-te Satanaz, que escrito está: A teu Deos e Senhor adorarás, e a elle só servirás». Desappareceo o Demonio, e os Anjos do Ceo desceram a servir ao Senhor: e o serviço tem os Santos, que foi trazerem-lhe o comer, que seu Padre eterno lhe mandou, que seria pão, e agoa, com que esforçou a natural fraqueza em que estava, e satisfez a fome. E emquanto comia, os Anjos lhe estariam cantando divinos triunfos, e victorias, gosando da sobresustancial contemplação, e clara visão do Verbo divino encarnado, ou de seus eternos conselhos.

Não conheceo ainda o Demonio a Christo nosso Senhor por filho de Deos n'estas victorias, porque o modo de vencer foi o ordinario, que todo o servo de Deos pode ter. E n'este derradeiro imperio, e mando, com que o Senhor lançou de si Satanaz, ensinou a deliberação da vontade determinada, quam poderosa he contra o inimigo. Porque onde a acha, não tem força nenhuma, e d'esta só foge. Por onde quando nos vence, primeiro faz liga com nossa vontade. Primeiramente alcança de nós que o ouçamos; ouvido, que nos detenhamos nos pensamentos: apoz a detença entra o gosto d'elles; traz este vem tibieza de fugir das occasiões: e com tudo isto enfraquecem as forças da alma, e perde-se a reverencia, e respeito, que a Deos se deve, com que chega o voluntario consentimento. Apoz o consentimento da vontade procura o Demonio a obra; porque dizem os Santos, que a experiencia do peccado he huma maneira de força, e poder, que sempre está armada contra a alma, com que se rende a tornar a desejar (movida do appetite humano já atiçado) o que conhece que lhe he máo. E renovada a experiencia, cada acto do peccado he hum fuzil do máo costume, cadea que mais prende o coração. Mas se o inimigo acha a vontade cerrada, e mouca no começo, e deliberada pera o lançar com impeto, he fraquissimo, e nenhuma cousa pode. E porque a vontade deliberada he tão poderosa contra o inimigo, não he desculpa do peccado ser a tentação grande; porque Deos, que nunca falta com sua graça, pera esforçar a vontade, a quem lha pede com humildade, sabe que nunca a tentação he mais forte que nós, senão quando voluntariamente enfraquece a deliberação da vontade pera resistir, e não atalha aos principios.

Diz S. Lucas, que o Demonio deixou a Christo nosso Senhor por algum tempo(*); dando a entender, que vendo o Demonio quam pouco lhe fundio aquelle modo de tentar a Christo nosso Senhor, e que não era aquella alma, com que elle havia de ter entrada, dissimulou por então com elle, pera levar outro modo ao diante de o tentar por seus ministros com muitos trabalhos, e tormentos, que lhe deram, pera ver se podia quebrantar sua paciencia, e desacreditar sua doutrina, e vida, já que não pôde perverter sua innocencia. Assi S. João a artificio do Demonio lançou tudo o que fez Judas contra o Senhor (**), que foi começo e occasião de toda sua Paixão. E esse mesmo Senhor, ao poder das trevas soltou, quando o prenderam, que fizesse tudo o que podesse contra elle: o qual não he outro senão a batalha cruel do inimigo tentador. He verdade que não podia o Senhor em nenhum genero das tentações do Demonio ter a pena, e perigo, que nós passamos, da rebelião, e contradição da carne contra o espirito, e da difficuldade que a carne sente na guarda da lei de Deos, de que o Demonio se ajuda pera nos fazer mais guerra, e nos dar mór trabalho. Porque estas desordens de nossa natureza são certissimo indicio do peccado original, fonte, e raiz de todas estas contradições, e batalhas, e da corrupção d'ella, com que nascemos, que Christo nosso Senhor não tinha, mas tanta perfeição, e pureza, quanta cumpria á humanidade que estava unida á divindade. Todavia posto que este genero de nosso trabalho não cabia em Christo nosso Senhor, abaixou-se elle tanto por nós, que quiz passar pelas cousas que nos costumam pôr em maior risco, e ainda que era impossivel ser da tentação vencido, quiz todavia ser commetido. E o que lhe faltou n'este commetimento, de trabalho que não teve na resistencia, e victoria, suprio com a humildade, com que a tanto se someteo, e com os grandes trabalhos que dos ministros do Demonio padeceo, quando por elles quiz o Demonio derribar sua fortaleza, e com a mercê de nos deixar o inimigo com as forças quebradas, e vencidas, e na larguissima materia que nos deixou de admiração, e amor pelos ardis, e invenções, que o divino amor, que nos tinha, achou de se vestir de tudo o que nos dá trabalho pera certeza que temos n'elle certa companhia, e saudavel remedio, seguro descanso, purissimo espelho, e exemplo pera tudo.

Pera tres cousas quiz o Senhor ser de todas estas maneiras tentado. Pera próva das virtudes, pera exercicio d'ellas, e pera quebrar as forças

(*) Luc. cap. IV. (**) Joann. cap. XIII.

a nosso inimigo. Permite Deos muitas tentações pera sahirem a lume, e serem conhecidas as virtudes dos seus, e cada hum ver em si o que lhe falta, e quam longe, ou perto, está d'ellas. Porque muitas vezes a paz encobre os defeitos, e fraqueza, ou perfeição, que a batalha faz manifesta. Assi foi descoberta a obediencia de Abrahão com lhe Deos mandar matar seu filho Isaac: e a constancia de Job com a perda de todas as cousas; e a paciencia de Tobias com a cegueira; e a pouca fé de S. Pedro com a tormenta do mar, e sua fraqueza com a pergunta, se era discipulo de Christo, quando com medo negou. D'estas tentações, ou provas teve Christo muitas, não pera elle conhecer o que em si tinha, mas pera nós ao nosso modo entendermos a perfeição das virtudes deste Senhor, pastor, e mestre que nos o Padre Eterno deo pera o imitarmos. Assi foi provada, e mostrada sua profunda humildade com muitos abatimentos de sua divina pessoa; sua fortaleza, com muitos trabalhos; seu amor com muitos tormentos: e todas as outras suas perfeitissimas virtudes tiveram provas pera sua demonstração, ou dadas por seu Padre Eterno, ou tomadas por si, ou ministradas pelo mundo, e seguidores d'elle, instrumentos do Demonio.

Serviram tambem estas provas, e tentações ao Senhor (do que servem a seus servos) pera occasiões do exercicio das virtudes. Bem que de nós a Christo ha nisto muita differença, porque nós por occasião das tentações exercitamos os actos das virtudes, que nos faltam, pera as acquirir, ou pera acrescentar, e aperfeiçoar as que temos. Mas as obras das virtudes que Christo exercitava, nasciam já da perfeição d'ellas, que em si tinha, que não podia com o exercicio crescer. Todavia pera nos ensinar ao nosso modo, quam pura, e perfeitamente ham de ser todas as virtudes exercitadas, quiz usar do modo com que acquirimos. E por estas duas vias nos ensinou a arte de pelejar, e vencer o inimigo, pera a qual batalha tanto nos cumpre ter capitão, a quem sigamos, e imitemos, com o poder, e esforço seu pera lhe quebrar as forças. Porque quando o tentador acha em nós as virtudes (que são as armas com que nos defendemos) com a divisa da imitação do amor, e perfeição d'este Senhor, reconhece a divina força, que nos ajuda, e com que elle foi desbaratado, e perdeo o animo. Mas se acha descuido em imitar o Senhor, e tibieza no exercicio das virtudes, reconhece nossa pouquidade, e atreve-se comnosco como com desarmados.

As forças que Christo nosso Senhor quebrou ao inimigo tentador,

não foi tirar-lhe a licença que tem pera nos tentar, mas a justiça que contra nossa natureza tinha; porque tentando-nos já mais como tyranno, e tredo, sinta contra si maior a força da graça que por Christo recebemos. Pelo consentimento voluntario que Adão deo a se someter á vontade do Demonio, lhe ficámos todos por justa sentença sujeitos a nos procurar, e fazer quanto mal podesse, e lhe Deos permitisse, em pena, e castigo da culpa de tão perversa sujeição. Christo nosso redemptor entrando em batalha com o Demonio (como diz S. Leão Papa) não quiz usar com elle tanto de força, e poder, que pera tão baixa e maldita criatura não era necessario, quanto de contenda de justiça, pera desfazer a sentença, que elle tinha contra nós (*). Por isso entrou com elle em batalha em forma humana participante de nossa mortalidade, e livre de toda a culpa de Adão. Como elle não tinha nenhuma jurisdição, senão só nos filhos de Adão, que nasciam em seu peccado, com tentar a Christo nosso Senhor, e procurar-lhe seus trabalhos, tormentos, e morte, sendo de todo sem culpa, cahio em comisso, por querer someter a si aquelle, que por lei era livre, e isento de sua jurisdição. E assi pelo tyrannico atrevimento contra este filho de Adão innocentissimo, perdeo a justiça, que tinha contra os culpados: e livres já de sua jurisdição lhe ficaram superiores, e tyrannicamente como tredo as combate, não como sujeitos á morte, mas como conquistadores, e legitimos herdeiros da eterna vida, que elle perdeo. E todos seus ardis, e batalhas, que eram castigo da culpa, nos servem de conquista de maior gloria. Assi pondera Eusebio Emisseno no sermão de Santo Estevão, o triste estado em que já está este desaventurado inimigo (**), que todas suas manhas e raivas, são os proprios meios pera acquirirmos o que nos elle quer fazer perder. Porque toda sua furia, com que se armou contra os servos de Deos, fundio, e funde hoje em dia encher a Igreja de merecimentos, refinar os animos dos fieis na perfeição das virtudes, coroar os trabalhos dos justos de eternas bemaventuranças, e povoar o paraiso de exercitos de martyres, e santos. Por onde fica entendido, que quem de tão mofino inimigo he vencido, e derribado em culpa, e em morte eterna, he muito mais mofino, e desaventurado que elle; porque voluntariamente se torna a someter ao jugo seu, de que estava livre; perpetua-se em sua desaventurada companhia, de que estava apartado; acrescenta-lhe as forças, que o Senhor lhe tinha quebrados, restitue-lhe o gosto de sua perdição, que por Christo tinha perdido:

(*) Leon. Serm. 1. de Quadrages. (**) Euseb. Emisseno. Serm. de S. Stephano.

e priva-se dos bens eternos, de que o inimigo foi derribado, e aos quaes elle por Christo nosso Senhor tinha direito adquirido, e lhe estava por seu sangue aparelhado.

Exercicio da tentação do Senhor contra as tentações.

Todo poderoso Deos, e Senhor, que em nenhuma cousa mais manifestas teu infinito poder, que em perdoar, e haver misericordia dos peccadores, que á tua imagem, e semelhança criaste, acrescenta em nós tuas grandes misericordias, e faze que a ti sobre todas as cousas amem estes nossos terrenos corações, pera que cheguemos ás grandes mercês que nos prometeste, pois são tamanhas, que excedem todo nosso desejo, e merecem todo coração. Que muito he pera ti fazeres as cousas de nada, e castigar a creatura fraca? Pois pera serem as cousas que não são, nada te contradiz, e pera com justiça destruires a quem injustamente te offende, ninguem te pode resistir. Mas venceres a dureza livre de meu ingrato coração, e venceres os justos brados, que contra mim dà tua divina justiça, e perdoares com misericordia ao que t'o não merece, poder he de tua grandeza; a qual porque he eterna, e infinita, tudo quanto queres podes, sem desfazeres na inteireza de tua justiça, nem destruires tua miseravel creatura.

Adoro-te, grande Deos meu! Quem grande como vós? Quem poderoso como vós? Quem justo como vós? Quem misericordioso como vós? Dou-vos infinitas graças pela fé que me déstes, com que vos tenho por meu Deos: pela esperança, com que me obrigais a desejar muito de vós, e pelo amor que quereis que vos tenha de todo coração. Mas vosso he, meu Deos e todo poderoso meu, com vosso poder alevantardes meu baixo coração ás grandezas que em vós ha, e que desejais de me communicar. Tudo quanto quereis, podeis; se quereis podeis allumiar minha cegueira; se quereis podeis encher-me de vossa graça; se quereis podeis sometter-me todo a vossa obediencia; se quereis podeis alevantar minha baixeza á communicação interior de vosso puro amor. Ah meu todo poderoso e misericordioso Jesu, fallai, Senhor, a este leproso, fallai a este misero; dizei, Senhor, a este peccador, mas vosso; dizei, suave Verbo do Padre Eterno, que vos sinta, ouça eu; dizei: «Quero», e serei limpo, serei perfeito amador, e imitador vosso, porque tudo o que vós quereis se faz. E por outras maiores cousas, que por mim fizestes, só porque quizestes, me

ensinastes a esperar de vosso amor. Quizestes por mim fazer-vos homem mortal, e o fostes; quizestes tomar fórma de peccador, e em tudo vos parecestes comigo. Quizestes tomar sobre vós as penas de minhas culpas, e pagastes por ellas até com a morte; quizestes ensinar minha rudeza, e déstes-me celestiaes doutrinas; quizestes vencer meus inimigos, e ensinar-me a pelejar com elles, e abaixastes vossa divina pessoa a entrar essa divina Magestade em batalha com a torpissima, e maldita criatura vossa infernal, que de vós lançastes, e que vos aborrece; soffrestes que em sua damnada malicia commetesse vossa soberana pureza, e suas infernaes entranhas tentassem vossa sobresubstancial innocencia; deixastes levar vossa pessoa divina humanada por aquelle perverso tição infernal aonde elle quiz, e chegar a commeter vossa divina Magestade, que o adorasseis; e ainda que vos não conhecia, vós meu Deos, que assi o quericis, bem conhecieis vossa grandeza, e a baixeza d'aquella desaventurada criatura. Mais vos abaixastes, meu Deos, n'isto que quando andastes por baixo dos pés de vossos crueis atormentadores em vossa Paixão. Porque os ministros d'ella, ainda que perversos peccadores, eram de vós amados pera os salvardes, e tratavam com suas mãos a virtude, que deseja santifical-os, e as lavavam no sangue, que elles mesmos derramavam pera sua salvação, e em muitos d'elles os proprios tormentos, que vos davam, haviam de triunfar em os converter a vós, e em serem os frutos, e as glorias de vossos abatimentos, e vos pagarem com o sangue, e vida propria a que vos tiraram pelos peccadores; que he o que vós desejaveis. Mas o demonio tentador, e inimigo de vosso amor, e de vossos filhos, incuravel em suas chagas, obstinado em suas malicias, desprezado de vossa bondade pera nunca mais ser a vós admitido, como Deos meu, quizestes que vos fallasse, e vos tentasse, e vos commetesse, como faz aos miseraveis peccadores? Como vos abaixastes á luta, e peleja com este infernal, torpe, e desaventurado dragão? Como lhe soltastes toda a sua furia contra vós, que pois vos não pode vencer commetendo-vos por si, vos ordenasse, quantos trabalhos por seus ministros vos deo, até vos pôr na Cruz? Como soffrestes que a certo tempo se gloriasse, que contraminava vossas obras, e vos tirava a vida? Ah Deos meu, não ha mais que querer saber, senão que assim o quizestes, e pera isso o fizestes. As razões que em mim faltam pera assi o quererdes, em vós as achais pera ser essa vontade santissima, e ordenadissima e justissima; e o que em mim não cabe, vosso poder, e mise-

ricordia lhe achou lugar, e propriedade, e conveniencia, com que em tudo fiqueis glorificado, parecendo-vos comvosco, como quem sois, infinito, eterno, e todo poderoso. Pois Senhor meu, quem impede agora vossa bondade pera quererdes, e vosso poder pera me fazerdes o que peço? Pera me dardes vossa luz, vosso amor, vossa pureza, vossa misericordia, e pera fazerdes esta vossa miseravel criatura tal qual a quereis? Se achastes pera todas as cousas, que vos eram mais improprias, em vossa bondade bastantissimas, e justificadissimas razões pera as quererdes, e fazerdes, só pera cousa tanto vossa, e tão propria a vossa divina grandeza, e á virtude de Redemptor, e Salvador soberano, como he alargardes vosso poder, e bondade pera dardes com misericordia o que vos peço, não achais razão? He verdade que o não mereço, he verdade que por vontade pequei: todas as razões, que de minha parte ha pera m'o não fazerdes, são verdadeirissimas; mas sobre todas he vossa bondade, sobre todas vossa poderosa misericordia, pera me curardes, e sarardes, esforçardes, e fazer á vossa mão, tal, que vos contenteis de mim.

Pois remediador meu divino, e todo poderoso Jesu Salvador, e Deos meu, já que vossa fé me ensina, que vós sois este, e que só de vós posso, e devo esperar todas as cousas grandes, e que não mereço; com quanta confiança, e humildade posso, vos apresento minhas necessidades pera que as remedieis. Olhai Senhor, que se o Demonio teve atrevimento de commeter vossa incomparavel pureza, em que via não ter jurisdição alguma, e de que pasmava, e se contra vossa innocentissima pessoa, invencivel fortaleza, perfeitissima virtude, e divinas obras se armou pera vos quebrantar, e derribar, ou pelo menos impedir o que nas almas quereis, fazer, que fará, ou que deixará de commeter a esta minha natureza nascida em miserias, envasada em lodo, e podridões, e cheia de todas as más inclinações? Vós vedes Senhor, que não dorme este leão infernal em me procurar males, e perdas; todo mal me commete, em todo bem se mistura, desde que nasci até hoje a toda cousa boa se atravessa, em me enganar se desvela, e em buscar manhas, e ardis pera me vencer.

Quando durmo, entre sonhos me inquieta, e em acordando, já está álerta pera não perder ponto, occasião, conjunção, nem momento de tempo pera me tentar. Ora se me faz Anjo de luz, ora se reveste em vossos dons, ora se transfigura em apparencias de virtude, ora toma a côr de minhas inclinações, e de toda maneira em todo tempo, e lugar, em todo

negocio interior, e exterior, em toda cousa boa, e má me tenta; sorrateiro, ardiloso, enganoso, pera me cegar que o não veja, nem entenda pera me fazer mór mal. Quando me não leva a peccar, inquieta-me com seus commetimentos, cansa-me com suas importunações, e põem-me em perigo com suas perversas fantasias. Arde contra mim em malicia, aguça em mim sua inveja, pera que não chegue aos bens que elle perdeo, e chama em sua ajuda todas as furias infernaes, e as vaidades do mundo, e appetites de minha miseravel natureza, e as inclinações de meus sentidos, e as condições dos homens com que trato, e todos os varios successos do tempo, e da vida, até com minhas culpas commetidas e perdoadas, e com vossas divinas misericordias me arma. Sempre acho este inimigo a par de mim desde que nasci, e quando menos o conheci, mais perto de mim estava, e mais damno me fazia. Ah minha divina fortaleza, e meu bom Jesu, que fará esta miseravel criatura fraca e de terra, com tal inimigo, e com tanta malicia e ardil contra si? Quem sou eu pera esta batalha? De quem, Deos meu, fiais tão continua, e cruel peleja? He verdade que por medida a tem este inimigo; e que vós lhe não dais licença pera me tentar mais, que quanto com a graça que me dais posso vencer, e aproveitar, e por isso não tenho desculpa. Mas isto he o que confesso á vossa misericordia, não desculpando, mas conhecendo a minha desaventura, e miseria, pedindo remedio pera o que em mim vêdes quebrado, e perdido.

Vós, misericordioso Senhor, por cuja piedade vivo, e me soffreis, e esperais, vedes quantas vezes este inimigo leva, e tem levado de mim a melhor. A elle ouvia, e a vós cerrava o coração, e porque está de mim tão obedecido, por isso está cada vez mais contra mim atrevido; e se o fujo, com mais raiva, e ancia me persegue, pelo costume em que o tenho posto, e pela entrada, e posse que lhe dei em mim. Conheço que cada vez sou mais fraco, porque por vontade enjeitei vossas ajudas, e por vontade enfraqueci: Não pode tanto estar contra mim este perverso perseguidor, que mais o não esteja minha voluntaria fraqueza, e descuido. Com razão este inimigo me accusa ante vós, e me demanda, porque sabe que sem eu o querer, nada podia comigo, e que me vence porque quero. Mas Senhor meu, e pégo de infinita bondade, e piedade, já lhe estou nas unhas, já me derribou, já fiz quanto elle quiz, e a fome que de mim tem eu lh'a aticei, e eu sou o culpado em tudo. Pois hei de estar ante esse infinito pégo de misericordias sem remedio? Pera que sois meu

Redemptor, senão pera me livrardes? Pera que sois todo meu bem, senão pera me tirardes de todo meu mal? Oh bondade infinita, santificai-me, oh limpeza eterna, purificai-me, oh fortaleza divina, esforçai-me, oh piedade divina, perdoai-me, oh poder infinito, livrai-me d'este inimigo, e de mim. Vós vedes Senhor, que se não contenta, até que me faça de todo perder; ganhai-me vós, fique elle com sua fome, e eu livre por vós. Lembro-vos que não quizestes ter com elle batalha, senão pera que eu com vossa virtude podesse mais que elle: por onde tudo he vosso. Pois Senhor, pelejai por mim, e vencei em mim. He verdade que mandastes, que a só vós servisse, e adorasse(*), e eu por vontade servi este desaventurado inimigo, e a todos meus sentidos, e appetites, de que se elle ajuda, e lhe tive mais respeito, e sujeição, e amor que a vós, como se foram meus deoses, e por isso estão tão senhores de mim. He verdade que me mandastes que não fosse temerario, nem vos tentasse (**), e eu com temeridade grande commeti viver ante vossos olhos em braços com meus gostos; e commeti tamanha desordem, que esperava salvar-me, indo pelo caminho da perdição; e quiz ajuntar muitas vezes meus damnados gostos, e vontade do Demonio com vosso serviço. E como isto não podia ser, eu mesmo me derribava na miseria, em que cahi de muitos peccados, e muitas perdas da alma, e ás portas do inferno. Isto he o meu, e o vosso he misericordia: errei, bom Pastor, pequei, bom Jesu, fiz como quem sou, meu Deos perfeitissimo. Por isso dissestes vós que o homem não vive do pão, senão das obras d'essas mãos, e da virtude d'esse poderoso coração, e da piedade das palavras d'essa divina, e suavissima boca. Pois Senhor, se não posso deixar de ser vosso e de toda maneira vós sois meu, por quem morrerei? Abri, bom Jesu, vossos thesouros, e alevantai minha baixeza, esforçai-me contra este inimigo, perdoai-me o passado, e dai-me vida, vigor, e força, pera ser fiel batalhador, como fui até agora covarde, e misero na peleja, em que me pozestes. Quem sou eu Senhor, pera pelejar, e vencer? Mas vós, meu divino Mestre, que com humildade vencestes meus inimigos, não me deixastes outro mais poderoso remedio que a ella contra todos seus encontros. Confesso Deos meu, que nada posso sem vossa divina virtude; e quando assi o não quizer confessar, contra mim terei minhas proprias quedas, que com soberba dei, d'onde sem vós me não posso levantar. Minha presente von-

(*) Deuter. cap. VI. (**) Matth. cap. IV.

tade he nunca vos offender, nunca consentir com o inimigo, mas tambem sei, que não tenho eu forças pera pelejar, se vós não pelejais por mim.

ORAÇÃO DO PSALMO «DE PROFUNDIS» AO MESMO INTENTO.

De profundis clamavi ad te Domine, Domine exaudi vocem meam.

Confesso Deos meu, que vós me pozestes em alto estado favorecido, e cercado de vossas misericordias; e eu desaventurado me derribei ao profundo de minhas cubiças, ao profundo do amor da terra, ao profundo das vontades infernaes de meus inimigos, ao profundo de summa fraqueza, e cegueira, ao profundo de vicios, que de vós me apartam, e me enterrei no profundo das prisões que me cercam, cativam, e abatem minha alma, que não vejo a luz do Ceo, nem sinto vossos divinos dons, e lumes, lançado nos profundos dos longes, que de vós me apartam. Mas vós, que me conheceis, me mandastes que não desesperasse. Por isso altissimo, e misericordiosissimo Deos, de todas estas profundezas em que jaço preso, cativo, aferrolhado em trevas, e entrevado, fraco, gastado, e misero, a vós Deos meu, levanto minha esperança, e meus tristes olhos. E posto que não mereço ser visto, nem ouvido, não deixeis de pôr em mim vossos piedosos olhos, e ouvir as miseraveis vozes que minhas miserias vos dão.

Fiant aures tuæ intendentes, in vocem deprecationis meæ.

Não cerreis, Senhor, essas piedosas orelhas a este que foi a vossas paternaes vozes mouco. Mas o amor com que me pedieis que vos ouvisse, abra essas divinas orelhas, ao que agora roga, e brada, e pede vossa ajuda. Porque se com misericordia me ouvirdes e curardes, eu, pastor meu, ouvirei vossa voz, e seguirei (tirado por vós da profundeza das miserias em que jaço) vosso chamado, e vosso mandado.

Si iniquitates observaveris Domine: Domine quis sustinebit?

Se respeitardes, Senhor a graveza de meus peccados, e pezardes em justa, e rigorosa balança o que eu por elles mereço, que esperança me ficará? Que sustancia terei pera pagar á vossa divina Magestade o que

merecem as offensas, que contra vós fiz? E se vós não temperais o rigor de vossa justiça comigo, que remedio terei de salvação, e a quem levantarei meus olhos? Sem duvida perdido serei, porque só de vós, que sois de mim offendido, posso esperar o remedio.

Quia apud te propitiatio est.

Porque o perdão dos peccados, a misericordia, e piedade só na vossa mão está, não quizestes que me podesse valer senão essa só mão, e que me podesse castigar, pera que tivessem meus males remedio. Porque tudo quanto fóra d'ella ha, justamente he contra mim, e tudo me condemna. Tenho contra mim minhas culpas, minhas iugratidões, todas vossas criaturas, de que usei mal, de todas vossas mercês, de que me não aproveitei, a vossa lei, que quebrantei, o inimigo cuja vontade fiz, e tudo quanto ha fóra de vós, he justamente contra mim, porque tanto grita tudo contra mim, quanto tudo amei pera vos offender. Eu mesmo sou o maior inimigo meu, e minha consciencia certissima testemunha de meus males. Pois onde pode haver fóra de vós misericordia? Em vós, Senhor, está a piedade que tudo soffre, a misericordia que tudo pode perdoar: e se vós cerrardes pera mim esse paternal peito, que será de mim? onde irei buscar o remedio?

Et propter legem tuam sustinui te Domine.

Mas vós me pozestes lei, que nunca desesperasse, e que vos chamasse quando me visse em perigo, e que me convertesse a vós, e me receberieis. E pozestes lei á vossa justiça, que dissimulasse com o arrependimento. E pera que nada faltasse, outra larguissima lei pozestes á vossa misericordia, que em toda hora recebesse, e perdoasse ao peccador convertido. Pera estas leis apello, e sobre estas infalliveis leis, de que sou certo que nunca vos arrependereis, venho aqui obrigado a todas as penas, esperando de vós todas as misericordias que hei mister.

Sustinuit anima mea in verbo ejus, speravit anima mea in Domino.

Não sois vós Deos, que quebrais vossa palavra, não chamais pera matar, senão pera dar vida; não offereceis vossa misericordia pera a negar-

des a quem a vós se chega, senão pera o agasalhardes. N'essa palavra confia minha alma; essa busca esta vossa ovelha perdida.

A custodia matutina usque ad noctem speret Israel in Domino.

Vel secundum veritatem hebraicam sic:

Anima mea expectat Deum magis quam custodes ipsum mane: magis, inquam, quam custodes ipsum mané.

Assi como as vigilias suspiram pela manhã pera descansarem do trabalho da noite, e pera gozarem da luz de todo o dia, até que torne a ánoitecer; assim, e muito mais, minha alma vive, e se sustenta com as esperanças que em vós tem. Porque quando me cercam as trevas de meus peccados, e os perigos de minhas tentações, sei certo que só vossa presença pode alentar minha derribada, e pobre fraqueza, e por isso por vossa luz espera, pera que veja, e por vossa virtude, pera que se esforce, e por vossa misericordia pera que possa com seus trabalhos, e por vossa graça pera que saia com victoria. Porque sendo de vós esta miseravel alma visitada, fugirão todos os inimigos, e desapparecerão meus peccados, e dareis a esta pobre criatura vossa fortaleza, e virtude pera poder com a noite da tribulação, e tentação, quando permitirdes que torne.

Quia apud Dominum misericordia, et copiosa apud eum redemptio. Et ipse redimet Israel ex omnibus iniquitatibus ejus.

Vossos são os thesouros da misericordia, e não sois avarento d'elles. Porque quando vós determinastes de os abrir pera me redemir de meus males, que cousa deixastes de fazer por me salvar? Larguissimamente me déstes quanto tendes, e me prometestes quanto podia desejar, e copiosissima, e abundantemente acodistes a todas minhas necessidades, que melhor que eu conhecieis. De todas as partes me cercastes de vossa bondade. Tomastes sobre vós meus males, padecestes pelas penas d'elles; derramastes todo vosso sangue; déstes vossa vida: enriquecestes-me de vossos merecimentos: vencestes meus inimigos; abristes-me o reino dos Ceos: e fizestes-me herdeiro de todos os bens celestiaes. Pois Redemptor meu, não se perca em mim tão copiosa, e larga redempção por desaventuradas tentações do inimigo, e miseraveis quedas de minha fra-

queza: mas esforçai-me com vossa virtude, e amparai-me com vossa misericordia, pera que sempre vos ame, e lealmente resista a meus inimigos, que de vós me querem apartar. E todos os males que em mim vos descontentam, que vós melhor conheceis que eu, como meu copiosissimo Redemptor os purificai; e renovado por vós, unico reformador meu, vivereis em mim, e eu em vós, e com tudo quanto me mandais poderei, e em vossa criatura vos glorificareis.

Oh Rainha dos Anjos, Senhora minha, e administradora de todos os bens de Deos, sede minha ajudadora em minhas tentações. Enfreai a furia de meus inimigos, e esforçai a fraqueza de minha miseria, pera que ajudado de vós fujam de mim todas as adversarias potestades, e eu glorifique vosso santo nome. Oh cidadãos celestiaes, triunfadores gloriosos que passastes nossos perigos, e estais já d'elles seguros, ajudai este que anda nas ondas das tentações, pera que de vós ajudado chegue a vossas victorias. Amen.

TRABALHO XVII

Soffrer a grosseria dos Apostolos antes de allumiados.

Vencida a batalha, que o inimigo do genero humano a Christo nosso Senhor presentou por sua divina permissão, no cabo dos quarentas dias que no deserto jejuou, se tornou o Senhor a Galilea, a commeter outras maiores batalhas, de que havia de alcançar gloriosas victorias, contra o mundo, peccado, e morte. E em quanto S. João Baptista prégou, antes de ser preso (que foram muitos mezes) lhe deixou fazer seu officio, e algumas vezes hia aonde elle prégava, e bautizava: onde S. João deo d'elle o mesmo testemunho, que tinha dado quando o bautizou, de ser elle Filho, e Cordeiro de Deos que tira os peccados do mundo.

Mas posto que se não manifestou tão geralmente, como fez depois de S. João preso: todavia aos sabbados prégava nas sinagogas, e doutrinava em algumas partes, de maneira que começava a gente a atentar n'elle, e ouvil-o, e maravilhar-se do que n'elle viam, e os que o conheciam dos annos atraz, que vivera em Nazareth, pasmavam porque o não tinham n'aquella conta. E determinando de correr as cidades de Judea prégando, e fazendo milagres, e declarar-se ao mundo, e determinar-se com seus erros, pera os curar, e remediar, admittio á sua companhia muitos discipulos, e principalmente chamou doze Apostolos; e levados a hum monte se poz toda a noite em oração, a qual acabada deo titulo, e officio de Apostolos aos doze. Podera o Senhor escusar aquella oração: porque tudo fazia acertadissimo; mas quiz-nos mostrar com quanto cuidado negociava com seu Eterno Padre cada cousa, que importava pera nossa salvação; ensinar-nos como se hão de negociar pera serem acertadas; o que não podem ser senão as que com Deos, e com seu espirito se começam, e acabam. E posto que os Evangelistas não escrevem o chamamento de todos doze em particular, todavia nosso Senhor lhes disse no sermão da Cea: «Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos dei officio de prégar pelo mundo, e fazer muito, e duravel fruto nas almas» (*). Por onde se vê, que Christo nosso Senhor chamou os doze em particular pera este sagrado officio, e pera serem principes e columnas de sua sagrada Igreja Catholica (**).

(*) Joann. cap. xv. (**) Luc. cap. x.

Muitos dias depois apartou o Senhor outros setenta e dous discipulos, e os repartio, e espalhou por toda Judea com poder que lhes deo de fazer milagres, e lhes mandou que corressem todas as cidades, e lugares, por onde elle determinava passar, denunciando-lhes o reino de Deos, e curando seus doentes, pera que com aquellas denunciações, e maravilhas o esperassem com mais desejos. Os quaes fizeram seu officio com muita admiração de toda a gente; e os que d'estes perseveraram na companhia de Christo até sua morte foram depois grandes ajudadores dos santos Apostolos na prégação do Evangelho, e conversão das gentes, e d'estes foi eleito S. Mathias em lugar de Judas, que se perverteo, e se perdeo(*), e outros espantaram o mundo com santidade, e maravilhas.

A eleição que o Senhor fez d'esta gente pera tamanhas cousas, foi de qualidade, que S. Paulo nos provoca a attentar com muita consideração nas partes que Deos buscou nos homens, por quem determinava chamar, e converter o mundo, e trazel-o a conhecimento de sua fé, dizendo: «Ponderai, irmãos, vosso chamamento, porque gente foi, que não vereis n'elles muitos sabios ao parecer da carne, nem muitos poderosos, nem muitos nobres(**); mas escolheo Deos as mais ignorantes cousas do mundo pera confundir os sabios, escolheo Deos as mais fracas cousas do mundo pera confundir os fortes, e escolheo Deos as mais baixas, e despreziveis cousas do mundo, e que n'elle não tem ser, pera destruir as que tem ser, e que montam: pera que nenhum homem se glorie diante d'elle: nem os eleitos pera tamanhas cousas, pois o não foram por suas partes; nem os convertidos por elles, pois o não devem a suas virtudes, mas áquelle que tudo pode, que se quiz fazer nossa sabedoria, nossa santificação, e nossa redempção, pera que só n'este Senhor nos gloriemos.

Com muita razão quer S. Paulo que ponderemos muito a qualidade da gente, que Deos elegeo pera columnas de sua Igreja, porque he huma das cousas que mais realça o poder do espirito do Senhor, que pode em tão baixa cousa levantar heroicos edificios, e he huma das maiores obrigações que temos ao Senhor, que nos deo suas soberanas mercês, por taes instrumentos, que só sua divina virtude, de que todo bem mana, reconheçamos n'elles. Quil-o elle assi pera emparvoecer de todo a sabedoria do mundo. Porque como sabia que não havia de achar n'elle sujeição, mas contradição á sua fé, e doutrina, quiz, que pois o mundo com sua sabedoria não arribava a conhecer a Deos, fosse allumiado

(*) Act. cap. I. (**) I. Ad Corinth. cap. I.

pelas mais baixas cousas d'elle, e que elle tem por mais ignorantes, como são Cruz prégada por peccadores. Fez isto o Senhor (como tudo o mais) á custa de seu trabalho, e de se humilhar muito em se acompanhar com gente baixa, de grosseiro entendimento, e de mui differentes condições do que a seu officio pertencia, e a que faltavam todas as partes pera elle necessarias; que Christo nosso Senhor havia n'elles de cultivar, e plantar com muita continuação de ensino, e de soffrimento, e aperfeiçoar com mandar sobre elles o Espirito Santo. Bem vejo que parece que faço aggravo á simplicidade, com que aquelle sagrado coro apostolico entrou, e conversou na companhia d'este Senhor até elle subir aos Ceos, e em contar por trabalho seu, ensinal-os, e soffrel-os; porque o Senhor como filhos os tratava, e elles, como então sabiam, o amavam; e esse Senhor sabia, que depois de cheios de seu espirito com muitos trabalhos, virtude, sangue, martyrios, e vidas, lhe haviam de agradecer, e servir tamanhas mercês. Mas elles me dão licença pera dizer quem em seus começos foram, e o trabalho que a Christo davam, porque melhor que eu, depois o conheceram, e com isto mais se humilhavam, e pasmavam da divina grandeza, que por tão fracos começos os levou a tamanhos cumes de perfeição: e cada hum havia saudade da conversação, e cousas que então não conheciam, e com amor perfeito espiritualmente se abraçavam com o Senhor, que com tão paternal amor dissimulára, e soffrera suas grosserias pera tirar d'ellas tamanhos bens; e não se fartavam de recompensar com muitos serviços, e trabalhos, o trabalho que lhe então deram. E posto que o amor paternal fazia ao Senhor suave a carga das fraquezas de tão queridos filhos, não lhe estamos por isso em menos obrigação, que se lhe fora mui penosa; porque aquelle seu animo tão amigo, e soffredor de trabalhos não diminuia, mas acrecentava com seu amor seus merecimentos.

Acompanhando-se pois o Filho de Deos humanado com seus discipulos nas qualidades os mais d'elles pescadores; nos entendimentos, populares; nos desejos, e pretenções, ainda terrenos; e nos pareceres, e juizos, mui grosseiros. Soffria-os como pai, agasalhava-os como a filhos, e ensinava-os como divino mestre. E tudo então havia mister, porque arribavam tão pouco seus pensamentos ás cousas divinas que d'elle ouviam, que não sabiam esperar d'elle senão vel-o Rei do temporal de Ju-

(*) Joann. cap. XIII. (**) Matth. cap. XX.

dea, e cada hum se imaginava hum dos principaes de seu reino, e buscava razões pera lhe parecer que merecia sel-o.

Os primeiros chamados, por mais antigos, os parentes de Christo nosso Senhor pelo parentesco, os outros por razões particulares. E como estes pensamentos nunca são desacompanhados de outras vaidades, cada hum se prometeria de fazer em seus parentes, e apaniguados, e se imaginaria abastado de cousas temporaes, e valias, e ser de sua pessoa, com que esvaeciam como ainda terrenos. E não só tratavam isto entre si, mas muitas vezes se iam com estes despropositos a Christo nosso Senhor, quando elle estava tratando de cousas altissimas, e divinissimas. Como fizeram estando o Senhor no sermão da Cea com divinos mysterios, e doutrinas entre mãos, que contendiam sobre qual d'elles havia de ser maior(*). E quando o Senhor lhes dizia, que havia de padecer, e resuscitar, ou quando fazia qualquer vantagem a S. Pedro, logo eram com elle com a mesma porfia; velavam-se huns dos outros pera negociarem esta preeminencia; como fizeram S. Tiago, e S. João, quando metteram a mãi por terceira, sem os outros o saberem(**); indignavam-se huns contra os outros quando o vinham a saber, e passavam outras fraquezas, em que bem mostravam quam differentes andavam n'aquella sagrada companhia do que depois haviam de ser. Eram tão fracos no espirito, que no melhor faltavam na fé, de que Christo muitas vezes os reprehendia.

Na sua Paixão lhe fugiram, e o deixaram; S. Pedro o negou, Judas o vendeo, e todos duvidaram, e foram duros de chegar a crer sua ressurreição. Até quando se despedira d'elles pera se hir ao Ceo, havendo alli muitas cousas que lhe podiam pejar o coração, e outras muitas que tratar com elle, ainda alli todo seu cuidado era do reino temporal do Senhor.

Os outros Discipulos, que não eram dos doze, fallando nosso Senhor os segredos do Santissimo Sacramento, em que havia de dar sua carne, e sangue por nosso divino mantimento, se escandalisaram, e houveram por tão dura doutrina, que muitos d'elles deixaram sua companhia(***). Quando na Cea lhes fallava da necessidade que tinham de armas santas pera vencer as tentações, em que se haviam de ver, acodiram com desproposito, que alli tinham duas espadas, e assi cuidaram quando viram prender ao Senhor, que tinham por obrigação de o defender á espada.

(*) Joann. cap. VI. (**) Matth. cap. XX. (***) Joann. cap. VI.

E prometendo muito de si, no melhor enfraqueciam. Quando zelavam muito a honra do Senhor, pediam-lhe licença pera mandar descer fogo do Ceo sobre a gente, e lugares que o não recebiam. E se viam outros lançar os Demonios no nome de Jesu, não soffriam fazer-se aquillo senão por seus discipulos, e se iam logo queixar ao Senhor. E passavam outras muitas grosserias, e despropositos com Christo nosso Senhor, a este modo, como de gente ainda de baixo espirito, e entendimento.

Isto tudo dissimulava o Senhor, soffria, e reprehendia com brandura: e com tanta familiaridade, paciencia, mansidão, e amor os conversava, como se elles já foram de hum perfeito espirito, e coração com elle. Tratava-os como iguaes, dava-lhes conta de seus trabalhos como a companheiros, posto que sabia quam mal o haviam de saber consolar: defendia-os dos Judeos, e contrarios como a filhos: descobria-lhes altissimos segredos, que elles mui rasteiramente entendiam: dava-lhes parte de suas determinações, a cujo espirito elles não arribavam, quando prégava a elles tinha pegados comsigo, como a mais aceitos, e quando orava, primeiro os deixava juntos, acompanhados, e agasalhados, e muitas vezes se levantava da oração, e os visitava, e provocava a esperar, e orar, e lhes mostrava o grande cuidado que d'elles tinha, e o amor com que os amparava. Quando prégava parabolas, e doutrinas escuras, depois nas particulares que tinha só com elles, que eram muitas, mui continuas, e divinissimas, lhes declarava o sentido d'ellas, dando-lhes a entender que fazia d'elles mais caso, que de todos os outros. E alli vinham elles com suas duvidas, e perguntas grosseiras a seu modo, que lhes o Senhor desfazia com divinas respostas, como se fora gente de mais tomo, e entendimento. E sendo tão desigual o ser de sua magestade, e a magestade de sua pessoa, e a alteza de sua sabedoria, da baixeza de tal gente, e rudeza de taes entendimentos, e grosseria de taes intentos, como os santos Apostolos n'aquelle tempo mostravam, nem por isso mostrou nunca d'elles fastio, nem asco. Mas encobrio seus defeitos, dissimulou suas ignorancias, soffreo suas culpas, esforçou suas fraquezas, e levou ás costas o trabalho de suas terrenas condições, e os teve comsigo a huma commum meza, companhia e conversação, até que os fez tão eminentes em sabedoria soberana, heroicas virtudes, como depois foram. Hia o Senhor (como sapientissimo lavrador) plantando n'aquella rude terra, o que sabia que depois havia de nascer, e frutificar com divino espirito, e por então se contentava com aquella simpes modestia

d'aquella apostolica, e boa planta; satisfazendo-se já do que com sua divina sabedoria via, que ao diante d'ella havia de brotar pera salvação de todo o mundo. Não he pequena materia de consideração imaginar aquella eterna sabedoria acompanhada com aquella simplicidade, e tratar-lhe altissimos segredos, fazendo mais conta do que haviam de ser, que do que então eram: e os mimos, e branduras espirituaes que com elles passaria: e como se tinha que os não allumiava pera saberem gostar n'aquelle tempo d'aquella divina conversação, e estimal-a, sendo-lhe tão facil como depois foi com lhes mandar o Espirito Santo: e assi não he menos pera ponderar que sentiriam de si, e do Senhor os sagrados Apostolos depois de allumiados com o Espirito Santo, quando lhes lembrasse aquella brandura de seu divino Mestre, e como os soffria e amparava, chegava a si, e agasalhava, até lhes lavar os pés, e as suaves palavras que lhes fallava, e doutrinas que lhes dava, e segredos que lhes descobria, e o mais que com elles como amantissimo pai passava: e com estas lembranças, que cotejariam com sua rudeza, quantas saudades teriam de sua companhia, e se correriam de si, e arderiam em amor de seu divino Mestre, e do que de tão suave conversação tinham aprendido! Entendo que era a cousa que mais os humilhava, e inflammava em seu amor, e arrebatava em sua contemplação, e fazia com suavidade despender em seu serviço forças, trabalhos, cuidados, sangue, e vidas.

O modo que Christo nosso Senhor teve de curar as fraquezas dos sagrados Apostolos, dá admiravel exemplo, porque até n'isso com sua cordeira brandura se acommodava á cura, que elles podiam por então com proveito receber, pera não peiorarem, deixando a perfeição d'ella pera o Espirito Divino, que os havia de encher. Nunca lhes encareceo muito seus defeitos, porque como não nasciam de malicia, senão de simplicidade, e humana ignorancia, não estavam capazes pera entender a imperfeição d'elles. Mas dava-lhes sempre doutrinas de humildade, punha-se-lhes por exemplo, e mais os abrandava com suavidade de conversação, que com rigor de reprehensão. Bem via o Senhor, que não está o coração capaz de odio da culpa perfeito, senão quando he allumiado com divina luz, e entrado do fogo do amor de Deos, e antes d'isso he bater em ferro frio querer desapegal-o com força, e rigor do que estima, e muito melhor vê seus defeitos na fermosura da virtude, quando lha mostram, que na fealdade d'elles, que sem amor divino não póde enxergar.

*

He este grande exemplo pera curar chagas alheias, entender primeiro a quanto chega o entendimento do peccador, e soffrer-lhe as imperfeições que elle não entende em si, nem está capaz de entender o mal d'ellas. E provocal-o a lhe parecer bem a virtude com brandura, e não mostrar fastio, nem asco de suas fraquezas, he o melhor, e mais suave meio pera lhe fazer abrir os olhos, e se dispor pera receber a graça, a qual tem por officio allumiar as almas, e fazer-lhes ver, e estimar as cousas no que são. Assi dizia Deos por hum Profeta: «Não se envergonhará agora Jacob, nem se corará seu rosto do mal que faz, senão quando vir seus filhos diante de si glorificar meu nome»(*). Isto he, que não he tempo pera huma alma se saber correr de si, quando tem por boas, e está affeiçoada ás cousas que lhe fazem mal; mas como começar a querer glorificar a Deos, e servil-o com todo seu interior, e exterior, e vir o entendimento que aquillo lhe faz, se começará a correr de quam mal empregava seu amor, e quam baixo juizo tinha pera julgar das cousas. E saber aguardar estas conjunções pera remediar as almas he grande prudencia. A qual S. Paulo aconselhava aos perfeitos dizendo: «Vós, que sois espirituaes, ensinai a estes com brandura, considerando-vos a vós (isto he, que sois da mesma massa) pera que não sejaes tentados» (**). Assi estava de Christo profetizado, que não acabaria de quebrar a cana rachada, nem acabaria de apagar o tição que lançasse fumo. Porque ainda que o fumo he importuno, he sinal de algum fogo, e charidade, que a todos quer ganhar, sabe assoprar, e avivar a faisca que se começa a acender, pera que cresça, e sabe a cada hum levar por seu erro, ou inclinação. Isto he aviso pera os que querem remediar defeitos alheios. Mas os que hão de ser curados, se querem que os levem por seu erro, já merecem mais aspera cura, porque quando elles isso querem, he sinal de malicia, porque conhecendo seu defeito se querem sustentar n'elle. E isto he muito mais reprehensivel nos Religiosos, que querem que seus Prelados se acommodem a suas condições. Porque a acommodação qne a charidade ensina, he pera se usar com os que com simplicidade, e fraqueza, não alcançam mais: mas não pera os que com dureza se não rendem ao jugo.

Não consola, e esforça menos nossa fraqueza outra cousa, que nos descobre da bondade d'este Senhor a companhia que fez a seus Apostolos, ainda que inperfeitos. Que assi lhes aceitou então o pouco serviço, e

(*) Isai. cap. XXIX. (**) Ad Galat. cap. VI.

imperfeita conversação sua, e affeição que lhe tinham, como depois os muitos trabalhos que por elle passaram. Mostrou isto em hum tamanho gabo que lhes deo por esse pouco, como lhes podera dar depois de lhe converterem o mundo. Estando no sermão da Cea, elles com suas costumadas imperfeições, e Christo nosso Senhor com suas divinas doutrinas, lhes disse: «Já vos não chamarei servos, mas amigos, a quem descobri todos meus segredos. Vós sois os que me acompanhastes, e permanecestes comigo em todas minhas tribulações»(*). Quem, e a quem se isto dizia, he admiravel consideração. Porque o dizia quem tinha tomado sobre si o peso de todos os defeitos dos santos Apostolos, e o soffrimento e a cura d'elles: e o dizia aos que sempre mostravam fraqueza, e aquella noite a haviam de mostrar tamanha, que todos lhe haviam de fugir. Mas estima o Senhor tanto o pouco que por elle fazemos, quando não estamos capazes de mais, e a simplicidade, e limpeza da intenção dos que não alcançam mais alteza de virtude, que por ella se esquece dos defeitos, e imperfeições que tem, e toma o nosso pouco, e de bom coração, por instrumento de abrir caminho pera o muito que quer dar, e faz conta que então se satisfará de todo. Grande espelho he este pera os maiores, e pera os que vivem em vida commum. Nos quaes querer tudo de todos he gravissima ignorancia, e occasião de muito fraco, e prejudicial governo. E assi he muito grande fraqueza nos subditos, queixarem-se de carregarem sobre elles mais cousas, e trabalhos, que sobre outros, a quem Deos deo menos sufficiencia pera poderem com o que elles podem. Mas devem de ter muita conta os maiores com o animo que cada hum mostra, e com o que parece que alcança, e conforme a isso acommodar-se á possibilidade, e fraqueza de cada hum. Dissimular com o fraco, ajudal-o, e favorecel-o no seu pouco, animal-o a hir por diante, e não esperar d'elle mais perfeição, que conforme ao que alcança: porque d'outra maneira espanta-lo-ha, e cobrará medo á virtude, e perderá tudo. E quiz antes nosso Senhor em quanto viveo com os sagrados Apostolos soffrer seus defeitos, que allumia-los de todo, por dous respeitos. Hum porque n'estes nossos heroicos mestres vissemos quamanho impedimento he pera receber as grandezas do Espirito de Deos, e os dons da perfeita charidade, e pera subir á pureza da alta contemplação, o amor terreno, pois que elles sempre foram incapazes da perfeição da luz, e claridade, em quanto amavam a presença corporal de Christo nosso Senhor com afei-

(*) Joann. cap. xv.

ção baixa, e respeitos humanos, e foi necessario ser-lhe tirada a vista pera ser seu amor purificado. O outro, porque como os tinha escolhidos pera mui grandes cousas, era necessario pera ellas receberem altissimos dons de Deos, houve por melhor governo humilhal-os primeiro, porque quando depois de cheios do Espirito Santo se cotejassem com quaes foram, quando com o Senhor conversaram, se humilhassem mais, e conhecessem que só a seu Espirito deviam tudo. Porque como a humildade he conservadora, e acrescentadora de todos os bens de Deos, houveram mister aquelles grandes pilares da Igreja Catholica altissimos fundamentos de humildade pera tamanhos edificios, como determinava o Senhor sobre elles levantar.

Passando avante com este genero de soffrimento do Senhor, ainda até hoje lhe dura, e usa d'elle com aquelles que levanta do amor da terra á conversação, e união de seu espirito. Soffre-lhes continuas fraquezas, ignorancias, queixas, e defeitos. Ora os consola, ora os desampara; ora os favorece com suavidades de seu espirito, ora se lhe mostra rigoroso. Assi os vai criando, sustentando, humilhando, agasalhando, castigando, e animando como pai amorosissimo, e como que em cada hum lhe fora todo seu gosto, e prazer. Porque não atou Deos sua amizade aos santos Apostolos, mas ainda até hoje tem geralmente a todos os braços abertos, e com o mesmo cuidado cria o espirito de cada hum de nós, como os de seus sagrados discipulos; pelo qual lhe não devemos menos que elles, nem deixará de nos fazer grandes santos, se lhe formos leaes.

Exercicio do soffrimento com que o Senhor conversou os Apostolos.

Ensinai-me, Deos meu, como quereis ser de mim louvado, e ponde em meu coração o conhecimento, e agradecimento que quereis que tenha a vossas mercês. Vós a todos chamais, mas quem irá, senão for de vós levado? De todos quereis ser amado, mas quem vos amará, se vós não derdes vosso amor? De todos quereis ser conhecido, mas quem vos poderá conhecer sem vossa luz? As necessidades que tenho de vós, comigo nasceram, e comigo crescem: as obrigações que vos tenho, sempre me atiçam: mas em em vós estão meus remedios, e sem vossa força, virtude, largueza, e guia que posso, Deos da minha alma? Ponde, Senhor, em mim vossos piedosos olhos, e dai-me orelhas pera ouvir vossa voz, desejo pera vos seguir, amor pera vos buscar, virtude pera chegar a vós,

conhecimento de meus males pera que lhe haja medo, e os aborreça, e luz pera que veja os perigos d'esta vida, pera que fuja pera vós. Confesso, Senhor, não só que não mereço estas mercês que vos peço, mas que sou digno de muitas maneiras de tormentos, e que justamente mereço ser de vós lançado, pois me atrevo a pedir novas mercês, tendo-me desaproveitado das recebidas, e não tendo satisfeito pelas culpas commetidas. Mas dam-me confiança os peccadores que recebestes, o ladrão a que destes o Paraiso, as mulheres peccadoras que enchestes de vossa graça, que entre elles não serei eu desprezado, porque nem estes se poderam converter, e buscar-vos, ou acodir a vossos chamados, se vossa luz, e virtude os não movera de dentro.

Como não esperarei, bom Jesu, tudo de vós, pois me não mandastes Anjos do Ceo a prégar-me vossa fé, e ensinar-me vossa divina doutrina, mas homens peccadores, e fracos, em quem não vejo menos os defeitos de minha natureza, que os dons da vossa graça? Taes foram os vossos sagrados discipulos, ainda andando em vossa companhia, ambiciosos, invejosos, vãos, fracos na fé, e cheios de rudezas da terra, de baixos espiritos, e desejos, e de imperfeições grosseiras. Mas vós, bom Jesu, taes os escolhestes, taes os trazieis atraz de vós. Não faltava entre elles hum publicano peccador, outro negador de vosso santo nome, outro que vos vendesse, a quem tambem perdoareis, se se arrependera, nem fracos que no melhor vos deixaram, nem espiritos tão baixos, que não sabiam de vós esperar mais que baixezas da terra. Traziam-vos ante seus olhos, luz divina, e não acabavam de vos ver; comiam comvosco pão de vida, e não se sabiam fartar de vós: agasalhaveil-os como pai amorosissimo, e não vos sabiam amar; defendieil-os como divino escudo, e não perdiam a tudo o medo comvosco; communicaveis-lhes divinos segredos, e não vos sabiam pedir luz pera os entender; prometieis-lhes eternos bens, e não vos sabiam pedir senão terrenos; ensinaveis-lhes divinas doutrinas, e os fazieis participantes de soberanos sacramentos, e não sabiam tirar d'elles frutos de vida. Que digo, Senhor? Que digo? Viam-vos com seus olhos; aquelle cuja vista farta os Anjos, enriquece o Ceo, e beatifica o Paraiso, e não vos conheciam. Como Deos meu, soffrieis tel-os tão perto, e tão longe de vós? Como se tinha vosso amor que tantos dias os não inflammasseis em vossa charidade, os não fortalecesseis com vosso espirito, e os não enchesseis com vossos dons? Como, meu bom Jesu, a quem tanto amaveis lhe dilataveis as mercês pera quan-

do vos não vissem? Oh Senhor meu, quanto em tudo vos devo! Bem sei que mais suave vos fora logo em os chamando a vossa companhia reinardes perfeitamente em seus corações, possuirdes todos seus interiores de todo purificados, communicar-lhes vossos dons perfeitos, como depois fizestes, com que ardendo em perfeita charidade tivereis em seus espiritos casa de vossos divinos prazeres, como depois tivestes. Mas houvestes por melhor por então soffrel-os, e humilhar-vos a tão baixa conversação, e a tratar com tão baixos entendimentos, e affeitos; e levar o trabalho de suas imperfeições, pera me ensinardes n'estes que haviam de ser mestres de toda a perfeição, e columnas de todas as puras verdades, e luzes clarissimas do mundo, que tudo posso esperar de vós, e que não são poderosos meus defeitos, e culpas pera cegar aquella fonte perennal de todas as misericordias, e bens. Ah amigo perfeitissimo d'esta misera criatura! Não só he verdade que na casa celestial de vosso Padre Eterno ha muitas moradas, mas por isso as ha lá, porque n'esse divino, e suavissimo peito todos tem morada, e lugar. Ahi ha lugares pera os Apostolos imperfeitos, e cheios de defeitos, e pera elles mesmos outros muito mais largos, e capazes pera quando são heroicos, e ricos de todas as virtudes. Ahi tem lugar Pedro contricto, e perdoado, e elle mesmo crucificado por vosso amor. Ahi he agasalhado Thomé duro na fé, e depois alanceado por ella. Ahi tem lugar o ladrão, o publicano, o leproso, a publica peccadora, e o teve Judas trédo, e o tivera pera sempre, se se não perdera. N'esse divino, e amoroso peito se aclaram suas trevas, se gastam suas imperfeições, se consumem suas affeições terrenas, se purificam suas baixas inclinações, e se edificam seus terrenos espiritos. Ahi começam, ahi crescem, ahi florescem, ahi dão perfeito fructo. Ahi são soffridos em suas fraquezas, e humilhados em suas grandezas, e coroados em suas victorias.

Pois, Deos da minha alma, se tudo isto passastes com vossos sagrados, e amados Discipulos quando eram cheios de defeitos, e quando perfeitissimos, em elles a mim descobristes estes divinos segredos d'esse divino peito; pera mim só se cerrou? Não terei, bom Jesu, n'elle hum lugar onde se gastem todos os podres d'esta vossa criatura, e seja com vosso puro espirito renovada? Adoro-te, divino peito abrazado em eterno amor; luz mais clara que a do meio dia; sol que sempre nasces, e nunca te pões; fonte que sempre mana, e nunca esgota: pégo de infinitos bens sem fundo; sombra fresca de todos os cansados, e attribulados;

colheita segura de todos os acossados de tentações; e couto de todos os culpados. Seja eu, bom Jesu, ahi recolhido, aonde confio que estou com amor eterno escrito. Como podem consumir-se minhas fezes, senão n'esse forno? Se ahi não houvera lugar pera todos, como foreis Deos universal, remediador, e redemptor geral de todos os peccadores? He verdade, Senhor, que são minhas culpas mui peiores que as imperfeições de vosssos sagrados Apostolos; porque elles erravam por fraqueza, ignorancia, e simplicidade; mas não se apartavam de vós, e comvosco os achaveis na oração, nos caminhos, na meza, nas tribulações ordinarias, nas pobrezas, e em vossas perseguições, e nunca de vós se apartavam, e vos amavam como então sabiam; e se vos fugiram em vossa Paixão, vós lhes não quizestes tirar o medo, porque fugindo ninguem lhes fizesse mal; assi que todo seu mal não tinha raizes que de vós os apartassem. Mas eu miseravel peccador pecco por malicia, fujo-vos sem ninguem me perseguir, aparto-me cada dia de vós, nunca aturo em vosso serviço, antes que chegue a tribulação, e tentação, já vos tenho desconhecido; e meus peccados nascem de raizes peçonhentas, que vos descontentam, e que vós em mim aborreceis. Elles ouviam-vos, e eu não vos ouço, elles humilhavam-se á vossa reprehensão, e eu não a tomo; elles hiam-se a vós com suas imperfeições, e ignorancias que lhas curaveis, e eu n'ellas presumo de mim. A elles por sua simplicidade amaveis, e eu mereço ser aborrecido, e lançado pela voluntaria, e maliciosa inclinação que tenho a meus males. Mas bom Jesu, e saude d'estas miseraveis chagas, que vós vedes, e ponderais em justa balança, já que vos ellas são tão descobertas, quem as soffre, senão esse paternal amor, que me tendes? Quem me espera, senão esse peito cheio de misericordia? Quem me manda que não desespere, senão vossa natural, e eterna bondade, e clemencia? Quem me chama a grandes bens, e mercês, senão esse vosso suave coração, que deseja ter-me muito junto comsigo, e dentro de si? Pois, piedoso Jesu, não sois vós esse, e eu este que vós ahi quereis muito pegado comvosco? Eis-me aqui, meu amor; eis-me aqui, minha saude; eis-me aqui, todo meu bem. Quem vos ata pera o que desejais, quem vos impede o que tanto quereis? Ainda agora me quereis deixar qual estou. Ainda me quereis soffrer mais? Ainda me quereis fugir, e deixar-me n'este lodo apartado de vós? Amor meu, como me não olhais? Para mim só emmouquecestes, e cegastes: vida minha Jesu, porque me não resuscitas? Saude minha Jesu, porque me não saras? Não vos hei

hoje de deixar, não vos hei de soltar até que me não convertais todo a vós. Aqui me hei de apegar a estes pés, e apoz vós irei aonde fordes. Que quereis de mim, Senhor? que me arrependa, que me emende, que vos ame, que vos sirva, e que perservere no que agora desejo? Que vedes vós em mim, bom Jesu, pera quererdes isso de mim, se m'o não derdes? E se quereis que vol-o não enjeite, e que o guarde se m'o derdes, como hei de poder fazer isso, se o vós comigo não fazeis em mim? Ah meu Senhor, ah meu suave amor, quero, quero como, e quanto posso ser vosso, nunca d'agora pera sempre deixar vossa companhia; quero tudo o que vós de mim quereis: ajudai vós, Deos meu, minha vontade, ajudai minha fraqueza, ajudai meu receio; que digo agora, quero, e não sei quanto me ha de durar. Já aqui, onde estou, tiram por mim as miserias, e inclinações más, e terrenas, minhas continuas, e desaventuradas companheiras; já cuidam que me hão de perder, e já esta carne arreceia deixal-as, e por-se em batalha com ellas. Mas vós, que sois o meu piedoso soffredor, e o seguro amparo meu, amparai-me, Senhor: vejam vossos olhos em mim o fruto d'esse vosso tão antigo, e paternal soffrimento, com me não soltardes, e arrancardes de mim com vosso espirito abrazador tudo o que em mim vos descontenta, e com me fazerdes todo á vossa mão.

Não me posso, bom Jesu, nunca queixar de vós, senão de mim, porque sois, e sempre fostes fidelissimo amigo d'esta alma. Sempre quando de vós me apartava, me tiraveis os azos de peccar, impedieis a morte que me não acabasse, pera ter tempo pera me converter: me inspiraveis o que me cumpria, e chamaveis por muitas vias. Daveis-me desconsolações, e trabalhos, pera que occupado n'elles vos não offendesse tão soltamente. Permittieis que fosse tentado pera que visse meus perigos. Deixaveis-me ás vezes ser vencido pera que conhecesse minha fraqueza. Deixaveis-me andar angustiado, e sem poder comigo, pera ver a necessidade que de vós tinha. E ainda que muito pequei, muito mais sem comparação peccara se me vós, bom Jesu, não tivereis. Não me soltastes de todo de vossa mão, destes-me muitas ajudas espirituaes, e temporaes, tudo me tornastes sempre em bem. Até meus peccados me destes por materia pera me humilhar. Se algumas vezes me tornava a vós, logo me acodieis com vossos mimos interiores, com a suavidade de vossa presença. Soffrieis minhas terrenas grosserias, aceitaveis meus baixos, e imperfeitos desejos da virtude; fazieis-me fazer, e renovar bons

propositos; deixaveis-me conhecer em minhas fraquezas, que só com vossa graça os podia cumprir, soffrieis minhas infidelidades, deslealdades, e inconstancias. Ah meu bem Jesu, quando acabarei de conhecer, e confessar as particularidades que comigo usastes em meus males, e imperfeições, e em vossas mercês, e bens que me daveis? Quando, bom Jesu, me não fostes pai? Quando me virastes o rosto pelas mentiras do que vos prometitia, e não cumpria? Quando me não aceitastes o desejo que sabieis que me havia de durar pouco? E eu tornava logo atraz, e vós ficaveis calando, e soffrendo minha descortezia, e esperando por outra vontade boa pera m'a receberdes, ainda que sabieis que havia de ser tambem inconstante e mentirosa. Que mais amor que este, que mais pai, e mãi que isto, e que mais fidelidade de amigo que esta? Oh quanto vos devo, bom Jesu! Mais vos devo n'esta parte, que todos vossos Apostolos, e Discipulos; pois elles mui pouco tempo vos deram que soffrer, e eu toda a vida. Elles gastaram o mais da vida em arder em amor vosso, e em empregar por vós tudo quanto lhe tinheis dado, e eu nunca o fiz. Mais vos devo que todo mundo, porque a muitos deixais errar na fé, e deixal-a, e a mim tendes-me. A muitos deixais adorar idolos, e a mim não. A muitos deixais seguir erradas seitas, sem vos conhecerem, e a mim fazeis Christão. A muitos deixais perseverar até á morte em peccados, e a mim dais-me este conhecimento. A muitos não dais a vossa graça efficaz, e a mim fazeis que vol-a peça, e tantos peccados me perdoais, quantos commetera se com ella me não tivereis. Adoro-vos, bom Jesu, por todas estas, e outras muitas infinitas mercês, que me fazeis.

Dou-vos por ellas infinitas graças e dêm-vol-as por mim todos os justos, e Anjos do Ceo, pois não sou bastante pera vol-as saber louvar como mereceis; vós Senhor que sabeis quamanho impedimento he pera me não aproveitar d'estas mercês, não hir com todas minhas cousas a vós, e ter outros amores de cousas da terra fóra de vós, ou amar-vos a vós, e não puramente por vós, purificai isto em mim, não me deixeis ter outro mestre, outro conselheiro, outro juiz de minhas cousas, outro amigo, e companheiro senão a vós. Porque ainda que pera vós como grande, e infinito, não são senão cousas grandes, e eternas, todavia bem sei, e creio que vos deleitais com a simplicidade pura, e folgais de entender muito miudamente em nossas cousas, e quereis vós ser o que tireis todos os argueiros, e registeis nossos passos. Que mais podia eu querer de hum fiel e leal amigo que isto? E se com cada hum de meus cabel-

los, e com cada folha de huma arvore tendes conta, como a não tereis com cada hum abrir, e fechar de meu olho, e com cada folego que respiro, e com cada momento que vivo, e com cada pensamento que tenho, e com cada desejo que me vem? Se cada anno, bom Jesu, tomareis huma só hora pera entenderdes em minhas cousas, e saberdes de mim, e me proverdes em minhas necessidades, e me dardes as leis de vossa vontade, não fora razão, que todo o anno suspirava por aquella hora, e tivera tudo junto pera o tratar comvosco, e ficar provido de vossas ajudas, e misericordias pera todo tempo, até que chegára outra ditosa hora? Pois como não vivo com o mesmo cuidado cada hora de tratar comvosco, e tomar-vos em tudo por conselheiro, e ajudador; pois me dais todas as horas, e momentos, se os quero, e nem o governo do mundo, e de toda eternidade me peja o lugar, e tempo, nem m'o tira pera deixardes de me olhar cada hora, e cada momento? Porque me não vou a vós com a palavra que me dizem, com o que me vem a fantasia, e com tudo o que me succede? Como vos não offereço até cada passo que dou, até cada suspiro, até cada palavra? Pois tudo me aceitais, e tudo isto vos contenta? E quando todo em todas as cousas pelo miudo for vosso, e comvosco as tratar, oh que grandes mercês, mal conhecidas, e entendidas do mundo me farieis! Se por poucas e tibias orações, e aspirações a vós me dais o que nunca vos saberei merecer sem vós, que sereis se tudo vos offerecer, e todo por vosso? Ah bom Jesu, huma cousa me falta pela qual só me posso restaurar, e sem a qual não sinto quamanho atrevimento, e perigo he ousar a viver hum só momento descuidado de vós: que he a santa humildade conservadora de todos os bens. Vós, humilde Jesu, sabeis que esta só me póde fazer desconfiar de todo de mim, e haver medo dos momentos que me descuidar de vós, e suspirar sempre por vós. Ella só me pode ensinar a importancia d'este vivo cuidado que de vós devo de ter. Sei que ella em mim suavemente vos contenta. Humilhai-me, humilde Jesu; plantai, e arreigai em mim esta vossa companheira, e amiga, e thesoureira de vossos bens; porque com ella viva sempre temeroso de mim, e fuja sempre pera vós, e só vosso governo deseje, e por vossos bens suspire, e a vós sobre tudo me apegue, e viva forte em vós, livre de mim, e todo de vós possuido. Meu amigo, meu mestre, meu amparo, meu consolador, minha saude, meu amor, minha rica bemaventurança, minha suave guia, minha verdadeira vida, meu Jesu.

Oh humildissima serva, e Madre de Deos perfeitissima, em quem nenhuma cousa, nem hora esteve nunca desoccupada d'este Senhor; pois elle se não contentou de ser todo meu amparo, mas a vós me deo por Senhora, valedora, e terceira pera comsigo; valei-me, Senhora. E pois sois filha de Adão, como eu, mas livre de minhas maldades, compadecei-vos d'este de vossa massa, pera a fazer por vossa intercessão do vosso espirito. Oh apostolico, e sagrado coro, que fostes os lumes do mundo, alcançai em premio de vossos trabalhos a este peccador a graça que a todos desejaveis pera os converterdes ao Senhor. E pois passastes por minhas imperfeições, compadecei-vos d'ellas, e alcançai-me o divino Espirito que tão perfeitos vos fez. Oh Corte celestial, ajudai-me n'esta hora a ser possuido, como o sois, d'este Senhor pera sempre sem mudança. Amen.

TRABALHO XVIII

Peregrinar de lugar em lugar a pé.

Com esta pequena, e apostolica manada começou o bom Pastor Christo nosso Senhor andar por toda a terra de Palestina, ajuntando as ovelhas da casa de Israel, a quem fora prometidó, e mandado: abrindo caminho, e porta pera entrarem todas quantas havia no mundo, no lugar d'estas, que por sua cegueira, e dureza o não haviam de ouvir e receber. Mas por não terem escusa, e todo mundo ter mais ricos thesouros de merecimentos seus, nenhuma cousa deixou de fazer de sua parte pera os converter, e chamar, e denunciar-lhes o Reino do Ceo, e a lei da graça, e as riquezas divinas, que comsigo lhes trazia. E sendo elle Deos, e Senhor, e Messias prometido, que vindo á terra, houvera de ser buscado, recebido, conhecido, adorado, e servido dos Judeos, cuja propria era tamanha mercê; ao contrario, elles viviam descuidados de seu bem, e o Senhor os andava buscando, e offerecendo-lhes suas mercês. Não perdoou o Senhor a seu corpo nenhum trabalho, por penoso que fosse, por allumiar a gente, tiral-a de seus vicios, enchel-a de divinos beneficios, e communicar-lhes todos seus thesouros. Tirou-se de seu retrahimento, aonde muitos annos esteve á obediencia de nossa Senhora, e se passou a Cafarnaum, cidade de Galilea. A qual, como diz S. Matheus, estava na estremadura dos tribus de Zabulon, e Nephtalim. E segundo se vè no livro de Josué, o tribu de Nephtalim partia ao Sul com Zabulon, e ao Levante com Judea. E entre estas estremaduras d'estes tres tribus, que era do Jordão pera dentro, a respeito de Galilea, e de Judea, estava Cafarnaum ao longo de hum lago salgado, a que chamavam mar de Galilea. Estès dous tribus, Zabulon, e Nephtalim havia muitos annos que eram destruidos com os outros do Reino de Israel, que eram dez. O qual Reino teve por cabeça a cidade de Samaria. E houve tantos, e tão gravissimos peccados em todos estes dez tribus, que por elles os entregou Deos á morte e cativeiro. Pelo qual a divina Escritura a este Reino chama gente que andava em trevas, e sombra de morte: isto he, em escuridade de peccados, e castigos de mortes, e de degredos. E pera nosso Senhor cumprir as profecias, saindo de Nazareth fez logo assento em Cafarnaum, cidade que confrontava com as estremaduras, e arraias d'este

Reino junto ás terras dos tribus Zabulon, e Nephtalim, que eram partes d'elle, pera começar por aquella parte a prégar, como fez. Porque estava profetizado, que a esta gente que vivia em trevas da morte, e do peccado, havia o Filho de Deos, e Messias, que he luz divina, de esclarecer, e nascer pera os allumiar, e tirar das trevas de seus erros. Assi se cumprio o que Isaias diz: «Terra de Zabulon, e Nephtalim (pela qual se entende todo aquelle errado Reino de Israel) povo que andava em trevas, vio grande luz, e nasceo essa luz á gente, que andava na região, e sombra da morte.» Aqui esta divina luz lançou mais claros resplendores, e raios de sua doutrina, e milagres, aqui continuou tanto que esquecida a sua patria, que era Nazareth, a esta chamavam sua cidade. Com muita razão, porque ainda que o Sol com o Ceo, e no Ceo anda, e se move, não se diz nascer no Ceo, porque sempre está claro, senão no mundo onde ha noites, que o escurecem, e na terra, e elementos sujeitos a mudanças, e escuridades faz suas operações de differentes resplendores, e de produzir differentes frutas, e cousas, conforme as mudanças do tempo.

Assi Christo nosso Senhor senão chama Sol, mas antes resplendor do Paraiso, como diz S. João no seu Apocalypse, que não vio Sol na cidade celestial, porque o Cordeiro he sua luz(*). A qual porque he sempre huma, sem nenhum movimento nem mudança, he perpetuo resplendor divino, e não como o Sol a nós outros. Mas pera os peccadores, que tem muito pequenos dias de sua divina luz, e largas noites de trevas dos peccados, e muitas vezes parecem inhabitaveis pela muita continuação das trevas sem luz, se chama o Filho de Deos luz, e Sol que nasce, e luz d'esta escura região: e esta má terra se chama a sua cidade, aonde elle tem em que faça mais operações divinas das suas a elle proprias. Que não he pequeno alento pera os degradados, e escuros peccadores, saber, que se o Senhor por immudavel he luz do Paraiso: tambem por nascer, e ter seu curso por nossas escuras moradas, he nosso Sol, e fomos nós os seus, e a sua cidade pera quem elle nasce, e a quem deseja allumiar.

Apparecendo pois este divino Sol, e começando a sahir sobre a terra sujeita a trevas de peccados, e sobre a escura região da sombra da morte, qual era Cafarnaum, foi d'alli correndo, e caminhando por todas as cidades dos tribus de Israel, onde ainda havia rastro d'elles, e por todas as villas, lugares, e cidades de toda Judea. As quaes, segundo a repartição, que Josué fez da terra de Promissão aos doze tribus, passavam de tre-

(*) Apocal. cap. XXI.

zentas cidades, afora as que depois se edificaram de novo, e afora suas villas, e lugares. Das quaes cidades só o tribu da Judea houve em forte, e herança cento e quinze. Entrava por suas sinagogas a prégar, santificava seus montes, e hortas com oração todas as noites; entrava por suas casas a cural-os, e doutrinal-os: fazia pelas praças muitos milagres. Esperava-os nos campos, e nas praias do mar, onde todos largamente coubessem, e alli lhes prégava, e ás vezes lhes dava de comer, multiplicando o seu pobre alforje por divina virtude sua, pera abranger a todos. Soffria suas importunações, agasalhava-os com brandura: curava todos os doentes, e resuscitava seus mortos com divino poder, e os trazia todos apoz o cheiro de suas virtudes pasmados, consolados, doutrinados, e cheios de bens divinos. E porque não parecesse que elles o buscavam, não se tinha a seu fervor (que qualquer leve desabrimento ou cansaço podia esfriar) mas elle corria a todos os lugares além, e aquem do mar, e lhes mandava seus discipulos diante fazer-lhes a saber sua vinda. E sendo os lugares tantos, que pera isto lhes foi necessario espalhar por elles setenta e dous discipulos, e elle depois os correo todos em pessoa.

E porque lhe cumpria communicar-se a muitas partes, e acudir a todos (posto que todo se dava a todos com eterna charidade) os dias repartia, porque os tinha limitados, conforme as necessidades de cada terra. E deixava em cada huma seu amor ardendo, e acendendo-se, e seu espirito fazendo o officio que sua presença corporal não podia. O cuidado d'aquelle divino coração, o desejo de salvação de todos, a igualdade d'aquelle suave gasalhado pera todos, a largueza de suas mercês, e maravilhas com todos, o soffrimento com que dissimulava, e passava pelas faltas de todos não se pode escrever, nem de todo imaginar. Tudo lhe custava muito grandissimo trabalho de seu corpo. Porque andava a pé, e segundo alguns crêm, descalço, e andava muitas legoas por calmas, e lamas, e chuvas, que seu delicado corpo não sentia menos por ser seu, que sentira sendo outro de puro homem. Dava muitas topadas, e seriam muitas com sangue. E como a terra de Judea era fragosa, de muita serrania, e montosa, era muito mais trababalhosa de passar. Muitas vezes cansava, e suava, e se assentava como qualquer outro fraco caminhante. E quando chegava o seu descanso, e alojamento era ir-se ás sinagogas a prégar, e fazer suas divinas obras. E se mandava seus discipulos como costumava buscar de comer, elle ficava tratando do proveito das almas. Em humas partes era bem recebido, e em outras não, e em algumas

despedido com affronta. Mas tanto, e tão admiravel era o exemplo da mansidão, e soffrimento com que se recolhia, e ia buscar outro lugar, e offerecer-lhes suas mercês, como a brandura com que as fazia a quem lh'as queria. Escandalizados, e indignados hum dia seus discipulos da gente, e lugares que o não queriam receber, havendo-o (como na verdade era) pelo maior mal do mundo, lhe pediram licença pera mandar descer fogo do Ceo que os destruisse. E o Senhor com brandura os enfreou, dizendo: «Não sabeis, nem conheceis que espirito vos move»(*). Dando a entender que o seu era espirito de mansidão, e soffrimento; e de esperar, e importunar a gente com suas mercês. Outro dia que lhe diziam, pera que ia a Judea, onde o quizeram apedrejar? lhes respondeo: «Que doze horas havia no dia, das quaes tinha sua clemencia por bem empregado soffrer as onze desprezado, e lançado, por huma em que podia ser começo de outras muitas cheias de mercês suas»(**). Tal he o Senhor, que com muito gosto commete a gente, e as almas com suas graças, e mercês, despede-se muito por força, e em lugar de se indignar, vai sempre olhando pera traz, a ver se o tornam a recolher, e se o desejam. E onde acha este desejo, assi se esquece da esquivança, e descortezia com que foi lançado como se fora sempre agasalhado, recebido, e servido.

As mercês que nosso Senhor fez áquelle povo em todos os caminhos que por sua terra andou, e em todos os lugares em que entrou, não he possivel poderem-se contar. E posto que muito está escrito; foi tanta somma de divinos beneficios, e maravilhas, que diz S. João, que se tudo se houvera de contar não caberiam no mundo os livros que se escreveriam(***). E isto não em tres mil annos, mas em pouco mais de tres; nem por terceiros, mas por sua pessoa, e com seu trabalho, e suor de seu rosto. Em o pouco tempo, que bastou ao Senhor pera fazer e acabar tantas, e tamanhas cousas, e encher a terra de divinas mercês, se vê claro quanto mais monta curta vida bem occupada, que a larga ociosa, e quam pouco tempo basta pera grandes virtudes, e merecimentos. Por onde o maior engano da vida, he querer muita vida pera servir muito a Deos, merecer muito, e fazer muitos bens. Se a brevidade da vida se occupasse toda em seu serviço, sem duvida nos levara Deos ao Ceo com mais curto degredo, e mais ricos de suas mercês. Mas porque a maior parte d'ella he povoada de culpas, e defeitos, tanto havemos míster pera chorar o mal commetido, e alimpar o que nos impede a entrada do Ceo,

(*) Luc. cap. IX. (**) Joann. cap. XI. (***) Joann. cap. XXI.

como pera com boas obras merecel-o. E nosso Senhor com misericordia alarga muitas vezes este triste degredo pera ter mais gente com que use de sua clemencia. Condemna o justo morto (diz a divina Escritura) os máos vivos, e a sua mocidade acabada depressa a larga vida do peccador (*). Porque o justo nos poucos annos, que vive, tem espirituaes bens pera si, e pera partir com os necessitados d'elles; he diante de Deos a mocidade bem gastada, julgada por honrada velhice cheia de muitos merecimentos, e a larga vida do máo ociosa cheia de peccados fica com isto reprovada, e sem escusa, pois teve muitos annos pera viver, e n'elles não soube, ou não quiz aproveitar poucas horas pera se salvar.

Posto que Seneca tem, que impropriamente se diz que o máo morre. Porque diz, que não sabe como se póde ajuntar, morrer sem nunca ter vivido, e acabar a vida sem nunca a ter começado: mais proprio he que o máo sempre morreo, porque nunca soube viver. Porque como não pode ser vida senão a povoada de bens, que fazem viver pera sempre, quem sempre viveo pera morrer, pera sempre na verdade começou sua morte antes que começasse a viver, e morrendo continuou a morte em que sempre andou, e em gostar do que na verdade he vida. E assi compara os que vivem muito sem viver bem, á não que andou muito tempo no mar, sempre á vista do porto, a qual navegando, ou mareando muito, andou muito pouco. O justo todo occupado em servir ao Senhor, e se salvar, acha em poucos annos tempo pera orar muito, jejuar muito, fazer muitas esmolas, dar muitos bons conselhos, ajudar muitas almas dos proximos, escrever muitos livros, soffrer muitos trabalhos, e pera exercitar muitas virtudes, porque todas as horas occupa bem, e todos os successos da vida, e do tempo toma por azos de exercitar virtudes, e encher-se de merecimentos. O descuidado de sua salvação, que não trata senão de seus desejos, e inclinações, ha mister tanto tempo pera satisfazer ou abrandar a ira, pera fartar o appetite de suas deshonestidades, pera lograr os gostos da gula, pera o passatempo que busca nos jogos, e musicas, pera as louçanias, e vaidades, pera cumprir com os pontos de honra, e pera satisfazer a cem mil centos de cousas, que tem por obrigações da pessoa, ou do estado, a que Deos o não obrigou: que houvera mister tantas, e largas vidas, quantas são as cousas em que reparte huma só que tem, muito breve, e tão incerta. E por isso quando quer tratar de si, e de se salvar, não acha tempo, nem lugar. Porque lhe tem

(*) Sapient. cap. IV.

tanta cousa de nenhuma, ou pouca importancia levado tantas partes da vida, e he ella pera tanta cousa tão curta, que chegados á morte, então com o apanhar da roupa pera acabar, lembra a pressa de se salvar. E como as cousas que se fazem depressa pela mór parte ou não chegam a tempo, ou são taes que não aproveitam, Deos sabe quem he então tão diligente, que possa em pequeno espaço, e tão cercado de dores, e cuidados, e medos, talhar, cozer, e acabar o vestido de bodas, sem o qual não terá entrada nos banquetes celestiaes (*). E quem tudo deixa pera este derradeiro lanço, se por sua desaventura o erra, oh quam curta vida lhe ha de parecer a larga que teve de peccados, e quam larga a eterna de penas! Christo nosso Senhor em pouco mais de tres annos, que tirou ao repouso do corpo, e á sua particular quietação, e os empregou em obras divinas teve tempo pera correr todas aquellas muitas cidades, e lugares: pera sarar muitos doentes, resuscitar muitos mortos, ensinar muitas doutrinas, dar muitos, e muito cansados passos, consagrar o collegio Apostolico, fundar a sua Igreja, receber muitos gasalhados, e serviços, fazer a todos muitas mercês, soffrer muitos trabalhos, padecer grandes tormentos, morrer, resuscitar, e subir ao Ceo, que montaram mais pera nosso perfeito remedio geral de todos seus tres annos, do que poderam aproveitar muito largas vidas de muitos justos bem, e santamente gastadas pera particular remedio de cada hum d'elles.

A raiz de tudo isto foi trazer elle todo cuidado occupado na salvação do genero humano, que era a vontade, e obediencia de seu Eterno Padre. Assi quando cansava muito, em nenhuma cousa tomava mais alivio, que achar encontros onde deixasse feitas muitas, e divinas mercês. E quem ler a historia dos sagrados Evangelistas, achará, que nenhum caminho fez o Senhor, e em nenhuma terra, nem casa entrou, de que não se escrevessem admiraveis beneficios, que com sua presença fez (**).

Indo hum dia perto de Samaria, de muito cansado se assentou a par de hum poço, e pelo que lhe alli sucedeo se pode conjecturar o cuidado de seu coração em que andava empregado, e que era o que o mais descansava em seus trabalhos. Porque indo seus discipulos á cidade buscar de comer, e ficando só, veio ao poço huma peccadora mulher a tirar agoa, a quem o Senhor pedio de beber. E a mulher entendendo que de cansado lho pedia, se escusou com fraca razão. Mas o Senhor que pera a salvar caminhara a hora do meio dia até aquelle poço, por não

(*) Matth. cap. XXI. (**) Joann. cap. IV,

perder aquelle encontro: tão altas doutrinas lhe fallou das divinas agoas vivas, que elle abre nos corações dos fieis, que correm até a vida eterna, que fez á peccadora desejo de beber esta agoa. E porque seus peccados lho impediam, elle continuou a pratica em que lhe declarou o máo estado em que estava. Mas porque sem divina luz, e sem conhecimento de Deos, ninguem pode conhecer, e aborrecer o estado do peccado, chegou o Senhor com a pratica a tanto, que o que nunca claramente descobrio de si em publico, e em secreto a seus Apostolos, ainda que muitas vezes por rodeos lho dizia, que era elle o Messias prometido de Deos, declaradamente o disse áquella peccadora, por cuja salvação não trabalhava menos, que pela de todo mundo. Alluminada ella, e convertida se fez logo pregoeira das divinas mercês, e do Senhor, que lhas fizera. E voltando á cidade a fez sahir toda a recebel-o, e foi occasião de muitas e grandes mercês que Deos lhes fez. Em quanto ella foi a Sichar dar novas do Senhor que ás portas tinha, e de quem elle era, chegaram os discipulos com o comer, e lhe rogaram que tomasse hum bocado pera descansar. O Senhor, que de fazer misericordias se mantinha, lhes disse: que elle comia mantimento que elles ainda não conheciam, que era fazer a vontade a seu Eterno Padre em salvar as almas, e acodir ás sementeiras de Deos, que já estavam brancas, e sazonadas pera serem recolhidas. Estando n'estas palavras desceo toda a cidade a elle, e o levaram e ouviram, e reconheceram por seu Senhor. E este foi o seu jantar aquelle dia; dos quaes elle tomava muitos, nem tinha em outros refrigerios, senão n'estes. Por isso desejando elle tirar os homens dos cansados trabalhos, e demasiadas occupações da vida, aconselhava, que pozessem seu principal cuidado, e gosto em grangear o Reino de Deos, e quando n'isto fizessem muito, pera tudo o mais da vida teriam de sua parte a Deos, que lhes forrava muitos trabalhos (*). Não quiz o Senhor dizer n'isto, que a vida ha de ser ociosa, mas que por todas as occupações d'ella se ha de grangear a gloria. Porque quando outras cousas nos negocios da vida se buscam, e pretendem por principal cuidado, e fim, ou não chegam, ou acabam depressa, ou não satisfazem, e sempre são tão acompanhadas de miserias, e encontros, que cansam a vida, que ficam os cuidados mal empregados, e a vida mal gastada. Mas aquelle que em todos os cuidados d'ella tem por principal intento o negociar a vida eterna, come o bocado, e toma o somno, e trata o negocio descansado. Porque na per-

(*) Matth. cap. VI

da das cousas se enriquece com a paciencia, e louvores de Deos, e na abastança, e prosperos sucessos d'ellas, toma maiores occasiães pera merecer o Ceo. Quando o desejo do Ceo he grande, poucas cousas da terra bastam, e chegam a muito, e suprem muitas necessidades; mas quando he pequeno, nenhumas da terra bastam, e com qualquer cousa das do Ceo se satisfaz.

Grande demonstração deo d'isto o rico avarento, que sendo pera elle pouco todo o prospero da terra, de que toda a vida logrou, sempre foi em sua reputação tanto huma esmola a Lazaro, que das migalhas de pão que os cães debaixo de sua meza comiam, nunca houve huma pera o pobre. E depois que se vio no Inferno, e a Lazaro no Paraiso, assi como na vida foi curtissimo no desejo das cousas da alma, assi pera refrigerio das necessidades infernaes não soube pedir dos infinitos, e riquissimos bens do Ceo, senão conforme aos desejos curtos, que d'elles na vida tivera: huma gotinha que podesse cahir do dedo meminho de Lazaro molhado nas agoas vivas do Paraiso. Mas teve por resposta d'esta tão lazarada petição, que quam longe as necessidades de Lazaro estiveram de seu coração na vida, tendo-o cada dia á porta, tão longe estavam os prazeres do Ceo de suas eternas miserias, ainda que estavam á fala. Seja a conclusão d'este negocio, que pois remediar nossas necessidades, e enriquecer nossas pobrezas, e negociar a salvação de nossas almas, era o mantimento da fome de Christo nosso Senhor, e o alivio, e descanso de seus cansados suores, e trabalhos, merece que seja o nosso, contental-o, e servil-o, e não perdermo-nos.

Exercicio da peregrinação do Senhor cansado, e a pe.

Fortaleza toda poderosa, divina, e invencivel, virtude dos fracos, e miseros peccadores, meu Deos, meu Senhor e toda minha bemaventurança; que fôra de mim, se olhareis meus peccados, como eu mereço, e não com os olhos de vossa misericordia? Quanto tempo ha que me tivereis de vós apartado, e quantas vezes ficara sem remedio, se olhareis meus males pera os castigar, e não pera os perdoar, e se me soltareis de vossa mão, como mereço, quantas mais vezes vos tivera offendido, e merecido ser de vós reprovado! Mas porque me olhastes com misericordia, por isso vivo; e porque com vosso poder me sustentastes, não estou muito mais perdido, e mais atolado em males: e porque com vos-

sos merecimentos supristes a justiça que em mim faltava, me não tendes já reprovado, e me dais esperança de ser perdoado, e me chamais com piedade á communicação de vossos bens divinos. A hum tão misero peccador quereis em vossa companhia, bom Jesu, e apàr de vós? Como não haverá minha torpeza medo dessa soberana limpeza? E minha miseria, e baixeza como ha de por os olhos n'essa divina grandeza, e magestade? Que communicação pode ter minha pobreza com essa eterna riqueza, e hum peccador tão chagado como eu com essa sobresustancial divindade, e saude, e minhas trévas com essa clara, e suave luz? Eu sou quem vós vedes, e vós sois quem vos sabeis, tão alto, que só vós vos podeis de todo comprehender. Oh bom Jesu, oh Deos de meu coração, que porque sois este, e me fizestes pera vós, me não quereis apartado de vós, e quereis comvosco allumiar minhas trévas, curar minhas chagas, esforçar minha fraqueza, alimpar minhas culpas, perdoar minhas offensas, ensinar minhas ignorancias, resuscitar minhas mortes, enriquecer minhas pobrezas. Vós sabeis quam misero sou sem vós, e quam poderoso sois pera d'esta pura miseria fazer templo, e morada vossa, e por isso me quereis tirar de mim, e chegar a vós. Pois se tanto me cumpre, e tanto o desejais, ainda que todo o gosto he vosso, todo o proveito he meu, quem me prende, e me tem hum só momento apartado de vòs? Eu que havia de bradar pos vós, estou mudo, e vós rogais-me: eu que havia de bater sempre á vossa porta com lagrimas, estou occupado em outros cuidados, e vós importunais-me; eu que havia de obedecer-vos estou mouco a vossos mandados, e vós atiçais-me. Como, bom Jesu, se trocou isto, que o culpado recuse, e o offendido rogue; que a criatura fuja, e o Criador ande apoz ella? Que o doente enjeite a saude, e o divino Medico ande com todo cuidado a cural-o? Que ame o ferido suas chagas, e vós, meu Deos, vos doais, e compadeçais d'ellas? Oh Deos da minha alma! Aqui vereis quem sou eu, que amo minha perdição; e aqui vejo quem sois, que só vós como amantissimo pai, e senhor, procurais meu remedio.

Oh se sentira tanto meus males como vós! oh se tanto os aborrecera como vós! oh se tanto fizera por sahir d'elles, como vós fizestes por m'os tirar! oh se tanto trabalhára por meu bem, como vós trabalhastes por mo negociar! Vós bom Jesu, que conhecieis a graveza de meus peccados, e os damnos que me fazem, e os bens que por elles perco, e vendo já, muito antes que eu nascesse, o descuido de meu coração, hou-

vestes piedade de mim, e a nenhum trabalho perdoastes por me buscar o remedio, que eu havia mister. Apparecestes luz divina, á gente que estava como eu em trevas de peccados; e como bom pastor andaveis buscando as ovelhas erradas por terras fragosas, por montes asperos, por vales, e estradas, por cidades, villas, e lugares a pé, descalso, suando, cansado, e quebrantado esse innocentissimo corpo. E porque lhes não havieis de fazer força, a poder de muitas obras de amor provocaveis os corações todos a vos amarem, e buscarem, e aceitarem vossas mercês; Tudo enchieis de doutrinas divinas, de maravilhosas obras, e milagres, de soffrimento, e paciencia, de gasalhado, e brandura, e de suavidade de vossa divina conversação. Oh quantas mercês fizestes no meio d'estes trabalhos, e suores, aos peccadores! Quanto, Deos de meu coração, devo a estes vossos cansados caminhos, e passos! Ninguem vos chama a sua casa, que deixeis de ir, dissimulaveis com sua pouca fé, e com vossa misericordia tudo suprieis, e enchieis de mercês. E se vos não chamavam vós hieis buscar com cuidado, e misericordia, e brandura, quem vós sabieis que vos havia mister. Vós fostes ao mar buscar os pescadores pera os fazerdes discipulos vossos. Fostes buscar o publicano peccador Matheus, pera o fazerdes Evangelista vosso. Fostes buscar a desconsolada viuva de Naim, pera lhe resuscitardes seu filho. Fostes buscar a Piscina pera sarardes o paralytico desamparado trinta e oito annos dos homens. Fostes buscar Tyro, e Sydonia, pera enriquecerdes a peccadora Cananea. Fostes buscar a casa do Fariseo, pera santificardes a peccadora Magdalena. Fostes buscar a casa de S. Pedro pera sarardes sua sogra. Tomastes o caminho por onde sabieis que Zacheo pequeno do corpo, e de virtudes, e grande em peccados havia de desejar de vos ver, pera pordes n'elle vossos suavissimos olhos, serdes seu hospede, e santificardes sua pessoa, e casa. Fostes ao poço de Samaria ao meio dia, cheio de calma, e suor, a buscar a peccadora Samaritana, pera lhe dardes da vossa agoa viva. Fostes-vos muitas vezes encontrar com muitos cegos pera os allumiardes; com muitos endemoninhados pera os livrardes; com muitos leprosos pera os curardes; com muitos desconsolados pera os recreardes; com muitos peccadores pera lhes perdoardes: com muitos errados pera os doutrinardes, e encaminhardes; com muitos duros pera os abrandardes; e com muitos esquecidos, e descuidados de seu bem, pera lh'o offerecerdes. Nenhum passo déstes, que não fosse pera fazer mercês.

Quando escorregaveis, e cahieis com a lama, quando magoaveis vos-

sos sagrados pés com as topadas, quando de muito cansado não podieis andar, quando vos assentaveis a tomar folego, quando ardieis com calma, quando passava o suor vossas roupas, quando os ventos, e chuvas vos davam trabalho pelos caminhos que andaveis, o cuidado de vossas ovelhas erradas vos animava, o perigo em que as vieis vos não deixava repousar, e a necessidade que de vós tinham vos fazia apressar, e não descansar. Pera isto madrugaveis, pera isto vos pareciam as noites compridas, as horas, e dias curtos, e por acodir a todos, e a todas as partes dobraveis, e tresdobraveis o trabalho, porque o cuidado, e amor de vosso piedoso coração vos não deixava parar. E ainda que de todos os lugares sahiam aos campos, e montes a vos buscar, nunca com a gente vos importunaveis, antes com todos partieis de vossa misericordia, e a todos satisfazieis. E nem com isso deixaveis de hir por todos os lugares aos descuidados, ou aos que tinham impedimento com que não podiam sahir aos despovoados. Não soffrieis que ninguem vos podesse desejar, que vos achasse menos, nem que faltasse vossa presença, e chamamento aos que vos não conheciam, e estavam errados. Ah pastor bom, e piedoso, abri meus olhos pera que conheça que sou a ovelha errada, por todos estes passos, cansados caminhos, e cuidados afervorados buscada. A mim chamam esses brados, a mim convidam essas misericordias, a mim ensinam essas doutrinas, a mim consolam esses gasalhados que fazieis a esses peccadores, a mim curam esses milagres, a mim descansam esses cansassos, a mim refrescam esses suores, a mim olham esses piedosos olhos, que convertem os peccadores. Lá trazieis o corpo, e em mim peccador o sentido; lá fazieis as mercês, e já a mim pobrissimo chamaveis ao fruito d'ellas. Que vos darei, Senhor, por todas estas mercês? Oh bom Jesu, pois me buscais tão cansado e suado, não seja em mim debalde tanto cuidado e trabalho. Não vos sou eu menos que todos esses peccadores, nem sois vós menos meu remediador, pastor, e redemptor, que de todos elles. Dai-me, Senhor, hum logar á meza do peccador Matheus, ou huma entrada na casa do santificado Zacheo, ou hum pé d'esses vossos, e as lagrimas de Magdalena, pera ser com ella perdoado; ou huma migalha de vosso divino pão, pera ser com a cadella de vossa casa, a Cananea, farto; ou de vossa suave agoa de vida, pera ser com a Samaritana allumiado em vosso conhecimento, e amor. E se nada d'isto mereço, ouvi bom pastor as vozes d'esta leprosa ovelha, que a vós brada por saude, e dizei-lhe que sare, e serei logo limpo. Vós, Se-

nhor, dissestes que ainda que fostes mandado ás ovelhas erradas da geração de Israel, que tinheis outras ovelhas, que de Oriente, e Ponente havieis de trazer a vossa manada, e que vos cumpria recolhel-as pera que se não perdessem. Eu sou, bom Jesu, huma d'essas, sei que entre todas não sou esquecido; bem me sabeis o nome; bem conheceis minha miseria; bem vedes quam chagado, e espedaçado estou dos lobos infernaes, e dos peccados. Pois Senhor, levai-me a vossa manada, e apoz vossos divinos passos, pera que me vá mantendo de vossos espirituaes, e celestiaes pastos.

Oh Padre celestial, e clementissimo Rei, e Senhor meu, que me vedes, e vos não vejo; fazei que como me vedes vos veja, e me conheça como me conheceis. Que vedes, luz divina, em mim? E que he, bom Jesu, o que não vejo em vós? Fazei-mo vós sentir pera que me aborreça, e vos deseje. Vós vedes meu pobrissimo interior; quam longe estou de vós, e por isso com tanta pressa me buscais; quam cego estou de vosso conhecimento em escura região de morte, e por isso pera mim sahis a lume, e dais tantos circulos, e voltas por me allumiar; quantas razões tenho de desconfiar de ser de vós recebido, e por isso vos acompanhais com peccadores. Oh Senhor, se descer em particular ao que n'este interior vedes, quam impossivel me será conhecel-o, e confessal-o! E vós que o vedes o soffreis, e vos compadeceis de quam miseravel estou. E sobre tudo vedes que vos não vejo, nem os bens que em vós se encerram, que a mim podem só remediar. Não vos vejo pai, amigo, pastor, guia, companheiro, riqueza, e bemaventurança minha. Não vejo esse amor que me tendes, senão por semelhas, nem a virtude de vossas obras, senão por conjecturas, nem vossos suavissimos bens, senão por pagelas. Não vejo o incomprehensivel pêgo de quem vós sois; e que todo esse sois meu, e pera mim. E posto que tudo isto creio, he a minha fé fria, porque me falta a luz, e experiencia da perfeita charidade, e amor. E como cego que não vejo, ando arrebatado apoz o que vejo, que muito mais me cega. Oh luz divina que nunca escureces, oh resplendor divino, que nunca tens trevas, oh dia que nunca anoiteces, oh Sol soberano que nunca te pões! Porque allumiando tanto, estás tão encoberto a meus miseraveis olhos de coruja, e noitivo, que com o Sol diante menos vê? De quantas voltas déstes por estas escuras moradas, dai huma por esta alma, pera que vos veja, logre e ame. Ah meu bom Jesu; pelo que em mim vieis não descansaveis, e se vos eu vir, e conhecer, quem me terá que vos não ame, que vos não abrace, que vos não possua? Caminhai Senhor,

com vossa fermosura, entrai, e reinai n'esta alma. Abri esta porta de ferro, desfazei este muro de aço, abrandai a dureza d'este impedernido coração, entrai por estas escuras lapas d'este interior, em que tanta peçonhenta vibora se esconde, e em que tanto, e terreno bruto desejo se agasalha. Fujam com vossa presença todas as inimigas potestades, e estareis vós com a vossa errada ovelha em braços, alegrando-vos de a terdes ganhado, curando-lhe as feridas dos lobos, tosquiando suas sobejidões terrenas, e dando-lhe espirito pera reconhecer-vos meu bom pastor, e todo meu bem. Oh quando será isto; quando vos verei meu Deos, como sou de vós visto, quando vos amarei como sou de vós amado, quando vos desejarei como sou de vós buscado, quando porei em vós todo o cuidado como vós em mim o tendes, e quando vos possuirei de maneira que seja de vós possuido? Se vós Senhor, buscais os peccadores pelo que em elles haveis de achar, bem vedes quam pobres somos, e mingoados de todo bem, não vos canseis, bom Jesu, debalde. Mas se pelo que lhes haveis de dar, dai Deos meu, dai saude minha, o que quereis, e achareis em mim o que desejais.

Oh Senhor meu, quanto me cumpre afferrar-me muito comvosco, e não me deixardes da vossa mão! Pois vejo gente da minha natureza tão errada, e tão cega com vos ter luz divina diante dos olhos, que os hieis buscar a suas cidades, e casas, cansado, e suado, e não vos queriam receber, e outros vos lançavam ás pedradas, e outros quando mais comedidos vos rogavam que vos fosseis de sua companhia. Oh cegueira do humano coração, oh atrevimento da miseravel alma, que cuida, enjeitando-vos, e lançando-vos a vós, que ha de ter outra melhor cousa que a vós! Moysés allumiado de vós no monte, com quarenta dias de vossa conversação aprendeo, que lhe não cumpria bulir-se d'aquelle lugar até lhe prometterdes de hirdes com elle, e com vosso povo, e conheceo que em nenhuma cousa podiam entender que os amaveis senão em sempre os acompanhardes, e guiardes (*). E o triste, e cego povo, que não tinha gosado de vossa suave conversação, faziam deoses de ouro pera os guiarem, e estavam com seus erros contentes. De maneira, que quem mais vos conhece sabe haver medo de estar sem vós hum momento, e quem vos não conhece, sem vós, e com seu mal vive contente. Oh Deos da minha alma, dai-me a conhecer quamanho mal he estar sem vós, pera que tema ser de vós apartado. Até este peccado me soffreis, misericor-

(*) Exod. cap. XXXIII.

dioso Jesu. Oh quantas vezes vos lancei de meu coração, enjeitei vossas inspirações, e não quiz vossa companhia! Porque não cubro meu rosto diante de vós, Deos meu, pois sou este? E que cousas busquei quando vos deixei? A quem obedeci quando vos não ouvi? A quem recolhi quando de mim vos lancei? Oh bom Jesu, misericordia. Não vos troquei por porcos como os Genezarenos, mas pelos atoleiros, monturos, e lodos baixos de meus terrenos desejos, e pelo que vós vedes n'este miseravel coração.

Convertam-se, Senhor, todas minhas veas em fontes de lagrimas com que regue esses divinos pés, pera alcançar misericordia. Deixei-vos vida minha, e deixando-vos que vida esperava sem vós? Lancei-vos amigo da minha alma fidelissimo, e quem queria então recolher? Não vos abri riqueza de todos os bens eternos, e quem tinha então dentro d'esta alma? Oh saude da minha alma, oh suave remediador d'ella, com que dor de coração, e com que vergonha vos confessarei esta miseria; e com que vos satisfarei esta tamanha descortezia? Amor da minha alma, olhai pera vós primeiro que pera o que mereço. Quem vos tinha então, que não lançasseis fogo do Ceo sobre mim? Quem vos abrandava, que se não abrisse a terra, e me sumisse nos abismos? Quem vos rogava por mim pera me não entregardes aos inimigos que me possuiam? E ainda sobre isso quem vos fazia porfiar, tornar muitas vezes a bater, e chamar-me, e importunar-me, quando vos eu houvera de importunar? Quem Deos meu, quem fazia tudo isto em vós, senão este amor que me tendes, oh amor meu valedor, oh amor meu amparo, oh amor meu soffredor, oh amor meu amigo, oh amor meu convertedor, meu curador, e tutor, minha saude, meu medico, meu pai, meu senhor, todo meu remedio, e bem: valei-me, mudai-me, curai-me. Vinde, amor, agora que vos desejo, entrai agora que vos quero, fechai-vos dentro, pois vos abro, curai-me pois vol-o peço, possui-me pois aqui me entrego, governai-me pois me rendo, e livrai-me de mim, pois a vós me acolho. Acabem as cegueiras, as descortezias, as durezas, as desaventuradas trocas passadas; e d'esta hora pera sempre sede vós o senhor d'esta alma, o morador pacifico d'ella, o servido, o adorado, o amado, o querido, e o agasalhado d'ella. Oh meu amor, oh meu bom Jesu, oh todo meu bem!

Madre de Deos, e Senhora, que sempre recolhestes, e agasalhastes em vossa alma este Senhor, e que nem quando de vossa casa sahio a me buscar o desacompanhou vosso amor, e espirito purissimo: tomai-

me por vosso, dai-me hum canto em vossa casa, porque já que ella he a mais aceita a este Senhor, e onde elle he mais continuo, em ella me ache, e n'ella me tenha sempre por seu. Oh Corte celestial, servos, e moradores da casa do Senhor, e moradas de seu gosto, e prazer, pois pera vos acompanhar fui criado, não estejais lá muito sem mim. Alcançai-me qne acabem já os erros d'esta descaminhada terra, e os enganos das moradas d'este triste degredo, pera que comvosco seja recebido, onde sempre me tenha vosso soberano possuidor comsigo, e eu a elle tenha pera sempre possuido, e adorado comigo. Amen.

TRABALHO XIX

Dureza da gente judaica.

Grandes foram os trabalhos que o Senhor soffreo os annos que andou peregrinando pelas cidades de Israel, e Judea, que o cansavam, e affligiam muito mais que a propria peregrinação. Entre elles hum mui principal foi a dureza da gente judaica, que não só não queria receber, mas encontrava toda sua doutrina, e divinas obras; e d'ella como de fonte nasceram todos os trabalhos, que a Christo nosso Senhor deram, e sua propria perdição. Antiquissimo vicío he na nação judaica a dureza de coração, e de que está a divina Escritura cheia. Tanto que sendo entre todas as nações do mundo escolhida pera povo de Deos, apartado de todas as gentes pera o servir, e adorar, e espantando Deos o mundo com maravilhas que por elle fazia, nunca o pode dobrar a seu serviço e obediencia. Fel-os descendentes de troncos de Patriarchas santos; sempre os trouxe nas palmas das mãos, cheios de mimos, e riquissimas mercês; a elles fez todas as promessas do Messias, e de todos os bens da terra e do Ceo; esteve no monte Sinai á fala com elles, mandando-lhes muitos Profetas; deo-lhes em seus peccados espantosos castigos: perdoava-lhes depois com admiraveis favores; livrava-os de todos seus inimigos, provia-os largamente, e por vias desacostumadas em todas suas necessidades; e com nenhuma cousa os pode nunca ter sujeitos, sempre lhe foram rebeldes, sempre máos de contentar, sempre falsos nas promessas que faziam de o servir. A Moysés no deserto quizeram apedrejar: á vista de Deos, que estava no monte Sinai todo inflammado, fallando com elle, fizeram hum bezerro de ouro, e com festa o adoraram. Ora lhe matavam seus Profetas, ora punham idolos pera tirar o povo de adorar a Deos no seu Templo, ora adoravam os deoses das outras gentes; emfim que sempre andavam ao revés da vontade de Deos. E he tanto desta nação de juro, e herdade, dureza de coração, que ainda hoje em dia a experiencia n'estas partes de Berberia (onde ha grandes povoações d'elles) nos mostra serem tão duros, que nem convencidos pelas divinas Escrituras em seus erros, e chegados a não poderem contradizer a verdade manifesta, por nenhum caso se querem render, antes se prezam de dura cerviz, e tomam por honra o que Deos contra sua dureza diz na sa-

grada Escritura, como gente que se não rende facilmente, senão ás cousas que forem muito palpaveis, e vistas a olho. E sendo na vida, e na malicia a peior, e mais mal inclinada gente que na natureza, e mundo pode haver, assim se tem hoje por povo mimoso, e escolhido de Deos, e pela melhor, e mais aceita gente a elle, como se podera ter o proprio santo Abrahão, de quem descendem. E claro se vê n'elles o que diz a divina Escritura, que são vendidos pera fazer mal. Porque assi o tem por vida, e officio, que tirando-lhes Deos todos os bens temporaes, que concede a todas as outras erradas nações, só lhes ficou a mentira, e engano de que vivessem, só d'ella se mantem: e isto com trazerem sempre o nome de Deos na boca. Cumpre-se até hoje n'elles o de Isaias: «Este povo me louva com a boca, e seu coração está longe de mim»(*). Os erros, e heresias que tem contra a sua lei, e contra a sagrada Escritura (que todos elles, até os meninos sabem de cor) não tem conto nem par. A baixeza, e grossaria, ou com mais consideração, e verdade, a torpeza da declaração d'ella que usam, e as infinitissimas patranhas que na historia d'ella acrescentam, he cousa vergonhosissima pera qualquer desafeiçoado entendimento. A olho se vê o que disse Isaias d'elles: «Que Deos n'elles por sua dureza emparvoeceria todo saber, e prudencia dos sabios»(**): e o que diz nosso Padre Santo Agostinho, que ordenou a divina providencia que os Judeos os tivessem ás divinas letras com as quaes elles se cegassem, e as gentes aprendessem e fossem allumiados. Nenhuma cousa das naturaes ao humano coração, e a que elle he inclinado, e pera que foi criado, de que a divina Escritura tem infinitissimos thesouros, vêm n'ella; nem espiritual, nem moral, nem celestial, nem a sabem entender, nem desejar, nem esperar de Deos. E o remate de tudo he, que quando a lei de Moysés os obrigava, nunca Deos acabou com elles que a guardassem: depois que os desobrigou d'ella, finam-se pela guardar; e sem duvida se vê ao olho, que estes que não quizeram Christo, receberão com os braços abertos o Ante-christo. Alarguei-me tanto no que estes annos, que estou cativo, aqui por experiencia n'esta dura gente vi, porque he clara demonstração do que Christo nosso Senhor com elles passou. Porque os mesmos são agora, que então, e se nosso Senhor andára entre estes com a mansidão com que soffreo a dureza dos de seu tempo, sem duvida que com nenhum amor, nem serviço se lhe podia agradecer tamanha misericordia, e tão trabalhosa communicação. Pois sendo os

(*) Isai. cap. XX. (**) Ibid. cap. XLVII.

antepassados e estes da mesma durissima, e rebelde cerviz, segundo se vê cotejando a experiencia dos d'agora, com o que está escripto dos d'aquelle tempo, não saberei alcançar, e muito menos com palavras encarecer o peso gravissimo do trabalho, que Christo nosso Senhor levou em tratar com elles, e soffrel-os.

Custou a Moysés governal-os quarenta annos muito grandissimo trabalho; a muitos Profetas e servos de Deos custou a vida querel-os encaminhar em seus erros. E por não ficar a Deos nada por fazer a esta gente pelos salvar, veio o Filho de Deos como tinha prometido, passar pelos trabalhos de seus servos; e offerecendo-lhe riquissimas mercês divinas e celestiaes, não só não o receberam, mas arremataram suas durezas, em lhe darem o galardão que deram aos outros seus servos Profetas com cruissima morte. Sendo suas divinas doutrinas pera converter as pedras, e seus milagres, branduras, e mercês, pera levar apoz si os montes, escaçamente achou doze Apostolos, e outros poucos discipulos, e algumas mulheres devotas que o seguiam, e alguns principaes que o tinham por mestre, mas em segredo, com medo dos outros principes, sacerdotes, e letrados. E vendo diante dos olhos tudo o que estava profetisado, cumprido em o Senhor, e a santidade sem tacha de sua vida, cerravam os olhos á luz, julgavam mal d'elle, murmuravam d'elle e armavam-lhe ciladas, contradiziam quanto dizia, e fazia, e desagradeciam-lhe quantos bens, e mercês d'elle recebiam; como mais largamente adiante diremos. Aproveitavam-se de seus milagres, quando pera seus doentes, e mortos o haviam mister: e passado aquillo o injuriavam, e lhe pediam sinaes do Ceo, e faziam conselhos pera o destruir. Hum dia em Nazareth sua patria, porque na Synagoga declarou hum passo de Isaias, em que fallava de suas doutrinas, e maravilhas, dizendo que então se cumpria n'elle (*); o levaram a hum alto monte pera o lançarem d'elle abaixo, e se sahio d'elles fazendo-se invisivel. Outras vezes o quizeram apedrejar, porque nomeava a Deos por seu padre. Não lhe soffriam fazer milagres em sabbado. Passavam sentenças como de excommunhão, e de serem lançados por malditos das Synagogas, contra todos os que o seguissem, e fallassem d'elle bem. Em fim nenhuma cousa lhes ficou por fazer pera mostrarem sua dureza, e odio que lhe tinham. Via-lhes seus pensamentos, e dizia-lhos claramente: em todas suas perguntas os convencia, cada dia envergonhava os principes, e maioraes diante do povo

(*) Luc. cap. IV.

e cada vez eram mais duros. E como o povo ordinariamente segue seus maiores, posto que andava pasmado de ver os milagres do Senhor, todavia por derradeiro mostraram sua dureza, e se ajuntaram a seus princípes, e com elles conjuraram contra Christo nosso Senhor, e com tanta obstinação, que pelo matarem, tomaram sobre si e sobre seus filhos o sangue do innocente cordeiro. Sempre faltaram na fé, e nunca acabaram de abrir os olhos, pera verem a luz que diante de si tinham. Não espertaram com a entrada dos Reis Magos em sua terra, que davam testemunho de ser nascido o Messias. Não se alvoroçaram com o que contaram os pastores de seu nascimento. Não attentaram no publico testemunho que d'elle deo o Bautista, e voz do Ceo, que ouviram no seu bautismo. Nem com entrar por suas casas, hi-los buscar a suas cidades, descobrir-lhes manifestamente as verdades, e o que he mais, nem com experimentarem sua divina virtude em seus pais, mais, filhos parentes, e amigos, e em suas proprias cabeças, pernas, braços, e membros doentes que sararam, nunca se renderam a o conhecer, receber, e servir. Tudo mais os endurecia, e tudo os fazia peiores, e mais duros que pedras. Porque ellas se quebraram na Paixão do Senhor, e o sol escureceo, e os idolatras, Centurio, algozes, o confessaram por Filho de Deos. E elles venceram as pedras em dureza, e a terra que tremeo, em não se abalarem, e as trévas, em se não deixarem allumiar, e os idolatras, em obstinação.

Traz esta gente andava o Senhor com tanta fome de sua saude, e tanto desejo de sua salvação, com tanta importunação, e tanta continuação, e somma de mercês, sabendo que tudo era debalde, como se lho tiveram muito merecido, e lho houveram de agradecer, e servir. Quanto elle isto sentia, e quam magoado andava, e o trabalho que esta dureza lhe dava, claramente o mostrou elle muitas vezes em muitas queixas que dizia d'aquelle duro povo. Comparava-os aos de Ninive, que com huma prégação de Jonas se converteram, e foram perdoados, e a elle, muito maior que Jonas no ser, doutrina, e maravilhas, não criam. Outra vez allegava contra elles a Rainha Sabá, que viera ouvir a sabedoria de Salamão, e elles entrando-lhes a divina sabedoria, infinitamente maior que a de Salamão, por suas casas, a não queriam ouvir. Outras vezes os cotejava ás cidades de Sodoma, e Gomorra, Tyro, e Sydonia, as quaes posto que eram muito más, e perversas, ficavam elles peiores, porque por ventura se converteram se viram as maravilhas que elles enjeitavam. Quei-

xava-se com dor de quantas vezes os quizera ajuntar, e agasalhar como a galinha a seus pintãos, e elles não quizeram, e por isso seriam lançados da sua terra. Algumas vezes com parabolas, e com perguntas que lhes fazia, lhes mostrava a olho sua dureza, e por suas proprias respostas os convencia, nas quaes julgavam contra si mesmos, e tudo pera que vendo-se, se dobrassem, e vendo-se convencidos muito mais se endureciam: e dahi mesmo tomavam occasião pera lhe quererem mór mal, e desejarem destruil-o. Magoava-se o Senhor de quanto sangue de justos Deos lhes havia de demandar. Entrando em Jerusalem com louvores, e honras divinas, hia chorando a destruição d'aquella cidade, que lhe havia de vir por sua dureza. Sentia não o receberem a elle Filho de Deos, dizendo que aos falsos por Christo receberiam, e a este modo muitas vezes se magoava, e declarava o sentimento de seu coração: o qual não era pequeno, pois tantas vezes fallava n'elle. Não ha mister este trabalho do Senhor mór encarecimento, que cotejar o incansavel cuidado, e occupação, e desejo com que procurou, sem cessar, a salvação d'este povo, com seu descuido, malicia, e dureza, que fazia ser tudo n'elles feito debalde: que pera o amor, e brandura do Senhor era o mór algoz, e mais aspero tormento que podia ser. Houve o Senhor este genero de tormento por tamanho, tão cansativo, insoffrivel, que, porque os Apostolos com elle não pasmassem, e não perdessem o animo, quando n'elle se vissem, depois que prégassem em Judea, e se espalhassem pelo mundo, os avisou que o tomassem a elle por espelho, dizendo: «Se guardaram, e aceitaram minha doutrina, tambem aceitaram a vossa:» querendo n'isto dizer: nem queirais n'isto pera vós mais do qne me vistes a mim passar. Assí como eu não fui ouvido, nem vós o sereis, mas fazei o que em vós he, e contentai-vos, nem vos tire a dureza dos humanos corações, que haveis de achar no mundo, trabalhar até morte por sua salvação, como eu fiz.

Quamanho mal, e quam prejudicial seja a dureza do coração, em duas cousas se mostra, afora outras muitas. Huma he, que menos grandeza que a bondade infinita de Deos, com usar de desacostumado excesso de sua piedade, e amor a não podia soffrer, nem dissimular. Porque soffrer a quem se abranda, e perdoar a quem se conhece, he acostumada ordem da divina misericordia. Mas fazer muito porquem tudo ha de enjeitar, e soffrer muito, a quem se não ha de aproveitar, he outro admiravel, e mais alto, e incomprehensivel genero de demonstração da bondade soberana, e infinita. Vê-se isto mui claro na divina Escritura;

a qual conta que pedindo Moysés a Deos instantissimamente que perdoasse a seu povo o peccado do bezerro que fizeram, em que idolatraram, e allegando pera isso muitas, e muito poderosas razões, e pedindo-lhe que os não mandasse d'alli bulir; até lhe prometter de hir com elles, como fizera até alli: não pôde acabar mais com Deos senão, que não mataria por então o povo, e que mandaria com elles em seu lugar hum Anjo. E não lhe dava Deos outra escusa, senão que era povo de tão dura cerviz, que se andasse no meio d'elles, e os acompanhasse, hum dia se acenderia sua ira contra sua dureza, e os destruiria todos. N'esse mesmo tempo andava tambem Moysés em requerimento com Deos, que lhe mostrasse sua face pera o conhecer, e pera saber n'isto que lhe era acceito; Deos lhe prometteo que no monte lhe mostraria, não o que elle pedia, mas o que bastasse pera elle conhecer sua grandeza, e quam aceito lhe era. E levando-o pera isso ao monte Sinai, e passando a gloria de Deos perante elle, que elle sentia, e não via, ouvia que hia aquella gloria soando em voz que dizia(*): «Deos, Senhor, Misericordioso, Piedoso, Clemente, de muita piedade, e verdadeiro, que fazes misericordia em milhares de gerações, e tiras as maldades, culpas, peccados, porque sem ti, ninguem por si he diante de ti innocente. E quando castigas abrange tua ira quando muito até terceira, e quarta geração». Ouvindo Moysés esta voz, debruçou-se com o seu rosto em terra, e aproveitou-se d'estes nomes de piedade, que o Senhor de si lhe ensinava; e pedio a Deos, que não desacompanhasse seu povo, dando-lhe só por razão que era de dura cerviz, e que elle com sua presença o tiraria de seus peccados, e o possuiria. De maneira, que Deos pera não acompanhar seu povo dava por razão sua dureza, porque não viesse a o matar: e Moysés pera que não o deixasse lhe dava a mesma razão, que por ser tão duro, elle só era o que o podia soffrer, e o que lhe podia perdoar, e curar. Penhorou a Deos pela demonstração tam larga que lhe deo de sua misericordia, differentissima de seu castigo; pois castigava quando muito até quarta geração, e sua misericordia abrangia a milhares. Quasi dizendo: já que, Senhor, vós sois esse, a vós cumpre soffrer a dureza d'este povo, pera o não destruirdes, e perdoar-lhes, e remedial-os, e nem a mim, nem ao Anjo, que comigo mandais. Porque não temos nós a vossa bondade infinita pera poder com a durissima cerviz deste povo. E pois isto he só vosso, haveis Senhor de ir comigo. Não lhe fugio Deos d'esta razão, e aplacado

(*) Exod. cap. XXXIV.

perdoou ao povo, e lhe prometteo de o acompanhar, e não o desamparar; porque isto he tanto só seu, e das novidades que seu excessivo amor acha pera sobrelevar os peccadores fóra de todo o costume, e sobre toda a razão, e ordem, que parecia improprio commettel-o a Moysés, nem a Anjo.

A outra cousa que mostra quamanho he este mal, he que sendo Christo nosso Redemptor perfeitissimo mestre de todas as virtudes resumio tudo o que queria que d'elle aprendessemos em mansidão, e humildade de coração. E desta sobre tudo se fez mestre como raiz, fundamento, e disposição de todas as outras virtudes, de sua luz, e de suas mercês. Quiz o Senhor tirar, com hum tamanho extremo, como ser elle manso, e humilde de coração, outro abominavel da dureza dos humanos. Porque, que razão tem o homem de ser duro pera Deos? Em que confia? Em que estriba? Quem he? Que sustancia, e ser tem, vaso de miseria, barro, e lodo? E que razão ha pera se Deos dobrar, someter, e soffrer nossas durezas, amansar sua fortaleza, abaixar sua divina magestade, e pera deixar de desfazer em pó o barro, que se atreve contra seu Criador? Ha tanta desigualdade em huma cousa, e outra, que por isso nosso misericordioso Deos tomou nossa soberba por occasião de mostrar a infinita bondade sua, e com hum tamanho extremo de bondade abate sua grandeza, e abranda seu poder, e fortaleza, e se faz mestre principalmente de mansidão, e humildade, pera confundir outro tamanho extremo de atrevimento, e soberba, como he, ser o humano coração duro, rebelde, e pertinaz contra seu Deos. Assi S. Paulo vendo quam poderosa he esta bondade, e misericordia do Senhor pera render qualquer duro coração, se maravilha de nossa empedernida dureza, que nenhuma cousa basta pera a dobrar. «Não sabes (diz) que esta mansidão do Senhor te provoca, e chama a penitencia?» (*) Pois com dureza de teu coração fazes thesouros de sua ira pera o dia em que haverás mister bem os da misericordia.

Não sei vicio, que mais direitamente seja contrario á humana natureza, cujo ser he racional, e governar-se por lei, e razão, nem mais improprio á sua natural propriedade de ser mudavel em todas as cousas, não menos de mal pera bem, do que he por sua fraqueza de bem pera mal.

(*) Ad Rom. cap. II.

Dizem os Theologos, que huma razão porque Deos não deo remedio ao peccado dos Anjos, e o deo ao homem, he porque não quiz mudar, mas seguir a ordem d'estas duas naturezas que já tinha criado. O Anjo fez Deos de natureza immudavel. Porque como não tem impedimento corporal pera deixar de entender as cousas com toda sua capacidade, e possibilidade, toda a emprega de maneira n'aquillo que ha de conhecer, que não pode alcançar outra cousa com que se mude do que huma vez entende. E como o amor segue o entendimento, afferra-se tambem sem mudança áquillo a que se inclina. E por isso os Anjos, que com toda sua capacidade conheceram a Deos, e se someteram a elle, foram logo glorificados, porque não podiam passar avante d'aquelle seu conhecimento em estado de viadores. E seu amor com toda sua inclinação se empregou no que tinham de Deos conhecido, por onde mereceram ser logo premiados. Mas os Anjos, que conhecendo, quanto podiam, a Deos, estimaram, e amavam a si mesmos (como livres) mais que a elle, foram logo reprovados, porque não eram capazes no estado de viadores de mais conhecimento, pera serem allumiados, que o da verdade já bem conhecida que voluntariamente reprovaram, e desamaram com todas suas forças de sua angelica natureza, não por erro nem engano, mas por pura malicia, contra o conhecimento que Deos lhe tinha dado certissimo de si. E por isso he proprio dos Anjos não serem mudaveis, e d'elles damnados a obstinação, e dureza. Mas os homens, que pela terrena companhia do corpo de barro, não alcançam as cousas com toda a capacidade quanta tem, assi como podem crescer no conhecimento, e amor d'ellas, assi podem receber melhoramento em seus erros, e luz verdadeira, com que conheçam seus enganos.

E por isso Deos nosso Senhor á humana natureza, como naturalmente capaz de mudança de máo em bom conhecimento, e de odio em amor, deo remedio em seus erros, porque nunca falta no necessario. Por onde os duros de coração podem cuidar de si, que se mudam em condições dos Demonios, e deixam a natural brandura humana quando chegam a desaventurado estado. E assi nosso Senhor, como justo ponderador dos merecimentos de nossas obras, dá justamente a pena dos Demonios aos que por vontade se quizeram parecer com elles. No inferno por isso são os damnados malaventurados, porque tem por pena principal estarem perpetuamente no mal obstinados, de maneira que vendo o mal o não podem aborrecer, e assi amam os peccados que não podem commeter, e

aborrecem a Deos que nunca quizeram amar, como se tiveram natureza de Demonios. E justamente estará perpetuamente em sua companhia obstinado contra a propriedade da humana natureza, o que contra ella na vida foi por vontade tão duro, que nunca de si quiz mudança pera melhorar sua consciencia, e vida.

A raiz d'este desaventurado mal, he ser o homem atado a seu proprio parecer, e vontade; e que he a cousa de que menos caso na vida se faz, e muitas vezes se tem por virtude, e entendimento. Mas he tão má essa raiz, que se com cedo, e com cuidado se não corta, vem o humano coração (que de seu nascimento sempre he inclinado a mal) a se afferrar muito mais a seu parecer quando he errado, que quando acerta; que he semelhantissima qualidade dos damnados. Nascem d'aqui differentes generos de dureza de coração: não juntamente, mas pouco a pouco, até dar em obstinação infernal. Primeiramente com o primeiro costume de seguir seu parecer, vem tambem a se someter pouco á lei de Deos, e soltar a vontade a peccados, mas não tanto que esteja n'elles a alma obstinada. Mas com a continuação de cahir, e da pouca, ou tibia emenda, vem a alma a desejar ás vezes arrepender-se, e sahir de peccado, e não achar em si maneira pera se dobrar, a se doer de todo do mal commetido, posto que o conhece, e deseja aborrecer de coração. Estes tem ainda muitos remedios, e o que tenho por mais poderoso pera enternecer o coração he, de qualquer maneira que poder humilhar-se como souber aos pés de Christo nosso Senhor crucificado, desconfiadissimo de si, e pedir áquelle seu quente sangue, que mostre sua virtude em huma criatura tão insufficiente de si, pera todo bem, como alli se apresenta. Eu conheci pessoa que vendo-se em peccados, e desejando, e não podendo doer-se delles, vendo-se desconsoladissimo, sahio de sua casa sem saber onde fosse, nem o que fizesse pera se abrandar: encontrou á sua porta com hum bem miseravel pedinte negro, e nojento. Lembrou-se que Christo nosso Senhor disse, que a elle se fazia o que se fazia a seus pobres(*), e tornando a entrar em casa lhe levou esmola do que achou pera comer, e desbarretado com o giolho no chão, imaginava que se punha diante do Senhor, e com a humildade que então pode, lhe disse em seu coração: «Senhor meu Jesu Christo vós sois este, n'este pobre; se eu podera eu vos dera meu coração, mas tão duro está, que nem vol-o sei nem posso dar, nem vós o quereis aceitar. Tomai agora este pão

(*) Matth cap. xxv.

que he o que posso, e do coração fazei o que quizerdes. Foi tão poderosa a humildade com que se rendeo ao Senhor, que antes que se levantasse logo em hum instante veltou pera casa a recolher-se com tantos rios de lagrimas, e brandura de coração, que lhe fez depois Deos muitas mercês. Quem não acode com tempo a este genero de dureza, perde o sentimento, e estima d'ella, e entra em gosto de peccar, e vive em hum estado, que mais propriamente he atoleiro de que se não sahe, nem deseja sahir, que obstinação. Porque conheceo o mal, e o tem n'essa conta, mas não tem animo, nem fervor pera lhe doer e resistir, e se deixa mais levar do gosto da culpa, que do conhecimento do mal d'ella. E porque estes estão perto de fazer calos durissimos na consciencia, tem necessidade de muita continuação de sacramentos pera renovar muitas vezes a graça, com que cobrem forças da alma pera resistir, e someter-se muito ao conselho de prudentes confessores, pera applicarem saudaveis remedios á qualidade, e particularidades das inclinações, tentações, occasiões, e motivos que tem pera peccar. E se ha em acodir a esta doença descuido, a poucos lanços cahe a alma em total dureza de peccados, que nem os estima, nem aceita remedio.

Nasce tambem de ser homem atado a seu parecer outro muito prejudicial genero de dureza, que não soffre reprehensão, nem conselho, e chegam muitas vezes a tamanho gráo de desaventura, e d'elles não conhecida, que pelo mesmo caso que são reprehendidos se correm de se emendar, e as proprias cousas, que fariam por sua vontade, se as entenderam, ou se atentaram n'ellas, as não querem fazer só porque lhas estranham, e aconselham. Tomam a reprehensão por injuria, ou affronta, e o conselho por força que lhe querem fazer, e perdem mais o temor de Deos, e o respeito aos homens. Estes, se não mudam com tempo a condição, vão fazendo muros de aço entre si, e a virtude, e seu Deos. Por cabo de tam máo, e desaventurado estado, vem o coração acostumado a suas chagas, a tamanha, e damnada dureza, que muito maior mal lhe fazem os bens que lhe offerecem, que os males que tem commetido. Porque todos os bens são pera estes maiores occasiões de serem peiores, que os azos de peccar. D'estes foi Faraó Rei de Egypto, que com as maravilhas de Deos muito mais se endureceo. Estes foram os Judeos, de que diz Isaias, que vendo não viam, e ouvindo não entendiam; e se cegavam de maneira, que se não deixavam converter, e sarar(*). Quer di-

(*) Isai. cap. xxx.

zer, que tendo diante dos olhos, e ouvindo com seus ouvidos as cousas divinas, que eram os proprios bens celestiaes, com que haviam de ser curados, com elles mesmos peioravam, e mais como cães raivosos, se damnavam. Prouvera a Deos que por aquella má gente acabára tamanho mal, mas por nossos peccados tem ainda hoje na sua Christandade o Senhor tanto que soffrer em muitos, como teve quando com os Judeos tratava. E tem muitos tanto que chorar diante de Deos em suas durezas, que não tem que vêr na dos perversos Judeos, mais que o grande mal que lhe farão as proprias. Não pode o Senhor agora, no Ceo sentir o trabalho, e pena por nossas durezas, que as dos Judeos vivendo na terra lhe deram. Mas como Deos que as via então, e as tinha presentes lhe doeram muito até a morte, e as ficou soffrendo atégora. Dá Deos muitas vezes por castigo d'este damnado mal, ainda n'esta vida, desamparar as almas de sua graça, e deixar-lhes commeter e levar ávante quanto mal querem, que he já principio do desamparo do inferno. Esta dureza crucificou o Filho de Deos. Esta perseguio sempre sua Igreja. Esta inventou as heresias, que perverteram muitas almas. Esta espalhou no mundo as damnadas seitas que ha contra a Lei Catholica, e Fè do Senhor: e esta he a mãi da condemnação, que pare as almas pera o inferno. E pois Christo nosso Senhor com sua presença não acabou de dobrar, e quebrantar a dos Judeos: haja medo de si quem sem a presença de Christo vive duro, em braços com o obstinado Demonio.

Exercicio contra a dureza do coração.

Manso e humilde Jesu: Filho de Deos vivo, Senhor e mestre da minha alma, e piedoso remediador de todos meus males: vós não sois menos poderoso pera curar as chagas que em mim vedes, que paciente, e piedoso pera soffrer. Pois as soffreis pera as sarar, não as deixeis apodrecer, e crescer tanto, que de todo me apartem de vós, minha saudavel vida, e saude vital e eterna. Vós sabeis quantas razões tenho de haver medo de mim, e de andar sempre gritando a vós por misericordia, pois que de mim mesmo me nascem todos os perigos em que vivo de vos perder, e só por vossa virtude posso escapar d'elles. Vós dissestes que o bom tira bem do thesouro de seu coração, e o máo tira males. Quem bom senão vós, e quem máo senão eu? Do meu coração nascem todas as culpas, que vós em mim vedes, e soffreis, as affeições que de vós me

apartam, a surdeza com que vos não ouço, a dureza com que vos não obedeço, a tibieza com que não gosto de vossas cousas, como ellas merecem, a perguiça, e descuido em vosso serviço, e tudo o que em mim vedes que vos descontenta. Nenhuma outra fonte tem minha perdição, senão meu proprio coração. E já se fosse fonte que de si lançasse todo mal, alguma hora ficaria limpa, mas muito mais recolhe do que mana, e por isso sempre ha n'ella que alimpar; e o mal que deixa de recolher, e lançar de si, a vós meu Deos o deve e não a si; porque como me aparto de vós, de tantos males sou capaz, quantos são os bens que de vós me podem vir. Porque como fizestes minha capacidade pela medida d'esses bens, despejada d'elles que males não terão em mim lugar? E se carecer de qualquer bem vosso, que he grandissimo mal, não serão tantos os immensos males que terei, quantos forem os immensos bens vossos que podéra ter se d'elles carecer? Oh saude do Ceo, divina mésinha de Deos, valei-me, valei-me; porque não posso com verdade cuidar que sempre estive comvosco: em que abismos de mal estive quando estive sem vós! O abismo de minha miseria sem fundo, só do abismo infinito de vossa misericordia pode ter cura; e só vós podeis esgotar a peçonha, que n'este coração tem entrado. Fazei-me, Senhor, conhecer qual estou sem vós, pera que de mim saiba fugir pera vós.

Oh meu Criador, que me fizestes da mesma massa de todos os errados peccadores, e eu sou o que em todos vejo, e o que disso não sou, a vós só o devo. Filhos de Adam eram, e são hoje os Judeos, cheios de vossas promessas, favores e mercês. Andastes entre elles, ensinastes cousas divinas, obrastes espantosas maravilhas, mostrastes-lhes em vossa pessoa humanada a perfeição de todas as virtudes, mostraveis-lhes em vós cumpridas todas as profecias, e não vos conheciam. Resplandecieis entre elles luz eterna, e cada vez eram mais cegos, fazieis-lhes, em que lhes pez, ver seus peccados, e nem com isso se conheciam; trabalhastes com vossa brandura por molificar sua dureza, e cada vez se faziam mais duros; porfiastes por entrar com elles, e cada vez mais vos cerravam seus corações. Pegado com elles, dentro de suas casas, estando á pratica com elles, aproveitando-se de vossa divina virtude pera suas necessidades, nem acabavam de vos ver, nem conhecer. Mas antes nem pera se ajudarem de vós vos quizeram, e aborreceram vossa luz, vossa verdade, vossas mercês, vossos milagres, vossa vida, e pessoa, e quizeram mais seus males, que todos vossos bens. E com todo este desaventurado

estado vós choraveis sua perdição, e elles n'ella viviam contentes; vós trabalhaveis pelos tirar d'ella, e elles mais se abraçavam com ella, e pelo muito que amavam seus peccados, aborreciam a vós, verdadeira saude e remediador d'elles.

Vós tinheis a pena, e dôr que elles houveram de ter, e elles com gosto vos lançavam de si. Como podem, bom Jesu, as trevas mais que vossa divina luz? Que levam ellas ávante, não se deixar allumiar, e ficardes vós com a dôr de trabalhardes com elles debalde. Nem com bens, que lhes fazieis, nem com seus peccados, que lhes mostraveis, nem com as penas eternas com que os ameaçaveis, e o que mais he, nem com vossa suavissima, e divina presença, e conversação nunca acabastes de os dobrar. Que he isto, bom Jesu; enfraquecestes divina fortaleza; esgotou essa fonte de agoas vivas na morte d'esta gente? Morreis vós por elles, e nem com lavarem as mãos n'esse sangue, poderoso pera converter as almas perdidas, abrandam sua dureza; mas elles, e seus descendentes até hoje com esse mesmo sangue ficam mais duros. Então e até hoje sempre bradam a vós, e sempre vos pedem, sempre com a boca vos louvam, sempre vos confessam por seu Deos, sempre vem vossas divinas palavras, e tambem sempre vivem durissimos, sem luz, sem verdade, sem vós, e sem coração humano, mas com coração diabolico, e com dureza infernal.

Oh meu soberano medico, e senhor, como não haverei medo de mim, quando isto vejo! Ninguem fazia força áquelles damnados corações; ninguem os cegava diante da luz, ninguem os endurecia, senão o que dentro d'elles havia. O inferno vos conheceo, os Demonios tremeram de vossa virtude, a morte vos obedeceo, os elementos brutos se someteram a vossa vontade, o Ceo por vosso mandado se abrio aos ladrões, que estava cerrado aos justos; e os humanos corações, que pera vós criastes, e que são a vossa propria casa, e cuja perfeita abastança verdadeira, e propria riqueza, e bemaventurança, vós sois, nem vos conhecem, nem vos recolhem. Que será de mim, Deos meu, se me desampara vossa graça, e se me possue minha malicia? Oh quantas vezes fui quasi rastejando esta interior dureza, e o que d'ella me faltou não o devo a mim, senão a vós, porque quanto a mim estes são os meus desaventurados passos. Quam cheio de mercês vossas nasci; como me achei cercado d'ellas quando me conheci; quantos chamamentos, e inspirações me déstes pera vos servir; quantos trabalhos, e perigos me mostrastes pera que me fosse a vós?

Quantos peccados me perdoastes, e soffrestes, quantas verdades me descobristes, e quantos bens continuamente me fazieis, e me aparelhaveis, e me offerecieis? Pois Senhor, onde estou, e como estou aqui tão pobre diante de vós? Em todo lugar estais comigo, e não vos sinto. Confesso-vos minhas culpas, e não me doem, nem me emendo. Confesso a pureza de vossa doutrina, e não a sigo. E sobre tudo recebo vosso sacratissimo corpo, e divindade dentro d'este peito, e nem tanto dentro comigo vos sinto, nem amo, nem vos acho. Oh meu bom Jesu, se será esta peior dureza que a dos Judeos, e se vos descontentarei com ella mais que elles? Elles não vos criam, e eu creio; elles não vos recebiam, e eu como-vos, e todavia vivo em meus peccados, e não sáio de minhas imperfeições, e ainda jazo em minhas desaventuradas chagas; e por ventura que as amo mais que a vós; porque se de verdade as aborrecera, estivera livre d'ellas, e possuido de vós. Senhor, Senhor acodi-me com vossa misericordia, abrandai esta dureza, não vá por diante, porque me não lanceis de vossa face, e amizade. Ponde os olhos n'este peccador, feitura de vossa bondade, redemido por vosso precioso sangue, e pois as pedras se desfazem, e moem com o fogo, desfazei vós esta empedernida dureza com vosso amor divino.

Não podeis Senhor, dizer que quereis, e podeis? Dura era a Magdalena, e huma só hora que esteve a vossos pés, abrandastes sua dureza, e a alevantastes á união de vosso suave amor. Que menos virtude tem Deos meu, agora esses pès que então? Agora os tenho abertos com os cravos de vossa Cruz, que ainda então ella achou cerrados. E se ella com lagrimas molificou esses agulheiros pera sahir por elles agoa viva, e minha dureza os cerra, por isso sois vós o dador de todos os bens, que me podeis regar de suaves lagrimas, pera me disporem pera o mais que me quereis dar. Seu coração vos bradava, e aqui vos brada o meu; e se eu sou peior, vossa bondade não diminuio com o que déstes a esta peccadora. Oh meu suave Jesu, não endureçais pera mim, pois este vosso peccador deseja enternecer pera vós. Quam duro estava, Senhor meu, S. Pedro em negar, que se o vós não olhareis, até hoje negára, e huma só vista vossa o abrandou, e converteo. Pois quem tirou a virtude a esses divinos olhos pera mim? Olhai, Senhor, este vosso pobre com misericordia. Ah bom Jesu, que tudo podeis! Quam duro subio na cruz o Ladrão, que não só toda a vida vos offendeo, mas ainda crucificado vos blasfemava! Pode-o vossa Cruz abrandar, e em huma hora fazel-o

companheiro vosso, pera entrardes no Paraiso com elle pela mão, e eu só ficarei sem a virtude d'esse amor, que tudo converte em si? Lembrai-vos de mim, Paraiso de todos os bens, e se sou mais ladrão que esse, pera mais sois vós que pera elle. Não esperastes que S. Paulo vos rogasse; quando mais encarniçado em derramar o sangue dos vossos, e quando mui duro no odio do vosso nome Jesu estava, só por lhe nomeardes por vossa boca em suas orelhas, e coração esse mesmo nome, logo em hum momento o derribastes, logo o abrandastes, logo ficou vaso de vossa virtude pera si, e pera todo mundo; logo gritava que não vivia, senão só vós n'elle; logo ficou seguro que nenhuma cousa do Ceo, nem da terra, nem do inferno era poderosa pera o apartar de vossa charidade, e amor. Pois Senhor meu, com elle, com quanta humildade posso, digo, que quereis que faça, Senhor? Descobri-me vossa vontade, e trazei-me sempre em vossa guarda sujeito a vossa suavissima mão.

Ah meu bom Jesu, a mim houvera de pedir a brandura que vos peço, porque em vós a tenho certa, e eu a mim mesmo me endureço; mas eu pera mim sou mouco, e pera o que me mais cumpre, mais duro. Quando vos achei duro, senão quando me não cheguei a vós, e quando me quiz chegar a vós, que me não achasse brando, e sujeito como me vós fazieis desejar? Mas Senhor, esta contradição vossa virtude a ha de acabar, porque minha miseria sempre tira ao peior. Pelo que em vós achei sempre, não tenho que me queixar, senão dar-vos infinitas graças. Porque alguma vez que cheio de peccados me confessei a vós, cheguei pesado, duro, e medroso, tornei leve, contente, descarregado, e experimentando em mim a verdade de vossa suave misericordia. Se então perseverara em chorar minhas culpas, quam descarregado d'ellas estivera agora! Pera minha confusão confessarei mais diante de vós, minha bemaventurança, e meu suave contentamento, e meu suave Jesu. Se alguma hora me deixastes (esquecido de meus mates) abraçar com vossos suavissimos pés, e ouvistes as grosseiras vozes de meu misero coração, e me deixastes desejar vosso amor, achei-vos, Deos meu, por ventura pera mim duro, ou mouco? Logo vos vi esquecido do mal que vos merecia; não sei como fallaveis comigo sem vozes linguagem de vida eterna; deixaiveis-vos tratar como se foreis meu igual; ardia meu coração em fervor de vosso espirito; tudo pera servir me parecia pouco, chorava as horas que vos não tinha amado, desejava consumir-me em vossa charidade, aborrecia tudo o que de vós me apartava, e o que de

vós me fazieis sentir, vós que sem palavras humanas m'o ensinaveis, o sabeis.

Sei que tudo quanto ha na vida he nada a comparação de huma hora d'aquillo. Se tornava ás miserias, e corrupções que impedem este suave gosto de vós, cada vez que me sentia pesado, em chegando não achava em vós mudança: sempre suave, sempre brando, sempre agasalhador, sempre hum mesmo amigo fidelissimo d'esta pobre alma. Pois bom Jesu, que he d'aquillo, onde o perdi? Ainda quando pera meu bem encobrieis vossa suavissima face, e me daveis espirito pera andar gritando apoz vós, e desejando-vos, em tornando a resplandecer, deixava de ser quem era, esquecia-me de meu degredo e miseria, apegava-me a vós, e desejava nunca d'alli me apartar. Pois quem me apartou, onde perdi aquillo? Com que tornei a endurecer? Não he peior, Senhor meu, tornar a endurecer depois de experimentar vossa brandura, que se nunca a experimentára? Oh meu Redemptor, por isso grito a vós por misericordia, porque este sou que aqui vedes. Vós vedes Senhor, que se vossa agoa não regar continuamente esta terra, sempre de sua inclinação endurece. E quando depois de molificada torna a endurecer, fica muito mais dura que d'antes. Não me aparteis, Deos meu, de vós, não me deixeis por vontade cegar diante d'essa luz divina, porque não venha a dormir, e descansar na dureza de meu coração. Ao menos Senhor, já que não mereço vossos suaves gostos, que por minha culpa tantas vezes perdi, quantas me fizestes mercê d'elles, não me negueis por vossa bondade de andar sempre vendo, e sentindo a necessidade que tenho de vós, e aborrecendo, e pelejando com minhas más inclinações. Esforçai-me Senhor, a bater sempre n'este ferro frio, e dar sempre n'esta dura pedra d'este coração, pera que ao menos com isto viva em mim desejo do que perdi, e odio do mal em que me vejo.

Liberalissimo, poderosissimo, riquissimo, e suavissimo Jesu, dai-me vosso amor, e tão arreigado n'este coração, que com verdade possa dizer com o vosso enternecido Paulo, que nenhuma cousa me poderá d'elle apartar (*). Que cousa ha que possa entrar em lugar do vosso amor, que mereça este coração? Quando por qualquer amigo, ou desejo de cousa terrena, ou affeição propria, ou gosto d'este corpo vos perco, que ganhei? Se por fugir de trabalhos perco vosso amor, atolo-me em outros, que me consumem. Se por amigos, acho-os no cabo desleaes; se por desenfada-

(*) Ad Roman. cap. VIII.

mento do corpo, acho-me no cabo triste, e inquieto; se por tibiezas, e friezas do espirito, acho-me roubado, e salteado de milhares de tentações. E por qualquer cousa que o perca, fico roubado de vossos beneficios, fraco pera vosso serviço, inclinado mais a minhas inclinações, que á cura d'ellas. Oh meu Deos, quem me aparta de vosso amor, e de vossa conversação? Cotejadas as horas que perco, e que occupo em cousas que me impedem a vossa suave communicação, e o que n'ellas faço, e a baixeza das cousas com que n'ellas occupo o coração, com os riquissimos, e suavissimos thesouros, e bens vossos, que então não logro, ou por melhor dizer, de que fujo, e de que me aparto, quam miseravel fico! E sobre tudo Senhor (que he o summo gráo de miseria), que assi o vejo, e assi o entendo, e não sei que me detem, nem que peso he este, e fastio que me impede correr a vossos soberanos, e suaves prazeres interiores. Ah Senhor, não me aparte nada de vosso amor. E pois a sujeição, mansidão, e humildade com que me hei de deixar guiar de vós, he a perfeita cura d'estas chagas; humilhai-me, Senhor, a vossos pés, fazei-me desconfiar de mim, e haver medo de tudo o que de vós me aparta. Porque a vós, a quem devo tudo o que sou, e o em quem espero, deva a cura de minhas miserias; quando vos verei, Senhor, possuidor, e pacifico morador d'este coração? Oh bom Jesu, até n'isto sou miseravel. Sem ver onde ando perdido, não sei bem pedir que me levanteis, e livreis de mim. Vós, que não haveis mister ser ensinado, pois tudo vedes, fazei como quem sois vossas maravilhas n'esta terra cheia de miseria.

Senhora dos Anjos, e advogada dos peccadores, ovelha sem macula, suave morada de Jesu, e piedosa remediadora dos duros peccadores; a vós me deo o Senhor pera por vós alcançar o que lhe não mereço. Pois vedes quantos males nascem da dureza de meu coração, fazei, Senhora, descer da fonte de misericordia, que paristes, agoa viva, que regue sempre, e abrande este coração. Oh moradores riquissimos d'essa celestial casa do Senhor, alagados na humildade e brandura do suave cordeiro, se vossos poderosos espiritos estão lá rendidos a seu amor, e serviço, porque estará este terreno duro pera elle? Chovei do que vos sobeja, e orvalhai esta terra seca, pera que com vossa brandura, se disponha pera vossa perpetua companhia. Amen.

TRABALHO XX

Ser mal julgado.

A dureza, que Christo nosso Senhor achou na gente judaica, a que foi mandado, que foi o instrumento de sua Paixão, que esse povo lhe urdio, e negociou, alguns particulares trabalhos lhe causou, nos quaes não espanta menos caber em humano coração dar-lh'os, que querer a bondade do Senhor passal-os, e soffrel-os. E são elles taes, que clararamente mostram, que não foi muito cahir em tão perversos, e damnados corações, e tão fundados e arreigados em odio do Filho de Deos, o desejo de lhe damnar quanto podessem desejar, e procurar-lhe a morte. Porque de tamanhos males, e de tão altas raizes de odio, se não podia esperar outro fruto. Hum d'estes trabalhos, que ao Senhor deram, e em que assaz descobriram a peçonhenta malicia que em seus corações reinava, foi julgarem em tudo mal d'elle. He este mal tanto contra todo o humano juizo, que parece não ser possivel caber n'elle; porque a ordem por onde o humano entendimento se determina em algum juizo, he, que se lhe offerece primeiro alguma razão verdadeira, ou apparente, má, ou boa, pela qual com engano, ou acertadamente se determina a julgar mal, ou bem da cousa. Mas esta judaica gente nunca vio no Senhor cousa de que podessem tirar razão, não digo verdadeiramente má, mas que nem por imaginação tivesse semelhança, e apparencia de mal, com que se podessem enganar, pera por ella julgarem mal d'elle. Por onde se vê que de todo a malicia perverteo a ordem da natureza, ainda aquella com que desordenadamente julga mal do bem com enganosa razão apparente. Ha d'isto clarissimas provas no santo Evangelho. Na força dos máos juizos d'esta gente com que tinham ao Senhor em má conta, elle se soltou de todo a seu damnado entendimento, e juizo, e se poz na determiação de sua malicia publicamente dizendo: «Qual de vós me pode arguir de peccado?» (*) Não disse, convencer com verdade, mas arguir: porque pera arguir, qualquer achaque basta a corações mal inclinados. Assi embaraçou n'esta prova a malicia, que nada tiveram que dizer; porque o que lhe punham de curar em sabbado, os tinha já tão convencidos, que se corriam de lh'o lançar em rosto. E quando lhe punham por culpa que

(*) Joann. cap. VIII.

chamava Padre a Deos, lhes allegava com suas obras, e dizia, que se não fazia obras de seu Padre, lhe não cressem; e taes eram ellas que não tinham que dizer. Quando Annás perguntou ao Senhor por sua doutrina, remeteo elle a resposta a seus inimigos. Quando a malicia d'elles em casa de Caiphás se refinou em buscar cousas que podessem dizer contra elle, nenhuma acharam que evidentissimamente não fosse falsa, até que se determinaram com falsidades, e brados a prevalecer. De maneira que de todo tinham contra si as clarissimas verdades do Senhor, sua innocentissima vida, e todas as mostras, e apparencias da vida, doutrina, e obras suas, tanto sem reprehensão, nem semelhança de tacha, que nenhuma apparencia de mal achavam n'ellas pera córarem, e enganarem os juizos, que d'elle tinham, e publicavam.

Os que melhor d'elle julgavam não arribavam de o terem por Santo, e Profeta: mas d'aqui pera baixo segundo a condição, e coração de cada um, assi era mal julgado. Se corria com peccadores, posto que sua admiravel santidade estava justificando aquella conversação, e claramente mostrando que era pera os converter, não lhe valia isso pera deixarem de o julgar por devasso, e amigo de mezas e de vinho. Huns julgavam suas doutrinas por novidades, que he titulo com que muitas vezes o mundo quer damnar as puras verdades: e sendo elle taful de novidades, só na renovação das virtudes tem por grande tacha novidade, pera acabar de envelhecer em seus vicios. Outros pela muita gente que o seguia, pera receber suas mercês, o julgavam por amigo de tumultos, e revoltas, e perturbador do povo. Huns teriam que fora melhor andar curando de casa em casa, que soffrer aquelles concursos de gente. Outros lhe tachariam prégar pelos campos fóra das Synagogas. E como onde ha multidões de gente sempre ha encontradas, e afogarem-se pera cada hum chegar, áquillo chamariam perturbações, e de tudo faziam peçonha.

Antigo he isto no mundo; que se houver muitos concursos de gentes a ver jogos, ouvir farças, e outras cousas profanissimas com muita devassidão de janellas, muitos arruidos, e cutiladas, muitos desastres, e perigos de peccar, tudo he bom, e procurado, e não ha quem lhe pareça mal. E chovem os máos juizos, se ha muitos concursos á Igreja, a confissões, a indulgencias. E cuido que isto he porque costuma o mundo approvar as cousas onde pode alargar seus vicios: e reprovar as mesmas onde pode perder hum só. Em fim chegou a malicia judaica, sem

nenhuma conjectura, nem apparencia de razão, a tamanho cume de pervertido juizo contra Christo nosso Senhor, que julgava d'elle, que commercio com Belzebub, e amizade de Satanaz era a virtude com que fazia seus milagres. Não pode o mundo dar outro author ás cousas do Senhor que queria abater, senão o mesmo por quem elle se governa, e cuja vontade sempre faz.

Gravissimo foi este genero de trabalho, que nosso Senhor quiz soffrer; porque tinha muitas cousas que lh'o faziam pesadissimo. Primeiramente os que são no mundo contra razão mal julgados, ás vezes tarde o vem a saber, e enganam-se com os que julgam mal d'elles. E nosso Senhor via os corações de todos, e sabia d'onde procedia o mal que julgavam, e o damno que se faziam a si mesmos, e o grande impedimento que punham ás mercês que lhes queria fazer, que elle sentia muito mais que suas proprias affrontas; porque como o amor faz sentir as cousas que lhe são contrarias, pelo mal que tem, e pelo damno que fazem, e este mal e damno todo cahia sobre os que julgavam mal do Senhor, o amor que elle a suas almas tinha, pela sua medida, lhe fazia muito penoso ver tamanho mal nas almas que elle desejava salvar, e os grandes damnos que d'ahi lhes recresciam. Afora isto os grandes, que no mundo são barreiras dos humanos juizos, como são poderosos, não se atreve ninguem descontental-os; mas só pelos grangear, ou por particulares interesses, os proprios que julgam mal d'elles os enganam, e com lisonjas lhes gabam, e alevantam aquillo mesmo em que os tem em má conta. E pela mór parte, cada hum se calla com o mal que do outro julga, e se contrafaz por lhe não dar a entender seu máo juizo, e animo, e não se atreve a lh'o dizer no rosto, por não tomar novas pendencias. Mas Christo nosso Senhor pera exemplo dos seus, e consolação dos que o haviam de imitar em tão penoso genero de trabalho, o quiz passar com todas as circumstancias que lh'o podessem fazer mais pesado. Soffreo que se desavergonhassem os máos a lhe dizerem no rosto o mal que d'elle julgavam, e cuidavam; de que lhe recresciam outros generos de trabalhos, que adiante n'esta, e na segunda parte d'esta obra trataremos. Costumam tambem os homens querer que lhes valha a sua tenção, pera não serem mal julgados; e posto que de fora se não vê, querem-se todavia aproveitar d'ella pera seu descargo, e justa queixa dos máos juizos. E muitas vezes contra razão; porque o que de fóra se vê não quadra com a boa tenção do coração. Mas como temos dito, era a vida do Senhor, no que de fóra se

via, tão perfeitissima, e tanto sem reprehensão seu exemplo, seus milagres tão admiraveis, e suas obras tanto sem tacha, que quando fora possivel ter alguma má tenção encoberta no coração, ainda contra toda razão se julgara mal d'elle, no de fóra. Quanto mais que a muita continuação de obras santissimas, e virtudes era clara demonstração da pureza de seu animo: porque nunca a malicia póde estar tanto tempo encoberta com a capa de virtude, que ou na occasião, ou em alguma circumstancia não dê sinal de si.

Estava esta malicia dos Judeos tão profetizada, que muitas vezes David pedia a Deos em pessoa de Christo nosso Senhor, que o julgue, não pelos juizos humanos, senão por sua santidade; e que julgue elle sua causa, e o livre de gente não santa, e enganosa (*). Da qual gente diz o Psalmo: «Filhos dos homens julgai bem, se na verdade quereis fallar o que he razão (**).» Mas elles fazem o mal que podem, e sempre urdem mal, e desde os ventres de suas mãis erram por vontade, e se apartaram desde que nasceram da verdade. E tanto he isto assi, que se queixava nosso Senhor hum dia, que não havia n'esta má gente porta aberta, por onde podesse entrar com elles, e allumial-os: «Porque (dizia) veio o Bautista sem comer, nem beber, como os outros homens, e estes diziam: He endemoninhado: vim eu comendo, e bebendo com elles, e julgamme por amigo de vinho, e de mezas de peccadores (***).» E comparava-os a meninos de má condição, e birrentos, que nem queriam cantar com os que cantavam, nem chorar com os que choravam em seus jogos que contrafaziam pelas praças. E todavia o Senhor chorava os males, em que por este peccado havia de cahir. E com sua costumada brandura, quando no rosto lhe diziam o mal que d'elle julgavam, lhes aconselhava que não julgassem pelo que de fora se lhes antolhava, mas com inteireza, como faz Deos, que pesa os corações, e por elles julga o homem. E porque elle he o verdadeiro, e universal Juiz, e desejava não chegar a os julgar, e condemnar, como elles mereciam, lhes ensinava, que não julgassem mal, porque haviam de ser julgados, e medidos pelo juizo, e medida com que medissem, e julgassem aos outros. Por onde se vê quam gravissimo juizo teriam contra si aquelles perversos corações, que nunca souberam medir a incomparavel santidade de Christo nosso Senhor, senão por juizo, e medida de pura, e infernal malicia.

Se os que julgam mal vissem quam máo pleito, e processo armam

(*) Psalm. XXXIV. (**) Psalm. XLVI. (***) Matth. cap. XI.

diante de Deos contra si, por ventura que se fariam só juizes de si, e deixariam as vidas, e obras alheias. Porque primeiramente dão expressa sentença contra si mesmos, que não merece appellação, nem aggravo, nem a terá senão só com penitencia antes da morte. Porque se julgam rigorosamente o bem com mostras de quererem nos proximos mais perfeita virtude, e os tem em má conta pela não seguirem, justamente ficam na mesma obrigação, nem serão ante Deos havidos por justos dispensadores de si mesmos, os que foram rigorosos juizes dos outros. Se o juizo he contra peccados dos proximos conhecidos, e sem liga de misericordia, e brandura, não a merecerão quando a desejarem: porque diz a divina Escritura, que terá juizo sem misericordia o que a não fez aos outros. E se o juizo (conforme ao que aqui tratamos) he julgar mal do bem, e lançar tudo sem respeito, nem prudente ponderação á má parte, não ha mister este diante de Deos outra testemunha, nem parte contra si senão seu proprio juizo: porque claramente mostra que tal he, como o juizo que faz das cousas. Assi o diz S. Paulo, segundo declara S. Chrysostomo: «Quem és tu, que julgas o servo alheio? Não sabes que a ti mesmo condemnas no juizo que contra elle fazes? Porque o mesmo que julgas fazes (*).» Quer dizer: Não vês quem és? Isto he, que tal és tu que a outro julgas, e a prova que n'isso dás de quem és. Tu por ti te condemnas: porque tu farias o mesmo que julgas. Não quer dizer, que o que julga mal, commete o mesmo mal: porque muitas vezes o não faz. Mas que não julgaria o que vê, a mal, senão tivesse no coração inclinação ao mesmo mal. Nunca cuida o impaciente, que pode ninguem soffrer, e julga a paciencia por dissimulação. Nem cuida o devasso, e tibio, que pode haver no mundo aturar muito recolhimento, e muita oração, e continuação de virtudes: e julga o que disso vê por hypocrisia. Não cuida o malicioso que se fazem as cousas com santa tenção, e julga o bem, que vê, ao mal, que se lhe antolha. E tudo isto julga, porque na verdade em caso de paciencia dissimularia o odio, e ira, por mais não poder: e não sabe contentar puramente a Deos, senão aos homens: e geralmente das verdadeiras raizes de mal, que em seu coração reinam, procedem os juizos que lança do que vê. E assi pera se conhecer, basta o que do coração lhe sahe. Ha disto larguissimas, e experimentadissimas provas. Hum mesmo jejum, hum mesmo recolhimento, e huma mesma oração, ou obra boa, vê hum, que se edifica, e se corre de não fazer aquillo, e bate

(*) Ad Roman. cap. XIV.

nos peitos contra si, e louva a Deos em seu servo; e outro o vê que julga tudo aquillo a mal. Isto não por outra cousa, senão porque não fundam os homens seus juizos em razão, senão em suas más inc'inações, e affeições, as quaes quanto peiores forem, tanto será peior o juizo. Vê hum homem hum peccado alheio, e doe-lhe, e deseja de o encobrir, e curar: outro o vê, que o deseja assoalhar, castigar, e infamar: e da mesma cousa se move hum a compaixão e outro a indignação: hum a crueldade, e outro a misericordia. Por onde he verdade, que quem a outro mal julga, a si mesmo condemna: porque tal he na má raiz de seu coração, qual he o juizo que das cousas lança; e tal seria na occasião (se Deos o não tiver) quaes julga que os outros são. E posto que não se deve julgar bem do que manifestamente he mal; porque isto he contra o divino juizo: todavia na moderação do juizo, e no effeito que o mal alheio, que vemos, faz em nosso interior, mostra o bom, ou máo animo que em nós ha; e esta he huma grande razão pera passar levemente, e com soffrimento pelos máos juizos; porque parece que não tenho razão de me escandalizar de quem julga de mim o que sabe de si. Os que se sentem inclinados a este vicio, de lançar tudo á peior parte, cuidem de si, que diante dos olhos de Deos são os peiores homens do mundo, e que só a elle devem não porem em execução quantos males a malicia humana pode inventar; porque quanto a si, claramente vem, que quem tanto mal em tudo entende, todo lhe sahe de dentro da imaginação, e coração, e de todo he capaz. E pera se remediar, trabalhe por enfrear a lingoa, pera que o seu mal fique só entre elle, e Deos, por ter menos que curar. Depois d'isto, quanto máo juizo se lhe offerecer, rebata contra si, e accuse-se diante de Deos d'aquella má raiz, que seus divinos olhos vêm, d'onde nasce aquelle mal que julga. E trabalhe sempre por buscar razões pera defender os proximos; e quando as não poder achar, confesse-se diante de Deos por peior, como na verdade he, pois he tão aspero pera o mal alheio: e cuide que se o outro soubera enxergar seu mal proprio como elle vê, e o julga, houvera de si medo, e se emendara: por onde fica o outro menos máo por cego, e elle peior por mais malicioso ponderador. E se tem por officio julgar, e emendar o proximo, condemne primeiro com humildade a si, pera julgar outros com temor de Deos. E todos pera se humilharem entendam, que mais deve a Deos (segundo a doutrina theologica) quem elle perserva de cahir em peccados, que a

(*) August. Enaratione in Psalm. cxx.

quem perdoa os commetidos: como devo mais a quem me tira a lançada que me poderam dar, que se me curara depois de dada. Por onde he verdade o que diz o nosso Padre Santo Agostinho, que tantos peccados Deos me perdoa, quantos me tem que não commeta, que como homem podera commeter; e assi com verdade se pode cada hum ter por tão máo, como o mais máo que vê, porque como este Santo diz: «Nenhum peccado ha que os homens commetam, que não possa fazer qualquer homem, se Deos, que fez o homem o não tiver (*).» Pois quem julga mal a si condemna, porque esse he na massa, e esse fora na culpa, se o Deos não tivera. E por isso quando vir males, doa-se de quem os tem, e agradeça a Deos não os ter, porque não lhe mereça que lhos deixe commeter.

D'aqui fica entendido, que os servos de Deos nenhuma conta hão de fazer dos juizos humanos inconsiderados, e ter por averiguado, que não podem elles escapar do que se não livrou a pureza, e santidade da vida de Christo nosso Senhor. Mas como se determinarem a o servir juntamente esperem por esta cruz, e trabalho. Porque o mundo, que a deo ao Senhor, a ha de dar a todos seus servos. E chamo n'esta materia mundo todos de qualquer gráo, e qualidade que sejam, que não tem espirito pera fazerem as boas obras; que julgam mal, e não tem uso, e experiencia da fermosura da virtude: quaes são não só os vãos mundanos seculares, mas tambem os religiosos, e ecclesiasticos tibios, e esquecidos de suas obrigações, e da perfeição de seu estado que professaram. He verdade que em quanto o espirito não está alevantado muito nas cousas divinas, custa muito ser mal julgado contra razão, mas isto he ainda de imperfeitos. Lembrem-se todavia quanta obrigação tem a Deos, e a sair pela virtude, e mostrar-se mais constantes em seguir a verdade que Deos lhes dá a entender. Tenham por certo que o mundo não julga mal do bem, por odio que tenha ao mal, mas só por desacreditar a virtude; porque o mundo ama os vicios, posto que sabe que são males, porque vive d'elles; e pera os sustentar, os alevanta, consagra, e approva. E porque as virtudes lhe são contrarias, as infama com titulo dos males de que gosta. Por isso faz do recolhimento hypocrisia, do zelo paixão, da justiça indignação, da reformação ambição, da santa conversação deshonestidade, e tudo mais intitula a este modo; porque quando fizer parecer que as virtudes são taes como seus vicios, lhes perca o medo, e respeito, e fique mais folgado, e desassombrado, continuando seus peccados. «Se foreis do mundo (disse o Senhor aos Apostolos) elle vos amára, mas por-

que não sois seus, vos aborrece.» Da mesma maneira, se os virtuosos foram na verdade tão máos como o mundo julga, elle os louvara como louva aos vingativos, com titulo de esforçados; aos vãos, com titulo de honrados; aos prodigos, com titulo de liberaes; e aos mais viciosos, com titulo de honrosos, e favorecera-os nos males que d'elles julga. Mas porque o mundo conhece, que a virtude que os justos seguem, he condemnação sua, aborrece-os, e pelos quebrantar persegue-os, e julga-os por taes, como elle he, ou pera os fazer de seu bando, ou pera acanhar a virtude. Pelo qual assi como em toda outra cousa nenhum caso se faz do juizo, e parecer do que não tem uso, nem experiencia d'ella, assim nenhum se ha de fazer dos juizos dos homens, que tem experiencia de vicios pera se lhe parecer tudo com elles, e nenhuma tem da virtude pera a approvarem, e louvarem quando a virem. Não digo que os servos de Deos tenham os outros por máos, pera sustentarem a virtude; mas que certificados da verdade que d'ella entendem, conheçam o ardil com que o Demonio os quer espantar, e quebrantar, pera com mais animo perseverarem n'ella, e vencerem com a paciencia, e rogarem a Deos nosso Senhor pelos que os perseguem, que lhes mostre a fermosura da virtude. E pera acertarem, quando se virem mal julgados, ponderem a regra, que devem ter visto, que deo S. Paulo, dizendo assi: «Em nenhuma conta tenho ser de vós julgado, nem eu a mim me julgo; o que me julga he Deos»(*): que são trez importantes avisos.

O primeiro, que nem pera o bem, nem pera o mal, pendamos do humano juizo puramente, que como fraco approva, e desapprova enganadamente, mais pelo que quer, vê, e imagina, que pela verdade das cousas. Por isso não he bastante razão pera fazer as cousas, serem pelos homens approvadas, nem pera as deixar de fazer, serem mal julgadas. Antes se este for o governo do que houvermos de fazer, nem será possivel contentar a todos, pois cada hum tem seu juizo; nem livrar-nos de muitos enfadamentos, que de os querer contentar recrescem.

O segundo, que em nossas cousas, nem em nosso proprio juizo nos asseguremos, pera por elle as havermos por boas, ou más. Basta que com boa tenção, com temor de Deos, e com bom conselho de alguns seus servos, quando for necessario, sigamos o que nos parecer melhor, e mais seu serviço; e com puro desejo de o contentar façamos da nossa parte o que podemos. Mas são tamanhas as obrigações que temos a Deos,

(*) 1. ad Corinth. cap. IV.

e a nossa salvação, e tantas as imperfeições de nossa miseravel natureza, que ninguem deve cuidar de si, que contenta de todo a Deos, nem justificar-se a si mesmo, que he tomar o officio a Deos, e caminho de perder a santa humildade. Nem he pequeno genero de tentação, querer saber a alma o estado em que está; se nos cumprira, tão amigo nosso he Deos que lh'o não encubrira. Mas o que a nós nos toca, he trabalhar por fazer muito, e nunca nos parecer que fazemos de todo o que devemos. E quanto mais formos contra nós no juizo dos nossos bens, tanto mais puramente os faremos.

O terceiro he, que a alma, que quizer viver consolada, e quieta, lance no meio de todos os humanos juizos os olhos em seu Deos que tudo vê, e a elle se humilhe, procurando sempre contental-o; porque como se governa por acertadissima sabedoria, que tudo vê, e pesa em justissima balança; nunca podemos com elle perder; porque he hum juiz que o bem que vê ajuda, e acrescenta com sua graça, e favor; supre, e alimpa nossas imperfeições; esforça nossa fraqueza, pera mais fazer; e allumia nosso entendimento, pera conhecer, e fugir do mal, e o mal que em nós vê julga, atalha, remedea, e perdoa com misericordia.

Exercicio de ser o Senhor mal julgado pera quietar as almas nos humanos juizos.

Sapientissimo Juiz, e justissimo conhecedor de meu interior, a quem nada he encoberto, e cujos olhos estão sempre sobre os bons, e máos filhos dos homens. Vedes este meu coração, e o que n'elle vos descontenta vós o sabeis, e conheceis quanto mal cumpro com a obrigação de vos servir. Onde me poderei esconder de vosso juizo? Se for ao Ceo, lá estais; se descer ao inferno, lá me conhecereis; no centro da terra vos estarei sujeito. Melhor he a mim que me vejais, e me conheçais, que esconder-me de vós, ainda que podéra; porque escondido com meu mal me ficára, e vós sempre olhais com misericordia. E posto que pelo que em mim ha, tenha razão de fugir de vós, e haver-vos medo; onde me irei fóra de vós que me remedeie? Pois Deos meu, e meu Juiz, lançai em mim vossos piedosos olhos. Vede como vão crescendo em mim meus males. Vede a pressa, e diligencia de meus inimigos, pera me apartarem de vós. Vede minha fraqueza em lh'o resistir; minha malicia em

vos offender; minha pobreza de toda a virtude; meu descuido em vos servir. Julgai-me Deos meu, pela minha justiça e pela minha innocencia que procede dos merecimentos de vossos trabalhos. O amor, que me tendes eterno, vio que tudo quanto em mim ha, he contra mim, e por ter da minha parte alguma justiça, que me valesse ante vosso divino juizo, me deo o vosso suor, vosso sangue, as vossas dores, vossas afflições, que por mim passastes, a vossa innocencia, e sobre sustancial perfeição pera allegar por mim. Lede, Senhor, n'estas leis, que em vós escrevestes a sentença que eu hei mister, e por ellas me julgai. Olhai Senhor, as raizes que n'este coração estam lançadas de todo mal, a imperfeição de todo bem. Fazei justiça, tirai tudo isto de mim, e plantai de vossa mão este coração, do que vós quereis que n'elle cresça, e frutifique. Meu bom Jesu, quando vejo quam máo coração tenho, hei medo de me verdes, e sou forçado, pedir-vos com o vosso santo David, que afasteis vossos olhos de meus peccados (*). Quando vejo que só vós os podeis curar, hei medo que me não queirais ver, e com o mesmo vos peço, que olheis pera mim com misericordia. Creai vós, Senhor, em mim novo, e limpo coração, e tudo remediareis. Lembrai-vos Senhor, que por vezes dissestes a Noé, como verdadeiro conhecedor de nossos corações, que toda a imaginação, e inclinação do humano coração tira sempre a mal (**). Não dissereis vós que toda, se de seu tivera algum bem que d'elle procedera; nem dissereis sempre, se houvera em nós alguma boa hora de que nos poderamos gloriar. Não nos fizestes vós d'esta maneira, mas porque nós pervertemos todos os bens que em nós criastes, com justo juizo nos julgais por fonte de todos os males. Oh fonte de todos os bens, pois não sois menos poderoso pera reformar o damnado, que pera o criar de novo, criai em mim novo espirito, que renove os bens que esta alma tem perdido.

Que mal ha, Deos meu, que do coração humano não nasça? E se vós com vossa poderosa mão o não curardes, que bem poderá n'elle entrar? Entre os homens vivestes, luz divina; trabalhastes, saude eterna, por curar seus vicios, fizestes-vos espelho de toda a perfeição, e virtude; nada vos ficou por fazer, pelos ensinar e allumiar; e achastes tudo tão damnado, e tão alagado da chea de peçonhentos males, que dos humanos corações corria, que não só não vos aceitavam vossos bens mas por taes julgavam vossas bondades quaes elles eram. Oh Filho de Deos vivo, adoro essa mansidão e paciencia comque quizestes soffrer tamanhos desatinos dos humanos corações. Pa-

(*) Genes. cap. VIII. (**) Psalm. L.

rece que em certo modo mais vos devo por querer ser dos homens mal julgado, que morto; porque pera vos matarem, os podia cegar a ira, e paixão, e com ella vos darem a morte que desejaveis, mas pera de vós julgarem mal, nem sobre cuidado, e de proposito poderam achar de vossas eternas verdades, e purezas cousa que os cegasse, e enganasse, e não julgavam de vós senão a baixeza, e malicia de suas mentiras, que vós aborrecieis. Que bondade he essa, que tanto soffre? Ah bom Jesu, que nem de vós sabe o mundo julgar senão o que faz. Não sabe comer com os seus senão pera profanas bebedices, e não pode cuidar de vós, fonte de saude divina, que vos humilhareis a comer com elles pera os converterdes, e não pera outro fim.

Tem o mundo todo seu trato, e commercio com o Demonio, a quem obedece, e serve, e não pode cuidar de vossa divina virtude, que lhe farieis as mercês que lhe fazieis por vossa bondade, senão por companheiro de Satanaz. Que vio em vós o mundo, pera julgar de vossas cousas mal? Nunca de vossa boca ouvio huma palavra má, nem ociosa; nunca em vossa innocentissima modestia vio cousa leve, nem profana; nunca em vossa conversação vio despejo, nem ociosidade; nunca em vossa doutrina achou senão divinissimos conselhos: nunca em vossos milagres achou as mentiras, e males dos Demonios: nunca em cousa que em vós visse achou tacha verdadeira; nunca lhe quizestes o seu; nunca lho tirastes; nunca o procurastes. Pois que acha em vós pera lançar vossas cousas a mal? Até esta tão baixa cruz quizestes por mim passar, bom Jesu? Vossos açoutes, coroa de espinhos, bofetadas, e Cruz fazem dos ladrões cidadãos do Ceo, e curam os peccados dos mesmos que vos atormentaram. Mas serdes dos homens mal julgado, faz mais sem cura os peccados de tão máos juizes, e cerra as portas da alma á toda vossa luz, e misericordia. Bemdito, e louvado sejais que tanto á vossa custa me quizestes consolar n'este trabalho, quando me n'elle visse, e mostrar-me quanto me devo temer d'este meu perverso coração humano.

Ah Senhor meu, Redemptor da minha alma, e saude d'este enfermo coração! Eis aqui o de que me queixo ante vossa misericordia de mim: por isto gemo; por isto dá meu interior vozes a vossas misericordiosas orelhas. Vós dizeis que toda minha inclinação he pera mal sempre; os corações dos filhos de Adão me dizem com isto, que he isso tamanha verdade, que não só desejam sempre, e querem o mal, mas que nem a vossa soberana verdade que diante dos olhos tem, sabem ver, senão como

mal, e pera mal. Ah Deos meu; ah bondade infinita, a esta mesma bondade me acolho, pois não posso fugir de mim senão pera ella, e ella só tem virtude pera vencer esta minha grande malicia. Ainda hoje sou eu este; o que me defendeis julgo por bom, tenho por vida o que me mata: por consolação o que de vós me aparta: vossa lei tenho por pesada: vossa conversação por rigorosa; deixar os peccados por penoso; commetel-os por gosto: occupar-me sempre em vós por fastio; gastar a vida em profanidades por desenfadamento; vossos gostos tenho por cansativos, os desaventurados d'este corpo por recreativos e suaves. E o que he peior, que ainda que creio tudo isto ao revez com vossa fé, sigo o contrario do que creio, pelo juizo d'esta terra que sempre me leva abaixo. Quando, Deos meu, me livrareis de mim? Que cousa ha em mim que não corra sempre pera mal? Os proprios bens que me dais julgo com tão pervertido juizo, que se vós assi mo dereis, não podereis ser quem sois. Da vossa misericordia julgo que posso tomar largueza de peccar, do vosso soffrimento, que seguramente posso dilatar a emenda, de vossa piedade que me posso salvar, e contentar-vos com viver á minha vontade. Cuido que posso ajuntar n'este triste coração vosso divino manjar com minhas abominações. Julgo que tão levemente passará por minhas culpas, e desaventuras vossa inteirissima justiça, que sem emenda mas perdoará. Tudo em mim he desordenado, e pervertido juizo, e affeição. Alargai, bom Jesu, essa bondade, com que até agora me soffrieis, tambem a me curar como eu hei mister. Bem vedes, Senhor, que estou tão enfermo, que sendo este na verdade todavia me tenho por são, e por bom, e me vanglorio de qualquer faisca de barro, e de qualquer migalha de virtude, que ás vezes me fazeis desejar, ou fazer. Quero ser tido dos homens em outra conta que sou. Não soffro ser mal julgado, não sendo possivel que me possam os homens julgar por tão máo, como vós sabeis que sou. Curai, Senhor, estas chagas com vossa virtude. Alevantai meus olhos a vós, e allumiai-os, porque em vós veja o que em vós tenho, e em mim o que vós vedes, e reprovais. Não me deixeis mais trocar o juizo das cousas, estimal-as no que são, e a mim no que na verdade mereço, e a vós, Deos meu, estimar, e desejar, e abraçar como meu verdadeiro Senhor, Juiz, Pai, e todo meu bem. Reformai, Senhor, as potencias d'esta alma, pois pera vós as criastes; alimpai este interior, pois isso principalmente quereis que vos dê. Vença em mim vossa misericordia fazendo d'este charco, e pego sem fundo de males, casa, e morada de vos-

so durissimo espirito. E pois eu sempre sou inclinado á peior peçonha que me aparta de vós, e nem sendo eu este me quereis lançar de vós; vinde a mim, e com vossa presença santificai os erros d'esta vossa criatura.

Hum dos maiores erros, Deos da minha alma, que de minha soberba nascem he, sentir muito ser julgado dos homens: e vós sabeis, Deos meu, que não sentira eu isto tanto, senão estimara muito ser d'elles louvado em tudo. Quamanha vaidade esta he, vós humilissimo Jesu o sabeis; e quanto damno me faz vós o entendeis. Que me podem fazer os juizos humanos? Eu na verdade sou tal, qual de vós sou julgado, seus gabos não me melhoram, e seu descredito não me faz máo, e na verdade nenhum póde ser tão máo, que possa julgar de mim tanto mal, quanto d'este misero coração pode nascer. E se todas as criaturas se ajuntassem a condemnar os males que contra vós cemmeto, não os saberiam pesar em justa balança: porque mais feos são do que elles sabem cuidar. Pois de que me queixo? E todavia bom Jesu, tendo diante de mim a grande obrigação de vos contentar, meu justissimo Juiz, queixo-me de se descontentarem de mim os homens. Lembra-me em quanto faço o que parecerá aos homens, pondero as palavras por lhes agradar, e queria ajuntar as condições, e affeições de todos a meu parecer, e que ninguem variasse no juizo que queria que fizessem de minhas cousas! Oh que desaventurada vaidade! Quanta parte do coração me leva: quanto me occupa o sentido; quanto me entristece, indigna, enche de pensamentos que a vossos divinos olhos descontentam! E quanto maior vaidade he, Senhor meu, quando fico contente de parecer bem o que faço, e de sentir os homens contentes de mim, e de minha conversação, e quando meu coração me inclina a desejar de saber o que de mim julgam, não pera tirar escandalo, mas pera me satisfazer a mim. Oh quam puro he o espirito que a tudo isto dá de mão, e com nada d'isto se move! Remediador piedosissimo de minha alma; arrebatai todo meu sentido, cuidado, e tentação a vós; havei piedade d'este tão espalhado coração. Pera vos contentar a vós, Deos da minha alma, não tenho trabalho, porque sois bom de contentar, e com vossa bondade vos acommodais ao que posso, e ao que sei. No que cumpre á minha salvação tendes-me descoberto vossa vontade, pera que a não erre; e nas cousas que não são d'esta importancia, em que não tenho necessidade de ter certeza do que n'ellas quereis, aceitais-me a boa tenção, e desejo, ainda que seja diffe-

rente do que vós n'essas cousas quereis. Soffreis-me quando me vedes errar, e ajudais-me pera me alevantar, e nunca diante de vós sou tão máo, que vosso piedoso juizo não ache razão pera me favorecer, pera que o não seja. Comvosco Deos meu, sempre passo bem. Mas os homens curtos no entendimento, affeiçoados no juizo, differentissimos nas inclinações, e pareceres, como me he possivel contental-os? Approvam, e desapprovam sem consideração; hum quer que soffra, quando outro quer que me vingue; hum me tem por humilde, quando outro me tem por hypocrita; hum me tem por mole, quando outro me tem por recolhido: e tudo he a este modo sem fundamento. E quando me fora possivel contental-os a todos que ganharia n'isso? Que proveito pera esta alma tiraria?

Meu Criador, e meu divino Mestre, infinitas graças vos dou pelo amor com que me desobrigastes de todos estes cuidados, e me ajuntastes todas as obrigações em vos amar de todo coração. Se ahi estiver meu amor, nunca offenderei a ninguem; porque não será possivel fazer-vos a vontade, e errar no que devo aos proximos. Pois Senhor, ajuntai os espalhados de Israel a vós. Tirai d'este coração a estima dos humanos juizos máos, e bons, porque nenhuma parte d'elle me leve cousa fóra de vós. Não me deixeis desejar contentar a hum mundo, que nunca se contentou de vós, nem sentir os juizos de quem nunca soube julgar bem de vós. A vós quero só contentar bem; a vós offereço todas minhas cousas interiores, e exteriores. Ande sempre em meu coração viva, vossa divina presença, e alevantai a vós sempre meu espirito; porque desapegado de tudo o que me não pode encher de vosso amor, pera vós viva, pera vós falle, pera vós cuide, pera vós deseje, e em vós todo meu interior descanse, meu bom Jesu, meu justissimo juiz, meu piedosissimo amigo, e meu suavissimo redemptor, e salvador,

Oh Madre de Deos cheia de graça, e rica do Senhor, que comvosco sempre está; quam grande, e rica fostes nos olhos de Deos, e quam desconhecida nos olhos do mundo. Por aquellas prisões de amor puro que sempre vos tiveram, e tem unida a vosso Deos, Senhor, Esposo, Filho, e divino Thesouro, vos peço favor pera que elle pegue a si este coração, com simples, e santa tenção, e puro amor em todas as cousas, pera que nenhuma parte d'elle me leve alguma baixa creatura. Corte celestial aceitissima a este Senhor, e divino Juiz, não conhecida, nem desejada do mundo, ponde n'esses vossos bens o desejo, e cuidado d'este pobre coração, porque occupado não possa ser das cousas da vida pervertido. Amen.

TRABALHO XXI

Ser murmurado.

Traz ordinariamente o trabalho de ser mal julgado outro não menor comsigo, de ser murmurado, o qual n'isto se vê quam grande he, que fazendo-se muitos dos que na vida ha, com o costume mais leves; este a continuação o faz mais pesado. He a murmuração algoz do máo juizo; porque não damna o máo coração ao proximo, senão depois que entrega á lingoa o máo juizo que d'elle tem. Faz ella tambem este officio, e com tanto damno, que não só põe na praça o mal proprio encoberto, mas pera mais damnar o córa, e justifica com razões, e apparencias de bem. E como quasi todo homem he, ou pouco, ou muito d'este vicio tocado, tambem não ha pessoa, nem cousa que escape de ser em alguma maneira murmurada. Nem pode cuidar ninguem, que vivendo entre gente, deixará de ter seu pedaço d'este trabalho, pois não valeo a Christo nosso Senhor a santidade de sua pessoa, e a pureza de sua vida, pera não ter grandissima parte d'elle, que elle soffreo com tanta mansidão, e paciencia, como todos os outros. Pelas praças, e ruas, pelas casas, e tendas de officiaes, e muito mais pelas Synagogas, e conselhos dos Judeos, entre seus letrados, e principaes, havia tantas, e tão feas murmurações do Senhor, quantas, e quaes nenhum outro justo padeceo pela virtude, e por esse mesmo Deos. Os magotes, e ajuntamentos da gente; os serões, e soalheiros; as sobre-mezas, e passeios, em nenhuma outra pratica mais se gastavam que em murmurações d'elle, e zombarias dos que o seguiam, e lingoas de maldizentes. Alguns havia que o defendiam, mas isto (como costuma) servia de dar maiores fios ás más lingoas, e de maior occasião de porfias, e contendas sobre elle. E como a malicia encontrada mais se refina; lançariam as lingoas dos murmuradores mais feas palavras, e pragas contra o Senhor, quando alguns tivesse por elle. Huns diziam, que peccador não podia fazer milagre; outros, que não podia deixar de o ser quem não guardava o sabbado (*). Os sacerdotes diziam, que nenhum dos principes o seguia, senão a chusma do povo maldito, e que só com a gente baixa se atrevia. Os letrados murmuravam de se fazer elle Filho de Deos. Os Fariseos por estes lhe chamavam feiticeiro, e companheiro de Satanaz, e tachavam toda sua

(*) Joan. cap. IX.

communicação com peccadores. Passavam tempo sobre a qualidade dos discipulos, que ajuntava pescadores. Escarneciam de toda a pessoa que o seguia, e quando se offerecesse occasião a cada hum d'elles poriam mil nomes, e dariam apodaduras, e fariam outros escarneos como o mundo costuma, que todos redundavam em affronta de Christo nosso Senhor. E a este modo tantas, e tão varias murmurações diziam do Senhor, fundadas em malicia, e misturadas com falsidades, que lhe assacavam, que costumam ser as companheiras das murmurações, que soffrel-as, e passar por ellas, e não deixar a obra de nossa redempção por fastio, e asco das lingoas dos maldizentes, nos obrigava a tanto amor, e tanto agradecimento, como ella mesma. Porque não devemos ao Senhor menos pelo modo, e por cada huma das circumstancias, com que nos fez mercês, que por ellas mesmas. E monta tanto todo este genero de trabalho, pera quebrantar a vontade, e tirar o gosto de fazer bem aos murmuradores, ou pera deixar o bem começado, que Deos nosso Senhor, posto que não deixou de cumprir o a que Abraham prometteo de dar á sua geração a terra de Promissão; todavia não quiz que n'ella entrasse nenhum dos murmuradores que sahiam de Egypto, e todos morreram no deserto, tirando dous. Mas depois de feito homem, passa as murmurações com soffrimento, e não deixa de continuar as mercês que áquelle povo fazia. E porque seus Apostolos seguissem n'isto sua condição, e espirito, e fossem em procurar a salvação de seus murmuradores mais importunos, assi como os avisou que se não quebrantassem com os máos juizos que contra elles teria o mundo, assi lhes manda que não deem nada por suas murmurações, mas fizessem conta que não haviam de achar menos contra si, do que lhe viram a elle soffrer, dizendo: «Se ao padre da familia chamaram Belzebub, que deixarão de dizer dos de sua casa?» E por isso apercebidos pera tão enfadonho e cansativo encontro, fossem determinados a não deixar sua obra, por mais peçonha que contra elles as más lingoas lançassem.

Não he esta pequena consolação pera todos os servos de Deos, e que fazem obras boas, e virtuosas (que pela mór parte são os mais murmurados) fazel-os Deos do numero dos de sua casa, e dar-lhes parte do trabalho por onde elle passou; e pera conservarem tamanho privilegio, e honra, cumpre, que se pareçam com o Senhor da casa, no soffrimento d'este trabalho. Porque outros muitos que o não servem, são murmurados: mas nem por isso se pódem ter por seus criados: porque como o

mundo he região de trabalhos, e máos, e bons os passam; a paciencia he a que faz a differença entre elles; porque os da casa de Deos tomam os trabalhos que merecem com humildade, pera satisfazer por elles, e os que não merecem com gosto, por se parecerem com elle. E os que são máos, nem os trabalhos que merecem, nem os que não merecem soffrem, senão com paciencia raivosa, porque mais não pódem: e ás vezes não ficam menos culpados na perversa paciencia que tem, que nas culpas por onde mereceram seus trabalhos. O nosso padre de familias Christo nosso Senhor, que por mercês recebeo murmurações, nos deo de si tão heroico exemplo, que não offereceo menos seus beneficios aos que o publicavam por companheiro de Belzebub, e por tal lh'as enjeitavam, que aos que com louvores lh'as recebiam. He este hum perfeitissimo artificio de confundir as lingoas dos murmuradores: enfreal-os com a perseverança na virtude, soffrimento, brandura, e boas obras, quando as houverem mister. Porque em nenhuma cousa he o tempo, e vida com menos proveito empregado; que em dar muitas justificações contra as más lingoas. Porque como o que murmura não busca razão pera o que diz, senão que nunca lhe falte que dizer, muito mais se atiça a fallar com a razão, que vê contra si. E se antes de ouvir a justificação murmura só da obra, depois de a ter ouvido, murmura com desfazer n'ella, e contrapontear todas as palavras, geitos, artes, modos do que se justifica, e por tudo damnar-lhe a tenção: e finalmente lhe serve toda boa razão de lenha pera mais acender o fogo da murmuração. Mas o silencio, e soffrimento, a boa graça, e boa sombra da mansidão, a perseverança na virtude, a dissimulação religiosa, o santo silencio a tudo o que se diz, he poderosissima arma contra toda a murmuração: porque se nasce de malicia, em sua propria raiva fica com isto castigada, e em não sahir com ella a campo, mais abatida: e se nasce de ignorancia, e descuidado costume, fica mais atalhada.

Uma só obrigação geral tem n'esta materia todos, que trabalhem de sua parte que não haja n'elles justa razão de serem murmurados. E só por esta obrigação muitas vezes achamos na doutrina dos Santos, que attentemos nas cousas que os homens dirão do que fazemos. O qual conselho não he cativar-nos a que seja o regimento de nossa vida, o que dirão; mas obrigar-nos a que não tenham com razão que dizer. E quando a obra for feita, não só com a tenção, mas com o modo com que Deos manda, desobrigados estamos de todo a ter conta com o que dirão. An-

tes a experiencia ensina, que a mais geral peste da vida virtuosa he, attentar em tudo pelo que dirão. Porque os que muito a isto se cativam, deixam de fazer o que devem, pelo que dirão d'elles. Porque como são mui contados os que tem espirito pera fazer o que são obrigados, quando he com desgosto de alguma pessoa, ou amigo, ou maior ou companheiro, ou contra o que segue, e diz o povo, ainda que errado; pode muito mais pera derribar nossa fraqueza, arrecear de descontentar hum só, que pode dizer o que se lhe antolha contra toda a razão, que a obrigação da virtude pera encontrar o que dirão. Por isso nosso Senhor atalha tudo isto com dizer, que tenhamos por averiguado, que os de sua casa não serão menos murmurados que elle; e que lhe não serão aceitos, senão quando cerradas as orelhas a tudo, fizerem o que devem como elle.

Hum desengano tenham os servos de Deos, pera se não inquietarem com as injustas murmurações que d'elles ha; que por mais que n'ellas causem, ainda que tenham victoria da virtude com perseverança, nunca já mais abaterão de todo as bandeiras da lingoa. Tome por espelho n'isto a Christo nosso Senhor, que tendo este trabalho de ser murmurado por tamanho, que muito ante tempo David muitas vezes o profetizou, queixando-se a Deos em sua pessoa das lingoas dos maldizentes (*): e dando-lhe tambem graças na mesma pessoa do Senhor, que sempre o livrára d'ellas; nunca de todo as fez calar. Por onde se vê que he o mal d'ellas de qualidade, que não está a victoria em emmudecel-as, mas em desmentil-as com pureza de vida. Assi, posto que nosso Senhor houve perfeita victoria dos murmuradores, a perfeita, e acabada confusão delles, e o pregão geral da victoria reservado está só pera o dia do juizo: e pelo mesmo estilo levará Deos a seus Santos, contra os quaes muitas vezes Deos deixará, no de fora, prevalecer por seus secretos juizos as lingoas dos maldizentes diante dos olhos dos homens: e os levará para si com tão consumada victoria, que nenhum mal das lingoas lhe faça prejuizo ás almas: mas será a gloria, e honra d'esta victoria encoberta até o dia do geral juizo, aonde se verão os maldizentes como mereceram, e os murmurados na honra, e gloria que nunca imaginaram.

Assi o diz a divina Escritura, que quando os máos no dia do juizo virem a honra dos bons, de que zombaram, e murmuraram na vida, dirão confusos, e sem proveito conhecidos: «Estes são os que em algum

(*) Psalm. CXIX.

tempo escarneciamos, e tinhamos por barreira de nossos vituperios. Olhai como estão entre os filhos de Deos, e a boa sorte que tiveram entre os santos! Logo errámos, e não nos allumiou a luz da justiça (*). Pelo qual tenham os servos de Deos por mui mal empregado o tempo em satisfazer murmurações; e pois elle he tão breve, he melhor poupal-o para paciencia, e imitação de nosso Senhor, e deixar a elle sua causa. Não tira isto em alguns casos particulares, necessidade, ou obrigação de dar conta de si, ou em publico, ou a pessoas particulares, pera bem de algumas almas, ou honra da Igreja, ou gloria, e serviço de Deos. Mas isto deve de ser com mansidão, brandura, e tal temperança, que baste pera cumprir com a obrigação, e haja freio na lingoa, pera que não fique murmurador de seus maldizentes. Porque d'outra maneira, se em huma cousa ficar justificado, na outra ficará tal como elles. E porque em propria causa pela maior parte somos demasiados, deve-se de tomar n'esta materia conselho com servos de Deos, e não passar de seu regimento.

De hum vicio se devem muito de vigiar, que he de se queixar muito, e encarecer muito as semrazões dos maldizentes. Por que como isto parece que se funda na justiça, e razão, encobre com mais prejuizo o damno da alma. Quem muito encarece seus queixumes, perde muito a pureza da paciencia, arrisca-se a confiar muito de si, preza-se de sua virtude, e razão, desfaz no credito do proximo, diminue a perfeição do amor que lhe deve, e toma sobre si a parte de suas cousas, que deve deixar a Deos. E quando no cabo das queixas se quizer recolher a elle, a experiencia lhe mostrará, que terá mais que curar em si, que nas lingoas dos maldizentes. Muitos são os bens que por queixumes se perdem, e muitas as imperfeições da alma que encobrem, que deixo á experiencia, por me não alargar muito. E tambem digo, que as não sentirá, nem entenderá senão quem trouxer mui principal cuidado do aproveitamento espiritual da alma. Mas se tomarem meu conselho, gastem o tempo das queixas com Deos, que tudo vê, e verão que grande, e secreto thesouro de bens espirituaes he, terem sempre muito de que se queixar, pera muito calar, e soffrer, e lograr em segredo os prazeres do nosso soberano Padre de familias, que os maldizentes, que fóra de sua familia andam, não vem.

Huma qualidade tem a murmuração, pela qual não deve tratar d'ella quem quer viver quieto, que he de ser doença quasi sem cura. Porque

(*) Lib. Sapient.

a mais da gente que murmura, ao menos quando o faz, he ociosa, e muitas vezes maliciosa, e toma a murmuração por gosto, e desenfadamento do tempo. E como as cousas que servem de passatempo da vida, e não tem freio da razão, ordinariamente são as melhor recebidas, e mais seguidas, ainda que o trabalho que dão seja mais cansativo, e importuno, tem o remedio muito mais impossibilitado. E d'aqui vem, que quando vos mais estais matando pelo que se de vós díz, está o murmurador passando sobre vós a melhor hora de seu gosto. Por onde não sei que maior desproposito pode cahir em hum sisudo, que estar-se comendo no seu retraimento pelos ociosos passatempos dos poiaes, e soalheiros. E o mundo, e lingoas que com puro siso não podem ter cura, não será possivel tel-a com raivas. Porque se o murmurador he malicioso, não tem melhor hora que quando vos vê comichoso; e se he ocioso, acha mais desenfastiados os ditos quando vos vê tomado.

He muito melhor o conselho dos antigos filosofos, que devem os murmuradores servir aos virtuosos de lição, e espelho de seus defeitos. Porque muitas vezes o amigo, ou lança o defeito á parte, ou tem respeito, ou descuido pera o não dizer a quem tem amizade. Mas o murmurador, como tem perdido o respeito, acha melhor o defeito alheio, e sem tento o tacha. E o sisudo virtuoso nas tachas que lhe põe o murmurador vê mais claro as de que se deve emendar, se as tem, ou as de que se deve guardar, se lh'as assacam. Além disto, como a virtude, e a boa consciencia não podem cahir debaixo da lança da lingoa, não tem ella jurisdição pera lhe fazer nenhum verdadeiro damno, e com sua peçonha muito mais a realça. Porque se o murmurador diz bem do mal, he tanto impossivel ajuntal-os, que fica o mal com o mais bem condemnado. E se diz mal do bem, nem com isso pode o bem ficar damnado: e o mal contra o verdadeiro bem, fica pela propria lingoa do murmurador condemnado. Por onde por todas as vias ganha a virtude sempre. Huma porque nem combatida pode ser vencida: e outra que os proprios males que a combatem ficam pelos juizos, e lingoas dos seus reprovados. De tudo isto fica entendido com quanta razão disse S. Bernardo aos Prelados, que tambem serve aos servos de Deos que são murmurados, que estaria sempre a virtude ociosa, se a não houverem de exercitar senão em gente sãa, e virtuosa: porque estes não tem necessidade de cura (*). Mas quando nos ociosos, nos maliciosos, nos murmuradores se emprega, em

(*) Bernard. Lib. de Consideratione.

os soffrer, em os favorecer, em os servir, e em lhes fazer bem, então está mais bem assombrada, e fermosa. Mas não sei se me queixe de quanto o mesmo S. Bernardo infamou os Monges em dizer, que seu esparecimento era a murmuração. Devia elle bem de sentir as perdas d'este passatempo, pois não acabou com sua virtude calal-o. E cuido que no Ceo onde está, aceitará que todos os d'esta profissão o desmintamos: e os que o não fizermos, lembremo-nos que diz o Apostolo San-Tiago: «O religioso, que não enfrea sua lingoa, mas engana seu coração, d'este tal, vãa he a religião.»

Exercicio de ser o Senhor murmurado, pera consolar a alma nas lingoas dos murmuradores.

Bondade infinita, e Deos de minha alma, bom Jesu, meu Senhor, minha bemaventurança: adoro-vos, e dou-vos infinitas graças, que por tantas vias, e tanto á vossa custa me tirais o amor de toda a cousa terrena, e vos offereceis a meu coração, pera comvosco satisfazerdes todos meus desejos. Se eu tiver os olhos abertos como poderei amar, e estar apegado a huma terra, e á gente em que couhe tamanho mal, que se atreveo a pôr boca em vós, meu soberano bem, e não pera vos louvar, nem pera vos pedir o que vós nos podeis dar? Pera que vivo nesta vida? Levai-me Senhor, onde sempre e pera sempre vos louve, e adore. Levai-me á companhia d'aquelles purissimos Espiritos Celestiaes que vos sabem ver, e estimar, amar, e adorar, e derreter-se perpetuamente em vossos divinos, e soberanos louvores, como vós mereceis. E em quanto esta mercê me não fazeis, dai-me entranhavel desprezo dos gabos, e louvores humanos, e não querer nenhum favor, nem cousa de lingoas que vos não souberam adorar, e dar graças por quanto lhe vós mereceis. Se todos os nervos, veas, e ossos de todos os homens se fizessem em lingoas, e todo o amor do Paraiso se ajuntasse a ellas, pera engrandecer o que por nós fizestes, que montaria tudo em comparação de quem sois, e do amor que nos tendes? E nem ainda huma pobre lingoa que déstes a cada hum, a emprega em vosso louvor. Oh amor da minha alma, que ha em vós, de que se possa fallar, se não louvores divinos, e grandezas soberanas? Que comeis com peccadores: que quebrais sabbado: que vos agasalhais com pobres, e máos homens, e deixais os soberbos ricos: que sois endemoninhado, e Samaritano. Nenhum bem recebia o mundo

de vós, nenhum bem lhe fazieis, não achava em vós cousa que lhe parecesse bem, nem via nas cousas que fazieis vossa divina virtude. Não via vossa misericordia, e brandura. Tão cego está, que não pode ver em vós senão o seu mal. Pois Deos meu, como quero eu d'este mundo, que veja em mim o que não vio em vós? e diga de mim o que não soube dizer de vós? Amor da minha alma, já que a morte, e a vida estão nas mãos da lingoa, e estes em vós vida verdadeira não acharam senão lingoagem de morte, abri Senhor meu, minha boca, e louvarei vossas grandezas (*), e dar-vos-hei infinitas graças pelas mercês que o mundo não soube em vós conhecer, e vivirei pela lingoa louvando-vos, minha vida soberana, e eterna. E adorar-vos-hei pelas mesmas mercês, de que o mundo de vós murmurava.

Adoro-vos, bom Jesu, pela misericordia com que comestes com os peccadores, e os chegastes sempre a vós. Que fora de mim, se vós não andareis senão com os justos? Que esperança me ficara de alcançar misericordia, se vos vira só acompanhando com os innocentes e santos? Que fora de minhas chagas, e doenças, se vós saude soberana não entrareis nas casas dos miseraveis enfermos, e das almas perdidas? Ah meu Deos, digam o que quizerem os cegos Fariseos; vós sois minha saude; vós sois minha misericordia; vós sois o meu refugio. Não vos são menos proprias, mezas dos peccadores, que as dos Anjos; porque nas nossas arde o vosso amor em mais dura materia, e peior de queimar, e faz mais suas operações. Pois Senhor, entrai neste coração, e vinde comer comigo, já sabeis o que vos hei de dar. Haveis de soffrer a immundicia d'esta casa interior, tudo vos hei de dar frio, e tibio; o amor coalhado, e sem sabor, os desejos sem sal do espirito, as obras podres, e pera não ver, e tudo haveis de ter como o vós vêdes. Mas Senhor, não vos podeis escusar de vir a mim que vos desejo, porque vós saude minha tudo fareis ao vosso modo: porque todos vossos bens trazeis comvosco. Lembrai-vos, Senhor, que tendo dito que virieis morar, e recrear com quem vos amasse, e guardasse vossa doutrina, tivestes tanta conta com os peccadores, que sem vos amarem, nem conhecerem, hieis comer com elles; porque aos justos hides porque vos amam, e aos peccadores pera que vos amem. Pois Deos meu, aquentareis este espirito, encherme-heis de vosso amor, reformareis-me tudo em mim, e se murmurarem os Fariseos, adorar-vos-hão os Anjos, e eu vos louvarei.

(*) Psalm. L.

Adoro-vos Deos de meu coração, por não quererdes ter em sabbado outro descanso, senão em me fazerdes mercês. Vosso divino amor que não descansa, depois que em seis dias fez todas as criaturas corporaes, o sabbado tomou pera descansar. Por ventura, meu Deos, e Deos de amor, quizestes ao sabbado estar ocioso? Oh amor da minha alma, porque vos não entendem os Fariseos? Porque murmuram d'este incomprehensivel beneficio? Porque he vossa festa descansar em minha alma, quereis que nenhuma outra occupação tenha senão comvosco. Senhor meu, obrigastes-me a festas pera que as eu tivesse, ou pera vós as terdes comigo. Diga de vós o mundo o que quizer: eu creio, e adoro esse amor eterno com que tudo quereis pera mim; adoro esse desejo de só descansar em mim; adoro esse gosto que tudo fez pera mim; adoro a amorosa vontade com que dissestes que tão Senhor sois do sabbado pera me fazerdes nelle mercês, como dos outros dias pera creardes nelles tudo (*). Não vos impidam minhas maldades terdes comigo vossos descansos, e prazeres.

Adoro-vos, meu Samaritano, e vencedor do inimigo Demonio. Não sabiam o que diziam vossos murmuradores, porque tudo diziam com damnadas entranhas: mas dou-vos infinitas graças pela mercê que me fizestes em me declarar esta verdade. Vós, bom Jesu, vos fizestes em figura de peccador, Samaritano, não conhecido no mundo por quem sois; mas caminhando por esse degredo nos achastes salteados do Demonio, chagados, e mortos em nossos vicios, cheios de fraqueza, sem remedio: e com misericordia nos tomastes ás costas, curastes nossas chagas, e mostrastes que vós sois o proprio verdadeiro nosso proximo, e amigo. Oh divino amor, mostrai-me esse coração. Que gosto, Senhor, sentieis, quando por injuria vos chamavam Samaritano, lembrando-vos o amor com que o quizestes ser por nós? Por huma parte vos dohia muito não conhecerem esses maldizentes, essa tamanha mercê que desgabavam, e ardieis em amor por outra, e desejo de se deixarem todos curar de vós. Não quizestes que o amor do proximo tivesse outro mais proximo que a vós, em que se empregasse. Oh meu unico proximo, guardai a lei que me déstes, fazei-me a mim o que quereis que vos eu faça a vós. Amai-me, mostrai-me em mim a força e grandeza de vosso amor, estai sempre comigo, ponde vossos olhos em mim, porque dahi me ha de vir a virtude, força, e luz pera o que vós quereis de mim.

(*) Matth. cap. II.

Adoro-vos, e dou-vos infinitos louvores, bom Jesu, pela grande misericordia que fizestes aos peccadores, que tendo em Judea muitas casas de Principes, Letrados, Sacerdotes, ricos, tivestes mais conta com os pobres desejos do peccador Zacheu, que desejava ver-vos, pera vos agasalhardes com elle, que com todos os grandes, posto que sabieis que disso haviam elles de murmurar. Que he isto Senhor, tão contados estão diante de vossos olhos, e tão lembrados os desejos dos peccadores, ainda quando são imperfeitos? Bom Jesu, quem mais peccador que eu? Desejo-vos saude minha, desejo-vos fermosura divina, desejo-vos bem soberano, desejo-vos misericordia minha, desejo-vos riqueza minha, desejo-vos amigo meu, meu redemptor, meu senhor, meu pai, meu thesouro, e toda minha gloria, e bemaventurança. Desejo ver-vos, mas sou pequeno, que não chego a vos poder alcançar com a vista, mas sei que de vós sou visto, e entendido, e não esperais que no que desejo seja perfeito, senão verdadeiro. Vós verdade eterna, fazei que de verdade este peccador coração vos deseje. Olhai-me, Senhor, com misericordia como olhastes a Zacheu, e a Matheus. Vinde agasalhar-vos comigo, e fazei que com amor e com gosto vos receba, e fazei saude nesta vossa casa; morai nella, deixai os que vos não querem, e a mim vinde.

Adoro-vos por quantas mercês fizestes ao mundo, que elle não conheceo. Por tudo o que de vós murmuraram vos louvo, por tudo vos dou infinitas graças, e muito mais por quererdes por mim soffrer este tamanho trabalho das más lingoas, e todos os que vos ellas deram. Particularmente vos adoro, e louvo pela mercê que me offereceis em me quererdes ter por de vossa casa, e nella me amparardes de todas as más lingoas. Ah Senhor, fazei-me conhecer aquella bemaventurada verdade, que vosso Santo David (soffredor por vosso amor das más lingoas) disse: que vós guardareis os vossos no escondido da vossa face, das perturbações dos homens, e das contradições das lingoas (*). Oh fermoso secreto, oh rico escondido dessa divina face! Quando nelle occupardes todo o secreto de meu coração, que me dera do que a gente diz? A gente diz o que não vê, nem sabe, e quem ahi está escondido, que deixa de ver, e que deixa de saber. Logra a frescura de vossas agoas vivas, a sustancia de vosso pão divino, os prazeres de vossa secreta conversação, os thesouros escondidos aos olhos do mundo. Ah Senhor, que não sinto o que dizem lingoas, senão porque amo ainda o que quero que digam, e não

(*) Psalm. XXV.

gosto do que em vós está escondido. Farto de vós, que me dá que digam que estou pobre, e faminto, preso, e cativo de vosso amor: que me dá que digam que sou covarde? Todo occupado em vos amar, e ver sempre presente, e com isto todo embebido em vós, que me dá que digam que não sou pera nada? Oh se nunca prestasse senão pera vos amar, oh se nunca soubesse senão amarvos, oh se de todo emparvoecesse por vos amar, oh se de todo me tornasse pera o mundo inutil por estar de vós possuido! Fallasse o mundo, e ouvisse-vos eu, meu bom Jesu: murmurasse elle, e lograsse-vos eu: queixasse-se elle, e não vos perdesse eu: dissesse de mim males, e contentasse-vos eu. Quem perderia, bom Jesu, ou quem ganharia, amor divino? Oh rompei-vos Ceos, e deixai-me vêr este meu Senhor, e meu bem! Que digo, bom Jesu? são moucos estes Ceos, não me entendem. Esse vosso suave coração he o meu ceo vivo, que tem olhos, e vê; orelhas, e ouve; vontade que ama; sabedoria que conhece; fermosura que alegra; luz que allumia; e pera todos lugar, e brandura. Oh meu vivo Ceo, que me vês e me entendes, abre-te pera mim, resplandece pera mim, deixa-me vêr o que lá vai dentro. Recebe-me, meu suave Ceo, e fecha-te comigo, e em ti, e ladrem quantos quizerem contra mim. Ah Ceo divino, Ceo amoroso, que não és de tua natureza duro, nem esquivo pera os peccadores, não endureças pera mim. Se eu estou duro, chove em mim dessas divinas agoas; se estou cego, manda essa divina luz; se estou sujo de peccados, manda esse misericordioso orvalho, que me faça tal como lá possa entrar. Sei que lá me desejas, e sabes que nesta hora te desejo: abre-te pera mim, abre-te, e recolhe-me. Amarte-hei, louvarte-hei, possuirme-has, e possuir-te-hei, fugirei de mim, e vivirei em ti. Ah divino amor, tu que me fazes desejar-te, te conheces, e me conheces; faze em mim o que queres, e quere em mim o que quizeres.

Oh Padre divino de familias, que quizestes que o mundo vos chamasse Belzebub pera consolação de todos os que são da vossa familia: pois que tanta conta tivestes com o que eu havia no mundo de padecer; que quizestes primeiro padecer nisso muito mais que eu, ensinai-me a folgar de me parecer em tudo comvosco, e de vossa casa. Tem o mundo que he razão que se preze o vassallo de seu rei, e o criado de seu senhor, e que morra com elle, e se ponha a perigo com elle, e soffra seus trabalhos, e affrontas com elle, sendo de terra o senhor como o criado, e miseravel o Rei como o vassallo. E eu, Deos meu, com quanta mais

razão devo de folgar de passar por onde vós passais. Pera que quero louvores da boca do mundo que vos blasfema; ou porque não quero com os da vossa familia ser murmurado, pois vós, nosso Padre, e Senhor o sois Senhor, e Deos meu, vós que vos não pozestes por mestre, e espelho meu, senão porque vieis minha fraqueza, lembrai-vos com misericordia de mim, tirai de meu coração o cuidado, e sentimento das lingoas dos homens. Vós sabeis, Senhor, que não me podem ellas dar muito cuidado, senão estando meu coração tão baixo, que deseje ainda contental-os. Quando, Senhor, de coração quererei que nem vossos servos me tenham em boa conta, pera que só viva de puro desejo de vos contentar? Da vossa casa, Deos meu, recebo todos os bens corporaes, e espirituaes, e espero todos os celestiaes. Por vosso fugirão de mim os demonios: por vosso me soffreis, perdoais, e esperais; por vosso escapo de todos os males, e estou abastado de todos os bens. Pois esta tão pequena cousa, como soffrer por vosso qualquer má lingoa, pois vós a soffrestes por mim, que muito farei? Que muito que a vós, de quem tudo recebo, queira contentar, e me não dê nada que se descontente de mim o mundo? Oh bom Jesu, a imperfeição d'este coração, quando está sentido do que se diz, e quando arrecea o que se dirá, vós só a sabeis conhecer; havei de mim misericordia, e allumiai-me nesta verdade. Ensinai-me, e ajudai-me a não dar eu justa materia de murmuração pera que ninguem em mim, e por mim vos offenda; mas que isto assi seja com pura tenção de vos contentar, que nenhum cuidado, nem pena me dê, se de mim fallarem, nem gaste a vida e tempo, em me justificar com os homens; senão toda a vida, tempo, e occupação d'este pobre coração seja contentar-vos a vós, e soffrer tudo por vosso amor.

Oh Mestre de eternas verdades, que nos mandastes que vos rogassemos pelos que de nós dissessem mal; não vos quereis rogado senão pera sermos ouvidos. Pois Senhor, assi o mandais, abri vossas piedosas orelhas á indigna oração d'este vosso peccador, que vos peço misericordia por todos os que de mim dizem, disseram, ou alguma hora disserem mal. Vós sabeis, Senhor, que não sabem elles dizer quanto mal em mim ha, e que não peccam tanto por dizerem mais mal do que eu tenho, que não he possivel, quanto porque vossa bondade lhe defende que o não digam. Vós, Senhor, podeis curar tudo, a mim remediar-me de meus males, e a elles fazer que os não digam. Não seja eu, Senhor meu, a materia de se perderem as criaturas que vós com vosso sangue rede-

mistes. Fazei-lhes Senhor, conhecer a pureza de vosso amor, pera que o desejem, a riqueza de vosso espirito pera que vol-o peçam, a brandura de vossa conversação, pera que a busquem, o que aos vossos comunicais, pera que em vós todos se occupem, e a mim deixem, não pera meu alivio, mas pera sua espiritual riqueza. Mudai, Senhor, o mal de suas lingoas em louvores vossos, porque sejais d'elles glorificado, de quem sois offendido. Dai-lhes verdadeira charidade, pera que ajudem a curar com amor espiritual o mal que em mim virem, e que lhes seja materia de se salvarem, o que lhes he occasião de vos offenderem. E a mim com elles ajuntai em união de puro amor vosso, pera que de todos sejais amado, adorado, louvado, e servido pera sempre.

Madre de Deos, Senhora do mundo, Rainha do Ceo, e Mãi dos peccadores, favorecei este pobre, que a vós se chega. Alcançai-me de vosso unico Filho, e Deos, que seja eu de sua familia, que folgue sempre de passar os trabalhos que por mim passou. E a todos os que de mim dizem mal, alcançai na mesma vossa, e sua casa lugar pera que todos sejamos vossos, e empregados em serviço do vosso Jesu. Oh Cidadãos da casa, e cidade soberana, seguros de nossos perigos, e de vossos thesouros, amostrai-nos a todos quanto merece ser esse Senhor, que adorais, de nós louvado, pera que nosso amor, e lingoas em seus louvores sejam pera sempre comvosco ajuntados, e empregados. Amen.

TRABALHO XXII

Contradicção de sua doutrina, e obras.

Não he ordinariamente o peccado muito costumado, ser desacompanhado d'outros tão máos, ou peiores que d'elle nascem, e a que abre porta, e caminho. Mas como diz S. Gregorio, a culpa que por penitencia se não alimpa, e atalha, com seu peso leva outras. Quem bem olhar, em si experimentará que posto que não commeta muitos vicios, se não enfrea o costume de hum só, a que he inclinado, por elle tem entrada os outros, ou todos, ou os que mais damno lhe podem fazer. Por isso o Demonio tentador a cousa em que se mais desvela he em estorvar a emenda de qualquer máo costume; e como por elle tem preso hum coração, não se mata muito por lhe estorvar outros bens que pode fazer; porque está seguro que em quanto lhe durar aquella porta aberta, não lhe faltará hora, e occasião pera damnar em quanto quizer. E pera isto tanto monta serem as cousas leves, como graves, se forem más, e acostumadas; porque ainda que a queda seja mais vagarosa, comtudo se houver descuido será igualmente perigosa. «Quem não faz caso do pouco (diz o Sabio) pouco a pouco cahirá(*).» Ao menos nas Religiões (onde se tem mais por officio a reformação da alma) ha d'isto grandissimas experiencias, que não começam a perder sua observancia por graves devassidões, senão por leves relaxações. E não entra pelo commum, senão pelos particulares, até que imitando huns a outros, se perde tudo. Esquece ao Religioso o fervor com que na Religião entrou, dá em palreiro, d'alli vem a distrahido, d'ahi a murmurador, d'ahi a impaciente, d'ahi a desobediente, e d'ahi a fastio do aperto da observancia.

Outro dá em ocioso, outro em appetitoso de vontad[illegible] as de que não faz caso: outro em discorrer por amigos, e cas[illegible] o perde o recolhimento: outros em cousas, que cada huma [illegible] por si, e no começo parecem argueiros, por onde os Prelados p[illegible] e'les comsigo dissimulam, e depois vem a ser rochas vivas, q[illegible] fogo, nem com picões se podem desfazer. Pois no mundo [illegible] males nascem da primeira inclinação má, com que hum h[illegible] a peccar, não atalhada. E porque não saiamos da materia que temos en-

(*) Eccles. cap. XIX.

tre mãos, o costume de murmurar que parece passatempo da vida, e que geralmente se toma por gosto, quantos vicios brota de si? Tem logo por companheira a mentira no que acrescenta, ou diminue: apoz esta entra a infamia do proximo, a praga, o falso testemunho, e tudo acompanhado de iras, raivas, indignações, escarneos, zombarias, e obrigações de restituição de honras, que nunca se cumprem. E sobre tudo com o costume de murmurar de tudo, vem a dizer mal do bem, reprovar a virtude, encontral-a, desacredital-a, e damnal-a quanto podem.

Não he pequena demonstração, e exemplo d'isto o muito, e perverso mal a que chegaram as lingoas que murmuravam de Christo nosso Senhor, a lhe contradizerem toda sua doutrina, e obras divinas, de maneira que quanto mais claras, e conhecidas eram as verdades, tanto mais trabalhavam pelas escurecer, e quanto mais admiraveis suas obras, mais se desvelavam pelas encontrar. E tambem por esta porta da murmuração do Senhor, que não cerraram, entraram gravissimos peccados, e crueldades que depois contra elle commeteram. Afóra o mal que estes se faziam, davam a nosso Senhor muito grande trabalho, e por todas as vias mui penoso: porque lhe tocava no que elle mais sentia. Aos fracos retirava de aceitarem suas mercês: aos de bom coração escandalizava: aos maliciosos atiçava: aos de pouca fé affastava do Senhor: aos proprios contraditores endurecia, e impossibilitava o effeito que nelles podia fazer a luz: e a nosso Senhor Jesu Christo quebrantava: porque sentia as perdas de todos, e o tempo que elle desejava gastar em lhes fazer mercê, occupava em os convencer, e se defender delles, por não damnarem a muitos. Quando dava esperança, ou certeza aos peccadores de lhes serem perdoados seus peccados, com verem que logo o Senhor mostrava esta tão importante verdade com milagres feitos pera esse fim, publicavam aquillo por blasfemia. Quando os convencia que era Filho de Deos, diziam que era falsidade, porque elle só dava de si testimunho. E tendo tão divinas obras diante dos olhos, a tudo os cerravam por encontrar a eterna verdade.

Humas vezes pelo desacreditar publicamente, lhe perguntavam com que auctoridade prégava, e fazia milagres? Quando prégava, e com milagres confirmava sua doutrina nas Synagogas em sabbado, os que tinham cuidado d'ellas inquietavam a gente, e o lançavam fóra com achaque do sabbado. Faziam muitas vezes conselhos, com zelo de acodir ao bem publico, por lhe estorvarem suas divinas obras, porque os Roma-

nos não cuidassem que se queriam levantar com a terra. E havendo entre elles alguns, que secretamente eram discipulos do Senhor, se estes lançavam alguma palavra em sua defensa, os abafavam com porfias, contendas, e blasfemias. E quando viam que sempre a verdade prevalecia, diziam em seus conselhos entre si: «Não vedes que nada aproveitamos?» Que era sinal que muito maior era a malicia, e desejo de lhe contradizer em tudo, que o que de fora mostravam, que á sabedoria divina do Senhor não era encoberto. Quando dia de Ramos viram os divinos louvores, que o povo, e meninos lhe davam, cheios de raiva se foram a elle culpando-o, porque os não fazia calar. Como o povo maravilhado das obras divinas, que via, dava louvores a Deos, e as engrandecia, logo se atravessavam a fazer n'ellas publicamente pera as abaterem. Faziam-lhe muitas perguntas pelo embaraçar, e envergonhar diante do povo, e quando lhes satisfazia com divinas respostas, em lugar de se mostrarem ensinados, e agradecidos, hiam fazer conselhos contra elle, pera acharem modo de o abater.

N'estas damnadas infidelidades, e contradições, e outras muitas semelhantes, ou peiores, andaram acesos todos aquelles tres annos que o Senhor prégou: até que vendo que nada lhes aproveitava, o mandaram publicamente prender pera o desacreditar com o povo. E os ministros da prisão, pasmados da grandeza de sua doutrina, se tornaram a elles engrandecendo-a muito. E elles como cães damnados, fazendo-se peiores em tudo, se determinaram a se pôr publicamente contra elle: e fizeram leis penaes, que publicaram (como temos dito) contra todos os que seguissem, e approvassem suas cousas. E como o povo sempre grangea, e lisongea seus maiores: começou logo haver espias, e mexiriqueiros que em Christo fazendo hum milagre logo lh'o levavam por alvitre, e chamavam ante si os curados pera fazer pesquizas do modo, e tempo dos milagres, pera achar com que lhe damnassem. Como fizeram ao Paralytico que curou na piscina, e ao que nasceo cego(*). Sobre o qual tiveram tanta porfia, que chamaram seu pai, e mãi pera ver se negavam que fora cego de nascimento, e elles com medo remettendo-se na verdade de sua cura ao dito de seu filho, foi elle chamado, e por tantas vezes perguntado, e com tanta contenda, e porfia, e tantas blasfemias por desfazer n'aquelle grande milagre, que o cego já allumiado mais na alma, que no corpo, lhes deo taes razões, que os confundio, e atalhou, que ne-

(*) Joann. cap. v, et vi.

nhuma resposta tiveram, senão lançal-o da Synagoga com injurias, como maldito, e excommungado, que se atrevera a lhes dizer que seria bom fazerem-se seus discipulos, e pelo atrevimento com que os queria ensinar. Até Lazaro, resuscitado de quatro dias morto, quizeram matar, porque muitos por este milagre criam no Senhor (*). Cansava isto tanto o Divino Cordeiro, que já pelo Profeta Isaias muito ante tempo se queixava que seria buscado dos que o não conheciam, e achado dos que d'antes o não buscavam (**): e que com este povo trabalhava debalde, porque todo dia estendia as mãos cheias de mercês a povo incredulo, e que seguia suas imaginações, e que sempre (segundo a letra de S. Paulo) lhe contradizia (***). E por isso algumas vezes enfadado d'elles, e por dar lugar a sua malicia, os deixava em Judea, e se passava a outras partes, ou se encobria a tempo; ora deixando-os, ora tornando a elles e nada aproveitava. Quando os deixava passavam editos, que todos dissessem onde elle estava: quando lhes tornava a fazer mercê de os vêr, ardiam em raiva de lhe não poderem damnar: aonde quer que hia o seguiam, pera se lhe atravessar a tudo, e o encontrar. E quanto podiam, cansavam aquelle suave espirito, que ardia em desejo de os salvar.

Quanto este trabalho cansaria o Senhor, he tão claro, que não he necessario, nem se pode encarecer. A malicia de humanos corações determinada a damnar verdades conhecidas, e obras divinas, he a que n'esta materia mais admira: porque da parte do Senhor nenhuma occasião tinha. Nunca os esquivou de sua companhia: nunca sendo estes lhes enjeitou seus agasalhados, e comeres, que para dissimular com elle lhe offereciam: nunca deixou de hir a suas casas, curar-lhe seus doentes quando o chamavam: nunca deixou de lhes dar razão de si, quando lh'a perguntavam: e mostrava-lhes claramente a verdade de tudo, que a não podiam negar. Sobre tudo nenhuma cousa d'elles pretendia, nem lh'as impedia.

Não encontrava a obediencia que o povo lhes devia, antes ensinava que ainda que os vissem máos, lhes obedecessem como a bons. Não lhes invejava, nem pretendia suas honras, e dignidades, fazendas, e valias, nem lh'as encontrava. Assi que não se podia a malicia d'estes cegar com cubiça de cousa que lhes tirasse, nem de interesse de cousas que lhes impedisse, nem com deshonras que lhes fizesse, nem com verdadeiro, e justo queixume que d'elle tivessem, nem com cousas rigorosas, e impossiveis que lhes prégasse. E todavia sem nenhuma occasião contradi-

(*) Joann. cap. x. (**) Isai. cap. LXV. (***) Ad Rom. cap. x.

ziam sua vida, doutrina, e obras em tudo divinas, e maravilhosas, sendo elles os mesmos que com côr de santidade mostrariam que aceitariam a S. João Bautista por Messias, se dissera que o era. E nem o credito que queriam ganhar com o povo que andava apoz S. João Bautista, e interesse de medrar com elle, se fosse Messias, por serem os primeiros que o reconheceram que então os cegou pera se lhe renderem, bastou pera os mover a quererem a mesma valia com Christo nosso Senhor, que em tudo era mais admiravel que o Bautista. De maneira, que nem por virtude, nem por ambição, e interesse se lhe renderam, nem deixaram de lhe contradizer, atravessar, e encontrar em tudo, sem nenhuma occasião dada da parte de Christo nosso Senhor.

Não acabou esta desaventura de contradizer a virtude, e verdade conhecida n'esta má gente. Até hoje passam por este trabalho muitos servos de Deos, que elle permite pera prova de sua virtude. E pera que seja mais provada, permite que dos proprios parentes, amigos, companheiros, e obrigados, nasça a mór parte d'este trabalho. E ás vezes entra por gente que tem credito, nome, e authoridade, os quaes são tanto maiores, e mais deshumanos algozes, quanto podem dar mais côr ao mal que fazem, de obrigação de olhar pelo bem publico, ou de não deixar enganar a gente, ou outros respeitos, que não desfazem em sua malicia, e justificam a perseguição com que atribulam os servos de Deos. Chega ás vezes esta cruz a hum gráo, que não sei se lhe posso chamar o maior, e mais cruel, e poderoso pera magoar, e em que ha mister mais vigilancia o servo de Deos, pera nelle se não deixar derribar, e vencer. O qual he desfazer, contradizer, e encontrar as verdades, e obras boas, e cousas dignas de louvor, não por outro nenhum respeito, nem cór, senão claramente por fastio do credito da pessoa.

Não deixa de haver isto no mundo, e tanto, que até as cousas que hão mister, e que com mais abastança, e melhores, e com mais gosto de lhas fazerem, e mais proveito acharão em hum homem, antes as querem perder, que vir-lhes por elle. Não porque d'isso lhes venha nenhum mal, mas só por não verem os outros que pode d'elle sahir aquelle bem melhor, e mais perfeito, que dos outros. Querem antes carecer do bem que podem ter, e remediar-se com muitas faltas, e ás vezes com descredito, que vêr n'aquella pessoa vantagem em alguma cousa. Rompem pela justiça, pela consciencia, pelo amor do proximo, pela propria honra, e virtude, pelo governo, e bem commum, por não deixarem de en-

contrar a virtude, honra, e pessoa que desejam de abater. Esta, ao pé da letra, foi a malicia dos Judeos; porque se se quizeram acreditar com o povo, ninguem os honrára mais que Christo nosso Senhor: se quizeram ser santos, ninguem os santificára mais. Se quizeram valer muito, ninguem os alevantára mais. Se se quizeram livrar do jugo dos Romanos, ninguem os assegurára mais que quem resuscitava mortos, e era obedecido do mar e da terra, da morte, do inferno, e dos demonios. Mas só por não verem honra ao Senhor, e por desfazerem em sua pessoa, sem outro nenhum respeito se determinaram ao encontrar em tudo. Já se esta desaventura entra em gente, que professa santidade, são muito peiores de remediar: porque se aproveitam da profissão pera se haverem por zeladores, e soltam a natureza com tanto maior, e mais cruel malicia, quanto contra toda sua obrigação mais claramente perseguem a verdade conhecida. Quizera alargar-me aqui em favor, e consolação dos que padecem este trabalho, porque verdadeiramente se com pureza de intenção amam a Deos, e aos proximos, padecem gravissima cruz. Mas como o Senhor, que elles servem, he o que pera sua maior gloria, e coroa lhes deixa passar por este trabalho, não lhes digo mais (por encurtar) senão que ponham os olhos n'este Senhor que os governa, e vejam como elle soffreo esta rigorosa cruz, e lhe dem muitas graças pela mercê que lhes faz em os fazer d'ella participantes. E com muita consideração veja como tratou seus contrarios, pera perfeitamente, e com elle, verdadeiro refugio, amigo, e juiz seu se consolarem.

Mas os que cahem em tão damnada cegueira, bem haviam mister aqui larga doutrina pera se verem, e conhecerem. Mas como presumirei de allumiar os olhos cegos com hum tão perverso genero de malicia, que nem da luz divina se deixa penetrar? Contento-me com atalhar aos que não tem cahido em culpa de contradizer a verdade conhecida, com lhes lembrar, pera que se guardem, um grande encarecimento do Profeta Oseas, o qual diz: que vira Deos muitos peccados na terra, pelos quaes a castigaria; porque n'ella não havia verdade, nem misericordia, nem conhecimento de Deos. E havia muitos falsos juramentos, mentiras, homicidios, adulterios, e tantos peccados, e sangue, que huns alcançavam os outros, sem pararem, e por isso determinava castigar, e destruir a terra, e igualar no castigo, Povo, Profetas, e Sacerdotes: porque taes eram huns como os outros na culpa (*). E porque não tivesse nin-

(*) Oseas cap. IV.

guem esta justiça por rigorosa, diz da parte de Deos, que ninguem se atreva a lançar nisto juizos, e arguir a Deos (notem esta palavra): porque todos eram taes como gente que contradiz ao Sacerdote. De maneira que houve Deos por tamanho, e tão grave genero de culpa contradizer ao Sacerdote, que se não podia a outra peior cousa comparar a malicia da gente em que Deos queria mostrar a muita justiça que tinha pera os destruir, e castigar. E assi he, porque como elle ordenou o Sacerdocio n'aquelle povo, pera perpetuação de seu serviço, e continua doutrina, e lembrança de sua lei: e para haver quem tivesse por officio aplacar a ira de Deos com orações, e sacrificios, e remediar todas as culpas do povo e os conservar em seu conhecimento: entendido estava que quando o povo chegasse a contradizer aos ministros de sua espiritual saude, e aos terceiros de suas necessidades, e petições com Deos, que nenhum bem lhes ficava de que podessem lançar mão, e com que se podessem remediar, e saniar com Deos, para atalhar suas culpas, e escapar do castigo que mereciam. Quanto maior mal seria e mais sem remedio contradizer a summa verdade, Filho de Deos vivo, Sacerdote eterno, e sacrificio nosso, Redemptor, Salvador e remediador do genero humano, decido do Ceo a acodir a nossa perdição.

Não tem isto palavras com que se possa encarecer, pois neste genero de culpa cahem, e ás vezes sem se conhecerem, nem verem a graveza d'ella todos que contradizem a verdade conhecida. Porque como nossos erros só na verdade conhecida, e acceitada tem sua cura, o costume de lhe resistir, he fazer contrato com a mentira, e aborrecer sua propria saude: e os que á virtude resistem, e contradizem as pessoas, a que tem pouca affeição contra a verdade que d'ellas vem só por lhe damnar: não cuidem que podem contentar a Deos, quando diante d'elle se acharem, nem se enganem a si mesmos diante dos olhos d'este Divino Juiz. Porque como todo bem onde quer que está, e a pessoa que elles aborrecem, he cousa sua: onde vê alma que contra a razão, e contra a verdade contradiz, e encontra o que elle não desaprova, lança nella os olhos como em inimigo, e descontenta-se d'ella como de sua contraria. E por cousas pequenas (como acima dissemos) não atalhadas vem a se fazer calo pera as cousas graves. De hum homem querer levar a sua avante por se correr de se desdizer, de se acostumar a sustentar a porfia contra o que lhe fazem entender, e d'outras miudezas, vem pouco e pouco a perder o respeito á verdade e virtude, e não haver medo de a encontrar. Por isso

dizia o Sabio: «Por nenhum caso contradigas a verdade, antes mostra que te corres da mentira, e pouco saber (*).» Grande demonstração he de pouco entendimento, e cativo, não se descer hum homem do que com pouco saber disse, ou com falsidade: porque mostra que nem cabe n'elle virtude pera se emendar, nem discrição pera entender mais. E a virtude por si he tão fermosa, que com ella, o que mostra que se corre da mentira que disse, ou do pouco que alcançou, fica mais honrado, e verdadeiro. Porque he, e sempre será verdade o que a Summa Verdade disse, que quem segue a verdade, elle o livrará, e este só será verdadeiramente livre (**).

Exercicio da contradicção que o Senhor soffreo contra suas verdades.

Eterna, e summa verdade, Verbo sempiterno, e Filho de Deos vivo: eu te glorifico, com todos os Espiritos Angelicos, e todos os bemaventurados, e com todos os justos, e com todos por ti redemidos, e com toda tua Igreja Catholica, e com todas tuas criaturas, e com todas tuas virtudes, e obras, que sempre te glorificam. Porque vós sois a minha via, verdade, e vida. Via pela qual vou a ti, verdade com que te conheço, vida com que vivo em ti. Caminho que não tem perigo, verdade que não tem engano, vida que não tem morte. Quem por vós não caminha perde-se, quem com vossa luz não vê cega-se, e não vos conhece, quem em vós não vive sempre morre. Tu és a minha vida verdadeira, a minha verdade viva, e eterna, a minha via certa, e viva. Vós sois o meu Deos vivo a quem sirvo, o meu Deos verdadeiro a quem amo, o meu Deos eterno, e soberano a quem caminho. Prendei, Senhor, a vós meus pés, porque não caminhem por outra via, dai-me vossa luz pera que sempre veja vossa verdade, e vivei vós em mim, pera que não tenha outra vida. E pois este bem todo ha de vir de vós, livrai-me do mal que de vossos inimigos, e de mim póde vir. Porque se vós me não livrais, eu sempre de mim desfaleço, e ficarei tanto peior, quanto com serdes vós este pera mim, eu menos tiver de vós. Vós sabeis Senhor, que muito mais me cegarei com vossa luz, se ella não penetrar meu coração, pera que com ella mesma possa ver. Lembre-vos Senhor, que dissestes dos que se tinham por allumiados, que oxalá conheceram que estavam cegos; mas porque o não conheciam, comvosco mais se cegavam.

(*) Eccles. cap. IV. (**) Joann. cap. VIII.

Conheço Senhor, que cego nasci, conheço que de meu sempre o sou. Havei misericordia de mim, filho de David, pera que vos veja, e em vossas obras vos conheça, e da fermosura de vossa luz preso sempre vos siga. Não vos peço n'isto senão o que vós desejais dar-me e o porque tantos trabalhos tomastes. Pois Senhor, já que me dais graça, pera eu tambem o querer, dai-ma pera vol-o merecer, e pera com agradecimento, e amor aceitar todas as mercês, que me offereceis, e que desejais dar-me. E pois não quereis que vossas mercês me aproveitem sem mim, e eu me não posso aproveitar d'ellas sem vós, ensinai-mas a conhecer, fazei-mas desejar, dai-me graça pera as acceitar, amar, e estimar, pera que me façam qual vós quereis que seja pera de mim vos contentardes.

Como Senhor meu, me haveis de negar o que vos peço, ainda que vol-o não mereço, nem vol-o sei pedir como devo ? Não sois vós o mesmo Salvador, e Redemptor misericordioso, que estendeis sempre vossas mãos cheias de bondades, e mercês soberanas a quem vos não cria, e aos que vol-as engeitavam, e vos contradiziam? Pois sois o mesmo, e vosso amor não diminuio, e não sois menos meu que de todos, ouvi-me e enchei-me, e dai-me de vossas misericordias. Lembrai-vos Senhor, com quanto amor andastes entre a gente incredula, com que brandura os soffrieis, e com que trabalho dissimulaveis em tudo vos contradizerem. Com vossa luz se cegavam tanto, que não soffriam alumiardes o mundo ; insistiam em cobrir com suas malicias, e abafar vossa divina virtude. Trabalhavam por afastar os homens de vosso conhecimento, e amor; vossas puras verdades desdiziam, e vossas divinas obras abatiam quanto podiam. Nos olhos, e face vossa, e de todo o mundo vos encontravam, a tudo vos contradiziam, contra vós faziam leis, e com o proprio bem se damnavam, com a propria misericordia se condemnavam, com a propria luz se cegavam, e com a vossa propria cura, e redempção se perdiam, por aborrecerem seu bem, e amarem sua malicia. Oh Cordeiro Jesu, quanto mais suave fora o vosso amor ser cada dia crucificado pera os salvar, que ver a contradição de seus infieis corações com que se perdiam ? Na Cruz achou em vós hum ladrão sujeito o Paraiso, e no Templo, e dentro em suas casas comvosco, os que pareciam santos, por rebeldes mereciam o inferno. Todavia com muito trabalho e pena os soffrestes, com misericordia, com brandura trabalhaveis vencer sua dureza, e com mansidão sua resistencia, e com continuação de mercês sua damnada contradição. E nem isto vos val, porque elles se perdem, e vós meu bom Jesu, ficais com vossa dor, e magoa.

Mudai, Senhor, essa ancia, e esse cuidado a mim; eu confesso as verdades que elles não criam, eu adoro as virtudes que elles aborreceram, eu glorifico as obras divinas que elles encontraram. Já que tanto fazeis por quem vos engeita; vinde Jesu a quem vos chama. Vós Senhor, dissestes que abrissemos a boca, e isto bastava, que vós a enchereis, e fartareis(*). Oh se todo meu interior se convertesse em bocas desejosas, e famintas de vós, para me dardes muito de vós! Mas alargo quanto posso os suspiros d'este coração, e o desejo d'este espirito. Vinde Senhor com vossa luz, com vossas verdades, com os bens que aos vossos communicais; enchei esta alma, porque comvosco se despeje tudo o que lhe impede a riqueza de vossos suaves bens.

Ah meu bom Jesu, bem sei que se olhardes o que eu mereço, com rigorosa justiça, vossos olhos se cerrarão pera mim, e vossas orelhas emmouquecerão a minhas vozes, e vossa suave presença fugirá de mim; porque não vos mereço eu menos castigo que estes rebeldes contraditores de vossas doutrinas, e obra: crendo eu o que elles negavam, e adorando o que elles encontravam, sempre fui rebelde a vossos chamamentos, e inspirações. E se sou pobre, e miseravel he porque sempre faltou por mim, e nunca por vós. Quando vos não conhecia me ensinastes, quando vos fugia me chamastes, quando de vós me esquecia me allumiastes, quando peccava me hieis á mão com inspirações, quando esfriava me atiçaveis: sempre com abastança me provestes, com amor me sustentastes, com piedade me soffrestes, com cuidado me governastes, com largueza me cercastes de todos os bens, de dia, de noite, em todo negocio, em toda cousa, até peccando, e offendendo-vos, nunca me negastes vossas mercês. E com tudo isto sempre segui mais meus apetites que vossa vontade. Não acodi a vossas vozes, gostei mais das mentiras que me pervertiam o amor, e sentido, e roubavam este miseravel interior, que de vossas puras verdades cheias de todos os divinos thesouros. Eu sou hum d'aquelles de quem com justissima razão vos queixais que vos viram as espaldas, e não a face. Vós punheis vossos piedosos olhos em mim, e eu nas desaventuras das baixezas. Vós daveis-me vosso amor, e eu dava o meu ás criaturas. Vós sempre apoz mim, e eu apoz o que me foge. Vós embebido em mim, e eu embebido em tudo o que he fóra de vós. Se com a fé não contradisse vossas verdades, com o gosto, e com o cuidado favoreci as mentiras do mundo. Se não encontrei vossas

(*) Psalm. XXIV.

obras, não me someti a vosso suave serviço. Oh misericordioso Senhor que não posso, nem sei confessar-vos quam rebelde vos fui sempre. Sei que me acho aqui cercado de mercês vossas, e pobrissimo, criado em vossas doutrinas, e ceguissimo, e no meio de quanto por mim fizestes miseravelissimo. Todas minhas affeições me levaram sempre o cuidado, e vós, a quem só o devo, quando me lembrastes como a mais baixa d'ellas? Quando não vos troquei por cada huma d'ellas? Oh meu Deos, quero antes calar meus males, por que não corrompam vossas criaturas: vede-os vós com a misericordia, com que os soffreis, e remedeai-os com o amor com que tudo me dais. E já que não mereço gostar dos vossos suaves abraços, que sempre engeitei; não me negueis o humilde conhecimento, e arrependido sentimento de os ter engeitado. Oh meu Jesu, que ganhei em andar sempre contra vosso gosto? Que me ficou de encontrar sempre vossa vontade, mais que estar aqui ante vós pobre, e desbaratado, chagado, e misero, que podera estar cheio de vós, e vossos ricos thesouros? Mas não sois vois bom Jesu, como o rico avarento, que tinha Lazaro á porta, e passava sem olhar, e se hia fartar com menos piedade d'elle, que os cães, que lhe lambiam as chagas. Vós não sabeis ser avarento de vossos bens, pois tão largamente os offereceis a quem vol-os não quer. Não os quereis lograr só, pois pera todos sois Jesu, e Salvador. Pois meu rico Jesu, esmola de misericordia a este peccador: esmola de luz a este cego: esmola de saude a este chagado; esmola de amor a este tibio; esmola de sujeição a este rebelde; esmola de contrição a este errado; esmola de vida a este morto. Pois me não destes cães que me lambessem as chagas, senão vosso sangue que mas banhasse, e lavasse, sinta eu a virtude d'elle em me mudar todo a vosso gosto, e vontade. Acabem Senhor, d'esta hora pera sempre minhas fugidas, minhas contradições, e desobediencias a vossa vontade. Levai a vós todo meu coração, todo meu amor, todas minhas potencias, e toda minha alma. Cobrai bom Jesu, o vosso das mãos de meus inimigos; tende-o, lograi-o, possui-o pera sempre, meu Jesu.

Não fareis, Senhor, que me lance de si o mundo, e tudo o que no mundo vós aborreceis, e me despreze, e me tenha por indigno de si por amor de vós? Isto fez ao que nasceo cego, que confessava vossas maravilhas, e sem vos vêr tinha de vós recebido a vista; e quando lançado do mundo por vosso, não vos sabia buscar, vós o buscastes; e então o achastes digno de vos vêr com os olhos que lhe abristes, quando

por amor de vós soffreo que o mundo como maldito o não quizesse vêr. Então vos vio, então vos adorou, então lhe dissestes quem sois, e vos seguio, e o aceitastes pera sempre por vosso. Oh quem fora tão ditoso! Se me faz mal ter olhos, cegai-me, Senhor, pera que me torneis a allumiar, e me veja. Se me faz mal quanto fora de vós vejo, ponde meus olhos em vós, e descobri-vos a este coração pera que me prendais de vosso amor. Ah Senhor, tanto estimais os desprezados do mundo, que eu até agora estimei, e desejei ser d'elle estimado? Oh pobre de mim, que não vos mereço o que este cego merece! Desde que nasceo até a larga idade sempre foi pedinte, e mingoado em quanto, Deos meu, vos não vio; como vos vio não pode mais ser pedinte, nem soube sentir miseria. Oh riqueza do mundo desconhecida, porque me deixais andar tantos annos pedinte atraz d'este pobre mundo? Apparece-me, riqueza minha, mostra-te a meus olhos, grandeza infinita: e pois não quizestes do cego mais que saber d'elle se cria, e desejava vêr o Filho de Deos, pera logo lhe dizerdes quem sois; creio Senhor, quero Senhor, desejo Senhor conhecer-vos, vêr-vos, e amar-vos; não me negueis o que fazeis desejar. He verdade, bom Jesu, que o cego não tinha visto cousas que lhe prendessem seu coração, e os Fariseos presos das affeições da terra nunca vos conheceram; e eu tal sou. Mas vós Senhor, não limitastes vossa virtude pera os cegos, pois o não era Sam Paulo quando o cegastes pera que vos visse. Fechai, bom Jesu, meus olhos pera que não veja as vaidades, e tirai de meu coração as prisões da terra pera que vos veja lume de meus olhos, e perfeita satisfação de meu coração, eterna, rica, infinita.

Madre de Deos, e humilde serva, que sempre vos prezastes mais de serva sujeita, que da dignidade de Mãi, humilhai meu coração, sometei-o á verdade, e tirai-o dos enganos da vida, pera que a verdade me livre delles. Oh celestiaes Espiritos, e Cidadãos, que vedes, ardeis, e possuis os bens que amais eternos, e soberanos: pois eu pera elles fui criado, tirai este pobre coração das cousas terrenas; porque livre dellas e de mim, comvosco viva sempre em Deos, e pera sempre. Amen.

TRABALHO XXIII

Ardis, e ciladas que lhe armavam pera o destruir.

Accrescentou o peso do trabalho da contradição que o Senhor padeceo da gente judaica durissima e rebelde, outra não menor, com que particularmente os Principes do povo, Sacerdotes, Letrados, e Fariseos, o encontravam, e trabalhavam pelo acanhar, desacreditar, e destruir: a qual foi as muitas ciladas que armavam ao Senhor, e ardis que inventavam pera o tomar em palavras, e terem de que pegar, e darem côr ao mal que lhe desejavam fazer: que se póde com muita razão contar por muito particular, e muito principal trabalho seu. Por tal o teve o Profeta David, que muitas vezes o profetizou, humas com palavras lastimosas, encarecendo o mal que com seus laços queriam fazer: outras com cantar a victoria, que o Senhor teve de seus inimigos, e como d'elles se livrou, cahindo elles nos laços. «Está o máo (diz David) em cilada pera matar o innocente, arma-lhe em escondido: cuja lingoa está cheia de malicia, e engano». Em outra parte diz: «Armaram laço a meus pès pera acanharem minha alma». Em outra: «N'este caminho que andava me esconderam os soberbos laços». Em outro psalmo: «Atravessaram-se-me laços de morte». E a este modo muitas vezes em pessoa de Christo nosso Senhor se queixou dos muitos laços, e ciladas que lhe armavam, pelo tomar e derribar, e ter occasião de o destruir. E eram n'isto estes seus inimigos tão sobejos, e importunos, que todos seus conselhos, que sobre Christo faziam, se resumiam em inventar ardis contra elle.

Onde quer que hia o seguiam: e como viam gente junta, logo eram com elle: e com qualquer caso que succedia se hiam a elle, a ver se podiam achar cousa em que o podessem tomar: e a isto tiravam quantas perguntas lhe faziam muitas vezes com muito descomedimento, soltura, porfia, e falando huns sobre outros, e ajuntando-se unidos contra elle pera o affogarem, e cansarem: como diz S. Lucas, que fizeram hum dia, dizendo-lhes nosso Senhor quam desaventurados eram, que tendo a chave da sabedoria, que he a divina Escritura, na mão, elles não entravam, e tolhiam a entrada aos outros. O qual ouvindo os Fariseos, e Letrados, começaram a o apertar rijamente, e abafal-o com muitas perguntas, e porfias, armando-lhe ciladas pera lhe tomarem alguma palavra da boca pera

o accusar. Não ponderou isto por tão encarecidas palavras o Evangelista, senão pelo descomedido, e alterado modo, com que isto faziam, como tinham de costume: porque ora vinham os Saduceos (que eram de huma seita) juntos: ora os Fariseos (que erão de outra) em cabido: ora lhe mandavam seus discipulos com dissimulação raposina, e brandas palavras, e gabos, como fizeram sobre os tributos de Cesar, pera ver se se punha da parte da liberdade do povo, ou do Imperador. Ora juntos com tumulto, e traquinada: como quando lhe levaram a mulher adultera pera ver se a mandava apedrejar, ou se lhe perdoava. E por outras muitas vias, como incansaveis na malicia, ficando sempre vencidos, não deixavam com suas manhas, e ardis de enfadar, e dar trabalho, e cansar o Divino Cordeiro.

O que n'isto mais espanta, he não haver cousa que bastasse pera enfrear a desenfreada malicia d'esses perseguidores. Porque Christo disse, que o que faz mal aborrece a luz, por não serem conhecidas, e arguidas suas obras(*). Por onde ordinariamente o malicioso deseja não ser entendido: e se o he, transfigura-se em dissimulado, por se encobrir, e fazer a sua. E estes, posto que commetiam com manha, e dissimulação, claramente viam que antes que fallassem lhes entendia Christo nosso Senhor seus pensamentos, e lh'os dizia: e lhes publicava a elles mesmos as murmurações, que em secreto d'elle diziam, e as manhas com que o tentavam, e as más terminações em que andavam: e por muita experiencia tinham que nada se lhe encobria. Por onde assi como diz o sabio, que por demais se arma a rede á vista dos olhos dos passaros (**), porque ainda que brutos, a natureza lhes faz haver medo, e estranhar o que não tem em costume: assi viam que debalde trabalhavam contra quem tudo via, e sabia antes que lhe podessem damnar. Todavia presumiam de enganar aquella pessoa, não bruta, mas soberana, e divina Sabedoria.

Afora isto todas as vezes que lhe faziam perguntas pera o tomar em palavras, achavam taes repostas, que nem com toda sua damnada, e porfiosa malicia tinham replica, e emudeciam, forçados da luz da clara verdade. E quando o Senhor lhes perguntava algumas cousas com suas proprias repostas os condemnava, convencia, e envergonhava diante do povo, que sempre ficava entendendo sua ignorancia, e zombando d'elles. Sobre tudo pelos proprios meios por onde queriam damnar a Christo se desacreditavam a si: que costuma ás vezes ser freio da malicia. Porque elles que-

(*) Joann. cap. III. (**) Prov. cap. I.

riam-se mostrar justos, e santos, e o Senhor dizia-lhes quem elles eram, e os erros que na lei accrescentavam, e lh'os desfazia com divinas e perfeitissimas doutrinas. Mostrava-lhes tanta brandura, paciencia e soffrimento a tudo, que cotejado isto com seus alvoroços, motins, e desassocegados corações, e com as descobertas ciladas, que todos já lhe entendiam, ficavam elles na opinião da gente com quem queriam medrar, conhecidos, e desacreditados: e o Senhor a quem desejavam desacreditar, mais honrado, e glorificado. Com tudo isto montou tão pouco com elles a clareza de sua malicia, e da bondade irreprehensivel do Senhor, que quebrantados por esta via, já que não podiam mais que elle por credito de santidade, como pertendiam, se determinaram a valer pela mesma malicia, e crueldade, e urdirem-lhe a morte, como fizeram, permitindo o Senhor, que pera morrer por nós, e morrendo vencer, viera ao mundo. Mas que conselho, que prudencia pode vogar contra a divina sabedoria e virtude? Dava-lhe muito trabalho esta tão obstinada malicia, como lhe deo a morte que por ella lhe deram, mas em tudo venceo, nem lhe pôde nenhum mal chegar.

Assim o diz David: «Suas chagas (isto he o trabalho que ao Senhor davam) eram como de settas de menino(*). Desfaleceram os escodrinhadores: e o homem alevantou-se a coração alto (como Deos que era) e ficou esse mesmo Deos mais glorificado, honrado, e conhecido». Em outro psalmo diz: «Debalde me esconderam a morte de seus laços: por demais desdenharão de mim: venha sobre elles o laço que elles não conhecem, e com a cilada, com que quizerem caçar, fiquem tomados»(**). Assi foi, porque elles presos de sua malicia cahiram no laço do Demonio, e da divina justiça (que não viam) e ficou o Senhor em tudo victorioso.

Fica d'aqui entendido claramente, que a virtude nenhumas outras armas ha mister contra a malicia, que a si mesma. Porque o máo e perseguidor d'ella, com nenhuma cousa mais pertende destruil-a que com fazer d'ella malicia, pois esta só he sua traça, que a gasta, e consume. E todas suas ciladas tiram a fazer entender que a virtude he malicia, quando de todo a não poder quebrantar, e derribar. Mas como he impossivel á virtude, se he perfeita, constante e verdadeira, parecer-se com ella, forçadamente só comsigo mesma fica vencendo. Assi o entenderam todos os antigos Filosofos, que trataram da verdadeira sabedoria, que he a virtude. Maximo Tirio houve os muros, e a casa da virtude por tão

(*) Psalm. LXIII. (**) Psalm. XXXIV.

altos, que quem n'elles se fizesse forte, com nenhuma cousa podia ser entrado, nem pera ella montavam minas, nem ardis, nem combates da malicia. E Seneca dizia, que a virtude comsigo mesma faz desapparecer todas as molestias da vida, e trabalhos, não menos que o Sol escurece todos os lumes pequenos, e que tanto montavam darem na virtude, como cahirem no mar. E David o disse melhor que todos: «Não deixará o Senhor a vara dos peccadores ensenhorear-se da sorte dos justos: porque não estendam os justos suas mãos á maldade»(*). Por vara entende cetro, poder, força, e senhorio, em que os peccadores estribam, e por onde se governam, que he a maldade. Esta, diz, bem poderá combater a sorte dos justos, que he sua herança da virtude do amor de Deos, das esperanças do Ceo, e da pureza da vida, com que contentam a Deos, e de que vivem, e se sustentam: mas nunca Deos permitirá que tenham em tão divina riqueza, e herança jurisdição, e alçada: porque os justos não estendam as mãos á maldade: o que se entende de duas maneiras. Huma, porque os justos não enfraqueçam vendo que pode a virtude ser sujeita á malicia, e como melhor, e mais honrada, e poderosa sorte a sigam. Outra, porque os justos não busquem outras armas de malicia, pera contraminar os maliciosos ardis, e combates, mas saibam que he invencivel a força da virtude, e comsigo mesma se defende de toda a malicia. Todo máo (diz a divina Escritura) he ignorante: e vê-se claro no Demonio, que parece que sabe muito, e que ninguem tem mais manhas que elle, foi tão ignorante, que posto no caminho da bemaventurança, e com ella á porta, não soube senão tomar o da perdição, que foi o proprio por onde elle cuidava subir. Tal he todo o que segue a maldade. Pois se os sisudos quizessem poder mais que os ignorantes com suas ignorancias, todos seriam nescios: e se os avisados quizessem desfazer as parvoices com outras, todos seriam parvos. Isto mesmo corre em toda a virtude, que desfazer malicias com outras, todas são maliciosas. A verdade por si se defende da mentira: a paciencia comsigo vence a ira; a humildade comsigo derriba a soberba; e o mesmo corre em todas as outras virtudes. Por onde o servo de Deos não ha mister mais arma pera se defender, e offender os contrarios da virtude, que afferrar-se muito a ella, perseverar n'ella, e cada vez fazer-se n'ella mais perfeito, porque aqui desatina o perseguidor malicioso, e se perde. He verdade que os que pouco entendem, e não seguem a virtude, ás vezes cuidam que podem mais os maliciosos, e que levam a sua ávante,

(*) Psalm. CXXIV.

porque não vem os virtuosos sahir a campo com as mesmas armas da malicia. Mas não entendem estes segredos, senão os servos da virtude. Pelo Profeta Malachias se queixava Deos, que no mundo os máos se gabam que podem mais que os que servem a Deos, e tem que servil-o he vaidade, e rigor, e que por derradeiro os máos vivem, e levam seus gostos ávante. E tal he o mundo, que diz Deos: Poderão vossas palavras n'esta parte acabar com a gente mais que eu. Mas diz Deos: Está livro escrito de lembrança diante de Deos dos que o temem. E serão a mim, diz Deos no meu dia, a minha fazenda, e lhes perdoarei seus defeitos, como perdoa o pai a seu filho. Convertei-vos, e vereis quanto vai do bom ao máo, e quanta differença ha do que serve a Deos, ao que o não serve. Contentem-se os servos de Deos de conhecerem esta differença, e serem por Deos admittidos a verem este tão importante segredo, e certificados na verdade, que lhes he descoberta, folguem de soffrer com paciencia as cegueiras dos ignorantes, e maliciosos perseguidores, que a seu tempo se verão enganados.

Hum grande bem nos recresceo d'este trabalho, que os máos deram a Christo com seus ardis, e ciladas, que lhe serviram de occasião de nos ensinar em cada huma das que estão escritas segredos divinissimos e importantissimos pera luz de nossa fè, e accender em nós seu amor. Não deixarei de apontar alguns pera consolação dos que o servem, e recolher o fructo d'este trabalho, que o Senhor por nós soffreo.

Das ciladas que lhe armaram em sabbado, huma vez na synagoga com hum que tinha a mão secca: e outra vez em casa do Fariseo com hum hydropico, e outras, nos ensinou que não se fez o homem pera o sabbado, mas o sabbado pera o homem. Isto he, pera provocar o homem a fazer bem, e occupar-se em obras de serviço do Senhor: e nos descarregou das supersticiosas guardas do sabbado dos Judeos.

Quando o tentaram pedindo-lhe sinaes do Ceo, ensinou aquella temerosa, e importante doutrina: que os incredulos, que se não aproveitam das mercês, e sinaes que lhes dão pera seu bem, lhes serão dados pera seu mal, e condemnação, ainda que sejam excellentissimos. Como aos Judeos, que vendo lançar Demonios, e resuscitar mortos não criam, e pediam com malicia sinal do Ceo, que lhes seria dado á Resurreição do Senhor pera sua condemnação. Porque Jonas com menos converteo aos de Ninive, e a Rainha do Austro com menos veio do cabo da terra ver a sabedoria de Salomão. E elles tendo diante dos olhos mais que Jonas,

e Salomão, não criam. Por onde o muito que estes fizeram com pouco, e o pouco que n'elles obrou o muito que receberam, seria tudo sinal de sua perdição: que he aviso importantissimo pera descuidados de sua salvação, e consolação suavissima pera os justos, que no pobre, e humilde Jesu tem tudo. Mais riqueza, mais gloria, mais sabedoria que a de Salomão que espantou o mundo: e mais saudavel remediador seu, que Jonas que prégou destruição, e este chama á suave conversação, e divinos thesouros, e graças.

Quando o tentáram pera o tomar em palavras se era licito ao casado dar libello de repudio a sua mulher, parecendo-lhes que já que o Senhor amava tanto a castidade diria alguma cousa contra a lei; ensinou por esta occasião a verdadeira lei do matrimonio, pervertida por falsos entendimentos dos Judeos. E deo seu divino lugar á sagrada virtude da castidade, não conhecida até li no mundo, nem por Christo nosso Senhor até ali ensinada. E a levantou tanto que lhe poz nome de angelica, e que seriam os castos como são no Ceo os Anjos de Deos: que he grandissimo esforço pera as batalhas, que por esta gloriosa virtude na Igreja de Deos padecem seus servos.

Quando o tentaram por saber com que poder fazia suas obras, nos descobrio sua divindade, declarando que o Messias era mais que homem, pois era Senhor de David, de cuja geração vinha segundo a carne. E deo aos peccadores aquella grande consolação que elles, e os publicanos por crerem, e se converterem precederiam diante de Deos a todos os incredulos sabios, e Fariseos, e que terão entrada aos bens de que elles foram lançados.

Quando o tentaram com o tributo de Cesar, pera ver se era do bando do povo, ou do Imperador, pera o fazer com o povo malquisto, se os obrigasse ao pagar(*); elles por sua boca disseram, ainda que fingidamente, aquella suavissima verdade que consola, e recrea as almas: Sois verdadeiro, e ensinaes o caminho de Deos com verdade, nem exceptais pessoas. E o Senhor nos deo ordem da paz interior, que he dar a Deos o que lhe devemos, e ao mundo o que he seu, sem trocar huma cousa por outra: nem embaraçar o coração em bandos, nem pretenções escusadas.

Quando o tentaram perguntando-lhe, porque não jejuavam seus discipulos, jejuando os dos Fariseos, e os de S. João: declarou-se por es-

(*) Matth. cap. XXII.

poso de nossas almas, e que emquanto o esposo está em suas espirituaes festas, não lembra outra cousa: porque nem então o jejum he penoso, nem o comer saboroso, senão só a conversação do Divino Esposo enche tudo, e muda todo cuidado, e pena em seus prazeres.

Quando o tentaram com lhe tacharem que com seus Discipulos não lavava as mãos pera comer; ensinou aquella importantissima doutrina, de reformar o homem o interior; porque só o mal do coração he o que faz damno, e este se deve estimar como principal, e tudo o mais, como cousas baixas, não se devem estimar mais que quanto ajudarem ao homem interior.

Quando o tentaram inquirindo, porque comia com peccadores: ensinou o modo da conversão do filho prodigo; o cuidado e amor com que veio buscar a ovelha errada, e a moeda perdida; e se declarou por salvador dos peccadores, a elles principalmente vindo do Ceo, e publicou a condição d'aquelle seu suave coração, que queria mais misericordia, que sacrificio. E pois elle isto de nós quer, podemos crer que todo elle he hum sacrificio de misericordia pera os necessitados peccadores.

Quando appareceo no dia da festa Scenophegia no Templo, havendo dias que andava escondido, e se poz a prégar, e o mandaram prender; tão altas cousas ensinou das agoas vivas que recebía o espirito dos fieis, que até os algozes ficaram pasmados, e se tornaram consolados, e nossa fé, mais confirmada com os pregões que elles hiam dando da grandeza de sua doutrina.

Quando o tentaram com a mulher adultera, pera ver se a mandava apedrejar, pera o desacreditar com o povo, ou se lhe perdoava, contra a lei, e o accusarem; ensinou o modo de accusar os proximos, com conhecimento proprio, entendendo que quem merece ser apedrejado por suas proprias culpas, com muita cautela deve de tratar das alheas. E mostrou aquella facilidade com que perdoa aos peccadores, dizendo á mulher: «Pois ninguem te accusa já, nem te condemna, eu tambem te não condemnarei: vai em paz, e não peques mais»(*). Que he hum amor, que a todos convida a buscar o perdão, e emendar a vida por não offender a tal Senhor.

Que direi das doutrinas que deo, quando lhe perguntaram pelos mandamentos, qual era o maior, tentando-o? Quando lhe perguntavam pela resurreição dos mortos? Quando dava razão de si, e de suas obras

(*) Joann. cap. VIII.

se lhe perguntavam quem era? E muito mais da traição de Judas, e do que n'isso fez pelo converter, e dos conselhos dos Judeos que chegaram a o matar; quantas doutrinas, e exemplos por estas occasiões nos deo, quantos bens de tudo nos tirou, e quanto todos seus trabalhos nos converteo em bem? He esta materia larguissima, porque não pesam menos os divinos thesouros, que nos tirou da malicia de seus inimigos, que os que nos descobrio de seu divino peito. E tanto resplandeceo em nós sua luz, n'aquellas escuras trevas, como em si, claro, e divino Sol, por que em tudo he o mesmo, e em todas as cousas se parece comsigo. D'onde fica entendida aquella sagrada verdade de S. Paulo, que aos que temem, e amam a Deos tudo se lhe converte em bem (*). Por isso os que se vem perseguidos dos máos, e cercados de seus ardis, podem, e devem cuidar, que tem seu cabedal, e interesses seguros, com o temor, e amor d'este Senhor: e se devem mais occupar em grangear a Deos pera que lhes perdoe e os converta, que em contraminar seus ardis. Não queiram maior dita que terem occasião pera se mostrarem leaes a Deos; esforçados no combate; vencedores da malicia; invenciveis sustentadores das virtudes; imitadores de seu Divino Mestre; inimigos de seu inimigo o mundo; secretarios das verdades que os máos não conhecem; e valerosos sustentadores da honra do attribulado Jesu.

Exercicio das ciladas, e ardis dos máos Judeos, que o Senhor soffreo: com adoração das soberanas verdades que por esta occasião nos ensinou.

Suavissimo Jesu, amor da minha alma, e purissimo, e fidelissimo amador dos vossos, quem se atreve a entristecer, e afligir esse vosso cordeiro Espirito? Amais, e não sois amado; allumiais, e não sois conhecido; agasalhais a todos e não sois buscado; andais pelos corações dos homens como pedinte, e não ha quem vos dê entrada, nem o amor que mais que tudo desejais. Porque bom Jesu? Que ha em vós pera engeitar? Ou que pode haver fóra de vós, e sem vós pera desejar? Deos da minha alma, não vos cansem nossos males, lembro-vos que dissestes, que doze horas ha no dia(**). Poderoso sois pera dardes huma boa, em que sejais amado, e conhecido. Começai Senhor, por mim, ao menos n'esta hora da tarde, que pode ser a derradeira, já que as passadas gastei, e não em

(*) Ad Rom. cap. VIII. (**) Joann. cap. XI.

vos amar: esta seja a hora em que comece a vos conhecer, e possuirem meu coração. Não vos foram menos aceitos os que estando todo dia ociosos, tarde aceitaram vosso chamamento, e foram á vossa vinha, que os que n'ella trabalharam todo o dia, porque só os que não querem entrar vos descontentam(*). Pois Senhor, esqueça ante vós o passado, desde agora me tomai per vosso. Ame-vos meu coração, deseje-vos meu espirito, abrace-vos meu interior. Oh quando direi com verdade: quem me apartará do amor, e charidade do meu Jesu? (**) E se vos eu, suavidade minha, amar de verdade, como não direi de verdade isto? Não me aparte de vós o temor da morte, porque vós sois a minha vida, nem o amor d'esta vida, porque desejo perdel-a por vós, nem as virtudes celestiaes, porque sois maior, e mais glorioso que ellas; nem as cousas por vir, porque não tenho n'ellas que desejar mais que a vós; nem a tribulação, porque vós me consolais n'ella; nem a afflição, porque vós me aliviais; nem a fome porque vós me fartais; nem a pobreza, porque vós me enriqueceis: nem os perigos, porque vós me assegurais; nem a perseguição, porque vós me livrais; nem a espada, e tormento, porque por vós he liberdade: nem a liberdade, porque folgo de estar de vosso amor cativo; nem as criaturas, porque todas são nada ante vós; nem as mudanças da vida, nem os ardis do inimigo, nem as tentações dos homens, porque tudo me converteis em bem. Se vós, bom Jesu, fordes por mim, quem será contra mim? (***) Déstes-vos com eterna charidade de todo a mim, como me não dareis tudo comvosco?

Amando-vos sou forte, sou manso, sou paciente, sou brando, tudo espero, sei desejar cousas grandes, tudo posso, de todo mal fujo; porque amando-vos, vos tenho, e nada comvosco me falta. Amando-vos sou homem, sou Anjo, sou cidadão celestial, sou morto ás cubiças, e peccados, e sou vivo a vós. Se vos não amo que bem tenho, ou que mal deixo de ter? Huma só pena com vosso amor tenho, que he dôr do tempo que vos não amei, mas he dôr de vivo; mas quando vos não amo, nem o sinto, oh quam morto estou! Ah meu Jesu, doa-me muito não vos ter amado, porque como vivo de vosso amor vos ame muito. Allumiai meus olhos, meu bom Jesu, pera que sempre vejam a suavidade, e brandura, e charidade d'esse vosso coração, e preso de vossa fermosura, tudo mais não tenha em mim entrada. Isto he bom Jesu, o que vós desejais, e por isto nos

(*) Matth. cap. xx. (**) Ad Rom. cap. viii. (***) Ibid.

soffreis, e esperais. Pois Deos d'esta alma, chegue já esta minha boa, e bemaventurada hora de vos amar.

Oh bom Jesu, quam morto, e perdido está quem não vos ama; só vive pera mal, e pera se perder. Está louco, porque tem por siso não se governar por vós; está mais que enfermo, porque cuida que tem saude sem vós; está mais que morto, porque cuida que vive sem vós. Que digo, Senhor meu? Quem poderá dizer em quam desaventurado estado está? Que peior pode ser, que cuidar, que se pode pôr contra vós, e achar em vós que tachar e accusar? Oh Jesu meu, e Deus meu; que desatinos são estes do humano coração, que está desamparado de vosso amor? A vós, luz divina, quer escurecer? A vós, pureza divina, quer culpar? A vós, sabedoria divina, quer enganar? A vós, verdade divina quer desmentir? A vós, Verbo Eterno, quer tomar em palavras? Oh meu suave Jesu, que mais quero saber do que vai lá dentro d'esse vosso amoroso coração, que vêr, que vedes isto, e entendeis estas loucuras, e calais, e soffreis, e deixais-vos tratar como cada hum quer. Vedes as ancias d'estes máos, suas raivas contra vós, seus conselhos infernaes contra vossa divina virtude, suas manhas contra vossa innocencia, e todas suas damnadas tenções, e artes; e pesais com vossa divina sabedoria, quem contra quem, os porques, e pera ques; e o que de tudo vedes, calais e soffreis. Oh coração só digno de ser amado! Que vos falta, divino coração, pera merecerdes o amor de todas as almas? Tão immudavel, tão invencivel, tão brando no tempo da ira; tão soffrido no tempo da injuria; tão incansavel no tempo da tribulação, tão compassivo dos males de vossos inimigos; tão engenhoso em mudar tudo em bem; tão cheio do que não sei comprehender. Adoro-te, divino coração. Adoro-te, perfeições soberanas, e incomprehensiveis. Oh meu mar de bens; oh meu rio de mercês; oh meu fogo de pura charidade; oh meu thesouro de toda a bemaventurança! N'essa paz, n'esse socego, n'essa brandura dormirei, e descansarei. Oh se estes vos souberam armar ciladas, e laços pera vos tomar pera si, como vos deixareis cahir n'elles: com que gosto, meu Jesu, dissereis muitos segredos divinos, se vos quizeram tomar em palavras pera serem ensinados; como vos deixareis roubar, se só desejaram vossos divinos bens. Por ventura bom Jesu, he isto em vós desacostumado? Quantas vezes vos chamo e acodis, sabendo que logo vos hei de tornar a engeitar? Quantas me perdoais, e aceitais minha vontade de não peccar, sabendo que logo hei de tornar a meus males? Quantas aceitais os

contractos que comvosco renovo, sabendo que logo os hei de quebrar? Parece que vos deixais enganar, porque nenhuma cousa mais deseja esse vosso leal amor, senão que chegue alguma hora que fiqueis preso do amor, e perpetuado na casa do humano coração.

Mas, meu bom Jesu, quem tem mais ardis, estes pera vos caçarem, ou vós pera os tomardes a elles, e a mim? Oh pobre de mim, que sendo eu huma fraquissima criatura, não acabais de me haver ás mãos da maneira que vós desejais. Que he isto, Senhor, que monstro? Estes com seus ardis tomavam-se comvosco, divina e invencivel virtude; os quaes sendo máos, e terrenos nada haviam de poder contra vós, Deos eterno, e poder infinito; e vós, sendo este, e eu pó, e cinza, como me não levais logo a vós do primeiro lanço? Como fujo das redes de vossa charidade? Em tudo me armais pera me prender a vós, com a tribulação, com a tentação, com as consolações, com as doutrinas, com as ameaças de vossa justiça, com as mercês de vossa misericordia, com todas as cousas da vida, do inferno, e do Ceo; e de tudo escapo. Oh miseravel de mim, que digo, escapo? Outras desaventuras me tem preso, que me impedem estes vossos suaves laços. Desatai, Senhor, minhas cadeas, e sacrificar-vos-hei hostia de louvor, e saberei chamar vosso suave e santo nome. Vida, e remediador de minha alma, como ha de ser isto? Vós armais-me, e quereis que me deixe tomar por vontade, porque não quereis amor forçado; porque não pode ser forçado, e ser amor. Pois Senhor, desatai-me vós do que me faz força, e livremente vos amarei. Porque ainda que livremente amo o que de vós me aparta, bem sabeis que o costume tem feito de meus males tão forte cadea, que vejo o bem, e quasi me não posso sahir do mal; desejo-vos, e não sei de todo desejar-vos; porque se fora de todo, já estaria comvosco. Só vossa graça pode quebrar esta cadea, e libertar-me de mim, e prender-me a vós. Fazei, Senhor, vossa obra, que só he vossa, e prendei-me a vosso amor.

Adoração das verdades, que o Senhor nos tirou dos ardis de seus inimigos.

Oh thesouro de todos os bens, dou-vos infinitas graças, que não só me offereceis todos quantos tendes, mas de todos os males me tirais bens. Dou-vos infinitas graças pela força d'esse amor, que em lugar de condemnardes vossos inimigos, como mereciam, de todas suas malicias, e ardis

me fabricaveis divinas consolações, soberanas doutrinas, e riquissimas verdades, pera me allumiardes, e prenderdes a vós. Ensinai-me, Senhor, a conhecel-as todas, e adoral-as; e imprimi-as em meu coração, pera que por todas vos ame minha soberana fonte de bens.

Adoro-vos, meu Rei pacifico, que não quizestes que fosse governado pela sabedoria de Salomão, nem chamado pelas ameaças de Jonas, que prégava aos Ninivitas da terra; nem achasse em vós cousas grandes da terra. Mas que o meu governo fosse mais que Salomão, sabedoria eterna, riqueza infinita, e reinado perpetuo. E a tudo isto me provocasse vosso amor, e obras de vossa charidade. Oh meu mais que Salomão, que com nenhuma terrena affeição vos podeis mudar; mais que Salomão, porque vossa paz he interior, cheia de toda consolação celestial. Mais que Salomão, porque vossa riqueza, e gloria não pode ser abatida, nem desfeita. Mais que Salomão, porque sois todo de todos, e todo meu. Adoro-vos mais que Jonas vencedor da morte, amansador dos mares das tribulações, perdoador dos peccados, e suave agasalhador dos peccadores. Não permittais, Senhor, que estas mercês sejam pera mim condemnação, mas que as ame, e com ellas vos sirva, e me sirvam todas de sinal, e remedio de vida eterna.

Adoro-vos, purissimo Jesu, amador das almas limpas, pela estima em que tendes a pura, e limpa castidade. Desapegai, Senhor, meu coração de toda a cousa terrena, pera que ame esta angelica virtude. E pois isto ha de ser dom vosso, e por isso dissestes que era dado não a todos, vencei meus inimigos, e acendei em mim o fogo de vossa charidade que só pode levantar este terreno coração ás prisões espirituaes, e fazel-o aborrecedor de toda terrena imaginação, e purifical-o, e fazel-o angelico.

Adoro-vos, Principe, Capitão, remediador dos peccadores, que tambem quizestes ser conhecido por Pastor d'elles. Dou-vos infinitas graças pela larga entrada que abristes aos publicanos, e peccadores em vosso Reino. Não fique eu, Deos meu, de fora, se estes hão de ter em vosso Reino grande lugar, eu que sou o maior de todos como hei de ficar de fora? Convertei-me, meu reparador, e salvador a vós, porque convertido me aborreça, e vos abrace, e reconheça por meu senhor, e todo meu bem, e toda minha gloria.

Adoro-vos com verdadeira fé, e inteiro coração (não como os malvados Fariseos com fingimento, e engano) e vos confesso meu mestre de

puras verdades, por luz divina, que mostrais as verdades do caminho de Deos; por leal amador das almas, que sem exceptação de pessoas a todos abris esse divino coração. Ensinai-me, Senhor, a dar ao mundo, e a Cesar, e aos proximos o seu, conforme a vossa Lei, e a vós, minha bemaventurança, esta alma onde está vossa imagem, e onde os revestes a vossa semelhança; e pois pera vós he feita, a só vós a dê. Tirai-me, Senhor, os tributos que como perverso e traidor, quiz dar a meus peccados, e a vossos inimigos, e pague toda a inclinação d'esta alma a vós a quem só a devo.

Adoro-vos, amigo verdadeiro, que tão claramente vos publicastes por Esposo das almas. Não permittais que attente minha alma pera outros amadores. Oh meu divino Esposo, sede vós todo meu cabedal, toda minha honra, toda minha festa, todos meus prazeres: dai-me, Senhor, aquella vestidura de charidade que quereis tenham os que hão de entrar a estes esposorios. Não escondais nunca vossa face de mim, ouçam sempre minhas orelhas vossa suave voz, porque fuja de mim tudo o que vos descontenta, e vos seja esta alma leal esposa, sem dar entrada a outro nenhum amor.

Adoro-vos, divina sabedoria, que todo bem, e mal me ensinastes, que do coração procedia. Vossos purissimos olhos não se enganam com o de fora: ao de dentro olhais. Alimpai, Senhor, o mal que n'este interior vedes. Renovai em mim espirito novo, porque não me lanceis de vossa face. Oh como vos he isto leve bom Jesu, só por mim he difficultoso. Mas maior he vosso amor, e misericordia, que minha dureza e cegueira. Resplandecei, Senhor, n'estas escuras lapas d'este coração; e fazei n'elle a fonte das agoas vivas, que corram até vós.

Adoro-vos, Padre piedoso, amoroso recebedor de vossos filhos prodigos, e estragados: não mereço olhar ao Ceo, nem ser do numero dos vossos filhos, mas fazei-me como ao mais pequeno de vossa casa, que isto me basta.

Adoro-vos, Pastor das ovelhas erradas, que com amor buscais as que vos fogem. Eu errei mais que todos, alegrai vossa casa com me achardes, e salvardes. Adoro-vos, companheiro divino dos necessitados peccadores. Entrai n'esta casa miseravel, fazei n'ella vossa saude, e mostrai vossa misericordia, pois a ella quereis mais que sacrificio.

Adoro-vos, verdadeiro couto de todos os errados, e convertedor poderoso dos animos perdidos. Assi como com vossas divinas palavras

abrandastes aos que vos hiam prender, e confessaram que fallaveis mais que humano, assi me convertei todo a vós, e me fazei ver vossas verdades. E assi como não condemnastes a adultera, quando todos a deixaram em vosso poder, assi me tomai a mim, porque certo sou que de vós não ha de proceder senão perdão, consolação, saude, graça e amor.

Oh bom Jesu, armem-vos vossos inimigos ciladas, inventem ardis, pois de cada hum haveis de tirar pera esta pobre alma tantas riquezas. Que temo, bom Jesu, quando receio, e se me figura pesada a batalha das tentações, e a mortificação de minha má natureza, e receio deixar tudo por vos servir? Quem pode, e quem quer converter-me tudo em bem senão vós? Nenhuma cousa vos deo trabalho, que não abrisse pera mim huma fonte de misericordias. Pois que temo? Vós fazeis doces as agoas salgadas, tirais agoa da dura pedra, abrandais as ondas do mar, da morte tirais a vida. Pois que temo? Oh bom Jesu, dilatai e alargai este coração, pera que com espirito, fé, e amor, me lance n'esse mar de charidade com que me amais, e n'esses braços de amor com que me governais; porque ahí em vós repouse, em vós a vós ame, a vós em vós possua, e seja de vós pera sempre possuido.

Oh Madre purissima, thesoureira das divinas graças, que só d'este Senhor viveis, e com elle só subistes á perfeição e gloria que tendes: levai-me apoz vós, assegurai-me na fé, e amor d'este Senhor, pois elle só he o meu couto, e meu refugio. Celestial e glorificada Corte soberana, presa do amor d'este Senhor, e rica de seus thesouros a nós escondidos, e a vós já manifestos; estilai humas gotas d'essas suaves agoas n'este sequioso coração, com cujo sabor sempre a affeição d'elle suspire por essa soberana fartura, até que mereça ser desatado, e ir á vossa bemaventurada companhia ser pera sempre farto. Amen.

TRABALHO XXIV

Ingratidão dos beneficios.

Unem-se pela maior parte, e acompanham-se os vicios juntos de maneira, que muitas vezes parecem pais, e filhos, causas, e effeitos huns dos outros. D'aqui vem que os Santos humas vezes dizem que o amor proprio he causa de todos os vicios; outras que a soberba deo a todos começo: outras que a inveja a todos abrio a porta: outras que apostatar da obediencia de Deos foi o principio de todo mal. Assi ora a huns, ora a outros vicios dão a causa, entrada, e começo de todo mal: porque chamam huns tanto por outros, e abrem tanto caminho huns a outros, que cada hum d'elles parece que he a fonte de todo nosso mal. Por isso he verdade que quem vence perfeitamente hum vicio, a todos corta as raizes, e quem se deixa cativar de hum só, a todos os companheiros paga tributo. Entre todos ao vicio da ingratidão os Santos dão tão proprios, e peçonhentos attributos, que parece que esta só basta pera destruição das almas, e de todo bem. Sam Bernardo diz: que he cousa mortal, contraria da graça, inimiga da alma, destruição dos merecimentos, degredo das virtudes, perda das mercês de Deos, vento que queima, e secca a fonte da piedade, o orvalho da graça, e a corrente da misericordia: inimiga da saude, porque he hum dos que descontentam mais a Deos (*). E a este modo fallam d'ella todos os Santos, que ata as mãos a Deos, que cerra a corrente da fonte de todos os bens, e destrue os bens recebidos, e inhabilita pera receber os prometidos e necessarios, e tudo o mais que pode fazer prejudicial, e medonho qualquer grande vicio, attribuem a este. Assi nos tres annos que o Senhor tratou com os Judeos descobertamente, mostraram elles tantos, e tão perversos vicios, que cada hum d'elles parece que foi a causa de sua perdição, e dos trabalhos que a Christo deram. A verdade he, que estavam elles tão senhoreados de tantos, e era cada hum d'elles tão bastante pera lhe causar sua perdição, que a nenhum se pode dar a ventagem. O vicio da ingratidão não teve nelles menos entrada, e lugar que os outros, e podemos dizer com verdade que todos os outros que tinham, deram a este forças, e azas, e o fizeram mais arreigado: e que este, pela muita posse que

(*) S. Bern. sup. Cant. serm. LI.

tinha d'elles tomado, fez todos os outros mais incuraveis, e cerrou a porta a todos os bens que presentes tinham em o Senhor, que nenhum póde nelles ter entrada: e d'elle como de hum geral pego, e fonte correram todos os trabalhos que a Christo nosso Senhor deram. Dos quaes cada circumstancia foi tão pesada, e penosa, que com razão cada huma se pode contar por trabalho principal: porque quando outro não houvera, pera ella houvera mister sua invencivel paciencia.

Bem claro se vê, que este trabalho de receber desagradecimentos continuos por divinos beneficios, mal se podera com menos que seu incomparavel soffrimento passar: porque nunca desagradecimentos chegaram aos estremos dos que elle soffreo: os quaes foram tamanhos, que se não podem com palavras encarecer. Huns engeitavam suas mercês, e lhas não queriam, como foram os Sacerdotes, e Principes do povo, que por lhas não deverem desfaziam nellas: e quanto mais lhe deviam mais odio lhe mostravam, por se lhe não mostrarem obrigados. Outros que corriam apoz elle, por se aproveitar de seus beneficios, se lhes não fallava á vontade voltavam contra elle: e por abaterem os recebidos, pediam outros que tinham por maiores. Como fizeram os cinco mil homens, que fartou com cinco pães, e dous peixes, que o buscaram pera o levantar por Rei, por comerem sempre sem trabalho. Os quaes tendo isto por tamanha cousa, que o houveram por merecedor do reinado só por ella: como nosso Senhor lhes disse, que não era aquella a tenção com que o haviam de buscar: e lhes tratou do pão divino que elle havia de dar em mantimento aos homens, logo supitamente voltaram contra elle, havendo o que tinha feito por nada: e lhe disseram, que maravilhas fazia elle pera lhas crerem? que ainda lhe não viram dar pão do Ceo, como o maná que em tempo de Moysés descera no deserto a seus antepassados. Outros depois de curados de seus achaques, não lhes lembrava mais tornar-lho a agradecer: como fizeram os dez leprosos que elle curou, de que o Senhor mesmo se queixou: que de todos elles, hum só, que era Samaritanó, tornára a lhe dar as graças, pela mercê da saude que recebera. A este modo ora huns, ora outros, pagavam as mercês que do Senhor recebiam, com lhe darem muitos trabalhos, e lhe dizerem muitas injurias, e o encontrarem como temos dito, e todas suas cousas. E por cabo, e estremo de sua ingratidão infernal, a propria gente d'este Senhor tão curada, tão doutrinada, tão agasalhada, favorecida, e cheia de soberanas mercês: que dia de Ramos como a seu Salvador

vindo do Ceo o recebeo com festa, alvoroço, e divinos louvores, e honras, esse proprio dia fez liga com seus perversos Principes, e Sacerdotes contra elle, e d'ahi a seis dias o negaram ante Pilatos, e o trocaram por hum ladrão revoltoso, e homicida, e os proprios que quando os curava diziam, que tudo fazia bem feito, e que Deos por elle visitara seu povo, lhe pediram a morte como a perturbador, feiticeiro, e peste do povo; e pelo vêr morto, tomaram sobre si seu sangue. E os proprios que se afogavam por lhe chegar, e tocar seus vestidos pera sararem, pediram com gritos a Pilatos, que lho tirasse de diante dos olhos, e o mandasse crucificar. E os lugares, pelo hir tomar nos campos, ouvil-o, e aproveitar-se de suas mercês, com muito maiores encontros, gritas e alvoroços, o tiraram fora da cidade com a Cruz ás costas ao Calvario, e o pozeram n'ella com brados e alaridos que fendiam o ar, sem haver quem se lembrasse do que lhe deviam, e do que perdiam, e de quanto este Cordeiro lhes merecia. O que faz tudo isto em o Senhor mais admiravel, e que se não enganava com a gente, mas quando lhes fazia as mercês, já sabia que as fazia a quem lhas havia de pagar tão mal, e com tamanhos estremos de desagradecimento, e nem por isso deixava de dar falla ás lingoas que lhe haviam de pedir a morte, e pés aos que haviam de correr sem piedade a o vêr matar; e tudo o que d'elle queriam aos que lhe haviam de tirar a vida; e divinas mercês a Judas, que o havia de vender; e curar a Malchos, que o havia de ajudar a prender, e favorecer com suas riquezas aos proprios seus perseguidores, e atormentadores.

Acharam as leis justiça, e razão ao vicio do desagradecimento, pera os pais deserdarem seus filhos: e que mereciam por elle os filhos ingratos perder os bens do amor paternal: e pera os senhores desmedrarem seus criados que os tivessem muito servido. A humana razão julga que justamente a ingratidão aparta as antigas amizades: muda em odio as affeições: e todas as mudanças de grande amor a perpetuo apartamento ficam justificadas com o desagradecimento. Tanto que quando algumas vezes se querem fazer reconciliações dos que por este respeito quebraram, não se buscam outras razões senão a obrigação que a virtude tem de se mais mostrar, onde parece que tem menos razão de o fazer. Mas ao vicio do desagradecimento não se lhe acham descargos, nem desculpas: e tanto parece que he mais refinado, e insoffrivel, quanto o querem fazer mais leve: nem tem outra razão pera ser soffrido, senão,

ou não ter desculpa, ou estar o ingrato já conhecido. Mas a isto ainda escassamente se rendem grandes, e mui desapaixonados entendimentos: porque parece que o perdão fica em damno do ingrato, e o rigor em virtude de justiça do que foi mal agradecido. Só pera o amor divino que Christo nosso Senhor nos tem, e pera a graça, e charidade que d'este seu amor communica aos seus, ficou reservado tomar do desagradecimento materia de se mais acender, e refinar. E assi não serve ao divino amor de causa pera se mudar em odio, mas de materia de mais pena, e trabalho, e demonstração da força, e grandeza, com que por tudo passa seu divino peito, que eternamente nos ama, e de achar invenção, e ter occasião de abrir com o mesmo desagradecimento de inimigos, e tormentos, que por elles lhe deram, riquissimos thesouros de divinas e soberanas mercês pera elles mesmos. Porque quando tornassem em si, vissem que comsigo tinham que fazer: mas que da parte d'este Senhor, que como ingratos engeitaram, e atribularam, está tão inteiro o amor que lhe tem, e desejo de os salvar, como se lhe foram sempre mui agradecidos.

N'este conto de desagradecidos a este Divino Cordeiro, e de obrigados a este seu invencivel soffrimento, e amor estamos todos os filhos de Adão. E com muito particulares razões os que nascemos na sua Igreja, nos braços de sua fé, e charidade, e temos diante dos olhos as esperanças, que seu amor, e paixão nos descobrio dos eternos bens, e as verdades que nos publicou dos caminhos do Ceo. Porque a tudo damos de mão, como se offerece qualquer affeição, gosto, ou appetite terreno, com tanto esquecimento do que lhe devemos, e com tam baixa desestima de tudo, como se elle fora o enganador, e nossos perversos enganos foram eternas verdades. Nem poderamos com mais cuidado, e soltura correr a elles se foram verdades do Ceo, do que fazemos experimentando cada dia suas mentiras. E o que mais he, o despejo com que nós ingratos a quanto lhe devemos, apparecemos diante d'elle, fallamos na oração com elle, e tratamos em sua casa como se foramos os que o houveramos com muito serviço, e amor, muito penhorado. Assi entramos, e sahimos nas suas Igrejas, assi desassombradamente andamos diante de seus olhos, como se elle em nós não visse, que não ha mister menos soffrimento pera dissimular com cada hum de nós, do que houve mister pera soffrer seus crucificadores. Dizem os Theologos, que cada peccado que se torna a commeter tem circumstancia de desagradecimento que o

faz ser mais grave. Ora que gráos da graveza terão os que reperdoados muitas vezes, são muitas mais repetidos? Ajuntando a isto o máo uso, que continuamos, de todos os bens corporaes com que negociamos nossa perdição, com as proprias cousas que Deos nos deo pera grangear a salvação: a desestima dos bens espirituaes: a facilidade de perder a graça recebida; o descuido de a tornar a cobrar: a descortezia com que engeitamos a Deos suas inspirações, e mercês que nos offerece: e a troca que de todas ellas fazemos por baixissimas, torpissimas, e damnadas cousas da vida: e quanto mais monta ante nós mundo, homens, desejos, appetites, gostos baixos, e tudo o que abaixo de Deos ha, até cousas que nem sem vergonha podem ser imaginadas, que a divina magestade, grandeza, verdade, eternidade, poder e gloria de nosso Deos, de cuja bondade sempre, e em tudo vivemos, e de cuja justiça por nenhuma forma podemos escapar: fica nosso desagradecimento hum tamanho mar de males, e perdição nossa, e huma tão pesada, e incomportavel carga de offensa d'essa divina Magestade, que nenhuma esperança de remedio nos fica, senão aquella charidade, que vendo d'antemão tudo isto quiz por nós, e por todos estes desagradecimentos ser crucificado. A qual assi como o fez morrer por ingratos, lhe fará esquecer-se de nossas ingratidões, se a elle nos tornarmos. Mas nós entendemos que estas duas correntes levam suas levadas apar ambas juntas de nossos continuos desagradecimentos, e de seus perpetuos, e amorosos soffrimentos: de maneira, que se este seu amor tomasse seu caminho por outra parte, e de nós se apartasse; muitos dias ha, que muitas vezes déra cada hum comsigo em eterna condemnação. Seja todavia isto pera nos corrermos de nós, e sentirmos quam mal pagamos ao Senhor o muito que lhe devemos: porque se nos servir muito tempo seu soffrimento de mais descuidado desagradecimento, pode vir a hora que a elle lhe sirva de justa ira, e de nos afastar de si com perpetuo, e desaventurado apartamento.

Merece-nos a misericordia que n'esta parte o Senhor comnosco usa, que n'ella o imitemos em todos os desagradecimentos que padecermos na vida, e que monte mais comnosco a obrigação de lhe recompensar parte do que n'isto lhe devemos, em fazer por seu amor bem aos ingratos, que nol-o não merecem, que as humanas razões, por grandes, e poderosas que sejam, pera lh'o deixar de fazer. Por esta razão diz S. Lucas, que Christo nosso Senhor nos obrigou a querer bem aos inimigos (*).

(*) Lucae, cap. VI.

«Porque (diz o Senhor) que fazeis em amar os amigos? Tambem os máos amam a quem lhes quer bem. E se fizerdes bem a quem vol-o faz, que graças por isso? Tambem o fazem os máos». E assi diz d'outras cousas, e conclue: «Amai vossos inimigos, fazei bem, e dai onde não esperardes nada, e tereis grande premio no Ceo, e sereis filhos do Altissimo: porque elle he benigno ainda com os ingratos, e máos. Sede logo misericordiosos como vosso Pai». Sem estas divinas obrigações entendeo Seneca, que perde os bens quem deixa de os fazer ao ingrato. Porque quando se fazem bens ao ingrato, elle só os perde, que os não recebe, e muito mais os perde quem lh'os não faz pelo que desmerece, e assi quem quizer por esta via evitar o perigo da alhea ingratidão cahirá em não fazer bem, que he muito maior, e se he razão ter respeito ao que o ingrato desmerece, muito mais christãmente se deve ter ao que cada hum a si mesmo se deve: que he não deixar de ser virtuoso pelo mal alheio. E mais justo he que faça ao ingrato bem, pera que me não faça máo o seu mal, que deixal-o de fazer, porque lhe não faça mal o meu bem. Porque fazendo-lhe bem, não lhe dou occasião de ser ingrato, e aventuro fazel-o com meu bem agradecido: e com deixar de lh'o fazer, fica o desagradecido como d'antes, e ás vezes mais duro, ou mais imperfeito. Com tamanho espelho diante dos olhos, como he o muito que de Deos, sendo sempre ingratos, recebemos, não havemos mister muitas razões pera mostrar quam aceito lhe he imital-o n'isto. Quem quizer fazer bem, ponha os olhos só em Deos pera por seu amor fazer tudo, como os elle põe só em si pera nol-o fazer: e fundado n'esta tenção, não haja cousa que o tire de bem fazer: apoz isto se determine não esperar de ninguem agradecimento. Porque a experiencia mostra que a mais da gente em todos os estados, e qualidades muitos bens que tenha recebido, tudo esquece na primeira cousa que deseja, e se lhe nega. E por isso tanto perde as mais das vezes quanto dos homens espera nas boas obras que faz. Diz o Sabio que a fé (isto he a lealdade) do ingrato se consume como geada do inverno, e passa como agoa sem proveito (*). Porque lhe não lembra mais que emquanto ha mister a boa obra, que se lhe faz: e passado esse tempo assi lhe esquece, que muitas vezes (como diz em outra parte) o peccador a si attribue os bens de quem lhe fez bem, e o coração ingrato deixa a quem o livrou. E o que he peior, como diz Seneca, por não parecer que deve, desfaz no que recebeo, e alarga as injurias. Pa-

(*) Sapient cap. XVI.

rece-me que em poucas palavras comparou Seneca muito bem a ingratidão: que he peior peçonha que a peçonha de viboras, as quaes tem em si sem damno seu a peçonha com que damnam as outras cousas: e o ingrato a si só se damna, e faz mais perfeito a quem sobre tudo isso lhe faz bem. Por onde já que o exemplo, e verdade soberana de Christo Senhor nosso por huma parte, e a razão pura natural por outra tão claramente ensina quanta obrigação tem o virtuoso de fazer bem aos ingratos, não me fica aqui mais que dizer, senão que não ha cousa de que mór inveja santa se possa ter na vida, que dos bens interiores que logra com Deos quem recebe males por bens, e quem não deixa de fazer bem a quem lh'o não agradece. E quem d'isto duvidar, entre nos bens do Senhor, e do que experimentar parta comigo: que eu terei por presa os seus sobejos.

Exercicio da ingratidão que o Senhor soffreo por beneficios, e contra este pestifero vicio.

Que he isto, bom Jesu? Nenhum trabalho, nem affilição quizestes que vos ficasse por passar? Ainda sobre todos vossos trabalhos, que por nós passastes, soffrestes ser de tudo desagradecido, e tomarem vossos contrarios das proprias mercês, que lhe fazieis, materias de vos serem mais ingratos. Bemdito seja vosso amor, que tanto vos faz soffrer. Oh purissimo, e suavissimo Jesu, deixai-me vêr o segredo d'esse coração. Por huma parte ninguem pode sentir mais que vós desagradecerem-lhe os bens que faz, e ninguem saberá imaginar quanto vos isto cansa, e atribula: e por outra parte quando parece que são bastantes tantos desagradecimentos pera cegar os olheiros das divinas agoas, e mercês que d'esse peito brotam, arrebentam fóra mais grossos bolhões, e mais copiosos, e alagais com mercês os mesmos que vol-as engeitam; e quando parece que vos afogam com trabalhos, e ingratidões, com ellas mesmas abrem em vós fonte de todo seu bem. Adoro-te, divino coração; quem digno de ser amado senão vós? Quem digno de ser adorado, louvado, e servido senão vós? Copioso em amar, copioso em fazer bem, e copioso em padecer por quem com ingratidão vos faz mal. Ninguem pode vencer a grandeza, e bondade d'esse coração. Vedes diante de vossos olhos tamanhos estremos de ingratidão, que todos vossos divinos bens querem anichilar, e todas vossas mercês desacreditar: e pagam-vos com injurias, desprezos, affrontas, tormentos, e mortes, e

convertem contra vós os mesmos membros que lhes curastes, os mesmos corações que lhes ensinastes, e tudo quanto lhe destes; e o que vos isto custa vós o sabeis; e todavia não se secca essa fonte de bondade, que d'esse divino coração mana, nem se esfria esse forno de divino amor em que arde, nem desesperais aos ingratos do remedio; mas ainda os provocais a receberem mais novas, e maiores mercês. Oh fonte de toda a bondade, que pêde aquella gente desejar que tendo-vos lhe faltasse? Nem que fundamento tinham pera vos serem ingratos? Senão tinham que comer, vossas mãos eram sementeira de toda a fartura; quando sabíeis que lhe faltava, não esperaveis que vol-o pedissem: porque primeiro vos compadecieis de sua necessidade do que elles a sentissem. Em vós tinham medico, e botica de divinas medicinas pera seus corpos e almas. O mar lhe amansaveis nas tormentas; as viuvas consolaveis com lhes resuscitar seus mortos; de vós tremiam os demonios, diante de vós saltavam os tolhidos, e quem vos não podia fallar, com vos tocar sarava. Ensinaveis-lhe a pura verdade da Lei de Deos: aos que mereciam pena livraveis d'ella; aos que tinham culpa lh'a perdoaveis. Que mais podiam querer pera o corpo, pera a alma, e por tudo quanto podiam desejar? Com quanta mais razão se podia dizer por estes, Deos meu, o que a Rainha do Austro disse a Salomão: «Bemaventurada a tua gente, bemaventurados teus servos que estão sempre diante de ti, e ouvem a sabedoria de tua boca». Porque Deos amava Israel lhe deo tal Rei, pera lhes fazer juizo, e justiça. E esta mulher vio só o que aos olhos parecia espantoso no de fóra em hum homem de terra, e vós bom Jesu, mostraveis poder divino, sabedoria divina, amor divino, e todos os bens divinos. Se aquella gente era amada por ter tal Rei, com vos ter a vós que podia cuidar? E todavia nada vos agradecem aquelles máos corações; mais querem as baixezas da terra que a vós, e não descansa sua ingratidão até vos tirar diante de si, e matar. Ficam-lhe as praças, ruas, casas, e synagogas, e campos cheios de mercês vossas, e de vossos divinos thesouros, e lançam-vos de si, e não vos querem. Oh meu Jesu como lhes não tirais as vidas, e as saudes, e as outras mercês que lhes destes; e não recolheis a vós tudo, pois vos não querem a vós, nem vol-o agradecem? Adoro esse amor tão suave pera os que vos não querem; e essa lastima com que esse divino coração sente ser engeitado. Abri Senhor, em meu espirito fonte de amor, e raios de vossa luz, pera que saiba conhecer este mal, e esse bem d'esse divino peito. Der-

retei-me Senhor, pera que ame o que em vós vejo, e aborreça o que vos engeita. Que lhe fica a quem vos engeita? Oh como he verdade, Senhor, o que dissestes; que quem vos não quer vindo do Ceo cheio de soberanas riquezas em nome de vosso eterno Padre, receberá com braços abertos qualquer outro que vier em seu nome pera engano, e destruição. Estimaram mais a si que a vós, e o mundo que vosso bem; e suas cubiças, que vossas mercês; e trocaram a vida pela perpetua morte. E vós sentís o seu mal, e doe-vos seu damno; e elles sem vós ficam com elles contentes. Assi se trocam os cuidados, e sentimentos: elles sem sentido de sua perda; e vós penais, e vos atribulais por ella. Bemdito, e louvado seja esse eterno, e infinito amor.

Ah meu Senhor, e grande soffredor de ingratos corações, sempre tenho que chorar diante de vós novos, e antigos males, velhas, e renovadas chagas, que vós só podeis curar. Eu Senhor, ainda que vos não vi em carne, creio-vos em espirito, e com tudo o que na terra fizestes, a mim fabricastes abysmos de infinitos thesouros. Tanto nascestes pera mim só, como pera todo o mundo, e assi como vós não acabais, assi nenhuma obra, e virtude vossa se perdeo, e consumiu: tudo pera mim está reservado inteiro, e fresco. Dêssas mercês vivo, ellas me sustentam, ellas me governam, poz ellas sou, por ellas espero, e o que não vejo creio. E sendo vós este, e tudo o que tendes pera mim, eu sou ingrato mais que todos os homens, e desconhecido a todas vossas mercês. Como, Deos meu, estou diante de vós, e como me atrevo a alevantar a vós meus olhos? Que conta vos hei de dar de mim, se ma pedirdes com rigor, e justiça? Ah Senhor, que mereço que todas vossas misericordias se levantem contra mim, todas vossas mercês me condemnem, toda vossa bondade me confunda, e tudo o que pera me remediar fizestes, me lance, e aparte de vós. Que serviços vos tem feito estes olhos, esta lingoa, estes ouvidos, todos estes membros d'este corpo, estas forças, este entendimento, esta memoria, esta vontade, esta alma, e todo este miseravel peccador? Ou que offensas deixei de commeter com tudo isto contra vós? Que louvores vos dei pelo Ceo, terra, ar, e elementos: pela saude, vida, e bens temporaes que me destes? Ou quando deixei de usar mal de tudo com summa ingratidão, com muitas offensas vossas? Pois se entrar na perenal corrente de mercês espirituaes que me tendes promettido, e eu tenho perdido, e engeitado: que será de mim ante vosso juizo? Oh miseravel, e perverso de mim, se me não olhardes com a mi-

sericordia com que morrestes pelos ingratos. Quando, meu Deos, me visitastes com vossa suave presença, que minha alma se cativava, e prendia de vossa fermosura, que lhe era pesado tudo o da terra que de vós a apartava, que nenhuma cousa mais sentia, que a necessidade de se occupar das necessidades do corpo, ou da terra; que vio em vós pera logo sahindo d'ahi vos esquecer, e esquecida se distrahir por outros amores, e distrahida engeitar as verdades que tinha experimentado? Vós não perdestes ser quem sois, nem o que ha fóra de vós mudou o ser que tem baixo, e mudavel: pois que razão tenho pera vos trocar por cousas em que nunca acho o que de vós me communicais quando a vós me chego? Quando me fui a vós arrependido, logo me recebestes, consolastes, e perdoastes: porque conheci que sem vós nenhuma cousa me podia remediar, e que só com me pegar comvosco me podia salvar. Pois porque me desapeguei de vós? Porque esqueci estas mercês? Ou que achei nas cousas que de vós me apartam, pera por ellas vos tornar a offender? Oh quam miseravel, Deos meu, estou ante vós!

Lembre-se aqui, o que se exercita, das particulares mercês que de Deos recebeo, e dos peccados que lhe perdoou, e das tentações de que o livrou, e do esquecimento que de tudo isto teve: como sempre tornou ao arrevessado como cão, e lhe desagradeceo tamanhas, e tão particulares mercês, e isto com muita humildade, dôr, e conhecimento; então prosiga.

ORAÇÃO SOBRE NOVE VERSOS DO PSALMO «MISERERE MEI DEUS».

«Tibi soli peccavi, et malum coram te fecit: ut justificeris in sermonibus tuis, et vincas cum judicaris.»

Tudo isto me tendes meu Deos soffrido, conhecendo todos os quilates de meu profundo desagradecimento. E tal sou, que não posso de mim prometter, que vos seja d'aqui por diante agradecido quanto vos devo. Mas ainda que sou este, tambem creio a grandeza de vossa misericordia. Pequei só contra vós, porque a só vós devo quanto bem tenho, e só vós mereceis o amor d'esta alma, e ainda que serdes vós o offendido me podia desesperar por quem sois, e por quem sou; todavia só vós sois o soffredor, e o perdoador amoroso; e só o que sabeis dar remedio aos mais desesperados d'elle. Pois Senhor, diante de vossos olhos

estão todos estes meus males, e ingratidões. Assi como me vistes e soffrestes até agora, pera que ninguem de vossa misericordia julgue senão o que n'ella ha: e quando parece que lançareis de vós com justiça os peccadores, então vence com piedade suas ingratidões; assi bom Jesu, vença vossa clemencia todos estes males. Não correis pera mim a fonte de vossa misericordia, pois não he possivel esgotar-se.

«Ecce enim in iniquitatibus conceptus sum: et in peccatis concepit me mater mea.

Eu, Senhor, como miseravel filho de Adão concebido em peccados, e n'elles nascido, sou sempre desdo ventre de minha mãi a elles inclinado. E porque vós esta má inclinação a todo mal do humano coração sabieis, dissestes a Noé, que não nos castigarieis como merecemos, por não nos consumires de todo, mas usarieis de soffrimento, e misericordia. Se vós d'esta comigo não usardes, que será de mim? Pois sempre vou mal, e todas das vossas mercês, minha malicia converte em offensas vossas, e minha ingratidão merece que me priveis d'ellas.

«Ecce enim veritatem dilexisti; incerta et occulta sapientiæ tuæ manifestasti mihi.

Vós, Deos meu, amais a verdade, e por isso sei, e confesso que vos mereço não me crerdes quando vos prometto a emenda, nem me receberdes, quando ingrato, e traidor a vós me torno; porque sempre vos minto, e logo vos torno a offender. Mas Senhor, pera que me descobristes os segredos d'esse coração? Pera que me manifestastes a sabedoria com que achastes a todos meus males soberanos remedios, senão pera que de vós tudo espere, quando mais desesperado estiver de mim? Podestes fazer-vos homem por mim, podestes, sem perder nada do vosso, morrer por mim em huma Cruz: soubestes humilhar-vos pera me levantar: soubestes derramar vosso sangue pera me santificar: sem perderdes de vossa magestade, me enchestes de vossos merecimentos, pera que d'essas vossas eternas verdades esperasse o remedio de minhas ingratidões, e mentiras. E posto que terdes-me ensinado tanta cousa de vós mais condemna minhas ingratidões: todavia já me não póde estar em segredo que haveis de receber ao mais perdido, se a

vós chegar arrependido. Oh amador da verdade, como posso já d'ella desconfiar?

«*Asperge me Domine hyssopo et mundabor; lavabis me, et super nivem dealbabor.*

Não desconfiarei, bom Jesu, pois tenho por mim vosso sangue. Não desconfiarei, porque a minha confiança não pende do sangue dos sacrificios da velha lei, que com a humilde herva hyssopo espargia sobre o povo em figura do vosso; mas funda-se na virtude do vosso de infinito preço, e valia, que d'essa humilde humanidade manou, e me póde de todo perfeitamente alimpar, e santificar. A pureza, e corrente d'este limpissimo sangue póde levar, e afermosear com sua brancura, e resplandor a escuridão de minhas culpas, e fazer mais alvo que a neve este espirito tornado em cinza, e carvão. Vós me podeis fazer de ingrato agradecido, de fraco constante, de inclinado a todo mal, desejoso de vosso serviço, de affeiçoado a cousas terrenas, porque vos perco, cheio de amor puro, que sempre a vós me apegue.

«*Auditui meo dabis gaudium, et lætitiam; et exultabunt ossa humiliata.*

Quando d'esta maneira, bom Jesu, me fizerdes todo á vossa mão, e me mudardes de minhas baixas inclinações, alegrar-se-hão meus ouvidos com vossa voz; porque então de verdade me aborrecerão as vozes terrenas que até agora amei, e de que gostei. E todos meus ossos, que estão ante vós com tantas ingratidões abatidos, e condemnados a justa sentença de perdição, com esta misericordiosa mudança alegres se converterão todos em vosso serviço. Porque como todos serviram ao peccado, como podem cuidar que prestarão pera vos servirdes d'elles, se vossa voz não chamar todo este interior, e exterior, pera que tenha confiança, que pode tudo em mim glorificar-vos, assi como tudo vos offendeo?

«*Averte faciem tuam a peccatis meis; et omnes iniquitates meas dele.*

Ah misericordioso Jesu, quando já chegará esta hora de me tirardes do pégo de minhas ingratidões? Se sua fealdade vos impede, tirai os olhos d'ella, e de meus peccados, e ponde-os n'esta criatura que crias-

tes, e redemistes, e com eterno amor amais. E se estão a mim tão apegados, que não he possivel ver-me sem elles: vede o damno que fazem a esta criatura que amais, pera que não vejais, e vos esqueça a offensa que contra vós com elles tenho commetido. Porque curando com misericordia as chagas que me fazem, ficarão vossas offensas remediadas. Oh Deos meu, tirai de mim estes males, pera que os não vejais quando pera mim olhardes. Porque já que n'esses misericordiosos olhos está meu remedio, pera que não deixeis de me olhar como hei mister, afastai de mim meus peccados, pera que não afasteis de mim esses piedosos olhos remediadores de minhas necessidades.

«*Cor mundo crea in me Deus; et spiritum rectum innova in visceribus meis.*

Bem sei Senhor, que não podem a luz e trevas morar juntas n'este terreno, e velho coração: e que está elle tão damnificado dos perversos moradores que n'elle contra vossa vontade agasalhei, que não póde vossa grandeza, e magestade ter em mim o lugar que merece. Mas quem pode fazer casa em que caibais, senão vós que fizestes meu coração pela vossa medida? Mostrai logo bom Jesu, vossa virtude que fizestes esta alma de nada: tornai a criar em mim novo coração capaz de vós, digno de ser vossa morada. E porque em mim perpetueis vossa estada renovai n'este coração vosso espirito aborrecedor de tudo o que vos descontenta, e amador só de vossa pureza, e fermosura. Sem este espirito vós vedes que tudo em mim anda abatido, incurvado, sem ordem, e sem fundamento, porque apartado de vós não posso ter senão engano, e erro. Vosso espirito direito, e perfeito só me póde renovar em amor e conhecimento vosso, e a vós cativar-me com firmeza.

«*Ne projicias me a facie tua: et spiritum sanctum tuum ne auferas a me.*

Não me engeiteis Senhor, ainda que vos engeitei; não me lanceis de vós, ainda que vos lancei de mim; não me escondais de todo vossa face, ainda que eu muitas vezes não quiz olhar pera ella; nem me deixeis de todo sem remedio endurecer em meus erros. Se me tirardes de todo vosso santo espirito, que será de mim? Reinará n'esta vossa casa o espirito da soberba, o espirito do amor da pena, o espirito do erro, e de todos os males, e desaventuras. E gloriar-se-hão vossos inimigos que poderam mais que vós, e que vos tem roubado, e possuido o vosso.

«*Redde mihi lætitiam salutaris tui; et spiritu principali confirma me.*

Ah Padre Eterno, tudo o que em mim ha são desaventuras d'estes perversos moradores, a que dei em mim entrada. Ás almas que vos amam ides com vosso Filho, e o Espirito Santo, ceais com ellas, e tem ellas comvosco divinos prazeres, que só os moradores experimentam, e conhecem. Eu dando o amor a quem o não devia, conheço que perdi a liberdade da virtude, e estou cativo; perdi a saude, e estou enfermo, perdi a vida, e estou morto. Porque engeitando com ingratissimo coração por meus vicios vossas mercês, e companhia alegre, e segura, não pude deixar de ser roubado de todo bem, e cahir em todas estas perdas. Que prazer posso ter vendo-me tão perdido? Verdadeiramente, he de todo pera mim este valle, e degredo de puras lagrimas, pois não ha em mim cousa com que possa respirar. Valei-me, Padre Eterno: restitui-me á primeira innocencia, vinde a morar n'esta alma, tornai-me a alegria do vosso divino Salvador, e fazei-me alegrar com o meu Jesu, minha saude, e todo meu bem. Ah minha verdadeira alegria, arrebatai a vós todo este interior; e pera que nunca outra cousa fóra de vós me contente, nem torne a minhas costumadas ingratidões, confirmai-me n'este desejo que me dais, com hum espirito principal, forte, invencivel; pera que responda com todo meu interior, e exterior ás obrigações que vos tenho, e acabem minhas ingratidões em unido, afervorado, constante, e inseparavel amor vosso, minha saude, minha gloria, minha bemaventurança, e meu Jesu. Amen.

Riquissima Rainha do Ceo, fermosa gloria do Paraiso, pureza da humana natureza, honra de nossa baixeza. Assi como nunca em vós esteve a graça ociosa, e por isso são incomparaveis as riquezas de vossos soberanos bens; assi vos fez Deos tão perfeita pera remedio, e ajuda de nossas faltas, e miserias. Valei-me, Senhora; valei a este ingrato, e desaproveitado, e merecedor de ser lançado de todo bem. Seja eu por vós recebido outra vez á casa, e amor do Senhor, que tão perfeita vos fez; e tão confirmado n'elle, que nunca mais me torne a apartar. Celestiaes cidadãos seguros de vossas riquezas compadecei-vos das mudanças, e perigos dos que ainda n'este valle de miserias peregrinamos. Alcançai-me perpetua lembrança, e desejos d'esses soberanos bens, com que os terrenos me enfastiem, e só por vossa companhia suspire sem mudança. Amen.

TRABALHO XXV

Desejo afervorado, e humano arreceio de padecer. E da transfiguração do Senhor.

Zelava o divino amor, que no peito de Christo nosso Senhor continuamente ardia, tanto a honra de seu Eterno Padre, que com sua morte havia de espalhar pelo mundo: e as verdades catholicas que tinha ensinado, que com sua paixão havia de confirmar: e a redempção, e salvação das almas, que com seu sangue havia de acabar, que em quanto neste mundo viveo, nenhum outro mais rigoroso atormentador teve de seu suave espirito, que esse mesmo seu amor, que não soffria dilatarse-lhe o que tanto desejava; e lhe fazia humanamente sentir o que sabia que havia de padecer; pera que a pena, e trabalho com que tamanhas cousas havia de acabar, fosse mais continuo, e mais cheio de riquissimos merecimentos pera os redemidos. E assi entendessemos que nem foi acaso, mas nascido de amor antiguo, e mui deliberado o successo de sua cruel morte, e tormentosa paixão, que toda a vida andou desejando, e com affligidas esperanças soffrendo sua dilação; nem a brevidade das vinte horas, pouco mais ou menos, que padeceo, lha fez melhor de passar; pois não passou as dores de seus tormentos só quando nellas lhos deram, mas toda a vida, com humanos, e sentidos arreceios, que continuamente sua carne tinha do que tinha de padecer.

Já d'este trabalho do Senhor tratei huma parte nos primeiros, que elle foi servido de passar, quando encarnou no ventre de sua Sacratissima Mãi; e outro pedaço hei de tratar no começo da segunda parte d'esta obra nas agonias que teve no Horto. Mas com esta corrente, e rio de caudal amor, na fonte de sua Encarnação se descobrio, e no Horto teve a foz onde se meteo nos largos, e impetuosos mares de sua sacratissima Paixão. D'estes, começo, e cabo tratei particularmente, como de trabalhos particulares, que merecem entre outros, que o Senhor teve, lugar e conto: porque em cada hum d'estes tempos teve differentes demonstrações, e estremos. Pela mesma razão a continuação, e suave corrente, que este rio trinta e tres annos teve por aquella larga levada de seu divino coração sempre cheio de borda a borda de amor desejoso de padecer, e sentimento da crueza de seus tormentos, assi como pera elle foi

materia de continuo tormento, assi se lhe deve muito principal conhecimento, e muito particular agradecimento. Porque quem tanto na vontade andou toda a vida crucificado, não só se lhe deve a primeira obediencia com que aceitou sel-o, e a derradeira execução, com que na Cruz morreo pregado, mas igualmente nos obriga o amor com que toda a vida o desejou, e a pena do que sabia que havia de padecer, que sempre sua sacratissima humanidade magoou, e atormentou. Este continuo desejo, e arreceio de padecer, que traziam ao Senhor sempre occupado, declarou ello por estas divinas, e amorosas palavras: «Fogo vim lançar na terra, que quero senão que se acenda? (*) Eu hei de ser bautizado em hum bautismo: que apertos tenho em quanto se não acaba? Parece-vos que vim dar paz na terra? Não digo assi, senão apartamento.» E S. Mattheus diz: «Não vim senão pôr tudo á espada.» (**)

Chamou nosso Senhor a sua sacratissima paixão algumas vezes no santo Evangelho, bautismo: não só n'este lugar, mas quando os dous Apostolos filhos de Zebedeu, lhe pediram os primeiros lugares de seu reino, lhes perguntou, se se atreviam a beber o seu calis, e bautisar-se no bautismo em que elle havia de ser bautisado? Os quaes dous nomes, calis, e bautismo, que he lavatorio, ou banho, significam cousas de delicias, e de gosto. E por ellas nomea sua paixão; porque como n'ella se havia de banhar em seu sangue, e nos havia de ficar por piscina, e banho de saude pera nossas espirituaes chagas, que elle veio a curar, não tinha seu divino amor outro mais suave refresco que ver-se metido no banho, e lavado no sangue, em que tanta saude, e bens haviam de achar as almas que do Ceo veio buscar.

Cheia está a divina Escritura das grandezas que temos pelo sangue de Christo. De ser sangue de testamento novo de amor: d'esse mesmo sangue falar por nós a Deos: de Christo nosso summo Sacerdote entrar com a virtude de seu precioso sangue no Sancta Sanctorum do Ceo: e termos por elle reconciliação com Deos, e redempção dos nossos peccados, e outras muitas cousas que nos mostram, que todo nosso bem temos n'elle. Por onde diz S. Paulo, que assi como na velha lei nenhum perdão se fazia, senão com sacrificio de sangue, assi nossas mortaes obras só com o sangue d'este immaculado Cordeiro de Deos são perdoadas. Por isso assi como quiz elle ser bautisado por S. João Bautista, pera nos santificar a nós, assi quiz bautisar-se, e banhar-se todo em seu sangue, pera sabermos que não he san-

(*) Lucae cap. XII. (**) Matth. cap. X.

gue de ira e morte, antes de vida, e de perdão. Todas estas mercês que o genero humano havia de receber por seu sangue trazia o Senhor no sentido continuamente; e nenhuma cousa mais desejava que acabar esta sua hora. Assi sem duvida creio, que quando o Senhor curava doentes, e via com sua palavra, ou tocamento saltar os coxos, ver os cegos, fallar os mudos, viver os mortos, e alegrarem-se todos: e que aquellas mercês então abrangiam a tão poucos, e por sua morte com a virtude de seu sangue, em mais perfeitas saudes espirituaes se haviam de espalhar por todo o mundo, e chegar a todos os que as quizessem receber: fazia-lhe em seu suave coração huma tamanha saudade, e desejo d'aquelles geraes bens, que lhe dava muita pena o vagar da vida, que lhe dilatava a execução de tão grandes, e tão amorosos desejos. Em muitas cousas se enxergava isto n'elle, e principalmente em fallar muitas vezes no que mais trazia no sentido, que he o maior indicio do que muito anda no coração. Porque parece que cada hum em tudo quanto falla lhe vem a proposito fallar no que mais deseja. Assi Christo nosso Senhor vendo a ingratidão dos Judeos, logo fallava na entrada que todas as gentes haviam de ter áquelles eternos bens, que elles engeitavam.

Tratando do comer, e beber, alargava a pratica a fallar no mantimento de seu corpo, e sangue que dava vida a todo o mundo(*): Ora dizia que tinha muitas ovelhas em todo o mundo, que lhe cumpria chamar e trazer(**): ora alegre em espirito dizia, que de Oriente, e Occidente haviam de vir á sua meza(***): ora mandava seus Discipulos que olhassem todas as gentes que estavam já grados pera vir á fouce (****): ora que como o alevantassem na Cruz, tudo traria a si mesmo(*****): e a este modo, com amorosissimas palavras todas as vezes que se offerecia occasião, declarava os inflammados cuidados que trazia de remediar todo o mundo(******). E por isso quando disse que veio pôr fogo ao mundo, e que nenhuma cousa mais desejava, senão que pegasse, e se acendesse, lembrando-lhe que com seu sangue, e morte havia seu amor de abrazar tudo, e como d'aquella lembrança lhe dera hum baque no coração, dá hum suspiro dizendo: «Ah, que aperto sente este coração em quanto me tarda este bautismo de meu sangue, em que me hei de banhar, e com que hei de fazer arder este fogo nas almas em vivas chammas!» Que mais brandura, que mais amor, que mais cuidado, que mais leal amizade que esta?

(*) Joann. cap. VI. (**) Ibi, cap. X. (***) Matth. cap. VIII. (****) Joann. cap. IV. (*****) Ibi, cap. XII. (******) Lucae, cap. XII.

Não sei por onde os homens andam, que não conversam muito este divino coração d'este Senhor, tão descuidado de si, e tão afadigado por nós; tão geral a todos, e tão particular a cada hum. Claro espelho he este pera ver cada hum quam longe, ou perto está d'este Senhor, e de se parecer com elle, e dos cuidados de seu coração. Porque o muito desejo que tinha de nosso remedio lhe fazia pesadas as horas que o não acabava, posto que todos enchia de riquissimas ajudas, e thesouros de merecimentos pera nosso bem: e só este cuidado sobresaltava, e occupava seu coração. E nós os redemidos cuido que as mesmas ancias temos por todas as cousas que a elle aborrecem, e que elle morrendo quiz tirar de nossos corações. Ao menos esta verdade posso affirmar, que em largos annos de vida, muito poucas almas acharão huma hora em que lhe désse tanto cuidado sua salvação, como lhe dá o amor das cousas por onde se perde: e a sobresaltasse ver-se apartada de Deos, como a sobresalta perder as proprias cousas que d'elle o apartam. e que tão vivo sentimento tivesse de estar longe d'elle, como tem quando se vê longe das cousas que d'elle mais o tiram.

Oh loucuras de humanos corações, que todas as santas agonias, e cuidados deixam pera a hora das derradeiras mortaes agonias, e cuida que poderá então a alma, entre tantos tremores da conta que ha de dar, e medo dos males que na vida fez, e arreceios das penas que merece, e afflições das dores que lhe tiram a vida, acodir com prompto sentido ao cuidado de sua salvação, e de amar este Senhor de todo coração, sem cujo amor sobre todas as cousas não se póde salvar, que toda a vida de si lançou pelo empregar em cousas que então o atormentam, e affligem. Não fazia assi este nosso amigo fidelissimo. Huma hora tinha tomado pera dar todo seu sangue, e morrer por nós, e todas as horas da vida morria, porque esta derradeira lhe tardava. E se he verdade, como he, que não se deve menos á vontade com que se as cousas fazem, que ás obras, tantas mortes devemos ao Senhor, quantas lembranças teve na vida da morte que por nós outros havia de padecer: porque cada lembrança atiçava n'elle novo desejo, nova vontade, nova ancia, e cuidado de se ver n'ella banhado em seu sangue por nós.

D'este mesmo amor, e vontade, lhe nascia a outra parte de seu continuo tormento, em que vivia, de arreceiar, e sentir as dôres que havia de padecer. Porque como elle tinha tomado as penas, dores, e tormentos [illegible] da fortaleza, constancia, e fineza de seu invencivel

amor, não quiz nunca estar sem esta prova. Mas assi como em sua paixão em os grandes estremos de dores, mostrou os grandes excessos do amor, que em seu coração sempre ardeo: assi toda a vida fez sua humanidade ter sempre vivamente presentes os crueis tormentos, e deshumanas afflicções que havia de padecer, e arreceiar muito o trabalho que tudo lhe havia de custar: pera que n'esta lenha de continuos sentimentos, e arreceios, seu divino amor continuamente mais se cevasse e acendesse em desejos de padecer o que tanto sua carne temia. Costumam os homens, que tem honra e esforço, buscar sempre nas batalhas os mais perigosos lugares: e os que por experiencia sabem o perigo que hão de correr, quando ouvem tocar a rebate, e tomam as armas, com a lembrança do que de si sabem que hão de commeter, e do em que se hão de meter, naturalmente padecem tremores e frios, e outros estremos da fraqueza humana, os quaes quanto parecem mais fracos, maiores demonstrações são do esforço que rompe pelos naturaes arreceios, e determina metido no combate ser muito outro do que parece antes que n'elle entre.

N'estes tremores vivia aquella sagrada humanidade: e n'estes esforços seu divino amor: temendo a fraqueza natural sempre a cruel batalha, e determinando seu amor a levar todo o pezo d'ella. E entre estes dous apertos viveo toda a vida aquelle suave coração de Jesu, receioso e desejoso de chegar aos mares de seus immensos trabalhos, e crueis tormentos. Por isso em acabando o Senhor de dizer o aperto que sentia, em quanto tardava o bautismo de seu sangue, accrescentou logo: «Não cuideis que vim pôr paz na terra, mas espada e guerra». Quasi dizendo: Não me ha de ser tão leve passar por este banho que tanto desejo, que deixe de me custar muita batalha, muito apartamento de toda consolação, muita deshonra, muita cruz e tormento. Porque o fogo que vim lançar na terra, e que quero que pegue e cresça, nas batalhas da alma, que terá contra as tentações das cousas que dos verdadeiros bens as apartam, se ha de mostrar e acender. E pensando e amando, se hão de acquirir as riquezas do Ceo, que meu amor veio descobrir, e prometer á terra. E eu por esse mesmo caminho hei de passar: e quero que seja o meu amor, que vos tenho, conhecido, pelo mesmo estilo por onde o vosso ha de ser provado.

Grande lição tem aqui os servos de Deos pera consolação das fraquezas e pouquidades da natureza, que parece que servem sempre de freio,

que tiram pela do amor que os leva ao alto, pera que não suba, e cresça. Que he a quem o experimenta huma mui pesada carga. O Senhor que tão ricos edificios fundou em tão fracos, e terrenos alicerces, assi o ordenou: que a fraqueza da natureza, em que a vontade na virtude deliberada não consente, não prejudique á fineza do amor, mas antes que lhe sirva pera mais se acender. Porque o sentimento das barrentas miserias humanas, e suas dores e afflicções, quando o espirito está vivo e affervorado, levanta mais intimos e acesos desejos, e suspiros da liberdade que o coração pertende, pera sem impecimento dar, e receber; conforme á divina largueza que sobre si sente. E quando se esforça a commeter o que a carne arreceia, e passa a vontade e fervor pela possibilidade da fraqueza: diante dos olhos do amador Jesu, são os quilates do amor julgados por maiores: a batalha por mais leal: a amizade por mais fiel: e onde parece que a natureza cahe, o espirito com este divino e experimentado capitão alcança mais ricas coroa

Da Transfiguração.

Mostrou Christo nosso Senhor huma e outra cousa no mysterio de sua sacratissima Transfiguração, e circmstancias d'elle (*). A qual foi huma demonstração e semelhança dos bens e riquezas que pera os seus amadores e por seu amor crucificados tem aparelhado. Por isso oito dias depois de ter claramente ensinado aos seus a doutrina e estrada real da santa Cruz, e que por ella queria d'elles ser imitado, e não por outra: nem elle conheceria por seu quem sua Cruz não levasse traz d'elle; e andando tão alvoroçado pera se pôr na Cruz, que amiudava muito esta pratica e lembrança a seus Discipulos; determinou dar-lhe algumas mostras de sua gloria, pera alargar os corações de seus crucificados e affervorar seus espiritos, com a experiencia do que na Cruz está encoberto. E escolhendo pera testemunhas d'estas verdades somente tres Apostolos; Sant-Tiago, que havia de ser primeiro que os outros por elle degolado; S. Pedro, que havia de morrer por elle crucificado; S. João, que largos annos havia de arder em puro amor seu, depois de o acompanhar crucificado se apartou com elles no alto do monte Thabor (que quer dizer pureza ou escolha) e se poz em oração, pera mostrar, que ella he a mais poderosa força que o fraco e humano coração tem pera poder com todo

(*) Matth. cap. XVII.

o peso dos trabalhos, que pelo reino dos Ceos lhe cumpre passar; e a mais viva e acesa forja aonde o amor se apura, e a criatura se transforma e muda de terrena e baixa, em espiritual e celestial. Assim estando orando soltou o Senhor a gloria de sua alma, que pera poder padecer tinha por milagre represada, e lhe concedeo licença por então, que por pouco espaço passasse ao corpo; com a qual ficou mais resplandecente que o Sol, e os vestidos mais alvos que a neve. Ensinando n'isto que se tanto tem guardado pera o miseravel corpo que anda sujeito a corrupções, pela parte que lhe cabe das tribulações; que terá aparelhado pera a alma, que só vive de seu amor, e em que elle reina? Appareceram ali com o Senhor Moysés, e Elias. Os quaes Deos pera este mysterio entre todos os Santos passados d'este mundo, escolheo, porque eram mais proprias testemunhas do amor, e Cruz em que desejava fundar os corações dos seus. Elias, que nunca pela honra de Deos, teve na vida descanso, perseguido, e aborrecido dos máos, que em hum carro de fogo foi do mundo tirado, he retrato dos affligidos e crucificados, que só no divino amor tem seu descanso, que lhe tira os pensamentos, e affeições da terra. Moysés, que da face do Senhor vivia, e em seu amor e communicações se mantinha, o qual divino amor lhe fez tanto aborrecer a criação mimosa da casa d'El-Rei Pharaó, que antes quiz a companhia do attribulado povo de Deos, que o gosto temporal da casa real, he significação das obras que o amor de Deos faz nas almas que possue. Que assi tira por ellas, e lhes tira o sabor de tudo; que a mais suave sustentação que na terra tem, he o rigoroso e aspero de que a natureza mais desgosta, porque n'isso mais se refina. Posto o Senhor entre estes dous taes amadores seus, e amigos de sua Cruz e trabalhos, em aquella demonstração de gloria, em que seu corpo estava transfigurado; o que os corações d'elles sentiram com a vista de Deos humanado, que tanto na vida tinham desejado, não se pode com palavras encarecer. Porque viam a fermosura exterior d'aquelle corpo, e com vivissima fé a pureza e bemaventurança d'aquella alma; o amor da eterna charidade que n'ella ardia; e os incomprehensiveis secretos thesouros, que em cada cousa d'estas estavam encerrados, que o humano juizo nem pode, nem sabe alcançar, nem fallar. E havendo em cada cousa das que viam tanto em que gastar aquelle breve espaço; não souberam n'aquella gloria tratar com o Senhor, e fallar-lhe em cousa mais propria áquelle mysterio, que no que viam que aquelle suave coração de Jesu trazia mais presente e de que

mais gostava, que era o excesso de amor dos homens em que ardia, e as excessivas demonstrações que de si havia de dar em gravissimos e deshumanissimos tormentos e affrontas, e cruissima morte em Jerusalem. E assi como o Senhor muitas vezes dizia pelo miudo a seus Discipulos os açoutes que havia de padecer, bofetadas, cuspinhos, e Cruz; como que em cada cousa d'aquellas trouxesse todo sentido de sua alma; assi aqui pasmados estes dous amadores do Senhor d'aquella tão admiravel fermosura interior e exterior, e divino amor em que ardia, fallavam na coroa com que havia o Senhor de ser coroado, na mudança que as bofetadas haviam de fazer na fermosura de seu rosto, nas fontes de lagrimas que seus olhos haviam de chorar, e miudamente no que cada membro havia de padecer, e na invencivel paciencia que em tudo havia de ter, e no triunfo com que seu amor havia de acabar por esta via tudo quanto desejava. Viam n'esta pratica os alvoroços afervorados d'aquelle suave coração pera tudo. Viam o submetimento d'aquella humilde, e humana natureza, e entrega a padecer tudo. Viam quanto tudo lhe havia de custar, e quanto o divino amor n'esta lenha se havia de accender. Entendiam que porque o Senhor não tinha em sua companhia discipulos que o entendessem, os chamára ali pera com elles desabafar as ancias de seu amor, em que até ali vivera, de se lhe dilatar o que tanto desejava, e de tremores da humanidade o havia de passar; e os frutos que de seus trabalhos esperava tirar; e por isso só n'esta pratica se gastou aquella hora, pasmados do que viam e entendiam; até que adorando aquelle divino amor foram d'elle consolados despedidos por então, até que o tornassem a ver glorificado.

Deixando o mais que aqui passou da admiração de S. Pedro, e esquecimento de tudo, e desejo afervorado de não passar d'ali, por então imperfeito, e da nuvem que os cercou, e medo que os Santos Apostolos tiveram; duas cousas merecem não passar por ellas sem ponderação. Huma a voz do Padre, que n'aquella occasião foi ouvida, que disse: «*Este he meu Filho amado, no qual me contentei, a elle ouvi.*» (*) Na qual voz não só approvou o Padre Eterno todos os desenhos do amor eterno que seu Filho unigenito tinha aos homens, e o que determinava padecer e fazer por elles, declarando que tambem aquelles eram os de seu coração, e vontade paternal divina; mas tambem se averiguou descobertamente comnosco, que lhe seria só aceito, o que a este Senhor ouvisse e imi-

(*) Math. cap. XVII.

tasse. Porque como dando-nos seu Filho, n'elle nos deo tudo; não só quer que o tenhamos por reparador de nossas quebras, reconciliador de nossas inimisades, e redemptor de nossas culpas; mas igualmente entendamos que nol-o deo por reformador de nossas desordens, espelho de nossas vidas, e mestre que só fosse ouvido e imitado. Isto quer dizer, n'elle me contentei, a elle ouvi. Não diz d'elle, mas n'elle; porque d'elle e de sua pessoa não havia que dizer, manifesto era, que pois he gerado eternamente de sua substancia, que tanto d'elle como de si se contenta. Mas n'elle, quer dizer, que estando Deos com muita razão descontente das almas que creou, porque são sujeitas a peccados, e de suas desordens: tomou por remedio de se contentar dos que lhe descontentavam a este seu filho unigenito, ao qual deo cabeça de sua Igreja. E n'elle se contentará de todas as almas que por amor estiverem a elle unidas, e de todas as obras que com as suas se parecerem, e de todos os merecimentos que o verdadeiro amor fizer participantes dos seus, e não d'outros, nem d'outrem. Por isso disse o Senhor: Se em mim não estiverdes por amor unidos, não podeis dar fructo(*); isto he, de que se Deos satisfaça. Oh de quantas cousas, e de quantas almas Deos se descontenta!

Vede, filhos de Adão, vede, Christãos, que d'este nome vos prezais, em que tendes a vida occupada, e a que tendes a alma por amor apegada: porque de tudo se Deos descontenta, que n'este Senhor não poder ter assento e lugar. N'elle se contenta Deos dos cuidados que se parecem com os de seu coração, n'elle se contenta dos intentos que dizem com os de seu amor, n'elle das obras que imitam sua vida; e n'elle das almas que tratam de o contentar. N'elle o Padre Eterno quiz pôr os olhos pera remedio de se contentar n'elle de todos os que quizerem ser seus; e quem he tal, e trata taes cousas, de que justamente este Senhor se pode correr de as ter em si, como se contentará Deos d'ellas, vendo-as por elle engeitadas? Pois a elle ouvi, diz o Padre Eterno: a elle ouvi, e cerrai os ouvidos a quantas lingoagens fora d'elle vos enganam. Deixo quanto aqui havia que dizer aos que tem por officio ensinar o povo christão, que he cousa em que mais devem de bater, que a este Senhor cuçam, e cerrem a tudo o mais os ouvidos.

A outra cousa que n'esta materia se deve ponderar he, que mandou Deos ter em segredo este mysterio até elle ser glorificado(**). He isto clara demonstração, que não pode, não digo entender, mas nem ainda enxer-

(*) Joann. cap. xv. (**) Math. cap. xvii.

gar o segredo do amor e Cruz, senão quem muito de verdade trata das cousas do Ceo. De S. Paulo disse o Senhor a Annanias, a quem mandou que o bautizasse, que elle lhe mostraria quanto lhe cumpria padecer por seu amor(*). Esta lingoagem e verdade lhe ensinou no Ceo; d'onde veio n'ella tão allumiado e inflammado, que dizendo, que apprendêra lá cousas, que não era licito ao homem fallal-as, todas por derradeiro as resumio em Jesu crucificado, dizendo: «Que nenhuma cousa sabia senão a Jesu, e a este crucificado: e lhe ficou tão familiar o padecer como o amar. D'aqui fica entendida a razão porque Deos nunca até hoje, depois que Adão peccou, quiz dar segura, e duravel paz ao mundo: e nunca a negou aos que o amaram: e sempre lhes deo a maior parte dos trabalhos d'elle. Porque como todo o governo do mundo pende sô da predestinação dos escolhidos, que Deos n'este mundo traz como em escola aprendendo a sabedoria do Ceo, e exercitando o amor puro, enche-lhe tudo de tantos diluvios, que não possam ter onde descanse seu pé senão na arca, onde se podem salvar, que he Jesu, e dá-lhes em segredo tão suave paz, do mundo não conhecida, que a experiencia d'ella lhes tira o medo das tribulações, e o amor do que o enganado mundo estima; e ajuntando seus cuidados a hum só que he Jesu, n'elle na sua paz descansam, e dormem. Por isso este Senhor entre os trabalhos que trinta annos tinha passado, e os mares tormentosos sem fundo de sua paixão, quiz dar a seus tres Discipulos mostra dos segredos de seu amor, e de sua Cruz, e da gloria e paz interior que tem guardada pera seus verdadeiros imitadores. Mas quiz que estivesse em segredo até os corações de todos estarem instruidos no amor das cousas do Ceo, e affervorados com a vista da gloria da Ressurreição, e confirmados com a sabedoria do Espirito Santo, porque não podiam ser capazes de tão espirituaes segredos, senão corações com amor, sabedoria, e conversação das cousas do Ceo allumiados.

Não espereis, Christãos, ver melhoria de descanso de vossos trabalhos no mundo, que não he esta terra pera isto. E cumpre aos escolhidos, porquem só he o mundo sustentado, que nunca tenham repouso, nem paz; pera que todos os intentos dos homens, que fôra de Deos se empregam, tenham ao mundo, trás que andam enganados, por algoz. E assi os esquecidos de Deos em nenhuma outra cousa descansem; e seus verdadeiros amadores hajam medo de pôr seu amor aonde sabem que

(*) Act. cap. IX.

hão de perder. Buscai a paz e consolação nas perturbações que padeceis, aonde ella só está, e se acha, que he no divino amor e conversação de Jesu; e experimentareis aquella grande verdade, que em si vio o inflammado Agostinho, meu Padre, depois que com todo o amor a Deos se converteo, rompendo por todos os amores desordenados da vida, que por elle tiravam, e disse: «Que com grande gosto perdia as cousas, que d'antes tinha medo de perder (*).

(*) Aug Confess. lib. IX, cap. I.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

INDEX

DA PRIMEIRA PARTE DOS TRABALHOS DE JESU,

E DOS FRUTOS DE SUAS CONSIDERAÇÕES

Pag.

Doutrina dos frutos da consideração dos Trabalhos de Jesu . . . 1
Avisos do modo que se ha de ter, pera tirar o fruto da lição, e consideração dos Trabalhos de Jesu 8
Modo que se ha de ter na hora do exercicio 16
Do modo do exercicio quotidiano 21
Motivos pera encender a alma no amor de Jesu 24

Trabalho i. A vista e aceitação dos Trabalhos que havia de passar o Senhor 31
Exercicio da Encarnação do Divino Verbo, e primeiro Trabalho de Jesu Christo Senhor nosso 35
Exercicio do primeiro Trabalho 37

Trabalho ii. O aperto do lugar em que andou nove mezes . . . 43
Exercicio do Trabalho segundo 48

Trabalho iii. Ter nove mezes represada a força de seu amor . . 53
Exercicio do Trabalho terceiro 57

Trabalho iv. O duro tratamento que deo Christo Senhor nosso a seu corpo em nascendo, e de seu santo Nascimento . . . 62
Exercicio do Trabalho quarto 66

Trabalho v. Lagrimas de Deos nascido por nossos peccados . . 72
Exercicio do Trabalho quinto 77

Trabalho vi. Desabrigo nas asperezas do tempo em hum portal . , 84
Exercicio do Trabalho sexto 88
Como a Virgem nossa Senhora suprio nossas faltas 93

Pag.

Trabalho vii. Circumcisão do Senhor 96
Exercicio do Trabalho setimo 102

Trabalho viii. Degrada-se o Senhor pera Egypto, e a historia dos Santos Reis Magos 108
Exercicio do Trabalho oitavo 116
Da offerta do Senhor no Templo nos braços do Santo Simeão . . 122
Exercicio d'este mysterio 123
Exercicio da fugida do Senhor pera Egypto 129

Trabalho ix. Sentimento da morte dos Innocentes 135
Exercicio do Trabalho nove 141

Trabalho x. Da obediencia do Senhor 148
Exercicio do Trabalho dez 161

Trabalho xi. Da pobreza do Senhor 168
Exercicio do Trabalho onze 177

Trabalho xii. Aspereza da vida do Senhor 186
Exercicio do Trabalho doze, e da confissão dos peccados . . . 194
Advertencia pera a accusação das culpas 199

Trabalho xiii. Fome da justiça, e desejo da virtude, e santidade . . 202
Exercicio do Trabalho treze 211
Oração do Padre Nosso explicada ao mesmo intento 215

Trabalho xiv. Andar entre gente differente de sua vida e costumes 219
Exercicio do Trabalho quatorze, e do amor de Christo com que viveo entre os homens trinta annos 230

Trabalho xv. Jejum do Senhor, e vida do ermo 237
Exercicio do Trabalho quinze, e da acção de graças, e actos de adoração a este Senhor 245

Trabalho xvi. Da tentação ao Tenhor no deserto 250
Exercicio do Trabalho dezeseis, e remedio contra nossas tentações 261
Oração do Psalmo De profundis clamavi, pera a confissão do peccador 266

Trabalho xvii. Soffrer as grosserias dos Apostolos, antes de allumiados 270
Exercicio do Trabalho dezesete 278

Pag.

Trabalho xviii. Peregrinar de lugar em lugar a pé 286
Exercicio do Trabalho dezoito 293

Trabalho xix. Dureza da gente judaica 301
Exercicio do Trabalho dezenove contra a dureza de nossos corações 311

Trabalho xx. Ser o Senhor mal julgado 318
Exercicio do Trabalho vinte, e pera quietar nossas almas dos humanos juizos 326

Trabalho xxi. Ser o Senhor murmurado 332
Exercicio do Trabalho vinte e hum, pera consolar a alma nas lingoas dos murmuradores 338

Trabalho xxii. Contradição de sua doutrina, e obras 345
Exercicio do Trabalho vinte e dous, como o Senhor soffreo contradição contra suas verdades 352

Trabalho xxiii. Ardis, e ciladas, que armavam ao Senhor pera o destruir 357
Exercicio das ciladas e ardis dos máos Judeos que o Senhor soffreo, e adoração de suas soberanas verdades 364
Exercicio do Trabalho vinte e tres, que o Senhor soffreo com adoração das soberanas verdades que o Senhor pera nós tinha dos ardis de seus inimigos 367

Trabalho xxiv. Ingratidão dos beneficios 374
Exercicio do Trabalho vinte e quatro, e remedio contra este pestifero mal 377
Oração pera pedir a Deos misericordia sobre o Psalmo Miserere mei Deus 380

Trabalho xxv. Desejo afervorado, e humano arreceio de padecer. E da Transfiguração do Senhor 385
Transfiguração do Senhor no Monte Thabor 390

TRABALHOS DE JESUS

COMPOSTOS PELO VENERAVEL PADRE

FR. THOMÉ DE JESUS.

TOMO SEGUNDO

Typographia do Panorama
Rua do Arco do Bandeira n.º 112, 1.º andar.

TRABALHOS DE JESUS

COMPOSTOS PELO VENERAVEL PADRE

FR. THOMÉ DE JESUS

DA ORDEM DOS EREMITAS DE SANTO AGOSTINHO,
DA PROVINCIA DE PORTUGAL, ESTANDO
CATIVO EM BERBERIA

PRIMEIRA E SEGUNDA PARTE

QUINTA EDIÇÃO MAIS CORRECTA QUE AS PRECEDENTES,
E ACOMPANHADA DA VIDA D'ESTE SERVO DE DEOS, E DA CARTA DO MESMO
VENERAVEL PADRE Á NAÇÃO PORTUGUEZA

TOMO SEGUNDO

LISBOA

Em casa do editor A. J. Fernandes Lopes,
Rua Aurea, 132-134
M. DCCC. LXV.

TRABALHOS DE JESU

SEGUNDA PARTE.

OS QUAES PASSOU O SENHOR EM O DIA DE SUA SACRATISSIMA PAIXÃO.

TRABALHO XXVI

Agonia do Horto.

Começou Christo nosso Senhor os tormentos e penas de sua sacratissima Paixão pelo mesmo genero de trabalho, com que começou sua vida na primeira hora de sua sacratissima Conceição (como no primeiro capitulo da primeira parte fica dito) que foi o sentimento das dores, tormentos, e morte, que havia aquelle dia de passar, e os muitos e grandes peccados dos homens, pelos quaes havia de satisfazer, que elle como proprios sentia. Assi chegado o tempo em que este Senhor determinava cumprir a obediencia do Padre Eterno, que elle com summa sujeição' gosto, e amor aceitou, e a que por sua livre vontade se offereceo, de padecer pelos homens, de tal maneira o fez, que não só o Padre Eterno ficasse de todo plenariamente satisfeito, mas tambem os humanos, e fracos corações ficassem allumiados, alentados, e ensinados no conhecimento, e amor seu; que elle sobre tudo pretendia n'elles accender. Porque d'aqui pendiam os frutos, que elle desejava colher de seus trabalhos. E como esta era a cousa, que elle toda sua vida mais trouxe no sentido, e mais desejava ver acabada (como quem se arremeça a cousa

muito desejada que vê presente, a que o alvoroço d'ella não soffre muito pequenas dilações) vendo-se na noite, e hora em que havia de ser entregue a seus inimigos, não lhe soffreo seu amor, que fossem as mãos, e animos de seus contrarios os primeiros seus atormentadores, e derramadores de seu sangue. Mas elle se poz a si mesmo em tamanhos estremos de afflicção, que lhe não podesse ganhar nenhuma outra que a malicia de seus inimigos inventasse. Porque como nunca pode a furia da maldade emparelhar com o poder, e a força do divino e puro amor, que a padecer o levava, não pode ser tão engenhosa a malicia pera buscar invenções de damnar, quanto o foi seu amor pera achar demonstrações de si. Por isso logo na entrada de sua Paixão, quiz que evidentemente vissemos que seu amor, e vontade livre o levavam a padecer, e lhe não podia fazer força o poder, e malicia de seus inimigos.

E ainda que isto tinha muitas vezes na vida mostrado muito claramente, conversando com seus Discipulos, muito mais o acabou de mostrar na primeira entrada d'esta sua ensanguentada batalha. Pois que não só foi buscar lugar onde podesse ser achado, que já pera esse fim tinha muitas vezes antes costumado, e continuado: mas em quanto não chegavam seus atormentadores, soltou a redea á sua humanidade, e lhe deixou como humana sentir seus trabalhos, e a poz elle mesmo por sua livre vontade em tanta afflicção, e aperto, que claramente vissemos que só seu amor o levava a morrer por nós.

Com esta determinação acabando o Senhor de lavar os pés a seus Discipulos, e instituir o Santissimo Sacramento, e algumas altissimas, e divinissimas praticas, que com elles teve; os mandou levantar da meza, e se foi com elles ao Horto de Gethsemani. Foi pelo caminho continuando as derradeiras doutrinas, que lhes deixou com muita saudade, que de si lhes tinha dito, que aquella noite havia de ser entregue a seus inimigos. Ajudava a saudade a quietação da noite, de que seria já passada mais de huma hora: onde estava quieto tudo, e assocegado, senão só o amor, que no coração do Senhor ardia, e a malicia dos inimigos, que buscava ardis pera o prender. Chegados ao Horto o Senhor mandou aos Discipulos que velassem, e orassem, e não se fiassem do animo prompto, que em si sentiam de padecer por elle, e com elle, como lhe tinham prometido. Porque estava esse espirito bom, unido a huma tão fraca natureza de carne, que só a divina graça, e favor, merecido, e alcançado por humilde e fervente oração, era poderoso pera o sustentar, e ter em

tamanho encontro como haviam de passar. Deo n'isto o Senhor claro desengano, de quam falso, e vão fundamento, e certa perda, e quéda tem todos os que passam a vida tão cheia de laços, tentações de peccados, com hum tamanho descuido de Deos, e de si, como que se não vivessem em carne fraca, e se podessem valer sem estar sempre amarrados a elle. Apartou-se logo o Senhor com S. Pedro, San-Tiago, e S. João (*), e estando com elles representou á sua humanidade interiormente por mui viva imaginação, como presente, tudo o que havia de padecer. O desamparo de Deos, e dos homens, dôres, tormentos immensissimos, deshonras, descredito de sua pessoa, o triunfo de seus inimigos, abatimento de sua sabedoria, escarneo de seus milagres, novas, e crueis invenções de vituperios, e finalmente novo genero de cruezas, com que o haviam de atormentar, e matar. E deixou sentir sua sacratissima humanidade tanto esta cruel batalha, que esperava, que se cobrio de tão mortal tristeza, que bastára ella pera o matar, se não fôra a humanidade ajudada, e sustentada com a virtude da divindade, pera poder padecer muito mais do que as forças humanas abrangiam.

Assi entendem alguns aquella palavra, que o Senhor disse a estes tres Discipulos, dando-lhe conta do que em seu interior passava: «Triste está minha alma até morte.» Que quer dizer: estou coberto de mortal tristeza: fino-me de tristeza. E ainda que o Senhor se abaixou a tomar consolação, e desabafar com seus Discipulos; por dar exemplo a todos de usarem de officio de humildade em dar conta de si, e de charidade em ajudar os atribulados em casos semelhantes: todavia estavam taes os corações dos Apostolos, que não achou n'elles nenhuma consolação. Nem era muito; porque era tão novo no Senhor mostrar tristeza em alguma cousa, nem turbação; e era tão costumado a os agasalhar sempre, e esforçar, que vendo tão triste a alegria de todos, tão sumidos ficaram seus corações, que não souberam mais fazer, que entristecer-se muito mais com elle.

Vendo o Senhor quam pouca consolação achava em seus Discipulos, os deixou, e se apartou d'elles a orar, e buscar esforço, e consolação na fonte onde ella verdadeiramente se acha, que he em seu Eterno Padre. E prostrado em terra disse: «Padre, se he possivel passe de mim este caliz, mas não se faça o que eu quero, mas o que tu mandas.»

Achou Christo nosso Senhor em seu Padre Eterno indispensavel ri

(*) Matth. cap. XXVI.

*

gor de se cumprir o que tinha ordenado, e represou muito mais todo o alivio que de sua alma, e divindade podia sua corporal humanidade receber: e deixou chegar o sentimento, e tristeza a tanto, que S. Lucas (*) não achou mais proprio termo pera declarar de que calidade era, senão agonia, que he proprio dos que morrem. Porque o que a tristeza, e afflicção não fez em matar a Christo (pois não convinha que se matasse a si mesmo) fel-o em o chegar a extremo quasi mortal, e desacostumado á natureza: que foi suar sangue tão copiosamente que lhe passou os vestidos, e cahia em terra. Quiz o Senhor, que n'esta agonia descesse Anjo do Ceo a o esforçar com celestiaes, e divinas lembranças. Não porque faltasse a sua divindade virtude pera se esforçar, mas pera certeza de todos os affligidos que a Deos se acolhem, que são seus trabalhos lembrados no Ceo, e infallivelmente se tratará de seu remedio. E o Anjo que muito bem sabia quem era aquelle Senhor, cuido que não gastaria tempo em palavras de alivio, mas em petições que o Ceo, e a terra, e peccadores, e necessidades do mundo por elle faziam a seu divino amor; que dissimulasse comsigo, e se poupasse pera as obras de seu amor, pelas quaes Ceo, e terra esperavam. E pois a troco de hum dia de tormento, tantas e tamanhas necessidades ficavam remediadas, represasse seu sangue, que desejava todo de sahir: e com o gosto que elle tinha de tamanhos bens, e glorias, como haviam aquelle dia seus tormentos de causar, tivesse em pouco o que tinha por passar. Assi o fez o Senhor (como diz S. Paulo) que pondo diante dos olhos o gosto do remedio do mundo, desprezando os desprezos soffreo a Cruz(**). Entre tamanhas, e tão pesadas agonias do Senhor, e tão branda compaixão dos Anjos, deve o peccador a que cabe a maior parte d'estas mercês, pedir ao Senhor espirito e brandura de coração pera sentir o que o coração d'este Senhor n'este passo sentiria. Porque posto o coração de Jesu digno de toda a gloria, em tamanhos apertos, e extremos de tristeza, sem nenhum humano alivio, com voluntaria obediencia, e sujeição pera passar o que tanto sua carne temia; entre obrigação de obedecer, e medo do que havia de padecer; nem he trabalho que ninguem possa declarar, nem ainda entender, sem particular dom, e espirito de Deos: que n'este passo se deve com toda a instancia pedir. Assi se desamparou o que todos ampara; assi se desconsolou o que todos consola; assi se entristeceo o que todos alegra; assi se quiz parecer com os humanos, e fracos, ou por me-

(*) Lucae cap. XXII. (**) Paul. ad Hebr. cap. XII.

lhor dizer, tomar maior parte dos trabalhos, e afflicções humanas que todos os humanos, pera que assi podesse grangear o amor de todos, e ser de todos buscado como verdadeiro consolador, unico companheiro, e verdadeiro amigo dos affligidos.

Duas cousas acrescentaram muito esta immensa tristeza do Senhor. Huma os muitos e grandes peccados dos homens que tinha particularissimamente presentissimos, pelo muito que a seu Padre Eterno tinham offendido: e pelo muito damno que aos homens faziam. Porque como elle só sabe e conhece seu peso e graveza, e se tinha obrigado á satisfação d'elles, só elle os sabia sentir quanto mereciam. A outra, a lembrança que o Senhor então teve de quanta gente se não havia de aproveitar de seus trabalhos; e pera quantos morria debalde, pois voluntariameute se haviam de perder. Por que costuma ser alivio nos trabalhos, a esperança certa do fruto d'elles. E ainda que muitos e immensos haviam de ser os frutos dos trabalhos do Senhor: todavia como os não padeceo menos pelos que se deviam perder, que pelos que se haviam de salvar; seu amor que assi era geral a todos, que particularissimamente amava a cada huma das almas por quem padecia, e o zêlo que tinha da honra de Deos, e o desejo da salvação de todos, accrescentavam tanto a tristeza, e agonia que padecia com a lembrança dos que se haviam de perder, que ficava sua tristeza sem alivio, e com muito maior afflicção, e pena.

Durou este trabalho do Senhor, e sua oração larg as tres horas (segundo nos parece) nas quaes como verdadeiro, e bom pastor não esquecido de suas ovelhas e Discipulos, os foi visitar tres vezes. E das duas primeiras os envergonhava, porque dormiam, e espertava a que estivessem velando em oração; e na derradeira lhes disse: «Dormi já, e descansai, porque perto está o que me tem vendido»(*). Nas quaes palavras (segundo declara Santo Hilario) quiz dizer : que em quanto sua prisão se dilatava cumpria velar e orar, porque andava o inimigo mais solto pera lhes fazer o damno que podesse; e o receio dos perigos em que se haviam de ver, os não devia deixar repousar, e descansar. Mas chegada já a hora em que o inimigo a elle arremetia, e elle tomava sobre si nossas prisões, e entrava na batalha por todos, então podiam já mais seguros descansar, e dormir confiados em tão esforçado com batente, e tão seguro escudo que em si lhes deo pera seus trabalhos. São estes admiraveis extremos de amor: pois se não contentou com menos de se pôr em es-

(*) Matth. cap. XXVI.

tado que nenhum desconsolado podesse cuidar que poderia chegar a tão deshumana desconsolação como elle teve; e se declarou por verdadeiro remediador de nossos trabalhos, e perigos. Quiz sentir muito seus trabalhos, porque nos não tivessemos por perdidos, quando nossa miseravel natureza fizesse seu officio em sentir muito os seus: mas entendessemos que nos não julgará pela fraqueza da natureza de barro que elle formou, mas pela obediencia da vontade que elle estima. Quiz tomar pela medida de suas forças seus trabalhos, porque vivamos muito confiados que no Ceo onde se repartem os discursos, e penas da vida humana, não se dá a ninguem carga sem medida, mas por menos peso do que podemos, e com mais ajuda divina do que merecemos, pera de tudo tirarmos proveito. Quiz mostrar em si duas vontades contrarias, huma da baixeza corporal que temia e recusava padecer, e outra racional que se sometia á obediencia divina, porque nos não tenhamos por afastados de Deos quando a carne fraca contradiz ao espirito, mas a enfreemos com a entrega na divina vontade: e entendamos que não pode a bruteza da natureza fazer mal á alma que com a vontade não consente, mas resiste pela obediencia da lei de Deos. Quiz que viesse Anjo do Ceo esforçal-o, porque nunca nos tenhamos por desamparados por mais que nos vejamos desconsolados, com certeza que são no Ceo vistos e lembrados nossos trabalhos. Quiz finalmente o Senhor hir buscar consolação na oração ao Padre Eterno, em quem sabia que não havia de achar dispensação do que lhe mandava padecer, pera que entendamos que não está a divina consolação em nos tirar Deos os trabalhos que nos dá, mas em humilde sujeição e conformidade á sua santa vontade: e em andar sempre por amor unidos a elle, e pendendo em tudo d'elle.

Exercicio da Agonia do Horto.

Não soffre vosso amor, meu bom Jesu, muito pequenas dilações, pois por não soffrerdes os apertos em que vos elle traz, houvestes por muito esperar mais duas, ou tres horas pera vos prenderem, e começardes os grandes trabalhos que tendes hoje pera passar. Antes que os soldados crueis vos atem com cordas, doce Jesu, e antes que os Judeos, e Gentios vos affrontem com tantas injurias, quantas vos hão de fazer, e antes que os deshumanos algozes rasguem vossas carnes com açoutes, e vos crucifiquem, pondes vossa sacratissima humanidade em tanta afflicção, e aperto, que chegasse a se queixar, e buscar alivio em os Discipulos, igno-

rantes da mortal tristeza que cobre seu coração. Não sois vós como eu, alegria dos Anjos. A mim vence-me a tristeza em que me pez quando quero estar alegre, e os pensamentos me fazem força contra minha vontade, com lembrança de cousas tristes que me perturbam, que folgára ter esquecidas. Mas a vós, descanso da minha alma, só vosso amor vos vence, a elle por vontade vos rendeis, e elle vos faz lembrar de cousas que apertem esse coração, tão largo, e agasalhador de todos os tristes, pera sentirdes como humano, o trabalho que os fracos passamos, forçados do peso d'esta miseravel carne. Nós padecemos como miseros, e vós, bom Jesu, como amador verdadeiro dos tristes filhos de Eva. Não basta, Senhor da minha alma, terdes hoje pera passar tão immensos mares de trabalhos, e dores, tantos desemparos de Deos, e dos homens, tantas iujurias, e affrontas, tão deshumanos, novos, e crueis tormentos, pera vos contentardes com isso, e vos poupardes hum pouco pera os poder passar? Mas ainda vos estais quebrantando, e desvelando, e trazendo tudo á memoria tão vivamente com vossa soberana sabedoria, como se estivereis tudo junto passando? E deixais vossa humanidade haver medo, arrecear, ora tremer de frio, ora acender-se, ora suar mortaes suores, ora ferver-vos o sangue com afflicção, e sahir misturado com suor, sem consolação, sem alivio, sem réfrigerio; senão sentir, entristecer, penar, e temer, como se pera vós fosse já acabado todo o remedio da consolação da terra, e do Ceo, dos amigos, e de Deos!

Oh minha verdadeira fortaleza, com esse animo tão derretido de afflicções estais agora, que he tempo de entrar em batalha com vossos inimigos, que só vós podeis vencer? Que he d'aquelle desejo que tinheis de padecer, de que dizieis que vos dava immenso trabalho tardar-vos vossa Paixão? Agora que a tendes á porta lhe haveis medo? E estais, alegria de minha alma, tão triste, e affligido? Que mudança he esta, meu bom Jesu? Que esforço pera os atribulados, que hão de pôr em vós, divino espelho, os olhos pera vos imitar, e tomar de vós exemplo, alegria, e forças? Bemdito, louvado, glorificado, e adorado seja vosso infinito amor, vida da minha alma, e todo meu bem, que tanto quereis em tudo parecer-vos comigo: tanto mostrar-me que ninguem vos levou a padecer, senão vosso amor; pera que sempre e em tudo vos possa ter por espelho, e companheiro de meus trabalhos, e penas: e por verdadeiro amigo e único remediador d'ellas. Estardes, bom Jesu, esforçado e forte pera passar os trabalhos, que muito he? Pois sois a divina

fortaleza, isso he vosso, e na hora de padecer se verá que não ha cousa que a possa derribar e vencer. Mas encubrirdel-a por meu amor e remedio, e deixardes enfraquecer e temer essa natureza seus trabalhos antes que os passasse, como eu arreceo passar os meus, quando nelles cuido, que sou a mesma fraqueza, e miseria: e quererdes, que como começam em mim por medo, e desconsolação, assi comecem em vós, e que as mudanças, que minha fraqueza sente, melancolias, e tristezas, sinta tambem vossa humanidade em tamanho extremo pela sua medida, quem faz isso senão vosso amor, bom Jesu, e amor da minha alma? Eu houvera de andar á porfia a padecer por vós, e vós andais á competencia a tomar em vós todos meus trabalhos, e parecer-vos comigo, e acompanhar-me em tudo. Oh amor divino, verdadeiramente vosso amor he vosso algoz mais que os Judeos, e gentios que vos hão de atormentar. Não ha aqui açoutes, cravos, nem inimigos, e o suor de sangue vos está cobrindo, e regando a terra onde estais! Quem o lança fóra d'essas veas senão esse amor em que ardeis?

Todo sois amor, meu bom Jesu; todo puro fogo de charidade. Oh se sempre atégora andara apoz vós, minha luz, e minha riqueza perfeita! Porque vejo outra cousa, porque cuido em outra cousa, porque amo outra nenhuma cousa fóra de vós? Tão cioso está, meu bom Jesu, vosso amor de mim, que se vigiou, e resguardou até das horas em que parece que podia minha natureza, com razão, buscar recreação e alivio, que he na afflicção, e tristeza que enfraquece: e buscastes esta invenção pera que a não buscasse senão em vós, vendo, que por experiencia passastes o mesmo trabalho, pera de vós confiarem todos os tristes que vos compadecereis d'elles, e lhes acodireis. Assi esperança minha, assi riqueza minha, assi verdadeira consolação minha me quizestes mostrar, que não estou perdido quando estou medroso, que não estou fóra de vós quando estou desconsolado, que não deixo de ser vosso quando me doem, e sinto como fraco meus trabalhos. Pois vós forte, invencivel, e poderoso Senhor da minha alma, sem perderdes nada do que sois, passastes as mesmas fraquezas, Bemdito, e louvado sejais, minha bemaventurança perfeita, que quizestes que até aquellas miserias minhas, que mais me tiram de meu sentido, e que parece que mais encobrem o fogo da graça, e mais abafam a fortaleza do espirito, essas mais me levassem a vós, Deos meu. Porque vendo o mesmo em vós, respire e tenha alento, e não tenha tudo por acabado. Oh conhecedor, e remediador poderosissi-

mo de minhas miserias, e fraquezas, vós sabeis bem, que genero de trabalho he pera a natureza ver-se a alma que vos busca, e deseja de vos contentar, coberta de tristeza, e afflicção interior, e desamparo, sem saber onde lance os olhos, combatida da tentação, affligida de outros trabalhos que vós permitis. Vós sabeis como lhe abate todo divino, e humano alivio, como lhe enfraquece a fé, e esperança, como lhe não deixa levantar os olhos a cousa soberana, como lhe parece que todo bem se lhe acaba. Parece-lhe que tem longe, e esquecido o divino favor, o humano não lhe dá refrigerio, a natureza vê-se desamarrada, a graça está encoberta; o medo, arreceo, alterações, e mudanças então reinam; os pensamentos, e tentações então se esforçam, e parece que se lhe faz tudo contrario e rigoroso. Oh amor divino, oh amor fiel. Oh amigo, que nas maiores necessidades estás mais leal, e mais vivo! Sendo cousa tão impropria tua, o que a fraca natureza passa, isso quizeste passar, pera que em ti, como em espelho se visse, em ti, como em sua fortaleza se esforçasse; a ti, como a seu amparo se arrimasse; e de tí, como verdadeiro remedio confiasse. Que te sou eu, amor divino, que tanto me queres? Oh se quizesses fazer em ti huma só mudança de quantas fazes em mim! Se em tudo isto me queres esforçar, esforça-me. Se me queres prender, prende-me. Não te sei amar senão comtigo; não te sei estimar senão em ti, nem me sei aferrar a ti, senão apegando-te tu a mim. Pois tudo, Senhor meu, ha de ser teu, não tardes: prende-me, e faze de mim quanto quizeres, porque preso de ti não fuja. Tira-me todo o gosto da vida, todo o alivio humano, todo o desejo de me consolar, e alegrar, senão em ti, meu suave amor.

Oh como ando cego, enganado, e perdido quando busco consolação fóra de vós, alegria da minha alma, por boa que pareça, e quanto mais perdido ando quando me esqueço do amor que vos devo, e gasto a vida nos peccados que vos trouxeram a este trabalho, que ahi estais, Deos meu, com essa mortal tristeza sentindo! Como me não corro, meu bom Jesu, de mim? Como não desejo que a terra me suma, vendo-vos a vós chorar meus males, e perdição, e suar por elles sangue, levando n'elles gosto? Oh quem se vira degradado de si! Pera que nasci, se vos havia de dar tanto trabalho, Deos meu? Misericordia infinita, valei-me. A vosso amor, e a essa tristeza, e sangue que suais, minha esperança perfeita, peço, que já que gostei de peccar contra vós, goste d'aqui por diante padecer comvosco. Dai-me, bom Jesu, pera tudo amor vosso puro, com

que me veja, e me conheça, e aborreça, e vingue em mim com dor, e cruz, o que commetti com gosto contra vossa divina Magestade, e que tão atribulado vos tem. Oh divino amor, já que sentis tanto os que se hão de perder, ganhai-me, não me deixeis perder. Abri meus ouvidos, pera que ouça vossa voz: abri meus olhos, pera que vejam vossos exemplos. Inflamai meu coração, pera que participe de vossos sentimentos, e dores, e nunca jámais torne a renovar a causa d'esta vossa afflição.

Oh vida da minha alma, que nem sei sentir-me como vós, nem doer-me de meus males como vós, nem pedir-vos como vós desejais dar! Que farei, bom Jesu? Offereço-me, e entrego-me a vosso amor. Tratai-me como quizerdes; mudai-me como vedes que hei mister; cativai-me como vós desejais: purificaime, e alimpai-me como quereis; e trazei-me sempre a vós unido, e cativo como sabeis que me cumpre; Deos meu, remediador meu, e todo meu bem.

Oh Madre de Deos sacratissima, que n'esta mesma hora em vosso interior estaveis sentindo com o Senhor os trabalhos que lhe estavam aparelhados, que muito bem sabieis, que n'esta noite havia de começar a padecer, de que eu sou causa: dai-me Senhora minha, parte d'estes sentimentos, e verdadeiro aborrecimento de meus males, que tanto trabalho deram a este Senhor, e tanta afflição a esse vosso coração. Oh Côrte celestial, fundada, e edificada no sangue e trabalhos d'este Senhor, alcançai a este pobre peccador o amor, e graça que do sangue d'este Senhor manou: pera que em vossa companhia vá a gozar perpetuamente dos suaves abraços d'este tão verdadeiro e suave amigo meu. Amen.

Exercicio da Oração do Senhor.

«Padre, se he possivel, passe de mim este caliz;
mas não se faça minha vontade.»

Porque não aprendo de vós, meu divino mestre, onde hei de ir buscar o remedio, e consolação quando me vejo tentado, e affligido? A vosso proprio Padre, que vos manda morrer por mim, a seu proprio amor que vos offerece todo pera meu remedio, á propria mão divina que vos atribula, e agora está sobre vós tão rigorosa; vós ides, meu bom Jesu, sabendo que não ha de dispensar no que tem determinado que padeçais? Oh errado de mim; que por isso duram em mim tanto minhas perturbações porque me não vou com ellas a vós. Vejo-vos, divino espelho da

minha alma, suar sangue, e coberto de tristeza quando orais: vejo-vos na oração visitado do Ceo por hum Anjo; e quando parece que estarieis mais derribado, vos vejo sahir a receber os que vos vem prender, e estimar tanto a obediencia do Padre, que não soffreis que vossos Discipulos vos defendam, nem acompanhem. Logo, amor de minha alma, vos mostrastes tão contente do que temieis, tão forte pera o que arreceaveis, tão obediente pera o que vos entristecia; como se foreis outro. Porque busco fóra de vós consolação, alegria de minha alma? Adoro-te divina, e amorosa mão, que castigando consolas, atribulando animas, affligindo alegras, derribando alevantas, e matando dás vida. Com razão vivo triste, pois de ti fujo, pois não conheço o amor paternal com que tudo fazes, e quanto mais me amas, quando me affliges, que eu a mim mesmo quando busco consolação fóra de ti. Todo sou miseravel, bom Jesu, porque, ou vos fujo quando me atribulais, e não busco em vós consolação: ou vos busco apegado a minha vontade e amor proprio, que impede a obra que quereis fazer n'esta alma. Livrai-me de mim, Deos meu, pois eu sou o que me mato, e o que ponho todos os impedimentos a vossa graça, e a vossa luz, e a vossas soberanas mercês: em tudo sou quem sou, curai-me vós, Deos meu, em tudo como quem sois.

Mas que he isto Senhor meu, que dizeis a vosso Eterno Padre, que se não faça vossa vontade, senão a sua? Em vós, bom Jesu, amor de minha alma, que sois impeccavel por natureza, e pelos immensos rios de graças, e verdades, que em vós ha, pode haver vontade contraria á de vosso Eterno Padre? Tão lembrado estais, Senhor, e esperança minha de minhas necessidades, tão miudo em as remediar todas, que até isto quizestes ter sem peccado, pera que me não desconsolem, nem derribem os movimentos de minha natureza, quando n'elles não consente a razão, e me dais confiança que me não julgareis por elles, senão pela vontade determinada com que vos busco, ou vos fujo; vos sirvo, ou vos offendo. Bemdito seja vosso amor, que tão largo está comigo, que até os movimentos, que minha miseria tem contra vós, fizestes que me servissem de aguilhões de me chegar a vós, e de occasião de maior merecimento, e de vos mostrar n'elles obediencia, amor, e fidelidade. Verdadeiramente Deos meu, pai sois d'este peccador, e amigo verdadeiro d'esta alma. Quando já vos conhecerei, vos entenderei, vos amarei de todo coração, e vos buscarei, e obedecerei em tudo sem contradição? Quando do intimo d'esta alma vos dirá meu coração sempre e em tudo

«Não se faça minha vontade, senão a tua»? Onde mereci eu, Deos meu, ser governado por essa vontade paternal, amorosa, e divina? Quando me foi mal seguindo-a, ou quando me foi bem fazendo a minha? Toda a Côrte celestial, desde o Filho unigenito vosso, e a Virgem Sacratissima, até a outra toda multidão de Espiritos Angelicos, e bemaventurados, sem nenhum cuidado de si, só com o cuidado de vos obedecer, vieram a ser quem são, e serão pera sempre, só de vós governados. E eu bicho da terra só quero por mim fazer bando? Os elementos, e corpos celestiaes por vosso governo se sustentam sem erro, nem damno, com quanto n'elles ha; e eu, o verdadeiro nada da terra presumo ter, e ser algo afastado de vossa obediencia? Fazeis-me, meu bom Jesu, mercê de tomar de mim cuidado, tendo tantos, e tão puros servos, e amigos, e eu fujo, e sacudo de mim vosso amoroso governo, e quero ter vontade, e parecer proprio? Oh miseravel de mim! Oh miseravel, e cem mil vezes miseravel, e cego de mim! Eu cuido que me entendo, e que sei o que me cumpre, e não vejo meus enganos, e males, e quam mal me posso conhecer afastado de vós, clara luz de meu coração. Sem vós, affeição, ou paixão me cega em minhas cousas, e não vejo o mal que está por vir, e que me faço: sei de bens fazer males, e nenhum mal sei mudar em bem. Sei peccar, e não me sei sem vós, Deos meu, arrepender: sei carregar-me de trabalhos e sei-me metter em tentações, occasiões, e perigos mais do que tenho forças, nem saber pera sahir d'elles: sei destruir, e damnar em mim quantos bens me dais: e por derradeiro depois de perdido, e sem remedio, e cansado de mim, e do em que me meto, acudo a vós afogado sem forças, e sem alento, e sobre tudo ainda presumo de mim, e não me rendo a vós de todo, e quero que façais minhas cousas como eu as imagino, e não fio de vós o que me cumpre. Oh cegueira, e miseria minha: vejo como cego: governo-me como ignorante; quero, e não quero como malicioso: consolo-me como fraco, e não acabo de me render a vós como servo. Oh verdadeiro Padre de misericordia, perdoai estas desaventuras minhas, e fazei vossa vontade, e não a minha. Oh Senhor, que me vedes, e me conheceis, pois sois verdadeiro pai d'este tão errado filho, tudo me haveis de soffrer, e tudo me haveis de curar, não me trateis como vos mereço, senão como esse amor que me tendes vos pede. Vós, Deos meu, e amor de minha alma, governais-me com sabedoria e amor; de todos os males me tirais bens: os proprios damnos, tentações, e tribulações em que me meteis, tomais por meios, e caminhos direitos dos bens que me que-

reis dar: por onde cuido que me destruîs, por ahi me edificais, porque tudo o vedes como sabio: todo bem me desejais como amoroso pai, de todo mal me curais como medico e amigo, e não me quero ainda fiar de vós todo em tudo!

Oh bom Jesu, oh Padre da minha alma verdadeiro, faça-se vossa vontade e não a minha, em tudo, em tudo, em tudo. Dai-me que seja este tudo sem excepção, e que seja esta entrega de todo coração. Encaminhai-me, Deos meu, quando erro, tornai-me a vós quando me afasto; prendei-me quando vos fujo: abraçai-me, e esforçai-me quando vos busco. Por esta vontade me prendei, Deos meu, e não me julgueis por minhas rebeliões desventuradas. Vòs vedes quam largo sou em me offerecer, e quam fraco, e mentiroso em cumprir, mas pera tudo he vosso amor. D'esta vontade quero viver, antes em ferros, e cativeiro em poder de inimigos, desconsolado, affligido, atribulado e perseguido, que da minha, que sou desaventurado, pobre, cego, errado e perdido. Hum momento que mostrais vosso raio tudo fica saboroso, e o que parecia perdido, se vê que he caminho seguro da vida. Pois Senhor meu, se me não cumpre estar sempre em luz, e consolação, tomai á vossa conta a fraqueza d'esta miseravel natureza, e tratai-me como quizerdes, e tende-me de vossa mão em tudo, e se vós me guiardes, fazei vossa vontade e não a minha.

Oh Sacratissima Madre de Deos, e obedientissima serva; que tambem n'esta mesma hora vos estaveis offerecendo, e resignando ao Eterno Padre pera irdes ajudar a seu, e vosso Filho Divino e Senhor a passar as dores e trabalhos de sua Paixão, porque sabieis que era a hora chegada, e entendieis que era essa sua divina vontade: e ainda que o sentieis muito, vos entregaveis a todo este trabalho: imprimi, Senhora minha, em minha alma estas verdades, esforçai esta vontade a seguir sempre este caminho, e nunca outra cousa querer, senão o que vosso Filho unigenito de mim ordena. Tirai de mim toda a outra vontade, e humano, e miseravel desejo, pois este só he o seguro caminho de contentar a meu Deos, e Senhor. Oh Anjos, e Santos puros, e limpos Espiritos celestiaes, ajudai-me e alcançai-me d'este Senhor que não a minha, mas a sua vontade seja perfeitamente feita n'esta minha miseravel terra, como lá fazeis no Ceo. Amen.

TRABALHO XXVII

Falsa amizade, pela qual foi vendido.

Estando o Senhor occupado depois da derradeira Cea, em dar a seus Discipulos divinas doutrinas, e depois d'isso, em as agonias, e trabalhos, que na oração do Horto passou: andava o falso amigo, e traidor Judas acabando de arrematar a venda que tinha feita do Senhor, e dando ardis pera o tomarem e prenderem. Foi nosso Senhor servido passar este genero de trabalho de falsa amizade, de quem tanto lhe devia; porque já que não podia passar todos os trabalhos, que passam cada hum dos outros homens, porque muitos d'elles não cumpriam á santidade e exemplo de sua pessoa, andou escolhendo aquelles que mais costumam magoar e doer aos humanos corações.

Não saberá quanto magóa este trabalho, que he tão silvestre, quem ou não sabe ter amigos, ou os não sabe conservar, ou lhe dá pouco pelos aggravar, e perder, que he arte mais de salvagens, que de humanos. Mas a divina Escritura põe em tamanho grão o bom e fiel amigo, que parece que não acha palavras pera o encarecer. Porque lhe chama fortissimo amparo da vida, thesouro, a que nada se póde comparar: mezinha da vida immortal, e não acaba de encarecer quanto se ha de estimar (*). E assi conta por hum dos grandes males da vida a falsa amizade, principalmente quando chega a affrontas, e deshonras publicas, e a infamar o amigo; ou descubrir-lhe segredo; ou tel-o em pouco, ou tratar contra elle cousas de seu perjuizo, e tanto o encarece, que diz, que a amizade que por estas vias quebra nunca mais póde soldar. E com muita razão, porque a verdadeira e boa amizade, cujo proprio he fazer tudo commum, a cousa que primeiro communica he o coração, e amor. Por onde alguns chamaram ao amigo, outro eu. Pois outro eu, de que fio meus segredos, que entra em todos meus gostos e desgostos, que tem parte em tudo, que está dentro do coração, estimado, e agasalhado como o fôra a propria alma minha, se fóra de mim andara; vir a fazer-me traição, fazer liga com meus inimigos, aproveitar-se do que de mim sabe pera me damnar, fazer de todas minhas amizades peçonha pera me em-

(*) Eccles. cap. VI.

pecer: cuido, ou affirmo que se poderá por algum tempo com siso dissimular, mas perfeitamente soffrer, he só effeito da divina graça: não qualquer, mas muito particularmente dada de Deos pera isso, com muita efficacia de seu espirito, e huma das cousas em que Deos mais mostra a força de seu espirito, quando a faz no humano coração. Porque contradiz tanto este genero de trabalho á humana natureza e fraqueza, que não se deve de ter por pequeno milagre da divina graça, sustentar nelle hum coração terreno com perfeita paciencia. Não falta doutor que entenda d'este genero de trabalho, o que S. Paulo diz de si, que lhe deo Deos hum aguilhão de sua carne, que era hum anjo, e ministro de Satanaz, que sempre o esbofeteava. Isto era ver-se perseguido de falsos irmãos, e dos proprios por cuja salvação elle andava lançando os bofes, e outros, que trabalhavam por abater sua doutrina, e desacredital-o, devendo-lhe a mesma vida christãa, que por seu meio alcançaram, e que tão mal lhe agradeciam: a qual falsa amizade lhe dava a sua carne tanto em que entender, e tinha tanto mais que fazer em o soffrer, que todos os outros trabalhos que passava, que pedia a Deos instantissimamente que lhe tirasse este sentimento. E Deos lho não quiz tirar, pera que lhe servisse de hum ministro de Satanaz que o esbofeteasse, e o humilhasse: e todavia lhe prometteo sua graça que o sustentaria, que não cahisse em peccado. Este genero de trabalho passou nosso Senhor, com tão novas invenções de falsa amizade, que ninguem póde emparelhar com elle.

Deixo a falsidade dos Fariseos, que muitas vezes lhe mostravam honra e gasalhado, ora convidando-o a suas casas a comer, ora dizendo-lhe louvaminhas, e todos recebendo d'elle muitas mercês, com fazerem de toda a familiaridade do Senhor peçonha contra elle pera o damnar. Mas entre os doze sagrados Apostolos, houve hum Judas Escariote, a quem o Senhor tinha já dado virtude pera fazer milagres, como aos outros, e o tinha escolhido pera huma das doze columnas de sua Igreja; tinha-lhe entregue a pobreza das esmolas que lhes dariam pera que tivesse cuidado de manter aquelle Santissimo Collegio Apostolico; tinha com elle tratado seus segredos, como com todos os outros; amigo de sua meza, da sua conversação familiar. Este, porque poucos dias antes que o Senhor padeceo, vio que a Magdalena ungira a cabeça ao Senhor com o precioso unguento, de cujo cheiro recendeo toda a casa: começou logo a murmurar, que se podera vender o unguento por trezentos dinheiros pera pobres, da qual venda parece que esperava elle embolçar pelo me-

nos o dizimo, que eram trinta dinheiros. Porque, segundo diz S. João (*), tinha de costume ajuntar moedas, d'essa pobreza, de esmolas que ao Senhor davam, que lhe passava pelas mãos. E por se satisfazer da perda d'aquella miseria, foi fazer liga com os inimigos do Senhor, de quem sabia, que nenhuma cousa mais desejavam, que prendel-o, e andavam mortos por alguma boa conjunção pera isso. E ou Judas fizesse conta que o Senhor por milagre livraria das mãos de seus contrarios, como outras vezes tinha feito, e elle ficaria com o dinheiro na bolça, zombando d'elles: ou quando se não livrasse de seus inimigos, elle todavia ficaria de ganho, em fim, de toda a maneira que succedesse se determinou a vender ao Senhor. E de crer he, que contaria esta sua má determinação diante dos Fariseos, murmurando do Senhor de mimoso, e regalado, que aceitava, prégando pobreza e desprezo do mundo, banquetes e unguentos cheirosos, e bebia, e comia por casas de seus amigos, e muitas vezes em companhia de máos homens, e então sahia com grandes estremos de rigorosas doutrinas. E outras muitas cousas diria por se mostrar com alguma côr de razão, enfadado de sua conversação, e arrependido de o ter até li tratado: e com zelo de que não fossem taes hypocrisias por diante, concertou com elles que lho entregaria em parte d'onde o tomassem, sem o povo miudo, em quem estribava, e o podessem seguramente prender. Estas e outras malsinerias diria, saborosas aos ouvidos dos que outra cousa não desejavam senão azo pera executar suas damnadas tenções. Os quaes de tudo isto fariam festa, mysterios, confirmando-se mais no descredito, que de Christo andavam urdindo, e assentando, que aquella era a verdade de Christo, e que todo o contrario era engano nelle. E louvando a Judas de homem attentado, e bem considerado, e amigo da honra de Deos, e do bem do povo, não se desconcertaram com elle, mas arremataram logo o preço da traição, e venda em trinta dinheiros, que segundo o preço, e valia de algumas moedas de prata d'aquellas, porque Christo foi vendido, que eu vi, que agora ainda ha em partes guardadas por reliquias, parece que deviam de sommar os trinta dinheiros, tres cruzados pouco mais ou menos, que são mil e duzentos réis portuguezes, de seiscentos em real. Este foi o grande preço (segundo por Zacharias estava profetizado) (**) porque Judas vendeo ao Filho de Deos; deixou sua amizade; perdeo a Deos, e todos os bens que d'elle tinha recebido; e sua propria alma.

(*) Joann. cap. XII et XIII. (**) Zachar. cap. XI.

Feita, e arrematada a venda, deixou o falso, e traidor amigo concertado, que estivessem prestes, mas não bulissem comsigo até elle voltar. Porque como falso, e damnado, já determinava de se aproveitar das horas, em que o Senhor orava, pera nellas o entregar, sendo as que elle mais houvera de buscar pera o acompanhar em tão divino officio. Tal he o coração do falso amigo, que dos maiores bens faz maior peçonha, e as cousas que mais o haviam de afeiçoar, mais o afastam, e lhe servem de occasiões pera executar sua maldade. Tornou-se com esta determinação pera o Senhor, e dissimulando a peçonha que no coração trazia, se assentou á meza, na derradeira cea com elle. E tratando o Senhor que hum dos doze o havia aquella noite de trahir, e perguntando cada hum se era elle, tambem o traidor dissimulando a malicia, perguntou de si o mesmo. Aceitou lavar-lhe Christo nosso Senhor os pés, como aos Discipulos, sem se deixar entrar de tamanhos beneficios e doutrinas, como naquella cea, e hora teve, nem se compadecer do Cordeiro humilde, que a seus pés tão brando via. Recebeo d'aquella maneira o Santissimo Sacramento (como diz nosso Padre S. Agostinho) novamente pelo Senhor instituido, ficando Sacerdote do Senhor; e todas aquellas, e outras amizades, que n'aquella derradeira cea o Senhor por despedida fazia a seus unicos amigos, sem nellas fazer nenhuma differença do máo Judas. O que tudo não aproveitando, o mandou o Senhor sahir com palavras que cuidaram os Apostolos, que o mandava dar algumas esmolas, dizendo-lhe: «O que fazes, faze-o logo depressa» (*); que até em lhe conservar a honra, lhe guardou o Senhor perfeitissima amizade. Assi o fez o traidor, que se sahio d'aquella santa meza com o demonio na alma, buscar gente pera entregar ao Senhor, como adiante diremos. E em quanto o Senhor doutrinava a seus Discipulos, e passava os trabalhos, que passou no Horto, suando gotas de sangue, andava o malvado engenhando sua prisão. Quanto o Senhor sentio este trabalho, e falsa amizade do traidor Judas, disse-o, e o encareceo David, quando se vio perseguido por traição de seu filho Absalão em pessoa, e figura de Christo nosso Senhor, por estas palavras: «Se meu inimigo dissera de mim mal, soffrera-o. E se o que me tinha odio, me assacára grandes cousas, ainda me escondera d'elle. Mas tu, homem de hum coração comigo, meu conhecido, minha guia, que comigo comias o bom bocado se o tinha; que andavamos na caza a serviço de Deos muito amigos, me armas traição?

(*) Joann. cap XIII.

Venha a morte sobre estes, desçam vivos ao inferno; porque em sua casa e conversação não ha senão malicia» (*). Basta que o Senhor passando immensissimos trabalhos, e tormentos em sua Paixão, com summo e admiravel silencio; só d'este trabalho mostrou a magoa que lhe causava; queixando-se a seus Discipulos que hum d'elles o havia de trahir; e queixando-se em sua prisão ao mesmo, dizendo-lhe: «Judas, com beijo de amizade me entregas a meus inimigos?»

N'esta falsa amizade começaram todos os trabalhos que Christo em sua Paixão teve: d'ella foi seu coração ferido, e magoado com muita razão: n'ella nos deixou admiraveis exemplos de brandura, mansidão e paciencia.

Prouvéra a este Senhor que fora só Judas o falso amigo, e só traidor; mas por nossos peccados tem muitos companheiros no mundo. Quantos hoje vendemos ao Senhor, e suas mercês por baixissimos gostos, e opiniões da vida; e usamos de suas mercês pera o offender, e affrontar. E ainda que Christo nosso Senhor agora não possa ter a pena e dor, que então teve n'esta traição de Judas, todavia então lhe era tudo presente, e bem via quam falsos amigos havia de ter, e já então morria por isso, e se magoava das traições de quantos falsos amigos pelo tempo em diante havia de ter em sua Igreja. As amizades suas duram e perseveram sempre; e nossas deslealdades parece que aporfiavam sempre crescendo? E senão pergunte-se cada hum a si mesmo, quando foi tão pontual na honra de Deos, que deixasse por ella os pontos do mundo: e quando pela amizade d'este Senhor todo o outro cuidado, e cousa da vida o enfastiou; e quando deixou de fazer sua vontade por ser leal amigo d'este Senhor. Eu fico que lançadas bem as contas, se nos conhecermos bem, que se se ache cada hum de nós n'este negocio tão Judas, que tenhamos menos que nos queixar de nós que d'elle.

Pois se ajuntardes a isto quantas vezes com estes peccados na alma entramos na Igreja de Deos, o saudamos de giolhos, e barrete, lhe chamamos orando pai, amigo, e senhor. Estando tão longe de sua amizade o tratamos no santo altar, e em sua casa como seus familiares, deixando fóra os contratos feitos com o Demonio, com a carne, com o mundo, com a vaidade da vida, contra este Senhor, contra sua lei, e contra sua amizade, não ha duvida senão que se pode Christo bem queixar de to-

(*) Psalm. LIV.

dos como de falsos amigos, e tem bem que soffrer nas traições que lhe fazemos.

Dando a isto outra volta, teve nosso Senhor muita conta com seus verdadeiros amigos em querer soffrer os trabalhos da falsa amizade. Porque pelo particularissimo cuidado que tem d'elles, se fez seu companheiro n'elle, por quam geral he este trabalho aos que devéras o servem. Porque a mais certa cousa, que tem os que se convertem a Deos, e deixam a vaidade da vida, he terem sempre encontros de falsas amizades. Ora os tem por pesados, ora por hypocritas, ora por singulares: tacham-lhe muito pequenos argueiros, lançam-lhe tudo a peior parte; seu zelo tem por paixão; seu evitar offensas de Deos por odio; tudo lhe tornam em mal: e com seus proprios bens e virtudes lhes fazem guerra. As miudezas d'isto, e quanto isto custa aos justos, elles o experimentam, e Deos que o vê, e o sabe, entende quanto lhe custa, e quanta necessidade tem de seu favor, e ajuda. He este trabalho a que não serve consolação humana. Porque o justo anda em simplicidade, e não busca ardis pera se defender, nem manhas pera atalhar os males que lhe fazem. Mas deseja com amor converter, e allumiar os proprios contrarios seus: e os falsos amigos, e máos tudo tornam em peçonha, de tudo fazem invenções de damnar; e levando elles sempre a bandeira, fica o innocente penando, calando, e ardendo em tribulação.

Alivia Christo estes seus amigos com lhes mostrar o que elle passou, e com huma particular luz em que lhes faz conhecer, que aquelle he o verdadeiro caminho de vencer, e de se desapegar de toda a humana amizade, e passal-a toda a elle: em que os inimigos, e amigos são pura e verdadeiramente amados: e com quem os falsos amigos são com paciencia soffridos: e a quem os braços da alma perseguida, e acossada d'estes trabalhos abraçam como unico e verdadeiro amigo, e n'elle se alegra, se consola, e se assegura.

Exercicio da falsa amizade que o Senhor soffreo.

Tambem, amor de meu coração, esperança minha, e vida da minha alma quizestes passar por mim quam caro custa hum traidor e falso amigo, com hum tamanho, e feio modo de traição como Judas vos faz, que está comendo comvosco á vossa meza, recebendo vossas mercês soberanas, ouvindo vossas sacratissimas palavras como vosso amigo leal, cheio

de dissimulação, e malicia: e estar determinado em seu coração entregar-vos a vossos inimigos, tendo-vos vendido por dinheiro, e buscando occasião pera vos entregar. Oh divina sabedoria, a que o coração d'este perverso não estava encoberto, como acabais comvosco dissimulardes com elle, e não deixardes de lhe mostrar toda amizade como aos outros Apostolos, e leaes amigos? Lavais-lhe os pés, fazeil-o Sacerdote, dais-lhe vosso sacratissimo corpo a comer, e vosso precioso sangue a beber, encobris-lhe sua malicia pera o não deshonrar. Este sois vós, bom Jesu, e esta he vossa verdadeira amizade, que nunca por vós quebra: sempre soffreis as traições, sempre desejais de vos reconciliar com as almas, sempre as grangeais com amor, sempre as abrandais com beneficios, sempre quebrantais sua dureza com mercês. Que vos vai Senhor, em nossa amizade, que até traidores agasalhais? Vosso he isto, bom Jesu, calidade he só de vosso amor, não poder nunca tornar atraz, e quando todos vos fogem, ficardes vós sempre constante. Oh minha gloria, e minha bemaventurança, que sendo vós este, só merecedor do amor das almas, me quizestes mostrar o amor que me tendes em passar por tão penoso trabalho, como he a falsa amizade: porque minha fraca natureza quando se n'elle visse, vos achasse por companheiro da cousa que mais a costuma magoar. Quererdel-o vós assi, amor he que vos leva a isso, mas este genero de trabalho ainda que vós Senhor, o quizesseis passar, como pode humano coração que vos tem tratado, e conversado, que vos tem ouvido, e recebido tantas mercês vossas, cahir em tamanha traição, fazer-vos falsidade? Vossa conversação cativa as almas, vosso amor prende os corações, vosso exemplo encaminha os erros da vida, vossas palavras ensinam toda a verdade, vossa brandura remedea toda a necessidade, vosso gasalhado alivia todo o trabalho, nem tendes cousa mais entendida, e conhecida que a largueza, verdade, e lealdade de vosso amor; e todavia, esperança minha, houve coração humano, que fizesse falsidade a esta verdadeira amizade, que trahisse esta santissima conversação, que magoasse este tão puro e amoroso coração, que deixasse esse tão fino amor, por dinheiro, por vos vender a vossos inimigos, por dar gosto a quem desejava tirar vossa vida? Oh verdadeiro amigo, e refugio d'esta alma, ninguem está muito seguro de si, senão quem está muito unido, e aferrado comvosco; e quanto maiores são as mercês recebidas, maiores, e mais damnosas são as quédas da alma, que se descuida, e desapéga de vós. Como não hei medo de mim, e não an-

do sempre bradando por vossa misericordia quando me vejo d'esta mesma natureza, e massa corrupta de que pode nascer tanto desagradecimento, desamor, e deslealdade contra vós? Oh bondade infinita, tende-me de vossa poderosa mão. Se o Demonio, da vossa meza, e da vossa conversação, e presença, vos leva hum Apostolo a tamanha perdição, que seguro tenho eu de mim? Se vos nega S. Pedro, porque confiou de si, que será de mim, se vos não encarregardes de minha fraqueza?

Humilhai-me Senhor, e afferrai-me comvosco meu bom Jesu, pois sem vossa particular graça, eu sou este mesmo que facilmente vos perco, e vos deixo: e quando cuido que estou mais seguro então vos faço móres traições, e uso menos lealdade ao amor que me tendes, e á amizade que me mostrais; Espanto-me de Judas que vos perdeo, e que sem vergonha e com beijo de paz, e amizade vos entregou, e vos perdeo o amor e affeição pera vos vender, e quiz antes o dinheiro, que a vós riqueza soberana: e não me vejo quantas vezes com hypocrisia me fingi, e tomei vossas cousas por meio de grangear meus apetites; quantas vezes estando cheio de mercês vossas as troquei todas por hum muito baixo, e desaventurado gosto terreno: quantas vezes quiz antes o favor terreno dos homens que vossa conversação; quantas vezes vos fui traidor, trocando-vos pelas abominações, que vós n'este triste coração vedes, sem dar por vossas inspirações, e doutrinas que lia, e ouvia, e cria, nem por vossas mercês, que continuamente recebia. Oh infinita misericordia, perdoai-me, que ainda sobre tudo isto não estou ante vós tão confuso e envergonhado como meus peccados, e traições requerem. Não vos basta, Deos meu, hum Judas, porque o quero eu ser, Senhor. Torno-me a vós Deos meu, amigo verdadeiro. Aqui me lanço a estes sacratissimos pés; confesso e conheço todas minhas traições e falsas amizades, que vos tenho tratado; perdoai-me Senhor, satisfazei-vos de mim como quizerdes, e não me deixe vosso amor perder como Judas, pois a vós me torno. Lembrai-vos, Senhor, de quanto fizestes por render o coração de Judas, e quanto n'isso trabalhastes debalde, e quanto sentistes perder-se-vos; pois Senhor esse amor, que não he particular, mas geral a todos os peccadores, agora se mostre em mim; pois aqui me venho a vós, aqui me entrego, aqui me confesso, e aqui me rendo; pesa-me de ser quem sou, tratai-me como quizerdes, mas recebei-me com misericordia em vossa amizade. Ainda que fui, meu bom Jesu, dos traidores, fazei-me do numero dos que são verdadeiramente convertidos. Vosso amor

triunfa em converter peccadores, em fazer dos traidores leaes, e em fazer de inimigos amigos; convertei-me, bom Jesu, a vós, e fazei-me leal, e fiel amigo vosso até o fim de minha vida.

Oh amor de minha alma, como vos entregastes tanto a Judas, que vos podesse elle vender como escravo? Tanto senhorio e mando tinha elle em vós, que vos pode tratar d'esta maneira? Oh bondade, oh amor verdadeiro, este sois vós, meu bom Jesu? Assi vos entregais todo? Assi mostrais que só sois o verdadeiro amigo da alma, que depois que vos dais, vos deixais tratar de cada hum como quer. Mofino he quem se não sabe aproveitar de vós, e vos lança de si: ditoso o que comvosco se abraça, e vos tem por seu unico thesouro. Oh se tu souberas, Judas, aproveitar d'esse Senhor, e não pera dinheiro! Não te irias aos Judeos, dá-mo que eu to comprarei pera o por n'esta alma, pera o servir e adorar. Como me não vou, bom Jesu, apoz vós com todo amor, com toda a alma, e com toda a vontade quando isto vejo? Não quereis que haja cousa mais minha que vós todo meu verdadeiro bem. Sois pai, irmão, amigo, thesouro; manjar, e escravo: de toda a maneira que os homens tem as cousas por muito suas, quereis vós com esse mesmo titulo ser meu. Oh como estou rico comvosco bom Jesu! hum sois, e de tudo me servis. Aceito-vos, bom Jesu, por todo meu bem. Abraço-vos por unico meu thesouro; e quero-vos por toda minha bemaventurança; e d'aqui me despido de toda a outra cousa. Aquem vós não bastais, vida da minha alma, que pode desejar que lhe satisfaça? (*) Doente e com o gosto perdido está a alma, que comvosco se não contenta. Vós sois o meu unico e singular bem; unico e singular amigo; unico e rico thesouro, unica bemaventurança. Comvosco estou rico, e sem vós pobre: comvosco tudo tenho, e sem vós tudo me falta; vinde bom Jesu a esta alma, amemo-nos, possuamo-nos, e conversemo-nos pera sempre sem apartamento, reinai vós em mim, e eu viva sempre em vós. Oh todo meu bem, toda minha bemventurança, amoroso Jesu!

Oh amigo fidelissimo de minha alma, vós sabeis que huma cousa que mais impede vossa conversação e amizade, e as familiares, e escondidas mercês que fazeis ás almas, he a desordenada affeição dos amigos, e occupar n'elles muito o coração. E porque só o quereis ser d'esta alma, permittis que quando de todo se convertem a vós as almas, achem poucos amigos, e esses poucos leaes. Quanto magoam as deslealdades dos amigos, vós o sabeis: e quanto cativam, e affeiçoam os fieis tambem o

(*) August. in Psalm. XXXI.

entendeis. Mandais-me ser a todos amigo, e leal, e a só vós estar pegado, e em só vós ter toda minha esperança, e a só vós ter por fidelissimo amigo. Assi o quero, Deos meu, assi o desejo meu Deos. Mas pois passastes pelo trabalho que dão máos e falsos amigos, esforçai esta natureza fraca a passar o mesmo, pera que nem a affeição, e confiança d'elles me cative, nem a magoa de suas deslealdades me derribe: se quereis e ordenais que de todos seja desamado, perseguido, e aborrecido, faça-se vossa vontade, e ensinai-me vós a o querer assi; possui vós meu coração, mostrai-me vossa face: cativai-me de vossa amizade, ensinai-me a me não queixar; ensinai-me a me não vingar, nem dar mal por mal, e ter e chamar amigos aos que mais falsa amizade me mostram. Fazei Senhor, que comvosco me pareça e com isso me contente. Como quero eu todos por amigos, como quero que todos me tratem verdade: como me queixo se me não são leaes, se vós tendes á vossa meza o traidor, e lhe chamais amigo, quando vendido vos entrega? Oh amigo meu fidelissimo, só vossa amizade he leal, por ella troco tudo o mais: desapegai de meu coração todo o amor e odio que me pode impedir vossa conversação. Oh luz divina, oh author das soberanas verdades, abri os olhos d'esta cega alma, fazei-me conhecer aquelle ditoso estado em que perseguido de toda a criatura, aborrecido de todos os homens, desamparado de todos os amigos, esquecido de todos os humanos, e desprezado dos proprios que mais obrigação me tem, pode minha alma mais livre de todo, e de todos alargar os braços, e o amor, e dizer-vos com mais confiança: «Padre meu, Deos meu, e unico amor meu!» Oh ditosa hora, oh se já chegasse, oh se toda a vida se perdesse, e só n'estes abraços, e amor se gastasse! Doei-vos Senhor, verdadeiro conhecedor d'estas verdades, da perdição e cegueira d'esta alma que tão longe d'isto está, oh meu amor, minha esperança, Jesu!

Rainha dos Anjos, leal serva e amiga d'este Senhor, mãi, e amparo dos peccadores, prendei-me de sua amizade e de toda outra me desapegai. Oh Cortezãos do Ceo, que viveis de hum só amor d'este Senhor, e n'elle tudo ordenadamente amais; alcançai-me essas fermosas prisões, com que estais livres e cativos de seu amor pera sempre. Amen.

TRABALHO XXVIII

Da prisão.

O primeiro mal que a falsa amizade do traidor Judas fez a Christo nosso Senhor, depois de o ter vendido, foi fazel-o prender por justiça, e contra toda justiça, e razão. No qual officio elle quiz ser o capitão, como quem tinha perdido o temor de Deos, e vergonha dos homens. Nem he muito ter feito o peccado em tão pouco tempo tamanha mudança n'hum varão Apostolico, que por sua vontade deixou a Deos. Porque a experiencia tem mostrado que a peior gente do mundo he a que deixada a Fé Catholica, soltam a redea aos vicios· e os que deixada a perdição da vida evangelica, e apostolica, que professaram, tornaram á vida profana do mundo que por Deos tinham renunciado: os quaes todos são da bandeira de Judas traidor. Como desprezaram a casa e serviço do Senhor pelo mundo, e afastaram a boca da fonte verdadeira das agoas vivas, de que na casa de Deos se vive, por beber dos peçonhentos charcos da carne, mundo, e Demonio, muito maior maravilha he os peccados que deixam de fazer que os abominaveis males que comettem. Assi Judas capitão d'estes, que pera ser máo cerrou os olhos á luz divina, e as orelhas ás divinas palavras do Senhor, e o coração, perdido seu amor entregou ao Demonio, que muito que em poucas horas de Apostolo se fizesse traidor, capitão de beleguins, e algozes pera prender ao Senhor? E désse ardis e avisos pera se lhe não sahir das mãos? Bom he ter preso o coração ao serviço do Senhor com muito cuidado e vigia, e cautela; que depois d'elle solto, e mal acostumado, e desaforado, nem soffre prisão, nem tem freio, e corre a todo o mal com tanta furia, que só a divina mão e graça pode n'elle fazer suas costumadas maravilhas. Mas ás vezes se afferra tanto a seus vicios, que nem a divina graça que Deos lhe offerece, quer aceitar; como fez Judas, que a nenhuma inspiração do Senhor, nem motivo que o podesse converter, quiz abrir o coração; mas determinado no mal tudo engeitou. Sabia bem Judas, que costumava o Senhor quando em Jerusalem lhe anoitecia sahir-se fóra ao Horto de Gethsemani como lugar só, quieto, apartado, e acommodado pera oração, em que elle gastava as noites depois que deixava seus Discipulos agasalhados. E de crer he que o Senhor sabia tudo o que havia de ser, costumaria

aquelle logar pera se lhe saber onde alojava, e o poderem sem reboliço do povo prender: e que cada vez que n'elle entrava com a memoria do que havia alli passar alvoroçava seu coração, pera começar n'elle sua batalha: e por isso lhe seria mais particularmente affeiçoado. Vendo Judas que eram horas, em que já o Senhor estaria quieto orando, deo rebate que se apressassem: repartio com os Fariseos a gente, lanternas pera levarem lume escondido pera menos reboliço do povo, e tochas pera se acenderem a seu tempo, lembravam alli que já outra vez o prenderam, e o Senhor se lhe escondera fazendo-se invisivel: e o mesmo fizera quando o quizeram apedrejar. E como os Fariseos o pregoavam por feiticeiro, estavam muito receiosos que trabalhassem debalde, e por isso não fiaram este feito senão de si, e os principaes determinaram hir com aquella gente, como foram: e com esta falsa opinião de feiticeiro, que do Senhor publicavam, peitavam os beleguins se o segurassem, e os animavam a fazer como homens, e tiral-o das mãos de quem quer que lhe quizesse valer. Havia n'aquella profana companhia muitas apostas de quem melhor o ataria, e o asseguraria: e por contentarem os Fariseos cada hum faria muitas promessas de si, e de seu esforço; nas quaes os malvados Fariseos se estariam contentando, e dizendo palavras pera mais os animar. Os saltos, as festas, os ditos, e as palavras que alli haveria contra Christo; os abraços que dariam a Judas, o alevantal-o no ar, e louval-o de homem de feito, e pera muito, não se pode sem muita lastima imaginar: mas tudo o que se cuidar he pouco pera o que alli haveria. E n'esta revolta Judas mais fragueiro que todos elles, e que tinha bem experimentado que tudo havia de ser por demais, se o Senhor se lhes quizesse sahir das mãos; atiçava-os com avisos, dizendo-lhes: que não punha penhor por nenhuma d'aquellas valentias: que elle cumpriria sua palavra em lh'o mostrar; e já que havia alli muitos que o não conheciam; e pelo ar da noite, outros o desconheceriam, se chegaria a elle, e lhe daria hum beijo na face; mas que depois lá se aviessem com elle, que o tomassem e o levassem com muita cautela. N'esta revolta e occupação andava Judas, e estes ardis se buscavam contra o cordeiro mansissimo Jesus nas horas em que elle estava derramando muitas lagrimas, suando muito sangue, ardendo em amor dos proprios que este mal lhe queriam fazer, e negociando com o Padre Eterno o remedio e salvação do genero humano. O qual Senhor sentindo que chegavam já perto seus inimigos, e era chegada a hora de se lhes entregar, e começar seu martyrio; tendo já comsigo acordados seus Dis-

cipulos, por lhes dar exemplo da fortaleza e constancia com que haviam de tomar por seu amor os trabalhos que Deos lhe désse, e quam obedientes haviam de ser a toda a ordenação divina por rigorosa que fosse: não esperou que Judas o désse a conhecer, nem que o andassem buscando; mas elle diante de seus Discipulos sahio a receber aquella cruel companhia, e lhes perguntou: «Quem buscais?» Responderam: «A Jesu Nazareno. E o Senhor ainda que tinha determinado de se entregar, quiz primeiro mostrar a elles, e a seus Discipulos sua divina virtude, e que toda a malicia e humano artificio he armadilha de vento pera Deos. E quiz o Senhor, que soubessem todos os seus escolhidos que estavam por nascer, que só o amor que tem aos homens, e sua livre vontade o fazia padecer, porque queria, e quando queria, e que deviam sua Paixão a seu infinito amor, e não á humana industria.

Tambem quiz tirar aos que o vinham a prender toda a escusa, e que elles mesmos fossem testemunhas que não podiam nada contra elle; e tivessem razão de conhecer o mal que vinham fazer, e se arrependessem d'elle, se quizessem. E por isso em elles dizendo que buscavam a Jesu Nazareno lhes disse: «Eu sou.» E foi esta palavra tão poderosa, que Judas, e toda aquella perversa companhia, e Fariseos revocaram atraz, e cahiram em terra pasmados. Podera-se o Senhor hir, e mostrar alli suas costumadas maravilhas: mas como tinha mostrado seu poder, em tal conjunção de tantos ardis, que contra elle vinham ordenados, os deixou alevantar, tornando a perguntar, quem buscavam? Tornaram a responder, que a Jesu Nazareno: o Senhor lhes mandou que não tocassem em seus Discipulos, e assi nenhum mal lhe fizeram; porque ainda que o pastor padecia, não desamparou com sua virtude a guarda de suas amadas ovelhas. E assi não he pequena a maravilha que ninguem lembrou que os prendessem, sendo cousa tão ordinaria em semelhantes revoltas; mas mal poderiam empecer a quem o Senhor guardava. Ainda o Senhor não quiz que tão depressa pegassem d'elle, mas com toda a brandura fallou aos Principes dos Fariseos, e Sacerdotes do Templo, que alli em tão máo officio vinham occupados, pedindo-lhe conta, porque vinham prendel-o com armas, e luminarias de noite como a ladrão, se cada dia o tinham em publico no Templo descobertamente prégando? A que elles não responderam, porque não havia boa razão que dar. Ainda os deteve mais o Senhor, sem elles terem coração pera nada, em quanto lh'o elle não permittia: pera fazer alli hum milagre; que foi em Malcos,

criado do Sacerdote maior, o qual querendo-se desmandar pera pegar primeiro do Senhor, São Pedro por cumprir o que tinha promettido de morrer em defender o Senhor, e sua fé, disse ao Senhor se arrancariam? e sem esperar reposta arremetteo pera o matar, e cortou-lhe a orelha direita. O Senhor se chegou a elle, e lhe tocou a orelha com a mão, e o sarou, de que foi bem mal agradecido, e mandou estar quedo a São Pedro com divinas palavras, como se estivera com toda quietação prégando; e lhe disse: «Pedro, não queres que beba o calix saborosissimo que meu amorissimo Padre me deo? Como se cumprirão as profecias, que tudo isto que hei de passar tem escrito? E que será do mundo se as eu não cumprir? Torna a embainhar a espada, que quem matar com ferro, merece que por justiça, a ferro morra. Se me eu quizesse defender sem usar de minha virtude não pediria eu ao Padre favor, e mandaria aqui mais de doze legiões de Anjos, viriam fazendo tremer o mundo a defender-me.» Recolheo-se São Pedro, e os Discipulos fugiram e deixaram só ao Senhor: e ainda que foi isto fraqueza sua, tambem foi ordenação de Christo, por que só queria padecer. Disse então o Senhor aos Fariseos, dando licença pera lhe fazerem tudo o que quizessem: «Esta he vossa hora, e o poder das trevas, fazei o que quizerdes.» Chegou-se Judas a elle, e lhe deo hum beijo na face, dizendo: «Ave Mestre». E o Senhor lhe disse: «Como Judas, com beijo de amizade me fazes traição?» E nada aproveitou ao malvado pera se converter.

Costume era da Palestina saudarem-se com beijo na face os amigos, aquem o Senhor aceitava aos seus; e o não negou ao traidor por lhe não faltar n'aquella hora a sua brandura costumada, pera ver se lhe podia enternecer o coração. E são estas duas cousas contrarias que metem espanto; a dureza do humano coração determinado em mal, e afastado de Deos, e a brandura do de Jesu, ainda com aquelles com quem sabe que não ha de aproveitar nada, e he muito pera cada hum haver medo de si, pois he da mesma massa peccadora, e inclinada a mal. Judas se foi com o dinheiro na bolsa, e o demonio na alma, a cuja companhia havia d'alli a poucas horas de hir ter ao inferno; e os beleguins arremetteram ao divino Cordeiro que a nada resistia, e o que lhe fizeram não ha coração que ouse cuidal-o. Logo o derribaram no chão, carregando sobre elle a couces: e tendo-o debaixo dos pés, lhe ataram as mãos atraz, e lhe lançaram huma corda á garganta; e como se temiam d'elle como de manhoso feiticeiro, não se pode crer as palavras que lhe diriam, e a

porfia que haveria ao dar dos nós, e apertar das mãos, que quasi lhe saltava o sangue fóra das unhas. E isto com tanta zombaria de seus milagres, tantos nomes injuriosos de enganador, feiticeiro, travão, revolvedor do povo, e outros que a malicia ministrava tão feios quanto não se poderá imaginar. Assi o levantaram com grandes encontros, e depenar de barbas, e cabellos, e com grande festa, e gosto da preza tomada, aquem tanto arreceavam fugir-lhe das mãos, e o fizeram caminhar até casa do Summo Sacerdote com tanta gritaria, e estrondo, e fazendo ao Senhor tal tratamento, como gente que n'aquella hora primeira empregava em affrontas, e deshonras a peçonha e odio de tantos tempos recozido nos corações damnados, e que se viam soltos, e sem impedimento, nem resistencia a quanto queriam fazer. Entre todos estes trabalhos o brando Cordeiro Jesu hia calado, e sem abrir sua boca, nem contradizer a nada caminhando com os pés pela terra, e com o coração occupado no Ceo; bradando interiormente ao Padre Eterno com lagrimas de seus olhos, que em aquella noite, e dia foram fontes que nunca cessaram, pedindo misericordia pelos peccadores, e offerecendo cada punhada, cada repellão, cada couce, cada injuria, e palavra d'aquellas, e cada dôr que padecia particularissima e ferventissimamente pelas necessidades dos filhos de Adão. Nada perturbava já seu espirito: nada o entristecia, nada o desconsolava: e o que antes de entrado na batalha tremia do que havia de passar, mettido n'ella, cada cousa que padecia lhe punha novo animo e desejo do que tinha por padecer.

Tem aqui, e em todos os mais passos da Paixão do Senhor os devotos larguissima materia pera se occuparem não só nos exteriores crueis trabalhos do Senhor, mas muito mais pera pôrem os olhos em seu divino coração que em fogo do amor ardia, e em immensos mares de virtudes, bondades, e misericordias nadava. Os que veem estas prisões do Senhor só na casca, algum fruito tiram, porque tudo o que o Senhor passou engrossa as almas. Mas quem entra no amor, e no coração d'este cordeiro acha-se d'elle tão preso, tão mudado, tão outro, tão cativo, que bem sente a suavidade que mana d'aquellas mãos atadas. E quem ainda não souber tantos bens, e experimentar n'esta prisão, lembre-se de se cotejar com a innocencia d'este Senhor, e entenda que o proprio que elle padeceo he o que nós merecemos, e quando pera nos perdoar quizera de nós que o passaramos, fora grande misericordia. Mas carregando elle sobre si tanto, a nós deixa mais folgados. E he tão mal pago de nós, que em lugar de nos

enfrearmos, soltamos de maneira o coração, e sentidos, e com tanta offensa sua, que muito melhor nos fora, ou perdel-os, ou tel-os sempre cativos. E pois nossas solturas o prendem, hajamos dó de nós pera que o saibamos haver d'elle.

Exercicio da prisão.

Quem vos prende, minha verdadeira e segura liberdade? Quem vos pode atar, meu bom Jesu? Que corações ha tão deshumanos que assi tratem essa divina pessoa, e tão cruel e profanamente vos levem preso? Vossa brandura, Deos de meu coração, converte, e muda as almas; vossa modestia, e madureza recolhe os corações; vossa presença cativa os olhos e os espiritos: vossos beneficios e mercês tantas, e tão geraes tem cheia toda a terra. Pois como houve animos humanos que ousassem lançar mãos em vós, Filho de Deos vivo, como em hum peior que ladrão, feiticeiro, com tantas palavras injuriosas, tantas pescoçadas, e bofetadas, tanto depenar de barbas, tanto apertar de cordas, que parece que o sangue vos arrebenta pelas unhas fóra; tantas punhadas, e encontradas, e com vos levarem com festa, furia e triunfo preso, e atado. Não só, vida da minha alma, não fugis, nem vos ausentais, mas sahis a receber os inimigos, e entregais-lhes esse sacratissimo corpo, e mãos, mas ainda mandais a vossos Discipulos que vos não defendam. Curais com essas proprias mãos, que vos atam, a orelha de Malco, que vos está prendendo: não quereis ajuda de Anjos: deixais hir vossos Discipulos; e não vos lembra mais que beber o caliz que vosso Padre Eterno vos dá, e obedecer em tudo até a morte, e remediar nossos males. Oh bemdito, oh glorificado sejais, esperança minha: pois que acabando de pedir ao Padre que passasse esse caliz de vós, se he possivel; e sendo tão possivel, que dizeis a São Pedro, que se pedisseis ajuda ao Padre vos daria mais de doze legiões de Anjos que vos defendessem: todavia estimais tanto a obediencia do Padre, que nenhuma cousa quereis senão isso mesmo que temieis, e só pera isso estais aparelhado, e prestes. E porque só tratais de padecer, encobris vossa virtude, e poder pera que possam vossos inimigos mais soltamente de vós fazer tudo quanto quizerem.

Oh bom Jesu, oh luz de meu coração, mostrai a esta alma essas vossas prisões interiores, que tão cativo vos tem da obediencia de vosso Eterno Padre, e do amor das almas! Se isso não fôra quem podera ter poder

pera vos tocar, e prender? Essas prisões vos tem rendido, vos fazem entregar a todo esse trabalho em que vos vedes; ellas vos fazem essas cordas suaves, e essas injurias doces; ellas vos trazem por baixo dos pés, e couces d'esses ministros de Satanaz. Porque me não prendeis assi de dentro, vida de meu coração, já que dissimulais comigo de fóra, e não quereis que pague eu com cadeas minhas culpas? Já que só quereis padecer o que eu mereço, pera que me deixais, esperança minha, a mim livre; se eu livre não sei fazer senão os peccados que vós pagais? Adoro-vos mãos divinas, que assi atadas prendeis meus inimigos, adoro-vos cordas, adoro-vos nós, adoro-vos injurias que tantos bens do Ceo, e tantas misericordias divinas me fazeis!

Oh miseravel de mim, quanto melhor estivera preso de vós, que livre como ando! Por estas prisões vos peço, Senhor meu, que me tireis das minhas que tanto de vós me apartam. E eu cuido que estou livre quando ninguem me contradiz, quando todos me amam, e me louvam, quando fallo o que quero, vejo o que quero, ouço o que quero, folgo e jogo quando quero, quando trago este miseravel corpo folgado e contente de si, e lhe ando á vontade. E no meio das liberdades d'esta carne, ou no cabo de cada gosto d'ellas, e de seus sentidos se me inspirais, e me quero hir a vós, se vos quero conversar, meu soberano amor que em toda a parte estais, acho-me tão longe de vós, e tão cativo, tão preso, e sinto tanta contradição, tantas cordas de cousas baixas, que por mim tiram, tão cegos nós, e tão duros de desatar, que então vejo que minha liberdade he verdadeiro cativeiro e prisão; então vejo quam duros são os ferros das affeições, e paixões que me cativam, e apartam de vós.

Oh sagradas prisões, oh divinas mãos atadas, havei piedade d'esta liberdade tão cativa, e presa pera vós. Que bem pode ser o que me faz perder-vos, meu soberano bem? Oh desaventuradas horas, em que fui livre pera mal, pois d'ellas sahi tão cativo e preso de mim, e não de vós. Quando se trocará isto, meu bom Jesu, e me verei livre de mim, e preso de vós? Quando quebrareis estas cadeas e cordas que de vós me apartam, e me cativam de meus males? Oh quem nunca dera o coração, e amor a cousa fóra de vós, amor de minha alma! Oh quanto tenho que chorar ante vós, infinita misericordia! Não me contentei esperança minha, de me apartar de vós, e aferrolhar-me, e prender-me de minhas affeições: mas sem me sentir, nem conhecer com muito desagra-

decimento atei, e prendi essas sacratissimas mãos, que vós mais sentis que essas cordas. Vós, bom Jesu, com essas mãos atadas prendeis o Demonio, soltais-me de meus vicios, sometteis a vossos pés todos meus inimigos (*); e por me fazerdes bem sempre as tendes soltas e abertas. Sempre mas estendeis cheas de dons, e de mercês larguissimas, que me estais continuamente offerecendo, e eu vol-as engeito, e viro os olhos a mim, e ao mundo, e tróco todas vossas riquezas por minhas miseraveis baixezas. E tornais a recolher vossas mãos cheas de bens por meu desagradecimento, e ficais preso sem me dardes o que desejais; vós magoado com amor, e eu pobrissimo d'elle, e de todo bem.

Oh divinas mãos, e cheas de todas as misericordias, ainda que eu não mereço nenhum bem, maior he vossa largueza que minha ingratidão, e culpa; não vos recolhais de todo pera mim. Não perdestes com essas cordas vosso poder, fazei força a esta cativa alma desaventurada, por cujo livramento estais atadas. Assi alevanto os olhos, Senhor do Ceo: assi como os olhos dos servos estão sempre nas mãos de seus senhores (**), e como a escrava está com os olhos em as mãos da senhora, esperando d'ellas soccorro, e remedio pera suas necessidades, assi meus olhos, bom Jesu, e Senhor meu estão suspensos n'essas mãos por mim presas, esperando d'ellas misericordia. A vós, divinas mãos por mim atadas, peço que prendais estes olhos, que não vejam as vaidades, prendei esta lingoa, e sentidos que andam soltos pera mal, prendei este vadio coração que não cuide tanto desatino, nem se occupe em tantos desvarios quantos o enchem, e de vós o apartam. Pera tudo, divinas mãos, tendes bondade, pera tudo mais misericordia, pera tudo poder. Se vos fugi até aqui, eis-me aqui torno: se quebrei vossas suaves prisões, eis-me aqui curvado, e rendido, quanto de coração posso: prendei-me como quizerdes, algemas serão suaves, grilhões serão do Ceo, cadeas serão brandas, se de dentro divinas e amorosas mãos, me prenderdes.

Baste o que até aqui pequei: fiz até agora o que quiz; fazei vós, divinas mãos, d'aqui por diante o que quizerdes. Oh quem nunca d'essas mãos sahisse! Ellas por Jesu me fizeram, como me hão de desamparar? Lembrai-vos, Deos meu, que estas sacratissimas mãos me fizeram de barro, homem vivo, e capaz de vosso conhecimento e amor, por ellas sou o que sou, e d'ellas me ha de vir todo o bem. Se eu destrui vossa obra, vós a podeis reformar, pois pera isso misericordiosas mãos, estais

(*) Psalm. XI. (**) Psalm. CXXII.

atadas. Ja que a nenhuma cousa das que fizestes aborreceis (*), o amor que vos deixou prender esse me solte a mim de meus males. Conservai, Senhor meu, alimpai, reformai vossa obra pera que se não perca pelo que eu n'ella destrui, e damnei. A fermosura d'essas prisões he a reformação e liberdade das almas cativas dos peccados, e tel-as interiormente presas a vós. Pois Senhor, tão criatura vossa sou sendo máo, como se nunca peccara; reconhecei vossa miseravel criatura, e livrai-me de mim, e cativai-me de vossa lei, e obediencia.

Oh amor divino, como prendes quando na alma te acendes! Como cativas quando á alma descobres alguma parte da fermosura da tua face divina! Sem te ver claramente a alma peregrina só pelo que de ti da vida sente, e pode com tua graça experimentar, como fica livre de si, e das prisões da terra, e cativa de ti, e presa de teu amor! Estas tuas amorosas, e suaves prisões tanto a atam, e possuem, que até dos corporaes sentidos lhe mudas o gosto em ti; porque tudo lhe trazes sujeito á tua mão, e obediencia de teu amor. Se quer dormir, tu a acordas; se quer descansar a aguilhoas; se quer comer lhe tiras o sabor; se quer conversar, a apartas: toda a prendes, toda a queres, tudo lhe tiras, tudo lhe defendes: sempre amigo, sempre cioso; porque todo te dás, e toda a tomas: todo te entregas, e toda a prendes. Vive presa, contente; vive cativa, livre; porque em ti, e de ti vive. Oh meu carcere, e meu carcereiro, minhas prisões, e meu guarda, que fazes, que me deixas fóra? Em ti, amor divino, e comtigo prendes os que te amam, tu os atas, tu os roubas, tu os conservas, e guardas: em a carne humana trazem espiritos puros, e com tua presença, e amor em ti transformados. Quem em ti está, e comtigo preso, que outra liberdade quer? Oh como está largo, oh como dilatado, oh como livre de tudo, oh como satisfeito, e contente! Tu sabes, amor divino, que se podem desejar estas prisões, e pode suspirar por ellas o coração abrazado em teu amor, mas não sabe fallar o que pode experimentar. Não sejas pera mim escasso, e cruel. Porque se me dás quanto tens sem ti, não me dás nada; se me livras de ti, cruelmente me castigas, e entregas a meus inimigos. Prende-me, ata-me, ama-me, e abraza-me, meu Jesu.

Oh que divinas obras fazes, amor divino, nas almas que tens presas: quem as sente as diga se sabe, e experimente-as quem as tem quanto pode. Mas minha alma de ti tocada, aquelle divino estado deseja em que

(*) Sapient. cap. XI.

mais mostres tua força em humanidade fraca: quando tendo presas as forças da alma de ti, e transformadas em ti, te escondes, e lhe encobres a suavidade de tua presença; e todavia as tens tão atadas a ti que nem sabem contradizer a isto, nem sabem desejar fóra de ti alivio: porque só lhes he consolação padecer, e estar de ti presas. Oh vida e amor de minha alma, que divina operação he esta tua! De ti desconsoladas fogem dos amigos, não ousam distrahir os sentidos; não te sabem pedir que as consoles, nem sabem querer mais que beber o teu caliz como o tu bebeste. Oh como reinas n'estes corações! Assi hão medo das humanas consolações como os terrenos fogem dos trabalhos: assi arreceiam que as desampares, se se vem sem cruzes, como os fracos se tem por desamparados quando os não visitas com gostos, e suavidades, de ti cativos até de ti estão livres, porque te não querem senão como tu queres: e sendo tu só seu descanso, seu bem, querem-te á tua vontade, e não á sua, e dejam-te livre, e absoluto Senhor. E entregam-se a ti sem condição, nem limite: livres pera só te amar, livres pera sempre padecer, livres pera te possuir e gostar, livres pera te deixar sem te perder: humanas na natureza, e sobre humanas nas obras de tua graça, e amor.

Oh livre cativeiro! Oh ricas prisões! Quem se visse assi preso de ti, amor divino! Mas amor meu, já que minha miseria está tão longe d'isto, ao menos fazei-me cativo de vossa esperança: só n'ella viva, e n'ella descanse. Sois, bom Jesu, segura barra onde as esperanças se me amarram, sois verdadeiro em o que prometeis: sois piedoso pera haver misericordia, largo pera fazer mercês, certo em cumprir, amoroso em abrazar, prendei-me com as esperanças d'esta alma todo, a vós só olhe, apoz vós ande, a vós suspire, a vós todo me entregue, e em só vós descanse. Oh amor meu, oh vida minha, oh esperança da minha alma.

Oh Virgem Sacratissima de todas as maneiras, e em tudo sempre presa do amor d'este Senhor, e n'elle livre: ajudai-me a ser preso d'elle, pera que d'elle, e n'elle sempre viva.

Oh Corte celestial já de todo a este divino carcere, e livre prisão rendida sem mudança, desatai minhas miseraveis prisões, libertai este espirito, e da fermosura divina, que lá vedes, o prendei pera sempre. Amen.

TRABALHO XXIX

Ser levado por audiencias de máos Juizes.

Foi nosso Senhor continuando os trabalhos de sua sacratissima Paixão, depois de preso, por generos de cousas que mór pena humanamente lhe podiam dar, e lh'a podessem fazer muito mais pesada, e trabalhosa. Entre os quaes foi hum, e não menor que todos os outros: andar por casas, e audiencias de juizes máos, e conselhos de seus inimigos, e contrarios.

E ainda que foram amigos, era tão improprio ao Juiz, e Senhor soberano sahir de tão baixas criaturas, e peccadores, julgado, que só abater-se ao humano juizo era hum gravissimo trabalho, e admiravel extremo de seu amor.

Quanto mais o seria de andar preso, como hia de juiz em juiz, e de audiencia em audiencia, de taes, e tão perversos juizes que não haviam de tratar sua causa com justiça, senão com entranhavel, e damnado odio que lhe tinham.

Nem sei nenhuma cousa de que os humanos corações possam com mais razão pasmar, que de ver aquella divina pessoa humanada, até no de fóra gravissima, e santissima, que tantas demonstrações tinha dado de seu divino poder e grandeza, de que o mar e terra tremia, e a cujo mandado a morte e sepulturas tornavam seus corpos á vida; e os Demonios fugiam dos corpos que tinham possuido; e o mar amansava suas bravas ondas; e as lepras, e doenças fugiam dos corpos; e a que toda a criatura terrena, celestial, e infernal a ponto sem contradição obedecia; e que pelo que se n'elle via era digno de todo o acatamento, adoração, obediencia, e reverencia; cuja santissima presença representava admiravel modestia, peso, gravidade, e madureza: atado com as mãos detraz, e com huma corda á garganta, entre beleguins, diante de hum máo juiz, ás perguntas como os réos fazem nas audiencias; e ser de hum juiz levado a outro, e a outro, e todos a qual peior, e mais perverso.

Nas quaes audiencias andava o Senhor tão soffrido e paciente, tão calado, e modesto, que nenhuma cousa era bastante pera alterar, nem entristecer, nem mudar o assento e madureza de seu sacratissimo rosto. E

se sometteo tanto, e abateo aos pareceres, e sentenças, ou por melhor dizer damnadas vontades de seus accusadores, e juizes, que já Isaias tinha profetisado que por sua pessoa seria tido em tão baixa conta, que se lhe não guardaria justiça, nem lhe attentariam por ella, mas seria de todo pervertida (*).

Assi foi que como nas audiencias, que sobre elle se faziam, não se tratava de justiça, senão de satisfazer a damnada paixão, e mortal odio que lhe tinham: em todas foi pelos juizes máos abatido, affrontado, injuriado, e contra toda a justiça condemnado, como adiante diremos.

A quatro juizes foi o Senhor levado: Annás, e Caifás, Judeos, Pilatos, e Herodes, Gentios.

A Annás foi levado logo como foi preso primeiro que todos, o qual era sogro de Caifás Summo Sacerdote. Como Annás não servia de summo sacerdote aquelle anno, não lhe competia o juizo da causa do Senhor; mas seu genro Caifás quiz lhe guardar cortezia como a velho e sogro, e ter com elle comprimento á custa da honra e descredito do Senhor, e mandou que lh'o levassem lá primeiro: tão pouca conta faziam já do Senhor, e tanto o traziam arrastado de casa em casa a receber affrontas e não justiça.

Cumprindo o mandado do sacerdote maior Caifás, os beleguins como tiveram atado o Senhor no Horto o levaram a Jerusalem, e dizem alguns que no caminho passando o ribeiro que se chamava dos Cedros (além do qual diz o Evangelho que estava o horto de Gethsemani) que não deram vagar ao Senhor pera passar pela agoa de espaço, mas tantas encontradas lhe davam com a furia que levavam, que cahio na agoa, e tirando pelas cordas da garganta, e mãos com que hia atado, o tiraram fóra enchendo-o de muitas punhadas, bofetadas, depenar de barbas e injurias. E tem alguns em tanta conta esta injuria, que d'ella piedosamente entendem aquella palavra de David que litteralmennte se entende de todas as agoas impetuosas de sua sacratissima Paixão: «Porque no caminho bebeo do ribeiro por isso alevantou a cabeça.» Porque pela gravissima, e affrontosa injuria que passou em passar meio afogado por baixo dos pés de todos os máos o ribeiro, sem lhe darem vagar pera tomar por seu pé o váo, Deos o exalçou, e lhe poz debaixo de seus pés seus inimigos.

E entrando com esta furia por Jerusalem, onde tudo estava quieto, e toda a gente recolhida, tal estrondo faziam, e taes palavras soltavam,

(*) Isai. cap. LIII.

que a gente que acordava ficava confusa, porque imaginavam que era prisão do Senhor, e pasmavam como podia ser, e ficavam confusos desejando a manhãa pera saber o que era. O que tudo accrescentou na deshonra do Senhor, porque rompendo a manhãa tudo era cheio de magotes, e espantos, e juizos sobre o Senhor, e alvoroços pera ver em que parava o negocio, apellidando-se todos huns a outros pera maior confusão do Senhor, como diante diremos.

Assi chegaram a casa de Annás com o Senhor, o qual o estava já esperando. Onde huns se punham ao fogo a descansar, outros contavam as façanhas que fizeram com tantos risos, escarneos do Senhor, juramentos, mentiras, zombarias huns dos outros, como gente desaforada, e tanto sem temor de Deos, como a d'aquella laia sohia ser em casos semelhantes. Annás lhe começou a fazer perguntas pedindo-lhe conta de seus Discipulos, onde lhe ficaram, como o não acompanhavam; escarnecendo de tal gente, como a ajuntara a si, lançando muitos remoques, e más palavras contra tal junta, e que agora veria o mundo quem era o Mestre, e quaes os discipulos.

Tudo magoava ao Senhor, mas a tudo o innocente Cordeiro calava, e remetia tudo interiormente a seu Eterno Padre, que em seu tempo mostraria as verdades. Tambem lhe perguntou por sua doutrina, querendo examinar se ensinava as verdades, e tomal-o em palavras, e ver se havia n'ellas que condemnar. O Senhor lhe respondeo a isto que pera que lhe perguntava isto, pois elle sempre fallara no templo, e em publico; que perguntasse a quantos o ouviram, e elles o dissessem. E esta he a segurança da boa consciencia, que como faz e diz as cousas com pureza e simplicidade, e bondade, nem tem que temer, nem que gastar palavras em justificações proprias. Porque as obras, e verdade em que anda a defende, e falla por ella. E pela mór parte quem despende muitas palavras, e mete muito cabedal em se justificar diante dos homens, não se acha na verdade diante de Deos tão justo como se faz: e tão imperfeitas são suas obras, que não fia d'ellas que pareçam o que elle quer. Mas Deos que he justo permite, que pois as obras, e santa tenção, e desejo de contentar só a Deos he o que justifica, que onde isto falta em tudo, ou em parte, aproveitem pouco pera propria justificação diante dos homens as palavras. E pela mór parte depois de gastado muito tempo em palavras de propria justificação, fica cada hum julgando como lhe parece: o melhor he fiar de Deos, e justificar com elle. Estava a par do Senhor

hum creado do Sacerdote maior, parente de Malco, a que o Senhor curou no Horto a orelha, que ouvindo a resposta que o Senhor deo ao Sacerdote lhe deo huma grande bofetada, dizendo: «Assi respondes ao Pontifice?» Disse o Senhor: «Se mal fallei, dize em que, e se bem, porque me dás?» Tal era o juiz, e de tão pouca justiça sua audiencia, que nem a verdade consentiam dizer ao Senhor: e tinha diante do juiz licença, e atrevimento hum beleguim pera dar á parte bofetada, e injurial-o sem reprehensão, mas com gosto do juiz: cousa que nem em juizos de barbaros nunca se consentio senão só contra o Senhor: assi se começava já a perverter contra elle toda a ordem de cortezia, e justiça.

Mandou logo Annás o Senhor assi atado como vinha a Caifás seu genro, onde todos os Judeos principaes, Fariseos, e Sacerdotes do templo estavam juntos. E se d'esta primeira casa sahio o Senhor com affronta de huma tão cruel bofetada, diante do segundo juiz Caifás, lhe foram dadas tantas, e assacado tanto falso testemunho, e feitas tantas injurias, segundo adiante diremos. que o não pode o coração humano imaginar. N'esta casa foi o Senhor julgado por blasfemo, e digno de morte, e e carcerado.

Em amanhecendo foi levado o Senhor a Pilatos, o qual logo o mandou a Herodes. Na qual casa de Herodes foi escarnecido por doudo, e como tal tratado com trajo de louco que lhe vestiram, e com elle tornado a Pilatos.

Em casa de Pilatos, que foi o quarto juiz, foi açoutado, coroado de espinhos, sentenciado contra justiça á morte, e d'ella levado com a Cruz ás costas a ser entre dous ladrões crucificado. Não tem conta as injurias, que soffreo, as sem justiças que lhe fizeram; o lugar que se deo a falsos testemunhos; e o odio de seus inimigos: a pouca e nenhuma conta que se d'elle fez. Por todas estas casas andou o Senhor calado, que não dizia senão palavras muito contadas, e nenhuma em sua defeza. Deixava fallar, accusar, e julgar cada hum como queria: e nem por si respondia, nem tinha quem o fizesse por elle, até lhe vir a custar a honra, e a mesma vida.

Teve o Senhor em todos estes passos cousas que lhe fizeram este trabalho gravissimo; houve n'elles grande victoria de suas verdades, e deo grandissimos, e necessarissimos exemplos. Doiam-lhe muito as offensas que alli se faziam a seu Eterno Padre, e ver a grandissima dureza, e perversa malicia d'aquelles corações de seus contrarios. Porque

como elle amava os proprios que lhe faziam mal; esse seu perfeitissimo amor lhe fazia sentir mais o mal que aquelles máos se faziam que o que d'elles recebia: porque os males que d'elles soffria eram os proprios meios por onde os podia, e desejava salvar; e o que elles se faziam a si mesmos, nos peccados que comettiam, e dureza de coração que acrescentavam, eram os proprios por onde se haviam de perder, e condemnar; e sentia o Senhor muito vir elle a ser a causa de sua perdição, sendo o verdadeiro Salvador que diante de si tinham, de que se poderam aproveitar pera saude de suas almas, se a malicia os não cegára.

Acrescentava esta dôr ao Senhor, saber de si que era elle o juiz soberano que havia de julgar aquelles que o julgavam, e nenhuma cousa mais desejava que morrer por elles, e serem d'elle bem julgados; e vio mudado isto ao revez; porque lhe dizia as eternas verdades pera os alluniar, e cerravam a ellas seus corações de maneira, diante d'elle, que ficava elle contra elles testemunha, accusador, juiz, e justo condemnador.

Quem conhece o coração de Jesu, e perfeição de seu amor, entenderá quanto mais leve lhe fôra, soffrer muito mais com ganho d'aquelles mesmos perdidos, que obrigal-o sua divina justiça a condemnal-os pelos males que lhe fizeram, de que se não haviam de arrepender, e vir-lhes por tempo a ser causa de morte o proprio remedio da vida eterna.

Alcançou o Senhor por estas audiencias huma grande victoria de suas verdades divinas e soberanas: mal entendida então mas depois pelo mundo publicada a bandeiras despregadas, e claramente conhecida. Porque estando as portas abertas ante os máos juizes a toda a falsidade, malicia, e falsos testemunhos, e buscando-se infinitos ardis pera desmentir as verdades do Senhor, e abater, e deshonrar a perfeição de sua santissima, e purissima vida; serviram todos elles de muito mais realçar a luz, e fermosura de suas palavras, e obras; porque todo o engenho da malicia não pode achar cousa que com verdade contra elle dissesse, nem tacha que lhe pozesse.

Mordia a raivosa malicia em si mesma: lançava a inveja toda sua peçonha: e vingava-se o odio mortal em injurias, bofetadas, gritos, e brados que atroavam o mundo; e contra o calado Cordeiro não se achava justa querella; mas a propria malicia era testemunha de sua innocencia purissima. Sahio a verdade com a sua sem fallar, e a malicia palreira, e atroadora ficou confusa, porque nenhuma jurisdição tem as trevas contra a luz; nem a maldade contra a perfeita santidade; nem a mentira con-

tra a summa, e eterna verdade: mas antes a luz nas trevas mais resplandece, e se ellas a não entendem não deixa ella de ficar mais formosa, e victoriosa. Por isso ainda que era mui improprio andar nosso Senhor por juizos e audiencias, e taes como elles eram; todavia quiz passar essa affronta, e trabalho; porque sua doutrina e vida passasse pelo exame rigoroso da justiça, e fosse a todos notorio que era tudo n'elle tão santo, puro, e perfeito, que nem toda a malicia humana, que parecia n'aquelles mãos infernal, pode n'elle achar tacha. E pelos proprios seus contrarios ficassemos nós na verdade mais confirmados.

Grânde reprehensão, e doutrina dá n'isto o Senhor a todos aquelles que ou por authoridade de sua pessoa, ou por presumpção de si mesmos, ou pelos respeitos que sua humanidade, ou vaidade lhes ministra, se affrontam de viram suas cousas a juizo, e se desprezam de se sometter á justiça com outros que tem por somenos. Dos taes como estes disse o Senhor, que quem faz mal aborrece a luz, e não quer vir á luz por não serem suas obras reprehendidas. Injustissimo aggravo he, e refinada soberba dos que se tomam de serem requeridos a juizo de seus menores, e inferiores, e justamente he clara demonstração de quererem valer mais por authoridade e credito de sua pessoa, que pela verdade de suas obras; senão és justo, conhece-te, e não te finjas, pois tens a este Senhor tão mal julgado, por justo juiz; e se és justo, não te peze de te mostrar em juizo; se mereces reprehensão, não queiras que a idade, ou a vaidade te escuse, e te desculpe: e se a não mereces, que perdes em deixares descobrir tua razão? E quando os juizes fossem taes que com razão te possas temer e receiar de seu máo juizo: ainda não he pequeno ganho soffrer, e padecer com Christo.

Mas esta certeza podemos ter segura, que Christo verdadeiro Juiz ha de sahir pela verdade, pelo modo que menos se cuida, se se fiarem d'elle. E quando permittisse que fosse ávante a malicia do máo julgador, fica tomando a causa e vingança á sua conta pera dar muitos bens ao mal julgado por sua paciencia, e restituir-lhe sua honra no dia do juizo diante do Ceo, e da terra, e do inferno, em publica, e geral audiencia, que injustamente lhe foi tirada, entre poucas testemunhas.

Outra altissima, e perfeitissima doutrina dá o Senhor no admiravel silencio, que teve em todas estas audiencias por onde andou; de todos n'elle adorada, de poucos entendida, e muito menos imitada: e de muitos, mal peccado, havida por rigorosa.

Que he fiar-se em tudo tanto de Deos, que com silencio só queira vencer por seu amor.

Quem buscar a paz perfeita de seu coração; e o entranhavel odio e desprezo de si mesmo; e o puro amor de Deos, e desejo perfeito de contentar só a elle, e o imitar, este entenderá quam mal-empregadas são as horas que se gastam em acodir pela propria honra; quanto se ganha em perder com os homens, e quam pouco se ganha em ganhar com elles. Sei que a lei de Deos não obriga a tanto, sei que ha estados publicos, e obrigações publicas, em que me não meto: e tambem sei que o perfeito que Christo nosso Senhor fez, imitado simples, e perfeitamente não pode damnar a ninguem. Disse Isaias de Christo (como acima dissemos) que por sua grande humildade lhe tiraram sua justiça; mas dos frutos d'isto accrescenta: «E quem poderá contar sua geração?» Pois se o silencio do Senhor nosso divino Mestre, lançou tantos Santos, tantas Religiões, tantas verdades divinas, tantos bens celestiaes; o calar por seu amor, por não inquietar a alma, e por contentar só a elle, e se parecer com elle, ha de ser sem fruto? Oh se Deos mostrasse a todos os corações estas verdades, e désse a conhecer ao mundo, a paz, o gosto, o repouso, a riqueza das almas, que n'este suave caminho, e perfeita mortificação deram, porque viram semelhança de Paraiso na terra. Mas quem a tanto não chega, já que lhe parece rigoroso tanto calar, ao menos seja attentado, e quieto no fallar, e mais confiado em Deos que em sua justiça, pera ter a Deos de sua parte.

Exercicio de ser levado por audiencias.

Oh meu bom Jesu, este he vosso lugar? Não he mais proprio vosso andar de lugar em legar, fazendo vossas costumadas maravilhas, e ensinando vossas soberanas verdades: e andar de templo em templo a ser adorado, e servido por quem sois? Ou não he mais proprio vosso andar de coração em coração a ser amado, e abraçado com pura charidade: desejado, conhecido, louvado com puro amor, que por audiencias de máos juizes? Louvem-vos Senhor meu, o Ceo, e a terra, adore-vos toda a creatura, ame-vos todo o limpo coração, pois tanto por mim vos abatestes, pois sendo eu o culpado, vós sois o accusado, mal julgado, e condemnado.

Adoro esses estremos do amor que me tendes, meu bom Jesu, pois

a mim somettestes só a vosso juizo, e a vós somettestes aos mais máos juizes do mundo. Adoro-vos por quererdes passar o que eu merecia. Nenhum máo juiz me pode condemnar tão mal, que eu mais não mereça, e nenhum pode ser tão bom pera vós, que conheça quanta adoração, serviço, e amor mereceis. Mas porque me não podia hir bem, senão sendo julgado com misericordia, quizestes vós ser meu juiz, e carregastes sobre vossa purissima inuocencia toda a malicia de máos juizes, que eu mereci. Quanto melhor, Deos de minha alma, parecera eu por casa d'esses juizes, que vós; porque toda a malicia d'esses máos não acha em vossa perfeitissima santidade cousa, que possa reprehender como deseja, e em mim achará tanto que condemnar que poderam satisfazer a furia de sua malicia com guardar justiça. Em mim acharam o que em vós buscam, em mim executaram sua ira com desculpa, que contra vós injustamente mostraram: poderam arrancar em mim huns olhos, que tantas más cousas viram, cortar huma lingua que tantas más cousas fallou, quebrantar hum corpo que tanto vos desservio, arrancar hum coração que tanto vos desamou, condemnar obras e costumes, tanto contra vossa lei, acabar huma vida, que tão mal empreguei em vosso serviço, como vós, Deos meu, sabeis. Se queriam, Senhor meu, hum traidor, mentiroso, e falso, em mim o tinham; se queriam hum pervertedor de todos os bens, em mim o acharam, se queriam hum peccador que justamente tirassem da terra, vieram-se a mim, que sou quem vós, Deos meu, sabeis. Mas vós misericordia infinita, verdadeiro amador e grangeador de minha saude, dissimulais comigo, e guardais-me pera mostrar em mim vossas misericordias, reservais-me pera vosso paternal e piedoso juizo, e a vós, Senhor meu, vos entregais ao odio d'esses máos juizes vossos inimigos, pera que falsamente vos julguem pelo que eu na verdade sou, e vos condemnem injustamente ao que eu por justiça direita mereço. Que direi meu soberano juiz, a esta tão piedosa troca, e a esta tão branda e rica misericordia? A ella me offereço, a ella remetto tudo o que em mim ha; e pois sabeis bem por quem isto fazieis, não permitais Senhor, que desarmem em vão em mim tamanhas misericordias; levai, Senhor, este meu coração apoz vós, por todas estas casas d'esses máos juizes; allumiai este coração pera que veja as verdades que ahi me ensinais; inflammai este coração em vosso amor pera que vos vá eu adorando, entre quantas blasfemias ides por mim soffrendo.

Oh máos Juizes, e deshumanos! Se soubesseis quem ahi tendes preso

como trocaricis os officios, e lançados a seus pés lhe pedireis que vos quizesse julgar com misericordia? Mas só pera vós, meu Senhor, se acabou a justiça, se perverteram as leis, e esqueceo a verdade. Ensinai-me Senhor, esta divina sabedoria: vencer com calar, triunfar com soffrer, ser justificado com se me não guardar justiça. Mas tal sou eu, Deos meu, que tudo quanto vos vejo passar me condemna.

Eu sou peior que todos esses juizes: porque elles não vos conhecem, nem adoram, e eu adoro-vos, e conheço-vos, e creio em vossas palavras, com a fé, e louvo vossas obras com a boca: e todavia quando chega o amor proprio, e se encontra com vossa vontade, e lei purissima, por tantos juizes, e máos juizes vos trago atado, quantos máos appetites tenho. Quantas vezes, minha divina Magestade, vos não tive respeito, sabendo que estais dentro de mim, e inspirando-me as verdades, eu vos dei de bofetadas, vos fiz calar por falarem, e valerem meus damnados gostos? Quantas vezes como outro peior que Annás puz achaques a vossa doutrina por justificar meus appetites? Quantas vezes vossas doutrinas do desprezo do mundo, que com a fé adoro e creio, tive por doudice em mim, e vos deshonrei com perverso juizo, por seguir a vaidade de meu coração?

Misericordia Senhor, misericordia. Porque ainda sendo este na verdade vós calais, e eu justifico-me: vós entregais-vos a máos juizes, e eu queixo-me; vós por esses proprios que vos não guardam justiça, morreis, e os amais com amor infinito, e em mim duram as espinhas, e queixas, e odios toda a vida; vós deixai-vos julgar de todos, e eu quero julgar a todos.

Oh bondade infinita, quando se mudará isto? Quando vos terei diante de meus olhos, espelho de minha vida pera de todo vos imitar? Quando estimarei mais parecer-me comvosco que contentar aos homens? Oh meu Deos, meu Juiz, meu sapientissimo Mestre, acabe n'esta hora minha presumpção. Confesso minha malicia e soberba, e desejo imitar-vos, e proponho fazel-o com vossa graça, calando, e soffrendo a todos sem differença.

D'aqui, Senhor meu, e d'esta hora pera sempre, dou licença a toda a criatura que possa mais que eu, que se levante contra mim: e vingue em mim vossas deshonras, que tantas contra vós fiz. Bem sei, Deos meu, que se vós não tivesseis mão em vossas criaturas todas se alevantariam contra mim justamente, como contra hum vosso desagradecido inimigo.

Mas já, Misericordia infinita, que me soffreis, já que me poupais, não me desampareis tanto tempo, não ande tantos dias perdido, começai já a converter este coração, transformai-me em vós, perfeição soberana, dai-me perfeito amor, pera todos os que me tratam mal, e me julgam mal, e me fazem mal, pois ahi está a sabedoria divina que me ensinais.

Vosso profeta Isaías pasmou dos grandes frutos que tirastes de muitas almas remediadas, com vos someterdes a máos juizes com humildade; e eu, Senhor, que muito farei em fazer por amor de vós, meu Deos, e meu amor, o que vós fizestes por mim máo, e peccador, pera recolher os frutos de amor, de luz, e sabedoria divina, e de vida eterna que merecestes. Oh Senhor meu, eu sou quem sou, e vós quem sois: isto ha de ser obra vossa: porque ainda que proponho e desejo imitar-vos vós o haveis de acabar com vossa graça. Fazei, Senhor, em mim o que desejais, ponde em mim o que de mim quereis, porque quando me buscardes, me acheis todo feito á vossa vontade.

Oh quem se visse por vós preso, bom Jesu, do mundo abatido, dos homens deshonrado, e de todos mal julgado, e com isto por vosso exemplo quieto, e com vossa graça calado, soffrido, e contente, e com puro amor comvosco abraçado. Oh quam rico, quam sabio, quam satisfeito estaria, quando de coração meu interior vos diria: meu Deos, meu bem todo perfeito, minha abastança acabada, minha fartura abastada! Assi, meu Jesu, vinde a este coração, vinde a este pobre máo e miseravel, que vos deseja pera fazer comvosco perpetuo assento e morada; deixai já essas casas de máos juizes. Se por máos vos contentam, eu sou peior que elles; se por soffrer, se por converter alguma alma vos detendes, aqui tendes muito que mudar em mim; se por me fazer a mim mercês esperais, vinde, Senhor, a mim; com isso me satisfaço. Entrai n'esta alma, luz clara de meu coração, aqui vos reconhecerei, aqui vos adorarei, aqui vos amarei, aqui me abraçarei comvosco, aqui vos prenderei; e não direi com Jacob que não vos deixarei até que me abençoeis; mas direi com a esposa sagrada, que vos prenderei, e nunca vos deixarei (*).

Oh quando já chegareis, Senhor, quando vos verei fume de meus olhos, meu amor, minha suavidade? Se o fruto de serdes julgado contra justiça, e de não vol-a guardar nenhum juiz por vosso grande sometimento, silencio, e humildade he achardes por esse caminho, como diz Isaias, muitas ovelhas perdidas que ganheis, muitas erradas que encaminheis,

(*) Cant. cap. III.

muitos filhos, que vos amem, muitos cegos que vos conheçam, muitos errados que vos desejem, e vos possuam; eu, eu sou, Senhor, a mais perdida, e errada ovelha de todas. Achai-me, meu Salvador, encaminhai-me, meu Redemptor, ganhai-me meu Senhor, levai-me a vós bom Pastor. Eu vos adoro, vos reconheço, e desejo amar-vos de todo coração. Purificai-me, alimpai-me, fazei-me vós tal qual quereis que seja.

Oh quanto melhor estou eu entregue nas vossas mãos, que vós nas d'esses juizes! Porque vós como vos vistes diante d'elles atado, calastes, e vos entregastes de todo, como se d'elles pendera vosso remedio, e todos vos perverteram a justiça. Eu se me deixar em vossas mãos, meu verdadeiro juiz, e amigo posso fallar, posso bradar, e ser de vós ouvido, e alcançar a desejada misericordia. N'essas mãos cresce meu juizo, n'ellas acho a justiça que me falta: e não sei que me cega que vos fujo, e quero antes o juizo do mundo que a vós: todos me buscam pera me damnar, e vòs só, Padre meu eterno, e brando juiz buscais meu bem, e pondes da vossa parte tudo o que me falta pera me achardes justiça com proveito, e fujo-vos, e deixo-vos. Oh quem nunca vos fugira, oh quem nunca vos deixára! Aqui me torno Senhor, aqui me someto a vós, aqui me entrego n'essas mãos; recolhei-me n'esse coração, fechai-me n'esse peito, ajuntai-me a esse vosso espirito, sometei-me de todo a vosso espirito, sometei-me de todo a vossa vontade pera que viva, pera que acerte, pera que me aborreça, pera que vos ame, pera que vos possua. Oh meu Deos, oh meu amor, oh meu juiz, oh meu pastor, oh meu Jesu pera sempre, pera sempre, e pera sempre.

Oh Madre de Deos, Sacratissima, e purissima Virgem em cujo coração sempre este Senhor reinou, e só n'elle no mundo teve perfeita morada de seu descanso; pois sois mãi dos peccadores, ajudai este miseravel que aqui está ante vós. Mostrai essas piedosas entranhas de mãi em me alcançar do Senhor as verdades que tão puramente me ensina, por que ellas sejam sempre o governo de minha vida. Oh Corte celestial, que sempre vedes as grandezas d'este Senhor, e sois o seguro fruto de seus trabalhos: alcançai-me o espirito de que já viveis, pera que pela humildade d'este Senhor mereça vossa companhia pera sempre. Amen.

TRABALHO XXX

Falsos testemunhos.

Soffreo o divino Cordeiro em casa de Caifás, que foi o segundo juiz a que foi levado, gravissimos trabalhos, e affrontas. O primeiro foi muitos falsos testemunhos, que lhe assacaram, que he genero de trabalho, que peior nossa natureza soffre. Estavam na casa d'este Sacerdote maior juntos todos os inimigos de Christo nosso Senhor, com muitos sobresaltos até saber o certo do que que passava em sua prisão; que receiavam fosse em vão, como outras vezes acontecera. Como souberam que vinha preso foi pera elles estranho contentamento, e muito mais quando o viram entrar atado, e que tinham na mão a preza que desejavam; e mostravam o prazer com risadas, ditos, e zombarias do Senhor. O principal de que n'aquelle concelho de Sacerdotes, Letrados da lei, e Principes do povo se tratava, era da vida e doutrina do Senhor, e achar cousa de que o podessem accusar pera o fazer matar.

Mas como a vida do Redemptor do mundo era tão santissima e inculpavel, que nunca a grandissima malicia, odio, e inveja de seus mortaes inimigos pode achar em que embicar n'ella com verdade; perverteram n'este conselho toda a ordem de justiça, e desvelavam-se em assacar falsos testemunhos ao Senhor, e inventar alguma mentira com que ao menos podessem dar cor ao que faziam, e á morte, que pretendiam ordenar-lhe. Vieram muitos com falsos testemunhos.

Huns o accusavam de blasfemo contra o templo santo, assacando-lhe que dissera que o destruiria, e que em tres dias o tornaria a edificar: tendo o Senhor dito, que quando elles derribassem por morte o templo de seu corpo elle em tres dias o alevantaria. E não podiam negar que o tinham muito bem entendido que fallava da resurreição de seu corpo. Porque isto, que n'este juizo assacavam com falso entendimento, allegaram depois a Pilatos na verdade, pera que mandasse guardar o sepulchro, porque tinha dito que depois de tres dias resuscitaria. Outros entraram accusando-o falsamente, que defendia pagar tributos a Cesar, tendo elle publicamente dito que dessem o de Deos a Deos, e o de Cesar a Cesar, e mandado a S. Pedro que fosse pescar, e acharia moeda no bucho de hum peixe pera pagar por si, e por elle. Assacaram-lhe outros

que se fazia Rei, tendo elle fugido além do mar de cinco mil homens, que publicamente o queriam fazer Rei. E a esta maneira assacavam muitas cousas, que elles muito claramente viam que todo mundo sabia que eram falsidades, de que se estavam moendo enfadadissimos de não ter de que pegar. Porque era tão clara a todos a innocencia do Senhor, e a pureza, e santidade de suas obras e vida, que sem responder nem fallar por si, os proprios inimigos seus eram certissimas testemunhas da verdade.

Com isto se atiçava mais a malicia, e odio d'estes malvados inimigos do Senhor contra elle: e se refinava a inveja pera achar, e inventar novas mentiras de falsos testemunhos. E como era impossivel achar, n'aquella clara, e divina luz do Ceo, nem muito pequena sombra, e apparencia de culpa, trabalharam por ver se alli o podiam tomar em alguma palavra, e dar-lhe pera isto occasião de fallar. Alevantou-se o summo sacerdote Caifás, e disse ao Senhor cheio de indignação, e raiva: «Nenhuma cousa respondes a quanto se aqui allega contra ti?» A isto nem palavra respondeo o Senhor, assi porque sabia que não havia de aproveitar; como porque estava já determinado a soffrer, e padecer; e não quiz dizer cousa com que confundisse os malvados, e impedisse os tormentos que tanto desejava passar (que lhe fora muito facil) e muito principalmente pelo exemplo que desejava deixar aos seus de quam pouca conta haviam de fazer das humanas malicias, e industrias que o mundo, e seus seguidores lhes armassem, quando com limpeza da consciencia tivessem a Deos por si; pois elle he seguro amparo dos seus, e sempre sahe por elles.

Vendo o Summo Sacerdote que nada aproveitava pera fazer ao Senhor quebrar seu santissimo silencio, o esconjurou da parte de Deos vivo, que lhe dissesse se era elle o filho de Deos bemditissimo? Pergunta era esta pera se poder esperar que com a verdadeira resposta della todos mudassem sua malicia, e odio em adoração d'aquelle Senhor, e lagrimas, e dôr do mal que lhe tinham feito. Mas tal he o coração humano determinado em mal, que tudo o que lhe póde aproveitar converte em peçonha, como estes fizeram. Todavia não sem divino, e eterno conselho quiz o Padre Eterno usar de tão máo instrumento como era aquelle máo, e perverso Sacerdote, pera occasião de o Senhor publicamente descobrir de si claramente a seus inimigos a soberana verdade de quem he (que até ali tão claro nunca lhe tinha dito) e deixar-nos antes de sua morte, a certeza de si, por manifestar palavras que tanto nos cumpria saber. Assi ouvindo o

Senhor o nome de Deos vivo, pelo qual era esconjurado: tendo mais respeito á honra que áquelle divino, e soberano nome se deve, e ao proveito da fé de sua Igreja, que ás injurias, affrontas, e tormentos, que logo em acabando de responder havia de padecer, e á morte que por sua resposta lhe haviam de dar, respondeo claramente: «Eu o sou. E digo-vos de verdade que me vereis assentado á dextra do Padre, e vir nas nuvens do Ceo a julgar o mundo.» Assi ha de ser: porque ainda que os perversos Judeos, que se condemnarem, não hão de ver a divina essencia, todavia verão a Christo nosso Senhor no dia do juizo pera sua confusão em sua humanidade assentado á dextra do Padre, isto he Senhor dos principaes bens, e mais excellentes da gloria; e Senhor em sua magestade julgando aos que o julgavam. No qual dia a vista do Senhor, que será toda a consolação, e alegria dos justos, será pera os máos terribilissima, e medonha. Ouvindo esta resposta o Sacerdote maior, como quem lh'a não perguntara pera a crer, senão pera ouvir claramente de sua boca o que elle tinha por blasfemia pera o condemnar: rasgou seus vestidos, que era sinal que costumavam os Judeos em demonstração de grandissimo sentimento, principalmente quando ouviam blasfemias de Deos, e disse alto: «Blasfemou: que mais testemunhas queremos? Pois de sua boca o ouvistes; que vos parece?» Todos sem differença assentaram que merecia morte: e se determinaram de lh'a procurar, e arremetendo ao Senhor o trataram muito injuriosamente, como adiante diremos.

Não lhes pareceo todavia que era bastante causa pera lhe ordenarem morte de Cruz, como desejavam: porque lh'a não podiam dar sem ser sentenciado pelo Presidente Romano, Gentio, e idolatra, que se lhe daria pouco das cousas da lei judaica, e de se fazerem filhos de Deos quantos quizessem. Pelo qual se determinaram de fazer das verdades de Christo nosso Senhor, mentiras, e das falsidades verdades, e a poder de brados, e porfia fazerem valer a sua contra Christo nosso Senhor Cordeiro innocentissimo.

E com esta determinação ajuntaram a esta summa verdade (que elles chamavam blasfemia) de se chamar filho de Deos sendo homem, outros falsos testemunhos; que defendia pagar tributo a Cesar, e que se fazia Rei; que eram dous casos de morte, que montariam muito ante Pilatos pera o mandar crucificar. Com este assento o levaram a Pilatos, e Herodes; e perdida vergonha e verdade, sabendo quamanha, e quam manifesta, e publica falsidade fallavam em tudo, o accusaram d'estes crimes

falsos que lhe punham, e de rebolvedor, e perturbador do povo, e pervertedor das leis, e da paz da gente: com tanta furia, brados, gritos, e estrondo, que prevaleceram contra o divino Cordeiro, que se não defendia, nem respondia: e o fizeram atormentar, e condemnar á morte de cruz. A isto chegaram os falsos testemunhos a Christo nosso Senhor, que como o cordeiro diante do que o mata, não abria sua boca, como diz Isaias (*), nem mugia.

Por si julgue cada hum quamanho he este trabalho do Senhor, e quanto mostrou no soffrimento d'elle a perfeição incomparavel de sua santidade. Porque vemos que passando os homens muitos, e grandes trabalhos, como chegam a este de testemunho falso; não digo só que a natureza não póde com a carga, mas mui rara he a virtude que soffre e cala. E ainda quando hum servo de Deos por seu amor se determinara n'isso, acha em si tantas imperfeições verdadeiras que o humilham: e tantas dividas e obrigações ao Senhor, que soffre hum mal falso em satisfação de outros verdadeiros, e offerece ao Senhor a pena, e dor, e sentimento do que não merece, pelo muito que lhe deve, e pelas mercês que tem d'elle recebido. Mas tal era a vida purissima do Senhor, que não havia n'ella tacha, nem sombra de imperfeição, que o humilhasse, nem devia aos homens o que por elles padecia. Só por seu amor soffria ver desfazer nas eternas verdades, e calava a todas as falsidades, que tão publicamente o deshonravam, e causavam a morte. Mas chega a tanto o sentimento d'este genero de trabalho, que muito poucos são os que acabam comsigo fazer estes discursos pera o soffrer. E se pera soffrer todos os outros trabalhos achamos muitas vezes razões: pela mór parte não achamos menos pera não dissimular, com hum falso testemunho infamatorio. Até em alguns santos vemos que ainda que senão vingavam, e perdoavam, todavia se magoavam, e se queixavam. Porque he este mal tão damnoso, e terrivel, que a mais da gente, não digo mundana, mas que professa santidade, acha razão de virtude, e honra de Deos pera não dissimular; ora pelo exemplo; ora por credito da mesma virtude; ora por respeito do estado; ora por outras muitas causas, que parece que fazem do dissimular culpa, e do acodir pela honra virtude, e obrigação.

Mas presuppondo que nosso Senhor não obriga a tanta perfeição quanta elle mostrou em si, isto tenha por averiguado todo o que deseja perfeitamente seguil-o, que nenhum exemplo deixou nosso Senhor de si por

(*) Isai. cap. LIII.

heroico e perfeito que fosse de virtudes moraes, que não possa ser imitado. E não pode haver tão vivas razões contra isto: que não haja outras de muito maior força, que o espirito de Deos ao coração allumiado ministra: confirmadas por vivos e sagrados exemplos de varões apostolicos, e santos de vidas mui perfeitas. Por isso quem não chega ao perfeito, dê graças a Deos que usou com elle de tanta misericordia, que o não obrigou ao que espanta sua fraqueza. Mas louve-o onde o vir; e quando o vir longe de si deseje de o ver em si.

Aprendamos d'este nosso divino Mestre o verdadeiro modo de conservar a honra, que he com tão boa vida que se não possa de nós o proximo escandalizar. Porque do que não estima dar de si máo exemplo disse nosso Padre Santo Agostinho: Que quem despreza sua honra he cruel. Não approva n'isso este Santo, procural-a, ou com occupação e negocio, ou com desordenado sentimento de vol-a tirarem: mas obriga conserval-a com boa vida, e santos exemplos. A modestia e recolhimento exterior; a fervente occupação em Deos no interior; a paciencia, silencio, e soffrimento nos trabalhos: o cumprir com as leis, e obrigações do estado, que Deos manda: o fazer bem a todos; o fugir de peccados; e outras muitas virtudes; he o que honra e acredita o homem sem elle tratar da honra, e o que mais confunde as lingoas dos maldizentes. Isto vemos que confundia a malicia dos Judeos entre os falsos testemunhos que alevantavam ao Senhor, que a tudo calava: e o verdadeiro seu imitador, se por aqui caminhar, vai seguro. He verdade que o segredo de soffrer falsos testemunhos por amor de Deos sem responder; e da victoria e triunfo do calar e soffrer, he máo de entender, e a muito poucos he mostrado. Mas isto he certo, que grande he a virtude, que aqui chega, e singular a graça, que a este sagrado estado alevanta o humano e fraco coração. E não he menos certo, que se ha estado na vida alagado, e fertil de bens soberanos, e assentado em região ditosa de perfeita paz, este sem duvida o he. E já que a lingoa o não sabe declarar, cream-se os experimentados. Basta que sendo este o trabalho do Senhor, por ventura de todos o maior, e a virtude ser a mais admiravel, e menos entendida; n'ella e por ella teve sua consumada victoria. E basta que prometteo este Senhor aos que o seguissem, throno triunfal de victoria, e judicial de seus contrarios.

Exercicio dos falsos testemunhos.

Oh gloria, e honra dos justos, oh caminho da gloria, verdade e vida! Nem este genero de injuria, e affrontas quizestes que vos faltasse, por amor de mim, e soffrestes Senhor meu, que pozessem testemunhos falsos em vossas eternas verdades? Adoro-vos minha summa verdade, adoro-vos soberana pureza. Adoro-vos Filho do Eterno Padre, Deos, Rei, e Senhor meu verdadeiro. Que pôde o mundo achar em vós que o escandalizasse, e que podesse com verdade condemnar? Que cousa se pôde dizer contra vós que não fosse maldita blasfemia? E todavia de vossas soberanas verdades fazem mentiras, e das vossas purissimas obras culpas, e da vossa santissima doutrina falsidade, e por ellas vos condemnam como se foram falsas mentiras, e blasfemias. Oh amor de minha alma, que genero he este de affronta e tormento tanto contra o qne vós mereceis? E tudo isto, Deos meu, não basta pera folgar de me parecer comvosco. Oh quanto differente, e quam longe me acho em tudo de vós! Quam sentido nos pontos do que cuido que he minha honra: quam depressa vos perco de vista, quando me tocam em cousa que eu não faço, ou em que cuido que perco credito, e estimo mais honrar-me com o mundo que parecer-me comvosco. A vós não pode o mundo pôr culpa que verdadeira seja: e quando contra mim se diz cousa assacada, e falsa, vós meu verdadeiro juiz sabeis quantas outras cousas ha n'este coração ante vossos olhos peiores, e verdadeiramente más, e perversas. Oh meu Deos e conhecedor de meu interior, vos sabeis que se o mundo de fóra visse a abominação de meus pensamentos e desejos (que a vossos purissimos olhos he clara, e manifesta) quando me eu quero muito justificar com elle, fugiria de mim a gente. E he pouco o que me fazem pera o que me fariam, se se vissem publicamente os males d'esta alma, que eu diante de vossos olhos confesso: e quam mal respondo ás obrigações, que vos tenho, e quam differente conta me teriam do que me tem? E sendo diante de vós este, e encobrindo-o vós, que o podeis manifestar ao mundo, he minha soberba de maneira que me não conheço, e me quero com os homens justificar: e não soffro pôrem-me muito pequena nota na honra, e desprezo-me de vos imitar; e hei-me por abatido quando passo alguma migalha do muito que vós soffrestes. Vós ensinais-me a defender a honra com limpeza de consciencia, boa vida, san-

tidade, exemplos e soffrimento de injurias: e eu com tal consciencia, como vós vedes, sem virtude, e sem bondade, só com impaciencia, e com a lingoa quero fazer honra, do que me vós mandais desprezar. Oh Senhor meu, havei de mim misericordia: não me aparteis, Senhor, de vós, plantai no coração estas verdades, e fazei-as crescer, e dar fruto.

Tirai de mim, Senhor, a estima de mim mesmo, e do mundo. Oh quam baixo sou, e pera pouco, quando estimo cousa da vida, nem honra por grande que seja fóra de vós! Quantas vezes Senhor, cuido que vos offendo em soffrer deshonras por me parecer comvosco? Onde está esta minha verdadeira sabedoria, e esta verdadeira luz? Se he verdadeira, Senhor meu, e a adoro em vós, como a não quero em mim pera a imitar? Se he luz clara, como anda tão escura? Como não vejo sempre, que calando, e soffrendo por vosso amor e não respondendo, e deixando-me em vossa providencia, por vos imitar, se apura mais minha honra, e se justifica mais a verdade, e a virtude, que inquietando-me, e fallando, e respondendo por mim? Perdoai-me, Senhor, perguntar-vos, mas tende por bem responder-me, e allumiar-me, e inflammar-me no amor d'estas verdades. Onde está, meu Deos, e Sol de verdadeira justiça, esta luz, esta tão clara verdade, e tão escondida?

Oh meu Senhor, e meu Mestre: oh meu Deos, e meu Pastor: oh espelho de eternas verdades, que ainda que a fé tudo crea, em vòs deixastes, e encobristes o resplandor, e luz d'ellas, pera que a não gostasse, e entendesse senão o amor, e a experiencia do que tem verdadeiro desejo de vos contentar e imitar. Pois Senhor, aqui estou cego, allumiai-me: dai-me, Deos meu, huma faisca de vosso amor: ensinai-me cá dentro a me entregar com gosto, e fé pura em vossas mãos, pera que veja esta luz, pera que a imite, pera que dentro de meu coração ande sempre viva. Como me pode hir mal, parecendo-me comvosco! Ou que me he este mundo, que lhe devo, que bem me pode fazer, pera me affrontar por elle, de me parecer comvosco? Julga o mundo como cego; approva, e reprova as cousas como errado: persegue os vossos como inimigo: promette, e não cumpre como falsario: engana como lisongeiro, e honra a som da trombeta, que logo passa.

E vós, meu Deos, honrais como eterno, prometteis, e cumpris como verdadeiro; guardais justiça como inteiro: satisfazeis o que por vós se passa como todo poderoso: abraçais e encheis de suavidades, e mercês os que folgam de se parecer comvosco; e todavia fujo de vós pera o

mundo: he-me pesado desprezar a honra do mundo pela vossa: e quero antes contentar á vaidade da opinião da gente, que á verdade que em vós adoro. Oh misericordia infinita, quando verei isto já em mim mudado? Não tenho, Senhor, com que vos obrigue a que me deis gosto de me parecer comvosco, senão isto mesmo que por mim padecestes.

Mudai Senhor, em vós esse terreno coração: Corro-me Senhor, e envergonho-me de quam longe o vejo da estima e imitação d'estas verdades: mas n'esta hora, meu Senhor, esta he a minha vontade; eu proponho com vossa graça, soffrer por vós todo falso testemunho, toda injuria, e affronta que se me fizer: Perdo-o tudo o que me he feito até agora de coração; e de tudo o que tenho por passar: quito a toda a criatura, que me tem affrontado, e tem obrigação de me restituir honra, toda esta obrigação, por vosso amor: não quero Deos meu, outra honra, nem outro credito, senão comvosco, e o que me vós quizerdes dar, pera vossa gloria. Não permitais, Senhor, que ninguem ante vós, por mim padeça mal: dai a todos os que me fazem mal, por males bens, ajuntai-os com muito amor vosso a vós. E se este terreno coração, não está n'este desejo, e proposito, tão inteiro como vós quereis, vós Senhor, o fazei em mim. Allumiai-me, meu Deos, não encobrais os raios de vossa luz: penetrem em meu coração as chammas de vosso amor, que mudem sua bruteza em verdadeira imitação, e união vossa. Dai-me vós, Senhor, e tirai-me o credito com os homens, como a vossa honra, e gloria mais cumprir: mas tirai-me a estima d'elle, quando m'a derdes, e nunca d'este coração saiam desejos de desprezos, e abatimentos, mas confirmai-me em hum firme gosto de padecer comvosco quando mo tirardes.

Mas Deos meu, que he isto que vos assacam estes máos? dai-me licença, bom Jesu, pois todos tão mal vos julgam, que eu vos julgue, e adore por quem sois. Accusam-vos, meu soberano Senhor, que vos fizestes Filho de Deos, e por falso Deos vos condemnam. Erram, meu soberano bem, porque não vos fizestes vós falsamente filho de Deos, mas verdadeiramente o sois, gerado do Eterno Padre. Eu Senhor, com quanto amor, e fé posso, prostrado ante vossa divina magestade, n'essa sagrada humanidade encoberta, vos adoro por verdadeiro filho de Deos, e Deos Eterno todo poderoso, infinitamente sabio, bom, grande, e soberano, e igual a vosso divino, e Eterno Padre em tudo. Vós sois a minha bemaventurança toda; a riqueza consumada de todos os meus bens: o thesouro de todas as grandezas da gloria.

Digam estes máos o que quizerem: este sois meu amor, minha gloria, minha soberana fermosura, e minha bemaventurança. A vós adoram os Seraphins, e Cherubins, e reconhece toda a Corte celestial: eu bicio da terra com todos elles, e com toda a criatura, a vós adoro por meu verdadeiro Deos, e Filho do Eterno Padre. Vossas obras, Senhor, vos descobrem, vossas maravilhas, vos dão a conhecer; só a malicia, e cegueira humana vos desconhece. Quando vós, minha eterna fermosura, mostrais algum raio de vossa divina face a este cego coração, oh quam claro conhece, que sois o verdadeiro Filho de Deos, e em si por vossas soberanas operações o experimenta, de toda a maneira Senhor, e crê minha fé. Mas quando virá aquelle dia bemaventurado, e aquella ditosa hora, em que por experiencia vos diga minha alma, presa de vós, e de vossa fermosura: Vós sois o meu Deos, vós sois o meu senhor, vós sois o meu amor: e nem saiba amar, nem estimar cousa fóra de vós, oh Deos, oh amor, oh todo meu bem.

Julgam-vos por digno de morte, por vos fazerdes Rei. Não estimastes vós, Senhor, ser Rei na terra, e encobristes, e fugistes de parecer, quanto o ereis. Mas a quem obedeceo o mar, quando sobre elle andastes, e ao vosso mando amansou sua furia? A quem obedeceram a morte, e as sepulturas, quando por vossa palavra restituiram á vida seus mortos? A quem obedeceram os Demonios quando por vosso mandado sahiam dos corpos e almas que possuiam? A quem obedeceo a saude, quando por vossa virtude, todos os doentes eram curados? Senão a seu unico Senhor, e verdadeiro Rei? Adoro-vos, meu Rei, e Senhor, vós me governais com saber, me proveis com largueza, me castigais com justiça, me perdoais com misericordia, me encaminhais com sapientissimo governo, me ensinais com justissimas leis, me enriqueceis com grandissimas mercês, premiais meus serviços com dons, e me defendeis com soberano poder. Que viram estes em vós, pera vos terem por falso Rei? Por ventura vossas obras não descobriam vossa magestade, e confessavam os Demonios que vós o ereis? Venha Senhor, a mim vosso reino, e reinai sem contradição em mim: condemnem-vos como quizerem, esses máos, que eu vos reconheço, adoro, recebo, abraço, e someto a esses pés por meu verdadeiro Rei. Tomai, meu Rei, cuidado d'esta alma, e concedei-lhe que sempre vos seja leal, e nunca traidora: mas de vosso serviço, e bandeira só me preze. Assacam-vos, Deos da minha alma, que defendeis pagar tributos. Oh meu Deos, quem mais livre d'essa obrigação que

vós, Deos Eterno, e Rei soberano? E todavia antes de nascido fostes reconhecer senhorio em Bethlem, e em nascendo se pagou por vós tributo a Cesar: e S. Pedro pagou por vosso mandado por si, e por vós: e mandastes que se désse o de Cesar a Cesar, e o de Deos a Deos. E tendo feito mais do que ereis obrigado, a poder de brados, e gritos vos condemnam por falso testemunho, e calais, e não respondeis. Esse sois vós, Senhor, que sempre recebeis males por bens, mentiras por verdades. Adoro-vos por igual juiz, não roubador, mas dador de todos os bens. Que necessidade tinheis de tributos dos Reis da terra, pois tudo dais, e tudo he vosso, e tudo por amor de mim desprezastes? O tributo de coração, defendeis que se não dê ao mundo: e o amor d'alma, defendeis que senão dê senão a vós. Se d'isto vos accusam, he verdade: e pois por isto morreis, á vós amo, meu Deos, em vós entrego esta alma, da qual vos não quero pagar tributo, mas toda vos offereço, e todo meu amor: não permitais que tenha parte n'este coração cousa fóra de vós.

Accusam-vos de perturbador, e pervertedor do povo, e alvorotador. Oh falsos e traidores! vós sois meu bom Jesu, verdadeiro pacificador: vós nos reconciliais com o Padre Eterno: vós nos ensinais a verdadeira e perfeita doutrina: vós apurais nossa fé: vós tirais aos falsos entendimentos da lei do Senhor: vós semeais a lei de amor: vós ajuntais os corações em puro amor vosso, e verdadeira amizade dos proximos: quando as almas vos ouvem, e seguem, tudo he pacifico: qnando de vós se apartam, tudo he inquieto, e perturbado. Que inquietações, e alvorotos fizestes no povo, meu Deos? Soffrestes as culpas de todos: promettestes os reinos do Ceo; agasalhastes peccadores: curastes suas doenças: allumiastes suas cegueiras: descobristes a estrada do Ceo; e a isto chamam perturbar, e alvorotar povo. Bemdito sejais vós, meu Deos, e meu Senhor, pois a tão claros falsos testemunhos, sobre tão perfeitas obras, e tão manifesta innocencia, calais, e vos deixais condemnar, pelo que não sois. Adoro esta paciencia. adoro este amor, que tudo vos faz soffrer. Quando ateará em mim este fogo, Deos meu?

Oh Madre de Deos Sacratissima, em quem vosso Filho unigenito, como perfeito guardador da lei, não soffreo que ningúem pozesse nódoa, nem falso testemunho: vós levais a mór parte d'este trabalho, porque o que vos faltou em falsos testemunhos, fica muito mais pesado em os verdes, em vosso unigenito Filho, que vós mais sentieis do que se foram as-

sacados a vós. Tambem vos cabe aqui ficardes mãi do perturbador, do falsario, que vós nem elles ereis, nem sois. Assi como todas estas falsidades, nem n'elle, nem em vós, poderam desfazer cousa alguma, do que ambos sois: assi Senhora, e leal companheira d'este Senhor, sêde minha terceira. Alcançai-me graça pera não ter mais honra que parecer-me com este Senhor. Alcançai-me que esta seja minha gloria, padecer com elle, vlver abatido com elle, deshonrado com elle. Sejam todos ouvidos, e eu esquecido, pera que d'elle, e de vós seja visto e conhecido por vosso. Oh Anjos, que adorais estas verdades, oh Santos que as imitastes; oh Corte celestial que com ellas vos povoais, e enriquecestes; louvai por mim, amai por mim; engrandecei por mim a este Senhor, por ter por bem de mas ensinar: alcançai-me virtude e força pera as amar, e estimar, e não querer outra vida, nem honra senão o amar, e parecer-me com Jesu. Amen.

TRABALHO XXXI

Das bofetadas.

Era tamanha e tão evidente a falsidade das cousas, que a Christo nosso Senhor os Fariseos, e Principes do povo tinham assacado, de que determinavam accusal-o ante Pilatos, pera o fazer por ellas matar: e tinha o Senhor tão grande, e justo credito com o povo, e tanta fama e nome ante os que o não conheciam, que se temeram muito seus contrarios (e com razão) que não valessem seus testemunhos falsos pera desacreditar ao Senhor com o povo, e pera acabar com o juiz que o condemnasse á morte de cruz, que elles desejavam: e arreceavam que seus ardis não fundissem mais que de accrescentar honra na santidade, vida, e pessoa de Christo nosso Senhor, e de ficarem elles conhecidos por falsarios, e perversos. Porque assi como a verdade e virtude por si se defendem, assi a malicia de nenhuma cousa mais se teme que de si mesma: principalmente quando se quer revestir de santidade pera encobrir sua peçonha pera que mais damne, e justificar-se pera não ser conhecida. Mas são a maldade, e a virtude dous tão contrarios extremos, que por mais que a malicia se meta debaixo da capa da santidade nunca fia de si, que fique com ella bem encoberta. E por isso sempre vive inquieta, e accrescenta males e ardis como quem de tudo se vela. E fica a divina Escritura verdadeira que diz(*): «Sempre presume cruezas a consciencia perturbada.» Porque ainda que não queira, bem se vê quanta razão ha pera lhe ser tudo contrario.

E assi como cuida de si que tudo lhe póde fazer mal, assi nunca cessa de inventar ardis pera se sustentar, e defender de tudo; que não pode ser senão ajuntando males a males. Assi os perversos Fariseos, e Principes dos sacerdotes do povo dos Judeos, porque em nenhuma cousa mais se desvelavam, que em acreditar-se com o povo, e que os tivesse por santos, que não eram; a cousa que mais aborreciam, era a pessoa, vida, doutrina, e obras admiraveis, e milagrosas do Senhor, porque a par d'ellas ficavam as suas conhecidas por quam más eram. E vendo-se com Christo nosso Senhor entre as mãos pera o tirarem da vida, e acabarem, como sempre o desejaram, e querendo por huma parte sustentar o cre-

(*) Sapient. cap. XVII.

dito de suas pessoas, e por outra parte vendo claramente descoberta sua malicia com a manifesta falsidade das cousas que lhe assacavam, determinaram usar hum diabolico ardil: e foi, que entendendo quam mudavel he o povo, e quam inconsiderado em seus juizos, e quam poucos, ou nenhuns discursos faz pera se arremessar por huma parte, ou contra outra, e póde muito bem com elle a multidão, estrondo, e apparencia das cousas: ordenaram fazer a Christo nosso Senhor tanta somma de affrontas, e injurias juntas, tão feas e tão desacostumadas: tão publicas, e desaforadas, que o bruto e inconsiderado povo se embaraçasse, e não podesse cuidar que tanta cousa se fazia por Sacerdotes, por Letrados, por Principes, por gente Farisaica que professava santidade, sem alguma razão, e causa: mas que tinham elles achado cousas secretas como homens do governo da republica, ao povo encobertas, por onde seria bem ser o Senhor tratado d'aquella maneira. E assi lhe succedeo, porque ao outro dia depois de preso o Senhor supitamente se voltou contra o Senhor o povo de Jerusalem, que todo até aquelle dia andava pasmado apoz elle, como apoz huma cousa vinda do Ceo. E servio-lhe este ardil de satisfazerem em o Senhor o odio de tantos dias envelhecido, e guardado n'alma; e arrebentar com mais furia, gosto e raiva em affrontar, e atormentar ao Senhor com suas proprias mãos, e dos beleguins. Começaram as affrontas d'este infernal ardil em muitas bofetadas que ao Senhor deram, e taes que ficou d'ellas seu sacratissimo rosto tal, tão inchado, azulado, negro, e desfigurado, sobre serem já suas sacratissimas barbas, e cabellos depenados; que ainda que isto lhe fizeram de noite em huma casa, sahindo ao outro dia a publico bem se vio, e entendeo o que teria aquella noite padecido. Servio-lhe tambem este ardil de abafar, e afogar a verdade da justiça, e embaraçar o sentido ao juiz. Porque com tamanha somma, e tropel de affrontas, e de estrondo, Pilatos que não tinha noticia de Christo nosso Senhor, ainda que claramente conheceo sua innocencia, perdeo o acordo, e não se podendo velar da authoridade dos accusadores, e do alevantamento do povo, o condemnou injustamente á morte.

Já o Senhor tinha em casa de Annás soffrido huma cruel, e grande bofetada, que por notavel a escreveo S. João, calando outras muitas affrontas que ao Senhor foram feitas. E em casa de Caifás, depois que esconjurou ao Senhor pela parte de Deos vivo lhes dissesse se era seu filho, e elle confessou que o era, por isso foi julgado de todos por blasfemo,

e digno de morte (como no capitulo atraz fica dito) em lugar de o esforçar e consolar pera lhe custar menos a morte, como se faz aos padecentes, arremetteo todo aquelle conselho de Sacerdotes, Principes, e Fariseos a elle, como cães damnados a o affrontar. Tinham-lh'o os beleguins com as mãos atadas detraz, e pela corda que tinha a garganta (e por ventura pela cabelleira de seus cabellos, que era comprida) pera que estivesse quedo sem affastar o rosto, nem fugir ás bofetadas. Mas não era necessario, porque elle tinha ensinado na lei da paciencia, e humildade que aos seus deve, não só que não affastassem seu rosto, quando lhes dessem alguma bofetada, mas que apparassem a outra face: porque não ficasse huma só face com a gloria, e honra do soffrimento da injuria por Deos; mas tambem a outra, ao menos com se offerecer e apparelhar a levar outra, participasse tambem do triunfo de paciencia. Quando o divino Cordeiro se vio em occasião de dar exemplo do que tinha ensinado, esteve tão longe de ser necessario ter mão n'elle, e de afastar seu sacratissimo rosto, que já estava profetizada muitos annos antes a sua admiravel constancia no soffrimento d'esta injuria: que não affastaria seu rosto das bofetadas, nem cuspinhos e injurias que lhe fariam. Nem se espante alguem de ver o Senhor em casa de Annás a huma só bofetada estranhar a quem lh'a deo a semrazão com que o injuriára: vendo-o em casa de Caifás tão calado a tanta somma d'ellas, que ahi soffreo, e de não dar em casa de Annás logo exemplo do que tinha ensinado de aparar a outra face; porque como sapientissimo mestre quiz acommodar-se ao nosso modo em tudo, pera que de toda a maneira nos ensinasse, e allumiasse. Costuma nossa fraca humanidade ser muito mais sentida no começo de seus trabalhos, que depois que está costumada a elles: e assi a paciencia que no começo soffre com pena e trabalho, acostumada vem a soffrer com gosto. E ainda que nada d'isto houve em Christo nosso Senhor, porque tudo n'elle foi perfeitissimo, todavia em casa de Annás quiz consolar os imperfeitos, e ensinal-os a soffrer com mansidão, sem darem mostras de indignação escandalosa, quando recebem injuria ainda que tenham sentimentos de sua fraqueza: posto que não possam por então chegar á perfeição dos que com gosto padecem, e que lhe será de Deos aceito, e recebido aquelle modo em quanto mais não podem. Mas porque não tenham duvida que, se continuarem a virtude, e perseverarem em soffrer se lhe mudará o sentimento em gosto, e a pena em gloria de padecer por amor do Senhor, que he estado altissimo, e semelhança de gloria na terra: quiz

o Senhor quando carregaram sobre seu sacratissimo rosto grandissimos tropeis de bofetadas, calar, e não affastar seu rosto de tamanhas injurias.

Alevantados pois todos d'aquelle infernal conselho, e arremessados ao brando Cordeiro ás bofetadas; como o mal que lhe queriam, e o odio que lhe tinham era velho, e andava de muitos dias represado, e aquella foi a primeira hora que lhe poderam chegar: e não tinham de quem se corressem: não se crê com que furia, com quantas más, e injuriosas palavras, e com quanta deshumanidade dariam n'aquelle sacratissimo rosto, que a nada resistia, nem se escondia. Não tem conto as bofetadas, que lhe dariam sendo tantos, e dando-lhe cada hum muitas. Qual d'alli ficaria o rosto sacratissimo do Senhor, com quantos vergões, e inchaços, huns sobre outros: quam desfigurado de sua natural fermosura, deixo pera o sentimento da alma, se poder acabar comsigo imaginal-o: que nem palavra, nem a pena o podem declarar. Tal ficou (se alguma cousa se póde disso dizer) que por grande encarecimento da fé amorosa d'este Senhor, que com nenhuma cousa que n'elle veja pode afracar, nem esfriar, disse Isaias profetizando esta affronta que ao Senhor se fez: «Não tem sua fermosura, nem belleza, olhámos pera elle, e não tinha seu parecer: e assi o desejamos, e suspiramos por elle desprezado, e escória dos homens, cheio de dôres e de enfermidade, e tão apagado seu rosto, e desprezado que senão fazia caso d'elle. Assi subirá diante de Deos como raiz, e planta de terra secca (*).» Verdadeiramente tudo isto foi tomar elle sobre si nossas dôres, e doenças, pera nos sarar com seu sangue.

O mesmo Profeta, antes de dizer esta, e outras muitas cousas a este modo, houve que ninguem o poderia crer, e diz a Deos: «Senhor, quem me crerá o que hei de dizer, e que isto he obra vossa?» Por onde já que tal ficou o rosto do Senhor, que póde servir de huma gran prova da fineza da fé, e amor, que só de sua fermosura se sustenta, que nem pela ver tão encoberta, e perdida a desconhece: não ha duvida, senão que mal se póde entender, e declarar quanto pera magoar, e lastimar o deixaram os máos Judeos, depois de tão esbofeteado.

Accrescentaram este genero de affronta com outro novo genero de escarneo. Era o rosto do Senhor tão fermoso e severo, tão modesto, e grave, e movia a todos, os que o viam, a tanta veneração, que nem com o mortal odio que lhe tinham aquelles malvados, se podiam soltar con-

(*) Isai. cap. LIII.

tra elle, e perder-lhe de todo o respeito quanto desejavam. Afóra isto tinham muita experiencia que o Senhor lhes via e conhecia os pensamentos, e corações, e sabia muito bem suas malicias, e lh'as tinha muitas vezes descoberto, que algum tanto lhes quebrava a furia. Pelo qual alguns principaes inimigos de Christo inventaram, que lhe cobrissem o rosto (como fizeram) pera que não houvesse quem lhe tivesse respeito, e lhe dessem mais desaforadamente sem nenhum pejo. Tendo-lhe seu sacratissimo rosto encoberto, e sendo aquella a primeira hora de gosto que seu odio teve, em pôr mãos em o Senhor, sem haver cousa que lhes fizesse pejo, nem respeito: começaram com saltos, e festas a jogar com o Senhor como se fôra hum doudo. Hum dava de huma parte, outro da outra: e cada hum escarnecendo de sua sabedoria, e profecia, dizia: «Adivinha, e profetiza quem te deo?»

Adiante no capitulo XLV, trataremos do escarneo da sabedoria de Christo, como genero de trabalho novo, que o Senhor passou. Mas esta maneira de escarneo, e zombaria do Senhor, foi a maior, a meu ver, que a malicia humana podia inventar! E bem cotejada a magestade d'aquella divina pessoa, humanada com a perversa gente, que o affrontava, e com a baixeza, profanidade, e desaforamento de tão abominavel escarneo, não ha senão emmudecer, e pasmar. E não menos de ver desprezado o soffrimento, silencio, e mansidão do Senhor entre tantos, e taes desprezos, e abatimento de sua pessoa. Muito mais que tudo, a meu ver, deve espantar a grande volta, que o mundo tem dado ao que neste espelho de eterna luz se vê: não digo entre gente que não crê, nem adora estas affrontas, como verdadeiro remedio de seus males: mas muito mais sem comparação entre Christãos, que só na virtude, e merecimento d'ellas, confiam ser-lhes por ellas abertas fontes perennes de todos os bens. Os quaes tem feito de bofetadas caso, e obrigação de perder a alma, e tirar a vida de quem a dá, muito mais sem comparação que todas as outras nações de infieis, que não conhecem este Senhor, e que blasfemam estes divinos mysterios: e neste juizo, e parecer vivem tão assentados, como se fossem determinações do Ceo, em que nem Deos desmansaria. Oh Christandade tão pervertida, e tanto sem consideração das verdadeiras obrigações! O Ceo por exemplo d'este Senhor se ganha, e não d'outra maneira. A alma perdida com nenhuma cousa se póde ganhar, que supra tamanha perda: a differença da magestade de Christo, à baixeza do peccador he mui conhecida, e confessada: ser máo pera

o Christão o que não foi em Christo, a fé o nega: ser verdade tudo o que ensinou, e erro e falsidade tudo o contrario, ella o confessa: d'estas mesmas affrontas tira a alma esperança firme de poder alcançar os bens do Ceo: o amor em ver padecer ao Senhor se accende: só a presumpção da vaidade, a opinião da carne, e da terra, céga de maneira os corações dos Christãos, que tudo quanto em Christo se vê, tudo quanto se póde d'isto escrever, e ensinar, conforme a verdade evangelica, são palavras lançadas ao vento, e tão lançadas detraz das costas, e fóra do coração, como se foram puros erros, e mentiras. Maravilha grande he, e fóra de toda razão hum tamanho desatino, e tão geral como este na Christandade. Que todo este perverso juizo, que os Christãos tem nesta materia; e o não tem por amor da alma, senão por amor do corpo: e esse corpo em morrendo, esta propria gente, tão errada, o entrega a hum homem baixo, que lhe lança muita terra nos focinhos, e o pisa aos couces sem estima, nem respeito, quando lhe não aproveita pera nada: e estando com a alma no corpo, que podia com soffrimento de muito menos que aquillo roubar o Ceo, e penhorar todos os bens de Deos pera o possuir com honra eterna pera sempre, os proprios lhe aconselharam que he obrigação perder corpo, e alma, e tudo, antes que soffrer huma pequena injuria do corpo. Muitos males tem alguma escusa na ignorancia: outros na humana fraqueza: outros em occasiões supitas. Este he tão conhecido, que os proprios que o tem, sopena de serem havidos por hereges, confessam que he puro erro contra o que crêm, e contra a lei de Deos, que prometem, e contra a doutrina, e exemplo de Christo; e que o que Christo ensinou he a pura verdade: não se funda em humana fraqueza, porque não he cousa que por appetite a vença, antes desejam todos, se pudessem, nunca se ver nesses termos; não he sugeito a supitas occasiões, porque se funda em minha deliberação do juizo, e da vontade. Por onde não tem outro vão senão ser pura, diabolica malicia, e vontade, e juizo pervertido, de que Christo nosso Senhor, sem duvida se dá por muito mais offendido, e affrontado, sem nenhuma comparação, que das bofetadas que soffreo. Não se pode Christo nosso Senhor mais claro averiguar comnosco, que por estas palavras que no Evangelho disse: «Quem se correr de mim diante dos homens, eu me correrei delle diante de meu Padre Eterno.» E he muito justo que faça o Senhor ponto de verdadeira honra, não ter em sua companhia no Ceo, quem se correo de fazer o que elle fez na terra: pois tão baixos e mi-

seraveis peccadores fizeram ponto de falsa deshonra na terra, imitar nella o Rei dos Ceos, e por ella como que fora verdadeira cerraram as orelhas, e o coração á verdade de sua doutrina. Por onde muitas graças devem de dar a nosso Senhor, os que professam estado de religião, pois no meio de tão errado mundo, lhes tirou tanto estas tão falsas obrigações de pontos de honra, que até os mesmos filhos do mundo, que por ellas se perdem, se escandalizam de elles não imitarem a Christo nosso Senhor no soffrimento de toda injuria. E devem sahir pela honra de Deos em publico, e em secreto, gloriando-se d'esta sua ditosa sorte: e guardar-se de tamanha desaventura, que tornem ao arrevessado, e de introduzir nos mysterios os pontos do mundo, de que Deos os tirou. E os que vivem no mundo, lembrem-se que pois tem hum Senhor e Juiz, que nunca eternamente dispensará nas verdades de sua lei, e nenhuma escusa aceitará de não ser imitado, e obedecido, e tem declarado o mundo por seu contrario: trabalhem por se determinar cedo comsigo, antes que entrem com este Senhor a juizo: porque quam brando agora o vemos em soffrer bofetadas, e injurias por amor de nós, tão rigoroso o havemos de achar em condemnar aos que pelas leis, e juizo do mundo o não quizeram n'isto imitar.

Aconselharei a todos os que houverem isto por muito difficultoso, que não desconfiem da misericordia do Senhor: mas que façam diante do Senhor huma geral determinação, e christianissimo proposito, de se não reger pelos pareceres do mundo, ainda que lhe custe honra e vida. E feita esta determinação, se vão com muita desconfiança de si aos pés d'este Senhor, e a estas mesmas bofetadas, e affrontas, peçam misericordia: que pois foram tão poderosas que abriram as portas do Ceo, e despejaram os infernos, que tão cerrados estavam, queiram abrir hum humano coração, pera que seja entrado da divina luz e graça, que tire todos os terrenos medos, e o faça forte contra todo erro mundano. E Deos nosso Senhor, que pera nenhuma outra cousa se deixou affrontar, senão pera plantar em nós amor das verdades, que com suas affrontas nos ensina, terá conta com este desejo d'alma, e fará n'ella suas costumadas maravilhas.

Exercició das bofetadas.

Deixai-me, bom Jesus, contemplar a fermosura d'esse divino rosto, antes que esses malvados a mudem em fealdade de vergões, e inchaços. Adoro-te fermosura celestial, em quem os Anjos desejam sempre contemplar, em quem se revêm os bemaventurados: alegria do paraiso: gloria dos que vos amam: prisão suave e amorosa dos que vos desejam e buscam. Quem se ha de atrever, Senhor, a pôr mãos, e tocar na fermosura d'essa face sacratissima? Baste, Senhor, todo o outro genero de injurias, e affrontas que passais, não queirais que nessa fermosura divina se toque: não vos desconheçam as almas presas de vós, e que só de vossa fermosura vivem. Oh deshumanos, oh mais duros, e obstinados que as pedras, se soubesseis quem ahí tendes: se conhecesseis, em que fermosura tocais, quam depressa vos tornarieis de lobos, cordeiros, e de crueis, ovelhas! Eu, Senhor, eu sou o duro, que vos vejo esbofetear, e vivo, e não se me rompe, e derrete este coração. Vejo satisfazer odio mortal em cruelissimas bofetadas nesse divino rosto, e ficam-me ainda forças e olhos pera vèr mais. Que he isto, bom Jesu, não basta desconjuntarem esses membros na Cruz: abrir essas carnes todas a açoutes: não vos ficar cousa sãa nesse corpo, como hoje haveis de passar, senão que nem a vosso rosto divino quizestes perdoar, e por elle começam vossos tormentos? Como póde haver coração e entranhas pera a gravidade, modestia, e magestade da fermosura divina d'esse rosto? E ainda sobre isto, vos cobrem o rosto, pera que com menos pejo, e menos piedade vos dem. Verdadeiramente, Senhor, vós sois o humilde, e manso de vontade e gosto, e de coração: que se assi não fôra, não fôra possivel entregardes esse divino rosto a tanto desafforamento.

Aqui, luz da minha alma, vejo quam longe estou d'esta humildade. Digo em geral, que estou aparelhado a soffrer tudo por vosso amor, mas se bem olhar em mim, e confessar a pura verdade, se soffrerei bofetadas publicas contra justiça, e de gente somenos, posto que aqui diga que sim, porque vejo este divino rosto tão maltratado de bofetadas; todavia confesso minha miseria, que entendo de mim que na occasião, ou me alterarei muito, e me custará muito trabalho soffrel-o, ou de todo o não soffrerei. Isto porque, Deos meu? porque tenho a humildade só na lingoa, e a soberba metida no intimo d'esta má natureza. Vós, divino Cordeiro, como humilde, de vontade, de coração, e gosto, não estimais

vosso divino rosto, e entregais-vos calado, soffrido, e cheio de amor, d'esses mesmos que vos affrontam, e de mim, que as mereço, e mas não dão. E eu como soberbo de coração, e de vontade, nem com isso me dobro ao desejo de aparar huma face quando me dessem na outra, como me mandastes.

Quando, Senhor, me humilhareis, e me abatereis esta soberba; quando me fareis manso, e humilde de coração? Acham as leis mundanas razão de tirar a vida por huma bofetada, e estima-se mais o proprio rosto, que a vida do proximo: só os baixos cativos, e sugeitos não se vingam das bofetadas, que levam de seus maiores, e vós meu soberano bem, estimais em mais a minha vida, e o meu remedio, que o vosso rosto sacratissimo? Quem vos cativou de mim, Deos meu? Por ventura dir-se-ha de vós, que he isso amor cego, amor louco? Quem vós, quem eu? e vós por mim? Oh segredo, oh fogo, oh alteza de amor divino! Oh amor, que tantas cousas fazes em hum tamanho Senhor, e que assi o abates por amor de mim, como não consumes, como não mudas este bicho da terra, como o não humilhas por amor d'elle? Por ventura achas em mim, miseravel, mais resistencia, que nessa divina Magestade? Oh miseravel, oh frio, oh pobre de mim, quam longe estou d'este fogo: quem o visse já em si. Confundo-me, Senhor, comigo de vêr, que esses que vos esbofeteam tão desaforadamente, não são brutos, e irracionaes, mas homens da minha natureza, e vejo-me filho do mesmo Adão, como elles, e de huma tão má massa, e tão pervertida, e cega natureza, que coube nella o odio d'essa divina fermosura, e atrevimento de ferir esse divino rosto, e asco de vêr essa soberana belleza, e malicia pera a cobrir, pera mais a seu gosto, e sem pejo o atormentar. Não só, Senhor, mereci eu por meus peccados, esses tormentos que passais: não só dei a elles causa, mas he minha essa mesma natureza, que assi vos trata: e todavia não me aborreço de coração, e amo-me muitas vezes mais a mim que a vós, e a vossa lei. Oh miseravel de mim, quam baixo, e quam torpe sou, e não me conheço, mas estimo-me, e amo-me, e acho razões pera de todo me não entregar a vós, pera que me ameis, e abraceis, e me mudeis, e me humilheis, e me alevanteis. Quando, Senhor, fareis esta mudança em mim? Quando me dareis este odio de mim mesmo? Quando aborrecerei cousa que de si lança tanta malicia, quando está desamparada de vossa graça? Oh meu bom Jesu, oh humilde Jesu, fazei já em mim esta obra, pela qual tanto padeceis, e que com tantas

affrontas me ensinais: vossa ha de sér a obra, e não minha: que eu se me deixais da vossa mão, peior sou que esses: sou tão duro que ainda que com elles vos não esbofeteio, todavia não me mudo, nem me humilho de coração, nem me aborreço de todo.

Oh meu bom Jesu, tamanho he o odio que esses vos tem, que não querem ver cousa que lhes abrande a furia, e vos cobrem por isso a fermosura, e modestia de vosso sacratissimo rosto. Que tal ficarieis, Senhor, de humas tão crueis mãos, e de hum odio tão antigo, e reprezado, e que n'esta hora contra vosso rosto sacratissimo arrebentou, e sahio em tantas, e crueis bofetadas? Oh amor de minha alma, não encobrais esse rosto de mim, ainda que afeado, ainda que magoado, assi o quero, assi o adoro, assi mo mostaai Senhor, porque só vossa fermosura me prende, e o amor com que afeais vosso rosto, que me cativa, e acende: Perdoai-me Senhor, n'esta hora, os males que minha alma sente ter contra vós commetido: quantas vezes Senhor, vos cobri o rosto pera mais livremente seguir meus gostos, e o não entendi, e agora n'isto que vos fazem, me allumiais, e me dais a entender a verdade de quem fui até agora.

Que fazeis Senhor, quando lendo a vossa doutrina, ou ouvindo vossa palavra, ou cuidando no que por mim fizestes, ou inspirando-me interiormente me moveis, e me chamais, e me mostrais quem sois, e o que vos devo, e a grandeza de minhas culpas, e meus erros, e o caminho da verdade, senão descobrirdes vossa face pera que vos ame, e lançardes os raios de vosso divino rosto em mim, pera que fuja de mim, e vá apoz vós, deixe minha má vida, e vos siga, e guarde vossa lei, e vos possua, e me deixe prender de vosso amor? E que faço eu, quando com minha deslealdade vos não acudo, nem respondo a vossos chamamentos, nem lanço mão d'estas verdades, e quando vivo em hum esquecimento de vós preso, e cativo de mim, e do gosto de meus males, se não tapar a luz de vossa fermosura, que me tira da fealdade de meus vicios, que amo? Oh misericordia infinita, que a serdes menos que infinita, não me podereis soffrer! Dai-me Senhor, d'esta hora pera sempre, que nunca vos perca de vista, mas sempre vos traga presente: que assi como vos fugi até aqui, vos busque d'aqui por diante: e que acabe já minha dureza, e cegueira: nem pelo que fiz até agora deixeis de me mostrar vosso rosto, e mover a dureza d'esta alma, pois he maior vossa misericordia que minha desaventurada malicia, e podeis mais perdoar que eu peccar. N'es-

ta hora me podeis mudar, e transformar em vós; mudai-me, Deos meu, amor meu, Jesu meu.

Baste já Senhor, o que tendes passado: mandai cessar esses malvados, descobri esse divino rosto, pera que o adore, e me prenda, e me derreta todo em seu amor. A Moysès cobriram os Judeos o rosto, pela muita claridade que trazia da pratica, que comvosco tivera, pera o poderem conversar: e a elle queriam ouvir, e não a Deos, por não morrerem. Mas as almas que de todo o coração vos desejam, meu Senhor, que com amor vos buscam, e andam apoz vossa fermosura presas do fogo de vossa charidade, não assi; mas vossa voz desejam ouvir; e a vós querem de rosto a rosto conversar: aborrecem tudo o que isto lhe pode impedir: não soffrem entre vós, e ellas meio, nem muito pequeno impedimento, que lhe encubra vossa soberana fermosura. Moysés, que vos conhecia, e ardia em vosso amor, só por ver vossa face suspirava, e vos dizia, que pois tanto vos prezaveis de seu amigo lh'a amostrasseis: Pois Senhor, como haveis de estar ante mim, com esses olhos tapados, e não vos hei de ver? Descubri já, vida da minha alma, esse rosto a vosso indigno servo, pois só d'elle espero a luz do fogo, com que vos hei de conhecer e amar, e transformai-me todo em vós: prendei, Senhor, este coração hoje: e se ha de ser alguma hora, porque não será n'esta, e agora? He verdade que se eu for vosso, nenhuma cousa me poderá encobrir vossos raios, mas de toda a maneira vos conhecerei aonde vos achar, se fielmente, e de puro coração vos amar: mas, saude da minha alma, quem ha de fazer isto senão vós? Senhor meu Jesu Christo, a vós peço n'esta hora misericordia, lembrai-vos Senhor, que esses olhos que os Judeos taparam, não poderam n'essa mesma hora, ser cerrados pera o vosso Apostolo S. Pedro, que vos estava negando. Mas, como está escrito, vós o achastes com olhos corporaes tapados, e lançastes vossos divinos raios em seu coração, com que o allumiastes, e lhe fizestes ver seu estado, e chorar seu peccado, e emendar-se, e tornar-se a vós de coração. Pois Senhor, vós sois ainda esse mesmo. Olhai-me Senhor, com misericordia, penetrai-me com a virtude de vossos divinos raios, tornai-me dentro de mim, fazei-me conhecer quem sou, e chorar minhas culpas: arrebatai-me todo em vós, e n'esta hora me tomai por vosso: pois aqui, como, e quanto posso, me offereço, e entrego a vós. Mudai-me do que até aqui fui, dai-me vosso amor, que sempre me traga apoz vós unido, e preso de vossa fermosura, meu bom Jesu, meu verdadeiro Senhor, e mestre, e pastor de minha errada alma.

Oh Madre de Deos Sacratissima, que mais que todos amais, e amastes a fermosura d'este Senhor, e mais que todas vos magoou, e sentistes, quando com vossos olhos o vistes tão demudado, inchado, e cheio de nódoas das duras bofetadas, e que mais que todas as criaturas andastes sempre presa da claridade d'este divino rosto: Lembrai-vos d'este miseravel peccador, e alcançai-me d'esse Senhor o que elle com estes trabalhos me quiz ensinar. Entregai-vos, Senhora, de mim pera me trazerdes sempre preso apoz elle. Oh Anjos sacratissimos, que da fermossra d'este divino rosto vos mantendes: oh Corte celestial, que com a belleza d'esta clarissima face estais presos, embebidos, e glorificados: amai, louvai, e exalçai, adorai, e glorificai este Senhor, quanto podeis: ardei em fogo seu por vós, e por mim: suppri as faltas de minhas tibiezas, e friezas: e pois lá vêdes o que perde quem anda longe d'esta fermosura, alcançai-me misericordia d'este Senhor, perpetua lembrança d'ella, inseparavel união de amor com elle, e odio de tudo o que d'elle me aparta. Amen.

TRABALHO XXXII

De ser o Senhor cuspido.

Juntamente, e na mesma hora com o trabalho das bofetadas passou o Senhor outro, não só gravissimo de soffrer, mas de sua natureza, e da parte dos que lh'o davam enormissimo, e affrontosissimo, que foi cuspirem-lhe em seu sacratissimo rosto. Teve o mesmo Senhor este trabalho, e escarneo por tamanho, que não só quiz que o Profeta Isaias profetizasse que o havia elle de passar, quando disse que não affastaria seu rosto dos que n'elle lhe cuspissem (*), mas tambem elle mesmo dando conta a seus sagrados Apostolos dos tormentos, que havia de soffrer em sua Paixão, e nomeando-lhe só quatro ou cinco principaes, entre elles disse, que seria cuspido. Com muita razão estimou o Senhor muito, e teve em muita conta este genero de affronta e trabalho: porque todos os outros, por grandes que sejam, são de homens. Muitos levavam bofetadas, falsos testemunhos, açoutes, mortes, e cousas que doem: mas cuspir no rosto a hum homem, não he cousa que os homens fazem commummente á gente. Não faz este trabalho grande, doer e ter pena, porque o escarneo, nem fere, nem mata; mas sua muita baixeza. Porque quem o faz mostra-se por huma parte baixissimo, sem vergonha, sem cortezia, sem entendimento, e peior que barbaro, e bruto: e por outra descobre gravissimo odio, e desprezo áquelle a quem affronta: e o injuriado fica entendendo que não ha cousa que se tenha em mais baixa conta que seu rosto, e pessoa. Porque, por se ter por baixeza e descortezia escarrar diante dos olhos da pessoa com que falamos, e por cousa nojenta, se costuma virar o rosto, e buscar hum canto pera escarrar, ou apagar o escarro: e ha barbaros, que costumando cousas muito feas, e nojentas, tem por injuria, e não soffrem cuspirem-lhe na cara. Este respeito não só não tiveram os perversos Fariseos, Sacerdotes, e Principes do povo á pessoa divina, e sacratissimo rosto de Christo nosso Senhor, mas mostraram que o tinham tãoem baixa conta, que só n'elle merecidamente, e com razão se podia lançar hum peçonhento escarro. Assi não contentes das muitas bofetadas, que lhe deram mui affrontosamente (como no capitulo atrás fica dito) acrescentaram este vergonho.

(*) Isai. cap. L.

sissimo escarro: e sem pejo algum, ou vergonha, antes com festa, e gosto, e desejo de fartar o mortal odio que lhe tinham, se hiam a elle, e dando-lhe a bofetada, cuspiam em seu gravissimo e santîssimo rosto, digno de toda veneração, adoração, e reverencia. E como membros de Satanás após o escarro arrevessavam d'aquellas infernaes entranhas, e damnados corações tão feas, e enormes palavras e injurias, que podessem com ellas justificar a fealdade da affronta gravissima que lhe faziam.

Hum em lhe cuspindo lhe chamava maldito, outro enganador, outro peste do povo, outro blasfemo, outro bebedor, outro inimigo da Lei de Deos, outro hypocrita, outro feiticeiro, outro Samaritano, outro endemoninhado, outro companheiro de Belzebub, Principe dos Demonios, e outros muitos, e mui mais feios nomes, com que mostravam que não podia tal, e tão pestifera pessoa ser tratada senão com tão desaforada injuria: e cuspir d'elle como de huma pestifera peçonha do mundo, e como indigno da vida, e nome de homem. N'isto gastaram hum bom espaço da noite até que cansaram, e se quizeram recolher pera tornar ao outro dia com novas invenções de injurias executar o que tinham contra o Senhor ordenado. Mas o innocente Cordeiro, fermosura do Ceo, gloria do Paraiso não cansava de padecer, nem resistia a quanto lhe faziam. E assi como nunca affastou seu rosto e olhos das necessidades de todos os que o buscavam, e nunca n'elle achou alguem pesadume, nem carregamento, quando o houve mister: assi nem pera soffrer tamanhas affrontas encobrio seu sagrado rosto, nem recusou soffrer tudo quanto d'elle, e n'elle quizeram seus malvados inimigos fazer, com tanta mansidão, brandura, assento, modestia, e cordeira paciencia, como se n'aquella hora estivera agasalhando peccadores: que era a cousa, que elle com mais graça, e prazer fazia. E já que todos alli não tinha, com o que por elles soffria se satisfazia.

Admiravel cousa he querer o Senhor que entre tantos, e immensos trabalhos, que na vida, e em sua sacratissima Paixão quiz padecer, lhe não faltasse este tão enorme genero de affronta. Porque não padecia as cousas só por odio dos que o atormentavam, nascidas da invenção da sua damnada malicia e odio: mas o que no eterno conselho seu estava determinado, isso padeceo. E ainda que este assento de seu soberano conselho não movia aquelles corações a que lhe fizessem aquelles escarneos (porque Deos não he author dos peccados, nem os inspira) todavia quiz elle por sua divina vontade dar tal ordem a suas cousas, que viessem a

mãos de tão perversa gente, de que sabia que lhe sobejava malicia pera lhe fazer quanto elle determinava padecer pelos peccadores, sem elle dar causa a seus males.

Teve o Senhor muitas, e gravissimas razões pera assi o querer. Primeiramente, assi como em sua divina natureza he perfeitissimo, assi o quiz ser tanto nas obras, e virtudes, que em sua sagrada humanidade havia de exercitar, que não só ninguem lhe podesse chegar, mas nem imaginar cousa que faltasse. E isto tanto nas obras que mostravam seu poder e grandeza, como nas em que quiz por nós humilhar, e abater sua pessoa. E assi se foram admiraveis as miraculosas obras de seu poder, não o foram menos os excessos de cousas baixas, a que se quiz someter. Porque nas grandezas suas levantava nossa fé, esperança, e amor, e nas baixezas ensinava, e allumiava nossas cegueiras, e erros. Por isso quando chamou todos a si disse de si que a todos recrearia, e satisfaria como fonte de todos os bens; e ensinou que se contentaria de todos, e só d'aquelles que o imitassem por mansidão e humildade de coração (*). Pelo qual já pera levar todos a si abrio os ricos thesouros de grandezas divinas, que n'elle estavam encerradas: assi pera tirar toda escusa de ser imitado, caminhou pelas mais baixas demonstrações de humildade, que se podiam imaginar.

Tinha o Profeta David dito em pessoa d'este Senhor o estremo mais baixo, a que se abateria humilhando-se, que seria até na reputação, e tanto da gente não seria estimado como homem, nem tratado como humano, mas como o mais baixo, e desprezivel bicho da terra, de que senão faz caso algum: e ainda que andasse entre a gente, seria havido, e desestimado pelo mesmo opprobrio, e abjeiçam do povo (**). Opprobrio e abjeiçam do povo são duas palavras cativas em estremo gráo significativas de estado abatido: porque querem dizer mais que affronta, deshonra, injuria, e cousa baixa. Porque opprobrio do povo significa aquillo de que com justa razão todo o povo se pode envergonhar, e correr, e desestimal-o como a mesma vergonha, e affronta da gente. E abjeição do povo he a cousa que merece ser tam desprezada, e esquecida de todos, que ainda he muito pera ella andar debaixo dos pés da gente. Estas são as cousas de sua natureza muito nojentas, peçonhentas, o de que tem asco, e afasta os olhos d'ellas, e as pessoas tam más, e prejudiciaes á republica, escandalosas, que se pode diante de todo mundo o povo correr

(*) Matth. cap. XI. (**) Psalm. XXI.

de se saber que ha tal gente em sua povoação. A este gráo de desestima, e desprezo da sua pessoa quiz chegar a humildade de Christo nosso Senhor, e por isso não se contentou de andar por baixo dos pés dos ministros do Demonio, como mui despresivel bicho da terra, mas que d'elle, e n'elle cuspissem, com os olhos tapados, como cousa nojenta, e indigna de ver, nem ser vista da gente.

D'aqui fica entendida outra cousa, porque o Senhor quiz passar este genero de affrontoso trabalho. Que como elle não padeceo o que passou, só pera satisfazer por nós, muito principalmente pera nosso ensino, e doutrina, quiz n'isto ensinar-nos o modo como nos havemos de humilhar ante Deos pera lhe sermos aceitos. Vemos n'este divino mestre, que porque não tinha cousa em si, que o podesse humilhar, e abater, mostrou a fórma da humildade em se sometter ás baixezas, que com razão lhe quadraram se tivera os males, e culpas dos filhos de Adão. E não ha duvida, que se nosso Senhor commetera os peccados, que lhe assacavam, e os que carregou sobre si, pera pagar por elles, que fora tão máo, e tão prejudicial no mundo, que justamente podera ser desprezado como a propria peste, e perdição d'elle. E já que não cabia n'elle peccado, satisfez as penas d'elles, que á sua conta tomou, pelas proprias cousas, que elles justamente merecem. Por isso soffreo prisões, cordas, juizes, açoutes, e morte. Mas pera saber todo peccador a justa estima, em que seus peccados são tidos diante de Deos, e os elle deve ter, quiz entre seus trabalhos ser cuspido, pera que veja cada hum em si, que em quanto não ha nojo de seus peccados, e se corre ante Deos d'elles de maneira, que devéras entenda que justameute se podem as criaturas correr de ter entre si tão má cousa, e Deos com muito mais razão haver nojo, e asco de tão má cousa, como são seus peccados, nem se sabe perfeitamente humilhar, nem se sabe perfeitamente arrepender dos peccados, que contra Deos fez, e aborrecel-os. D'aqui poderão entender os homens alguma parte do espirito de muitos Santos, que andaram pelo mundo buscando invenções, e ardis de serem tidos por loucos, e publicamente desprezados, e todo seu gosto era serem abatidos, e maltratados: e alguns, nem ainda resistirem a perigos de morte, em que contra justiça se viam. Os quaes tudo isto faziam, porque allumiados de Deos no perfeito conhecimento de si, verdadeira estima, qne natureza tão inclinada ao mal, como a nossa, merece, a tudo o que os podia abater se offereceram, havendo por mais injusta cousa da vida, serem do Ceo,

e da terra soffridos. E quando viam as verdades do que elles mereciam, atormentar, e affrontar ao Senhor, sendo elles perdoados, toda a humildade era pera elles pequena, e todo abatimento pouco. Isto faziam Santos cheios do espirito de Christo nosso Senhor, e de suas virtudes com muito menos peccados, que a mais da gente commete. Pois que conta devem fazer de si, os que desses mesmos peccados levam gosto, e vivem de se satisfazer em todo genero de máo appetite? Huma só cousa lembro a estes, que o Senhor que tanto padeceo, e fez por suas almas, e que por lhes perdoar, e remedial-as, passou estes grandes extremos, que põem espanto a quem n'elles cuida, esse mesmo Senhor vem a desprezar, lançar de si, e condemnar pera sempre essas mesmas almas, que tanto ama: que he manifesta demonstração, que aborrece tanto os peccados, que com gosto commetemos, e cujo mal não estimamos, que por elles se esquece da alma, que tanto amou, e do muito que por ella padeceo, pera não fazer com ella misericordia, e de tudo se lembra, pera que como a desagradecida, e não aborrecida de seus males, executar n'ella sua rigorosa justiça.

Deixando todas as mais razões, que o Senhor teve pera querer passar este genero de affrontas, por huma só não posso passar, que he, pera consolação dos justos: os quaes como sempre estudam em se humilhar, e abater, o mundo, que os tem por contrarios, lhes faz tambem seu officio em os desprezar, e abater quanto póde. E como estes são os de Deos estimados, e queridos, quiz-lhe o Senhor dar em si o melhor lugar, em que se podessem sustentar, quando se vissem como bichos, por baixo dos pés de todos: que he o gasalhado de seu sacratissimo rosto, e sua conversação. Porque como o proprio lugar dos bichos he o cisco, e monturo, quiz o Senhor, que fizesse o mundo de seu purissimo rosto lugar de escarros nojentos, e monturo do mundo, pera que a elle se acolhessem os bichinhos do mundo desprezados, e d'elle mui estimados. Assi disse David d'estes desprezados: «Escondel-os-heis Senhor, no secreto, e escondido de vosso rosto, das perturbações dos homens, e das contradições das lingoas(*).» E não havendo cousa mais descoberta, que será o rosto do Senhor lugar escondido, onde esconde os seus. Assi he, porque n'aquelle rosto do Senhor, tão afeado de bofetadas, e cuspinhos tem escondida, e encoberta a sobresubstancial, e divina sua fermosura, a qual descobre aos seus, que o mundo não estima: de que ficam tão

(*) Psalm. xxx.

prestes, e guardados, que nenhum mal, nem perturbação dos homens, e de lingoas lhes chega. Porque o Senhor ainda que póde ser affrontado, e afeado no de fóra, não póde ser o divino, que n'elle se encerrava, diminuido, mas alli está reservado pera os que se abraçam com a humildade d'aquelle rosto abatido. Por elle, como bichinhos humildes, se metem, com sua quentura, e suavidade se sustentam, ficando de fóra os que com soberba se desprezam de o imitar.

Entre todos estes trabalhos, e escarneos, que tanto desfiguravam o rosto do Senhor, não quiz elle estar tão desconhecido das almas, que deixasse no meio d'elles de mostrar os grandes espiritos, que d'elles podemos tirar, se com fé e amor os tratarmos. Isto mostrou em S. Pedro, o qual tendo prometido com muita confiança de si, de morrer antes que negar ao Senhor, este Senhor lhe disse, que aquella noite o negaria tres vezes antes que o gallo cantasse duas. Assi foi, que em casa de Annás, onde derão ao Senhor a primeira bofetada, que era á meia noite, perguntando a S. Pedro se era discipulo do Senhor, disse que o não conhecia, e cantou o gallo a primeira vez. E em casa de Caifás estando ao fogo com os beleguins e criados da casa, com a mesma pergunta duas vezes negou conhecer a Christo, e ser seu discipulo, com juramento, e pragas, que se lançava se tal fosse. E isto perto das duas horas depois de meia noite, ao tempo, que estavam os Fariseos, Sacerdotes, e Principes dando-lhe bofetadas, e cuspindo no rosto ao Senhor, o qual estava tanto mais occupado em remediar peccados, que em sentimento do que padecia, que sabendo, como Deos que era, o peccado, que S. Pedro no pateo da casa commetia negando-o, e que sem sua luz, e graça o negara até a morte: houve d'elle misericordia, e lançou os divinos olhos interiormente em sua alma, pera que não fosse avante em negar, e se perdesse. Com o interior, com que Deos tocou S. Pedro juntamente cantou a segunda vez o gallo com que espertou, e olhou no mal que tinha feito, e houve medo, e nojo de si: e deixada a má companhia, na qual negára, se sahio com humildade, chorando tantas lagrimas, que mereceo perdão. E era razão que as lagrimas, e penitencia do que havia ser cabeça da Igreja Catholica, fossem o primeiro fruito d'aquelles trabalhos, que o Redemptor do mundo padecia pelos peccadores, pera que todos estivessem certos, que quem não cerrar os olhos da alma á luz, que d'aquelles divinos olhos tão affrontados por nós sahe, experimentará em si que aquelles abatimentos são honra sua, aquelles desprezos de Christo são

alevantamento seu, e aquelles desemparos dos homens são o verdadeiro remedio seu. E pois tudo o que os máos quizeram desfazer em Christo, foi riquezas e melhoramentos nossos, não queira ser ninguem pobre por dureza de coração entre tantas abastanças de bens, que se dão aos humildes.

Exercicio de ser o Senhor cuspido.

Sapientissimo conhecedor de meus males, bom Jesu, e verdadeiro remediador d'elles, dou-vos infinitas graças, porque assi lhe pondes a cura, e remedio como os entendeis, e passais. Eu porque os não sei estimar, tenho meus peccados por leves, e os não sinto quanto elles merecem: e porque não vejo o mal que me fazem não procuro remedial-os. Vós eterna sabedoria, que vedes quam apegados estão a minha natureza meus males; assi como as immundicias velhas, duras, e muito pegadas com outras cousas baixas, e asperas são esfregadas pera se poderem alimpar, assi quizestes que a cura de meus peccados fosse dôr, abatimento e desprezo de mim, pera arrancar o velho amor proprio, e estima do que sei que me aparta de vós. E já que tomastes sobre vós minhas culpas pera as alimpar, quizestes que se fizesse em vós o que mereço se fizera em mim. Eu sujei, vida de minha alma, vossa imagem em mim: eu houvera de ser com outras cousas mais baixas, que as que eu amo contra vossa lei, purificado. Mas vós, Deos meu, pureza infinita, que tendes que alimpar, que assi vos abatestes? Houve outra cousa no mundo mais baixa pera vos abaterdes, que quererdes que cuspissem n'esse sacratissimo rosto e pessoa? e com tantas palavras e injurias, como se vós foreis a peste do mundo, e como a blasfemo, e feiticeiro, e enganador destruidor da Republica, e indigno da conversação da gente, vos cospem, e deshonram, meu verdadeiro bem, e minha eterna bemaventurança. Que ha em vós pera engeitar? que póde em vossa conversação enfastiar? que póde em vossos bens enjoar? que assi cospem estes de vós? Oh meu Deos, que este sou eu, e não vós. Não se pode fazer cousa que não mereça, quem deixa vossos gostos pela torpeza que eu sigo, e quem deixa vossa conversação pelas miserias que eu busco, e quem deixa vossa amizade, vossos suaves, e divinos abraços, vossos bens que me dais e prometeis, por quantas, e quam baixas cousas em lugar d'elles amo e estimo. Eu sou, Senhor, o que de verdade mereço que todas as criatu-

ras em mim cuspam por nojento, e miseravel peccador, e indigno de ser visto, nem ouvido. E vós, infinita misericordia, a mim honrais, a mim poupais, e por mim entregais vosso divino rosto, e a magestade de vossa pessoa abatida, e humilhada a tam baixas injurias e desprezos. Oh Senhor, torne-se isto a mim, já que só vós o tomais sobre vós, dai-me graça pera que interiormente a mim me faça o que vejo fazer a esse divino rosto. Ensinai esta cega alma a haver nojo das corporaes brutezas, enjoar de seus gostos, e cuspir, e enfastiar-se do que tam injustamente de vós a aparta: ensinai-me a aborrecer huma tam baixa cousa como eu sou, pois vos deixo a vós soberana bemaventurança, e infinita riqueza por tam baixas cousas como amo. Não faço isto, Senhor meu, se não porque de meu sou baixo, e terreno, e pela culpa muito mais torpe, que não sei amar senão o que comigo se parece. Mas vós, Deos de minha alma, pois pera outros bens me criastes, criai de novo em mim os fruitos d'esses cuspinhos, e escarneos. Pera me levantardes, Deos meu, vos abatestes, e pera me ensinardes em quam baixa conta me hei de ter, e quam pouca estima devo de ter tudo o que de vós me aparta, quizestes que n'essa baixa tivessem vossa pessoa, e rosto sacratissimo, e que como em monturo do mundo se lançasse n'elle a mais nojenta cousa de todas. Ou duro coração, que vejo, e creio isto, e me mostrais, e tenho-me que não vou por essas praças a que que todos conheçam quem sou, e me tratem como fostes vós por mim tratado; mas em lugar d'isto fico ainda estimandome, não ardendo por me vêr, como vos vejo? Oh baixeza minha mettida dentro no intrinseco d'esta alma! Quando Senhor, me levantareis do lodo, quando me desapegareis de mim, que me veja, e me aborreça? Mandai, Senhor, vossa luz, e verdade, que me allumiem, e me guiem, e me tirem fóra de mim, e me ponham em vós: porque só estando em vós poderei começar a haver medo, e nojo de mim. Vós Senhor, que me vedes, e conheceis, que mais podeis fazer por mim, que mostrar-me em vosso divino rosto, e pessoa qual eu estou dentro de mim, e como me hei de tratar? Ai, miseravel de mim, que nem me sei sentir, nem posso comigo. Misericordia Senhor, misericordia, bom Jesu.

Com quanta verdade, Senhor, dissestes por David que sois bicho da terra, e não homem (*), e que sois opprobrio, e o baixo do mundo, e do po-

(*) Psalm. XXI.

vo, pois não só vos fizestes hum bicho desprezado, que todos pisam, e com quem todos se atrevem, que ninguem estima, e que a pequenos, e grandes, máos e bons, brutos e homens, está sugeito, e anda por baixo dos pés de toda criatura, como vos vejo agora tratar d'esta gente, meu Rei, e Senhor da gloria: mas ainda de vosso sacratissimo rosto, e pessoa quizestes fazer lugar de tão nojenta cousa como escarros. Oh thesouro do Ceo! Oh Filho do Eterno Padre! achastes outra cousa mais baixa a que vos comparar? Sei que se a houvera, lá vos abaterieis, e a ella vos abraçarieis. Todo sois esse meu Senhor, desde que nascestes até morte. Eu quando muito conheço-me por monturo do mundo na estima, porque o sou de dentro, e de fora, e n'isso hei de vir acabar. E se n'isto estou firme, e sem mudança, dizem que então parece que sou humilde. E vós, Deos meu, vós soberana, e infinita Magestade, que na estima vos não podeis ter por menos do que sois, mudastes a estima em obra nas abatidas cousas a que vos abaixastes humildemente. Que vos darei, Senhor, por quanto por mim fizestes? Bem sei, Senhor, que não tenho que vos dar, mas sei o que quereis. A mim só, Deos meu, quereis. Pois vida de meu coração, que me não tomais? Não sou eu vosso? Deixal-o por ventura de fazer porque sou livre, e não me quereis fazer força. Oh mal empregada liberdade em mim, que me não aproveito d'ella senão pera vos fugir, e me perder! Pois Senhor, já que esperais que eu me entregue, eis-me aqui, meu amor, eis-me aqui, vida de minha alma. Passai esses escarneos em mi, tratai-me á vossa vontade pera vossa gloria, pois até aqui me tratei á minha pera vossa deshonra. Eis aqui n'esta hora me offereço quanto de coração posso em vossas mãos, e a vossa providencia. Fazei de mim o que quizerdes, cortai, castigai, atribulai, abatei, alevantai, como vós fordes mais servido: minha liberdade vos entrego, e só vos peço, Senhor, que nunca mais saia d'essas mãos sacratissimas. Oh meu bom Jesu, entregai-vos d'ella por vossa misericordia, e confirmai-me n'esta vontade, perfeiçoai-me n'ella de maneira, que d'esta hora pera sempre fie de vós, que tudo o que me vem, vós o ordenais como quereis, e que isso me cumpre: nem queira outra cousa: nem d'ahi por diante mais vos fuja, nem me aparte de vós.

Tende, Senhor, por bem de me allumiar, e ensinar huma cousa, que minha alma quer de vós saber: e pois já tivestes por bem ser meu mestre, nem quereis que d'outrem aprenda, ensinai Senhor meu, minha rudeza, já que, Senhor meu os bichos do monturo e esterco nascem, e d'elle se mantêm,

e vós quizestes abater-vos tanto que ficasseis o monturo do mundo: por ventura Deos meu, he isto quererdes que pois eu sou bicho, feitura de vossas mãos, que me não mantenha senão de vós? Por ventura Senhor, assi como nascestes n'huma manjadoura entre animaes, pera que os homens que se tornaram de celestiaes brutos nos desejos terrenos, e cubiça, se mantivessem de vòs nas suas manjadouras: assi esta alma acostumada a monturos, e baixezas quizestes que de vós baixo e humilde se mantivesse. Entendo, bom Jesus, que não he outra vossa tenção. Por isso, porque vossa grandeza não espantasse a baixeza d'este miseravel bicho acostumado a monturos, e a torpezas terrenas, quizestes que vos visse eu, baixo, e feito o desprezo, e nojo da gente, pera que me pegasse a vós, e ahi baixo gostasse de vós, já que perdi o sabor, e gosto da vossa grandeza por minha miseria, baixeza, e culpa. Oh verdadeiro amigo, e remediador de minha alma, que assi vos acommodais a tudo o que eu sou, e hei mister!

Já viestes a mim, porque eu não podia ir a vós, já vos pagastes, e vos satisfizestes em vós de meus males, porque eu não podia satisfazer por elles. Já fizestes de vós mil manjares, pera que eu de toda a maneira gostasse de vós: agora pera que nada vos ficasse por fazer, vendo-me tão amigo das baixezas de tão terreno mundo, vos fazeis lôdo d'elle, pera que ahi me ceve, ahi me empolgue, ahi me mantenha: e ainda que em figura de lodo, todavia a vós coma, a vós possua. E que he isto verdade, e não me derreto todo em vosso amor, e não me apego a vós, e não me abraço comvosco, e não me abrazo, e ardo em desejo de vós? Cumpristes, Senhor, o que dissestes por Isaias, que nos darieis hum pãosinho muito apertado, e huma agoa muito estreita, que por pouca parece que será charco sem corrente(*); e que com este mantimento verião nossos olhos sempre nosso verdadeiro Mestre, e nossas orelhas ouviriam a suave voz do que anda sempre apoz nós ensinando-nos, e chamando-nos. Vós sois este, meu Senhor. Quanto mais mantêm esta vossa estreita baixeza, e a vossa suave agoa, que n'este abatimento parece lodo encharcado, que tudo quanto fóra de vós posso ter? Pão do borralho era o que comeo Elias, mas com sua fortaleza, e virtude andou quarenta dias até o monte onde vio o Senhor. Aqui, Deos meu, está vossa fermosura escondida n'esta feia cinza: aqui vossa grandeza n'esta baixeza: aqui vossa gloria n'este abatimento. Podem-vos os cuspinhos, escarros, injurias, e escar-

(*) Isai. cap. xxx.

neos, encobrir, mas não diminuir, nem desfazer. Aqui vos adoro, meu Deos, meu Rei, meu fermoso, meu suave, meu doce e gostoso mantimento. Oh quando vos comerá esta alma, quando só de vós gostará, e se manterá? Vós sois a verdadeira arvore da Sabedoria, cujo mantimento dá todo o conhecimento e luz.

Vós sois a verdadeira arvore da Vida, que restaurais todo o perdido, e gastado. Mais mantêm o que em vós parece pobre, que o que parece perfeito, e são no mundo, e na carne: a vossa tosca cortiça, a vossa seca casca, a vossa engelhada folha, tem suavissimos cheiros, e dá saborosissimos fruitos, que a vã flor e falsa frescura do mundo não conhece. Quando, meu Senhor, me levareis todo apoz vosso cheiro, e sabor? Muda-se o mantimento da terra na sustancia de quem o come, mas se minha alma gostar de vós todo me mudarei em vós. Oh quando virá já esta mudança! Fazei-me, Senhor, abraçar com esses escarneos vossos, com esses abatimentos, imitai-os, desprezar-me a mim mesmo por vós, e aborrecer-me, e estimar-me por quam baixo sou: e por tal querer ser conhecido, e tratado de toda criatura. E quando vós assim o não ordenardes, dai-me, Senhor, que na estima do coração verdadeiramente n'esta conta me tenha, pois aqui estais escondido, e aqui vos achará quem vos buscar, verdadeira gloria, honra, e amor das almas.

Oh Rainha dos Anjos, serva humilissima d'este Senhor, que por experiencia sabeis quanto tem d'elle quem por elle se humilha: a vós escolheo pera si, quando se quiz fazer bichinho, porque vos achou verdadeiramente humilde, e baixa em vossa estima. Vós, Senhora, a que tantas, e tão altas, e soberanas mercês não poderam levantar da pouca conta, e estima, em que vos tinheis, e mais que todos conhecestes este Senhor encoberto em suas baixezas; lembrai-vos d'este peccador, pois pera nós, e não só pera vós recebestes tantos bens. Valei n'esta hora a este peccador: levantai-me do lodo de minhas culpas: abatei-me da soberba de minha vaidade: prendei-me aos pés d'este Senhor: alcançai-me sua luz, pera que sempre o conheça; graça, e força pera que sempre o imite; estima de sua humildade, pera que com elle me pareça: e suppri vós tudo o que me falta. Oh meu Anjo da guarda, oh todos os Espiritos bemaventurados, que vos mantendes da magestade, e grandeza do rosto d'este Senhor já descoberto! Oh Cidadãos da gloria eterna, que fostes baixos peccadores, e por experiencia gostais dos frutos d'estas verdades,

e por este caminho, e imitação da baixeza d'este Senhor estais tão ricos, e tão cheios d'elles: compadecei-vos d'este miseravel, que não mereço ser ouvido sem vossa intercessão. Ajudai-me, e alcançai-me do Senhor perseverança até á morte n'estes desejos, que agora me dá, de o imitar: e huma faisca d'este divino fogo, que vos abraza, e tem embebidos, e de todo n'elle transformados, pera que elle me mude todo á vontade d'este Senhor. Amen.

TRABALHO XXXIII

Do Carcere.

Cansados (posto que não satisfeitos) os Principes do povo, Sacerdotes, Letrados, e Fariseos de affrontar ao Senhor, e atormental-o com muitos falsos testemunhos, bofetadas, e cuspinhos, e outras muitas invenções de injurias, em que tinham gastado parte da noite: determinaram recolher-se a suas casas, e deixar o Senhor a bom recado, pera se tornarem a jnntar em amanhecendo, com novos ardis de affrontas, pera dar ordem como seria accusado ante Pilatos, e crucificado. Bem se póde crer, que n'aquella parte da noite, que ficava por passar, não deixaria a malicia repousar aos inimigos do Senhor, mas toda lh'a fariam gastar da presa, que em casa de Caifás deixavam, que lhe não sahisse das mãos, e em achar novas maneiras de satisfazer o mortal odio, que lhe tinham. Porque assi como a malicia, nunca se dá por vencida, como diz S. Chrysostomo, ainda que se veja da razão, e verdade convencida (*): assi por mais cansada que se veja, nunca se dá por satisfeita, até não ver todo mal, que deseja. E tem o coração humano, determinado em mal, e da graça de Deos desamparado, semelhança do inferno, e do fogo, que por mais que atormente, e abraze, nunca sabe dizer, basta. Pelo qual não só tinham estes máos perdida a compaixão (tão natural ao humano coração) de qnam maltratado deixaram o Senhor, mas vendo tão desejado começo á furia de seu odio, e malicia, que tanto desejava arrebentar, estavam com muito mais acceso cuidado dos males, que lhes ficavam por fazer ao Senhor, que lhes fazia parecer a noite mui comprida. Seriam duas horas depois de meia noite, quando se recolheram a suas casas: porque á meia noite esteve o Senhor em casa de Annás, onde S. Pedro o negou, e o gallo cantou a primeira vez: e em casa de Caifás, onde logo foi levado, se gastaram as duas horas, em falsos testemunhos, e affrontas, que se fizeram ao Senhor, até que o gallo cantou, a segunda vez depois da terceira negação de S. Pedro. Da qual casa allumiado, pela graça do Senhor, sahio logo a fazer penitencia, e aquella perversa companhia, a recozer sua malicia, e o Senhor, posto em boa guarda, até pela manhã. E porque estavam os inimigos de Christo nosso Senhor, mui confirmados

(*) Chrysost. Orat. 9. tom. v.

na falsa, e blasfema opinião, que d'elle tinham de feiticeiro, de nenhuma guarda se fiavam. E por isso o encarceraram, ou em carcere, que na casa haveria (como em partes havia, nas casas dos principaes officiaes de justiça, n'aquelle tempo) ou em alguma casa segura, e de resguardo. Não fiaram d'elle, ficar solto, e só, mas com as mãos atadas atraz, e corda á garganta, e preso a alguma parte bem segura, o entregaram á companhia dos beleguins, e gente que o prendera, pera que o guardassem, e vigiassem, até pela manhã: que n'aquelles dias do equinocio vernal começava com a sahida do Sol, ás seis horas, que então chamavam hora de prima. E ainda que as horas foram poucas, tão acompanhadas foram de trabalhos, e affrontas, que o Senhor n'ellas padeceo, que passaram pelo trabalho de largo tempo, d'outros encarcerados. Porque a casa devia ser das mais somenos, e sujas, que houvesse n'aquellas pousadas: o modo de estar atado, e preso, sem nenhum refrigerio: o logar tal, que nem onde encostasse a cabeça teria o Senhor. E como estava o innocente Cordeiro, desvelado da noite, e quebrantado da grandissima tristeza, e agonia, que teve no horto, e muito mais das muitas pancadas, punhadas, bofetadas, e affrontas, que tinha passado em sua prisão, e caminho, e casas dos juizes máos, foram aquellas poucas horas pera seu sacratissimo corpo (tão necessitado d'algum refrigerio, e descanso, pera o que tinha por passar, que até n'ellas faltou) de immensissimo trabalho, quebrantamento, afflicção, e tormento.

Além d'isto aquella perversa, e deshumana companhia de beleguins, e gente que o guardava, como lhe estava mui encommendado que o guardassem bem, per enlear o desenvolvimento da vigia, todas aquellas horas gastariam em affrontar, e atormentar ao Senhor. Porque por huma parte, o Demonio os atiçava, pera ver se podia quebrantar a paciencia do Cordeiro, que ainda não conhecia de certo ser Filho de Deos, e o tinha maravilhado vel-o tão invencivel: e por outra parte he aquelle genero de gente tal, que em casos semelhantes, a nenhum desaforamento perdoa. Pelo qual bem se póde cuidar, que nenhum genero de jogo deixariam de inventar sobre o Senhor, pera mais o atormentar, e escarnecer com festas, saltos, apupos, palavras desconcertadissimas, e despropositos doudissimos, e injurias affrontosissimas. Não faltariam alli de novo bofetadas, cuspinhos, arrepellões, couces, pescoçadas, e renovar todas as affrontas, que lhe eram feitas, e lançar em rosto tudo o que lhe era assacado, com outras novas invenções de injurias, que acrescentavam.

Ajudava-os muito saberem o gosto que n'isso davam aos inimigos do Senhor, que alli os deixaram, e cada hum se refinava em novos artificios de escarneos, por ter ao outro dia que festejar, e contar aos Principes, Sacerdotes, e Fariseos, que desejavam grangear. Tambem se póde cuidar (como costuma ser em casas grandes, qual a do Summo Sacerdote Caifás, e em casos tão novos, e que dão muito que fallar á gente, como foi a prisão do Senhor) que recolhidos seus inimigos, e despejada mais a casa, as mulheres, meninos, cosinheiros, e gente baixa d'ella, toda iria ver a Christo nosso Senhor, por espanto, e maravilha. E como hiam todos já com aquella falsa opinião de serem descobertas suas feitiçarias, e enganos, e estava profetizado que haviam de faltar ao Senhor em sua paixão consoladores, e entranhas, que d'elle se compadecessem (*); em lugar de lhe dizerem palavras que o consolassem, como se faz aos desconsolados, cada hum lhe cuspiria, e abanaria a cabeça em desprezo, e lhe chamaria traidor, enganador, feiticeiro, com grandes espantos, como podia fazer tantos milagres: e lançar-lhe em rosto todas suas divinas obras, como feitas por arte do Demonio. E muitos outros escarneos, que as orelhas do innocente cordeiro ouviam, e magoavam seu purissimo coração, e envergonhavam, e affrontavam aquella divina pessoa digna de toda adoração. Em fim tal foi tudo o que o Senhor padeceo, que alguns Santos o contam por hum dos maiores trabalhos, que o Senhor teve em sua Paixão: e dizem que passaram por isto os santos Evangelistas, como por outras muitas cousas, que de seu, parece que estavam entendidas, pera o deixarem á consideração da fé, e do amor: mas que no dia do juizo se descobrirá, e não parecerá menos o que os santos Evangelistas calaram, que o que escreveram: e veremos que d'aquelle pego sem fundo de amor, não podia sahir menos que outro pego immenso de trabalhos penosissimos, que lingoa, nem penna, podem declarar que o Senhor padeceo. Basta o que a sagrada Escritura o compara a tempestade de mar sem fundo, em que Christo nosso Senhor se alagou, ainda que n'elle se não perdeo.

Entre todas estas affrontas estava o Redemptor do mundo calado, ouvindo, e soffrendo, e dispondo-se pera muito mais padecer. Porque por grandes que sejam as forças da malicia pera fazer mal, muito móres são as do amor, pera padecer pelo amado. E como elle amava com amor infinito aos homens, e aos proprios, que o atormentavam, no tem-

(*) Thren. cap. 1.

po que os inimigos, que eram recolhidos a suas casas, se desvelavam em imaginar artificios pera satisfazer seu odio: e os que o guardavam se refinavam em modos de o quebrantar, e affrontar: estava o coração de Jesu cevando seu amor no que padecia, e inflammando-se em desejo de muito mais padecer. Não havia cousa que podesse perturbar o animo do Senhor: mas assi dava licença a seus corporaes sentidos, e corpo pera sentir, e lhe doer muito, tudo o que o podia muito atormentar, que seu espirito ficava quietissimo, fazendo o officio de Salvador do mundo com toda efficacia, e inteireza diante do Padre Eterno com ferventissimas petições, e liberalissimas offertas, de tudo o que padecia, pelo remedio dos peccadores. E como estas tres, até quatro horas, ante-manhã, são as mais proprias pera a oração, e de que mais usam os servos de Deos, depois de terem dado algum repouso a seu corpo, tem huma grande, e singular companhia no Senhor. Porque, padecendo por huma parte o desvelamento da noite, e os incomparaveis, e immensos trabalhos que seus inimigos lhe davam, se estava por outra regando em lagrimas, mal entendidas dos que o viam, e arrebatando-se em abrazadissimos excessos de oração, e amor, por todos os que seu amor tomou á sua conta, pera os redemir. E como nenhum se póde d'este numero eximir, tem cada hum n'elle companheiro de que se ajude, mercês immensas que agradeça, dôres que lhe ajude a sentir, fogo de amor com que se inflamme, e frutos de seu espirito divino que recolha. E além de tudo, hum coração leal, e amigo, que se quiz passar seus trabalhos, sem ter quem o consolasse, e se compadecesse d'elle, não está cerrado pera receber agora a compaixão dos espiritos devotos, e o gasalhado, e consolação, que o amor da alma lhe quizer dar: que elle não menos agradecerá, e satisfará, que se na hora de seus trabalhos se lhe déra.

Nesta interior occupação, que o Senhor teve com ferventissima oração, em tudo o que no dia da sacratissima Paixão padeceo, ensina aos atribulados filhos de Adão, que vivem em continuos trabalhos da vida, onde hão de achar, e qual ha de ser o certo, e verdadeiro alivio d'elles: que he em Deos, e pela oração. Porque duas cousas nos fazem os trabalhos da vida mui pesados, incuraveis, e insoffriveis. Não reconhecer a mão d'onde procedem pelo peso, e medida que nos cumpre, e recorrer tarde ao verdadeiro remediador d'elles, que he o mesmo Deos que os dá. Toda, ou a mór parte da occupação da vida he fugir trabalhos, e buscar descanso: mas como a terra he degredo do Ceo, são tantos os

inimigos, tantos os podres da natureza, tantos os males que a cercam, que he impossivel fugir do que tanto nos segue, como são trabalhos, nem chegar ao que tanto nos foge como he descansar nesta vida. E a mais da gente que vive descuidada da conversação de Deos, quando se vê cansada do que forçadamente ha de padecer, não sabe olhar pera o author de todas as cousas: mas ou lança seus trabalhos á fortuna, e mofina sua; ou se queixa dos homens, e dos desastres, ou se remedea por via, e cousas muito mais trabalhosas, ou se está comendo com raivas lançando a culpa a huma cousa, ou outra, de que por mais que faz senão pode livrar. E assi vai de tombo, e tombo caindo cada vez em mais incuraveis trabalhos, e desgostos que fazem a vida muito mais cansada. E os meios que ordinariamente se tomam pera alivio, são passatempos, ou perdição dos tempos, que pera viver sempre parecem curtos, e pera grangear o Ceo são necessarissimos. E por nossa grande desaventura enleamos o tempo, e trabalhos delle com cousas que fazem a hora da morte perigosissima, e que não tem melhor seguro que dores entranhaveis dos gostos, com que quizemos aliviar os trabalhos. Os que conversam a Deos, e se vem na vida do Redemptor do mundo, pera della aprender o que lhe cumpre, com a certeza da fé, tem que estão da mão de Deos, presos na terra de trabalho pera merecer o Ceo, em sentindo a afflicção, e trabalho, de qualquer parte nasça, logo adoram a paternal mão do Senhor, que assi o ordena, e fiam-se de sua bondade, e amor com que tudo faz: e com as mesmas impaciencias e fraquezas da natureza vão beijar a mão, que os castiga, e tudo entendem que ella lhes manda, ainda que sejam cousas claramente inventadas da humana malicia. Porque bem sabem, que o humano coração inventador das malicias contra os proximos não tem jurisdição pera lhes chegar, senão quando Deos abre a porta ao trabalho pera proveito de sua criatura. E ainda isto he com tal cautella, que não lhe pode tocar senão de fóra, porque o interior livre só he reservado pera Deos. Com esta certeza da fé se offerece o servo de Deos no meio de seus trabalhos ao Senhor, com elle negocea, a elle levanta seu coração com puro amor, e leal sugeição. E porque da mão de Deos toma tudo, e a Deos por fervente, e pura oração se vai com tudo, servem-lhe os trabalhos, por onde os descuidados de Deos se perdem, de estrada certa pera Deos, de mortificação das demasias, gostos, e vadices do corpo, de minas de merecimentos, de companhia de Christo atribulado, e de occasião de andar sempre apoz esse

Senhor, em que só está verdadeira consolação. E assi enfastiados da vida, desejosos do Ceo, solicitos de contentar a Deos tem elles sós a consolação, que na vida se pode ter, como vespera, e começo do que pera sempre possuirão.

He esta materia na Sagrada Escritura, e doutrinas, e vidas dos Santos de que mais largamente se trata: mas com huma só clara prova me contento, que a experiencia tem assaz mostrado: Que se coteje o esquecido de Deos, e amigo de si com o amigo de Deos, e descuidado de si, e posto em suas mãos por seu amor nos trabalhos, e nas consolações, nos contentamentos, e nos desgostos, que nesta vida tem; e em quem se sentir ventagem, esse se tenha por acertado. E qual delles achar em si com trabalhos, por móres que sejam, móres contentamentos interiores d'alma, esse cuide que deo na verdadeira estrada do descanso seguro, que na vida se pode ter.

Exercicio do Carcere, que o Senhor padeceo.

Onde vos poem, meu Senhor, sem o vosso peccador? Onde vos prendem deixando-me a mim solto? Que he isto, Senhor? em ferros estais, amarrado com cordas pelos pés, e pescoço? não sois vós, meu bom Jesu, o forte, e o invencivel? não sois vós, de quem David se gabava, que louvava, e servia hum Senhor, que soltava os atados, e presos? Não sois vós o que os Judeos quizeram muitas vezes apedrejar, e prender, e não poderam? Pois meu amor, fortaleza de meu coração, já enfraquecestes? Está por ventura vossa fortaleza nos cabellos como a de Sansão? ou como vos poderam estes máos encarcerar, e ter aqui preso? Oh verdadeiro amador das almas, a quem só o amor pode prender, deter, e encarcerar, que assi vos entregais a tudo por meu amor e remedio, adoro, louvo esse eterno amor que me tendes. Adoro-vos, por quam incansavel estais pera soffrer tudo por mim, e não repousar, até de todo acabardes as obras por onde determinais remediar-me. Não tornareis sequer, estas poucas horas, ante manhã, de repouso, pera descansardes dos trabalhos, que tendes nesta noite passado, e poderdes com os que haveis este dia de passar? Os trabalhadores, os animaes, as aves, os caminhantes, tem a noite pera descansar, e em vós, se ha de gastar em tantas bofetadas, pancadas, e affrontas, como aqui estais passando? Trocai, Senhor, mandai-

me prender a mim, e descansai vós. Mas já que não quereis, e aqui vos tenho preso, antes que daqui vos levem, lançai vossos piedosos olhos em mim, vede meu coração, que por vós suspira, por vós brada. Olhai, Senhor, minhas necessidades, e valei-me neilas: dai-me espirito pera vos acompanhar, e sentir vossas dôres, e imitar vossos exemplos, e virtudes. Os que roubam, e furtam não sabem tomar descanso de noite por alcançar o que desejam. Mas vós, meu bom Jesu, que necessidade tendes da noite pera vossas obras, pera nella não descansardes, em quanto as não vedes acabadas? Se quereis, vida da minha alma, espiar de dia e de noite meu coração, pera ver se achais hora pera mo roubar, não vos desveleis, Senhor, eis-me aqui, tirai-me das mãos de quantos peccados me possuem, prendei-me ahi comvosco, e descansai. Reclinai essa cabeça neste coração, e repousai: ouvi as vozes, que vos dão minhas necessidades, e o desejo de meu coração, pera não sentirdes tanto as injurias, que da boca destes malvados ouvis. Não attenteis, Senhor, pera essas blasfemias, que vos dizem, mas pera a fé, que neste coração plantastes, com a qual, e com quanto amor posso, vos adoro por meu verdadeiro Deos, meu pacificador, meu unico mestre, e meu poderoso Salvador. Esquecei-vos, Senhor, do trabalho, que essas cordas vos dão, pois com ellas me podeis soltar de meus vicios, que tanto desejais. Não vos lembre, Senhor, a deshumanidade, e crueldade d'esses corações, em que não achais huma brandura de compaixão dos trabalhos que vos vem passar: virai os olhos a este vosso peccador, ainda que máo, que vós com vossa fé allumiastes, que nesta hora deseja consolar-vos, e tomar sobre si vossos trabalhos, e agasalhar-vos dentro em si.

Descansai, Senhor, aqui nesta alma que vós acendeis em vosso amor, e ainda que a casa pera vós he tão miseravel como vedes, todavia a vós só deseja por Senhor, e perpetuo morador Entrai, Senhor, e descansai neste coração estas horas que aqui tendes de prisão, e ainda que vos não mereço, são horas poucas, conheço-vos melhor que estes perversos, por meu verdadeiro, unico, e soberano bem.

Nestas poucas horas me podeis cativar de vosso amor, e levar-me preso apoz vós pera vos ajudar a passar os trabalhos deste dia. Oh meu bom Jesu, o que nesta hora desejo não o sei dizer, e vós o sabeis, e pois vós plantais em mim estes desejos, fartai-os como podeis: enxergue-se, Deos meu, em mim a virtude deste carcere, e prisões, destas injurias que soffreis, e d'esse amor em que por mim ardeis, e com que tu-

do padeceis: e inda que eu a tudo tenho dado causa, mostrai em mim quanto mais poderosa he vossa misericordia, que minha culpa.

Não duvido, minha verdadeira saude, da força do amor que me tendes, e da grandeza de vossa misericordia com que desejais perdoar-me, e receber-me a vosso amor: mas desconfio de mim, e do costume que tenho de peccar, que me aparte de vós, e me faça desmerecer vossas mercês. Mas pois, Senhor meu, nos deixastes a dôr, e arrependimento por remedio de nossos males, por essas prisões, meu bom Jesu, vos peço, que vos esqueçais do trabalho que esta má gente vos dá, e antes que daqui sahiais ouçais minha confissão, que como peccador vos offereço. Perdoai-me, Senhor da minha alma, a causa, que tenho dado de estardes aqui encarcerado e preso: porque sei que meus peccados vos tem aqui tão maltratado e atado. Havei piedade, Senhor, da vádice de meus pensamentos mais soltos que hum vagabundo perdido. Prendei-os, Deos meu, a vós, e amarrai-os que não andem por tão perdidas cousas como sempre tratam. Accuso a vós, meu Redemptor, a soltura desta minha lingoa tão ligeira pera tudo. que faz mal a esta alma. Accuso a vós o meu unico remediador, a soltura de meus sentidos, que tão longe afastam esta alma de vós. Accuso, meu verdadeiro Salvador, a frieza do amor que vos devo, o grande descuido deste coração que pera vós escolhestes, a liberdade d'esta vontade tão distrahida por affeições contra vossa lei, e serviço.

Todo, Senhor, de dentro, e de fóra me condemno ante vós, porque de tudo o que me destes com a liberdade do alvedrio, em que me pozestes, usei mal: oh quam mal, oh quanto contra vós! Havei, Senhor, piedade de mim; mandai, Deos meu, a esses que me prendam, pois vedes que livre me perco. Oh quem nunca se vira livre pera mal! Oh quem se vira antes preso por vós, que livre apartado de vós! Já que, Senhor, a soltura de minha liberdade, e vicios vos trouxeram a tantos trabalhos, dai-me companhia nelles. Nesta hora, esperança minha, vos entrego minha liberdade: vossa he, pois ma destes: e mereço perdel-a, pois usei mal della: e pois ma vós não tirais, razão he que vol-a torne a vós, pois he dom vosso. Aqui vol-a entrego meu Deos, e meu Senhor: entregai-vos com misericordia della: tomai-a bom Jesu, não me deixeis mais usar mal della. Não ma solteis ainda que vol-a peça, nem a fieis de mim por quam trédor vos sou com ella.

Vós bom Jesu, que sois caminho, verdade, e vida fallai por minha boca, vede por meus olhos, ouvi por meus ouvidos, movei todos os meus

sentidos á vossa vontade, levai a vós meus pensamentos, assentai-vos em meu coração, cativai-me a vossa vontade, e tudo o que de mim quereis fazei em mim. Aqui me lanço, Senhor meu, a vossos pés como a Magdalena, beijo com todo meu coração estas cadeas, e prisões, adoro estas injurias, que vos aqui fazem, pois pera meu remedio as soffreis. Oh se me prendesseis com as cordas de vosso amor, e com ellas vos tivesse comigo preso! Oh se ouvissem os ouvidos de minha alma a voz desta suavissima boca, que ahi vejo tão soffrida, e calada, e me dissesseis que me são perdoados meus peccados, porque amei muito! Oh quando chegará esta hora! Oh quam facil vos será, bom Jesu, amostrar-ma! Não caleis, Senhor, a minha alma nesta hora, ainda que calais a tudo quanto vos fazem: não caleis a este coração que vos deseja: dizei Senhor, huma palavra com que me prendais a vós: dizei a este coração: Eu sou tua saude (*). Bem creio que o sois, esperança minha, mas desejo que sinta meu interior que o dizeis, porque vossa secreta voz he suave, penetrará o intimo deste coração, e levará as forças desta alma presas a vós. He verdade que vosso calar e padecer falla, e condemna meus males, e alevanta a vós meu desejo. Mas vós, divina palavra, fallai de dentro, e sinta-vos, e entenda-vos esta alma, e fique presa da suavidade, luz, e verdade de vossa voz. Lembrai-vos Senhor, que dissestes pelo Profeta Oseas, que nos havieis de levar a vós com as cordas de Adão: e os laços e nós seriam de amor, e charidade (**): eis-vos aqui Senhor meu, com as cordas de Adão: esta humanidade sacratissima, essas bofetadas, injurias ferros, e prisões: esses peccados de Adão, e de seus filhos, e meus, que sobre vós tomastes, e estais pagando, e nessas prisões satisfazendo, cordas de Adão são.

Pois amor de minha alma, que he dos nós da charidade? Como ando eu fóra dessas cordas? Como ando livre por quantos males quero? Quem empeçou estas cordas, que me não chegam, nem me prendem? Estirai já Senhor, essas cordas de amor, e fazei que me cheguem, e me prendam a vós, atai-me com seus laços, e nós, e levai-me com ellas apoz vós, e nunca de vós me aparte. Fazei-me Senhor, sentir, e estimar vossas dores, e andar apoz vossos passos, não queirais passar por mim debalde tantos trabalhos. E pera o que não mereço vos ponho diante essas cordas, e prisões, e o amor com que as soffreis, e desejais minha saude.

Oh se me fizesseis digno de entender, Deos de minha alma, a occu-

(*) Psalm. XXXIV. (**) Oseas. cap. I.

pação d'esse coração nestas horas, que vos vedes preso, e em que tão mal vos tratam os que vos guardam! Esses perversos todos seus sentidos, e desejos occupam em vos atormentar e affrontar: e vós, esperança da minha alma, o corpo, e seus sentidos entregais a padecer, e a alma, e seu interior occupaveis em cousas divinas, e soberanas pera remedio d'esses vossos atormentadores, e de todos os humanos, por quem padeceis, e pera esforçar vossa sagrada humanidade, pera poder com quantos tormentos ha de passar. Oh meu Deos, e meu Senhor, quanta verdade dissestes, que acharão em vós refrigerio os que a vós se acolhessem! Nunca me vai mal chegando-me a vós, nunca me vai bem sem vós: se meu interior se esquece de vós, qualquer trabalho pequeno me afoga, e se fujo com esta alma pera vós por grandissimos que os trabalhos sejam, não me espantam: como me póde minha fraqueza ser forte sem vós, minha divina fortaleza?

Por isso canso, Deos meu, por isso me afflijo, por isso me desconsolo nos trabalhos, porque os quero remediar sem vós: e não vou a vós senão depois de afogado delles. Comvosco toda aspereza he suave, todo o trabalho leve, toda a afflicção alegre, porque com vossa presença allumiais nossas trevas, e enriqueceis nossas pobrezas. Ensinai-me, Senhor, a me hir a vós com todas minhas cousas, a me fiar de vós, a passar todos meus trabalhos comvosco, e me não espantar de nada, nem haver medo de nada estando em vossa companhia. E pois vós no cuidado que de mim tendes nunca dormis (*), ensinai-me a trazer sempre no meio de todas as perturbações da vida meu coração posto em vós, e não querer outra consolação senão a vossa: pois vós sois o meu verdadeiro consolador, e só sabeis minhas necessidades, e as podeis remediar.

Oh Virgem Sacratissima, Madre de Deos, amparo dos que a vós se chegam, apresentai minhas necessidades aos olhos deste Senhor: e pois a soltura deste coração he a raiz de todos os meus males, alcançai-me as prisões de seu amor, e os nós da charidade, que me levem sempre a elle, e apoz elle. Oh Corte celestial tão segura, e tão livre dos trabalhos desta vida, tão presos, e tão abrazados do amor deste Senhor, lembrai-vos dos desterrados filhos do Adão, levai lá a vós este coração, pera que dessa companhia traga do fogo em que ardeis. Amen.

(*) Psalm. cxx. Matth. cap. xi.

TRABALHO XXXIV

Ser levado pelas ruas de Jerusalem affrontado.

Rompendo a manhãa da sesta feira (dia que havia de ser pera Christo nosso Senhor trabalhosissimo, e pera seus inimigos de muito gosto, e pera todo genero humano de todo seu remedio) recebeo cada hum destes sua primeira luz com bem differentes pensamentos; porque Christo nosso Senhor, que tinha muito por padecer, houve aquella alva por mais graciosa de quantas o Sol allumiou: pois entrava o dia, em que seu amor, que sempre nelle ardia, havia de acabar de dar de si perfeitissimas demonstrações, nas divinas obras, com que o genero humano havia de ser remediado. E como por este dia esperava pera soltar a força de seu amor, que trinta e tres annos trouxe represada (ainda que havia de ser á custa de sua sagrada humanidade) não o teve em todos elles pera seu espirito mais alegre: pois nelle havia de ter suas victorias, ajuntar o Ceo com a terra, someter a si todos os corações dos escolhidos, redemir todos os peccadores, e dar a todo genero humano escala franca de todos seus eternos e infinitos thesouros.

O mundo vio este seu bemaventurado dia, tão cego, e ignorante de quantos bens nelle havia de receber, que nem o soube conhecer, nem esperal-os com desejo: tal estava, e tão perdido. E os inimigos do Senhor que toda a noite estiveram ardendo em malicia, e eram deixados da mão de Deos pera serem ministros do Demonio nos males, que a Christo haviam de fazer, e executores, sem o entenderem, de quanto o Senhor desejava padecer: não perderam hora, nem momento do dia tão desejado, em que cuidavam satisfazer o odio que ao Senhor tinham, e seguir contra elle a victoria da malicia, que tinham começado a haver, ainda que era pera sua total destruição, e maior gloria de Christo.

Assi logo em vendo a luz da manhã (que era entre as cinco e as seis) sem ser chamados; porque o odio em que ardiam os atiçava, se ajuntaram em casa de Caifás, como tinham assentado, onde deixaram o Senhor preso. Juntos logo em conselho pera pôrem em ordem a morte, que a Christo nosso Senhor desejavam a aquelle dia de dar, se resolveram nas cousas de que o haviam de accusar, e que a nenhuma razão nem justiça em contrario dessem lugar. E ainda que o Senhor se qui-

zesse defender, por porfia, estrondo, e brados acabassem tudo, quanto per outra via não podessem. E pera isto fiassem este negocio de suas proprias pessoas: porque por Principes da terra, e Sacerdotes letrados, e opinião de Fariseos santos, e por muitos afogariam a justiça, e acabariam quanto quizessem: e assentaram que isto fosse logo com toda pressa, antes que o juiz Pilatos entrasse em outros negocios, e antes que o povo se alvoroçasse: pera que não houvesse tempo de ter differentes pareceres; e de se atravessarem outros, que quizessem ter pelo Senhor, de que se elles muito temiam. Lembrou n'aquelle diabolico conselho, que havia seis dias que Christo nosso Senhor tinha entrado em Jerusalem recebido por todo o povo com celestiaes louvores, e cantos, ramos e festa: e de todos venerado como mandado de Deos pera saude da gente. E que isto se fizera publicamente contra seu mandado, porque tinham defeso que ninguem o honrasse por Christo, nem o seguisse, sob pena de ser havido por excommungado, e lançado da Synagoga: e tinha este pregão tão pouco aproveitado, que nunca o Senhor recebeo do povo geralmente tamanha, e tão publica honra, como depois de ser isto apregoado. Pelo qual assentaram que fosse levado pelas ruas, por onde haviam de passar, com tamanho estrondo e tropel de desaforadas affrontas, que a affeição que o povo ao Senhor mostrara, que ainda estava quente, se mudasse em odio, e a fresca honra que lhe tinham feito, em muito maior vituperio.

Dada ordem a tudo mandaram trazer o Senhor perante si: e como já na sua boca não cabia o sacratissimo, e severissimo nome de Jesu, não se ouviriam ali outros nomes senão, que viesse esse maldito, esse enganador, esse feiticeiro. O qual chegando ante elles tal, que bem se via o trabalho que de noite passára, em lugar de compaixão lhe perguntariam por escarneo que tal estava, se queria fazer alguns milagres, que hoje veria a verdade de quem elle era, e quam enganada trazia a gente. E sobretudo cuido que pera fazer de tudo o que faziam, santo, allegariam com a bondade de Deos, que tudo traz a lume; e tarde ou cedo castiga, segundo merece cada hum: que era a linguagem que a Christo nosso Senhor mais magoava. Com estas, e outras muitas palavras o injuriavam, e affrontavam, e o entregaram aos beleguins, e gente armada de soldados, que pera isso tinham juntos, com as mãos atadas detraz, e corda á garganta: e com grandes avisos que ninguem lhe chegasse, nem fallasse, ainda que perdessem sobre isso as vidas, e o levassem com

quanta affronta podessem. Com esta determinação o arrebataram fora de casa de Caifás com grandissima grita, e estrondo, levando-o entre si: e todos os Principes, Sacerdotes, Letrados e Fariseos d'aquelle conselho com elles, por authorisarem a cousa, e affrontarem mais o Senhor. E como determinavam quebrar os corações a todos seus amigos, de que a cidade estava cheia, não perdoaram a arrepelões, punhadas, bofetadas, encontradas, e á pressa, e a tudo o que podesse desauthorisar, e desacreditar aquella divina pessoa. E o Demonio, que reinava em todos aquelles corações, tão desejosos de se soltar em todo o genero de injuria, lhes fazia por aquellas peçonhentas bocas lançar tantas blasfemias, tão damnadas, e enormes palavras, e fazer tão diabolicas invenções de injurias ao Senhor, que nenhum piedoso coração o podera em particular imaginar. Onde o Senhor com a pressa, e revolta embicava, ou cahia, a couces, e encontradas o faziam alevantar, com damnadas maldições, e nomes injuriosos, que lhe diziam: e o tratavam como a mais profana, baixa, e malvada pessoa, que no mundo podera haver. E quando a modestia de sua sacratissima pessoa, e credito de virtude, que tinha, o mostrava mais digno de toda honra, e respeito, tanto com mais profano, deshumano, descortez, e baixo tratamento o levavam. Ao estrondo, e revolta d'esta gente correo a fama, e acodio todo o povo da cidade, que era muito, a ver aquelle tão novo, e não esperado, e feio caso.

Quanto o povo mais se ajuntava, mais cresciam as affrontas que a Christo se faziam: porque, segundo se usa em grandes povos, a grita dos rapazes, que costumam sempre festejar os semelhantes tumultos, parecia que atroava os ares: a revolta da gente miuda era estranha: portas, e janellas tudo era cheio: os espantos e admirações; os juizos e porfias da gente; e tudo era de qualidade, que em fim tudo se mudou contra o Senhor, e a quem mais podia o affrontava, e injuriava com blasfemias, e palavras cheias de todo escarneo. Hia o Senhor com o rosto inchado das bofetadas: e sujo dos escarros, desvelado, e desolheirado, e tão demudado, e differente de sua fermosura, que bem se enxergava n'elle o grandissimo tormento, e pena que lhe dava tão immenso trabalho. E todavia tão calado, soffrido, somettido, e entregue a tudo o que lhe faziam, que a todo povo fez imaginar, que não podia deixar de ser culpado, e merecedor de quanto lhe faziam.

Fazia esta tão subita e espantosa mudança de maior confusão, e vergonha pera o Senhor, ser levado pelas proprias ruas por onde todos

aquelles tempos atraz, em tres annos, andou afogado de gente que o seguia: onde fizera muitos milagres, e por ventura não haveria em todas ellas casa onde não houvesse gente curada por milagres do Senhor. As lembranças d'elles, e das doutrinas que a todos ensinava, e exemplo santissimo de sua vida, serviam então, não de haverem por injusto o que se lhe fazia, mas por razões de o terem por enganador, hypocrita, e feiticeiro, e lhe lançarem tudo em rosto, e muito mais o infamarem, desacreditarem, e escarnecerem. Os mais dos amigos se lhe mudaram em contrarios. O povo carregado de beneficios, em perseguidores, e suas virtudes, e maravilhas na opinião da gente em materia de mór deshonra. O trabalho que tudo isto junto deo ao Senhor, he tão impossivel entendel-o, nem alcançal-o, como he impossivel a ninguem soffrel-o: pois a todos falta o infinito amor, que pera tudo lhe dava forças, por cuja medida tanto peso de trabalhosas cousas sobre si carregou. Quatro caminhos fez o Senhor aquella manhã da sexta feira, cercado de todas estas affrontas, e trabalhos. De casa de Caifás até casa de Pilatos: d'esta casa até á de Herodes: do paço de Herodes atè Pilatos: e de casa de Pilatos com a Cruz ás costas até ao monte Calvario. Afóra dous caminhos que tinha de noite andado: do Horto até casa de Annás: e d'ella até á de Caifás: que são seis devotissimas e santissimas romarias, que podem os amadores de Jesu andar em companhia d'este Senhor, ajudando-o a sentir seus trabalhos; notando seus santissimos exemplos, imitando seus purissimos passos, e recebendo os incomprehensiveis beneficios, que em todos elles nos foi merecendo. E quem pera tanto não tiver espirito, coteje ao menos seus máos caminhos, por onde se perde, com estes do Senhor, por onde o redemio: e peça com humildade, e misericordia, pera que com virtude d'estes, mude a vida em serviço seu. Deo em todos estes caminhos o Senhor admiraveis exemplos de virtudes, principalmente de humildade, e paciencia. Porque no primeiro voluntariamente se entregou por obediencia de seu Eterno Padre a tudo o que elle queria que padecesse: e se deixou prender, e levar como ladrão e malfeitor. No segundo se deixou entregar a máos juizes, e inimigos seus, deixando-se condemnar á vontade de sua malicia. No terceiro perdeo todo o credito, que com muitos milagres, virtudes e exemplos, tinha justissimamente ganhado. No quarto, sendo o Senhor soberano isento de toda a alhea jurisdição, foi entregue a Herodes, como sujeito e vassallo. No quinto foi sua sabedoria, e virtude desprezada, e tratado como

louco. No sexto foi-lhe dado na terra lugar contrario ao que elle merecia, entre ladrões, e máos, por tal havido e justiçado. Quem dissera que podiam estas ser as estradas direitas, certas, e seguras do Ceo; por onde este Senhor subio ao triunfo de sua gloria, e por onde nos veio todo o bem que temos, e esperamos! Parece-me que alguma cousa d'isto sentia já David em espirito, quando dizia ao Senhor estas palavras: «Amostrai-me, Senhor, vossos caminhos, e ensinai-me vossas estradas. Guiai-me pela vossa verdade, e ensinai-me: porque vós sois Deos, meu Salvador, e por vós espero todo dia: lembrai-vos de vossas misericordias, e piedades que são eternas» (*). Porque ainda que David se via encaminhado por Deos, de pastor de ovelhas a estado Real: de perseguido del-Rei Saul a senhor de todos seus inimigos: de pobre mancebo a valeroso, e esforçado Capitão: de desconhecido ao mais afamado Senhor do seu tempo; do menor da pobre casa de seu pai, ao maior do povo, e casa de Deos; de baixa geração escolhido pera hum principal tronco, de que o filho de Deos descendesse feito homem na terra; e escolhido de Deos pera seu Profeta, e exemplo de todos os justos do mundo; todavia sempre n'elle viveo (entre as obrigações de tamanhas cousas a que o Deos alevantou) huma lembrança e gosto da baixeza do primeiro estado, de que Deos o tirou; huma estima humilde de si, hum certo abater-se em sua interior reputação por baixo de toda criatura: que quando profetizava os abatimentos da Paixão de Christo nosso Senhor, sempre os relatava como fallando de si, e quasi de sua pessoa; como quem a nenhuma outra cousa tinha inveja, senão á gente que havia de ter diante dos olhos a Deos humilhado, e havia publicamente de imitar a divina magestade abatida, e crucificada na terra. E já que o não havia de ver, desapegava seu coração das cousas grandes a que o Deos tinha chegado na terra; e lhe pedia alguma parte da luz, e conhecimento d'aquelles secretos caminhos do Ceo cheios de todas as ricas misericordias de Deos; que por então eram encobertos, e haviam de ser pelo Senhor abertos, e ficarem estradas seguidas de todos os justos. De longe as saudava, de longe as desejava, e trabalhava por encaminhar seu espirito por ellas quanto podia.

E assi vemos n'este Santo Rei, que sendo em seu tempo hum dos móres, e mais valerosos Principes da terra; todas as vezes que se lhe offereceo occasião de ser de Deos castigado, e dos homens perseguido, injuriado, desagradecido, e atribulado, assi se mostrou humilde, e some-

(*) Psalm. XXV.

tido a tudo o que o abatia, como quem tinha diante dos olhos o exemplo d'aquella divina magestade humilhada, que em espirito via, e desejava imitar. Por aqui veremos quanta mais obrigação temos os que pela bondade de Deos já levamos diante dos olhos os caminhos do Senhor, por elle tão abertos e publicados, e em si mesmo consagrados: e por mestre, e guia ao mesmo Filho de Deos humilhado: pera pedir ao Senhor, com inflammados corações, que nos leve por seus caminhos, e nol-o faça entender: e pera sentir muito a muita cegueira, que no mundo ha, de tão claras verdades, e tão descobertas. Bem cuido de David que se se vira com este divino retrato já tanto na praça descoberto, que tivera muito que fazer em se ter, que não andasse buscando occasiões de se ver por este Senhor preso, esbofeteado, tratado pelas praças como louco, e injuriado, e desestimado, como elle foi; como houve muitos Santos, que com espirito divino, que os guiava, o mesmo fizeram. Ora nós que a isto não chegamos, e vemos a grande brandura com que Deos nos trata, que nos não obriga a o imitar pelos proprios extremos publicos, com que nos grangeou o amor, que escusa teremos pera ter hum vivo cuidado n'alma de o contentar em tudo, e fugir dos caminhos seguidos dos peccados que d'elle nos apartam? Que escusa justa podemos ter diante d'elle pera nos não honrarmos muito de seus discipulos, e filhos, todas as vezes que se offerecer occasião de paciencia, e soffrimento de cousas affrontosas, e de que a natureza desgosta? Ou ao menos de ter dentro d'alma hum vivo conhecimento de quam justamente merecemos por nossos peccados, e pelos podres de nossa natureza ser de toda criatura desprezados, e que o proprio lugar nosso he hum puro abatimento na terra? Muitos terão estado, que represente honra e grandeza, e não terão espirito pera o deixar por Deos, e abater-se no mundo por se parecer em tudo com este Senhor. Mas já que lhe nosso Senhor isto permitte, não deixam de ter todos muita obrigação de abater com muito cuidado diante dos olhos de Deos sua soberba, e fazer interiormente caminhar sua alma pelos caminhos que Christo nos ensina de paciencia, soffrimento, desprezo de si, ter-se em muito baixa conta, aceitar da mão do Senhor todo trabalhoso successo da vida: suspirar sempre pelo mestre, e Senhor d'estes santos caminhos, que lhes dê a mão, que se não afaste longe, e cotejar-se com elle sempre, confundir-se de quam mal o seguem: e sobre tudo andar mui attentados, e remirados nos enganosos caminhos, que Deos em sua vida não approvou, pera que a alma, que elle pera si criou,

não se perca. E isto se anda n'esta alma vivo encoberto com differentes demonstrações exteriores dos estados, que a lei de Deos não reprova: sem duvida he huma das grandes fermosuras da Igreja de Deos, e muito mais o será do Ceo. E se verá quando Deos no dia do juizo glorificar estes seus verdadeiros imitadores, não pelo que de fóra pareciam, senão pelo que n'alma amavam, e seguiam. E servir-lhes-hão de dar com elles em rosto a todos os que pela vaidade da vida se perderam, e que pelo de si, e de sua carne perderam os verdadeiros bens do espirito. E se estes são a Deos tão aceitos, quanto o serão os que diante dos olhos do mundo se prezam publicamente de imitar a baixeza de Christo de fóra, e de dentro? E quanto serão de Christo aborrecidos os que professam esta vida pura, evangelica, e apostolica, se esquecidos da imitação d'este Senhor levarem aos mosteiros lembranças, e pontos de honra, e deixarem a pura humildade, e desprezo de si mesmos? Deixando tudo o que n'isto se póde dizer, e os enganos, que a humana malicia tem inventado pera misturar a vaidade com Christandade: em huma só cousa me resumo. Que no dia da conta (segundo disse Christo) o que nos ensinou, isso he que nos ha de julgar (*). E porque na sua doutrina não houvesse falsos entendimentos, elle a poz por obra, pera desengano de todos: que pois o discipulo não póde saber mais que tal mestre, nem o servo póde ser maior que seu senhor, não fará ventagens aos homens, nas cousas que elle tanto á sua custa declarou que aborrecia, e em que tão claramente mostrou, que queria de todos ser imitado no interior exercicio d'alma: e dos que professaram mais estreita vida evangelica, tambem no exterior.

Exercício dos caminhos, que o Senhor andou por Jerusalem, affrontosos.

Esperta, alma minha, do somno de tua tibieza, e descuido: espera ao Senhor, que o tem os Judeos entre, si condemnado á morte, e o querem tirar fóra: e olha quam trabalhosos, e affrontosos caminhos, por ti hoje anda: olha que olheiras traz de desvelado da noite: os inchaços que tem, e vergoens das muitas bofetadas: os cabellos da barba, e cabeça despedaçados. Olha como sahe com a corda á garganta, e as mãos atadas detraz: acompanha-o, e vê quam caro lhe custaste: olha como he levado de casa de Caifás a casa de Pilatos como falso Deos, e falso Profeta, trêdor, e pervertedor do povo: de casa de Pilatos a Herodes como falso Rei, e

(*) Matth. cap. x.

vassallo a ser de tam perversa criatura julgado. De Herodes a Pilatos como doudo. De Pilatos á Cruz como ladrão. Olha dura, triste, e peccadora alma, o Cordeiro por ti entre lobos: as punhadas que lhe dão: o estrondo dos algozes e soldados: os apupos do povo, os escarneos e risos dos Fariseos: a grita dos rapazes: as encontradas e maldições de todos em que vai mettido. Olha aquellas praças, e ruas consagradas com seus milagres, e quentes ainda das obras de seu amor, e de suas maravilhas, por onde ha seis dias que foi levado com divinas honras, como tudo está supitamente mudado em deshonra e trabalho seu. Olha este divino e brando Cordeiro calado, soffrido, entregue a tudo, deixar-se de cada hum sem resistencia tratar como a malicia, e odio, que lhe tem, deseja, não como elle merece. Que dizes a isto que vês, alma miseravel? Que dizes a isto homem terreno, cinza, pó e tam soberbo? Que he isto que vês fazer ao Filho de Deos, peccador desaventurado? Que caminhos são estes que leva? e quem o trouxe a elles? Oh Cordeiro de Deos, que tirais os peccados do mundo! Oh meu Juiz, meu Deos, minha bemaventurança! Abri, Senhor, meus olhos, e meu entendimento pera que entenda vossos caminhos, pera que n'elles conheça, e veja a perdição dos meus.

Vós, sabedoria eterna, que vos não empenais: julgais as cousas, e as pesais em direita balança: por isso tomando minhas culpas, e meus desaventurados passos sobre vós, pera pagardes o mal que eu n'elles commeti, não quizestes dispensar comvosco, nem aliviar nada do que eu mereço: mas o que era justiça direita, que eu padecesse, isso proprio padecestes vós por mim. E não só pagastes por mim meus males, mas encaminhastes meus errados caminhos, e ensinastes-me a direita estrada da salvação com os que vós andais. Oh minha luz divina, oh clara verdade, e eterna, havei piedade d'esta cegueira minha: allumiai-me, que ainda vos não entendo, nem me entendo a mim mesmo, nem me conheço; mostrai-me, Senhor, descobertamente vossos caminhos, ensinai-me vossas estradas, guiai-me pela vossa verdade, pois tenho postos meus olhos em vós, que sois meu Deos, meu Salvador, minha via, verdade, e guia de minha vida. Alembrai-vos, Senhor, de vossas infinitas misericordias: esquecei-vos de meus males e ignorancias. Lembrai-vos, Senhor, d'esta criatura com quem tantas misericordias tendes usado, e do amor com que me tendes sustentado, e da bondade com que me tendes esperado, e soffrido atéqui, pera me encaminhardes, e me fazerdes conhecer meus males,

e meus desaventurados passos, e choral-os ante vós, pera que me tireis d'elles, e me leveis pera onde hoje me ensinais.

Aqui vos quero, Senhor, confessar meus males com dor, e amargura de minha alma, e chorar ante vós as estradas de minha perdição, que tenho tão seguidas, pera que me castigueis, e com vossa misericordia me leveis pelas do Ceo, pera onde me criastes. Abri, Senhor, essas paternaes entranhas, ponde em mim esses piedosos olhos, recebei este prodigo filho perdido, porquem tanto padeceis. Vós, meu bom Jesu, me fizestes á vossa imagem e semelhança. Depois de feito me consagrastes, e alimpastes no santo bautismo com vosso precioso sangue, cuja virtude e graça n'elle está pera alimpar as almas. Vós imprimistes em meu coração logo os divinos caminhos da vida, da fé, esperança, e charidade. Vós escrevestes em minha alma vossa lei pera por ella hir a vós. Vós, muito antes que eu nascesse, vos fizestes meu Redemptor, e Mestre, me ordenastes á Igreja Catholica: ensinastes nella pera mim vossa doutrina: me abristes as portas do Ceo: me prometestes vossas riquezas. Quando, Senhor, cresci, e entendi, tudo isto, e muito mais achei diante de meus olhos aparelhado clara, e descobertamente como verdadeiros caminhos da vida eterna. E se eu por elles quizera andar atégora como filho e servo vosso, segundo no bautismo prometti: Oh quam unido estivera agora a vós, amor infinito! quam cheia estivera minha alma de vossa luz: quam rica de vossas mercês; quam alevantada, e transformada em vós; quam abrazada de vosso amor; quam pura e limpa dos peccados que commeti! Oh misericordia infinita, não me confundais. Oh bondade eterna, não me aparteis de todo de vossa face como mereço. Tudo isto Deos meu, desprezei; tirei os olhos de vós, e pul-os em mim, e no mundo: segui minha damnada vontade, e não a vossa. Cria huma cousa, e fazia outra: as esperanças, que havia de pôr em vós, puz em mentiras, e falsidades da vida: e o amor que a só vós devia, vol-o tirei, e o entreguei a tudo quanto vós aborreceis. Oh meu Deos, em que puz este amor? Em quem, misericordia minha? Em quem, Senhor meu? Quem o soubesse sentir, e quem senão corresse de o dizer! Alargai Senhor, as riquezas de vossa misericordia pera me soffrerdes n'esta hora.

(*Aqui, o que se exercita, se detenha de vagar, e com mais sentimento que poder, traga á memoria particularmente os mais graves peccados, que na vida cometeo, e que mais de Deos o apartaram: e as cousas a que inclinado se sente, e que mais bens espirituaes lhe impedem, e por onde mais*

entende que descontenta a Deos: e com dor entranhavel de tudo se humilhe, e confunda diante do Senhor, que tanto vê padecer pelo remediar: depois diga):

Este sou, Deos meu: eis aqui o miseravel, por quem tanto padeceis: eis aqui os errados caminhos, por onde atégora andei, que vos trazem abatido por estes tam affrontosos, que hoje levais. Eis aqui a vaidade de meus pensamentos: a baixeza das cousas que amei: a torpeza de minha misera vida: n'isto gastei as forças que me destes, n'isto empreguei a occupação das potencias d'alma, que a só vós devia: e estes foram os meus gostos, e os meus cuidados. E vós, vida da minha alma, e Deos meu, oh quam longe andastes d'este triste coração, quanto detraz das costas vos lancei: quanto vos desprezei, como desestimei, e não fiz caso de quanto me destes, e promettestes. E sendo eu este, a mim vejo poupado, e a vós d'essa maneira deshonrado, affrontado e atribulado. Eu me alevantei contra vós, meu Deos, e vós Filho verdadeiro de Deos sois mal tratado por trédor. Eu esvaeci, e endoudeci em minhas vaidades, e vós, divina sabedoria sois tratado como louco. Eu fui o ladrão, que roubei vossa gloria, e o amor que vos devia, pera o dar ás cousas que vós aborreceis, e vós meu Deos, sois tratado como roubador. A mim houveram de tratar d'esta maneira, contra mim se houveram de alevantar todas as criaturas, a mim houveram de levar á vergonha deshonrado pelas praças por trédor, e ingrato a vós, e errado em meus caminhos. E vós, Deos meu, vida da minha alma, a mim perdoais, e vos offereceis a passar tudo isto que eu mereço! Adoro, meu Deos, essa bondade infinita: adoro esse amor que me tendes: por elle Senhor vos peço que me perdoeis, e me mudeis, e encaminheis. Ponde, Senhor, lei a meus caminhos, e por ella me guiai e me levai; tomai-me, Senhor, pela mão, e levai-me apoz vós, e correrei ao cheiro de vossos unguentos divinos (*). Se me deixais, enfraqueço como menino; e me perco como novo n'estas verdades, e caio como doente, e gastado com minhas maldades. Mas se vós me tomais, e vós me levais, tudo poderei, andarei, correrei. E esquecei-vos, Senhor, de meus males passados, e d'esta hora por diante me tomai á vossa conta, pera me levardes por vossos caminhos, e me tirardes dos meus.

Oh meu bom Jesu, lume de meus olhos, luz de minhas ignorancias, resplandor que allumiais minhas cegueiras, ensinai-me de dentro o segredo d'estes vossos caminhos. Não viestes vós, Senhor, ao mundo abrir

(*) Psalm. CXVIII.

o caminho do Ceo, vencer o Demonio e Mundo, e nossos inimigos, e perdoar nossos peccados, a reinar nas almas, a vos dar a conhecer, e a vosso Eterno Padre, a plantar o amor vosso, e das cousas celestiaes nas almas, a levantar nossos corações da terra, e prendel-os de vossa divina fermosura, a fartar nossos desejos, e remediar todas nossas necessidades: e a nos enriquecer de todos os bens e glorias? Pois Senhor, este he o caminho que levais pera tantas e tam grandes cousas como haveis de fazer? Oh segredo de divina sabedoria! Quem andasse, meu Deos, sempre apoz vós louvando, e contemplando vossas admiraveis obras, e conselhos! Aqui por estes caminhos confundis a soberba, e alevantais os humildes: por elles derreteis as friezas, e abrazais os corações: por elles confundis a vaidade do mundo: por elles alevantais as almas, e as tirais do lodo de seus peccados: por elles triunfais de vossos inimigos, e contentais ao Padre Eterno: e por elles nos ensinais, allumiais, inflammais, e enriqueceis. Oh quam fermosos são vossos passos, filho de Deos vivo, quam sabios vossos conselhos, sabedoria eterna, quam acertados vossos caminhos, vida da minha alma verdadeira! Pois Deos meu, onde fico eu, se vos não sigo, e onde irei dar, se me não levais por esses passos? Quando me verei, Deos meu, por vós, como vos vejo a vós por mim? Quando amarei tanto o desprezo de mim, como amei a vaidade da vida? Quando por vosso sou atribulado, Deos meu, e de vós allumiado, aborreço mais a vida, enfastia-me mais o mundo, vejo melhor a necessidade, que de vós tenho, suspiro mais pór vós, e vos desejo, queria estar sempre comvosco, sem apartamento. Quando a carne está contente, tudo isto está cego, e esquecido. Pois Senhor meu, vossos caminhos me cumprem, e a elles quero, e por elles desejo caminhar. Acabai Senhor, minha má vida passada; acabai a cegueira d'esta pobre alma: accendei este regelado coração em amor de vossos passos, e levai-me com misericordia por vossos caminhos. Oh meu amor, oh vida da minha alma, oh luz de meus olhos, oh remediador verdadeiro de meus males.

Oh Madre de Deos sacratissima, ovelha sem macula, que inda que não passastes por estas deshonras, imitastes perfeitamente estes caminhos do Senhor. N'estas proprias horas que elle andava estes trabalhosos passos, caminhaveis vós de vossa casa em sua busca, cheia de lagrimas e dores, cheia de fé e de amor, e cheia de conformidade com a divina vontade. Elle padecendo, e vos sentindo, amando e chorando: foram vossos sagrados corações os dous unicos companheiros, que misa con-

tentastes ao Eterno Padre. Pois Senhora minha, Madre de misericordia como posso eu hir por outro caminho acertado? Minha Senhora, Rainha dos Anjos ajudai-me d'esta hora por diante a aborrecer minha má vida, e andar por estrada de desprezo, e humildade. Sede vós, Senhora, minha valedora, e alcançai-me pera isto a luz, e fortaleza que eu não mereço. Oh Espiritos Angelicos, que vedes e louvais estes admiraveis conselhos de Deos: Oh Cidadãos da Corte celestial, que tambem tivestes errados caminhos, e os mudastes em imitação d'este Senhor, e experimentais os fruitos d'estes seus trabalhos, e estais gloriosos por esta sua baixeza, e claramente contemplais estas soberanas verdades, havei dó d'este miseravel peregrino cego, e ignorante, e alcançai-me huma faisca da luz que tendes, e amor em que ardeis, que me mude, e encaminhe á vossa companhia. Amen.

TRABALHO XXXV

Tratado como doudo.

A casa de Pilatos chegaram os Sacerdotes, e Principes dos Judeos, Letrados, e Fariseos, com o Senhor atado, e em tal figura que Pilatos podesse cuidar que algum grande, e novo caso era sobre elle acontecido. E pera acreditarem mais o negocio, assi com a authoridade de suas pessoas, como com a opinião de religião, e santidade: quizeram elles mesmos ser os accusadores; e não quizeram entrar no pretorio (que era a casa onde Pilatos ouvia as partes, e fazia suas audiencias) por ser casa de Gentio, que elles tinham por profanidade, em dia tão sagrado como o da Paschoa (que então era) em que comiam o pão asmo, que tinham por santo, e haviam, que ficariam immundos, e profanos pera comer este pão, se entrassem em casa de hum Gentio, que não guardava sua lei. Tal he, e tão cego o humano coração entregue a seus vicios, e gostos de sua damnada vontade, que muitas vezes em cousas de muito pouca importancia se mostra muito ponderado, ou pela opinião de gente, e sustentar credito de sua pessoa: ou por humanos respeitos, que fazem, ou desfazem pouco n'alma: tendo essa alma tão entrada da suas cegueiras, e tão perdida e emperdenecida em seus vicios, por onde se perde, que d'elles faz vida, e gosto, e por elles, sem se sentir e conhecer, perde os bens do Ceo. Tinham estes mortal odio ao Filho de Deos vivo a elles promettido e dado: assacavam-lhe muitos falsos testemunhos: pervertiam toda verdade, e justiça: negociavam com toda instancia tirar a vida ao innocente Cordeiro, sobre muitas blasfemias, que contra elle diziam, e ingratidões a suas soberanas mercês: que eram males pera muito sentir e temer: e não fazendo d'elles nenhum caso, antes cevando n'elles suas damnadas vontades com muito gosto de os levar ávante; mostrando-se por outra parte muito escrupolosos de entrar em casa de hum Gentio, porque n'isso profanavam a fingida santidade de suas pessoas, e se inhabilitavam pera comer o pão asmo paschoal.

Pilatos, tendo respeito á authoridade das principaes pessoas dos Judeos, que alli vinham, sahio fóra a elles, já que elles diziam, que não podiam entrar em casa, e ouvio suas accusações. Entre ellas accusaram ao Senhor que ensinava falsas doutrinas, com que perturbava o povo,

começando de Galilea, até Jerusalem. Ouvindo Pilatos fallar em Galilea, não deixou hir o negocio por diante, perguntando d'onde era o Senhor natural. E sabendo que era de Nazareth de Galilea, que era da jurisdição de Herodes Rei, que então estava em Jerusalem; quiz ter com elle comprimento: e mandou que lh'o levassem, e que o ouvisse, e o julgasse. Quiz Christo nosso Senhor, que Pilatos e Herodes tivessem entre si sobre elle comprimento, remetendo Pilatos a Herodes a sua causa, e tornando-lhe depois Herodes á mão, por fazer em todas as partes onde entrasse suas obras. Porque sendo até alli inimigos, ficaram com estes pontos de honra e comprimentos, que entre si tiveram, amigos: e já que n'elles outra cousa boa não podia por então caber, ao menos receberam do Senhor, sem no entenderem, a mercê da paz, e amizade, importantissima aos Principes, que governam a republica. E ainda que foi á custa de muita deshonra sua, não deixou de lhe fazer esta tão importante mercê de lhes abrandar e reconciliar os animos até alli contrarios: pera que todos vejamos, que fará, ou que deixará de fazer nos corações que achar cheios de seu amor, e desejosos d'elle, e dispostos pera o que elle deseja nas almas fazer.

Não sabe o amor de Jesu estar ocioso, senão onde acha dureza de coração, e voluntarios impedimentos: e ainda então em soffrer, e esperar se ceva.

Recolhido Pilatos, os Judeos levaram o Senhor a casa de Herodes Rei, e lho offereceram diante, accusando-o com toda instancia de muitos falsos testemunhos. Fez Herodes muito pouco caso de todas as culpas, que ao Senhor punham, porque eram elles ditos com tanta desordem, que claramente mostravam nascer tudo de inveja, e puro odio que lhe tinham. Mas em estremo folgou de vér ao Senhor, porque ouvia muitas cousas de seus milagres, doutrina, e santidade, e desejava muito vel-o, e esperava que fizesse algumas maravilhas diante d'elle. Mas o Senhor, que de tudo o que nos cumpria tinha dado perfeitissimos exemplos em sua vida, quiz no cabo d'ella fazer esta entrada na casa real, pera tambem o deixar a seus servos (que ás vezes são forçados tratar com os Principes, e Reis da terra), com que intentos hão de tratar com elles, e com que esperanças hão de conversar as pessoas, e casas reaes.

Era este hum necessarissimo exemplo: porque pela mór parte os olhos, e magestade real na terra, são poderosissimos pera mudar a pureza, e inteireza de animos, que fóra de sua conversação pareceram in-

venciveis. E mui rara he a virtude, que entre Principes vive desapegada d'elles, e que não troca a pureza da verdade, e razão pelos contentar; e que entre elles queira mais a gloria de Deos, que a propria, e contentar mais ao Senhor do Ceo, que aos Principes da terra. E porque a conversação dos Reis da terra he a mór prova da inteireza da virtude, qne u'ella póde haver, e ensina o Senhor nesta sua entrada a Herodes, muitas e importantes cousas. Primeiramente não se offereceo elle a esta vista, mas foi levado: porque entendam seus servos, que necessidade verdadeira, e não gostó, e vontade os ha de levar ao trato dos Principes.

Tratou o Senhor pouco de dar gosto áquelle Rei, que tanto desejava vêr seus milagres: porque como de taes demonstrações de sua pessoa, em tal conjunção não esperava tirar gloria de Deos, senão só satisfação do gosto, e curiosidade real, deo-se pouco por lho satisfazer: porque quem não trouxer nas cortes dos Principes muita conta só com contentar a Deos, pela mór parte se enganará, e fará virtude dos gostos dos Principes, e se desvanecerá em desejo de lhes parecer bem, e contental-os, e perderá por isso a quietação, e pureza das virtudes de seu estado. Não se quiz o Senhor valer de Herodes pera se livrar de seus contrarios, nem pera sustentar o credito de sua pessoa, podendo-o fazer muito facilmente: porque muito mais montára pera isto hum só milagre seu, com que dera gosto ao Rei, que todas as accusações dos Judeos. Mas quiz o Senhor, que todos aprendessem d'elle a sustentar a boa opinião, com pureza de virtudes, e valer-se do seguro da boa consciencia, e da conversação de Deos interior, como poderosissimas armas pera passar todo o trabalho, e acquirir todos os bens do Ceo: e não tratar de valia de Reis humanos, que monta muito pouco pera acodir ás humanas necessidades, e monta muito pera encher os corações de pura vaidade. Em fim, ensinou o Senhor a não esperar dos Reis mais, que o que elle de sua casa levou: que foi muita deshonra, e affronta, por lhe não fazer seu gosto: porque cousa tão sagrada como esperanças de humano coração, com que se póde conquistar o Ceo, e alcançar toda a riqueza divina, justamente fica em vão, se he tirada dos verdadeiros bens, e empregada em hum homem, que he Rei pera enlear os pensamentos humanos, e he terreno, e mortal pera lhe faltar no melhor, e fazer desarmar em vão todo o fundamento que d'elle se faz.

Herodes alvoroçado pera ouvir a Christo nosso Senhor, e vêr algu-

mas maravilhas suas, lhe fez muitas perguntas, e trabalhou por saber d'elle muitas cousas. Devia-lhe de perguntar por sua doutrina, por cousas que estavam por vir, porque lhe diziam que era tamanho Profeta, que entendia os pensamentos dos homens: rogava-lhe que fizesse ante elle alguns milagres. Mas nosso Redemptor, que não pertendia por então mostrar-se, nem fazer cousa por onde impedisse sua Paixão (que lhe fora muito facil) e via que tudo o que alli fizesse, ou dissesse não servia mais que de satisfazer a curiosidade d'aquelle Rei, em quem não havia desejo de saber as verdades pera as seguir: nem de tudo o que respondesse, esperava tirar gloria, e honra de seu Eterno Padre, nem saude d'aquellas almas; a tudo calou, nem respondeo a Herodes, nem deo razão de si, nem satisfação a quantas culpas lhe punham. Aproveitavam-se os Judeos d'este calar do Senhor, pera com mais instancia o accusarem, e darem por prova do que diziam seu silencio: porque faziam crer que como se via em juizo, onde as verdades se haviam de apurar, estava atalhado, e comprendido, e não tinha que dizer. Devia de haver alli entre el-Rei, e os da sua corte, e Judeos, grande admiração dos milagres, que fazia, a que chamavam feitiçarias, e pasmarem como por feitiçaria, podia mortos resuscitar, e vêr hum cego, e julgarem todos que devia de ser o mais manhoso nigromante do mundo: e cada hum diria seu dito, e lançaria sua sentença, como sua malicia, e cegueira lhe ministrava. E a tudo a divina Sabedoria calava com tanta paciencia e soffrimento, tão mal entendido d'aquelles malvados, que podendo a modestia de seu soffrimento ser bastante razão pera conhecer sua innocencia: foi de todos elles mesmos julgado por doudo, e sandeu, e homem de que se não podia fazer nenhuma conta. E como nenhuma gente do mundo se engana mais comsigo que os Principes da terra (porque como são de todos lisongeados, tem-se pela mór parte por tão divinos, e soberanos, que cuidam que se lhes deve querer desejar todo o homem sua valia, e privança, e fazer-se-lhes em tudo a vontade) não se póde persuadir que o calar do Senhor nascesse senão de pouco entendimento, e de homem tão ignorante, e pera pouco, que se não sabia aproveitar de huma tamanha occasião, como tinha de escapar de seus inimigos. E assi julgou que tudo o que d'elle tinha ouvido, eram ignorancias do povo, que com qualquer cousa se engana, e se espanta: e em fim houve tudo por chocarrice, e cousas de que se não havia de fazer mais conta, que de puras doudices. E pareceo a Herodes que bastava pera castigo do Senhor tratal-o publica-

mente como doudo, e sandeu, pera que o povo se desenganasse, e não fizesse mais conta d'elle: pera isto lhe mandou vestir sobre suas roupas huma veste branca, que na côr, e feição d'ella devia de ser tão profana, que bem representasse hum doudo e chocarreiro.

E assí o tornou a mandar a Pilatos: pera que no trajo e modo com que lho tornava, visse a conta em que o devia de ter, e quam pouco caso se havia de fazer de suas cousas: e que bastava publical-o por hum vaganao e sandeu. Assi tratou Herodes, e toda sua corte a Christo nosso Senhor, huma só vez, que no paço entrou: assi sahio d'elle, e de todos os cortezãos desprezado, e abatido: em esta conta foi tida a sabedoria divina na casa dos avisados, e discretos do mundo. Praza ao Senhor, que ainda agora não seja nas cortes dos Principes (onde já Christo he adorado por Deos) a doutrina de sua humildade, mansidão, e paciencia, tida por tamanha doudice, como elle em sua pessoa foi tido no paço de Herodes.

Com esta occasião, e nova affronta, não se pode imaginar os novos gritos, e alvoroço: as novas injurías, e novos escarneos, com que os soldados trataram a Christo nosso Senhor, sahindo de casa de Herodes, até a de Pilatos, pelas ruas por onde passavam. E como o povo hia mais crescendo, e os que o levavam se hiam mais accendendo no gosto de o affrontar, e o Senhor muito mais soffrendo, e calando, e mais entregue a tudo: e lhe hiam todos mais perdendo a cortezia, e respeito, e havendo todas suas cousas por pura sandice, e engano: todos o tratavam já como publico trédor, e enganador, e sandeu. Refinavam-se, por se acommodar ao trajo de doudo que levava, em inventar momos, e tregeitos, pera representar doudos: e em dizer mil despropositos, e doudices. E como em grandes povos tudo ha, haveria em Jerusalem muitos doudos conhecidos, cujas doudices hiriam contrafazendo nos olhos do Senhor, com muitos desatinos, atropelando-o de punhadas, encontradas, e tirando por elle pera huma parte, e pera outra a cada tregeito que faziam, como se podia fazer ao mais baixo, e desacordado doudo, que anda pelas ruas atirando pedras. N'este immensissimo, e affrontosissimo trabalho se vio por nós a divina, e eterna Sabedoria do Padre, Filho unigenito de Deos vivo: summa, e eterna Verdade: resplandor perfeitissimo da divina Magestade. Oh segredos da divina sabedoria! oh verdades mal entendidas do eterno conselho! pois ainda com ser divina, e soberana, quiz na terra parecer doudo, e por tal ser publicamente tratado, pera

se mostrar nestes desprezos mais sabio. Bem se temia o mundo da doutrina d'este Senhor, a seus intentos tão contraria: pois hum dia que o houve ás mãos, trabalhou tanto por abater sua pessoa, que n'ella podesse ficar sua doutrina desacreditada. Assi toda sua furia, seus Reis, e Principes, seus cortezãos, e letrados, seu ignorante povo, armou contra o Senhor, pelo levar debaixo dos pés. Mas vive a eterna, e poderosa verdade, que pelo mesmo caminho ficou mais consagrada, por onde o mundo cuidou podel-a mais confundir. Havia o Senhor com seu espirito de dizer pela boca de seu Santo Apostolo Paulo, aquella divina sentença: «Quem em Christo Jesu quer ser sabio, faça-se parvo por ser sabio(*).» E por isso quiz elle em si primeiro consagrar esta verdade, e acabar os conselhos de sua eterna sabedoria: vencer o mundo: fundar sua Igreja: povoar o Reino do Ceo, com se deixar no mundo tratar por doudo: e fazer tão pouco caso da estima, que d'elle se podia ter na terra, que claramente n'elle vissemos, que não he tudo o grande da terra marca de hum coração capaz das honras do Ceo, se haver por desprezado em seus abatimentos, nem por grande em suas honras. Isto quiz dizer S. Paulo n'aquella palavra: «A sabedoria, e discripção do mundo he parvoice diante de Deos. E a sabedoria da carne he morte (**).» Porque como toda a discrição do mundo, e todos seus pontos de honra não arribam a levar hum coração ao Ceo, pera o qual foi criado, he pura sandice. Porque todo siso do mundo he valer muito na opinião dos homens, em fazenda, honra, e valía: perpetuar fama, e nome na terra: e n'ella empregar cuidados, occupações, e gostos da vida. E metido n'isto todo cabedal e industria, desarma tudo isto na morte, na terra, e em a alma se perder, e em tamanha parvoice, e desatino, caminho foi em tudo isto o descuido e esquecimento do Ceo. E servio este siso terreno de morte d'alma, perda do Ceo, e falta de tudo o porque sempre se matou: que não póde mór doudice, e parvoice ser. A sabedoria de Christo ao revez despreza o mundo; teme-se de suas vaidades: abraça-se com seus abatimentos: foge de suas honras, e valias: muda os cuidados d'elle todos em Deos, e no Ceo: tem tudo o grande do mundo em tão baixa reputação, que se corre ainda de lhe pôr os olhos: e quanto o mundo menos isto entende, mais contente vive de si, pela experiencia dos bens interiores ao mundo encobertos: quando aos olhos do mundo parece mór sandice perder os gostos traz que todos andam, co-

(*) 1. Corinth. cap. III. (**) Roman. cap. VIII.

nhece n'elles tanta falsidade, e nos que experimenta tanta verdade, e sustancia, que claramente vê que a mór parvoice pera o mundo he a mór sabedoria verdadeira de Christo. Não conhece o mundo estes segredos, e por isso se tem por entendido, sendo louco, e por loucos aos sisudos de Christo. Mas S. Paulo disse, que o mundo não he digno da conversação d'estes desprezados, que elle tem por indignos da vida, e de seus falsos gostos. Isto quer dizer aquillo de S. Paulo: «O mundo pera mim he crucificado, e eu o sou pera o mundo (*).» O cabo de todas as humanas affrontas era morrer hum homem crucificado: tanto que lhe chamavam maldito. Pois, diz S. Paulo, pagamo-nos muito bem o mundo e eu (**). Que se elle me tem por maldito, e em conta de hum abatido crucificado, e se despreza de mim, e da doutrina de Christo crucificado, que eu prégo; pago-lhe na mesma moeda, porque em muito mais baixa conta o tenho eu a elle, e me desprezo d'elle, como de hum maldito crucificado, e por mais que elle de si presuma, não me engana: porque o tenho por hum puro esterco, pera ganhar a divina sabedoria de Christo, que elle não conhece. Valho o mundo quanto quizer, e presumam seus sisudos, e avisados, e prezem-se d'elle quanto quizerem: que ao cabo, só nos desprezos e doudices de Christo tem seu remedio os mundanos, que se houverem de salvar; como tem em seus sisos certos enganos, e certa perdição.

Exercicio de ser o Senhor tratado como doudo.

Oh Sabedoria Eterna! Oh meu bom Jesu, luz e amor da minha alma: meu unico bem, meu verdadeiro mestre, e amigo, quem me dirá agora que não padeceis livremente, porque quereis? Quem não verá que só vosso amor vos faz força, e não a malicia, nem as prisões de vossos contrarios? Aqui déstes com hum Rei, de muitos dias desejoso de vos ver, e ouvir vossa doutrina, de ver vossos milagres, e que folgou, e se alvoroçou, quando lhe entrastes pela porta, por esperar ver em vós alguma das maravilhas, e grandezas das que tinha de vós ouvido. Por ventura, perdestes n'aquella hora vosso saber, vosso poder, vossa divindade? Não podereis, meu Senhor, e minha gloria, confundir alli os Judeos, espantar com milagres aquelle Rei, mostrar os pensamentos de todos, mover os corações de toda aquella côrte, com divinas doutrinas, e dar a conhe-

(*) Hebr. cap. XI. (**) Galat. cap. XIV.

cer claramente vossa sabedoria, e magestade? E todavia estam-vos com toda a furia accusando, e calais? Enchem tudo de brados, e mentiras, e falsos testemunhos, e nem perguntado acodis por vós! Faz-vos o Rei perguntas de vossas doutrinas, e não respondeis: pede-vos que façais milagres, não vos quereis mostrar, cuida que por authoridade, e real pessoa querereis com elle medrar, e não vos aproveitais da occasião de vos ver livre de vossos inimigos: deixais-vos estar preso, e injuriado, como homem atalhado, confuso, e fraco, fazendo com isso vossos contrarios mais furiosos: e vedes que com isso justificam mais sua malicia, e ficais vós mais abatido; e todavia calais, e encobris vossa sabedoria divina, magestade, poder, e quem sois? E soffreis ter-vos o Rei em tão baixa conta, que vos despreza elle, com toda a sua côrte, até vos ter por louco, até vos vestir, e affrontar como sandeu, e até vos levarem pelas ruas, e praças como doudo, e parvo, e enganador da gente!

Oh meu amor, oh minha luz, oh minha eterna verdade, quam longe está o mundo de vos entender? Quam escondidas são estas verdades, aos olhos dos amadores da vaidade, e soberba? Humilhai-me, Senhor, deixai-me entender-vos, e não fique eu fóra d'esta celestial prudencia. Dou-vos, Senhor, infinitas graças. Adoro-vos soberana verdade. Adoro-vos eterna sabedoria do Padre. Adoro-vos Jesu, luz das almas, por quererdes tão claramente em vossa divina pessoa humanada, mostrar a verdade d'esta vossa doutrina, que por vós, e por vossos Santos Apostolos ensinastes: que he necessario fazermo-nos ignorantes, e parvos, pera sermos verdadeiramente sabios: pois o que não podieis cuidar com verdade de vós, que sois a verdadeira sabedoria infinita, o quiz estes passar por obra, e affrontas, e deshonras tão publicas, e tamanhas. Dou-vos infinitas graças, porque escondestes estes segredos aos soberbos, e os descobristes aos humildes. Oh quem sempre vos imitára n'isto: quem tivera vosso espirito pera folgar de se ver tratado da gente como parvo, e sandeu, pera se parecer, Deos meu, comvosco! Oh quem nunca cuidasse de si cousa grande, nem estimasse a estima dos homens! Quando Senhor, imprimireis n'esta alma essas eternas verdades? Agora as vejo, agora as adoro, mas vejo-me a mim mui longe d'ellas. Estimo ser visto, ser ouvido, ser gavado, e aborreço ser abatido. Acha minha malicia muitas razões pera ser isto em mim bom, vendo em vós o contrario, e corro-me de me ver comvosco affrontado. Se vejo outrem ser ouvido, e eu não, inquieto-me: se o vejo ser estimado, e eu desprezado, perturbo-

me: se o vejo ser conhecido, e eu abatido, desconsolo-me. Que he isto, meu Deos? Onde está cá mettida esta soberba, com ter diante dos olhos este espelho de eterna verdade? Oh meu amor, minha gloria, vós sabeis, que se me não alimpais a interior vista, se me não dais intimo, e perpetuo recolhimento, e se não fazeis que esta alma nunca vos perca de vista, não he possivel amar estas verdades, desejal-as, e imital-as com gosto, e affeição como vós por mim as passastes. Perdoai-me, Senhor, minhas vaidades, trazei-me sempre apoz esta luz! não me deixeis saber, nem ouvir, nem querer, nem amar outro caminho, nem outra doutrina.

Oh meu desprezado Rei, por aqui venceis o mundo, por aqui abraçais e allumiais os vossos. Quando, meu Deos, os vossos perfeitos imitadores se esquecem de si, pela continua lembrança de vós; quando se gloriam em se ver desprezados, quando pela interior occupação em vós perdem o tino dos negocios humanos, e com isso são tidos por deaproveitados, e pera pouco, e por parvos ignorantes, não perderam com isso a natureza fraca dos outros homens. Pois Senhor meu, quem os enlouquece? Quem os emparvoece? Quem os inhabilita pera o mundo? Quem lhes tira a curiosidade da vida? Quem os transporta, e embebeda interiormente? Oh meu abrazado amor, divino, penetrativo, furioso, operativo, e convertedor das almas! Vós, meu Senhor, fazeis estas mudanças, vós prendeis de dentro, vós dentro ensinais outra sabedoria, que o mundo não vê: dentro cativais com outra fermosura, que os olhos não alcançam; dentro ensinais com outra luz, que a carne não entende: dentro mostrais outra discrição, que faz tudo de fóra tão baixo, tão parvo, e tão sandeu, que se não podem desapegar do que dentro experimentam, mas se correm de se parecer com os homens, que tratam as cousas de fóra, e de seguir os pareceres da gente, e pasmam da doudice mundana. Oh quando, Jesu, suave companheiro: quando, meu Jesu, rico, e amoroso transformador das almas, me convertereis todo a vós! E se isto vejo em vós, e se isto experimentam os vossos, aonde fico eu quando me estimo, quando atento pelos favores humanos, quando me desconsolo pelo descredito dos companheiros, e pela desestima dos que isto não vem? Tarde vos conheci fermosura tão antiga, e tão nova, tarde vos conheci, e amei. Oh prouvesse a vós, ainda que tarde, todavia de verdade, e de puro coração vos amasse, e abraçasse! Vós estais de dentro, e eu ando por fòra; vós de dentro vos mostrais, e ensinais aos que a vós do coração se convertem,

e eu ando destrahido e espalhado pelos olhos dos homens, e por isso vos perco de vista. Convertei-me vós, meu Deos, e serei convertido; mudai-me, e serei mudado; ensinai-me, e serei ensinado; apegai-me de dentro a estas verdades, e ainda que ande louco no mundo, andarei acertado. Oh quem endoudecesse em vós, oh quem enparvoecesse por vós; oh quem de sô vós, minha bemaventurança riquissima, quizesse ser visto, e estimado!

Ensinai-me, sabedoria divina, luz que allumiais os que estão em trevas interiores, com a escuridade, e sombras da mortal ignorancia: ensinai-me, meu divino mestre, como diz com isto o que vós mesmo dissestes, que melhor he bom nome, que muitas riquezas. Por ventura, Senhor meu, he bom nome, nome de doudo, nome de ignorante e de feiticeiro, e nome de falsario, e de traidor, como a vós vos pozeram? Máo nome he o da soberba, da avareza, da devassidão, vingança, inveja, e dos outros vicios. Mas de santo, e justo, de espiritual, e contemplativo, nome de sisudo, prudente, e entendido nos negocios, isto he máo nome, que assi vos deixais ter por louco, e por máo? Oh meu Senhor, allumiai meus erros. Eu como máo ponho bom nome em contentar aos homens, em dizerem todos de mim virtudes, em gavarem e terem por boas minhas obras, em approvarem meus conselhos, e em justificarem todos meus pareceres e palavras. Por isso me desvelo, e se assi não he, inquieto-me; por isto me esqueço de vós: por isto esvae-se meu coração, n'isto dispendo muitas palavras, e occupo muitos pensamentos. Não fallo nas desaventuradas horas, que em minha vida gastei, em gostar de offensas vossas, em me gavar, e honrar do que vós aborreceis, e em fazer virtudes de vicios. Mas ainda nos nomes santos esvaeci, e endoudeci, e cuidei que era obrigação, e lei vossa, sustentar credito de bom, com inquietação interior, e com soltura de palavras de fora. Oh loucura, oh parvoice, e cegueira minha! Oh gloria e honra dos justos, ensinai-me quam bom nome he quando sou tido por parvo, e ignorante, e quando sou desprezado, e abatido, calar por amor de vós, perder tudo por vós, esquecer tudo por vós, e não fazer caso do parecer dos homens, e de seu juizo com vos ter a vós por juiz, por sabedoria, por riqueza, por fermosura, e por amigo d'esta alma; oh meu humilde Jesu, quam sisudo sou, quando vos amo! Quam doudo, quando vos perco! Quam sabio quando parece que me perco por vós! Quam parvo quando tudo o mais tenho sem vós! Quam acertado quando me esquece tudo com a suavida-

de de vossa fermosura! Quam errado quando outra cousa me leva o cuidado senão vós! Oh se alguma hora me verei assi preso, unido, e emparvoecido aos olhos do mundo por vosso amor, todo entregue, e todo possuido de vós!

Pera que quero, meu bom Jesu, viver, pera que quero sahir d'aqui de vossos pés? Oh fermosura da gloria, prendei-me a vós. Oh soberano humilde, oh verdadeira gloria abatida, pera que quero mais saber nem entender? Acabai-me Senhor aqui, se sabeis que outra cousa hei de amar, nem estimar senão estas verdades. Pera que he viver sem vós, minha verdadeira vida? Pera que he caminhar senão por vôs, meu certo, e segurissimo caminho? Pera que he o entender, nem o saber sem vós, minha luz, e eterna verdade? Acabem, bom Jesu, minhas trevas. Abraçai-me, desprezado Jesu, comvosco, ajuntai-me á vossa companhia. D'esta hora pera sempre Senhor meu, renuncio todo credito, toda honra, e toda a estima. Sejam todos ouvidos, e estimados, e eu engeitado, e esquecido: Seja eu o desprezado de todos, e elles os buscados; não se occupe em mim nenhuma criatnra; só vós, bom Jesu, minha fartura perfeita tende cuidado de mim: só vós me ouvi; só vós me vede; só vós me amai; só vós vos ocupai em mim. Aqui tem vosso amor que transformar, aqui tem vosso fogo em que atear: aqui tendes luz divina, trevas que allumiar; aqui, sabedoria eterna, ignorancia que ensinar. Abrazai-me Senhor, derretei-me Senhor: ensinai-me Senhor; abatei-me ao mundo, e levantai-me em vossos olhos. Oh se vira esta hora: oh quando verei esta mudança: oh se nunca d'esta vossa vista e companhia sahisse; oh se tudo fóra de vós me enfastiasse, cançasse, e aborrecesse; oh se toda a criatura me desprezasse, e esquecesse e engeitasse: e só vôs me possuisseis e abraçasseis! Oh vida triste e cansada, que assi és prolixa, e perigosa! Senhor meu, ou acabe a vida se isto alguma hora me ha de esquecer, ou acabe em mim o amor d'ella, e a vaidade pera que só vós me lembreis sempre e pera sempre em toda hora, momento, lugar, e occupação. Oh todo meu bem, vós sabeis, que nem posso entender a importancia d'isto sem vossa luz, nem exercital-o sem vosso amor. Dai-me o que me mandais, e mandai o que quizerdes. Fazei em mim o que quereis que eu faça, e querei o que quizerdes; pois sem vós não sei senão perder-me, e comvosco tudo sei, e tudo posso, meu Deos, minha fermosura, minha gloria, e todo meu bem.

Oh Madre de Deos, minha Senhora, verdadeira imitadora d'estas ver-

dades, que com humildade cativastes os olhos do Filho do Eterno Padre, e o trouxestes a vossas entranhas. Elle vos estimou muito, mas vós nunca vos estimastes. O Anjo vos chamava Mãi, e chea de Deos, e vós vos nomeaveis por serva, nem sabieis ver em vós as grandezas que elle via. A Deos trazíeis no ventre, e encobrieis-vos, andaveis rica d'elle, e calaveis-vos, não vos estimava o mundo, e vós andaveis chea de Deos. Vós vedes, minha Senhora, quam errado ando fóra d'este caminho. Desprezado por doudo o Filho de Deos, e vosso: desestimada no mundo, e desconhecida a Mãi, e Rainha da gloria: eu servo perverso, máo e peccador, onde irei ter, por onde até agora fui? Ajudai-me, minha humilde e soberana Senhora, affeiçoai-me, atai-me a estas verdades, plantai n'este frio coração o amor d'ellas, alcançai-me do Senhor que nunca outra cousa saiba, nem deseje, e tudo o que isto não for, vós m'o tirai do coração, que nunca mais n'elle entre, pois sabeis, por experiencia, a verdade d'esta encoberta sabedoria. Oh Santos Anjos cheos de Deos, ricos de gloria, que perfeitissimamente vos humilhais ante o Senhor, nem outra cousa reina em vòs senão elle, sua luz e amor. Oh cidadões do Ceo, que lograis os frutos dos desprezos, e abatimento d'este Senhor e estais ricos dos thesouros que alcançastes por seguirdes esta sabedoria, que d'elle aprendestes, compadecei-vos d'este cego, que tão fóra anda d'este caminho: offerecei-me com todos os vossos merecimentos, e louvores, e alcançai-me d'elle que me allumie, e inflamme em seu amor, e imitação, pera que mereça essa companhia, tão rica de todos os bens soberanos. Amen.

TRABALHO XXXVI

Descredito com seus amigos, e triunfo de seus inimigos.

Grandes trabalhos pela mór parte nunca vem tão sós, que não sejam acompanhados d'outros. E ás vezes tamanhos e taes, que se sentem mais que os principaes. E vemos isto claramente nos de Christo nosso Senhor, que cada hum que passou em sua vida, e muito mais em o dia de sua sacratissima Paixão, teve juntas a si tantas e tão trabalhosas circunstancias, que cada huma d'ellas póde ser justamente contada por hum gravissimo trabalho: porque cada hum per si só bastára pera lh'o dar muito grande. Sua prisão teve junto a si, andar por baixo dos pès dos soldados, a traição de seu Apostolo Judas: muitas maneiras de injurias, e muitas punhadas. Ser crucificado, teve desconjuntamento de membros, e outras taes circunstancias, que em cada huma d'ellas, havia tanto que padecer, e soffrer, como no principal tormento. E isso mesmo se vê em todos os que padeceo. E quem deseja acompanhar o Senhor na compaixão, e sentimento de seus trabalhos, não deve deixar passar nenhuma circunstancia d'elles sem particular consideração, e ponderação, e estima d'ella, pera lhe agradecer tudo muito miudamente, e por cada cousa o amar e abraçar em seu coração: pois a fé nos ensina, que em cada huma d'ellas, ainda das que parecem mais pequenas, pôz elle tanta vontade e amor de sua parte pera as padecer, que justamente por cada huma nos mereceo infinitos, e divinos thesouros. Assi d'estas tão publicas affrontas, que os Judeos a Christo nosso Senhor fizeram (segundo temos tratado) em o levarem pelas ruas de Jerusalem atado, desprezado, injuriado, e tratado como doudo, lhe recresceo hum tamanho trabalho, que por ventura será de poucos bem entendido; mas he de sua natureza tão penoso e gravissimo, que não podia o Senhor deixar de o sentir muito, pois vemos n'elle que a nenhuma pena e dôr, que lhe podesse fazer sua Paixão mais pesada, perdoou; pera que assi podesse ser de todos os atribulados verdadeiro companheiro, e consolador, e mostrar a fineza de seu amor, em todo genero de trabalho, e sentimento. Este trabalho foi o descredito em que a pessoa sacratissima de nosso Senhor, suas divinas obras, e sacratissima doutrina, ficaria nos corações de seus amigos, e dos que folgavam de o ouvir, e andavam sempre apoz elle maravilhados da santidade das cousas que

n'elle viam: por outra parte o triunfar que seus inimigos faziam: que em fim fizeram a sua, e levaram ao cabo contra o Senhor tudo quanto quizeram. E ainda que elle assi o ordenou, não lhe custou menos sentimento e pena, que se por força o passára. Porque quiz elle que na vontade e amor com que padecia, ninguem lhe chegasse; e no muito que tudo lhe custava, ninguem lhe ganhasse. Nem póde a fraqueza, e imperfeição da carne fazer o trabalho forçado tão pesado, quanto o faz o amor divino, que por vontade carrega sobre si a pena pela sua medida; que com muitas partes he maior pera poder muito padecer voluntariamente, que a fraqueza da carne pera poder muito sentir o que forçadamente padece.

Quanto ao primeiro, não ha duvida, senão que a mais da gente affeiçoada a Christo nosso Senhor havia de ficar suspensa, e confusa; e os que mais tratavam d'elle, mais corridos, e os que mais o seguiam, mais envergonhados, e medrosos, e geralmente todos duvidosos da verdade da doutrina e milagres do Senhor. Porque como a mais da gente penetra pouco da pureza das virtudes, e não alcança muito do segredo dos divinos conselhos, e se governa mais pelo que os olhos vem, que pelo que o espirito ensína, fazem nas cousas muito fracos discursos, e atinam mal com as verdades encobertas. Tinham ao Senhor em muita conta em quanto o viam fazer milagres, penetrar os pensamentos de seus inimigos, e dizer-lh'os; obedecer-lhe o mar, e a terra, a morte, e os Demonios; não poderem seus contrarios contradizer-lhe em nada, mas ficarem sempre confusos; e andar a gente e povo pasmados apoz elle; e agora ver tudo isto dar huma tamanha volta subitamente, que o viram tão desprezado com as mãos atadas atraz, e corda á garganta, tão entregue a tudo que até os rapazes, algozes, soldados, e seus inimigos, faziam d'elle quanto queriam; pôz nos corações de todos tamanha duvida, de tudo o que ao Senhor admiravam, e que creio que até os doentes que o Senhor curou, duvidariam de sua saude, ainda que se viam sãos. Ora como pelas praças, e tendas de officiaes de Judea havia perpetuamente porfia sobre a pessoa, e obras de Christo nosso Senhor: Huns o defendiam, e tinham por elle, dizendo: que não podia fazer o que elle fazia, senão homem mandado de Deos: e outros desfaziam em suas obras: huns a cada milagre, que viam, apregoavam que tudo fazia bem feito, que Deos por elle visitára seu povo: e outros por inveja lançavam tudo á feitiçaria: vendo-o agora levar diante de todos tão abatido, que espanto meteria, e

em que vergonha, e confusão ficariam os que tinham por elle, e o adoravam? E por huma parte as cousas feas, que lançariam em rosto aos amigos do Senhor seus contrarios: e por outra a ignorancia de nossa humanidade, que sempre he ligeira a enfraquecer na fé, senão deixam palavras bastantes pera encarecer quam desacreditado ficou o Senhor na opinião de seus amigos: e quam duvidosos todos ficaram do que d'elle tinham aprendido: e como tudo isto muito em particular era presente a Christo nosso Senhor, Sabedoria eterna, a que nada póde ser encoberto, não se póde imaginar a vergonha, e affronta, em que se vio sua sacratissima humanidade diante dos olhos de todo aquelle povo; que conhecendo o risco em que seu credito, e honra estava nos corações de todos elles, ouso a dizer, que nenhum martyr passou este genero de tormento; nem pessoa no mundo, passou por tamanha vergonha.

Tinha o Senhor outros amigos mais particulares, cuja lembrança lhe dava muita pena: como eram os Santos Apostolos, Santa Maria Magdalena, Martha, e Lazaro; e outros, em cujas casas muitas vezes se agasalhava, e que d'elle tinham recebido mais particulares doutrinas: os quaes posto que não acabassem comsigo ter por máo ao Senhor, ainda que lhe viam padecer o que padecia: antes pela experiencia mais particular, que tinham de sua santidade, entendiam que tudo padecia injustamente por inveja dos Judeos: todavia na fé de sua pessoa enfraqueceram, e passavam grandissima vergonha entre todos os que os conheciam por particulares discipulos, e familiares de Christo. Porque ainda não entendiam os segredos encobertos n'aquelles abatimentos do Senhor: e estavam sentidos, e magoados, e enleados com ver que o Senhor nem se defendia, nem se livrava das mãos de seus inimigos: e cotejando estas mostras de fraqueza com a virtude e poder, que tinham n'elle visto pera tudo: ficavam suspensos, e não se sabiam determinar; porque por huma parte o amor, que ao Senhor tinham, os magoava, e por outra a pouca fé os enlevava, e assi tudo n'elles era fraqueza, e em o coração do Senhor, a que tudo isto estava claro, e manifesto causava muita pena e sentimento; e o trabalho de cada hum de seus amigos lhe acrescentava muito o seu.

Ajuntai ao descredito, que o Senhor hia tendo nos corações de seus amigos, o triunfo e victoria de seus inimigos; como andavam publicamente largos, e contentes de porem a sua no cabo, e de terem o Cordeiro entre as mãos, tanto á sua ventade: como justificavam todas suas

malicias, e ardis, que contra Christo nosso Senhor tinham usado: como acreditavam as blasfemias, que contra elle tinham dito, e quanto contra elle tinham feito: como lhe faziam guerra com suas mesmas virtudes, e milagres; como toda a honra e gloria que tinha ganhada com seus milagres, excellencia de sua doutrina, e magestade de seu poder, mudavam em mais affronta do Senhor, e maior triunfo seu; como á boca chea o acabariam de confirmar por enganador e feiticeiro: como iriam escarnecendo de seus discipulos, e amigos onde os encontrassem: e tudo isto na praça, e tão publico, que ficavam elles com a mansidão, e silencio do Senhor, blasonando, e contentando-se de si, e gloriando-se de sua victoria: não ha duvida senão, que he este genero de affronta, e trabalho de calidade, que dos da vida parece que não tem parelha.

Porque ver Christo nosso Senhor fazer de suas verdades eternas, mentiras: e de seus milagres, feitiçarias, e de sua santidade doudice, e sem nenhuma outra culpa, só pelo que nelle era divino, ser assi tratado como se tudo fora huma peste da republica; e a malicia, inveja, odio, blasfemias, e diabolicos ardis de seus inimigos ficarem na opinião de todos consagrados, e justificados, por zelo da virtude, por inteireza de governo, por amor da patria, e republica: e triunfarem os males contra suas soberanas virtudes: he genero de trabalho de que se pode dizer (o que nosso Padre S. Agostinho, diz da suavidade do amor de Deos) que sós os que passaram alguma cousa disto, e experimentaram alguma parte deste trabalho, podem rastejar quanto magóa, e dóe, quanto afflige e cansa: e quanto maior grandeza, e perfeição da virtude he necessaria pera o passar, que todo outro genero de trabalho da vida (*): e por isso já que nosso Senhor não podia em sua humanidade padecer todas as penas dos martyres, e trabalhos dos justos, ajuntou a seus tormentos as cousas mais trabalhosas da vida, que lhe fazia tudo o que padecia tão pesado, e grave de soffrer, que não só lhe servio de materia pera mostrar a summa perfeição, e santidade de suas virtudes: mas de poderem ver todos os atribulados do mundo, que ficam muito abaixo das grandissimas ondas de afflição e tormento, que elle em seus trabalhos passou. Quando o santo Profeta David quiz mostrar quam limpo seu coração estava de odio de seus inimigos, se rogava huma praga pela maior da vida, e gravissima de soffrer, dizendo: que se elle algum, ora dera mal, por mal, que não só ficasse sem tirar proveito interior do mal, que seus

(*) August. Medit. XXXIV.

inimigos lhe tinham feito, mas que além disso seus inimigos o houvessem ás mãos, o perseguissem, e tomassem, e atropelassem debaixo dos pés, e matassem, e lhe tornassem toda sua honra em vão. Tinha o Profeta pelo maior mal da vida ver com os olhos o inimigo, que não tem mais razão contra vós que sua malicia, prevalecer, e levar seu odio e mentira avante; e fazer-vos guerra com vossas proprias virtudes, e com as proprias verdades vos abater, e triunfar em suas mentiras, e quando os inimigos na pessoa são muito mais baixos, e mais perversos na malicia: e quando as virtudes, credito, e authoridade do perseguido he maior; tanto este trabalho he mais pesado. Por onde cotejando o Senhor com seus perseguidores em tudo isto, poderá em alguma maneira rastejar o coração devoto, quanto sentiria tal Senhor ver triunfar de si taes inimigos.

São tão admiraveis, e perfeitas as doutrinas, que o Senhor em este seu genero de trabalhos, que passou, ensina ás almas, que com muita razão lhe podemos com humildade pedir o que David Santo lhe rogava, que use comnosco d'esta misericordia, e nol-a dê por benção de todos os bens nesta vida, que nos communique a luz de sua sacratissima face, pera que na terra conheçamos a elle, e entendamos seus caminhos, e exemplos. Porque são tão altos, e divinos, e tem tantos segredos soberanos, que a natureza humana pasma, e enfraquece, e sem sua luz, e muito particular graça, não póde lá chegar. Primeiramente se vê aqui mui claramente quanto mais segura estrada do Ceo he o descredito da pessoa com boa consciencia, que o da opinião e honras do mundo, ainda que pareçam santas. Porque Christo nosso Senhor, que sabia quanto importava pera a salvação do mundo, ser conhecido, e adorado por quem era, entendeo, que era mais proprio caminho pera isso abater-se, e passar por tantas affrontas, que passar a vida em humanos louvores; posto que nenhuns lhe podiam dar, que fossem, não digo falsos, mas nem bastantes pera o que elle merecia. Quanto mais seguro será este caminho pera os que o quizerem seguir, que podem e devem com razão de si cuidar, que são taes diante dos olhos de Deos, que não merecem justo louvor, nem honra na terra.

O credito, e opinião com os homens, os louvores, e gabos d'elles, as honras, que os homens dão á pessoa, e ás virtudes, as mais das vezes enganam: porque cégam o coração, que traz isso se vai, que não veja suas proprias imperfeições; fazem-lhe cuidar de si mais do que he; dão

entrada á soberba, que na alma destroe todas as virtudes, e géra descuido de contentar só áquelle Senhor, que sabe e pesa em justa balança o que somos, e o que na verdade merecemos. Mas quem despreza ser tido em conta nos olhos dos homens, e se vigia sempre de seus juizos, e gabos, e só pertende puramente contentar a Deos, mal pode o mundo entender a paz, e consolação, com que no meio dos abatimentos humanos, este tal se apresenta ante os olhos de seu verdadeiro juiz, e seu Deos: e quanto mais quieto e seguro vive em corpo mortal de todos os perigos da alma, se ama por Christo de vontade o abatimento, que todos os alevantados, e santificados nas bocas, e olhos dos homens. Oh se quizessem isto entender os que professam a perfeição evangelica, e apostolica deste Senhor! Oh se quizessem trazer sempre diante de seus olhos este divino retrato deste Senhor abatido! Quam ricos, quietos, consolados, e allumiados viviriam! He isto louvado de muitos, e imitado de poucos: mas a experiencia mostra que aos Santos mais perfeitos, e allumiados por este caminho os leva o Senhor: os quaes tantas invenções buscaram pera se abater, quantas buscam os vãos pera se honrar.

Ensina tambem o Senhor, quam fina quer que seja a fé; e quam puro, e desinteressado o amor, com que quer ser dos seus conhecido, e amado. Bem via elle que punha n'estes seus abatimentos em risco a fé, e amor dos que então o seguiam; mas como era huma fé tão fraca, que só pendia das maravilhas que n'elle viam; e o amor era tão frio, que não andavam senão apoz as mercês que d'elle recebiam; houve por melhor por então dar esta prova á fé, e amor dos seus, e ainda que era com risco de o perderem; que ser d'elles tão pouco conhecido, e tão friamente amado; porque por esta fraqueza se humilhassem depois, quando com a vinda do Espirito Santo a fé, e o amor se apuraria, e desinteressaria tanto, que os que pasmavam de Christo affrontado, se gloriariam de se parecer com elle abatidos no mundo. Muitos amadores tem Christo nosso Senhor, em quanto não são approvados com outras contrarias ao gosto da natureza, ou do espirito; mas chegada a hora do desamparo de Deos, e dos homens, poucos são os que perseveram na pureza do amor. Ainda que Deos dá muito, e enche muito as almas de toda suavidade interior, com que as prende a si, todavia por nada d'isto quer ser amado, senão só por si; e por isso encobre muitas vezes tudo isto, pera vêr se o amor he desinteressal, ou proprietario. Porque se a alma não anda apoz Christo, senão quando sente o cheiro de seus suaves

unguentos, e quando os encobre duvida de seu amparo, e se tem por engeitada d'elle, e busca fora d'elle pelas criaturas alivio, e consolação; manifesto sinal he, que ama mais o dom, que o dador d'elle.

E amor tão interessal, mais lhe cumpre ser muitas vezes provado, pera que se conheça, que favorecido, porque se não perca. Amar a Jesu na Cruz, na affronta, no desemparo, e não no achar menos fermoso n'isto, que na suavidade de sua conversação, quando elle a dá, sinal he de puro amor. Entende mal esta lingoagem o que trata pouco da conversação interior d'este Senhor, e de occupar a alma n'aquillo pera que só foi criada, que he pera o conhecer, e amar: e ainda que Deos o soffre, e lhe não falta com sua bondade pera se poderem salvar, vivem todavia em grande pobreza dos bens interiores, e sabem mal quanto perdem. Mas aquelles que todo seu cuidado, e intento applicaram e consagraram ao amor actual, e exercicio da imitação d'este Senhor, o acham tão cioso do amor da alma, que não só lhes não permite mistura d'outro, por santo que pareça, mas nem o que tem lhe aceita, se tem mais respeito ao que elle póde dar, que a elle mesmo. As mercês do Senhor são certissimas: o que dá ás almas, que o amam puramente, não o póde a lingoa dizer; mas he officio da fé, assegurar a alma na certeza da largueza, e liberalidade d'este Senhor; mas o amor, elle o quer tão desapegado, que só elle, e não o que elle póde dar, o accenda, e o avive. E quando o amor he d'esta qualidade em toda adversidade interior, e exterior, fica em pé, constante e puro, porque lhe não contenta menos Deos, que ama, quando se mostra aspero, que quando o sente suavissimo.

Cousola tambem o Senhor em todos estes abatimentos, que quiz passar, os justos em hum genero de trabalho, que muitas vezes elle permite que padeçam, que he prevalecerem contra elles os máos, que he huma grandissima prova da virtude. São os que amam puramente a Deos, ordinariamente mui zelosos de sua honra, e da salvação dos proximos, e o procuram por todas as vias que podem; e como isto não póde ser sem encontrarem os intentos, e vidas dos descuidados, e que vivem com largueza da natureza; permite nosso Senhor, que estes se armem contra os bons, e verdadeiros seus servos, e que possam mais que elles por sustentarem sua largueza. E permite que isto seja á custa de muita deshonra e abatimento de seus servos; e com seu santo zelo lhes fazem a guerra, e os acanham, e lhes fazem de suas virtudes, crimes, e onde

cuidaram zelar a honra de Deos, volta-se tudo contra elles, pera mais abatimento seu. O que isto custa aos servos de Deos, só o Senhor que os conhece o sabe; mas elles quando vem os mares irados contra si, cumpre que entendam a Deos, que n'estes casos não quer d'elles por então o serviço, que lhe desejavam fazer, mas outro muito differente, e de que se elle mais glorifica, que he silencio, soffrimento, e humildade, ainda que vejam que são perseguidos como máos, sendo bons, e que são suas boas tenções, e virtudes pelos máos mudadas em deshonra, e em culpa, e materia de mór confusão sua. Porque padecer como santo, e por santo, ainda tem algum alivio, e consolação; mas padecer por máo, e ser açoute, e tormento á propria virtude, por onde cuida o servo de Deos, que contenta seu Deos, he pesadissima cousa de soffrer. Mas n'isto cumpre ser tão fiel a Deos, que calando, e recolhendo-se, mude os santos cuidados em si, e se deixe perseguir, e tratar á vontade de cada hum, e de si proprio se vigie, pera não cuidar de ninguem que he máo em o perseguir; nem que elle padece como bom. Mas só pôr os olhos no Senhor, e encommendar-lhe com amor puro a salvação de seus perseguidores, cuidar de si que não merecia tamanha honra como ser zelador da honra de Deos, e da salvação dos proximos, e que tomou Deos seus proximos por ministros seus, de vingar por elles, e alimpar os males que nelle lhe descontentam. Deixe nestes tempos sua propria honra a Deos, e não trate della, e entendendo que quer Deos que a perca, e deixe tambem nas mãos de Deos sua divina honra, por que elle a tirará a limpo: e só trate de o imitar em todo o abatimento: porque se o Senhor se quizer delle servir n'outra cousa, elle abrirá pera isso caminho, e lhe dará pera isso espirito. E porque são estes tempos muito máos de entender, e estes generos de perseguições muito trabalhosas de soffrer, quiz o Senhor deixar triunfar seus inimigos de si, e que muitos de seus amigos se mudassem contra elle, e os mais o tivessem em menos conta, e a tudo calar, e soffrer, podendo de tudo livrar-se, e desta maneira por silencio, e soffrimento vencer: pera que seus servos em casos semelhantes deixem sua causa só a Deos, cuja ella he, e tratem só de o imitar, e parecer-se com elle, e começar a victoria do mundo por si mesmos. E porque neste genero de humildade sejam perfeitos, lembrem-se daquella regra divina, que S. Bernardo deo pera conhecer: Que o perfeito desprezo de tudo he, desprezar ao mundo, não desprezar a ninguem, desprezar ser desprezado (*).

(*) Bernard. in Cen. Dn Serm. xv. tom. i.

E esta terceira addição he a principal, porque ás vezes acontece que quem tudo despreza, cahe em estimar ser desprezado, com que fica secretamente estimando-se, e perde tudo.

Exercicio do descredito, que o Senhor teve com seus amigos, e do triunfo que delle houveram seus inimigos.

Que he isto, bom Jesu, amigo verdadeiro de minha alma? Que estremo de abatimento he este a que chegais, que até com vossos amigos quereis perder o credito? E quereis que vossas maravilhas, e virtudes vos venham dar affronta, e tormento; e triunfo e victoria a vossos inimigos? Vós, gloria verdadeira dos justos, não padeceis senão pelas almas, e por acquirirdes muitos amigos; tudo quanto na vida fizestes e ensinastes são obras em fogo do divino amor abrazadas, pera converterdes as almas, e mudal-as todas em vós, e prende-las com cordas de puro amor. Pois Senhor, como pondes em risco a fé d'esses vossos mesmos amigos? Como podeis consentir que se corram de vos ter ouvido, crido, seguido, e acompanhado?

Correm-se os que vos defendiam, de ver vossos inimigos sahir com a sua, e ver vossos Apostolos fugidos; e os que vos seguiam com vos ver assi tam publicamente affrontado, e tam fraco ao parecer dos homens, e tanto em poder de vossos inimigos, ficam duvidosos das verdades que lhe ensinastes, e mais fraoos na fé do que de vós criam. E todavia por tudo passais, e soffreis desacreditar-vos com elles, e pondes a risco sua amizade santa, e a fé, que de vós tinham por amor de mim. Oh meu Deos, e meu Senhor, quam puras, e desinteressadas quereis que sejam as almas, que vos amam! Não vos contenta a fé, que não pende senão do que vê, nem vos satisfaz o amor, que vos ama mais pelo que dais, que por quem vós sois. E porque estes vossos amigos ainda vos não sabiam amar desprezado, e com mostras de fraco, como vos amavam louvado do mundo, e recebendo de vós soberanas mercês, antes quereis pôr em risco sua amizade, e fé, pera que com isso depois se humilhassem, e apurem, que ser delles por então amado com tão baixo amor, que vos não sabiam amar só por quem vós sois, nem sabiam conservar inteireza da fé em qualquer cousa que em vós vissem. A elles determinastes restituir o amor puro, e fé perfeita com a vinda de vosso Divino Espirito: e a nós quizestes com o risco, em que pozestes sua fraca

fé, e imperfeito amor, ensinar esta altissima doutrina do puro, e desinteressal amor, com que quereis ser amado, e de que mais que tudo vos satisfazeis.

Assi como sois simplicissimo, purissimo e perfeitissimo, não vos contentais com qualquer pureza d'alma, senão com total desapegamento de tudo. Só Deos de amar, quereis ser amado, só possuido, só e sem mistura de outro amor, abraçado e unido ás almas, não pelo que de vós esperam, que he immenso, e certissimo, mas puramente por quem vós sois, soberano bem, fonte, e dador dos bens. Tudo o mais que vós não sois, por santo, por grande, por excellente que seja, quereis que fique de fóra, e só possuir o assento e logar desta alma, que tanto amais. Oh que rica será a alma, que assi vos amar! Quando, meu Deos, desta maneira vos amarei? Oh quam longe d'aqui estou, quam cheio de proprio interesse e do proprio amor; porque não só vos não amo com este tão puro e desinteressal amor, mas tirando-o de vós espalho-o pelas criaturas, folgando de ser dellas amado e conhecido. Não vivo, se tem de mim meus amigos qualquer desgosto, ou opinião fora da que d'elles espero: inquieta-me, se me não respondem com o que cuido que lhes mereço; quero que louvem minhas obras, e adivinhem, e justifiquem minhas tenções. Não digo ainda nisto, Deos meu, as migalhas da verdade desta alma de quam cativo sou de meu credito e honra, e da amizade humana: e prouvesse a vós que não passasse ávante o viver de meus máos desejos, e damnados appetites, que vossa infinita misericordia me soffre, e só vossa bondade pode desta alma arrancar. Se alguma hora busco vossas cousas, vou a ellas levado mais de mim, e de meu interesse, que de vosso puro amor; e se tenho hum amigo santo, e virtuoso, aferro-me mais a elle com affeição humana que espiritual, pura, e desinteressal. Oh quando curareis isto, meu Deos, nesta pobre alma! Oh quam raro he esse puro, e desinteressal, que só a vós, Deos meu, esteja apegado sobre toda a obra santa, e sobre todo o amigo santo, sobre toda a cousa terrena e celestial, e que de tão boamente se desapegue de tudo por vós, como vós deixais tudo por mim. Oh Senhor, quam difficultoso he de achar hum tão puro, limpo, e desapegado espirito!

Que muito que eu faça isto por vós, pois vós o fizestes por mim? Se eu bom Jesu, fora vosso Deos, que mais podereis fazer por me amar, que antepor meu amor a toda honra, amigos, credito santo, e opinião boa, e perder tudo por elle, como fizestes? E tudo isto fazeis por mim

peccador, por me mostrar o puro amor que me tendes, e quam puramente quereis ser de mim amado; e eu, bicho da terra, tenho por muito desapegar-me de cousas tão baixas, como he tudo o que de vós me aparta, por levantar este baixo coração á pureza de vosso amor.

Oh quem nunca pejara o lugar de vosso amor n'esta alma! Que tendes em mim, que tão só, e desapegado me quereis? Só me quereis, amor divino: só e desinteressado quereis o amor d'este coração. E se assi vos amar Deos meu, que acharei em vós? Oh amor, oh amor, oh amor, quem se vira só comvosco, e mais d'aqui não passára, nem mais de seu tivera, quam rico, quam satisfeito, quam mudado em vós estivera! Quando acabará, Deos meu, o peso d'esta terrena carne, que sempre tira por mim, e me aparta de vós? Vós alevantais-me, e ella abate-me: vós abrazais-me, e ella esfria-me; vós purificais-me, e ella suja-me: vós encheis-me de vós, riquissimo, fermosissimo, purissimo, amor eterno, e divino convertedor das almas, e ella leva-me ás misturas de baixissimas cousas, que me apartam de vós. Oh se já se gastassem estas fezes d'este velho, e terreno homem pera vos ter só a vós por meu unico, e verdadeiro bem! Meu Jesu, amor de minha alma, d'aqui pera sempre renuncio por amor de vós toda criatura, renuncio parentes, amigos, prazeres, liberdade, credito, opinião, e tudo quanto póde pejar este coração, e o que me falta de perfeição d'esta vontade, vós, misericordioso Senhor, o suppri. Alimpai, divina pureza, esta alma, que pera vosso assento e lugar fizestes: apurai o amor d'ella, e desinteressai-o, pera que a só vós puramente ame, e a só vós deseje. Se quereis Deos meu, que por serdes vós o unico, e puro amor de minha alma, seja eu na vida desamado, desfavorecido, deixado, e desacreditado dos amigos, por bons, e santos que sejam, e de toda criatura; eu, meu unico e verdadeiro bem, esposo de minha alma, assi o quero. Falte-me tudo, não me falteis vós; deixem-me todos, não me deixeis vós; queira-me bem quem quizer, mas eu a só vós viva, e morra apegado. Oh se chegasse esta hora! oh se verei em mim esta pureza! Vinde, bom Jesu, vinde a esta alma, e fazei n'ella o que com tanto trabalho me ensinastes, pois sabeis que não vivo senão quando vivo em vós, e deixe-me tudo, que comvosco só me contentarei. Oh se se não dilatasse esta hora!

Confessarei contra mim, Deos meu, minha grande miseria á vossa divina misericordia, pera que me cureis, e me deis o que de mim quereis. Vós Senhor me mandastes, que quando fizer perfeitissimamente tudo o que

me he mandado, diga que sou servo sem proveito, porque tudo o que bem fizer vosso he, e não meu. E agora, espelho de eternas verdades, me ensinais em vós, que quereis que isto seja tanto de coração, e esteja tão desapegado de minhas boas obras, e me tenha n'ellas por tão pobre d'ellas, que se os proximos me fizerem do bem, que faço, mal, e com a propria minha verdade e virtude me fizerem guerra, e me perseguirem, não como a santo (que he gostoso) mas como a máo hypocrita, fingido, e enganador; que cale, e soffra e me deixe tratar de toda criatura como cada hum quizer, por imitar, amar, e possuir só a vós. Quando isto vejo desejo-o: quando me inspirais, determino-me; quando em vós me ensinais, queria em tudo parecer-me comvosco. Mas quando chega a hora, oh quam differente me acho! e confesso minha miseria, que não póde minha carne com esta Cruz. Aqui caio, aqui atolo, aqui perece a fé, e a paciencia, e aqui hei mister mais vossa assistencia, e favor, que pera toda cousa outra da vida. Vós, meu bom Jesu, não podeis dizer com verdade que sois servo sem proveito, porque só vós sois o que déstes a todos proveito da vida eterna. Vossa doutrina he abrazada, penetra as almas, e cativa os corações: vossas obras são divinas, vossa vida sem reprehensão; em tudo sois cheio de riqueza pera as almas: e tudo isto he vosso, que com vossa virtude o fazeis, e não alheia. E todavia quizestes que com vossas maravilhas, e palavras, como se foram más, e enganadoras, e traidoras, vos affrontassem, e triunfassem de vós vossos inimigos, elles ficassem os justificados, e vós o condemnado, elles os gabados, e vós o deshonrado, elles por entendidos, e vós por traidor e malicioso. Oh minha soberana verdade, oh minha verdadeira vida, quam costa acima he isto de minha carne! E todavia quereis que assi vos queiram, que assi vos conheçam, e vos desejem, e sigam os vossos: e por tão fermoso quereis que vos tenham assi abatido, como em gloria resuscitado. Não quereis ser amado, senão de qualquer maneira que vós á alma apparecerdes; e que de toda maneira vos ame, vos deseje, e a vós só se someta, quer glorioso, quer deshonrado, ou com cruzes, ou com mercês e favores.

Confesso, meu Senhor, que isto me cumpre; mas tambem confesso que minha miseria não chegava aqui, e se espanta quando vê diante de si esta occasião. Confortai-me, Senhor meu, e alevantai-me este terreno coração da terra, pera que sem impedimento possais fazer n'elle o que quereis: lembrai-vos Senhor, que a lembrança d'estas cousas no hor-

to vos fez suar sangue quando deixastes vossa humanidade sacratíssima sentir como humana o que havia de passar: e eu, que sou abaixo de humano, peccador, e terreno nos desejos, e em minhas miserias, que farei? A vós brado, e bradarei, a vós reconhecerei por meu Deos, e que só podeis fazer em mim o que eu não posso. Já que, Senhor, me mandais que diga (depois que tudo fizer) que sou servo sem proveito, porque vós sois o que fazeis todos os bens em nós, pera que assi os conservemos, eu d'ante-mão confesso que sou muito desaproveitado, e miseravel, e mais fraco que toda a criatura. Mas n'esses divinos braços me lanço, a esses divinos pés me arremesso, peço-vos por vossa bondade que em mim façais vossas maravilhas. Não peço que não venham sobre mim estas afflicções, mas peço-vos que me deis hum tamanho amor de as padecer por vós, que nenhuma outra maior consolação tenha na vida, que afflgirdes-me sempre com dores, e da maneira que vós quizerdes, sem alevantardes vossa mão, e que n'isto viva, e acabe contente por vosso amor, e por me parecer comvosco. Abatido, e deshonrado por máo, vos quero, e de vossa mão quero da mesma maneira ser tratado na vida. Triunfem de mim meus contrarios, fazendo eu em tudo o que devo, e nunca meu coração cuide que eu faço, nem que sou melhor que elles. Não cuide, meu Deos, nunca de mim, que sou perseguido como justo: mas que muito menos padeço do que mereço: e dai-me que ame meus contrarios como amigos verdadeiros, e como instrumentos de vossa providencia, e vontade. Aqui, Senhor, me mostrais vossas maravilhas, em fazerdes este vosso máo, e indigno servo, tão humilde, e sujeito por vosso amor, como vós querèis: fazei, Senhor, que em meu coração nenhuma differença faça de ser perseguido de máo, ou de bom, nem de ter razão por mim; ou contra mim. Mas minha razão seja quererdel-o vós assi, e minha justificação seja só imitar-vos, e parecer-me comvosco. Abri, Senhor meu, vossos thesouros, e fazei n'esta miseravel massa vossas divinas obras. Desapegai de mim tudo o que este coração póde sentir, e apegai-me só a vós. Oh só vós, meu Deos, meu Jesu, meu amor, e nunca mais tenha!

Madre de Deos sacratissima, valedora dos fracos, remediadora dos errados, vós me valei, e me alcançai este thesouro d'este Senhor. Vós sabeis, Rainha dos Anjos, que pera nenhuma outra cousa foi minha alma criada, senão pera estar perfeitamente unida por amor puro a este Senhor, e sabeis quam mal empregada está fóra d'elle. Alcançai-me sua

graça, e luz pera só a elle buscar, só a elle desejar, e possuir, só a elle amar de todo meu coração, e não fazer caso de toda cousa que isto não for, ou a isto me não levar, e não temer cousa senão a que d'isto me apartar. Oh Santos da Gloria, e espiritos bemaventurados, ajudai a este pobre desterrado, mais fraco, e mais miseravel por minhas culpas, que pela fraqueza da miseravel natureza. Alevantai-me o coração áquelle, que tão cheios e ricos vos tem de si, pera que com elle satisfeito, nenhuma outra cousa affeiçoe, nem perturbe esta alma, nem a aparte d'elle pera sempre. Amen.

TRABALHO XXXVII

Trocado por Barrabás, e contado entre máos, e ladrões.

Não podia o descredito, e abatimento do Senhor, em que em sua Paixão se vio, chegar a mór estremo, não em muitos dias, mas em hum só; nem em muitas horas, senão em menos que seis, que a se fazer mais conta de hum ladrão, atroador do povo, revoltoso, e homicida, que d'elle: e haver-se por propria pena e castigo pera elle, e por companhia, que lhe mais quadrava, a de ladrões, e ser contado entre a malvada gente, que mais damno faz á republica, e com elles, e entre elles justiçado. Assi foi, e assi o procurou a malicia dos inimigos do Senhor, por todas as vias que pôde, e quando não pôde por justiça, o acabou por porfia, e brados, e amotinações do povo. Quando á sexta feira da Paixão do Senhor logo pela manhã cedo levaram o Senhor a Pilatos, que não quizeram entrar em sua casa, por ser dia santo de Paschoa (como já temos dito) sahio a elles Pilatos, e lhes perguntou pelas culpas que contra o Senhor traziam, pois assi lh'o traziam atado, e affrontado. Os Principes, Sacerdotes, Letrados e Fariseos inimigos do Senhor, querendo acreditar suas pessoas, e ver se só por authoridade de principaes dos Judeos podiam acabar o que pertendiam, sem mais figura de juizo, responderam a Pilatos: «Se este não fora malfeitor digno de morte não to entregaramos d'esta maneira» (*). Enfadado Pilatos de tal resposta, tão em prejuizo da justiça, lhes disse: que elles se entendessem com o Senhor, e condemnassem por sua lei. E como elles pertendiam dar-lhe morte de cruz; pera o qual não tinham jurisdição, por lh'a terem tirado os Romanos, a que estavam sujeitos (ainda que por casos contra sua lei podiam dar outro genero de morte) e porque tambem pertendiam matar o Senhor, não só por casos que contra a lei lhe assacavam, mas por outros crimes que lhe alevantavam mais affrontosos, com que pertendiam mais desacredital-o, disseram a Pilatos que não podiam elles dar a ninguem o genero de morte que o Senhor merecia. Então o começaram a accusar de revoltoso, e perturbador do povo, e que começara por Galilea até Judea. Em tudo á primeira trabalhavam por não chegar a particulares culpas, porque eram ellas tão manifestamente falsas, que se temiam que conhecida sua malicia não podessem dobrar Pilatos ao que elles desejavam. E por isso andavam por cousas geraes, que era revoltoso, e perturbador

(*) Joann. cap. XVIII.

e outras a este modo. E todavia ao cabo o accusaram que se fazia Rei, e defendia pagar o tributo a Cesar Emperador.

Lançou-os Pilatos de si, e os remetteo a Herodes, por ser de sua jurisdição (como já temos dito). Tornando outra vez a Pilatos trataram de accusar ao Senhor de crimes particulares, cada hum pelas leis Romanas digno de morte; e tornaram ao que já tinham d'elle dito, que o acharam defendendo, e persuadindo ao povo, que não pagassem tributos ao Emperador Cesar, com achaque de liberdade da patria, e que se fazia Rei, contra a lei imperial dos Romanos. Pilatos não podendo já dissimular com a qualidade d'estas culpas: ainda que bem via em o Senhor quam pouco cabedal tinha na terra pera se poder d'elle cuidar que se fazia Rei: começou-lhe a fazer perguntas alli diante dos Judeos, e não achando nada provado contra nosso Senhor Jesu Christo, e vendo que elle a tudo calava; metteo-se pera dentro, e chamou a Christo só á parte pera saber d'elle d'onde era, e em que conta se tinha, e ver se podia achar algum rasto do que os Judeos diziam contra elle; e perguntou-lhe se se tinha por Rei, ou se vinha da casta dos Reis de Judea?

O Senhor disse: «Que o seu reino não era d'este mundo, que se o fora, seus vassallos morreram sobre elle, pera não vir ás mãos dos Judeos, mas que seu reino não era de cá debaixo.» Reposta digna de muita consideração. Se o Senhor fora Rei da terra, os vassallos o defenderam dos Judeos, e por ser Rei dos Ceos, o não defendem na terra os celestiaes servos seus; como se houvesse mais descuido na lealdade dos vassallos do Ceo, que nos vassallos da terra. Mas he isto ao revez, porque os vassallos da terra defendem com justiça, ou sem ella, o que julgam por grande, ou se enganem, ou não; mas os do Ceo, que ensinados por seu Rei soberano, sabem a pouca, ou nenhuma importancia das cousas da terra, em comparação das do Ceo, e quanto mais se ganha em as perder, que em as conservar, não defendem a seu Rei, injuriado na terra, que ha de povoar pelos merecimentos de seu soffrimento o Ceo; nem livram os outros amigos, e vassallos, que na terra vivem, de seus trabalhos, e inimigos, porque com isso asseguram a riqueza do Ceo: e como a sabedoria, e entendimento das cousas he no Ceo differente do da terra, governam-se lá as cousas por mais certas, e seguras leis, que no mundo.

Disse Pilatos ao Senhor: «D'essa maneira, Rei és tu?» Respondeo o Senhor: «Assi he como dizes, eu não nasci pera outra cousa, nem vim

ao mundo senão a ensinar, e a provar a verdade; e quem puramente trata de verdade, ouve e segue minhas palavras (*).» Deve de dar bem que cuidar esta palavra de Christo a todo Christão que professa salvar-se por sua doutrina: porque vistas bem as verdades, que o Senhor em sua doutrina ensinou, e a prova d'ellas, que com sua santissima vida, e perfeitissimos exemplos em sua sacratissima Paixão deo; e cotejando tudo com a vida, e intentos de cada hum, bem claro póde vêr se he dos que deveras tratam da verdade: ou se se deixam enganar com cousas que o Senhor desaprova. E como n'isto não vai menos que perder, ou salvar a alma, muita obrigação tem todo Christão de não passar por suas cousas levemente, mas viver com muito tento, por não ser dos reprovados d'este Senhor.

Mas parece-me que por nossos peccados, tem Pilatos muitos companheiros de seus descuidos, que ouvem muitas verdades do Senhor, e tratam pouco de as entender, e amar muito de coração. Como fez Pilatos, que ouvindo ao Senhor, lhe perguntou que cousa era verdade. Pergunta certo, que se fora feita com mais assento, e desejo de ser allumiado da luz divina, que presente tinha, dava a esse mesmo Senhor grande materia pera lhe fazer muitas, e mui assinaladas mercês. Mas elle em fazendo esta pergunta, e vendo que o Senhor fallava em reino do Ceo, que elle não entendia, e de que não fazia caso, nem tocava ao imperio de Cesar: houve que seria tudo genero de santidades Judaicas, e que os Judeos por inveja não soffreriam que ganhasse o Senhor mais credito de santidade com o povo que elles: e lançando (como Herodes) tudo a pura vaidade, determinou-se de livrar o Senhor; e sem esperar reposta de tão singular pergunta, como tinha feito, se sahio fóra outra vez com Christo aos Judeos. E lhes disse: «Fiz as perguntas, que vistes aqui publicamente perante vós; e cá dentro mais miudamente inquiri d'estes casos d'este homem; eu nenhuma culpa lhe acho, nem Herodes, a quem vos remeti, lha achou, e bem vistes que m'o tornou a mandar sem dar sentença. Eu lhe darei algum castigo pera sua emenda, se algum alvoroço faz, pera que cesse, e o soltarei.» Ficaram os Principes dos Judeos com esta resolução de Pilatos finados, porque lhes pareceo que Christo nosso Senhor, ainda que em publico calava, daria em segredo tantas razões a Pilatos, que o convenceria, e lhe faria entender a verdade de tudo, e a falsidade dos accusadores. E vendo que até alli não tinham feito nada, e estavam em risco de perder, o feitio de todos seus ardis,

(*) Joann. cap XVIII.

tornaram-se á porfia, e brados, e amotinação, e alvoroço do povo, que muitas, ou as mais das vezes acaba quanto quer, ainda que falte a justiça.

Desejando Pilatos livrar ao Senhor, que tinha por innocente, e não se podendo valer do motim que os Principes dos Judeos alevantavam no povo, quiz usar com elles de manha. Tinham os Presidentes Romanos por costume, de soltar cada anno pelo dia de Paschoa aos Judeos hum preso, qual o povo pedisse em memoria, e significação que n'aquelle dia livrara Deos seu povo do cativeiro de Egypto (*). Estava n'esta conjunção hum notavel preso em Jerusalem, de grandes crimes, que se chamava Barrabás, conhecido por ladrão, e que havia pouco que fizera no povo huma grande revolta, e arruido, em que matara hum homem; e estava o escandalo, e odio d'elle no povo tão fresco, que se não pode Pilatos persuadir, que quizesse ninguem dar a vida a tão máo homem, e tamanha peste da republica. Por ser este o mais notavel, e escandaloso preso que tinha, o emparelhou com Christo nosso Senhor, cuja doutrina, e milagres, estavam ainda em todas aquellas partes tão quentes, que parecia, que só a differença de tamanhas maldades, e escandalos, a tamanhas e tão claras virtudes, valeria ao Senhor pera lhe pedirem todos a vida. E ainda que Pilatos não conhecia tanto do Senhor, via n'elle hum tamanho soffrimento, huma táo branda mansidão, huma tão imperturbavel modestia, hum assento, e gravidade de rostro, e olhos, huma madureza de gesto tão admiraveis, entre tamanhos encontros de affrontas, e trabalhos bastantes pera alterar, e derribar qualquer forte animo, e prudencia; que não se pôde persuadir, que houvesse tão deshumano coração, que quizesse trocar a vida d'aquella cordeira pessoa, pela de hum escandaloso homicida, e ladrão. E assi disse ao povo: «Tendes por costume escolher hum preso pera vol-o soltar n'este dia; escolhei dos dous Barrabás, ou Jesu, que chamais Christo: qual d'elles quereis que hoje vos solte?»

Não succedeo este ardil a Pilatos, como elle imaginou; porque os Principes, e Sacerdotes dos Judeos, que não tratavam do bem da terra, senão só de satisfazer seu odio, houveram n'esta escolha seu negocio por acabado; porque já Pilatos pela escolha que tinha dado, parecia que ficava penhorado a justiçar hum dos dous, soltando o outro. Por isso se meteram com o povo, e fizeram com elle que pedissem a vida a Barrabás, e a morte a Christo nosso Senhor. E como o povo amotinado cos-

(*) Matth. cap. XXVII.

tuma não cuidar, nem pesar as razões das cousas, mas como alimaria desenfreada se arremessa ao que primeiro se offerece: vendo seus Principes e Sacerdotes d'aquelle bando, o seguiram sem mais consideração, e começam os Principes, e Sacerdotes, e apoz elles todo o povo a gritar, que lhe soltassem a Barrabás ladrão, e revoltoso. Pasmado Pilatos de tamanho desatino, disse-lhes: «Pois se eu soltar esse máo homem, que farei de Christo?» Bradaram todos: «Seja crucificado!»

Não contentes com tal troca os Judeos, procuraram que o Senhor fosse crucificado entre dous ladrões, e entre elles fosse levado á Cruz, pera mais deshonra sua, e se acabar de cumprir o que estava profetisado, que seria contado entre os malvados. Eis aqui quem he o povo, a quem a mais da gente grande do mundo deseja parecer bem! Eis aqui traz cujos gabos muitos andam infunados! Eis aqui o pago que a Christo nosso Senhor deo por quantas mercês lhe tinha feito! Certo que a novidade, e estremos de trabalhos, em que nosso Senhor se vio, fazem pasmar, e emmudecer hum coração humano: nem deixam palavras pera se poder encarecer; só fica aberta a porta ao coração devoto pera sentir, pasmar, e derreter-se quanto poder.

Bem mostrou Christo nosso Senhor, em si, a verdade que tinha dito a seus Apostolos, quando os animava a passar os trabalhos, que no mundo lhe estavam aparelhados, aconselhando-lhes que lhes não pesasse de se parecer com elle, dizendo: «Se virdes que o mundo vos aborrece, sabei que primeiro me quiz mal a mim (*).» Se foreis do mundo, o mundo quizera bem ao que he seu; mas porque não sois do mundo, por isso vos quer mal. Porque o mundo ama o que he seu, defende os ladrões, dá vida ao homicida, solta o revoltoso, e favorece os máos; e ao autor da vida mata, ao pacificador de todas as perturbações condemna, e ao innocente troca pelo culpado.

Este he o mundo, servido, buscado, venerado, e pelo qual, ordinariamente os homens se perdem, o qual quanto mais velho vai sendo, maiores callos vai fazendo n'esta sua má condição, de perseguir, e aborrecer os bons, e as virtudes, e justificar as vaidades, e consagrar os vicios por verdadeiros gostos, e prazeres; e pode tanto com a gente, que ainda que tarde, ou cedo dá desaventurados pagos, todavia he crido; e com tanto engano enfeitiça, que com seus males diante dos olhos, que senão podem encobrir, leva a mais da gente apoz si, como que andassem traz dos verdadeiros bens. Mas quem o segue, não se esqueça d'esta

(*) Joann. cap. xv.

palavra do Senhor, que o mundo ama, e favorece o seu; e porque os de Christo não são seus, os aborrece: por onde a risco da alma de cada hum irá o bando a que se encostar; ou do mundo pera se perder, ou de Christo pera se ganhar, ainda que seja do mundo aborrecido.

Poderosissima consideração he pera os que de verdadeiro coração imitam, e amam ao Senhor, de vontade aborrecerem o mundo, vêr como tratou a Christo nosso Senhor, e quam má troca fez d'elle, e vêr que se o mundo ama os máos, he pera os acabar de enganar, e destruir: e que servem a hum Senhor, que ama aos bons pera os coroar, e ama os máos pera os justificar, e salvar.

Dando a isto outra volta: quem bem entende a condição d'este Senhor, e tem cahido no amor, que em seu coração sempre ardeo, e mostrou aos peccadores; e quanto trabalhou pelos buscar, e se parecer com elles, parece que lhe faz injuria contar-lhe por trabalho, ver-se trocado por homicidas, e contado entre malfeitores. Mas antes parece que pera fineza, e grandeza de seu amor, aquella foi a melhor hora, e de mais gosto de toda a vida, em que vio dar vida a máos, porque elle morria, e ser acompanhado com peccadores, que elle tanto á sua custa veio buscar. E assi parece que ainda que he gravissimo genero de trabalho, passar por tamanho desagradecimento de hum povo tão cheio de mercês do Senhor, e que o houveram por mais indigno da vida, que hum homicida e perturbador da republica: todavia do coraçao d'este Senhor se póde com muita razão cuidar, que muito maior trabalho fora pera elle, no dia em que elle estava offerecido a morrer por todos, tirar-se a vida a outrem, por máo que fosse, por lha dar a elle. E ainda que da parte dos que tão má troca fizeram, tudo foi cegueira, peccado, e erro; da parte da providencia do Senhor, foi ordem de eterno conselho, pera ter todo o peccador penhor certo nesta troca, que todas as vezes que lhe cumprir, poderá dar por si a vida, e sangue d'este Senhor. E assi deve todo coração christão crer, que quando o Senhor ouvio pedir a vida a Barrabás, e a elle a morte: na sua alma consentio com abrazado amor n'esta troca, e com efficasissima interior oração se trocou elle mesmo, e offereceo ao Padre Eterno pelo mesmo Barrabás, e por todos os peccadores; e alcançou d'elle, que esta troca, e contrato ficasse firme, e confirmado, pera todos os peccadores que se quizerem salvar. Por onde já que o Senhor tanto de vontade aceita a companhia dos máos, pera ser por elles trocado, e acabar entre elles a vida, nenhum, por muito máo que seja,

póde desesperar que lhe faltará logar na companhia d'este tão verdadeiro amigo de peccadores; porque quem na vida foi sempre tamanho agasalhador d'elles, que nunca acharam cerrada a entrada a elle, e com elles se acompanhava, e na morte entre elles quiz acabar, e levar em principio, e começo de paga hum ladrão da cruz ao Ceo; como tão penhorado, no Ceo, ha de negar a par de si, logar ao peccador que o buscar?

Da parte de Deos não ha duvida: da nossa parte ha muito que temer; porque elle deo-se por nós, e com isso ficamos remediados; mas nós tornamol-o a trocar, e dar por cousas que nos condemnam. E bem olhadas as cousas com juizo limpo dos enganos do amor proprio: n'este perverso peccado dos Judeos temos cahido todas as vezes, que por peccado mortal lançamos a Deos da alma.

E não sei se he esta nossa troca muito peior: porque Barrabás era criatura d'este Senhor, por quem elle morria, e foi trocado por quem elle mesmo se dava pera o salvar. Mas trocar ao Senhor por tão baixas cousas, e tão feios peccados, que pelo muito que os aborrece, morre pelos remediar, e pelas vaidades do mundo, que elle tanto á sua custa condemna: he muito pera huma alma correr, e não ousar alevantar os olhos a este Senhor. Porque peccar mortalmente não he outra cousa senão tirar a Deos de sua casa, que elle fez, e á sua custa comprou: e pôr em seu logar n'ella ao peccado, que he o que faz ao inferno feio, e medonho, e insoffrivel. E não só soffre hum homem christão este mal na alma, mas come, e dorme, e leva gosto da vida, e dos mesmos peccados, com ter feito tão desaventurada troca. Nem desculpa, e faz nosso peccado mais leve que o dos Judeos, trocarem elles a Christo por Barrabás por paixão, inveja e odio: mas antes a meu vêr, muito mais nos condemna. Porque nós com adorar este Senhor por quem he, e esperar d'elle a salvação, e todos os bens, sem odio d'elle, he tamanho o gosto de peccar, e tanto maior o amor das offensas que lhe fazemos, que d'elle, que não estimamos perdel-o, e trocal-o pelos gostos da vida. Em fim, estes somos, e não nos val senão não ser este Senhor agora menos amigo, e menos soffrido que o dia que por nós morreo.

Exercicio de ser o Senhor trocado por Barrabás, e contado entre os máos.

Adoro-vos, meu bom Jesu, Filho de Deos vivo, e dou-vos infinitas graças por este estremo de amor, que me agora mostrais: pois vos não

contentastes de tomar carne de peccadores, e conversal-os na vida, recebel-os com misericordia, e satisfazer por nossas culpas: mas por nos mostrardes o grande, e infinito, e abrazado amor que nos tendes, já que não podeis fazer peccados, pera de verdade serdes peccador, quizestes ser tido em conta dos máos perversos do mundo, e dos que são perdição da republica, como são ladrões, e homicidas, e como muito peior que elles, julgado por mais indigno da vida que elles, e como seu capitão entre elles justiçado. Que vos darei, amor infinito, por tamanho excesso de amor? Com que, Salvador meu, poderei satisfazer esta tão abrazada amizade que me tendes, e este fogo de divina charidade, com que me amais? Dou-vos, meu Deos, e Senhor, este peccador coração, já que tanto desejastes parecer-vos comigo, e ser tido pelo que eu sou, não desconhecereis a miseria, e malicia d'esta triste alma. Tomai-a, meu Senhor, em vossa companhia, de mim tratai, como for mais vossa vontade, pois que tudo o que ordenardes que por vós padeça, e passe, não póde chegar á mais pequena migalha d'estes estremos de deshonras, que por mim passastes.

Perdoai-me, bom Jesu, quanto tempo da vida tenho gastado em servir, e contentar a hum tão máo mundo, e que tão mal vos conhece, e tanto vos desagradece as mercês, que lhe tendes feito. Barrabás, Deos meu, e vida da minha alma, ladrão revoltoso, e homicida, merece mais a vida que vós, saude das almas, repouso dos perseguidos, e thesouro de todos os bens, pera os que vos amam? Antes quer o mundo que lhe viva Barrabás, meu dulcissimo Jesu, que vós? Oh quem nunca vira mundo! Oh quem sempre o aborrecera! Oh quem nunca vos perdera por elle! Que ha de fazer tal mundo, senão sustentar os seus, e matar-vos a vós? Não achou o mundo, meu Deos, outra companhia mais propria pera vos crucificar, que entre ladrões? Tão depressa esqueceram vossos milagres, vossos divinos exemplos, santissimas obras, e heroicas virtudes? Tão depressa esqueceo a brandura com que a todos agasalhaveis, a sabedoria com que os ensinaveis, o poder divino com que os curaveis, a paciencia com que os soffricis, e o amor com que a todos trataveis. Ninguem se soccorreo a vós, que lhe não valesseis: a ninguem escandalizastes; vós do mundo nada quericis, como pobre; não buscaveis suas honras, como humilde: a ninguem importunaveis: a todos fazieis bem, e ajudaveis: defendieis, e amparaveis: e quando vos poem na escolha destes mesmos pera remedio de escapar da morte, que vossos inimigos

vos procuram, livram o ladrão, e a vós crucificam: pedem a vida ao homicida, e a vós, vida verdadeira das almas, pedem a morte, e vos tem por tanto peior que ladrões, e por tão prejudicial pera a gente, que cuidam que salvam as almas, e que se asseguram, a tomar vosso sangue sobre si, e sobre seus filhos, pera vos tirarem a vida, e do mundo, e da conversação da gente. Oh bemdito, oh louvado, oh glorificado sejais, meu bom Jesu.

Oh miseravel de mim, meu Deos, e minha misericordia: com este mundo, que assi vos trata, tenho eu feito paz, a este sirvo, nelle tenho posto meu cuidado, a elle desejo contentar: sinto perdel-o, amo cobral-o, e por elle, e com elle me perco. Dai-me, Senhor meu, perfeito aborrecimento d'elle, de hoje pera sempre; e que só a vós ame, só a vós busque, só a vós deseje, só a vós estime. Quando, Deos meu, me verei comvosco deste tão máo mundo perseguido, abatido, e deshonrado, e eu com isso contente, como vos vejo a vós, amor suavissimo de minha alma? Que bem me pode dar a mim, nem que posso esperar delle, que a vós, summo bem, assi desconhece, e trata? Oh que perdida vida a que nelle tenho gastado, que perdidos pensamentos, desejos, e cuidados, que nelle tenho empregados! Curai, Senhor, por vossa bondade esta miseria minha, dai-me perfeito aborrecimento de tudo o que no mundo ha, pera perfeitamente a só vós amar. Tenha-me daqui adiante o mundo em má conta pera me parecer comvosco Deos, e Senhor meu: aborreça-me pera que vós me ameis: lance-me de si pera que vós me recebais: e trate-me de maneira, que já que vosso amor me não leva a vós, sequer a perseguição do mundo me obrigue a buscar-vos.

Bom Jesu, vida, e esperança da minha alma: já que assi o mundo vos lança de si, vinde-vos a mim, eu vos abraçarei, e morrerei por vós, e vos conhecerei por meu Deos, e Senhor. Diga o mundo, Deos meu, o que quizer; trate-vos como vós não mereceis: eu vos adoro, vida verdadeira, adoro-vos, thesouro de bens eternos: adoro-vos, verdadeiro companheiro, e amador das almas: entre ladrões vos cenheço por meu Deos, e trocado pelo homicida vos confesso pelo dador da eterna vida. Adoro esse amor, que a taes estremos vos trouxe: nelle desejo abrazar-me, nelle consumir-me, nelle transformar-me, e acabar.

Oh meu Deos, oh infinita misericordia! quanto tendes que curar em minhas maldades, e desaventuras! Quando, Deos meu, ponho os olhos em vós, e em mim, no que por mim passastes, e no que eu contra vós te-

nho commetido; desejo confundir-me, e sumir-me nos abysmos se podesse, porque tudo, e muito mais mereço. Eu sou, meu Senhor, mais culpado no peccado d'esta gente que todos. Elles trocaram-vos por Barrabás, criatura vossa que desejaveis salvar, e por quem padecieis, fizeram isto por odio, e inveja que vos tinham. Mas eu, Deos meu, troquei-vos muitas vezes, não por paixão, mas com gosto, não com odio, mas por affeição má d'este coração, por meus desaventurados appetites, e peccados; deixei-vos pela vaidade de meu coração, por amor de males que me defendestes, e por abominaveis, e vergonhosissimos peccados. Vós, riqueza da minha alma offerecieis por inspirações interiores vossa divina fermosura, e bondade a este pobre coração, e eu quiz mais o gosto das criaturas, que a vós.

Oh meu Deos por quam baixas, e feias cousas vos desprezei! Quantas vezes matei em mim vosso espirito, pelo que o Demonio de mim queria: e querendo vós viver, e reinar em meu coração, quiz eu antes que vivessem n'elle quantos peccados contra vós commeti, que vós meu summo, e verdadeiro bem. Como se não derretem meus olhos em lagrimas, meu Deos? Como ouso estar diante de vós, meu bom Jesu? Como posso alevantar os olhos a vós, sendo tão máo, e tendo feita tão perversa, e desaventurada troca de vós? Perdoai-me, Senhor de toda a misericordia, perdoai minhas grandes desaventuras. Oh quem nunca vos perdera, nem lançara d'alma! Vós sois minha vida, e engeitei-vos por verdadeiras mortes; vós sois minha sabedoria, e desprezei-vos por cegueiras da vida: vós sois minha clara luz, e engeitei-vos por escurissimas trévas. A vós resisti em mim, e favoreci minha carne; a vós desprezei, e aceitei em vosso logar males, e peccados; a vós meu Deos lancei de mim, e em vosso logar puz o Demonio, e suas obras. Oh Senhor de toda piedade, a misericordia, que vos fez padecer tanto por mim, vos faça haver piedade de minha miseria. Aqui, Senhor, me lanço a vossos pés, aqui me despido de tudo o que contra vós amei, aqui renuncio tudo o que até agora estimei contra vossa lei: fazei vós, Deos meu, isto perfeito: entrai, bom Jesu, nesta alma que he vossa, tomai, gloria minha, vosso lugar, e vivei nella e reinai nella, meu soberano Rei. Aborreça-me, Deos meu, o que até agora amei: e sede vós sò de mim amado: acabem, Senhor, nesta hora meus peccados por vossa infinita misericordia. Fizestes-me, Senhor meu, pera vós, perdido ando sem vós: não sei pera que he viver, se mais vos hei de lançar de mim, e offen-

der? Cobrai-me Senhor, curai-me Senhor, lançai vossos inimigos desta alma vossa, pois pera vossa morada a criastes. Possui-a toda, fazei nella, e della tudo o que quizerdes agora, e sempre: satisfazei-vos de mim á vossa vontade. castigai, atribulai, açoutai, com tal que tambem me possuais, e só vós tenhais a morada deste coração, pois não só o creastes, mas com vosso precioso sangue pera vós o redemistes, e comprastes.

Este sou eu, Deos meu, mas quando ponho os olhos em vós, no grande amor que me tendes, e me mostrais, desejo abrazar-me, e derreterme todo em fogo de amor puro por vós. Que sentio, Deus meu, vosso inflammado coração quando vistes dar a vida ao homicida, e a vós morte? Que sentia vosso divino amor quando vos vistes contado entre ladrões? Agora deveis estar contente de vós, e esta deve de ser a hora de vossos gostos. Em quanto prégastes aos Judeos, comieis, e acompanhaveis com peccadores, e os máos Fariseos vos chamavam, e com verdade, amigo de Publicanos, e peccadores: e porque sempre os defendieis, dizendo que a elles vinheís buscar: agora vos negociaram a morte entre elles, como tal como elles, e como entre gente de vosso seio.

Agora, verdadeiro remediador dos peccadores, que estais entre elles, e que lhes dão a vida, e a vós por elles matam, e que tendo-os a par de vós na Cruz, lhe podeis dar o Paraiso, quam contente de vós estareis, quam satisfeito trocado pelos que buscaveis, e acompanhado d'elles? Este sois vós, meu Deos, este he vosso amor, e este vosso gosto: viverem todos, e morrerdes vós; condemnarem-vos a vós por serem todos livres. Que pode esse amor negar a quem tanto amais? Pois amor de minha alma, se esta he a vossa hora, tambem esta he a minha. Por esse amor vos peço vida pera esta alma, vosso amor, vossa companhia, vossa interior conversação. Todo vos quero a vós todo, e a vós só, e comvosco me contento: dai-me, Senhor, o que vosso amor por mim vos pede. Antes que eu nascesse, antes que vos conhecesse, e antes que vos soubesse pedir, e rogar, vosso amor fez comvosco que me desseis vossa vida, vosso sangue, vossa honra, vossa divindade, e que tudo quanto tendes offerecesseis por mim, e pera mim. Agora, Senhor, que por vossa misericordia vos conheço por meu summo bem, e meu verdadeiro Deos, agora que por vossa bondade vos desejo, e brado a vós, como me haveis de negar o que vos pedir?

Não vos peço, Deos meu, cousa pera o corpo, nem pera a vida humana, mas peço-vos, bom Jesu, a vós, que vos deis todo a esta alma,

que he o que vós mais desejais. Já estais em preço por peccadores, e já sois de minha quadrilha, já morreis com os de minha companhia, e sei que estais muito contente com ella. Vinde, Senhor, e amigo de peccadores, tambem a esta peccadora casa, pois por peccadora he vossa, e vós por remediador d'elles, sois meu. Oh minha fermosura, oh minha riqueza verdadeira, lembrai-vos, que quando entrastes em casa de Zacheo peccador, dissestes: que naquelle dia viera a saude de Deos áquella casa. Pois entrai, saude de minhas chagas, nesta alma; entrai, vida de minhas mortes, neste peccador coração, e não tardeis, que com vossa entrada tudo ficará limpo, e são.

Oh minha verdadeira alegria, de tal maneira entrai que nunca mais vos vades desta alma; e não hajais nojo, antes dó della. Vede, Senhor meu, quam perdida, e desbaratada está, vede a destruição que nella vai de quantos bens me destes, e vede quam longe está dos frutos de quanto nella plantastes. Fazei, remediador meu, e saude minha, vosso officio, alimpai, allumiai, curai, abrazai, derretei, captivai, e renovai tudo com vosco. Dai-me, Senhor, que não queira d'esta ora por diante outro possuidor d'esta alma senão vós, nem vós deixeis entrar nella cousa que a vossos olhos desagrade. Tratai-me como quizerdes, e fazei que não queira eu outra cousa. Oh doce, oh piedoso, oh suave, oh meu Jesu.

Madre de Deos minha Senhora, e gloria do genero humano, que mais tendes deste Senhor que a criatura, e que só mais que todos sabeis quantas, e quamanhas são as perdas de quem o tem fora de si, e o perde: pois sois a terceira dos peccadores, e do vosso benditissimo Filho aprendestes a haver misericordia delles; ajudai-me a ser da companhia deste Senhor, e entregai-me vós, offerecei-me a elle, e alcançai-me seu amor, que sempre a elle me tenha preso com perfeita imitação, e sujeição de todo o coração á sua vontade, e que nunca delle me aparte. Oh Anjos bemaventurados, oh cidadões do Céo gloriosos, que lhe vedes por experiencias mudanças, que o amor deste Senhor pode fazer nos peccadores, e quanto os purifica, e glorifica, havei piedade deste maior que todos, alcançai-me delle que comecem desde esta hora em mim estas mudanças, e que todo me transforme em si, todo me abraze, todo me mude, todo sem resistencia minha me possua. Amen.

TRABALHO XXXVIII

Dos açoutes.

Desejando Pilatos livrar a Christo nosso Senhor da morte, por ter entendido que por pura inveja o accusavam os Judeos, e que nenhuma culpa tinha, das que lhe punham; porfiava muito com o Senhor que respondesse por si; e pasmava de seu silencio, e soffrimento; porque nunca aquillo se vio em nenhum reo. Mas já que o Senhor por si não respondia, nem dizia cousa, de que se Pilatos podesse ajudar, não deixava por isso o juiz de continuar em declarar sua innocencia, que era tão manifesta, que ella por si fallava. Os Judeos vendo sua tenção metteram tudo a brados, e gritos, que atroavam o ar, dizendo que o crucificassem, e quando Pilatos replicava, outra resposta dos Principes, e povo senão ouvia senão: «Crucifica-o!» Não pode chegar o homem a mais perigoso estado, pera a salvação, que estar tão determinado em o mal, ou por paixão, ou odio, ou por gosto do peccado, assi se vigia da verdade, razão, e justiça, que o pode obrigar a deixar o peccado, como se houvera de temer da propria culpa: porque este faz da vontade lei, e razão; que he o maior mal da vida, e huma semelhanca do estado infernal. He este hum grande sinal de perdição, e de ter Deos desamparada a alma de sua graça. Estavam estes inimigos do Senhor tão desamparados d'ella, que pondo-lhe o Demonio no coração, que matassem ao Senhor, assi pegou n'elles esta má vontade, que querendo depois o Demonio impedil-a, não o pôde acabar com elles; porque vendo o Demonio a innocencia do Senhor, e sua grande, e mais que humana paciencia em soffrer, começou a temer, que pera seu mal fazia matar aquelle homem, e temia-se muito de poder ser elle o Filho de Deos promettido, de quem tudo o que elle padecia estava escrito, e de que elle bem sabia, que lhe havia de tirar o poder que no mundo tinha, e lançal-o fóra das almas. E com este receio espantou a mulher de Pilatos aquella noite em visão, pera que impedisse a morte do Senhor, com tantos medos, que estando Pilatos tratando das culpas que ao Senhor punham, lhe mandou dizer sua mulher, que não tivesse que dever com aquelle justo, porque se vira mui atormentada de noite em visão por amor d'elle: que em parte tambem foi causa de Pilatos procurar tanto de o livrar. Mas querendo o Demonio

tornar atraz no mal que tinha começado, e persuadido Pilatos ao impedir: só com a damnada vontade dos inimigos do Senhor, determinada n'este mal, não se pôde acabar, nem com a justiça, e razão, nem com a clara innocencia do Senhor, nem com as porfias de Pilatos, que se descesse do que pretendia. Sempre foi, e será verdade que a vontade propria he o maior inimigo que o homem tem.

Vendo pois Pilatos que nenhuma cousa aproveitava com aquella gente, mas que cada vez mais crescia sua furia contra o Senhor, determinou de lh'a quebrar (ainda contra justiça) com castigar ao Senhor pelas culpas que falsamente lhe punham, e que não tinha commetido, e mandal-o açoutar, pera que com este menor mal satisfizesse o odio dos Judeos, e livrasse ao Senhor da morte. Tal foi a justiça que com Christo nosso Senhor tiveram, que pelo não matarem se tomou por meio contra toda a justiça o açoutal-o: e não houve outras leis contra elle senão a ira, e odio de seus inimigos; com que se teve mais conta pera lhes satisfazerem com os açoutes injustissimos, que ao Senhor deram, que com a clara, e conhecida innocencia sua pera o livrarem. Assi que mandou Pilatos, que metessem o Senhor pera dentro, e o açoutassem. Soffreram os inimigos do Senhor esta detença, porque era fazer-lhe mais mal, mas emquanto o açoutavam se estavam elles fóra aconselhando de não acabarem por alli, mas como o vissem açoutado, tornar a sua porfia, até que a poder de brados, e motins o fizessem crucificar.

Metido o Senhor dentro, lhe desataram as mãos, que estariam azues e negras das cordas com que as teve atadas desde que o prenderam até áquella hora (que era entre as oito, e nove da manhã, pouco mais ou menos) e o despiram, arremessando seus vestidos por baixo dos pés de todos, ou a algum canto da casa. Ficou o innocente Cordeiro nú como sua Sacratissima Mãi o pario, á vergonha, nada resistindo, nem fallando huma só palavra: só seu sacratissimo coração se estava offerecendo a seu Padre Eterno, por cuja obediencia padecia, e mandando a suas santissimas carnes que se deixassem abrir, e que por todas ellas sahisse sangue, pois era chegada a hora de se começar por elle a contar, e pagar o preço da redempção do mundo. Assi nú o ataram a huma coluna da casa de Pilatos: renovando com toda a crueza as dores, e vergões, que das cordas com que estivera até alli atado, tinha nas mãos, e como estes açoutes se davam ao Senhor não por justiça, mas por quebrar a furia, e fartar o odio de seus inimigos, não poz Pilatos aos açoutes que

se lhe haviam de dar, termo, nem houve n'elles forma nem figura de juízo. Porque pela lei dos Judeos não haviam de passar de quarenta: e por lei de justiça ordinaria, não se costuma açoutar até esfolar, e quasi matar: mas tudo tem peso, e medida; só o não teve em o Senhor senão a vontade, e crueldade dos algozes, que já andavam peitados, e atiçados dos Principes dos Judeos, pera fazerem a Christo nosso Senhor quanto mal podessem. E pera mais se contentarem revezaram sobre o Senhor muitos algozes, entrando huns de refresco ao açoutar como outros cansavam: e da cabeça até os pés o abriam todo em chagas, dando-lhe não só nas espaldas, mas por todas as outras partes do corpo. E não havendo já n'aquellas partes do Senhor cousa que não estivesse aberta a açoutes, usaram de huma nova, e nunca acostumada crueldade. Que desataram ao Senhor, e o ataram com as costas na columna, e as mãos atadas por detraz, e com a mesma crueldade o açoutaram nos peitos, e estomago, e mais partes de pés, e cabeça: que mais parecia seu sacratissimo corpo esfolado, que açoutado.

O numero certo dos açoutes que se deram ao Senhor não se sabe, mas dizem que foram tantos, que passaram de cinco mil. A crueza, e grandeza d'este trabalho do Senhor, não se póde imaginar. Houve já almas santas, a que Deos fez mercê de lhe mostrar seu sacratissimo corpo tão aberto, e chagado, como d'aquelles açoutes ficou: as quaes ficaram tão trespassadas de dôr, de tão lastimosa visão, que bastou aquella vista pera toda a vida viverem em continua dôr, e magoa das dores do Senhor, e arderem sempre n'um perpetuo fogo de tamanho amor, como o Senhor n'este tormento mostrou aos homens. Parece-me que assi como a abelha faz hum favo cheio de buracos, aonde não só faz o mel, mas n'elles com o mesmo mel faz sua criação; assi quiz Christo nosso Senhor com tantos açoutes abrir seu corpo, e veias, como hum suavissimo favo, em que seus filhos com seu precioso sangue se criem, e d'elle se mantenham. Assi os que bem sentem este tormento do Senhor, não se contentam com o ver por junto, mas cada chaga correm, em cada huma se detem; cada huma choram, e adoram, e de cada huma tiram espiritual suavidade, e amor de que se mantêm. A tudo isto o Senhor calava, nem mudava seu fermosissimo rosto. nem mostrava tristeza, e desgosto do que lhe faziam; nem torcia seu delicadissimo corpo; nem abria sua delicadissima boca. Mas estava tão entregue a tudo como se fôra insensivel, tão calado como cordeiro diante de quem o tosquia, e tão somet-

tido a quanto d'elle queriam fazer como se fôra escravo; tão sem queixume como se fôra elle o convencido, cada açoute esperava com todo soffrimento, e cada hum offerecia ao Eterno Padre pelo genero humano. E assi elle fazia todos os officios perfeitissimamente. No corpo padecia: com a alma offerecia suas chagas, e sangue em sacrificio pelos peccadores: e sua sacratissima divindade o aceitava por satisfação, e preço do nosso remedio. E como este foi o primeiro tormento, em que se Christo nosso Senhor vio banhado em seu precioso sangue, não se póde crer o abrazado amor em que seu coração esteve ardendo, em quanto o passou. Pelo que este Senhor dizia a seus Apostolos, que se havia de banhar em hum bautismo, que tanto desejava, que tardar-lhe o trazia em continuo tormento, e pena; póde cada hum julgar, que não era menor o gosto de se ver já metido n'este tão desejado banho, que o tormento gravissimo e cruelissimo dos açoutes, que abriram chagas por onde seu sangue pulasse fóra, e todo o banhasse. São tudo isto estremos de dôr, e amor: de dôr, como clara prova de excessivo amor: e do amor que assi triunfou n'este Senhor, que levou n'elle ao cabo tudo quanto pelos peccadores foi servido passar.

Este he o espelho em que todos os Santos aprenderam como haviam de tratar seus corpos, e obrigal-os a servir ao espirito; porque em quanto n'esta vida vivemos, o maior inimigo, que a alma tem, he seu corpo. Porque o corpo soffre mal aperto, e sujeição, e como segue só suas inclinações terrenas, e appetites de seus sentidos, corre com tão grande furia ao que he inclinado, que as mais das vezes engana, e derriba o espirito, e dá elle só mais que entender aos que querem d'elle livrar-se que todos os inimigos da alma. São Paulo chorava, que estando interiormente allumiado nas verdades da lei do Senhor, e a ellas com gosto do homem interior apegado, sentia em seus membros outra tão contraria lei, e inclinação, que o pertendia sometter á lei do peccado, que tem suas raizes lançadas no corpo, que se tinha por mais desaventurado, em sentir em si huma tamanha contradição á purissima lei do Senhor, que por grande pelas mercês muitas que d'elle tinha recebido (*); pois todas não acabavam de apagar o sentimento d'estas tão más inclinações do corpo contra Deos. E como os Santos em nenhuma cousa mais se desvelam, que em summa sujeição á lei do Senhor, e á sua vontade, parece que de tudo fazem pouca conta, em quante se sentem taes, que acham em si

(*) Ad Rom. cap. VII.

que fazer em se sometter a ella sem contradição da carne. E por isso, sempre vivem descontentes da vida, e com odio de suas inclinações corporaes, e em guerra com seu corpo. Pois S. Paulo confirmado em graça, como todos os outros Apostolos, e seguro pela graça de Deos da gloria do Ceo, se chamava desaventurado sobre tantas quantas mercês do Senhor tinha recebido, e vivia de si tão cioso, que dizia, que castigava seu corpo, e que o fazia servir, porque não fosse elle reprovado de Deos, prégando aos outros; e se os Santos traziam com seu corpo continua guerra, e o castigavam com espantosas penitencias como inimigo; em que confiam pera se livrar d'elle, os que em nenhuma outra cousa se desvelam, senão em lhe fazer em tudo a vontade? David santo por hum muito pequeno descuido que teve, em soltar os olhos a ver a mulher alhea, sem por então se recear da malicia de seu corpo, cahio em adulterio, e homicidio. Salomão seu filho, com ter sabedoria dada de Deos, maior que todos seus antepassados, porque não negava a seus sentidos o que lhe pediam, veio a ser tão cativo de seu corpo, que chegou a negar a Deos, com offerecer sacrificios aos idolos, que adoravam suas mulheres gentias. E senão val a David a sua santidade, e a Salomão sua sabedoria pera deixarem de cahir quando se descuidam de si; como se pode ter sem se perder, quem todo cuidado tem posto só nos gostos de seu corpo? Por isso nosso Senhor, tomando sobre si as proprias penas, que nosso corpo merece, quiz ser açoutado de pés, e cabeça, e ser em todos os membros de seu sacratissimo corpo chagado; porque já que nós vivemos em tamanho descuido, que com todos peccamos, e todos tratamos como amigos, sendo os verdadeiros inimigos d'alma, não ficasse n'elle membro que com muitas chagas e muito sangue não pagasse pelos erros dos nossos. E não contente com isto, deo outras dôres aos membros, em que não cabiam açoutes (como adiante diremos) com que todos ajudassem com pena a pagar nossos desaventurados gostos. D'esta planta divina brotaram as grandes penitencias dos Santos; os açoutes que se dão pera mortificação do corpo, que he genero de penitencia catholica, que não lemos que se usasse senão pelos Christãos depois da vinda do Filho de Deos á terra: os cilicios, as cadeas de ferro, que muitos trouxeram, e sobre tudo o enfrear os sentidos do corpo, que não vejam, nem ouçam, nem fallem, nem gostem, ainda de cousas licitas; porque cativo, e enfreado o corpo, sirva o espirito, e lhe não impida seus verdadeiros bens. E ainda que d'isto ha gravissimos exemplos,

lembrarei só hum que Palladio conta. Que estando dous Santos fallando de Deos sobre a lição da Sagrada Escritura; hum d'elles se divertio com os olhos, e sentido, attentando como hum arado hia abrindo a terra em huma lavoura, que diante d'elles fazia hum lavrador.

Perguntado pelo outro o que lhe parecía do que tratavam, lh'o fez tornar a dizer; e olhando em si, como por vista dos olhos, tirara o sentido das cousas divinas em que tratava, se deo hum espantoso castigo. Mandou fazer huma cinta, e huma coleira de ferro, e outro ferro curto que prendiam por diante a coleira, e o cinto, que o fazia andar sempre com o corpo tombado, e a cabeça baixa, que não podesse ver o Ceo: e condemnou-se a não sahir da cella senão até á Igreja por hum carril muito pequeno, pelo qual hia sempre olhando pera os pés, sem espalhar a vista pera outra parte, e n'este castigo que deo a seu corpo, perseverou quarenta annos. Perguntado por seus discipulos, porque se não endireitava pera ver o Ceo, e ver as criaturas, que provocavam ao louvor e amor de Deos: deo a isto reposta digna de tal santidade, e pureza. «Eu filhos, bem vejo quam bom he ver o Ceo, e louvar a Deos, e suas criaturas; mas como este corpo he perverso e traidor inimigo meu, e o Demonio sempre o atiça a mal: tenho com estes inimigos este genero de batalha: porque se occupem em pelejar comigo só em me tentar que deixe esta penitencia, e não me tentem de outros maiores vicios. Porque n'isto se me vencerem, he em cousas que fico eu sem culpa, e elles sem victoria: e se me não poderem vencer, ficam elles mais corridos, e eu mais seguro de mim.» Este he o espirito do Senhor, e verdadeira imitação de Christo, que não esperam ver-se nas tentações, peccados, e perigos, pera depois fazerem penitencia: mas atalham com a mortificação de seus corpos a malicia que n'elles pelo peccado de Adão, em que nascemos, reina, que se não alevante contra a lei de Deos, e a alma; e que quando se quizer alevantar, ache os portos tomados. Privam-se de cousas licitas, pera que gema o corpo pelo que lhe he devido, e se contente quando d'isso lhe for dado o necessario, pera que assi se descuide de pedir outras cousas não licitas, e más.

Ora vejam onde ficam os que servem tanto como a senhores seus corpos, que quando vem a tratar da alma, lhe dão tanto por medida, e tão tarde, e frio, e imperfeito o seu, que fica ella sempre necessitada, e faminta, e na casa, onde por natureza he senhora, cativa, presa, e esquecida; e o corpo nascido pera servo, farto, cheio, senhor, e malicioso.

Quem com as penitencias dos Santos se não atreve, hum conselho singularissimo tem pera castigo e freio de seu corpo, que he sogigal-o a se occupar em cousas que alimpam a alma, e chegam a Deos. Que são o uso dos Sacramentos, e a oração interior. Porque com isto não vive tanto sem freio, e conta; e na oração o fazem estar preso, e cativo, e ser sua malicia conhecida, pera que não engane tanto a seu salvo.

He a oração cousa que o corpo peior soffre, e a troco d'ella tomaria antes açoutes. Porque na mental oração, os sentidos, a vaidade de seus pensamentos (que he a cousa em que se mais desenfada) e suas inclinações estão aferrolhadas; e da oração sahe a alma com mais cuidado sobre elle, e vigia-se mais d'elle. Por conclusão d'esta materia, de que muito está escrito, lembro huma divina cousa, que diz S. Cypriano no livro de Virginitate; que assi como o escravo não he estimado, e tido pera muito por ser loução, mole, ocioso, e mimoso; senão quando pode com muito trabalho, e he mais incansavel no serviço; assi então nosso corpo he pera mais, e se faz d'elle mais conta, e merece mais a companhia do Ceo, quando deixando a ociosidade, regalo, e mimo, mais o sogigam a trabalho, e quanto com mais trabalho pode, tanto na casa d'esta humanidade faz melhor seu officio.

Exercicio dos açoutes do Senhor.

Chegou, meu bom Jesu, a hora em que vos hão de rasgar vossas purissimas e innocentes carnes; e abrir vossas veas, e haveis de derramar vosso precioso sangue pera nosso remedio. Que coração ha de poder ver tão cruel justiça feita em vós, meu unico, e verdadeiro bem? Mude-se isto em mim, se póde ser, pois eu sou o que pequei. Não se guarda, Senhor meu, comvosco nenhuma justiça. Acha-vos Pilatos innocente, e sem culpa, e diz aos perversos Judeos, que vos emendará, e castigará, e vos soltará. Que ha que emendar em vós, pureza infinita, de que vos pode a vós castigar, Santissimo Cordeiro? Sem fallardes, nem responderdes por vós, vê Pilatos vossa innocencia clarissimamente, e por fartar o odio de vossos inimigos, diz que vos quer castigar: e todas as leis se quebraram e acabaram pera vós, que a todos guardais lei, e justiça. Castigam o culpado pera que os outros se guardem, e não seja necessario castigar muito; e vós, minha bemaventurança, castigam-vos só por fartar a ira de vossos contrarios.

A lei, que comvosco se usa, he só a má vontade dos Fariseos, e sua inveja, e odio: e toma-se por meio de vos livrar da morte, abrir-vos com açoutes pera satisfazer a má vontade dos que vos accusam, sendo tudo quanto contra vós dizem, falso. Bemdito, e louvado sejais, Deos meu; louvem-vos o Ceo, e a terra, e todas as vossas criaturas. Não acontece, Deos meu, isto acaso, vós o ordenastes assi; vós o quizestes assi: por esta hora andastes toda a vida suspirando, em que vos havieis de abrir todo, e fartar-vos de vosso precioso sangue, e banhar-vos n'elle. Erra Pilatos em quanto faz, mas isto, que vejo, da lei de vosso amor nasce.

Está sempre esse amor ardendo, deseja lenha em que se mais accenda; como deo n'essa sacratissima humanidade, faz todos esses estremos. A lei d'esse amor he não ter regra certa, nem medida, nem ter figura, e ordem de justiça humana, mas todo vos quer consumir em puro fogo, e tudo despender por mim. Ha por pouco guardardes as leis, e fazer-se-vos justiça: quer-se accender muito sem lei, nem termo, e sem a ordem, que se vos deve, e por isso mesmo faz que vos deis todo.

Oh amor, se tanto podes fazer em hum soberano Senhor, porque me não consomes a mim? Só pera mim acabou tua força? Amo-vos, meu bom Jesu, e desejo consumir-me em vosso amor todo. Não queirais só arder n'esse fogo, meu Deos, abrazai-me a mim, pois isso he o que pertendeis: e bem podeis gastar a ferrugem d'esta alma, e mudal-a toda em fogo.

Vosso amor não quiz que vos tivessem cortezia; sem nenhum respeito vos despem, e atam a essa columna, e revezam-se os algozes cansados de vos açoutar: e ainda que em todas as cousas de meu favor guardastes sempre comigo piedosas leis, chegado a padecer, quereis que comvosco se quebrem todas, e que por quarenta açoutes que a lei manda dar, quizestes que fossem tantos, que passassem de cinco mil; não bastando pera elles só as costas, vos viram de peitos, e nelles, e no estomago (cousa nunca vista) que são as partes mais sensitivas, braços, e pernas, em fim: em todo vosso sacratissimo corpo, desde os pés até a cabeça vos enchem de cruelissimos açoutes, huns sobre os outros, todo vos abrem, por todas as partes corre esse preciosissimo sangue, como que tivesseis por mal empregada a parte de vosso sacratissimo corpo, que por mim não vertesse, e derramasse o precioso sangue que em si tivesse. E assi todo me servisseis, e todo por mim parecesseis hum leproso chagado todo, desde os pés até a cabeça.

Oh vida da minha alma, oh riqueza de meu pobre coração, aqui pasmo, aqui emmudeço, e estou atonito, e não sei fallar. Lanço-me a estes pés santissimos: beijarei este chão regado d'este precioso sangue! Aqui chorarei meus peccados, que assi vos tratam, aqui os confessarei, aqui esperarei vossa misericordia, e nunca d'ella me desapegarei. De chaga em chaga andarei como abelha pelo favo de mel, gostando da suavidade de vossa doçura. E já que, criador meu, vos quizestes fazer hum favo tão aberto d'esta vossa criatura, e assim como a abelha no favo, e mel se cria pera sahir sempre com a inclinação a elle, tambem quizestes, doçura da minha alma, recolher-nos nessas preciosas chagas, de que nos mantendes, e n'ellas com a suavidade de vosso precioso sangue criar nossos corações. Ahi nos abraçais comvosco com amor de mãi: ahi nos encheis de bens, como verdadeiro pai: ahi nos acrescentais, e alevantais como poderoso senhor; pera que de vós, e em vós sempre vivamos, a vós sempre corramos, e comvosco sempre nos pareçamos.

Não posso já dizer, Senhor meu, como David, que os passaros nas telhas, e buracos de vossa casa tem ninhos, em que se recolhem, e eu não (*): nem posso dizer comvosco: que as raposas tem covas, em que se metam, e eu vivo desagasalhado (**): pois vós, pedra firmissima, recebedor amicissimo de todos os atribulados, agasalhador suavissimo de todos os que vos buscam, todo vos abristes pera em vós me agasalhardes. Oh se nunca d'aqui me apartasse! Oh se nunca outro logar de descanso reconhecesse! Oh quem sempre a essas chagas, e açoutes suspirasse, e a ellas de todo coração se aferrasse!

Vida da minha alma, esperança de meu coração, saude de minhas desaventuradas chagas; porque sois pera vós tão cruel, e pera mim tão brando? Não parecera eu melhor aberto a açoutes, pois pequei, que vós innocentissimo cordeiro? Eu com todos meus membros vos tenho offendido, e com elles, e com os proprios sentidos, que me destes, tenho servido á malicia de minha vontade, e ao mundo, e Demonio. Como me descuidei em dizer-vos quam mal de tudo usei? Mas vós, luz verdadeira, e sabedoria infinita, o vedes e sabeis, que seria pouco abrirem-me todo em chagas pera satisfação, e cura das que eu fiz n'esta triste alma. E todavia sabendo vós quam feas, e abominaveis são, a mim perdoais, a mim animais, a mim mantendes com vossos bens, e a vós abris todo a açoutes. Oh amor que sempre ardes, e nunca te consumes, muda toda

(*) Psalm. LXXXIII. (**) Matth. cap. VIII.

minha vida, e sustancia, corpo, e alma nesse fogo, e em teu serviço. Vós sabeis, Deos da minha alma, que a melhor parte que tem hum escravo he poder com muito trabalho, e servir muito: por isso, he bem que este meu corpo padeça muito, e sirva muito, pera que aproveite á alma, cujo escravo he, até que mereça ser fiel companheiro seu na gloria. Mas eu sempre amei meu corpo, e sempre o servi; sempre lhe someti a alma, e por elle vos perdi a vós, todo meu bem, muitas vezes, e quantos bens me destes por seu gosto os destrui: tudo gastei mal, e desbaratadamente como servo máo, trédor, e rebelde. E vós, innocentissimo Cordeiro, que não tendes corpo rebelde, nem escravo, mas companheiro fidelissimo, e obedientissimo da alma, tratai-lo como a contrario, e inimigo; e o que eu houvera de padecer, vós o quizestes soffrer pera me perdoar. Oh largueza infinita, aqui a estes vossos pés me offereço todo: parti, Cordeiro Jesu, comigo d'estes açoutes. Vós sois meu senhor, meu amigo, meu verdadeiro pai, pera mim suave, e só pera vós rigoroso. Entregais vosso corpo ás mãos crueis, e á malicia desenfreada, que sem piedade, e sem medida todo vos encham de açoutes, e chagas; e pera me castigar a mim vós mesmo, meu piedosissimo Padre, estais com vossa mão pezando os trabalhos que me dais, pela medida do que posso, e sobre isso ajudando-me a poder com elles: compadeceis-vos do que me doe, e atribula, e registais por vosso brandissimo coração, e amorosissima vontade, que me tendes, os açoutes com que me castigais. Pois meu Deos, de que me posso queixar? Verdadeiramente máo sou quando me queixo, e perverso quando não tomo dessa mão os trabalhos que me dá; muito mais perverso, porque pera fazer meus gostos, e servir a minha vontade, e vaidade, todo o trabalho me parece pouco, e pera padecer por vós qualquer cousa me parece muito, e insoffrivel.

Mudai isto, Senhor meu, desta hora pera todo sempre, porque pera isso me entrego todo a vós. Açoutai, castigai, e atribulai este perverso peccador; fazei de mim tudo o que for vossa vontade, trazei-me sempre da vossa mão sujeito, e preso á vossa providencía; nem me deixeis querer outra cousa senão padecer comvosco, e até que isto me seja gostoso, e suave, não alevanteis Senhor meu, vossa mão, ainda que minha carne dê couces, e resista, pois sois poderoso pera a mudar, e someter toda a vós. Oh sangue purissimo e preciosissimo, eu te adoro: não me levantarei, Senhor, destes vossos pés até que todo me alimpeis com este sacratissimo licor. Corra, doce Jesu, sobre mim, lave-me, e purifi-

que-me todo, pois só nelle está meu remedio. O sangue quente dos meninos dizem que serve pera alimpar a lepra, e deste sacratissimo sangue diz o vosso Apostolo S. Paulo que he poderoso pera alimpar as consciencias das obras mortas, pera servir a Deos vivo (*). Oh Cordeiro de Deos, que tirais os peccados do mundo, innocentissimo, e purissimo, eis aqui este leproso, chagado de pés, e cabeça: gafo de culpas e peccados: banhai-me com este sangue. que tam inflammado, e ardendo sahe destas vossas suaves chagas. Vós dissestes a S. Pedro, que nem teria parte em vós, se o vós não lavasseis (**); Pois Senhor, eis aqui cabeça, mãos, alma, desejos, vontade, entendimento, obras, affeições, e sentidos interiores, e exteriores; tudo está em mim perdido, e sujo, lavai-me, Deos meu, com a virtude deste sacratissimo sangue, com elle me purificai, e alimpai, pera que sempre a vós, purissimo Deos, esteja unido: imitte a vós, innocentissimo cordeiro, sempre ande apoz vós, meu verdadeiro pastor, guia, e pasto.

Oh Madre de Deos purissima, e santissima, que este sacratissimo corpo concebestes pera ser por mim despedaçado, e este purissimo sangue criastes a vossos peitos pera ser por mim derramado: que da virtude delle mais que todos recebestes: havei piedade deste chagado peccador, alcançai-me, Senhora, sentimento entranhavel d'estas dores de vosso unico Filho, e imitação d'estes seus exemplos, aborrecimento de meus peccados, que tanto trabalho lhe deram, e perfeita entrega a este Senhor, pera que não seja em mim debalde o que elle por mim padeceo. Oh Corte celestial, que destas fontes estais regada: que destas chagas tomastes a fermosura que tendes; e destas vivas agoas estais todos alagados em perpetuos bens; valei a este miseravel. Amai, louvai, engrandecei por mim este Senhor: o que eu não sei fazer por minha rudeza, e baixeza, vós o suppri com a luz, e amor que tendes, e em que ardeis, e alcançai-me deste Senhor huma faisca d'elle, que pegue neste coração, e se accenda, e arça, até me consumir, e mudar todo nelle. Amen.

(*) Ad Hebr. cap. IX. (*) Joann. cap. XIII.

TRABALHO XXXIX

Ser coroado de espinhos.

Solto, e desatado o Senhor da columna, depois de cansados os algozes, e verem que não havia nelle cousa sãa onde podessem fazer mais chagas: tal ficou, e tão aberto dellas, que por todas as partes corria d'elle sangue, que regava aquelle chão. E o ar que lhe esfriava, e coalhava o sangue, e lhe traspassava com frio as feridas abertas, lhe renovava as dores, e lhe dava novo e grande tormento. Assi chagado, e aberto, e correndo delle sangue, e de todo nú, começou o cordeiro Jesu a buscar seus vestidos pera se cobrir. Os quaes como andavam por baixo dos pés da gente, e aquella andava tão desaforada, e accesa em fazer mal a Christo nosso Senhor, que se pode cuidar que nenhuma cousa lhe ficaria por fazer que podesse dar-lhe trabalho: hum lhe lançaria o vestido pera huma parte, e outro pera outra, escarnecendo d'elle, e cada hum afastando-se, que o não sujasse de sangue, e dizendo enormissimas palavras. E o cordeiro andava com toda mansidão de huma parte pera outra, soffrendo estas affrontas sem se queixar, nem perder de sua modestia, e paciencia nada: até que os houve á mão. Começando-se a vestir, ainda que seu corpo estava tal, que qaalquer humano coração (que de sua natureza he compassivo, e brando) podera ter mui grande lastima d'elle, os algozes não assi: mas como ursos, e lobos accesos com sangue em maior crueldade, e não satisfeitos de quam cansados ficaram de açoutar ao Senhor, inventaram o mais novo genero de tormento, e dos mais crueis, que até alli eram achados.

Bem se vê nestes a geral condição que experimentamos nos peccados, que a natureza com desaforamento ou gosto costuma commeter, que sempre os commetidos deixam fome, e appetite de outros: e ainda que a natureza canse, nunca se farta, e sempre he maior o desejo de peccar, que a possibilidade da natureza pera executar o que deseja. E hum dos maioros enganos, em que os peccadorés cahem, he affigurar-se-lhe quando se vem tentados de hum peccado, que satisfazendo-se nelle, ficarão livres da importunação de tentação. Porque (como diz S. Gregorio) hum peccado com seu peso leva a outro (*): a alma que pelo pecca

(*) Gregor. xxv. Moral. 12.

do se privou da graça de Deos, perdeo as forças pera resistir. e o corpo muito menos fraco está pera se render a seus appetites em quanto está enfreado, que depois que toma experiencia das obras dos peccados. Estes malvados algozes metidos com toda a soltura em affrontar, e fazer mal a Christo nosso Senhor. chegaram de todo a perder a compaixão, e humana brandura propriissima aos humanos corações; cansam, e não fartam: e vem a se parecer na malicia cem os infernaes espiritos, e na crueldade com feros, e brutos animaes. Tinham os Judeos accusado ao Senhor que se fazia Rei contra a ordenação dos Emperadores Romanos. Desfez isto Pilatos com fazer açoutar ao Senhor; que he tão baixo genero de castigo, que se não costuma dar senão a gente baixissima, e com que ficam infames pera não poderem servir em mui baixos cargos do governo da república.

E havia-se n'aquelle tempo por tamanha affronta, que todo morador da cidade de Roma tinha privilegio pera não ser açoutado, e os que se tinham por vassallos dos Romanos, trabalhavam por honra, por haver privilegios de moradores em qualquer parte que estivessem; e como o mostrassem, por nenhum caso se lhes dava este castigo.

E ainda, que bem ficava mostrado, quam baixa sorte cabia ao Senhor, pois era açoutado; de que não podia haver receios, que poderia presumir ser Rei: todavia os algozes, e soldados, por occasião d'esta culpa, que ao Senhor assacavam, quizeram com elle passar tempo; e contrafazer-lhe pessoa real de escarneo, pera que todo o povo muito mais zombasse de seu reinado.

Por isso arremeteram a elle em se começando a vestir, e o tornaram a despir nú, como de antes, e lhe vestiram huma capa de purpura: o qual he panno de côr, e finaza, que os Principes antigamente costumavam trazer, e como trajo real lha quizeram vestir. Mas como se não deve de cuidar que quizessem ensanguentar em hum corpo tão chagado, cousa nova, e de preço, não ha duvida senão que devia de ser a purpura algum pedaço de capa muito villissima, que já por safada, e rota, andaria por detraz das caixas, e em que os criados de Pilatos alimpariam o calçado da lama: mas que ainda mostrava na côr, e fios, o que fôra, e a sorte de panno de purpura que era.

Assentado o Senhor com este injurioso trajo: fizeram os algozes huma coroa de espinhos, torcida com os troços mais grossos, pera ficarem á roda da cabeça: e tecidos os esgalhos por cima, que ficava como hum

barrete de espinhos, com que toda a cabeça por todas as partes podesse ser atormentada.

Eram os espinhos (segundo se vê, nos que agora ainda se acham, e a Igreja venera como sacratissima reliquia) tamanhos como grandes espinhos de cidreira, e durissimos. E como esta coroa, ou barrete de espinhos, não era feita por medida, nem por officiaes amigos: de crer he, que seria tão apertada, que por força, e com mais tormento assentasse na cabeça do Senhor, e a trespassasse por todas as partes. Esta lhe pozeram na cabeça, fazendo cada espinho sua chaga, e abrindo sua fonte de sangue, que corria pelo sacratissimo rosto, olhos, orelhas, e pescoço do Senhor; e tudo lhe banhava, e lavava n'elle. E porque os algozes arreceavam espinhar-se, e não podiam assentar bem á sua vontade a coroa na cabeça do Senhor, sem se magoar nas mãos, com páos, ou canas, lha fizeram assentar por força, dando-lhe muitas pancadas com ella sobre a coroa, pera que entrassem bem os espinhos: e não se satisfizeram até que viram que tinham bem entrado pela carne. Muitos d'estes espinhos sobre o casco, que he mais duro, romperiam a carne por huma parte, e sahiriam por outra, e na testa sobre os olhos: nas fontes, e onde chegassem a nervos, entrariam de todo, com tantas, e tão immensissimas, e crueis dores, quantas ninguem poderá imaginar. Mas bem podemos crer que se só este tormento o Senhor passára, bastára pera lhe tirar a vida: e que he este hum dos mortaes, e pera o qual nosso Senhor com sua divina virtude sustentou sua humanidade, que não morresse, e não desmaiasse até chegar á cruz. Mas nas grandes dores de cabeça, que lhe causava, não dispensava, porque essas queria elle passar por amor de nós. Duraram-lhe as dores n'ella sem abrandarem, até espirar na cruz, porque he tão delicado membro a cabeça no corpo humano, que se se não tira a causa da dor, não alivia, e por isso sempre os espinhos fizeram seu cruel officio. Veja, quem a experimentou em doenças, quam desconsolativa dor he a da cabeça, qual estaria o Senhor entre tantos outros tormentos, que o affligiam, e tiravam a vida, até que na cruz deo a alma, sem ter hum momento de descanso em sua sacratissima cabeça, das grandissimas dores que passava, pera com elle poder melhor passar os outros.

Sem duvida, que bem cuidado isto parece que a natureza se aperta, e cansa de o imaginar. E sendo tão longe a imaginação da obra, que seria passal-o? No meio d'isto chorava o Senhor muitas lagrimas (com

fez em toda sua Paixão) por nossos peccados, sentindo os males que nos fazem as cousas da vida de que nos coroamos, que elle alli com tão deshumanas dores estava penando. Corriam as lagrimas, e se misturavam com o sangue, e ficava hum suavissimo unguento pera nossas chagas interiores. Parece que encanta ver, como a brandura infinita do Padre Eterno acabava comsigo deixar passar tanto ávante as dores, e tormentos, que via padecer a seu unigenito Filho, que infinitamente ama. Mas como o mesmo fogo de amor ardia em o Senhor que padecia, e no Padre que o mandava: quiz ter mais respeito com os peccadores, que estavamos necessitadissimos do sangue e dores d'aquelle divino cordeiro, que com elle por então. E ainda que muito menos bastára pera nosso remedio; tudo foi necessario pera nos amostrar o muito que nos ama.

Oh desaventurada dureza nossa, que nem tudo isto basta pera elle ser de nós amado, e deixar os peccados, que com tantas dores o divino Cordeiro paga: e com tantas lagrimas e sangue deseja alimpar. Não contentes com isto os malvados algozes, porque era costume dos Reis n'aquelle tempo usarem de sceptros, ou varas de ouro, que muitas vezes tinham na mão; pozeram ao Senhor por escarneo huma cana por sceptro, pera n'isto mostrar, quam vão, e sem fundamento era o seu reinado. Assi n'esta figura esteve o Senhor entre aquella malvada gente, onde lhe fizeram muitos, e affrontosissimos escarneos, pera zombarem de seu reinado, como no capitulo seguinte diremos.

Muitas e gravissimas causas apontam os Santos, porque quiz o Senhor passar por tão novo, e cruel genero de tormento. Primeiramente, porque tinha offerecida toda sua humildade corporal a padecer por nós, e satisfazer em cada parte d'ella os peccados, que com cada membro de nossos corpos cometemos. Todo o corpo tinha aberto em chagas com açoutes; e as junturas, e nervos na Cruz haviam de passar seu tormento; a cabeça, em que não podiam caber açoutes, nem outros tormentos da Cruz, quiz que por este novo, e cruel genero de tormento padecesse. E assi como a cabeça he o principal membro onde estão todos os sentidos, e que serve ao homem de instrumento do entendimento, e uso da razão, conselho, juizo, e approvação, ou reprovação das cousas: assi tambem quiz o Senhor que passasse hum dos principaès, e maiores tormentos seus. No qual todos os sentidos ficassem penando, e pagando quanto por todos peccamos. Não sei se quiz nosso Senhor n'isto abrirnos os olhos pera vermos, quam verdadeiros espinhos são da alma, os

conselhos, juizos, e determinações humanas, que vão contra sua lei, e doutrina. A cabeça he governo de todo o homem; o qual se vai fóra de Deos, quando cuida que mais acerta, mais vai errado; e quando se tem por mais satisfeito, mais destruida tem a alma, e cerrados os caminhos do Ceo. Disse Deos por Oseas Profeta: que atravessaria nossos máos caminhos de espinhos, que nos cansassem, e abrissem os olhos (*). Estas espinhas não são outra cousa, senão as trabalhosas cousas, em que nossos caminhos, e conselhos nos metem: que nos fazem a vida tão penosa, e cansada, e perigosa pera a salvação, que escassamente se pode passar. Porque sahindo nós do governo suave da lei, e doutrina do Senhor, onde tudo aquieta a alma, e dá descanso ao espirito, e ao proximo dá amor, e officios devidos: forçadamente havemos de cahir em inquietação, e perturbação da alma, e em desastres de fóra, perigos da consciencia, e cousas tão penosas, que se com a lei do Senhor outra vez se não reformam, ellas mesmas nos levam de huns trabalhoa, e peccados em outros, que afogam a alma, que no meio d'estas cousas he a que peior passa. Estes espinhos que de nossa cabeça, e engenhos humanos de Deos apartados nascem, são os que mais ao Senhor espinham, e atormentam. E pois a elle deram tanto, e tão cruel trabalho, olhe cada hum por si, e entenda quanto mal fará á alma seu damno.

São Cypriano na declaração do Simbolo aponta outra causa d'este tormento. Que pelo muito que o Senhor nos quer, se quiz coroar da pena, que a Adão deo por seu peccado. O qual peccado no Paraiso terreal, era desobediencia, e não se sabendo logo arrepender, e pedir misericordia a Deos, que tinha offendido, lhe deo por pena, que pois se não soubera aproveitar dos prazeres do Paraiso pera mais o servir, e obedecer; não só lançado d'elle os perdesse; mas que na terra em quanto vivesse, elle, e todos seus descendentes, sustentassem a vida com suor de seu rostro, e que por pão, e fruto lhe nascessem de suas sementeiras e grangearias espinhas. E segundo em nossos miseraveis corpos, e espiritos n'elles cativos experimentamos; não só passamos estes trabalhos, e castigo nos bens temporaes, mas muito mais, e com muito maior perigo, nas desordens, e rebeliões de nossos corpos contra o espirito, e tentações, com que os inimigos d'alma lhe não deixam lograr os frutos do Espirito Santo com perfeito gosto. Querendo nosso Senhor mudar este castigo, e pena do peccado de Adão, e de seus descendentes em maior

(*) Oseæ cap. II.

proveito nosso, quiz ser coroado dos proprios espinhos, que nos foram dados em castigo: porque postos em sua cabeça mudassem sua valia; e d'ahi por diante não fossem tanto castigo de peccados, quanto materia, e occasião de merecimentos de gloria. Assi he que depois que nosso Senhor com seus trabalhos santificou os nossos, ficou-nos por estrada mais certa, e segura do Ceo, e por mór honra o que d'antes era affronta, e pena de culpa. As desordens das rebeliões da carne contra o espirito, que tanto cansam aos servos de Deos, por virtude dos tormentos da Paixão do Senhor, dão occasião de batalha, e de victoria, e de merecimentos, e de coroa, e gloria, e se são occasiões de quedas, e culpas, por isso fica a batalha mais justa, e a victoria mais honrada: porque podendo sem peleja consentir a alma na culpa, livremente se priva do gosto d'ella, e tem comsigo mesmo guerra por sustentar o amor que a Deos deve, e a guarda de sua lei, que Deos tanto estima, que dá por isso gloria soberana: o qual não fizera se os trabalhos, e tentações foram só castigo. Porque o culpado em pagar não fica merecendo nada por justiça, porque he castigo devido, e merecido pela culpa. Mas porque nosso Senhor de degredo da terra (a que fomos em Adão condemnados) quiz fazer campo de conquista do Ceo: e dos trabalhos da vida e tentações, batalhas honradas pera n'ellas merecermos muito: tirou-lhe a affronta do castigo coroando-se d'elles, e deo-lhe a valia de sua pessoa, e a honra de seu sangue, com que mais atribulado e constante seja elle mais honrado: e em seu juizo melhor premiado. Se isso assi não fôra, Deos nosso Senhor, que he justissimo em suas obras, quando no bautismo nos tira, e alimpa o peccado original, tambem sem duvida nos tirára as penas, a que por elle somos sujeitos. Porque he injusto haver pena, onde de todo perfeitamente se perdoa a culpa. E esse mesmo Senhor nascendo, como nasceo, sem a culpa original, vivera n'este mundo sem as miserias, e trabalhos em que por elle incorremos.

Mas por isso elle passou por muitos trabalhos, e nós ficamos d'elles carregados, perdoado o peccado, porque sua divina misericordia, e virtude, servem de moeda, e preço da gloria, os que d'antes o eram pera satisfação da culpa. Que grande mercê foi esta, de nos ficar em perpetuo merecimento do Ceo, a cousa que mais certa, e ordinaria temos na vida, e que pegando d'ella com lealdade á lei de Deos, se assegura a vida eterna; não se póde com palavras encarecer. Porque pera gente, que tão pouco cabedal tem pera cuidar que pede, póde elle haver bens

eternos: tel-os já todos metidos na fazenda mais caseira, e mais ordinaria, e trazida entre mãos, e que logo por ella se fazem contratos, e trespassações de trabalhos temporaes por bens eternos, he a maior mercê que o Senhor nos póde fazer, e a maior dita que podia vir á gente, tão necessitada como nós somos. Isto devemos á Coroa de espinhos, e Paixão do Senhor.

Já que isto assi he; corra-se todo o Christão (como diz S. Bernardo) de ser membro delicado de sua cabeça espinhada (*). Antes que nosso Senhor se coroasse de espinhos, foi aberto em chagas, porque a tal tratamento da cabeça, era bem que os membros por outro semelhante passassem. E sendo elle cabeça de sua Igreja, cujos membros todos os Christãos somos, que impropria cousa he membro regalado, com muitas desordens, e demasias, pera tão espinhada cabeça? E quem d'ella se corre pera a não imitar, deve de esperar que ella se corra muito mais d'elle, pera o não haver por seu membro. Animaes ha, que como guardam a cabeça, todo o outro corpo offerecem ao perigo por ella. Isto pera entre Deos, e nós era mais proprio, que fossemos nós os atassalhados, e os espinhados, e aquella sacratissima cabeça se poupára. E já que elle foi servido de nos fazer tamanha mercê, que se não quiz poupar; que desatino he dos Christãos, cuidar que se havia elle cabeça nossa de espinhar, pera nos alargar a nós, membros seus, a trela pera toda a soltura do corpo? E he possivel, que caiba em entendimento de homem Christão, ver que quiz o Senhor ser conhecido por pai amorosissimo, e por amigo verdadeirissimo, e por redemptor larguissimo, e piedosissimo, por hum rostro de olhos inchados de muitas lagrimas, pelos peccados do mundo, e faces negras de bofetadas, e cabeça coroada de espinhos, e que por tal rostro como este cahissemos no verdadeiro, e puro, e infinito amor, que seu coração nos tem; e sobre isto cuidar que ha elle de conhecer por seu, o que toda a vida só das delicias mundanas, louçanias, passa-tempos, soltura de sentidos trata, com perpetuo descuido da alma, e esquecimento de tamanhas mercês? Se tal loucura cabe em tão soberano pastor de nossas almas, bem larga trela pera gostos da vida tem suas ovelhas. Mas a sabedoria de Christo nosso Senhor, o que ensina he, que não he o servo maior que seu senhor: e por isso, quem não quer errar, concerte, e ordene suas cousas á vista d'este espelho de espinhos coroado.

(*) Bern. Serm. v. de Omni Sanct.

Exercicio da coroa de espinhos, que pozeram ao Senhor.

Adoro-vos, meu verdadeiro Rei. Adoro-vos, meu soberano Senhor. Adoro-vos todo aberto em chagas, pera me curar as minhas. Adoro-vos lavado em sangue, pera me lavar dos meus peccados. Adoro-vos despido, e affrontado pera me cobrirdes, e honrardes. Bem bastava, Senhor, o sangue que de todo vosso corpo mana, ainda que vossa sacratissima cabeça não derramára o que em si tem. Tão desaproveitada fica essa divina cabeça, Senhor meu, se não padecer algum trabalho por mim, que pera ella, como pera membro principal, se busca tão principal, tão novo, e tão cruel genero de tormento? Toda quereis que seja trespassada de duros, e crueis espinhos, e atormentada com deshumanissimas, e terriveis dores, e corram d'ella tantas fieiras de sangue, quantas chagas os espinhos n'ella abrem. Quereis, divino Cordeiro, que esse fermosissimo rostro, que não ha de ser amentado, seja por mim d'esse sacratissimo sangue coberto: e todo, de pés á cabeça pareçais huma chaga fresca, e aberta pera minha alma, e pera remedio de minhas miserias. Adoro-vos Deos meu. Adoro esse divino amor que me tendes: dou-vos infinitas graças por tantas, e tamanhas misericordias, como me tendes feito, e por tão largas mostras da fidelissima amizade, que sempre me tivestes. Penetrai, meu bom Jesu, este coração com esses espinhos: venham déssa sacratissima cabeça fervendo em sangue, e inflammado amor, que me derreta, e abraze, e tudo me mude em si.

Oh se acabasse já de conhecer, divino amor de minha alma, quam mal empregado está em mim tudo o que em vós se não emprega! Quando já chegará a hora em que de todo o coração, e do intimo d'esta alma vos ame, minha bemaventurança perfeita, e responda fidelissimamente a esse amor com todo me entregar, e consumir n'elle por vós? Pera que quero vida, pera que quero corpo, e alma, pera que quero nenhuma cousa, se tudo não ha de estar ardendo em vosso amor, e serviço, que só mereceis este coração. Esse sois vós. meu Senhor; em tudo vos pareceis comvosco: todo sois amavel, todo liberal, todo cheio de misericordias, e todo empregado em meu remedio. Eu este sou, que em tudo me pareço comigo, miseravel, pobre, duro, tibio, frio em vosso amor, amigo de mim, esquecido de vós. Oh bondade, oh misericordia, oh lar-

gueza, oh rio cheo de todos os bens, e mercês, lembrai-vos de mim, e não me desampareis.

A principal parte, Senhor meu, do corpo, por onde nos conhecemos, he a cabeça; onde está o rostro, e todos os sentidos, e os instrumentos da vida, e conversação, a fermosura, ou fealdade, e aonde primeiro que a tudo acodem os sinaes da alegria, ou tristeza, affeição, ou medo, saude, ou doença, e todos os outros affectos da alma. Essa quizestes vós, Deos meu, que em vós estivesse atravessada de espinhos, e com o rostro lavado em sangue. Por isso, meu fermosissimo Jesu, e suavissimo esposo da minha alma, quizestes ser conhecido, e por estes sinaes differençado de todos. Por aqui quizestes que vissemos o que passa n'esse coração: o amor em que arde, e como está enfermo do desejo de meu bem, e saude, e de me prender a si. Ahi quizestes que vissemos o prazer d'essa alma, que não he senão dar-vos todo, e com obras de amor arrebatar-nos todos a vós. Oh quanto mais prende os corações tocados de vosso amor esse sangue, que corre por estas barbas, e faces, esses espinhos e dores do trabalho, que essa divina cabeça passa, que se estivera com coroas ricas da terra! As riquezas d'estas terrenas, dão só a quem as tem graça ou estado, e estas vossas dores, e espinhos enchem as almas de suavidade, e riqueza, e prendem com cordas de infinito amor. Oh espelho da gloria, quem nunca vos perdesse de vista, quem sempre com os olhos, e desejos da alma andasse apoz vós! D'esta cabeça espinhada vivo, d'ella respiro, e me sustento, só n'ella me vejo; e perco-me quando d'ella me esqueço. Adoro n'ella a minha verdadeira vida, a minha soberana gloria, a fartura, e satisfação d'esta alma.

Busca-se na terra o mais rico metal, e as mais ricas pedras pera as coroas dos Reis: e vós, meu bom Jesu, não achastes na terra outro mais rico metal, nem outra pedraria de mais preço, pera vos coroardes, que de espinhos. Oh Rei meu, Rei da gloria, Rei das almas, que com vosso sangue comprais! Adoro-vos, porque até n'isto me quizestes fazer rico, e abastado em vos coroardes da cousa mais geral que ha na terra, e honrardes, e dardes preço em vossa sacratissima cabeça ás espinhas, que déstes por castigo a Adão, e seus filhos. Pelo primeiro peccado, Deos meu, julgastes por justa sentença, que o fruto dos suores dos homens fosse por pão, espinhos, e por gostos, trabalhos, e dores. Agora pondes estas espinhas em vossa cabeça, e tudo mudais em meu bem, e proveito, e fazeis mais ricos, e gloriosos os frutos dos espinhos, trabalhos, e

snores, que quantas cousas grandes na vida se podem desejar. Prezais-vos, Senhor meu, de minhas miserias, e coroais-vos d'ellas, pera que em vós tenham a vossa valia. De que me posso, Deos meu, queixar quando me vir atribulado, pois vos vejo de meus trabalhos coroado? Oh divino amor, oh eterna charidade, que assi o ordenastes em meu favor, que não possa ser pobre, quem de trabalhos por vós passados for rico: e já se estima na gloria o que mais se aborrecia na terra. Bemdito sejais, Deos meu.

Oh miseravel de mim, que nem tudo isto basta pera me acabar de someter a levar gosto de padecer, e ser atribulado n'esta vida, e soffrer por me parecer comvosco! Entristeço-me com o trabalho quando chega, aborreço-o quando me dura, alegro-me quando se acaba, e cuido que fico melhor quando me deixa. Quando, Deos meu, mudareis a miseria d'esta corrupta terra, com o fogo de vosso amor? Pois as vaidades, de que me gabo, e baixezas de que me glorio, e o de que me corro, oh quam longe são d'isto que em vós vejo, Deos meu; a soberba da opinião de mim mesmo, o gosto que tenho de louvores humanos, e quanto esvaeço com os fumos do mundo: oh quam differente me faz de vós, meu bom Jesu! Todo meu cuidado he no mimo de meu corpo, em sustentar minhas vaidades, e com os gostos da vida perder os frutos de vossos espinhos. Oh meu Deos, e misericordia infinita, perdoai minha miseravel soberba: corro-me de que vós vos coroais, e coroo-me de fazer minha vontade, e seguir os gostos d'este corpo. Quando isto posso fazer sem contradição de ninguem, quando meus appetites andam mais largos, e desenfreados, quando sou favorecido, e honrado de muitos, e quando tudo me succede como quero, então estou largo, e cuido de mim muito, então cuido que sou homem, e esvaeço em meus pensamentos. E na verdade então estou mais cego, e não vejo quam feio, e miseravel sou a vossos olhos.

Oh quando, Senhor meu, me aborrecerei de todo: quando já me correrei perfeitamente de mim, diante de vós! Pois estando vós coroado de espinhos, estou eu com odio d'elles, e amor da vaidade do mundo, da carne, e da terra.

Como posso eu, Deos meu, ser membro dessa cabeça espinhada, sendo tão amigo do mimo, e largueza deste corpo, e de minhas vaidades? Afastai, Senhor meu, meus olhos da vaidade da vida, e ponde-mos em vós: ensinai-me a me cotejar comvosco, e correr-me de mim. Vós, Se-

nhor, que sois perfeito, e sapientissimo conhecedor do interior de cada hum, lançai vossos piedosos olhos em mim, desarreigai deste miseravel coração o amor, e affeição de tudo o que vos descontenta por vossa immensa bondade, e misericordia. Não me deixeis justificar em meus desejos, e appetites, mas allumiai-me, e ensinai-me a conhecer-me, e julgar-me juntamente por vós, e condemnar-me, e aborrecer-me como mereço. Coroai-me, bom Jesu, de vossas espinhas. Fazei-me que seja muito de verdade minha gloria ser espinhado, e attribulado em vossa companhia: pois não posso estar a vós unido, senão parecendo-me comvosco. Confesso minha miseria, meu Deos, que determinando-me cada dia de vos imitar, com desejo de ver em mim o que em vós adoro, me offereço cada dia em vossas mãos; mas quando chega a occasião de me mostrar fiel, e verdadeiro imitador vosso, minto-vos, torno atraz, acho-me preso de mim, e furto-me de vossas mãos pera seguir o que minha terra me pede. Oh minha esperança, e meu dulcissimo bem: vós que só vedes a verdade do que está dentro d'esta alma, tomai o desejo que agora sinto, e fazei-me a vós semelhante, perfeito imitador vosso, e aborrecedor de mim: e o que vedes nesta alma, que he contra isto, mudai-o, Deos meu, á vossa vontade. E ainda que minha carne sinta, e resista, usai, Senhor, comigo desta grande misericordia, que lhe não deixeis levar avante o que quer; mas ainda que seja por força, e a rastro, e gemendo, levai-me apoz vós, não saiam nunca desta alma os frutos d'esses vossos espinhos, até que aprenda a me gloriar, e coroar d'elles: fazei vós, Deos meu, vossa obra, por mais que minha fraqueza o sinta, por mais couces que dê contra o aguilhão, pois vós sois a divina fortaleza, que podeis, e sabeis esforçar nossas fraquezas.

Oh Madre de Deos, perfeita imitadora deste Senhor; que ha de ser de mim, Rainha de misericordia, vendo-vos a vós cheia de trabalhos, e a vosso unico filho coroado de espinhos, e a mim cheio de vaidades, soberba, e mimos? Valei-me, Senhora, esperança minha, alcançai-me luz pera o imitar, e odio de mim, e do que d'elle me aparta, pera o contentar, e vontade de padecer os trabalhos que elle me quizer dar. Já que não posso ser seu senão espinhado, e crucificado, nem vós haveis de conhecer por vosso quem levar outro sinal, e caminho. Ajudai a este pobre, que aqui está a vossos pés pedindo misericordia de meus males, graça, e luz pera sahir delles, e amor que me mude, e me faça verdadeiro imitador de vosso unico filho, e serve vosso. Oh moradores dessa

santa Cidade celestial, que vedes claramente o preço dos espinhos deste Senhor, e a pobreza dos que não vivem, e se gloriam d'elles: havei dó deste pedinte peregrino, miseravel, desterrado dessa gloria, e que tão longe anda de se parecer com o Senhor della: alcançai-me hum raio dessa luz, que lá esclarece, pera que sempre veja estas verdades, e as adore, e huma faisca desse amor, que lá arde, pera que sempre as ame, e siga. Amen.

TRABALHO XL

Escarneo do reinado de Christo, e da palavra «Ecce Homo.»

Zombaram, e escarneceram os malvados algozes do Senhor por quantas vias poderam imaginar, em quanto o tiveram entre mãos. E por isso depois de açoutado, o vestiram de purpura, e o coroaram de espinhas, e lhe pozeram cana na mão por sceptro (como está dito) pera o abaterem por falso Rei, e escarnecerem de seu reinado. Fizeram isto com tão affrontosas circunstancias, que cada huma dellas era grandissimo trabalho, e tormento pera o divino cordeiro Jesu; que tudo sentia muito, e a tudo calava, e a nada resistia. A coroa era hum vivo e cruelissimo tormento. O vestido, ainda que na sorte era de purpura, na calidade era por velho e sujo, tão desprezivel, que ficava sendo hum puro escarneo. As mãos tinha atadas, como quem nenhum cabedal tinha pera fazer mercês de Rei, e tinha huma corda á garganta como Rei de trédores, e malfeitores. E pera cabo de todo escarneo lhe pozeram huma cana na mão por sceptro; cousa que de sua natureza he oca, e sem força, nem sustancia.

Lemos que em algumas partes costumavam os Reis ter huma vara de ouro na mão, e se lhe era aceito quem a elles entrava lh'a abaixavam em sinal de clemencia: e se a não abaixavam mostravam desprazer-lhe, e enfadar-lhe a pessoa; e ás vezes era sinal de ira, e castigo E estes perversos algozes pera mostrar quam pouco havia que esperar nem temer no reinado de Christo nosso Senhor, lhe pozeram na mão huma cana por sceptro, fazendo conta que tudo quanto nelle havia era tal como o sceptro. Mas posto que da parte dos algozes tudo isto era escarneo do Senhor: da parte do Espirito Santo, cuja providencia tudo governa, não houve aqui cousa feita sem eterno conselho, e divino mysterio. Por mais baixo que o vestido era, e desprezivel, era todavia na sorte realengo, e na feição era capa; porque não pode haver cousa neste Senhor tão baixa, que não monte mais pera cobrir, e amparar os necessitados o que nelle parece desprezado, que todo o alto, e rico do mundo.

Contentava-se a mulher, que doze annos tinha passado de doença incuravel, só com tocar hum cadilho ou fio da borda do vestido do Se-

nhor pera ser sã, e não se enganou, porque em tocando sarou. Quanto mais sarará todas nossas miserias o agasalhado que o Senhor a sua sombra faz aos que com amor o buscam? A coroa, ainda que de cruel, e rigoroso metal, foi poderosa pera render a si muitos, e grandes vassallos, que em trabalhos, e espinhas se mostram fieis, e leaes a seu Rei: com a virtude das suas mãos atadas nos solta. E ser elle contado por Rei de trédores, e malvados he o que nos cumpria: porque se assim não fora onde ficaram os que não podemos nunca cuidar que somos Santos? E tendo este Senhor por Rei de peccadores temos certa confiança, que d'elles fará cidadões celestiaes. Pois o sceptro nenhum podia mais proprio ser pera o Senhor, que de cana, de quem está escrito, que não quebrará a cana rachada, mas a soldará, e esforçará.

E como tem em sua mão o imperio de tão quebradiça, e fraca gente como nós, significada n'aquelle sceptro de cana; segura temos sua clemencia, e que da sua parte supprirá o que em nós falta, pera lhe sermos aceitos, se nós por outra lho não desmerecermos com fugir de sua vassallagem, e obediencia. Devemos o conhecimento d'estas verdades á fé, que o Senhor em sua santa Igreja plantou; confirmada pelos escarneos que elle de seu sacratissimo reinado soffreo, tanto á custa de sua honra, e com tanto tormento, e trabalho de sua pessoa.

Posto o Senhor n'esta desprezivel, e affrontosa figura do falso Rei, houveram os algozes que tinham achado huma gostosa invenção pera passar tempo, e appellidaram toda a companhia dos soldados, que os Judeos levavam pera guarda, porque ninguem se atrevesse a querer defender o Senhor, e os meteram todos dentro (como diz S. Marcos) que eram cento: e postos em torno em praça, pozeram o Senhor no meio de todos pera passarem festa com elle. Alli vinha ao Senhor hum a hum, e punha o giolho no chão por escarneo, dizendo: «Ave, Rei dos Judeos», e tomavam a cana que tinha na mão, e lhe davam com ella na cabeça, e lhe cuspiam em seu sacratissimo rostro, e lhe davam bofetadas.

Ninguem poderá cuidar as invenções de palavras injuriosas, os saltos, os risos, apupos, esgares, que alli haveria em tão feio, e affrontoso genero de escarneo, em que assi andavam jogando com o Senhor, como com hum louco. E como eram muitos, e cada hum trabalhava por lhe chegar, e fazer seu tregeito com mais zombaria, e graça que o outro, foram tantas as pancadas, e tão crueis, que em sua sacratissima cabeça levou, que lhe renovavam as dores dos espinhos, e tanta a somma de

bofetadas, escarros, affrontas, que aqui padeceo, que senão sabe homem determinar, se julgue este pelo maior trabalho, e abatimento que o Senhor em sua Paixão passou. Porque são tamanhos todos, e em cada hum dos que de novo chegava, se renovavam de maneira todos os passados, que parece que cada hum d'elles merece o nome de maior, e principal. E o que mais espanta, he seccar-se pera o Senhor toda a natural compaixão, e mover sua tão lastimosa figura toda aquella gente mais a crueldade, que a piedade. Mas quil-o assi nosso Senhor, pera que por aquelles ministros do Demonio quebrasse n'elle a ira toda sua furia, que nós por nossos peccados mereciamos, e ficasse pera nós reservada toda a brandura, e misericordia, que nos elle não negará, quando em nenhuma parte a acharmos.

Assi foi desprezado o reinado de Christo nosso Senhor: assi abatida sua real, e divina pessoa como de falso Rei: assi desconhecido, e abatido, o que com seu governo sustenta o Ceo, e a terra, que a tudo encobria a magestade de sua pessoa, pera mais poder por nós padecer, e seus contrarios terem mais campo pera o poderem affrontar. Porque no Senhor, e em seus inimigos corriam a par, amor, e odio; o odio que a elles provocava a se refinarem em achar invenções de trabalhos que lhe dessem, e de affrontas que lhe fizessem; e o amor que ao Senhor desentranhava em desejo de muito padecer, e de nos merecer com seus trabalhos muitos bens. Mas, em fim, a malicia esgotou, e veio sua furia a quebrar; e o amor prevaleceo, e venceo em nos remediar, pelos proprios meios que se tomaram pera o destruir, e com a victoria vive pera sempre, e o reino, que aqui a malicia escarneceo por falso, o amor o sustenta eternamente como verdadeiro. Digam estes máos o que quizerem, que ainda que por escarneo, todavia fallam verdade em lhe chamarem Rei dos Judeos. E assi como a fé tomou o dito do máo Caifás; (em que aconselhou, que cumpria morrer Christo nosso Senhor, pera que não morressem todos, por profecia do Espirito Santo), da vida que este divino pastor havia de dar a suas ovelhas: e ainda que o perverso Pontifice o disse com odio, e damnada tenção de matar ao Senhor, assi toma por verdade catholica a mesma fé, da boca d'estes escarnecedores, esta divina adoração, pera reconhecer seu divino Rei, e o saudar com todo o espirito dizendo: «Ave, Rei dos Judeos», e dizer com David: «Tu és o mesmo meu Rei, e meu Deos, que mandas as saudes a Jacob.» Oh que não pode a soberana Verdade perder nada por ser dita por boca de

máos! Grande cousa he ter a Deos por juiz, e justificador da consciencia, porque o que elle approvar, impossivel será poder ser reprovado: e ao revez montam pouco as justificações humanas, tendo o juizo secreto de Deos por contrario. E os servos de Deos que no mundo, e do mundo se vem affrontados, e cansados, se com silencio, e soffrimento trabalharem por se parecer com este divino Rei abatido: e deixando sua causa a Deos, tratarem só de o contentar; he elle tão fiel, e tão justo que os principaes meios, que tomará pera honrar, e alevantar os seus, serão os proprios ardís que o mundo achou pera os desprezar e atribular. Saibam-se elles lançar nos braços de seu Rei, e não limitem a Deos tempo nem logar pera sahir por elles: nem tratem que seja nesta vida, ou na outra: mas de todo se deixem a Deos seguros de sua bondade, e amor: que elle fará suas cousas á sua vontade, e sahirá por elles quando, e como fôr mais gloria sua, e proveito de suas almas, e que nunca lhe faltará com os bens espirituaes pera os esforçar, e ajudar a poder com todo trabalho por seu amor; porque nem os servos de Deos devem fiar de si o que lhe cumpre; nem desconfiar que acodirá Deos, quando mais lhe cumprir.

Da palavra Ecce Homo.

Não acabou aqui esta affronta que se fez ao Senhor: mas mandando Pilatos dar fim aos escarneos que ao Senhor se faziam, e leval-o ante si; quando o vio tal, pasmou, e lastimou-se, e pareceo-lhe que bastaria a vista d'aquella tão piedosa figura, pera abrandar o coração de todos: e verem que não podia ter culpas de qualidade que merecesse tamanho castigo, e bastaria vel-o todo o povo pera lhe não pedirem a morte. Assi o mandou sahir fora á vista do povo comsigo. Eis aqui vol-o trago fora pera que vejais, que nenhuma causa acho n'elle de morte. Sahio o Senhor com a capa de velha purpura, as mãos atadas, corda á garganta, cana na mão, coroado de espinhos, e todo aberto, e lavado em sangue, de pés á cabeça, que hia ainda gotejando d'elle, e deixando rasto por onde hia. E em aparecendo disse Pilatos: «Ecce Homo,» Eis aqui o homem, que accusais que se fez Rei, vede que pessoa e figura, que posse, que cabedal de Rei tem! Eis o homem que accusais de enganador, e perturbador do povo, tratado de maneira que já o povo senão póde com elle enganar. Não ha n'este homem que temer, nem que esperar. No que vedes n'elle, bem mostra que não he este o homem de cujas culpas,

que lhe pondes, se deva mais de tratar; nem se possa d'elle cuidar que he culpado n'ellas. Posto que a tenção de Pilatos foi (segundo suas palavras mostram) saber-se que elle tinha castigado ao Senhor, mais do que merecia: nem se podia fallar em hum tão abatido reinado; nem havia n'elle causa de morte; todavia foi pera o Senhor occasião de grande affronta, e vergonha, sahir d'aquella maneira publicamente á vista de seus inimigos, e alguns amigos que alli teria; e por ventura aos olhos de sua santissima Mãi, de que se pode cuidar que já áquella hora alli seria chegada; e seria aquella a primeira vista que d'elle teve. E como nada ao Senhor era encoberto, o trespassamento de dôr de sua sacratissima Mãi, a lastima de seus amigos, e vergonha de parecer n'aquella figura diante de todo o povo, lhe davam tanto trabalho, que mal se poderá julgar qual d'estas cousas lho daria maior. Todavia dissimulava seu sentimento, e hia onde o levavam com seus olhos baixos, e summa modestia, e imperturbavel serenidade de rosto, e incomparavel, e espantosa mansidão, e paciencia. E tudo isto pera Pilatos era hum tamanho argumento de sua innocencia, que lhe pareceo bastasse pera convencer, e mudar seus inimigos: ainda que (como adiante diremos) não lhe sahio como cuidou. Tem neste passo as almas muito em que se deter, e occupar, e de que tirar divinos bens. A elle applicam muitos aquella palavra dos Canticos: «Sahi, filhas de Sião, vêr El-Rei Salomão (que he Rei pacifico, e significação de Christo) com a coroa de que o coroou sua mãi no dia de seus esposorios, e no dia da alegria de seu coração (*).» Porque a synagoga dos Judeos, que aqui se chama mãi do Senhor, porque de sua casta e geração nasceo, o coroou de espinhas: mas o Senhor esquecido da crueldade d'elles, só fez caso de ter coroa, com que festejar o dia das alegrias de seu amor, e no qual padecendo, e morrendo, compra[illegible] sangue as almas suas esposas, e se jurava com ellas pera [illegible] de charidade, e eterno reinado, e lhes abria os thes[illegible] zas, e fazia pera estas festas, e esposorios espir[illegible] e alardo de todos seus bens, que sem termo, e di[illegible] offereciam a quantos os quizessem. E pendo [illegible] affrontado Rei, as almas presas de seu amor, acha[illegible] quanto podem desejar, que nem a lingoa sabe dizer, [illegible] nem o pensamento imaginar; só o amor o póde em parte experimentar.

Alguns dão a esta palavra «Ecce Homo» muitas e excellentes voltas,

(*) Cant. cap. III.

e sentidos: porque ainda que Pilatos as disse pera seu intento, e mostrar a innocencia do Senhor, e o livrar da morte; todavia não pára aqui a consideração dos justos: mas pondo os olhos no autor de todas estas cousas, e vendo a novidade desta publica mostra do Senhor, desta palavra entendem que o Padre Eterno he o que dá vista de seu unigenito filho tratado desta maneira por nós, e elle mesmo nos diz: «Ecce Homo,» Este he o homem de que tenho já publicamente dito que elle he meu amado filho, e quero que elle seja o ouvido, e imitado. N'elle te dou pai, irmão, amigo, companheiro, pastor, e pasto, guia, verdade, e vida; tudo quanto tenho, e tudo quanto pódes esperar. Por este te perdoarei, te receberei, te encherei de todos os bens, e te darei minha gloria. Alarga, oh homem, teu coração, e não sejas acanhado, que quem te dá este homem, e filho meu, que te pode negar? Este he o promettido e desejado, e o remediador de todos teus males. Põe, peccador, os olhos neste homem, e dá-me razão porque me nâô amas, porque me não serves, e que desculpa tens em te perderes? Razão fora que tu criatura minha começaras a me amar, e me grangearas pera que te eu amasse: mas vendo teu descuido olha pera este homem, e acaba de ver quanto fiz por te grangear teu amor. Não te percas, peccador, com tal redemptor como te dou, abraça-te com elle, rege-te por elle, e offerece-m'o por ti, com fé, e amor, cada vez que quizeres, que com elle, e por elle, nenhuma cousa que te cumpra, te negarei.

Tambem entendem os Santos, que o mesmo Christo nosso Senhor nos está dizendo: Ecce Homo. Põe os olhos em mim; vê o que queres, alarga esses desejos, que pera ti estou aberto em chagas, teus são estes meus tormentos, teu este sangue, e tua esta pessoa, e vida. Vem-te a mim, que eu te descansarei, e recrearei (*). Entra por estas chagas, e recolhe pera ti quantos bens neste coração acharás, olha-te em mim como em espelho, e conhece tuas maldades, e verás pelo muito trabalho que me deram, quanto mal te farão a ti. Aprende de mim que sou manso, e humilde de coração. Olha que não podes dizer que te falta homem pera tudo o que te cumpre, e pois me tens, não me fujas. Que pude fazer por ti que não fiz? E se mais queres que faça pede, que ainda que seja pedir-me morte de Cruz sou contente de aceitar. Olha-me de pés a cabeça, e verás que todo sou teu, e todo empregado em teu serviço. Que cousa achas que seja mais tua que eu? Quem te falla mais verdade?

(*) Matth. cap. XI.

Quem te ama mais? Quem te servio mais? Em quem tens mais certa amizade? Pois porque me desprezas, e deixas minha suave conversação por teus gostos, e peccados? Oh homem pois aqui me tens por teu, não te percas, nem me percas; porque em nenhuma outra parte acharás tudo quanto podes haver mister, e desejar como em mim.

Tomando esta palavra da boca de Pilatos, póde tambem o peccador apresentar-se diante de Christo nosso Senhor com ella, e dizer-lhe: Ecce Homo. Eis aqui, Senhor, o homem peccador por quem tudo isso padeceis. Tudo quanto prometteis cumpris a este homem, que em tudo vos mente. Eu sou o homem, de quem David disse que não poz seu cuidado no amparo, e ajuda do Senhor, mas estribou em sua vaidade: e por isso estou diante de vós tão miseravel como vedes. E assi desta palavra se pode, e deve aproveitar pera se apresentar diante de Christo nosso Senhor, accusar-se, e entregar-se todo a seu serviço, e amor. Porque ainda que a obra de maravilha em nós chega ao bom proposito, todavia voga muito diante de Deos o desejo continuado, e muitas vezes renovado. E sobre tudo costume sempre, quando se apresentar diante de Deos, humilhar-se muito, e confundir-se ante elle, e tudo quanto considerar voltar sempre contra si em humilhação propria, que he o mais certo caminho de se dispor pera conhecer mais a Deos, e receber d'elle sua divina graça pera tudo quanto ha mister.

Exercicio do reinado de Christo nosso Senhor.

Toda a humana compaixão se seccou pera vós, meu bom Jesu. Qual fora a criatura, ainda que fora bruto animal, que não movera a compaixão se o viram chagado, e aberto, como vós, amor de minha alma, estais? Só pera vós se endureceram os humanos corações: não se correm de vos cuspir ainda nesse sacratissimo rosto, e enchel-o de bofetadas, e escarnecerem de vós com festa, e jogo como de hum doudo: e affrontarvos como a falso Rei, com sceptro de cana vazia, e purpura, e adoração de escarneo, e apupos, saltos, e momos, e magoarem vossa sacratissima cabeça com pancadas de cana, que vos poem por sceptro. Todos, meu Deos, se convidam a vos escarnecer, e estais entre elles calado, como se foreis hum bicho da terra: e sem resistir, nem responder, ardeis em amor, e desejo de padecer por mim, nem ha hum que se doa de vosso trabalho, e tormento. Oh amor de minha alma, oh vida da mi-

nha vida, quando já hão de acabar estas affrontas; quando se fartarão estes de vos escarnecer, e vós de padecer, e soffrer?

Eu, meu bom Jesu, vos adoro, vos louvo, vos glorifico, e vos dou infinitas graças por todas estas mercês, por todo este amor que me mostrais, e por todos estes trabalhos que padeceis. Digam estes, e façam o que quizerem, que vos não podem tirar serdes o verdadeiro Rei, e Senhor do Ceo, e da Terra.

Com as suas mesmas palavras, que por vos escarnecer dizem, vos quero eu meu soberano Senhor adorar, pois creio firmemente, que sois verdadeiramente o que elles desprezam, e escarnecem. Ave, Rei dos Judeos. Ave, Rei dos Ceos. Ave, Rei da terra. Ave, Rei verdadeiro das almas! Vós sois meu Deos, meu Senhor, e meu Rei, que dais a verdadeira saude. A só vós meu Senhor compete com verdade este nome de Rei, que quer dizer regedor. Porque só vós regeis, e governais com perfeita justiça, com leis que convertem as almas, com paz, com amor, e com divina sabedoria. Oh se viesse a mim o vosso reino, se reinasseis vós Deos meu, em minha alma, direi com o vosso sancto Profeta David.

(*) «Vós, meu Rei, me governais, e com vosso regimento não me póde faltar nada, porque se me deixo levar de vós, mantendes-me com pasto divino, e celestial!

Dais-me agoas vivas, e saborosissimas, que me refrescam, e converteis minha alma, e a levais por caminhos da verdadeira justiça, e bondade por quem vós sois, e com a luz de vosso santo nome.

Estando vós, Deos meu, comigo, não posso temer nenhum mal, ainda que ande em toda a escuridade, e sombra da morte.

O sceptro de vosso governo he pera mim firme baculo, e bordão, com que me sustento em minhas fraquezas: e a vara de vossa justiça com amor me castiga, e hum, e outro sempre me consola.

Não me falta em vossa casa meza, com que vivo farto, e abastado, e de que tomo forças contra todos os que me attribulam.

Vossas reaes, e divinas mercês me enriquecem: vossa suavidade, e o vinho de vossa charidade, que embebeda, e enleva as almas, oh como he divino, e excellente!

Sempre em vossa companhia me acompanha, e segue vossa divina misericordia todos os dias de minha vida.

De vossa casa quero ser, só em vosso serviço me quero occupar,

(*) Psalm. XXII. declarado.

comvosco meu Deos, e meu Rei, deseja minha alma largos dias morar, e em vós acabar, e viver pera sempre: não quero, meu Deos, outro Rei, não quero outro Senhor. Assi desprezado, e abatido vos quero antes por meu Rei, que todos os da terra em sua gloria.»

Mas, Senhor meu, e meu verdadeiro Rei, não he menos vosso, perdoar com misericordia a quem se torna a vós com arrependimento, que fazer justiça, e castigar a quem se não conhece. Eu, meu Deos, me conheço, e me someto a vossos pés, e clemencia por mais máo servo, e mais indigno de vossas mercês, e mais merecedor de vossos castigos, que quantos filhos de Adão nasceram no mundo: porque muitas infinitas vezes vos deixei, e fugi de vosso serviço, e como traidor reconheci outros Reis em minha alma, que me vós com vossa lei defendestes. Deixei reinar em minha alma a soberba, a vaidade, o amor proprio, o gosto das cousas do mundo, e quantos peccados contra vós, Deos meu, commeti, a tantos Reis reconheci senhorio. Suas leis sustentei, por ellas me governei, desprezando as vossas. Perdi-vos, deixei-vos, virei-vos as costas, por andar apoz elles: possuiram até agora meu coração, e como costumados a isso, sempre trabalham por reinar n'elle.

Elles me tem de vós, vida da minha alma, apartado, e me fizeram parecer vossa suavissima lei pesada. Com o desejo, com a vontade, com o cuidado, e com as forças todas os servi, e segui: n'elles e com elles gastei o tempo, e a vida, e quantas mercês me fizestes. Elles me fizeram tão pobre, como vedes Senhor meu, desbarataram-me, destruiram-me, roubaram-me, cegaram-me, e me apartaram de todos os bens. E o peior que sinto, Deos meu, e meu Senhor, he, que ainda que conheço isto, e vejo agora minha perdição; todavia estou tão acostumado a lhes fazer a vontade, que se me chamam, e me acenam, ou se porfiam comigo, ainda minha carne deseja ir apoz elles, ainda me inclino a elles, e não acabo de os aborrecer de todo: ainda muitas vezes me levam o sentido, me occupam a memoria, e não posso de todo vencel-os, e muitas vezes me deixo vencer d'elles.

Elles com o costume de seu serviço me tem cheio de trevas, e de nevoas, e não vejo muitas vezes a pureza de vossa lei perfeitamente. Elles me esfriam, que não sinto fervor pera vossos mandamentos; carregam-me, e me fazem pesado vosso suave caminho, e perder os gostos, e suavidade de vossa interior conversação. Oh poderoso, oh misericordioso Rei das almas, havei piedade de minhas miserias, e destrui estes máos reis:

tornai com vossa virtude a tomar senhorio d'esta alma que he vossa: eu a destrui, vós meu Deos, a cobrai. Vós sois justo, bonissimo Rei, e por isso dais leis aos que peccam, e desejam tornar a vossos caminhos. Pon-de-me, Deos meu, lei, e ajudai-ma a cumprir. Oh quando me verei só de vós, meu Deos, e meu Rei possuido, e governado? Quando já vireis a governar n'esta alma, e eu sem resistencia vos obedecerei? Quando aborrecerei todos os que até agora n'ella reinaram? Por essas desbonras, por essas bofetadas, por esses despresos, meu verdadeiro Rei, vos peço misericordia, que só reineis vós em mim, só me possuais, só sejais de mim obedecido, e conhecido por Senhor, e Rei de minha alma, pois o sois.

Quem, meu Rei, como vós? Rei sois, mas vossa magestade não espanta, antes leva apoz si as almas; vosso sceptro não mette medo, mas convida a todos vos buscarem, e amarem. Com razão, meu bom Jesu, vos põem este sceptro de cana, que elles não entendem, porque de vós está escrito, que não acabareis de quebrar a cana rachada, mas a sarareis, e fortalecereis. Em vossa mão, meu Deos, sáram os que fóra de vós se perdem, e se sustentam os que fóra de vós se destruem: porque sois Rei que tudo podeis, e pai amorosissimo, e todo bem folgais de fazer aos que se põem em vossas mãos.

Não sois, meu Deos, meu Rei, como os da terra, que se hum priva com elles, o outro tem inveja, porque não se pode o Rei terreno repartir em tantas partes, e se se dá a huns, ha se de tirar a outros. Oh meu Rei, e amor da minha alma, não sois vós assi; todo vos dais a todos, e todo a cada hum. Não vos espedaçais, nem repartis, todos podem privar muito comvosco. A todos, e a cada hum amais com infinito amor. Comvosco, meu soberano Senhor, priva o humilde, o pobre de espirito, o que chora, o esmoler, o que vos deseja, o que arde em vosso amor, e o que se doe de suas culpas; e tanto cada hum pode privar quanto poder amar. Não ha em vossa casa fidalguias, e villanias, não ha desigualdades, nem aceitações de pessoas; tão nobre, tão grande, tão privado, tão honrado, tão estimado será de vós quanto poder amar-vos. Como vai a vós com fogo de amor, logo he aceito, logo grande, logo tem quanto deseja, porque vossos bens por se darem, não se diminuem. Oh se vos amasse meu Deos, de todo o coração, se vos buscasse, se de todo me entregasse a vós! Vós, amor divino, me abraçai, vós me transformai em vós, e vós me levai apoz vós. Já que mais não posso, nem sei, cantarei com vosco Profeta David.

(*) Louva minha alma, ao Senhor, louval-o-hei toda minha vida. A Deos meu, cantarei quanto durar.

Não confie ninguem em Principes, nem em filhos dos homens, em que não ha saude.

Os quaes morrem, e se tornam em terra, e no dia que acabam acabam com elles seus pensamentos, e as esperanças de todos que n'elles confiam.

Bemaventurado o que tem a Deos por seu ajudador, e que tem toda sua esperança n'este meu Deos, Rei, e Senhor, que fez o Ceo, e a terra, o mar, e o que n'elles ha: este cumpre sempre a verdade, faz justiça aos que padecem injurias, e mantêm aos famintos. Este Senhor solta os presos; este Senhor alevanta os derribados, e ama aos justos. Este Senhor guarda os peregrinos, que a sua casa se acolhem: agasalha a viuva, e o orfão, e destroe os caminhos dos máos. Este Senhor, este meu Rei, reinará de geração em geração, e durará pera sempre, seguramente he servido, seguramente se põe n'elle toda a esperança, e cuidado, pois nunca jámais acabará seu reinado.

Louvo, adoro, meu Deos, vosso reinado, a elle me someto, a vós desejo, a vós todo me offereço, fazei de mim tudo o que quizerdes. Mais quero da vossa mão ser castigado, e atribulado, que amimado, e favorecido no mundo. Recebei-me, Deos meu, por vosso, regei-me, amparai-me defendei-me, castigai-me, consolai-me, enriquecei-me de vós, e abrazai-me de vosso amor sempre.

Oh Rainha dos Anjos, cheia das mercês d'este Senhor, a vós tomo por minha valedora, pera que me prendais perpetuamente a seu serviço, e me tome elle d'esta hora pera sempre por seu, e me não solte de sua mão. Oh Cidadãos do reino d'este verdadeiro Rei, e presos de seu amor, prendei-me a mim comvosco, Que será de mim fóra de vossa companhia? Pois ajudai-me a ser hum dos servos fieis e perpetuo d'este Senhor, que vedes, que amais, e que sempre, e pera sempre adorais. Amen.

Exercicio da palavra «Ecce Homo.»

Espera, alma minha, ao teu Senhor, que o tiram fóra pera o veres, e adorares. Oh meu Deos, meu Rei, meu Senhor: quem vos tratou d'esta maneira? Oh fermosura do Ceo, com as mãos atadas, vestido de escar-

(*) Psalm. CXLV declarade.

neo; com a cabeça espinhada, gotejando d'ella, e de todo o corpo, sangue, e feito huma viva chaga; com os cabellos espedaçados, rosto inchado, e lavado em sangue: e com cana na mão por zombaria, vos tiram á vergonha á vista de vossos inimigos, e amigos? Até Pilatos zomba de vos chamarem, ou accusarem por falso Rei, e diz: «Ecce homo.» Que he da fortaleza, o exercito, o estado d'este que chamais Rei? Homem he isto pera Rei? Oh meu Salvador, que vergonha passaríeis agora, que ha tão poucos dias que nos olhos d'esta gente ereis admiravel em vossas obras, e doutrinas, e agora que vos vem assi, que sentirieis, meu Deos? Oh minha gloria, minha bemaventurança, eu vos adoro, louvo, e glorifico quanto posso. Imprimi essa dolorosa, e affrontosa figura n'este coração duro, enternecei-o com esta vista e fazei-me sentir o que em vós vejo: arrebatai-me em vosso amor todo, pois todo vos vejo por amor de mim d'esta maneira. Cativai, Senhor meu, e meu verdadeiro bem, toda esta alma da fermosura d'este fogo, que em vós arde: assi aberto, e affrontado, vindes tão calado, tão humilde, e tão modesto, que de vós todo vem sahindo chammas de vivo amor: cheguem, Senhor meu, a mim, abrazem-me, e todo me consuma em vós, e por vós.

Oh fermosissimo, oh dulcissimo, oh riquissimo, oh amabilissimo, oh suavissimo cordeiro! Pera que quereis dar vista de vós, dessa maneira tratado, senão pera arrebatardes as almas com ella, e as unirdes a vós? Pois, minha esperança, e vida da minha alma, lançai mão d'esta miseravel, que n'ella tem bem vosso amor em que se mostrar. Aqui, chagado Jesu, me lanço a esses vossos pés, aqui me offereço todo, e tal qual vós vedes que eu estou (o que eu não mereço) pondo os olhos em vós, confio de me ser dado, e de ser recebido. Pera mim estais assi, pera mim he esse sangue, e tudo o que em vós vejo: olhai, bom Jesu, pera vós, e fazei-me o que esse precioso sangue, estes trabalhos, e tormentos vos pedem.

Attenta, minha alma, que Pilatos não sabe o que diz: olha que aquella palavra he do Padre Eterno, que pela sua boca falla comtigo, e te diz: «Ecce homo.» Eis aqui o homem, alma miseravel, que não he menos teu amigo que meu filho; porque se he comigo igual, e filho meu, por receber de mim infinita, e divina sustancia; tambem a ti ama com infinito e divino amor. Este he o meu Filho muito amado; este te dou a ti, e por ti da maneira que vês. Que mais queres de mim? Que mais posso fazer por ti? Recebe-o, ouve-o, ama-o, imita-o. N'elle te dou todos meus bens, re-

medio pera todas tuas necessidades, alivio de todos teus trabalhos, consolação de todas tuas tristezas, satisfação pera quanto me deves, terceiro de todas tuas petições, thesouro pera todos os bens quantos souberes desejar. E pois n'elles has de achar tudo quanto tenho, e quanto has mister, todo to dou, e todo quero que seja teu. Olha, homem miseravel, como te amo, que a meu filho por ti não perdoo, olha o que me deves, e que não quero de ti outra paga, senão que te aproveites em tudo d'elle, e o ames, e imites.

Muitas, e infinitissimas graças, Padre meu Eterno, vos dou, por esta infinita charidade que me mostrais. Bem sei, Senhor meu, que por todas estas mercês comigo só vos contentais. Mas quem sou pera me quererdes ver, e olhar, e encher de tantos bens, que tão máo traidor, e peccador fui sempre? Pois vosso infinito amor me dá este thesouro, eu o aceito de vossa paternal mão, com elle me contento, e a elle vos offereço por todos os males quantos em mim ha. Lembrai-vos, Padre Eterno, que vos queixaveis por Ezechiel: que não achaveis hum homem que se pozesse entre nós, e vós, e tivesse mão em vossa ira, e por quem tirasseis hum muro de peccados, que nos aparta de vós, e nos perdoasseis. «Ecce homo,» Senhor meu, eis aqui o homem, Deos meu, e Padre celestial, que em tudo vos fez a vontade, que por nós está d'esta maneira chagado. E pois d'elle vos contentais, a elle olhai, e por elle, e com elle me recebei. Eu vol-o offereço com todo seu sangue, tormentos e merecimentos, com elle, e n'elle me entrego aqui a vós, d'esta hora pera sempre. Perdoai-me por elle meus males, esforçai por elle minha fraqueza, allumiai por elle minha cegueira, curai minhas grandes chagas, afervorai minha tibieza, e tomai-me pera sempre por vosso: não se perca, Deos meu, em mim este preciosissimo sangue, pois fóra da graça d'este sôberano Senhor sou perdido, e fóra d'elle sou morto, e n'elle só vivo, e me ganho.

Tambem o filho de Deos, ainda que calado, com seu sangue, e com tudo o que n'elle vês, alma, te falla, se o entendes, e te diz: «Ecce homo.» Já não podes, alma dizer, com o paralytico, que não tens homem que te leve á Piscina, e te sare. Eis me aqui pera ti, homem todo feito em Piscinas de sangue, pera teu remedio. Sem mo mereceres, e sem mo pedires fiz tanto por ti, e ainda hei de morrer em huma cruz por ti. Por onde andas, quando não andas apoz mim? Que buscas, quando me não buscas a mim? Quem amas, quando me não amas a mim? Que

amigos podes achar, como eu? Que pai, nem irmão, fará por ti o que eu faço? Olha que estimei mais teu remedio, vida, e proveito, que minha honra, e vida. Vem-te a mim, que eu te favorecerei, descarregarei, encherei de bens, de amor, de bemaventurança.

Oh meu bom Jesu, amigo verdadeiro de minha alma, quem sempre vos amara, quem nunca vos offendera, nem se apartara de vós! Esse sois vós, e eu sou o homem que tendo-vos por meu, vos engeitei, não puz em vós meu amor, e esperança: mas fiz fundamento na vaidade, e amei o que vós aborreceis: mas, meu suavissimo Jesu, como hei de desconfiar déssas entranhas de amor, e déssa misericordia? Oh todo meu bem, eis aqui o homem por quem vos fizestes homem, eis aqui o miseravel por quem tanto padecestes. O amor, Senhor, que a tanto vos chegou por mim, não he acabado: tanto arde em vós agora, como sempre. Pois Deos meu, por elle vos peço que me perdoeis os erros passados, e de hoje por diante me fazei outro, transformado em vós. Alma, corpo, forças, honra, vida, e tudo o que da vossa mão recebi, vos offereço, e em vossas mãos tambem entrego meus peccados, miserias, e necessidades: em tudo, e de tudo fazei o que esse amor, e essas chagas vos pedem. Sou tão miseravel, e cego, que não sei entender o que me cumpre, nem pedir-vol-o, falle-vos por mim o muito que me amais, e o muito que por mim fizestes: porque eu não sei mais que offerecer-me, e entregar-me a vós, meu verdadeiro Deos, meu Jesu, meu amor, e meu verdadeiro amigo.

Oh Madre de Deos sacratissima, que n'esta hora vistes vosso unico Filho, cordeiro entre lobos, tratado tão deshumana e cruelmente, e vossas entranhas foram traspassadas de immensas dores: por ellas vos peço, que estas vossas, e de vosso unico Filho nunca me saiam do coração, e que me mudeis todo em novo homem, e em serviço, e amor seu, e vosso. Oh Anjos do Ceo, Cidadãos déssa soberana Corte, a que o amor, sangue, e merecimentos d'este Senhor fizeram tão ricos, e gloriosos, e tão isentos de nossas miserias, como lá viveis; compadecei-vos d'este miseravel desterrado, e mingoado de todos os bens, e alcançai-me por vossa intercessão, que d'esta hora pera sempre responda eu com serviço, e amor a quanto este Senhor agora me mostra. Amen.

TRABALHO XLI

Sentença de morte.

Vendo Pilatos a lastimosa figura, em que o Senhor ficou dos açoutes, que lhe tinham dado, coroa de espinhos que lhe tinham posto, e escarneos que lhe tinham feito: houve (como temos dito) que mostrando-o assi ao povo, bastaria pera se ver sua innocencia, e mover a todos a compaixão; e pera desistirem da tenção que tinham de o fazer matar; mas não lhe succedeo como cuidava; porque he condição dos que por malicia, pura inveja, e odio fazem mal, que se vem que lhe começam a succeder bem seus ardis, com nenhum mal, que vejam ao que querem damnar, se satisfazem, mas o que lhe começam a fazer lhes dá móres azas pera levarem ao cabo quanto mal desejam fazer-lhe. Assi esta vista, que Pilatos ordenou dar do Senhor, pera mostra de sua innocencia, e quebrar a furia do odio de seus contrarios, foi a maior occasião, que tiveram pera porfiar em lhe pedir a morte. Porque como viram que tinham com brados, e motins do povo, chegado Pilatos a mandar açoutar ao Senhor, e o tinham dobrado a consentir que o injuriassem, e tratassem d'aquella maneira, houveram que tinham muito feito, e que lhes seria cousa facil acabar o que tinham por fazer, e que lh'o entregasse pera o crucificarem. Por isso a resposta que a Pilatos deram, quando lhe disse que alli lh'o mostrava pera verem sua innocencia, foi: «Tira, tira, crucifica-o, crucifica-o.» Diz Pilatos: «Que mal tem feito pera o crucificar?» Todos sem mais querer estar em debates, nem razões, á carga cerrada se punham a gritar: «Crucifica-o.» E tres vezes que isto Pilatos fez por livrar ao Senhor, outra resposta se lhe não dava, senão: «Crucifica-o.» Espanta isto muito, e com muita razão; mas como a massa da natureza corrupta, toda he huma n'estes, e em nós, mui ao vivo está aqui debuxada sua condição, e costume n'aquillo a que está inclinada, e determinada. Que acaba huma alma de pedir ajudas pera suas tentações, e chorar seus peccados, e castigar o corpo por elles: e quando cuida que sahe remediada, e mudada, acha-se de novo com tão vivas inclinações, máo: e torna o corpo a pedir suas lautezas tão desencalmadamente, como se lhe fosse devido, e não tivesse a alma aquillo chorado. Pois os muito acostumados a vicios, cada dia passam por esta desaventura. Porque humas vezes to-

cados de inspiração interior, outras persuadidos das palavras de Deos, que lem, e ouvem, outras convencidos da razão, ou honra, ou amigos, pera verem, e conhecerem seus males: pode tanto mais com elles o gosto do peccado, e o frenesi dos máos costumes, que ficam tão inteiros, e tão sem móssa, como se por si tivessem toda a razão, consciencia, e lei divina, e humana. Por onde, se abrimos os olhos da alma, não nos ensinam menos os males, que n'estes perversos vemos, pera conhecermos os podres de nossa natureza, e havermos medo de nós; que os exemplos, e virtudes do Senhor, pera n'elles acharmos os remedios de nossos males.

Enfadado Pilatos de tanta semrazão, e de tamanha contumacia contra a justiça, lhes disse: «Tomai-o vós, e crucificai-o, que eu não acho causa n'elle pera lhe fazer esse mal.» Acodiram então os Judeos, com outra nova culpa, de que até alli não tinham tratado diante de Pilatos, pera o espantarem, dizendo: «Nós temos lei, que em todo o caso havemos de guardar, e por ella ha de morrer crucificado, porque teve atrevimento pera se fazer filho de Deos.» Pilatos, que estava persuadido, que por pura inveja lhe tinham levado, e accusado ao Senhor, e estava mui inclinado e desejoso de o livrar, e por outra parte estava maravilhado de ver seu silencio, modestia, e soffrimento sobrehumano entre tantos contrarios, e tão crueis tormentos; não só tinha ao Senhor por innocente, pera se não deixar enganar da inveja, e odio dos Judeos; mas como ouvio fallar em se fazer filho de Deos, poz os olhos n'elle, e em sua cordeira mansidão, e exemplo, que de si estava dando de grande constancia, e fortaleza de coração; e começou a haver medo, de poder ser aquella pessoa mais que humana, e que andaria desconhecida e encoberta. Com isto lhe viria á memoria quantas virtudes e milagres d'elle tinha ouvido, e começou receiar pelos crueis tormentos que lhe tinha dado, se tinha por ventura peccado contra a divina virtude. Tornou-se com este medo a meter dentro em casa, só á parte com Christo nosso Senhor, pera tirar d'elle quem era, e mais particularmente o conhecer. Oh quam importante he trabalhar muito por apurar as affeições d'alma, e suas esperanças, e pertenções, porque nunca as cousas nos parecem o que são, senão conforme a má, ou boa affeição que em nós reina. Por onde a mesma causa, de que a limpa, e boa tenção, e affeição faz virtude, d'essa mesma a má faz peçonha, e peccado. Da mesma obra de virtude, toma occasião o malicioso pera julgar hum por hypocrita, de que outro toma exemplo pera se edificar, e pera o imitar. A mesma honra dá gosto ao amigo, por ver

o que deseja ao que tem amizade, e causa inveja, e magoa no que lhe tem odio.

Quantas mostras o Senhor deo em seus milagres, e virtudes de quem era, aos duros corações de seus inimigos foram as proprias occasiões de o terem por feiticeiro, por falso Filho de Deos, e quam mal inclinados estavam; e só o rumor d'ellas, com o exemplo de paciencia, que o Senhor mostrava, tão estranho entre tantos trabalhos, metiam medo a Pilatos, em quanto estava bem inclinado, a livrar ao Senhor, pera receiar se seria elle mais que humano. Por isso estando só com o Senhor, lhe perguntou d'onde era? entendendo se viera do Ceo, se era virtude divina, ou se puro homem da terra. A isto nada respondeo o Senhor. Pilatos, que o tratava favoravelmente, e desejava livral-o, se lhe queixou de lhe não fallar, dizendo: «A mim me não fallais? Não sabeis que tenho poder pera vos livrar, e pera vos crucificar? Pois como vos haveis de encobrir a mim, que não sou como vossos inimigos.»? Bem se acabou aqui de condemnar Pilatos: pois se gaba que pode fazer justiça, e não a faz, e emfim contra justiça o condemnou. Respondeo o Senhor: «Nenhum poder tiveras sobre mim se de cima do Ceo te não fôra dado. Por isto n'este meu negocio, maior peso de peccado carrega sobre quem me entregou a ti.» Se Pilatos tivera mais luz, bem podera d'aqui tirar, que era este Senhor mais que humano, pois não só se declarava, que suas cousas pendiam de conselhos eternos, e da divina providencia: mas como direito juiz, e perfeito conhecedor da malicia de cada hum, está pesando a maior, ou menor graveza das culpas. E se elle déra mais de si pera ser allumiado, ainda podera por occasião d'esta reposta, conhecer mais do Senhor. Não quiz o Senhor em esta sua resposta dizer, que por estar ordenado, e permittido no Ceo, que Pilatos fosse o juiz, que o sentenciasse á morte, por isso seu peccado era menor que o dos Judeos: porque tambem n'esse celestial conselho estava assentado, que os ministros d'esta morte haviam de ser os Judeos. E a divina providencia, que sabe os males que hão de vir, ainda que os permitte pera tirar d'elles os bens que pertende: assi como não dá causa aos males, assi permittil-os não os faz ser menores: porque a graveza maior, on menor d'elles, pende da maior, ou menor malicia da vontade. E porque os Judeos com muito maior malicia, e má vontade procuravam a morte ao Senhor, do que Pilatos teve em o condemnar a ella, importunado de seus motins: por isso muito maior foi o peccado dos Judeos, que o de Pilatos; posto que to-

dos peccaram. E fazia a malicia dos Judeos muito maior, as muitas mercês, que d'este Senhor tinham recebido em suas doutrinas, e milagres, e ser elle o promettido Messias, que não quizeram receber: e em tudo com contumacia resistirem. E a Pilatos tudo isto lhe faltou pera ser seu peccado menos grave. Tambem n'esta resposta, que o Senhor deo a Pilatos está o fundamento da paz interior, e consolação dos justos no meio de suas tentações, e trabalhos, que sempre padecem, e em que são provados; porque em crerem firmemente que tudo o que lhe succede, no Ceo com eterno, sabio, e amoroso conselho está determinado, não atentam pera a malicia humana, ou diabolica, que os persegue, mas pera o amor divino que os governa, e de tudo lhes tira bens; e por isso com amor, sujeição, e obediencia á divina mão, de que suas cousas procedem, quietamente se sometem, e vivem com isso muito quietos, e consolados.

Não descontente Pilatos da reposta do Senhor, ainda que não entendeo, que era Filho de Deos verdadeiro, todavia ficou entendendo, que quem em trabalhos tão penosos soffria com ter postos os olhos no governo do Ceo, que sem duvida era tal, que injustamente se lhe punham culpas, e era clara sua innocencia; e por isto se determinou muito mais em livrar ao Senhor da morte. Entendendo bem os Judeos sua determinação, e que não dava por lhe dizerem que se fizera Filho de Deos, tornaram á primeira accusação, que se fizera Rei, e ameaçaram a Pilatos com o disfavor do Emperador Romano seu senhor, dizendo: «Se soltas a este, bem clara e publicamente mostras, que não és leal amigo de Cesar teu Emperador; pois defendes a quem se quiz fazer Rei (*), sabendo que todo o que se faz Rei debaixo de sua jurisdição, he traidor, e contrario.» Aqui se acabou Pilatos de render á porfia dos Judeos, ainda que tinha por sem fundamento aquella culpa; mas ordinariamente não tem cortezãos, e os que pendem da valia dos Principes outro maior toque, que sua privança, e amizade; e monta ante elles mais que toda justiça, e razão; e he materia que não costuma levar, nem zombaria, nem verdade, nem siso, nem malicia.

E permite nosso Senhor, que pelos mesmos Principes, pelos quaes mais se matam sempre, por elles se acabem de perder. Como fez Pilatos, que em tocando-lhe nesta tabola, que na gente de sua maneira nunca joga: por não ficar no povo bruto rumor de pouco atentado na lealdade que a Cesar devia, se deixou vencer da manifesta inveja, e malicia dos Judeos, pera condemnar o que sem duvida conhecia por innocente.

(*) Joann. cap. XIX.

Sahio então Pilatos, e se assentou em seu tribunal, assento onde costumava publicar as sentenças, e trouxe outra vez a Christo nosso Senhor diante dos Judeos na mesma figura, e trajo com que da outra vez sahio, e lhe disse: «Eis aqui vosso Rei.» Isto dizia zombando ainda d'elles, e do achaque que tomavam pera lhe pedirem a morte. Gritam todos: «Tira, tira, crucifica-o, crucifica-o.» Zombando mais ainda Pilatos d'elles, disse: «Hei de crucificar vosso Rei?» Responderam: «Não temos Rei senão a Cesar (*).» E Deos nosso Senhor, que em tudo guarda justiça, cumprio-lhes até hoje esta troca, e escolha, que pois o deixaram a elle seu verdadeiro Rei a elles prometido, e vindo do Ceo, pelo Rei da terra, que vivam sem patria, e sem Rei, cativos, espalhados, e acossados de toda a nação, e cegos sem conhecimento de Deos, como agora vemos, e veremos até o fim do mundo.

Mandou Pilatos trazer agoa ás mãos publicamente, e as lavou dizendo: «Eu protesto que sou limpo do sangue d'este justo, e que não fico culpado em sua morte: vós outros o vedes, lá vos havinde, fique tudo sobre vós.» Respondeo todo o povo assaz ignorante, e cego: «Seu sangue venha sobre nós, e sobre nossos filhos.» Que duas tão ordinarias, e mal entendidas cousas aqui vemos! Ainda mal, porque sendo tão antigas, as vemos cada hora tão renovadas. Huma he, que não são menos vergonhosas, e pera sentir, as baixas, e fracas justificações com que nos contentamos, pera nos havermos por isentos de grandes culpas, que ellas mesmas. E quantas vezes, sendo nós os autores, e réos n'ellas, lançamos a culpa ao Demonio, ou á fraqueza da carne, ou á urgente occasião, ou a outra qualquer cousa, que ajuda, ou favorece, ou dá causa ao peccado; e cuidamos que ficamos os commetedores das culpas mais descarregados. Mas mui differente sentença, e justificação acharemos no divino juizo; onde a vontade, e liberdade do livre alvedrio, que pode resistir ao mal, e não o quer fazer, monta mais pera condemnar, que todos os outros achaques pera livrar. Nem deixou Pilatos de se perder com todo o seu lavar de mãos, com que se satisfez, lançando a culpa aos Judeos, pois já elle tinha dito que podia fazer justiça, e quebral-a. A outra, quam leve parece no tempo do gosto da culpa, todo o mal que o homem aceita por fazer sua vontade, que depois ao pagar parece tão pesado, que leva a perdição certa. Por onde he verdade que não temos maiores inimigos, nem mais injustos medidores de trabalhos por cumprir

(*) Luc. cap. XXIII.

gostos, que nós mesmos. Porque sem medida nos metemos em tamanhos, que não ficam forças humanas pera sahir d'elles. Bem leve cousa pareceo a estes, tomar sobre si, e seus filhos, o sangue do Filho de Deos. Mas sua grandissima cegueira o paga, e sua condemnação perpetua o sentirá.

Mandou Pilatos soltar Barrabás, a que o povo pedio a vida: e senteneeou a Christo nosso Senhor á morte, e (como diz S. Lucas) o entregou á vontade de seus inimigos (*). Havia dous ladrões condemnados á morte, que haviam aquelle mesmo dia de ser com o Senhor justiçados, e segundo lemos em algumas historias de martyres, costumavam os Romanos as sentenças de morte publical-as á voz de pregoeiro, no tribunal onde se davam. Assi devia de ser aqui. Que alevantaria o pregoeiro sua voz, publicando a todo o povo a justiça que mandava fazer, que Jesu de Nazareth fosse morto, por se querer fazer Rei dos Judeos, contra a ordenação dos Emperadores Romanos; e que padecesse crucificado: e com elle fossem justiçados os dous por ladrões. Pela qual sentença ficava elle Rei de ladrões, pois como principal d'elles queria roubar, e usurpar o reino. Com muito differentes sentimentos foi ouvida esta cruel, e mortal voz d'este pregoeiro. Porque a ella deram os inimigos do Senhor grandes gritos, com festa, e a Pilatos grandes agradecimentos. Os amigos do Senhor, e sua sacratissima Mãi ficaram trespassados de dores, e o innocentissimo cordeiro alevantou os olhos, e coração ao Ceo, penetrado de natural, e immenso sentimento d'aquella sem justiça, e offereceo ao Padre Eterno aquella hora, e trabalho immenso com muitas lagrimas, pela saude do genero humano; e de novo com infinito amor aceitou a morte sem fallar, nem resistir, pela obediencia do Padre Eterno. Cada huma das circunstancias que n'este caso houve (como temos contado) até se dar a sentença, era hum novo tormento pera Christo nosso Senhor; porque tudo sentia com o peso que cada cousa merecia. Sentia a ingratidão, que aquelle povo lhe mostrava. Sentia engeital-o por seu Rei, e someterem-se a perpetuo jugo de cativeiro dos Reis da terra, estando elle alli pera os libertar a todos de tudo. Sentia tomarem seu sangue sobre si, e sobre seus filhos, e vir-lhes a ser sentença de perdição o proprio sangue, que por elles se derramava. Sentia a desconsolação de seus amigos, e a festa que faziam seus inimigos. E sentia ver-se tanto contra justiça condemnado á morte. Mas por todos estes mares de

(*) Luc. cap. XXIII.

trabalhos passou, por chegar a nos mostrar o muito que nos queria, em dar por nós a vida de todo genero de homem mais amada.

Não deve de passar sem consideração, e agradecimento, querer o Senhor ordenar que o genero de morte, que havia de padecer, não fosse sentenceada á vontade de Pilatos, mas pedida pelo povo, e d'aquelles por quem morria. E posto que não estavamos alli todos os peccadores, basta que a morte que lhe não procurámos ante Pilatos, lhe merecemos, e occasionámos com más obras, e muitos peccados; os quaes todos o Padre Eterno tinha presentes: e assi como lhe bradavam, pedindo de nós justiça: assi a pediram de Christo nosso Senhor, que se tinha obrigado a pagar por elles. Por isso diz S. Paulo dos que peccam: que tornam outra vez a crucificar ao Senhor (*), e deshonral-o, porque tornam a renovar a causa de sua morte. Quiz logo o Senhor que pois ella era pera nós, que fosse pelo povo geralmente em pessoa, e nome de todos os peccadores pedida, pera se poder cada hum de nós correr de quam mal de sua parte tratou ao Senhor; e lhe pagassemos com amor, forças, e alma, obras, e vida, e tudo gastando, e empregando em seu serviço. E pois sua morte havia de ser remedio de nossa vida, e perdão da causa, que a ella com nossos peccados damos; aceitou ser o genero d'ella a nosso sabor, pera certeza, que pois pera morrer por nós o achamos qual queremos, qual o acharemos pera viver com elle? Tudo isto são obras do infinito amor com que nos ama, e seguro que nos dá de si, cada vez que o quizermos, porque hum Senhor, que quiz remediarnos por morte por nós escolhida: sem duvida não nos dará trabalhos, nem morte, senão pera começo da eterna vida.

Exercicio da sentença, que contra o Senhor se deo de morte de Cruz.

Quem ha de ter coração de ouvir a cruel sentença da morte contra vós, vida verdadeira das almas, e rica esperança de todos os bens dos peccadores? Como póde caber em corações humanos, que vendo-vos tão chagado, e atribulado, em logar de compaixão, vos peçam a morte, e todos contra vós gritem: «Tira-o de nossos olhos, tira-o d'ahi, e crucifica-o?» Oh Pilatos, tira-o d'ahi, tira-o dos olhos d'esses, que o não podem ver, e dá-mo a mim. Eu o recolherei, eu o curarei, eu o servirei, e o adorarei. Vinde vós, Deos meu, a mim, que vos desejo, e vos bus-

(*) Ad Hebr. cap. VI.

co, e comvosco, assi como estais chagado, me contento: entrai n'esta alma, vivei n'ella, e eu morrerei por vós. Mas, Redemptor meu, perdoai-me, que eu sou peior que esta gente, que vos não conhece, nem crê em vós, e por isso vos não póde ver. E eu com crer em vós, e vos adorar por quem sois, muitas vezes vos não quiz olhar, offerecendo-vos vós a meu coração por ver minhas desaventuras, do que gostava, e me apartavam de vós. Oh quam miseravel fui todas as vezes, e todo o tempo que vos não tive diante de meus olhos, por fazer cousas que foram causa d'esta morte, que haveis de padecer! Mudai isto, Senhor, agora em nunca sahir de meu coração, em levardes sempre apoz vós meus olhos, e meu desejo, e amor, pois só ter-vos sempre diante de mim, e ter sempre os olhos interiores em vós, esse he o meu remedio, e toda a saude de meus males: porque em vós, vida verdadeira, resuscitam minhas mortes, em vós, misericordia eterna, se curam minhas miserias, e em vós, bemaventurança soberana, esperam os trabalhos de meu degredo.

Oh fogo de eterna charidade, que sempre arde, e nunca se consume! que invenção nova he esta do infinito amor que nos tendes, de quererdes que os proprios por quem morreis, escolham a morte que vos hão de dar? Ja meus peccados eram presentes a vosso Eterno Padre, e gritavam com esses máos homens pedindo justiça contra vós, que vos quizestes fazer meu fiador, e principal pagador por elles, já que eu os não podia satisfazer. Oh ardentissimo fogo de amor eterno, que tão entregue estais a tudo o que me cumpre, que quereis que eu julgue, e peça o remedio á minha vontade, e tão aparelhado estais pera me remediar com Cruz, como com toda outra maneira de cruel morte que vos quizessem dar. E quem assi se offerece, e entrega a minha vontade pera morrer, como me ha de fugir quando o quizer pera o amar, e servir? Oh riqueza infinita do Ceo, e descanso, e alivio verdadeiro de meus trabalhos, que tão largo, e tão liberal estais de vós: já que outra cousa não quereis em tudo isto, senão que vos tenha por meu, e lance de vós mão, e vos abrace, e possua: vinde, Senhor, a mim, entrai nesta pobre alma, desta hora pera sempre vos aceito, e tomo por meu unico, soberano e rico bem; por vós renuncio, e ponho em vossas mãos todas minhas cousas; e tenha-vos eu a vós, porque só me bastais, e me podeis satisfazer, remediar, e consolar.

Oh fiador meu, e pagador inteirissimo, já que o quizestes ser, e pagar por mim com vossa morte a vosso Eterno Padre, fico eu por justi-

ça a vós obrigado. Lançai, Senhor, mão de mim, não me solteis, nem me quiteis esta obrigação de ser vosso. Aferrolhai-me, e aferrai-me a vosso serviço, e prendei-me a vós: pois a justiça me faz vosso, vosso quero ser por amor, e vontade: hum canto de vossa casa, he pera mim mór bemaventurança que toda abastança da vida. Que digo abastança? Tudo he fome, tudo pobreza, e tudo miseria, e desaventura, senão ser vosso. Oh se viesse já esta prisão, oh se nunca me visse de vós apartado! Triste de mim, quem me tira hum só momento da vossa presença, e obediencia? Não me fora melhor antes ser morto? Vós sois meu Criador, e eu vossa criatura, vós meu Redemptor, e eu vosso cativo redemido, vós meu fiador, e principal pagador, e eu vosso devedor, e obrigado pera sempre.

Ouve, alma peccadora, esta cruel voz do pregoeiro, que em gritos soa, que manda Pilatos, que Jesu morra crucificado por trédor, e falso Rei, e com elle dous ladrões. Olha o cordeiro Jesu entre tudo isto calado, e que padecendo em todos seus sentidos mortaes tormentos, tambem a seus ouvidos não quiz perdoar, senão que ouvissem o pregão da mortal, e cruel sentença, Como vivo, Senhor meu, com ver o que vejo, e ouvir o que ouço? Como todo me não derreto em lagrimas, dor, e amor vosso? Vós, Rei do Ceo, sois falso Rei? Vós, fidelissimo Redemptor das almas, sois traidor? Vós, larguissimo dador de todos os bens, sois capitão de ladrões? Vós, que dais vida eterna, mereceis sentença de morte? Eu sou este, Deos meu, e vivo, e vós morreis, e fica-me animo pera viver, e fallar! Oh dureza minha, onde ficas, comparada com essa brandura; aonde ficas miseria, comparada a essa misericordia, onde fica minha tibeza, e frieza a par desse fidelissimo amor sem medida! Vive o culpado, e morre o innocente, poupais o servo, e morre o Senhor. Oh bom Jesu, amostrai-me esse vosso coração: deixai-me ver que sentistes nelle, quando esta sentença ouvistes, com que amor vos determinastes morrer, com que obediencia vos sujeitastes ao Padre Eterno, com que paciencia vos deixastes pôr em companhia de ladrões, com que mansidão, nem fallastes, nem resististes, nem vos queixastes, e com que charidade todo vos entregastes aos que vos houvessem mister? Oh amor divino, oh amor puro, porque me não consumes todo nesta hora, porque me não cativas a este Senhor? Adoro-to, amor infinito, adoro-te liberalidade infinita, adoro-te coração verdadeiramente de Jesu, de perfeitissimo Salvador, de sufficientissimo Redemptor, de bastantissimo remediador, e de fide-

lissimo amigo da minha alma. A esse mesmo coração peço luz pera vos conhecer; amor pera vos amar, sujeição pera vos obedecer, odio de meus grandes peccados, que tanto trabalho vos deram, aborrecimento de mim mesmo, e não ter outro cuidado, senão de vos contentar, meu unico bem, e minha gloria.

Mas, Senhor, que palavras são estas que diz aqui o vosso Evangelista São Lucas, que julgou Pilatos, que se cumprisse sua petição, e lhes soltou Barrabás, que elles pediam, que por homicida, e revoltoso estava preso, e a Jesu entregou á vontade d'elles? Pera vós, Senhor meu, se guardou esta desordem, que sirva contra vós a vontade de razão, e o odio de justiça? E sem culpa, nem causa vos entreguem á vontade, e tão damnada vontade de vossos inimigos? Não ha maior desordem no mundo que governo fundado só em vontade, e ser ella a total razão do que se faz. Isto só he vosso, cuja vontade he bonissima, sapientissima, e cheia de razão, e justiça, e o que no mundo se tem pela mór desordem, e por causa de todos os males, isto se usa comvosco, pera vos tirar a vida, mais pera estimar, que quantos bens ha no Ceo, e na terra. Oh vergonha, e confusão minha! que direi, Senhor, quando vejo que vos entregam á vontade perversa de vossos inimigos por mim, e eu não me acabo de entregar de todo á vossa santissima? Basta pera razão de vos sentenciarem á morte, querel-o assi os que vos querem mal, e não basta pera me quietar, e consolar em tudo, saber que assi o ordenais, e quereis? Aquelles em tudo erram, e deixais-vos entregar á sua vontade, e vós em tudo acertais, e em tudo pertendeis meu bem, e não me someto a vós. Oh desordem minha, oh dureza de triste, e terreno coração! Que podeis vós, Deos meu, querer de mim, que não seja pera muita gloria vossa, e proveito meu? As cruzes me dobrais em glorias, os trabalhos me mudais em descansos, e as sem razões tomais por razão de me guardar justiça, as dores mudais em celestiaes prazeres, as tentações, e desconsolações mudais em conversação, e abraços vossos suavissimos, e a morte fazeis passagem pera a vida eterna; e queixo-me, e fujo-vos, e não basta pera mim quererdes vós as cousas, pera me eu sujeitar a ellas. Oh terreno coração, oh baixeza de espirito, oh frieza grande!

Mude-se isto, Senhor, desta hora pera sempre; eu entrego tudo a vossa vontade, nem quero mais outra razão pera mim, que ordenardel-o vós assi. Aqui me crucifico, aqui me offereço, pera que em nada se faça

minha vontade, senão a vossa, em tudo, e por tudo, agora, e pera sempre, em vida, e em morte.

Oh Madre de Deos sacratissima, ovelha sem magoa, amantissima, e obedientissima, que esta cruel sentença contra o vosso cordeiro Jesu ouvistes, e com elle cheia de dores immensas sentieis seu trabalho, e sem resistencia obedecieis: Tomai, Senhora, cuidado de mim, e alcançai-me esta obediencia humilde, e esta mansidão obediente, e seja eu em tudo hum vivo instrumento da vontade de Deos em mim se cumprir, sem nenhuma consideração. Oh Anjos, e Santos presos, e cativos da vontade, e obediencia deste Senhor, ajudai este peccador, pera que por vossa intercessão alcance graça pera viver na mesma obediencia, e que sua vontade se faça nesta miseravel alma, e terra, como lá fazeis no Ceo. Amen.

TRABALHO XLII

Cruz ás costas.

Dada a sentença de morte contra Christo nosso Senhor, trabalharam os Sacerdotes, e Principes dos Judeos, que com toda a pressa se desse á execução: pera que Pilatos não tivesse tempo de cuidar no que tinha feito, e se arrependesse, e revogasse a sentença. Bem mostraram estes em tudo a condição de seu pai, o Demonio, cujas obras faziam; o qual porque sabe quam feios, e quam prejudiciais são os peccados á alma, e quanto serão temidos, e fugidos se forem conhecidos, não trabalha menos por enlear, e cegar o humano juizo com algum pequeno, e falso gosto delles, pera que não conheça, e veja o mal que lhe fazem, que pelos fazer commeter. Assi estes em quanto o povo inconsiderado estava amotinado contra o Senhor, e lhe pediam a morte, e Pilatos estava cansado, e enfadado dos brados, e motins: quizeram-se aproveitar da conjunção sem dar vagar ao povo, nem a Pilatos poder mudar o parecer. E como toda aquella manhã pediram a morte ao Senhor com determinação de o levar ao cabo por todas as vias que podessem: o proprio dia logo em amanhecendo mandaram fazer a Cruz, em quanto elles negociavam, pera que em se dando sentença, tudo estivesse prestes. Assi foi: que em sendo ella publicada, logo immediatamente appareceo tudo aparelhado, e trouxeram a Cruz á porta da casa de Pilatos, e alli a arvoraram, pera que todo o povo a visse, e muito mais se alvoroçasse contra o Senhor, e elle d'alli a levasse ás costas até o monte Calvario, onde nella havia de ser pregado. Tambem devia alli de apparecer carpinteiro com prégos, que aquella manhã se fariam ao proposito do que cumpria, e ferramenta prestes, pera que nenhuma cousa detivesse a morte do Senhor. O cuidado disto, e a diligencia dos que o mandavam, o lembrar de tudo o que podia ser necessario pera que não faltasse, o repartir das cousas por quem as melhor, e mais sem piedade fizesse: o pôr em ordem a soldadesca, pera que o muito povo, que já estava todo junto, não pejasse o aminho, ou não quizesse impedir a morte do Senhor, e os conselhos que sobre o cordeiro innocente havia, mal se podem escrever. De tudo havia muito, e tudo feito com muita crueldade, e deshumanidade, só o innocente cordeiro tratava de cumprir a profecia que deste passo estava escrito, que como ovelha sem mugir se deixaria levar á morte. Foram

tambem alli trazido os dous ladrões, que haviam de ser crucificados com elle, pera o acompanharem naquelle caminho, pera mór affronta sua. Mas não estavam alli as cruzes dos ladrões, porque este genero de tormento, e affronta de levar a propria cruz ás costas, em que havia de ser justiçado, só pera o Senhor foi inventado!

Em quanto se isto ordenava, retiraram a Christo nosso Senhor do lugar aonde ouvio a sentença de sua morte, pera dentro da casa onde foi açoutado, e lhe tiraram o vestido de purpura, e lhe desataram as cordas das mãos, e pescoço, e lhe vestiram seus proprios vestidos, que eram a tunica sem costura branca, e huma veste comprida roxa, tudo de lã (segundo o que se della agora vê). E como estes vestidos eram cerrados por diante, causaram-lhe muito grande tormento, e dôr ao passar pela cabeça, porque toda a coroa lhe abalaram, e lhe renovaram as chagas, e fizeram de novo correr de todas ellas sangue. Posto que o vestido de purpura era mais affrontoso, todavia quizeram os Judeos que fosse o Senhor em seu costumado trajo, pera ser de todos melhor conhecido.

Teve porém Christo nosso Senhor em assi o permittir differente tenção. Porque os Judeos pera ser a vergonha mais geral nos olhos de todos, fizeram que de ninguem podesse ser desconhecido: e Christo nosso Senhor, porque tinha mandado a todo o que quizesse ser seu discicipulo, levasse sua cruz traz elle, não quiz como capitão deixar seu costumado trajo, porque ninguem podesse allegar ignorancia; mas antes em huma das mais claras horas do dia, pelas mais publicas ruas, acompanhado de todo povo, e em seus costumados vestidos leva a todos a dianteira com sua Cruz. Porque a ninguem pesa de serem muito publicas, e sabidas as cousas de que se muito preza. Vemos contar-se muitas vezes larga lenda do nobre sangue; dos cargos publicos, das cousas honradas, e façanhas que se na vida passam: e o que mais he, honrar-se muito de aleijões, e feios sinaes de cutiladas, que tiram as feições naturaes, e airosas, que outros costumam estimar. E isto só porque são certas demonstrações de esforço, e de partes de pessoa, em que se ganha mais honra, que nas naturaes poupadas, e ociosas. Christo nosso Senhor, como tinha lançado pregão que se desprezaria de ter por servo quem se não honrasse muito delle crucificado pera o imitar: mostra tanta estimação de sua cruz, que se veste de seu costumado trajo pera ser em tudo mais publico, e mais de todos conhecido, quanto se

della honra, e preza; e deixa a todo Christão bem descoberto o caminho, pera se entender, e saber de si claro a conta em que he tido diante deste Senhor.

Preparado tudo o necessario pera nosso Senhor fazer a derradeira, e mais trabalhosa jornada da vida até onde a havia de acabar, sahio o innocentissimo cordeiro em seu trajo costumado, com huma corda á garganta, e outra pela cinta, de que hiam pegados alguns algozes: com as mãos soltas pera poder pegar na Cruz, que havia de levar.

Aberta a porta entrou em huma praça, que a soldadesca tinha feito, postos em alla por ambas as partes pera o tomarem no meio, onde defronte tinhá, arvorada, a Cruz em que o haviam de pôr. A qual até aquella hora, era a mais affrontosa cousa que havia no mundo: e tanto que se havia por maldito todo o que morria crucificado, e sua casa, e filhos ficavam infames: e por isso se não dava este genero de morte, senão a gente por sangue a mais baixa da Republica, ou aos que por enormes culpas mereciam sello na fama. Mas nesta hora, em que Christo Filho de Deos vivo, Senhor e Redemptor do mundo a havia de santificar com seus braços, e hombros, e sangue; começou a ter honra, e preço, com que até agora ficou, e estará na terra até o fim do mundo, e no Ceo em lembrança gloriosa perpetua.

E como o Senhor estava desejoso de pôr bandeira, e juntar gente de preço, e valia pera o Ceo, que havia de ser só a crucificada: em sahindo, que vio a cruz com seus olhos, pera a qual só lhe tinham deixado os braços soltos, e desatados, que até alli tivera sempre presos; a saudou em seu coração com tanto gasalhado, e a olhou com tanta graça, e chegando-se a ella a abraçou com tanta affeição, mimo, e brandura d'aquelle seu amoroso, e divino peito; com quanta nunca podera ninguem recolher as cousas muito queridas, e desejadas.

Não o espantou seu peso, grossura, e grandeza, que era de vinte palmos de alto, e pelos braços de dez; bastante pera ter hum corpo sem se tumbar: não arreceou, pela fraqueza em que se via, do muito sangue que tinha derramado, e quebrantamento dos muitos trabalhos, que tinha aquella noite, e manhãa passado: com que estava pouco pera levar tamanho peso. Mas lançou-lhe os braços, não como tormento seu, mas como companhia que tantos annos desejára; como a muito amada esposa; como unico amparo dos seus; como bandeira de seu triunfo, e titulo de sua gloria; como norte e guia de seus escolhidos, e como pre-

goeira de seu amor. Alli se deram as mãos, e se casou com ella, e ficaram ambos huma cousa, não como os peccadores, Adão, e Eva, em huma carne de que procedemos filhos de ira: mas em hum espirito, com que somos renovados em graça. Alli a santificou, honrou, e se prezou d'ella de maneira, que ainda que só a morte os apartou, ficou ella por tutora, e amparo dos seus, devendo-se-lhe a mesma honra, e adoração, que a elle Filho de Deos, se dá. Com este amor, e estima, a pez sobre seus sacratissimos hombros, e se fez com ella capitão, e alferes dos crucificados. E por que não tinha no Ceo, nem na terra, pessoa de maior valia, e merecimento, nem a quem mais quizesse, e a quem em quanto homem mais obrigação tivesse, que sua sacratissima Mãi, deo-lhe o primeiro logar debaixo d'esta bandeira. A qual levou apoz si, com a mais pezada cruz de dores interiores, que nenhum outro justo desde Adão até o fim do mundo levou, nem levará, e assi fica a todos entendido, quamanha mercê o Senhor faz a quem dá hum logar apoz si: e quem o não merece, veja em que logar fica, desacompanhado d'estes dous lumes do Ceo, e perfeições de toda a santidade: e quam cego está quem assi a não entende, nem deseja.

Merecia cada cousa d'estas largos discursos, porque tem tanto que encarecer, e considerar, que em cada huma d'ellas ha bem que aprender, e com que edificar a alma. A honra primeira, que á santissima Cruz se deo: o esforço, e amor d'este nosso crucificado capitão; a companhia dos dous purissimos espiritos, primeiros abridores, e caminhantes da real estrada da santa Cruz; e a companhia, que toda alma christãa lhes deve fazer; dão tanto em que cuidar, tão larga materia de amor, e tanto em que empregar o sentido, e a vida, que não póde o processo da historia comprehender tudo. Mas são minas, em que se cava muito, e riquissimo thesouro, e que não se abriram tanto na praça, pera não serem vistas, e haver gente pobre dos bens do Ceo; mas pera que todo o necessitado peccador aqui cave, aqui ache, e d'aqui leve quanto houver mister: pois seus são todos estes bens, e a elles quer este Senhor, a elles busca, e a elles deseja. Fóra de toda a razão será, custar-lhe a elle tanto trabalho nosso remedio, e ficarmos nós por nossa culpa sem elle.

Nenhuma d'estas grandezas do coração, e amor d'este Senhor, que aqui vemos, desfazia nada na grandissima affronta, pena, e trabalho, que tudo lhe dava. Porque seu amor não se despendia menos, por se mos-

trar em immensos generos de padecer, que nos grandes excessos interiores de vontade, e gosto de nos remediar. Assi tomou a Cruz ás costas, em que afóra seu natural peso, levava a pesadissima carga dos peccados do genero humano: todas as necessidades de suas criaturas: e obrigação de dar valia a todos os bens do Ceo, e dos justos da terra, que por seu sangue esperavam; porque por elle, foram aceitos a Deos no Ceo, e na terra os passadòs, e os presentes, e o haviam de ser todos os por vir. D'esta maneira carregado, começou o Senhor seu caminho, levando diante o pregoeiro com grande somma de moços, que tudo enchiam de gritos. Os dous ladrões apoz elle, pera serem com elle crucificados; e elle logo entre algozes, cercado de todas as partes de soldados. Os quaes, posto que o Senhor hia bem afadigado com o pezo da Cruz, faziam o officio de contoadas. com as pontas das cordas, e couces, com quanta crueldade podiam. E detraz os Sacerdotes, e Letrados, Fariseos, e Principes dos Judeos, enchendo tudo de risadas, e blasfemias de verem o cabo ao que tanto desejavam. Os quaes nunca deixaram de assistir a este negocio, porque já o não fiavam senão de si, até o deixar morto na Cruz. Entre esta gente hia Christo nosso Senhor, abrindo os peitos com o peso da Crúz, esforçando-se a mais do que seu cansado, e debilitado corpo já podia; mas por não soltar, e desapegar de si, em quanto as fracas forças lhe davam logar, sua amada Cruz, com quem com summo amor, e obediencia se tinha abraçado, caminhava affrontado, suando, e abrindo as chagas, e gotejando de todas ellas sangue, por todas as partes de seu corpo, até que (segundo alguns dizem) já fóra da cidade se lhe gastaram as forças corporaes, e cahio, o qual não seria sem alguma materia de desmaio do estamago debilitado, por estar ainda em jejum, e do muito sangue que se lhe hia, e lhe tinha aquella noite, e dia do corpo sahido, e de sentimento da cabeça, que levava espinhada com immensas dores, que nenhum alivio lhe deixavam pera poder com tamanho peso de trabalho. Aquella damnada, e cruel companhia em logar de o ajudar, se encheria de raiva, havendo sua fraqueza por fingimento, e lhe dariam muitas encontradas, e couces, com enormes palavras, e injuriosas, fazendo-o alevantar, e tornar a tomar a Cruz. E o innocente cordeiro tirava forças da fraqueza; pegava d'ella, e não podia; mostrava desejal-o, e faltarem-lhe as forças: porque tal hia, que tinha necessidade de poupar a vida fraca, e cansada pera acabar pregado nella. Entre os lobos, ouvia, calava, soffria, e padecia; até que os malvados se desen-

ganaram que mais não podia. Os Sacerdotes, e Principes dos Judeos, a quem tudo o que detinha pôr o Senhor na Cruz, lhe causava grande enfado; vendo que se hiam n'aquelles vagares, corria risco de poderem chegar ao logar onde o haviam de crucificar: em logar de tratar de dar ao Senhor hum bocado pera o esforçar, lançaram mão de hum trabalhador, que vinha de huma quinta pera a cidade, por nome Simão Cyreneo, que era pai de dous discipulos de S. Pedro, Alexandro, e Rufo, e lhe prometeram, ou deram sua paga pera que levasse a Cruz a Christo até o monte Calvario. Tomando-a Simão ás costas, fizeram andar ao Senhor com muito mais pressa (levando apoz si Simão com a Cruz) e o afogavam com empuxões, e porradas, e lhe não davam menos trabalho, que a Cruz que atéli levára. Faz este encontro de Simão muita inveja, e com muita razão, a muitos devotos: porque chegando a este passo, nenhum ha que não deseje esforçar a deliberação d'este Senhor, e tomar-lhe a carga, não pera o chegar mais depressa ao Calvario, mas por lhe alliviar seu immenso trabalho: mas o melhor he, satisfazer estes desejos, com levar apoz este Senhor as cruzes, que nos elle dá, com olhos nelle, e com amor, e desejo de o imitar. Porque se o Senhor soffreo, que lhe levasse outrem traz elle sua Cruz, posto que alugado, não foi senão pela significação, e bom pronostico, que isto tinha, dos muitos que na sua Igreja o haviam de seguir crucificados, de cuja companhia elle já se hia contentando. Mas consentio levar outrem o aluguer de sua cruz, só pera si guardando ser nella crucificado; porque o fruto d'este seu tormento, he tirarem todos d'elle proveito. Fundio a Simão levar a cruz apoz o Senhor, afora seu aluguer, tomar-lhe Deos dous filhos, que tinha, por servos, e imitadores seus. Pois que fará a quem por vontade, e soffrimento o fôr seguindo, sometendo-se ás cruzes que lhe elle quizer pôr? Com esta ajuda de Simão, chegou o Senhor mais depressa ao logar do Calvario bem cansado, onde por descanso havia de ter ser nelle crucificado.

Entre tão deshumana companhia de soldados, e povo alvoroçado contra o Senhor, não faltaram muitas mulheres devotas, que o seguiam lamentando-o, e chorando-o, e sentindo seus trabalhos, e o desamparo, em que ficavam sem sua doutrina, e milagres. E chegando a parte onde poderam vir á falla com Christo nosso Senhor, elle se virou pera ellas, e as consolou, dizendo:

«Não choreis sobre mim, mas por vós, e por vossos filhos chorai·

Porque virão dias, em que dirão: ditosas as mulheres que nunca pariram, e as tetas que nunca criaram filhos. E dirão aos montes que caiam sobre ellas, e aos valles que as cubram. Porque se em hum páo verde se faz isto, no secco que se fará (*)?»

Isto diz Christo nosso Senhor pelos grandes trabalhos, que sobre aquella cidade, e seu povo haviam de vir pela injusta morte que lhe davam: e pelos graves castigos que hão de ter aquelles, que de sua morte se não aproveitarem. E se peccados a Christo nosso Senhor (que se obrigou á satisfação d'elles) deram tão grande trabalho, sendo elle sem culpa, e florescendo n'elle, e verdejando toda a fermosura, e frescura de innocencia, graças, amor, sabedoria, com merecimentos infinitos, e todos os bens espirituaes, e divinos: que farão os castigos dos peccados áquelles que acharem tão seccos de graça, e de merecimentos, e tão apartados de Deos nosso Senhor, que lhe não valha o sangue do divino cordeiro, que por elles se derrama, pera deixarem de ser castigados?

Isto sentio Christo nosso Senhor entre todos seus trabalhos mais que a elles mesmos, esta lembrança o hia mais lastimando, e magoando que suas proprias dores!

E por isso aconselhou áquellas mulheres, que derramassem diante de Deos suas lagrimas mais por si, que por elle, pera merecerem os frutos d'aquelle sangue, que por ellas se derramava, e escaparem dos castigos, que estavam aparelhados áquella cidade, e povo. Quem dissera que podia hum tão affligido homem ter por então sentido em outra cousa mais que nos trabalhos que passava? Mas claro mostrou o Senhor, quanto mais lhe lembravam nossas culpas, que suas penas; e quanto mais sentia nossos trabalhos, que os seus, e que nenhuma cousa mais levava diante dos olhos que remedial-os. Este he elle, que na hora quando entrou em Jerusalem recebido com festas, e ramos de todo povo, hia chorando os trabalhos, que aquella cidade havia de passar, e sua destruição, com que a cegueira, e peccados que n'ella havia, haviam de ser castigados: e no meio dos maiores seus tormentos, e trabalhos, isto mesmo lhe occupa o sentido. Nós viviamos sempre em seu coração; nossas necessidades lhe roubavam o amor, e o cuidado; e como elle as conhecia melhor que nós, e as tinha sempre presentes, todo o trabalho seu lhe parecia pequeno, e todos os nossos muito grandes; por onde não estimava padecer quanto padecia pelos remediar.

(*) Lucæ cap. XXIII.

Parece que está pedindo este trabalho do Senhor, que se trate aqui da doutrina da Cruz. Mas o espelho divino dos exemplos de Christo nosso Senhor, está tão claro, que elle por si sem mais palavras allumia os olhos da alma, e descobre as verdades de sua Cruz. Eu huma só cousa direi, que a maior, e a mais alta mercê, que este Senhor faz n'esta vida ás almas, he dar-lhe a sabedoria e imitação de sua Cruz, e trazel-as sempre crucificadas, sem nunca dispensar com ellas. Mas tambem affrmo que sem sua particular luz, não pode ser esta verdade conhecida. Vemos em Christo nosso Senhor escolher pera si esta morte: levar sua Cruz ás costas pera n'ella o matarem, cousa nunca em outro vista: abraçal-a com gosto, cahir, e porfiar pela levar; levando-lh'a outrem, hir tomando folego pera morrer n'ella, e ser desconjuntado; e depois de posto n'ella não a deixar, mas ainda depois de morto ser por outrem tirado d'ella, e deixal-a por herança a seus escolhidos. N'ella teve todas suas victorias, e n'ella recebemos todos nossos bens. Vejo que só os crucificados, e que mais imitam estes exemplos ao vivo, a nosso Senhor são mais aceitos. Pelo qual n'isto me torno a determinar; que quem não sente em seu coração esta pura verdade muito clara (que a maior mercê, que de Deos pode receber, he fazel-o digno de cruzes, e que quem as tem, recebe de Deos maior dom n'ellas, que todos os bens que tem todos os justos, e contemplativos) se tenha ainda por cego, e com coração muito efficaz, e continuadamente peça ao Senhor interior luz, pera conhecer esta pura verdade. E se lhe Deos fizer mercê d'ella, trabalhe por não ser ingrato, mas tenha-o por riquissimo thesouro, e abrace-se com as cruzes como unico, e certissimo penhor dos bens eternos.

Exercicio á Cruz.

Sahi, meu bom Jesu, meu Rei, minha guia, e pastor da minha alma; sahi, que aqui está ja alevantada a vossa amada Cruz, que tanto ha que desejais. Consagrai-a, e santificai-a pera ser companheira, e gloria de todos vossos escolhidos. Põe o Senhor os olhos, e amor na sua Cruz em a vendo, e sem palavras de força interiormente lhe falla, e diz: «Oh minha amada, querida, e toda a vida desejada! Vós sois a minha fermosa esposa, por quem sirvo, e a quem espero ha trinta e tres annos. Vós sois a thesoureira de minhas riquezas, triumfo de minhas victorias, gloria e coroa de meu amor. Hoje seremos unidos em perpetuo esponsorio:

quem vos servir, a mim serve, e quem vos desprezar, a mim despreza. Vós sereis de hoje por diante a honra dos meus: e quem de vós se prezar será honrado, e quem de vós se correr será abatido. Hoje me receberás em teus braços, hoje te bautizarei em meu sangue, e hoje ficarás mãi, e amparo de todas as gentes. Por mim serás pera sempre honrada, e eu por ti de todos conhecido: e quem me não quizer cativo, e preso de ti, não será de mim visto, nem favorecido. Aqui te abraço, amiga minha, desejada minha, e companheira perpetua minha. Põe-te a estes hombros, vamos ao lugar da morte, façamol-o lugar de vida, reinemos, vençamos, e honremo-nos ambos juntos, acabe-se hoje a tua deshonra, e começemos n'este dia a triunfar em gloria. A morte só apartará meu corpo de ti, mas nada te poderá tirar do amor d'este coração; pera sempre viveremos: e tu serás a tutora, e amparo dos filhos, que hoje de todas as partes do mundo a nós traremos. De ti tremerá o inferno, e comtigo se alegrará o paraiso. Toma estes braços, este corpo, este coração, este amor; quem me desejar, e buscar, a ti tome por sua guia, e companheira, e tudo quanto de mim quizer por ti o alcançará. Quem assinalares será meu, e quem tu sempre acompanhares será de mim amparado.

A' Cruz.

Adore-te, sinal de saude, preço da gloria, consagrada com os braços, e sangue de meu Senhor Jesu Christo. Adoro-te, bandeira de suas batalhas, guia de seus escolhidos, triunfo de suas victorias, amparo de seus servos, sinal de seus filhos. Adoro-te, sabedoria escondida, luz do mundo não conhecida, honra dos que te servem, seguro dos que te levam, coroa dos que te abraçam, premio dos que te amam, salvação dos que a ti se entregam. Quem em ti morre, vive; quem em ti vive, reine; quem te ama, está contente; quem te deseja, acerta; e quem te abraça, se enriquece. Adoro-te, arvore da vida, em que está o fruto de que todos vivemos, o Filho de Deos vivo. Adoro-te, direita balança, que a nenhuma parte pendes, e em ti só he conhecida a justa valia, e peso de todas as cousas. Quem tem por ti preço, he de Deos estimado, e quem de ti he abatido, d'elle he desprezado.

Adoro-te, verdadeira e propria figura do divino amor, que em ti arde, e resplandece. Porque tua altura penetra o Ceo, tua estatura he muito direita, segura, justa, e desapegada de toda a cousa viscosa da terra.

Teu pé penetra o centro de todas as cousas, o intimo dos corações, e chega ao inferno. Teus braços nunca se encolhem, mas alargam-se a todos os cabos da terra. Tua face nunca arruga, de ninguem foge, a ninguem se encobre, ninguem despreza, nem lança de si: mas todos á tua sombra recolhes, todos amparas, pera todos estás descoberta, e aparelhada: nada temes, nada receias, nada queres, senão corações, e teu titulo, e coroa he reinado, e gloria. Ardendo ficaste sempre no amor do que em ti se sacrificou, e esse fogo dás a todos os que te buscam, e amam. Em ti está a saude, e vida: em ti a confusão dos inimigos: em ti a comunicação da suavidade soberana; em ti a fortaleza do coração: em ti a alegria do espirito; em ti a summa virtude; em ti a perfeição da santidade; em ti a saude da alma: em ti a esperança certa da gloria. Os errados por ti são tornados a certo caminho: os cegos da alma por ti são allumiados; os ignorantes por ti são ensinados, e em ti se fazem sabios: por ti são os peccadores recebidos, e em ti são justificados. O mundo em ti emparvoece, e se confunde: a soberba em ti he derribada, e a humildade coroada. Tu confirmaste os Apostolos, consagraste os Martyres, déste victoria ás Virgens: santificaste todos os justos: alegras os Anjos; sustentas, e accrescentas a Igreja, e povôas o Paraiso. Tu no dia do juizo virás diante de Jesu, pera gloria de seus amigos, e perpetua confusão de seus inimigos.

Aqui me offereço a ti, aqui te abraço, aqui te tomo como meu Senhor Jesu Christo, por meu perpetuo amparo, por minha luz, e sabedoria, por minha guia, e seguro de meu desterro. Não me deixes nunca, nem te apartes de mim. Ainda que a carne he fraca, ainda que dè contra ti couces, ainda que te haja medo, ainda que muitas vezes recuse levar-te, e te queira fugir: sinta ella o seu como quem he, mas tu nunca me deixes. Sejam tuas dores pera mim saude, seja morrer em ti pera mim vida, nem haja hora, nem momento de vida que te não ache a par de mim. Oh meu bom Jesu, crucificai-me comvosco nessa Cruz: pregai n'ella com vosso amor minha carne, passai com amor d'ella meu coração, allumiai meus olhos com vossa luz divina, porque sempre veja, e entenda as verdades da sabedoria de vossa Cruz. Oh sinal de saude, preço da gloria, verdadeira encaminhadora dos errados, que fruto colhi, e em que fui parar, quando de ti fugi? Se te lanço de mim, não posso fugir a trabalhos, porque vivo na terra d'elles, cheia de dores, e miserias, mas dou em muitos, que me carregam, derribam, destruem, desconso-

lam, inquietam, e matam. Porque se fujo de ti por servir ao mundo, o mundo me tira a paz interior, e consolação segura, a sabedoria do Ceo, e todo me rouba, todo me espedaça, e me traz arrastado. Se te fujo por servir á carne, vivo em perpetuos mares de perturbações. Se fujo de ti pelo amor proprio, e pela vaidade, sempre ando faminto, e sempre descontente. Em tudo isto ora falta a saude, ora a honra, ora a amizade, ora a verdade, e lealdade. O que se deseja, nunca chega; o que chega, logo se perde: as esperanças são em vão, a vida não tem fundamento, e a morte he cheia de medo, e de tormento. Porque em tudo isto ha infinitas cousas, que sujam a alma, e a consciencia, muitas que atribulam, e nenhuma que de verdade console. Nem fica de tudo senão lagrimas, e magoas sem alivio, e perdas da alma, e do corpo sem refrigerio. Este fui até agora, Cruz santissima, porque te fugi, e porque te não abracei de todo o coração e amor.

Mas tu, os que tens affligidos, desconsolados, e abatidos, desamparados no mundo, estás-lhe fabricando coroas de perpetuas glorias. Pacificas o coração, alimpas a consciencia, justificas a alma, enriqueces os espiritos, esforças as fraquezas, asseguras as esperanças, allumias a fé, e acendes a charidade. E os que de ti parece que estão mais despedaçados, e derribados, por ti mesmo são alevantados, esforçados, enriquecidos, glorificados. Se tiras os bens temporaes, dás os do espirito, e os do Paraiso; se tiras honras, fazes filhos de Deos; se enches de injuria, coroas de gloria; se desamparas de dentro, abraças com divina, e secreta virtude o coração: e se desamparas de fóra, ajuntas a alma a Deos. Aos que prendes, livras, aos que carregas de ferros, soltas de culpas, aos que tiras fazenda, enches de thesouros do Ceo, e quando pareces mais rigorosa, então te sente quem te ama mais suave. Oh quem nunca de si te lançasse! Oh quem nunca de ti fugisse! Oh quem conhecesse teus segredos! Oh quem entendesse tuas encobertas verdades! Tu trazes os filhos de Deos no mundo esquecidos, desterrados, perseguidos, abatidos, cheios de lagrimas, e de pobreza, desfavorecidos, não ouvidos, desamados, e por baixo dos pés de todos: e a estes, com quem te mostras mais cruel, d'elles és maior amigo. De dentro os fazes contentes, vivos, cheios, e sabios: vivem se os não deixas, morrem se os desamparas, ardem em teu amor, desapegam-se do que o mundo ama, e trazem o coração no Ceo. Oh quam ricos, oh quam contentes, oh quam satisfeitos, oh quam sabios, oh quam divinos, e endeosados andam por ti, e em ti! Desejam desapegar-se de tudo, e vi-

ver com Christo, tudo os cansa, tudo os enfastia; só padecer em ti, só abraçar-se comtigo, só em ti arder em divino fogo os consola, e lhes contenta. E tu, fidelissima amiga, verdadeirissima companheira, virás com elles no dia do juizo pera os honrar, justificar, coroar, e glorificar, e confundir seus perseguidores, e contrarios. Oh luz do Paraiso, oh porto seguro dos atribulados, recebe-me em tua companhia, e seja eu por ti alevantado, e unido áquelle que por mim foi em ti crucificado.

Oh Madre de Deos, companheira da Cruz d'este Senhor fidelissima, e com ella cheia de riquezas soberanas; não saia sua Cruz de minha morada, nem sua luz de minha alma. Oh Corte, com a virtude que d'esta Cruz nasceo ajuntada, e coroada, por vós mereça eu ser do numero dos crucificados, pera ser tambem dos glorificados. Amen.

Exercicio de Christo com a Cruz ás costas.

Não recusais, Senhor, tomar essa pesada cruz em vossos hombros, ainda que estais tão fraco do muito sangue que vos sahio do corpo, e tão debilitado dos tormentos, que passastes, e todo aberto em chagas. E sabeis que não haveis de poder com a carga tão pesada, e todavia a pondes sobre vós. Oh Deos de amor! Tudo vosso amor cuida que póde; nem acha nada impossivel. Renovam-se os gritos, o estrondo do povo sobre vós: a pressa dos Fariseos pera vos acabarem a vida, as palavras, e injurias que vos dizem: e vós entre elles, divino cordeiro, com menos forças corporaes, e mais cansado, abrindo-se-vos de novo as chagas, cobrindo-vos de suor, e sangue misturado, affrontado, e quebrantando-vos com incomportavel trabalho, parece que renovais no amor, no soffrimento, no silencio, na obediencia, e no gosto de padecer por mim. Oh bemdito, oh glorificado, oh adorado, e amado sejais de toda a criatura. Sobre essa Cruz, meu Redemptor, levais os peccados de todo o mundo: pera comvosco os pregardes nella, e satisfazerdes por todos. Ahi vos carregam os meus grandissimos, e gravissimos peccados; ahi vos vão dando immenso trabalho, e afflicção. Com os pés caminhais, Senhor, pela terra, e vosso coração vai penetrando o Ceo: rompendo o peito do Padre Eterno com interiores brados pelos peccadores: merecendo-nos a divina misericordia: e abrindo a real estrada do Paraiso, que he a santa Cruz, não conhecida no mundo atéqui. Ahi ides bradando calado, e chamando a todos que vão apoz vós, e vos sigam, e imitem, que achão

todos os bens, e descanso verdadeiro. Ahi levais apoz vós a primeira, a maior, e a mais fiel amadora, e companheira, com sua gravissima cruz, que a vai atormentando, e derretendo, a Virgem sacratissima vossa mãi, e Senhora nossa.

Ahi ides feito capitão, e alferes dos justos, apregoando guerra contra a carne, mundo, demonio, e peccados, Ahi ides de todo descobrindo os segredos de vosso amor, e confirmando aquelle pregão, que lançastes no mundo, que quem não toma sua cruz, e vai apoz vós, não he digno de vós, nem terá em vós parte. Ahi ides vestido em vossos proprios vestidos, deixada a veste branca de Herodes, e a de purpura de Pilatos, pera que ninguem vos desconheça, e saibam que esse sois, e só da Cruz vos prezais. Ahi tirais todas as escusas do mimo da carne, e da vaidade da vida. Ahi ides santificando as lagrimas, as perseguições, as injurias, e todos os trabalhos. Ahi ides allumiando os entendimentos, inflammando as vontades, abrazando as almas, que á vossa imitação chamais; desenganando omundo: diminuindo suas leis; apurando vossa doutrina: confirmando vossas verdades: cativando, e obrigando todos os corações, a vos acompanharem: e abraçando nessa cruz todos os affligidos, e desconsolados, que por vosso amor são atribulados. E porque ninguem cuide que por estardes depois na Cruz pregado, sem poder ajuntar os braços, vos faltará amor pera agasalhardes a todos; agora antes que nella subais, nessa mesma Cruz a peccadores, a justos, a affligidos, e a todos, os que quizerem vosso amor, e companhia, abraçais como a filhos pera cuja vida morreis.

Oh meu Rei, oh meu capitão, oh meu amor, minha esperança, minha gloria, minha guia, minha soberana verdade, minha verdadeira vida, minha certa sabedoria, minha clara luz, e todo meu bem; não deixeis este vosso indigno servo fóra d'essa companhia: onde vós, e a sacratissima Virgem, as duas columnas do Ceo, os dous purissimos espiritos, e mais aceitos ao Eterno Padre, ides em huma companhia abraçados com vossas cruzes. Que será de mim fóra d'ellas? Que caminho posso levar seguro e acertado, sendo desviado da vossa Cruz? Levai-me, Senhor, apoz vós, nunca tireis de mim vossos olhos, nem vossa Cruz. A vós quero seguir, a vós quero imitar, comvosco me quero crucificar, e mais quero cruz comvosco, que sem vós todo descanso da vida. Eis aqui o corpo, pés, e mãos, cabeça e membros; eis aqui a alma: eis-me aqui todo me offereço em vossas mãos: tudo seja comvosco, cheio de cruz e dores. Não

permitais que nunca outra cousa saiba, nem entenda, nem permitais que recuse nunca, nem fuja de trabalhos, e cruz, por pesada, dura, e aspera que seja. Comvosco antes quero ser desconsolado, affligido, desamparado, e perseguido, que amimado do mundo. Desde o principio do mundo todos vossos escolhidos tiveram cruzes, e trabalhos, e os que mais vos amam, mais comvosco são atribulados, e crucificados; e eu miseravel, fugindo de vossa cruz, e d'esta bandeira, como vos hei de contentar, e como posso ser dos vossos?

Oh Filho de Deos vivo, se vos eu amara de todo coração, e servira em muitos trabalhos muitos mil annos, com esperança que me havieis de vir acompanhar nelles huma só hora, e passar hum muito pequeno trabalho por mim, não fora tudo muito pouco pera merecer tamanha mercê? Pois agora que vos levo diante, meu Deos, e meu Senhor, tão carregado de trabalhos, e de dores, tão affligido de tribulações com essa Cruz ás costas feito meu capitão, e guia; e convidando-me a vos seguir com muito menores, e muito differentes trabalhos, como não ardo em desejo de padecer por vós? Como tenho trabalho nenhum por grande? Como não tenho por perdida a hora que estou sem cruz, e afflicção por vosso amor?

Minha carne como fraca sente, e geme com a cruz; como cega quer fugir della; como perversa aborrece-a: mas, remediador meu, poderoso he o espirito, que agora me ides merecendo, e o amor que agora me mostrais, pera fazer vossas maravilhas nesta terra miseravel, e mudar esta fraqueza em gosto de padecer comvosco muitas cruzes. Quando, atribulado Jesu, me verei comvosco atribulado? Quando, amigo desta miseravel alma, me verei por vós como vos vejo por mim? Quando toda minha consolação será levar apoz vós muitas cruzes, e afflicções sem cansar como vós mandais? Oh unica saude de minhas miserias, quer esta enferma carne goste, quer não: vós sabeis quanto mais seguro, mais chegado a vós, mais sabio, mais vosso discipulo, e amigo estou, quando a cruz me atribula, que quando me deixa. Pois Senhor, faça a carne seu officio quanto quizer, mas vós que sabeis o que me cumpre, não dispenseis com ella: mas affligi-me, e atribulai-me comvosco; e ajudai, e esforçai minha fraqueza a levar as cruzes que me derdes, nem me deixeis nunca querer eu outra cousa. Vós Senhor, que sois sapientissimo conhecedor de meus erros, sabeis quam errado ando, quando fóra deste caminho ando. O mal se me assegura que he bem, a vaidade tenho por verdade: as obras

da natureza cuido que são da graça; justifico o que havia de reprovar; estimo o que havia de aborrecer; faço caso da honra; faço conta de minha pessoa; trago o coração espalhado, e repartido, ocioso de vós, e occupado em mim, e no mundo: e o que com infinitas lagrimas houvera de dizer, trago a alma tão affastada de vós, meu soberano e infinito bem, que pecco, e não o sinto, offendo-vos Deos meu, e não o estimo, corro-me de se saber quem sou, encubro-me por parecer dos vossos, sendo inimigo desta vossa crucificada companhia. Que direi, meu Senhor? Lanço-me a esses pés: vós sabeis quem sou, vós vedes a miseria deste coração, quando a carne anda folgada sem freio, tribulação, e cruz. O que então faço he o que vos agora poz neste estado. Isso ides vós agora penando, e pagando. Pois vida segura desta alma, e todo meu bem, como hei de viver eu contente com o que vos a vós vai matando? Ou me acabai, Senhor, nesta hora, pera que vos mais não offenda, ou d'agora pera toda a vida me ponde vossa Cruz: porque pera o que eu não posso vós poderosissimo, e fidelissimo ajudador meu, dareis força, e espirito pera o poder levar. Vós allumiareis meu entendimento, abrazareis meu coração em vosso amor, e fareis em mim vossas costumadas mudanças, e maravilhas, aqui renuncio toda a consolação da vida, tudo (se pera vossa gloria cumprir) se me tornem em cruzes. Amigos, companheiros, parentes, conversação, e todas as cousas, de que até agora gostei, se mude em cruz pera ter só a vós por amigo companheiro, e unico consolador. Oh quam ditoso serei, quando isto chegar! Quam rico quando só com vosco me acompanhar! Então vos direi de verdade: Unico amor meu, unico prazer meu, unico Padre meu. Então sereis só vós unica bemaventurança minha, quando tudo na vida me deixar, e me crucificar, e eu tudo de coração renunciar, e só vós me receberdes, e me acompanhardes.

Vida da minha alma, onde ides? Não me ouvis, que vou gritando apoz vós? Haveis de chegar ao Calvario sem mim? Dai-me essa Cruz antes que lá chegueis: porque mais principe estareis entre tres ladrões, que entre dous sós: salvareis dous, e se me quizerdes matar, ficarei sempre crucificado. Oh amor, oh amor! Oh meu amor, matai-me nesta hora com fogo de vossa charidade, que me acabe, se hei de passar a vida sem ser toda em padecer por vós empregada. Imprimi, Senhor, na minha alma aquella grande verdade, que hum crucificado de vosso amor disse: Que se fizesseis mercê de huma hora de trabalho por vos-

so amor em satisfação de trezentos annos de leal serviço; ainda não podia cuidar de si quem a recebesse, que tinha merecimentos pera tamanha mercê.

Oh escondida, oh certa verdade! Mas eu, Senhor, que nada mereço, esta mercê peço, á largueza de vossa bondade, que m'a façais ainda que vol-a não mereço: que toda a vida, e todas as horas me sejam de cruz por vosso amor, pois sei certo que isso he o que vos mais contenta, e o que minha natureza mais foge, e o que me mais cumpre; e se as forças pera isso me faltam, vós liberalissimo dador de vossos bens, as não negais a quem por vosso amor crucificais. Amai-me Senhor, e crucificai-me.

Oh ditoso Cyreneo, que alcançastes por dinheiro, o que eu não mereço alcançar com lagrimas, em levares essa Cruz, e aliviares hum pouco esse divino cordeiro do immenso trabalho que leva: e ainda que he pera chegar mais depressa á morte, isso he o que elle deseja. Tu vás apoz elle com a Cruz sem o entenderes: se conhecesses esse Senhor, e soubesses o que levas, tu a não soltarias, a ti crucificariam, e Jesu viviria. Não havia, Senhor, hum amigo que de graça levára essa Cruz? Oh Filho de Deos vivo, oh amador das almas fidelissimo, oh thesoureiro da bemaventurança, só he vosso levar a Cruz de graça, pois tudo o que nella mereceis he pera os vossos. Nem quereis, nem tendes outro premio senão nosso proveito. Todos os outros que vos seguem, alugados vão de vós; e ainda que de sua parte se desinteressem, da vossa tem paga promettida. Que digo Senhor meu, de quem se desinteressa? Quem nisto está mais puro, e limpo não pertende senão fazer-vos a vontade, e contentar-vos. Pois pode haver maior interesse no Ceo, nem na terra? E quem mais se desinteressa mais a quer. Oh Deos de amor; oh amor Deos, quam abastados, e ricos vão os que com sua cruz vão apoz vós! Não foi o logar do Cyreneo diante, senão apoz vós. Porque não quereis vós dar a dianteira a ninguem, pera que os crucificados vão com vossa vista allumiados, esforçados, e inflammados? E quem vos vai, luz do Paraiso, sempre vendo, que vai olhando? Que vai amando? Que vai recebendo? Que vai gozando? Cala, cala lingoa, cala aqui coração. Fallai vós, meu Senhor, que vosso servo ouve; dizei a este coração, que vê, que sente, que leva quem sempre diante de si vos leva. Amor leva, e amor o leva, oh adonde, oh a que? Ao amor, e a amar. Ame-vos eu

Deos meu, derreta-me todo em vosso amor. Abrazai-me, amai-me, e lavai-me vós, meu divino amor por vós.

Oh Madre de Deos rica de cruzes, e de amor, sem vós não quiz o vosso cordeiro a Cruz, por vos pagar o amor que vos devia. Merecei-me vós, Senhora, que não fique eu de fora, por mostrar em mim o que seu grande, e abrazado amor merece. Oh Anjos, oh Cidadãos do Ceo, pedras vivas lavradas com esta Cruz para esse celestial edificio; louvai por mim a este Senhor, e pois pera essa vossa companhia me criou, fazei que pela sua Cruz, e com ella me guie, e me leve pera ser quaes diante delle sois. Amen.

TRABALHO XLIII

Pregado, alevantado, e desconjuntado na Cruz.

Chegados ao monte Calvario, adonde as demonstrações, que o Senhor havia de dar de seu amor, e seus immensos trabalhos, e tormentos haviam de chegar a quantos estremos podessem: não se deo ao cordeiro innocentissimo nenhum vagar pera descansar, e tomar folego do cansaço do caminho, que o tinha assaz quebrantado. Mas logo começaram os algozes a pôr em ordem pregar o Senhor na Cruz, e alevantal-o n'ella: que foi o maior trabalho, e tormento que seu corpo podia passar. Desataram as cordas, com que o Senhor hia preso, e lhe despiram seus vestidos, os quaes por razão já haviam de ir pegados á carne ensanguentada, e chagada: e ao despir sem piedade lhe renovaram todas suas chagas: principalmente da cabeça espinhada, cuja coroa toda se abalaria renovando as chagas com immensas dores. Tudo se fazia ao Senhor com grandissima crueldade, e deshumanidade, e elle aos algozes obedecia em tudo como se foram seus senhores. Despia-se, vestia-se, tornava-se a despir, dava as mãos pera lh'as atarem, e desatarem, lançava-se sobre a Cruz pera o pregarem com tanta mansidão, e obediencia como se foram mandamentos do Padre Eterno. D'aqui tambem aprendem os que tratam deveras da paz interior a se quietar em todos os successos contrarios, e penosos: porque os falsos amigos, as sem-razões, e tudo o mais em que se vem, tomam por mandamentos do Ceo, e tem seus contrarios por ministros da divina ordenação, e sometem-se a tudo, e a todos ainda nas cousas mais contrarias, como a divinas ordenações, e preceitos: e d'aqui nasce o amor verdadeiro dos inimigos, porque os não olham como inimigos, mas como executores dos divinos conselhos; e sentem mais o mal que elles a si se fazem, que o que d'elles recebem: porque recebem o mal como cousa mandada do Ceo por elles, e sentem ser isto occasião de sua perda.

Ficou o purissimo cordeiro em pé, nú, feito huma viva chaga de pés á cabeça, de todo elle gotejando sangue na terra: penetrando-se-lhe as chagas abertas com o ar, e coroado de espinhas, a mais lastimoso figura, que podia ser. E como nunca seu coração estava ocioso, de crer he, que n'aquelle brevissimo espaço, em quanto assentavam a Cruz lançada

no chão, bem affirmada pera n'ella o pregarem, e faziam pera isso prestes os cravos, e verrumas; e cordas pera o levantarem em alto: elle levantaria os olhos, e mãos, que tinha soltas, ao Ceo, e com ardentissimas e copiosas lagrimas, se offereceria de novo á obediencia do Padre Eterno, pela salvação dos homens. E sem duvida suas lagrimas e suspiros interiores foram ouvidos no Ceo, e alcançaram tudo o que quizeram. Este he o meio pera em tudo contentar a Deos, e alcançar d'elle luz pera fazer todas as cousas sempre acertadas, e poder com os trabalhos da vida: não commeter nada, nem entrar em cousa alguma, senão começando por interior oração a Deos, ainda que seja brevissima, porque não pode deixar de ter bom successo, o que em Deos, e com Deos se começa. He este passo devotissimo pera a alma se chegar ao Senhor, e se lançar a seus pés, e receber aquelle sacratissimo orvalho, que está de todo seu corpo, e chagas gotejando, e com a Magdalena lavar-lhe os pés com lagrimas, antes que o preguem na Cruz; e pera alcançar do Senhor muitas mercês. Porque não receberá menos estes amorosos desejos d'alma, do que receberá os agasalhados, se alli os acharmos presentes.

Aqui chegaram os algozes ao Senhor, e lhe deram hum pouco de vinho misturado com fel, e myrra (como adiante diremos) que era huma deshumana potagem, sô pera o Senhor inventada. Porque n'aquellas conjuncções, costumam-se dar aos padecentes bocados confortativos, pera os esforçar: e em algumas partes confeições, com que menos se sinta o tormento da morte. Mas estes crueis, e malvados algozes, atiçados pelos Judeos, nenhuma cousa que podesse dar ao Senhor alivio ou refresco consentiam; antes tudo lhe mudavam em cousas, que lhe podessem dar mór tormento. E por isso no vinho, que lhe podia confortar o estamago, lhe lançaram as duas mais amargosas, e fortes cousas pera o estamago, garganta, e boca, que eram fel, e myrra. Com isto se desjejuou o Senhor aquelle dia, nem tomou outra cousa senão vinagre, quando estava pera espirar, como adiante diremos. Não sei quem andava n'estas cousas mais acceso: se a malicia dos inimigos do Senhor em inventar novas maneiras de tormentos: se o Senhor em os repartir por seu corpo, de modo, que nenhum ficasse sem sua parte. A verdade he, que Christo nosso Senhor venceo, pois trazia todos seus membros tanto á competencia, a qual mais pena teria, que até suas entranhas, e sentido do gosto, quiz cortar, e atormentar com a aspereza do fel, myrra, e vinagre, já que outro tormento n'elles não cabia. Tudo se póde crer do divino fogo

de amor, que n'elle ardia. O qual assaz tem merecido, que lhe respondamos, com outro tão refinado amor, que tenha tudo o que em nós ha por perdido, senão for perfeitissimamente em seu serviço empregado.

Aparelhada a Cruz, e tudo o necessario pera pregar nella o Senhor, o mandaram os crueis algozes lançar de costas nella. Obedeceo o divino cordeiro, sem resistencia, e se deitou de costas sobre a Cruz, e com a corôa de espinhos por almofada, que lhe penetrava de novo a cabeça com immensas dores, com os braços abertos, e os olhos no Ceo. Aqui se vio o divino cordeiro a primeira vez lançado no sacratissimo altar da Cruz, ardendo em seu proprio fogo de amor: com os braços abertos pera agasalhar todo o coração necessitado, com os olhos no Ceo abrindo com elles as portas do Paraiso, atéli pelo peccado de Adão cerradas. E como este Senhor he o summo Sacerdote, por quem somos ao Padre Eterno reconciliados, e por quem temos a elle entrada; e he o sacrificio a Deos aceitissimo, pelo qual se perdoam os peccados do mundo: elle mesmo em se vendo no altar da Cruz, fez de si sacrificio, e se offereceo por todo o genero humano, com todo o amor, e com infinito desejo da saude de todos os peccadores. Alli sem duvida chamavam seus braços abertos todos os homens pera os consolar, e comsigo os entregar ao Padre Eterno. Alli acabou a reconciliação dos peccadores com Deos; alli abraçou comsigo o Ceo, e a terra, e fez de ambos huma Igreja, huma casa, e huma companhia em que Deos reina. Não houve nunca, nem haverá outro mais aceito sacerdote, nem outro mais sagrado altar, nem outro mais meritorio sacrificio, que este que aqui vemos: no qual o cordeiro sacerdote divino, e sem peccado, a si mesmo purissimo sacrificio offerece na santa Cruz por todo o genero humano. Occupando-se o Senhor em este seu officio, os ministros de sua morte tambem faziam o seu, quam cruelmente podiam. Dizem alguns, que primeiro começáram pela mão esquerda, e feito o buraco pela medida na Cruz, lhe atravessaram hum cruel, e grosso cravo pela palma da mão, atravessando os nervos pera poderem ter mais mão no corpo; e como aquella he a parte do coração, e mais sensitiva, encolheram os nervos algum tanto com o tormento, de maneira que quando quizeram pregar a mão direita, não chegava, no buraco que estava feito na Cruz, pelo qual foi necessario estiral-o com cordas: o mesmo fizeram aos pés, com que seus sacratissimos membros se começaram a descenjuntar. A tudo isto Christo nosso Senhor calava, nem gemia, nem se queixava, nem se apertava, e averru-

gava os olhos, e rosto, como nas grandes dores fazemos: mas com toda a serenidade de rosto, e invencivel, e mais que humana constancia soffria, e passava as mais crueis dores, que a hum corpo se podiam dar. Porque não se contentou de soffrer tudo com perfeitissima paciencia, mas a nenhuma cousa quiz mostrar rosto carregado, nem pesado, pera que o de fora concordasse com a vontade, e amor com que tudo padecia. Em tudo isto calando ensinou a arte de levar as cruzes com perfeita paciencia, e muito merecimento, e aproveitamento, pera sermos a Deos nelles aceitos. Quem se vê metido em trabalhos, primeiramente os ha de tomar como mandamentos do Senhor, pera os soffrer com summa obediencia a sua divina vontade. Ha de fugir de todo queixume, nem das criaturas, nem de Deos, ainda que sua mão lhe pareça rigorosa. Porque os queixumes nascem do amor proprio, que recusa padecer. Não trate de justiça, e razão, nem de fraqueza, ou pouca possibilidade sua pera o peso do trabalho. Mas a razão seja obedecer a quem assi o permitte, e as forças a confiança em sua bondade. Faça da cruz altar, e de si sacrificio, e tomando officio de sacerdote se offereça, affligido, e atribulado ao Senhor, pera mais e mais padecer, quanto, quando, e como sua divina Magestade fôr servido. E porque sempre a natureza faz máo rosto ao que lhe dá trabalho: tenha comsigo o crucificado continua guerra, pera senão deixar vencer da tristeza, antes adore sempre por tudo ao Senhor, agasalhando com bom semblante tudo o que lhe de sua divina mão vier, alargando com a fé o coração, que Deos lhe não negará a graça pera cada dia ser mais forte. Tome por meio pera tudo isto, trazer os olhos interiores no Ceo, que faz leve tudo o trabalhoso da terra (como diz S. Paulo) porque contemplando, não o terreno, mas os bens celestiaes, vê que em comparação das immensas coroas, que pequenos trabalhos fabricam no Ceo, de gloria sem peso, nem medida, ficam todos parecendo leves, e de nenhum momento, por grandes que sejam.

Pregado o Senhor na Cruz, estava já feita no chão huma cova bastante pera a ter, acunhada e direita: e não se podia já bullir com a Cruz, tendo em si o Senhor pregado, que lhe não custasse immensas dores: mas como tudo era feito por quem não desejava outra cousa que darlhas muito grandes, faziam-lhe tudo com deshumanissima crueldade. Assi arrojaram a Cruz pelo chão (por lhe não faltar o tormento de ser arrastado) até lhe pôrem o pé pegado com a cova que estava feita. Logo a começaram a levantar pelos braços até ser em altura que podessem ou-

tros tirar por diante por cordas que nelles tinham atadas, e ora viraria pera huma parte, ora pera outra, pera mais tormento do Senhor. E quando cahio de pancada na cova, e depois ao apertar do pé, e acunhar, que se fazia a força de pancadas, pera assegurar a Cruz, que não pendesse a nenhuma parte, dava ao Senhor tão incomportavel trabalho, que como falta experiencia delle, faltam tambem palavras pera o declarar. Mas vemos que as maiores dores, e mais insoffriveis, que o corpo passa, he se sahe fóra de seu logar hum osso, e desmente huma junta. E sendo o Senhor alevantado na Cruz, que seu corpo sacratissimo ficou em vão sobre os cravos, todas as junturas do corpo começaram a estalar, e apartar-se huns ossos dos outros tão conhecidamente, que com verdade (como estava por David profetisado) todos seus ossos de seu corpo se podiam contar (*): e assi em todo geralmente padecia (como mais largamente diremos adiante.) Padecendo o Senhor estes tormentos, seus inimigos, que tanto desejaram vel-o crucificado, em lugar de compaixão, estavam contentes festejando a victoria. A grita do povo ao levantar da Cruz enchia tudo de brados. Alli ficou o Filho de Deos com os pés alevantados da terra, mas não tão altos que lhe não podessem chegar; com o corpo direito ao Ceo, mas com os olhos na terra: e os braços estendidos, que se não podiam ajuntar. Porque assi quiz naquella postura estar, que a terra, e terrenos amores não tivessem nelle parte, e os amadores de sua Cruz lhe chegassem; e todos os que o buscassem crucificado o achassem aberto pera os receber, com os olhos claros pera os agasalhar, e com amor acceso pera os encher de bens. Tudo leva a si, como elle prometteo. O Ceo roubando-o pera os peccadores, a Deos reconciliando-o com elles, aos justos inflamando-os em seu amor, aos peccadores convidando-os a penitencia, e a misericordia, e satisfazendo por elles. Assi logo em se vendo alevantado na Cruz, esquecendo-se de seus trabalhos, lembrado dos males dos peccadores, que desejava remediar, não se contentou com os interiores colloquios, que a Deos dava por nós, mas abrindo sua sacratissima boca, que até alli esteve a tudo calada, brada com grande voz, cheia de amor, e lagrimas ao Padre Eterno, pedindo-lhe misericordia pelos que o crucificavam; não só com as mãos, mas tambem com os peccados, que elle na cruz pagava, dizendo: «Padre perdoa-lhes, que não sabem o que fazem.» Que maior amor queremos, que este? Que não só somos entre tantas dores e tormentos lembrados, mas cegando-

(*) Psalm. XXI.

nos nós por vontade, e não merecendo menos pena pela cegueira dos peccados, que por elles mesmos; este nosso piedoso e amoroso solicitador, acha-nos desculpa na cegueira, para allegar ao Padre, que como a cegos nos perdoe. E em verdade, o Senhor que vê, e pesa nossas culpas com claro juizo, acha que merecem pôr-se elle na Cruz pera serem perdoadas. E nós sentimol-as tão pouco, que fazemos dellas vida, e gosto: e se bem as conhecessemos, o medo nos faria fugir dellas. Bem se vê aqui claro o que S. Basilio diz da divina misericordia, que quando vê nossos peccados acha nelles duas faces, huma que o move a castigo por ser em offensa sua, e outra que o move a compaixão pelo mal que nos fazem; e esta prevalece. Punham nossos peccados a Christo nosso Senhor na Cruz, enchiam de dores, e tormentos sua pessoa, offendiam a seu Eterno Padre, mas porque nos cegavam, e nos condemnavam, ha maior dó de nós que de si, e sem tratar de si pede que sejamos perdoados, como cegos, e ignorantes.

Crucificaram com o Senhor dous ladrões, cada hum a seu lado, e elle no meio como capitão delles: e ainda que o não era nos furtos, era o em lhe roubar os corações. Não se deshonrou o Senhor desta companhia na morte, pois sempre a aceitou na vida, porque com peccadores comia e bebia, e entre elles quiz morrer: pois como bom pastor, a elles como erradas ovelhas quiz vir á terra buscar. Assi nos quiz certificar, que os peccadores temos melhor lugar na sua Cruz, e que se Adão perdeo a arvore da vida, e cahio em morte; nesta arvore temos a vida verdadeira pera nos não poder fazer mal a morte. Sinal de tudo isto he, que tinha a Cruz sobre a cabeça do Senhor pregada huma taboa, que Pilates lhe mandou pôr, da causa porque estava o Senhor crucificado, em que estava escrito em Hebraico, Grego, e Latim, que são as tres lingoas, nas quaes se escreve toda a sabedoria humana, e divina, «Jesu Nazareno Rei dos Judeos.» A qual pregaram na cruz antes que a alevantassem. E ainda que os Judeos tomáram mal estas palavras, e disseram a Pilatos, que lhe não chamasse tão claramente Rei dos Judeos; mas dissesse que morria, porque falsamente se chamara Rei dos Judeos; todavia Pilatos nunca quiz mudar a fórma d'estas palavras. Porque o Espirito Santo, que já determinava vencer, quiz que entre tantas affrontas quantas o Senhor padecia, claramente se soubesse que as almas que a este Senhor buscassem, amassem, e servissem crucificado, tem nelle Rei verdadeiro, amparo, vida, riqueza, e todos os bens; e como Rei, e Se-

nhor de tudo, d'alli perdoava peccados, dava vida eterna a ladrões, salvava peccadores, e usava de seu eterno poder.

Entre todos estes mysterios lembrem as dores da Virgem nossa Senhora (ainda que depois trataremos d'isto mais largo) a qual não vio pregar ao Senhor, mas ouvia as marteladas, que penetravam seu santissimo coração, e estava esperando ver o que mais lhe havia de doer, e mais arreceava: que era vel-o crucificado. E assi quando por cima de gente vio alevantar em alto seu unigenito Filho, quanto mais o amava mais lhe doeo: e não podendo sua natureza com a força da dôr cahio em terra esmorecida: até que tornou em si acabar de passar aquella cruz, só pera ella, sem haver outra na vida igual, guardada.

São tantos e tamanhos os mysterios, que a alma tem pera considerar e sentir em Christo crucificado, que ainda que na historia, por evitar prolixidade, he necessario comprehender muitas cousas em poucas palavras: todavia he necessario alargar os exercicios pera sentir mais miudamente as mercês do Senhor. E por isso puz aqui tres exercicios sobre a materia d'este capitulo, como fiz no precedente capitulo, e farei no seguinte: pera que considerando a alma as cousas mais devagar, e em particular, tire dellas mais proveito.

Exercicio a Jesu despido, antes que o preguem na Cruz.

Deixa agora, alma minha, de ver o trafego desta gente, com que se apercebem pera crucificar este Senhor, e a pressa, brados e crueldade de todos seus contrarios. Olha a crueldade com que despiram ao Senhor, que levava já os vestidos pegados ás chagas, e ao tirar delles ficaria de sua sacratissima cabeça, e de todo corpo manando novo sangue. Olha pera aquella tão lastimosa figura, e aquelle coração nunca ocioso, nem apartado do Ceo: mas como logo em se vendo nú, e com as mãos soltas as alevanta com os olhos ao Ceo coberto de lagrimas, offerecendo-se por ti ao Padre eterno. Vai-te a elle neste pequeno espaço, occupa-o com elle antes que o crucifiquem.

Prostrada a alma aos pés do Senhor interiormente como que o tem presente, o abrace com amor, e lhe diga:

Aqui me abraço com estes divinos pés, amor da minh'alma, a elles me prenderei com este coração: aqui todo me derreterei antes que vos preguem nesta Cruz, e antes que a morte vos tire de meus olhos. Antes que vos encravem estas mãos, que agora tendes soltas, abraçai esta alma peccadora, por quem tanto padeceis; consumi todas minhas maldades; afervorai minhas friezas, e prendei-me todo interiormente a vós. Oh meu bom Jesu, oh divino cordeiro, oh amor d'esta alma, puro, e verdadeiro, recebei os braços d'esta alma, e fazei que sejam puros, e desapegados de toda a cousa da terra, e fervendo em vosso amor, pera que vos sejam mais aceitos. Ponde, Senhor, os olhos de vossa misericordia nesta vossa miseravel criatura, e não me lanceis de vós, mas recebei este abraço, que como posso vol-o dou, e desejo darvol-o com o amor de todos os que vos amam: gastai vós em mim com este vosso sangue o que vos descontenta, pera que não haja cousa, que de vós me aparte. Oh meu verdadeiro amparo, se me vir de vós agasalhado, e recebido a vosso amor, e amizade, quam bemaventurado serei? Quem me dirá então que sou pobre, ainda que tudo me falte? Quem me dirá que sou miseravel, ainda que viva nesta vida triste? Abraçado de vós, e abrazado de vosso amor, desconheça-me, deixe-me, e desampare-me toda a criatura: que só comvosco ficarei contente, e satisfeito. Pois Senhor meu, amostrai agora a esta alma a fermosura d'esse vosso coração, chegue a mim o fogo que vos abraza, caiam em mim essas quentes lagrimas, que d'esses olhos sahem afervoradas, que aqui me lavem, e accendam em vosso amor, e comvosco me unam pera sempre. Oh todo meu bem, sem o qual sou pobrissimo, vejo que a pressa de vos crucificarem he muita, e eu fico quem sou: antes que d'aqui vos tirem, e antes que destes miseraveis braços vos desapegue, curai minhas chagas. Vós vedes quam mais chagado estou na alma, que vós no corpo, e quanta mais peçonha corre de minhas culpas, que sangue destas vossas chagas. Vós sois meu remediador, em vós está a misericordía que hei mister e já que meus peccados vos pozeram em este estado, vós sabeis melhor que eu, a necessidade que tenho d'ella. Não sei confessal-os, nem conhecel-os, mas antes todos a vossos purissimos olhos são manifestos, e descobertos.

Tal qual sou, aqui me lanço a estes pés, e pois me vedes, e conhe-

ceis, perdoai-me com misericordia, e não fique eu sem remedio entre tantos trabalhos, que por me remediar padeceis. Se quereis, Senhor meu, bem me podeis nesta hora alimpar; peza-me de vos ter offendido, desejo antes nella acabar, que vos tornar a offender.

Feri, Redemptor meu, este coração com dor de meus peccados, dai-me odio de mim mesmo, abrazai-me em amor vosso, tirai estes impedimentos que ha entre vós e mim, pera que nunca mais vos offenda, e sempre viva a vós por puro amor atado.

Oh vida, e esperança minha segura, tendes amor pera vos deixar abrir em chagas por amor de mim, pera derramardes vosso sangue todo por mim, pera vos deixar pregar, e desconjuntar nesta Cruz por mim, e pera morrerdes nella por mim: e ha-vos de faltar nesta hora pera me perdoardes meus peccados, pera me dardes odio perfeito delles, e forças pera me emendar, e amor vosso pera nunca mais vos offender? Pera tudo, bom Jesu, tendes amor: sei que desejais mais que eu, dar-me isto que peço, e que por isso morreis: mas em mim vêdes vós a causa por onde m'o negais. Oh todo meu verdadeiro remedio! Confesso que todo o impedimento de mim nasce, mas tambem o remedio disto peço, pera isso me afferro a estes pés, pera isso a vós brada meu coração.

Cego estou, e ignorante: allumiai, luz divina, meu entendimento, dai-me a conhecer quem sou, fazei-me ver o que em mim impede todos estes bens, e de vós me aparta, e dai-me perfeito odio de tudo o que em mim vos desagrada: isto Senhor meu obra vossa ha de ser, pera tudo tendes amor, pera tudo tendes misericordia: se me não sei offerecer a vós de todo o coração, vós suppri o que me falta. Pera isso sois meu redemptor, pera isso derramais este sangue, pera pordes com elle de vossa parte tudo o que falta a minha pobreza. Se me vós, Jesu meu, desamparais, quem me pode valer? Se me vós não olhais, quem me pode remediar? Se me vós não curais, quem me pode alimpar de minhas culpas? Pois ellas me cegam, e fazem quanto mal vêdes, e só em vós está seu remedio; havei piedade d'esta vossa criatura, perdoai-me, allumiai-me, sarai-me, resuscitai-me, descarregai de mim meus males, pera que limpo d'elles, com puro amor vos possua, comvosco me crucifique, e todo seja vosso, e só vos tenha por meu unico, e soberano bem.

Que he isto, verdadeiro mestre de eternas verdades, que nú, e despido quereis ser crucificado, e assi morrer na Cruz? Se quer huma tunica, que vossa sacratissima Mãi vos fez, não levareis comvosco? Nada

quereis do mundo, bom Jesu, e já que ella se fez de cousa da terra, e que na terra se criou, carrega-vos, e pesa-vos. Nú entrastes no mundo, e nú quereis sahir d'elle? E não quereis que a morte vos tire o que tendes, como a outra gente, mas ainda vivo aqui antes de subir na Cruz, vos sacudis de tudo, tornais á terra o seu, e despido vos quereis crucificar. Não quereis do mundo mais que Cruz, açoutes, chagas, affrontas, e injurias, só quereis, e escolheis pera vós o que na vida he penoso, e mata, e que todos aborrecem, e nisto quereis acabar a vida. Nú nos reconciliais ao Padre, nú fazeis as pazes entre Deos, e os homens, nú abris as portas do Ceo: nú satisfazeis pelas culpas, nú ensinais a verdade de vossa doutrina, nú triunfais da morte, do inferno, dos peccados, e do mundo; nú nos mostrais a perfeição de vosso amor, nú nos enriqueceis, e encheis de bens, e nos dais quanto tendes, porque estardes nú, não vos faz pobre, nem perdeis ser quem sois, nem vossas eternas, e infinitas riquezas. Ensinai, luz divina, esta cega alma a possuir tudo, deixando tudo: e pois não pode chegar aqui sem vossa luz, lavai meus olhos com sangue, pera que veja claro a fineza, e perfeição d'esta vossa sabedoria, e d'este puro amor. Oh riqueza do Ceo, e Filho de Deos vivo! Sois tão incomprehensivel, e tão rico, que só bastais pera fartar, e encher as almas. Sois tamanho, que toda minha capacidade podeis satisfazer; sois tão puro, que nenhuma cousa a vós se póde comparar; sois tão suave, que todas as forças da alma arrebatais; sois tão fermoso, que todo o intimo do coração cativais; sois tão amigo, que toda a alma obrigais, e prendeis, sois tão divino fogo de amor, que todo o espirito abrazais. Pois que muito que só queirais n'esta alma reinar, e que a queirais despida, e desapegada de tudo, nem soffrais mistura de outro amor? Como póde comvosco caber outra cousa n'este tão pequeno coração? Vós sabeis que esta alma se torna da medida do que ama: se ama cousa da terra, não podeis vòs, Magestade infinita, caber n'ella. Comvosco cresce a minha alma, comvosco se alarga, comvosco fica á vossa medida, comvosco pode ficar cheia, e satisfeita, porque vós amor das almas, pera tudo bastais. Quando, bom Jesu, me verei desapegado de tudo por vós? Se vós me fizerdes mercê de me tomar por vosso, e me possuirdes, e me allumiardes, que perco em me deixar toda a criatura, e em me desconsolarem todos? Pois sendo vosso, estarei rico de vós: desapegai, Senhor, este coração de tudo o que ha fóra de vós, e este tudo seja como o vós entendeis, e não como a carne imagina: como em

vós o vejo, e não como minha miseria o cuida. Oh quam rico he quem assi vos tem! Oh quam ditoso quem assi vos possue! Oh quam bemaventurado quem assi vos ama! Se vos assi vejo por mim, que melhor cousa posso ter pera vos contentar, senão este desapegamento, e nudeza, ao interior? Vossos grandes amadores, nús, e despidos, vos seguiam. Qualquer occupação da terra era carga pera o vosso abrazado Agostinho, qualquer farrapo da terra pesava ao vosso pobre Francisco: a mesma pelle carregava ao vosso Apostolo S. Bartholomeu.

Fugiam os presos de vosso amor ao deserto: da vida, e das carnes e desapegavam os martyres: e todos vossos verdadeiros amadores, que nú vos vem na Cruz, e choram com amor, e desejo de se ver assi por vós. Estas são obras de vosso amor. Oh amor roubador, oh amor transformador, tão pobre, e tão rico: tão nú, e tão cheio: tão encoberto, e tão allumiado; tão cativo, e crucificado, e tão livre senhor, e triunfador! O que isto he, Senhor meu, vós só o ensinais, de todo o entendeis: só vos o dais a sentir. O amor que a isto vos trouxe, esse vos faça n'esta hora conceder-me este desapegamento de tudo, e amorosa união a vós, esse me allumie, e faça entender estas verdades: esse me desapegue de mim, e me faça esquecer tudo o que me aparta de vós: esse me faça pesado, e carga tudo o que em vós aqui não vejo.

Mudai Senhor, essa sentença, vivei vós, e crucifiquem-me por vós: e se n'isto sou atrevido, vosso amor me faz pedir. E se não pode ser; ide-vos bom Jesu, á vossa desejada Cruz, e n'ella me pregai comvosco, n'ella me abrazai: n'ella me desapegai de todo: n'ella me ajuntai comvosco, pois sois minha gloria, e toda minha esperança, e thesouro.

Oh purissima Virgem, que sois a que mais amais, e a quem o amor mais puramente de tudo desapegou, alcançai-me o que d'estas verdades em vós experimentastes. Oh Corte celestial, que só do amor d'este Senhor sois possuidos, e d'elle estais ricos, e abastados, tirai d'esse fogo huma braza, lançai-a n'este coração, que gaste n'elle as fezes da terra, e comvesco de toda a affeição terrena desapegado me someta, e cative do amor d'este meu Senhor, e triunfador. Amen.

Exercicio ao pregar de Christo nosso Senhor na Cruz.

Já a Cruz, alma peccadora, está aparelhada: chega com este divino cordeiro a ella pera veres, e sentires os tormentos, e dores que lhe vires

passar. Oh meu bom Jesu, pera que haveis de passar tantos trabalhos? E já esta Cruz está de vossos sacratissimos hombros consagrada, já he gosto e honra, padecer n'ella, já os peccadores a podemos tomar por remedio de nossos males: basta Senhor meu, o que tendes padecido, mandai-me crucificar n'ella: vivei vós, e morra eu, mandai vós como juiz que sois, e pene eu, e pague como peccador que sou. Descansai já de tantos tormentos, e comece eu a leval-os por vós, pois são mais justamente empregados em mim. E se vosso amor isto não soffre, por elle mesmo vos peço, que crucifiqueis este coração comvosco, nunca jámais estime outra cousa. Em essa Cruz vos conheça, e vos ame, n'ella vos busque, e vos ache, e vos possua.

Olha alma, a crueldade com que pegam no Senhor, e o mandam estender sobre a Cruz, e a mansidão com que a tudo obedece! Como tomam a medida pera os buracos, e o pregam sem nenhuma piedade pelas partes mais sensitivas, que são os nervos, com durissimos e grossos cravos de ferro: e se podes, sente a grandeza d'aquellas immensas dôres: e se o não sabes sentir, deseja-o, e pede-o ao Senhor que t'o conceda, porque padeças no coração o que elle com tanto amor padeceo em seu sacratissimo corpo.

Abrandai, suavissimo Jesu, a dureza d'este coração n'esta hora, pera que estes cravos o penetrem, e sinta eu n'esta alma vossas dores, já que só as quereis passar no corpo. Não fique meu coração sem dôr, e sentimento d'ellas, pois por mim as soffreis, pera que n'elle se accenda vosso amor, e agradecimento, e odio de meus peccados, que a isto vos trouxeram. Sede agora comigo largo, n'isto que vos peço, porque nem sentir tamanhos trabalhos vossos sei, nem posso senão quando mo vós derdes.

O manso, e divino Cordeiro se lança, e estende de costas no sacratissimo altar da Cruz, pera n'elle se sacrificar: estende aquelles seus amorosissimos braços, e pés: põe os olhos no Ceo, e calando brada ás orelhas do Padre Eterno, offerecendo-se por nossos peccados a elle; e seu coração lhe diz:

«Oh Padre meu, clarificai-me n'esta hora, a que por vossa obediencia sou chegado, e recebei-me em vivo sacrificio por todo o genero humano. Perdoai aos peccadores, por quem satisfaço, accendei em todo o mundo vosso amor; convertei a mim as almas erradas, e dilatai a gloria de vosso nome. O que o mundo por si não merece, não lhe falte, pois

por todos aqui me offereço. Abrandai vossa ira, abri os thesouros da vossa misericordia, não fique ninguem fóra de vossa graça, porque por todos vos offereço este sangue, corpo, e vida n'esta Cruz: olhai, Padre meu eterno, como arde este meu coração em amor das almas, em desejo de morrer por ellas, e eu vos mereço trazerdel-as todas a estes braços, que aqui tenho por vossa obediencia, pera os recolher abertos. Vinde a mim todos os que estais em peccados, eu vos perdoarei; vinde todos os atribulados, e eu vos consolarei; vinde todos os errados a este abraço, e eu vos agasalharei: aprendei de mim, pois me vedes aqui manso e humilde de coração, e achareis repouso pera vossas almas»(*).

Oh bom Jesu, e bom pastor d'esta alma errada, eis-me aqui, recebei-me Senhor, n'esses braços pois me chamais: dai-me esse amor, e essa humildade, essa mansidão, a cuja imitação me convidais: rendei a vós todo este coração, e levai-o comvosco, e imprimi em minha alma vossa divina virtude, pera que sempre ande apoz vós, e nunca de vós me aparte. Baste meu Senhor, quantos annos fui mouco a vossos brados, que de dentro, e de fóra me daveis. Abri n'esta hora meus ouvidos, pera que ouça vossa voz, e vos siga, e imite. Não me podestes mostrar maior amor, que em vos pregardes n'essa Cruz, pera morrerdes n'ella por mim: pois não me negueis o fruto d'estes trabalhos: dai-me o pera que me chamais a vós: communicai-me vosso espirito, e entregai-vos de mim, e não me solteis nunca da vossa mão: vós vedes quantas cousas contrarias ao vosso amor tiram por mim: vedes quam costumado estou a seguil-as, e deixar-vos por ellas; vedes quanta razão tenho de haver medo de mim, e não me fiar senão de vós. Por isso á vossa voz obedeço, meu bom pastor, aqui torno ovelha errada a vossa obediencia, entregai-vos de mim, e não me solteis mais, fazei-me todo á vossa mão, e a vosso espirito obediente até á morte de cruz, sem resistencia.

Oh Padre Eterno, vós sabeis que não posso alevantar os olhos a vós, com vergonha, e peso de meus muitos e gravissimos peccados. As miserias d'esta alma a vossos olhos, estão descobertas; grande he a ira que tenho merecido, pois chegou este vosso filho unigenito a este estado. Se olhais meus peccados, não tenho remedio de vida, porque não merecem misericordia. Mas vós me déstes este divino cordeiro ardendo em meu amor, sacrificando-se n'este altar sacratissimo da Cruz, por meu remedio. Elle he o vosso filho, que em tudo vos fez a vontade, a elle me déstes

(*) Matth. cap. XI.

por mestre, e pastor, e a elle mandastes que me chegasse, e que d'elle tomasse tudo o que me falta. Com elle, meu Deos, não posso ser de vós engeitado, pois elle vos he aceitissimo em tudo, e por elle quereis que sejamos recebidos. Eu vol-o offereço em sacrificio vivo, e em ajuntamento d'esta offerta, que elle de si faz, me offereço a vós, com todos meus peccados, males, e chagas d'esta alma. Por elle, Senhor, havei de mim misericordia, por elle me perdoai, por elle me dai vosso amor, e aborrecimento de minhas culpas, e vosso espirito pera imitar em tudo este vosso cordeiro. Lembrai-vos, Senhor, que elle disse, que não podieis negar bom espirito a quem vol-o pedisse. Esse vos peço agora, e o que não tenho de minha parte pera ser ouvido, supra a virtude d'este sacrificio, d'este divino cordeiro, que aqui vos offereço. Dai-me espirito de amor, espirito de mortificação de mim mesmo, espirito de offerecimento, e resignação perfeita em vossa vontade, espirito de conhecimento, e imitação do que este cordeiro aqui me ensina; seu espirito viva só em mim, e lançai d'esta alma os máos espiritos, que de vós a apartam. A elle me apegai, porque sempre o siga, ensinai-me com elle a morrer por vós, desapegai-me com seu amor de tudo o que elle não he; cerrai meus sentidos, e coração ao mundo, e seus enganos; e abri-os só a este Senhor, pera que elle reine n'esta alma, e seja de vós possuida, e vos possua.

Todavia, meu bom Jesu, quereis levar ao cabo ser pregado na Cruz? Não serão melhor empregados estes pés, em andar muitos caminhos de logar em logar, convertendo muitas almas? E estas mãos não estarão melhor alluminando muitos cegos, sarando muitos doentes, resuscitando muitos mortos, e acodindo a quantas necessidades o mundo tem de vós? E em lugar disto quereis que estejam aqui pregadas, penando, e padecendo, tirando-vos a vida aos peccadores tão necessaria? Adoro-vos, meu divino mestre, e dou-vos infinitas graças, que por tantas maneiras me ensinais a verdade da doutrina encoberta de vossa Cruz. Pois que sendo vossa vida, vossos pés, e mãos, tão necessarios ás almas, que viestes redemir, me ensinais que mais lhes aproveitam crucificadas penando, morrendo, e amando, que quantas, quam divinas, quam heroicas obras podiam fazer, e fariam soltas. A obra maior, e a vós Senhor mais aceita he amar, e o em que se mais mostra, he em padecer até morrer: isto sobre tudo vos contenta: isto haveis por importante, e ahi pondes a sustancia, e peso do que das almas quereis, e isto fazeis, e n'isso acabais. Oh eterna sabedoria, imprimi n'esta alma estas verdades, pois sobre te-

das vos contentam, e tudo o contrario a ellas julgais por engano. Quando, Senhor, a alma está em pena, e cruz, a carne está mais cativa, os vicios não reinam, os appetites estão mais enfreados: todo de dentro, e de fóra está o homem sujeito, e crucificado, e em esta só obra, todo o homem interior, e exterior está a vós entregue, louvando-vos, obedecendo-vos, e amando-vos. Não he mais santo quem tem mais fervor, nem he mais justo quem he mais consolado: nem vos he mais aceito quem está de vós com gostos visitado, senão está de todo crucificado. O atribulado, perseguido, desamparado, crucificado de trabalhos de fóra, e cruzes, e desamparos de dentro, calado, soffrido, perseverando por amor, este he o vosso amado, este vos he mais aceito, este o mais justo, este he de vós mais estimado. Quem isto tem se pode chamar o aproveitado, o que mais faz que todos, o que mais fructifica em vossa casa, que quantos por outra via, sem isto por vós trabalham. Oh fogo de divino amor, que estas verdades n'este Senhor, me descobres; que fazes que me não abrazas, e crucificas com elle, e me deixas folgando, tendo-o a elle tão penado? Oh Senhor meu! Já que esta he a vossa sabedoria verdadeirissima, não me deixeis andar em trevas; allumiai-me n'ella, e quando vier occasião de a exercitar, não me deixeis tornar atraz. Tomai-me d'esta hora por vosso, e não me deixeis levar outro caminho senão este. Dai vossas consolações, Senhor, a quem vol-as merece, e a vossos servos fieis, a mim dai vosso amor, e com elle, e por elle me crucificai, até que me mudeis todo por amor em vós, de maneira que só padecer por vós me seja vida, e gosto.

Quero, meu bom Jesu, andar cercando esta vossa Cruz, pera me fazerdes mercês com cada tormento, que com estes duros cravos n'ella vos dão.

A mão esquerda.

Adoro-te sacratissima mão, que fizeste o Ceo, e a terra, que agasalhaste sempre os peccadores, e sustentas a todos que com amor nella inclinaram sua cabeça pera descansar em ti. Já que, Senhor meu, esta he a que primeiro pregam, porque está mais perto d'este vosso divino, e abrazado coração, e por isso vos ha de custar maior dôr: mandai que com ella preguem este meu triste, e miseravel coração. Lembrai-vos, Senhor, que não pedis aos homens senão que vos dem o coração, porque na vossa mão só está seguro. Eis aqui este meu, tomai-o nessa mão,

pregue-se com esse duro cravo com ella nesta Cruz, pera que fiqueis sempre pregado, e afferrado a elle, nem vol-o possa ninguem tirar d'aqui. Oh quam ditoso serei se mo tomardes! Oh quam bemaventurado se aqui mo pregardes, vida d'este coração! Olhai quam mortal anda fóra d'esta mão: olhai quam perdido anda livre por onde quer. Aqui, Senhor, aqui o quero: aqui o tomai, aqui o prendei, aqui o pregai, Jesu meu, e meu amor.

A mão direita.

Adoro-te sacratissima mão direita de meu Senhor Jesu Christo. Tu és fortaleza de todos os fracos, repartidora de todos os thesouros: amostradora de todos os bens: a quem todos os miseraveis olham, esperando d'ella remedio. Não perde, bom Jesu, sua força, e virtude, esta vossa divina mão com ser encravada, mas assegurá-nos a confiança que nella havemos de ter. Pregai, Senhor meu, com ella nesta cruz, esta miseravel carne, e fraca terra, tão medrosa de padecer por vós, tão viva pera o mal, tão mortal pera o vosso serviço.

Ahi Senhor, nessa Cruz, com vosso temor a prendei, e enfreai nella suas solturas, e appetites: gastai nella as leis contrarias a vosso espirito, e amor: mortificai nella os gostos contrarios ás verdades d'esta Cruz; viva em vós, e por vós sempre crucificada, obediente ao espirito pera que toda sua malicia, fraqueza, e miseria seja consumida.

A ambos os pés.

Adoro-vos sacratissimos pés, cansados, e callejados de muitos, e trabalhosos caminhos, que por mim andastes; que até esta Cruz trouxestes a este Senhor, e nella por mim haveis de ser pregados. Emendai meus máos, e errados caminhos que atégora andei: guiai-me pelo caminho da verdade, e da lei, que sempre cumpristes. Pregai, Senhor meu, com estes sacratissimos pés meus peccados, e errados passos, pera que me sejam perdoados. Pregai com elles todos meus desejos, e affeições de minha alma, pera que não andem vagueando pelas vaidades, e peccados, mas sigam as pizadas d'estes sacratissimos pés.

Corra, Senhor, a virtude d'este sacratissimo sangue por este corpo, e alma, que todo me santifique, me purifique, me abraze, e me mude em vós. Alevantai-me comvosco, bom Jesu, crucificado na Cruz, nem de

vós me solteis até que façais em mim, e acabeis a obra que nesta Cruz me ensinastes: pera que todo mortificado, e cheio de vosso amor me possuais á vossa vontade sempre.

Oh Madre de Deos sacratissima, por aquellas dores que penetravam vosso purissimo coração, e o rompiam quando ouvieis os golpes dos martellos, que pregavam estes pés, e mãos, merecei-me a este Senhor que comsigo me prenda nesta Cruz, e nunca de si me solte. Oh Corte celestial, obra, e feitura d'estas chagas, valei a este peccador, e alcançai-me d'este Senhor, que só de suas chagas, e nellas viva, pois com a virtude d'ellas lá reinais. E pois estais logrando os frutos d'estes sacratissimos pés, e mãos pregadas nesta Cruz, fazei que não viva eu faminto d'elles, mas por elles mereça ser de vossa companhia, pera a qual fui criado. Amen.

Exercicio ao alevantar a Christo nosso Senhor em alto na Cruz.

Abri, meu bom Jesu, meus olhos, allumiai meu entendimento, enternecei minha alma com o fogo de vosso amor nesta hora, pera que sinta em mim estas crueis dores, e immenso trabalho, que agora vos dão, em vos alevantar pregado nesta Cruz em alto. Já que por mim, Senhor, o passais, fazei que em meu coração sinta a dor que padeceis, em ficardes em vão pendurado de três pregos, estalando todas as junturas de vosso sacratissimo, e innocentissimo corpo, desapegando-se todos os ossos huns dos outros, estirando-se todos os nervos. Fazei-me com dor sentir a crueldade, e grita com que vos alevantam, e as pancadas com que apertam, e acunham esta Cruz, que cada huma renova, e acrescenta todas as dores que padeceis; e essa todavia de dores immensissimas, que em todas as junturas, nervos, ossos, e partes d'esse corpo juntamente vos atormentam, cordeiro sem magoa, calando sem queixume, nem gemer, nem recusar nenhuma d'ellas.

Oração pera a alma fazer a Christo, quando interiormente o vir alevantado em alto crucificado.

Adoro-vos, filho de Deos vivo; Deos de meu coração, e amor da minha alma. Adoro-vos, gloria dos justos, e coroa dos bemaventurados. Adoro-vos, Senhor do Ceo, e da terra, e Redemptor do mundo. Adoro-vos, thesouro de todos os bens soberanos. Adoro-vos, cordeiro de Deos, que

tirais os peccados do mundo, por mim nesse madeiro crucificado. Adoro-te, arvore da verdadeira vida, cheia de todos os frutos de graça, e de gloria, que nesse Senhor se encerram. Aqui diante de vós prostrado, e ahi em alto crucificado, vos adoro, e reconheço por toda minha esperança, pois em vós tenho quanto posso desejar. Se me sinto pobre, ahi estais, Senhor meu, pera mim rico. Se me sinto fraco ahi estais pera mim forte: se me sinto peccador, ahi estais pera mim redemptor. Se me sinto cativo, ahi estais pera mim livrador. Se me sinto miseravel, ahi estais pera mim misericordioso. Se me sinto tibio, ahi ardeis em meu amor. De toda maneira que me acho necessitado, vos acho, meu bom Jesu, ahi crucificado, cheio de remedios, e favores pera me acodir, e valer em tudo. Amo-vos, Deos da minha alma, e muito mais desejo arder em vosso amor. Oh, se se fizessem de meus olhos alampadas, e de meu sangue oleo, e de meus nervos, e carne cera, e pavio, e todo por fóra e por dentro me consumisse, e ardesse em vosso amor! Pouco fora pera satisfazer esse amor ver-me comvosco crucificado. E já que o não estou, se quizesseis, bom Jesu, que me visse de vosso amor abrazado? Oh amor, que assim triunfaste d'esse divino cordeiro, que assi fizeste n'elle tudo quanto quizeste! Agora estás grande, agora estás contente, agora triunfante, pois o tens penando, ardendo, e amando. Adoro-te amor divino, infinito, eterno, soberano, rico, poderoso, fermoso, e cheio de todos os bens. Abraza-me com tua força, e transforma-me n'este Senhor. Adoro-te suave Jesu, em alto crucificado, cheio de divinas obras. Não estais, Senhor meu, tão alto que nos fujais ao Ceo, e deixeis de ser visto: nem tão baixo que vos chegue cousa da terra: e ahi tendes vossa divindade junta, unida comvosco, com vossa alma santissima, corpo, tudo por mim sacrificando, e offerecendo. Vossa virtude divina nos traz todos os bens do Ceo a essa Cruz, e penetra os infernos, e n'elles acaba as longas esperanças, e degredos dos justos, que lá vos estão esperando pera os tirardes em gloria, quebrando as forças ao Demonio.

Ahi fazeis juizo, e condemnais vossos inimigos, abris as portas do Ceo, perdoais aos peccadores, e reconciliais-nos com Deos. Ahi ajuntais os filhos que tendes pelo mundo espalhados: rompeis a sentença de morte dada contra o genero humano: santificais os trabalhos dos homens, e fazei-los estrada certa, e segura da gloria: pondes fogo a todos os corações: allumiais todas as trevas, e cegueiras do mundo, e dais-

vos thesouro da gloria a todos quantos vos quizerem, e tanto quanto de vós quizerem, e da maneira que vos houverem mister.

Oh vida da minha alma, que mudança he esta que hoje tendes tão desacostumada em vós? Nascestes quasi em segredo, visto, e adorado de poucos pastores, e de tres Reis: conhecido, no templo só de dous, ou tres justos, viveis trinta annos encoberto; tres annos vos dais repartido, ora a huma cidade, ora a outras, resuscitais quasi em segredo, e apareceis a poucos, e por pouco espaço; subis aos Ceos diante de poucos, e dura muito pouco a vista da gloria com que subis; e pera serdes crucificado vos vejo em alto, á hora do meio dia, em publico, em hum monte geral, e tempo da Paschoa, que de todas as partes alli se ajuntavam, igual a ladrões, e a justos, e abertos os braços, cheio de dores, e amor? Bemdito, adorado, e glorificado sejais, Senhor, de todos os corações, e de todas as vossas criaturas: todas as outras vossas obras tiveram termo, e lhe destes cabo, como na Cruz vos vistes, ninguem vos desapega d'ella: nem tratais de testamento, nem de sepultura: só vos lembra padecer, penar, e amar; e isto quizestes que de vós nos ficasse. Aqui quizestes ser conhecido de todos igualmente, e geralmente sem diferença: porque na Cruz, e não nas honras, quereis ser imitado, e aqui folgais de ser louvado, e adorado, e amado. Oh Deos do meu coração, tão rico, tão liberal, tão largo, e tão fermoso, quem vos cativou assi dos homens? Que achastes em nós pera d'essa maneira nos amardes? Se por mim hei de julgar os outros, acho em mim razões de ser de vós aborrecido, porque nunca vos amei de todo, e puro coração, merecendo só vós o amor d'esta alma: nunca vos busquei com vivo cuidado de vos contentar: nunca vos servi com todas as minhas forças. Offendi-vos muitas vezes desobedecendo a vossas leis: vivi á vontade de minha carne, fiz a vontade a vossos inimigos: fugi sempre de padecer por vós, e comvosco: tibio, e enfastiado das cousas espirituaes, gostei sempre das terrenas: bruto pera as cousas do Ceo; negligente e fraco pera vosso serviço, esperto pera as cousas do mundo, diligente pera meus particulares gostos. Sendo este, Senhor, e muito peior do que sei dizer, que achastes em mim, pera me amar d'esta maneira? Oh amor sem medida, sem lei, e sem razão, mais que amar e arder, porque és divino! Por isso me amas d'essa maneira, porque me vês tão perdido, e tanto sem outro remedio senão de ti. Pera me remediares, te crucificas, pera me perdoares, te atormentas, pera me salvares, te offereces d'essa maneira,

e pera me mudares, fazes de ti tantas mudanças. Oh divino amor, que te darei em satisfação de tão excessiva charidade? Dou-vos a vós, infinito amor por mim, porque não vejo cousa que vos possa de todo contentar senão vós a vós mesmo, e vos ajunto todo este miseravel peccador, todo me offereço a vós, peccados, e miserias (que he a minha propria fazenda) ponho aos pés d'esta Cruz. Corpo, e alma, que me vós destes, assi desbaratado, e perdido como o tenho, assi vol-o entrego todo em vossas mãos; tudo offereço a esse, e nesse divino fogo, que por mim, meu bom Jesu, vos abraza.

Lembrai-vos, que me prometestes que como vos visseis crucificado, alevantado da terra, tudo trarieis a vós, nem fizestes excepção de nada (*). E ainda que por meus peccados sou menos que nada, não deixo de ser criatura vossa, e obra de vossas mãos. E assim como vos tenho, Senhor meu, crucificado em penhor de todos vossos bens, que comvosco me prometestes; assi tendes aqui comvosco dous ladrões em penhor de todos os peccadores, porque todos somos vossos por direito. Pois Senhor, já que agora tudo trazeis a vós, não fique eu de fóra, levai-me a vós, Deos meu, ajuntai-me a vós, e em vós me mudai todo. Triunfai, Senhor, de mim, como o amor triunfou de vós; mostrai a gloria de vosso poder, e dos thesouros de vossa misericordia em me transformardes todo em vós crucificado. Dai-me, Senhor da minha alma, que só vós reineis, e vivais nella, e que viva eu em vós crucificado, e seja pera mim ganho morrer por vós, e vida viver em vós. Nunca sahiais do meu coração, nunca de meus olhos, nunca de meu desejo, nunca de meu amor. Acabe nesta hora pera mim tudo, só vós me ficai crucificado, Jesu, amor da minha alma, Jesu, vida de minhas mortes, Jesu, todo meu bem, todo meu thesouro, toda minha bemaventurança, Jesu. Oh amor! Oh Jesu! Oh meu crucificado! Não sei mais fallar, não sei mais pedir; cale pera mim tudo, fallai vós, vivei vós, reinai vós, possui vós, abrazai vós, e ardei vós n'este coração, que d'esta hora pera sempre vosso sou: nem mais quero ter de meu, nem mais desejar, nem mais saber. Oh minha gloria! Oh minha esperança! Oh meu crucificado, e meu verdadeiro amigo, Jesu!

Oh Madre de Deos sacratissima, que nesta hora tambem estais com o cordeiro crucificada, e de dores por amor trespassada, cortada, pasmada, e esmorecida; pelas dores que vosso coração teve, quando vistes

(*) Joann. cap. XII.

alevantar em alto por cima da gente, vosso unico filho, vosso thesouro, e todo o vosso bem, e amor, sem lhe poderdes valer: valei-me a mim, pois pera isso vos elle quiz dar tanto trabalho. Fazei-me, Senhora minha, comvosco sentir as vossas, e suas dores, offerecei-me a este Senhor ao pé d'esta cruz, e dai-me nella hum logar pera por vós ser recebido, e abrazado em amor d'este Senhor: já que por mim o não mereço, alcançai-me d'elle que se outra cousa alguma, contraria d'esta, por meus peccados hei de sentir, nesta hora aqui me acabe, por não ser debalde quanto por mim este divino cordeiro, e filho vosso fez. Oh Anjos, que d'este amor dos peccadores pasmais: Oh cidadãos do Ceo, que sois fruto d'esta arvore da vida, e d'ella vos veio quanto bem tendes, ajudai este miseravel a ser por este Senhor preso á sua Cruz, recebido em sua graça, e em seu amor até á morte abrazado, e derretido; e que acabem em sua imitação, e padecer por elle esta miseravel peregrinação, e degredo. Amen.

TRABALHO XLIV

Estar horas vivo na Cruz.

Grandissimos, muitos, e incomportaveis foram os trabalhos, e tormentos, que nosso Senhor Jesu Christo teve, e padeceo na sua Cruz depois que foi n'ella pregado, e levantado em alto. Hum muito principal, e que tinha a si muitos juntos, foi morrer de vagar, e durar-lhe horas o tormento da Cruz. O qual posto que era bastante pera o matar mui depressa, pois o tomava fraco, e com muito sangue fóra do corpo, e as dores eram insoffriveis, todavia sustentava elle sua humanidade com a virtude de sua divindade, pera que chegassé ao cabo com tudo quanto determinava padecer. E como na Cruz nenhuma maneira de refrigerio tinha, deo-lhe a vagarosa morte immenso tormento, e trabalho. Porque se encostava a cabeça á Cruz, trespassava-se mais com os espinhos: se se tinha em vão quebrantava-se muito, e sentia muito mais as dores, que n'ella tinha: se a abaixava via a desconsolação de seus amigos, o jogar, e lançar sortes sobre seus vestidos, o prazer de seus inimigos, e outras muitas cousas, que o atormentavam, e lhe davam maior pena. Se se firmava nos pés, ou nas mãos, rasgavão-se mais as chagas com a dureza dos cravos. Se se não firmava, ficava todo o peso do corpo em vão: os ossos cada vez mais se desconjuntavam; os nervos cada vez mais se estiravam: as junturas cada vez mais se desapegavam; e porque a carne se estirava, as chagas com isso mais se abriam por todo o corpo, e sahia d'ellas muito sangue, que o enfraquecia, e debilitava. Assi que juntamente cada membro de seu corpo passava crueis dores: e quanto mais a vida lhe durava mais lhe faltavam as forças, que fazia o tormento muito maior; porque sendo as forças pera o soffrer menores, as dôres que com a continuação cresciam, se faziam muito maiores. Durou este tormento quatro horas pouco mais ou menos. Porque da hora de prima (que se acabava ás seis horas da manhã) até á da terça (que se acabava ás nove horas) foi o Senhor levado a Pilatos, e Herodes, e açoutado, e coroado de espinhos. E cumprida a hora de terça (como diz S. Marcos) que entrava a hora de sexta (como diz S. João) foi o Senhor condemnado á morte, e levado ao monte Calvario, aonde o crucificaram. E antes de cumprida a hora de sexta (que se acabava ao meio dia) foi o Senhor

crucificado (como dizem S. Matheus, e S. Lucas) e esteve vivo na Cruz esta parte de cumprir da hora de sexta, que seria huma hora antes de meio dia, pouco mais ou menos, viveo até cumprida a hora da nona, que se acabava ás tres horas depois do meio dia, pela nossa conta. Nas quaes tres horas o Sol se escureceo, e encobrio seus raios, e houve geraes trevas, e escuridade em todo o mundo, e toda a terra geralmente tremeo. E muitas pedras se fendiam, e arrancavam de seu logar, e muitas sepulturas de justos mortos se abriram, os quaes o dia da resurreição do Senhor, com elle resuscitaram, e appareceram a muitos, dando testemunho das verdades de nossa fé. Mas posto que todos estes sinaes ordenou o Senhor que houvesse nas suas criaturas, pera demonstração de sua magestade, e de quanta offensa recebia na morte injusta que lhe davam, com que a seu modo mostravam o sentimento, que nos humanos corações faltava dos trabalhos do Author da vida, e Redemptor do mundo; todavia, como a luz do Sol de sua natureza alegra os espiritos, e aviventa os tristes, e derribados: faltou tambem este alivio ao Senhor, as derradeiras tres horas que esteve vivo na Cruz; e por ventura que com o tremor grande da terra, tambem a Cruz do Senhor (que em nenhum trabalho comsigo dispensava) se aballaria, e lhe daria grande tormento. Espanto he poder hum corpo humano tantas horas com tamanho, e tão cruel peso de tormentos sem morrer: nem podia ter alivio senão com a morte, e tardar-lhe era o maior tormento de todos. E posto que quando Joseph de Arimatia foi pedir a Pilatos o corpo do Senhor, pera o enterrar, se espantou de ser tão depressa morto: todavia espantava-se Pilatos como quem lhe doiam pouco os tormentos, que em sua casa deram ao Senhor, bastantes cada hum d'elles pera matar hum muito rijo corpo.

Mas tal sahio elle, e tão fraco de sua casa, e tão cruel tratamento lhe fez a malvada gente a que o elle entregou, que mais parecia sobrenatural virtude, que humana, a que tantas horas sustentava a vida de hum tão atribulado Senhor. Tiveram estes trabalhos do Senhor huma addição, que os fazia muito mais affrontosos, e penosos, que sendo elle filho de Deos, os passou a mãos de huma tão baixa, e cruel gente, que cabia n'ella fazerem caso dos pobres vestidos do Senhor, e servir-lhe, e haverem mister huma manga, ou hum pedaço de nesga d'elles. Porque como eram quatro, e a veste que por elles se repartio huma só: assaz baixa sorte era da gente, que não queria perder hum quarto d'aquella baixa, grosseira, e velha veste. E porque a tunica que trazia junto da

carne, era tecida, e feita á agulha sem costura, e se se repartisse forçadamente se havia de desfiar, e não podia sua mendigaria aproveitar os pedaços d'ella, lançaram sortes pera que a levasse hum só; e aquelle em quem a sorte cahio, por ventura festejaria aquella preza, pera se cobrir como peça de valia. Esta foi a gente que tratava o Filho de Deos entre suas mãos vivo, que o açoutou, e o atormentou, e crucificou com todas as descortezias, grosserias, e baixezas, que de tal gente se podia esperar, e esta o acompanhou até que morreo, com tão crueis e tyrannos corações, e escarneos, que ao Senhor faziam, que lhe não accrescentaram pouco n'aquelle espaço seus tormentos.

E como os mares dos grandes trabalhos, que Christo nosso Senhor toda a vida padeceo, n'estas derradeiras horas vieram a fazer seu rollo, e quebrar toda sua furia: foram as immensas dôres corporaes acompanhadas de tantas outras cousas penosas (como adiante diremos) que hum enternecido, e compassivo coração não pode deixar de ficar quebrantadissimo de ver o innocente cordeiro, de todas as partes rodeado de tão crueis, e trabalhosas afflicções d'elle não merecidas. Mas o mesmo divino cordeiro n'ellas quiz mostrar, o muito que nos amava: e ver se nos podia obrigar a ser de nós muito amado. Demonstração clara d'isto he, que a humanidade, que de nós tomou, nol-a restituio n'estas derradeiras horas, tão cheia de serviços e proveitos nossos, que bem olhado o que por nós padece, vemos que cada osso, cada juntura, cada nervo, cada vea, cada particula de sua carne, nos dá por conta, pelo meudo, ou padecendo mortaes dôres; ou derramando o sangue que em si tem; ou passando outros tormentos, e penas, tanto a qual maior, que parece que tanto devemos a cada particula de seu corpo, como a todo junto, e tanto cada huma está occupada em nosso remedio, como todo inteiro. Nem faltaram aos sentidos em que não cabiam estes tormentos, outros a seu modo, com que no mesmo officio se occupassem. Porque o que os olhos viam nos amigos, e inimigos seus, e que as orelhas ouviam de blasfemias, e injurias: o que o cheiro passava n'aquelle nojento logar do Calvario, que era de mortos, e justiçados: o que o gosto padeceo com todas as entranhas com o fel, mirrha, e vinagre, e o desamparo de Deos, e de todas as criaturas, tinham todas as partes da humanidade do Senhor tão occupadas no que nos cumpria, que tudo, e cada cousa vos está pedindo, e merecendo o amor d'esta alma. Praza a este Senhor, que tão custosa grangearia não fique em vão: e que se não mate elle

por ser amado, e nós morramos sem seu amor. Mas elle não poderá fazer mais do que fez, se foramos seus deoses, por alcançar ser-nos aceito, e ser de nós amado: e nós, que o temos por Deos, nenhuma cousa por ventura temos mais esquecida, que seu amor, e o que lhe devemos. E elle que tudo isto morrendo sabia, mais com isto, que com seus tormentos, que o matavam, padecia. São estas desigualdades, que não tem sahida, nem razão, mais que ficar cada hum como quem he. O Senhor como infinita bondade, e fidelissimo amigo, e nós como ingratissimos, e desaproveitadissimas criaturas; morrendo elle por amor, e nós por não o amar.

Não passem por esquecimento entre tantos trabalhos, as divinas obras que este atormentado Senhor, no meio de suas afflicções, e com suas dôres está fazendo. Primeiramente, como cumpre perfeitamente o que antes de se ver na Cruz prometeo: que como n'ella se visse alevantado da terra tudo levaria a si. E isto não só o faz abrindo o Ceo, satisfazendo pelos peccados, fazendo do Ceo, e da terra, hum curral, e hum rebanho em unidade de hum amor, destruindo o poder dos inimigos da alma, e communicando a todas as almas infinitos thesouros de merecimentos: mas obrigando com sua brandura, e suavidade a todos os corações a buscarem n'elle todo seu descanso, e remedio. Porque assi como a dura, e ferrenha pedra de cevar com sua virtude branda, traz a si o duro aço, e ferro, e o alambre a secca palha, assi o crucificado Cordeiro provoca a ser buscado de todo o necessitado coração. Porque ainda que pondo os olhos n'elle, não vejamos senão dores, tormentos, e puros desamparos, que são cousa, que de sua natureza espantam, e tiram os humanos desejos de afflicção de cousas tão pesadas, e medonhas: todavia este divino Redemptor, e Senhor, assi temperou suas cousas na sua Cruz, que com elle só fica o penoso, e aspero, e elle só fica o afflibulado, e affligido: mas os que com amor a elle se chegam, o acham tão suave, tão agasalhador, tão brando, e tão amigo, que parece que suas espinhas se convertem em rosas; suas dôres em flores, seus cravos em lyrios, suas penas em branduras, suas chagas em doces favos, seus trabalhos em descansos, seus tormentos em refrigerios, e sua morte em descansada vida.

Assi ensina a padecer, que não espanta; assi nos poem sua Cruz, que lhe tira o rigor da carga, e peso; assi nos obriga imital-o, que tira todo o medo. Porque tudo o que nelle vemos trabalhoso, parece que

nelle gastou, e perdeo a aspereza, e a recolheo tanto em si, e a consumio, que nos dá tudo o que delle na Cruz havemos de tomar, limpo, fermoso, suave, e aprazivel.

E assi he na verdade: que em quanto o amor do mundo, e das cousas da vida nos affasta deste Senhor crucificado, affigura-se-nos rigorosa, e aspera, e pesadissima á natureza sua conversação, e imitação. Mas se nos desapegamos e chegamos, vemos o engano em que viviamos, e nos achamos tão presos de suaves cordas de amor, que desejamos padecer com o Senhor, e quasi não podemos, porque todo o rigoroso allagou em si, e todo o suave nos deixou. Prova d'isto he, que aquelles a que nosso Senhor faz mercê de lhe dar por seu amor trabalhos exteriores, ou tentações e desamparos interiores, ou tudo junto: se acham tão presos de dentro da virtude deste crucificado Cordeiro, que não tem animo pera buscar fóra delle consolação nas criaturas: e sentem no meio de tudo hum seguro e quietação, que as criaturas não podem dar: em fim, vem claramente a experimentar que as asperezas das duras pedras e cruzes que os affligem, são as proprias fontes perennaes de toda consolação, suavidade, e descanso da alma.

Acabou nosso Senhor tambem entre todos seus tormentos a obra de nossa redempção perfeitissima, e copiosissimamente. Porque como na Cruz se vio, como quem se via no lugar e hora de despacho, com seu Eterno Padre, nunca seus olhos cessaram de pedir com ferventissimas lagrimas nosso remedio, e offerecer-se com todo seu sangue, e tormentos em preço de nossa redempção. E a cabeça, que nenhum alivio tinha, tomou por refrigerio estar alevantada com os olhos no Ceo, penetrando o peito do Padre Eterno. E foi de tanta valia este preço, que por nós deo, que tudo quanto quiz acabou. Com Deos, satisfazendo inteiramente sua justiça; com os peccadores, enchendo-nos de thesouros riquissimos de merecimentos, de graças e misericordias; com nossos inimigos, acquirindó delles perfeita victoria; e com terra, e Ceo, fazendo a terra escola de seus filhos, e campo de gloriosas batalhas de seus escolhidos; e o Ceo aberto seguido pera todo o humano coração, que por elle quizesse entrar. E porque o impedimento de todos estes bens era a sentença de morte, e degredo dada contra o genero humano pelo peccado do primeiro pai, Adão, com que estavamos sujeitos á jurisdição do peccado, e demonio, e da morte, por lei escrita em nossa mesma carne de Adão; rompeo (como diz S. Paulo) a escritura d'esta sentença o

Redemptor do mundo, pregando na Cruz a innocentissima carne sua, que de Adão tomou, e rasgando-a por muitas partes com suas chagas, pelas quaes manava o sangue, que borrava a velha escritura de condemnação, e escrevia em si os novos contratos entre Deos, e os homens de perpetuas pazes, e novos legados do seu derradeiro testamento, em que nos fazia herdeiros do reino do seu Eterno Padre, e nos concedia como a herdeiros partilha dos bens eternos comsigo, que era o Filho de Deos natural morgado, e primogenito. E porque o testamento não val senão depois da morte do testador: confirmou Deos esta sua derradeira vontade com a morte na Cruz: com a qual ficamos com os thesouros de seu sangue legitimos, e verdadeiros herdeiros de sua gloria. Por isso a Lei Evangelica se chama o Novo Testamento, e a de Moysés o Velho Testamento; porque esta se mudou, e a Evangelica foi a derradeira vontade, em que morreo o testador, a qual lei deixou por condições necessarias pera entrarmos na partilha dos bens eternos. Seu sangue se chama sangue deste novo testamento, e eterno, no qual nunca haverá mudança, por ser confirmado com a morte do testador; porque por este sangue precioso somos comprados do poder de nossos inimigos, e postos em liberdade de filhos de Deos, e foi elle o preço pelo qual nos foram restituidos os bens, que tinhamos perdido, de que agora pela valia deste sangue somos herdeiros.

Mas porque o Redemptor do mundo sabia a importancia da guarda de sua lei, e de suas puras verdades pera não perdermos os bens eternos, e soberanos, de que nos fazia herdeiros; e sabia quam poderosos haviam de ser os enganos, dos inimigos que elle deixava vencidos, pera nos tornar a vencer, e cativar; não lhe faltou entre seus trabalhos e mortaes tormentos lembrança de nos deixar em si mui declaradas as verdades de sua lei, e enganos dos inimigos; pera que ninguem possa alegar ignorancia das condições pelas quaes ha de vir a ser herdeiro do reino do Ceo; pelo qual manifestamente em si reprovou e condemnou toda a soberba, desobediencia á lei de Deos, mimo e demasias da carne, vaidade da vida, amor das cousas temporaes, todo genero de cousa que nos aparta do serviço de seu Eterno Padre, e geralmente tudo o que não quadra com os exemplos de virtudes, que na sua Cruz virmos approvados. E deo preço, e valia ao odio dos peccados, á pureza da consciencia, aos trabalhos e cruzes, á mortificação da propria vontade, e gostos da vida, á paciencia nas adversidades, á humildade e mansidão de cora-

ção, á pobreza de espirito, ao amor dos inimigos, á batalha contra as tentações, e ao amor perfeito de Deos e dos proximos. E em fim (porque tudo se não póde dizer), se deixou por espelho de nossas vidas, pera nelle vermos as verdades evangelicas claramente, e nenhum se deixe cegar, e enganar; porque nenhuma cousa será em seu divino juizo approvada, senão a que não fôr em sua Cruz condemnada.

Exercicio a Christo nosso Senhor vivo na Cruz.

Todo sois meu, bom Jesu, todo sois meu, rica esperança da minha alma; e todo empregado em meu serviço, e remedio. Tudo o que tomastes de minha humanidade, me tornais com tanto custo, e trabalho, e com tanto acrescentamento, e proveito meu, que me não posso ter por pobre de vossos bens. Nenhuma necessidade tinheis de mim, quando por mim vos fizestes homem: pera mim tomastes minha humanidade, e com toda ella me remediais, com toda padeceis por mim, e com toda me servis, por grangear o amor deste coração. E já que toda dais em preço de minha redempção, vos contentastes de a dar por junto, e padecer por junto, mas contais pelo meudo, em cada parte della tomais particulares trabalhos, e em tudo ardeis em brazas de vivo amor. Dais-me vossa divindade cheia de amor infinito, e que dá infinita virtude a quanto me dais, e padeceis por meu remedio. Dais-me essa sacratissima humanidade de pés á cabeça atormentada. A cabeça espinhada: os cabellos, e barbas espedaçados de repelões por mim, as faces sacratissimas, inchadas de bofetadas; os olhos cobertos de muitas lagrimas, e que vem tantas cousas penosas que lhe dão afflicção; a boca cheia de fel, e vinagre: o cheiro atormentado com o Calvario, logar dos mortos; os ouvidos cheios e atroados de gritos, injurias, e blasfemias contra vossa divina pessoa: a garganta magoada da corda com que esteve atada, e cansada de não poder sustentar a cabeça; as sacratissimas mãos, e pés pregados com duros cravos; as carnes todas de alto a baixo de todas as partes abertas a açoutes: os nervos todos cruelissimamente estirados; as juntas todas desconjuntadas; os ossos tão apartados, que se podem bem contar: os vestidos, que vos estão jogando; as forças que se vos vão gastando, e consumindo; a vida que se vos vai acabando. A honra, pois estais entre ladrões; o cuidado, que só de meu remedio ahi tendes: vossa sacratissima Mãe, que me deixais por mãe, e senhora: vosso Eter-

no Padre, cujo filho me fazeis: vossos merecimentos, que só pera mim os quereis; vossa gloria que me prometeis: vossa misericordia, que me offereceis: vossa justiça, a que por mim satisfazeis: vossa alma, que por mim d'esse corpo apartais: a mesma morte, que por mim passais: todo vosso sangue, que sem algum vos ficar derramais: e o amor que a tudo isto vos obriga, em que ardeis. Oh riqueza minha soberana, quanto melhor guardais vós comigo peccador o amor, que mandastes que eu vos tivesse, do que eu vos tenho, sendo vós meu verdadeiro Deos

Amais-me com todo o coração, com toda a alma, com toda a virtude, com todas vossas forças, e corpo, e com quanto tendes. De tudo estais desapropriado comigo, largo, liberal, feito todo hum rico thesouro de todos os bens pera mim. Oh vida verdadeira de minha alma! Oh Senhor de meu coração! Não sei agradecer este amor, nem o sei estimar quanto merece. Adoro-o, louvo-o, quanto sei, e posso, e desejo ter as forças, e virtudes de todos os Anjos, e Santos, e justos, pera com todos vos amar, e responder a tamanho fogo de amor como me mostrais. Mas, Deos meu, vós fazeis tudo como quem sois, e eu como miseravel tudo faço miseravelmente. Mas tambem isto me destes, em vos fazerdes fraco com os fracos, pobre com os pobres, e tomardes semelhança de peccador com os peccadores; pera que todos vissem, que não esperais de nós cousa igual ás vossas, que nós não temos, mas que vos contentais com nossas pobrezas, e desejos. Pois Senhor da minha alma, tudo o que de vossa mão tenho recebido, aqui vol-o offereço, e entrego pera vosso perpetuo serviço. Corpo, alma, sentidos, potencias, vida, e morte, e os peccados, que são meus proprios; e quantos dões me destes; amigos, parentes, e engenho, habilidade, bens naturaes, e temporaes, e de graça, tudo ponho ao pé desta vossa Cruz. Até agora, bom Jesu, de tudo usei mal, e dando-m'o vós pera vos servir, e merecer vossa graça, e gloria, com tudo vos offendi, e mereci vossa ira, e condemnação da minha alma. Mas Redemptor meu, a vós me torno quanto de coração posso, aqui me entrego aparelhado pera todas as desconsolações, tribulações, desamparos, e trabalhos, que quizerdes que por meus peccados, e por vos servir padeça. Por esse amor, que me mostrais, vos peço, que de tudo vos entregueis, e tudo disponhais como mais servido fordes. Entrai vós, Senhor desta alma, nella; olhai por meus olhos, ouvi por meus ouvidos, fallai por minha boca, e movei todos meus sentidos. Abrazai meu coração em vosso amor, não me solteis nunca de vossa mão, nem me deixeis mais

tornar a meus males passados. Perdoai o que pequei, alimpai, e curai o que vos desagrada. Todo me mudai em vós, todo me transformai em vosso amor, todo me crucificai por vós, e em vós, amor, gloria, e esperança minha. Oh bondade infinita, pois tudo quanto sois, e tendes me dais, fazei vós em minha alma, que só comvosco me contente, a vós deseje, por vós suspire, a vòs tenha, e a sò vós queira. Sêde só vós meu thesouro, minha vida, minha honra, meu descanso, minha paz, meu seguro, minha riqueza, meu refugio, minha gloria. Busque a só vós minha alma, e ache-vos: só a vós vá, e a vós chegue: em vós descanse, e em vossos sacratissimos braços repouse contente, e de tudo o da vida esquecida. Oh meu unico bem, amor, e esperança da minha alma, que he isto, que esta Cruz, e estas horas que nella estais só pera vós são trabalhosas, e pera todos os peccadores são de alivio, consolação, e refrigerio? Cada hora destas, que nella estais, he pera vós mortal, porque as forças se vão debilitando, o corpo carregando mais, as mãos e pés rasgando-se, as junturas, e as chagas mais abrindo, as dores cada vez mais crescendo, e a morte se vai mais chegando. As injurias, e affrontas parece que cada hora se renovam: a dureza da Cruz não se molifica; o rigor do Padre Eterno não abranda: o Sol tirou-vos sua claridade, e de todas as partes tudo vos atribula, e afflige com mortaes tormentos. Só pera os peccadores não ha nessa Cruz, e nestas mortaes horas dôr, nem trabalho, só elles acham aqui alivio, e refrigerio. Oh divino e innocentissimo Cordeiro, pera vós só quereis as dores, tão faminto estais dellas, que não consintis que ache eu nessa Cruz cousa que me dê pena, nem que espante minha fraqueza. Bemdito, e glorificado sejais, amor divino. Se estou cativo, nesta Cruz acho liberdade; se estou em terra de inimigos, aqui acho verdadeiro, e leal amigo: se estou em ferros, aqui se me fazem brandos: se estou em carcere, aqui se me faz suave: se estou desconsolado, aqui me consolais; se estou tentado, aqui venceis meus inimigos: se me dizem injurias, aqui mas fazeis saborosas; se me levantam testemunhos, aqui me ensinais por elles eternas verdades: se me desamparam amigos, aqui me fazeis de inimigo vosso filho: se me falta o temporal, aqui me proveis; se me perseguem os homens, aqui me valeis; se me condemnam contra razão, aqui me livrais: se me roubam, aqui me restituis: se pécco, aqui me perdoais: se estou fraco, aqui me esforçais: se estou triste, aqui me consolais; se vos fujo, chamais-me; se me torno, recolheis-me: se estou ignorante, ensinais-me: se cego,

allumiais-me: se derribado, alevantais-me; se morto, resuscitais-me: se frio, afervorais-me: se devoto, muito mais me inflamais: se erro, encaminhais-me; se começo, guiais-me: se aproveito, favoreceis-me: se persevero, coroais-me. Aqui me quieto, aqui me consolo, aqui choro, aqui me alegro. Pera tudo, Deos meu crucificado, me servis: pera casa, pera fóra, pera Côrte, pera ermo, pera só, pera acompanhado, pera Paço, pera Mosteiro: pera todo estado, pera todo negocio, sois, meu crucificado Jesu, seguro couto, leal companheiro, fidelissimo amigo, sapientissimo mestre, amicissimo padre. Vejo-vos consolador meu, com as mãos pregadas, e se a vós me chego abraçais-me: estais com os pés pregados, e se vos chamo, acudis-me, e acompanhais-me: com o corpo estais preso a essa Cruz, e debilitado, e como a ella chego agasalhais-me. Logo vos acho suave, logo doce, logo amoroso, logo fermoso, logo tudo quanto de vós quero, e desejo. Que mais quero, bom Jesu, pois tudo em vós tenho? Que mais desejo, pois de tudo, e pera tudo me servis? Que faço, meu Deos, quando aqui não estou? Só quando vos fujo me pareceis aspero: só quando de vós me aparto me pareceis rigoroso: só quando de vós me esqueço, e amo outras cousas, vos hei medo. Como a vós, meu divino remediador crucificado, me chego, vejo quanto me enganava, porque logo vos acho, logo me recolheis, logo me amais, logo me encheis de bens. Oh quem nunca de vós se esquecesse: oh quem nunca de vós se apartasse! Alma minha, ama este Senhor: ama-o, ama-o, deixa tudo por seu amor. Pois tudo te faz mal, e elle só toma sobre si teus males, e tuas penas, e te dá seu amor, e seus bens. Amo-vos, bom Jesu, amo-vos minha bemaventurança, e desejo arder sempre em vosso amor.

Oh Cruz, leal companheira d'este Senhor, e de todos os seus, soltamo agora, e dá-mo, que o quero agasalhar n'esta alma: ou tu com elle entra n'ella, e crucifica-me com elle em ti; não viva eu já mais que pera ti, e pera elle, acabe já minha miseria, em ti se renove a velhice de Adão, e viva eu em novidade de espirito d'este Senhor. Oh Cruz, já que este Senhor não cansa de padecer, cansa tu de o atormentar. Tu só foste digna de ter em ti o preço da gloria. Doce Cruz, oh doces cravos, doce peso sustentais, sede pera elle já doce, pois não merece o que em ti pende o que padece. Abaixa esses teus ramos, divina arvore, dobra esses teus braços, abranda tuas duras entranhas, molifica teu natural rigor, pera que com mais brandura trates os cansados membros deste innocentissimo cordeiro. Descansai já, Senhor, de tanto padecer, vinde-vos

a esta alma, que vos deseja, e de vós tem tanta necessidade. Assentai-vos n'ella, moraí n'ella, descansai n'ella, tomai-a toda por vossa, e possui-a, pois pera vós a criastes e fazei n'ella a obra que n'esta Cruz começais. Accendei n'ella vosso amor, morrei abraçado comigo, pera que eu viva sempre abraçado de vós.

Oh sacratissima Madre de Deos, companheira fidelissima dos trabalhos d'este Senhor, vós vedes com quanto trabalho elle me buscou, e me remio, não seja isto debalde: por vós mereça eu viver elle sempre em mim, e eu n'elle, sem haver nunca entre nós divisão.

Oh Corte celestial, que d'este Senhor aprendeis a amar os peccadores; e que lá tendes festa na conversão de cada hum d'elles, ajudai-me a me converter todo a elle, amal-o, crucificar-me n'elle, e por elle pera sempre. Amen.

Doutrina breve, em que a alma pode ver parte do que o Senhor na Cruz condemna, e ensina, com breves orações pera se accusar do que lhe falta, e o pedir ao Senhor.

ORAÇÃO.

Luz divina, que allumiais todas as almas, que estão em trevas, e cegueira da morte. Luz, que Tobias cego via, quando preso de tua fermosura conservava a pureza de sua alma, e em ti tinha toda sua esperança. Luz, que ahi onde estás abatida com deshonras, e crucificada entre ladrões, não podes ser encoberta, nem com a escuridade do Sol, que encubrio seus raios, nem com a malicia de teus inimigos, nem com as affrontas, que o mundo te faz. Luz, que ahi resplandeces com eterna, e divina sabedoria, e descobres as verdades encobertas, e mostras os erros da vida humana, e a estrada certa do Ceo, e te fazes conhecer dos que te crucificaram, e confessar do ladrão, que te blasfemava, e reconhecer das pedras, que se quebram, e do Padre Eterno, por cuja obediencia morres. Lança, divina luz, teus raios a este cego, e ignorante coração, pera que veja o que n'essa Cruz condemnas, e reprovas, e o que ensinas, e approvas; e acende esta fria alma em amor de tua sabedoria, e odio do quo tu ahi condemnas, e desejo de imitar o que ahi me mostras, e mandas.

Doutrina.

Os fundamentes da vida do mundo, e os desaventurados alicerces das obras dos que d'este soberano bem crucificado andam apartados, são apostatar (como diz a divina Escritura) da obediencia, e amor, que a Deos se deve: cobiça, e affeição da carne, e dos bens temporaes, a que os olhos vem; soberba, e vaidade da vida, com que deixando a Deos, fonte de agoa viva, andamos encharcados em amor da carne, e amor da vida, e de cousas terrenas: soberbos, alevantados, presumindo de nós, não sendo nada, como se fossemos alguma cousa. e amando-nos mais que a Deos, summa riqueza, e soberana bemaventurança, que só merece ser amado. E todos os peccadores filhos de Adão, por estes caminhos entramos, e andamos, e de Deos nos apartamos: e por elles chegamos a estar diante d'este Crucificado, juiz soberano, tão mortaes, tão perdidos, tão chagados, tão longe do que n'elle vemos, como elle clara luz em nós vê. Tudo isto este Filho de Deos vivo, e divino mestre nosso, condemna, e reprova d'esta Cruz, onde está tão cheio de trabalhos, e afflicções: soffrendo, amando, e morrendo. Calando grita, e sem fallar, maldiz, affasta de si, e derriba todos estes fundamentos, e desaventurados alicerces da vida mundana, e todos os males que d'elles nascem, e sobre elles se fundam. E começando pela soberba da vida, que o Senhor aqui condemna, bem se vê que o cordeiro Jesu, sendo igual ao Padre, por amor de nossas pobres almas, e de todos os peccadores se humilhou, e sujeitou a quantos o quizeram prender, atormentar e escarnecer, blasfemar, julgar mal, condemnar, crucificar e matar. Sendo o preço da gloria, a honra do Padre Eterno, a magestade divina, que todos adoramos, se fez mais baixo que os bichos da terra, opprobrio, e deshonra do mundo, e o puro abatimento, affronta, e escarneo do povo. De que presumimos, peccadores, quando assi este Senhor vemos? Se elle quiz, que de sua divindade, e suas verdades, de sua divina pessoa, de sua sagrada humanidade, de suas divinas obras, de sua innocentissima vida, e purissima doutrina seus inimigos escarnecessem, e em quanto podessem o abatessem, que lugar nos fica a nós soberbos n'elle crucificado? Assi reinou, assi nos mereceo os bens da gloria, assi nos mostrou que nos humildes corações he sua gostosa morada, assi se declarou quam grande odio tem, e quam contrario he á soberba da vida humana.

ORAÇÃO.

Oh meu humilde Jesu, humilhai minha soberba, imprimi n'estas miseraveis entranhas vosso espirito, gastai em mim a raiz da soberba, que comigo nasceo, comigo cresceo, comigo anda, comigo sempre se acompanha, e em tudo se me mistura, até comvosco fallando, e de vós tratando, a acho em mim miseravel. Fazei, Senhor, vossa virtude em mim, e confundi esta soberba, dai-me perfeito e entranhavel odio de mim mesmo, e de toda a cousa que me pode fazer de mim presumir: e hum intimo amor da santa humildade, e de desprezos, injurias, e abatimentos, pera que mereça ser vosso discipulo, amigo do que vós amais, imitador do que aqui crucificado me ensinais, e aborrecedor da soberba, que aqui maldizeis.

Doutrina.

Esta humildade fez o Senhor tão obediente ao Padre Eterno, que por amor, e obediencia morreo morte de cruz, tão deshonrada. Declarou-se, e ensinou n'isto, que d'esta maneira quer que seja sua obediencia estimada: n'esta conta quer que seja tida sua lei, e que se for necessario á custa da honra, do sangue, e da vida se guarde, e que tudo mais fica por baixo, e tão reprovado, como peste, e peçonha da alma. Assi nos desenganou, que nenhnma escusa, nem achaque receberá contra sua lei, e que quem quizer mais razão, pera obedecer ao que manda, que mandal-o elle, não será seu. Oh desaventurados de nós, quanto tem este precioso sangue que lavar, e curar em nossas almas! Por quam baixas cousas deixamos a lei d'este Senhor, quanto mais estimamos torpes gostos que a ella! mais val comnosco a lei do mundo, que os homens approvam o que todos errando fazem, e o que os homens cegos de nós dirão, que a obediencia de sua santissima lei. Oh como vai o mundo, que seguimos, errado!

ORAÇÃO.

Oh misericordioso Senhor, ponde meu coração de todo em vós, não me deixeis espalhar pelo que até agora segui. D'aqui me torno a vossa obediencia. Meu desejo presente he viver sempre sujeito a vossa vontade, antes morrer mil mortes, que offender-vos: entregai-vos, Senhor meu,

d'esta alma, e tomai-me todo á vossa conta, e não me deixeis cahir nunca d'esta presente vontade, que me dais. D'aqui por vosso amor renuncio todas as leis do mundo, e todas as culpas que contra vossa lei commeti; peza-me entranhavelmente d'ellas: perdoai-as vós, Senhor, com virtude d'essas chagas, e me sometei perfeitamente a vossa obediencia. Fazei, Redemptor meu, força a todas as almas, com este amor que aqui nos mostrais, e rendei a todas a vossa obediencia. Oh se já todos quantos no mundo ha fossemos huma manada de ovelhas vossas, todos de vosso curral, e todos ouvissemos vossa voz, e todos seguissemos a vós, divino pastor nosso! Oh amor, que tudo podes, accende-te, dilata-te, abraza todas as almas, destrue já estas desobediencias de tua lei, somete todo coração cativo de tua bondade e fermosura.

Doutrina.

Pois o outro fundamento do mundo, que he cobiça da carne, e de quanto os olhos vem, que cativa as almas, e pelo qual com máo amor perdemos as verdadeiras riquezas, que lugar tem n'esta Cruz de Jesu, que tão claramente n'ella condemna toda a demasia da vida? Está n'ella tão nú, tão desapegado, tão pobre, que nem hum pucaro de agoa tem pera sua sede; tão sem mimo, e regalo, que pera nenhum membro de seu corpo tem descanso, nem onde recline a cabeça, nem onde sustente os pés, nem onde encoste seu cansado corpo; sómente tem dores, e aspereza de cruz. Sem vestido, sem comida, sem mimo, sem dinheiro, sem fazenda, sem musicas, e cheiros, sem louçanias e jogos: com dôres, com affrontas, com abundancia de toda a cousa trabalhosa, e com mingoa de toda consolação, e alivio acaba a vida. Oh vida mundana, oh vaidade da terra, oh regalos, e mimos da carne, oh torpes gostos d'ella, oh cobiças de dinheiro, e fazenda, oh tratos, e negocios temporaes demasiados, que occupais, e perverteis as almas, onde ficais? Que lugar tendes n'esta Cruz, e apar d'este Senhor?

ORAÇÃO.

Oh misericordioso Jesu, perdoai-me quantas vezes vos perdi por amor de tudo isto que condemnais: quantas vezes fiz mais por este inimigo corpo, que por vosso espirito. Oh divina piedade, aqui cala minha lingoa, e grita a vós o segredo do meu coração, contra a abominação de

meus pensamentos, e de meus desejos, e de minhas affeições, que não posso a vossos divinos olhos encobrir. Pequei Senhor, pequei muito, e lamento: confesso minhas enormes culpas, e desaventurados peccados, misericordia, misericordia, misericordia. Valei-me, chagas de Jesu, valei-me, Cruz de Jesu. Mandai, Senhor, a todas as criaturas, e a todos os tormentos, que vinguem em mim vossas offensas. Mudai-me, piedoso Jesu n'esta hora, por vossa infinita bondade, de carne em espirito, de vaidade em verdade, de terreno em celestial, e acabe já a má vida, e se não ha de acabar, acabe de todo a vida: porque melhor me he morrer, que offender-vos. Oh se crucificasseis já, Senhor, os olhos, lingoa, e todos os sentidos d'este terreno homem! Se crucificasseis todos meus desejos terrenos, e baixos! Pois esta obra ha de ser vossa, começai-a logo; viva eu só pera vós, e em vós puro, espiritual amador d'estas verdades, e aborrecedor do que até agora contra vós perversamente amei.

Doutrina.

Geralmente este divino Mestre, se offerece n'esta Cruz ao mundo, e a todas as verdades. A todos sem excepção declara, que pelo que aqui approva ou reprova, nos ha de condemnar ou salvar. Aqui se dá por mestre, pera que em todos os negocios, e obras de fóra, e em todos os desejos, affeições, e amor da alma de dentro, o que n'esta Cruz se pode justificar lhe he aceito, e o que for fóra d'estas leis, que aqui dá, lhe não ha de contentar. Nossa culpa he se erramos, pois não queremos pôr os olhos n'este claro, e divino Sol crucificado. Cegamo-nos com nossos desejos, damos côres a estas tão puras e claras verdades, trocamos os sentidos de suas purissimas obras, com falsas razões d'esta humanidade. Erramos, porque não queremos someter-nos a sua divina sabedoria, e exemplo, que aqui nos dá esta luz soberana, verdade certa e segura das almas.

ORAÇÃO.

Tirai meu olhos, Senhor, de toda a vaidade, e de mim, ponde-mos sempre em vós, e traga-vos eu sempre presente em minha alma: e louve-vos de todo meu coração por tamanha mercê.

Doutrina.

Não só este Senhor crucificado desengana, e desfaz os perversos fundamentos da vida humana, e terrena, mas tambem descobre a verdadeira vida espiritual tão claramente, que se não póde enganar, senão quem o não quizer com puros olhos da alma, e amor olhar. Porque crucificado consagrou a mortificação do desordenado amor de toda a cousa abaixo de Deos; a total entrega a sua divina vontade sem resistencia, nem excepção de cousa, que se possa imaginar, com profunda, e humilde obediencia, puro, e desapegado amor de tudo, o qual exercita todas as virtudes, e cumpre todas suas vontades. Este quiz que fosse o real caminho do espirito, este consagrou aqui, este ensinou, e approvou, e d'este se fez n'esta cruz divino mestre, e espelho. Aqui n'elle crucificado, tem o que começa por onde caminhe, e se aproveite, aqui o perfeito onde se acabe de consumar em todo bem, e virtude. Aqui tambem este Senhor cheio de dôres, como está, ensina a lei certa do amor; que he deixar tudo pelo todo; só a só: unico a unico: nú a nú: entregar a amar, sem lei, sem medida, sem termo. Amar padecendo, e padecer amando: nem achar na impossibilidade achaque, nem na fraqueza escusa; porque se he puro, tudo pode, nada teme: detido não se detem, preso está livre, ardendo não se queima, vivendo morre, e morrendo vive; porque, só do crucificado Jesu vive, e com elle vivendo morre, pera sempre viver. Como claro se vê, que elle morrendo por puro amor, viveo pera sempre.

Aqui crucificado mostra a liberdàde verdadeira da alma, que puramente o ama. A qual não ha de ser livre pera fazer sua vontade, e não ter de ninguem contradição; mas de nada estar cativa, nem presa de nenhuma affeição, senão d'elle: e de tudo estâr livre, e desapegada, e pelo possuir a elle; e que nem amor, nem odio de cousa alguma a prenda por estar livre pera padecer muito, pera deixar tudo, pera aborrecer tudo, pera ser aborrecida de todos, e de tudo, por hum só crucificado, qué ama, e em quem tem tudo.

Aqui crucificado mostra a semelhança dos quatro dotes da gloria, que em sua maneira, como em imagem, tem a alma crucificada, e que pura, e perfeitamente o ama. Porque pura, e limpa, presa de seu amor, perfeita, e puramente a elle unida em carne mortal, parece impassivel. Porque nenhuma afflicção, nem tribulação a derriba, nem entristece: nada desfaz, nem diminue a pureza de seu amor, como que nenhuma

sensivel lhe chegasse possuida, e transformada do amor a que está entregue. Alargando elle comsigo todas suas potencias, e sentidos, e supprindo, e esforçando as fraquezas da natureza, a que ainda n'este degredo está sujeita. E tem n'isto a alma huma maneira de imagem d'aquella imperturbavel impassibilidade da glorificada alma d'este Senhor, a qual nenhuma cousa, das que nos mares de seus tormentos padecia, lhe chegava.

Mostrou tambem o Senhor em si, que na pura, e perfeita união de seu amor tem a alma semelhança da glorificada claridade, e em alguma maneira penhores d'ella (ainda que mui desiguaes do que na patria ha) porque não só por pureza e limpeza interior, mas tambem pela luz das verdades, que entende, e sabe, em que Deos a allumia de dentro, em só Deos está occupada, e d'elle toda allumiada, e aos olhos divinos clara, e resplandecente. Por onde assi como nenhum abatimento foi poderoso pera encobrir a luz das verdades d'este Senhor crucificado, assi em esta alma tanto mais resplandece a luz d'estas verdades, que ama, quanto maiores são as trevas d'ella, que no mundo reinam. He esta alma sutil, que tudo penetra, nem ha cousa pera ella tapada, e cerrada, que a possa impedir da occupação que em Deos tem, n'elle toda embebida, e d'elle presa. Como este Senhor, que tendo contra si quasi muros de aço cerradissimos, tudo penetrou até acabar suas divinas obras, e abrir o Ceo, e nos pôr no seio do Padre Eterno. Em fim mostrou que a união perfeita de amor puro faz a alma ligeira pera subir, e sem meio se pôr n'aquelle, que em ella reina; e pera tudo o que seu amor d'ella quer. Tudo tem crucificado, tudo possue pobre, em tudo reina no mundo abatida: porque em tudo ama a Jesu crucificado, que a ensina.

ORAÇÃO.

Oh quam baixo fico, Senhor da minha alma, e quam terreno com estas verdades tão claras que n'esta Cruz me mostrais! Mas Deos meu, pera isso estou aqui ao pé d'esta Cruz pobre, e miseravel pedindo misericordia. Comam os filhos amados esse divino pão inteiro, lançai a este miseravel, e terreno cão de vossa casa as migalhas, que come a Cananea, com ellas me farturei, e ellas me farão tal, que possa ser de vós alevantado á pureza de espirito. Dai-me, Senhor o espirito d'essa vossa Cruz, luz d'estas eternas verdades, e amor abrazado, com que nunca d'aqui, crucificado Jesu, me

aparte. Oh amor! Oh suavidade soberana! Oh esperança minha perfeita! Oh vida verdadeira da minha alma, ouvi-me, e mudai-me em vosso espirito de agora pera sempre!

Oh Madre de Deos perfeitissima amadora d'este Senhor, que recebestes d'elle quantos bens tendes, não só pera vós, mas pera por vosso meio se nos communicarem, havei misericordia d'este pobre miseravel, que peço ao Senhor remedio, pera fugir de mim, e todo estar n'elle: já que elle isto mesmo quer, tirai de mim todos os impedimentos, e favorecei-me pera me mudar de terreno em puro espirito de amor. Oh Anjos santos! Oh Corte celestial, já fóra dos perigos da vida; já abrazados e possuidos d'este amor; ajuntai á vossa companhia este miseravel, e pois fui por este Senhor redemido, seja por vossa intercessão d'elle justificado, mudado, transformado. Amen.

TRABALHO XLV

Escarneo das verdades de Christo.

Teve Christo nosso Senhor em todo o processo de sua sacratissima Paixão, hum genero de trabalho muito grande, e que atraz fica algumas vezes apontado, mas deixei-o pera tratar d'elle neste logar, porque nas horas que esteve na Cruz passou a mór parte d'elle. O qual foi vêr, e ouvir escarnecer das verdades de sua pessoa, e doutrina E d'este trabalho na Cruz se vio de toda a parte cercado, porque os passageiros que caminhavam, os soldados que o guardavam, os ladrões que com elle estavam crucificados, os Sacerdotes, Principes, e Judeos, todos d'elle escarneciam, e blasfemavam; e entre todos o manso cordeiro ouvindo, e calando, tudo com grande tormento sentia. Tinha já o Senhor aquella noite atraz, e aquelle dia padecido dous gravissimos escarneos, e desprezos de sua sacratissima pessoa. O primeiro em casa de Caifás, onde escarneceram de sua eterna sabedoria, cobrindo-lhe os olhos, e dando-lhe muitas bofetadas, dizendo: «Profetiza quem te deo.» E o trataram como a falso profeta. Porque como elles tinham experiencia de Christo nosso Senhor lhes ver seus pensamentos, e lhes saber seus interiores, pelo qual nunca o poderam enganar, nem tomar em palavra, nem lhe armaram nunca cilada, que não ficassem publicamente abatidos, e envergonhados, andavam d'isto tão magoados, e raivosos, que como se viram com elle entre mãos, tão sujeito, e sem o povo, de que se corressem, e todos na malicia huns, e companheiros, quizeram-se fartar de desprezar sua sabedoria por este tão desaforado modo. E assi burlavam d'elle na cousa em que andavam mais magoados. E assi como os irmãos do Santo Joseph, quando o houveram á mão, e pertenderam acabal-o (*), não lhe chamavam senão o sonhador, em desprezo das verdades, que sonhára da preeminencia que havia de ter sobre todos elles: assi estes em desprezo da verdadeira, e mais que humana sabedoria que o Senhor tinha mostrado, motejando de sua profecia. Como quem diz: «Adivinha, falso profeta, quem he cada hum, e põe o dedo em quem te deo (se o és) ainda que tens os olhos tapados.» Estes, como costumados a cegueiras da alma, e successores d'aquelles que cobriam o rosto a Moysés, por não poderem soffrer a luz que da conversação, e pratica de Deos trazia,

(*) Genes. cap. XXXVII.

taparam os olhos á luz divina, que diante de si tinham, que nunca quizeram ver, nem receber, trazendo-a entre si, pera ficarem sempre cegos. Mas essa soberana luz, por então se deixou cobrir, e desprezar, podendo mui facilmente confundil-os, pera que desconhecida, não houvesse cousa que impedisse as obras, que por nossa redempção desejava fazer: todavia como sabia de si quem era, não lhe era pequeno tormento ser assi tratado, como se fora falso profeta, e mestre de falsidades, d'aquelles que ácinte se cegavam, e consagravam as falsidades por verdades, e por então faziam a sua.

O outro escarneo a este semelhante, padeceo em casa de Pilatos, com mais desprezo, e menos respeito de sua divina pessoa. Porque com os olhos destapados, vestido de escarneo, e coroado d'espinhas, com sceptro de cana na mão, e roda, e praça de soldados (como temos dito) lhe davam muitas bofetadas, cuspindo em seu sacratissimo rosto, diziam: «Ave, Rei dos Judeos.» Tudo isto se fez com tamanho desaforamento, como se fora hum publico truão, falsario, e traidor, e por tal conhecido. Mas o Senhor, como se fora culpado, e convencido, tudo soffreo, e deixou por então levar ávante as mentiras de seus inimigos: sendo-lhe muito leve mostrar-se Senhor do Ceo, e da terra, e fazer-se servir, e honrar, e obedecer dos elementos, e de todas as criaturas, como seu verdadeiro e soberano Rei. Mas como tinha já dado licença aos mares das tribulações que se empolassem, e se alevantassem contra elle, não quiz fazer por si cousa que lhe podesse fazer seus trabalhos mais leves, e menores suas affrontas. Afóra estas duas tão notaveis injurias, que a Christo nosso Senhor seus inimigos fizeram, por escarnecer das verdades de sua pessoa: todas as accusações, e falsos testemunhos que diante dos juizes contra elle allegavam, todo profano, e affrontoso tratamento, que publicamente pelas ruas, e praças de Jerusalem lhe fizeram, o principal, a que atirava, era desfazer em sua santidade, e nas grandes demonstrações, que da magestade, e divindade de sua pessoa tinha dado, e em escurecer as puras, e claras verdades de suas divinas palavras.

Mas depois de crucificado as horas, que esteve posto na Cruz, tresbordou este genero de trabalho em tantos generos de zombarias, e desprezos, que alguns tem este pelo maior trabalho de todos os que passou em sua sacratissima Paixão. Porque como se tem ordinariamente por mais trabalhosas de passar as cousas que se mais sentem: parece-lhes que tem este genero de trabalho maiores razões de sentimento que to-

dos os outros. E por isso ainda que todos os trabalhos, e tormentos do Senhor foram tamanhos, e assi parece cada hum o maior, que se não deixam comparar, nem cotejar hum com outro, este todavia tem por muito mais penoso. Porque nos outros trabalhos não só a dor, e soffrimento d'elles, mas elles mesmos em si podem ser desejados, e de quem por amor os padece, pera nelles o amostrar. Porque açoutes, coroa de espinhos, bofetadas, cruz, fel, e vinagre, e outros corporaes tormentos de sua natureza, ainda que atormentam o corpo, são muitas vezes instrumentos da divina honra, que sobre tudo mais se estima. Mas blasfemar de Deos, desmentir as verdades eternas, desfazer nas soberanas demonstrações da divindade, e magestade do Filho de Deos, ainda que Deos saiba tirar d'ellas o bem que pertende, todavia de sua natureza são cousas, que por tocarem tanto na divina honra, ainda que se podem por justo respeito soffrer, por nenhuns se podem desejar, mas por todos aborrecer. Sendo logo nosso Senhor, como era, o principal zelador da divina honra, e que por ella morria, tinha neste genero de trabalho, muito mais que em todos que soffrer, muito que aborrecer, e nada que desejar, com razão se pode ter pelo maior de todos, e em que elle mais que em todos, mostrou maior soffrimento, e paciencia. E quem tiver na vida passado alguma cousa d'elle, entenderá quanto maior perfeição de paciencia, e maior graça de Deos he necessaria pera soffrer este com quietação da alma, que todos os outros da vida. Porque padecer com culpa a pena merecida, a justiça, e a consciencia convencida, rendem o homem a soffrimento. Padecer como máo sendo bom, e ser tido em má conta contra razão, que parece cousa insoffrivel, tem outras muitas razões, e muito efficazes, e divinas, de gosto, e infinito prazer interior, com que muitos Santos n'isto mais que em tudo se alegravam. Mas ver desmentir verdades puras, santas, ou catholicas, quanto o amor de Deos for maior, e o zelo de sua honra mais perfeito, tanto maior ha de ser o sentimento, e mais heroico o soffrimento. Este teve o Senhor com tanto silencio, como se fora insensivel: porém seu coração sem duvida padecia mór sentimento, que o corpo em suas dores, e tormentos. E como elle na Cruz, e entre ladrões estava como alvo á malicia, odio, condições, e baixos entendimentos de todos; tambem todos tiveram contra elle maior atrevimento, e todos o desprezaram nesta parte, em tudo o que poderam. Os que hiam caminhando meneavam a cabeça por escarneo, dizendo a vozes, e como dando-lhe vaia: «Tu és o que destroes o

Templo de Deos, e em tres dias o tornas a edificar? Salva-te a ti mesmo, e se és filho de Deos, desce d'essa Cruz.» Vituperando n'isto seus milagres, com que livrou a muitos de graves doenças, e mortes, e julgando tudo por feitiçaria, e engano, lhe dizem: «Pois salvou a outros, salve-se a si, e mostre a virtude de filho de Deos (se o he) em descer da Cruz.» E pode tanto o falso entendimento, que os Fariseos tinham dado ás palavras de Christo com o povo ignorante, que depois que o vio crucificado, lhe lançava em rosto o que elle tinha dito do Templo de seu corpo, como cousa dita contra o Templo de Deos material, porque assi o tinham os Fariseos interpretado falsamente, pera desfazer sua divina virtude: pois mal a teria pera destruir, e edificar hum templo em tres dias, quem a não tinha pera se livrar do tormento da Cruz.

Os Principes dos Sacerdotes, e velhos do povo, zombavam do Senhor pelos mesmos termos, dizendo: «Livrou aos outros de seus trabalhos, e a si não se pode livrar.» E olhando huns pera os outros motejavam, dizendo: «Se este he Rei de Israel, desça agora da Cruz, e creremos nelle.» E o que mais pesado era ao Senhor de soffrer, he que escarneciam da confiança que elle tinha em Deos, e diziam: «Pois confia em Deos, livre-o agora d'aqui se quer, e pois elle se gabava que he Filho de Deos, mostre agora que o estima, e livra como filho seu.» O povo todo imitando, e seguindo seus Principes, pelas mesmas palavras, dizia: «Se este he o Christo escolhido de Deos, livre-se, pois salvou a outros.» Os soldados da mesma maneira chegavam-se a elle, offerecendo-lhe por escarneo, vinagre por vinho, e diziam: «Se tu és Rei dos Judeos, livra-te d'aqui, e põe-te em salvo.» Os ladrões que com elle estavam crucificados, ambos juntos no começo, e depois que hum d'elles se converteo, o outro obstinado em quanto esteve vivo, blasfemavam do Senhor crucificado, pois lhe não valia n'aquelle tormento, já que o tinha feito a muitos em suas necessidades. E que se era Rei, e tinha ser, e virtude de Rei soberano, que se livrasse a si, e a elles. De maneira que todos, a qual mais podia, blasfemavam do Senhor, e escarneciam de sua divina pessoa, e zombavam de suas soberanas verdades, e desmentiam, e abatiam suas heroicas grandezas. Acrescentava muito esta affronta o modo, com que diziam estes escarneos, porque era quam feio podia ser. O ladrão com raiva de se ver sem remedio em seu tormento: o povo cuspindo pera o ar, e com grandes risadas, e varias invenções de pragas: os Sacerdotes, e Principes com soberba inchados, e contentes de terem

posta a sua no cabo, e de verem que tinham victoria de sua malicia desejada, e que ficavam seus perversos ardis, e odios, justificados com o povo. Os caminhantes abanando suas cabeças, como mostrando que em fim se vieram a descobrir as verdades. E todos pasmados, e encarecendo quanto tempo usára de manhas, e com quanto ardil trouxera o povo enganado! E ainda que os sagrados Evangelistas escrevem tudo isto em muito curtas palavras, todavia de tão ingrata gente, e tantas mercês como tinha d'este Senhor recebido, de tanta malicia, e odio, como seus contrarios lhe tinham, e de tanto desaforamento, e profanidade, como costuma haver em soldados, e povo baixo e miudo, se pode cuidar, que muitas mais palavras, e muito maiores deshonras se diriam ao Senhor, que as escritas. Alli se repetiriam muitas vezes aquellas costumadas blasfemias dos Fariseos, que se viam triunfar como desejavam:» Não diziamos nós bem, que eras tu hum endemoninfiado, enganador, Samaritano, e que por feitiçaria, e commercio, que tinhas com o Demonio, fazias tuas obras? Se isto he mentira, livra-te das nossas mãos.» Outros perguntariam alli por seus Discipulos, e escarneceriam de o ver sem elles.

Outros com festa, e zombaria lhe commeteriam que prégasse, que o ouviriam. Alli lembrariam em particular seus milagres, e suas palavras, grosando tudo com diabolicas blasfemias. Alli lisongearia o povo a seus principes e maiores, e lhes dariam parabens da cousa tambem acabada, e os gabariam de gente de entendimento, e de experiencia, e de governo. Emfim, tudo se faria, e diria alli peior do que podemos dizer, nem imaginar: e como de gente tão maliciosa, e de tão damnados e velhos odios como ao Senhor tinham se podia esperar. E tudo bem olhado sem mais palavras, nem encarecimento, está mostrando, que trabalho passaria o crucificado cordeiro, que sabia as verdades de si, e dos corações dos blasfemos, e as damnadas tenções de todos, ouvindo de toda a parte tantas affrontas, e escarneos.

He este hum genero de cruz, e trabalho, que nosso Senhor muitas vezes ha de seus móres amigos, e das almas, que quer muito desapegar do amor proprio, e do mundo, pera lhe fazer muitas mercês interiores. Porque como prudentissimo capitão da conquista da gloria, e sapientissimo mestre do campo, onde os filhos e escolhidos de Deos são exercitados, commete aos mais valerosos, e esforçados fronteiros, as cousas mais perigosas, e em que mais honra se ganha, e mais merecimento. Mas como

esta batalha não só tem contra si a natureza, mas muitas vezes parece que encontra o zelo da virtude, cumpre pera se não perderem, d'este divino Cordeiro aprender a luz da verdadeira doutrina, e perfeição evangelica, e d'esta má e perversa gente os erros, e cegueira dos que não caminham pelos passos, e perfeitissimos exemplos d'este Senhor. Vemos nos inimigos de Christo nosso Senhor, que a primeira cousa que fizeram foi, tapar os olhos á luz, pera melhor fazerem sua vontade, e não ser vista a fermosura de sua claridade, que os podia confundir. Vemos, que não com justiça, e razão, mas com escarneos e gritos, querem cegar a verdade; e pera isto se aproveitam da ignorancia do povo, e do desaforamento dos soldados. Vemos, que o povo não approva o que os Sacerdotes e Principes fazem, por mais santos, nem por melhor acostumados, senão por mais manhosos, e mais poderosos, que melhores ardis tem pera pôrem a sua no fito, e que quando vem ao Senhor calado, então o tem por derribado, e vencido. Vemos approvar por bom governo, perseguir o justo, abater suas obras como prejudiciaes á républica, e aos intentos mundanos. Vemos a gente mais ambiciosa da terra, a mais invejosa, e a que menos trata da honra de Deos, e santidade, e mais da sua propria, e de sustentar a vaidade, essa ser mais inimiga das verdades, e virtudes do Senhor, e trabalharem mais pelas abater, e não lhes faltar pera isso dignidades, valias, e tudo o que desejam: e que porque n'estes cargos não andam os melhores, ser o innocente cordeiro, e suas verdades dos maiores mais perseguidas. Vemos o povo deshonrar ao Senhor, e lançar-lhe em rosto suas obras, não com a verdade, que tinham n'elle exprimentado, mas com os falsos entendimentos de seus maiores; e reinar n'elles mais o desagradecimento, e cegueira, que o amor das puras verdades. Vemos os ladrões, que blasfemam, pôrem sua bemaventurança toda em sahir de seus tormentos e cruzes, não terem por filho de Deos o cordeiro divino, porque d'ellas os não tirava. Geralmente em todos vemos reinar malicia, prevalecer odio, e com isso terem por falso o justo abatido, e terem por falsas as esperanças que o cordeiro tem em Deos, quando Deos não acode ao tirar logo de seus trabalhos. D'estas proprias condições são todos os que perseguem a virtude com côr de bem commum, e de zelo santo; e por estes passos contados caminham pera prevalecer, e se sustentar em seus intentos.

Por outra parte vemos ao Filho de Deos aferrar-se a sua Cruz de maneira, que não ha cousa que d'ella o tire, em quanto lhe dura a vida.

Vemol-o calar, e não se defender com palavras, nem sahir por si. Vemol-o no tempo de padecer encobrir sua virtude. Vemos o Padre Eterno não sahir então por sua honra, e deixal-o abater á vontade dos inimigos. Vemos o ladrão convertido, como lhe Deos abrio os olhos, conhecer entre tantos desprezos a divina virtude do cordeiro; e não tratar já de sahir do tormento, mas de alcançar o Paraiso. Vemos este Senhor entre todos estes escarneos, fazer suas divinas obras (como no capitulo atraz fica dito) reinar nos corações dos escolhidos, e ser conhecido de todas as nações do mundo, e salvar todos os peccadores, e resuscitar em gloria, e julgar seus proprios inimigos. Por onde seus verdadeiros imitadores, estas verdades hão de ter por espelho, de não quererem outro modo de victoria, senão a que vem em seu capitão, que quando parece que se retira, e foge, então volta sobre todo mundo com puras verdades, e vence. Lancemos os olhos no governo, que Deos usa em sua Igreja, e acharão que sendo a cousa mais necessaria a suas ovelhas, haver entre ellas muitos servos seus, e muitos imitadores de suas virtudes: nosso divino Pastor huns deixa matar dos lobos, e outros deixa perseguir, e acanhar dos máos; entrega a cabeça de seu amado Bautista a huma adultera; as vidas de seus Apostolos a inimigos de seu nome; e outras çousas muitas faz a este modo, porque vê com sua eterna sabedoria, que melhor está sua Igreja rica de virtudes, e exemplos, soffrimentos, merecimentos, e mortes gloriosas de seus Santos e de suas vidas. Nem he muito que Deos permitta que na casa dos cegos o mais cego seja rei; e na casa dos maliciosos o mais malicioso seja o mais grande; e que seus servos, que andam entre elles allumiados de sua luz, não sejam vistos, nem ouvidos, antes das proprias virtudes lhes armem laços pera os derribar! Mas como a propria casa, e reino dos servos do crucificado Jesu, he o Ceo, permitte esse Senhor, que sejam no mundo conhecidos em quanto importa pera salvação de alguns escolhidos, e que por derradeiro sejam abatidos, pera que tenham seu olho só na vida eterna que esperam, e que o mundo nunca se possa gabar que alevantou, e honrou os filhos de Deos, e elles conheçam que de Deos, e não do mundo pendem seus verdadeiros bens, e sua certa honra. De duas cousas estejam advertidos os servos de Deos, porque o zelo da virtude, entre as perseguições dos máos os não engane, e faça perder a paz interior. Huma, que nunca Christo nosso Senhor, está no mundo mais honrado, e suas virtudes nunca tem entre os homens seu devido lugar, senão,

quando elle crucificado he mais ao vivo dos seus imitado: e quando nos olhos dos homens, os seus se prezam mais de imitar seus desprezos, que quando com inquietação procuram alevantal-o. Isto he o que com a divina virtude vence: isto o que tarde, ou cedo reina, e prevalece. A outra he, que se guardem muito de occupar a vida, e cuidados em desfazer com manhas os ardis dos perseguidores das virtudes, e contraminar suas artes com outras, que a mansidão do divino cordeiro não ensinou, porque forçadamente hão de ser d'elles vencidos, e a si mesmos hão de achar mais desaproveitados. Porque os que só pertendem sustentar-se a si, e fazer guerra á virtude, são commumente officiaes cadimos de manhas, e ardis humanos. Porque como não tratam da honra de Deos, e da pureza da virtude, senão da côr só d'ella, por desfazer onde ella está só pura, e verdadeira; primeiro que tudo perdem o temor de Deos, e refinam-se em achar ardis pera tudo o que pertendem. E os olhos que tratam da pureza das virtudes, vivem de simplicidade santa, de prudencia do Ceo, de paz interior, e de contentar só os olhos de Deos: e tirados d'aqui pera desfazer as artes dos máos, com humanos conselhos, dão em officiaes cadimos, e em soldados velhos; que fazem mais em huma hora, que elles em toda a vida: e dão occasião de ficar a virtude mais confusa.

O bom he, pelejar com armas desiguaes, com perfeita paciencia, com pura fé em Deos, com olhos, e esperança posta no Ceo, com pureza de amor do proximo, e com o mesmo amor rogar pelos inimigos, com silencio, e inteiro soffrimento, porque estas armas tem a divina virtude comsigo, e não ha minas, nem ardis que as derribem. Em fim se o crucificado for imitado, seu servo sahirá victorioso, e coroado.

Exercicio do escarneo das verdades de Christo.

Adorem-vos, Deos da minha alma, Filho de Deos vivo, esperança de meu coração, o Ceo, e a terra, os justos, os peccadores, os Santos, e Anjos do Ceo: e eu com elles vos adoro, vos louvo, vos bemdigo, e vos dou infinitas graças, por este gravissimo trabalho, e tormento, que quizestes nessa Cruz padecer. De verdade, Senhor, os mares das tribulações vos alagaram, e as ondas das immensas dores, e affrontas vos cobriram; pois não só encheram vossos membros sacratissimos de tormentos crueis, e sem piedade: mas já que vossa divindade não podia

padecer, a offenderam com deshonras, e injurias tão enormes, que o zelo, que em vós arde, da honra divina, vos fazia sentir isto muito mais que as dores que padecieis corporaes: e soffrer corporaes tormentos, estar entre ladrões como seu capitão: padecer falsos testemunhos, bofetadas, injurias, escarneos, duro he: mas o amor vol-o fazia por outra parte gostoso, pera mostrardes quam verdadeiro amigo sois dos peccadores, e quam obediente a vosso Padre Eterno. Mas verdes e ouvirdes escarneos de vossas soberanas verdades: e com vossa mesma divindade, que verdadeiramente tendes unida, com serdes verdadeiro Filho de Deos, com serdes Senhor, que dais espirito aos Profetas, e conhecedor verdadeiro dos corações, e com a divina virtude, que em vossas obras claramente resplandecia, e com as puras verdades de vossa sacratissima doutrina vos atormentarem, e injuriarem, como a falso, fingidor, mentiroso, e enganador, em tudo isto não sabe o coração humano imaginar quanto tormento vos dava. Porque não só de fóra era tormento ouvir estas blasfemias: mas vosso zelo da honra de Deos vos está consumindo, e o amor divino, que em vós arde, vos está n'isto atormentando: e todavia sentis muito, e calais muito, e deixais por agora ficar vossos inimigos com a sua, e vós desmentido em publico, com tanta affronta, sem responder por vós, senão calar, sentir, soffrer, magoar, e atormentar esse coração.

Que he isto, amor divino? Que he isto, esperança, e gloria de meu coração? Tamanhos extremos quizestes passar de dores, e que nenhuma houvesse que nessa Cruz vos não desse immensos trabalhos? Atormentarem-vos com açoutes, e Cruz, crueza he de vossos perseguidores. Assacarem-vos o que não sois, malicia he de vossos inimigos, nem se pode d'elles esperar outra cousa. Mas por chegardes ao profundo dos mares das tribulações, vos vem a atormentar vossa propria verdade, e vossa propria divindade, vossa propria doutrina: e serdes na verdade esse, que estes com blasfemias escarnecem, vos está atassalhando mais com incomparavel sentimento, que se foreis n'isto, que elles dizem, fingido atégora. Aqui, Deos meu, pasma minha alma, aqui emmudece meu coração: pera vós guardastes os grandes mares d'esta tribulação, porque tendes força divina, e pela vossa medida quizestes que fossem vossos trabalhos. Mas he tão fora isto das forças da natureza humana, que se alguma hora soffrem os vossos alguma cousa que com isto se pareça, a só vós o devem, e obra vossa he, que fazeis nelles.

Amo-vos, Deos meu. Amo-vos, bom Jesu, por estas tão incomparaveis dores, e desejo todo desfazer-me em vosso amor: pois o amor que me tendes, não só não tem lei, nem medida em arder, e amar, mas tambem a não quiz ter em padecer, e soffrer. Confesso, Senhor meu, minha fraqueza, e miseria, que aqui de todo pasma, e enfraquece. Quando cuido que posso padecer por vosso amor, sente minha alma gosto: quando cuido que vossos contrarios me podem por vosso nome perseguir, parece que a virtude delle me faz outro: e se vossos servos me perseguem, posto que he mais duro de soffrer, todavia cuido que vós o quereis assi por meus peccados. Mas quando neste trabalho me vejo, ainda que desejo imitar-vos, todavia confesso que quando a mim chega ser perseguido com a propria verdade, e com o que faço por vossa obediencia por vos servir, e com o que sei me ensinais que he virtude; e servir-me de verdugo, e algoz o que he puro e verdadeiro: e fazerem-me de certo, mentiroso, por sustentarem mentiras, que são contra vossa honra, e contra a verdade: e confesso, Redemptor meu, que cahe minha natureza, e não póde com a carga, e que aqui mais que em tudo, vossa poderosa mão ha de mostrar em minha fraqueza sua virtude, e força. Todavia, meu divino Mestre, e Senhor, confesso, que isto he o que cumpre, amar sem medida, e padecer pela medida que vós quizerdes. Creio, e conheço, pois em vós assi m'o mostrais, que me cumpre padecer muito, calar muito, e soffrer muito, e não olhar por cujo meio, nem com que razão, nem donde me vem o trabalho, mas olhar só vossa divina mão, dar-lhe por tudo graças, e deixar-vos fazer: nem conhecer outro auctor de minha cousas, e trabalhos senão a vós. Oh Cordeiro divino! Oh Sabedoria divina! se isto nesta Cruz me ensinais, que fazeis, pois ardeis em meu amor, e não mudais de todo esta minha natureza, e a transformais em amor puro, e imitação vossa? Vós pera não soffrerdes estas blasfemias tinheis infinita justiça, e razão, e todavia rompestes por tudo por vos não ficar nada por padecer: e eu, se bem me quero conhecer, acho, que a minha razão de não soffrer he o demasiado sentimento de minha má natureza: e que não só nascé de sua fraqueza, mas tambem da soberba, que tem lançadas em mim suas más raizes. Todo o amor que nessa Cruz me mostrais ha de o curar.

Oh misericordiosissimo mestre de minha alma, vós vedes que quando acho razões pera me não someter de todo a tudo o que quereis que padeça, sem outro juizo, nem razão mais que quererdel-o vós, que

estou frenetico, e desatino, nem tenho juizo christão, e de amigo vosso. Não tenhais, bom Jesu, conta com minhas frenesias, e desatinos, mas havei piedade delles, e curai-me, e ponde-me as mesinhas que esta alma ha mister pera se parecer comvosco. Venha a cruz, venha a tribulação d'onde quizerdes, como quizerdes, quanta quizerdes, pois sois fidelissimo amigo de minha alma, e com a tribulação sei, e creio que ha de vir vossa ajuda pera a passar. Humilhai-me, Senhor, a vosso mando, nem me fique razão, nem verdade, nem justiça mais que parecer-me comvosco. Enfreai, Deos meu, minha lingoa pera que a tudo cale; enfreai meus pensamentos pera que quietamente vos imite, dilatai meu coração pera que sempre vos siga, e folgue de padecer por vós.

Quando, Senhor meu, assi me verei por vós como vos vejo por mim? Se vós, sendo meu Deos, quizestes mostrar-me com tantos extremos que só vos lembrava em todos elles dar-me a conhecer, quanto estimais minha alma, e quam fidelissimamente me amais: que muito que eu bicho da terra deseje em tudo mostrar-vos que só a vós desejo contentar, a só vós amar, e por vós todo padecer muito de coração? Oh amor divino, faze em mim o que por mim fazes em ti. Pois me amas, abraza-me: pois todo te dás, gasta em mim tudo o que te descontenta.

Accuso, Senhor meu, a vossa divina Magestade minha cegueira, que muitas vezes, e a muitas cousas tenho os errados juizos destes no que me a mim cumpre, ainda que vos não blasfemo a vós como elles. Porque estes cuidam que se Deos fora vosso pai, o mostrara em vos tirar da Cruz: e que se foreis verdadeiro em vossos milagres, e doutrinas, mostrareis a virtude em descer da Cruz, e não vos deixar atormentar. E o ladrão blasfemo cuida que todo o poder está em o tirardes da Cruz comvosco. Eu, bom Jesu, ainda que o contrario creio em vós; todavia accuso-me que em mim, quando me dais o que desejo, quando me favoreceis com gostos, quando acodis a minhas necessidades, e suppris minhas faltas, então vos acho bom Senhor, então vos nomeio por misericordioso, então cuido que são vossas mercês grandes, e que vos lembrais de mim, e vos louvo, e adoro por tamanhas mercês. Se me atribulais, se me falta o necessario, e se encobris vossos favores, não estou tão largo nestes louvores, nem vos acho tão suave. Em tudo, Deos meu, sou este, em tudo me pareço comigo; em tudo miseravel, fraco, pobre, cego, e nú de todos os bens. Allumiai, luz divina, esta cegueira, não reinem em mim estes errados pareceres. Ensinai-me a vos louvar, amar,

e reconhecer no favor, e na tribulação, no prospero, e no adverso igualmente, pois em tudo sois hum, em tudo pai, em tudo amigo, em tudo fidelissimo bemfeitor desta alma. Em converter ladrões crucificados, e em fazer o padecer com conhecimento das culpas com paciencia, se mostra mais vossa virtude que em o tirar da cruz. Em vos fazer confessar do Centurio por verdadeiro Filho de Deos, e em fazerdes morrendo nessa Cruz tornar pera suas casas muitos, dos que vos desprezavam, batendo nos peitos pelo que tinham feito, mostrais mais o que sois, que em responder por vós. Porque vossa virtude, e força no interior está, e não só no exterior. Por isso Senhor, deixais prevalecer as mentiras de vossos inimigos nos olhos do ignorante povo, contra vossas purissimas verdades. Mas reservais o conhecimento dellas pera a experiencia do puro amor, que sobre tudo mais estimais. Oh soberano amor! oh divino fogo, que coberto de cinza, e abafado com tanta malicia, e tribulações, ardes, e ateias nos corações dos teus!

Crucificado Jesu, bom, e deshonrado, amor divino, vos experimenta o amor puro, por verdadeiro Filho de Deos. Não só a fé o crê, e confessa, mas o limpo coração, e verdadeiro amor pelo que dessa Cruz ressumbra, o sente. Oh que influencias d'essa Cruz lançais nelle, que lumes lhe communicais, que segredos lhe descobris, que interiores riquezas de abraços lhe dais, suaves, doces, cheios de paz, de luz, de gloria e de amor! Reedificais em tres dias, resuscitando, o templo de vosso sacratissimo corpo, como prometestes; e dessa Cruz, como filho de Deos vivo, em hum momento tornais a alevantar os corações derribados, templos vivos vossos. Salvais crucificando, dais gosto atormentando, regais seccando, tudo mudais, tudo renovais, tudo enriqueceis, tudo encheis, tudo satisfazeis, d'ahi donde parece que a todos espantais, e meteis medo. Oh suavidade de meu coração! Oh encoberta luz de minha alma! Oh crucificada liberdade de meu espirito! Oh Filho de Deos vivo, tão fraco, e tão forte, tão abatido, e tão alto, tão deshonrado, e de tanta magestade, tão affligido, e tão suave, tão atormentado e tão brando! Tu és esse, que estes não conhecem, porque estão tão longe de teu conhecimento, quanto de teu amor. Assi grito, amor divino. Assi brado, amor excessivo. Assi chamo, amor puro. Assi por ti suspiro, amor forçoso, e verdadeiro. Já que me amas leva-me por amor a ti. Já que por mim ardes, inflamma-me. Que me queres amor, que tanto por mim padeces? E tanto a ti me chamas? Eis-me aqui: faze teu officio. Enche,

transforma; consume, muda-me todo em ti. Oh Divino! Oh soberano! Oh fermoso! Oh suave! Oh unico amor, poderoso pera quanto queres, e invencivel em quanto padeces!

Virgem sacratissima, ajudai a ferir este coração do amor de Jesu, e ajudai ao curar com amor, pois delle viveis, e por elle ao pé desta Cruz, e com elle padeceis. Não sejais escassos, amadores do Ceo, com este peccador miseravel. E pois nesse amor tem seu remedio, amai muito por mim, e abrazai-me em Jesu. Amen.

TRABALHO XLVI

Perder-se Judas, e hum ladrão, ao lado de Christo.

Do amor nascem o odio, temor, alegria, e dôr. Odio do contrario da cousa amada; temor, e receio de a perder; alegria de a ter; é dôr de a ter perdido. Quem conhece quanto o Senhor ama os peccadores, e vê quanto fez por lhe mostrar este amor, e quanto seu amor lhe fez padecer por lhes dar remedio pera se não perderem, entenderá quamanho gráo estavam nelle: Odio dos peccados por onde nos perdemos: temor e receio da perdição de muitos, e de haver cousa que a isso os ajudassem. alegria, e prazer de nos salvar: e dôr, e tristeza dos que se perdem. E não ha duvida senão que hum grandissimo, e desconsolativo tormento que o Senhor em toda sua vida, e paixão teve, foi, a lembrança dos muitos filhos de Adão que se haviam de perder, e pera os quaes trabalhava, e morria debalde, porque se não haviam de querer aproveitar dos remedios, e ajudas que lhes deo pera se salvarem, e muito particular sentimento tinha dos que lhe procuravam a morte, e dos ministros dos seus tormentos, porque se haviam de perder por derramarem o sangue, que por elles mesmos se sacrificava, e lhes ficavam em fundamentos de sentença de condemnação os proprios tormentos, que ao Senhor davam, que elle padecia pera sua saude e remedio.

Mas como o Senhor não havia de dispensar com sua justiça, padecia, e morria com sua magoa. Declarou o Senhor esta sua magoa, por hum Profeta nesta lastimosa palavra: «Ai que me hei de vingar de meus inimigos!» Porque vendo quantos se haviam de desaproveitar do que fez por lhes perdoar, sentia muito obrigal-o a justiça a condemnar aquelles por quem morria. E se este sentimento em Christo nosso Senhor foi geral por todos os que se haviam de perder, quanto maior seria por aquelles, a quem tinha feito maiores e mais particulares mercês, e dado maiores, e mais assinadas occasiões pera se não perderem? D'aqui ficará entendido quam particular dôr, e trabalho deo ao Senhor perder-se-lhe de sua mesa, e companhia hum seu familiar Apostolo Judas; e do seu lado estando crucificado hum ladrão, indo-se o outro d'alli ao Paraiso.

Judas recebeo do Senhor mercês bastantissimas, não só pera se não perder, senão pera salvar a muitos, como fizeram todos os outros Apos-

tolos. Porque o tirou do povo, e o fez seu discipulo, e do numero dos doze, a que descobria seus segredos, com os quaes tratava mais perfeitas doutrinas, e os trazia a par de si, e em sua companhia, e mesa.

Que exemplos de heroicas virtudes veria no Senhor, que palavras ouviria de sua boca, que particularidades teria aquella divina conversação, pera fazer de Demonios Anjos, se alli andaram? Afora isso deo-lhe poder de fazer milagres; e os fez só com o nome do Senhor: e por seu mandado, com este nome sacratissimo, os demonios sahiam dos endemoninhados. Por onde bem tinha experimentado a magestade de seu Senhor e Mestre. Com todas estas mercês, por cobiça de dinheiro se perverteo e determinou de o vender. Christo nosso Senhor lhe acodio logo com outras muitas maiores mercês, e ajudas pera se mudar de seu máo proposito. Na derradeira Cea o fez participante de seu sacratissimo Corpo, e Sangue, e o fez Sacerdote (segundo diz nosso Padre Santo Agostinho, e S. Leão Papa) (*) lavou-lhe os pés; misturando com estas soberanas, e altas mercês inspirações interiores, pera abrandar a dureza de seu coração. E vendo que nada aproveitava, publicamente a todos seus Apostolos disse: que hum delles o havia de vender, e que melhor lhe fora ser lançado no fundo do mar, com huma pedra ao pescoço, que ser nascido (**): e nem com tudo isto o pode dobrar, nem por amor, nem por temor o pode vencer. Até na hora de sua prisão lhe aceitou o beijo como de amigo, e lhe disse, com magoa de o ver perder, aquella palavra, que era pera quebrar as pedras: «Amigo a que vieste? Com beijo de amigo me vendes?» E não bastou tudo isto ao desaventurado pera se converter; antes quando vio que tinham os Judeos condemnado ao Senhor á morte, e o levavam a Pilatos pera que confirmasse a sentença, cahio em outra muito maior desaventura. Vio o mal que tinha feito, e em lugar de se arrepender, como S. Pedro, desesperou da misericordia de Deos, e tornou os trinta dinheiros aos Sacerdotes do templo, e enforcou-se, onde arrebentou pelo meio, e derramou suas entranhas, e a alma se foi ao inferno. Assi se perdeo o discipulo, e companheiro de Christo carregado de suas mercês. Mas como nosso Senhor não faz mais força a corações livres, que inspiral-os, ensinal-os, e movel-os com mercês suas, não faltou a Judas com nenhuma ajuda necessaria pera se salvar. Mas elle engeitando tudo se foi á perdição, e o Senhor ficou com sua dôr, e magoa de o ver perder.

(*) Aug. Serm. XXVIII. Leo. Serm. III. (**) Matth. cap. XXVI.

Entrando Christo nosso Senhor em sua Paixão, com tamanho sentimento, e magoa de lhe levar o Demonio aquella alma, quamanho era o desejo, que tinha mostrado de a salvar; quando na Cruz se vio entre dous ladrões, e hum d'elles convertido lhe pedio misericordia, não curou de dilações, mas por se refazer da magoa do discipulo perdido, prometteo no primeiro despacho o paraiso ao ladrão crucificado. Por onde se vê o gosto, e desejo que tem este Senhor de salvar. Porque se condemna aos que por sua vontade se perdem, he por necessidade da justiça: mas seu amor por desejo, por gosto, e por prazer perdoa a quem se arrepende. E onde ha tanto amor, e gosto pera perdoar, forçadamente ha de haver mui sentimento de ver perder a quem deseja salvar. Assi o teve muito grande do ladrão, que se perdeo com tantas occasiões que teve pera alcançar perdão, que não foram menos, que as de que o bom ladrão lançou mão pera alcançar misericordia, e paraiso. Porque estava a par do filho de Deos verdadeiro Redemptor dos peccadores, e a par do sangue que por elle se derramava; via com seus olhos o cordeiro innocentissimo, logo em subindo na Cruz pedir com voz alta perdão pelos peccadores; via sua mais que humana paciencia; o silencio e mansidão com que ouvia, e calava a tantas blasfemias e injurias; via seus olhos, que não cessavam de derramar lagrimas, postos sempre no Ceo; via as trevas, e tremor da terra, que a todo o mundo espantava; vio o arrependimento de seu companheiro, e como logo foi perdoado. O qual, lançando os olhos, no Senhor, e considerando tudo isto, entendeo allumiado de dentro, que não podia ser culpado no que padecia o divino cordeiro, e que tinha a par de si o Senhor do Ceo. E arrependido dos peccados, e má vida, que áquelle tormento o chegaram, e das blasfemias que tinha contra o Senhor dito: fez a satisfação que pôde com huma heroica confissão. Primeiro pelejou com o companheiro, dizendo com efficazes palavras: «Ainda tu não temes a Deos, estando em estado de morte condemnado por tuas culpas a ella? Nós sem duvida justamente padecemos, porque recebemos o justo pago de nossas más obras. Mas este que mal fez?» E pondo os olhos no Senhor com toda a contrição, e humildade o confessou por seu Senhor, juiz soberano, e premiador dos merecimentos de cada hum, e Deos do Ceo, que o podia dar a quem quizesse, e Rei da gloria, e lhe disse: «Senhor, como entrares em teu reino, lembra-te de mim peccador.» E nosso Senhor, que tão gloriosa confissão entre tantos blasfemos, e nos olhos de seus inimigos pesou

em justa balança, em tamanha conta a teve, que a julgou por merecedora do paraiso. E ouvindo-o todos lhe respondeo: «Hoje serás comigo no paraiso.» E com esta palavra o poz em estado de graça, e o confirmou nella, e o bautisou em bautismo de amor, como primeiro Christão, que com a sua Fé na boca morria. Era este bastantissimo exemplo pera o outro ladrão, já que assi como assi morria, se aproveitar da bondade do divino Cordeiro. Mas nem o que nelle via, nem com as mercês que via fazer a seu companheiro, quiz entrar em si; antes obstinado em blasfemia morreo, e se perdeo. Ora estar o Senhor morrendo por aquelles dous companheiros ladrões, e offerecendo seu sangue ao Padre Eterno por elles; e feito entre elles seu capitão, e familiar companheiro, e promettendo a hum o paraiso pera logo, ver estar o outro tão damnado, que blasfemando morria, e tão duro, que com nenhuma cousa se arrependia; e que da sua ilharga, de sua sombra da Cruz, que elle já tinha santificado pera remedio dos peccadores, que da sua companhia derradeira, que sempre se estima muito, via perder aquella alma; sem duvida, que ainda que como justo juiz salvou o arrependido, e condemnou o obstinado: todavia como redemptor, como pai, como amigo fidelissimo, e bom pastor d'aquella desaventurada ovelha, lhe doeo, e sentio muito perder-se-lhe, em tamanha occasião, e tão grande, e excellente conjunção de se salvar.

São estes excessos, e angustias do divino amor, que atormentavam o divino Cordeiro naquella Cruz, pera que lhe não faltasse cousa que lhe podesse fazer seus tormentos mais penosos, e seus trabalhos mais pesados.

Mui necessarios e grandes documentos nos dão todas estas cousas. Primeiramente, da parte do Senhor nos ensinam, que não sabemos nós desejar, e procurar tanto nossa salvação, nem sentir tanto a nossa perdição, como elle. E que em todo o tempo, e toda a hora está com os braços abertos pera receber os arrependidos, e offerecendo seus thesouros a quantos os quizerem aceitar delle. Nem poderamos nós desejar disto outro mais certo exemplo, e mais clara demonstração, que fazer Deos hum ladrão o primeiro Christão, que depois de sua morte se salvou na confissão de sua fé, e em seu amor. Por onde deixou a todo peccador certa confiança, que não lhe será a todo tempo, e hora negada entrada, onde o ladrão tem a dianteira.

Esta confiança, que da parte de Deos temos tão segura, Judas e o

ladrão perdido nol-a fazem duvidosa. Porque quando hum homem se quizer pintar em hum lugar, e estado muito seguro pera se salvar, parece que não poderá escolher outro, que ou no Ceo entre os Anjos, ou na terra entre o numero dos Apostolos, ou na morte pagando por seus peccados, a par de Christo crucificado. Mas nem o Ceo assegurou os Anjos, pois delle tantos cahiram; nem o estado apostolico a Judas, que delle sahio perdido; nem a companhia do Senhor crucificado o ladrão, que della foi condemnado. Nenhumas mercês do Senhor asseguram almas livres, senão com se ellas livremente aproveitarem, e lançarem mão das occasiões, que Deos lhe dá pera se salvar. Mas quem de tudo se esquece, e entrega seu coração a seus desejos, em poder delles fica mais perdido: e tudo nelle fica desaproveitado. S. Gregorio Papa no quarto livro dos Dialogos conta hum raro, e espantoso caso nesta materia. Que hum homem morreo, e se vio condemnado ao inferno, o qual resuscitado viveo tão mal, que tornou a morrer em estado que se condemnou. Não quiz nosso Senhor no Evangelho, que se assegure ninguem com os talentos recebidos, senão com grangear com elles merecimentos do Ceo. Só o humilde, que tem cuidado de sua alma, e com temor de Deos se aproveita das mercês recebidas, e vive com cuidado de contentar a Deos, e a elle com amor sempre se apega, assegura sua salvação.

Por cabo, e conclusão desta materia, porque a confiança da bondade de Deos não cause em nós descuido de bem viver, como por nossos peccados muitas vezes faz: e pera que não se fie ninguem de se salvar na derradeira hora, com a certeza que tem, que será nella recebido, se nella se converter de coração, lembro que diz nosso Padre S. Agostinho, fallando da salvação do bom ladrão; que ainda que a Fé ensina que não ha duvida de ser recebido de Deos, e perdoado, quem no cabo, e derradeira hora da vida se converter (*): todavia de quem em toda a vida não acabou comsigo converter-se a Deos de todo coração, com tantas ajudas quantas pera isso temos, mal se póde esperar d'elle, que o faça na hora da morte, cheio de dores, e medos, de maneira que mereça ser recebido. E assi diz que ordenou nosso Senhor, que na divina Escritura houvesse muitos exemplos escritos de muitos, que na vida se converteram, e foram perdoados. Mas posto que a muitos perdoa na derradeira hora, não quiz que isto ficasse escripto mais que de hum só ladrão, pera que ninguem presumisse de ser o segundo.

(*) August. Serm. cix Tempore.

Exercicio da dor, que o Senhor teve de se lhe perder Judas, e hum ladrão.

Todo sois fermoso, bom Jesu, todo brando, todo suave, todo amoroso, como chegais a corações peccadores. Vossos olhos convertem as almas: vossas palavras abrandam durezas, vossa conversação traz a si os errados, vossos gasalhados cativam: todo sois amavel, todo verdadeiro amigo, todo gastado, e empregado, e cada vez mais renovado em amor, e por amor dos peccadores. Santificastes com vossos pés a Magdalena: santificastes com vossa presença a casa de Zacheu: santificastes com vosso chamamento o onzeneiro Mattheus, e o perseguidor Paulo: santificastes com vossos olhos o negador Pedro. Comieis com os peccadores com gosto, recebieil-os com brandura, perdoaveis-lhe com misericordia, defendieil-os com sabedoria, enchieil-os de vossa bondade: e assi com verdadeiro juizo justificastes o publicano, destes o paraiso ao ladrão; e a nenhum peccador deixastes vazio, e sem remedio, senão ao que quiz por vontade ser duro, e obstinado. Todo vos derretia vosso amor com os peccadores: pois sua saude estimastes mais que vossa honra, e vida. Todo vos destes por elles, chorastes muito seus males, pagastes por elles suas penas, mostrastes que ardieis em seu amor, que vos doiam muito seus peccados, e sentieis muito sua perdição; e quanto este amor em vós he maior, quanto mais ardeis em desejo da salvação dos peccadores, tanto sua perdição vos deo maior pena, trabalho, e dor. E se isto sentis muito em todos os que se perdem, quem poderá imaginar o grandissimo sentimento, que tivestes da perdição de Judas, e do ladrão que tinheis a par de vós crucificado? Quem vos amar, Deos meu, vos entende, porque conhece a fineza de vosso amor. Estes dous tinheis já nas redes pegados comvosco, em occasião de os tirar das unhas do Demonio, e serem elles taes, que por sua obstinação, e malicia se perderam, não foi pera vós menos tormento, que os que padecieis na Cruz. Ainda este trabalho, cordeiro de Deos, e magoa, vos ficava por passar em vossa Paixão! Bemdito, e louvado seja vosso divino amor. Este sois vós, Senhor, este sois, Redemptor meu, nem deixais de fazer tudo quanto podeis por se não perder ninguem. A Judas, depois de pervertido, e vos ter vendido, fizestes sacerdote, e lhe destes vosso sacratissimo corpo, e lhe lavastes os pés, lhe fallastes muito ao coração, lhe dissestes quanto melhor lhe fora não ser nascido, pera que houvesse medo de si,

lhe aceitastes o beijo, e abraço no Horto, sendo traidor, e lhe chamastes amigo com familiaridade, pera ver se o podeis ganhar. Elle, porque quiz se perdeo, e vós com a magoa d'esse vosso suave, e brando coração, vos fostes a padecer por elle, sabendo que nem d'isso se havia de aproveitar: e assi se condemnou, e vos deixou ferido da dor, e entranhavel sentimento de sua perdição.

Parece que em parte estava já vosso amor contente, com terdes a par de vós ladrões, déstes logo o paraiso a hum arrependido, pera satisfazerdes a dor que tinheis da perda de Judas com salvar a este perdido: renovou-se-vos a dor, e magoa, com se perder á vossa ilharga outro obstinado ladrão. Oh amor divino, não cego, mas por vontade cativo dos peccadores, que magoas são estas? Tão ocioso estais na Cruz, e folgado, que vos esquecem vossas dores com o sentido na perdição, e males voluntarios dos peccadores? Oh fogo infinito, oh entranhas de pai, oh verdadeira amisade tão desinteressada, tão pura, tão prodiga, tão esquecida de si, e tão lembrada, e cuidadosa dos peccadores, que ama! Porque vos não amo, bom Jesu, de todo o meu coração? Porque gasto momento da vida fora do vosso amor e serviço? Oh se assi me empregasse com todo cuidado em vós, como vos vejo empregado em mim! Quando, Senhor meu, me verei d'esta maneira? Que longo quando, e quanto tarda? Apressai-vos, meu divino pastor, a me tomar, a me cativar de vosso amor, e pôr em vós todo meu desejo, e cuidado, pois só isto he o que vos contenta, e sem vós o fazerdes o não posso ter. Bastam as penas que vos tenho dado com meus peccadós, não permitais que vol-as acrescente com minha perdição. Aqui me rendo a vós d'esta hora pera sempre, tomai-me por vosso, crucificai-me, e salvai-me.

Oh Rei da gloria, oh Senhor do Paraiso, oh verdadeiro amigo, e pastor da minha alma. Aqui tendes outro ladrão, em que vos satisfaçais da dor, e magoa que vos fica de se perder esse, em tão boa conjunção, e tamanha occasião, que tinha de se salvar a par de vós. Eu sou o ladrão, que mereço mais que esses, ser justiçado por minhas maldades. Eu sou o falsario nos bons talentos de graça, e natureza que me déstes: porque ou usei mal d'elles, ou os tive ociosos, sem aproveitar nelles, nem ganhar minha salvação. Eu sou o que muitas vezes roubei vossa gloria com minha soberba, e vaidade, não referindo todos bens a vós, cujos são, e apropriando a mim vãmente, o que devia a vossa graça, e misericordia. Eu sou o que roubei o juizo, e a justiça, trocando a pu-

reza de vossas verdades pelas mentiras do mundo, e de minha carne, e por desaventuradas peitas de baixissimos gostos da vida. Eu sou o que a maior parte da vida gastei em obras dignas mais de tormentos, e condemnação, que de perdão.

Quantas vezes, Senhor, me podereis matar, e entregar com muita justiça aos demonios, e mandar-me ao inferno, apartado de vós pera sempre, e todavia com infinita misericordia me soffrestes, e me esperastes atéqui: e ainda d'esta paciencia vossa estou aqui tão desaproveitado, como vós, bom Jesu, me estais vendo, e soffrendo. Pois, remediador unico de minhas chagas, já que estais tão sentido de se vos perder esse ladrão, esta he a minha hora: eis aqui outro muito peior, que com muito mais razão o podeis condemnar. Dai-me, Senhor meu, essa cruz que fica despejada. Ella não perde sua virtude, por se perder nella esse máo; vós a tendes já santificada: pera mim está reservada: dai-ma, divino cordeiro, crucificai-me nella a par de vós, satisfazei-vos em minha alma da perda d'esse obstinado. Eu confesso, Deos meu, com essoutro ladrão meu companheiro, e mais ditoso, e bemaventurado que eu, que sois Rei do Paraiso, e que o podeis dar a quem quizerdes, e o não negaís a quem com puro amor a vós se converte. Confesso que ahi aonde estais, sois Deos, e Filho do Eterno Padre, que me podeis salvar. Confesso que tudo quanto me mandardes por meus peccados padecer, he muito menos do que mereço. Vós, innocente cordeiro, sois o que contra razão padeceis, que nenhum mal fizestes, e encheis todas as almas de todos os bens, que de vós querem, e sois rico thesouro de glorias, e bemaventurança. Mas eu, que não temi offender vossa bondade infinita, e vosso amor, justamente serei condemnado.

Mas Jesu, e Salvador meu, lembrai-vos de mim, pois ides pera vosso reino. Dai-me esse logar de vossa ilharga, que fica despejado, pera que me fique esperança que me levareis em vossa companhia ao Ceo. Não queirais, Senhor, ter mais sentimento de almas perdidas, ganhai esta, pois aqui me converto a vós, nem me amais menos que esses que tendes a par de vós crucificados. Não peço, Rei da gloria, o paraiso pera hoje, como dais a esse meu companheiro, que o não mereço: mas peço que hoje nesta hora me ponhais nessa cruz, e nella me tenhais toda a vida, e quanto vós quizerdes: porque nella me offereço a todo vosso querer, e vontade. Oh bom Jesu, se me visse nella a par de vós em vossa companhia pregado, e preso de vosso amor, de vossa graça, e mi-

sericordia, que nunca della quizesse sahir! Bom pastor, e Senhor d'esta alma: vós sabeis que não ha cousa mais perto do Paraiso que a Cruz, sabeis que ninguem tem mais certos penhores da gloria que os crucificados; ninguem tem mais certa vossa companhia, e influencias de vossa graça, e amor, que quem está na cruz sujeito a vós, e obediente.

Cruz, Senhor meu, vos peço, e vossa graça pera estar a vosso lado; verdadeiro, e suave Paraiso das almas crucificadas: e nella terei seguro vosso reino: nella se acabarão de consumir meus peccados; nella me parecerei em alguma maneira comvosco: nella me dareis vosso amor: nella vos terei comigo aferrado: nella vivirei pera vós, e morrerei a toda a vaidade da vida por vós, e acabarei suavemente em vós, e reinarei gloriosamente pera sempre comvosco.

Oh Madre de Deos, advogada dos peccadores, que vieis com vossos olhos estas misericordias, que o Senhor fez aos errados: estas dores que em sua alma padecia pelos que se perdiam, vós melhor que ninguem as entendieis, que mais que todas as criaturas o amaveis; e vedes que não he este amor acabado, mas que ainda está, e estará pera sempre inteiro. Pois, Senhora minha, d'este Senhor aprendestes haver misericordia dos peccadores, valei a este que vos chama. Alcançai-me este logar d'este perdido, com perseverança toda a vida, e hum logar pera sempre no seu reino. Oh ladrão ditoso, que hoje vás ser cidadão do Paraiso, e que tão privado estás d'este Senhor; toma comtigo toda a Corte celestial, e compadece-te d'este peccador teu companheiro, que fica desterrado, e ajuda-me a alcançar a cruz que te salvou, e o amor que te renovou, e a gloria que te coroou. Amen.

TRABALHO XLVII

A' vista das dores de sua sacratissima Mãi.

Foi a sacratissima Virgem nossa Senhora tão fiel companheira de todos os trabalhos de Christo nosso Redemptor, e teve n'elles tanta parte, que se não pode tratar dos trabalhos do Filho, sem muito particular lembrança do que a Mãi passou. Porque a causa dos da Senhora, foram os que via padecer a seu unigenito Filho; e não lhe dava a elle pequeno trabalho, e tormento, saber, e ver os que ella por seu amor passava. E como ella foi a mais perfeita imitadora das perfeitissimas, e heroicas virtudes d'este Senhor, tambem na ordem de suas dôres, e modo de as passar, foi a elle muito semelhante em tudo o que ella o podia, e devia imitar. Trouxe a Senhora em seu coração, desde que foi Mãi de Jesu Christo nosso Senhor, a batalha de amor, que a seu Filho tambem trazia em perpetuo tormento, que era, dôr do que lhe havia ver padecer, que ella bem sabia, e muito arreceiava; e sometimento á vontade de Deos, que o queria, e desejo ardentissimo de elle acabar os mysterios da redempção do mundo, que ella já como procuradora dos peccadores mais que tudo desejava. E assi o amor da salvação dos peccadores lhe fazia desejar remedio, e o mesmo amor tirava como Mãi por ella, sentindo os meios que pera isso eram necessarios, que tantos, e tão immensos trabalhos de seu Deos, e filho haviam de custar.

E como ella a nenhuma obrigação faltava, padecia pela medida de seu amor, e pela mesma desejava nosso remedio, e se sometia a toda a divina ordenação.

Chegado o dia da Paixão do Senhor, crem os Santos do amor e obediencia, com que Christo nosso Senhor sempre tratou a sua sacratissima Mãi, e do cuidado, que tem de acodir aos trabalhos de todos os afflig-idos, que antes que entrasse em padecer, se foi despedir da Santissima Virgem. Na qual despedida, elle lhe pediria licença como a Senhora e Mãi, pera hir cumprir a obediencia de seu Eterno Padre; e lhe diria como era tambem vontade do Padre que ella tambem o acompanhasse ao pé da Cruz, e o amortalhasse, e sepultasse. Alli lhe daria a ordem do que havia de fazer, onde havia de estar até elle resuscitar, e lhe encommendaria seus discipulos, e o cuidado de todos os fieis, ate ser chegado o tempo de ser levada ao Paraiso.

E porque já muitas vezes o Senhor teria praticado com ella a ordem de sua sacratissima Paixão, renovar-se-hia alli a lembrança de tudo, e as horas a que tudo havia de ser, porque ella em tudo espiritualmente o acompanhasse. E porque as dôres de parte a parte n'esta despedida eram quaes não sabemos imaginar, cuido que não se declaravam as lastimas hum ao outro por palavras, mas que os olhos, e os corações se entendiam, e se communicavam os interiores sentimentos. E por outra parte a perfeição do amor de ambos, e da conformidade á divina vontade, não permitia haver nos naturaes sentimentos imperfeição alguma, nem falta na perfeitissima obediencia; mas porque o Senhor era filho pera sentir muito os trabalhos da Mãi, e seu Deos pera a esforçar pera tudo, elle a consolou com divinas palavras, as quaes ella recebia e conservava em seu coração, como humilissima serva; e a favorecia, e esforçava interiormente com divinas influencias de nova graça, nova fortaleza, novos excessos de amor, e novos, e riquissimos dons espirituaes, pera poder com os grandissimos e empolados mares de trabalhos, que lhe estavam aparelhados.

Entendida está a troca que a Senhora fizera, se fôra possivel, e conveniente, de padecer ella por seu sacratissimo Filho: e quanto menos tormento lhe custara, e com quanto mais gosto acabára a vida, por lhe poupar a sua. Mas já que a divina ordenação outra cousa queria, ella ficou offerecendo o coração, e o Senhor se foi entregar o corpo, pera cada hum em sua santidade padecer o que Deos mandava. A Senhora na parte mais sensitiva, que he a alma, havia de padecer todos os trabalhos do lastimado Filho, sem nenhuma lembrança dos seus proprios: e o Senhor com sua humanidade todos os seus, e o de sua Mãi, pelo grão e medida de suas forças.

Assi se despedio o Senhor, e se foi a entrar no pégo sem fundo de seus tormentos, e trabalhos: e a Senhora ficou em continua oração interiormente acompanhando-o. De maneira, que começou a Virgem nossa Senhora este trabalhosissimo dia por oração, lagrimas, e agonias interiores, e perfeita sujeição e entrega á divina vontade, como Christo nosso Senhor começou no Horto, aonde suou gotas de sangue. E n'esta occupação ficou a Senhora, até ter recado do que seu unigenito Filho passava, e chegar o tempo, que lhe elle deixára limitado pera o hir acompanhar.

A noite que o Senhor foi preso (como atraz fica dito) foi levado a

casa de Caifás, aonde depois de cansados os Judeos de escarnecer do Senhor, se recolheo cada hum pera sua casa, e o Senhor foi encarcerado na mesma casa até pela manhã. E isto seria ás duas horas depois da meia noite, pouco mais ou menos.

A tudo isto se achou S. João Evangelista, e soube que estava o Senhor no conselho dos Judeos condemnado á morte, e ficava assentado que pela manhã o levassem a Pilatos, pera confirmar a sentença de morte de cruz.

Escrevem os Santos, que tambem a este tempo se sahio S. João Evangelista da casa de Caifás, ou por ordem que pera isto por ventura teria do Senhor, ou por interior inspiração sua, e se foi a casa de nossa Senhora, dar-lhe conta do que era passado, e da determinação dos Judeos. Os que d'isto escrevem, muitas lastimas representam, que diriam a Senhora, e o discipulo no contar e ouvir o que era passado até alli; porque tamanhas foram as dôres, que tudo se pode cuidar, e tudo o que se diz he muito menos do que seria.

Mas eu cuido que sobre tudo quanto se escreve, as lagrimas, e os sentimentos dos corações faziam seu officio, mais que a lingoa, ao menos na Senhora, porque como em sua modestia não perdia ponto, e nenhum desconcerto de palavra lhe sahia pela boca: só o coração padecia o que ninguem poderá imaginar. Vendo pois a Senhora que era tempo de hir buscar, e acompanhar seu unico Filho em seus trabalhos, em rompendo a manhã sahio de casa imitando no silencio o cordeiro Jesu, como ovelha calada á morte, regando todo o caminho de suas purissimas lagrimas, e penetrando os Ceos com ferventissimos suspiros.

Os devotos da Senhora tem d'aqui por diante caminhos, em que com amor, e sentimento de suas dores a acompanhem, como os que o Senhor n'este mesmo dia cheio de trabalhos andou por nossos peccados. Levando os Judeos o Senhor a casa de Pilatos, e Herodes, a Senhora cuido que com o muito povo, e revolta não pôde haver vista d'elle, até que depois de açoutado, e coroado de espinhos, Pilatos o mostrou ao povo: mas ouvia os gritos da gente, a revolta e estrondo de toda a cidade, as injurias que lhe hiam dizendo, as affrontas que lhe faziam, as blasfemias que contra elle diziam, os juizos de todos tão falsos, e tão longe do que o Senhor merecia; e iria imaginando qual o cordeiro iria entre aquelles crueis lobos: tudo lhe custava immensas dôres, e muitissimas lagrimas.

Mas como n'elle tinha posto todo seu amor; ainda que vel-o era a cousa que mais a havia de cortar e lastimar, essa era a que mais desejava: porque o amor tem estes estremos: que soffre muito peior a ausencia do que ama, que o trabalho que lhe ha de custar tel-o presente-por grande que seja. Com estes desejos e receios, esperava a soberana Virgem Senhora nossa a vista de seu Filho, quando appareceo aberto todo de pés a cabeça de chagas, com o rostro inclinado, correndo por todo elle sangue, dos espinhos que lhe abriam a cabeça, com corda á garganta, e mãos atadas, e sceptro de cana n'ellas, vestido d'escarneo: o qual bem sabia que a tinha alli: e ella cria que entendia elle seu coração, que ficou tal, que não foi de menos dôres trespassado, que elle tinha em seu corpo de chagas, e gotas de sangue. Alli ouvio os falsos testemunhos, e o vio ser trocado por o ladrão, e homicida Barrabás.

Alli ouvio os brados, e grita com que todos lhe pediam a morte, e ouvio o pregoeiro, que apregoava a cruel sentença. Alli vio arvorada a Cruz em que o haviam de pregar, e ser levado com ella ás costas ao Calvario, e o foi seguindo pelo rasto de suas pégadas cheas de sangue, lavando aquellas ruas, e estradas, com tantas lagrimas, como o Filho com gotas de sangue, e não menos carregada em sua quantidade da Cruz das dôres interiores, que padecia, que o Filho da que levava ás costas.

No monte Calvario a Senhora se assentou acompanhada das mulheres santas, que ao Senhor seguiam, que lhe não davam outra consolação, senão as lastimas que pelo Senhor lhe diziam: calando a exemplo do seu cordeiro, e padecendo, passava todos os seus dolorosos sentimentos.

Ouvia a Senhora as pancadas dos martelos, que pregavam ao Senhor na Cruz, que quebrantavam seu espirito; estava com immensa dôr esperando vel-o levantado na Cruz, e já d'ante-mão sentindo todos quantos tormentos o Senhor em cada membro, e juntura havia de padecer, porque tudo o amor, que lhe tinha, lhe fazia advinhar. E como estava fraca do desvelamento da noite, e com menos mantimento e mais jejum, do que a natureza havia mister, pera passar tamanhos trabalhos, e tinha chorado muito: quando vio o Senhor alevantado na Cruz, e ficar com tão deshumanas, e cruelissimas dôres pendendo d'ella, sem poder, nem o Senhor querer que ella lhe valesse; foi tão excessivo o sentimento que a soberana Senhora padeceo n'esta occasião, que he ponderação de muitos devotos, e doutos Authores, que foi necessario muito particular soccorro da mão divina pera que a afflicta Senhora permanecesse em tão

grandissima afflicção, sem dar sinal algum de menos decencia, e compostura: com a qual assistio constante ao pé da Cruz de seu Filho; e posto que sua lastimosa vista lhe désse muita pena, não o desamparou, antes lhe assistio até morte, e tornando-lhe a soltar os rios das lagrimas de seus purissimos olhos, começou novo martyrio de dores com a companhia, e vista do Senhor crucificado. Dando a gente lugar á Senhora se chegou ao pé da Cruz com o amado discipulo, e mais companhia, ora de giolhos, ora prostrada, ora assentada, ora pondo os olhos no seu cordeiro, ora baixando-os. Fazia em sua alma o officio de remediadora dos peccadores, offerecendo por elles ao Eterno Padre aquelle filho, seu sangue, suas dôres, com ardentissimo desejo da salvação de todos. Arreceiava vel-o espirar, e morrer, e sentia durarem-lhe tanto os tormentos, que sabía que só por morte haviam de acabar. Desejava que o Padre Eterno abrandasse o rigor dos tormentos, que o Filho padecia, e conformava-se com o que elle ordenava. Viam-se a ovelha sacratissima, e o divino cordeiro, e entendiam-se, e magoavam-se do que cada hum padecia: e tal foi alli tudo, que seguramente posso affirmar, que por mais e muito que se alcance, e sinta d'aquellas dôres, não he possivel ninguem chegar ao gráo que ellas tiveram, e que ninguem de todo as pode entender, senão só aquelles dous purissimos corações, que perfeitissimamente se amavam, e se magoavam, e se entendiam: porque como as dôres foram pela medida dos amores, tanto atraz ficam todos de as entender, quam longe estão do amor com que os dous se amavam. E por isso não gastarei palavras em encarecimento dos trabalhos da Senhora, porque como são muito mais curtas, que o que póde o coração alcançar, deixo o sentimento com que he razão que ella seja de todos acompanhada, ao amor que cada hum lhe tiver, e desejo de a servir, e de lhe aprazer: porque quem mais poder arribar, mais mercês receberá d'ella. Cresciam as dôres d'esta sacratissima Senhora, e se renovavam de novo com tudo quanto de novo succedia: com ver a lastima das palavras com que o Senhor declarou ao Padre Eterno o desamparo em que se via; com o vinagre, que lhe vio beber: com o ver espirar na Cruz; com lh'o pôrem nos braços depois de tirado d'ella; com o amortalhar: com o cerrar no sepulchro: e com a saudade d'elle com que se recolheo a casa esperar sua resurreição: e com lhe parecerem aquelles tres dias annos.

E nos verdadeiros, e perfeitos imitadores de Christo nosso Senhor,

e que chegaram a estado de puro amor de Deos, e dos proximos, vemos hum muito grande effeito d'essa mesma charidade: que he, soffrerem por amor de Deos seus proprios trabalhos com gosto, e terem muita pena nos alheios, e tanto, que muito mais leve lhe seria tomal-os sobre si, que vel-os em outrem.

Muito mais que todos teve isto Christo nosso Senhor; e claramente o mostrou por muitos exemplos, em toda sua vida. Particularmente no dia de sua Paixão, sabendo que estava vendido de Judas, se estava mais lastimando de sua perdição, e lembrando-lhe quanto melhor lhe fora não ser nascido, pois se havia de perder, que de quantos trabalhos por sua traição tinha por passar. Ás mulheres, que hiam chorando apoz elle, quando levava a Cruz, mostrou por claras palavras, quanto mais lhe doiam os trabalhos que ellas, e toda aquella Cidade tinham que passar, que quanto elle hia padecendo. Alevantado na Cruz, logo como esquecido dos tormentos em que estava, mostrou quanto maior cuidado lhe davam as necessidades dos peccadores, que suas dores; e lhes procurou logo o perdão. Por onde se vê, que o amor, que o Senhor tem a suas criaturas, lhe faz tão presentes seus trabalhos, e tão proprios, que no meio dos que padece, mostra que sente muito mais os dos outros, sendo elle o que tudo como Deos ordena, diminuia ao sentimento, que como verdadeiro amigo tinha. Sendo isto assi (como he) não ha duvida senão que hum dos grandes trabalhos, que o Senhor na Cruz teve, e que lhe dava mais pena que suas proprias dores corporaes, foi ver a grandissima afflicção, e immenso trabalho, em que sua sacratissima Mãi, e Senhora nossa, estava ao pé da sua Cruz, e o que tinha todo aquelle dia padecido, e tinha por padecer até sua Ressurreição. Porque era ella a criatura delle com muitas razões mais amada, e a elle de todas as do Ceo, e da terra mais aceita; e era della mais que todas amado. Era mãe, e a melhor de todas as mãis: companheira de sua peregrinação, e trabalhos fidelissima: era innocente, e purissima, e que não merecia por culpas suas o grande trabalho que padecia. Era o trabalho de calidade, que nenhuma pessoa humana nascida, nem por nascer passariam outro igual. Porque tal mãi ver diante de seus olhos tal filho, tanto contra justiça atormentado, e atolado em tamanhos pégos de trabalhos sem lhe poder valer, era uma tamanha cruz, e tão pesada, só pera ella guardada, que bem se vio, que pela medida de suas heroicas virtudes e graças, lhe foi posta a cruz, e tormento; nem lhe valeo ser purissima, e mãi,

pera deixar de passar por tamanhas cruzes. Mas antes como o Senhor por guardar a lei da honra, que a sua Mãi devia, não permittio que criatura alguma, nem os malvados, que o crucificavam, se atrevessem a lhe fazer affronta, e dar-lhe trabalho: só ser elle seu filho, e o amor de mãi, que ella tinha, podiam ser os algozes de seu coração no cabo da vida, os quaes no começo d'ella foram os ministros dos soberanos prazeres, que teve.

Isto que o Senhor crucificado via, penetrando o coração de sua sacratissima Mãi, e a vista de suas desconsoladissimas lagrimas, e o desamparo em que estava posta, e em que ficava sem elle, a que não havia remedio segundo a divina ordenação, senão passal-o, foi pera seu brandissimo e suavissimo coração hum novo genero de tormento, e martyrio. O qual o Padre Eterno ordenou, que ao pé de sua Cruz tivesse seu unigenito Filho; pera que nenhuma cousa lhe faltasse das que humanamente se podem sentir muito, e fazer-lhe seus tormentos mais pesados. Assi cuidam alguns, e com muita razão, que quando o Senhor assi vio sua sacratissima Mãi, e da Cruz lhe fallou, a não quiz nomear por mãi, pela não acabar de magoar de todo, nem se magoar a si. Nem lhe fallou outra cousa mais, que mostrar que se não esquecia della, e acodir como então podia ao desamparo em que a via, em lhe dar o mais querido Discipulo por filho, pera a acompanhar, e servir, e pedir-lhe que o tivesse nessa conta, dizendo: «Mulher, eis ahi teu filho.» E ao Discipulo disse: «Eis ahi tua Mãi.»

E como S. João ao pé da Cruz do Senhor representava a figura de todos os amados peccadores, quiz o Senhor, que a todos ficasse obrigação de servir a esta Senhora, e enxugar-lhe suas lagrimas. O santo Discipulo logo se deo por penhorado, em quanto ella vivesse, a seu serviço (como o fez) e a teve por seu amparo, senhora, e mãi, e com a servir a teve pela melhor fazenda que de seu amantissimo Mestre podia na terra herdar.

A Senhora não recebeo com ouvir a voz de seu unico Filho pequena consolação, porque bem via que com aquella troca não o perdia de Senhor, e de Filho: e na derradeira hora qualquer lembrança e palavra dos filhos, e verdadeiros amigos não consola pouco. Mas como aquelles dous purissimos corações se entendiam mui bem, a Senhora aceitou por filho a S. João, e nelle a todos os peccadores, porque bem vio que essa era a tenção de nosso Senhor. Porque como por amor delles mor-

ria, e seus peccados lhe tinham causado a morte, quiz-lhes na derradeira hora tirar toda a desconfiança, que delle lhes podia ficar, do trabalho que com seus peccados lhe tinham dado, entregando-os á cousa que mais estimava, e que com elle mais entrada tinha, pera que a seu amparo todos confiassemos ser delle recebidos. E do amor que esta Senhora tem aos peccadores, ninguem póde duvidar, pois que no parto espiritual delles ao pé da Cruz teve as immensas dores, que lhe faltaram no virginal de seu unigenito Filho e Deos. Por onde vemos claramente, que todos os mares de dores da mãi, e de tormentos do Filho, por derradeiro vem acabar em mercês, e riquezas pera os peccadores. E emfim tudo nos obriga a pôr os olhos nestes dous purissimos espiritos, e empregar toda a vida em seu serviço, e pôr todo cuidado em imitar seus passos, porque mal pode cuidar o servo que será aceito, se andar por differentes caminhos, dos que vê levar a Senhora, e o Senhor.

Exercicio das dores da Virgem sacratissima, e das que o Filho padecia com ver as que passava a Mãi.

Bom Jesu, e innocente cordeiro, que tão atormentado estais de todas as partes, nessa Cruz, e tão atormentado vedes o coração dessa sacratissima ovelha, e purissima Mãi, e serva vossa: ensinai-me a vos acompanhar, e sentir os vossos, e seus trabalhos.

Oh que dous corações tão puros, tão limpos, e tão cheios de graças, e fermosuras interiores, tão abrazados em puro amor, tão cheios de trabalhos, tão presos hum do outro, e tão penados hum pelo outro! Sentia a Virgem sacratissima como mãi, e fidelissima amiga os immensos trabalhos do Filho, divino cordeiro; sentia o obedientissimo Filho as incomparaveis dores da Mãi como amigo verdadeiro, e leal companheiro. A purissima ovelha, e o innocentissimo cordeiro, hum pelo outro chamam, hum pelo outro choram, hum pelo outro padecem, hum sente os trabalhos do outro, sem nenhuma consolação; e quanto o amor he maior, e mais puro, tanto as dores, e sentimentos são mais immensos. Oh duro de coração, como te não derretes em dôr e lagrimas, vendo que déste tu occasião a estas tão immensas dores da Virgem, e do cordeiro Jesu? Que fez esta Senhora pera passar tantas dores? Que fez este Senhor pera padecer de todas as partes tantas afflicções? Tu máo, e perverso peccador, teus desaventurados peccados são os algozes des-

tes innocentissimos, e santissimos corações. Perdoai-me, corações purissimos, e tomai-me aqui ambos, e satisfazei-vos de mim, como mereço, e pois as criaturas vos obedecem, a todas mandai que de mim vos vinguem. Passai a mim essas dores, e penas: porque já que fui, e sou dellas causa, ajude a chorar, e sentir, o que vos faço padecer. Amor da minha alma Jesu, e Virgem minha esperança, que tanto vos pareceis no amor que tendes aos peccadores: tirai de mim o gosto da vida pois sou vosso, e já que vós passais com tormento, não m'a deixeis acabar sem elle. Pois sou de vossa casa, e servo, ainda que indigno, não permittais que me dê na vida gosto, senão o de que vós gostais, e que sempre traga nesta alma vossas dores, pera que comvosco padeça, e comvosco sinta, comvosco ame, e comvosco mude em vosso serviço toda a vida.

Oh Virgem sacratissima, como se mudaram todos vossos prazeres em trabalhos! Se vós tivereis prazeres do mundo, bem fora que tiveram estas mudanças; mas vós, Rainha dos Anjos, nunca tivestes prazer nem gosto senão de cousas divinas. Deos vos possuia o coração, Deos vol-o levava todo: só elle, e o que delle procedia, e a elle vos levava, vos dava gosto. Tivestes gosto de vos ver mãi, e cheia de Deos; de o ver nascido, e adorado dos Anjos, Pastores, e Reis, pendurado a vossos peitos, sustentado de vosso purissimo leite, servido com vossos purissimos braços, offerecido no Templo, conhecido do justo Simeão, e Anna. Todos os trinta annos, que o tratastes, vossos gostos eram divinos, espiritualissimos, interiores, do que vos elle communicava de si, e dos jubilos, excessos mentaes e arrebatamentos, em o que vossa purissima alma inflammada deste Senhor, Filho vosso, e vosso Deos, era alevantada, e nelle sempre unida, e transformada, Recebestes d'isto mais que todos, porque mais que todas as criaturas amaveis com purissimo amor a este divino Senhor. Pois minha Senhora, que ha aqui em tão puros e fidelissimos gostos, em tão interiores prazeres, que mudais em dores? Não estava o amor bem conhecido? Ainda tinha necessidade de prova, e exercicio de dores? Tambem vos alcançou a miseria, e tributo dos degradados filhos de Eva, cujos peccados não tivestes? Tambem pera vós não póde este desterro deixar de ser terra de trabalhos, e valle de lagrimas? Oh miseravel peccador, que cuidas poder ter hora de gosto na vida, sendo teus gostos tão damnados, pois vês isto nesta Rainha dos Anjos! Confunde-te miseravel, e corre-te diante d'este Senhor, e d'esta Se-

nhora, de todo tempo da vida, que tens gastado em tantas desordens, e de quam máo hes de dobrar a soffrer hum trabalho, quantos queixumes tens logo, e quantos achaques achas pera lhe fugir. O Filho Jesu morre penando, como vês, a purissima Virgem, e Mãi não escapa das dores que padece, e tu, perverso peccador, queres consolações, e gostos?

Todo o tempo, Senhora dos Anjos, que vivestes em companhia deste Senhor, andastes esperando por estas dores, que vos estavam profetizadas por Simeão; e viram vossos olhos todos vossos divinos contentamentos tão mudados em tamanhas dores, que parece que fazem esquecer os sacratissimos prazeres passados: porque pela medida de vosso amor, foi a grandeza de vosso tormento, e dôr. Despedio-se o Senhor de vós, pera hir padecer, mostrando-vos que era sua vontade que o acompanhasseis ao pé da Cruz, e já d'aqui ficastes trespassada da dôr e trabalho. Chama-vos S. João por ser chegado o tempo de padecer o Cordeiro, e hides regando as ruas de Jerusalem de lagrimas. Achais vosso unico Filho, e Deos entre lobos, que lhe pedem a morte, e vedel-o, não adorado dos Reis, nem dos Anjos, nem servido de vossos braços purissimos: mas mostrado ao povo como falso Rei, blasfemado, deshonrado, pedindo-lhe todos a morte, condemnado a ella, carregado com sua Cruz, levado ao Calvario comvosco apoz si, cheia de dores immensas, e infinitas lagrimas. Ouvis as marteladas de quando o prégam na Cruz, que vos atravessam a alma, estais cheia de tormentos, e afflicções, esperando aquella triste hora, que o haveis de ver crucificado; vedel-o alevantar com tanta grita, e estrondo em alto, que apparecendo-vos por cima da gente, vossas entranhas todas se apertam, e vossa natureza, e sangue se esfria; não podendo com a dôr, ficais traspassada, e esmorecida, até que tornando em vós, vos cobris de lagrimas, e passais aquellas tristes horas ao pé da Cruz, vendo aquelles immensos trabalhos, cruissimos tormentos, e injurias, e affrontas que vosso amor passa: até que o vedes espirar; e se aparta de vós com a morte, e vol-o poem morto nos braços: e o amortalhais, e meteis na sepultura, fazendo-lhe os officios derradeiros, como no nascimento lhe fizestes os serviços primeiros, como leal companheira, e serva, que fostes sua, desde antes de nascido até depois de morto. Tudo com tamanhos mares de trabalhos, tamanhas ondas de dores, tamanhos apertos de afflicções, tamanhos desamparos, e desconsolações dessa sacratissima alma quanto ninguem póde imaginar. Em tudo vosso amor ardia, e vos atormentava, a fé não se diminuia, e a obe-

diencia, que tinha resignado a Deos vosso coração, não contradizia. Tudo vos magoava, tudo vos affligia, tudo vos desconsolava, tudo vos atravessava de dores sem nenhum alivio. Oh Virgem sacratissima, quem podesse sentir o que em tudo nessa alma padecestes!

Na qual tantas dores havia, quantas vosso Filho sacratissimo padecia, e quantas chagas o abriam, e quantas blasfemias o deshonravam. E como amaveis muito, senticis muito, e penaveis muito, nem coração, que menos amor que vós tenha, poderá acabar de sentir de todo o que então padecestes.

Quando vossos leaes servos, e amigos, Rainha do Ceo, vem estas cousas, derretem-se todos em lagrimas, e dor de ver vossos divinos prazeres mudados em tão crueis dores, e vossa innocentissima pureza passar por tão deshumanos trabalhos, e se se podessem desfazer, e consumir todos por vol-os tirar, aliviar, e consolar, o fariam. Que sentiria pois o coração d'aquelle innocentissimo cordeiro, unico Filho de Deos, e vosso, que inteiramente vio, e penetrava as dores que passaveis? O qual sempre possuio vosso amor, e foi d'elle possuido, que trinta annos vos servio, acompanhou, e obedeceo: que via quanto não merecieis as penas que passaveis: que via o desamparo, em que com sua morte ficaveis: que via as saudades que sua ausencia havia de causar nesse coração: e que nem lhe fallaveis, nem vos fallava, nem palavras podiam abrandar essas dores: e sobre tudo via que era forçado passal-as, pois elle não havia de deixar de obedecer morrendo, e penando, nem vós podieis deixar de padecer vendo o que vieis, e amando-o como o amaveis.

Oh Padre Eterno, e Deos de toda a consolação, que dous corações aqui tendes crucificados! Como não valeis a vosso unico filho, e a vossa sacratissima esposa, e humilissima serva? Como quebrais com elles a lei que tinheis mandado, que no mesmo dia não fosse no vosso altar sacrificado o cordeiro, e a mãi ovelha?

E aqui em hum dia, em huma hora, em huma Cruz, com os mesmos cravos tendes pregado o filho sacratissimo, e o coração da innocentissima mãi!

Lembraveis-vos por ventura mais das ovelhas brutas, que as não querieis sacrificadas no dia que estavam sentidas de acharem menos seus cordeiros, que da purissima Virgem, que tão atormentada está pelas dores, e morte do seu divino cordeiro? E quizestes que não tivesse ella outro atormentador, senão o amor de vosso unico filho: e que a elle não

faltasse entre tamanhos mares de dores a vista dos trabalhos de sua mãi sacratissima, que o acabassem de magoar, e affligir?

Bemdito, louvado, e glorificado seja, Senhor, vosso amor, com que amais os peccadores, Adoro-vos, e dou-vos infinitas graças por todas as obras de vosso infinito amor. Oh Filho de Deos vivo, luz divina de minha alma, por vosso infinito amor, com que me amais, vos peço, que acabeis já de allumiar de todo esta alma nestas tão puras verdades, e me tireis do coração desejo de consolação nesta vida, e nelle imprimais puro amor vosso, e desejo de padecer por vós. Já que a vós todas vossas grandezas vos vieram a dar tormento, até vossa sacratissima Mãi: e a ella lhe viestes vós servir de mares de tribulações: que cegueira he a minha, que cuido que vos hei de contentar por outro caminho? Amor meu, sabedoria minha, até quando andarei cego, e errado? Até quando vos fugirei? Até quando este terreno homem se não renderá ao que tão claro em vós vejo? Pera que quero vida, se não ha de ser gastada, e acabada por vós, como vejo a da sacratissima Virgem por vós em pena, e a vossa acabar-se na Cruz por mim? Que maior desengano quero de meus erros, que este? Oh esperança minha, chegue já a mim esta luz, chegue já a força d'este amor, cheguem as mudanças que faz nos corações, que acha rendidos a si. Aqui me someto, offereço, e entrego todo, fazei vós, Senhor, que seja de inteiro, e puro coração. Imprimi em mim vossas dores, dai-me em que as imite, tirai-me o gosto de tudo, e dai-mo só de vos amar muito, e padecer muito por vós.

Deos de meu coração, e Senhor de minha alma, adoro-vos, e dou-vos infinitas graças, que até estas dores, que dos trabalhos de vossa sacratissima Mãi tendes, empregais em meu proveito, e ma dais por Senhora, e Mãi, e mostrais que me estimais tanto, que quereis que me tenha ella em vosso logar por filho, e que como a esse me amparo, me favoreça, e ajude, e haja misericordia de mim, e se compadeça de minhas necessidades. Não achastes, Redemptor meu, outra consolação pera vossa sacratissima Mãi, que dar-lhe filhos máos, e peccadores? Bemdito, e louvado sejais, que nenhuma cousa quizestes que ficasse de fora, mas que tudo se empregasse em meu remedio. Pois, piedoso remediador meu, entre tantos remedios, não fique eu sem elle. Tomai-me todo em vós, e fazei-me digno servo vosso, e d'esta purissima Senhora.

Oh Madre de Deos sacratissima, lembrai-vos que as dores que no parto virginal de vosso unigenito Filho não tivestes, se vos dobram ao pé

da sua Cruz, no parto espiritual dos peccadores: quando os tomastes a todos por filhos. Já que tão caro vos custei, tomai-me por servo vosso, amparai-me, e guardai-me; merecei-me ser d'este Senhor ouvido, possuido, abraçado, e mudado todo em seu serviço, e á sua vontade inteiramente. Fazei comigo, sacratissima Virgem, officio de mãi, em me negociardes graça pera se não perder este vosso indigno, e miseravel filho. Oh celestiaes cidadãos, fruitos das espirituaes entranhas, e amor d'esta purissima Senhora, a ella inclinai a me favorecer, e a seu unico Filho, a me tirar de minhas miserias, e me mudar em perfeito servo seu. Amen.

TRABALHO XLVIII

Desamparo que Christo teve na Cruz.

Remedio, e alivio grande, costuma ser em todos os trabalhos, acharem-se os atribulados no meio de suas afflicções acompanhados, ou de amigos, que lhos ajudem a sentir, ou de cousas, que possam espalhar a imaginação, e tiral-a dos trabalhos, que tem presentes. Mas ver-se hum atribulado de toda a parte, cercado de cousas que o cansam, e não poder pôr os olhos senão em cousa que lhe accrescente a pena, e ver-se desamparado de todo alivio, he cousa que não só faz os trabalhos muito maiores, e custarem muito mais; mas com razão se deve ter por principal trabalho por si, e fonte de todos os outros.

Por isso nosso Senhor, com este genero de trabalho acostuma provar os seus, como mais contrario á natureza, e gostos da vida. E quando quer encaminhar as almas, que com verdadeira determinação da vontade o buscam, e dispol-as pera lhe fazer muitas mercês interiores, e communicar-lhe muito de si, primeiro lhes dá cruz de tentações, e outros trabalhos, conforme a possibilidade de cada hum, pera que com ellas comecem a perder o amor de cousas terrenas, e exercitar-se na imitação do divino mestre de toda a perfeição, Christo nosso Senhor. E como começam a se someter á obediencia de Deos, e aceitar as cruzes que lhes elle dá, tira-lhe toda a consolação das criaturas, porque a busquem só n'elle, e não lhes levem as criaturas parte do amor d'alma, pela consolação que n'ellas poderão achar. Depois que se desapegam das criaturas, e renunciam com amor divino tudo o que das criaturas podem esperar, só por Deos, e só d'elle querem ser guiados, e consolados, e se lançam de coração em seus braços, costuma o Senhor encobrir seu favor: e dar-lho de maneira que elles o não conheçam, e encobre-lhes suas consolações, e os põe em interior desamparo, que nem nas criaturas, nem n'elle acham de que lançar mão pera se consolarem. Isto faz o Senhor pera apurar perfeitamente seu amor, porque não busquem, nem amem a Deos pelas mercês que d'elle esperam, senão por quem elle he, e pelo que elle merece. E assi estejam com puro amor a elle entregues, que tão liberalmente se deixem tratar d'elle com desamparo, como com favor, e tão contentes estejam de Deos, quando se serve de

sua criatura affligindo-a, como consolando-a, nem pór, nem desejar na divina vontade, e providencia, que os governa, lei, nem termo, senão o que livremente quizer.

He este perfeitissimo estado dos perfeitos amadores, e servos de Deos de muitos não entendido, e de poucos desejado, e de pouquissimos alcançado. Mas todos os que de coração buscam a Deos, ainda que não cheguem a esta perfeição, são todavia, ou pouco, ou muito por estas vias provados, e passam seu pedaço, conforme ao que cada hum com a graça recebida pode soffrer, e aproveitar.

Os que passam este genero de prova de desamparo de Deos, e das criaturas, e n'elle são fieis a Deos, por experiencia entendem que excede a todos os trabalhos corporaes, e que são muito mais leves de padecer todos os martyrios por Deos, que este espiritual martyrio: assi por ser muito mais prolixo, como por ter as ajudas, e consolações espirituaes mais encobertas, que os corporaes martyrios, que sempre são acompanhados de sensiveis ajudas espirituaes, que fazem os tormentos, e morte gostosos. Porque n'elles acode Deos mais palpavelmente (se assi se pode dizer) assi porque o aperto das dôres corporaes, e medo da morte não derribe a fé, e o amor: como porque o amor dos Santos Martyres não tem necessidade de ser provado: pois dão a vida e tudo por Deos, que he a maior prova do amor.

Os experimentados n'este genero de trabalhos entenderão melhor que todos, quanto devemos a Christo nosso Senhor, verdadeiro, e unico consolador de todos, em querer que entre tantos, e tão immensos trabalhos, que em sua Paixão teve, este lhe não faltasse: de se ver de todas as partes desamparado de toda a cousa, que lhe podesse dar algum alivio, e consolação. Porque não só quiz o Senhor padecer generos de tormentos tão crueis, que lhe não achassemos outros iguaes, ou maiores: mas ordenou que as circunstancias, de que eram acompanhados, fossem tão rigorosas, e asperas, que parecessem, ou fossem mais trabalhosas, que os principaes. Tal foi este desamparo, em que o Senhor se vio, se for de todas as partes bem olhado: porque da parte das criaturas, não só lhe faltou todo o refrigerio, mas todas ellas lhe accrescentavam seu tormento. Os amigos, e companheiros seus Apostolos o deixaram só, e d'elles hum o vendeo, outro o negou, e outro ao pé da Cruz o estava magoando. Sua sacratissima Mãi, e a companhia que com ella estava, lhe dobravam a desconsolação com a muita pena, e afflicção com

que diante de seus olhos estavam, sem permittir o divino conselho que se remediassem por então, nem consolassem. Não houve pessôa, de quantos elle curou, e doutrinou, que alli apparecesse, e tivesse por elle; e mostrasse sequer por palavra, que desapprovava o que lhe faziam, tanto contra justiça. Da parte de seus inimigos recebia suas immensas afflicções, grandissimas dôres, cruissimos tormentos, gravissimas injurias, e desaforadissimos escarneos. E tanta deshumanidade usavam com elle, que só pera elle perderam a natural compaixão humana; e tanto, que não contentes com os tormentos, que de fóra lhe davam, buscavam invenção pera o atormentarem, até dentro das entranhas, dando-lhe a beber vinho com fel, e mirrha, e vinagre; e depois de morto o atravessaram com huma lança. Tiraram-lhe os vestidos com que se cobria, e lh'os jogaram, e partiram. E tudo faziam com tanta festa, e gosto, como se o Senhor fôra até alli peste, e destruição da gente, e se livraram de seus damnos, e males com o matarem.

Não se guardou com elle justiça, nem razão, nem compaixão, nem agradecimento, nem respeito, como se fôra a mais baixa cousa do mundo. Assi de toda a parte dos homens se vio atribulado, e desamparado de toda a consolação: antes d'elles, aquem ardentissimamente amava, e por cujo remedio morria, lhe veio toda a perseguição, e tormento.

Da parte dos Anjos não foi visitado n'estes tamanhos mares de desamparos, como foi no Horto. Da parte das criaturas irracionaes, que não são capazes de consolar, tambem lhe faltou o que d'ellas humanamente se pode tomar pera algum pequeno refrigerio. Porque a dureza da Cruz, dos cravos, e dos espinhos, lhe gastavam as forças, e a vida, a luz do Sol se lhe encobrio: e esteve de tudo tão pobre, que nem hum vestido, nem mortalha, nem cova propria, nem bem algum temporal teve; e pera sua sede lhe faltou huma pouca d'agoa fria (que a nenhuma criatura falta) posto que em lugar d'ella lhe ministrou a mâlicia de seus inimigos vinagre, pera ser mingoa mais deshumana, e penosa.

Da parte de seu Eterno Padre, que he verdadeiro refrigerio dos cansados, e do Espirito Santo, cujo he proprio nome, e officio ser perfeitissimo, e divino consolador, tambem foi, nas horas que na Cruz esteve, desamparado. Porque como era chegada a hora de se satisfazer de nossos peccados com rigor de justiça, e a ella estava nosso Redemptor obrigado; e estava no eterno conselho determinado, que em tudo por onde peccámos o Senhor por nós penasse, tirando na alma: não quiz o Padre

Eterno dispensar por então em nenhuma cousa, das que seu Eterno Filho aceitára padecer. Por isso o entregou, e deixou nas mãos de seus inimigos, e atormentadores, como se não fôra seu filho, e fôra o proprio culpado: e soltou n'aquella hora ao poder das trevas a redea, pera que executasse n'elle quanto quizesse, com quanta furia, e malicia podesse. Afora isto, interiormente na porção interior da alma, na qual podia sua humanidade padecer, o privou de toda a consolação sensivel, e o deixou em tamanho desamparo, que represou até a gloria de sua alma, que não ajudasse seu corpo a mais (por então) que a viver pera mais padecer, e ao soffrimento dos trabalhos immensos que padecia. E como nosso Senhor mede estes desamparos, quando os dá a seus servos, pelo que cada hum d'elles póde soffrer, conforme a graça que tem recebido: o desamparo de Christo nosso Senhor, que foi pela sua medida, e de quem tinha perfeito enchimento de graça, só elle, e não outrem tinha forças pera o passar. Todavia foi elle tal, que guardando o Senhor em toda sua Paixão silencio espantoso, e não mostrando em nenhuma cousa sentimento das dôres e tormentos, que padecia, nem respondendo por si a nenhuma accusação, injuria, nem affronta, que lhe fizessem, n'este trabalho fallou a seu Padre Eterno, e declarando o trabalho em que se via, disse: «Deos meu, Deos meu, porque me desamparastes?» (*) Não he esta palavra, como de quem se queixa de semrazão, que se lhe faça, mas de quem desabafa com o proprio Padre, a quem obedece, da grande pena que por sua obediencia padece. He este termo, e modo de fallar muito trilhado em cousas de amisade, e que por bem se dizem; parecer que se dizem por queixa, não o sendo. Como se hum amigo, que está metido em negocios trabalhosos pelo outro, lhe diz: «Pera que me metestes n'isto?» Que não he queixar-se de o ter começado, senão declarar o trabalho, que lhe custa acabal-os como deseja, pois até o pôr no cabo o não deixa: assi Christo nosso Senhor diz: «Ah, ah, ah, Padre meu Eterno, e Deos meu, porque metestes este vosso Filho amado, e unico, em tanto desamparo, e em negocio que tanto custa, que sabeis que ainda que mais custasse haveis de ser de mim obedecido com amor? Tenho feito quanto pude, não me fica por fazer senão pouco, por onde vos mereça haverdes-vos por obedecido, e satisfeito, e fazerdes a todos por mim as mercês, que tenho merecido.» E prova de não ser queixa esta palavra he, que acabando de a dizer, não deixou de declarar a sede que tinha, sa-

(*) Matth. cap. XXVII.

bendo que havia com isso de dar occasião a lhe darem a beber vinagre (como adiante diremos): porque não desabafava com o Padre Eterno pera deixar de cumprir sua obediencia até morte; mas pera dar á sua humanidade hum pequeno alento em suspirar a Deos no meio de tamanho extremo de trabalhos, e desamparo em que se via.

O qual he manifesto sinal, do grande aperto em que estava aquelle invencivel coração, pois tão cansado, e affrontado se mostra no cabo de tão grande batalha.

Foi este desamparo de nosso Redemptor mui largamente profetizado no Psalmo 21 e no Psalmo 88. O primeiro d'estes começa pelas mesmas palavras, dizendo: «Deos, Deos meu, põe os olhos em mim, porque me deixaste, e te afastaste tão longe de minha saude?» E dando a causa, por que foi desamparado, accrescenta: «Obras de meus peccados são isto; não dos que commeti, que não tenho, mas dos que sobre mim tomei pera pagar.» E em a maior parte d'este Psalmo, vai relatando miudamente como Deos o deixou nas mãos de seus inimigos, e como elles zombavam de suas esperanças, e o crucificaram, e lhe jogaram os vestidos. Mas todavia no cabo diz os frutos d'estes trabalhos, nos bens que por elles todas as gentes receberão.

No outro Psalmo 88, depois de David contar ás grandezas do Filho de Deos encarnado, e a eternidade de seu reino: dá volta maravilhando-se dos divinos conselhos, e diz: «Mas tu engeitaste, e lançaste, e afastaste teu Christo: destruiste seus muros, e fizeste medonhos seus fundamentos: todos os que por elle passaram o destruiram, e ficou entre seus vizinhos a mesma vergonha. Alevantaste os que o abatiam, e alargaste seus inimigos. Tiraste-lhe a ajuda, e não o ajudaste na batalha. Encurtaste-lhe os dias de vida, e o encheste de affronta.» E outras cousas semelhantes diz a este modo, encarecendo o aperto, e desamparo em que o Padre Eterno poz a seu Filho entre seus inimigos. Mas como os segredos do eterno conselho não são de todos entendidos: vendo David quantos, e quam grandes bens d'aqui haviam de recrescer, deixa os encarecimentos dos trabalhos de Christo nosso Senhor, e acaba com esta palavra: «Bemdito seja o Senhor, pera sempre, faça-se, faça-se.» Por onde se vê que fez o Espirito Santo tanto caso d'estes desamparos do Filho de Deos, que pera nunca serem dos homens esquecidos, os poz nas divinas profecias, tão largamente encarecidos, que não possam allegar ignorancia das grandes obrigações em que a Deos estão por elles: porque não

pode deixar de ser mui excessivo o trabalho tão largamente profetizado, e tão lastimosamente declarado pelo Senhor, que tão manso como hum cordeiro sem abrir sua boca (como diz Isaias) se entregou á morte.

Abria este desamparo do Senhor larga occasião pera tratar dos desamparos, com que os justos, e servos de Deos são provados; que he materia necessarissima: porque he a cousa mais ordinaria n'elles, e em que maior pena, e trabalho sentem, e que em maiores tentações os mete. Mas está o exemplo d'este Senhor tão claro, que por si, sem muitas doutrinas, e palavras, está ensinando tudo o que as almas desamparadas hão mister. Pelo qual tres cousas sómente lembro pera consolação dos desamparados.

A primeira, que posto que este Senhor se vio tão desamparado, que desabafou com seu Eterno Padre, todavia não lhe pedio que o consolasse, nem tirasse do trabalho em que estava, nem tomou nenhuma consolação, que como Deos, que he, tinha em sua mão podel-a tomar; nem deixou por acabar a obra começada, mas assi como estava passou ávante até morrer. Que he hum muito principal documento, pera os atribulados, e desamparados; os quaes não se devem de ter por desaproveitados, se vem que sua natureza sente muito o aperto em que se vê. Mas antes o sentimento he occasião de maior merecimento. E o proprio alivio n'estes trabalhos he contal-os, apresental-os a quem os dá, e não hir a outrem com suas magoas, senão á propria mão que as dá. E isto não com pedir, ou querer que lhas tire, mas com sujeição á sua vontade. E quando se buscam outros meios pera poder com estes trabalhos (como são os Sacramentos, ou conselhos de servos de Deos experimentados) não ha de ser pera buscar remedio pera sahir d'elles, senão pera ser n'elles fiel. Porque com recorrer a Deos na afflicção por oração, e por outros meios, que a elle nos sometem, he o proprio remedio pera esforçar o coração, que está fundado na certeza da Fé, que Deos dá estes trabalhos como, quando, e quanto nos cumpre; e que o mais aceito sacrificio a elle he, voluntaria sujeição a sua divina ordenação, com renunciação de toda consolação; salvo a que elle quizer dar, e da maneira que elle ordenar.

A segunda, que se não deixem os servos de Deos vencer da tentação, que ordinariamente persegue, e acompanha os que são provados com interiores desamparos, e exteriores trabalhos; que he haverem-se por esquecidos de Deos, e deixados de sua mão. Porque a Fé ensina, que não

foi possivel que o Padre Eterno desconhecesse seu unigenito, e eterno Filho, nem o soltasse de si, ainda que o meteo por certo tempo em tantos desamparos; antes por elles lhe acabou de cumprir a palavra que lhe deo, em voz clara de muitos ouvida, hum dia, que o Senhor lhe pedio que o clarificasse, lhe respondeo: «Já te clarifiquei, e outra vez te clarificarei.» (*) Porque por estes trabalhos lhe deo todas suas victorias, e triunfos, e glorificação, e resurreição de seu corpo, e grande numero de almas predestinadas, que por elle se salvam, e povoam o Ceo: e lhe sometteo seus inimigos debaixo de seus pés.

Pois se Deos teve tanta conta com seu Filho desamparado, que se por huma parte o atribulava, por outra lhe acabava todos os desejos de seu coração, como ha de cuidar o servo d'este Senhor de huma tão infinita bondade, que tanto fez por nos fazer, e merecer bens, que queira de sua pobre e miseravel, e fraca criatura, que o imite no padecimento e soffrimento de tão pesado trabalho, e que tanto a elle o cansou; pera elle por outra parte abrir mão, e afastar de si os que por sua mão tem desamparados? Não he elle este, mas o que diz David: «Junto, e apegado está o Senhor, dos que tem affligido o coração, e livrará aos humildes de espirito» (**).

A terceira, e ultima, que responde a todas as duvidas da fraqueza humana, he, que não só Christo nosso Senhor quiz padecer este genero de trabalho, pera poder ser companheiro, e exemplo de todos os que padecem: mas (como diz S. Cypriano) pera nos merecer por elle o divino amparo, e consolação. Por mais desamparado que se veja, não pode ser tão só como Christo; porque elle não teve companhia e os atribulados, quando toda a outra lhe faltar, não estão sem a do mais desconsolado, e affligido de todos, que he Jesu. Mas porque cada hum pode cuidar de si, que merece ser desamparado, e desmerece o remedio; o Senhor supre nossa falta, e merece-nos com seu desamparo o favor divino, pera estarmos de tudo ricos. E assi o sentido d'aquella palavra he: «Deos meu, Deos meu, lembra-te da razão porque me desamparaste, que he pera que ninguem seja de ti desamparado: por este meu desamparo te offereço todos os por tua ordenação desamparados, recebe-os, guarda-os, favorece-os; e sejam em minha companhia de ti vistos, e a ti aceitos como eu sou. Por onde com tão divina companhia a fé amorosa está

(*) Joann. cap. XII. (**) Psalm. XCIII.

segurissima, que nunca a alma se pode ter por tão olhada, e aceita a Deos, que quando d'elle parece desamparada.

Exercicio do desamparo, que o Senhor teve na Cruz.

Verdadeiro consolador dos atribulados corações, esperança dos espiritos derribados, amador fidelissimo das almas affligidas, Jesu, descanso, folego, e frescura de todos os cansados, e fracos desamparados; que pégo he este de afflicção, em que vos vejo metido, que faz fallar esse vosso espantoso silencio, e parecer que enfraquece essa vossa invencivel paciencia? Sois vós por ventura como eu, que com qualquer tribulação, que me dais, cuido que me meteis em mar sem fundo, de que logo desespero sahir, como homem de pouca fé? Mas quando quero com bom juizo sondar o mar que me mandais passar, logo dou comvosco, que quasi a pé enxuto me salvais: e sendo vós o seguro verdadeiro de minhas tormentas, vos vejo tão cansado nas vossas, que não sei como me fica a mim alento. Oh manso, e divino cordeiro, tão calado a tudo atéqui, tão soffredor, e encobridor das dores, e trabalhos d'esse affligido coração, tão sem queixume, nem resistencia a tudo quanto de vós quizeram fazer, e tão sujeito a quantos tormentos, e trabalhos vos quizeram dar. Agora no cabo arrebentais, e descobris o aperto, e afflicção, em que vos vedes, com tão sentido suspiro, e tão dolorosa palavra, e lastimoso brado a vosso Eterno Padre? Não he isto certo, oh meu suave Jesu, senão de terdes chegado (como diz o Psalmo) a todo fundo do mar da afflicção, e desamparo, e não terdes já substancia, nem forças humanas pera mais(*). Oh quem vos podera consolar, amor e vida da minha alma! Quem vos podera aliviar este aperto em que vos vedes! Cumpristes, Senhor, o que tinheis dito pelo profeta: Que vos espremestes nesse lagar da Cruz todo, e todo vos pizastes só sem ajuda de ninguem, nem ter de nenhuma parte consolação, nem alivio(**). Oh quanto vos devo, consolador meu, e quam obrigado me tendes! Quando em alguma maneira responderei a tamanho amor, como me mostrais: pois não chegastes acaso a extremo de afflicção, mas por vossa vontade o quizestes por mim passar? Não por força, mas por amor, quizestes que tudo vos desamparasse. E se vós não tivereis vossas criaturas, por padecerdes muito por mim, os Anjos vos defenderam, as estrellas do Ceo cahiram,

(*) Psalm. LXVIII. (**) Ibid.

os elementos se alevantaram, e tudo por vós sahira, e vos tirára de trabalho. Mas vosso divino amor, que he o regimento de vossas obras, o quiz assi; só vos fez passar esses trabalhos, só o desamparado chegar ao extremo da desconsolação em que estais. E tendo conta com minhas necessidades, mais que com vossas dores, reservastes só pera vós passal-as todas sem ajuda, pera que ninguem se tenha por só em seus trabalhos; pois estais com todos os atribulados, e quem cuida que está mais só, de vós está acompanhado. Adoro esse amor tão consolador. Adoro essa vontade tão amiga do meu remedio. Que fòra de mim, meu Deos, se vós não foreis esse pera mim?

Mas quem sou eu, e quem sois vós, pera quererdes estimar tanto minhas necessidades, que deis por ellas tanta tribulação a vossa sacratissima, e innocentissima humanidade? Bem sabeis vós, bom Jesu, a grande desigualdade que ha de vós a mim: mas em vossa bondade, e em vosso amor, achastes razão pera me remediar, tanto á vossa custa. Adoro-vos, mestre, e pastor meu divino, pois com tanto trabalho vosso me quizestes ensinar, que tudo o que não mereço posso esperar de vós; e que pera tudo tendes infinita bondade. Que escusa me fica, Deos meu, de vos não amar de todo coração: e servir com todas minhas forças, e deixar toda consolação por vós? E ainda isto com vosso amor me soffreis. Em tudo, bom Jesu, sois infinito, em tudo grande, em tudo liberal, e magnifico. Em me amar muito, em me perdoar muito, em me esperar muito, em me soffrer muito: e sobre todos meus desagradecimentos, em padecer muito por mim, só, e sem ajuda de ninguem, pera que a só vós deva todo meu bem. Oh quam desaventurado, e pobre fora, so pozereis meu bem, e meu remedio fóra de vós: porque não fora possivel achar huma tão larga, e amorosa vontade, que fizesse por mim o que fizestes.

Vós mesmo aceitastes a obediencia de vosso Eterno Padre, pera chegardes a esse seu desamparo; tivestes mão em vossa sacratissima divindade, que deixasse chegar essa humanidade ao extremo de desconsolação de dentro, e de fóra, em que está: e reprezastes a gloria de vossa alma, pera que o corpo sem alivio della padecesse. Não quizestes que o Anjo do Ceo vos viesse consolar, como fez no Horto. Levastes ao pé da Cruz vossa sacratissima Mãi desamparada, e cheia de immensas dores, pera que acrescentassem mais as vossas. Deixastes fugir vossos Apostolos, que vos não defendessem, nem acompanhassem. Quizestes care-

cer de toda a consolação, e agradecimento da gente que tinheis mais obrigada com riquissimos beneficios. Encobristes vosso poder pera que como fraco podesse a malicia de vossos inimigos contra vós tudo quanto quizesse: chegou-se comvosco ao extremo de deshumanidade, e a extremo de escarneo, deshonra, affronta, e tormento, que vos davam com festa, com triunfo, com desaforamento, grita, apupos, e novas invenções de cruezas. Só, sem compaixão dos homens, sem companhia de amigos que vos consolassem, sem luz do Sol, que escureceo, sem lembrança do que vos deviam, sem memoria de vossos milagres e doutrinas, sem vestido; como máo, como ladrão, como falsario, como revoltoso, e destruição do povo, como feiticeiro, e enganador, que não ereis; e sem consolação da terra, nem do Ceo, quizestes, innocentissimo cordeiro, ver-vos n'essa Cruz, estirado, desconjuntado, rasgado em chagas, cheio de mortaes dores em todas as partes de vosso santissimo corpo. Só de todos, e de tudo, de dentro, e de fóra, de Deos, e dos homens; desconsolado, affligido, e desamparado, e tal, que posto que vós assi o quizestes, e assi o aceitastes passal-o, todavia sois forçado com aperto das afflicções, e dores, suspirar, e bradar a vosso Eterno Padre, porque vos desamparou? Oh Deos de meu coração! Oh todo bem da minha alma, oh consolador dos atribulados, oh amparo dos desamparados, como vivo, como me fica coração e entranhas, quando tão só, e desconsolado vos vejo? Não sei fallar. Oh meu bom Jesu, desejo aqui derreter-me todo em sentimento, lagrimas, e amor, e abrir-vos este coração, que vejais vós se ha nelle cousa que vos possa consolar: desejo que já que tudo vos falta nesta hora, vos não falte eu com este pobre espirito, e fraco, e frio amor. Abrazai-o vós, meu Deos, pera que sinta o que passais, e vos ame, me abrace, e pegue com esta Cruz, pera vos ajudar a sentir vossos immensos trabalhos. Oh toda minha riqueza, oh toda minha gloria, oh todo meu coração. A vós falla meu interior: dilatai esta alma n'esta hora, pera que sinta, pera que entenda, pera que ame, pera que se derreta no que em vós vê, unico merecedor do amor d'esta alma.

Desejo, Deos meu, não me desapegar desta Cruz; e desejo fugir de mim, que tal me vejo ante vós, e tão duras reprehensões me dá este vosso desamparo. Foi-me necessario padecerdes vós este desamparo por mim, e queixo-me, se não ando sempre em vossas consolações. Afóra isto sou tão miseravel, que se não me tendes sempre na boca a teta de

vossas suavidades, tenho-me por esquecido de vós, e em lugar de vos chamar em minha ajuda, busco consolações exteriores, fujo de vossa Cruz, desconfio de vossa bondade, vendo-vos bradar a vosso Padre Eterno, e padecer, e sobre isso beber vinagre, e perseverar até cumprir toda a obediencia, e até todas as dores, e agonias mortaes por morrer nella. Prometto largo, quando me vós consolais. Offereço-me a padecer tudo, entrego-me a toda vossa vontade, peço-vos cruzes pera me parecer com vosco, e se encobris tamalavez vossa doçura, e visitação suave, e me não dais o que com efficacia vos peço, quando estou de vós visitado, tenho-vos por esquecido de mim, por afastado e fugido de minha ilharga, e a mim tenho por engeitado, e lançado de vossa graça, e cuido que he acabada pera mim vossa misericordia. Como não vejo então, Deos meu, que vos não tira vosso desamparo ser Filho de Deos, proceder de sua substancia, nem diminue nada de vossas grandezas, e acrescentamento de thesouros infinitos de merecimentos, e minha redempção? Oh quam miseravel sou, quam inconstante, quam desconhecido a vossas mercês, e quam proprietario, e onzeneiro no amor que vos tenho, e infiel ao que vos devo! Apurai, Senhor, este frio, e fraco amor desta alma.

Tudo faço como quem sou, em tudo pareço que sou baixo, e terreno, e vós, Deos meu, em tudo grande, em tudo puro, em tudo vos pareceis comvosco: liberal, fermoso, amoroso, leal amigo desta desagradecida alma. Não he necessaria pera me derribar, e enfraquecer, força, nem poder, porque quando cuido que estou mais firme, e mais forte, se encobris vosso raio hum pouco, qualquer pensamento, qualquer tristeza, qualquer tentação, e qualquer contradição me derriba, e me faz desconfiar de vossa amorosa presença, e misericordia. Verdadeiramente, Criador meu, nada sou, nada posso, e nada valho. Este nasci, este fui até agora, e este estou aqui ante vós. Vossa virtude, Deos meu, póde fazer outras as forças de minha alma.

Oh misericordia infinita, com que vergonha havia de estar ante vós, lembrando-me outra maior desaventura desta miseravel carne de terra! De quantas vezes, e quantos dias, nem vos amei, nem vos desejei, nem quiz padecer por vós, e não sentia que cousa era desamparo interior, occupado, e embebido em vaidades, e gostos do peccado, e do mundo, que me tinham mais desamparado de vossa graça, e mais sem vós, sem o sentir! Oh quam longe, bom Jesu, de vós fugi, quanto me apartei de vós, divina fermosura, tão antigua, e tão nova! Isto, isto Senhor, esta

minha miseravel desaventura vos tem posto neste tão atribulado desamparo, e pera que eu de todo não fosse desamparado. Já que vossa infinita misericordia quiz carregar tanto sobre vós tudo que eu mereço, pera me descarregar a mim, valei-me. Eu houvera de ser o desamparado de vós, e de toda cousa, pois vos deixei por vos offender: contra mim se houvera de pôr tudo, e vós Senhor meu, houvestes mais dó de mim, que de vós; por me amparar, vos desamparastes. Perdoai, Senhor da minha alma, a esta vossa miseravel criatura tudo o que a este desamparo vos chegou. Curai em mim tudo o que vos desagrada; aqui me torno a vós, Padre de misericordias, Deos de toda consolação, recebeime, perdoai-me, amparai-me com vossa piedade, pera que se não perca em mim tanto trabalho, e tanto amor.

Oh desamparado Jesu, amparo de todos os orphãos, e necessitados! Vosso amor me ensina, que d'esse vosso desamparo vem a mim as forças pera todos meus trabalhos. Senão fora o que vós me merecestes com este desamparo, que fora de mim quando me sinto desamparado de vós? Mas vós, meu verdadeiro, e soberano remediador, assim como com vossas penas me perdoastes as minhas, e com vossa morte me ganhastes a vida: assim com serdes de Deos de toda parte desamparado, me merecestes que nunca o Padre Eterno me desamparasse, e que quando me tem mais affligido, então me tenha a si mais ajuntado. Alluminai, minha divina luz, meus olhos no tempo da tribulação, e já que he forçado passal-a, não arreccioso, mas olhai minha fraqueza. Por esse desamparo vos peço, não que me não affijais, mas que na afflicção me amparcis, e me ensineis então meu coração a se hir a só vós, e a perseverar, e a não enfraquecer na fé, nem deixar vosso serviço, nem buscar consolação fóra de vós, nem em vós, mais que a que me vós quizerdes dar. Humilhaime nesta hora, esforçai-me, e consolai-me com padecer, dai-me animo pera soffrer até morrer. E pois tudo ha de ser obra, e fruto d'esse vosso desamparo, e da vossa misericordia, pois vedes que pera tudo falta força a minha miseria, sem vossa graça: glorificai-vos amor triunfante em minha fraqueza, pois que nas cousas pequenas, e baixas mostrais mais vossa força, e fidelidade. Ouvi-me com misericordia, amigo d'esta alma miseravel, e meu verdadeiro amparo.

Ó Madre Sacratissima, e Virgem perpetua, que vieis, e sentieis estas afflicções do Filho de vossas entranhas, e as senticis como fidelissima serva, e leal companheira de seus trabalhos, sede minha ad-

vogada no dia do desamparo, cobri-me então com o vosso manto de misericordia. Sustentai minha fé, esforçai minha fraqueza: apegai-me mais da divina mão, que me afflige, que nem lhe fuja, nem reconheça outra valia senão a sua. Oh Corte celestial, que por tudo isto tendes passado com triunfo, e victoria, compadecei-vos dos que ficam em guerra, e favorecei-me a perseverar até o fim, e ganhar a coroa. Amen.

TRABALHO XLIX

Sede extrema, e fel, e vinagre, que bebeo.

Xaropes pela maior parte se costumam dar aos doentes, pera disposição dos humores incruados, de que as doenças se causam; porque tenha a purga menos que fazer em os resolver, e tirar das veias, e partes enfermas: e se he necessario ajudam com sangrias a desafogar o enfermo do sangue corrupto, ou sobejo, que o carrega. E quando a natureza está tão tenra, que não soffre outro mantimento mais que leite, sangram, xaropam, e purgam a ama que cria, pera lhe apurar o leite, e por elle purificado, sare a criança enferma. Tal estava a natureza humana pelos peccados, e tal fica cada vez que a elles se entrega: que cahindo em enfermidades mortaes da alma, fica tão fraca, que não tem força pera poder com a aspereza da medicina, que ha mister. Pera isso se poz o Senhor na divina Escritura nome de ama, que nos traz ao collo, porque com o amor que tem aos peccadores, que ás tetas de sua bondade, e misericordia cria, tomou sobre si nossa cura: levou os cauterios, e tomou as sangrias com se abrir todo em chagas, pera que bebessemos suas mercês com a virtude de seu sangue purissimo, por nós derramado: e por nos deixar a nós todo o suave, bebeo elle os xaropes de fel e vinagre, que nós mui bem mereciamos, pera remedio dos damnados gostos da vida, por onde perdemos o Ceo. Guardou nosso Senhor isto pera a derradeira hora, pera morrer na boca com o sabor da propria medicina do primeiro peccado do mundo, que tantos males em nós causou, e pelo qual elle tantos trabalhos padeceo.

Fendeo Adão a obediencia de Deos, e começou a ser peccador, e pai d'elles, com o gosto de hum bocado da fruta que lhe foi vedada: e estava predizado de Christo nosso Senhor, que pagaria isto com beber vinagre, e fel: pelo qual já que começou a vida de peccados em bocado de [illegible] contra a obediencia de Deos, quiz o Redemptor dos peccadores, que [illegible] a morte na Cruz havia de obedecer, e acabar a vida cumprindo a parecia, com bocado amargoso de fel, e vinagre. Pera que assi [illegible] o começo de nossa perdição, e o cabo de nossa redempção, [illegible] nos houvessemos por sufficientissimamente redemidos, e perfeitissimamente curados.

A fruta, que matava, de que Adão comeo, aonde começou nossa perdição, foi da arvore da sabedoria, da obediencia, que elle comendo não guardou: e por isso cahio em sabedoria terrena, com que morreo: e a divina sabedoria de vida, que da arvore da Cruz havia de ser colhida pera nosso remedio, antes de nella sobir, bebeo o fel; e estando pera morrer, bebeo o vinagre, porque não quiz que ninguem cuidasse que na sabedoria da Cruz, que dá a verdadeira vida ás almas, pode achar, nem em seus começos, nem nos cabos, sabor da sabedoria do mundo, que mata. Porque o mundo entra com bocados doces até matar; e a Cruz entra, e acaba com amargores até dar perfeita, e eterna vida.

Não bebeo nosso Senhor em sua Paixão fel, e vinagre misturado, mas cada hum em differente tempo. Antes que o pregassem na Cruz, lhe levavam os algozes, que o haviam de crucificar, ordenada huma terribilissima potagem (como atraz fica dito) de vinho, myrra, e fel, pera lho dar em logar de conforto, que se costuma dar aos padecentes, porque tal era o odio que todos lhe tinham, que nem aquelle pequeno gosto de hum pouco de vinho, pera que o esforçasse, lhe queriam ver.

E o Senhor, que não estava enganado no que lhe davam, como que o não soubesse, tomou hum trago, e não quiz mais beber. Quem tem a experiencia de quam aspera, e terrivel cousa he pera o gosto, e estomago, fel e myrra, saberá que ainda que nosso Senhor não bebesse mais que hum bocado, esse bastava pera ficarem com elle todas suas entranhas tresandadas, e mui atormentadas.

Ficaram os algozes mui magoados de elle não beber mais, e por ventura com grandes risadas de o terem enganado. Mas o Senhor, que sabendo o que tomava, por vontade bebeo aquelle bocado, ficou soffrendo a desconsolação de suas entranhas, com o silencio acostumado, sem averrugar o rosto, nem mostrar nojo, e asco, de tão rigorosa potagem. Começou n'isto o Senhor a cumprir a primeira parte da profecia de David sobre este seu tormento, que diz: «Deram-me por mantimento fel.(*)» E a segunda que diz: «Em minha sede me deram a beber vinagre» guardou pera a derradeira hora da vida.

Tendo pois Christo nosso Senhor cumprido todas as profecias, que de sua vida, e paixão, estavam escritas, salvo só esta, que beberia fel em sua sede, chegou a hora, que pera isso tinha ordenada, com muito grande sede, causada dos muitos trabalhos, e tormentos, que n'aquella

(*) Psalm. LXVIII.

noite, e dia tinha padecido sem comer, e das mortaes agonias, de que já estava muito perto. Bem sabia elle que se dissesse a grande sede que padecia, lhe haviam de dar vinagre por agoa, e que assi, como assi com sua sede havia de acabar, e não havia de achar entranhas de compaixão, pera lhe darem o que a toda criatura sobeja, mas crueis, e deshumanas. Todavia, não quiz deixar de cumprir até o cabo a obediencia de seu Eterno Padre, nem faltar n'aquelle tão aspero tormento, que tinha de passar, e por isto declarou a grande, e mortal sede que tinha, dizendo: «*Sitio*. Tenho sede.»

A Virgem sacratissima, e os amigos ficaram assaz lastimados de lhe não poderem dar aquelle pequeno refrigerio: e a Senhora muito mais trespassada, porque pelas divinas Escrituras sabia o que lhe haviam de dar por agoa, e não pode atalhar tamanho tormento. Mas os algozes, e ministros de sua morte, mais crueis que feros, e brutos animaes, mais cansados de não terem já em que atormentassem ao Senhor, que dos tormentos que lhe tinham dado, ouvindo esta palavra renovaram sua deshumanidade, e malicia, e foi hum d'elles a todo correr buscar huma esponja, que atou na ponta de huma cana, com huns raminhos de hysopo, e ensopada em vinagre, lha poz á boca.

O Senhor, que sabia bem o que lhe davam, e o que lhe havia de custar bebel-o, não reeusou o tormento, mas bebeo o vinagre, que lhe cortou aquelle fraquissimo, e debilitado peito.

Acabando Christo nosso Senhor de beber, tanto que vio que tinha em tudo cumprido as profecias, e não lhe ficava mais por fazer que morrer, em tirando a boca da esponja, mostrou que já estava satisfeito do que desejava, e a tudo o que o Padre Eterno mandára, e ao que nos a nós cumpria, e á sede, que de cumprir tudo o necessario por nosso remedio toda sua vida tivera, dizendo: «*Consummatum est*. Acabado he.» Entendo que disse esta palavra o Senhor de contente. Como hum homem que chega de grande jornada, ou trabalho muito encalmado, e ardendo em sede, bebe hum pucaro de agoa, e como quem desafogou, e descansou, dá hum ai muito comprido de satisfação, e contentamento. Assi o Senhor esquecido do tormento, que o vinagre lhe deo, e satisfeito de ver no cabo o que tanto desejava, dá hum gostoso suspiro com dizer: «Acabado he.» Quem perguntára ao Senhor, que he o que he acabado, pera tamanho gosto, e em que fica elle nisso interessado? Porque senão he mais que matar a sede, foi com vinagre que o havia

de deixar muito mais atribulado que a propria sede: se ter acabado de padecer, isso he morrer, sem hir desaggravado de quantas affrontas recebeo: e hum, e outro he razão mais de sentimento, que de contentamento. Mas passa muito avante, a meu ver, que como o Senhor tinha sua humanidade entregue a seu amor, pera fazer nella de si quantas demonstrações quizesse, vendo que tinha ella chegado ao que podia, e o amor ao cabo do que desejava, contente o divino amor dos bens que ao genero humano, e ao Ceo, n'aquella humanidade fez, e ella da lealdade que lhe guardou, e de ser o instrumento do remedio de sua natureza de que procede, como quem via chegada a hora de se começarem a recolher os frutos de seus trabalhos, diz: «Acabado he.» Por isso cuido que S. João Evangelista, deixando a derradeira palavra, que Christo disse na Cruz, nesta acabou a historia de sua vida, e trabalhos (*), porque nella declarou o gosto com que lhes deo cabo, e a satisfação da sede de nossa redempção, em que sempre viveo, que lhe fazia a morte gostosa. Não ha logo que espantar, mas que adorar, e agradecer em o Senhor declarar sua sede, sabendo que havia de beber vinagre: pois que o cabo, que com isso dava a tamanhos desejos, e tamanhas e tão importantes obras, lhe fazia o vinagre suave, e saboroso.

Esta palavra: «Acabado he:» dá a entender outra sede, que o Senhor teve, não só de acabar o que tinha começado, mas de se aproveitarem todos de seus trabalhos. Porque ninguem folga de trabalhar debalde, em nenhuma cousa, ainda que seja de muito pouca importancia: e muito menos, quem trabalha com vontade, e gosta muito de levar ao cabo o que com trabalho começou. Pelo qual já que nossa redempção tantos trabalhos custou ao Senhor, e elle se mostra tão satisfeito de os ter passado, entendido está, que morria com muito maior sede da salvação dos homens, que era o fruto de todos seus trabalhos, que da agoa, que na derradeira hora lhe faltou. Porque ainda que não satisfez a sede natural senão com cousa muito mais penosa que a mesma sede, todavia aproveitou-se elle da necessidade, e da mingoa, e do tormento pera dar com isso cabo a nosso remedio. Mas como a sede de nossa salvação não pode ser satisfeita senão com os homens se aproveitarem voluntariamente das mercês, que morrendo nos fez: morreo ardendo em sede, e deixou a satisfação d'ella a cada hum de nós, pera lha matarmos com ajudarmos nossa salvação.

(*) Joann cap. XIX.

Deve conforme a isto, cada hum de nós de cuidar cada vez que pecca, e obriga a divina justiça a condemnar a quem deseja com misericordia salvar; que dá a Christo nosso Senhor muito mais amargoz, e aspero fel, e vinagre, que o que na sua Paixão bebeo. D'estes se queixava elle por Isaias: Plantou huma vinha de muito bom vidonho (qual he cada huma de nossas almas) e não lhe faltou com todos os adubios necessarios, e esperando que cada cepa désse muito boas uvas, muitas d'ellas lhe sahiram (por sua culpa) labruscas, cujo vinho se não podia beber (*). Por onde sem duvida devemos crer, que muito maior trabalho deo ao Senhor a sede da salvação dos homens, pelos muitos peccados, com que muitos se haviam de perder, que a sede natural pela falta de agoa, e aspereza do fel que teve. E pois a natural, e christã compaixão, quando vemos este trabalho do Senhor, faz desejar de se achar homem alli presente, pera lhe valer com hum pucaro de agoa fria, e nos espantamos de tão féras, e crueis entranhas, que acabaram comsigo dar vinagre a beber a quem estava penando, e morrendo em tão crueis tormentos: mudemos isto a nós, e não sejamos tão crueis pera nós, e pera este Senhor, que morrendo elle, e indo-se ao Ceo com sede de nossa salvação, o deixemos estar com ella, sem lhe dar hum gosto d'elle tão desejado, como he aceitar-lhe suas mercês, e dar-lhe o amor da alma, a elle só devido, e tratar muito de fugir dos peccados, porque elle morre, e fazer por imital-o em tudo o que nos ensinou.

Bem olhada a conjuncção, em que nosso Senhor disse a sede que tinha, sabendo que havia de beber vinagre, mui claro espelho dá em si, pera cada hum poder conhecer, quanto de verdade, e de coração serve, e busca a Deos. Porque acabado de se mostrar affligidissimo, e desamparado, e que parece que com razão podia esperar de seu Padre Eterno algum allivio: não só mostra que por então o não espera, nem deseja, mas dá nova occasião pera mais tormento, e maior desamparo, e mingoa. Donde aprendemos quam differentes dous caminhos hão de levar em nós, a natureza, e a graça, nas cruzes, e trabalhos que Deos nos dá.

A natureza como fraca, ha de sentir, e ha de se queixar; mas a vontade racional ajudada da graça do Senhor, se ha de estender, e alargar a muito mais padecer, se o Senhor quizer; e ainda que vejamos diante cousas, que pareçam á fraqueza natural impossiveis, a essas nos havemos de lançar com mais animo. Porque pela maior parte, as impossibilidades

(*) Isaiae cap. v.

são mais medos de fraqueza, que verdades. E provados os trabalhos com confiança do Senhor, por experiencia se vê, que com a continuação d'elles, e graça de Deos, se faz mais forte nossa pouquidade.

A este modo (segundo se escreve no livro dos Reis) as duas vaccas paridas, a que tiraram os bezerrinhos, pera levarem a Arca do Senhor em hum carro, ainda que olhavam pera traz, e magiam com o amor dos filhos, e dôr do apartamento d'elles (*); todavia sempre hiam por diante guiando-as Deos, atè onde foram sacrificadas ao mesmo Deos. Assi já que o sentimento natural não desfaz, nem na santidade da virtude, nem no merecimento d'ella: grande desejo de contentar ao Senhor, mostra, quem sentindo, e gemendo, pelo trabalho, não deixa de o levar até fazer de si sacrificio vivo ao Senhor, a elle aceitissimo. E quem com o desamparo torna atraz, claro mostra, em quam baixo gráo fica: ou por melhor dizer, que a nenhum gráo de virtude chegou.

Dizia Deos por Moysés, que quarenta annos levára os filhos de Israel pelo deserto, e os tentára, pera se descobrir a virtude de seus corações: os quaes corações n'isto mais que em tudo se manifestaram: que sendo a gente de todas as do mundo mais cheia de mercês de Deos: quando lhes liam a Lei do Senhor, e elle os favorecia, era larguissima em se contentar com Deos, e prometter de o servir: e durissima, e contumaz em o desservir pelo mais pequeno desgosto que tivessem. O ter no desamparo sede de mais padecer, e buscar na desconsolação mais fel, e mais vinagre pera beber, prova he de verdadeiros amadores, e imitadores d'este Senhor.

Não passe por esquecimento, como na derradeira hora se despediram Deos, e o mundo, e como se pagaram o tratamento que na vida se fizeram. Encontrou Christo nosso Senhor em quanto viveo, o mundo, e seus gostos, e reprovou todas suas demasias, e approvou tanto o despendel-as por grangear o Ceo, que até dar hum pucaro de agoa de esmola sanctificou pera merecimento d'elle: e quiz tão pouco do mundo, ou nada, que até os vestidos, de que na vida usou, lhe deixou ao pé da Cruz. Chegando a derradeira hora, que houve mister d'elle huma pouca de agoa, acode-lhe com vinagre: porque o quiz despedir na morte como tão inimigo, quanto elle na vida se tinha declarado sel-o do mundo. E o Senhor lhe aceitou fel, com a mesma vontade com que sempre engeitou seus gostos; pera que fiquem perpetuamente as inimizades entre o mun-

(*) I. Reg. cap. VI.

do, e os seus, rotas, e declaradas. Por onde quem com tal mundo faz pazes, não sei como as poderá ter com Christo.

Deixou-nos tambem nosso Senhor exemplo n'este derradeiro tormento, a que com sua sede deo occasião: que assi como toda sua vida viveo com desejo, e sede de nossa salvação, assi este desejo ha de ser o meneio, e regimento de toda a vida dos que se quizerem salvar. Naturalmente o fim, que se pertende nas cousas que se fazem, he o regimento d'ellas: de differente maneira se serra, e lavra hum páo pera se fazer hum vulto, ou pera fazer hum escabelo. Muito mais cabedal se mete pera tratar negocios de que se espera muito grande ganho, que pera os de que se arrecea perda.

Isto corre em todo o genero de cousa da vida. Só no negocio da salvação corre hum tão grande desproposito, que dizendo todos que a desejam, muitos metem todo seu cabedal, e ordenam todas, ou as mais das occupações, trabalhos, e cuidados da vida pera sua condemnação.

A razão d'isto he, que não desejam o que querem, senão tão friamente, que o não tem por norte, guia, e pertenção de toda a vida. Mal podem logo cuidar, os que querem ser salvos, que o serão, se os desejos não são taes, que por elles se governe toda a vida: vendo que o Salvador pelos desejos de os salvar, governou sempre a sua.

Exercicio das sedes, que o Senhor teve, e fel, e vinagre que bebeo.

Que cuidado he este, Salvador meu, e unico remediador de minhas necessidades, de vos não ficar nada por fazer, nem trabalho nenhum por passar por mim? Acabando de declarar vosso extremo desamparo, a consolação que buscais he, cumprir o que estava profetizado, que haveis de beber vinagre em vossa mortal sede. Vosso amor, bom Jesu, vol-o lembra, elle vos faz essa sede, elle vos faz dizer que a tendes, e dar com isso occasião a vos atormentarem, com tão deshumana, e cruel invenção de potagem. Arde, Deos de amor, em vós, e está ateado sempre o fogo do amor; e por não estar ocioso, busca sempre em que se accenda, e faça suas obras. Oh todo meu bem, e gloria minha, bem sabeis vós por quem fazeis isto, que tão mal vol-o mereço, pois tão ocioso vivo de vosso serviço, e amor: tão descuidado de vos agradar em tudo: tão esquecido de vos fazer em tudo vossa vontade: tão pesado pera as cousas que me ensinastes, e tanto por força vou a ellas, que nem com tantas lembranças, e estimulos, com

que continuamente me atiçais, nem com quanto amor me mostrais, não corro a ellas com fervor, e deixo-as por leve occasião. E com isto tão diligente pera meus gostos e appetites, e nunca esquecido de fazer a vontade a este corpo, e ao mundo. Eu todo perdido por mim, e vós todo empregado em mim. Vós todo occupado em me levar a vós, e eu perco-me antes por mim miseravel, do que me quero ganhar, com me deixar levar de vosso amor. Oh pesadas miserias! Oh duras prisões d'este terreno homem! Quando rompereis já estas cadeas de meu amor proprio, e me cativareis de vós, e me levareis todo apoz vós? Chegue, chegue Deos meu, já esta ditosa hora.

Oh fartura de todos os famintos! Oh satisfação perfeita de todas as sedes da minha alma: não ha outra cousa com que vos matem a sede, senão vinagre, com que vos cortam as entranhas d'esse tão fraco, tão debilitado, tão cansado, e tão atormentado corpo sacratissimo n'essa derradeira hora? Não vos reconhecem já os Anjos, que vos ministraram no deserto, e acudiram a vossa fome? Agora na derradeira hora não acodem a vossa mortal sede, e deixam-vos atormentar com vinagre? Assi quizestes ser pobre na vida, e acabar mingoado de tudo, o de que sois verdadeiro Senhor. Assi, cordeiro Jesu, vos trata o mundo, quando d'elle quizestes huma tão pequena cousa, que se não nega aos brutos cães, estando tão cheio de bens, e mercês vossas.

Louvado, bemdito, e glorificado sejais de todas vossas criaturas, e das obras de vosso amor: vinga-se, Senhor meu, agora de vós o mundo, sempre desgostastes de suas cousas, sempre vos amargaram, e aborreceram as que elle mais estima, condemnastes suas demazias: e approvastes as que elle condemna, e pozestes guerra entre os vossos, e elle. Tratou-vos quando o havieis mister como o tratastes. Quando vos querem pregar na Cruz, esforça-vos com vinho cheio de myrra, e fel: e quando quereis espirar, dá-vos a beber vinagre, e pois que o aborrecestes na vida, faz que vos amargue na morte. Tão inimigo vosso está, tão cruel pera vós, minha soberana doçura, e suavidade.

Oh divina, e eterna sabedoria, que nem nascendo, nem vivendo, nem morrendo, quizestes commercio, nem paz com o mundo, nem elle a quer comvosco, pois assi vos despede de si na derradeira hora. Oh maldita, oh desaventurada cegueira minha, que a este mundo tenho eu servido, n'elle tenho empregado meu tempo, vida, e desejos. Por elle perdi o gosto, e sabor verdadeiro das cousas divinas. Por elle se me afiguravam

vossas interiores suavidades, fel, e vinagre, quando as não buscava: por elle deixava vossa conversação, e me amargavam vossas verdades, e tive gosto de suas vaidades, e enganos. Oh infinita misericordia, quanto tendes em tudo que me perdoar! Bemdito sejais, que tendes a terra, que se não abra, e me confunda: e tendes os Demonios, e inferno, que me não sumam, e tirem de vossa presença, pois assi troquei o suave pelo amargoz, a vida pela morte, a graça pela culpa, vosso amor pelos gostos do mundo, vossas verdades por enganos, e mentiras; e a vós, saude de minha alma, por hum tão pestifero mundo, e inimigo vosso, que assi vos trata.

Bem vos entendo, meu divino mestre: sem me faltar condemnais quanto fora de vós amei atégora: e tanto á vossa custa me mostrais, que he verdadeiro fel, e vinagre, a quem tem o gosto são, tudo o porque vos perco. Se vós, Senhor meu, sois toda a bondade, toda suavidade, toda misericordia, toda doçura divina, e brandura, como pode ter verdadeiro, e bom sabor cousa fora de vós? Havei, misericordioso Jesu, piedade d'este tão doente, e damnado gosto d'esta alma; sarai-me, e curai-me de maneira, que seja pera mim d'aqui por diante o mundo o que he pera vós. Por essa vossa mortal sede, por esse fel, e myrra, e por esse vinagre que por mim bebestes, vos peço Deos, e saude minha, que tireis d'esta hora por diante d'este miseravel coração o amor, e gosto do mundo, e de suas cousas: seja elle pera mim crucificado, e eu pera elle; nunca entre nós haja paz; eu o trate como verdadeira peçonha, que he d'esta alma, e elle me trate como inimigo seu. E pois vós, Senhor meu, quizestes esse derradeiro bocado, pera que todas vossas entranhas, a que não podiam chegar os açoutes, e cravos, não ficassem sem tormento por mim, mudai-me tambem a mim todo entranhavelmente, e convertei-me a vós, que só de vós goste, só a vós ame, e tudo o que vós não sois me amargue, pois sois a soberana doçura, perfeita suavidade, e puro amor d'esta alma.

Que muito, bom Jesu, que eu só de vós goste, e só vosso amor, e serviço me satisfaça, pois vós entre tantos tormentos, e acabando de beber huma tão aspera, e forte cousa como vinagre, por mim, em logar de amostrar asco, e arrepiamento do tormento, e trabalho, que vos dá, mostrais em tirando a boca d'elle, que estais contente, e satisfeito: como quem acabou de beber hum pucaro de agoa fria, em grande calma, e respira de satisfeito! Assi vós, como esquecido de vossos tormentos,

e refrescado com as mercês, que me fazeis, respirais, e dizeis: «*Consummatum est.*» Agora sim, já tudo está feito, e eu satisfeito, pois me posso ir a meu Padre, deixando tudo acabado, e satisfeita a sede que tinha de padecer. Porque não tenho eu, Deos meu, este gosto de vós, e de vossas cousas? Como não he pera mim a melhor hora da vida, padecer alguma cousa por vós, ou fazer-vos algum serviço? Todo, e em tudo sois amoroso; todo, e em tudo mostrais essas entranhas verdadeiras de pai, e amigo desejoso de meu bem, e remedio. Adoro-vos, Senhor meu, louvo esse amor, louvo esse cuidado, e dou-vos infinitas graças por esse gosto, que tendes em me fazer bem. Esse gosto, Senhor meu, vos ponho por terceiro, pera que elle vos faça tirar d'este terreno coração toda a frieza, e tibieza em vosso serviço, e me faça affervorado imitador vosso, e preso de vossa suavissima bondade sempre, e pera sempre. Oh sempre, oh pera sempre!

Da outra sede de Jesu, da salvação das almas.

Outra sede tendes vós, Jesu Salvador, e Redemptor meu, que não está ainda satisfeita. Com ella nascestes, e vivestes, com ella morrestes; e resuscitastes, com ella subistes ao Ceo, e estais atégora, com ella estareis até o fim do mundo: que he da salvação das almas, e de as conversar, e reinar nellas, e communicar-lhes vossos bens. E não estareis satisfeito, senão quando as tiverdes comvosco pera sempre seguras, e glorificadas.

Oh amor divino, como és communicativo! Que vos vai a vós, divina bondade, em minha salvação ou perdição? que necessidade tendes de mim, ou que bem vos posso eu dar, que vós não tenhais, pera serem todos vossos prazeres estar com os filhos dos homens, e possuir suas almas, dar-lhes da vossa agoa viva, e transformal-os todos em vós? Queixais-vos quando vos não amo, mostrais sede do amor d'esta pobre alma, estais contente de vós, se vos dou o amor d'ella. Todo vos derreteis com as almas, e parece que esqueceis com ellas vossa magestade. Quereis por huma parte ser estimado, e amado, como divino, e infinito bem, e por outra tratado do amor como igual, como companheiro, e como unico, e familiarissimo amigo. Queixais-vos aos corações amorosos, sentis seus queixumes, descobris-lhes vossos segredos, e entendeis os seus: dais-lhes vossos suavissimos abraços, e recebeis seus pobres gasalhados.

Se vos esquivam, grangeail-os: se vos fogem, ides apoz elles; se vos desconhecem, allumiail-os; se vos choram, consolail-os; se vos recolhem, estais contente: se vos possuem, entregais-vos, e dais-lhe quanto tendes. Oh divino amor, que nenhuma outra razão queres de tuas cousas mais que amar! Quem te não ama, não te entende: e o que te ama, não tem que perguntar, porque no amor vê as razões de tudo.

Sois, Deos meu, fogo abrazador, arder quereis, e em que pegueis; e já que não podeis fazer deoses na substancia, quereil-os fazer nas mercês, nas riquezas, na bemaventurança, e no muito que de vós lhe podeis communicar: que nem o olho pode vêr, nem a lingoa dizer, nem a orelha ouvir, nem o coração por razão humana entender; só amando pode experimentar o que tendes apparelhado pera communicar aos que com puro amor vos amam. A sede d'este amor, com amor se farta, e até nos terdes todos em vós não será satisfeita, porque não ha cousa que possa encher nossa capacidade, senão o mesmo de que vós sois eterno, e bemaventurado.

Oh quantas vezes, divino amor, vos dei fel, e vinagre, em logar do amor que vos devia, que vós nem beber, nem vêr querieis! Porque vos não amo, amor divino? Porque vos não amo, bom Jesu, de todo o coração? Que acho fóra de vós, que se possa parecer comvosco, pera lhe dar o amor d'esta alma, e tiral-o de vós, que mo pedis cheio de sede d'elle? Fizestes está alma capaz de vós, e ando apoz cousas fora de vós: e como me imprimistes n'ella fome, e sede de bem divino, e soberano, quando fóra de vós a emprego em outra cousa, fico com mais sede: porque nada me pode satisfazer senão vós, e não o entendo. Assi ficais vós, Senhor meu, ardendo em sede de mim, e engeitando o fel, e vinagre, que vos dou, e eu com muito maior sede, e não a farto de vós, nem a posso fartar sem vós. Esqueça, Deos meu, esqueça, Jesu meu, nesta hora o mal passado; agora me torno a vós, desejo-vos, e quero-vos, vida da minha alma: aqui vol-a entrego, pois tendes amor pera me tomar perdido, pera me abrazar frio, pera me apurar corrupto, e pera me ajuntar a vós pera sempre, ainda que andei atégora desapegado de vós. Renuncio d'aqui pera sempre todo o outro amor: fazei vós, Senhor meu, que todo me enfastie, e aborreça senão o vosso, porque a só vós deseja agora minha alma, e deseja desejar-vos, e amar-vos pera sempre.

Como o cervo encalmado, e affrontado, deseja as fontes de agoas

frias, assi minha alma acossada do mundo, e cansada de si, deseja a vós, meu Deos (*). Tem esta sede de vós, fonte de vida. Quando já chegarei, e apparecerei puro ante vós, e verei as bemaventuranças, as graças, e fermosuras d'esse divino rostro? Servem-me as lagrimas de pão, e agoa, dia e noite, em quanto vos desejo, e não vos acho, e em quanto meu interior me diz, e pergunta sempre por meu Deos, minha saude, minha gloria, meu thesouro, minha bemaventurança. Nesta terra deserta, desencaminhada e secca, vos busca minha alma, com desejo de ver vossa gloria: porque o vosso amor me ensina, que he melhor huma só hora de vós, que muitas, e muito largas vidas de todas as cousas fora de vós. Não me tragais suspenso, oh amor divino, não vingueis meus passados desagradecimentos em vos esconderdes de mim, não castigueis o muito fel, e vinagre, que vos tenho dado, em me esconderdes a fermosura de vossa divina face, que só me pode sarar, e inflammar: em quanto vos não tenho, nem experimento vossa suave presença, vós estais com sede de mim, e eu não sei ter sede de vós; se eu, amor divino, não mereço fartardes-me, fartai-vos a vós em me abrazardes, e arrebatardes todo em vós. Oh vida, e esperança segura d'esta alma, não tardeis. Quando vos tiver, e quando apurardes este espirito, então serei todo vosso, e vós todo meu, então tudo fóra de vós me enfastiará: então tudo sem perda minha me deixará, porque só vós me tereis por vosso: então se dilatará minha alma, tudo terei, tudo poderei, tudo me levará, e ajuntará a vós. Vós sabeis que não posso eu dar-vos todo meu amor, e com elle matar-vos a sede que d'elle tendes, senão com a vossa agoa viva de que vós gostais (**). Esta prometestes a quem vol-a pedisse com bom desejo, e fé. A fé, e o desejo, tudo me vós haveis de dar, porque a vosso amor deva tudo. Desejo-vos, Deos meu, e creio que tudo me podeis dar: meu coração vos pede, e a vós brada, fonte de vida. Fazei em meu coração huma fonte de agoa viva, que corra, e chegue a vós, vida eterna, e soberana. Corra meu desejo sempre a vós, busque-vos sempre meu amor, tudo o mais me aborreça, pera que meu espirito tenha o vosso sabor, e possais d'elle gostar, e n'elle satisfazerdes a sede, que tendes de mim, e de me salvar.

Oh vida verdadeira, quando vivirei só pera vós? oh esperança soberana, quando chegarei a vós? oh thesouro infinito, quando desprezarei tudo por vós? Oh divina riqueza, quando estarei rico só de vós? oh

(*) Psalm. XLI. (**) Joann. cap. IV.

fermosura celestial, quando engeitarei tudo por vós, e estarei preso por vós? Oh rico, oh forte, oh poderoso amor, que tão amigo és dos peccadores, que não tiraste por excepção as almas peccadoras, mas d'ellas desejais ser amado, d'ellas tendes sede, e a ellas quereis abrazar, e salvar! Pois que fazes amor? A ti me entrego, tu me alimpa, tu me apparelha, tu me muda á tua vontade: arde em mim, vive em mim, muda-me em ti: faze d'este ferro frio, fogo ardente, e d'este negro carvão, braza viva, todo, todo, todo mudado, transformado, e abrazado em ti, divino, suave, e doce Jesu.

Oh Madre de Deos purissima, advogada de nossos rogos, terceira de nossas petições, e medianeira de nossos desejos. Por aquella afflicção que tivestes, quando vistes dar vinagre por agoa a vosso amado Filho, ajudai-me a alcançar d'este Senhor seu amor, pois sem elle, nem lhe posso ser aceito, nem de meus males justificado. Pera isto vos temos por Senhora, e amparo de todos os peccadores, pera por vós alcançarmos o que não merecemos. O que peço he justo, o impedimento por vós se me tire. Oh clemente, oh piedosa, oh doce Virgem, e Mãi sacratissima! Oh Corte celestial, alagada em agoas vivas, abrazada em vivo amor, em que arde sede das almas desterradas, ajudai a esta, que deseja vossa companhia. Amai muito a este Senhor por mim, louvai-o muito por mim, e communicai-me d'esse fogo em que ardeis, que sempre me abraze. Amen.

TRABALHO I.

Agonias da morte.

Viveo Christo nosso Senhor nesta peregrinação, e degredo trinta e tres annos, e tres mezes, contando de seu sacratissimo nascimento até sua morte. E contando do dia que foi concebido feito homem, viveo trinta e quatro annos. Os quaes todos, desde a primeira hora, que foi concebido no ventre da sacratissima Virgem nossa Senhora, até a derradeira de sua vida passou (como temos relatado) em continuos, e grandes trabalhos. Os primeiros annos de sua meninice gastou em Egypto fugido, e perseguido de Herodes, fóra de sua patria. E estes, com os mais até os trinta, occupou em continua oração pela redempção do genero humano, e em admiraveis exercicios, e exemplos de virtudes, calado, e encoberto ao mundo. Os tres derradeiros empregou em ensinar o reino do Ceo, prégar a lei evangelica, fazer muitos milagres, e encher a terra de mercês soberanas.

Todas estas tres partes de sua vida foram povoadas de muitos, e immensos trabalhos. Os quaes como ricos caudaes de infinitos merecimentos, foram acabar nos mares largos, e sem fundo de sua sacratissima Paixão. Foi sua sacratissima vida nos annos mui curta, pois na flôr de sua idade morreo: nas obras mui larga, pois nenhuma cousa das a que veio á terra lhe ficou por fazer: e nos merecimentos mui rica, pois por elles alcançou quanto quiz do Padre Eterno. Não perdoou em todo este tempo a seu corpo, e humanidade cousa, que por nós podesse padecer; nem deixou de fazer quanto pode por se parecer com os atribulados peccadores, em tudo o que sem peccado pode passar, e soffrer. Encobrio pera isto a gloria de sua alma, humilhou a magestade de sua divina pessoa, deo licença a todos os trabalhos que carregassem sobre elle, entregou-se nas mãos de seus inimigos, e empregou em nosso remedio tudo o que de nossa natureza, e em ella tinha tomado: membros, sangue, forças, idade, honra, e todas suas obras, e amor. Só lhe ficava a vida; e parecia que só esta nos cumpria a todos, que nunca acabara, pera termos sempre vivo hum Senhor, que com tamanhas mostras se declarou pelo maior nosso amigo. E como elle em pessoa lançou universal pregão, chamando a todos, que seguramente fossem a elle (*), e se

(*) Matth. cap. XI.

declarou que era a verdadeira vida, impropria cousa parecia a elle morrer, e nem a morte com elle se podia atrever, senão fosse por elle mesmo mandada, e constrangida a o matar. Mas nosso Senhor quiz antes perpetuar sua vida, resuscitando depois de morto, que ficar-lhe a cousa de todas naturalmente mais amada por dar, e empregar em nosso serviço. Não podia por razão morrer de doença, porque era a natureza de seu corpo composta de tão igual proporção de humores naturaes, que he a propria causa da conservação da saude, e elle tão regido em seu viver, que não havia cousa que desordenasse aquella composição pera poder haver doença, a qual não he outra cousa senão desordem dos humores. Morte de desastre não cumpria aó Redemptor, e Salvador; assi porque vivendo, e morrendo havia de remediar com divinas obras, e exemplos as necessidades do mundo: como porque os desastres, que a respeito das creaturas são laços, e acontecimento, da parte de Deos são ordenados por eterno conselho: e não cumpria que o auctor do mundo por sua vontade se matasse. Só a morte de dores, e tormentos lhe competia, porque nelles mostrava o amor que nos tinha, accrescentava os thesouros de merecimentos, satisfazia por nossas culpas, e se sacrificava ao Padre por nossa saude. Assi tendo feito tudo o que nos cumpria, e padecido quanto desejava, foi servido de dar licença á morte que podesse com elle. Tinha-lhe já sahido muito sangue do corpo, que lhe diminuia as forças naturaes, e a força das dores, e tormentos foi tamanha, que o debilitou de todo, e começou de entrar em agonia da morte, não apressada, mas vagarosa, pera lhe dar mór pena. Ora se desmaiava, ora tornava a ter mais alento; ora estremecia com o frio que lhe entrava pelas chagas por estar despido, ora tinha termos de se lhe apertar o peito, e o folego; ora respirava mais largo. E como não estava deitado, e com descanso, mas pregado na Cruz com todo corpo em vão, pendendo dos cravos, e affligidissimo com dores, foram ás d'aquella hora n'elle muito maiores, que em todo outro homem. Assi lhe foi o folego pouco e pouco faltando, e com isso hião os membros mais enfraquecendo; e quanto mais mortaes se faziam, com maior peso tiravam pelas mãos e pés pregados, e com maior pena o atormentavam. E estando sempre em todo seu juizo, pera maior sentimento das dores que padecia, lhe cahio a cabeça de fraqueza, com os olhos, que a todos os desconsolados agasalhavam, quebrados, e a boca, que tantas, e tão divinas palavras tinha fallado, fria e negra, ora abrindo-se, ora fechando-

se, dava os derradeiros e mortaes arrancos. Mas porque todos entendessem, que nem tormentos, nem dores eram poderosas pera lhe tirar a vida, senão quando elle quizesse, e pera deixar exemplo, e regimento de bem morrer, e acabar, aos que tinha toda a vida ensinado a bem viver: ao tempo, que a fraqueza mortal naturalmente costuma tirar a falla, e os sentidos corporaes, que he quando quer dar o derradeiro folego, esforçou Christo nosso Senhor com a virtude de sua divindade a mortal fraqueza, em que estava sua humanidade, e abertos os olhos, e postos no Ceo com huma tamanha voz, e esforçado brado, que escassamente hum muito são, e rijo peito o podesse dar, disse encommendando sua alma a seu Padre Eterno: «*Padre, em tuas mãos encommendo meu Espirito!*»(*) Dita esta palavra tornou abaixar a cabeça, em sinal de perfeita, e acabada obediencia, e abrindo a boca com o derradeiro folego deo sua alma áquelle, que com eterno amor a esperava; e ficou morto o que a todos dá eterna vida.

Este he o companheiro de nossa peregrinação, este o consolador de nossos trabalhos, este o remediador de nossas necessidades, e este o leal amigo, que na hora em que tudo mais nos deixa, mais nos acompanha. O qual como não morreo pera se de nós apartar, nos deixou morrendo a ordem que nos cumpria pera morrer contentes, e sahir desta vida, seguros de sua perpetua companhia; que he commetendo-nos á divina ordenação, e offerecendo-nos nas amorosas mãos do que nos criou. Nem pode haver melhor apparelho pera bem morrer, que por-nos na vontade, e ordenação divina. Tratando hum dia alguns Santos Padres, e conferindo entre si, de como melhor se disporiam pera bem morrer, cada hum dizia aquillo que seu espirito lhe ensinava. Hum approvava a perfeita contrição dos peccados, outro a virtude dos Sacramentos, outro os actos da pura oração. E finalmente disse hum delles, que pera bem morrer esta só cousa tomaria, que era acabar em perfeita conformidade, e total entrega á divina vontade. E com muita razão, porque esta faz a contrição dos peccados mais perfeita, dispõe a alma pera a virtude dos divinos Sacramentos fazerem nella mais efficazmente suas soberanas operações; alevanta com mais pureza o coração em Deos, faz as ajudas dos Santos mais proveitosas. E sobre tudo humilha mais o espirito a Deos, com mais perfeição de fé, e esperança nelle, e charidade que com elle se abraça, desconfiando de si, e fiando-se todo delle, que he a cousa de que Deos

(*) Luc. cap. XXIII.

mais se contenta. Tira o medo das penas, com que o amor proprio naquella hora trabalha por inquietar a alma com temor servil. Porque tudo deixa a Deos, e não quer delle senão que o trate como sua vontade fôr mais servida. Renuncia toda a cousa que amava, que n'aquella hora se podia atravessar entre Deos, e a alma, porque só ama a divina vontade. E offerece-se áquelle abysmo de infinitas misericordias, sem mais cuidado de si, que entregar-se áquelle, que crê, e sabe, que com amor morreo pelo salvar. Assi que todos os bens, que na morte se podem desejar da parte do que morre, pera bem acabar; se encerram em se entregar de coração nas mãos de seu Criador, verdadeiro, e unico remediador, com fé, e confiança humilde nelle. Tudo se encerra, e ensina nesta palavra: «Padre, em tuas mãos encommendo meu espirito.» (Padre) he palavra que accende o amor. (Mãos de Deos) a fé ensina que são cheias de todos os bens, e misericordias, poderosas pera salvar e suprir as necessidades, e faltas de quem o não merece. (Encommendo) he palavra de confiança, e entrega, e humildade. (Espirito) por ser meu, mostra que he necessitado de todos os bens, que Deos encerrou em si, pera que só nelle os fosse buscar. E tudo junto mostra, que se restitue o seu a seu verdadeiro Senhor, tão poderoso pera o restaurar perdido, como pera o criar de nada. D'aqui aprendam todos os que confessam, ou acompanham mortos, a nam os espantar com medo dos peccados: mas esforçal-os a se descuidar delles, depois de contritos, e confessados; e das penas que por elles merecem: e que os peccados, e penas merecidas, e o estado, que depois da morte hão de ter, renunciem de coração nas mãos de Deos, com fé, e confiança nelle, sem lhe pedir, nem delle desejar outra cousa, se não que elle se glorifique em sua criatura da maneira que elle fôr mais servido. Porque este he o mais seguro estado pera bem morrer, e que assegura a salvação mais que todos.

Em nosso Senhor espirando na Cruz, o Sol tornou a esclarecer, e serenar o ar, e succederam algumas cousas notaveis, que deram bem a conhecer quem era o Senhor, que naquella Cruz morria. No Templo de Jerusalem estava a Arca de Deos, onde tinham guardada a lei de Moysés em huma casa como capella, que sempre estava tapada com hum véo, do qual pera dentro não entrava senão o summo Sacerdote, a consultar com Deos, e com grandes ceremonias. O qual significava, que tudo quanto na lei de Moysés havia, estava encoberto, e em figuras; porque tudo significava a Christo nosso Senhor, verdadeiro Messias, e a lei

da graça que elle ensinava. E pera mostrar Deos que já as figuras eram acabadas, e as verdades descobertas, e era tempo de ser o Senhor e Messias crucificado, de todo mundo conhecido, recebido, e adorado: e que havia já outra melhor lei de espirito: em o Senhor espirando na Cruz, e aclarando o Sol, o veo do Templo sem ninguem lhe pôr mão se rompeo d'alto abaixo, e se descobrio o que dentro estava, e ficou publico, e devasso, que até alli ninguem via. E assi com a morte deste Senhor acabou a lei de temor, e ficou confirmada a lei de amor, e de filhos.

Tambem aconteceo, que vendo hum Centurio (que era Capitão de cem soldados, que guardava ao Senhor crucificado) o grande brado que contra natureza deo o Senhor, encommendando-se a seu Eterno Padre, e entendendo que aquillo não era virtude senão mais que humana: disse aquella catholica confissão de S. Pedro da divindade daquelle Senhor: «Verdadeiramente este homem era Filho de Deos.» E assi se fez Deos conhecer morrendo, e confessar por quem era, daquelle, que como a tredor, e capitão de ladrões, e falso Rei, e Deos, o tinha até alli guardado, pera que ninguem lhe valesse.

Outra cousa semelhante a esta fizeram muitos dos que alli estavam olhando, e guardando-o, e blasfemando. Que vendo o tremor da terra, o escurecer do Sol, a voz, e brado com que acabou, o serenar logo, e tornar a resplandecer a luz do Sol, arrependidos, e condoidos do mal que tinham feito, se tornavam pera suas casas batendo em seus peitos com dôr. Já então tornavam a lembrar os milagres do Senhor, já pareciam bem suas doutrinas, já era conhecida a semrazão de sua morte, já se achava menos sua suave conversação, já parecia a gente, e aquella cidade desamparada sem sua presença: já se conhecia a innocencia do Cordeiro, e começava a virtude daquelle fresco, e quente sangue a lavrar nos proprios duros, empedernidos corações dos que o crucificaram; e parecer mais justo, e santo o crucificado, que os crucificadores. Oh imitadores de Jesu crucificado, sahi por sua honra; e com perseverança farei entender ao mundo, e a vossos perseguidores, que quando por elle, e com elle na Cruz, que vos elle dá, padeceis, então verdadeiramente com elle venceis, e triunfais.

Exercicio da morte de Christo nosso Senhor.

Oh bom Pastor, perfeitissimo amador de vossas ovelhas; chegou a vossa hora, de que tinheis dito, que como seu unico, e verdadeiro amigo morrereis por ellas; porque declarastes, que o extremo do amor estava em morrer pelos amigos (*). Oh amigo verdadeiro de minha alma! vivo vos quero. Bem conheço vossa amizade: pera que haveis de passar sobre tantas dores as mortaes agonias? Ou como se ha de atrever a morte comvosco, que sois a verdadeira vida, que destruis a morte? Como vos haveis de hir, Senhor meu, e deixar-me? E já que quereis passar esse trago mortal, descei da Cruz, vinde-vos a estes braços, morrereis mais descansado. Abraçar-vos-heis comigo, deixarme-heis vossa benção, levareis com vosco meu coração, ou me matareis comvosco.

N'essa Cruz, Senhor meu, tudo vos custa muito. Pesa mais esse corpo com a fraqueza da morte, crescem as dores das chagas, tendes cada vez mais tormentos, e dores: sequer pera passar as da morte, não descansareis hum pouco? Até o cabo ha de durar isto? Oh amor constante, oh amor perseverante, que de ninguem queres ajuda, e em quanto não chegas ao cabo, não cuidas que tens feito nada, nem te satisfazes!

Aqui, meu bom Jesu, estarei: ao pé d'esta Cruz me lançarei: aqui chorarei este apartamento, pois o mereci por meus peccados, dando a elle causa por minhas gravissimas culpas. Oh alma santissima, não sei se te peça que saias de vagar, se depressa! Se te apressas, acabas-me a vida de meu coração: se sahires devagar, atormentas com mortaes dores este innocentissimo cordeiro. Passa a mim as dores, e a elle trata como quizeres. Oh Padre meu, que tanto á vossa custa me perfilhastes, dizei por despedida a esta pobre alma, alguma palavra: deixai-me alguma lembrança de vós: deixai-me vossa benção. Já que he forçado o apartamento corporal, fique-me impresso vosso amor, que sempre me renove a saudade de vós, meu Jesu, e vos tenha em mim sempre presente e vivo.

Oh como se vos quebram os olhos, minha luz: como vos falta o folego, espirito de meu coração; como enfraquecem esses membros, minha fortaleza! Já que não podeis com essa cabeça, e a tendes tão inclinada a mim, abri esses piedosos olhos antes que de todo percais a vista d'elles, e olhai-me com misericordia; penetrai com sua luz este coração, cativai com sua saude o amor d'esta alma. Se não viver em mim vosso

(*) Joann. cap. xv.

amor, como hei de ficar sem vós? Oh Padre meu amantissimo! Oh esposo de minha alma! Oh companheiro de meus trabalhos! Oh amigo fidelissimo! Oh todo meu bem. Se fico sem vós, fico orfão, sem pai, e sem amigo, sem senhor, sem bem nenhum. Bem podeis vós morrer, e não me desamparar, pois pera meu amparo morreis. Senhor meu, e toda minha esperança, pois por meu amor morreis, e esse vos faz agora penar em agonias mortaes, não me podeis negar o que na derradeira hora vos pedir. Tendes, meu pai, e senhor, feito vosso testamento: a alma dais a vosso Padre Eterno, o corpo á sepultura, vossas riquezas levais comvosco, e a mim que me deixais? Esta Cruz, Senhor, me deixai pera minha herança, e certeza de vossa misericordia. Perdoai-me, Deos meu, nesta hora meus peccados. Pois na vida tanto rogastes, e fizestes pelos peccadores, como na morte me haveis de negar o perdão? Confesso aqui, e aqui ponho todos meus males. Pequei contra vós, Padre amantissimo, como filho perverso. Pequei contra vós, amigo verdadeiro, como ingrato. Pequei contra vós, Senhor misericordioso, como máo servo. Recebeime nesta hora que de mim vos apartais, pera que vivais sempre em mim. Deixai-me, amor meu, por herança minha com esta Cruz, a fonte de lagrimas que neste baixo degredo regue esta alma: e a fonte de agoas vivas de vosso amor, com que regue a celestial Jerusalem, pera onde hides.

DESPEDIDA

Hide-vos embora, bom Jesu, já que assi o quereis, hide esperança minha, e descansai já de vossos trabalhos, e acabai vosso degredo. Hide dar ao ladrão (que em vossa palavra confia, e espera) o paraiso que lhe prometestes, e tomai n'elle as primicias, e penhor de todas as almas peccadoras, e d'este miseravel, que deixais degradado, e vivo, nesta vida mortal. Hide, consolador soberano, aos infernos, quebrai suas portas; allumiai suas trevas, apparecei aos santos Padres, que estão suspirando por vós, acabai suas longas esperanças, e fazei-os com vossa vista bemaventurados, e gloriosos. Hide-vos, Senhor meu, a vosso Eterno Padre, que vos chama, vencei com vossa morte a mesma morte, fazei já que d'aqui por diante seja doce, e saborosa, pois ha de ser cabo de nossas saudades, e nos ha de servir de passamento pera vos hir, amigo de minha alma, ver, e estar comvosco pera sempre. Hide, gloria minha, abri esse caminho tão encoberto, e abri essas portas tão cerradas do Ceo, que por

vós estão esperando, pera serdes o primeiro que por ellas entreis. Hide, vida de meu coração, e amor da minha alma, e não tardeis em tornar como prometestes. Encurtai o prazo d'estes grandes tres dias, e noites, quanto vossa verdade o soffre: e deixai-me vossa fé, vossa esperança, e vosso amor. Olhai, Senhor, a pena de que fica esta alma ferida, e a esperança, que me deixais de vos ver em mim resuscitado, glorioso, immortal, fermoso, suave, amoroso, perpetuo, e unico companheiro d'este espirito. Tornai, vida verdadeira, logo a viver, pera que minha alma, como deseja, viva comvosco unida, possuindo-vos, de vós possuida, com vosso amor abrazada, e em vós transformada, meu unico, verdadeiro, e soberano bem.

Da palavra «In manus tuas, etc.»

Padre Eterno, e Deos de toda a consolação, e divino Espirito consolador unico, meu Deos, e meu Senhor; reconhecei estas derradeiras palavras d'este Senhor, e divino cordeiro, e redemptor meu, pera mim as disse, e pera meu remedio mas deixou na derradeira sua hora, pera nunca me esquecerem, e por ellas ser recebido. Reconhecei a voz do cordeiro divino, que tira os peccados do mundo: pois sua derradeira palavra concorda com a primeira, que d'elle se escreve, que disse sendo menino: que nas cousas de seu Padre lhe cumpria estar (*). Assi o fez. Sempre as cumprio, e até se pôr nesta Cruz, e até n'ella agora morrer, vos obedeceo. E como quem sempre a seu Padre Eterno trouxe no sentido, e amor, a vós se offerece acabando. Toda sua obediencia, Deos meu, he minha riqueza, todas suas palavras são meu thesouro, e nesta derradeira me deixou pera todas minhas necessidades, e miserias, unico e singular remedio, e refugio: que são essas divinas, e paternaes mãos, cheias de misericordias, de amor infinito, e de bondade sem medida. A ellas me ensinou recorrer sempre, a ellas esperar, e nellas me assegurar em todos os perigos (**). Este Senhor prometeo, que onde elle estivesse, estariam os seus. Assi nessas mãos se põe pera que ahi o vá buscar, nellas o ache, d'ellas o receba, d'ellas viva, n'ellas descanse.

Quando essas mãos me deixam, então estou verdadeiramente desamparado, e misero, e quando me sustentam, e guardam, então estou seguro, alevantado, forte, e cheio de bens.

Pois, Padre meu Eterno, com a virtude, e palavra d'este Senhor me

(*) Lucæ cap. II. (**) Joann. cap. XIV.

recebei, pois elle vos tem já com sua obediencia, e morte, merecido tudo o que eu não mereço. Em vossas mãos, Padre, e Deos meu, encommendo meu espirito, minha alma, meu corpo, minhas forças, meus desejos. A ellas, e nellas me offereço todo. Entrego nellas o que fui atégora pera me perdoardes, e remediardes, minhas chagas pera mas curardes: minhas tibiezas, pera me inflammardes: meus máos, e errados caminhos, pera me encaminhardes: e todos meus males pera os tirardes todos d'esta alma. Encommendo, Deos meu, e offereço nessas sacratissimas mãos o que sou, que vós vedes melhor que eu, fraco, miseravel, chagado, inconstante, cego, surdo, e mudo, pobre, e nú de todos os bens, nada, e menos que nada, por meus peccados, e mais misero do que sei, nem posso dizer. Vós, meu Deos, e meu senhor, me recebei, e fazei tal, qual este divino cordeiro quer que eu seja. Encommendo e offereço, e renuncio nessas divinas mãos todas minhas cousas, cuidados, affeições, successos, consolações, trabalhos, e tudo o que vós sabeis, que sobre mim ha de vir. Tudo, Deos meu, encaminhai pera vossa gloria, e honra, em tudo me ensinai a fazer vossa vontade, e em tudo reconhecer que são obras d'essa divina mão: nem querer outra cousa, e só com isso me consolar.

Oh mãos que fizestes o Ceo, e a terra pera mim, e tudo com ellas conservais pera mim, e a mim fizestes pera vós, não me deixeis andar fora de vós. Nellas tenho o meu cordeiro, e meu amor, nellas me cumpre estar com elle preso. Com elle em paz, e nessas mãos amorosas dormirei, e descansarei, já que elle morrendo, na esperança dellas, e de suas infinitas misericordias me deixou, e me poz, como em unico, e singular refugio. Já que, Deos meu, d'essas mãos vivo, e sou o que sou, fazei que pera ellas viva, nellas acabe, e morra nellas, em amor d'este Senhor persevere, d'ellas só queira, e espere todos os bens, pera que d'ellas receba com este meu Senhor a coroa.

Á CRUZ.

Fermosa Cruz, mais resplandecente, e rica, com o sangue d'este divino cordeiro, que fermosos rubis. Tu foste o cabo de seus trabalhos, tu o começo de seu repouso, tu a victoria de sua batalha, tu alevantamento de seu degredo, tu entrada de sua gloria, e posse de seu reinado.

Toda ficas manando em rios, que por ti correram de seu precioso sangue, e toda banhada nelle. Tu és a minha herança, tu a minha rica partilha, que d'este Senhor me ficou. Pobre morreo em ti de tudo desapegado, só comtigo abraçado, e em ti cravado. Toda te deixou a todos os seus, e toda a cada hum dos que o amam. Adoro-te, abraço-te, recebo-te por meu rico thesouro. Oh mais fermosa que todas as estrellas, mais forte que todos os exercitos, triunfadora de todos os inimigos! Oh como ficas no campo poderosa, sem poder ser derribada, nem vencida! Já te reconheceo o Ceo, já treme de ti o inferno, já te ha medo o mundo, já conhece o inimigo que o que em ti morreo, he verdadeiro Filho de Deos. Já honras os que atéqui abatias, pois podeste fazer do cossario ladrão, cidadão hoje do paraiso. Tu és minha coroa, minha gloria, minha riqueza, e todos os bens por ti os tenho. A ti me acolho, a ti me abraço, em ti quero viver, e morrer. Já perdeste tua dureza, já ficas suave jugo, já penhor certo da gloria, já começo de reinar, já descanso, e alivio dos que a ti se acolhem. Adoro-te, arvore de vida, adoro-te, fonte da sabedoria, adoro-te, muro forte contra os inimigos, adoro-te, forno que ficas ardendo em fogo do divino, e amoroso cordeiro. Recebe-me em teus braços, nelles me sustenta, e santifica, por ti me receba o que em ti me redemio, e em ti por mim cheio de meu amor morreo.

Oh Madre de Deos sacratissima, Rainha dos anjos, gloriosa estrella do mar, e guia dos peccadores: que ficais toda cheia de dores, e saudades d'este Senhor, que paristes, e cheia de fé, e esperança de o ver d'aqui a tres dias resuscitado. Fazei-me com elle ser crucificado: fazei-me de suas mãos ser recebido: fazei-me dellas, e por vós ser sempre amparado, pera que delle, e pera elle viva, e nelle morra; e com elle reine. Oh Corte celestial, que tendes lá este divino cordeiro immortal, contentes de o possuir, e seguros de o perder; ajudai a este desterrado filho de Eva, a viver por elle sempre crucificado, e de seu amor sempre abrazado, pera que mereça por elle comvosco ser pera sempre coroado, e glorificado. Amen.

FIM DOS CINCOENTA TRABALHOS DE JESU.

Já que o sangue de Christo nosso Senhor foi o preço de nossa redempção, que elle com muitos trabalhos derramou de seu sacratissimo corpo; e quasi por resto de conta quiz, que depois de sua morte se abrisse seu lado, pera se pagar o que no corpo lhe ficava: parece que esse mesmo sangue pede e obriga, que tratemos particularmente d'este sacratissimo lado aberto, e recolhamos com todo o amor os frutos do sangue, que por elle sahio: e os thesouros, que do coração de Jesu descobrio. E porque a principal intenção d'esta obra, he acharem nella os atribulados modo pera se acompanhar com Christo nosso Senhor atribulado; accrescentei a esta obra os dous capitulos seguintes: hum do lado que ao Senhor foi aberto: e o outro da companhia que o Senhor faz a todos os atribulados: com seus exercicios acommodados á materia d'elles.

CAPITULO I

Do lado, que foi aberto ao Senhor.

Sendo Christo nosso Senhor, não só o que padecia os tormentos que lhe davam como homem, mas tambem o proprio Deos, que com o Padre, e Espirito Santo por conselho eterno, e divino registrava a quantidade, qualidade, e modo delles; e lhes dava virtude pera os bens, que por elles pertendia fazer, de tal maneira ordenou as conjunções, e tempos, e circunstancias das cousas que lhe fizeram, que tudo servisse pera cumprir inteiramente as profecias, pera firmeza de nossa fé, e pera o que elle desejava, que era, accender em nòs seu amor, e salvar-nos de nossos peccados. Foi em tudo isto tão largo, que tomou os tormentos pela medida de suas forças, a que ninguem pode chegar, e fez as mercês conforme a sua grandeza. Em tudo passou os termos, e limites do que mereciamos, e das leis a que nos obriga, e por onde nos governa. Por isso já que tinha dado seu precioso sangue em preço de nossos peccados, e dos bens da graça, e gloria, de que careciamos, não se contentou com qualquer parte delle, que bastava, mas ordenou que nem o que por morte ficava por derramar lhe ficasse no corpo. E porque tinha posto termo á lei do amor, que bastava mostrar-se em dar a vida pelo amigo, porque não ha mais que dar: elle, que tinha a vida, e a morte em sua mão, passou ávante, porque antes de nascido, já tinha feito obras de amor infinito, e não se contentou de as continuar toda a vida até morrer por nós, mas depois de morto, mandou abrir seu lado, porque lhe ficasse a porta de seu coração aberta pera sempre, pera agasalhado de todos os que amava. Deo occasião a isto morrer elle em sexta feira da Paschoa, vespora do sabbado, que era dia pera os Judeos de grande veneração. E como elles honravam suas festas, mais com ceremonias de fóra, que com pureza de coração; nenhum temor tinham de tamanha maldade, como foi matar a Christo nosso Senhor o dia da Pascoa, e tinham por grande profanidade do sagrado dia do sabbado ficar na Cruz pendurado. Por isso foram pedir a Pilatos, que mandasse quebrar as pernas a elle, e aos ladrões, pera que com aquelle tormento acabassem de morrer, e os tirassem das cruzes antes que anoitecesse. E sem o entenderem, concordavam com a verdade dos divinos mysterios, e conse-

lhos. Porque como o sabbado era dia de descanso, dedicado ao culto divino, significava o descanso que as almas tem na divina conversação, e communicação dos bens espirituaes, e celestiaes, que nella recebem de Deos. Na qual communicação de amor, ou gloria, toda a nevoa, e escuridade foge, todo tormento, cruz, e aspereza desapparece. E por isso foi necessario que o corpo em que Deos fez, e acabou as obras de nossa redempção fosse tirado do madeiro trabalhoso da Cruz, e entregue nos braços dos que com puro amor haviam com este Senhor de ter sabbado de descanso. Consentio Pilatos no que lhe pediam, e quebraram por seu mandado as pernas aos dous ladrões; e chegando á Cruz do Senhor pera lh'as quebrarem, viram que estava já morto: e por isso houveram por escusado quebrar-lhe os ossos. Assi estava profetizado na lei de Moysés: elle mandava que cada anno no dia da Pascoa comesse cada familia hum cordeiro assado. E entre as ceremonias, com que se havia de comer, tinham expresso mandado, que lhe não quebrassem nenhum osso. Era este cordeiro figura de Christo nosso Senhor, que assado no fogo de seu amor no forno da Cruz, se deixou por mantimento das almas, o qual posto que se deixou assar, e matar como fraco, todavia não perdeo nada da força, e virtude de sua divindade, pera nos salvar, significada pelos ossos, que he a mais rija, e forte cousa do corpo humano. E por isso assi quiz ser por todas as partes aberto em chagas, e em todos os membros desconjuntado, que nenhum fosse, nem quebrado, nem de seu corpo desapegado: pera entendermos que o não temos menos inteiro pera tudo o que nos cumpre, quando parece mais fraco, que quando se mostra poderoso em gloria resuscitado. Mas já que os malvados Judeos, ministros (sem o entenderem) das vontades do Senhor, e executores de suas verdades, não lhe quebraram as pernas por lhe parecer já morto; todavia por se mais assegurar em sua morte, e darem ainda a sua malicia, e inveja, e odio aquelle gosto, lhe fizeram dar huma lançada por parte que não fosse possivel viver com ella humanamente. Assi lh'a deram atravessando-o pela parte direita abaixo das costilhas do peito, aonde está o figado, e o passaram até o coração. Póde ser que tambem a lança lhe partisse, e abrisse o coração: mas se lhe não tocou, ao menos isto he certo, que todas as partes abrio até onde elle estava, e ficou o coração de Jesu de par em par, sem nunca mais até hoje se fechar. Celebrado he nas historias antiguas que abrio este lado hum Soldado chamado Longuinhos, e alguns dizem

que era cego, e que o sangue que saltou fóra do lado lhe deo nos olhos, e sarou. Mas se o não era no corpo, na alma era tão cego, que não conhecia nem o Senhor, que alli estava pendendo, nem o bem que abrindo aquelle lado fazia ao mundo. Foi todavia tão ditoso, que o lado aberto lhe abrio os olhos d'alma, e tomou o coração do Senhor nelle as primicias das almas, que das riquezas de seu lado se haviam de sustentar. E convertido á fé, e amor d'aquelle coração divino, deo por elle depois o sangue, e a vida com glorioso martyrio. Do lado do Senhor aberto sahio logo sangue, e agoa em tanta copia, tão distinctos hum do outro, que com verdade póde dizer S. João Evangelista, que assi o testemunhava porque o vira, e não podera tão claramente ser visto, se sahira toda a agoa misturada com o sangue. E como a agoa he o elemento de que se toma a materia do sacramento do bautismo, e o sangue sacratissimo do Senhor lhe dá a virtude toda que tem pera santificar as almas, não ha duvida senão que d'este divino lado sahio este santo lavatorio, que nos faz limpos, e filhos de Deos. E não só este sacramento, mas todos os outros, que tem a virtude do sangue de Christo em si, de seu sacratissimo lado procederam, como fonte de todos os rios de graças, e bens espirituaes e celestiaes. Ao santo bautismo chamou Christo nosso Senhor renascimento, porque os que nascemos filhos do peccador Adão, e filhos da ira, no santo bautismo nos tornamos filhos de misericordia, e de Deos, e assi como do ventre de nossas mãis nascemos pera degredo, e morte, assi renascemos no bautismo pera herdeiros da vida eterna. Por onde fica entendido, que pois de seu lado sahio agua e sangue com que nascemos santos filhos de Deos, todos os bautisados sem duvida somos filhos de suas entranhas, e a ellas devemos o espiritual parto, e nascimento. Assi se quiz este Senhor penhorar a nos ter amor de mãi, já que por muitas vias tinha mostrado o de pai: pera que ninguem em obrigações de amar lhe ganhasse. E assi vendo-nos por todas as vias, e razões d'elle amado, por todas lhe pagassemos com o amor como pai, como mãi, como senhor, como servo, como irmão, como filho, como companheiro, e por todos os titulos de amigo, que elle quiz tomar. E não pozessemos com menos amor, e confiança os olhos naquellas entranhas, e lado, de que renascemos pera o Ceo, que pomos nas tetas de mãi, de que nascemos degradados pera a terra.

Cousa he digna de grande ponderação, e admiração; porque quiz

nosso Senhor dar esta tamanha demonstração de seu amor, estando já morto, que não sentia dor, nem tormento na lançada, que lhe deram: dando todas as outras em vida; com tamanhas afflicções, e sentimentos, que bem se via, que eram as dores pela medida de seu amor. Primeiramente cumpre entender hum Catholico o fundamento que não tinha menos efficacia o sangue de Christo nosso Senhor, que sahio de seu corpo depois de morto, que o que foi derramado estando vivo na Cruz. Porque a divindade do Filho de Deos tão junta estava, e unida áquella carne morta, como á alma que já estava della apartada. E assi como a alma do Senhor póde quebrar as portas do inferno, e tirar os Santos Padres, pela virtude da divindade, que a tinha unida a si; da mesma maneira, e pela mesna união da mesma divindade com o corpo morto de Christo, pode seu sangue santificar os peccadores, e ser preço de nossa redempção. Porque nunca o Filho de Deos deixou a humanidade que tomou, ainda que as partes d'ella por morte se apartaram. E posto que as horas que esteve morto não foi homem, porque não póde fazer homem senão ajuntamento de alma e corpo, todavia foi humano, e com verdade era humanado, por que tinha unida á sua divindade as duas partes da humanidade, que são alma, e corpo, ainda que estavam apartadas. E por isso não tinham menos valia aquellas duas partes apartadas, que juntas pera o que cumpria pera nossa redempção.

D'aqui fica entendido, que guardou nosso Senhor huma tamanha demonstração de seu amor pera depois de morto, pera que em nenhum estado em que o vissemos, o achassemos desoccupado das obras de seu amor. E que se a morte foi poderosa pera lhe tirar a alma do corpo, não o foi, pera impedir seu amor, que com o corpo, e com a alma apartados estivesse occupado em nosso remedio. Assi a alma consolava os degradados na escuridade do Limbo pera terem começo de bemaventurança eterna, e no corpo se abria porta pera perfeito, e seguro descanso dos atribulados degradados na terra. E assi vemos que seu amor eterno, nem no ventre de sua Mãe antes de nascido, nem desde nascido até morte; nem despois de morto, nem ressuscitado, nem á mão direita do Padre o deixa estar ocioso, mas na vida, na morte, e na gloria, sempre de nós trata, e sempre por nós tira. Não quiz sentir pena no abrir do lado, porque a morte havia de ser o cabo, e descanso de seus trabalhos, e começo de se poderem recolher os frutos d'elles, com termos todos entrada, e descanso em seu coração, onde seu amor nos tem escrito. E

como esta era a cousa que elle mais toda a vida desejou, e que tão immensos trabalhos lhe custou: deixou pera depois de morto abrir-se a porta de seu lado sem dores, porque lhe não custasse trabalho a entrada de tamanhos gostos, pera os quaes toda a vida trabalhou. Assi que se sentio muitas dores, e penas nas chagas, e tormentos, por onde nos mereceo os bens, que em seu coração se encerram; não quiz sentir nenhuma nesta, que abria esse coração a todos os que a elle quizessem entrar.

Pera nossa doutrina tambem cumpria, que o lado fosse aberto, e sem dôr. A huma pera que n'isto entendessemos que nos não custam os trabalhos caro, senão até chegar ao coração de Jesu, mas fazendo assento n'elle, seu amor faz tudo suave, e gosto. A outra pera que aprendamos que não he digno daquelle divino lugar, e morada, senão quem morre a todo o gosto da vida. Descanso he o coração de Jesu, mas pera quem com elle se contenta, sem mistura d'outro amor. Morada he dos atribulados, mas d'aquelles, que com lealdade passaram as tribulações pera chegar a ella. Vida he verdadeira das almas; mas aquellas o exprimentam, que morreram ás vaidades desta mortal, e renunciaram por amor de Jesu os desordenados gostos dellas. Assi que abrir-se seu lado depois de morto, he sinal, que he proprio lugar de crucificados, e mortificados. Restituio nosso Senhor nisto o que tinha tirado aos homens em melhor sorte. Porque se nos tirou, e cerrou o paraiso terreal, abrio-nos seu coração. E se á porta daquelle poz hum Cherubim com espada de fogo, que tolhesse pera sempre sua entrada: neste divino paraiso abrio porta pera nunca eternamente se cerrar, e dentro acendeo fogo, que abraza, e não gasta, mas com sua fermosura a todos chama, e provoca. Dentro deste está a verdadeira-sabedoria, que converte as almas, e o fruto de vida eterna, e soberana: e fonte de agoa viva, que rega a cidade de Deos, assi os arrabaldes dos que vivemos degradados, como dentro dos muros da Jerusalem celestial: e o thesouro de todos os bens, quantos as almas podem desejar. Vinde, vinde almas, entrai, gostai, e vede, quam suave he o Senhor.

Exercicio do Lado, que ao Senhor foi aberto.

Em tudo, bom Jesu, vosso amor passa todos os termos, e leis; nem pode ter outro igual. Podestes, Deos meu, como verdadeiro amigo, pôr

termo de verdadeira amizade e amor, chegar até morrer pelos amigos, porque nem ha mais que dar, nem mais que fazer. Mas vós, Deos de amor e infinito, passais ávante; não só morreis por amigos, e por inimigos: mas amando até morrer, e dar a vida, ainda tendes que dar, ainda vos fica que fazer. Dais vosso sangue, que no corpo vos fica, e vosso coração, onde nos tendes escrito; e fazeis abrir huma tão larga entrada, que nunca já mais se cerrou. Amais vivendo, amais morrendo, amais depois de morto, e amais pera sempre. Nem com a morte pode vosso amor esgotar, pois sempre amais, sempre tendes em que mostreis o amor que nos tendes. Nem morto quereis que me tenha por esquecido de vós, e pois apartada a alma d'esse corpo, tivestes cuidado de me mandar abrir esse lado sacratissimo, pera que eu entrasse ao intimo d'esse coração, que de todos os bens me enriquece. Não vos pedirei já, Senhor meu, como David, que me borrifeis com hum ramo de hyssopo pera ser limpo, mas com S. Pedro, que cabeça, mãos, pés, e todo me banheis n'esse sangue. Quando com virtude d'elle me alimpardes, conhecereis em mim vosso sangue, e por elle me perdoareis, por elle me santificareis, e por elle me chegareis a vós: e o que eu não merecer, por elle m'o concedereis. Adoro-te, divino Sangue, que com tua corrente levas a terra ao Ceo: com tua enchente alagas em divinos bens todas as almas, e com tua quentura fazes de inimigos amigos, de errados bem encaminhados, de cegos, e ignorantes allumiados, e de filhos de ira, filhos de Deos. Não fique eu de fóra de tamanhos bens, pois não tenho eu menos parte neste sangue, que todo mundo junto.

Adoro-te, Lado sacratissimo, couto seguro dos culpados, refrigerio fresquissimo de todos os cansados, e gasalhado de todos os degradados, e desamparados. Que invenções são estas do vosso amor, bom Jesu? Que tão junto, e pegado me quereis comvosco? Não basta pera mim estar ao pé desta Cruz? Pode haver pera mim maior misericordia, que não ser d'aqui lançado como mereço? Ainda quereis que suba, que entre, que tome, e logre o lugar, que nesse coração me quereis dar, como Senhor meu? Tambem de vós, e de mim quereis que se entenda, o que se diz: que quem ama, mais vive do que ama, que da alma? Quereis ficar sem sangue, e não quereis estar sem mim? Atreve-se vosso coração estar sem a alma, que lhe dá a vida, e não acaba comsigo tornar a viver sem mim? Ahi me quereis achar quando resuscitardes, ou-

de na vida, e na morte vosso amor me tem escrito. Ahi resuscitado, e estando á mão direita do Padre, quereis que entre: de perto quereis estar, á falla comigo, ouvir-me, e responder-me, receber minha pobreza, e dar-me vossas riquezas. Se David tinha por melhor hum dia dos pateos de vossa casa, que outros muitos mil dias fóra della; e tinha por maior bemaventurança ser hum dos desprezados de vossa Casa, que o mais estimado do mundo: que dissera, se vira a entrada d'esse lado, e a estima em que são tidos, os que, não nos pateos mas no intimo d'esse divino peito podem estar, onde se encerra toda a divina magestade, e riqueza do Padre Eterno? Quem me detém, Deos meu? Porque não entro onde sei que estou lembrado, desejado, esperado, com abastança de todos os bens? Vós, Senhor, que só vos entendeis, e sabeis que se não sabem desejar os bens d'esse coração sem alguma experiencia delles, levai-me, dai-me a entrada nelle, que vós desejais, e pois comigo quereis viver nelle, vivei Senhor, e ahi me ponde comvosco pera que eu viva. Cuidava o vosso Apostolo S. Paulo que dizia muito em dizer: «Vivo eu, mas já não eu, porque vive em mim Christo.» Que muito que diga isto o servo, que só de vós vive, e fóra de vós em tudo morre: se vós, amor infinito, não quereis que ninguem vos vença em amar; mas quereis com verdade gabar-vos: «Vivo eu, mas não só eu, porque neste coração vive este peccador, que amo?» Oh vida minha, porque morro tantas mortes, se sou de vós amado? Porque me deixais andar vadio, perdido, e degradado fora d'esse coração, onde só me posso quietar? Oh pastor de minha alma, não se perca esta errada ovelha; possa mais o amor que me tendes pera me levar a vós, que minha malicia pera me lançar fora deste coração. Se o Ceo tem prazer de se não perder hum peccador, he pelos gostos que vos sentem ter de o ganhar. Contentai-vos, Senhor meu, a vós, dai a esse coração prazer em me salvar, pois não se satisfaz senão com me ter dentro em si. O vosso abrasado Agostinho vos chamava mais intimo que o intimo de suas entranhas: e vós, Deos meu, quereis que tambem eu esteja em vós, mais intimo que essas vossas; pois dentro nellas me tendes, em esse coração posso entrar, e viver amando. Nenhum meio quereis entre vós, e mim, sem impedimento me quereis possuir, e ter, e communicar-vos todo a esta alma. Por isso não cerrastes esse lado, mas resuscitado, e em gloria m'o deixastes sempre aberto. Oh esperança minha segura! Oh vida de minhas mortes verdadeira! Oh todo meu bem, quem me engana, e me aparta de

vós? Quem me cega, quando já se acabará o peso desta minha grande miseria, e nenhuma cousa me impedirá estar todo em vós?

Ahi nesse coração tenho todo meu thesouro verdadeiro: pois em que desaventurado thesouro tenho o meu, quando está fóra d'esse? Ahi tenho o fogo que me ha de abrazar, e transformar; pois como soffro as neves desta alma, que esfriam meu espirito de maneira, que com nenhum destes vossos divinos fogos aquecem? Ou quando outra cousa vejo senão a vós? Oh como estou longe d'estes bens que sempre me cercam? Mas Senhor, longe de vossa fé, e amor, puro estava o vosso Apostolo S. Thomé, quando sem palpar não queria crer; buscastel-o, chamastel-o, fizestel-o meter a mão nesse lado: logo ficou outro, logo preso, logo allumiado, logo inflammado, logo bradou: «Oh meu Senhor, oh meu Deos.» Creio, meu bom Jesu, sem tocar, nem palpar, creio o que elle creo vendo, e tocando; mas o amor que elle experimentou, esse me dai, pera que fique de vós preso. Cheguem-me, Senhor, os fogos divinos que tão depressa desse coração correram pela mão deste Apostolo, até lhe mudar o coração: tirem-me a vida mortal, e façam-me viver em vós, vida vital de minha alma. Oh vida, sem a qual morro, tira-me das mortes por onde te perco; não me deixes andar errado fóra de ti; pois que pera que eu me ganhasse em ti, morto, e vivo estás todo aberto.

Oh sacratissimo Lado, oh porta do paraiso, oh entrada do divino amor, oh fonte de vida, que sempre manas, tu me has de levar com tua virtude a ti: pois de ti hei de receber o com que a ti hei de ir. Minha alma arde em teu desejo, não te cerres pera mim, nem me negues a virtude com que cativas as almas, e as levas a ti. Em ti me hei de ver livre de mim, em ti me não chegarão meus inimigos. Verdadeiramente Senhor, altissimo pozeste meu refugio, e o seguro de todos os meus bens (como disse David) (*) nem póde a elle chegar nenhum mal; pois o pozestes dentro de vosso coração. Por isso quizestes, que não se me abrisse, senão depois de terdes vencido todos meus males, e inimigos com vossa morte; e depois de desbaratardes os contrarios, que vos tinham cercado: porque já (como a fortaleza invencivel) me acolhesse a esse coração, e (como em terra pacifica) caminhasse pera essa porta divina aberta de par em par, segura de toda cousa que me possa fazer mal. Até chegar ahi, ando em guerra, em perigo, cada dia roubado, cada dia acutilado, e salteado: porque ando entre inimigos, e trato em

(*) Psalm. xc.

bens que me podem ser roubados. Ahi não chega inimigo, nem mal, nem ladrão, por que são todos os bens d'esse coração divinos, fora de toda a jurisdição, de corrupção, e perda. Tudo quanto em mim ha a ti deseja: minhas miserias a ti suspiram por misericordia, meus peccados a ti suspiram por perdão, meu captiveiro a ti suspira por liberdade, e minha morte a ti suspira por vida. Oh divino coração, ouve estes brados, pois não póde deixar de entrar por portas tão abertas. O amor que te fez tão devasso, esse te mova a me recolher em ti: pera que em tanto feitio, se me eu hei de perder? Não perderei, bem aventurança minha. Não perderei, bondade infinita: tenha-vos a vós por mim, e vós me tirareis de mim, e me assegurareis em vós.

Adoro-te, abraço-te, saudo-te, divino coração, tão cativo de meu amor. Tudo em ti tenho, desejo todo derreter-me em amor por ti. Já não quero outro amor, já não quero que outrem me conheça, nem me veja. Tu só me bastas, tu me mudarás, tu me enriquecerás, tu me fartarás o desejo desta alma. Oh se sempre aqui estivesse unido! Se aqui viver comtigo, venha a morte quando quizer, porque me descarregará d'este corpo pera viver sempre em ti sem medo de te perder. Oh como sou pobre sem vós, e quam rico comvosco! Como tudo me engana fóra de vós sem sentir minha perdição? Acabai já Senhor, toda a inclinação terrena deste bruto, e miseravel peccador, trazei-me todo apoz vós, até que me veja livre de mim. Lembrai-vos, Senhor, que não pedis aos homens mais que o coração pera vos acompanhardes com elle. Quem tivera cinco corações, pera pôr nestas vossas cinco chagas; ou quem se podera fazer todo em corações pera vos dar muitos companheiros de vossos gostos, e vos amar com amor: mas já que não tenho mais que hum só pequeno, miseravel, frio, e cheio de miserias: tal qual está vol-o dou. Aceitai-o, Senhor, com misericordia, e fazei-o á vossa vontade, pera que seja digno dessa divina, e soberana morada.

Senhor meu Jesu Christo, remediador meu, e luz resplandecente de minhas cegueiras: vós pozestes todos meus bens verdadeiros em vós, pera que os não podesse achar fóra de vós em nenhuma parte, por mais que os buscasse, pera que ao menos minha necessidade, e miseria me obrigasse a ir a vós. Vós quizestes ser meu Pai, Senhor, Irmão, Amigo, Companheiro, Pastor, Pasto, Sabedoria, Fortaleza, Riqueza, Gosto, Descanso, Vida, e Bemaventurança. Vós, Senhor, dissestes, que ouvirieis a quem pedisse, e abririeis a quem batesse. E porque não andassemos

por muitas portas, e não cansassemos por muitos caminhos em busca dos bens, que nos prometeis, os pozestes todos dentro em vós, e abristes as portas de vosso coração pera todos entrarmos. Bem sabeis, Senhor, quando isto assi quizestes, e ordenastes, quem eu havia de ser (como sou) peccador, e chagado, miseravel, ingrato, sujo e tão differente da santidade, pureza, gloria, limpeza, e grandeza d'esse lugar, e d'essa porta, a que me mandais bater. Mas de toda a maneira quereis que não busque remedio senão neste vosso coração, nem bata senão a este lado, e ameaçais-me com morte, e perdição eterna se o não fizer. Pois Senhor meu, ainda que quem sou me lança d'aqui, o amor que me tendes tira por mim, e me traz aqui Se vos hei de desagradar fugindo-vos, ou chegando-me a vós tão cheio de desaventuras: antes quero da vossa mão morte, que ausentar-me de vós. Certo estou que se me podeis tirar a vida, não me tirareis o desejo de vosso amor, nem engeitareis os brados de quem mandais que peça, pera terdes occasião de dardes o que desejais, e o que podeis. Aqui pois estou peccador, aqui bato pobre, aqui brado miseravel, aqui peço necessitado. Mereço não ser ouvido, nem recebido, por quantas vezes me chamastes, e vos não quiz ouvir, e batestes a meu coração, e vos não quiz acodir. Mas não haveis vós, Senhor, de ser como eu, pois quizestes ser Redemptor das ovelhas erradas, e viestes buscar os que vos fugiam. Pois Senhor, não fujais do que vos busca, ainda que tal, que faz asco. Abri, pastor meu soberano. Abri, medico divino. Abri, padre de misericordias a este necessitado. Dai-me entrada a esse coração, lêde o que nelle tendes escrito, ahi me achareis no numero dos redemidos: Fazei me, Senhor, tambem do numero dos escolhidos. Mostrai o resplandor de vossa grandeza em minha baixeza, porque se com vossa fermosura prenderdes o perdido, e santificardes o malvado, e levantardes este miseravel derribado: ficará o vosso nome exalçado, e conhecida a grandeza de vossa bondade. E será de todos os necessitados buscado esse divino coração, e ver-se-ha rico, e acompanhado das almas, que deseja.

Oh Madre de Deos, Virgem purissima que vivestes sempre deste divino coração, e de seus thesouros estivestes sempre, e estais rica. Pois sois guia dos peccadores, encaminhai-me a este sacratissimo lado, prendei-me a elle, tirai-me todos os impedimentos, que em mim ha, pera chegar e viver nelle, e delle sempre. Oh Anjos, e Santos bemaventurados, que deste paraiso de deleites estais satisfeitos, e cheios, alcançai-

me dos frutos que delle recebeis, pera que preso de sua doçura, e suavidade, tudo o que ha fora delle me enfastie, e só a seu sabor corra, só sua fermosura ame pera sempre. Amen.

CAPITULO II

Da companhia que o Senhor faz a todos os atribulados; e de trabalhos que os homens tem, que Christo não teve, que suprio com generos de outros muito maiores.

He tanta, tamanha, e tão ordinaria a continuação, e somma de trabalhos, que padecemos os degradados filhos de Adão, e Eva, n'este valle de lagrimas, que fez vogar, e ter por verdadeiro na opinião geral dos homens, hum proverbio latino, que diz: «Consolação he aos miseros ter companheiros de suas penas;» que em hespanhol dizemos: «Mal de muchos gozo es.» Mas he tão impropria consolação esta pera os trabalhos, que o maior argumento de serem as miserias, e trabalhos incuraveis, he serem todos miseraveis, e atribulados. Nem pode ser consolação de males, cousa que os não tira, nem remedeia. Mas entendo que foi tão recebido este dito, porque são tantos os trabalhos que cada hum padece, que quando conta os proprios por maiores, acha, e ouve em os outros, tantos, que se compõe comsigo, e não trocará os seus pelos alheios: e assim não consola, mas enleia o sentimento dos seus. Assi vemos que a mais geral pratica d'esta nossa patria de trabalhos, em quanto andamos degradados do Ceo, he ouvir homem trabalhos alheios em resposta dos seus. He isto como em hum hospital, onde quando se ajuntam os doentes, cada hum conta suas dores, e curas que lhe fizeram: ou como nos carceres, onde cada hum conta suas prisões, e culpas; ou como cativos, que relata cada hum suas miserias. Assi não vemos homem contar que lhe doe a cabeça, que tem máo estomago, que lhe faz mal a mudança do tempo, que lhe roubaram a casa, que lhe morreo o parente, que lhe fizeram semrazão, ou qualquer outro trabalho, que logo não ouça: eu tambem passei isto, ou tive tal dor. E ainda que esta miseravel lingoagem, pela muita continuação se não sente, nem pondera; todavia bem olhada, não sei cousa humana que mais possa provocar a desejar o Ceo, que poder-se homem ver em parte, onde nem tenha males, e trabalhos proprios que contar, nem outros alheios que

ouvir. Mas o cebo de todas as miserias d'este valle de trabalhos he, que sendo mui povoado d'elles, he tão mingoado de consolações, e alivios, que pela maior parte, não tem outros senão, ou os calos da muita continuação d'elles, que abrandam o sentimento, ou o tempo, que faz dos já passados esquecimento. Mas nunca ninguem vio até hoje, que o trabalho alheio ouvido, remediasse o proprio, nem o passado lembrado, consolasse o presente. Porque se huns trabalhos podessem ser verdadeira consolação de outros, não se poderiam nunca os atribulados queixar, porque onde todos tem tantos, seriam geraes as curas d'elles. Mas cada hum lhe doe o seu, e as dores que succedem não tiram as passadas, mas fazem conta com ellas, e a lembrança das proprias, e das alheias, fazem o degredo mais triste, e a vida mais cansada.

Fora d'esta conta são os trabalhos do Senhor, porque só pera elles reservou Deos serem a verdadeira cura, e perfeita consolação dos nossos. Quando os filhos de Israel, no deserto, foram por seus peccados castigados com humas bichas ou serpes, que matavam quantos mordiam, que eram significação da peçonha mortal de nossos peccados, e dos trabalhos que gastam a vida: mandou Deos por remedio, que se fizesse huma serpe de cobre da feição das que matavam, e a pendurassem em hum páo, e todos os que a olhavam mordidos das vivas, saravam, e viviam. Era isto significação de Christo nosso Senhor crucificado, e cheio de trabalhos, verdadeiro remediador dos nossos. O qual quiz que o remedio certo, que em seus trabalhos havemos de achar, não fosse figurado, senão por cousa que só com ser vista remediava. Porque se sentimos tristeza, cuidando ou fallando em Christo nosso Senhor triste, não só não melanconiza, mas com causar em nós sentimento da tristeza que nelle vemos, não sei como sem o sentir ficamos leves, consolados, e o coração desafogado de tristeza. Assi qualquer trabalho, e lembrança dos do Senhor, e consideração d'elles, e a vista interior do amor com que por nós os passou, dá animo pera passar os proprios, faz desejar outros, tira o sentimento, que dá a pena, e emfim chega a fazer gostosos os proprios, que á vista do Senhor nos affligiam, e nos matavam. Buscou o Senhor esta invenção de consolação pera este degredo, porque como são improprias alegrias do Ceo pera degradados d'elle, e peregrinos desterrados da celestial patria, e não soffria seu amor ver-nos em tantos trabalhos, sem nenhuma consolação, ordenou de consolar huns trabalhos com outros, os nossos com os seus, pera que assi os seus des-

sem virtude, forças, e animo, pera podermos com os nossos: e os nossos na volta, e companhia dos seus ficassem instrumentos de coroas do Ceo. Por onde se nos poz em roda viva de trabalhos, a si mesmo meteo em outra toda a vida, pera que ambos no eixo de seu amor encebado (como sempre anda) com as branduras de suas misericordias, e bondades, nos façam o jugo suave, e o peso leve, e seja gosto tirar por elle com tão saudavel companhia. Assi sem duvida, que nos não parecem nossos trabalhos pesados, senão em quanto os não acompanhamos com os do Senhor. Não os tinha David tão prestes como nós, mas já os via em espirito, quando dizia a Deos: « Quantas tribulações muitas, e más me mostraste, e convertido a mim, me deste vida, e alento, e me alevantaste do centro da terra!» Se isto dizia David, com hum pequeno favor que de Deos recebia em suas tribulações, o qual lhe fazia tudo tão leve, que lhe pareciam mais mostras, que verdadeiros trabalhos, ver-se perseguido d'el-Rei Saul, lançado do reino por seu filho, com a morte cada dia diante dos olhos; que dissera se se vira abraçado com Christo nosso Senhor crucificado, cheio de trabalhos por nós, e com os favores que suas chagas dão aos atribulados, tão differentes, e maiores do que elle recebia então de Deos? Sem duvida, que se com aquellas peqnenas ajudas de Deos, lhe não pareciam suas tribulações trabalhos, senão só amostra d'elles, que em companhia dos d'este Senhor, elle os chamara, e os tivera por verdadeiros prazeres, e tivera a vida por mais cansada, e perigosa, livre, que cercada d'elles. D'estes trabalhos logo, e não de outros, se pode com verdade dizer, que mal de muchos gozo es: e que he consolação verdadeira de miseros, ter tal companheiro de suas penas. Porque as do Senhor remedeam, aliviam, e mudam sempre em bens as nossas, com sua amorosa lembrança, e companhia.

Por este respeito, nosso Senhor, já que determinou acompanhar os atribulados, e consolar nossos trabalhos com os seus, não se contentou, senão com tomar sobre si tantos, e tão varios, que nenhum atribulado lhe possa apresentar suas queixas, que logo não ache nelle outra semelhante afflicção, de que possa aprender a tirar proveito da sua, e recolher da do Senhor o fruto, e consolação que ha mister. Assi que quando em cada hum de nossos trabalhos quizermos fazer d'elle a Deos offerta, pera que não arreceemos que será d'elle, e desprezado, achamos logo em Christo outro semelhante, com o qual ajuntado o nosso, he sacrificio aceitissimo, e de que se recolhe immenso proveito. Verdade he, que

alguns trabalhos passam os homens, que Christo nosso Senhor não quiz passar, ou por não serem convenientes á santidade, e perfeição de suas virtudes, e vida, ou por se não poderem levar sem defeito, ou peccado. Mas a falta d'estes supprio o Senhor com outros quasi semelhantes, tanto maiores, e mais penosos, que os que não teve; que ninguem poderá nunca de si cuidar, que passou mais trabalho, nem maiores que Jesu: nem ter razão pera se deixar de aproveitar de sua companhia, pera remedio, e consolação dos seus.

Não teve nosso Senhor o trabalho do remordimento da consciencia, nem a dor de contrição de peccados: mas teve tanto sentimento dos nossos, que suou gotas de sangue: e pelos tormentos d'elles passou muitos, por nos livrar dos que justamente mereciamos. Nem poderemos nós nunca chegar a tamanho sentimento, e penitencia dos proprios, como elle teve dos alheios, pelos quaes morreo.

Não teve em si contradição da carne contra o espirito, que he a cousa, que sobre todas mais cansa, e afflige seus servos, e amigos. Mas teve tão contraria a vontade natural, da parte animal, e sensitiva, sem peccado, com medo de padecer a racional, que plenariamente queria a Deos obedecer, e aceitava os tormentos, que lhe custou mortal tristeza, e agonias quasi mortaes. E teve afora isto tantos malignos espiritos, assi humanos, como diabolicos, que trabalhavam por encontrar, e desfazer suas verdades, e obras, que lhe custaram mais pena, que a contradição que os seus sentem da carne contra o espirito.

Não teve trabalho de cativo. Mas teve em logar d'isto servir toda a vida por nossos peccados, com tanto trabalho, que se queixa elle por hum Profeta do que lhe isto custou.

Não teve trabalhos de perdas de fazenda. Mas tomou em logar d'isto os grandes trabalhos, e mingoas da estreitissima pobreza, em que toda a vida viveo.

Não teve orfandade, e viuveza. Mas vio-se desamparado de Deos, e dos homens, e de toda a criatura, no tempo dos móres seus trabalhos na Cruz, mais que todos os orfãos, e viuvas.

Não teve perdas de filhos. Mas teve grandissimas afflições, e sentimentos pelas almas que se haviam de perder, que amava com amor de filhas, e por essas as tinha.

Não teve desprivanças de Principes. Mas huma só vez que entrou no paço dos Principes, sahio tratado como doudo, e por tal desprezado.

Não teve pleitos, nem demandas. Mas andou por casas, e audiencias de máos juizes, onde nenhuma justiça se lhe guardou.

Não teve doenças corporaes. Mas em todos os membros onde ellas fazem seus officios, teve elle tantas dores, que mais leve lhe fora soffrer as das doenças. Porque não se podem comparar dores de gota, com desconjuntação de ossos; nem dores de cabeça, á cabeça espinhada; nem accidentes de coração, ás afflições interiores, que o Senhor teve; nem outras nenhumas doenças aos tormentos que passou.

Não teve casos de desastres. Mas teve tão varios, e tantos ardis de seus inimigos, pera lhe empecerem, e o matarem, que excedem aos da fortuna (como dizem) que atormenta as vidas humanas.

Geralmente digo: que quem vir em si alguma maneira de trabalho, qne em Christo nosso Senhor não ache, ponha os olhos em toda a sua vida, e principalmente n'elle crucificado, e veja se ha em sua corporal humanidade cousa folgada, que tenha descanso: e quando achar que tudo nelle he pena, entenderá que nosso Senhor pera si tomou toda a enchente de tribulações, e a elle lhe deo só hum regatosinho, com que não sô se não pode queixar, mas correr-se de ter por muito o que soffre na bandeira de hum tão atribulado capitão. Com isto faça correr seus trabalhos, até hirem dar nos grandes mares do que o Senhor padeceo, porque como alli chegam, e se ajuntam agoas com agoas, dores com dores, tribulações com tribulações, tomam as nossas virtude, força, e efficacia das suas. E pera ser Christo nosso Senhor companheiro de todos os atribulados; já que tinha condemnado os filhos de Adão a continuos trabalhos pelo peccado de seu pai; tambem elle fazendo-se seu filho, posto que era livre da culpa, não se quiz livrar da pena, mas tomou maior parte d'ella, que quantos filhos Adão teve. D'esta maneira (como muitas vezes nesta obra temos dito) mudou Deos a sentença de castigo em merecimento de gloria: pera que assi com mais gosto folgassemos de soffrer nossos trabalhos, não como açoutes, mas como grangearia do Ceo. E porque isto he muito máo de crer, pelo muito que a fraca natureza, e amiga de si mesma aborrece a tudo o que lhe dá afflição, e tem por mofina todo o desgosto, e tribulação, carregou o Senhor sobre si tantos trabalhos; porque quando com a fé vissemos os bens, que por elles adquirio, conhecessemos que em si santificou nossas miserias, e quasi beatificou nossos trabalhos, e com gosto nos abraçassemos com o que

toda a vida nos acompanha, pera ser com o Senhor atribulado, glorificados, como somos com Adão culpados, e castigados.

He mui trilhada esta lingoagem na divina Escritura. Queixando-se o Senhor dos homens, que lhe não offereciam sacrificio de seu gosto, declara qual lhe he mais aceito, dizendo: «Sacrifica-me louvores, chama-me em o dia de tua tribulação, livrar-te-hei, e honrar-me-has.» Em outro Psalmo, tratando da guarda, que o atribulado tem em Deos, diz: «Com elle estou na tribulação, livral-o-hei, e glorifical-o-hei,» Em outro Psalmo, diz: «Lança em Deos teu cuidado, e elle te manterá, e não trará sempre o justo desassocegado.» Em outro, diz: «Perto está o Senhor dos que tem coração atribulado, e salvará aos humildes de espirito.» A este modo está cheia a divina Escritura da companhia que o Senhor faz aos atribulados pera os livrar. Mas não entendamos que este livrar he tirar-lhos, pera que vivam nesta vida sem elles; porque não he isso o que nos cumpre, mas he dar-lhes força pera poderem com elles, e tirarem d'elles proveito, e victoria, e os passarem com gosto por seu amor: Porque muito maior obra, e maior mercê he fazer os fracos, e humanos filhos de Adão em seus trabalhos victoriosos, que trazel-os ociosos. Por todos estes respeitos, Christo nosso Senhor, assi como em as divinas Escrituras se chama nosso, por nome de todos os bens que justamente podemos desejar, pera que vejamos que todos, e cada hum de nossos desejos, n'elle só, mais que em toda outra cousa, se podem satisfazer: assi fazendo-se capitão, e mestre dos atribulados, pera ser de todos imitado, quiz passar tão varios generos de trabalhos, pera que em cada hum dos que os homens tem, achem n'elle lição, e exemplo, guia, e companhia pera os poder passar com ganho. Seja elle por todas estas mercês, dadas a tão indignas, e pobres criaturas, pera sempre bemdito, e louvado. Amen.

Exercicio pera quando se vir o Christão em algum trabalho.

Conheça-te eu, Deos meu, e conhecedor meu: conheça-te virtude, e vida de minha alma: conheça-te assi como sou de ti conhecido. Manifesta-te, consolador meu, a meu coração atribulado, e tentado, e verterei lume de meus olhos com tua luz, e todas as trevas, que me cercam, fugirão com tua presença. Veja-te eu, unica recreação de meu espirito: veja-te, unica alegria de minha alma: veja-te, grande refrigerio meu, e

minha suave consolação de dentro, e de fora. Ame-te eu, Senhor, fortaleza minha, e toda minha defensão em tempos trabalhados. Bem vejo, Senhor, que não mereço chamar-te, nem ser visto, nem ouvido de ti; e que grande atrevimento he fallar eu com tão alto Senhor. Mas a necessidade não tem lei; a dor, e miseria, que padeço, me força a dar vozes a ti. Porque sou enfermo, brado ao medico; porque sou cego, brado á luz; porque son morto, suspiro pela vida. Quando olho por mim, acho-me metido em huma vida curta, pera os bens enganosos que mostra, porque passa como fumo; e larga pera os trabalhos com que me afflige, porque sempre me cercam. Parece alguma cousa, e torna-se em nada: e he em todas suas cousas inconstante. Ora me alegro, ora estou triste, ora estou são, ora enfermo, ora vivo, ora morto, ora pareço ditoso, e sempre estou miseravel, sempre fraco, sempre rodeado de laços, e de trabalhos, que me derribam, e afogam. E quando cuido que posso alguma cousa então me acho sem alento, e sem animo pera qualquer trabalho, que me succede. Este sou de minha colheita, e mais fraco, e miseravel do que sei, nem posso dizer. Se me deixas, Senhor, que ha de ser de mim? Brado, Senhor, a ti, porque toda minha fortaleza está em ti. Ajuda-me, virtude minha, por quem só sou esforçado; soccorre-me, remediador meu, por quem sou sustentado; vem, luz resplandecente, pela qual vejo; mostra-me teu rosto, gloria minha, pera ser recreado. Quando te conheço está minha fé forte pera tudo, quando tenho os olhos em ti, tudo sabe esperar minha alma, quando te amo, com tudo pode minha fraqueza. Mas se te encobres a mim, e me deixas em mãos de minha fraqueza, e de minha tentação, e tribulação, eu o não sei dizer, mas tu o sabes, quam miseravel, e pera pouco sou.

Não sei como em mim se entendem, e concertam logo minha miseria, e tribulação, porque antes que me possa valer das ajudas que me dá vossa bondade, já acho minha fraqueza covarde, e rendida, e a tribulação senhora de mim, e fazendo de mim quanto quer. Ora me derriba, ora me assa, ora me lança fora de mim, prende-me as forças, e o espirito, que me não sei valer, nem me entendo, nem sei que tal estou ante teus purissimos olhos. Oh conhecedor sapientissimo de minhas miserias, vós vedes este interior, e qual estou no tempo da tribulação. Valei-me, Senhor, com vossa virtude, não me aparte de vós nenhuma cousa, nem me tire de vossa obediencia.

Aqui apresente interiormente a tentação, ou tribulação que tem presente, e com humildade louve ao Senhor, dizendo:

Muitas, e infinitas graças te dou, Senhor, por este trabalho, que me dás, e posto que minha miseravel pouquidade o sente como fraca, confesso que isto he o que me cumpre. Tu és Padre meu amantissimo; criador meu poderosissimo; remediador meu bonissimo; amigo meu fidelissimo; e governador meu sapientissimo. Tu sabes o que me cumpre, e o com que posso, e sempre usas comigo de tuas misericordias. Não olheis, Senhor, meus peccados, nem o sentimento de minha fraqueza, mas a largueza de vossa misericordia.

Onde, ou com que serviço mereci eu fazerdes-me participante de vossa Cruz, e companheiro de vossos trabalhos? Vós sabeis, Senhor, que quando me não atribulais, está meu coração mais descuidado de vós, mais vadio por todas as cousas do mundo: vosso amor está mais frio, os pensamentos mais distrahidos, o amor das cousas da vida mais vivo: as inclinações dos vicios mais espertas, a soberba mais inchada, os peccados menos chorados, vosso temor mais perdido, os inimigos d'esta alma mais manhosos contra mim, e eu entre todos estes males, e perigos, mais esquecido de vós, e menos cauto pera me guardar d'elles.

O trabalho, ainda que me afflige, recolhe-me, occupa-me, e faz-me conhecer a necessidade que tenho de vós, faz-me olhar melhor a graveza de meus peccados: e quando como fraco estou impaciente, ainda estou menos perigoso, que quando estou sem trabalho descuidado, e contente. Louvem-vos o Ceo, e a terra, pela mercê que me fazeis no trabalho que me dais: louve-vos vosso amor, e vossa bondade. E eu assi como posso, com o coração atribulado, tibia, e friamente vos louvo, e desejo louvar-vos com o amor, e fervor dos Anjos, e Cherubins, e Serafins. Se me cumpre consolar-me, consolai-me; se me cumpre atribular-me, atribulai-me: em vós, e ante vossos olhos está minha tribulação, meu perigo, minha necessidade, e minha fraqueza. Não vos falta sabedoria pera verdes o que me cumpre, nem bondade pera o quererdes, nem poder pera o fazerdes. Fazei nesta fraca natureza vossas obras. Dai-me a paciencia que quereis que tenha, dai-me a conformidade com vossa vontade, a que me obrigais, dai-me a fortaleza que me falta: tirai em mim os bens que d'esta tribulação pertendeis; e pera tudo o que de mim quereis, me dai virtude, e ordenai o que quizerdes. Pois sois pera tudo poderoso, fa-

zei-me tal qual me quereis, e dai-me que seja hum sujeito instrumento de todas vossas vontades sem contradição. Não deixeis prevalecer contra mim meus inimigos, nem cahir a fraqueza de minha carne com este trabalho; nem fazer, nem cuidar, nem desejar cousa, que desagrade a vossos purissimos olhos. Mas convertei a vós todos meus sentidos interiores, e exteriores. Aquellas innocentissimas mãos, que na Cruz foram pregadas me fizeram; essas são as que me atribulam; sejam, Senhor meu, tambem essas as que todo me convertam a vós. Abre minhas orelhas pera ouvir tua voz, e te obedecer. Allumia, luz invisivel, meus olhos, pera que te veja, e te siga. Cria novo sentido do cheiro em mim, pera que corra apoz os cheiros de teus suavissimos unguentos.

Sara meu gosto pera que sinta, e conheça a suavidade de tua doçura, que tens guardada pera os que te amam. Dá-me memoria que em ti cuide, vontade que te queira, entendimento que conheça, razão que com fortaleza se apegue a ti, e alma que com toda a virtude te ame. Porque quando de todo coração te não amo, busco amizades adulterinas, e ando vagamundo buscando consolações fora de ti, aonde as não posso achar, senão enganosas.

Só tu, Deos da minha alma, atribulando-me, dás verdadeira vida, e verdadeira riqueza, e verdadeira consolação. Faze-me, Senhor meu, conhecer quanto te devo por este trabalho que me dás. Assi tratas teus filhos, e teus queridos. E sendo eu merecedor de ser de ti engeitado, tratas-me como a elles. Porque te não louvam minhas entranhas, e se derretem em teu amor? Mudas a sentença dos grandes castigos, que por meus peccados mereço, em tão pequena tribulação, e queixo-me?

Oh Senhor misericordioso, não me desampares, nem me lances com ira de tua face! Mas dá-me forças, animo, entendimento, e amor pera que esta tribulação me não derrube, mas que com ella faça tua vontade, e te sirva como tu queres, e mandas.

Offerta humilde nas mãos do Senhor, e renunciação de tudo n'elle.

Padre meu eterno, e Deos de toda a consolação, que me criaste, e me redemiste, e me sustentas com tua misericordia: diante de ti está minha pouquidade, e pobreza, e diante d'esses teus purissimos olhos estão os tormentos, que por mim padecestes na Cruz, e os trabalhos que por mim passastes toda a vida. N'elles tenho toda a minha confiança, e

virtude, n'elles tem toda minha pobreza valia, e com elles hão de ser minhas pouquidades recebidas, e aceitas. Tomai, Senhor, este trabalho em que estou, em união d'esses immensos, que por mim passastes. Não tenho de meu cousa que vos offereça, senão estas miserias: aqui vos offereço minha tribulação em sacrificio, e com ella me offereço a mim quanto de coração sei, e posso. Não engeiteis, Senhor, vossa criatura: se me quizerdes consolar, bemdito seja vosso santo nome, e se me quizerdes atribular, tambem sejais bemdito. Tomai-me por vosso, e isso me basta. Aqui renuncio corpo, e alma, vontades, desejos, successos da vida, consolações, trabalhos, e tudo o que sou, e posso desejar, e que sobre mim pode vir. Aceitai-me, Senhor, tão miseravel como aqui estou, em tudo cumpri em mim vossas vontades. Não me castigueis, Senhor, com me tirardes a cruz, mas consolai-me com me someterdes de vontade, e com amor a ella. Dai-me o de que fordes mais servido, e primeiro, e no meio, e no cabo de tudo o que me derdes, me dai que não queira eu outra cousa differente do que vós ordenardes: e que tenha pela maior mercê vossa glorificardes vosso santo nome em mim da maneira que quizerdes.

E pois vós, pastor verdadeiro de minha alma, quizestes ser meu mestre, minha guia, e meu companheiro em todos meus trabalhos, e pera isso tomastes sobre vós tantos, e tão immensos: ponde meus olhos em vós, tirai-me de mim, e ensinai-me a não desejar outra companhia, e tirai-me o cuidado de outra cousa mais que imitar-vos, com levar com amor as cruzes, que me derdes. Ajuntando este meu trabalho, e todos quantos na vida padecer, que vos possam ser aceitos, a estes vossos tormentos, e trabalhos, que por mim passastes, vol-os offereço em satisfação de minhas culpas, e por todas as almas do fogo do Purgatorio, principalmente pelas mais desamparadas. E pois sem teu amor não posso fazer cousa que te seja aceita, dá-me, Senhor, teu amor, com o qual sabiamente sobre todas as cousas te ame. Ouve-me, Senhor, e recebe-me, pois tu és meu consolador, e vida de minha alma, pela qual vivo, e sem a qual morro, pela qual sou, e sem a qual pereço, pela qual sou consolado, e sem a qual sou atribulado: vida soberana, suave, doce, toda amavel, e digna de morrer por ella, pera que viva n'ella.

Oh Madre de Deos, Virgem perpetua, e purissima, amparo dos atribulados, guia dos errados, ajudadora dos fracos, e intercessora dignissima dos indignos peccadores. Offerecei este meu trabalho a vosso unico

Filho, com todos os que na vida passar, pera que elle os aceite em sacrificio, e alcançai-me d'elle graça pera o levar com paciencia, e conformidade a sua santa vontade. Oh Corte celestial, em tudo cativa á vontade do Senhor; que sois pedras vivas d'essa celestial cidade, e fostes aqui lavradas, e limpas com muitos trabalhos, e cruzes. Alcançai-me luz do Senhor, pera que o conheça, amor com que o ame, conformidade com sua vontade, com que em tudo a ella me someta. E pois passastes por minhas miserias, esforçai minha fraqueza na tribulação, pera que pela imitação de vossos trabalhos, mereça a companhia de vossa gloria; vendo, adorando, e amando perpetuamente ao Padre Criador, ao Filho Redemptor, e ao Espirito Santo Consolador, que vive, e reina pera sempre sem fim, Deos, e Senhor de meu coração. Amen.

—

PROTESTAÇÃO DO AUCTOR.

Eu Fr. Thomé de Jesu, indigno frade da ordem dos Eremitas de Santo Agostinho da provincia de Portugal, Portuguez, e justamente cativo em Berberia: protesto que minha tenção e vontade he, nas duas partes d'esta obra que compuz dos Trabalhos de Jesu, nem em qualquer outra, que tenha escrita, ou ao diante escrever, não discrepar jota da pureza e inteireza da Sancta Fé Catholica Romana, nem da doutrina dos Sanctos Padres. E por isso humildemente someto tudo á emenda, correição, e juizo da Sancta Igreja Catholica Romana, e dos Padres ministros do Sancto Officio, e de todos os que bem sentirem da Fé. E se alguma cousa se achar escrita por inadvertencia ou falta de saber, discrepante (que Deos não permita) da Sancta Fé, desde agora a hei por retratada, desdita, e revogada. E peço emenda, approvação, e licença aos que compete ex officio dal-a, pera esta obra sahir a lume, e poder ser impressa. Feita por mim, e assignada, estando cativo em Marrocos. 1.º de Janeiro de 1582.

Fr. Thomé de Jesu.

FIM DOS TRABALHOS DE JESU.

ALGUMAS PALAVRAS ÁCERCA D'ESTA OBRA E DO SEU AUCTOR.

A *Vida do veneravel P. Fr. Thomé de Jesus*, que fizemos estampar na presente edição á frente do tomo I, escripta pelo arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, e reproduzida textualmente da terceira edição dos *Trabalhos*, onde a vimos pela primeira vez publicada na linguagem vulgar, dispensa-nos de engrossar o volume com mais cousa alguma, no tocante á biographia do servo de Deos: nem mesmo o poderiamos fazer em proveito dos leitores, pois que até agora não lográmos descobrir mais particulares noticias de seus feitos e acções virtuosas. Essa *Vida* tem sido explorada successivamente por todos os escriptores, que em varios tempos deram á luz pela imprensa noticias biographicas, ou fizeram commemoração de Fr. Thomé a diversos propositos. Taes foram: Jorge Cardoso, no *Agiologio*, tomo II; Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana*, tomo III; Pedro José de Figueiredo, nos *Retratos e elogios de Varões e Donas;* Barbosa Canaes, nos *Estudos Biographicos*; o auctor do artigo inserto no *Panorama*, n.º 49 da 1.ª serie; e outros, cujos nomes omittimos para evitar prolixidade: dos quaes, como o leitor verá, se os confrontar, nenhum apresenta circumstancias essenciaes, ou especies novas, restringindo-se todos, e cada um a abreviar ou resumir conforme ao seu intento o que ácerca d'aquelle religioso varão escrevera o seu primeiro biographo. Outro tanto nos aconteceu, quando d'elle houvemos de tractar no tomo VII do nosso *Diccionario Bibliographico*, sendo-nos forçoso distillar ahi em poucas linhas o producto de longas paginas.

No que porém diz respeito especial aos *Trabalhos de Jesus*, ás suas edições, traducções em diversas linguas, etc. etc. ampliaremos agora a

resenha que então fizemos, addicionando algumas noticias obtidas em resultado de indagações ulteriores, para conhecimento dos que n'isso interessarem.

A primeira edição dos *Trabalhos* sahiu posthuma em Lisboa, imprimindo-se a *Primeira parte* na officina de Pedro Craesbeeck, 1602, em 8.°, de XV—554 folhas assim numeradas no final: notando-se aliás por todo o decurso do livro continuas irregularidades na paginação, havendo duplicação de alguns numeros, e falta de outros. Realisou-se pela diligencia de Fr. Manuel da Conceição, sobrinho do auctor, e religioso da mesma Ordem, sendo por elle dedicada a D. Catharina de Noronha, prioreza do mosteiro da Annunciada de Lisboa.—D'esta primeira parte affirma Pedro José de Figueiredo haver encontrado exemplares diversos, que tendo nos rostos a mesma indicação «1602» reconhecera comtudo serem de edições differentes, deduzindo d'ahi a existencia de uma reimpressão feita ainda no mesmo anno. Não podemos confirmar, nem negar a conclusão, pois não achámos até hoje discrepancia nos poucos exemplares que tivemos occasião de conferir.

A *Parte segunda* dos *Trabalhos* só se imprimiu passados sete annos. Sahiu egualmente em Lisboa, por Vicente Alvares, 1609, em 8.° de VIII—407 folhas, tambem numeradas só no recto, como as da *Primeira parte*. Barbosa Machado equivocou-se, attribuindo com manifesto engano a Pedro Craesbeeck a impressão d'esta *Segunda parte*.

Imprimiram-se ambas as partes, com a indicação de *Segunda edição*, Lisboa, por Domingos Carneiro, 1666, em 4.° 2 tomos com XVI–336 pag., e IV–292 pag., que de ordinario se enquadernam em um só.—Na parte material, queremos dizer, quanto ao papel, formato e caracteres, póde, talvez, admittir-se a preferencia d'esta sobre a primeira edição. Quanto á exactidão do texto, e certeza da orthographia, não é facil decidir qual d'ellas seja a peior! Chegámos a observar, tanto em uma como em outra, e n'uma mesma pagina, a mesma palavra escripta de tres maneiras diversas!

A *terceira edição* é egualmente de Lisboa, feita na officina Augustiniana, 1733, em 4.°, 2 tomos com LVI—708 pag. no primeiro, e IV-599 pag. no segundo.—N'esta edição, em que como dissemos, se incorporou pela primeira vez a «Vida de Fr. Thomé de Jesus», tractou-se de corrigir em parte os erros das anteriores; e adoptou-se um systema de orthographia mais regular, mas diverso do das edições precedentes. Para contrabalançar, incorreu-se em novos erros, trocaram-se e omittiram-se pala-

vras, e até desappareceram periodos inteiros! Tudo o que dizemos poderiamos comprovar com repetidos exemplos, se nos sobrasse para isso tempo e espaço.

Finalmente, a *quarta edição* é de Lisboa, na regia officina Typographica, 1781, 2 vol. em 8.º—Faltou-nos opportunidade para fazer um exame e confrontação mais detida com respeito a esta edição, cujos exemplares são hoje quasi tão raros no mercado como os de quaesquer das outras. Pareceu-nos comtudo que para ella servira de texto a primeira; mas que alguns erros se emendaram nos logares, em que o sentido se mostra evidentemente viciado por falta de correcção typographica, ou descuido do amanuense que preparara o original para a primitiva impressão.

Na que ora sahe á luz com a indicação de *quinta*, tivemos principalmente á vista a *segunda* e *terceira*. Onde achámos discrepancia adoptamos a lição que se nos affigurou preferivel; e quanto á orthographia, não sabendo qual fosse precisamente a do auctor, conformámo-nos em geral com a da segunda edição, harmonisando-a tanto quanto era possivel para conservar-lhe a feição e caracter d'antiguidade, salvo algumas leves modificações nas letras, que (como dissemos em outro logar, mas a egual proposito) nos parecem indispensaveis para tornar a leitura mais facil e corrente.

O consumo de quatro edições successivas (facto não mui vulgar entre nós) seria já de si prova bastante, senão do merito real d'esta preciosa e devotissima obra, ao menos da boa sombra e aceitação que logrou na estima publica, continuada desde o seu apparecimento até agora. Porém essa acceitação e estima não ficou encerrada nos confins de Portugal; estendeu-se a toda a Europa; todas as nações cultas verteram em seus idiomas os *Trabalhos de Jesus*, anhelando possuir este rico thesouro de suavissimos affectos e piedosas consolações para as almas christãs.

Eis ahi a lista das traducções, que ocularmente examinámos, ou de cuja existencia houvemos noticia por informações fidedignas:

EM CASTELHANO

Trabajos de Jesus, traducidos del portugues por Christoval Ferreira y Sampayo. Zaragoça, por Juan de Lanaya 1624. 4.º 2 tomos—Ignoramos se existirá alguma edição mais antiga. Posterior, achamos accusada no *Agiologio* de Cardoso outra, feita na mesma cidade em 1631; e ti-

vemos presente uma terceira, impressa em Barcelona. 1638, em 4.º 2 vol.

EM FRANCEZ

Souffrances de notre Seigneur Jésus-Christ, etc. Traduit en françois par le Père Alléaume, de la Compagnie de Jesus. Paris, 1691. 8.º 2 tomos.—Temos d'esta uma reimpressão, feita modernamente na mesma cidade, 1848, 8.º 2 tomos. Achámos tambem memoria de outra versão, com o titulo: *Travaux de Jésus*, que se imprimira em Lyon, pelos annos 1650; porém não conseguimos vel-a.

EM ALLEMÃO

Betrangnussen unsers Erlösers Christi des Herrn, etc. In das Teutsche ubersetzel durch P. Wolfgangum Eder. Munchen 1707. 4.º—Encontrámos na Bibliotheca Nacional de Lisboa exemplares, tanto d'esta edição, como de outra, repetida na mesma cidade 1745. 4.º

EM ITALIANO

Ha uma traducção, que não vimos, feita por um jesuita, Luis Flori, e impressa em Roma por Lud. Grignani 1644. 8.º

EM LATIM

Ærumnae Domini nostri Jesu-Christi, etc.—Sahiu impressa em Munich, pelo meiado do seculo XVII, e attribue-se ao P. Henrique Lamparter, jesuita bavarez. Tambem não alcançámos vel-a.

É possivel, e para nós mais que provavel, que existirão afora estas, outras versões não vindas ao nosso conhecimento; e que das referidas se tenham multiplicado as reimpressões, como convêm a livro tão popular e estimado. E mais sabemos de certeza, que nos ultimos annos se publicou uma versão ingleza, que julgamos ser segunda, pois se bem nos lembra ouvimos dizer em tempo, que já corria na mesma lingua outra de mais antiga data.

O voto dos entendidos tem assignado a Fr. Thomé de Jesus um

logar distincto entre os nossos escriptores vernaculos. Para legitimar os fundamentos d'essa opinião, mostrando que ella recahe sobre o merito verdadeiro, seja-nos permittido trazer para aqui pelas proprias palavras o juizo que d'elle faz o bispo de Viseu D. Francisco Alexandre Lobo, de cuja competencia e auctoridade n'esta parte crêmos que ninguem duvidará. Analysando os *Trabalhos de Jesus*, no que diz respeito á substancia, ao estylo, e linguagem, assim se expressa o erudito prelado:

«Em substancia he este livro huma admiravel *massa* de ponderações mysticas, e de exaltados affectos, que só podiam nascer de hum entendimento absorto nas coisas santas, e de hum coração abysmado em hum mar de amor de Deos, e assombro das obras divinas, principalmente tocando á redempção do homem por Jesus Christo. Pasma o leitor na consideração de tamanho fervor de piedade; e conclue que esta virtude não póde estar em gráo mais subido do que estava no espirito de Fr. Thomé de Jesus.

«Rende-se elle de tal modo, humilha-se, anniquilla-se tão inteiramente, que parece que de todo desterrou de si estimação propria: pensa, falla de Deos com tal respeito, com veneração e adoração tão soberana, que parece que o homem ácerca do Ser Infinito, não devendo menos, tambem não póde mais. Tal era o habitual conceito que elle tinha de Deos, e d'este nascia o que tinha de si; pois alcança-se que tirando os olhos daquella incomparavel alteza, e descendo-os ao seu proprio sugeito, não achava senão vileza e nada. Assim ajuntava em summo gráo a sua desestimação e a estimação das coisas divinas, derivando estes affectos de huma unica origem.

«Em divina filosofia, acho que ninguem póde ir mais longe, e que a pouquissimos he dado tanto. A filosofia humana, que se préza de mais sóbria, e he mais fria, notará certo encarecimento, quererá rebater certas exagerações, senão nas idéas, e affectos tocantes a Deos, ao menos nos tocantes ao homem. Hum gosto muito medido e muito circunspecto recusará tamanha reproducção dos mesmos pensamentos, tal prolixidade em os explicar; e lembrar-se-ha de reduzir o livro á quarta parte do volume.

«Mas he preciso advertir que esta repetição prolixa seria muito mais de rejeitar em hum livro que fosse tratado unico, do que neste, que propriamente he hum apontoado de tratados, que devem ser lidos por outras tantas vezes em separado. E por mais que os sóbrios filosofos

glosem as hyperboles, requeiram nas idéas a grandeza natural, estranhem que os pensamentos do Author deixem tanto de ser humanos; mal podem deixar de ter alto respeito á piedade que o seu livro inculca, e de confessar a utilidade religiosa da Obra. Da fogueira immensa de affectos santos, deixem saltar para o coração dos leitores algumas faiscas, que nelles prendam, e tambem os aqueçam a seu modo com amor divino. Este effeito tem na verdade sido observado pela experiencia; e d'aqui tem procedido o alvoroço, com que tantas nações trataram de o traduzir no idioma proprio. E tal he o seu essencial merecimento, que posto que boa parte proceda da linguagem original, o livro ainda deve ser muito interessante e proveitoso depois de se passar para outra.

«Bem longe está o estilo de ser curioso e trabalhado. Não pôde ser tal o da paixão, e paixão tão exaltada. Como ella, ou antes como o coração o dictou, assim correo ardente, e com alguma desordem. As metaforas não podem ser mais, nem mais encarecidas, nem tambem mais proprias e formosas. Abundam todas as figuras vehementes. Em fim, he o estilo do enthusiasmo, mas enthusiasmo bem distante de delirio, e sempre agradavel. Nem aquelle coração podia sentir, nem aquella penna devia escrever de outro modo; e he preciso confessar, que entre os pensamentos e a locução que os veste, ha perfeita accommodação. Comparando esta Obra com a *Imitação* de Kempis, parece-me que ambas são estimaveis no mesmo gráo, e ambas religiosamente uteis; e que se Kempis he mais lido, a razão não está na obra, mas na lingua mais geralmente conhecida. Em ambas os affectos dominam por igual: a *Imitação* he mais branda e singela; nos *Trabalhos de Jesus* ha mais força e riqueza; mas não ha todavia maior irregularidade: por ultimo, Fr. Thomé não tem de Kempis outra differença que fantasia mais ardente.

«A linguagem he pura, e tem a dignidade e plenitude que era de esperar de hum homem nascido entre nobres, e criado na ultima metade do seculo XVI. Ainda quando a razão de ser energico o faz descer ao familiar e commum, desce sem cahir nem se abater. Alguma falta de correcção tem desculpa, porque accrescenta a naturalidade, e sente-se proceder do impeto de espirito; e he bem compensada pela copia de termos e ousadia feliz das metaforas, que ao mesmo tempo que enriquece a memoria do leitor, lhe faz conhecer e admirar o que admitte e o que póde a lingua portugueza. Nesta parte de atrevimento e belleza de metaforas, vence indisputavelmente todos os nossos escriptores de

prosa: e se em Fr. Luiz de Sousa o gosto se satisfaz mais, o estudioso do idioma não aproveita tanto: e se Vieira não he menos abundante, e he mais regular, na audacia metaforica fica inteiramente a perder de vista. E quem, no que toca á prosa portugueza, sobresahe a Vieira e a Sousa, mais ninguem lhe resta entre os nossos, de que possa ganhar victoria.» (*Obras do Bispo de Viseu*, tom. I, pag. 289 e seg.)

Para não abusar da paciencia dos leitores, terminamos aqui o que mais poderiamos dizer, sentindo sómente que esta edição sahisse menos aprimorada do que era desejo nosso, e do editor. Obstaculos mais que sabidos, que n'esta terra contrariam todas as emprezas litterarias, são d'isso a causa; com perseverança e diligencia, talvez se vençam de futuro, appellando entretanto para a indulgencia do publico sensato.

Lisboa 29 de Janeiro de 1866.

Innocencio Francisco da Silva.

INDEX

DA SEGUNDA PARTE DOS TRABALHOS DE JESU

E DOS FRUTOS DE SUAS CONSIDERAÇÕES

Pag.

TRABALHO XXVI. Agonia do Horto 5
Exercicio deste trabalho da Agonia do Horto 10
Exercicio da Oração do Senhor no Horto 14

TRABALHO XXVII. Falsa amisade pela qual foi vendido 18
Exercicio da falsa amisade que o Senhor soffreo 23

TRABALHO XXVIII. Da prisão do Senhor 28
Exercicio da prisão do Senhor. 33

TRABALHO XXIX. Ser levado por audiencias de máos Juizes . . . 38
Exercicio de ser levado por audiencias o Senhor 44

TRABALHO XXX. Falsos testemunhos que o Senhor soffreo . . . 49
Exercicio do trabalho que o Senhor soffreo de falsos testemunhos. 54

TRABALHO XXXI. Das bofetadas que deram ao Senhor 60
Exercicio das bofetadas 67

TRABALHO XXXII. De ser o Senhor cuspido 72
Exercicio de ser o Senhor cuspido 78

TRABALHO XXXIII. Do carcere 84
Exercicio do carcere que o Senhor padeceo 89

TRABALHO XXXIV. Ser levado o Senhor pelas ruas de Jerusalem affrontado 94
Exercicio dos caminhos affrontosos que o Senhor levou 100

Pag.
Trabalho xxxv. Ser o Senhor tratado como doudo 106
Exercicio de ser o Senhor tratado como doudo 112

Trabalho xxxvi. Descredito com seus amigos, e triunfo de seus inimigos 118
Exercicio do descredito que o Senhor teve com seus amigos, e do triunfo que d'elle houveram seus inimigos 126

Trabalho xxvii. Ser o Senhor trocado por Barrabás, e contado entre máos, e ladrões 132
Exercicio do Senhor ser trocado por Barrabás. 138

Trabalho xxxviii. Dos açoutes que deram ao Senhor. 144
Exercicio dos açoutes. 150

Trabalho xxxix. Ser o Senhor coroado de espinhos 155
Exercicio da coroa d'espinhos 162

Trabalho xl. Escarneo do reinado de Christo 167
A palavra «Ecce Homo» 170
Exercicio do reinado de Christo Senhor nosso. 173
Exercicio da palavra «Ecce Homo» 177

Trabalho xli. Sentença de morte contra Christo Senhor nosso. . 181
Exercicio da sentença de morte contra Christo Senhor nosso . . 187

Trabalho xlii. Levar o Senhor a Cruz ás costas 192
Exercicio á Cruz 199
Exercicio de Christo com a Cruz ás costas 203

Trabalho xliii. Pregado, e desconjuntado o Senhor na Cruz . . 209
Exercicio a Jesu despido, antes de o pregar na Cruz. 215
Exercicio ao pregar do Senhor na Cruz 219
Adoração ás mãos do Senhor . . . . . , . . 223
Adoração aos pés. 224
Exercicio ao levantar Christo Senhor nosso na Cruz 225
Oração ao Senhor levantado na Cruz . . . . . ibid.

Trabalho xliv. Estar o Senhor horas vivo na Cruz 230
Exercicio a Christo nosso Senhor vivo na Cruz. 236
Doutrina breve pera a alma se accusar ao Senhor, e pedir-lhe o que lhe falta 240
Trabalho xlv. Escarneo das verdades de Christo Senhor nosso. . 248

Pag.

Exercicio do escarneo das verdades de Christo Senhor nosso . . 255
Trabalho xlvi. Perder-se Judas, e hum ladrão ao lado de Christo . 261
Exercicio de se perder Judas, e hum ladrão 266

Trabalho xlvii. A' vista das dores de sua sacratissima Mãi. . . 270
Exercicio das dores da Virgem, e das que Christo padeceo por sua Santissima Mãi 277

Trabalho xlviii. Desamparo que Christo teve na Cruz 283
Exercicio do desamparo que o Senhor teve na Cruz 290

Trabalho xlix. Sede extrema do Senhor, fel e vinagre que lhe deram 296
Exercicio da sede do Senhor 302
Sede do Senhor da salvação das almas 305

Trabalho l. Agonias da morte do Senhor 309
Exercicio da morte de Christo Senhor nosso 314
Da palavra do Senhor: «Em tuas mãos encommendo meu espirito.» 316
Exercicio á Cruz 317

Cap. I. Do lado que foi aberto ao Senhor 320
Exercicio do lado que foi aberto ao Senhor. 324

Cap. II. Da companhia que o Senhor faz a todos os atribulados. 330
Exercicio para quando se vir o christão em algum trabalho. . . 335
Como devemos offerecer a Christo nossas tentações, e pedir-lhe remedio 337
Offerta humilde nas mãos do Senhor, e renunciação de tudo nelle. 338

Protestação do auctor 340
Algumas palavras ácerca d'esta obra e do seu auctor. 341

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 16 16 08 08 007 8